CORA RICHMOND

DISCURSOS 6

Tradução: Amadeu António

EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS

Uma Oração feita em Cavandish Rooms, na noite de Domingo, 16 de Maio de 1875

CURA MORAL E ESPIRITUAL

Pelo espírito do falecido doutor Benjamin Rush

Senhor presidente e amigos, Muitos porventura recordar-se-ão das primeiras doze palestras que fiz até ao presente, pelo que agora acho não só uma honra pessoal mas um favor particular, ter de novo permissão para me dirigir a vós com o meu tópico favorito da cura espiritual. Estarão recordados que no discurso de conclusão dos primeiros cinco prometi falar mais sobre esse assunto.

Tenho agora que lhes chamar a vossa especial atenção para aqueles estágios da cura espiritual que foram submetidos à minha observação e experiência pessoal desde que parti da vida terrena, já que o tempo atribuído à minha nova experiência foi suficiente para o surgimento e a queda de reinos, a formação e a decadência de impérios, o aperfeiçoamento da ciência, a descoberta e a ilustração de diversos princípios na arte e no mecanismo que eram desconhecidos que me eram desconhecidos quando me encontrava na terra, e um certo avanço humano no campo da matéria médica - menor, contudo, no da medicina e da teologia do que nos outros dois sectores do conhecimento humano.

Infelizmente esses dois sectores são estreitamente cobertos pelas teorias das escolas, e requerem muito mais a moldar o mundo teologicamente ou no sentido da medicina (que está fundada nas escolas) do que em qualquer outro sector da vida; porém, como a medicina é a religião do corpo, e a teologia é a medicina da alma, parece-me a mim maravilhosamente estranho que com respeito a ambos esses tópicos a humanidade tenha sido deixada a arrastar-se por toda a extensão cansativa, ou então dar passos ousados e romper as barreiras do que é considerado heresia tanto em medicina como em religião.

Em razão disso imploro que me permitam propor umas quantas teorias respeitantes aos efeitos da vida inicial tida na existência espiritual.

Parecerá inicialmente a alguém não familiarizado com a ciência da filosofia espiritual, que a partida da vida terrena liberte o espírito de vez de todas as consequências da dor e do sofrimento que tenham feito parte do corpo. Vou-lhes provar não ser esse o caso com uma ilustração que é o inverso da proposição que pretendo fazer. Fui chamado a assistir, nos meus primeiros anos de profissão médica, a uma pessoa que teve uma perna amputada. Alguns doze a dezoito meses posteriormente ele assegurou-me que continuava a sofrer dores na parte mais baixa da perna que tinha sido amputada. Eu disse-lhe que isso devia ser imaginação sua, já que não tinha membro algum nessa parte inferior da perna. “Não, doutor, ” disse-me ele, “asseguro-lhe que toda a vez que se dá uma mudança de tempo, eu sinto os mesmos sintomas que costumava sentir, e muita vez coloco a minha mão na perna, esquecendo-me que o membro fora amputado. ”

Se esse fosse um caso isolado, bem que eu o poderia ter considerado o resultado da

imaginação; mas descobri desde então que na maioria dos casos essa sensação prossegue durante anos, e por vezes durante o resto da vida terrena, desde que o membro espiritual não tenha sofrido amputação. Se aplicarem esta regre pelo inverso, descobrirão que o espírito, ao deixar o corpo que durante anos tenha sido afetado por uma doença, apresentará precisamente a mesma aflição na configuração espiritual, porventura em grau menos intenso, porém, não estou seguro de ser menos intenso - inteiramente correspondente à doença que afligira o corpo material; e se a causa da doença tiver sido mental em vez de física, conforme é suposto pela ciência, ela continuará a afetar a forma espiritual até que um remédio mental específico seja encontrado para a doença; pelo que temos na existência espiritual pessoas cujos corpos espirituais sofreram um desgaste em virtude de carência de nutrição ou de vitalidade, devido à aproximação de átomos espirituais com os átomos físicos devastados.

Temos tuberculosos que entram no mundo espiritual com corpos espirituais consumidos tal como os seus corpos físicos foram na terra. Por vezes esses tuberculosos são aqueles cujos corpos físicos não apresentam decadência mas que estiveram enfermos, que embora apresentassem uma constituição forte, não mostravam sinal nenhum de enfermidade na vida exterior; pelo que existem espíritos emaciados, espíritos com diversos tipos de aflições que correspondem por simpatia àquelas por que foram afetadas na terra, e todos eles igualmente agravados pela consciência de imperfeições mentais e da consciência; de modo que, em vez de se verem libertados da ignorância ou do sofrimento por o corpo ter perecido, os efeitos deles tornam-se de forma palpável mais claros, e as pessoas que tenham sofrido intensamente na terra, mas que tenham conseguido esconder isso da observação externa, apresentam no espírito um tipo forma espiritual deformada ou uma forma espiritual que não tem vitalidade, tudo produto da natureza intensa e fixa do sofrimento suportado na terra.

Eu asseguro-lhes que os primeiros estágios da vida espiritual não foram exagerados pelo Juiz Edmonds conforme ele o ilustrou no seu recente discurso. Antes pelo contrário, se ele foi, como eu fui, convocado a misturar-me e a assistir às diversas ordens de sofrimento, ele ter-se-ia imaginado num campo de batalha espiritual em vez de numa esfera da partida comum de espíritos da vida terrena. A verdade está em que, os vossos espíritos, à vista de um espírito desincorporado, apresenta formas deformadas, despedaçadas ou rasgadas em determinados lugares, deformadas noutros; imperfeitas aqui, demasiado grandes acolá, e tudo em tal grau pervertido em relação ao propósito e intenção original que dificilmente reconheceriam a forma original. Não o refiro em tom de censura, mas como mero facto palpável; mas quando consideram os vossos corpos físicos e as suas enfermidades, seria estranho encontrar uma pessoa que nunca tivesse sofrido dores ou não tenha tido um mal que se tenha perpetuado, ou que não se queixasse da natureza do tempo ou de alguma outra condição física que a leve a sofrer.

Mas quando se acrescenta a isso o poder de perceber o sofrimento mental, podem imaginar os tipos de características e formas os espíritos não apresentam, quando todos os átomos têm tendência para se moldar e ser substituído de acordo com o estado de espírito e o espírito, assim como o estado corporal. Não estou a exagerar o quadro. Garanto-lhes que muitas almas encerradas na vida terrena, que evidenciem porventura aspirações e luta por se alçar acimado sofrimento, ainda

não possuem o poder adequado para superar os efeitos desse sofrimento, e vêem-se ainda amarrados em algum grau ao estado espiritual anterior por algum efeito do sofrimento, e não conseguem escapar às consequências, exceto por algum processo de cura espiritual.

Eu anunciei a existência na natureza de um remédio específico para toda a doença; mas considero as especificidades físicas e materiais como falhas no alcance das causas primárias da doença humana. Seguindo o assunto em ligação com os estados da vida espiritual, descubro enquanto regra geral que a causa de uma enfermidade particular reside no facto do poder mental ou da vontade não se achar suficientemente equilibrada pata manter uma ação igual em todas as partes dos corpos espiritual e material; e que se isso pudesse ser alcançado não poderia, de forma nenhuma, dar-se a invasão da doença.

Passarei agora a descrever uns quantos exemplos típicos a que fui chamado a assistir na vida espiritual. Fui chamado junto de uma pessoa que falecera vítima da doença puramente física da tuberculose.

Descobri que se supunha que a formação de tubérculos pulmonares e de úlceras finais de decomposição nos pulmões seriam resultado de tendências puramente físicas, mas que a forma espiritual tinha padecido de detioração em consequência, e que o espírito entra na vida do espírito num estado de exaustão do poder da vontade, pelo que durante um período de tempo o espírito sozinho não conseguiu encontrar suficientes partículas no corpo material que tinha habitado e que o cercara para compor um poder suficiente para moldar um corpo espiritual, e que, sem ajuda, o espírito poderia ter persistido, e poderia ter-se esforçado por retirar sustento daquilo que tinha entrado em decadência, aliviado daquilo que tinha sido a sua desgraça, e alimento daquilo que, no seu estado de decomposição, deve constituir um veneno.

Nesse caso, o primeiro caso teria sido voltar a atenção do meu espírito para a investigação da causa. Descobri que a causa era mental, que algum sofrimento ou padecimento mental tinha provocado uma negligência das leis adequadas da higiene dos alimentos, do vestuário, ou das mudanças da atmosfera, expondo o sistema espiritual ao processo do esgotamento do contínuo desgaste ou da contínua prostração nervosa. A doença deve, consequentemente, ser enfrentada de um ponto de vista espiritual em vez de físico; e se eu não conseguisse providenciar um remédio, um outro espírito poderia ter o poder de o fazer. Sempre descobri, contudo, uma cura apresentando ao espírito aquilo que lhe tinha provocado a moléstia numa forma contrária. O antídoto deveria ser desviar a mente, afastá-la gradualmente da causa e da contemplação da sua aflição, dado que as fontes da alegria são maiores do que as da aflição no mundo da mente.

Eu fui convocado para testemunhar os efeitos exercidos no espírito de uma pessoa cuja vida tinha sido inteiramente ocupada com os prazeres e atividades do corpo - uma indulgência excessiva com a comida e a bebida em toda a forma da existência física, até o corpo não mais conseguir mais manter o espírito em si. Em tais casos descobri o espírito privado de nutrição. Encontrei os átomos todos enrugados, todas as porções da fibra atenuados e um aspeto macilento, como se o espírito tivesse sido sujeito à fome e ao frio numa região desconhecida. A ama emaciada em

vão procurava lutar por resgatar alimento da massa de corrupção que tinha deixado para trás chamada corpo corpóreo, cujos átomos da sua totalidade tinham sido convertidos em animálculo, que tinham predado a estrutura vital. Onde existir um excesso demasiado de poder físico, aí prossegue o processo formativo da vida, em que átomos infinitésimos por fim se desenvolvem em animálculo, e deixam o corpo numa massa de corrupção.

Nesse caso o meu único e inicial desejo foi o de convencer o espirito de que a nutrição não podia ser encontrada no sentido do corpo físico, e que deveria por conseguinte ser produzido pelos processos de sustentação de outros espíritos auxiliares, que no estágio correspondente da vida, ou quase correspondente, podiam produzir o requisito ambiental que nutrisse essa alma faminta.

Fui chamado a dar uma ajuda a um caso distinto de insanidade que os médicos terrenos tinham pronunciado como o resultado de doença física, da qual se pensaria que o espírito, ao partir do corpo natural, se veria naturalmente aliviado. Descobri, ao contrário, que a insanidade fora do foro mental, e que toda a perversão da expressão externa da mente se devia ao facto do espírito ter sido indulgente num sentido enquanto se sacrificara noutro. Descobri que o espírito se encontrava acometido pela doença de toda uma vida, e que precisava ser curado pela aplicação de princípios espirituais, ao ver que o caso da insanidade residia no facto de que na formação do tecido externo da estrutura espiritual não tinha existido volição suficiente para aperfeiçoar uma porção dessa estrutura. Daí que, no contacto que teve com a vida terrena, o espírito exemplificasse a mesma falta de controlo apropriado. Eu apliquei o processo de cura no seguinte sentido: gradual e continuamente, com a mais persistente vontade, voltar a atenção do desafortunado espírito da enfermidade, e trazendo as partículas efetivas de pensamento requeridas para edificar e fortalecer a vontade.

O cirurgião faz isso com o membro enfraquecido ou partido, porque não fazê-lo em relação a um pensamento débil ou inutilizado - já que esse é o membro do espírito, e o braço forte com que a alma alcança a matéria? Se descobrirmos, consequentemente, um membro deslocado ou partido, aplicamos as mesmas ataduras e gesso.

Eu encontro espíritos cujos membros materiais se encontram completamente despedaçados, que não possuem volição que os controle, e que podem ter-se tornado assassinos ou criminosos sob o ímpeto de falta de poder de se governar. Se um assassino vier para o mundo dos espíritos, é um corpo espiritual despedaçado aí; no caso de um maníaco, toda a maquinaria, como no caso da mola de um relógio partida, se encontra em desordem, por aquela função vital se encontrar desfeita em pedaços. Substituo isso pelas partículas que reúno do meu próprio cérebro e da atmosfera e que me compõem um mundo ou círculo de espíritos auxiliares cuja função é prover a tais deficiências, e que se decidem ininterruptamente ao estudo das deformações e imperfeições das mentes humanas e dos espíritos desincorporados para que possam chegar a conhecer que propriedades requerem fortalecimento e o que requer uma verificação no mundo das causas espirituais.

Então descobri o que eu considerava ser a verdadeira arte da cura. Primeiro, o conhecimento de e simpatia com a causa do sofrimento, seja ela qual for. Não pode

haver nada desempenhado quer da cura física ou espiritual sem este Conhecimento e Compaixão. Por intermédio desta médium declarei em privado que se conseguissem arranjar algum farmacêutico que lhes prepare uma só receita a vosso pedido que eu lhes pudesse passar, designadamente a Compaixão, não mais existiria doença no mundo. Só que a compaixão não pode ser administrada sem conhecimento.

Não podem sentir simpatia por uma pessoa em sofrimento ou aflição sem terem vós próprios passado pelo sofrimento ou aflição. Não terão experiência adequada do que o amor ou a mágoa seja a menos que vós próprios a tenham experimentado; e inútil será para uma pessoa que tenha perdido um amigo pela morte dizer que sente comiseração para com um enlutado. Essa compaixão constitui a força subtil que todo verdadeiro médico emprega. Lembrem-se de que eu não substituo a cirurgia ou a matéria médica, mas afirmo que um cirurgião dotado de um conhecimento adequado e destituído de compaixão não será um terapeuta, embora possa ser um bom cirurgião.

Um médico dotado de compaixão e sem conhecimento é muita vez melhor do que aquele que tenha conhecimento e careça de compaixão, pelo que a perfeita arte da cura consiste na posse de ambos esses requisitos.

Creio que tenha sido Wilberforce quem disse com respeito aos criminosos: “Eu jamais vejo um criminoso mas aquilo que julgo que posso conseguir em seu lugar. ” A compaixão infinita de uma simpatia infinita que é retratada na personificação do Filho do Homem, que acatou com o sofrimento da humanidade para poder chegar a saber como curá-los constitui o verdadeiro segredo de todo poder de cura. Afirmo por isso que todo poder adequado de cura deverá no futuro depender do requisito do conhecimento daquelas leis ocultas que ligam a alma ao corpo e uma compaixão apropriada a toda sorte de sofrimento humano. Digo ‘humano’ por isso se estender ao supramundano assim como à vida terrestre, por todo espírito ser humano, muito embora se encontre além do ambiente terreno.

Por isso desejo agora considerar um elemento primordial que a seguir à compaixão, precisa existir onde a cura espiritual tenha lugar. Refiro-me a um elemento que, que no mundo dos espíritos, é primaz; e isso se houver mais algum que seja fundamental de acordo com o meu amigo Professor, será um deles.

Recordar-se-ão que nenhuma cura ancestral por parte de uma gente espiritual teve lugar sem o que era chamado Fé, e que isso foi gradualmente decrescendo no mundo, à medida que o conhecimento externo foi ocupando o seu lugar. Considero que o grande infortúnio do século 19 é que, nos métodos comuns da ciência, as qualidades espirituais sejam ignoradas. A Fé, a Esperança, a Alegria, o Amor - tudo quanto constitui a origem da simpatia mental e espiritual - são qualidades e propriedades reais; e como tenho frequentemente referido aos banais efeitos do medo e da raiva, ou de qualquer paixão física, também eu refiro com a máxima confiança a essas qualidades espirituais de tributos divinos ou superiores que formam a única atmosfera palpável de que um espírito ou uma força espiritual pode depender.

Afirmo sem receio de me contradizer que o processo da cura deve ser executado

por funções vitais que tenham uma ligação imediata com o sistema nervoso, em que age através da qualidade espiritual da Fé. É a fé que leva o agricultor a deitar à terra a semente na esperança de uma colheita, que leva o pássaro a aguardar no ninho até que os inexperientes sejam libertos, o que leva a mãe a saber que a sua cria não venha para sempre a ser uma cria, a experiência de séculos é aquilo que ergue a fé, e eu afirmo que é a fé que pelos subtis processos da reconstrução nervosa e vital, edifica o tecido humano quando a doença o tiver desperdiçado; e se o médico conseguir inspirar essa qualidade ele conseguirá fazer qualquer coisa como seu paciente. Caso não consiga, o melhor é que encerre o seu caso e se ponha a andar, porquanto todos os medicamentos físicos só produzirem resultado até certo ponto, e deixarem o espírito e a força nervosa inteiramente intocadas.

Sei agora que a grande maioria das doenças curadas no mundo são curadas pela fé que a humanidade tem nas leis e processos de cura da natureza, e que nenhum milagre foi alguma vez efetuado que não possa ser efetuado uma e outra vez pelos processos diretos e absolutos do poder espiritual; que, se um homem com um membro amputado sente o membro amputado, então aquele que tiver perdido qualquer membro externo ou função espiritual pode vê-la recriada pelo processo inverso da depleção.

Os milagres efetuados nas covas e tumbas de santos em França - os casos registados e autenticados de cura que de tempos a tempos ocorrem na história da Igreja Cristã - o facto de certas pessoas possuírem um certo poder sobre os indivíduos para restabelecer quase num instante a função vital destruída - o registo atual da reforma da porção destruída do corpo humano - que eu sei ser verdadeira. Que os átomos espirituais gozam disso no seu próprio poder sob condições adequadas para voltar a atrair as propriedades que compõem o vital do organismo, e que para que a cura ser perfeita deve existir uma ciência que não só possa amputar um membro e erradicar o veneno que tenha deixado o corpo emaciado pela tuberculose ou qualquer outra doença, mas podem, creio bem, reconstruir de novo a porção destruída; e eu tenho conhecimento de que isso foi efetuado sob extraordinárias e peculiares condições, e que só requer as mesmas condições para que se tenha esse processo de cura a substituir o lugar de todos os outros no mundo.

Descrevo a Fé, pois, como aquela condição do espírito do paciente que se dispõe a colher o benefício do poder de cura. Se vocês inverterem um magneto e sob o seu arco tentarem atrair o aço ou metal, descobrirão que não exerce atração; assim, se inverterem as partículas do fluído nervoso pelo medo ou pelo ódio, ou pela falta de confiança, não existirá recetividade para com a influência de cura, ou qualquer atração que possa proporcionar. O alimento não será nutriente, o ar não revitalizará; e eles arrastar-se-ão ao logo do seu percurso de dia para dia, enquanto se vão tornando cada vez mais fracos. Não fora esse o caso e não poderia existir uma contínua doença a penetrar no corpo físico; mas é por causa disso que as funções vitais são gradualmente minadas.

A fé é aquilo que coloca as partículas face a face com o poder de cura, tão propenso a recebê-lo quando o terapeuta é de o dar, e Ele que foi o mestre da cura deu como qualificação especial não só a fé da mulher num exemplo a tornou sã, mas da fé do homem que tornou a sua filha e outro ao seu servo são, mostrando ser um

princípio vital que pode ser transmitido de pessoa a pessoa, e a cujo ponto magnético ou centro a força de cura pode ser transmitida. Falo disto por ser elemento essencial em todos os tipos de manifestação espiritual, e porque embora muito difamado, abusado, e na linguagem científica do presente, considerado uma relíquia da superstição, não existe maior força exaltada ou poder no universo do que esse sublime elemento de recetividade que se mostra disposto a acolher todo o bem que a criação tem a oferecer.

Vou enunciar o princípio de uma outra forma. Se estiverem esfomeados e vocês estiverem preocupados com qualquer outro assunto, a comida deixa de os nutrir. Se estiverem acometidos pela dor ou pesar, a mágoa ou a tristeza, o alimento transforma-se em amargor, e as forças vitais são destruídas. Se estiverem acometidos (afetados) pela raiva, a comida transforma-se num estorvo, o sangue recusa-se a circular, e o resultado pode ser uma apoplexia. Se estiverem dominados pelo medo, não poderão partilhar do alimento, porque se o fizerem, ele não desempenhará qualquer função vital. Isto mostra a íntima ligação existente entre as forças nervosas conforme a ação da mente no mais vital dos processos da vida humana, a fabricação do sangue. Se isto é verdade com respeito às influências prejudiciais, o contrário deve ser válido quanto ao que lhes trouxer alegria e prazer.

Daí que o júbilo e a alegria facilitem a assimilação do alimento. Consequentemente, a fé facilita, e constitui o poder sobre o qual qualquer bem pode entrar-lhes na vossa mente e espírito; e o verdadeiro médico espiritual, que ministra as necessidades da vida espiritual, compreende isso justamente na proporção em que a sua congregação confia nele, pelo que ele dispõe do poder de satisfazer as necessidades dos seus espíritos, e justamente na proporção em que dele duvidam, também ele carece do poder de servir às suas necessidades. Isso é de tal modo palpável e claro, só que para as perturbadoras leis da ciência pura, conforme é chamada, eu não o devia ter referido, mas desejo deixar claro e simples que quem quer que receba um benefício deve estar disposto a acolhê-lo

Fui chamado desde que me tornei espírito, a fim de considerar o caso de uma jovem que estava a morrer de tuberculose. A mãe dessa moça recusava por completo dar o seu consentimento de a permitir ser curada pelo magnetismo, ou por qualquer agente espiritual, dizendo que preferia que a sua filha morresse do que ser curada por tal método diabólico. A filha faleceu, com o ambiente dessa mãe a rodeá-la até à morte.

Preciso não será dizer que em doze horas a mãe teria dado toda a sua vida caso por algum processo ou por algum instrumento a vida da filha pudesse ser restaurada, mas a fé que podia restaurar a filha na sua saúde de novo chegou tarde demais. Assim, aqueles que erram na cegueira e na ignorância enfrentam a punição desse erro, e as leis misericordiosas providas por uma infinita variedade de processos de compensação agora habilitam o espírito dessa filha de modo a ministrar à mágoa da alma da mãe acometida pelo pesar.

Assim, de entre todas as coisas a cultivar, quer na terra quer na vida do espírito, estejam certos de ter à mão o solvente que os leve a tornar-vos num recipiente adequado das bênçãos por que anseiam. Estejam certos das portas da simpatia e da

atmosfera da fé sejam tratadas tão livres e puras quanto lhes seja possível ser. A aplicação destes princípios ao espírito na vida do espírito poderão parecer-lhes muito mais simples e menos difíceis de solucionar do que a sua aplicação às carências físicas no ambiente da vida terrena; porém desejo declarar rapidamente o que faço em relação aos espíritos na vida do espírito que saem da existência terrena mutilados, diminuídos, doentes e deprimidos. Existe na esfera que habito uma cura peculiar e propriedade solvente, o resultado da luz e da vida que é requerido para os propósitos de cura. Diz respeito a uma porção da esfera ametística visitada pelo Juiz Edmonds, que representa a mistura dos raios da terra com a luz espiritual que a ilumina e purifica.

A propriedade de cura é inata no espírito. Não creio que possa ser em grande medida cultivada, desde que alguns possuem o dom do conhecimento e outros o da sabedoria, e outros ainda o da cura. Creio existir um tom e uma qualidade particular de requisito do espírito para a cura, e enquanto outros podem transmitir conhecimento, eles não possuem o poder da sua aplicação, e enquanto uns possam ter compaixão, embora não o requisito da força de vontade de aplicar essa compaixão a propósitos indispensáveis e práticos. Por isso, a esfera da cura constitui uma esfera distinta. Nenhum espírito entre enquanto curandeiro que não possua as propriedades espirituais diretas representadas, nomeadamente, a força de vontade, a compaixão, o conhecimento, e o exercício num sentido voluntário de toda propriedade requisito do controlo pessoal.

Para fazerem bem a alguém precisam ter sempre comando sobre vós próprios; e nenhuma vontade desequilibrada, ninguém enfraquecido por qualquer sofrimento, poderá tornar-se um auxiliar adequado. Nós, por conseguinte, somos escolhidos pela qualificação das nossas naturezas inatas, e fico satisfeito por dizer que o número daqueles que se aglomeram ao meu redor com quem eu coopero na cura espiritual, dão evidência do facto de que esse dom, junto com o do conhecimento e da sabedoria, existe em larga medida na mente humana. Nós aplicamos a cura desta maneira:

Averiguando direta ou indiretamente a causa do sofrimento, esse espírito individual particular ou pessoa especial é enviada que possa administrar o pensamento requerido; e se a alma se achar faminta de compaixão, de afeto, de alegria, ou de qualquer outra qualidade espiritual, então aquele espírito da nossa esfera que mais alegria evidenciar, ou mais amável, ou mais compassivo, é imediatamente enviado. E, se o espírito, não tendo qualquer conhecimento do que possa ser requerido, precisar apenas de uma coisa, nomeadamente quietude e repouso, a mais ativa força de vontade entre nós é mobilizada sobre esse espírito de forma a induzir o repouso; e tão certo quanto a agulha responde à estrela polar, também o espírito responderá à ação simpática e genuína de uma vontade que se decida a fazer com que esse espírito repouse.

Se pudessem compreender que o repouso de qualquer trabalho mental ou físico é tudo quanto é requerido para dar uma possibilidade à natureza de os curar, encontrariam uma infinita quietude como melhor adaptada àqueles que sofram de doença mental ou perturbação nervosa. O espaço atribuído, o amplo compartimento, a presente provisão feita para toda necessidade individual, é tal na nossa esfera que se eu lhes pudesse fazer um desenho dele, e pudesse ser tomado como modelo para todo hospital ou casa de refúgio no mundo, a cura que resultaria desse repouso e isolamento somente haveria de exceder tudo quanto tem lugar agora em todo o mundo. Afastem os sofredores uns dos outros, e nós removemo-los do ambiente do seu sofrimento, não estabelecemos qualquer possível comunicação, porquanto existe contágio na aflição como existe no riso, só que o pesar, a aflição é venenosa, enquanto a alegria é salutar.

Assim, se houver crianças a brincar num prado viçoso por onde o espírito inválido passeie, e reconheça lentamente uma criança bem-amada, o interesse será de imediato fixado, a doença é esquecida, e o novo pensamento desperta com respeito ao modo de vida e educação adaptada a essa criança. Se o inválido padecer de um desapontamento passado, como o resultante da ambição, ou da esperança, ou do amor, então gradualmente isso será suplantado pela apresentação de outras possibilidades na vida, e jamais é demasiado tarde para até mesmo uma esperança desapontada reviver, ou um fracasso resultante da ambição se voltar na direção correta do fazer bem pela humanidade. Acendam uma esperança nas mentes desesperadas, e terão a panaceia para todo o desespero. Convençam-nos de que todo sofrimento não durará para sempre e a esperança já terá dado início à sua eficácia

Assim, nas vastas planícies e caramanchões, e no retido sossegado das nossas moradas, despertamos todo o dia sonhos de vida terrena, revivemos as esperanças desaparecidas, tornamos possível a realização dos mais altos sonhos e aparamos as arestas aos sofredores com a forte tutela de uma vontade habituada que conhece e antecipa toda a sua necessidade, e provê força para os seus pés caminharem. Se o aleijado possuir membros artificiais na terra, o espiritualmente deformado tê-los-á fornecidos me qualidades espirituais, e nós nunca lhe damos tempo nem oportunidade para fracassar ou recair nas profundezas de que tenham sido resgatados.

A provação, com toda a ambiência horrível que tem na terra, é iluminada pelos raios subtis de uma volição consciente iluminada que a dispersa como a neblina à luz do sol. Que uma fé iluminada e refinada e uma sublime esperança entrem nas abóbadas da prisão que agora deformam os vossos centros da civilização - a esperança de que não é demasiado tarde, de que pode dar-se um recomeço da vida, de que não foi inteiramente desperdiçada, de que existe uma oportunidade, e o grande poder de cura dessa esperança iluminará todas as celas de masmorras e torne a perdição do criminoso tão gloriosa quanto a do mártir.

Se fosse possível nos grandes cilindros da humanidade sofredora que aflui para os hospitais empregados para esse propósito, apontar ao processo harmonioso da verdadeira vida harmoniosa, isso impediria tal sofrimento e conduziria futuras gerações lentamente contudo seguros, ao auge da saúde física que apresentaria um alívio até mesmo para aqueles que parecem condenados a sofrer uma dor excruciante. Conforme existe, a ciência, por uma lado, com a sua severa pesquisa, e a filosofia, por outro, com a sua terrível finalidade aperta o espírito com cadeia de gelo, e a esperança não tem lugar a elevar o espírito do desespero.

Espero que chegue o tempo em que estes remédios adotados na vida espiritual pelos processos diretos da aplicação científica venham a restaurar corpos deformados e decadentes, renove a visão que se tenha turvado por acidente ou pela idade, remova a surdez que aumenta gradualmente, por ação da prostração nervosa, e supra a vitalidade exaurida que o presente sistema de vida traz ano após ano quase como que numa epidemia. Se não desejarem crime num determinado sentido, então não devem chegar ao estado de exaustão em toda a vitalidade nervosa noutro.

Uma civilização corrupta, esgotada e fatigante deverá sofrer uma erupção de doença e crime: se o reprimirem aqui ela irromperá numa outra direção. Se não for uma epidemia numa cidade lotada, será uma febre tifoide numa cidade remota, resultante da falta de conhecimento sanitário; mas se a epidemia for reprimida nos vossos centros de civilização isso alterar-se-á para doenças nervosas, e toda a comunidade será afligida por tensão indevida e excitação nervosa. Se não for um mal crónico de algum tipo, então tornar-se-á numa epidemia mental, e gradualmente as invasões danificarão a beleza e perfeição daquilo que pretendido ser a mais alta habitação da terra - o templo humano.

Num futuro por vir espero uma raça de seres humanos que venha a habitar a terra cujas faculdades e força de vontade venham a estar em sintonia com a harmonia. Não quero dizer uma raça de lutadores de prémios, ou uma raça como a gigante e atlética dos filhos da antiga Grécia. Não queremos heróis do desporto para a civilização moderna, mas uma raça em tal acordo harmonioso que, sem o extremo da força bruta, possa vir a haver perfeita saúde e atividade em todas as áreas da mente e do corpo.

O facto é que essa raça tipifica o ideal e o homem que futuro; e não há dúvida de que dos fragmentos das vidas humanas que eu vejo ao meu redor, devidamente cultivados e harmonizados pelas leis da saúde e da harmonia, poderá vir sobre a terra, enquanto descendência e produto da presente um tipo futuro de seres cujo poder e qualidade porão em ação de forma harmoniosa, o trabalho harmonioso e adequado dos espíritos, total e inteiramente livres, dotados de corpos perfeitos e livres do pecado e do sofrimento. Mens sana in corpore sano.

Tais possibilidades já se encontram diante de vós. Os génios, os sábios, os grandes da humanidade, e aqueles que despejam as suas vidas numa perpétua corrente de alegria sobre a terra, distribuindo bênçãos a cada passo, são profecias do que a raça que se aproxima será. Dotado de todo bom e perfeito dom, a grande lei da

simpatia e da cura estende o seu benigno e potente balanço, e vós devereis dispersar e dissipar aquelas nuvens e centros de sofrimento e do crime, até que toda a alma, em sintonia com o mais elevado acordo com o céu, receba o bálsamo da cura que é dado pelo fruto da Árvore da Vida que se destina à "cura das nações."

Cora (Scott, Hatch, Tappan) Richmond

RESPOSTA A DIVERSAS QUESTÕES DE IMPORTÂNCIA RESPEITANTES AO MUNDO ESPIRITUAL

Uma preleção inspirada, entregue por Cora L. V. Tappan, então com menos de dezoito anos, no Salão de Cleveland, Londres, na tarde de Domingo 19 de Abril de 1874

Um redator de uma das revistas Espiritualistas propôs diversas questões pertinentes com respeito ao modo de existência na vida do espírito, e é com o propósito de respondermos a essas questões que iremos dar um discurso e tocar a natureza absoluta da existência espiritual, e a forma como corresponde à vida temporal e terrena. A despeito do Espiritualismo se achar no mundo há um quarto de século, e não obstante os escritos de Swedenborg e de outros que foram inspirados pelo espírito, parece haver, não só entre aqueles que são novos por entre a investigação espiritual mas também entre os Espiritualistas, tal diversidade de opiniões e tal perplexidade respeitante à substância e natureza da substância espiritual, que achamos que nenhuma expressão de autoridade ainda foi dada pela qual a mente possa avaliar essa existência, embora tenham sido inúmeras as lições dadas. A principal dificuldade, contudo, assenta no próprio investigador. Quando o espírito lhes afirma que o mundo espiritual é tão tangível quanto o vosso mundo, logo o investigador conclui que seja consequentemente um mundo material. A diferença entre tangibilidade e materialidade é muito distinta.

Pode ser que, aquilo que para o espírito é tangível não seja de forma nenhuma material para os vossos sentidos; e a substância de que a existência espiritual é composta não pode ser medida pelas leis que controlam as substâncias materiais na Terra. Com tais premissas o investigador começará bem; porém, quando o espírito afirma que a existência espiritual é realmente tão tangível quanto a vida terrena, o homem de ciência acredita logo que pode avaliar a materialidade pelos mesmos padrões que aplica às formas grosseiras da matéria que o rodeia, e julga que a praia da existência espiritual seja feita de grãos de areia que possam ser pesados e medidos pelos métodos comuns da ciência; além disso, que as montanhas e vales devam ser feitos dos tipos variados de rocha e solo que se encontra na terra, e que os rios devam ter o mesmo tipo de água; e que de um modo geral, torne a vida espiritual uma representação exata da vida terrena.

As dúvidas a que nos referimos acentuam, em primeiro lugar: Será o cenário da vida espiritual um duplicado exato da terra? Caso não seja, qual será a substância de que a terra do espírito é composta? Bom, é do conhecimento de todo o homem de ciência que existe uma variedade infinita de substâncias impercetíveis ao toque do homem, mas que ainda assim são materiais. É do conhecimento de todos os homens de ciência que a mais subtil das substâncias são aquelas qualidades muito refinadas que não podem ser analisadas a menos que atuem especificamente sobre substâncias mais grosseiras como a eletricidade, o magnetismo, e outros poderes subtis e forças da natureza. Agora, a substância de que o pensamento é composto nenhum cientista professou ainda ter analisado; contudo é tão palpável para o espírito que, ao entrar neste salão, alguém dotado do dom do espírito, ou um ser espiritual, perceberá a qualidade dos vossos pensamentos tão prontamente quanto vós percebeis a qualidade das vestes uns dos outros. Isso poderá, é claro, soar estranho, mas em ciência espiritual constitui deveras uma realidade.

Quando, em consequência, vós considerais que o pensamento é, em si mesmo, uma das substâncias mais grosseiras, terão alguma informação porque avaliar as demais substâncias que circundam e compõem a existência espiritual. Todos aqueles elementos que existem na atmosfera da vida, que não são percetíveis ao vosso sentido material, e que formam uma via ou agente da mente na conversa que estabelece com a mente, constitui os elementos que compõem a vida espiritual.

Swedenborg enunciou a doutrina das correspondências, por meio da qual afirma que toda forma terrena tem o seu perfil correspondente na vida espiritual. Só que com isso ele não diz que toda a forma espiritual seja uma forma literalmente transcrita da existência material: daí que ele não diga que toda a casa, edifício ou vale tenha o seu protótipo exato no estado espiritual. Ele também pode não afirmar que exista alguma coisa na existência espiritual que para fins espirituais responda pelas flores, árvores, pássaros, paisagens, montanhas e vales; mas isso é o que ele implicitamente quer dizer. As substâncias acham-se, conforme afirmamos, não só na atmosfera da terra, mas as mais exaltadas delas encontram-se além do pálio da atmosfera terrena naquilo que é conhecido por espaço.

Quando avaliais um objeto material aqui na terra, avaliai-lo como algo exterior a vós, e o homem de ciência e o metafísico concluem que qualquer objeto que seja independente da vossa vontade, e tenha forma própria e leis próprias, não será para ser controlado pela vossa mente particular. Mas na vida do espírito tudo é ao inverso; aquilo que é objetivo para vós torna-se irreal e vago para o espírito. Esta sala, aparentemente sólida e tangível, é para o espírito quase um vapor, e não apresenta qualquer impedimento à aproximação ou partida dos seres espirituais. As substâncias que vós considerais as mais formidáveis e as menos passíveis de ser movidas são para os espíritos quase como o vapor lhes parece a vós; ao passo que o pensamento ou a essência dessas substâncias que são para vós intangíveis

constituem para os espíritos uma realidade. Daí que, onde é afirmado pelos espíritos que existem cenários e paisagens, montanhas e vales, rios e flores, pássaros e todas as coisas que correspondem à vossa vida terrena, eles anunciam um paradoxo espiritual, a menos que também afirmem que essas substâncias são espirituais por natureza; que o espírito entra exatamente aquela esfera da vida espiritual que corresponder à qualidade que o seu pensamento e poder da sua vontade puderem criar e estabelecer ao redor espiritualmente; e que vastas quantidades de espíritos vão quer para vales envoltos na escuridão, ou para entre vales, ou montanhas que lhes erguem as cabeças para a luz, e se vêm envoltos apenas pelo pensamento, justamente na proporção da combinação da sua vontade e do poder das suas mentes de controlar esses átomos da matéria.

Vocês têm, em ciência, conhecimento de uma lei como a da afinidade química. A substância que a mente estabelece ao seu redor na vida espiritual corresponde a essa lei da terra, e o espírito veste-se, cobre-se, rodeia-se daquelas qualidades da atmosfera ou das substâncias atmosféricas que tiverem o poder de atrair. Sejam essas substâncias claras e belas; sejam elas formadas na forma de montanhas ou vales; sejam elas planícies planas ou cumes sublimes e imponentes, isso depende da natureza da que exista o centro de vida e de influência. Nesta terra a matéria possui as suas próprias leis obstinadas - as suas próprias leis inflexíveis e estúpidas. As forças cegas da natureza aparentemente operam ao seu jeito, e resistem eternamente à agressão do homem. Na vida do espírito sucede o contrário. A Matéria não é objetiva; não é resistente; não dificulta; não impede a passagem dos espíritos - daquelas formas que os espíritos possuem; e os cenários de que se vêm cercados podem mudar à vontade por um ou mais espíritos individuais. A geografia do mundo do espírito - se é que oi posso dizer assim - não constitui uma coisa fixa e inamovível como a geografia da terra, exceto na medida em que está em relação com os próprios planetas e mundo, e em que o espaço interestelar que compõe o vasto reino da existência espiritualizada se acha repleto de um tipo de substância que o espírito governa e controla à vontade; pelo que o cenário que aí abunda é do tipo que os espíritos eles próprios podem moldar. As almas imponentes dotadas de consciência e conhecimento que ultrapassa a vossa compreensão podem assim governar os átomos das substâncias espirituais a essa luz de modo a formar vastos quadros - planícies, templos, vales, montanhas e coisas vivas - em resposta ao pensamento ou desejo de que assim seja.

Vocês leem que nos tempos antigos o espírito de Deus desceu na forma de uma pomba. Foram, em diversas sessões e noutros locais onde os espíritos se manifestaram, testemunhadas flores, pássaros, símbolos de diversos tipos, pelo que a questão surgiu naturalmente. Será isso uma realidade? São realidades espirituais. A forma espiritual é tal que, se o espírito desejar apresentar-lhes uma flor, só precisará de pensar para o fazer, e conhecimento das leis que governam a direção dos átomos a fim de produzir essa flor diante da vossa visão; e na vida do

espírito só é preciso que essas substâncias de que as flores espirituais são feitas sejam reunidas de modo a rodear o espírito com a forma que ele ou ela possam escolher pedir. Entendam-nos. Todas essas coisas são comandadas pela lei; porém, não se trata das leis que governam as substâncias materiais. Trata-se de leis espirituais, que têm origem e assento na vontade do próprio espírito, e daí venham até vós e controle e governe a matéria.

Vocês sabem os progressos que a ciência tem conseguido no controlo dos elementos da terra por parte da humanidade. Vocês sabem a força e o poder que a vontade e a mente do homem tem até mesmo sobre um torrão de barro a que chamais os vossos corpos materiais. Na vida do espírito, quando essas substâncias se sujeitam ao espírito em vez de se mostrarem agressivos a ele, conseguis prontamente perceber que todas as funções do espírito são absolutas e positivas, e que não são como são aqui, negativas e obedientes em larga medida às leis da matéria.

Um outro erro que os investigadores cometem é o seguinte: não se distanciar o suficiente do habitual costume de medir todas as coisas pelos padrões do conhecimento terrestre e da ciência terrena; e é um completo, absoluto erro supor quer os espíritos por vezes se materializam e têm permissão para o fazer numa forma grosseira ante a vossa visão terrena, que por isso sejam obrigados a ocupar formas grosseiras. É um erro supor igualmente que os dons do espírito tendam a uma constante reprodução dessas formas físicas da vida aqui. Não tendem. A existência espiritual só se expressa a si mesma através das vossas formas terrenas por esse ser o único modo por que podem chegar até vós. Mas na vida espiritual as almas são de tal modo recetíveis ou suscetíveis ao poder do espírito que é um domínio em que o pensamento é supremo, e em que a habita, em que todas as graças e virtudes principais, toda a bondade, todas as aspirações, assumem uma forma tangível e real.

O pensamento é emitido pela vossa mente e perde-se por entre as ondas da materialidade que os cercam, mas vós tendes o poder de os seguir; vocês não percebem que após ele lhes sair da boca para fora. Mas na vida do espírito o pensamento é projetado e atinge a mente a quem se destina - é uma substância que possui uma vibração literal e real que corresponde ao som. A pessoa que propôs estas questões deseja igualmente saber se o espírito depende do enunciado verbal e se da audição do pensamento. Estamos certos de que o homem, se tivesse pesado o sentido do termo 'espírito' não teria colocado esta pergunta. O pensamento constitui o poder da expressão do espírito, e em vez do emprego de palavras, que são meras vibrações feitas na atmosfera externa com o fim de alcançar o sentido material, a mente avançada conversa com a mente através do pensamento.

Sabem que muita vez sucede na terra o caso de duas mentes muito similares e que se encontram em perfeita simpatia quase conseguem ler o pensamento uma da outra. Sabem que por vezes, quando se encontram sentados com uma migo uma frase qualquer é proferida, e vós dizeis: "Ora, eu estava justamente a pensar na mesma coisa! " Acabam de falar numa pessoa, e dizem: "Tinha justamente essa pessoa na ideia, " demonstrando o poder que a mente tem de influenciar outra. Na vida do espírito onde haveria necessidade de linguagem quando o pensamento se expressa a si mesmo diretamente ao pensamento? Aqueles espíritos que se encontram mais avançados menor necessidade têm de materializar a expressão; e quando eles se expressam por linguagem física, é somente nas formas grosseiras da vida do espírito que se encontram mais perto da vossa terra.

Mas esta pessoa diz igualmente que existe uma língua do espírito que corresponde de certo modo ao antigo Hebraico. Há diversas línguas que os espíritos empregam na interação que mantêm com os mortais que por vezes corresponde à língua terrena, e por vezes é simbólica; porém, não há necessidade de mensagens vocais ou escritas entre os espíritos na vida do espírito. O próprio pensamento é suficiente para alcançar a mente de quem quer que esteja em simpatia com as pessoas que exprimam o pensamento; mas onde haverá necessidade de expressão física onde não há necessidade de audição, nem de qualquer dos sentidos materiais?

Mas depois, diz a mesma pessoa, necessitaremos de uma forma material? É dito que a forma espiritual com efeito se assemelha à forma humana, só que é mais perfeita, mais etérea, mais espiritual. Nós respondemos, as funções da forma do espírito são espirituais, e exprimem a mais elevada forma de pensamento que o próprio espírito alcançou. Anjos, espíritos, todas as formas de seres que partiram, são representadas como tendo formas como aquelas possuídas na terra, apenas mais belas, só que mais belas e mais etéreas. Agora, diz o interrogante, se houver necessidade de voz ou de audição, ou de qualquer dos sentidos que possuem na terra, por que razão o espírito possui um protótipo exato da forma humana? Nós respondemos: cada traço, cada expressão do rosto, toda a feição da forma humana ou rosto, representa igualmente uma qualidade espiritual. A alma não possui qualquer dos sentidos que designais por materiais, mas um sentido supremo; no caso do espírito, porém, trata-se de um sentido concentrado, a perceção.

Têm consciência de que, quando uma pessoa é invisual apresenta um sentido de tato invulgarmente intenso; quando uma pessoa é surda, o sentido da visão é geralmente muito apurado; quando é muda, o sentido da audição é extremamente ativo; o que mostra que o sentido da alma não é senão um só, e que essa é a expressão diversificada do sentido da alma de que vós dependeis no corpo físico. O corpo físico representa o sentido do espírito somente, que é a perceção. Se conseguis per o pensamento do vosso amigo, ireis, por conseguinte, pronunciar palavras que são, quando muito, demasiado débeis para transmitir a ideia que

tendes se podeis plenamente sentir o poder desse pensamento em vez da vibração e do sentido fastidioso? E se tivessem que viver dos elementos contidos no ar e na atmosfera, onde haveria necessidade dessas formas de fomento e de sustento de que geralmente fazeis uso?

Nós respondemos: Sim, mas o sustento espiritual, conforme dissemos antes, é espiritual, e não material. Aqueles elementos que formam a substância do corpo espiritual encontram-se na atmosfera da vida espiritual. O espírito sustenta esse corpo espiritual pela constante atração e rejeição dos átomos que lhe correspondem, e de que necessita. Há fome e sede, porém, não as formas grosseiras das vossas necessidades físicas; vocês têm consciência de que eles podem ser muito modificados pela atenção para com as leis da saúde e da materialidade; e pode ser que num momento do futuro, quando a atmosfera for cada vez mais refinada, não venham a requerer das formas grosseiras de nutrição de que agora necessitais. Não há razão para suporem que isso constitua uma finalidade; porque a presente compreensão que têm da vida espiritual ilustra o facto da forma espiritual poder ser sustentada e reabastecida com vida, vitalidade e sustento a partir dos elementos que a cercam.

Pela mente material acostumada a julgar literalmente toda a expressão que emana da vida espiritual não temos esperança de que estas palavras venham a ser compreendidas. Mas por aquelas mentes que estão acostumadas a julgar as coisas espirituais do ponto de vista do espírito, sabemos que elas também serão compreendidas. Podem imaginar, em verdade podem mesmo experimentar, períodos de exaltação e de uma ocupação inusual, em que a fome e a sede e todas as necessidades corporais parecem secundárias, e só aquelas substâncias são ingeridas que são mesmo requeridas ao sustento da vida. Têm registado diversos exemplos de pessoas que se encontravam num estado de elevada exaltação espiritual que viveram um mês ou dois subsistindo inteiramente com base na atmosfera; e há um ou dois casos de pessoas agora na terra que, segundo se diz, não ingeriram qualquer alimento físico há diversos anos; o que demonstra que num estado refinado do corpo físico todos vós, ou os habitantes da terra, serão capazes de atrair da atmosfera aqueles elementos particulares que são exigidos para o sustento do corpo físico.

Claro que isso deverá suceder daqui a muitos séculos; mas o facto de que isso foi conseguido até certo ponto prova que pode ser conseguido por completo no futuro; e o facto de ter sido conseguido até certo ponto indica algo sobre a maneira como os seres espirituais subsistem. Nós temos dito que o alimento do espírito é o pensamento. Com isso referimos que o que quer que o corpo espiritual requeira que, sem mais nenhum cuidado particular senão o da volição ou vontade, o espírito é capaz de absorver para si próprio, e que cria a sua própria forma física, e sustenta a própria vida física sem nenhum dos processos fastidiosos pelos quais os vossos espíritos sofrem desgaste e peso a mais na terra. Os seus trajes são igualmente

compostos pelos elementos da vida espiritual e qualquer que seja o átomo de matéria que seja necessário ao adorno do espírito a alma pode atrair a si mesma na proporção da pureza e conhecimento que tiver, em que nós dissemos que a alma se ostenta.

Vejam como os lírios crescem e de desenvolvem a partir dos germes, absorvendo pouco a pouco a substância do solo, impalpável aos vossos sentidos. O lírio abre as suas folhas e a seguir as suas pétalas; e o tempo todo os raios do sol, o orvalho e os elementos da terra obedecem silenciosamente às ordens desse simples poder que se encontra no germe da flor. De uma forma transcendente acima disso acha-se o poder da alma do homem, no adorno do seu espírito, no embelezamento da sua vida espiritual com as substâncias e qualidades que correspondem a esse desenvolvimento; e não mais perfeita é essa flor alva como a neve do que o pensamento ou a mente e as vestes do homem cujo espírito é avançado e perfeito; nem mais perniciosa é a alga na piscina viscosa do que a existência espiritual daquele que cujos pensamentos são estreitos e baixos e mundanos.

Vós envolveis-vos, vós vestis-vos alimentais-vos com o sustento da vida espiritual, justo na proporção do poder do pensamento, do conhecimento e bondade que possuís. Os homens não herdam as suas habitações espirituais. Não existem vastas extensões de terreno de que podeis tornar-vos possuidores por herança. Não há montes nem vales, edifícios que lhes pertençam pela lei da primogenitura. Vós não possuís nada que vós próprios não tenhais criado Nessa vida espiritual que as almas mais baixas e mais subdesenvolvidas habitam existe uma escassez, um aparente vazio, uma perda, uma ausência pronunciada de forma, exceto o facto de as sombras apresentarem forma; sem beleza, exceto o facto de a deformidade constituir beleza; e somente pela cultura dos mais elevados e nobres atributos poderá o espírito sequer imaginar qual possa ser a vida e o poder e propósito da existência espiritual.

O autor das perguntas deseja igualmente saber se os espíritos serão dependentes do caminhar como locomoção, ou se poderão mover-se de lado para lado à vontade, mostrando de novo que começa a raciocinar de forma exteriorizada no sentido do mundo espiritual, em vez de primeiro considerar o espírito e então as leis espirituais. O poder do espírito assenta na vontade, na mente, na volição.

Justamente na proporção da elevação ou conhecimento da alma é o seu poder de se mover de um lado para outro. Vós pensais em Nova Iorque, e de imediato vos encontrais lá mentalmente; pensam na China; se já lá estiveram, o vosso pensamento não se detém e atravessa todos os estágios intermediários dessa jornada, mas de imediato vos encontrais lá. Pensam no vosso lar, no vosso pequeno quarto, em todos aqueles que aí são atraídos a vós: estas paredes não formam qualquer impedimento, nem há qualquer necessidade de irem até lá; mas se tiverem vontade por meio do poder e do conhecimento do espírito, ver-vos-eis lá sem o estorvo dos vossos corpos físicos.

Assim que abandonam estes vossos corpos físicos, o espírito em quem quer que seja que queira ser - o desejo forma o poder por meio do qual o espírito se move. Voo não é termo apropriado, já que não existem as fabulosas asas. É simplesmente o poder de pairar ou de se mover, e depende por completo da força do espírito no conhecimento espiritual se esse voo é rápido ou lento, se será instantaneamente transportado ou gradualmente, ou se não vai em absoluto. Há almas que não se conseguem alçar; permanecem apegadas ao torrão de barro que deixaram para trás, de tão pouca espiritualidade que têm. Casas assombradas, cemitérios, esses espíritos inquietos que atormentam os sensitivos da terra - são dessa natureza. Por vezes não conseguem mover-se de um lugar a outro por os seus espíritos se encontrarem aí especados (presos) pelas correntes e algemas dos seus feitos passados.

Mas o poder dos espíritos que são livres desses infortúnios é pura vontade, e assim a rapidez de transição por que passam de um lugar a outro é mais veloz do que o relâmpago, desde que ele leva tempo que pode ser medido pelo vosso cronómetro. Para o pensamento não há tais divisões de tempo. Leva tempo, porém de uma natureza tão débil que não conseguis medi-lo pelo método de cálculo que empregais na terra. Instantaneamente o vosso ente querido se encontra ao vosso lado caso a vontade, a oração, a volição se achar presente. Por conseguinte compreenderão por estas respostas às perguntas que todo o tema da vida espiritual, dos seus métodos, das formas de existência aí, da natureza e qualidade da alma, da terra que os espíritos habitam, das suas ocupações e emprego, das suas moradas no reino em que habitam, é um assunto de tal modo desconhecido das mentes terrenas que em verdade precisais primeiro fazer uma pausa a fim de estudar o alfabeto antes de poderem conhecer a língua da vida espiritual e a sua importância; por aqui a que estais acostumados a julgar do tempo, do sentido, das coisas materiais, do espaço, da forma e da ocupação aqui é diretamente o inverso da forma espiritual, da vida espiritual, da ocupação espiritual e da sensação espiritual. Aquilo a que chamais realidade é para o espírito a sombra absoluta. As montanhas que vós considerais intransitáveis são vapor para o espírito.

As substâncias que prezais tanto como o ouro, a prata e as pedras preciosas são escória; e a mais encantadora das habitações terrenas não passa de uma representação débil e vã em comparação com a habitação do espírito que é tecido das próprias malhas dos vossos próprios pensamentos e actos. Nós retratamos-lhes a morada do espírito cuja vida terrena e cuja vida espiritual foram feitas perfeitas pelo conhecimento.

Todo pensamento e aspiração aqui de benevolência se tornam numa realidade imediata, e se alçam à atmosfera da vida espiritual, a aguardar essa alma quando se encontrar liberta da forma terrena. Assume alguma forma de harmonia - pássaro, flor ou árvore; alguma cor ou luz - os matizes do arco-íris que representam na perfeição a luz resplandecente do céu.

Os corredores, as alas, as abóbodas, as entradas são todas moldadas de acordo com os actos e pensamentos da vida terrena. Tudo é simbolizado. Não encontrareis um fio do tecido da vossa mente perdido. Aí se encontra a totalidade, entrelaçados nas substâncias e finos tecidos das substâncias que compõem as vossas formas espirituais; e em vez das árvores e formas grosseiras a que chamamos aqui a terra, encontrarão os interstícios dessas mansões espirituais repletas de imagens que terão pensado na terra. Por vezes pensamentos indesejáveis espreitarão de algum canto da vossa morada na vida espiritual; um ou outro pensamento de inveja e de malícia; talvez um pequeno demónio feito de discórdia, emboscado em algum armário de que não tivessem conhecimento. Mas principalmente, se as vossas aspirações foram boas e elevadas, as paredes serão a maior grandeza do edifício; a sua imponência, a sua beleza, a sua arte - tudo será feito subserviente à alma que se acha em vós, que forjou o seu progresso divino; e se tiverem existido imagens de graciosidade na terra, quanto mais não transcenderão aqueles que brotam das graças dos bons actos, das beneficências da bondade, da mente exaltada! Cada acto de amabilidade se torna num anjo que de imediato se põe num pedestal de amor humilde, e de imediato vós entrais ele os saúda com cânticos e acções de graça.

Cada obra da vossa vida que tenha sido feito se torna numa encarnação aí, e na forma de anjo ou ave proclama o louvor que é devido por tais boas obras. Toda a aspiração e oração se torna num pássaro alado, ou numa encantadora flor que adorna o caminho dessa vida em que entrareis.

Mas mais importante que tudo, aqueles actos amáveis de caridade com que tiverem agraciado as vidas dos vossos companheiros, vejam como desabrocham como lírios brancos ao redor do verde da vossa nova morada; e, a superior e acima de tudo, aquele amor supremo e perfeito que forma todo o império da alma, que transcende todo conhecimento e toda luta, todo o amor, cria a abóbada resplandecente: e as estrelas que cintilam aí são os pensamentos e feitos e palavras do vosso dedicado coração aqui.

Isto não é imagem de sonho nenhuma. É tão real que os anjos nas suas moradas e os espíritos daqueles a quem amais estão agora mesmo a ajudar a moldar as paredes e arcadas deste templo que lhes felicitará a visão; que até mesmo agora os pensamentos que lhes ocupam a mente como nuvens brancas nas asas da aspiração, e que pairam para esse reino que um dia os há de receber ao entrarem; e a própria ideia que têm aqui esta noite começará a saudá-los desse esconderijo aí; e se for de glorificação será alvo como o lírio, e se for de desdém não lhes parecerá belo.

Estas são as realidades do reino espiritual; estas são as substâncias de que as almas são feitas; estes são os poderes que governam e regem na vida espiritual; estes são os elementos que poderão ajudar a adornar e a embelezar a vossa terra, tirá-los das formas insignificantes de barro que vós idolatrais agora para as

realidades da alma viva, da vida, do poder, do espírito que se encontra dentro de vós.

NIRVANA - DE UM A OITO
DO CAOS ATÉ AO COSMOS

No AUM (UM) encontra-se o TODO. Não existe outra UNIDADE PERFEITA.
"SÊDE VÓS PERFEITOS, COMO O VOSSO PAI NOS CÉUS É PERFEITO. "

O termo "Nirvana" tem sido de tal modo mal interpretado pelas mentes Ocidentais que se torna difícil remover uma falsa impressão, ou melhor, difícil transmitir ou despertar a impressão correta. A mente Ocidental supõe que a "Não Existência" ou aquele estado que ultrapassa o "desejo" ou "vida" humana signifique aniquilação ou morte. Isso brota do facto de toda a instrução proveniente das escolas Teológicas e Científicas do Continente Ocidental e da Grã-Bretanha - incluindo igualmente uma porção da Europa se encontrem num processo de transmitir conhecimento em vez de o despertarem. Embora Kant, Locke e mais uma mão cheia de outros filósofos admitam a priori uma consciência uma mente -- um conhecimento a priori

(NT: Resultante da análise ou da teoria, transmitido justamente).

E embora os teólogos concordem que a alma ou o espírito "pertença a Deus, " não existe perceção alguma do que o estado do que o estado da pré- existência da alma possa ter sido nem perceção nenhuma absoluto -- da alma incondicional -- nem sequer com respeito ao significado dos termos.

A Não-existência não significa o esquecimento mas um estado mais vasto do que a existência. A alma existe sempre, pelo que não tem necessidade de existência, e não pode, em possibilidade alguma, enquanto alma possuir forma.
Quando o Oriental fala do "Bem Eterno, " isso significa aquilo que é sem forma, por ser ilimitado. Assim é a alma. As limitações são materiais e lidam com ela apenas relativamente, não em termos absolutos. Como a linguagem é empregue a fim de expressar as limitações da mente, também os números foram anteriormente usados.

Como uma expressão ou definição simbólica de "Alma, " "Divindade, " Perfeição. " Contudo, não se deve inferir que a "palavra" ou o número que expressa a perfeição seja, por conseguinte, a perfeição; assim como o termo amor enquanto a posse ilimitada disso divina e que tudo permeia. Como se achou que a matemática era a única ciência exata, também era empregue pelos antigos -- em especial pelos Magos e os mestres Herméticos -- a fim de simbolizar a divindade.

Os algarismos e as suas elevadas potencialidades geométricas com eles relacionados ou a eles associadas, foram em certa época no Egipto e na Índia, assim como na Grécia, a única linguagem que expressava a Divindade, a Alma, a

Eternidade, o Infinito. As limitações deste papel não admitirão uma elaboração muito afincada sobre esta matéria, pelo que nos vemos obrigados pela falta de espaço a precipitar-nos rapidamente para as conclusões.

PRIMEIRA

É a unidade. Representado enquanto círculo é o Eterno, representado enquanto segmento é aquilo que conduz a outras unidades do todo. O Um é igualmente a alma. A derradeira (e primordial) unidade do ser. A primeira nota em música. Considerada num contexto relativo é um dos primeiros passos da limitação ou da divisão. O Átomo, (o rosto) de que não há restauro, exceto por outros algarismos e a perfeição. A primeira vibração da cor Vermelho.

SEGUNDA

É a unidade dividida (na Alma), a meia esfera. A separação do estado do absoluto rumo ao relativo; o hemisfério; uma das partes do Duad. No sentido da alma um factor igual na dualidade da alma.
O princípio feminino ou masculino que, na natureza assim como na humanidade expressa a dualidade da Unidade Divina. O segundo raio da vibração: o Laranja (Compromisso).

TERCEIRA

O primeiro acorde correto no harmónico; o solvente. A medida do círculo; a terceira proposição em matemática. O Nome Perfeito do Egipto, da Judeia, e da Índia.
1 - Brama (bem, criativo). 2 - Vishnu (o que preserva, benfeitor) 3 - Shiva (desintegração, manifestação. Somos da opinião de que este "Mal" (Shiva) era venerado na Índia por se acreditar ser a parte mais essencial ou agente potencial da natureza tripla de Deus, por a morte, a desintegração e a morte deverem ser igualmente importantes na criação. Não temos aqui tempo para descrever o pleno valor do número três. O Pai, a Mãe, o Filho (Osíris, Isis, Hórus). A "Trindade" dos Cristãos. O Solvente da Alquimia. O único princípio da matemática que mede as espirais. O Malcuth e o Kittru. O acorde primordial que reconcilia na mente o glóbulo quebrado do som. "As três dimensões do espaço. " O três sagrado da Livre Maçonaria. A segunda cor primária, o Amarelo.

QUARTA

A Tétrade da química. O duplo-duad. A exposição do quadrângulo. O "quadrado" cujos lados iguais determinam o círculo. Os "Quatro Cantos" da terra e dos céus. A "família inteira. " Pai, Mãe, Filho, Filha. O complemente e a conclusão do dois. Na

China o quatro constitui o número sagrado da vida. Conforme na Maçonaria Livre aquilo que regula a vida -- "no quadrado. " O símbolo da vida. O "Tetragramaton, " além do qual não existe símbolo ou fala que possa passar. O segundo compromisso da cor (Verde).

QUINTA

O segundo acorde perfeito dos harmónicos O Pentagrama da Geometria. Os cinco livros de Moisés. A estrela de cinco pontas (o Pentagrama prometido ao Mago como indicador do novo círculo Messiânico. O quinto grau da Maçonaria Livre; o afastamento do quadrado. A terceira e última das cores primárias. Aquilo que representa a formação da maior parte dos raios Astrais e de muitos cristais -- Aquilo que precede -- nos graus do Mago o grande sexto passo. Os cinco Éteres. (Na cor, o Azul).

SEXTA

O nome completo. O "Reino"; a Coroa e o Rei; O triângulo duplo do Egipto e da Judeia. O Sexto Grau da Maçonaria Livre; o Compasso e o Quadrado. " A afirmação mais extremada do nome perfeito, e a perfeita mensuração.
A Estrela de Seis Pontas é a figura mais completa da geometria; é o símbolo do "nome Secreto" nos altares Hebraicos "por trás do véu. " O seis na escala harmónica (2-4-6).
O duplo três.

Torna-se impossível afirmar nos tempos modernos o valor desse número e o símbolo geométrico no Oriente. Desde o Egipto, a Pérsia, a Índia, até à Fenícia e à Grécia chegou esse símbolo. O símbolo potencial de todas as coisas. A perfeita mistura da Terra e dos Céus. Os Céus a descer à Terra, a Terra alçada aos Céus. A sexta Dispensação. Nos harmónicos, a sexta nota. Na cor, a sombra mais profunda, o místico (Índigo).

SÉTIMA

A escala completa da música. O terceiro acorde -- a última vibração da cor -- o raio final que conduz ao primário. As Sete Esferas" da filosofia do Mago (Éteres ou Atmosferas). O término rítmico do simbolismo. O "Dia do Repouso, " na criação ou conclusão do "Logos, " a "Palavra, " ou o "Édito. " A esfera "além da qual não se pode passar. "
Sete são os raios que compõem o arco da luz.
Sete são as vibrações que precisam trazer à luz as Esferas da Vida, para que a Terra e o Céu se encontrem.

A Realização, o Templo, o Santuário.
As sete estrelas da Ursa Maior. As "Riquezas que governam o "submundo" e tornam os sistemas uma escala harmónica.
Os sete planetas que os Antigos criam ser os sete palácios ou cidadelas de Luz.
Podíamos continuar ad infinitum, mas foi escrito o suficiente para mostrar que a Alma da natureza constitui uma grande escala harmónica; que a harpa de Apolo é a alaúde de Orféu, o movimento rítmico e a forma do universo estabelecido na música da Alma.

OITAVA

O Selo, a Oitava completa, o recomeço da escala harmónica. O círculo completo -- o retorno à unidade. A esfera restaurada. A repetição do Um. O restauro da Alma na sua perfeita unissonância através dos sete estados da vida - Nirvana.

JUIZ JOHN EDMONDS

MAIS ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS PORQUE PASSEI NA VIDA DO ESPÍRITO

Domingo, 2 de Maio de 1875

Através da Mediunidade de Cora Lodencia Veronica Scott (Hatch, Tappan, Richmond)

Senhor presidente e amigos:

Quando me foi pedido, pelos guias desta médium para uma vez mais discursar diante de vós com respeito às experiências porque passei na vida do espírito, foi com uma certa relutância que aquiesci, considerando a exaltada natureza do último discurso, e as necessariamente imperfeitas experiências porque passei. Lembrar-se-ão, porventura, alguns de vós, que já se passaram cerca de doze meses desde que me dirigi aos mortais por intermédio desta médium, altura em que fis o primeiro discurso que proferi após ter deixado o meu envoltório mortal.

Encontrava-me na existência espiritual há menos de um mês. Retomo agora o fio da narrativa onde o deixei, com a observação preliminar de que, pelo calendário do tempo terreno (que me informa que se passaram doze meses) devia considerar ter sido doze vezes doze quando penso em todas as ideias e experiências que se amontoaram na minha existência, desde que deixei o mundo material.

Não obstante toda a minha vida terrena parecer curta em comparação com a incomparável sucessão de acontecimentos que, quando nos vemos livres da sujeição material do corpo físico desgastado, torna o espírito jovem e contente de

novo com a consciência imortal. Sob tais circunstâncias perdoar-me-ão a apresentação de personalidades, já que é só pela experiência pessoal que poderemos compensar o conjunto da grande conexão da vida humana com a vida espiritual.

Eu fui recebido, conforme foi mencionado no discurso anterior, pela companheira e amiga da minha vida terrena, cuja constante assistência durante a porção mais tardia da minha existência foi tudo quanto tornou a vida suportável à face da Terra. Assim que tomei consciência da mudança por que passara, que nada de terreno que supere o gosto possivelmente poderá comunicar-lhes à ideia, tomei consciência de dois factos distintos na minha existência: o primeiro, que preciso substituir ideias por coisas; que todos os tipos externos não passavam de aparências, e que as realidades tinham lugar dentro. Daí, ao entrar na existência espiritual surpreendi-me ao descobrir não só as características de amigos familiares, mas o que me pareceu mais distintamente característico, as suas qualidades mentais individuais retractadas, só que em vez do aspeto, semblante, da forma, do perfil em que a humanidade se baseia quase em exclusivo na identificação e na amizade, eu descobri as qualidades mentais de tal modo espelhadas e combinadas em cada indivíduo que encontrei, que se tornava impossível distinguir a forma exterior do ser interior, e a expressão completa deles era usada no seu semblante e vestes. Consequentemente, sempre que a minha companheira se aproximava, pela delicadeza da aura que a cercava e amabilidade da expressão, eu sabia qual seria o significado da mensagem recebida da sua parte.

À medida que reconhecia, um a um, os amigos anteriores da minha vida terrena, que tinham vindo ao meu encontro para me congratular e conversar, como fora seu costume em coisas familiares, descobri para minha surpresa que os traços distintos de carácter que tinham tido na existência terrena, seja de probidade, honestidade, virtude, integridade, amabilidade, ou de um saber generalizado, eram tipificadas pela cor e expressão do semblante e da forma que aparecia diante de mim; de modo que o meu amigo, o Dr. Dexter, que tinha sido meu colega de trabalho na investigação do Espiritualismo, e da parte de quem eu recebera muitas das minhas primeiras e mais convincentes comunicações, apareceu-me como vidro transparente, dotado de toda a forma e perfil do meu amigo, porém, como um verdadeiro médio sempre aparece, transparente até ao âmago, de modo que, antes que todo pensamento adoptasse forma audível à minha consciência do espírito, revelava-se-me através das vibrações da sua própria mente; o mecanismo do corpo espiritual, correspondendo quase precisamente ao mecanismo externo, tornou-se bastante visível, mas em vez de sangue via pensamentos, em vez de força nervosa apresentava impulsos da vontade, e em vez das funções das faculdades peculiares do organismo externo da vida, via-se as correspondentes faculdades da vida espiritual; pelo que toda a atmosfera que o circundava foi de imediato iluminada pela particular transparência da sua forma. Uso este com um exemplo típico.

Gradualmente aprendi a distinguir os espíritos pelas suas qualidades, e em vez de os nomear pelos nomes que tinham tido na terra, descobri que cada um deles tinha o nome da sua existência espiritual correspondente à qualidade que mais os adornava. Daí que, aquele amigo que acabei de referir, usasse uma luz cristalina de mediação entre os dois mundos aquando na terra, pelo que também na sua recém-descoberta existência ele é uma luz cristalina de mediação entre os estados superior e inferior da existência espiritual por meio da qual a luz do superior possa brilhar para a inferior em correntes desimpedidas e perfeitas.

Isso facultou-me todo um novo conhecimento da minha própria mediunidade, e eu descobri que naquelas competências que me tinham sido inculcadas antes de deixar o meu corpo terreno de consciência espiritual e visão, eu ainda não era um (meio) transparente; por outras palavras, embora eu pudesse ser motivado, por meu intermédio não teria sido dada nenhuma evidência particularmente convincente e distinta do poder do espírito, porém, os impulsos emitidos sobre a minha natureza partilhavam mais da natureza da inspiração, e eu reflectia a luz, porém, não permitia que ela brilhasse. Contudo, até mesmo a luz reflectida é preferível a nenhuma; e se nós próprios formos motivados e inspirados por inteligências superiores em qualquer esfera da vida que seja em que possamos ter existência, tornar-nos-emos no instrumento do poder espiritual.

Eu percebi logo qual era a qualidade particular que me marcava. A luz que parecia circundar-me e pela qual eu era diretamente reconhecido, era o que é conhecido na existência terrena como, porventura, destemor, ou sinceridade de propósito, de modo que, quem quer que entrasse em contacto comigo, jamais duvidaria quanto às opiniões que eu defendia. Curiosamente, essa aura rodeava-me com um tipo de luz azulada, ou atmosfera, por meio da qual eu pareço ser conhecido no meu estado espiritual, de modo que, sempre que me acercava de qualquer indivíduo que se encontre nas esferas do pensamento correspondente, eles têm instantaneamente noção, através desta aura, da personalidade de quem se lhes dirige, ou deseja abordá-los.

Pudésseis vós ver, por clarividência - como sem dúvida muitos de vós podeis, aqui nesta sala - e perceberíeis que a influência que o meu espírito traz é de um matiz ou raio azulado, que também é transmitido a todo o meu corpo espiritual, e que é a atmosfera distinta daquilo que é conhecido na terra como integridade, mas que afinal, é a simples expressão daquilo que pensamos e queremos dizer.

Eu fui, por conseguinte, apresentado às assembleias dos amigos mais chegados - pessoais primeiro, após o que, um a um, os meus outros amigos vieram ao meu encontro nas novas vestes do seu aspeto espiritual, usando uma forma parecida à da sua habitação terrena, só que resplandecentes com a contribuição do pensamento espiritual que traduzia a sua distinta qualidade. Recordo bem a atmosfera distinta que o meu amigo Professor Mapes usava ao vir ao meu encontro

após ter passado da vida terrena, depois de me ter precedido numa data de anos. Descobri o mesmo tipo de configuração de cérebro, a mesma qualidade de peculiaridades físicas; porém, tudo se achava iluminado por um matiz peculiar pálido de amarelo, que conforme me é dado compreender, constitui um sinal da qualidade dele de solvibilidade, com o que me refiro à qualidade de solver (encontrar solução) para todas as ciências por um princípio de raciocínio; e se houvesse uma característica que mais distinguisse a sua mente da de outro, era a de uma compreensão geral de todas as ciências por uma luz particular e qualidade de pensamento, de que talvez terão oportunidade de ouvir falar no próximo Domingo à noite.

Essa aura representa a sua qualidade espiritual, e está para a atmosfera mental como a luz do sol é para a atmosfera terrena, designadamente, um solucionar de elementos incongruentes e aparentemente irreconciliáveis num princípio definido de método e pensamento. Do mesmo modo, outros amigos pessoais - o Dr. Wilson, o Governador Talmadge e outros - me abordaram e foram reconhecidos. Porém, não obstante a natureza interessante dessas qualidades e aspetos pessoais, eu estava de tal modo determinado a aprender em larga medida sobre a natureza da existência espiritual e a particular esfera da ação de certas mentes distintas que, com um extremo anseio formulei uma questão no meu espírito. Era a de que o guia, sob cuja orientação e sabedoria a maioria das minhas comunicações (enquanto me encontrara na terra) tinham sido recebidas e de quem tinham declaradamente vindo me devia aparecer e conduzir.

(NT: Consultar as duas obras publicadas em vida intituladas ‘Spiritualism I’ e

‘Spiritualism II’ do autor, em conjunto com o Dr. George M. Dexter, por cuja meio recebeu as referidas comunicações),

Instantaneamente, com esse pensamento que por fim inundou todo o meu ser, com intensidade tal que excluiu todos os outros amigos da minha mente, e consciência, surgiu um som de uma investida como a de muitas águas a correr, e voltando o olhar para cia eu observei uma luz que se assemelhava mais a uma geada branca do que qualquer coisa que possa descrever, só que resplandecente e brilhante até fazer com que toda a atmosfera parecesse um ponto de uma chama luminosa.

Soube então que a distinta clareza e os aspetos aguçados do pensamento que constituíam as qualidades terrenas assim como espirituais de Lorde Bacon encontravam-se ante mim. Não preciso dar-lhes conta.

Não preciso referir-lhes as maravilhas da mente que esse homem possuiu na terra, somado ao poder espiritual desenvolvido pela consciência das leis não vistas da vida invisível, para os levar prontamente a acreditar que todo pensamento advindo do seu cérebro e mente parecia tão claro e tão penetrante que eu dificilmente conseguia suportar a sua presença; e embora tivesse ansiado por isso, desejei naquele instante que ele não tivesse surgido, por sentir que cada um desses

aspetos afiados de pensamento sondava a minha natureza mais recôndita, e que encontrava toda a fraqueza, os pontos fracos do intelecto que eu possuíra na terra.

Os pontos cintilantes pareciam penetrar e procurar todo sentimento e fracasso que eu tivera na minha carreira terrena, e num instante todas as questões de filosofia ou lei, toda a experiência individual, todo o defeito especial da minha compreensão espiritual me eram revelados de forma distinta, e esses pontos particulares cristalinos dessa aura pareciam penetrar-me o ser, até eu estremecer de forma palpável enquanto espírito na presença do meu guia. Porém, senti instantaneamente a firme resistência da minha própria natureza, e embora consciente de imperfeições, eu disse: "Finalmente fui verdadeiro, " e com isso regressou a minha coragem; e então pedi ao meu guia que me conduzisse a quaisquer cenários, reuniões ou concelhos ou locais de instrução na vida espiritual que mais se adaptassem à minha condição.

Com isso fui uma vez mais acompanhado pelo mesmo ser amável que me tinha recebido na vida espiritual, e os dois seguimos o guia, à medida que aparentemente nos conduzia a uma planície um pouco elevada acima do cenário em que eu tinha vindo a residir o tempo todo, mas que se achava perfeitamente de acordo com algumas planícies da vida terrena, só que mais luminosa, e possuidora de uma qualidade de atmosfera melhor e mais elevada. Tal elevação pareceu-me ser um ponto de observação, e ele disse-me: "Agora, com a tua permissão, caso possas dedicar um tempo dos teus amigos da vida terrena com quem desejarás conversar, irás ausentar-te comigo durante vários meses. "

Eu dei-lhe permissão pedindo apenas que pudesse regressar, o que fiz, alguns nove meses volvidos, para fazer um outro discurso por intermédio desta médium na cidade de Liverpool. Regressei igualmente a alguns amigos na América, com quem conversei com respeito a algumas das primeiras experiências por que passei na vida espiritual. Então pus-me a cargo do meu guia, pedindo-lhe somente que, se houvessem aspetos que eu desejasse comunicar à Terra, e tivesse oportunidade de o fazer, mo fosse permitido, com a ideia de, tão rápido quanto eu recebesse tal conhecimento, o transmitir às mentes na terra. Ele sorriu diante dessa ideia, por a característica principal dos meus últimos dias passados na terra ter sido a de que qualquer bênção ou graça que existisse na comunhão espiritual, ela pertenceria à humanidade e, mortal ou espírito, eu não poderia encontrar a minha paz enquanto houvesse uma oportunidade de convencer ou sequer de influenciar toda mente à investigação com respeito a esta sumamente importante questão da existência futura. Assim, à medida que o meu espírito dava, um a um, os passos, eu sentia que precisaria regressar e derramar de uma forma palpável as provas da continuidade da minha vida, e daquilo que me trouxera.

Eu fui, pois, apresentado àqueles estados de existência espiritual que tipificam a condição imediata da alma ao abandonar a vida terrena, e posso dizer que não fora

pelo conhecimento anterior que eu possuía da existência espiritual e o facto de ter consciência de ter passado da vida terrena, eu não teria de modo nenhum tido consciência de me encontrar entre cenários espirituais, de tão naturais e absolutamente humanas, e em certos exemplos, tão terrenos que tais cenários eram, mas pela linha divisória que vi, que os separava da comunicação consciente com os mortais, pude realmente acreditar que aqueles seres que eu via caminhavam e conversavam como homens e mulheres na terra.

Dificilmente precisarei dizer que esse estado de existência imediatamente circundava a atmosfera terrestre, e que, para além das multidões que se moviam de lá para cá na forma humana, essas outras multidões se moviam precisamente do mesmo modo, e aparentemente concentradas nas mesmas atividades, embora com a seguinte diferença - a de que aqueles que se encontravam desencarnados pareciam mover-se de uma forma muito mais vaga, e, onde não havia conhecimento na maneira de influenciar os mortais, eles pareciam andar comparativamente sem objetivo; pelo que a maioria dos espíritos que passam da vida terrena não informados da natureza da mudança se encontravam de verdade numa existência sem finalidade durante um período de tempo, já que, dotados das mesmas faculdades, possuidores da mesma inteligência e aparentemente do mesmo organismo, ainda assim não há necessidade de empenho nem de proteção do frio e da fome, e assim esses seres buscam uma similitude de coisas físicas acompanhando aqueles que se encontram na terra e que desfrutam dos prazeres externos, pelo que o homem que busque o prazer se afaste do vosso seio por uma morte súbita continua um homem que buscará o prazer no mundo do espírito, furtado do poder físico de o gozar, e desfrutando apenas daquilo que parece ser reflectido nas mentes dos seus companheiros e amigos; e isso constitui uma porção do seu castigo e maneira tentadora de testemunhar aquilo em que não podem participar em pleno, o que os leva após algum tempo a sentir a insatisfatória natureza das suas buscas e atividades.

O Hades, pois, não se encontra longe. Se o procurarem num sentido literal, encontrarão o seu primeiro grau na terra, e o seu segundo grau no estado intermédio de vida espiritual que circunda a terra e forma uma vasta massa da busca de prazer da parte de classes não espirituais e não inteligentes que parte da vida diária sem instrução com respeito à natureza da existência para que vão. Se houver comentário que possa fazer mais significativo quanto à tendência crescente do pensamento moderno para o materialismo do que esse, então não tenho capacidade de imaginar que comentário seja, já que aquela porção da humanidade que constitui a vida essencial da existência permanecer inexperiente e inculta, o espírito irá para a vida do Espírito comparativamente sem um rumo ou objetivo, sem uma âncora ou piloto, a tatear nas malhas cegas de um materialismo que não consegue, nem pela sua inteligência, elevar o espírito, e que não transmite qualquer ânimo mais significativo para com a natureza que aquele que existe no

torrão ou no verme. Os espíritos como esses passam diariamente, hora a hora, a todo o instante da terra. Encontrá-los-eis em meio aos centros apinhados da civilização. Movem-se com o balanço da maré da humanidade, e movem essa maré frequentemente para sua própria diversão e passatempo.

Onde houver uma erupção de violência entre a população ou uma briga de bêbados, e encontrareis aí espíritos que pela similitude da natureza são atraídos, e que também formarão um vasto número - uma turba de força espiritual que incrementa a turbulência da maré terrena. Onde se der um surto causado por algum erro ou opressão, e haverá quantidades de espíritos desses sem rumo e descontrolados, e sem qualquer conhecimento previamente obtido, que também procurarão isso como saída para a agitação que os move. Onde houver algum jovem descontrolado, embriagado de prazer (ou pelo álcool) aí encontrarão igualmente o seu protótipo à procura no entusiasmo desse jovem inebriado jovem a fim de consumir essa porção da sua vida que não foi plenamente gasta no mesmo sentido, e que, sem conhecimento, o tenha levado, porventura, de uma forma irrevogável, a ir para o mundo dos espíritos.

Vós pensais que este espaço é vazio e composto de ar inútil e desocupado. Cada um de vós trás consigo os seus companheiros e amigos da vida espiritual aí concebidos por qualquer motivo de interesse, curiosidade ou exaltação que os tenha trazido; e eles formam uma audiência mais palpável e visível à perceção do espírito do que vós que estais a escutar o som da voz da médium. A atmosfera povoada acha-se repleta daqueles que se encontram nos estágios intermediários da vida do espírito; e nós verificamos que a atmosfera da terra contém todas as variedades de estados espirituais que se pode procurar em quantidades de esferas se numeradas e parceladas em infinita variedade e em que no vosso próprio pequeno globo é mantido e cingido a toda a volta como numa solução de luz e sombra misturadas, cujas inteligências espirituais se acham cada uma determinada com uma ideia qualquer de prazer ou conhecimento, algum dos quais se encontra menos informado que vós, e outros mais informados, mas todos quantos se acham sujeitos às mesmas leis da vida individual, raciocínio, ação, emoção e poder.

Essa foi a minha primeira lição. Assombrado, verifiquei que a população da terra, em vês de ser o que eu supusera, era porventura constituída por dez ou cem vezes esse número, e que muitos desses seres nunca chegam a deixar a atmosfera da terra, e nunca vão além do plano que pode ser considerado a aura dos elementos físicos da terra, e que a sua vida espiritual e a sua existência consciente, as esperanças que têm na imortalidade, e toda a ideia de progresso se acham centradas no círculo estreito que terá formado, porventura, a sua habitação terrena, e de que, por falta de cultivo da volição espiritual, se vêm capazes de ascender ou desembaraçar a si próprios por uma maneira qualquer. Esses são os espíritos que se acham aprisionados; condenados durante um tempo, sem dúvida,

para percorrerem a noite da sua carreira terrena, por falta de poder de superação do desejo espiritual que os eleve para cima.

Depois suscitou-se-me a lição à mente, da importância de ensinar aos jovens e aos velhos que a vida terrena não é a vida toda que existe, e que dentro do verdadeiro homem ou mulher, se encontra o homem real ou a mulher real envolto da fragilidade mortal, mas possuidor de atributos que, se cultivados e encorajados habilitam de imediato o espírito a elevar-se desta atmosfera de barro e os sentidos a receber o baptismo da luz espiritual a que tem direito. De modo que, sejam quais forem as virtudes que possam possuir, deixem que tenham em mente que a ausência de qualidades espirituais constitui as cadeias que prendem a alma à terra quando ela partir do corpo, e que o enlutado solitário pelas amarras do luto egoístas do amigo que tenha ultimamente partido, impedem por simpatia que esse espírito sequer saiba da natureza da mudança pela qual passou.

Felizmente o conhecimento que se tornou parte da minha existência habilitou-me, porém, não sem muitos escrúpulos de consciência, nem muito sofrimento pungente, e não sem consciência de inferioridade e fraqueza, triunfar sobre as deficiências físicas da vida terrena. Mas foi por isso que consegui ver, como que num panorama, essa variada cena de seres espirituais e de poderes na terra e ao seu redor, com uma massa de atmosfera de elementos mesclados numa mistura variada o testemunho do efeito dessa luz e sombra sobre a humanidade.

Enquanto observava essa combinação de influências e o meu guia me indicava vários casos de insanidade, embriaguez e outros vícios agravados por espíritos incultos e não esclarecidos eu volta e meia via súbitos raios de luz como aqueles que são por vezes testemunhados nas pradarias do Oeste durante uma temível colisão dos elementos, só que no caso destes parecia não haver qualquer destruição, e eu disse, enquanto os observava, “Que luzes serão estas que parecem penetrar esta densa atmosfera espiritual, e de que todos os espíritos não desenvolvidos parecem recuar como se de fogo se tratasse? O meu guia disse-me:

“Estes são raios de pensamento provenientes de espíritos avançados dirigidos àqueles na terra com quem estão em simpatia, e instantaneamente contemplei, com a minha compreensão a aumentar com o desejo de conhecimento que aquelas luzes se tornavam mais e mais frequentes e dotadas de diversas cores de diferentes níveis de rapidez e poder. Também vi que em determinadas direcções ou locais havia raios de luz mais frequentes d que noutros, e ele disse-me:

“Aqueles são pontos seleccionados pelas inteligências espirituais para a frequente repetição de certos pensamentos ou expressões de poder que são somente conhecidos quer em conexão com a inspiração ou com alguma forma de mediunidade ou dom espiritual que existe com frequência onde o nome

Espiritualismo não é conhecido, mas existe sempre de acordo com alguma lei da analogia espiritual. ”

Descobri que esses pontos ou raios compridos de luz, rápidos ou lentos, carregavam com eles uma atmosfera que influenciava as inteligências circundantes, e que quem quer que fosse o receptor deles, devia, de momento, ser elevado à esfera da inteligência de onde a luz pudesse vir.

O meu guia disse-me: “Desse modo alcancei eu a tua mente antes de deixares a Terra, mas pudesses tu ter visto e terias descoberto que uma vibração perpétua de luzes combinadas oriunda de diversos espíritos que te rodeiam te tocavam a mente, mas sempre que te sentisses incomodado ou oprimido com os cuidados materiais isso interrompia essa luz, e a vibração cessava. É por isso que por vezes experimentas um sufoco espiritual por cerrares a válvula que comunica com as atmosferas superiores da existência espiritual, pelo que a mente não consegue respirar. Mantém desimpedidas as vias da comunhão espiritual pelo cultivo constante e descobrirás que a atmosfera da mente será tão livre e clara quanto aquela atmosfera que é requisito da saúde física quando contiver quantidade suficiente de oxigénio. ”

Eu disse: “Então, todos os estados mentais de depressão e das condições naturais relativas à natureza espiritual na terra se devem a que essas luzes sejam excluídas? ” e de súbito os raios cintilantes do meu guia dispararam em várias direcções e eu pude descobrir que certas mentes líderes se tornaram receptáculos desses raios.

Ele disse-me: “Descobrirás que onde quer que o raio de luz tenha penetrado, haverá uma mente afim com a qual mantenho simpatia espiritual, e que, inconsciente ou não, recebe o meu pensamento, e é, consequentemente, exaltado em espírito. ” Quando penetrei numa atmosfera um pouco mais elevada, percebi que, em vez da nuvem direta que pairava sobre a terra, havia na realidade mais dessa aparência luminosa do que eu havia inicialmente suposto, e que a nuvem na realidade não envolvia a massa total da humanidade, mas que pairava sobre certos locais e determinadas condições da mente, enquanto exterior a tudo isso parecia haver um cinturão ou aura de luz ametista.

Eu disse: “Que é isto? ” “É o estágio seguinte da existência espiritual que forma um cinturão exterior daquele aspeto nublado que se acha sobre a terra e da qual, até mesmo aqueles que se encontram espiritualmente em estados sombrios recebem a sua inspiração. ” Fui então atraído para essa atmosfera que, qual puro crepúsculo da manhã envolve toda a terra e todo aquele aspeto turvo ou nublado. Na minha perspectiva esse crepúsculo jamais tinha sido representado exceto nos puros matizes do ar da montanha que o viajante poderá ter visto nos cenários Alpinos ou em algum alvorecer matutino da América. A ametista era de tal modo perfeita que

quase se podia esculpir a partir dela uma joia cristalina em qualquer lugar particular.

As luzes que se dirigiam á terra a partir desta esfera pareciam ser de uma delicadeza insuperável, e eu não podia compará-las a nenhuma outra coisa que lágrimas vertidas em sofrimento pelo sofrimento da humanidade e dos espíritos que se encontravam não desenvolvidos. Cada uma das gotas ametistas penetrava um ponto particular qualquer de escuridão e de sofrimento, e instantaneamente parecia que se erguia uma chama pura de brancura, como se a alma tivesse sido confortada e como se alguma luz tivesse penetrado até mesmo o local mais negro.

Eu disse-lhe: "Quem dirige mais neste local sombrio? " E ele disse: "Todos aqueles que, tendo sido elevados um grau da vida terrena se encontram agora decididos a beneficiar aqueles que se encontram abaixo, " e então vislumbrei um trono de iminência talhado na cor ametista e aparentemente adornado com vários dispositivos de formato humano entretidos juntos, contudo distinto; mas ao me chegar mais perto, descobri que eram seres humanos, mas mais importante, como reclamassem um lugar de elevada posição, descobri um cujo nome na terra fora Wilberforce, mas que tem nesta esfera da filantropia um lugar elevado e distinto definido pelo benefício dos demais pela elevação dos espíritos na prisão e o resgate dos seres humanos da sua escravidão material. Não preciso dizer que a maior e melhor de todas as nações, cujo traço particular e distinto de carácter era o da assistência àqueles que se encontravam em sofrimento, eu descobri nesse corpo ametista. Parecia feito de lágrimas e simpatia, e adornado de uma tal graça subtil e elementos de sabedoria que, quem quer que fosse enviado como mensageiro do centro dessa luz carregava consigo a simpatia alada e a atenção do sentimento por aqueles que estavam em sofrimento.

Encontrei aí mulheres afectuosas, cujos olhos tinham enfraquecido com o delírio da febre na terra, por causa da assistência que elas prestavam ao sofrimento humano em hospitais e campos de batalha, que iam para essa esfera da chama ametista para residir ainda como espíritos auxiliares aos esmagados e abatidos no campo de batalha da vida. Contemplei todos aqueles que, com encanto e poder no coração, tinham posto de parte o egoísmo e procurado resolver o grande problema do sofrimento humano; e podia ver até onde, à distância a luz atenuada misturada com uma glória maior, e parecia existir um alvor como se fosse o Filho do Homem a iluminar o esplendor e a tornar aquilo completamente visível com a glória da sua presença.

O meu guia levou-me então a um outro estágio cuja chama luminosa se assemelhava ao mais refinado fio de ouro, e onde parecia reinar o pensamento mais puro e mais claro. Pude prontamente ver, pelas indicações previamente recebidas, que esta era a esfera do conhecimento e do pensamento e ciência puras. Encontrei aí o meu amigo, o Professor Mapes a um dos portais externos a

desfrutar-se no esplendor do pensamento claro e a resolver um problema qualquer que sem dúvida ele lhes poderá comunicar; mas descobri igualmente que o conhecimento típico da vida não era tornado norma nesta esfera de pensamento puramente dourado, mas que todas as aparências de que a ciência tinha pedido emprestadas as suas deduções são governadas por outras leis interiores que lhes serão melhor explicadas por um mestre em filosofia do que por um que tenha somente envolvido por natureza, mas que sinta maior interesse pelas condições da vida humana.

Através dessa esfera passamos para um outro portal, cuja luz se assemelhava à que rodeava o meu guia - uma atmosfera cristalina prateada semelhante a geada, que ele me informou tratar-se da atmosfera da filosofia pura. Confesso que senti a mesma sensação lancinante, como se toda a qualidade da mente estivesse a ser submetida à mais minuciosa busca da parte de algum ser ou seres a quem eu não conseguia ver. Senti que o meu intelecto era débil e as minhas deduções fracas, que o meu poder e razão de argumento equivalia a nada, que todos os meus pensamentos eram em si mesmos imperfeitos e fragmentados, e que eu quase parecia um pedinte em andrajos, em meio àquilo que me pareceu a mim perfeito.

Encontrei aí os mestres em filosofia, todos aqueles cujas mentes tinham lapidado, com a lâmina afiada de dois gumes o objetivo da vida material, atacando o equilíbrio existente entre o espírito e a matéria.

Encontrei, como disse, que o meu guia pertencia a esta esfera; aí encontrava-se igualmente Locke, o mestre em metafísica. Encontrei igualmente muitos dos filósofos das escolas Alemãs; encontrei o antigo Sócrates e Platão reflectidos na elevada atmosfera acima da minha cabeça. Encontrei todos quantos se tinham atrevido a tomar o meio-termo entre a revelação absoluta e a ciência material e criado um sistema de filosofia sublime, e o resultado de ambos era representado nessa esfera cristalina. Próximo à entrada mais exterior encontrei o meu amigo Mapes, que pertence a essa esfera, mas achei que aí não me sentia em casa, embora me pudesse sentar-me nos portais e cultivar a sabedoria deles.

Fui conduzido a uma outra iminência, e aqui parecia haver uma assembleia de uma mistura de tons e cores a representar todos os matizes que eu tinha visto na vida espiritual, mas igualmente variados na ordem e harmonia como nunca tinha visto - o puro alvor da distância parecia uma cúpula a coroar todos os outros níveis; mas ao me aproximar mais descobri tratar-se de um concelho de inteligências espirituais tido num ambiente fora da terra e próximo a um dos planetas mais velhos cuja atmosfera de sabedoria parecia aquilo em que os espíritos que constituíam esse concelho se moviam. Descobri tratar-se de uma convocatória daqueles que se reuniam em certos períodos a fim de discutir as medidas benéficas destinadas ao bem-estar do homem, e que nenhuma medida passava em qualquer governo humano, que tenha por tendência a melhoria de qualquer estado

existencial humano, que não fique a dever a essa sábia assembleia de conselheiros a sua existência.

O mais antigo dos legisladores, informou-me o meu guia, era o génio que presidia à convocatória - o mais antigo dos presentes registos da civilização. Pertenceu ao Egipto e representou o Adão da raça atual; porém, não propriamente o começo da vida humana na terra. Vi aí cada nome típico - ou antes, poderia dizer mais corretamente, poder, pois nós não conhecemos os espíritos pelo nome mas apenas pelo poder - que tinham dispensado a lei às nações da terra. Confúcio encontra-se na sua esfera, Zoroastro na sua, o antigo Licurgo de Esparta, a cintilar como uma luz branca através das trevas, assim como Sólon, o sábio, o legislador dos Atenienses realizou ali um foro solene enquanto eles discursavam com base nas medidas do governo humano. Encontrei igualmente filósofos e poetas, sábios e reis, cada qual na sua própria atmosfera de sabedoria ou de luz, concentrados em assuntos que conferem avanço e grandeza à humanidade. Moisés, que feriu a rocha no deserto, enquanto preservava as tábuas sagradas do céu para poder derramar sobre o mundo os mandatos das mais elevadas nobres leis. Contemplei todos quantos tinham tomado parte nas disputas da Grécia e de Roma; o orgulho de Atenas e a glória do Império de Roma empossados num conclave solene e inteligente, a meditar no bem e a debater os problemas que darão à luz às grandes gerações do tempo.

Os planetas são influenciados por eles, os povos são governados por eles, a terra, que à semelhança de um pequeno ponto, naquele momento parecia pairar ao longe; e aquelas mentes gigantescas, cada uma das quais parecia capaz de afundar o mundo com o pensamento meditava e discursava sobre as questões adaptadas aos governos humanos. E escutei aquilo que a língua não consegue descrever-lhes na atmosfera externa ao tempo e à perceção, mas que se o mundo durar - e de certeza que irá durar - deverá por fim, através de diversas vias e múltiplas mudanças de governo humano, ser forjado e cristalizado na forma perfeita. Pensei em todos os esgotantes dias e noites de labuta da terra, onde com complexos códigos humanos e volumes de comentários eu pesquisei com olhar atento a questão da justiça humana, e disse:

"Ah, um raio desta esfera divina que golpeie as nações da terra e afaste a forma externa e a substitua pelo código puro da vida humana e da justiça humana. "

E enquanto eu pensava isso, ecoou uma voz pelo corredor em que me encontrava, a dizer: "Assim será. Aqueles que criaram as leis humanas receberam-nas de concelhos primordiais de justiça, e não obstante se encontrarem pervertidos pela corrente turva da vida humana, ou ambição, ou derramamento de sangue, tempo virá em que até mesmo a lei mais antiga, que é a lei da justiça, será retomada, quando mesmo a mais antiga fé, que é a fé comum do homem no seu irmão, será restaurada, e em que mesmo a mais antiga forma de governo, que é o governo de

justiça e sabedoria, sem o complexo mecanismo de tudo quanto agora constitui a lei, deverá ser estabelecida no altar da humanidade, e as nações todas adorarão. "

E o meu amigo que se senta na cadeira poderá testemunhar da presente tendência das nações da terra é a de que um raio de luz desse mesmo concelho que eu visitei sempre raie sobre as nações. Virão a existir códigos de justiça uniformes, leis internacionais em que será impossível uma nação violar os direitos ou privilégios de outra. Virá a existir uma competência que removerá a pesada e contraditória maquinaria da presente jurisprudência humana, e as superiores e simples regras como as de Licurgo ou Sólon serão restauradas ou adaptadas aos usos humanos, e desse modo influenciar os governos da terra. Eles hão de regressar à inspiração original e antiga. As leis sábias de Moisés serão retomadas e não superadas por nenhuma outra lei exceto as do manso Nazareno, e não mais assistirão às intermináveis discussões e quezílias das lutas e da opinião humanos, mas a decisão final do pensamento humano, que com maior poder do que com a espada e uma maior eficácia do que a da legislação, deverá submeter e influenciar a humanidade pela voz da sabedoria unificada.

Eu percebi que esse era o tema dos concelhos quando estive presente, e vi com visão de profecia que a nova luz que chega à humanidade para desenvolver a natureza espiritual e revelar os atributos superiores tornará possível que as cortes de justiça, a legislação humana e todo objetivo de governo, quer seja executivo ou legislativo, sejam governados por esses mesmos poderes. Vi onde Washington, sob o impulso da verdadeira liberdade recusou ser rei; vi onde a Inglaterra recebeu o seu orgulho e glória - glória essa que ainda não se eclipsou por causa daquela luz daquele fulgor firme da liberdade humana que raia qual gloriosa manhã sobre o mundo.

Observei nesses concelhos os estadistas que, na juventude da vida terrena, eu reverenciara com uma reverência que chegava a ser adoração, ali sentados à guisa de alunos, para poderem arrancar desses concelhos solenes aquela palavra de sabedoria que levaria a que o tumulto da guerra da terra terminasse, e eu digo que a Inglaterra se destaca por um passo dado durante os últimos meses que representará um precedente e uma profecia desse tempo que vira, em que todas as questões que interessarão à humanidade, serão decididas pela humanidade - quando a guerra e a contenda fundadas em questões de honra nacional não mais terão lugar, e o arbítrio dos sábios e justos concelhos da terra tomarão o lugar do pavor do arbítrio da espada.

Creio que o concelho (Convenção) de Genebra foi o precursor dessa época; creio que a cura pacífica da ferida internacional seja a profecia e a realização da alvorada desse dia. Acredito que a simplicidade e a seriedade com que todas as mentes que estão determinadas a resolver os problemas que afectam a sociedade humana e o governo serão auxiliadas e inspiradas por esses sábios concelhos, e se Deus quiser,

ajudarei todos quantos, como o meu amigo aqui, esperem por esse dia como a realização do mais elevado tipo de governo humano. Se Deus quiser eu farei do trabalho de levar por diante um trabalho muito querido para mim na terra tarefa minha, em que poderemos ver as nações da terra unidas no compromisso de honra e justiça mútuas em que mais ninguém à excepção do rufião, o canalha e o pirata se poderão atrever a empunhar a espada contra a vida humana. Reis nos seus tronos, governos nos seus lugares, todos a obedecer à lei superior da humanidade que reina suprema na terra, nos estados intermediários e nos supremos concelhos onde acredito que o Príncipe da Paz habita e espera coroar e ungir o seu sucessor na terra - a Humanidade.

JUIZ JOHN WORTH EDMONDS

EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU PELA ALTURA DA MUDANÇA CHAMADA MORTE E NO INGRESSO NA VIDA DO ESPÍRITO

O Juiz Edmonds discursou diante de uma vasta plateia, em Londres, por intermédio da Sra. Tappan (Cora Richmond) a 17 de Maio de 1874.

UMA MENSAGEM PROVENIENTE DO JUIZ EDMONDS

Citamos o seguinte do Religious-Philosophycal Journal (Chicago). Na medida em que se o publica ver-se-á que está em verdadeira harmonia com a declaração mais longa do juiz através da Sra. Tappan, cujo relato começa se publica aqui.

(Do New York Sun, 10 de Abril de 1874)
NOTÍCIAS DO JUIZ EDMONDS

Às 10 horas da manhã de ontem, um repórter do Sun visitou uma das mais notáveis médiuns desta cidade para saber se o juiz Edmonds estava pronto para falar com os seus amigos. A médium conduziu o repórter a uma sala de extensão nos fundos dos espaçosos salões e disse que os espíritos geralmente não eram capazes de se comunicar tão logo após desencarnarem. Ele retirou a cobertura da mesa, e deixou apenas duas lousas sobre ela; e o repórter e a médium sentaram-se em lados opostos, tendo a médium pedido ao repórter para espreitar por baixo para ver se não havia nada além de uma mesa comum e se as lousas não tinham nada escrito. O repórter, obedecendo às instruções, viu uma mesa comum de nogueira preta; só isso e nada mais: viu que nada estava escrito nas lousas; pôs a mão espalmada sobre a mesa e, quando a médium fez o mesmo, cobrindo quase os dedos do repórter, ouviram-se instantaneamente pequenas batidas, regulares e débeis, como o tique-taque de um relógio.

Então eles foram-se tornando mais altas e foram ouvidas em diversas partes da mesa e contra a cadeira do repórter. A mesa balançou. Quando a mesa parou, as

lousas sobre ela sofreram sacudidelas para cima e para baixo. Uma cadeira gótica, fortemente estofada, deslizou violentamente para dentro da sala e voltou para onde viera. Em seguida, aproximou-se rapidamente da mesa, posicionando-se do lado oposto ao repórter. A dupla ardósia dobrada por dobradiças, com um pedaço de pedra-sabão encerrada, deslizou rapidamente para o lado da mesa junto à referida cadeira. Então, foi ouvido o ruído de uma escrita rápida durante vários minutos. Quando cessou, a lousa dupla deslizou para o lado, foram ouvidas batidas sob as quatro mãos ainda estendidas; o médium abriu as lousas dobradas; elas estavam cobertas de linhas bem escritas, e o repórter leu o seguinte:

"Aos meus amigos: Finalmente o meu espírito está livre da escória e do barro, e agora a minha alegria é perfeita; pois agora entrei no portão dourado que vira entreaberto. A recepção que tive na nova vida foi grandiosa e impressionante. A primeira que me acolheu foi a minha querida e fiel esposa, que havia sido uma estrela cintilante na minha vida terrena; e agora a sua doce e amável influência dá-me forças para voltar e dar aos meus amigos o ramo de oliveira da vida eterna, para provar que alcancei as margens sempre verdes dessa vida eterna. Também reencontrei os meus velhos amigos que partiram antes de mim. Levei algum tempo até que conseguir entender a mudança que sofri. Pois antes de deixar a terra, eu sonhara com a terra dos espíritos e contava encontrar-me ainda num sonho. Mas eu vejo que é um longo sonho que se torna realidade. Se todos vocês pudessem conhecer e sentir as bênçãos desta bela verdade, dedicar-lhe-iam mais tempo e menos tempo ao abuso de outros que acreditam na sua bondade. Muitas vezes vou estar ao lado dos meus amigos; mas somente em espírito eles me verão; não obstante, tentarei trazer-vos toda a alegria, até que a tristeza e o sofrimento não existam mais. Não posso, agora dizer mais. Agradeço aos meus amigos a sua última homenagem aos meus restos mortais. Sou sempre um amigo de todos. J. W. Edmonds. "

DISCURSO

Amigos da divisão entre os dois mundos, saúdo-os esta noite. Em qualquer altura dos últimos vinte anos eu teria considerado o dia de maior orgulho da minha vida encontrar-me diante da audiência aqui presente a discursar com respeito ao mundo espiritual. Hoje, por intermédio de uma forma emprestada e uma maneira indesejada eu venho com saudações de ambos os mundos. Eu devo-lhes uma explicação por poucas palavras do modo da minha elocução desta noite. Quando um organista se senta junto ao instrumento a tocar, ele está um tanto habituado a estudá-lo; com as interrupções, as pausas, os diversos métodos da construção através do instrumento ele pode não estar familiarizado pelo que ele precisará limitar o seu poder à capacidade do instrumento. É um tanto na mesma condição que me apresento diante de vós. Felizmente, o instrumento que emprego encontra-se em sintonia com as expressões dos espíritos, e aquilo que perco de vigor poderei ganhar em graça de estilo e espiritualidade. Tenham paciência se não me

conseguirem reconhecer nesta forma, mas fiquem certos de que as ideias são minhas; mas por meio da amável ajuda daqueles guias que a instruíram e treinaram para estes pronunciamentos, eu sou habilitado a narrar-lhes uma história do maior triunfo da minha vida - o triunfo que obtive sobre a morte.

Alguns de vós estareis familiarizados com a história da experiência que tive no Espiritualismo, e talvez com um pouco da história da minha vida. Não reconheço senão uns quantos rostos aqui, que tenha conhecido antes. Há alguns, e um deles, venerável na causa do Espiritualismo que eu reconheço; saúdo-o, pois. O meu corpo terreno foi posto de parte; porém, o meu espírito, com renovada atividade, e com todas as faculdades plenas e completas como quando me encontrei no vosso seio, encontra-se aqui esta noite. Sinto-me repleto unicamente do fogo e fervor da minha recém-descoberta existência. Posso dizer que passei a mudança chamada morte sem uma só dor de sofrimento. O meu corpo, é verdade, encontrava-se debilitado. É verdade que tinha vindo a sofrer há uns anos da debilidade e de falta de forças; mas é igualmente verdade que, por meio de uma série de instruções e por meio de uma interligação constante com amigos familiares que se encontravam na vida do espírito, eu cheguei a saber que a morte não devia ser temida.

Nesse instante final da minha vida e durante as poucas semanas que precederam a partida da minha existência terrena, eu estive sempre consciente da presença de auxílio da parte de um espírito amável - daquela que tinha sido minha companheira do princípio da minha vida - aquela cuja morte me levara a ansiar por saber para que região do espírito o que parte pode ir, e a única que, durante todos os anos em que busquei o conhecimento, foi a minha guia constante e auxiliar. Ela acolheu-me; acalmou-me os últimos momentos e mostrou-me o caminho para a existência espiritual. Por meio da sua bondosa ajuda ou bani todo pensamento de medo da morte e saudei com exultação a hora que nos haveria de reunir no espírito

Disse que passei dessa vida sem uma dor; não tinha nem sequer consciência do sofrimento; mas o meu corpo afundou num doce repouso sobre o qual o meu espírito, já libertado, permaneceu e contemplou como vós haveríeis de ficar a olhar uma veste gasta. Não tinha consciência de perda alguma de um instante sequer, de tempo; a minha mente não sofreu qualquer torpor. Não tive consciência nem sequer do mais breve intervalo da perda de controlo de todas as faculdades. Eu sabia que estava para falecer. Também tive consciência a todo instante de que o meu espírito perdia o controlo do corpo físico. Reentrei nessa morada por intervalos para olhar ao redor, coo vós fazeis numa habitação que estais para abandonar, para ver como os meus entes amados que se encontravam junto a mim estavam a aguentar - a ver se teriam medo da nova vida na qual eu estava para entrar - a ver se o suportariam tão bem quanto deviam depois de longos anos de instrução que tivéramos juntos.

Houve oração e força de espírito, e uma adorável gentileza; também houve, é verdade, uma relutância persistente emboscada por abrir mão da forma física do espírito prestes a partir - aquela saudade sincera por se agarrar à forma vital do querido e amado amigo. Eu admoestei os meus filhos para não prantearem; preveni-os da mudança que sabemos terá que chegar; e adverti-os, em nome do fulgor da verdade que nos tinha sido revelada, que devemos saber que a morte tinha perdido o seu terror.

Afirmo que não só não conheci intervalo algum de sono ou de perda de consciência como pulei para a minha recém-descoberta existência como haveríamos de saltar das amarras que nos tivessem aprisionado durante anos. Tinha-me sentido agrilhoado e algemado nos últimos anos da minha vida pelo sofrimento físico.

Sentira-me um tanto amarrado e preso pelas correntes da carne que se tornaram demais para serem suportadas. Pulei encantado como alguém saltaria para um par dourado, como alguém haveria de se lançar na atmosfera após ter estado emparedado numa prisão. Senti a minha jovialidade, força, vigor - tudo quanto tinha sido meu retornava. Senti-me individualmente mais do que isso: que a despeito de todas as experiência que tivera na vida espiritual, não obstante as visões, a comunhão e as visitas que tinham acontecido entre mim e os espíritos dos que tinham partido, que eu nunca chegara verdadeiramente a conhecer a natureza da minha existência espiritual até que o elo final que me unia à terra fosse rompido. Mas para meu total espanto contemplei a forma completamente renovada como a forma da juventude e do vigor.

Vi os amigos - todos os amigos que tinha conhecido e com quem me acostumara a conversar como amigos - cada um deles viçoso, cada um deles mais sábio com a experiência cumulada da vida espiritual. Pela primeira vez senti o poder consciente da expressão espiritual - não como uma voz nem um som, uma palavra, mas como comunhão da alma. Todo pensamento se tornava palpável e toda expressão tornada clara àqueles que se encontravam ao meu redor. Discursamos sobre o corpo que eu tinha posto de lado, como vós discursais sobre qualquer coisa externa. Era agora apontado e referido como um espírito na total posse das faculdades espirituais, ao passo que antes tinha estado um tanto cego pela consciência persistente dos sentidos que tinham sido deixados ficar a traz de mim no meu corpo físico.

O primeiro pensamento que me acudiu foi: "Poderei falar à minha filha? " Não podia; quer dizer, não podia fazer som nenhum audível, mas podia incutir de forma palpável e perceptível nas mentes deles e a minha filha mais nova teve consciência da minha presença, muito embora estivesse consciente de que o corpo tinha perecido e compreendido que a centelha de vida se tinha desvanecido.

O sentido espiritual que me chegou, ou consciência espiritual, foi a de movimento. Nas visões que tinha tido, alguns de vocês lembrar-se-ão, vi-me a mim próprio

transportado de um lugar na vida espiritual para outro, pelo que me parecera ser cavalos, ou o modo habitual de locomoção. Agora senti o novo poder encontrado, ou sentido espiritual de locomoção. A minha companheira disse-me: "Vamos agora visitar o nosso lar espiritual. " Eu procurei ao redor alguma forma de transporte quando, para meu assombro, assim que o desejo se apoderou da minha mente, dei por mim a cavalgar, primeiro devagar, porém, à medida que a minha vontade aumentava, com maior rapidez, e por fim com tal rapidez que, se tivesse havido qualquer objeto a interferir eu não os teria visto.

O voo pareceu-me instantâneo; parecemos cruzar um vasto intervalo de espaço. Por vezes penso se os mundos não estarão a passar por nós; por vezes pensava que consigo ouvir o som distinto dos planetas nas suas esferas; outras vezes julgava escutar o som de mésica afastada. Mas agora encontrávamo-nos num vestíbulo onde uma atmosfera iluminada de luz e sombra misturadas parecia prevalecer.

Esse vestíbulo, foi-me dito, marcava a entrada entre a atmosfera espiritual e a material, e eu estava agora prestes a entrar na terra real do espírito. Eu tinha aí estado antes, nas visões que tivera; mas percebi que que enquanto antes tinha visto espiritualmente com a ajuda de outros, agora via com as minhas próprias faculdades; e as lentes diferiam bastante das lentes que tinha tomado emprestadas das visitas anteriores. Agora descobria novas belezas a cada passo ou em cada ponto que alcançávamos. Descobri que a minha visão espiritual se encontrava não só acelerada para os objetos ao redor como na verdade via a alma desses mesmos objetos; que cada forma, apesar de aparentemente tangível como aquelas paredes, eram na realidade transparentes; e que uma corrente vital inundava cada objeto que eu contemplava.

A seguir indaguei com respeito à natureza das estruturas Essa forma de vestíbulo em que eu entrara era mais uma passagem massiva ou templo do que qualquer outra coisa que eu consiga retratar. Combinava formas de graciosidade com vários tons e graus de cor, tão distintamente misturadas e tão harmoniosamente em acordo que eu só conseguia acreditar ser uma forma vital. A minha companheira ao perceber o meu desejo disse: “É bem verdade que esta substância difere de qualquer coisa que conheçam na terra; porque enquanto parece ser feita de pedaços de mármore e de pedras preciosas, não é outra coisa que o pensamento vitalizado, a atmosfera viva do reino em que tu entraste; e cada alma que aqui passa deixa algo ou contribui com algo para a beleza desta entrada. ” Pude então perceber ao meu redor uma atmosfera de um alvor imaculado como neve e azulada, com um halo de um santo.

Essa atmosfera azulada adquiriu forma e contornos ao meu redor, e instantaneamente surgiu uma arcada por meio da qual eu passei. Olhei para trás e essa arcada foi deixada para sinalizar que uma outra alma tinha entrado nesta terra. Entretanto, todos esses arcos, e as formas que os adornavam, e todas as imagens tratadas pareciam adquirir voz, e uma harmonia distinta de acolhimento

saudou o meu espírito. Não se assemelhava a nenhuma música que tivesse alguma vez escutado; assemelhava-se ao som de um acorde; parecia-se mais com a harmonia misturada do pensamento perfeito, que se pode escutar no espírito, mas não podemos nunca ouvir com o sentido terreno.

Avançamos, eu e a minha companheira somente; porquanto todos os outros espíritos que eu tinha visto se encontravam agora invisíveis. Passamos em frente. Entretanto abriu-se diante da minha visão uma terra vasta e maravilhosa. De cada lado majestosas correntes de montanha corriam por entre os vales e belas cascatas dançavam pelas vertentes da montanha. Lembro-me disso como a entrada para a nossa morada do espírito. Passamos velozmente e em silêncio, e sem quaisquer meios externos de locomoção diretos entre duas cadeias de montanha até entrarmos numa planície aberta. Aí se encontrava o ponto selecionado da nossa morada espiritual. Ao entrarmos pela passagem estreita, não mais larga que a entrada de um simples cômodo, notei muitos dispositivos peculiares, e figuras turvas a perscrutar do que pareciam rochas sólidas.

Reparei que esses dispositivos possuíam formas e rostos similares e que se apreciam com palavras e pensamentos e coisas eu são palpáveis para a mente. Podia ver cada um dos pensamentos e cada um dos feitos que fizera na minha vida. Alguns eram sombrios; contudo, outros achavam-se repletos de formas mais agradáveis; outros eram o que eu de bom grado tinha esquecido - características de aspereza e discórdia; outras em sintonia com desprezo e raiva; mas eu percebi à medida que avançava que prevaleciam mais rostos e figuras amáveis, e que à medida que realmente entrava no espaço aberto, após me ter tornado num espírito vivo, não via mais formas senão as do amor e da simpatia, e outros sons senão de deleite.

Aqui pareci estar mergulhado numa corrente de que cada gota de cada glóbulo era tão palpável e distinto quanto as pérolas separadas no colar de uma senhora. Cada um desses glóbulos parecia conter algum pensamento carinhoso ou alguma essência palpável; mas à medida que eu mergulhava nessa corrente a minha forma foi picada por cada gota individual embora cada uma delas me retirasse alguma possível mancha de matéria. Quanto mais me demorava na corrente, mais fácil se tornava sustentá-la. Primeiro parecia queimar e morder como fogo, mas depois foi ficando cada vez mais delicioso até eu perceber que cada glóbulo me falava e representava alguma verdade da minha mente. Por fim, quando eu sai do outro lado, fui recebido com um sorriso da parte da minha companheira, que me disse: “Isso retira de ti as últimas manchas do teu corpo terreno, mas não os últimos efeitos de todas as tuas faltas terrenas. ”

Eu conseguia perceber ter consciência de alguma diferença existente entre ela e eu; que eu não tinha entrado total e inteiramente no seu estado, mas desde que me banhara nesse belo rio podia perceber ter adquirido mais conhecimento e mais

sabedoria, e que as minhas imperfeições gradualmente me deixavam. A seguir ela conduziu-me a um magnífico pavilhão que de cada lado se achava adornado de flores que não tinham nome na terra. Não são formas nem feitios como as que estais acostumados a ver, mas os seus aromas compõem música no ouvido, e a sua própria forma e cores representam um pensamento qualquer, ou oração, ou aspiração. Ela conduziu-me ainda mais perto da entrada da morada. Eu podia distinguir a forma e os contornos e podia retratar-lhes as suas paredes e entrada; mas não os deterei com isso para além de lhes dizer que em todas as imagens que vi da sua formação, podia divisar os atributos daquela com quem me encontrava.

Podia ver que tinha sido adornado com os pensamentos habituais que tinham sido dela aqui e na vida espiritual. Toda oração e ato e aspiração à bondade, toda caridade amável, tinham tomado forma nesta morada. Podia igualmente ver os meus próprios pensamentos entrelaçados nela; os pensamentos de bondade, de oração e de aspiração que eu tinha formado, e os atos de que me tinha esquecido havia tempo ali encadeados à minha frente, não o formato de pilares nem de estátuas e coisas assim, mas vivo e belos. Podia até mesmo ver os pensamentos e as orações e aspirações da minha vida todos ali todos ordenados em linha diante de mim, mas não as minhas imperfeições, e disse logo: "Como poderá ser isto? que na nossa morada eu contemple os pensamentos do bem mas não as minhas imperfeições? " Num instante me chegou o pensamento dela em reposta: "Não pode existir imperfeição na morada dos nossos espíritos. Tu viste-as ao longo do teu caminho; mas só aquilo que é perfeito pode assomar uma forma derradeira na morada viva do espírito perfeito. "

Então vi o quão imperfeito eu era; e a cena da minha indignidade subjugou-me de tal modo que eu me teria afastado dessas regiões encantadoras. Mas ela pediu-me para não vacilar nem recear já que todo pensamento e mácula de materialidade pelos meus próprios esforços haveriam de ser superados. - "Ainda não, " disse ela "estás plenamente preparado para aqui morares constantemente; mas este é o teu lar, e pelo esforço e pela oração, pelo conhecimento diário e de hora a hora descobrirás que por fim serás capaz de permaneceres aqui nesta morada do espírito livre e contente e consciente. "

Então, pela primeira vez senti-me cansado. O esplendor da nova morada, o encanto do espírito, a consciência de me encontrar livre do sofrimento, tudo isso me subjugou e eu não fui logo capaz de compreender que era realmente um espírito e que não deveria mais voltar ao meu corpo. Ela conduziu-me a uma alcova separada do resto da habitação por meio do que pareceu ser uma treliça de vinhas e de flores. Eu segui-a rumo a isso e aí repousei não sei quanto tempo; mas quando despertei pareceu-me que as minhas faculdades espirituais se tinham renovado e que a primeira glória agradável do espírito que me tinha subjugado me deixara mais forte, e eu disse-lhe a ela que se encontrava sempre a meu lado: "Agora estou pronto; mostra-me mais desta bela vida. "

Instantaneamente, não logo lentamente, e com aparente relutância, mas instantaneamente o nosso caminho abriu-se e eu vi diante de mim, à distância, é verdade, mas ainda assim clara e distintamente diante de mim, uma multidão de espíritos. A aproximar-se vinham aqueles com quem tinha tido maior intimidade e familiaridade na terra. Um dos primeiros espíritos que me saudou dessa assembleia, que se adiantou como que com pressa e rapidez para dar a entender a sua aproximação, era o meu amigo Horace Greeley, o último editor do New Iorque Tribune, e por vezes um investigador do Espiritualismo, porém nunca um Espiritualista manifesto. Ele disse: "Apressei-me a cumprimentá-lo e a desfazer uma injustiça que tem anos. " Eu disse: "Porquê? " "Por, " disse-me ele, "eu ter subestimado o testemunho que me deu sobre a questão desta nova vida, que descubro ser mais do que concreta. Encontro-me agora em paz depois de ter feito esta confissão. " Eu sempre lhe dissera que ele pouco sabia da realidade da vida espiritual, e quando nos reunimos em círculos a investigar juntos, ele votara a sua atenção pata a busca de reformas políticas, enquanto eu o fazia em função do conhecimento espiritual. Fiquei encantado com aquela confissão; pareceu acalmar-me e fortalecer-me.

A seguir encontrei o Professor Mapes, o meu velho e estimado amigo e assistente na investigação espiritual. "Ah! " disse-me ele, "não fazia ideia dos poderes do espírito uma vez separado da matéria quando na terra; mas vejo agora que todas as suas visões eram mais do que verídicas. " Aí não preciso enumerar-lhes todos quantos me vieram ao encontro, uns atrás dos outros neste mundo resplandecente saudar-me e dar-me as boas-vindas. Foi como se eles estivessem reunidos em concurso para cumprimentarem o espírito acolhido; mas não tinha sido com esse propósito que se tinham reunido. Encontravam-se reunidos ali por terem o hábito de discursarem e inquirirem sobre temas concernentes à existência espiritual.

Pareciam organizados em grupos; cada grupo detentor de uma mente central. No centro de um vi Franklin, que parecia apontar para os ouvintes dele, ou àqueles que o assistiam, algum experimento elemental que ele desejava que eles seguissem, com respeito às presentes manifestações na terra. Ele possui uma mente líder em todas as questões de ciência. A ciência das manifestações eléctricas tem sido, desde que entrou na vida espiritual, o tema especial das suas investigações - esse e outras forças aliadas. Mas posso-lhes dizer que as suas descobertas são conhecidas como manifestações físicas, isso forma o seu estudo e a busca que empreende dos seus temas favoritos, que ele, com a ajuda daqueles que se encontram na mesma esfera, está a resolver o problema das vibrações físicas, dos movimentos físicos, dos ruídos físicos, das aparições físicas através de médiuns na terra; que ele é o centro desse grupo especial de espíritos que recebem dele instruções, que eles por sua vez transmitem a outros espíritos; e esses outros espíritos encontram-se dispersas presentemente por toda a terra, a fazer demonstrações e a revelar aos mortais a verdade do poder que o espírito tem sobre a matéria.

Não é necessário, nem tampouco disponho eu de tempo, para me estender acerca dos aspetos e lugares particulares nessas manifestações que os relacionam e ligam à sua mente particular. Mas todos vós havereis de reconhecer esse facto, que as manifestações físicas ocorrem por ondas; que têm início num determinado ponto, e que então passam sobre a terra quais ondas do mar, até que por fim as nações mais distanciadas da terra recebam algo desses poderes. A presente onda que está a atravessar a Inglaterra - aquela de forma e aparição visível - ocorreu na América, onde as primeiras aparições ocorreram. Ela chegou aqui; e atingirá as nações distanciadas; e por fim, será seguida por uma outra onda que ainda não teve início. Assim, isso torna-se não só um sistema de ética, mas um grande esquema de descobertas científicas; o que significa que no mundo espiritual estão muito mais determinados, lamento dizer, do que a maioria das mentes científicas que se encontram na terra, na busca e descoberta desses novos poderes.

Eu vi um outro centro e um outro instrutor, cujo vigor e tempo pareciam ser devotados à forma das manifestações mentais e manifestações de inspiração. Também ele era instruído, e mostrava ciência e poder; refiro-me a Mesmer, cuja descoberta dos princípios do Mesmerismo constituiu uma época na história da ciência. Também ele agora está a contribuir para a ciência do controlo do espírito. Também ele possui os seus pupilos e assistentes; eles movem-se por sobre a terra em harmonia uns com os outros, a inspirar médiuns, a contribuir para o seu desenvolvimento, e a assistir a grupos de espíritos que se amontoam ao seu redor, num esforço por poderem enviar uma mensagem aos seus amigos. Vi reunidos ao redor deles por toda a parte, cada qual atraído para o centro, essas multidões de espíritos que, á semelhança de crianças, estudavam o alfabeto dessa descoberta recente, porque poderão visitar as vossas lareiras e, seja por pancadas, seja pela inspiração ou por algum outro método desconhecido de vós, revelar-lhes a sua presença; os vossos amigos, os amigos de milhares e de centenas de milhares na terra, que se voluntariaram para se reunir a essas sociedades de instrução na vida espiritual, como vós vos juntais às aulas de instrução de telegrafia, ou de qualquer outro sistema de comunicação por meio da qual possais chegar aos vossos amigos; reunidos à espera pelo próprio poder que move agora a terra, e revelar a presença de espíritos entre os mortais.

Um outro grupo mais elevado discutia intensamente a história das nações, e entre as suas mentes pude distintamente descortinar os rostos e formas dos estadistas que tinham partido; um grupo especial tinham o seu centro em Washington; outros em Napoleão e em César, que tendo superado a sua sede de sangue, estão agora ansiosos apenas pelo bem-estar e prosperidade das nações. Eu posso vê-los, com os seus rostos resplandecentes, a instruir vastas multidões de espíritos, que, por seu turno, estão dispostos a passar para os corpos legislativos das nações, tal como o grande impulso de liberdade mobilizou o Congresso dos Estados Unidos. Aí posso ver o saudoso Lincoln, cujo espírito ressuscitou por causa do amor que tinha pela

liberdade; mas por entre a esplendorosa e radiante multidão se via ainda grandes medidas de melhoramento humano. Vejo lá o falecido e saudoso Charles Sumner, que ascendeu para o seu nova herança, e aí, como aqui, debate a liberdade do escravo.

Vi muitos outros nomes que não posso agora revelar-lhes, mas cujos rostos me foram familiares, e cuja consciência e pensamento só pude perceber encontrar-se muito além das minhas faculdades recentemente descobertas. Mas é-me dito que à medida que me for familiarizando mais com estas cenas, e que à medida que efectivamente me for tornando conhecido por entre aqueles que se sentam aos pés da sabedoria corporificada das eras, que também eu deverei prosseguir com um trabalho para que fui mais do que fraco para conseguir mais do que um começo enquanto aqui estive - fraco por causa da débil organização e das faculdades limitadas do senso humano, porém, sincero como todos vós sabeis. Sinto que o meu trabalho está agora justamente a começar; sinto que este é com efeito o meu trabalho, e que todos os meus esforços e ideias de reunir conhecimento será para transmitir esse conhecimento àqueles que se encontram escravos das trevas.

Afirmo que com todo o concurso esplendoroso de espíritos que tenho diante de mim, só podia sentir o quão maravilhoso e perfeito e divino é aquele grande dom da inteligência que é dado a toda a alma que sobrevive e resiste à corrosiva influência do tempo, e toma o seu lugar na sua própria esfera do espírito quando o tempo e a carne entrarem em decadência. "Ah, se os olhos dos mortais que eu acabei de deixar - se pudessem ver como eu vejo, se pudessem conhecer o que eu agora conheço! Que grandiosas bênçãos não poderiam recair sobre a humanidade, muito maiores do que este perpétuo medo da morte - este terror que se gera qual pesadelo sobre as eras - será afastado, e encontrar-se-ão face a face com a vida e a imortalidade. "

Mas nem tudo é um mar de rosas, aqui. Uma vez mais, eu senti as minhas imperfeições, mas na presença dessa ideia senti-me conturbado e enfraquecido em espírito; com todo o acolhimento de que fui alvo, não pude deixar de sentir: "Quão pequeno ainda sou! " Em meio àquele conhecimento e àquela sabedoria acumulada das eras quão envergonhado não me senti como uma criança, e senti a minha própria nudez do espírito. Mas aí vieram ao meu encontro, de algum lugar que eu não tinha antes descoberto, formas que se ajoelharam diante de mim, cada qual a depositar uma flor a meus pés e a dizer: "Foi o primeiro a falar-me da vida espiritual; foi o primeiro de quem recebi conhecimento na terra sobre a existência espiritual. "

Com as suas flores também veio incenso, cânticos de louvor e orações; e eu senti-me fortalecido, e o meu espírito pareceu absorver em si essas oferendas, até a minha forma se tornar mais forte, e eu me sentir encantado por os ter ajudado.

Senti-me coberto pelas suas oferendas de amor; e eles disseram-me: "Vocês fez isto

por nós; revelou-nos, antes de passarmos da terra o nosso estado de existência futuro, e agora trazemos-lhe estas oferendas. " Aí eu pareci crescer em estatura; as minhas vestes assemelharam-se mais às vestes daqueles que eu tinha contemplado; e com cada nova oferenda senti um sentimento novo de vigor e de gratidão; por fim saí a flutuar e fui ocupar o meu lugar em meio a rostos familiares, que me disseram: "Agora tornaste-te um de nós. "

Desde que aqui tenho estado - e tem parecido eras, embora pelo calendário terreno não tenha passado mais que um mês - tenho em certos momentos tomado o meu banho do costume no rio que corre ao lado da nossa morada; e com cada novo banho sinto que algum impulso espiritual e poder me são revelados - sinto que alguma fraqueza e alguma matéria fenecem em mim; de modo que agora permaneço só, livre, confio eu, daquelas manchas que aderem ao espírito embora se debata há anos; as manchas do pensamento habitual e dos sentimentos sem defesa. Contudo, ainda sinto que longos anos deverão transcorrer antes que eu conquiste as alturas de muitas das almas que eu vejo. Sinto que longos esforços de conquista pessoal precisam ser meus antes que alcance a resplandecente herança de alguns cujos espíritos são quase demasiado deslumbrantes de entrar em contacto.

E por vezes, com a minha adorável companheira a meu lado, sentamo-nos ambos num silêncio sossegado na nossa morada espiritual e comungamos com almas sublimes, com uma cuja verdade viva e perfeito amor a humanidade está familiarizada. Pouco a seguem nas peugadas que deixou, pouco a mão de apoio eleva e sustenta. Muito além desta multidão de espíritos reunidos, de conselheiros grandiosos, sábios e bons, consigo vislumbrar uma luz esplendorosa, uma glória mais radiante do que qualquer coisa que a terra possa retratar ou as palavras descrever, e um amor, uma amabilidade insuperável e uma forma radiante, cujas palavras agora lhes dou: "Um novo mandamento lhes dou, que vos ameis uns aos outros. " Esta palavra ressoa até às hostes angélicas, dos espíritos e dos mortais até lhes chegar ao coração e erradicar o medo e o ódio e a malícia e todas as lutas e os tornar um a partir deste instante com o espírito de Deus.

JUIZ EDMONDS

O GOVERNO SOCIAL (ALMAS GRUPO) E POLÍTICO (AFINIDADE) DA VIDA ESPIRITUAL

28 de Agosto de 1874

Senhor Presidente, irmãos e irmãs da Sociedade Psicológica, e amigos - Passam já alguns quatro meses desde que o espírito que aqui se lhes dirige deixou a vida terrena. Desde essa altura fiz, em Londres, e através desta médium, uma descrição

da minha entrada na vida espiritual, e prometi continuar em data futura a narrativa das minhas experiências. Isso foi-me pedido esta noite pelos guias da médium, com o propósito de divulgar informação sobre o seguinte assunto: "A Governança Política e Social da Vida Espiritual. "

Aqueles de vós que se acham familiarizados com a história do Espiritualismo, lembrar-se-ão, sem dúvida, de mim como o John Worth Edmonds de Nova Iorque. Os que não têm tal familiaridade poderão não saber que por um período de vinte anos antes de eu deixar a terra, eu estivera em constante comunhão com espíritos através do meu próprio cérebro assim como através do organismo e mediunidade de todos quantos tiveram proeminência neste movimento na América.

Eu jamais defendi o Espiritualismo na Inglaterra, exceto talvez através dos meus trabalhos, mas aqueles de vós que os conhecem, estão cientes de que, por todo o mundo, até onde o testemunho vai, até onde a minha experiência individual se estende, retomarei aqui o fio à meada na narrativa onde a deixara. Disse numa preleção anterior respeitante à minha experiência, as sensações que tive ao passar da terra, a consciência plena que tive durante esse período, a recepção que encontrei na vida do espírito da parte da minha adorada companheira, a quem certa vez achara morta, mas que por muitos anos foi ainda a minha companheira, após ter tomado consciência do Espiritualismo, e sobre o sucedido das sensações tidas após a plena adopção da vida do espírito, e da adaptação da vida aos meus modos de pensar. Contudo, apenas dei início à récita concernente à adaptação do meu pensar, à minha nova existência, porque, não obstante teoricamente familiarizado com a vida espiritual e com os testemunhos dos espíritos com respeito a ela, e conquanto em visões eu tivesse constantemente visto, conversado com e visitado os espíritos nos seus lares, não tive uma perceção cabal da natureza do espírito e dos seus métodos de comunicação com os espíritos na vida espiritual, por ainda abrigar algumas das minhas condições terrenas até nesses períodos de visão.

Mas quando me separei por completo do meu corpo, descobri para meu assombro que as coisas e as vistas que tinham parecido mais tangíveis e reais na terra eram bastante sombrias e vagas, e que as substâncias mais sólidas e terrenas, quando vistas do ponto da perspectiva do espírito, se tornavam como vapor e esponjosas, e que dentro de todo objeto substancial terreno e a circundá-lo também se via uma condição primário do espírito; que toda flor, árvore, arbusto, rocha - todas as coisas a que me acostumara a considerar sólidas na terra, se desvanecia e em vez disso eu via o espírito da flor, o arbusto, a árvore, e a rocha como o elemento essencial e unicamente vital na sua existência. Descobri igualmente que o ar que tinha tido a aparência de espaço, se achava muito mais repleto de vida e de partículas de uma existência espiritual do que substâncias sólidas da terra; e descobri que os espíritos que habitavam os primeiros estágios da vida espiritual me pareciam muito mais tangíveis do que as multidões das vias públicas da cidade

de Nova Iorque ou do que a densa multidão das ruas de qualquer grande metrópole.

Para minha completo espanto eu descobri esse espaço repleto de vida, e que essa vida não era somente atómica mas organizada, e que essa organização, em vez de se afeiçoar sombria e vaga, era perfeitamente tangível aos meus sentidos espirituais. Após ter sido admitido na minha esfera de vida espiritual, que poderei aqui explicar não é apenas um local, mas uma condição, e depois de ter passado pelo preparo que a minha amável companheira tinha preparado para mim, para eu poder ser completamente libertado da influência da doença física e das reclamações corporais, eu descobri que todo pensamento e sentimento, emoção, ânsia, desejo e aspiração de toda a minha vida se tinha moldado numa forma, e que ela se tinha tornado na morada do meu espírito - que essas formas eram variadas segundo a natureza do pensamento; que em certos casos assumia a forma de estrelas, de flores, de pássaros ou de outras formas simbólicas; que noutros casos elas se mostram vagas e sombrias, representando nuvens, e isso, compreendi eu, são os meus desejos que não eram suficientemente sublimes para se moldarem na forma espiritual; mas nas partes mais recônditas da morada em que eu fui admitido, e onde a minha adorada companheira me tinha aguardado, eu descobri que essas formas sombrias e contornos não penetravam, e que somente as ideias cabais e perfeitas tinham aí entrado. Esses pensamentos cabais e perfeitos adoptaram a forma e os contornos de proporções geométricas absolutas. Algumas eram semelhantes a estrelas, e eram moldadas como triângulos, outras eram de natureza esferoide e globular e que todas eram trabalhadas com o mais fino mosaico, a formar um templo completo, só que todo transparente, e de tal qualidade e substância que joia alguma se podia igualar a elas no brilho; e que sempre que eu me virava a procurar uma explicação dava com a explicação já a entrar na minha consciência como se a voz e todos os outros métodos externos não mais fossem requeridos.

O que achei bastante singular foi que sempre que a minha companheira estava para me falar, em vez de o que era dito adoptasse a forma audível, como é habitual na terra, entrava na minha consciência no seu real estado espiritual, e eu não ouvia qualquer som, e o pensamento não transmitido por palavra nenhuma, mas era como se eu lhe tivesse percebido o sentido.

Depois descobri que não sentia, ouvia, nem via de acordo com a interpretação usual da visão, da audição e do sentir, e concluí em consequência que não precisava de alimento de acordo com o significado usual do termo; mas também tinha consciência de possuir uma organização física distinta, que a cada nova hora na minha nova existência se tornava cada vez mais transparente e luminosa, e que cada pensamento que me chegava do meu amado guia se tornava um novo poder de alvor na minha estrutura, até descobrir que todo o meu corpo era composto dos pensamentos, emoções, sensações, desejos e ânsias com que a minha mente se tinha envolto nos

seus melhores e mais elevados momentos, e que até ao último dia da minha vida terrena eu tinha contribuído para a minha estrutura espiritual com as minhas orações e aspirações, e as ideias que os meus guias espirituais me devam.

Oprimido com uma consciência de humildade, como só a alma pode conhecer quando vai à presença de seres espirituais, senti igualmente um súbito apoio decorrente dos pensamentos, sentimentos e emoções daqueles espíritos que tinham ganho forças por meu intermédio; e sempre que evitava entrar nesse estado espiritual por o considerar demasiado sagrado, descobria essas obras e palavras de amabilidade, tais como tinham sido, a voltar a mim de novo, como flores que me eram lançadas no caminho para me dar coragem no meu estado espiritual.

Por fim do meu preparo eu emergi nos concelhos dos espíritos, cujos nomes me tinham sido familiares na terra, e alguns dos quais tinham sido meus guias espirituais. Descobri comitivas de seres reunidos no que me pareceu uma vasta planície, ou mais propriamente a falar num templo aberto, pois conquanto tivesse pilares e arcos e todas as formas que pertencem a um edifício magnificamente construído, apresentava uma transparência que não concordava com nenhuma das ideias de um edifício. Parecia-me ser uma estrutura em que as paredes se achavam definidas como imagens, e se estendiam tão longe quanto o olho podia alcançar.

Descendo de uma pequena elevação um espírito veio até mim, e eu reconheci-o como um dos meus espíritos guias, o qual durante longos anos me tinha instruído. Refiro-me a Lorde Bacon, o qual enquanto espírito tinha comunicado de forma distinta comigo durante vinte anos, e que agora me conduzia a uma pequena elevação onde se achava reunido um grupo de pessoas.

Em vez do usual traje de vestuário terreno, ou quaisquer evidências de título, eu descobri que cada um deles se encontrava vestido, como eu próprio estava, com uma substância espiritual transparente que adoptou a forma de nuvem ou vapor, que se arranjava em pregas. Sempre que me chegava um pensamento da parte deles, essa nuvem tornava-se cada vez mais luminosa; e se o pensamento que desejassem transmitir fosse percebido por mim, a nuvem em si mesma parecia composta de uma luz absoluta. Os tons variavam, porquanto parecia haver cor assim como substância nas suas vestes, e cada tom parecia corresponder a um princípio dominante da mente.

Quando Lorde Bacon me falou consigo descobrir uma luz pura azul a emanar das suas vestes; e quando busquei o sentido disso, descobri que significava justiça e verdade combinadas; e quando outras pessoas me falaram de quem eu tinha conhecido de certo modo na terra, eu descobri que o matiz do seu traje correspondia em grau aos traços principais do seu carácter, e que o mais puro e alvo de entre eles eram aqueles distinguidos na terra pelos motivos mais exaltados e a mais pura humanidade. Vi uma luz a brilhar um pouco distante de nós entre um grupo de outros, vestidos de branco, e disse: "De quem se trata? " e em quanto eu

falava, veio a resposta: "O amigo da humanidade - Wilberforce. " Ao redor dele vi um grupo de amigos da humanidade, cada qual determinado junto com ele em idealizar alguma grandiosa e beneficente medida para o melhoramento da condição da humanidade.

Em breve descobri que aqui não havia necessidade de jurisprudência e que enquanto até ao último instante da minha vida eu estivera absorto em rever e corrigir o que eu considerava erros perigosos na nossa jurisprudência legal, e enquanto o meu pensamento mais recente estivera ocupado com a revisão dos estatutos da minha própria nação na terra, descobri que aqui não havia necessidade de leis estatutárias.

Ao perguntar - mas em sequer precisava perguntar porquê - pude descobrir que as leis da mente são em si mesmas estatutárias - que são feitas conformemente para um propósito infinito, e que são tão invioláveis e tão constantes quanto as leis que governam o universo físico. "Não requer estatuto, " disse-me o meu guia, "Levar os átomos a atrair um o outro na proporção da sua afinidade molecular. Não se requer qualquer estatuto estabelecer a lei pela qual o sol controla e governa os planetas que se encontram no âmbito do seu sistema pelo processo natural da lei inevitável. "

Eu descobri, pois, que entre uma e outra mente existia uma lei tão subtil e tão inviolável quanto aquilo que existe entre os átomos e os mundos, e que essas leis são tão conclusivas que nenhuma alma pode ser atraída ou associar-se a nenhuma outra alma a menos que a substância daquilo de que é composta seja similar; pelo que não pode existir necessidade alguma de leis externas arbitrárias; por todas as almas serem atraídas não só para a esfera mais adequada à sua condição, como para a classe de mentes às quais elas naturalmente assimilam, e para os companheiros particulares por quem sentem maior atração. Daí que aqueles que vivem na terra e que, à semelhança de mim e da minha adorada companheira tiver sido separado pela morte, não necessita ter medo de uma separação final, já que entre vós e os amigos que amais aí existe uma atração espiritual, e isso responde pela lei na vida espiritual.

Aqueles filhos que se acham separados dos seus pais pela lei da morte não precisam temer a separação final, nem os pais que permanecem na terra precisam lamentar a perda dos seus filhos, já que, se o amor que os une for autêntico, não poderá existir mais separação do que poderia existir entre dois átomos que são atraídos um para o outro pela lei inevitável a que aludi.

Descobri igualmente que essas associações de espíritos que são atraídos um para o outro por objetos e propósitos mútuos, tal como o grande projecto da filantropia, grandes sistemas legislativos de governo humano, grandes planos de descoberta científica, se acham cada um organizados no que poderei designar por famílias, sendo a família em si mesma primeiro o centro essencial da alma no seu amor - ou seja, marido e mulher, pai e filho - os espíritos afins que compõem uma grupo familiar exclusivo.

Mas nós temos famílias mais vastas, e essa é a sociedade da vida do espírito. Descobri que a sociedade consiste não numa massa de pessoas forçadas contra a vontade por circunstâncias e condições externas, e que tampouco consiste nos métodos artificiais que constituem a sociedade terrena, sendo edificada primeiro pela família, e de pois pela riqueza e por fim pela posição social ou inteligência, ou como no caso da Inglaterra e de outros países Europeus, consiste primeiro na monarquia, a seguir na aristocracia, e por fim pelas categorias de pessoas que as circunstâncias e o uso tiverem forçado a associar-se. Encontrei somente associações ou famílias de almas afins. Encontrei somente sociedades de espírito similar atraídas umas para as outras por propósitos mútuos de bem, e cada qual obtendo vigor da associação umas com as outras. Descobri que esses grupos de organizavam a si mesmos de acordo com aquelas leis da atração em maior ou menor número, e que todas as mentes ao longo da história terrena que estiveram empenhadas em seguir a mesma linha de pensamento inevitavelmente se encontram na vida do espírito. Platão anda de mãos dadas com Confúcio. Esses por sua vez andam de mãos dadas com grandes filósofos da atualidade, e todos convergem para o mesmo plano na vida espiritual.

Aqueles que são considerados estranhos, e que por uma similitude de busca e de objetivos exaltados alcançaram a mesma ideia, na vida do espírito tornam-se membros da mesma sociedade, e reconhecem-se uns nos outros um espírito da mesma natureza, embora cada qual nunca tenha conhecido o nome do outro na terra. Os poetas têm a sua morada especial, e associam-se; os artistas também têm as suas; mas a questão principal e dominante que desejo realçar é que descobri uma lei terminante - uma lei inevitável - a de que nenhum espírito busca o conhecimento pelo mero prazer que o conhecimento confira, mas que tão prontamente quanto esse conhecimento seja obtido por um espírito, ele terá prazer em partilhar esse conhecimento a outros, de modo que aqueles que perseguem constantemente qualquer linha de estudo pelo mero propósito egoísta de satisfazer uma paixão pelo estudo estão a excluir-se da sociedade dos espíritos beneficentes, ao passo que aqueles que perseguem o conhecimento com a intenção de o transmitirem a outros, obtêm desse modo uma energia adicional. Descobri imediatamente após receber o conhecimento respeitante a essas sociedades de espíritos que sentia forte desejo de transmitir esse conhecimento àqueles a quem tinha deixado na terra, e mesmo depois de ter passado pelos primeiros estágios do crescimento espiritual não pude permanecer nesse mundo, e ao receber esse conhecimento, sem o expressar a alguma outra mente residente na terra, e desse modo chegar aos meus semelhantes.

Descubro igualmente a cada dia à medida que obtenho um novo conhecimento dos métodos daquela vida em que entrei, que tenho um mais forte e ardente desejo de transmitir esse conhecimento aos meus semelhantes, que posso assinalar-lhes quantos dos métodos de aprendizagem considerados importantes, não são válidos

na vida do espírito, e que muitas das coisas negligenciadas na terra são da maior importância quando vocês vêm entrar na morada de espíritos. A sabedoria escolar e os métodos educativos ligados a todos os tipos de dons humanos são válidos em si mesmos como um teste para a consecução da mais elevada felicidade humana; mas descubro que os legisladores e todas as pessoas envolvidas em desenvolver os métodos humanos têm muito pouco que fazer na vida do espírito, por causa da lei que referi anteriormente - a de que não pode haver conflito de jurisprudência desde que só existe uma lei na vida do espírito, a lei da adaptação espiritual, já que é tão perfeitamente impossível um espírito entrar num estado ou esfera para a qual ele ou ela não se tenha adaptado quanto é para um cavalo tornar-se homem, e é perfeitamente impossível uma alma sentir-se confortável ou desejar habitar uma esfera para a qual não se tenha adaptado como uma ave transformar-se numa serpente. Mas à medida que o conhecimento aumenta, o desejo de avançar também aumenta, e então o espírito tem consciência de uma ânsia de entrar num grau superior ou seguinte do avanço espiritual; mas isso sobrevém de forma bastante impalpável, e por um processo tão gradual, que não se verifica a mudança violenta de um estado da vida do espírito para outro, como existe entre aquilo a que chamais morte da vossa vida e a existência espiritual, mas envolve um gradual descartar de ideias de ontem e adopção de novas ideias de hoje.

Tudo isso enquanto o espírito não tem o objetivo de perseguir a sua própria felicidade. Descubro que se trata de uma grande apoquentação no mundo, e um grande erro, que a humanidade sempre deva ter a intenção de perseguir a felicidade. Na vida do espírito é a última coisa em que se pensa; aqueles que perseguem a felicidade são pessoas que se encontram no mais baixo estágio da vida espiritual, que não têm qualquer conhecimento, e que não transmitem o conhecimento aos demais, enquanto aqueles que são felizes são principalmente felizes por intermédio do conhecimento que recebem e transmitem aos outros.

Encontro grupos de espíritos filantropos constantemente empenhados em esforçar-se por transmitir às mentes terrenas os melhores métodos de melhoramento da condição da humanidade. Refiro-me àqueles ligados às questões sociais que externamente são tão difíceis de responder, e que para o espírito são tão facilmente resolvidas pelas suas leis e associações - a diferença existente entre a riqueza e a pobreza, entre a virtude e o crime; a diferença existente entre os estratos sociais elevados e baixos; todas essas formam problemas do mais perplexo, não só na ligação que têm com a própria lei, mas principalmente em

ligação com a filantropia moral. A solução é simples e evidente, designadamente, as condições baixas existem por causa da falta de conhecimento existente no mundo. Rem ovam as barreiras que atualmente dividem as inferiores das altas classes da sociedade, conforme vós as designais, e descobrirão que elas consistem principalmente em conhecimento em diversos estágios e graus.

Descubro igualmente os complexos problemas que ligam os governos humanos uns com os outros - e o próprio problema do governo humano está em processo de ser solucionado desta forma - todos os criadores de governos no mundo, desde o tempo de Moisés até ao presente e ao longo de uma prolongada linha de governantes religiosos deram a expressão mais rude de poder civil à face da terra, tendo sido guiados pelo simples impulso de poder e força material, ao passo que a lei em si mesma devia ter sido mantida longe da vista - por não dever parecer constituir um poder, mas dominado e governado pelo mesmo método com que a lei natural governa o universo; por nenhum governo conseguir ter êxito até que os seus métodos se tornem como o pai de uma família, ou como o governante de uma sociedade distinta que ama os seus governantes. As leis deviam ser subservientes na medida exata dos requisitos e necessidades das pessoas; mas chega a ser uma questão de facto que nos estágios espirituais da existência a própria lei constitui o produto de um estado e de uma condição, e como não existem reis, nem impérios, nem governantes, nem cortes, métodos de legislação exceto aquele que designei, todos os outros sistemas parecem desvanecer-se e afundar na insignificância, já que, onde houver um erro a corrigir haverá ignorância, e onde quer que o conhecimento entre o erro cessa instantaneamente. Se eu pudesse aplicar essas leis às necessidades da humanidade, como eu pretendo fazer em algum momento futuro, eu podia apontar que a antiga oração do Mestre, "Venha a nós o teu reino, e a Tua vontade seja feita na terra como é feita no céu, " não constitui uma oração inútil; por ser possível, praticável, e completamente passível de demonstração que essas mesmas leis de governo, e de receber e transmitir conhecimento, podiam predominar na terra como aquelas que prevalecem nas regiões da vida espiritual, e que aquelas que tomarão o lugar e usurpam os governos forçados do mundo, e tornam o governo em si mesmo num produto espontâneo do pensamento e da mente dos seres assim governados.

Também lhes direi que qualquer sistema directo de conhecimento que seja perseguido na vida espiritual é perseguido diferentemente do que existe na terra. O geólogo, o astrónomo, o químico, cada qual se concentram na resolução do subtil e do misterioso ligado à área da natureza, não perseguem esse conhecimento como o homem externo ou terreno faz. Vós tendes consciência dos processos nas mentes terrestres - de que o astrónomo começa com a observação externa, observação externa essa que se acha limitada à visão ou aos instrumentos a que ele tem acesso. O mesmo sucede com o químico; ele inicia a solução dos seus problemas justamente por meio daqueles processos conforme lhe são acessíveis externamente, indo passo a passo até ao ponto que deseja alcançar pela lenta repetição do experimento. Na vida espiritual acontece o contrário.

O conhecimento do astrónomo baseia-se, não em observações externas, nem em instrumentos matemáticos construídos à semelhança daqueles na terra, mas no poder da mente. Toda a mente pode situar-se com o seu suficiente conhecimento

exatamente na justa posição no universo a fim de descobrir não só os raios de luz e a sua densidade, mas igualmente as partes componentes de planetas, a sua estrutura, e, se preciso for, os seus habitantes. A vida química é igualmente descoberta a partir de dentro e não de fora, e todos os processos químicos que são estudados pelo homem são somente processos químicos aproximados, ao passo que a verdadeira química decorre, imperceptível ao olho de todo cientista investigador, ou como queiram. Passa-se o mesmo igualmente com a evolução do pensamento espiritual.

É costume basear as esperanças da espiritualidade em tais observações externas como derivam dos registos - do testemunho dos espíritos, e daqueles métodos adaptados da compreensão externa. Na vida espiritual é diferente. O espírito julga com base no seu próprio estado, designadamente o estado ou qualidade do próprio espírito, e não é mais possível enganar o espírito com respeito às intenções, pensamentos, desejos, sentimentos, ânsias de outro espírito do que lhes é possível a vós excluir a luz do dia quando vos encontrais a campo aberto. Não pode existir dissimulação nem fraude, no estado espiritual, por tudo ser claro e simples.

Com essa revelação (desvelar) do espírito há igualmente uma qualidade adicionada à alma que raramente é possuída na terra, com o que me refiro à compaixão (NT: Caridade, no sentido lato), e aqueles que conhecem a maioria dos pensamentos e as imperfeições dos seus companheiros espirituais da mesma natureza são os que os condenam menos, enquanto apenas o espírito ignorante julga severamente, e só a compreensão humana e infinita condena, de modo que, quando o espírito entra na vida do espírito e se descobre perante o olhar daqueles que podem ver, existe ainda uma tal compaixão persistente e um tal espírito omnipresente de misericórdia que a alma embaraçada ante as suas imperfeições, não receia, e quando envergonhada dá o seu primeiro passo no sentido do melhoramento. Eu próprio, posicionado no meio deste concurso de seres celestes, reconhecedor da sua amável beneficência e propósito piedoso das suas vidas terrenas e espirituais, senti-me humilde - senti-me a afundar-me na completa insignificância - e pensei - "Que foi que fiz, que poderei fazer, para merecer a companhia de mentes tais como estas?

Cada ponto fraco da minha existência terrena, toda tolice humana, toda ideia injusta pensada na minha juventude, até mesmo toda a palavra dura, surgiram diante de mim, e durante um tempo pareci estar rodeado delas. Mas então um propósito mais elevado veio em meu auxílio. Vi-os como seres alvos e jovens a pairar acima de mim e senti que, como todo o desígnio da minha vida tinha sido eminentemente sincero, como eu me tinha esforçado seriamente tanto pela verdade quanto eu possivelmente poderia esforçar-me com a minha compreensão, que não estava inteiramente condenado, até mesmo na sua presença.

Mas vi almas a entrar na vida espiritual que tinham saído da sua existência terrena cheios de poder e grandeza, fama terrena, e eminência; e vi-os diante dos olhos de anjos amáveis mas penetrantes completamente diminuídos em espírito, aparentemente, com toda a grandeza que tinham deixado para trás, sem qualquer graça espiritual, e em vez do esplendor e da magnificência e do louvor e da aclamação, vi-os perante essas almas isentas de condenação em silêncio como anões espirituais, e não escutei qualquer palavra de reprovação da parte de nenhum dos seres que os observavam; mas do seio da assembleia espiritual vi crianças envoltas porventura em vestes alvas como neve ir céleres para o lado da alma desfigurada a envolvê-la com os seus mantos brancos como se a escudá-lo da consciência da sua própria deformação, e vi-os de seguida a dirigir-lhes uma palavra de carinho ou pensamento e a recordar-lhes alguma boa obra ou palavra que tivesse tido na vida terrena que o tornasse mais belo aos olhos dos espíritos e da sua própria consciência. E durante todo esse tempo não ouvi da parte dos espíritos ou anjos uma só voz condenatória, nem um só pensamento de reprovação, mas apenas a mesma compaixão que vós sentiríeis por um ser de corpo completamente deformado que pudesse estar diante de vós hoje.

Mais que isso, eu vi esses pensamentos de compaixão espiritual e de amor tomar forma e armar a deformação exterior dessa desafortunada alma, até na sua humildade ele se sentir grato pela bondade que assim lhe fora concedida, e essa humildade se tornar o primeiro passo no seu avanço espiritual.

Mas fui conduzido a outros estágios da vida do espírito, um dos quais, a título de ilustração, eu mencionarei. É o estado em que a determinação e o pensamento e a vontade, permanecem os mesmos após deixarem o corpo que foram antes, mas eu darei uma ilustração de um exemplo brilhante da história. Um Imperador - cujo nome não mencionarei, mas o qual porventura podereis determinar pelo próprio exemplo - cuja ambição se traduziu pelo desenvolvimento de uma dinastia, cuja única intenção e objetivo na vida, dotado de um incomparável e gigante poder intelectual, foi a hereditária linhagem de descendência do seu próprio nome - eu vi que essa mente, ao entrar na existência terrena, permaneceu durante anos concentrado no mesmo pensar de que se ocupara na terra - a perpetuação da sua própria dinastia.

Vi que quando a sua sucessão no nome e a sua sucessão em poder real na realidade se manteve, que ele, mais do que aquele que se sentou no trono do Império, governara a nação - que todos os pensamentos do monarca terreno foram guiados, dirigidos, influenciados e governados pelo monarca espiritual - por ele ainda imaginar que poderia, com o poder do seu império, obter uma glória adicional para o seu nome na terra. Vi isso a continuar até o reinado ou império atingir um elevado estado de refinamento, aperfeiçoamento e glória que tinha obtido quando o imperador original estivera na terra. Vi então que chegou a esse espírito uma súbita ânsia ou saudade por algo para lá da fama terrena - por ele se ter tornado

subitamente ciente de que no seu estado espiritual ele n ada poderia ganhar com a fama terrena, o aplauso, a eminência, ou até mesmo da perpetuação do próprio nome, e vi-o cheio de remorso voltar-se para dentro para uma outra luz que ele tinha rejeitado no seu poder terreno, e rogar de forma suplicante por um raio de caridade e compaixão.

Vi esse rei desolado, só, sem o séquito, cortesãs, títulos ou amigos, mais um exilado no espírito do que na terra, primeiro tomar consciência da sua pobreza espiritual, por cujo traje ele não se imaginara adornado - o poder da ambição e da fama terrena - até mesmo as leis perfeitas que ele pensara ter emoldurado para o seu povo, o abandonaram e se tornaram como nada no espírito, quando a pedra-preciosa certa vez rejeitada e a joia da sua vida, designadamente o amor, o teriam envolvido com infinito esplendor.

Mas por fim, quando o desânimo e tormento o atingiram e ele sentiu a sua pobreza e desgraça, e se sentiu impotente, veio das esferas acima uma única luz branca, e a dádiva de um lírio da neve caiu-lhe aos pés, a amortalhá-lo no seu esplendor, e a inspirá-lo pela primeira vez a vida espiritual do amor, e ele olhou para cima e sentiu-se grato.

Desde essa altura o império que ele governara na terra desvaneceu-se; os seus destinos mudaram; o seu rei tornou- se um exilado e morreu, e ele, que procurara desenvolvê-lo foi levado para um outro reino, mais elevado, melhor, e mais glorioso do que aquele que ele podia ter alcançado na terra, designadamente, o reino da humildade e do amor espiritual; e agora ele não trocaria toda a sua luz e beleza pelo império mais orgulhoso, a maior das famas, ou o estado mais sublime da ambição humana, já que unicamente através do amor pode a alma entrar no reino dos céus.

JUIZ JOHN W. EDMONDS

AS EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU NA VIDA DO ESPÍRITO

PRIMEIRA PALESTRA

Domingo, 28 de Novembro de 1875

Através da mediunidade da Srª Cora Hatch Tappan Richmond, 1876

Senhor Presidente, caros amigos:

Não seu que mérito possa ter que me possa ter habilitado a ter a honra de receber o convite para proferir uma palestra esta noite. Se se lembrarem que só estou há dezanove meses na vida do espírito, e que devo ter muito menos experiência do que muitos daqueles que geralmente controlam esta médium, e se considerarem que eu devo sob dificuldades que brotam da falta de experiência, e o facto de eu não pertencer ao círculo dos guias dela que geralmente a colocam no estado de transe, também o considerarão um tanto estranho. Mas aquilo que tenho a dizer

esta noite digo-o com a mesma disposição e sinceridade com que sempre o fiz na terra.

As palavras que vou proferir serão as da experiência efectiva da vida espiritual, e formarão uma porção do testemunho dos espíritos que passaram da vida terrena para a existência espiritual. Eu fiz quatro discursos anteriores através desta médium com respeito à experiência que tive na vida espiritual. Se alguém tiver lido esses discursos, talvez goze de alguma vantagem ou preparo para aquilo que vou dizer esta noite. Não faço intenção de repetir mais o que proferi na altura do que o necessário, a título de prefácio daquilo que tenho a dizer, dado que um conto frequentemente repetido, embora seja verdadeiro, torna-se enfadonho, além de ter muitas outras coisas que ainda tenha a transmitir-lhes.

Com a vossa permissão, recapitularei a breves trechos o que enunciei nessas ocasiões, dizendo que na minha passagem da vida terrena para a espiritual não experimentei temor algum, e que nos últimos estágios nenhuma das dores corporais; por me encontrar perfeitamente consciente da natureza da vida para que me estava a dirigir. Não consciente de tudo quanto até então me fora revelado, mas a certeza da existência espiritual era justamente tão palpável para mim antes de eu deixar a minha moldura terrestre como tinha sido antes ou passou a ser depois. Eu não necessitava da evidência que a vida espiritual proporcionava para me provar a realidade da existência da alma após a morte.

Considero que um conhecimento do Espiritualismo ilumina o caminho; torna o valo da sombra da morte luminoso; liberta a mente de um das maiores sujeições humanas, a do medo. O Espiritualismo fez-me isso. Durante vinte e cinco anos eu não acreditei, mas soube, que o espírito viveria. E durante esses vinte e cinco anos não deixei de perseguir esse tema com objectividade e sinceridade, e recebi, através de outros médiuns e através da minha própria mediunidade -- porquanto eu fora afortunado o suficiente para possuir poderes mediúnicos -- as comunicações espirituais dos meus guias e guardiães. E durante esses vinte e cinco anos eu obtive mais felicidade e experimentei mais alegria do que em todas as experiências prévias da minha vida. Um meio século prévio não me trouxera aquilo que o quarto de século me trouxe.

A morte foi furtada do seu terror. Os que me foram queridos na vida terrena, que eu supusera perdidos foram-me restituídos. Pude comungar com os grandes e os bons de quem eu tinha lido, mas que nunca tinha podido ver. Era diariamente privilegiado com a presença de uma companhia divina, ante a qual eu parecia afundar na insignificância, e em cujas mãos eu coloquei a minha orientação nas minhas instruções espirituais. Em meio a isso, estive igualmente ocupado com ocupações terrenas, e não superei inteiramente muitos traços de carácter que por vezes repeliam os meus guardiães espirituais. Na plena virilidade da minha vida terrena eu fui ativo, orgulhoso, arrogante e injusto, e esses traços repeliam as

presenças divinas que de outro modo poderiam ter andado mais por perto de mim. Eu fora severo no julgamento, por vezes, e considerara as massas da humanidade inferiores; pelo que não estava no modo caritativo, que é a atmosfera mais certa para convidar os espíritos celestes. Mas eles vieram a mim, em meio ao meu orgulho terreno, e em meio a tudo quanto ocupa a atenção de um homem de cinquenta anos. Eu recebi a consciência da sua presença e orientação; e desde essa altura passei a viver mais no mundo do espírito do que no mundo temporal, e experimentei um maior deleite espiritual.

Algumas dessas experiências foram comunicadas e foram publicadas; outras permanecem na minha própria consciência agregadas à herança que recebi desde que vim para esta existência. Mas a minha morte foi como a maturação do feixe.

Joguei fora o meu corpo externo de tão bom grado e avidez quanto o amadurecimento do milho faz com a casca. Eu considerei-o uma asca; tornara-se um ónus e encontrava-se fraco e cambaleante. Muitas das faculdades recusavam-se a executar as suas funções, e o próprio cérebro ficava fatigado quando a mente e o espírito não. Fiquei contente com a mudança. Era um desprendimento tal ninguém consegue experimentar até também ter passado da vida terrena para a espiritual. Se vocês agora pudessem subitamente passar da fraqueza para o vigor, do sofrimento corporal para a perfeita e absoluta liberdade da dor; se vós que estais com os cabelos cinza da idade e dos trabalhos pudésseis agora ver-vos restaurados na virilidade com a consciência da vossa experiência presente, entenderíeis o que eu senti quando passei pela morte.

Antes da mudança se consumar, já um vislumbre do meu lar do espírito me tinha sido dado, e eu ingressei na companhia dos meus companheiros e amigos como se tivesse entrado nos primeiros dias da minha vida, com um poder e compreensão renovados. Estive consciente cada instante do tempo que passou entre a decadência do corpo, ou da cessação da respiração, e a atual existência no espírito. Antes que o corpo tomasse o último alento, a minha forma espiritual já se encontrava a seu lado, e eu observava aqueles que me tinham sido queridos que tinham ficado na terra, a forma que se encontrava deitada abaixo de mim. Não o lamentei. Encarei o facto com a mesma complacência com que vocês encaram uma veste jogada fora quando dispõem de uma outra lustrosa. Creio que eu estava total e inteiramente preparado para entrar na vida espiritual, e estava na medida do que dizia respeito ao temor da morte e à consciência dessa vida.

Mas pouca ideia fazia eu do preparo requerido ao espírito para ingressar na companhia dos seres espirituais que tenham passado da vida terrena há muitos anos. Pouca ideia fazia eu das impurezas que ficam ao redor do espírito mesmo quando livre do corpo temporal. Não imaginava as imperfeições emboscadas que ainda continha em mim, que me tornavam inapto para a sua divina companhia; e quando eles se juntaram ao meu redor, vi com humilhação muita dessa força ostentada passada e o que eu supusera vir a ser as minhas vestes resplandecentes

do meu espírito estavam estragado e contaminado com as sombras da minha qualidade de ser. Ainda tinha ao meu redor evidências do orgulho e da arrogância que não tinha superado inteiramente. Ainda havia juízos duros que pareciam surgir ante mim e que pareciam envolver-me num nevoeiro escuro, e por um bocado pensei que isso me separaria da companhia daqueles que eu amava. Mas não separou.

Gradualmente, a minha esposa terrena e minha companheira do espírito veio ao meu encontro na sua luz e beleza, e mandou que eu a seguisse. Eu ergui-me, não por vontade própria, mas aparentemente pela dela; por eu ainda não ter descoberto a minha força de vontade de espírito. Ela levou-me ou conduziu-me a uma cena um pouco acima da terra, e aí eu pareci deter-me incapaz de prosseguir. Voltando-se para mim, ela disse: "Preciso agora deixar-te por um bocado entregue às tuas reflexões. " E eu fiquei a reflectir. E toda a minha vida, cada pensamento e acções surgiu diante de mim com se fosse uma personalidade. Toda a opinião falsa, cada palavra dura e juízo; cada pessoa a quem eu tinha dirigido uma palavra de indelicadeza, ou de quem tinha pensado mal, pareciam surgir diante de mim, na visão da minha mente, e condenar-me. Eu vi os meus defeitos e as minhas imperfeições como uma realidade. O orgulho, com a sua cabeça erguida, a insensibilidade com o seu dedo de desprezo -- tudo em procissão. Então eu fui desesperadamente erguido à esfera da minha companheira e amigos e senti-me desolado.

Então, pareceu surgir das sombras que me circundavam, pessoas a quem eu tinha estendido, na minha qualidade oficial, a clemência que brotava da justiça mais do que da compaixão; alguém a quem eu porventura tinha dado esmola; outros a quem eu tinha ajudado a superar as dificuldades terrenas, e cada um deles veio até mim com uma oferenda qualquer de paz ou de afeto, uma flor ou um símbolo de recordação qualquer; e à medida que chegavam, as sombras pareciam cair-me dos olhos, e as minhas vestes tornaram-se mais brilhantes. Então vi criminosos a quem eu tinha assegurado o perdão, e por causa de quem eu fora injustamente censurado na terra. Esses vieram com oferendas mas, mais do que todos os outros, pareciam derramar brilho sobre o meu caminho. Mas principalmente a conquista triunfal assentava em ter esquecido a injustiça que supunha ter sofrido da parte de qualquer ser humano aquando me encontrara na minha vida terrena, e ter lançado fora o ódio e as ideias injustas que tinha alimentado contra ele. Então, nesse instante de existência espiritual, senti que podia alçar-me a um outro estado.

Antes de me juntar à minha companheira, porém, tive um vislumbre daqueles estados que rodeiam a vida terrena no imediato. Vi as assombrações fétidas do vício e do crime a transbordar de espíritos tão baixos e de degradados quanto aqueles da terra. Vi as latrinas a que na terra chamais cidades, repletas de seres humanos, porém povoadas no ar acima por mais seres tão sombrios quantos eles. Vi ao redor de prisões aqueles que ainda se agarravam à recordação do erro, e

comecei por pensar que a vida do espírito era mais escuridão do que luz; que se isso viesse a ser a minha morada e esses os meus companheiros, eu precisaria de reparar, por aquela parecer uma esfera sombria que envolvia a terra, e que a mantinha sob o seu domínio como um fumo negro e espesso. Mas à medida que eu esqueci os meus próprios erros, interessei-me pelos espíritos que me rodeavam, e escutei as suas reclamações e ofensas; e vi que cada um dos espíritos aprisionados à terra se achava atado por algum orgulho ou vaidade ou ódio ou um outro pensamento que eu descobria ser ímpio. Vi que cada um desses espíritos nesses locais sombrios se achava delimitado por alguma paixão, ou alguma recordação de algum crime anterior, e por isso não podia alçar-se da condição em que se encontrava. Quando lhes perguntava se tinham alguma vontade de o conseguir, eles ainda protestavam dizendo que estavam felizes e contentes e que não podiam mudar, nem tinham vontade de mudar, até que esta vingança ou aquela tolice particular fosse cumprida.

No meu desespero voltei-me de novo para a ideia da minha amável companheira, e quando a vi ela encontrava-se distante num declive esverdeado onde parecia predominar uma atmosfera dourada sem nuvens. Por um forte esforço da vontade induzido pelo amor e pelo desejo, eu ergui-me mas entre ela e eu parecia haver um rio que pensei ser intransponível, por desconhecer por que processo conseguiria atravessá-lo. Passado pouco tempo chegou-me a sua voz através das águas: “Mergulha nas águas. ” Não precisei de um segundo aviso Mergulhei, mas cada glóbulo da água pareceu-me ter o aspeto de um pequeno ponto que me penetrava o corpo. Cada uma das fibras individuais experimentava a sensação de dor, e se tivessem sido escorpiões, as gotas de água não poderiam ter sido mais nítidas e pungentes aos meus sentidos. Elas rolavam-me pelo corpo, e separavam-se à medida que me aproximava. , mas durante todo esse tempo mantive o olho fixado nela e pareci ser atraído para ela pela minha própria vontade e a dela.

Quando eu emergi da corrente a sensação de dor desapareceu de imediato, e com ela pareceu como que desvanecer-se a aparência sombria que previamente se tinha agarrado às minhas vestes. Pareceu igualmente desvanecer-se toda a recordação de dor terrena. O sofrimento físico por que eu tinha passado durante muitos anos pareceu ter deixado o seu estado debilitado no meu espírito. E ao passar por aquela corrente o meu corpo pareceu-me revigorado e o meu espírito recebeu novos poderes. Ela disse-me que agora eu devia passar para a minha morada. E à medida que eu avançava, guiado pela sua gentil presença, parecia que não pisávamos o chão mas flutuar justamente acima dele, e o próprio chão, embora tangível, parecia menos escurecido e sólido do que a terra que eu havia frequentemente pisado. Notei igualmente uma sensação na sensação. Na terra eu tinha escutado intensamente cada ruído da fala, ao passo que agora sentia-me consciente de que podia ler-lhe os pensamentos e, sempre que achava que um pensamento me chegava à mente vindo da parte dela, não parecia ser pela fala mas

mais como se o próprio pensamento fosse lido ou conhecido. E mudança nenhuma de pensamento me passava pela mente que ela não tivesse consciência de imediato, ou a que não respondesse, segundo aquilo que conhecia. Pensei em Dante e a sublime visão que tivera, quando o objetivo da sua pesquisa foi igualmente afastado pela corrente brilhante -- e aquele Paraíso em que foi por fim admitido tornou-se para mim numa realidade viva.

Mas eu tive outras lições e experiências. Parecíamos aproximar-nos de um local onde havia montanhas de cada lado, que projectavam rochedos que, aparentemente eram tão tangíveis quanto qualquer montanha e rochedo que eu tivesse visto. Mas, ao me acercar deles eles adoptaram uma forma diferente, e nos rochedos achava-se gravado, com que em palavras vivas, muitas das minhas anteriores alocuções e ideias que eu achava não terem sido revelados a homem nenhum, e então, por trás delas vi ervas daninhas de várias formas indecorosas, que pareciam ser o resultado das minhas imperfeições. Eu recuei horrorizado e disse: “Será este o lar em que devo ser admitido? ” E ela disse-me: “Precisas passar e reconhecer cada ideia e acto da tua vida terrena. Se o tiveres dominado, ele não te poderá prejudicar, senão, não terás lugar melhor para o superar do que aqui e agora. ” E assim enfrentei-os sob o seu olhar gentil, enquanto ela liderava o caminho em silencia o tempo todo, e quando alguma humilhação especial ou experiência surgia gravada na rocha ou numa árvore, que eu desejasse não estivesse aí, ela parecia voltar-se e não reparar na minha humilhação. Bastava que eu o experimentasse. E assim fui avançando.

Por vezes deparava-me com dificuldades técnicas, e parecia experimentar os problemas intelectuais do princípio da minha vida de novo, e certa vez esbarrei com uma barreira sólida do que parecia um penedo intransitável, sobre o qual se via escrito, “Infidelidade. ” Voltei-me como que a ver o que poderia significar, e então vi outras palavras, “Dúvida, ” “Materialismo, ” “Insensatez Intelectual, ” que se referiam a um período da minha vida em que as perspectivas religiosas que tinha foram abaladas e em que a ciência material obteve supremacia sobre a minha razão. Eu tinha sido membro ou participante juntamente com ela de uma igreja Cristã. Ela tinha sido uma devota zelosa; eu tinha sido um crente. Durante muitos anos antes de ela falecer eu tornei-me descrente, mas nunca lho contei. Porém, nessa presença e nessa hora eu enfrentei essa descrença cara a cara, e foi como se uma porta se tivesse fechado, e me tivesse impedido do que pudesse existir além.

Mas atualmente o som da minha nova religião chegou. me aos ouvidos; escutei a suave batida do primeiro despertar da consciência da vida espiritual. Parecia formões ou brocas a separar o outro lado do penedo, e logo recordei a sensação que experimentei pela primeira vez quando, na presença das irmãs Fox, pela primeira vez percebi que as pancadas tinham sido produzidas por alguma inteligência invisível. O ruído estava agora a repetir-se-me à consciência, e logo as pedras foram separadas e pouco a pouco, pude obter vislumbres do que se

encontrava além delas. Passamos por haver uma abertura, e então notei o que não tinha observado antes -- que todas as rochas e formas e feitios indecorosos que tanto me tinham angustiado, desapareceram á media que passávamos por eles, e não mais existiam, uma vez que tinham sido enfrentadas e reconhecidas e vencidas.

Entramos então na região para que, ela tinha-mo dito, durante muitos anos tinha estado preparado. Os gentis pensamentos da minha pós-vida, o reconhecimento de amigos na existência espiritual, as flores da esperança que surgiram após os receios da morte foram vencidos, os próprios pensamentos e aspirações dos anos posteriores, teceram guirlandas ao meu redor; e eu pude ver onde cada tesouro enterrado da minha vida de jovem veio ao meu encontro nesse mundo interior com um poder e beleza adicional. Havia ali flores que na terra não tinham nome, mas que vós reconhecereis sob o nome de Esperança e Verdade, que gradualmente se terão desvanecido de vós na vida terrena e na experiência humana, mas que aqui descobri que tinham uma floração imorredoura. Havia actos de bondade e gentileza que eu tinha esquecido, cuidadosamente preservados e acalentados no santuário desta vida interior. E desenvolvia-se gradualmente na minha mente uma consciência da habitação para que em breve eu passaria. Eu não posso, na verdade não devo, invadir a santidade dessa morada interior. No céu como na terra nós temos a nossa morada e habitação. É santa para todo o olhar exceto o dos nossos amigos. Os afins espiritualmente que aí vieram ao meu encontro eram almas cujas ideias mais recônditas estavam ligadas às minhas -- a minha família ou os meus amigos imediatos e mais chegados e afins em espírito, a quem não cumprimentava de mão desde os dias da minha juventude.

Conforme digo, não posso pedir-lhes isso. Mas se houver algum entre vós aqui que, ao entrar para a sua vida espiritual, desejar vir, então convidá-lo-ei e pedir-lhe-ei para passar comigo para a morada encantada na qual a minha companheira me recebeu. Mas antes que me pudesse dirigir ao templo interno, antes que o santuário que tinha sido preparado, recebesse o meu espírito, experimentei uma e outra vez a escoriação daquele baptismo de água; tentei uma e outra vez purgar-me de todas as recordações da aparente insensatez, do orgulho, ou de qualquer coisa que pudesse retardar-me o espírito. Mas a estrutura dessa mesma habitação estava graciosa e simplesmente na forma. Não continha qualquer estilo arquitectónico terreno; mas parecia ser feita de caramanchões e mármore e de tudo quanto é refinado e belo, a morada do espírito na região do pensamento.

Reparei em cada objeto, que, por mais palpável que fosse, parecia transparente, e pude ver os glóbulos a correr pelas artérias das flores, e contemplar as diminutas fibras em cada porção da estrutura. Notei que o mais secreto e o melhor dos meus pensamentos terrenos parecia ser gravado nessa mente santuário como se à espera da minha chegada. E depois disso pareci repousar.

Ao despertar encontrava-me num outro local, e tinha consciência da presença de um outro guia. Encontrava-me a campo aberto, numa planície que parecia estender-se até ao horizonte de um lado, e do outro tinha montanhas. Ante mim encontrava-se o meu guardião espiritual; aquele que por muitos anos me tinha dirigido as investigações e instruções no Espiritualismo. Inicialmente pensei que devia ser uma presença mais elevada, de tão brilhantes que eram as suas vestes e resplandecente o seu rosto. Mas em breve descobri através da minha própria visão e pela intuição que não era mais nem menos do que aquele que se chamara Lorde Bacon. A atmosfera dele era de um azul pálido, como a cintilação da luz através de um vitral de cristal perfeito. Brilhou de intensidade, e os seus raios pareciam dirigidos para o meu próprio espírito. Ele pareceu sondar a minha alma mais recôndita, e eu achei que ele estaria a avaliar as tolices que eu cometera. Pensei que os meus poderes intelectuais seriam deficitários e que ele me julgava por essa deficiência. Não se tratava de uma questão do coração, conforme tinha acontecido com o meu guia anterior, mas tratava-se agora de uma questão de compreensão.

Não conseguem sonhar nem por um instante como pareceu superficial e falso e vaidoso a própria estrutura do meu pensar terreno pareceu. Todo o conhecimento que tivera, que eu julgara ser considerável, pareceu desvanecer-se ou comparar-se a teias de aranha. O meu sistema de filosofia pareceu ser sondado de lés a lés, e pareceu não passar de uma rede de sofismas. O que eu supusera ser um juízo acertado quanto à lei pareceu afundar na insignificância da opinião de um menino de escola. Julguei que ele me criticava os métodos intelectuais, e vi de imediato os defeitos que tinham existido na minha estrutura mental. Como desejei poder escapar à sua presença. Nenhum catraio absentista na presença de um mestre irado alguma vez ansiou por escapar ao castigo como eu o desejei daquele olhar doce mas ainda assim penetrante e firme. Pareceu como se eu devesse chorar com a dor do exame de consciência e do escrutínio.

Pareceu-me que eu não tivera qualquer mérito intelectual, e que em nenhum aspeto da filosofia humana tinha a verdade tinha alguma vez sido alcançada por mim. Enquanto estive ali diante do seu olhar, considerei que o meu tempo tinha sido desperdiçado; e todas as visões esplêndidas que eu tinha tido em relação ao melhoramento da condição do homem ao codificar e alterar as leis, pareceram-me o mais perfeito contrassenso. Mas então, após a mais completa humilhação, pensei

-- e esse pensamento deu-me forças para enfrentar o olhar dele -- que pelo menos eu tinha sido verdadeiro; que, se as minhas convicções tinham infelizmente sido deficitárias eu não tinha evitado o que acreditara ser correto. Mas então surgiu um olhar de ternura nos seus olhos, e eu senti encontrar-me na posição de um aluno favorecido e amigo. Ele falou-me a seguir na linguagem do espírito, que é o pensamento, e perguntou-me se desejaria ser gradualmente instruído nos métodos da minha recém-descoberta vida. Velozmente, como se com o poder da sua e da minha vontade -- pois eu descobrira que sempre que quisesse fazer alguma coisa

imediatamente tinha o poder de o fazer -- ele avançou comigo a seu lado, até que numa pequena eminência mais elevada do que aquela em que ambos tínhamos estado, eu vi uma assembleia de gente.

Parecia reunir uma multidão; e ao redor centros resplandecentes em todas as direcções que se assemelhavam a grupos de pessoas reunidas, com se a escutar ou a discursar uns para os outros. Aquilo, disse ele, era o concelho geral da sua esfera, onde se assistia a discussões como entre mestre e aluno quanto às grandes questões da filosofia que lhes interessam em especial. Aqui as pessoas eram instruídas quanto aos métodos por que deveriam ensinar os outros espíritos, ou certas pessoas eram despachadas para as esferas terrenas a ver se poderiam aí deixar impressões. Descobri que aí havia um centro brilhante que me aguardava, e ele tomou assento entre o seu grupo que parecia ser de alunos seus, após ter primeiro trocado algumas palavras com um outro espírito cujo nome na altura não conheci. Mas finalmente o grupo pareceu dispersar-se e a conversa terminar, sem que eu tivesse tido conhecimento de muito do que tinham dito, e nós avançamos.

Isso terminou a minha primeira entrevista com o meu guia. Mas subsequentemente, e noutras entrevistas, recebi o que agora irei contar-lhes. Foi-me permitido ver as esferas da vida espiritual do ponto de vista do espírito, em vez do da terra, como eu as tinha previamente visto. Ao ver essas esferas notei que acima da terra havia uns trechos negros de nuvens, um tanto como as manchas no sol, que pareciam pairar sobre os grandes centros habitacionais dos homens. Mas esses pontos não eram tão numerosos nem tão extensivos quanto eu inicialmente supusera na minha entrada na vida do espírito; por descobrir que a atmosfera de negrume que rodeava a terra era penetrada aqui e ali por pontos de luz. Eu disse: "Que luzes são aquelas? " O meu guia respondeu: "Aqueles são pontos de impressão espiritual em que o mundo espiritual fez invasões nas nuvens que circundam a terra, e podes estar certo de que, onde quer que um ponto de luz apareça é um centro de ação espiritual; pode ser na assembleia de uma nação; pode ser no chalé de um pobre camponês: mas um espírito está a agir sobre a terra onde quer que tu vejas um ponto desses. "

Foi-me então revelado o facto de que esses pontos de luz tinham a forma de cones invertidos, cujas pontas pareciam assentar em, ou próximo a alguma mente na terra, e derramar uma aura de luz espiritual ao seu redor; enquanto a base ou porção mais larga do cone parecia estar ligada a uma esfera espiritual qualquer. O meu guia disse-me: "Esse é o modo por que eu influenciei a tua mente quando te encontravas na terra. Tu eras a ponta do cone; a luz gradualmente centrou-se aí, da minha mente ou esfera para a tua, e isso criou o poder ou bateria, espiritualmente falando, através da qual eu comuniquei contigo. "

Eu olhei ao redor e vi imensos cones desses, dirigidos para a terra e provenientes das esferas de luz que eu visitara previamente. Vi que por vezes eram dirigidos

para um ministro no púlpito, e outras vezes para um homem de ciência no seu estúdio; outras vezes dirigiam-se para uma assembleia de gente onde alguma pessoa discursava sobre os poderes e encantos da vida espiritual. Mas em todos oso casos denotava o constante e crescente poder do mundo espiritual.

Após ter inspeccionado os estágios mais baixos da vida do espírito que descrevi anteriormente, visitei a esfera seguinte, a da transição entre a atmosfera terrestre e a primeira esfera da existência espiritual interestelar. Essa é sobretudo uma esfera de cura espiritual ou moral para todos quantos tenham estado vinculados à terra, e estejam prontos para passar da atmosfera da terra para uma esfera de cura espiritual. O Dr. Benjamin Rush, anteriormente de Filadélfia, foi o primeiro a quem eu fui apresentado nessa esfera. A porção particular dela que tinha a seu cargo para supervisão parecia estender-se a uma vasta extensão. A atmosfera parecia adaptada a toda a forma de cura e o cenário combinado. Para os criminosos havia asilos em vez de prisões. Como me pareceu que fosse um aliso para as almas, eu perguntei: "Que é isto? " Ele respondeu: "É para os moral e espiritualmente enfermos. " Então eu disse: "Têm aqui alguma prisão ou cadeia? " "As prisões, " disse ele, "encontram-se junto à terra e na sua esfera.

Toda a alma que se acha vinculada à terra encontra-se aprisionada. Mas quando elas entram nesta esfera, é para um asilo que vêm. " Então eu perguntei: "Não crê que o crime deva ser punido? " Ele respondeu: "Cremos que o crime seja o resultado de enfermidade mental. Não puniriam um homem que tivesse uma dor de cabeça ou uma febre. Não o enforcariam por ter uma perna partida. Como haverão, pois, de o castigar se as suas faculdades morais se acharem estropiadas? "

E fez-se uma nova luz no meu espírito. Eu tinha sido leniente para com os criminosos por me apiedar deles, mas tinha sido severo em relação ao crime. Poderia ser possível que todos os métodos terrestres estivessem errados, e que aqui eu tivesse encontrado no segundo estágio da vida espiritual que a justiça humana fosse culpada? O termo "Justiça" parecia-me demasiado empalidecido à minha mente, e suscitou-se-me um outro termo mais brilhante e belo, que era "Caridade. " Descobri que aqui, nesta esfera de cura mental e espiritual, todos quantos se achavam espiritualmente mutilados ou deformados eram recebidos e que, fosse qual fosse o crime, insanidade, ou erro que tivesse cometido, ele recebia a instrução necessária para o seu alívio. Sabem que nos hospitais bem regulamentados as alas se acham afastadas tanto quanto possível umas das outras, e que de facto, se fosse possível, melhor seria que cada paciente fosse inteiramente isolado.

Neste asilo espiritual eu descobri que quem quer que se achasse exausto ou tivesse sido tentado a misturar-se com influências aviltadas, era colocado nalguma retiro sequestrado e frio, rodeado por toda a influência que os afastaria de toda a ideia de enfermidade. Geralmente punimos os criminosos na terra lembrando-lhes

constantemente que são criminosos. Geralmente aproveitamos a oportunidade, ao inspeccionarmos as prisões, para lhes dar a entender o quão ignóbeis foram os seus crimes e medonho o seu pecado, mas aqui descobri que nenhum desses métodos prevalecia. A maior das precauções era tomada para não influenciar a consciência sequer da ofensa que a pessoa tinha cometido; e se houvesse uma obliquidade positivamente moral, mais carinhosos se mostravam os assistentes para com ele.

Sabem que é costume nas boas sociedades ignorar os defeitos físicos. Se um cego estiver perto de vós, todos procurais por todos os meios possíveis levá-lo a esquecer a cegueira de que padece. Metem conversa com ele, e louvam as ideias que expressa e as palavras que profere. Com os moralmente enfermos isso já não é feito na terra. As pessoas condenam umas às outras pela cegueira moral. Na vida do espírito descubro que aquele que é moralmente cego é tratado com a mesma delicadeza e ternura que vós, na boa sociedade, tratais aqueles que se encontram fisicamente enfermos. Nunca se referem a uma enfermidade. Tais indivíduos são conduzidos por estágios graduais a libertar-se ou superar as suas enfermidades, e quando se fortalecem o suficiente a consciência que têm é o maior motivo para a reforma.

Em breve um espírito descobrirá as suas deficiências. É despertando a combatividade que levam a que os homens adiram ao crime com frequência. Na minha própria experiência terrena, quando estive envolvido na reforma das prisões, conheci criminosos de que me convenci que se haveriam de reformar se fossem libertados da reclusão e da censura. Eu próprio ajudei à libertação dessas pessoas, ciente de que pelo seu cativeiro elas só ficariam mais endurecidas.

Descobri que esse método era defendido e realizado na vida espiritual até ao extremo absoluto, e que uma vez um espírito é admitido na sua esfera de cura, não é alvo de reprovação alguma por causa das ofensas que tenha cometido ou das imperfeições que tenha tido. Descobri que o que quer que tendesse a aliviar o sofrimento era inconscientemente exercido sobre a mente. Se uma mãe tivesse ficado insana na terra pela perda de um filho, eu descobri que esse equilibro mental era restaurado, não todo de uma vez, levando a criança à sua presença, mas colocando-a nalguma posição onde ela pudesse ver a criança a brincar à distância; e por fim a criança seria conduzida às proximidades dela. Qualquer alma que na vida do espírito fosse capaz de trazer o bálsamo da cura à alma criminosa que padecesse de pecado, esse espírito seria convocado na sua esfera ou morada para assistir ao sofredor.

Vós podereis julgar os métodos dessa esfera quando eu lhes disser que tudo parece silêncio e ordem e perfeição, governado pela tranquilidade do poder da vontade e a ação singular dessa mente individual. Mas o Dr. Rush disse-me que o que eu vira era apenas uma das menores porções da esfera da cura -- em cujo trabalho ele empregava a sua alma, na vida do espírito. Poderão ter ideia de que, quando a

febre-amarela irrompeu em Filadélfia em 1793, de entre todas as pessoas, o Dr. Rush foi a única que conseguiu deter a sua devastação. Eu perguntei-lhe com conseguira, e ele disse: “Eu tinha um segredo; tal como tenho aqui. Afasto os sofredores uns dos outros. A simpatia é a causa de morte em noventa e nove dos casos nesse tipo de doença. Afastava famílias umas das outras e dispersava a devastação do contágio pela falta de contiguidade. Esse era o segredo, ” disse ele, “de toda a reforma criminal. Não congreguem os criminosos em massas agregadas. Cadeias e penitenciárias são casas de pestilência moral, crime crescente em proporção geométrica direta. Onde quer que dois criminosos ou três se reúnam haverá um ambiente de crime. Eles nutrem-se com base na mágoa, dor, condenação, e na ideia de serem proscritos; e toda cadeia ou penitenciária nas nações Cristãs constitui uma monstruosidade moral para o mundo do espírito.

Tudo quanto encerre o crime e o confine numa forma de agregado torna-se fonte de pestilência moral para as cidades lotadas.

“Quanto à pena de morte, ” disse esse grande terapeuta que então se tornou num mestre de moral e de leis, “Com respeito à pena de morte, por cada execução que tem lugar na terra, é criada uma centena de assassinos. Os germes do crime, quais doenças esporádicas, pairam no ar, e prendem-se àqueles que lhes forem suscetíveis; e quem quer que divulgue os detalhes do crime, quer seja um mensageiro de asas brancas ou a imprensa ou a execução pública, torna-~se nessa medida num distribuidor do miasma do crime.

“Sobre os métodos da cura não posso agora discorrer, mas direi que como um trampolim inicial não deveria certamente existir legislação exceto aquela que tendente à cura moral. Pensei que a próxima oportunidade que tenha de falar através de lábios mortais eu direi isto e esforçar-me-ei por o impor nas mentes dos legisladores: A cura moral deve substituir o lugar daquilo a que a humanidade chama de punição do crime. As leis deverão ser de tal modo alteradas de forma a tratar os criminosos do mesmo modo que vós tratais aqueles que se encontram física e mentalmente enfermos, e se possuem asilos para aqueles que são invisuais e surdos, e escrita em Braile para os invisuais, também deveis ter asilos e escrita em Braile para aqueles que se encontram espiritual e moralmente cegos. A vingança não pertence ao homem; tampouco a retribuição, que dizem respeito ao infinito, e a lição do homem há de resultar dos ensinamentos do Grande Mestre, e desta mensagem que lhes trago do mundo dos espíritos. Que hajam instituições não só dedicadas à cura da enfermidade moral mas para a prevenir. Quem quer que seja considerado moralmente enfermo na infância deveria ser rodeado e fortalecido de modo a que a doença não venha a invadir a alma. Haverão então poucos criminosos remetidos para o mundo dos espíritos, e o trabalho dos grandes terapeutas na vida do espírito diminuirá rapidamente. ”

Eu podia ter-me demorado ali durante eras a observar os processos desse estado inimitável, mas como não era o meu trabalho nem a minha esfera, não pude ficar,

por ninguém ter permissão para aí permanecer inativo. Não há espectadores a menos que possam ser úteis, o que foi uma outra lição; mas senti-me muito satisfeito por escapar à consciência de quase me intrometer no sagrado de um trabalho em que não tinha papel a desempenhar. Mas tão logo me preparei para partir, e quando supusera não ter qualquer função aí, vi um pobre homem que tinha vindo a sofrer de remorsos, e ao me voltar para ele pareceu cair diante de mim e pedir-me perdão. Tinha sido uma ofensa qualquer superficial, mas tinha-o enviado um maníaco para o mundo dos espíritos, e eu tinha sido enviado, inconscientemente, para lhe sanar o espírito. Fizera-o com a minha presença, e quando eu senti que ele se tinha prostrado diante de mim nem sequer me lembrava da ofensa que ele tinha cometido até que uma longa retrospecção ma trouxe à mente. Podem ter a certeza de que eu o perdoei. Não retiro crédito nenhum por o ter feito, porque, se pudesse ter feito outra coisa além de garantir perdão certamente não poderia ter entrado nessa esfera.

No culminar dessa esfera de cura pareci obter um vislumbre e vi Howard e Wilberforce e todos os grandes filantropos do passado, juntamente com muitos outros, cujos nomes são sagrados na história humana, a tratar das suas vidas ali como aqui, na redenção e melhoramento da humanidade, e essa esfera parecia culminar na luz e glória do semblante insuperável d Grande Terapeuta cujo toque se assemelhava a magia, e que dissera, quando a mulher lhe foi levada ao encontro d'Ele: "Aquele que estiver livre do pecado entre vós, que atire a primeira pedra. " E ao longo dos corredores enegrecidos das eras essa voz pareceu reverberar uma vez mais; e eu desejei ter mil línguas e uma miríade de vozes para poder comunicar isso de imediato às mentes e corações terrenos, e criar aí com aqui uma esfera de cura para a alma enferma do pecado.

Esta noite não posso dizer-lhes aquilo que experimentei noutras esferas. Se mo for permitido, continuarei o meu discurso no próximo Domingo à noite, e então contar-lhes-ei a experiência por que passei nas esferas da Justiça e da Sabedoria, e do amor, os vislumbres que fui capaz de receber, porém em nenhum dos quais entrei em pleno nessa vida que espero alcançar por uma busca firme da verdade e do conhecimento neste mundo.

Agradeço-lhes a amável atenção que me prestaram. Devido à falta de poder de fazer qualquer discurso de improviso de que gozei quando estive na terra, fui auxiliado nesta oratória pelo guia do costume da médium. Mas as ideias são todas minhas, e eu enuncio-as na onda da vida espiritual embora garanta que não trocaria o que aqui experimentei e conheci, mesmo neste curto espaço de tempo, por toda a grandeza e riqueza, e fama da terra. Aquelas almas dos ressuscitados e grandes, sobre quem discorrerei daqui em diante, possuem tais tesouros inefáveis, que se pudessem saber deles partiriam de imediato deste lugar com a ideia assente na verdade somente, em busca da orientação dessa elevada sabedoria para poderem igualmente ingressar na condição em que se encontram.

SEGUNDA PALESTRA

5 de Dezembro de 1875

Senhor Presidente, amigos:

Antes de prosseguir com o meu discurso, pedem-me que defina o que quero dizer com “esferas” -- se me refiro a um estado ou a um local quando falo na “esfera da cura, ” na “esfera da sabedoria, ” e na “esfera da justiça. ” Eu descobri que o termo “esfera”, na vida do espírito, tanto significa uma condição como um local; que os espíritos que são diferentes não optam por ocupar posições contíguas, e que por isso aqueles que se encontram mais próximo da terra e das suas associações, ocupam a localidade mais próxima à terra; e também que a primeira esfera da vida espiritual se situa na atmosfera da terra, sendo composta de substância mais densa e consistindo numa vida que corresponde mais de perto àquela da terra. Foi essa esfera que Swedenborg viu quando descobriu a doutrina das correspondências; que para cada árvore e flor e rocha e lago, existe um lago e uma rocha e uma flor e uma árvore na primeira esfera da vida do espírito, por todas essas substâncias terem as suas existências correspondentes.

A esfera da cura, a que me referi, forma a primeira esfera fora da atmosfera da terra. A ciência revelou que essa atmosfera se estende por alguns cem quilómetros ou perto disso, o que, é claro, não é estabelecido por nenhuma mensuração atual. A esfera da cura começa, na sua atmosfera, justamente onde a esfera terrena termina.

Pedirei a vossa atenção esta noite para as experiências por que eu passei na esfera da justiça, sabedoria e amor. Não quero dizer que tenha habitado essas esferas, mas visitei-as e espero habitá-las quando tiver alcançado justiça, sabedoria e amor suficientes para permanecer permanentemente nesses domínios.

Também me é pedido que defina o que quero dizer com existência objetiva da vida do espírito. À primeira vista pensar-se-á a fortiori (NT: Com muito mais razão) que as condições da vida espiritual serão tais que tornem as formas objetivas menos tangíveis e as formas espirituais mais palpáveis, e eu descubro certiorari (NT: Como recurso excepcional) que isso é verdade -- que as formas espirituais são aquelas que para os sentidos humanos são menos palpáveis, ao passo que as formas físicas que vós considerais mais palpáveis se tornam cada vez menos palpáveis à medida que o espírito retrocede da vida e das condições terrenas. Pelo que o que vós considerais substância sólida é para mim no meu estado espiritual sombrio, e aquilo que vós considerais sombrio é para mim palpável. Com essa diferença, que é simplesmente uma reversão dos métodos de mensuração das

formas objetivas e subjectivas, os estados espirituais são precisamente similares aos estados correspondentes na terra.

Lembrar-se-ão que na noite de Domingo passado eu declarei que enquanto visitava a esfera da cura chegara à conclusão de que o termo 'justiça, ' conforme é aplicado na terra, é termo impróprio, dado que parece que em vez de punição se verificava cura pelo crime e as suas causas; e que em vez de retribuição havia um médico mental e moral que aplicava a cura para as condições do crime.

Os meus guias viram a decisão positiva a que eu tinha chegado, e após termos deixado a esfera da cura, eu fui conduzido à esfera da justiça. Inicialmente pareceu-me fria, e eu senti um arrepio palpável à medida que passamos para a região onde a atmosfera, em vez de ser dourada, era tingida com uma ligeira cor azulada e parecia quase glacial. Apresentava uma clareza ao seu redor e uma penetração que me levou a supor que essa esfera ser uma onde há pouco sentimento. Contudo, pude observar que isso era apenas aparente. Mas enquanto me encontrava dentro dessa atmosfera descobri uma condição mental exata correspondente àquilo que se poderá experimentar quando se é avaliado por uma mente superior, e eu senti como que toda a porção da minha vida estava a ser ponderada e eu vi uma descrição precisa, de cada lado, dos actos que eu supusera ser corretos e aqueles que normalmente eram imperfeitos.

E embora a minha vida tivesse sido o que a maioria dos meus companheiros considerara boa, embora me tivesse esforçado por lidar com justiça com o meus parceiros e nunca tivesse enganado intencional ou conscientemente ninguém, ainda descobri uma vasta proporção de cada um dos lados do que pareceria ser injustiça -- tão forte que inicialmente pensei que representasse uma preponderância para esse lado. Achei que a parcialidade que manifestara me tinha conduzido em determinadas direcções e que aqui, como que por um contrabalanço efectivo, a própria atmosfera pareceu carregada com as acções e implementações da minha vida em ligação com a minha carreira oficial e civil; e que embora durante a maior proporção estivesse do lado que eu acreditara ser o justo, ainda assim havia pouco equilíbrio, por causa do sentimento, do preconceito, da educação, do orgulho e daquelas imperfeições que tanta vez nos deformam o juízo. Eu tinha tentado manter o meu juízo claro e livre, mas descobri que em muitos casos, por linhas delgadas e quase inconscientes de simpatia e sentimento o balanço tinha pendido para o lado do sentimento e não para o da justiça. Descobri que embora me tivesse esforçado por manter o julgamento claro e interpretar as leis da minha nação de acordo com as mais elevadas normas eu ainda era avaliado ou influenciado nas minhas decisões por uma parcialidade para o que eu considerara ser a norma humana mais elevada; e quando supusera estar a agir de forma caridosa descobri muita vez que se tratava mais de sentimento do que de uma caridade genuína. A emoção é habitualmente tomada por caridade no vosso mundo, e eu não fui superior a isso.

Essa justiça, ou esfera da justiça, em que eu entrei pareceu desobstruir todos os poderes desnaturados da mente que derrotavam os fins da justiça, e eu vi com clareza que embora a esfera da cura e da compaixão tivesse que ver com criminosos assim como com aqueles que se achavam enfermos, não obstante, e para fins da justiça, a austera Némesis da retribuição (paga, castigo), a lei absoluta da compensação prevalece por toda a parte com uma precisão infalível. Fiquei atónito e pareci ficar imediatamente exaltado, por sentir que de todas as qualidades a justiça era porventura aquela a que predominava como principal na minha mente. Mas rapidamente essa exaltação foi-me tirada pela consciência de que nas minhas próprias opiniões e crítica eu não tinha seguido a justiça nem as suas sugestões por eu nem sempre ter tido conhecimento nem paciência, nem os atributos por meio dos quais pudesse medir com absoluta imparcialidade a causa e o efeito do erro humano.

O crime enquanto tal, na esfera da justiça é tratado com uma severidade infalível. O criminoso é enviado, não para a penitenciária, mas para a esfera da cura. Porém, o crime é execrado; e pela severa luz desta esfera de justiça eu pude ver para onde os homens fortes colocados em altos cargos estavam a ser abatidos como que com uma segadeira potente. Pude ver mesmo nesta hora na terra como um indicado para o cargo de uma esfera especial apontou com certeza infalível aqueles que não lidaram com justiça e honra com os seus companheiros; e que essa é a esfera onde todas as acções da vida humana são avaliadas e medidas e onde, caso seja necessário, os exemplos são dados pela exposição da criminalidade e imperfeição humanas. Não fora essa esfera ser perfeitamente equilibrada pela da compaixão (caridade), e eu poderia ver que essa pudesse igualmente ter sido a esfera onde os antigos profetas Hebreus obtiveram a sua inspirações quanto ao carácter vingativo de Deus.

Nessa esfera pareceu existir uma precisão de tal modo palpável -- olho por olho e dente por dente -- no que à lei diz respeito, que quase me senti oprimido com o poder contundente e penetrante da luz que a parecia impregnar. As mentes que ocupam essa esfera pareciam ter uma clareza cristalina em cuja ideia nenhuma mancha de parcialidade podia entrar, e que podiam ver a linha de causa e efeito com uma certeza exata e capazes de marcar, como que no devido equilíbrio e proporção, a medida da justiça que as nações merecem.

Eu podia ver a ascensão e queda de impérios conforme identificados nesta esfera, pois todo acontecimento que ocorra na terra é aqui registado; e pude ver onde os crimes e os casos de corrupção e de materialismo tinham provocado a compensação e a retribuição que se tinham seguido. Pois com uma certeza infalível o contrabalanço no mundo moral é preservado assim como no equilíbrio no mundo material. Se ocorrerem tempestades e tormentas, verificar-se-á uma calmaria. Assim também no mundo moral, caso se verifique corrupção e materialismo, haverá desolação e decadência.

Eu vi o antigo Oriente na sua imagem de orgulho ali, e monarcas que tinham governado como deuses na terra afastavam-se um a um, como num panorama que se desdobrava diante dos meus olhos, por causa da corrupção dos sentidos e do poder e glória físicos que os tinha traído nessa corrupção. Vi o Egipto no seu orgulho e esplendor, e vi a linha exata do desvio que sofreu da antiga fé e governo

-- que a tinha exaltado -- para o poder material e a sua consequente corrupção, uma rocha sobre a qual todas as nações tropeçam e caem, enquanto a reação da retribuição gera a punição. Pude ver como que com visão clarividente, as duas marés diferentes das correntes morais, como forças magnéticas e eléctricas; podia ver que no mundo moral tão certo quanto a mente achar-se murada na materialidade e render-se às suas sequências, assim também virá a reação da retribuição moral, a punição não é acessada por nenhum poder vingativo, mas estando sempre em existência e acertada desde o princípio, tal como os próprios elementos foram dispostos. Podia ver que certas mentes são eleitas na terra para ser os vingadores da justiça, e que até mesmo o carácter de Judas não é impossível na ilustração dos modos por que a lei divina é executada.

Podia ver que os grandes guerreiros da terra, cuja ambição fora a sua desgraça, também tinham sido tornados instrumentos de retribuição; e que onde as nações tinham pisado nas nações, elas por sua vez eram pisoteadas aos pés por causa da lei da retribuição -- que aquele que tinham semeado ventos colhiam tempestades, e aqueles que ao uso da espada recorrem, pela espada deverão perecer. Pude ver que essa lei é inevitável, e uma lei por meio da qual o homem aprende através da experiência o valor da suprema lei da amabilidade. Pude ver onde Alexandre, os Césares, os Napoleões da história tinham sido usados como flagelos às mãos do Pode Infinito no extermínio das nações, que por sua vez tinham exterminado outras. Pude ver que essas também receberam a sua recompensa de retribuição por causa da ambição e da paixão e amor ao poder que as tinha conduzido. Aí vi o carácter de Lúcifer a quem Milton tão graficamente retracta:

"Alto num trono de estado real, que de longe
Ofusca a riqueza de Ormuz e de Indo,

Ou onde o lindo Oriente com a mão mais rica
Adorna os seus reis com pérola bárbara e ouro,
Satanás exaltado sentou-se, por mérito alçado
Por essa pérfida eminência; e, do desespero
Assim, elevado, alçado além da esperança, aspira
Além dessas alturas, não saciado para prosseguir
Guerra vã com o Céu. "

Tivesse Milton retractado o anticristo de todas as eras -- aqueles reis e governantes cuja ambição tinham deixado enlouquecidos -- e não poderia ter sido mais literal do que aquele que eu vi na história das mentes empregues como instrumentos no surgimento e queda de nações e impérios. Lado a lado com eles encontravam-se os

salvadores e os profetas, para que a luz e as porções enegrecidas do quadro pudessem ser visíveis para a humanidade, e para que pudessem a lei na perfeição da sua operação.

O que é verdade em relação às mentes proeminentes e líderes individuais é igualmente verdade em relação a cada espírito individual. Pude ver que toda a alma humana é como que pesada, numa balança; e o quadro do dia do juízo surgiu diante de mim e eu vi aquele livro onde é registado com uma certeza infalível, pelos anjos que registam as vidas humanas, todo pensamento e acto, e pude crer que o vidente de facto teve a visão do juízo que é retractado no admirável Apocalipse; pois ali presente na esfera da justiça, eu vi os mortos, pequenos e grandes, diante desse lugar do juízo; o livro foi aberto e as suas vidas foram lidas a cada um -- não a mim nem às hostes dos anjos que se encontravam ao redor, mas só à alma individual. O juízo era facto, pois quem, que possua uma consciência desperta, suporta o registo da sua vida individual sem se retrair? Quem aguentaria permanecer na presença do poderoso anjo que tem a seu cargo a esfera da justiça sem se sentir intimidado e humilhado? Ninguém consegue suportar aí estar que não seja perfeito.

Todas as pessoas devem passar pela esfera da justiça. O dia do juízo vem a cada alma que tenha passado ligada à terra, e não há outro caminho para as regiões além senão através da esfera da cura, que desperta a consciência, e da esfera da justiça, que habilita essa consciência a agir integralmente. Não há caminho para os céus senão pelo julgamento, e aquele que teve a visão estava acertado exceto que não se aplica a nenhum ponto no tempo, mas a todo o tempo; pois os mortos, ou aqueles que passaram do vosso seio, são todos os dias julgados nessa esfera e estão a passar com esperanças renovadas e poderes libertos onde o equilíbrio tiver sido conseguido. Se o espírito que entra na esfera da justiça não conseguir a luz penetrante e o olhar perscrutador do instrutor, ou do espírito aponte para lhe ler o livro da vida, então esse espírito será de novo reenviado para a esfera da cura, ou

é-lhe atribuído o desempenho de um trabalho adequado até que os poderes despertos consigam suportar o olhar escrutinador.

Vocês sabem a tortura e a dor física que são necessárias para se submeterem uma operação cirúrgica. Sabem como fogem até mesmo da dor da extração de um dente. Para o escrutínio perscrutador moral não há sedativos disponíveis. Precisam ser aí fortes o suficiente para enfrentar e suportar o olhar de escrutínio que lhes é aplicado pela vossa própria consciência desperta. O anjo só lhes revela o livro da vida. Não é proferida qualquer palavra, nem ideia de condenação; mas ele é-lhes colocado defronte, e como um funcionário falso cuja conta é detectada manipulada, vocês são levados a confrontar o vosso registo. Cabe-lhes a vós decidir; mais ninguém decide por vós. Aí está com a contabilidade de cada lado, e se a balança pender para a justiça e a honestidade, até mesmo assim a humildade impedi-los-á de uma exaltação desmedida.

Mas para que a alma não desespere, para que não se veja privada de esperança, esse não é considerado um estado final, embora, por ora, não tenhamos consciência de alguma vez nos erguermos dele; de momento parece que estejamos eternamente perdidos. Bem que podia aqui imaginar de novo aquela visão do Apocalipse e as visões de Swedenborg bem que se podem aplicar às almas que se estejam a submeter ao juízo e que sintam a humilhação que lhe é inerente e se sintam perdidas. Esse sentimento é o primeiro passo para a vossa salvação; pois que com ele a recém-desperta esperança e o desejo despertado excita as chamas que os bafejam pelo menos nas esferas além. Mas se tiverem cometido injustiça na terra, se tiverem tido o ódio ou malquerença em relação a qualquer ser -- se tiverem cometido um erro que não tenham tido vontade de reparar, podem estar certos de que não podereis passar essa esfera da justiça sem primeiro vos esforçardes por proceder ao reparo integral e por alguma forma realizarem a retribuição requerida.

Se houver alguém na terra que ao som da minha voz sinta animosidade para com qualquer espírito, suplico-lhes que o libertem, para que eles por sua vez, pela consciência de serem perdoados, possam passar quanto antes pelo fogo cruel do juízo; porquanto por ora ainda estarão porventura a pairar sobre vós, remetidos para vós pela ordem severa do exame de consciência e condenação da esfera da justiça, e aguardam aquele pensamento do perdão para que possam ser libertados da escravidão das suas maldades passadas. Se alguém tiver passado para a vida do espírito que tenha cometido alguma injustiça contra vós, ou contra o qual tenhais um pensamento de rudeza, suplico-lhes para que os libertem neste instante, para que eles nem vós possam sofrer mais nessa esfera da justiça inexorável;

Por o equilíbrio precisar ser obtido por alguma forma mais cedo ou mais tarde e o amável sentimento que perdoa antes mesmo de o perdão ser buscado, e que vem ao encontro do errante a meio do cominho apressa a hora da libertação.

Eu assisti a cenas nessa esfera que bem poderiam corresponder ao Inferno de Dante -- almas a gemer na agonia do erro não recompensado que elas próprias tinham cometido; almas ainda não libertas por causa do ódio que as prendera -- e pude escutar os sons da sua angústia, semelhantes a gemidos de tormento, que pareciam não parar de se ouvir; mas eu soube que embora o vingador ali estivesse, também estava o libertador, e eu pude distinguir mesmo em meio a essa chama fria e perscrutadora o raio terno que iluminava o caminho defronte, e soube que para toda a alma havia libertação quando surgisse o arrependimento.

Essa esfera da justiça acha-se a cargo de poderosos anjos que são designados para assumir o controlo da jurisdição das nações da terra. Dessa esfera é igualmente designado um guia individual ou guardião para cada alma; e que aquilo que fazeis e pensais é conhecido no próprio instante em que é feito ou imaginado. As grandes esferas da vida espiritual são como centros nervosos; vós na terra sois a parte mais

extrema, e todo pensamento ou pulsar da mente na terra, ou em qualquer dos estados da vida espiritual, são conhecidos na esfera da justiça e compreendidos por aqueles designados para aí assumirem o controlo. O grande coração da terra, a gemer por causa dos seus muitos erros, é conhecido e compreendido aí; e era isso que o profeta queria dizer quando dizia: "A vingança é minha; eu retribuirei, disse o Senhor. " Por todos os erros serem aqui corrigidos; toda a compensação é aqui encontrada; toda a retribuição conhecida alcançada e o exato equilíbrio mantido nessa esfera divina.

Ah! Eu podia retractar a justiça perante a qual aqueles que se encontram no poder na minha própria terra vacilariam e empalideceriam. Podia revelar-lhes registos desta esfera infalível, em que as suas vidas são peneiradas e os seus caminhos conhecidos, até o próprio chão sob os seus pés parecerem tremer. Mas não me

cabe a mim. A hora chega quando nenhum homem sabe. O dardo cai quando menos é esperado, e aquele que transgredir pode contar com o dia do juízo a qualquer hora. Contudo, não por meio do medo nem do castigo, mas através daquele amor da bondade que transcende todo medo eu vos retrataria os caminhos da vida.

Por mais interessantes e subtis que fossem os métodos dessa esfera, senti não mais aguentar o cenário. Pareceu-me que as cargas do mundo aí se encontravam, e que aguardavam ser corrigidas -- como se erros antigos fossem acumulados na solidez das montanhas e rochas que clamavam por vingança. Ainda assim, os anjos aí encontravam-se cheios de uma contemplação sábia e de paz; e, observando-lhes os rostos não vi sinal algum de severidade ou rudeza, mas apenas profunda serenidade e paz e firmeza que podem perseverar o tempo todo e aguardar a maturação da colheita da eternidade.

A seguir entrei na esfera da sabedoria. Aqui a luz azulada e dourada achava-se fundida numa que parecia safira. Nessa esfera, descobri, todas as ciências têm a sua origem e começo. As leis e princípios subtis da natureza são aqui conhecidos eras antes que surja uma mente na terra que esteja pronta para a receber. Descobri que os diversos sistemas de ciência conhecidos e ensinados na terra eram considerados nesta esfera como que o palrear de catraios comparados com a sabedoria dos anos da maturidade. Pude aqui ver eminentes esferas de mentes iluminadas -- Herschel, por entre aqueles interessados pela maravilhosa ciência da Astronomia; Humboldt, ainda a solucionar os mistérios subtis e leis da natureza; o nosso recém-falecido Agassiz, ainda empenhado em perseguir aquelas linhas subtis da vida em que todas as formas das coisas criadas honram o seu Criador.

Encontrei nesta esfera o meu amigo, o Professor Mapes, ainda empenhado na resolução daqueles problemas que na terra lhe absorveram a atenção -- problemas da vida natural, os princípios da mecânica, os subtis mistérios da química, tudo quanto lhe era cada vez mais revelado à compreensão. Descobri que a ciência tem a sua filosofia completa aqui, e que as leis do universo da matéria só são

compreendidas assim que o seu sistema é capaz de o confirmar completa e perfeitamente.

Nesta esfera, descobri, o meu guia entrava com toda a liberdade, e que na realidade ele pertencia ali; a luz da sua atmosfera correspondia ao azul profundo em que ele entrara. Quando vi os sistemas perfeitos de ideias e escutei as declarações de alguns deles, perguntei: "Por que razão não são elas reveladas à terra? Por que razão andam os homens a tatear às cegas, e a chegar pouco a pouco às soluções dos problemas eras sem fim, se aqui são clara e integralmente resolvidas? " Eles responderam: "Nós também obtivemos conhecimento ao longo de eras sem fim, e aquilo que alcançamos agora é o resultado. Não podemos pensar pelas crianças, nem podemos acelerar o seu poder de compreensão do que a lei da vida permite.

Herschel não poderia ter descoberto o maravilhoso mistério do universo estelar até que as suas faculdades tivessem sido preparadas pelo crescimento para receber a ideia. Então ele descobriu o sistema geométrico do movimento do sistema sideral e aquele grande ponto central ao redor do qual o próprio sistema solar gira.

"Sempre que existir na terra uma mente adaptada para ase tornar num profeta no mundo da ciência, ele recebe imediatamente a verdade mais elevada que pode receber do mundo dos espíritos. Galileu a insistir diante da Inquisição no movimento da terra, foi uma profecia da ciência, muito antes do seu tempo. "

E nessa serena esfera eu vi-o, como que apontado pelo meu guia, num estado de tal tranquilidade de conhecimento que ele parecia conhecer o próprio significado das vozes de todas as estrelas. Vi todas as grandes mentes que a ciência exaltara no seu tempo e locais em grupos constelados, a brilhar com estrelas com cores variadas, porém, harmoniosas. O meu guia disse-me que essa esfera da sabedoria se estendia muito além do espaço interestelar -- até mesmo ao reino celestial, e que o grande e mais poderoso anjo que inspirara a primeira ciência no antigo Egipto, lhe presidia; que era conhecido como Kadmon entre os Egípcios, e que a sua ciência tinha efectivamente sido uma revelação; que ele agora domina esta esfera, e que aqueles que parecem ser directores são seus súbditos, cada um dos quais recebe luz e sabedoria das esferas acima deles, até por fim a esfera da sabedoria, como aquela da justiça, culminar nalgum ponto do reino celestial no qual algum anjo poderoso detentor de vasto conhecimento, sabedoria e justiça, deter o poder; da parte de quem pensamentos na sua justa proporção descem, pouco a pouco, até as gotas atingirem a terra.

Foi-me dito pelo meu guia que quem quer que invente aquilo que contribua para elevar ou melhorar a humanidade da escravidão do trabalho, ou quem quer que doe uma verdade científica perfeita ao mundo, é exaltado no espírito do mesmo modo que um profeta entre os seus; que aqueles que legaram ao mundo as muitas imprensas de múltiplas vozes por meio das quais o ignorante pode aprender, e a

mente mais humilde chega a conhecer mais sobre as maravilhas que sucedem no mundo que as rodeia, são salvadores da humanidade.

Laurens Coster, de Haarlem, (holanda) de quem se diz que foi inventor da máquina de impressão, eu vi na esfera acima da minha, ainda empenhado na perseguição do conhecimento e seriamente alistado na resolução nos mistérios de outras línguas que se encontram para além do alcance do conhecimento humano. Vi William Caxton aí, que introduziu a impressora na Grã-Bretanha no século quinze. Ele, do mesmo modo, a partir da humilde posição de tipógrafo, foi elevado na terra do espírito à esfera da sabedoria enquanto continua a ser um dos maiores trabalhadores do mundo.

Aí vi o nosso amado e reverenciado Dr. Franklin, a resplandecer em meio a um grupo que se tinha reunido ao seu redor, como discípulos ao redor do mestre. A sua face parecia brilhar com fogo celestial e a sua mente ainda estava empenhada na resolução de subtis problemas da ciência. Ele disse-me, com o rosto a irradiar alegria, que do seu círculo, em conexão com o qual ele era um dos principais instrumentos, as primeiras pancadas (batidas) que indicaram a presença do mundo do espírito ao pensamento moderno, foram inventadas, e que ele fora um dos primeiros designados para se encarregar dessa linguagem subtil entre os dois mundos.

Mais potente, disse ele, do que os elementos da eletricidade, mais espantosas do que as maravilhas reluzentes do relâmpago, é essa força subtil que o mundo do espírito agora emprega para conversar com os marais; e, considerando que a eletricidade fora transformada no moço de recados do mundo, também essa força se transformará no mensageiro para as nações e no servo do homem nas esferas da vida do espírito e no plano da existência material. Não é eletricidade, mas um agente mais subtil que ainda não tem nome na terra; que ele me pediu para lhes designar pelo nome de “Força Psicodinâmica, ” a força de vontade mental sobre os átomos da matéria, que tem o seu instrumento principal na força de vontade e que é mais subtil do que a eletricidade ou o magnetismo, ou qualquer outra força que ainda precise ser designada na terra.

Sentei-me ali a escutar o seu discurso até parecer que tinham passado séculos e pude ver revelados, uma atrás do outro, pequenos aspetos de invenções que tinham sido bênçãos para a humanidade; e ele disse-me que havia milhares de invenções à espera de algum avanço mental suficiente que possibilitasse recebê-las e legá-las ao mundo.

Ah! Então pensei o estudante no seu sótão à meia-noite, e na luz gloriosa que ele deverá ceder ao mundo a partir da sua fé e conhecimento e não por causa do aplauso do mundo. Pensei na fome e na privação, e na perseguição de todos os inventores encontraram às mãos dos homens. Então vi nessa esfera glorificada

como o conhecimento é exaltado, e como aqueles que beneficiam o seu género são reverenciados entre os anjos.

Essa é a esfera da sabedoria; e dela parece advir todos aqueles métodos de emancipação da humanidade da serviço e da labuta; e só pude louvar o Infinito quando vi muitos mais métodos a aguardar algum cérebro fértil e mente desinteressada que os apresentasse às pessoas. E pensei nos nossos inúmeros milhões -- como também eles, poderão ser elevados; e orei para que surja a hora em que algum novo profeta no mundo da ciência possa nascer entre os homens que não venha a ser apedrejado, insultado nem perseguido, mas possa ser reconhecido até mesmo entre os seus e no seu tempo e geração.

O Dr. Franklin disse-me que esse subtil poder da força espiritual que é empregue pelos espíritos nos seus métodos de conversa uns com os outros, haveria de se tornar de mais-valia no mundo da mecânica do que o vapor ou a eletricidade, ou qualquer força atualmente empregue na terra. Pensei então no que já fizera -- ao descartar as cargas de um milhar de almas que de outra forma estariam no desespero, e acreditei nele.

Quando tiver passado o tempo, e à medida que crescer em conhecimento, ser-me-á permitido habitar a esfera da sabedoria, por se me ajustar melhor do que a da justiça. Não desejo aplicar à humanidade nem aquilo que ela merece. Prefiro permanecer onde a filosofia e a ciência lancem os seus raios benignos e eliminar, de certa forma, a necessidade e a justiça pela exaltação da reverência que o homem tem pela humanidade e por todas as coisas mais.

Uma outra esfera se abriu. Só pude obter um vislumbre dela. A glória pareceu-me demasiado esplendorosa para que até eu a suportasse; mas vi que estava limitada pelo lar que a minha amada companheira me tinha preparado; e que as mães cujos corações ainda se encontravam na terra entre os seus amados, aí residiam enquanto o seu amor era vertido para baixo com a refulgência mais resplandecente para os objetos amados na terra. Vi aqueles cujo amor tinha exaltado e coroado e glorificado -- que, por um objetivo amado, tinham passado perigos e prisões, tortura e chamas, ou que, pelo amor à verdade, se tornaram mártires ou santos -- agora exaltados no mundo das almas. Então soube que a esfera do amor interpenetrava todas as outras esferas, e que embora alguns pudessem permanecer na da justiça, ou na da compaixão, ou sabedoria, com efeito a esfera abrangente era aquela do amor; pois aí vi muitas das mesmas pessoas que eu tinha visto nas esferas da justiça e da sabedoria; mas principalmente aqueles que aí habitam eram tais que tinham sido exaltados e emancipados pelo seu amor -- aqueles que, se tinham esquecido de si próprios (abnegados) e que tinham sido glorificados; patriotas que tinham morrido para salvar o seu país, todos colocados no altar que acreditavam ser o melhor e o mais elevado. Aqueles que tinham servido ao longo de uma vida longa de paciência e labutado em algum indigno --

aqueles que tinham dedicado todas as suas vidas em paciente labuta e sofrimento em prol do amor. Esses vi eu coroados e glorificados com flores-de-lis da paz alva na testa, e uma doce paciência e reconhecimento consciente. Aí vi mesmo aquela a quem Cristo perdoou -- a qual muito tendo pecado, também amou muito; e além, a luz fundiu-se a as esferas pareceram todas misturar-se, e eu contemplei o Filho do Homem, com amor e piedade da humanidade, e que através desse amor fora exaltado; e soube que santo e mártir eram glorificados não por causa do sue credo, mas por aquele amor que os exaltara.

Então surgiu diante de mim uma longa linha daqueles que, desconhecidos da história, tinham vivido vidas de sacrifício e de devoção, e soube que, embora a justiça seja grandiosa e a sabedoria seja gloriosa, o amor exalta muito mais a humanidade do que tudo o mais, e que a pequenina casinha de campo coroada pela sua presença é glorificada, e que a grande propriedade terrena sem ele é vazia e estéril.

Vi onde o amor do céu se fundia e misturava com toda a justiça em perdão, toda a retribuição em paz, todo o desespero em esperança; e tive conhecimento de que a coroação gloriosa das esferas celestes que beiram o reino celestial era a esfera do amor onde se encontra o Filho do Homem, que concedeu à terra a lição da “Paz na terra e boa vontade entre os homens, ” e aquele mandamento, “Amai-vos uns aos outros. ”

JUIZ JOHN WORTH EDMONDS

Boa noite, amigos. Venho até vós da terra do espírito. Atravessei o rio e encontro-me no vosso círculo, onde sou capaz de comunicar convosco através de um organismo humano. Pela primeira vez visito os meus amigos do Sul, e rezo para que a minha visita lhes possa trazer as verdadeiras e perfeitas leis da harmonia. Estou encantado por aqui me encontrar, Irmão Watson. Encontramo-nos quando eu me encontrava na forma, e desejei ceder algumas ideias para o seu livro "The Clock Struck Three"; mas a cena final chegou - o grande pêndulo da minha existência terrena parou de se mover. Eu deixei a terra para passar a trabalhar a partir do mundo do espírito, e encontro-me aqui esta noite consoante a minha voz interior me incita a fim de comunicar para o seu Magazine. Desde as costas celestiais muitos amigos observam com interesse a pequena barca carregada de verdades espirituais que você largou sobre as águas do Sul.

Desejo, já que de vez em quando venho, manter os corações todos quentes, cheios do amor Divino, como aquele amor que emanou do espírito de Jesus, que aperfeiçoa todos os círculos através do amor e da harmonia. Durante anos antes de deixar o corpo eu esgotei-me com a sua debilidade. O velho baú quase se foi, caído

à terra. Mas a minha missão não terminara; embora a árvore abanasse, o meu espírito ainda mantinha o seu domínio. Os meus amigos espirituais foram os meus constantes assistentes; pela sua ajuda e constantes instruções o espírito foi preparado para proceder à partida em paz. Foi pouca a dor que senti. Foi uma separação gradual do corpo. Por vezes eu parecia perder todo o controlo do corpo - e via-me livre dos seus ónus - quando o pesar dos meus filhos, me mantinham preso à terra, e eu voltava a animar o corpo de novo. Continuei a fazer isso até que o espírito conquistou a vitória, e a minha nova vida começou.

Livre dos limites que me tinham aprisionado durante anos e pressionado pelo sofrimento físico, eu pulei com toda a alegria de um espírito recém-nascido no maravilhoso mar de uma nova vida - nascido de novo, cheio de vigor, viçoso. Com as mais sinceras aspirações que inundam a alma com o começo do verão, eu agarrei todo pensamento que me veio ao encontro da parte dos meus amigos espirituais que se encontravam comigo a contemplar o velho corpo - a conversar sobre ele como se poderia conversar sobre um manto bem gasto, que após um longo serviço tinha sido posto de lado. A minha companheira, que tinha partilhado as alegrias e tristezas da vida terrena, e tinha sido a minha guia espiritual e conselheira através dos longos anos da minha busca pelo conhecimento, foi a primeira a vir ao meu encontro e a guiar-me- até ao seu lar espiritual. Com a sua mão entrelaçada na minha, pelo poder da vontade avançamos com estupenda rapidez através do espaço - deslizamos ao longo de um raio de luz eléctrica. Eu reparei em muitos desses raios de luz de cada um dos nossos lados que se cruzavam e voltavam a cruzar em diferentes pontos. Vi espíritos a chegar e a partir; todos aparentemente decididos com a um objetivo qualquer; todos pareciam ter um trabalho a fazer.

Ao entrar no plano espiritual novas belezas se apresentaram constantemente a si mesmas. Flores que nunca mais acabava, árvores grandiosas e persistentes, com vinhas graciosas encadeadas de cada um dos lados; sons de música distante vieram saudar-me os ouvidos, e a fragrância de inúmeras flores deixaram-me os sentidos em transe. Tudo parecia tão perfeitamente natural que eu mal podia perceber que tinha procedido à mudança. Mas não me vou estender acerca disso, já que você, amável amigo, colocou nas páginas do "Clock Struck Three" o primeiro discurso que fiz desde o mundo do espírito, emitido em London, através da Sra. Cora Lodencia Veronica Tappan. Aí faço uma descrição completa da minha entrada no belo plano da imortalidade, e delineio em detalhe todas as suas encantadoras cenas e arredores.

Esta noite desejo falar dos espíritos que se encontram fora do corpo, e do poder que têm de controlar os espíritos encarnados. Uma das maiores dificuldades com que os amigos que regressam têm que se debater é a ansiedade excessiva da parte dos amigos terrenos de receber comunicados com respeito aos assuntos do mundo; agarrados como e encontram por meio da falsa instrução ao material em

detrimento do espiritual, repelem os mestres mais perfeitos e avançados, que os aguardam fora para lhes ministrar o alimento espiritual, e eles atraem os espíritos mundanos ou não desenvolvidos que tenha vontade de comunicar com base em qualquer tema que os curiosos e os espiritualmente ignorantes possam propor, muita vez comunicando falsos testemunhos e conduzindo as suas vítimas a um mais profundo desapontamento e pesar. "Não podeis servir a Deus e a Mamon. " Todo investigador traz as suas próprias condições consigo: assim como a vossa alma palpita, também o espírito avança. Se, no âmbito da verdade espiritual buscais receber a verdade, ela ser-lhes-á dada. Se, em toda a seriedade e sinceridade avançardes até ao escabelo do trono do vosso Pai a pedir o conhecimento que possais melhorar na graça espiritual, atraireis aqueles que, por meio do amor de Deus, vêm gerir as vossas carências e guiá-los ao longo do caminho que conduz a um cuja verdade viva e amor perfeito é conhecido da humanidade.

Sois vós os da terra que possuís o poder de controlar o espírito e não o espírito que tem poder de vos controlar; imortal e mortal trabalham em uníssono. O espírito só pode controlar na medida em que providenciarem condições; assim como as vossas condições forem, assim será a influência controladora. Se, em perfeita harmonia buscardes os vossos amigos espirituais com ansiedade no coração, a implorar por mais luz, então espíritos de conhecimento, na harmonia do amor com o Mestre da Galileia virão e sustentá-los-ão com o pão da vida. Se, na pureza do espírito, procurardes conversar com os amados que tenham partido antes, ajudareis à sua vinda; e se acontecer que do lar tenha partido um cujo caminho tenha lugar nos lugares escuros, cujo espírito tenha sido envolto pela sombra do pecado, o vosso espírito em busca desse infeliz com uma oração sincera e um desejo puro ajudá-lo-á a receber a luz cuja entrada o seu infeliz organismo, enquanto tiver estado na terra, terá impedido.

Muitos dos que ainda não provaram do pão da vida, clamam: "Por que razão os nossos entes queridos não vêm a nós? Se existir alguma verdade no Espiritualismo, porque não vêm até nós os nossos amados? Estamos ansiosos por saber tudo a respeito da comunhão do espírito. Porque não vêm eles? " Ter-lhe-eis vós dado uma oportunidade? Tereis buscado alguém por intermédio de quem eles possam comunicar? E se tiverdes, tereis ido até junto dele com o coração cheio de graça?

Não tereis ido como aquele que se arrasta sob as sombras da estrada, para que o mundo não possa vê-los a roubar, o vosso espírito a cochichar por mera curiosidade: "Eu vou procurar, mas já sei que são todos impostores? " Poderíeis vós esperar, com tais condições enganadoras a envolvê-los, receber uma saudação dos vossos amados? Levando convosco à presença do organismo sensitivo o espírito da dúvida, vós transmitis de imediato as vossas condições à médium, que a vai inundar, ou a ele, de medo e um sentimento de inquietação que tornará as condições para o controlo impossíveis ou, caso um controlador surja, provará ser

vago e insatisfatório. Ides-vos embora insatisfeitos, a culpabilizar a médium e a duvidar da verdade da comunhão do espírito quando tereis sido vós próprios quem terá provocado o fracasso, fechado o acesso com as vossas próprias mãos e afastado os vossos amados que estavam à espera do lado de fora - vós, com a vossa pouca fé, e iníquo preconceito. Se desejardes conhecer a verdade do poder do espírito, buscai com um desejo sincero - determinados a conhecer a verdade, e não aceiteis senão aquilo que à vossa razão parecer verídico; buscai como céticos sinceros e honestos, e em quase todos os casos, recebereis provas da presença dos vossos amados. A todos, crentes e não crentes, eu diria para nunca abordardes os vossos amigos espirituais com motivos mercenários Se o fizerdes, sereis levados ao vale das trevas e sereis constantemente enganados por bugigangas brilhantes - e sereis levados por diante por um fogo-fátuo que no fim os afundará no pântano da dúvida.

Os vossos verdadeiros amigos espirituais conhecem as vossas necessidades. Eles guiá-los-ão com respeito a como haveis de vos mexer enquanto estiverdes no plano terreno. Vivei puros no espírito, sejam verdadeiros para com todos os impulsos superiores da vossa natureza para poderem atrair aqueles espíritos que, pelas leis perfeitas, se tenham aperfeiçoado; assim, desenvolvei-vos para poderdes ajudar ao desenvolvimento dos desafortunados que, da terra do espírito, venham à terra produzir desarmonia. Esforçando-vos por os elevar, vós elevar-vos-eis. Todo feito por gentileza a um desses, contribuirá para a alegria no céu, e trará ao vosso lar uma multidão de almas santificadas que assistirão constantemente às vossas carências espirituais e os elevarão acima do vale do pecado e colocarão mais perto de Deus.

JUIZ EDMONDS

A ESFERA DA SABEDORIA

18 de Março de 1877

(NOTA: O texto, raro, apresenta cortes substanciais na publicação original, digitalizada)

Senhor Presidente e Amigos: Nos discursos que proferi anteriormente, através deste organismo, tratei da entrada na Vida do Espírito, das sensações e experiências que acompanharam essa entrada, e dos três estados distintos de existência espiritual por que passei, por vezes como visitante e outras vezes como uma porção da minha existência. Esses três estados são as esferas que circundam imediatamente a Terra, que incluem aquela das sombras, ou condição daqueles que sofrem pelos erros e crimes cometidos aquando da sua estada no corpo; a esfera da Beneficência ou Cura, onde as almas são tratadas com relação às suas imperfeições morais, e onde o tema da cura recebe a atenção da matéria moral. A

terceira esfera que descrevi foi a do Concelho das Nações, em que eu visitei diversas porções daqueles grupos que estão ligados ao bem e interesse dos governos da Terra.

Descrevi até agora essas esferas de forma variada e procurei transmitir a impressão que me causaram pelo contacto que tive com essas associações espirituais. Esta noite avanço para um outro nível, e apresento-lhes os resultados de uma visita que fiz a uma esfera de sabedoria. Decerto que se encontra além daquela do conhecimento, embora incorpore muito do aprendizado e verdade científica. Sem dúvida que se situa além da do bem-estar externo dos governos nacionais no presente aspeto que assumem na Terra; parece misturar a lei espiritual com a lei externa e constituir o objetivo no presente raio das atmosferas espirituais ligadas à terra, em que a sabedoria se une à misericórdia e a beneficência e a justiça se combinam na transmissão aos outros e àqueles que se encontram abaixo a devida combinação das leis espirituais.

Porém, foi com pesar que reparei que aqueles que creem na filosofia espiritual têm demasiada tendência a avaliar a Vida Espiritual pela vida da terra; quer dizer, a vida terrena exterior. Eu próprio encontrava-me um tanto equivocado com respeito a isso, quando me encontrava no vosso seio. Tendo-me convencido da verdade espiritual numa idade avançada da minha vida, ou pelo menos durante os anos que seriam considerados como além da maturidade, o hábito da minha mente fixou-se e eu interpretei com respeito à opinião externa e da consciência externa muitas coisas que precisam ser interpretadas unicamente com relação ao espírito.

Vós podíeis sentir-vos ofendidos e afrontados se, no período da virilidade, alguém lhes apresentasse os brinquedos que usavam em criança, e lhes dissessem que era próprio brincar com eles, instrutivos e os edificariam pelo resto da vossa existência. Quem quer que espere levar consigo para a eternidade as frivolidades, as personalidades, os gostos e os apetites externos que os rodeiam aqui, estará enganado.

É verdade que nos estágios iniciais da existência espiritual essas frivolidades e ambições têm muito que ver com a decisão da condição imediata que o espírito terá após a morte; e é verdade que há casos que poderá considerar que os espíritos estejam na prisão, onde as cadeias dos apetites externos se agarram ao espírito durante muitos anos, e possivelmente durante gerações. Porém, não é verdade que num sentido geral o espírito retenha as necessidades exteriores do corpo, os desejos temporais que rodeiam o corpo aqui, nem as aspirações que pertencem exclusivamente à vida terrena. De modo que, avaliando o conhecimento das esferas e a consciência que o espírito deve experimentar ao passar pelas diversas esferas da Vida do Espírito, devemos por de lado o julgamento externo, e considerar que quando vierem para a Vida do Espírito, estareis, em certa medida, por trás dos bastidores da existência externa, que são em grande medida escárnio e a

aparência. Digo isto como uma palavra de aviso, para que não embelezeis com a imaginação externa aquilo que vou dizer, mas para que possa penetrar os vossos espíritos e neles formar uma convicção da sua verdade.

Em tudo o que relato, as experiências são reais; mas são reais com respeito ao próprio espírito e o seu meio. Esse meio toma parte da natureza das existências espirituais e substâncias, e em caso nenhum são materiais nas suas combinações. Acho necessário proceder a estas explicações por pensar que haja certas mentes aqui que porventura conhecem um pouco deste assunto; mas há outros que, bastante conhecedores, ainda assim pouco sabem no sentido genuíno da compreensão do espírito.

Eu mencionei num discurso anterior que o conhecimento externo da mente do homem, chamada cultivo intelectual, não eleva necessariamente a natureza espiritual, e que muitas mentes científicas não se encontram, por conseguinte, espiritualmente esclarecidas; que as regiões que fazem fronteira entre as das trevas e as da luz se acham repletas de infantes intelectuais, aqueles que na terra eram cientistas por natureza, porém, não cultivavam uma aspiração genuína espiritual. Depois de tudo, muitas das mentes científicas na terra podem ser avaliadas como não encontrando-se entre os mais elevados dos espíritos na Vida do Espírito, mas existindo na ala intelectual da existência, além da qual poderão (. ..) passar pelo espírito da vida, que (. ..) de uma aspiração espiritual e intuitiva.

Mas a esfera da Sabedoria de que vou falar e em cujo interior não me encontro, mas tão só a olhar por dentro, é composta por aquelas pessoas que parecem ter ido além do estágio da mera filantropia, no sentido externo da palavra; além do estágio da mera compaixão pelo sofrimento, na (. ..) definição de compaixão e simpatia, além do estágio de uma mera busca de conhecimento intelectual à maneira da ciência, além do nível do estudo das leis da natureza com o mero objetivo de lhe conhecer os aspetos técnicos, e além da aspiração da descoberta de mundos em função de um mero aduzirem ao conhecimento que têm do sistema planetário. A esfera da Sabedoria compreende aqueles (. ..) da terra cujos poderes foram dedicados à elevação da sua espécie e em relação com esses poderes (. ..) apresentar aquilo que elevaria o pensamento do homem espiritualmente, assim como o seu conhecimento externo.

O alfabeto constitui um mero método de aquisição de conhecimento, e não constitui finalidade nenhuma em si mesmo. A linguagem representa o método para descrever o pensamento, e é o pensamento que reside para lá da palavra que a humanidade busca. Assim, na vida depois da morte, o conhecimento técnico do espírito e da sua existência não é adequado. Requer-se sabedoria para se perceber que a existência signifique alguma coisa, que é enobrecedora, inspiradora, estimulante; que conduz a alma a um ambiente em que não só a linguagem e o uso do alfabeto, as formas externas do aprendizado, as matemáticas, os governos

humanos, as teologias humanas, não possuem qualquer uso, mas onde se revelam completamente vazias e sem sentido, por o espírito se encontrar num estado mais elevado de perceção e conhecer a verdade sem esses agentes da vida externa, que não passam de trampolins. Espero ter-me tornado claro, pois à volta disto gira aquilo que desejo dizer com respeito a esta esfera da mais alta sabedoria.

Eu tenho andado em busca de um estado de existência espiritual em que possa entender os meios pelos quais as inteligências espirituais influenciem a vida e as acções humanas e consigam a reconciliação de leis espirituais com aquelas que parecem controlar a natureza externa e as ordens das nações e dos homens.

Encontrei isso aqui, mas não encontrei o seu poder de orientação e de controlo até finalmente eu ter descoberto ou ter-me acercado ou abeirado da esfera da sabedoria, onde já descobri que o meu guia e instrutor pertencem; aquele que me guiou nas minhas fracas tentativas terrenas para a compreensão da natureza espiritual; aquele que me tinha suportado pacientemente na confusão e concepção errada que eu alimentava quanto à verdade espiritual; aquele que me tinha, passo a passo, iniciado nos níveis da vida espiritual, e que agora aparentemente me conduzia tão longe quanto podia chegar, até aos limites dessa esfera da Sabedoria onde ele parecia livre para entrar e passar, mas até onde eu não tinha o poder de chegar. Vós podeis saber que ele foi o meu guia nas comunicações que eu recebi na terra, pelos livros que publiquei. Refiro-me a Lorde Bacon.

"Nesta esfera da Sabedoria, " disse-me ele, "fui eu admitido não por qualquer saber ou conhecimento externo que tivesse; nem pelo discernimento do pensamento externo quanto aos assuntos dos homens, à relação dos governos, ou às filosofias que combinam o mundo externo; mas à vontade de compreender a verdade, que me tornou o espírito tão humilde e simples quanto a mente de uma criança. " Não entendendo bem o que me dizia, eu disse: "Que quer dizer com isso? " Ao que ele retrocou: "A sabedoria no seu estado perfeito brota do perfeito amor pelo Infinito, e esse amor e essa sabedoria, exercitados ao longo de todos os estágios da existência espiritual, constitui o governo da Vida do Espírito. As formas exteriores de governo, como as que têm expressão na terra, constituem as simples imperfeições do pensamento humano, fragmentos imperfeitos de leis que são percebidas de forma indistinta; ao passo que por trás dessas leis exteriores indisciplinadas residem as leis últimas do universo, e os homens são governados na qualidade de nações, sociedades e indivíduos por esta corrente de silenciosas e imutáveis leis espirituais, que os move que queiram quer não, e os guia por fim ao propósito do progresso e do avanço espiritual. Por isso, na esfera que eu habito, nós temos qualquer necessidade de comiseração nem qualquer necessidade de filantropia, necessidade alguma da caridade que é exercida na terra. "

Inicialmente isso soou-me a indiferença. Segundo a mais elevada compreensão da inteligência e da instrução espiritual da religião, a caridade, a benevolência, a filantropia, constituíam as aspirações mais sublimes do espírito humano. Lembro-

me bem das tentativas que fiz por melhorar a condição de sofrimento dos necessitados da terra. Lembro-me bem do interesse que tive por certas filosofias de que me pareceram que o bem-estar da nação e da sociedade humana dependiam. Lembrava-me bem da esfera de Beneficência, onde Willberforce e certos médicos eminentes da terra e distintos filantropos tinham sido vistos, e disse: "Quer dizer que essas não são as aspirações mais elevadas da mente? " E com calma e nitidez a luz daquela esfera dourada vibrou na minha direção numa resposta clara que se assemelhava ao tinir de um sino. E ele disse-me: "Não sabes que há um amor que transcende mesmo a piedade, e que é de tal modo omnipotente e que tudo permeia que não precisa de se expressar através da comiseração, mas exerce supremo controlo pelo próprio poder da sua força omnipotência? Não sabes que há uma sabedoria que vai além do melhoramento da condição de sofrimento que, no sofrimento que, pelo sofrimento e através do sofrimento da humanidade os conduz ao conhecimento e ao pensamento elevado? "

Mesmo então a ideia não me entrou de todo na mente até que ele me pediu que olhasse para a terra. Vi miríades de seres humanos a debater-se com circunstâncias externas e com uma variedade e diversidade de objetos. Aqui um pobre e ali um milionário bem-sucedido. "Bom, " disse ele, "da perspectiva da terra aquele que assiste ao pobre é um filantropo; aquele que condena, ou pelo menos não simpatiza com o milionário é considerado justo; e o estado mais elevado da sociedade humana é aquele que tenta reconciliar ambos esses estados.

Na esfera da Sabedoria, o pobre é objeto de inveja (. ..) e do homem da riqueza devem sentir comiseração, por possuir poder externo enquanto o outro padece de pobreza de espírito; não só isso, na esfera da Sabedoria sente-se isso, por a grande compensação da natureza ser a de que, aquele que possui qualquer tipo de riqueza, e isso somente às custas de um outro tesouro melhor, sabe da pobreza de que padece pelo próprio acto de acréscimo do ouropel e do brilho externo. Removam-lhe o tesouro externo e o milionário sentirá a escassez da sua (. ..); afastem do outro a interdição que a pobreza lhe impõe, e a alma liberta sentir-se-á na presença dos seus pares. Por isso, a esfera da Sabedoria, aquele que aprende a valorizar os dons do espírito pela posse de (. ..) e aquele que cultiva a paciência e a imaginação pelo sofrimento externo, são apenas dois caminhos diferentes para o mesmo alvo. "

Então, ele mostrou-me um criminoso que na terra fora condenado por um crime declarado talvez de assassinato, e que era culpado pelo delito de crime. Também me mostrou um homem de imaculada reputação, sem mácula perante o mundo, um homem devoto (. ..) um filantropo de boa intenção, na medida em que o mundo o concebe, que buscava apenas aquilo que era justamente correto na consciência da sua própria probidade. O criminoso era alguém de quem vós e eu nos ocuparíamos. O criminoso era alguém por quem eu teria exposto os meus dons, o que quer que pudessem ter apresentado, quando estive na terra. As extenuantes circunstâncias do caso teriam sido todas suportadas. Eu teria conseguido a sua

libertação, ou melhorado a sua condição, em pessoa, e teria despendido cada energia da minha mente para chegar até ao espírito dele. Enquanto o homem que caminhava com probidade perante o mundo eu teria considerado um modelo de emulação. Da esfera da Sabedoria, que o meu guia habitava, ele mostrou-me como que com a lente do espírito, que o criminoso tinha recompensas que o homem devoto não possuía; ele tinha noção das suas imperfeições, enquanto o hipócrita se via, por aquela inconsciência, impedido de entrar nos reinos dos céus. Aquele que é virtuoso, e se (. ..) com base na virtude que tem, ergue uma grande barreira entre ele próprio e o reino dos céus do que aquele que, consciente das suas faltas, tem o poder do arrependimento, por meio do qual poderá ascender.

E então vi que todo o problema moral do mundo estava invertido, que aquilo por que o homem se esforça e cobiça, pelos meios externos de uma bondade e caridade equivocada, não é muita vez a coisa a ser ganha. O único aspeto alcançado é que o exercício dessas qualidades beneficia a alma que as exercita, e geralmente aqueles em quem é exercidas; e que da esfera da Sabedoria, que o meu amigo habita, parece haver um esplendor de perfeição estendido na direção da terra, uma linha nivelada de luz que abençoava o alto e o baixo, o rico e o pobre, o devoto e o ímpio, na exata posição espiritual em que se encontram; e eu podia ver que, façam os homens o que quiserem, essas linhas de luz convergem por corredores graduais ou sinuosos para o ponto dos céus em que esta esfera da Sabedoria se acha. A Beneficência é óptima, a Caridade é bela, se for inconsciente; a frescura de uma vida de pureza é aromática à ideia dos anjos, e a bondade que derrama a sua doce luz sobre a terra por um suave ministério torna-se inconscientemente uma porta aberta para o ministério dos anjos. Mas todos esses esforços exteriores por cumprir com os aparentes deveres da vida caem e empalidecem diante do olhar de sondagem do espírito que encontrará a maior parte do mérito do espírito e o pesará na balança equitativa da esfera do Amor e da Sabedoria.

Não vos podeis, pois, admirar que, por essa 'pesagem' e contemplação desses aspetos, todos os esquemas mesquinhos para a reforma humana e a filantropia humana, para a liberalização do governo humano, me pareçam como que brinquedos nas mãos de uma criança. Não vos admirareis, pois, se eu cheguei a compreender a razão por que o mundo angélico não promove esta missão, ou essa reforma, ou qualquer necessidade particular que a humanidade pensa que tem.

Foi-me perguntado muita vez, enquanto ainda era cidadão do mundo exterior, por me saberem em comunicação com o Espírito da Vida, se os espíritos tinham tanto interesse no bem-estar humano e no aperfeiçoamento moral do mundo, por que razão não se interessavam por qualquer reforma especial que ocorra no mundo, provando desse modo o interesse que têm pelo avanço da humanidade? Os espíritos interessam-se por reformas especiais, mas são espíritos especiais; são aqueles que com toda a probabilidade se interessam por essas mesmas reformas se estivessem aqui entre vós, e não tenham ainda passado além da influência da

simpatia externa que os induziria a favorecer esta ou aquela filantropia particular. Há igualmente espíritos interessados em especulações externas e esses professam dar concelho com respeito a assuntos de negócios, e em alguns casos foram bem-sucedidos; mas vós compreendereis prontamente que um espírito desses não poderá ter ido longe na região das causas espirituais para ainda ser capaz de tratar de meras externalidades da vida exterior e mexer com as coisas que dizem respeito aos sentidos do homem

Por isso, ao ir ainda mais longe, descobri que a esfera da Beneficência ou Cura, tratava o crime como uma enfermidade moral, vós prontamente podereis entender que os espíritos não se empenharão em nenhuma codificação de leis que torne as regras da justiça humana mais estrênuas, nem poderão, por nenhuma forma aparente, chegar aos governos da terra até que a própria humanidade tenha sido elevada a um nível superior de legislação reconhecida. As pessoas têm a tendência para supor que os governos e a lei social sejam em si mesmos uma causa de um bem humano, Mas o contrário é mais o caso. As leis são o resultado da condição média da mente humana, e o governo que melhores leis tem deve ser o governo que tenha o melhor estado e condição de leis. Por conseguinte, o Mundo do Espírito deve estar mais concentrado no alcance da condição das mentes individuais, e em instruí-las e em fundirem a sua vida na sua, do que em instruir os detalhes do governo externo ou formas ou métodos de reforma.

Um outro pormenor é o de que a religião - a razão do porquê o Mundo do Espírito não revela por uma forma qualquer tangível a verdadeira religião da humanidade, e desse modo poupa toda esta peregrinação, curso desviante a que as diferentes religiões do mundo conduzem os homens. Da esfera da Sabedoria, pois, eu percebi que aquilo de que eu jamais tivera qualquer dúvida enquanto estive na terra, que a religião Cristã era a mais elevada na sua forma de aspiração moral e espiritual que alguma vez foi dada ao homem; mas que, devido à imperfeição das percepções da humanidade, a interpretação dessa religião deve permanecer imperfeita, e que quantidade alguma de instrução espiritual poderá alterar, senão gradualmente, o estado das teologias cogitadas no mundo; que isso deve sobrevir como resultado do crescimento, o qual tem lugar pela inspiração espontânea das esferas da Vida do Espírito, que se encontram a um passo à vossa frente, seja qual for essa esfera.

“Quão inútil, pois, ” disse-me o meu magnífico mestre, “darmos qualquer orientação a um estado de espírito que não esteja preparado para ver essa orientação. O cego só poderá ser conduzido por um processo gradual de aprendizagem; o jovem só pode ser instruído por métodos graduais de progresso; não há verdade alguma arbitrária, absoluta, e inapta que possa chegar a qualquer mente humana. Os anjos do céu mais distante possuem somente esse nível de verdade para que aspiraram e se desenvolveram. ”

Então vi a luz polida acima da qual a luz central desta esfera do Amor e da Sabedoria parecem formar-se (. ..) a religião mais adaptada parta a humanidade. Não havia nenhuma cerimónia visível; mas depois não havia sinal algum ou símbolo perceptível. Não havia nada por que pudesse ser medida a configuração exterior ou lei da Igreja, mas eu senti que alastrava, como a luz do sol, as diversas religiões das esferas intermediárias e a da própria terra; e vi aqueles raios de luz dessa central alva a resplandecer através das esferas (. ..) Beneficência, a derramar luz e beleza àqueles que curavam os moralmente enfermos.

Via luz dirigida para baixo para os espíritos que se encontravam na prisão, aqueles que ainda se encontravam envoltos no seu orgulho, na sua personalidade, nas suas ideias externas; reis mortos que deixam a vida com erros sem resposta, que palmilham a terra para cima e para baixo à espera da hora da sua restituição; milionários falecidos, que se extinguem com um enorme peso de ouro no espírito e aguardam na prisão da pobreza e da imperfeição espiritual; almas cheias de orgulho e paixão externos -- vi esses raios a penetrar até mesmo aí, e que a perfeição divina da vida acima se encontrava, que tinha algo para toda condição da vida abaixo dela; que o princípio de Cristo expressado no Cristianismo quer dizer aquilo que é capaz de ser perfeitamente compreendido segundo a condição de toda alma, e que tinha algo para cada uma; e que aqui sobre a terra as diferentes ordens de religião são igualmente essenciais para os diferentes estágios do pensamento humano, quanto os diferentes graus de escolaridade numa escola de aprendizado, ou os diferentes passos que damos antes de atingirmos os altos níveis da matemática. Por conseguinte, vi que a própria religião é a pureza alva da esfera do Amor e da Sabedoria, completa e perfeita em si mesma, mas que é violada de acordo com a compreensão dos homens; que o próprio Cristo cortou o pão da vida através do manso ministério do seu espírito, de acordo com a compreensão daqueles que o seguiram, e que os vários instrutores das diversas religiões têm cada um partido o pão da vida e dispensado os diferentes raios da verdade espiritual de acordo com o preparo que a terra tem para o receber; mas que a luz em si própria, a forma externa não faz diferença com o brilho do Espírito da Verdade.

Ansioso por saber cada vez mais, eu disse: “”Quais serão os espíritos mais conhecidos na terra que tenham ascendido até às alturas que eu agora percebo? ” O meu guia e instrutor respondeu: “Muito poucos daqueles cujos nomes são conhecidos entre os homens, mas principalmente aqueles que cultivaram a sabedoria nos mais humildes caminhos da vida, pela consciência de que Deus é sábio, confiando nas leis do Infinito, e realizando cada dever à medida que lhes foi posto diante de si a cada dia. O alvor dessas vidas não foram contempladas pelos homens, não foram notabilizados pela história - alguns nomes resplandecentes, como aquele que emitiu grandes leis ao povo pelo amor ao povo; uns quantos exemplos ilustres, como aquele que, através do martírio pelo princípio, foram pelo

mundo das almas; mas na grande maioria aquelas vidas não narradas nem registadas que em silêncio passaram para a esfera da Sabedoria, e que por fim, através de diversas mudanças, alcançaram aquele apogeu e se tornaram guardiães dos homens. Essas almas, olhando a partir da sua morada, não tomam parte nas legislações dos governos humanos, na ministração e nos assuntos da Igreja nem do Estado, na filantropia externa que constituem alguns dos estágios do crescimento humano, mas ao invés com uma luz suave irradiam para as esferas abaixo deles, e pelo seu próprio brilho cativam os homens para os caminhos da verdade. ”

Eu recomendar-lhes-ia a atenção para a diferença existente entre a esfera do conhecimento ativo, da participação ativa da boa vontade, da filantropia ativa, e aquela da real sabedoria e verdade, como eu as vi. Há uma diferença. O homem que empunha a tocha, que traz a luz até este edifício, que ilumina as vossas cidades, que contribui para a iluminação do mundo, volta para todo o canto da terra o seu brilho como uma chama ativa. As estrelas não saem dos seus lugares para virem até vós. O sol não se desloca do seu sítio na direção da terra, mas emite luz; é a luz que atravessa o espaço por meio da vibração; é a atmosfera da terra que a recebe ou rejeita. O conhecimento ativo da terra é a pequena candeia colocada no vosso meio para vos alumiar nos vossos deveres diários; a grande Sabedoria Divina tornada esfera além, que eu não consegui devido à sua própria alvura, constitui o sol, que ilumina e derrama brilho pelas esferas abaixo, mas não se desvia da sua posição, pois por meio do seu próprio centro encerra o universo moral sob o seu controlo, e é o sol e escudo e vigor desse universo.

A vinda de Cristo à terra constituiu um raio dessa luz; mas o Cristo que se encontra acima da humanidade como o mais elevado exemplo que os seres humanos devem seguir é o Espírito da Verdade que alcança a compreensão somente na medida em que a percebem, mas encontra-se sempre aí, à espera que cresçam.

Eu olhei e olhei, ainda à procura do meu instrutor, que parecia encontrar-se um pouco afastado de mim, quando por fim, por aquele processo que é indescritível aos sentidos externos, mas constitui o movimento do espírito através do espaço, cheguei perto desta morada onde a minha companheira da terra me recebera, conforme disse antes, na minha experiência da entrada inicial na Vida do Espírito. Eu senti-me certa vez quase indigno de ali entrar. Senti que as qualidades dela, o seu estado espiritual, eram muito sublimes e angélicos para que eu fosse à sua presença. Eu sentira as imperfeições da minha vida terrena a fechar-se demasiado ao meu redor; mas descrevi antes o processo pelo qual ela me recebeu na porção externa do lar que parecia estar preparado.

Agora senti, para minha surpresa que esse lar se situava na esfera que eu agora visitava; e eu abordara-o por um outro caminho, e pelas experiências das diversas esferas que eu visitei. Pareceu que eu me tornara mais digno de penetrar no templo interno preparado (. ..) ela; e o meu guia e instrutor mostrou-me a

sabedoria e as leis que controlam essa esfera da Sabedoria na (. ..) divina ordem dos corpos espirituais celestes. Ele mostrara-me como a sabedoria, agindo com base na compaixão humana forja os grandes resultados da terra. Faltava ela mostrar agora o grande milagre do amor. Eu digo-lhes que, consciente como eu era da sua presença na terra, que ela ainda me conduziu àqueles inevitáveis e infinitos laços que pertencem ao próprio espírito do homem; uma (. ..) sabedoria, que por mais vasta que fosse, que nenhum conhecimento por mais supremo que fosse, poderia começar a (. ..) com luz que brilhava sobre (. ..) agora quando eu de novo me vi na sua presença. Todo o constrangimento que eu senti quando entrei na Vida do Espírito tinha-se evaporado. Todos os pensamentos de ternura que emergiram em mim foram como que no espelho; eu senti aquilo que estava (. ..) e mais elevado e nobre em mim próprio. Espelhado no rosto dela eu via luz reflectida de todas as sublimes esperanças de aspiração da juventude, as ambições em prol do amor pela humanidade, a realização daquilo que é somente conhecido nos primeiros anos, e que mais tarde a idade viril rouba (. ..) mas não o espírito. Contemplei o rosto dela como as outras partes de mim próprio; vi o espírito dela como o complemento da minha vida, e via agora que vida alguma se acha completa sem esse amor que constitui o centro da alma da sabedoria, e que a vida humana com as suas grandes imperfeições, com as suas sombras e pesares, as suas adversidades e leis imperfeitas, é imperfeita por causa da inadequada mistura desses dois elementos da vida.

Ai que a sabedoria do homem, intimando os concelhos do intelecto humano, história, génio, ciência, e arte, intimam também o mais recôndito espírito do universo, a forma velada da alma da verdade, a Isis velada na religião Egípcia, o coração de Jove (Júpiter) expirando no suave espírito que fora sua vida, a Maria que foi mãe de Cristo, o amor que constitui o espírito e alma do universo.

Mas então a minha mente foi iluminada. Vi através do orbe esférico em que fora admitido como um dos satélites mais afastados, anjos completos nas suas vidas e perfeitos na sua alma, que tinham sonhado com a vida além na beatitude de uma tal infinita ternura como esta: mães, cujas almas se tinham purificado através do sofrimento; esposas e filhas sem mancha na terra, cujos espíritos tinham legado, por meio de vidas de devoção, oferendas de amor ignorado - todos quantos, através da santificação desse poder abençoado de auxílio desenvolvido as maravilhas da vida, despercebidas na terra. Eu observava agora que, ressuscitados, transfigurados e glorificados, eles se tornavam eles se tornavam intérpretes em igualdade de circunstância da palavra de Deus ao homem; e os espíritos, reinos, principados e poderes, na Vida do Espírito, na esfera dos anjos, são tornados completos apenas pelo triunfo daquela intuição que representa a alma do amor, e aquela voz que constitui a alma da sabedoria; o mesmo amor do Espírito mais recôndito.

A esta abençoada companheira da minha vida, a este espírito, mais do que ao instrutor e amigo que referi, estou eu em dívida por essa experiência. Mas encontrando-me agora à beira dessa esfera que se estende muito longe, vejo a forma de Cristo Jesus, o Nazareno, o Homem de Deus, o Narrador da Verdade, junto daqueles que foram participantes a curvar-se; e vi que nenhuma vida é completa sem essa docilidade, sem esta esfera do amor, e que até mesmo a Madalena que caiu a seus pés, perdoado por muito ter amado, ascende às alturas dessa esfera mais cedo do que aquele que volta o rosto, e tem consciência da sua probidade e retidão aqui.

A voz desta sabedoria, penetrando ainda mais fundo, soou até como as cantigas das crianças, que não têm qualquer consciência de vergonha, nem conhecimento do intelecto exterior, nem impureza quanto a ambição externa, mas que são alvas e puras como as flores, e se tornam profusamente formosas. E assim contemplei o templo da Adoração Humana. Parecia feito de amor e de sabedoria - iguais porções da vida do homem na terra; e todos quantos aí entraram, todos quantos depuseram as suas oferendas nesse santuário, devem igualmente ter um equilíbrio de amor e sabedoria nas suas almas. Esse templo foi cingido a toda a volta com crianças, e luz dos seus rostos tornou o lugar alegre. Flores que eram a oferenda das suas vidas resplandeceram nessa morada abençoada, no interior da qual se encontravam os veneradores. Eram aqueles que tinham sido tornados contentes e livres e fortes pelo sofrimento, pelo sacrifício pessoal, a ausência de orgulho, o espírito de abnegação, a realização da esfera do Amor e da Sabedoria onde todas as almas são convidadas a comparecer.

E aí vi a profecia traçada a luz dourada no céu; para que toda a alma que se encontra na terra, todo o coração que definhe no sofrimento, todo local de desolação, e todo deserto do erro humano, toda a profundidade do sofrimento humano e os espíritos que se encontram na prisão, aqueles que se encontram cingidos pela ambição e pelo orgulho, e aqueles que ainda se acham com desejos de vingança despertem um dia; e pela voz justamente de tal amor como o que descobri naquela quem e precedeu na Vida do Espírito e que aguardou por mim nesta esfera angélica, serão ressurectos e livres e sem vergonha, por serem perdoados à luz do amor e da sabedoria.

Eu chamei a mim próprio um homem recto na terra. Cumpri com os meus deveres e orgulhei-me da minha virtude; mas passei na Vida do Espírito nos primeiros meses da entrada que fiz aí, pelo flagelo dessa consciência de mim. Fui de certo modo impedido dessa presença benigna na qual por fim fui reconstituído; e agora, com esta bênção e o deleite que ela traz, espero cumprir plenamente a vida do espírito pela humildade que a consciência disso traz, a esfera do Amor e da Sabedoria.

O JUIZ EDMONDS DESPEDE-SE

Imediatamente após o falecimento de Vanderbilt, diversos cavalheiros que o conheceram durante anos no Caminho (de Ferro, conforme se depreende), desejaram que os amigos da médium indagassem a respeito da condição espiritual em que se encontra, e em resposta a essa demanda de informações sobre o seu estado, o Juiz Edmonds controlou a médium e fez o relato que se segue. No decurso das suas observações, ele aparentemente foi interrompido, e a médium não pôde continuar durante um certo tempo. Retomando, o juiz anunciou que Vanderbilt havia entrado na sala, e protestado com ele por causa das declarações que fizera, após o que completou a seguinte narrativa:

Foi-me solicitados que descrevesse a condição de alguns dos homens ricos notáveis de Nova Iorque, e eu, como diz Otelo:

"Falarei deles como eles são; sem exagero algum,
Mas sem malícia.

É contrário, ao propósito geral deste trabalho, que um homem fale por outro; mas, como me foi permitido fazer umas observações, fá-lo-ei tão livremente quanto faria se estivesse a discursar numa sala de aula em Nova Iorque, e me esforçasse por apontar os maus resultados de um certo curso na vida, com o propósito de esclarecer os meus antigos concidadãos, não desejando dizer nada de indelicado ou depreciativo destes senhores que, enquanto na terra, foram meus companheiros citadinos, e que agora são residentes no mundo espiritual, embora numa parte diferente da minha.

A cidade de Spring Garden, onde resido, e da Sociedade de Beulah, de que sou membro (e de que Greeley é presidente) ainda não são suscetíveis de se provar atraentes a homens como Vanderbilt, ou A. T. Stewart; mas se quiserem visitar a cidade que eu habito, ficarei muito encantado em recebê-los. *

CORNELIUS VANDERBILT

Foi comentado em tom de brincadeira por um famoso teólogo, que conseguiu convertidos ao Cristianismo às dúzias, e que pela sua maravilhosa eloquência levou o pecador mais endurecido às lágrimas de arrependimento - ainda que em cuja vida tenha corrido uma corrente bastante contrária à sua instrução e chamado sagrado - foi dito com respeito a ele que ele tinha aberto um bar de ostras no mundo do Espírito! Esse, porém, não é facto literal, o público com graça adapta assim a punição aos seus deméritos, e ao mesmo tempo que o aplaude como um orador, avalia vivamente os pontos fracos que tem como homem.

Da mesma maneira lida a opinião pública com o rei dos caminhos-de-ferro, Vanderbilt, e sarcasticamente especula quanto ao que lugar de honra que o seu arrependimento no leito de morte venha a dar-lhe nas Margens Douradas. Ele fechou a porta dos seus estábulos no seu passo acelerado, virou as costas aos amigos chegados, esvaziou os bolsos de milhões, e começou sozinho e a pé, a sua viagem solitária para um mundo quase desconhecido, onde os homens são levados ao seu verdadeiro valor, e onde vantagens estranhas de riqueza e poder que eles conseguiram na terra, são inteiramente destituídas de valor.

Ontem, uma oração foi feita sobre o corpo de este homem outrora rico, hoje ele é um habitante do mundo do Espírito - pobre e quase sem amigos! Ele terá que começar a sua vida de novo, e desenvolver as suas faculdades superiores, que quase foram suprimidas dentro dele.
Os homens, na vida terrena, sentem uma espécie de satisfação em acreditar que, a seguinte, a justiça seja aplicada, e que o pobre homem se venha a tornar rico, e o homem rico pobre, e que aqueles que agora estão no poder se venham a sentar aos pés daqueles que agora se curvam de uma forma abjeta diante deles. Num certo sentido, essa é uma visão correta do que sucede. Todo homem é aí possuidor daquilo que adquiriu na Terra, mental e moralmente, seja isso bom ou ruim.

O desenvolvimento mental que Vanderbilt alcançou de desenvolver e de se exceder, colocá-lo-iam no mundo espiritual entre os menores dos mais baixos se ele não possuísse algumas outras intuições de aspiração que o salvem da companhia desse tipo. Eu encontrei-me com ele quando chegou aqui; a sua mãe e alguns amigos juntaram-se a ele, mas ele parecia desapontado e destroçado quando o levaram para o seu lar sossegado e humilde.

A sua vida aqui por um tempo será de um treino severo. Ele não pode mais dirigir os seus milhões e controlar e forçar os homens a ceder-lhe a parte de leão. Não foi agradável ver a multidão de espíritos - vítimas do desastre da ponte de Ashtabula, que confrontaram Vanderbilt, e descarregaram a sua censura nele, por não aplicar uma pequena porção da sua imensa riqueza para tornar o seu caminho-de-ferro seguro contra desastres e acidentes, motivado por todo aparato da arte e da invenção.

Não há desculpa para a negligência, o descuido, a falta de supervisão pontes e más, à excepção da pobreza. A falta de sono e comida pode tornar o homem negligente; falta de uma boa aptidão na engenharia pode fazer com que uma ponte se desprenda pela força ou maré, ou pelo peso excessivo que sobre ela seja colocado; mas quando o presidente desse caminho-de-ferro é dono de milhões, tem às suas ordens os melhores engenheiros do mundo. Os seus funcionários deviam ser tão bem pago que a falta de descanso e a falta de comida nunca devessem servir de desculpa para os acidentes. Se um prémio fosse oferecido às pontes construídas, e

a vida humana fosse tida como tão preciosa quanto o dinheiro, não teríamos tantos convidados relutantes apressadamente levados para a vida do espírito. Até que o homem aprenda a lidar justamente com os seus semelhantes, ele não poderá ser feliz no mundo do espírito.

Todos os esquemas actuais de negócio e comércio estão errados. Os meios pelos quais um homem obtém riqueza e detém o controlo do mercado, e destrói e oprime o seu vizinho, estão errados; tais práticas não são permitidas no mundo do espírito, e a pessoa que tem nesse tipo de vida descobre que a sua ocupação se desvaneceu embora quando ele atinge o nosso planeta do espírito.

* * *

Lamento dizer que as impressões religiosas de Vanderbilt não eram muito bem fundamentadas. Sustentadas numa incubadora de enfermaria, tinham apenas a existência de um cogumelo e já tinham chegado a um fim prematuro. Ele foi ouvido a praguejar logo após a sua chegada, e a amaldiçoar o seu ministro por não lhe ter dado uma ideia mais verídica do céu.

Os hábitos de uma vida longa não são alterados pela repentina passagem da terra para uma esfera espiritual. Há três dias atrás eu falei-lhes sobre a sua chegada à vida espiritual; ele já está de volta à Terra, numa tentativa de desfazer a sua vontade e de contribuir com novos legados. Ele anda ao redor da casa e dos estábulos ele certa vez possuiu, e em vão a esforçar-se por fazer com que os seus amigos o vejam e ouçam, e está a começar a perceber que a morte não é o repouso sossegado nos braços de um Redentor Crucificado, que dos ensinamentos que lhe foram ministrados nas suas horas de fraqueza ele supusera que fosse!

Fico feliz por dizer que os seus esforços poderão não se revelar inúteis, e que os esforços que faz por remediar os seus erros com toda a probabilidade produzirão algum resultado benéfico da imensa fortuna que ele deixou para trás. * Vanderbilt era eminentemente um homem de intuições e, se fosse deixado à Natureza, teria tido uma ideia correta acerca da vida espiritual. No entanto, as visões artificiais e falsas do céu, tão em voga entre os cristãos, sufocaram qualquer opinião de senso comum que ele possa ter formado, e transformaram-lhe as ideias e esperanças que adotaram uma via errática.

Ele estava bem ciente das manifestações espirituais que ocorriam na terra, mas, infelizmente, as suas comunicações não eram de uma ordem elevada e foram direcionadas para a aquisição de riqueza material. E aqui devo erguer a minha voz contra uma má aplicação grosseira da mediunidade. É verdade que uma classe de espíritos de baixo tipo existem no mundo espiritual. Existem aí vastas multidões de homens sem educação de todas as raças da terra: batoteiros, jogadores, e sensualistas do

mais baixo tipo, que se dão por muito satisfeitos por controlar uma médium e disseminar as suas ideias perversas.

Lamento dizer que os ricos de Nova Iorque assumem, na vida espiritual, uma posição mais baixa do que muitos dos ricos nobres homens da Inglaterra. A América, que foi o refúgio do pobre e do oprimido de outros países devia despertar nos corações de todos os que fizeram imensas fortunas nas suas margens protetoras, um desejo de ajudar os errantes sem-abrigo - filhos da labuta e da pobreza, que poderiam ser auxiliados espiritual e materialmente por uma sábia distribuição de uma parte da grande riqueza que eles acumularam.

Homens ricos que na terra não conseguiram acumular tesouros no céu, no mundo espiritual são vagabundos pobres, que subsistem da caridade dos espíritos bondosos, que na terra foram certa vez carregadores humildes e funcionários pobres desses mesmos indivíduos.

*Dito antes do seu testamento ser contestado.
ALEXANDER TURNEY STEWART

Encontra-se mais agradavelmente situado aqui. Ele criou para ele próprio muitos amigos na vida do espírito pelos esforços que fez por melhorar a condição das mulheres trabalhadoras, e por construir casas baratas e desejáveis para mecânicos, funcionários, e os homens diligentes. Os pontos de vista que tinha da vida empresarial foram rigorosos e duros, mas ele considerou justamente a ociosidade como a maldição da existência; e uma falta de uma atividade sistemática como causa da maioria das misérias da vida; e nessa opinião ele estava correto; mas o bem que ele poderia ter feito ele deixou por fazer. Todo homem devia considerar-se um representante dos anjos invisíveis e devia dispor dos seus acúmulos em benefício da humanidade.

JOHN JACOB ASTOR

Passou muito do seu tempo na Alemanha e na América; ele encontra-se afortunadamente situado e está a fazer muito bem. Ele frequentemente visita o seu amigo Washington Irving e está a colher os benefícios da biblioteca que ele fundou, como sem dúvida Vanderbilt irá no futuro colher vantagens da faculdade em que ele investiu.

Você sabem que o Novo Testamento diz: "Fazei das riquezas da injustiça para vós amigos; para que, quando as riquezas vos faltarem, eles os recebam nas moradas eternas. " Isso é verdade, porque quanto mais amigos fizerem e mantiverem na

terra, melhor será para a pessoa quando ele se tornar um habitante do nosso mundo imortal. Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos.

Ele foi um médium e um clarividente, e estava perfeitamente familiarizado com as verdades de que eu lhes estou a dar conta, com que eu desejo que todo homem rico e pobre de Nova Iorque se familiarize de uma forma prática.

OS DOIS ESTADOS:
O REAL E IDEAL

A médium, depois de ter lido um discurso do juiz Edmonds feito por intermédio da Sra Cora Richmond, inquiriu o ilustre juiz quanto à razão da descrição que fez da vida do espírito por meio dessa talentosa médium se revelava diferente do que descrevera e transmitira através de si própria; e enquanto se encontrava sentada à mesa, recebeu a seguinte comunicação em resposta à sua pergunta.

Foi-me dirigida a pergunta: "Como poderá justificar a diversidade das descrições do Mundo Seguinte, feitas por si através de diferentes médiuns? Através de uma você representa-o como uma condição objetiva, e através de uma outra como uma condição subjectiva; numa descreve-a como comportando árvores e flores, colinas e vales, riachos e atmosfera, palácios e cabanas e chalés, "coisas de beleza tal que representam uma alegria perene, " e muitos dos acessórios científicos e artísticos da vida terrena; ao passo que em outros casos, e através de uma outra médium, você descreve o mundo espiritual como sendo tão subjectivo quanto os nossos próprios sonhos, e os espíritos são descritos como habitando estados criados pelas suas próprias mentes, semelhantes ao estado de uma pessoa insana que se imagina rei, e usa um lenço desbotado ou chapéu rasgado sobre a cabeça como uma coroa, enquanto aqueles que são sãos a contemplam como ela é, uma pobre criatura abandonada num asilo de loucos!

"Os espíritos, dotados de um orgulho exagerado, são descritos como criadores de paredões de gelo em meio aos quais se encerram, do mesmo modo que o insecto coral constrói a sua fortificação preciosa em que se encerra a fim de evitar o inimigo; e diz-se que esses muros, ou estados ou condições se desvanecem ou crescem de acordo com o estado avançado ou retardado do paciente! " Meus amigos e leitores, ambas as descrições são corretas: uma é literal e outra a condição ideal ou da condição alma do 'espírito'.

Mesmo no vosso mundo externo, existem discrepâncias similares na interpretação do carácter, dos lugares e das coisas. Por exemplo, se um habitante de um outro mundo solicitasse a um entusiasta religioso que se descrevesse a si próprio e ao mundo em que vivia, ele haveria de se descrever a si próprio dizendo que vivia

com o Ser Divino, e que estava sempre num estado de oração, por ter sido vil, mas que fora purificado por algum processo misterioso pelo sangue de Cristo! Do vosso mundo maravilhoso ele haveria de falar numa linguagem depreciativa, como "um lugar escuro, um lugar insalubre, um deserto de pecado! " Que impressão acha que tal linguagem transmitiria ao ouvinte?

Por outro lado, um amante da natureza, como Bryant ou Wordsworth, exultaria com a beleza da paisagem, falaria da terra como um lugar de alegria e descrever-se-ia a si próprio como um apreciador do canto dos pássaros, e amante do ar perfumado de rosas! O budista absorto na contemplação religiosa, nunca ergue os olhos do seu livro sagrado, mesmo enquanto caminha, e contempla os homens que passam por ele como fantasmas, enquanto se encontra intoxicado num sonho espiritual de ópio; assim são as freiras pálidas e os sacerdotes austeros da Igreja Católica Romana. Pensa você que eles veem a terra como você a vê?

Eu lembro-me de uma época, há muitos anos atrás, durante a minha vida terrena, em que um certo homem chamado Miller, afirmou que a destruição da terra ocorreria numa determinada data; muitas pessoas deixaram-se empolgar com a ideia, e crendo implicitamente nessa informação, aguardava o terrível momento num estado que beirava a insanidade. Todos os propósitos terrenos se tornaram abomináveis a seus olhos; as casas em que moravam, as roupas que vestiam e os negócios que tratavam tornaram-se desagradáveis e depravados para eles, e aqueles que não podiam acreditar como eles, eram evitados como demónios! Como acha que essas pessoas teriam descrito o vosso estado terreno a um habitante de Júpiter, de Marte ou de Saturno? Seria possível que eles fizessem uma descrição justa da condição do povo de terra?

Assim, no meu caso, embora eu me esforce por dar uma explicação correta da vida do Espírito através das médiuns que controlo, ainda assim as minhas observações são tingidas pelos seus estados mentais, assim como pela própria condição mental em que me encontro no momento do controlo. Se eu visitar as regiões polares e conversar com o Esquimós, emprego comparações adaptadas ao clima ao qual essas pessoas estejam acostumadas e que sejam capazes de entender; e essas comparações deverão ser muito diferentes das comparações que eu uso para com um habitante dos trópicos.

Tive a felicidade de ver e conversar com Sócrates e Platão, Aristóteles, Pitágoras, Buda, Maomé, Bacon e Voltaire, mas de que modo lhe deverei descrever essas entrevistas? Devo dar-lhe conta do lugar e do momento da ocorrência? Devo dizer-lhe como estes conhecidos se encontravam vestidos e o aspeto que tinham à minha perceção? Se eu fizer isso, você responderá que a minha descrição é demasiada material. Se eu adoptar a linguagem típica oriental, e disser, como no Apocalipse, que eles estavam "vestidos com o sol, " e que surgira "um som como

que de um vento impetuoso" enquanto eles falavam, algum desses modos de descrição lhe transmitirá uma ideia perfeita do facto à mente?

Torna-se difícil para a maioria dos médiuns transmitir uma impressão natural do mundo espiritual, pois eles terem sido condicionados pela educação religiosa que receberam dos seus antepassados.

Tome o exemplo de um Indiano ou de um Chinês, e ele irá descrever o mundo do Espírito como um mundo de realidades. Mas os nativos da Cristandade há tanto tempo que foram ensinados a encarar a alma como um nada impalpável, um mito, uma chama, algo destituído de forma ou consistência, uma identidade capaz de sentir o ardor de um fogo infernal material sem ser consumida! Por não não compreenderem o espírito na sua condição natural. Monges e padres. Clérigos e dissidentes, ensinaram-lhes a desprezar o corpo como uma forma indigna, que nenhum parentesco ou semelhança tem com a alma. Fomos ensinados que o vestir, e toda a parafernália da civilização são o resultado da Queda Original, e, por isso, deve ser ignorado por um espírito puro e elevado.

As pessoas não se lembram do facto de que toda a maravilhosa maquinaria de design do homem, os aparelhos das forças da natureza empregues na produção de novos resultados, a tecelagem das sedas, das rendas e dos belos objetos, são o resultado dos poderes divinos do homem e que, quanto mais ele progride no desenvolvimento, mais ele se torna capaz de projectar e criar como um verdadeiro deus! No mundo espiritual, as capacidades do homem são multiplicadas por dez, e os objetos que ele projecta aumentam na mesma proporção.

Eu saudei com prazer enquanto estive na terra, esta médium através da qual falo agora, por ter percebido nela a faculdade de receber impressões naturais, e por ter descoberto que através dela, os espíritos poderiam descrever cenas e lugares reais, enquanto através de outras igualmente talentosos eles poderiam apenas descreva semelhanças poéticas e vagas dos factos.

Eu gostaria que você desse atenção ao que vou dizer: lembre-se que no mundo espiritual, assim como na terra material, existem dois estados: o ideal, visionário, e a condição materialista real, por assim dizer; e que esses estados se acham interligados um com o outro; e que a mente está sempre em busca de uma expressão da ideia que tem por uma forma visível, no mundo espiritual como no vosso mundo; e, como o Criador formou os milhões de mundos objetivos nos céus siderais e todos os objetos naturais que vocês veem na terra, assim irão continuar, como Ele, para formar na vida do Espírito artigos objetivas em resultado do pensamento criativo que têm, e a viver uma vida tão real e objetiva como a que vocês agora vivem na terra.

PALAVRAS DE DESPEDIDA DO EDITOR DO ESPÍRITO

Em vida, o juiz Edmonds, foi um homem de uma calma persistência de propósito que possuiu, em grau acentuado, uma perspicácia aguçada, parecida com a de um advogado, que lhe permitia penetrar o rumo de um caso quase à primeira vista. Ele exibiu as mesmas qualidades admiráveis no decurso destes trabalhos, que ele supervisionou no espírito. Foi a seu pedido que o manuscrito foi levado a Londres para ser publicado, por ser composto em grande parte de contribuições Inglesas, e ele ter, em face de muitas dificuldades, aderido ao seu curso a esse respeito.

A Sra. Horn cruzou o Atlantico três vezes, para Londres, numa negociação necessária ligada ao produto desta Obra, e o Juiz alegremente lhe deu o seu auxílio nos arranjos e remoção de dificuldades.

Ele sempre fez parte do grupo na introdução de novos letrados do espírito nos nossos saraus, e a sua cortês e genial companhia fez com que as séances fossem sempre lembradas, como as conversas intelectuais que lemos que ocorreram nos dias de Johnson e Coleridge, ou dos Salons Francêses da Madame Roland, ou da Madame de Stael.

O meu trabalho está agora completo, e aqui lhe dirijo um agradecimento, Sr. Horn, e à médium, pela atenção que têm demonstrado para os convidados que lhes apresentei.

Procurei a ajuda dos indivíduos mais intelectuais e competentes do presente século, com a finalidade de representar ao público as diferentes fases da vida do Espírito. O Espiritualismo encontra-se em constante progresso. Profecias, feitas nos primeiros anos de seu início, estão a cumprir-se. Credos antigos estão a desaparecer. À luz dessas novas verdades, é impossível ao homem manter as sombrias superstições do passado. As principais mentes da Alemanha, França e Inglaterra estão a despertar para o facto de que os habitantes de outro mundo estão a bater às suas portas. A Igreja treme pelo seu culto mitológico, sob a voz desta Nova Dispensação.

A América sempre tomou a iniciativa nos movimentos progressistas, e este grandioso evento do século XIX, que abre a grande passagem a Noroeste para o Mar Polar da morte, tornando-a navegável, e desvendando os mistérios que mantiveram a humanidade num estado de medo e tremor durante séculos, tem ficado a dever-se à sua empresa e espírito de investigação.

Todas as eras tiveram os seus "Mistérios, " em que o sacerdócio ensinou às pessoas a acreditar como estando ligadas ao seu estado futuro, para que pudessem, assim,

fortalecer o seu próprio poder e alcançar uma influência sobre as mentes ignorantes e supersticiosas, ao professar serem os intermediários, os intérpretes desses pavorosos mistérios sagrados às pessoas, que eram incapazes de os sondar.

A nossa missão é esclarecer a humanidade e provar que os sagrados mistérios do Cristianismo, à semelhança das crenças supersticiosas do passado - presentes no eclipse, no terramoto e nas erupções vulcânicas - são o resultado de leis simples, e não milagres a serem recebidos com uma fé inquestionável.

Quanto à ocupação dos espíritos: o seu modo de viver os seus credos e as teorias que têm da vida; afirmações feitas por diferentes indivíduos no mundo do espírito irão variar de acordo com o seu desenvolvimento, a sua inteligência e a posição ou local que ocupam no Mundo Seguinte.

É verdade que o Mundo Seguinte é o espírito refinado deste, e por isso é um pouco semelhante, mas não mais similar do que o era a condição geológica inicial da Terra, quando se achava imprópria para ser habitada pelo homem, em comparação com a condição atual do globo. O processo de refinamento teve que ter lugar na vossa esfera antes do homem poder existir: do mesmo modo o mundo do espírito foi refinado na sua presente condição.

Daqui a muitos séculos, a Terra será refinada a condições que permitirão que as pessoas vivam visivelmente na vossa atmosfera, enquanto que agora podemos manifestar-nos apenas por breves instantes.

Prevalece uma ideia equivocada entre muitos quanto às diferentes esferas existentes no mundo espiritual. Supõe-se que essas esferas sejam estratos ou camadas, uma acima da outra. Senti-me inclinado a essa crença, enquanto eu vivia na terra, mas desde então descobri o erro que isso era. Um mundo espiritual é um vasto globo, muitas vezes maior que a Terra, por não poder dar o tamanho exato. As diferentes localidades desse mundo espiritual denominamos "esferas. "

As pessoas que passam da terra, de acordo com o seu desenvolvimento, são atraídas para diferentes partes desse imenso globo, e a palavra "Golfo, " aquilo que Dives viu (conforme representado na Bíblia), que o separou dos seus companheiros, é a condição que existiu numa localidade distante das outras, localidade essa a que todos os indivíduos necessitados de reforma, todos os homens dos antros baixos, ou mal-intencionados, todas as pessoas subdesenvolvidas são atraídas por uma lei fixa. É tanto sua casa e terra natal quanto a Região Polar é para os Esquimós. Eles podem progredir e desenvolver-se por meio da educação do mesmo modo que um Indiano comedor de caracóis pode sair da condição baixa em que se encontra para uma mais elevada e mais civilizada.

Mas o tempo e os seus próprios esforços, e não um milagre qualquer, produzirão essa mudança e resultado. Na terra há muitos locais onde vivem aqueles a quem chamamos "espíritos presos à terra. " As suas habitações têm lugar na solidez das montanhas, ilhas desabitadas, grandes pradarias e planícies, e nas regiões polares. O frio e o calor extremos geram uma atmosfera espiritual interior desconhecida da química terrena, e que nunca aparece no vosso termómetro ou barómetro.

Uma comunidade espiritual habitou as montanhas da Ásia e da África desde a mais antiga existência do homem. As montanhas históricas da Grécia e da Itália tiveram os seus residentes espirituais, conhecidos dos clarividentes Gregos e Romanos e retratados na antiga mitologia. Mas à medida que a civilização avançava, e as estradas eram feitas sobre as colinas e vales, os espíritos da Terra desertaram dessas montanhas, florestas e vales, para regiões mais abandonadas.

A prática da Igreja Católica de erigir uma capela ou santuário e crucifixo nos distritos solitários habitados por espíritos, para exorcizar os chamados espíritos vis, embora considerada uma superstição, baseava-se numa perceção instintiva das leis que governam os espíritos entre os dois mundos; pois o magnetismo das pessoas vivas perturba o repouso e a morada dos espíritos, e eles são obrigados a afastar-se quando a solidão se torna um lugar generalizado de recurso.

Durante a Idade das Trevas, quando o Cristianismo ensinou aos homens a crueldade ao invés do AMOR! Nos tempos do Martírio e da inquisição, os espíritos presos à terra eram quase tão bárbaros quanto os selvagens e os canibais. A horrenda visão relatada por Dante, e as pinturas dos monges medievais e pintores inspirados, que representavam as torturas das almas condenadas, foram retiradas de visões parciais e passageiras relativas à condição dos espíritos, que passaram da terra em meio à rapina e ao assassinato, e às inúmeras crueldades da era, fértil em invenções para produzir dor e angústia.

Existe um significado espiritual em toda fábula. Todo credo que tenha conquistado um lugar nos afetos da humanidade tem um significado espiritual interior baseado nos princípios eternos da Verdade! Os quadros da vida após a morte retractados pelos Brâmanes Maometanos, os Egípcios, os Hebreus, os Gregos e os Romanos, continham este germe da verdade espiritual. A linguagem é simbólica, e as imagens da pós-condição da alma representadas pelos escritores Orientais das Escrituras, são simbólicas de estados mentais, e não de realidades.

É bem sabido por todos os observadores e estudantes de medicina que a alma é capaz de experimentar um sofrimento mais intenso do que o corpo. O desespero, o remorso e o desejo de vingança causam maior tormento do que a dor infligida ao corpo, de modo que os indivíduos recorrem ao suicídio e a todas as espécies de actos corporais para diminuir a angústia da alma. Por isso, como o espírito se torna

muito mais suscetível à dor ou ao prazer extático quando liberado do corpo, os quadros clarividentes do Céu e do Inferno, conforme suportados pela alma, são emblemáticos desses estados, e não lugares verdadeiros; como, por exemplo, o Mar de Gelo descrito por Dante, o céu de húris* dos Maometanos, ou o lago de fogo ardente dos Cristãos.

Chegamos agora a um ponto na História do Mundo, em que o conhecimento prático tomou o lugar da especulação do ideal. A verdade pura usurpou o Reino do Romance. Uma mudança paralela seguiu-se no mundo dos espíritos. Os anjos ou mensageiros da Terra do Espírito não mais se dirigem aos cidadãos terrenos em linguagem hiperbólica, mas por palavras sucintas e explícitas, livres das alusões metafóricas empregadas pelos profetas da antiguidade, eles dão à humanidade informação relativa ao Mundo Seguinte, sem adornos; uma informação que descreve um mundo de causa e efeito, e não um paraíso e céu miraculosos, não adaptáveis a seres de amor e pensamento, mas uma terra espiritualizada, para a qual a experiência mortal é dada ao homem, para o adaptar a viver com prazer ou dor, de acordo com o desenvolvimento e o uso aqui feito das vantagens materiais.

* Virgens prometidas aos Maometanos.

Médium de transe: Susan G. Horn

JAMES MAPES
PERGUNTAS & RESPOSTAS

(NT: Numa série de palestras públicas feitas pelo falecido Professor James Mapes, através da médium Cora Richmond, em transe, em finais da década de 80 do século XIX, subordinadas ao tema “Espiritualismo e Ciência”, foram colocadas algumas

questões da parte do auditório, respeitantes a uma diversidade de assuntos, das quais extraio alguns excertos que passo a publicar, de forma aleatória.)

Pergunta: Quererão os guias dizer-nos o que cultivar, o que fazer, o que evitar de modo a tornar-nos seres mais sábios, mais inteligentes e felizes do que somos no presente?

Resposta: A terra é velha de vários milhares de anos, e essa tem sido a questão desde que a humanidade tem habitado o mundo - tem sido uma questão suprema. A felicidade humana tem sido firmemente procurada. Um método de a conquistar passa, não por a perseguir de forma tão ardente. É bom deixar a felicidade entregue a si própria; deixar que o indivíduo cumpra com o seu dever sem pensar se resultará na felicidade dele próprio ou não; se virá a causar felicidade aos

demais. Deixem que aquelas coisas que os afligem - que compõem as desgraças da vida humana - existam, e simplesmente cumpram com o dever individual que mais perto estiver da vossa consciência. Não conhecemos nenhum método melhor de lançar fora este sentimento hereditário do que aquele que sugerimos. Claro que a aquisição de conhecimento, as exigências da verdade, o aperfeiçoamento de todas as formas de conseguir um discernimento sobre a criação Divina pertence à grande constelação de coisas que se espera que esta humanidade faça; mas a simples prescrição que damos é a de não buscarem a felicidade individual, mas de a concederem a outros, que então regressará de volta aos vossos próprios corações.

Pergunta: Não haverá uma retribuição para os animais pela crueldade de que são alvo em troca do bom serviço e da fidelidade que prestam?

Resposta: Existe uma retribuição em todas as coisas. Mas por vezes a retribuição vem aos outros, ainda assim, torna o equilíbrio perfeito. Por exemplo, vós fazeis uma boa ação a alguém, e essa pessoa faz uma boa ação a mais alguém, e assim uma cadeia de boas acções é instaurada e o equilíbrio é mantido, embora ninguém pratique uma boa ação para convosco. Assim sucede na natureza; a crueldade infligida pelo ser humano, que é tido como possuidor de inteligência humana, sobre o seu servo estúpido, encontra reação no facto da natureza sempre providenciar que tais pessoas por vezes sofram, de forma que o animal estúpido seja compensado. É claro que existe sempre uma retribuição que assiste a toda a forma de sofrimento; e se pudessem penetrar dentro das mentes desses animais estúpidos, descobririam que são recompensados por essa crueldade por meio das leis da natureza. Mas nisso, é claro que não podemos penetrar esta noite.

Pergunta: Será capaz de visitar outros planetas no sistema solar? Poderá dizer-me se os habitantes desses planetas transcendem os desta Terra?

Resposta: Os habitantes de alguns dos planetas transcendem os vossos. Aqueles que estão ao no alcance do meu conhecimento, especialmente Vénus, possuem uma inteligência e uma espiritualidade que transcendem em muito qualquer coisa existente na vossa Terra, tanto mais que caso vocês fossem apresentados aos habitantes eles os tomariam por seres de formas inferiores. Se vocês possuíssem um instrumento suficientemente poderoso, vocês poderiam descobrir que eles já têm consciência do trânsito de Vénus que se aproxima, e que erigiram fortes torres de luz para poderem atrair a atenção dos homens de ciência da Terra; mas se tivessem um telescópio suficientemente potente essas luzes tornar-se-lhes-iam visíveis, e um sistema de luzes interativas e de sinais poderiam ser postas em prática entre vós e esse planeta. Isto poderá parecer-lhes não mais do que uma sombra vaga de um sonho, contudo provar-se-á correto. Construam um telescópio suficientemente potente que seja capaz de discernir um objeto tal como uma cidade, e descobrirão essas torres e luzes elementares já preparadas para vocês verem; por eles saberem que estais a debater-vos numas trevas como as do Egipto.

Pergunta: Será a inteligência dos habitantes do planeta governada pela relativa distância a que se encontram do sol central?

Resposta: Não, depende da idade do planeta; embora a proximidade do sol e o movimento acelerado aumentem o desenvolvimento do planeta. A vossa Terra está a passar por uma mudança que dará lugar a uma ordem de seres mais elevada; não que vocês venham a ser destruídos, mas que venham a ser suprimidos (por) organismos superiores; e os espíritos que habitam esses corpos serão muito mais afortunados do que vós sois, tal como vós sois muito mais afortunados do que os cefalópodes que surgiram há milhares de anos atrás.

Pergunta: Quando um espírito vem ao mundo, como, por exemplo, no caso de um bebé, será esse espírito novo, ou de onde derivará?

Resposta: Não é novo; deriva da fonte do espírito, Eu disse-lhes que todo o universo se acha repleto de espírito: não existe nenhuma criação nova; mas o espírito é atraído à Terra, e o germe da existência física é então organizado. Contudo, não é criado então.

Pergunta: Será, então, a primeira vez que o espírito terá assumido a forma viva, do mesmo modo que o espírito no átomo; ele entra no átomo, e torna-se numa substância?

Resposta: Bem, vocês não sabem, por os átomos não iniciarem a sua vida na altura em que começais a investiga-los. Os átomos sempre existiram em alguma forma de vida. Assim Deus, o Espírito, sempre existiu, e o espírito que vem à forma finita sempre existiu, e nos acreditamos que sempre terá existido nalguma forma de vida

- diferente da vossa vida, mas ainda assim uma forma de vida, por o espírito precisar trabalhar eternamente, do mesmo jeito que os átomos trabalham; mas Deus expressa-se em cada alma e em toda a esfera, de modo que o espírito poderá não ter habitado a organização humana antes, mas terá ainda assim avançado, ou talvez descido da Mente Infinita, e está a ajustar-se à habitação da Terra.

Pergunta: Será o intelecto perfeitamente destituído de valor no estágio seguinte?

Resposta: Não. É bastante valioso. Eu afirmei que o meu intelecto se meteu no caminho da minha intuição; mas descobri mais tarde que é bastante útil. É útil sem a intuição, mas assemelha-se a um corpo sem alma. O intelecto não passa do mecanismo do Espírito, e a dificuldade está em que nós procuramos fazer com que satisfizesse em vez dela, mas isso nunca acontecerá.

Pergunta: Terá a distância do planeta do sol alguma coisa que ver com a inteligência dos seus habitantes?

Resposta: Dissemos que tem algo que ver com isso, na medida em que a rapidez da revolução e dos raios de luz agem sobre o organismo. Mas essa não é a razão principal, que assenta na idade do planeta - o tempo desde que foi ejectado do sol. O planeta não foi formado conforme certa vez se pensou. Cada sol ejectou ou desenvolveu de si próprio os planetas que revolvem ao seu redor, e o mais antigo é o mais avançado. Mas isto adentra um campo vasto demais para uma noite só.

Alguma outra noite, quando o círculo da inteligência for favorável, terei prazer em que façam mais perguntas.

REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX

Um discurso dado através da mediunidade de Cora LV Richmond,
ante a igreja da alma, Chicago, Illinois na virada do século 20

“Há indicações actuais, de que a ciência está bem ciente, de que a Terra está a preparar-se para uma daquelas grandes mudanças cíclicas, às quais nos referimos. Vocês estão cientes da existência influências mútuas, não apenas na conjunção dos planetas e outros grandes factos astronómicos, que os planetas exercem uns sobre os outros, mas que existe em astronomia a chamada "precessão dos equinócios. " Vocês entendem que os pólos da Terra estão gradualmente, gradualmente, muito gradualmente a mudar; que deve chegar um momento em que haverá uma reação, e com essa mudança deve chegar o que é conhecido como um dos grandes períodos em que os continentes sofrerão destruição, em que toda a Terra sofrerá uma mudança geográfica, em que, porventura apenas os Noés, os precursores das futuras gerações, serão preservados. É claro que sempre deverá restar a semente da raça humana, e do reino animal, os germes das plantas, aquilo que trará os resultados futuros.

“Se as pessoas não estivessem tão ansiosas por apontar falhas ao Antigo Testamento, em vez de encontrar o significado interno e esotérico, elas saberiam que o grande dilúvio de Noé é apenas uma das tradições ou registos de um certo período de tempo, de um ciclo em que houve um dilúvio glacial. Calculamos o tempo em cerca de 25. 000 anos entre cada uma dessas grandes mudanças cíclicas. Consideramos que o tempo desde o último dilúvio glacial está quase passado, mas provavelmente não chegará ao cataclismo no século XX.
Os precursores, no entanto, já aqui se encontram: Em certas linhas de profecia, no aparecimento de muitos fanáticos religiosos que vêem o "fim do mundo" a cada instante e que tentam preparar para ele; e entre os cientistas, bem como entre aqueles que estudaram esses grandes ciclos e o seu significado espiritual; e afirmamos encontrar-se entre aqueles que anunciaram essa grande mudança cíclica.

“Os precursores já aqui se encontram: na maior das agitações e variações atmosféricas; nos maiores tumultos por terra e mar; no efeito sobre as vidas humanas, causa de muitos erros a serem cometidos; mais acidentes com ferrovias, carros e acidentes nos oceanos, e grandes epidemias físicas e epidemias morais. Esses grandes crimes são precursores dessa mudança. Estes são dias de culminares. Existem tantos gênios no crime quanto nas invenções, e as pessoas também descobrem novas maneiras de torturar os seus criminosos; novas maneiras de colocar os criminosos fora do caminho em vez de ensiná-los a agir melhor. A electrocussão é uma dessas descobertas que permitem que as pessoas demonstrem (como supõem, no interesse da lei) o melhor método para se torturarem mutuamente, seja por causa da assim chamada, ou erroneamente chamada, ‘justiça’, seja por vingança, que encontra o culminar num período como este.

“As vidas humanas também procurarão encontrar muitos paliativos para os erros existentes. Mas os paliativos não são curas. Reformas sociais são geralmente anestésicos morais. A ciência da Matéria Medica descobriu muitos anestésicos e constitui a presente forma de prática da Matéria Medica acalmar a dor com mais frequência do que curar as doenças. A cura dos pacientes é deixada para o cientista cristão, o curador espiritual e magnético e esse tipo de pessoas. Os médicos são proficientes em cirurgia e anestesia, e isso significa que as causas de doenças humanas não foram removidas, mas que são usados paliativos.

“O século 20 marca o anúncio da Morte no sentido teológico dos velhos tempos. Os cemitérios e tudo quanto lhes diz respeito darão lugar ao conhecimento do reino do espírito, da luz que está além, da força e beleza e grandeza que têm lugar nele.

“O século XX é o precursor do grande cataclismo, do Dilúvio Glacial, e todas as forças da mente e do espírito marcam a época mais rapidamente do que a matéria. Portanto, há apogeus internos que trarão o culminar de maneiras de instaurar a paz; pontos culminantes na religião que levarão uma grande quantidade de lutas sectárias a um novo esclarecimento da raça; culminâncias nas
relações comerciais que produzirão um reajuste geral, já que as nações estarão tão cingidas que serão atingidas por outras nações através do intercâmbio comercial. Haverá grandes mudanças na relação entre capital e trabalho, já que agora ambos esses campos se acham divididos. Mas o homem representará mais do que um dólar e a humanidade representará mais do que o dinheiro. Está chegando a hora em que essas forças serão aliadas pela necessidade, e a necessidade trará equalização e crescimento.

“A fraternidade não pode ser forçada, mas a fraternidade gradualmente tomará o lugar do aglomerado egoísta. Assim que as pessoas entenderem que cada um é incluso como parte do todo. Vocês lutam contra o mundo agora, o "eu" está contra

todo o resto. Foi uma grande proposta a que foi feita no âmbito da ciência quando o sol se tornou o centro do sistema solar, em vez da Terra. Deixou a Terra porque a ciência descobriu que era pequena demais para ser o centro de tanta magnificência. Quando o centro encontrou o seu próprio lugar, o universo pareceu ficar melhor ajustado. Agora, o "eu" é suposto ser o centro do universo em todas as mentes humanas. Assim que isso for mudado e o “eu” for relegado ao seu próprio lugar, como parte do todo - e a alma preservar a sua identidade - o universo funcionará melhor convosco. Toda a família humana não estará contra vós, vocês serão um com ela. ”

UMA AULA SUBORDINADA À CURA ESPIRITUAL
DR. BENJAMIN RUSH
1745? - 1813
MÉDICO E PROFESSOR DE QUÍMICA
SIGNATÁRIO DA
DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA
ATRAVÉS DA MÉDIUM DE TRANSE
CORA LV RICHMOND
NO PARKER MEMORIAL HALL, BOSTON
NA TARDE DE DOMINGO 15 DE FEVEREIRO DE 1880

ABAIXO CONFORME RELATADO E PUBLICADO NO BANNER OF LIGHT
DESTACADO NA PÁGINA FRONTAL - 28 DE FEVEREIRO DE 1880

INVOCAÇÃO

Infinito Criador e Preservador, tu que és o bálsamo de toda a alma, curador de todos que se encontram doentes, voltamo-nos para ti como fonte do ministério final, através de cujas leis e beneficentes misericórdias todas as formas de vida encontram o ser e a preservação, de quem vida e morte emanam igualmente. As formas mutáveis de ser exterior, mesmo aquilo que os homens chamam de enfermidade, não é senão outra mudança em direção àquele supremo da vida que é inteiramente teu. Tu és a perfeição; todas as outras coisas têm que ser imperfeitas. Tu és infinito: todas as outras coisas têm que ser finitas; e como o finito não pode abranger o infinito, a imperfeição do homem não pode medir a Tua perfeição. Mas o que quer que exista na vida emana de ti, e as potências do ser exterior fluem em direção a Ti e de Ti. O homem Te louva por aquele conhecimento alcançado através do sofrimento, pela vitória que brota da

experiência, por aquela iluminação que é o resultado dos diversos caminhos que ele deve seguir em direção à derradeira verdade; pelo espírito que por fim controla a matéria; pelo pensamento que usurpa o lugar da força física; pela volição que finalmente coroa toda a vida humana com o supremo poder sobre os elementos abaixo do homem.

Oh, que os teus filhos se voltem para Ti enquanto fonte do conhecimento, lembrando que, por mais perfeito que seja o livro da natureza, existe um mais perfeito, o livro da intuição, traçado dentro da alma; aquela iluminação nascida das suas fontes vivas e claras; aquele poder cristalizado dentro do espírito, que emana de ti.

Como a razão é apenas a serva do espírito, podemos voltar-nos da razão para a inspiração destinada à orientação; do exterior para a vida interior; do externo para o espírito; do pensamento que é visível e manifesto para aquilo que é real e invisível; pois, conforme toda força da vida é na realidade imperceptível, e somente o funcionamento da força se manifesta, assim também os poderes perfeitos do espírito devem sempre ser invisíveis, contudo, representados para sempre na luz e na vida os seus maravilhosos trabalhos. Oh Deus! sê Tu a eterna presença, e como o Cristo revelou através dos poderes do espírito as maravilhas dos dons que podem pertencer a cada um, assim deixa que os teus filhos cobicem fervorosamente os melhores dons, buscando aqueles para os quais estejam mais adaptados, e procurando a luz e orientação para realizar todos os deveres necessários da vida.

Voltamo-nos para Ti como fonte no deserto, como o oásis no vasto deserto da vida material; como a luz no meio do espaço, separado e a arder para sempre para orientação dos teus filhos. Assim nos voltamos para Ti, louvando-Te por todas as vias do conhecimento humano, mas principalmente por aquela fonte primordial, nascida da intuição e da adoração, a coroação da glória do espírito humano.

Amém.

A PALESTRA

A outro é dado o dom da cura, pelo mesmo espírito. Como cristãos, alguém poderia pensar que haja pouca necessidade de uma palavra pronunciada em nome de um método que forma um dos predicados do mundo cristão; mas como os cristãos legislam de modo adverso à sua religião, e desaprovam nas suas acções aquilo que eles aprovam na sua teologia, é conveniente que esses não reivindiquem santidade especial, aqueles que não têm interesse nos princípios usuais da Igreja, mas em nome de uma filosofia mais profunda e de uma maior ajuda humana, reivindiquem para a cura espiritual, o que o cristão lhe nega. Hoje, os curadores dos doentes, no sentido em que Cristo curou, encontram-se entre aqueles geralmente ignorados pelas escolas de Matéria Medica. Quando a medicina se tornou uma ciência, ela deixou de ser uma religião e, com a cessação dessa sua qualidade espiritual essencial, deixou de ser a cura.

A escola de Esculápio pode ter sido fundada na descoberta inata dos antídotos fundamentais das doenças; mas a escola da medicina moderna é um sistema de contradições tão complicado que requer a maior fé para se aceitar qualquer sistema de prática médica. A cirurgia, em verdade, é uma escola por si só; todavia, estamos muito enganados se até mesmo a cirurgia não tem sua antítese espiritual que acabe por a suplantar, já a cura superior suplantará os métodos inferiores da descoberta humana.

Duas forças ou métodos são necessários no tratamento da doença: primeiro, que um antídoto para o veneno efectivo que tenha sido quer introduzido no sistema por uma doença contagiosa, ou gerado por alguma falta de saúde no sistema; segundo, um ajuste do sistema onde não haja veneno, orgânico ou não. Os antídotos para os venenos são especificidades facilmente detectáveis por aqueles que seguem os métodos profissionais naturais de cura, e são tão frequentemente encontrados entre os Índios inexperientes e não instruídos da América do Norte como entre os mais altamente graduados das faculdades de medicina, e tão frequentemente conhecidos por aqueles que praticam a cura entre os magos e feiticeiros do Oriente, como entre aqueles que fizeram o estudo da medicina sua vida longa perseguição, ao passo que, a determinação no sistema humano, quando não existe um veneno real ou epidemia, ou a doença de malária presente, é mais frequentemente realizado pela presença real do médico do que por qualquer remédio que ele administre ou faça com que seja administrado.

Com base numa centena de anos de experiência em ambos os mundos, posso afirmar com segurança que o sistema humano é curado pela mente em noventa e nove por cento de casos; que o poder ou influência que o médico, enfermeiro ou acompanhante tem sobre a mente do paciente é o poder de restauro; que o agente corretivo empregado afecta a doença na proporção exata em que a mente do paciente ou do assistente esteja de acordo com ele; e que, onde se verificar um resultado dinâmico real, será com mais frequência e liberdade produzido pela conformidade mental do paciente e pela administração mental daqueles que participam.

Venenos diretos e distintos produzirão resultados diretos e distintos, tal como os antídotos, assim como os chamados acidentes físicos, ou qualquer outro choque violento que ocorra sobre as habituais vibrações recorrentes do sistema; porém, se houver um remédio igualmente violento à mão, seja na mente ou no corpo físico, geralmente será eficaz; e a promessa de que, aqueles que têm fé tomarão veneno não se ferirão, e tocam o fogo sem se queimarem, não será mais uma impossibilidade física do que o conhecimento de que a mente humana, em face do medo, leva o corpo, acamado há anos, a pular da cama e a correr para as ruas em busca de segurança; faz com que uma pessoa ferida no campo de batalha não tenha consciência da sua ferida e leve adiante a luta por muitas horas; faz com que uma pessoa afligida por uma doença fatal se desfaça dessa aflição e se recupere inteiramente dela sob o estímulo da alegria súbita, ou faça com que uma pessoa

morra de medo de uma doença que nunca teve, e com a qual nunca tenha vindo a entrar em contacto.

Quando as doenças humanas são orgânicas, raramente são repentinamente fatais; mas a mente acalenta-as até à fatalidade por um período de vinte e cinco ou cinquenta anos, o que, quando muito, constitui uma média muito justa da vida humana. Aqueles que herdam doenças raramente morrem de repente, mas por sintomas premonitórios, cuidadosamente instilados na mente numa idade precoce por uma mãe ou acompanhante sempre vigilante, a doença é confirmada na mente dos jovens. Ela é levada adiante até anos mais tarde, e acha-se ainda confirmado na mente, e todo sintoma de tosse ou outra circunstância concomitante é atribuído à mácula hereditária, até que finalmente se desenvolve numa doença real, e na boa velhice a profecia é cumprida que eles seguirem na esteira dos seus antepassados.

Às vezes, uma doença deste tipo surge repentina e inesperadamente na flor da vida, e levam pessoas que não deveriam encontrar-se predispostas à doença, e prova-se contrária às expectativas humanas, que confundem até as habilidades e a vigilância médicas, e mostram que a doença, na sua maior parte, não é herdada; que a ideia dela é herdada e que a suposição da doença é mais frequente na mente do que no organismo físico real.

A diátese (NT: Tendência ou predisposição para doenças hereditárias, que em homeopatia é chamado de miasma) de todo ser humano é mais ou menos afectada pelas afecções escrofulíticas, pulmonares ou outros incidentes que ocorram numa vida que seja civilizada demais. As doenças do Pele-vermelha são principalmente o resultado de um acidente ou de epidemia no seu carácter; na constituição deles não têm doenças; [1880] não contraem doenças hereditárias, porque a natureza com o seu laboratório de remédios; a sua farmácia está sempre à mão e a intuição do pele-vermelha sabe como aplicá-la.

Para as epidemias que são o resultado de privações, injustiças ou algo desse tipo, a natureza não oferece nenhum remédio imediato; portanto, os Índios sofrem mais nesses casos; mas para as doenças comuns que afligem as nações civilizadas, os aborígenes não têm concepção alguma e, portanto, não dispõem de remédios.

No nosso avanço e civilização, comprometemo-nos por melhorar a natureza, a suplementar a ação da natureza por métodos artificiais, que, atualmente levados ao extremo, produzem um sistema de prática em que, se em definitivo insistissem plenamente, faria de tudo os seres humanos bêbados ou devassos, faria de todos os

seres humanos imbecis ou lunáticos, porquanto a aplicação dos anestésicos a uma raça tão altamente sensível e susceptibilizada como a raça moderna dos seres civilizados, é de facto um excesso de medicação que atualmente produz os resultados mais surpreendentes. Com todo o avanço para a melhoria superior da humanidade em outras direcções, é um facto surpreendente que a medicina e a

teologia tenham avançado menos. Aqueles que tratam os corpos e aqueles que

tratam as almas, permanecem adversos não apenas aos primeiros princípios de cura, mas adversos a qualquer invasão de seu domínio. Todo avanço na prática da medicina foi combatido; toda perspectiva liberal concernente ao domínio da natureza e a sua aplicação às exigências humanas encontrou a mesma oposição, e hoje vocês veem-se confrontados novamente com o mesmo tipo de demagogia daqueles que, acreditando- se na posse de toda a verdade, e de toda a ciência final, precisam ser postos à prova de nunca perderem um paciente, e nunca terem um remédio que falhe.

QUANDO A MATÉRIA MEDICA PUDER FAZER ISSO, ELES PODEM ALEGAR O DIREITO DE PRESCINDIREM DE DAR OUVIDOS ÀS ALEGAÇÕES DE QUALQUER OUTRO TIPO DE PRÁTICA. QUANDO

AS ESCOLAS DA CIÊNCIA MODERNA PUDEREM DETERMINAR EXATAMENTE AS QUALIDADES E PROPRIEDADES DE UM DADO REMÉDIO E A SUA APLICAÇÃO AO SISTEMA HUMANO COM UMA PRECISÃO INFALÍVEL, E PROVAR QUE, EM TODOS OS CASOS, EXISTE A CAPACIDADE DE O AJUSTAR ÀS

necessidades do corpo humano, então e só então, eles podem alegar, "Não haverá

QUALQUER MUDANÇA! "

HOJE VOCÊS ENCONTRAM-SE À BEIRA DE MUDANÇAS, E ESSAS MUDANÇAS REQUEREM UMA CONSIDERAÇÃO CUIDADOSA, SÉRIA E ADEQUADA. QUE PESSOAS IRRESPONSÁVEIS VENHAM A SER ENCARREGADAS DO IMPORTANTE CARGO DE TALVEZ DECIDIR ACERCA DA VIDA DE UM SER HUMANO, PARECERÁ, À PRIORI, UMA PROPOSIÇÃO MUITO SURPREENDENTE. MAS QUEM SERÃO ESSAS PESSOAS IRRESPONSÁVEIS?

A qualificação requerida para a realização de uma determinada coisa não deve somente ser concedida pela lei humana, mas pela divina. A mãe herda e possui o direito de cuidar do seu filho; unicamente em caso de negligência e abuso extremos é que esse direito lhe é retirado. Os curadores devem ser tanto obra de Deus, assim como do homem. O dom da cura é como o dom da poesia, do ensino ou da arte. Podemos ter escolas e métodos, mas a cura em si é um domínio, é uma faculdade da mente, é algo concedido pela natureza e atinge as várias ramificações do corpo humano.

O espírito está lá e afirma sua preeminência. Se o homem fosse apenas um epítome de compostos químicos, poderiam estabelecer-se escolas de ciência com o fim de se determinar com precisão o que sustentaria a vida e melhor removeria a doença; mas como o homem não é apenas um epítome de compostos químicos, mas uma expressão última de algo que está para além da química, além da anatomia, além da fisiologia,

ALÉM DE QUALQUER CONSTITUIÇÃO DE ESTRUTURA QUE A ANTROPOLOGIA TENHA DETERMINADO, ENTÃO PRECISAMOS DECIDIR SOBRE A CAPACIDADE DE CURAR DE ACORDO COM A CONDIÇÃO DO HOMEM ENQUANTO SER ESPIRITUAL.

Eu sei que a mente do paciente determina o sucesso do médico; Eu sei que na maioria das doenças que afligem a humanidade, há uma falta de ajuste nervoso e espiritual; Eu sei que na maioria das epidemias, novecentas e noventa e nove pessoas em mil

morrem de medo, em vez de doenças; Sei que quem quer que detenha o poder de inspirar confiança na área epidêmica verificaria instantaneamente a disseminação da doença, que se estenderia apenas àqueles infectados ou que possuíssem a condição negativa do sistema que a predisponha à infecção; Eu sei que o poder que a mente

EXERCE SOBRE O CORPO HUMANO É POR VEZES ABSOLUTO, E QUE O PODER DE UMA OUTRA MENTE PODE ESTABELECER UMA POSITIVIDADE QUE A LEVE A SUPERAR OS EFEITOS DO VENENO, OS EFEITOS DO MEDO, OS EFEITOS DA CONSTIPAÇÃO, OS EFEITOS DE QUALQUER ELEMENTO SUPOSTAMENTE DESTRUTIVO DA VIDA, E QUE A PRÓPRIA MORTE É DETIDA E DESPREZADA COM FREQUÊNCIA PELA VOLIÇÃO QUE ENTRA EM CONTACTO COM ELA, REAJUSTANDO AS PARTÍCULAS À EXATA POLARIDADE DA VIDA.

Ciente disso, pois, hoje, falo em nome do sublime e divino dom da cura. Enquanto o homem se encontrava no estado físico, unicamente remédios violentos, as aplicações físicas se faziam necessários. A idade do ferro exigiu o tratamento heróico da alopatia. Houve um tempo em que o corpo humano apenas cedia, porventura, aos remédios mais violentos e mais grosseiros da natureza; mas mesmo assim encontramos magia no Curandeiro de Nazaré; mesmo assim, encontramos feitiços nos oráculos e potências nas fontes de cura e nos lugares santificados, provando que, apesar da idade do ferro, a idade do ouro pode permear e ter lugar por meio disso.

HOJE [1880] VOCÊS ESTÃO A CHEGAR À IDADE DE PRATA; A IDADE DE OURO AINDA NÃO SURGIU. AS LEIS DA MATÉRIA MEDICA ESTÃO A MUDAR, E MÉTODOS E PRÁTICAS MAIS SUBTIS E OCULTOS SÃO APROVADOS. A HOMEOPATIA CONSTITUI O ESPÍRITO DA ALOPATIA, É O ESPÍRITO RESSUSCITADO, TALVEZ, MAS POTENTE, PORVENTURA POR CARECER DOS MÉTODOS MAIS GROSSEIROS DE COMPOSTOS MAIS MATERIAIS. O VASTO HERBÁRIO DA NATUREZA PRODUZ EM VÁRIAS FORMAS DE DESTILAÇÃO OS REQUISITOS EXATOS PARA O CORPO FÍSICO. SE NÃO HOUVESSEM NERVOS, ACOMPANHADOS DE PODER CEREBRAL OU MENTAL, PODERÍAMOS ENCONTRAR ESSES REMÉDIOS PARA TODOS OS MALES; ELES SEMPRE ESTARIAM À MÃO; VOCÊS SEMPRE SABERIAM O QUE FAZER; MAS O ANTÍDOTO PARA UM CONSTITUI UM VENENO PARA OUTRO. A RAZÃO ESTÁ NA DIFERENÇA DA ESTRUTURA DOS NERVOS E DO TECIDO ESPIRITUAL, E ESSA DIFERENÇA PRECISA SER INVESTIGADA, CUIDADOSAMENTE MEDIDA E ASSIM DETERMINADO PELO VERDADEIRO MÉDICO QUE O REMÉDIO APROPRIADO SERÁ DESCOBERTO. MESMO QUE OS SINTOMAS SEJAM OS MESMOS, A DOENÇA SERÁ COMPLETAMENTE DIFERENTE.

As simulações de certas doenças no sistema humano que enganam o médico, que brotam de certos estados nervosos, muitas vezes são muito desconcertantes; mas estas têm as suas fontes em estados espirituais e mentais, que somente aquele que verdadeiramente discerne, o verdadeiro médico, poderá averiguar.

Fui chamado à cabeceira de um paciente extremamente nervoso, sensível e sofredor, e se eu não tivesse tido outro discernimento ou experiência além daquele que geralmente acompanha o estudante de medicina, eu teria começado a ministrar a aplicação do costume para a febre tifóide nervosa. Eu descobri que não existia tal doença; os sintomas achavam-se presentes, mas as causas eram bem diferentes. Houve um problema; a mente foi afectada; a doença era secundária; os sintomas foram simulados e a verdadeira cura teve que ser mental.

A mudança de ar é eficaz; a mudança de ambiente por vezes opera maravilhas; mas a palavra apropriada dita no momento certo e no lugar adequado constitui

frequentemente potencial maior, e a própria presença de uma mente calma, que tenha confiança no poder de cura derradeiro do universo, é em si uma poção da força, um agente corretivo real. Como a terra e o ar contêm tudo o que é essencial para o sustento, a perpetuação e a saúde do homem, a terra, o ar e o espírito contêm tudo o que é essencial para o seu bem-estar espiritual e físico. Para julgar isso corretamente, precisamos mencionar primeiro o espírito como a potência de cura; a luz solar e o ar como os seguintes; os agentes corretivos como o último e mais baixo na escala de cura.

Primeiro, espírito, porque sem a mente e o contacto ou rapport efectivo, não há cura ou restauração real. O curador mágico, aquele que teve o dom do espírito na dispensação Cristã, exceto em casos raros, dependia totalmente da vontade ou força de vontade, a saber, o espírito que fluía dele para a pessoa afligida. Em certos casos, a terra ou a argila eram usadas como meio de transmitir a força magnética; em outros, a água ou uma vestimenta era usada como instrumento para estabelecer a relação adequada entre o curador e o paciente. A fé, dizia ele, era essencial para vós.

Eu considero a fé essencial em todas as coisas; significa recetividade e uma condição que capacita a pessoa a receber a doação proporcionada; a fé do rei de que o seu filho seria salvo; a fé da mulher a quem era proibido que Cristo curasse, mas que foi restaurada pelo seu ardente desejo; a fé da viúva; a fé de todos que receberam o ministério e foram declarados íntegros era o ambiente em que a cura espiritual poderia ser transmitida. Se vocês não tiverem fé no vosso médico ou no vosso curador, não recorram a ele; esse é o único requisito essencial.

Também precisam ter o dom; mas muitas pessoas que não são chamadas médicos possuem o dom de curar, e como foi estabelecido na terra, não numa escola de teologia e numa escola de Matéria Medica, um sistema de cura espiritual, o mundo espiritual estabeleceu-o fora das escolas de teologia e de medicina, e a terra foi beneficiada pelo mesmo, embora não tenha sido sancionado por sacerdote, prelado ou médico algum.

Os praticantes no mundo de hoje cobiçam fervorosamente toda a preconização da família humana, mas a cura magnética no momento atual usurpa uma grande proporção dessa prática. E fá-lo deliberadamente; fá-lo conscientemente; fá-lo com o consentimento de seres humanos inteligentes; e contanto que sejam inteligentes e conscientes do que estão a fazer e empreguem médicos desse tipo, não me parece razoável que outros seres humanos, afirmando serem igualmente inteligentes, devam privá-los desses meios de restauro.

Bem que poderão legislar contra o ar da montanha, o ar do mar ou os banhos de mar, ou qualquer outro requisito que vários seres humanos considerem essencial para a sua própria recuperação, ou legislar contra qualquer tipo de alimento, ou qualquer tipo de diversão ou qualquer outro tipo de recreação, ou qualquer tipo de leitura. O princípio é precisamente o mesmo. Aquilo que acho bom para mim pode

não ser bom para vós. Vocês não são obrigados a empregá-lo, e neste país, onde a maior liberdade do indivíduo é cuidadosamente preservada, é estranho que, tendo encontrado o segredo da recuperação, vocês não sejam capaz de o exercer.

Mas o segredo jaz mais fundo do que isso. É o grito dos velhos tempos contra a inovação; é o carro antigo da Força Bruta, a rolar de outra maneira e a sacrificar as suas vítimas. É o mesmo tipo de sentimento, alterado para o tempo, lugar e ocasião do século XIX e uma república livre. O sentimento é exatamente o mesmo que teria crucificado os próprios fundadores da medicina, caso se tivesse apresentado em contradição com a lei e os costumes estabelecidos da terra. E quem foi mais perseguido do que esses perseguidores de hoje?

Encontramo-nos, pois, em meio a este tema, sob a conclusão calma e deliberada de que aqueles que tentam destruir o espírito estão a lutar contra o que não conhecem. A cura magnética não nasce da argila; não é um epítome da poeira; não é o resultado do produto químico do cadinho; não é fornecido nas escolas do mundo; mas tem a sua origem numa fonte mais elevada, a saber, o espírito do homem, encarnado e desencarnado, a abrir caminho, como antigamente na forma de milagres e maravilhas, e é do assim chamado espírito, mas na forma de um poder que neste momento tem mais adeptos do que qualquer outro sistema de prática, e no final do dia é mais capaz de aliviar e de remover os males do mundo do que qualquer outro sistema.

Eu digo àqueles que têm o dom da cura, seja comissionado por qualquer escola do homem ou não, vocês não podem deixar de o exercer. Eu digo àqueles que têm o poder do espírito de remover doenças que não podeis ser silenciados; os muros da prisão não os prenderiam; não podem ser suprimido por nenhuma multa ou formulação judicial; os júris não podem bani-los; não podem ser submetidos por nenhum juízo oriundo dos tribunais humanos de justiça.

Lembrem-se, é um dom divino; é um dom humano. Ele vem a vós das fontes mais íntimas do Espírito; é o método natural, se os seres humanos estiverem a sofrer, e em vez de suprimirem esse dom por qualquer lei ou legislação, em vinte e cinco anos, ele suplantará completamente as formas presentes de tratamento; em cinquenta anos, dificilmente haverá qualquer outro método de cura no mundo. Em cem anos não haverão escolas de Matéria Medica, pois a ocupação terá terminado e vocês serão instruídos a partir dessa fonte com respeito à antropologia humana no sentido mais amplo e mais sublime.

Para aqueles que não terminam com o protoplasma, mas começam nele, e passam para o espírito nos seus diversos estágios, como a fonte de toda a vida e cura da coroa da cabeça até a sola dos pés, o homem é um epítome das forças espirituais, e entender isso é entender a lei da existência.

Medo, terror, servidão a toda lei física, prendem-nos a doenças. Felicidade, alegria, esperança espiritual, aspiração, são remédios de cura.

Teremos enfermarias, não baseadas, como agora, em sistemas de tratamento que frequentemente sujeitam o paciente a mais tortura do que ao remédio, e lhes deixam o sistema destruído para a vida toda; mas enfermarias onde todos os atributos da mente e do espírito fluam harmoniosamente juntos; onde a música, a luz do sol, as flores, as crianças e os anjos ministram o trabalho de cura, em vez de gaiolas cirúrgicas e frascos de remédios e drogas; onde nenhuma enfermeira, com passos suaves e sussurros cuidadosos, administra hora a hora a poeira que lhes é prescrita; mas onde as horas passam inconscientemente para o paciente, onde a recuperação é como um anjo alado que se eleva acima de vós; onde o médico não é revelado, e às vezes nem é conhecido; onde os assistentes são vossos amigos.

Onde as vozes fluem para vós daqueles escolhidos para lhes ministrar; onde os acidentes podem ser evitados; onde os membros quebrados podem ser ajustados sem o uso de anestésicos artificiais; onde o sono hipnótico tomará o lugar das drogas; onde o poder magnético tomará o lugar da cirurgia; onde toda forma de sofrimento humano será controlada pela voz e volição da mente; e onde o poder de cura do espírito estará sempre pronto para responder à vossa demanda. Para aqueles que são hoje ostracizados, perseguidos, condenados, eu digo, tenham coragem, pois o mundo espiritual é mais forte que o mortal, assim como a alma é maior que o corpo; o curador é mais mágico do que todas as doenças da terra.

Cristo, o mestre, e Cristo, o curador, nascem no mundo em nome da Verdade e da verdadeira cura. A religião para a mente e para o corpo andarão de mãos dadas. Teremos remédio para a alma e, portanto, o corpo recuperar-se-á.

CORA RICHMOND

RESPOSTAS A QUESTÕES METAFÍSICAS ACERCA DA ALMA

PUBLICADO NO THE NEW IORQUE EVENING POST

Após participar num pequeno grupo particular de atendimento a perguntas
Numa residência particular em Nova Iorque

PROFERIDO EM COMPLETO ESTADO DE TRANSE
POR
CORA LV HATCH
1858

“O seguinte, ” relata o New Iorque Evening Post, “é um relato preciso de um diálogo que teve lugar numa residência particular da cidade, entre a Sra. Hatch e uma comitiva de dez ou uma dúzia de convidados. Nenhuma das perguntas fora previamente submetida ao conhecimento da Sra. Hatch, mas a cada uma delas foi

dada uma resposta imediata e sem hesitação. As respostas são tão notáveis quanto qualquer coisa que tenha sido alvo de especulações teológicas que recentemente nos tenha chegado ao conhecimento. A sessão levou uma hora e dez minutos.

Pergunta - Existirá alguma relação inevitável entre doença e pecado? E se não, o que quer a resposta que nosso Salvador deu a certos escribas quando eles murmuraram que ele blasfemava - “Por que pensais mal nos vossos corações? Qual é mais fácil dizer: 'Os teus pecados são-te perdoados, ' ou dizer: 'Levante-se e anda? ' - E uma vez mais, em resposta aos mensageiros de João, que tinham vindo inquirir se ele era o que estava para vir, ou se deveriam procurar por outro, a saber: 'Vá e mostrem novamente a João aquelas coisas que veem e ouvem: os cegos recebem a visão, e os paralíticos andam; os leprosos são purificados e os surdos ouvem; os mortos ressuscitam e os pobres pregam-lhes o evangelho.” E se existe alguma relação, ela existirá depois da morte? E os espíritos conhecerão a doença e a recuperação?

Mrs. Hatch - Pecado, no usual sentido do termo, implica a violação de uma lei. Contudo, foi aplicado inteiramente a leis morais ou intelectuais; à violação daquelas leis que se aplicam à alma. Como se disse que a alma representa uma formação distinta e positiva, distinta da formação física, como a sua existência não foi considerada como parte do corpo, ou da vida do corpo, pensa-se que o pecado não tem influência sobre o homem externo. Mas qualquer lei que produza um efeito sobre o sistema físico do homem precisa, na sua fonte primitiva, ser da alma. Por quê? Por a alma do homem, na sua identidade, na sua essência e na sua formação, aplicar, agregar, assimilar substâncias externas, até vocês acabarem por ver a forma do homem. A forma externa é o crescimento do espírito. A natureza do espírito desenvolve a forma do corpo. O corpo simplesmente aloja, expande-se, desdobra-se, para que os processos de identidade se desenvolvam e manifestem de modo mais efetivo.

O pecado, pois, como tal - não sendo um elemento positivo, mas uma expressão da ignorância das leis da Natureza - pode ser definido como físico ou mental mas, em qualquer dos casos, aplica-se à alma; por todas as doenças físicas, quando traçadas até à sua fonte última, procederem de uma falta de desenvolvimento no espírito. A doença traduz uma falta de ação adequada em alguma parte do sistema, e isso deve tender a produzir um incremento da ação ou superabundância de outras partes, que representa a inflamação.

Isto deve proceder da falta de conhecimento das leis da saúde e da natureza; pois, se fossem bem compreendidas, nunca seriam violadas: consequentemente, procede de uma carência de desdobramento do intelecto ou alma - uma falta de ação da alma. Portanto, no texto da escritura citado: “Pois, qual será mais fácil dizer: 'Os teus pecados te são perdoados, ' ou dizer: 'Levanta-te e anda”- quer a alma ou o corpo sejam tornados íntegros, não importa, pois a doença de ambos surge da mente.

Perguntam, pois, se as relações de pecado e doença se aplicam ao espírito na sua existência futura, e se o espírito conhece doença e recuperação. Nós respondemos que sim. A doença consiste na falta de ação em algumas partes do sistema e num excesso de ação em outras partes, conforme a definimos. Como isso é verdade com respeito à forma externa, também é verdade com respeito à espiritual. Há uma carência ou um excesso na capacidade do espírito no cérebro, que opera sobre o espírito como doença e recuperação.

Quando o espírito adquire um conhecimento das leis que governam a sua natureza - quando um equilíbrio é produzido nas suas faculdades, no mundo espiritual, através das manifestações do desdobramento da alma, no espírito inteligente e identificado - então não há mais doença.

Consequentemente, os espíritos conhecem a doença - não do corpo, pois isso é deixado para trás - mas enfermidade nas faculdades da sua própria natureza, já que melhora para sempre, e não cresce, mas sempre se desdobra rumo a formas superiores e mais perfeitas de existência.

Pergunta - Será a alma, ou, por outras palavras, aquilo que anima a forma, e será o homem - uma entidade absoluta e independente, ou será o resultado da organização (corpo)?

Mrs. Hatch - É uma entidade absoluta e independente.

Pergunta - Como será, então, que as qualidades da alma são herdadas, de modo que uma raça de homens apresente uma certa semelhança?

Mrs. Hatch - As qualidades da alma não são herdadas, exceto as da Divindade. As qualidades da manifestação ou combinação da alma - daquilo que tem uma forma externa - são sempre herdadas, na medida em que a alma se identifica e se expande através das gerações e das nações, nas suas essências externas. Mas a alma, enquanto tal, na sua essência distinta e positiva, não herda nada exceto da Deidade.

As manifestações da identidade em formas externas e em desenvolvimentos de combinações e modos de pensamento, conforme testemunhado em nações e gerações de famílias de homens, são o resultado das condições da vida externa; e dos desdobramentos do espírito; e como não existem dois indivíduos no mundo iguais na forma externa, também duas almas não se desdobram da mesma maneira, mas se combinam e são trabalhados de maneira diferente.

Por exemplo, para o ilustrar com uma teoria familiar na Natureza: na química, as primárias de todas as substâncias são semelhantes, mas não as suas combinações em qualquer forma de existência. Vocês percebem um desenvolvimento diferenciado, uma agregação diferente, uma variedade constante no externo; e as mesmas diferenças, a mesma diversidade, existem nas essências internas, as combinações de espírito e da alma. Portanto, não é a alma em essência que é mudada, mas as capacidades da alma como que forjadas a partir do exterior.

A diferença reside no intelecto.

Pergunta - Nesse caso existirá alguma diferença radical ou implícita entre a alma de um dos indivíduos mais degradados da raça humana - como, por exemplo, a do Bosquímano - e a de uma da raça branca ou Caucasiana?

Mrs. Hatch - Nenhuma nos elementos implícitos à alma, caso contrário a educação ou o desenvolvimento não poderia produzir o seu efeito - não poderia extrair as manifestações mais elevadas da alma. Se houvesse uma diferença de espécies, uma diferença essencial nos elementos interiores, e não poderia ser assimilada através dos meios educacionais, através dos processos de desdobramento pelos quais o conhecimento externo é adquirido, nem a alma desdobrar-se até à mais elevada capacidade que o homem concebe. Consequentemente, a alma do Bosquímano é radicalmente idêntica à do Caucasiano ou a qualquer alma humana. Todas as almas procedem de uma Fonte Primordial.

Pergunta - Em relação aos Bosquímanos, não sei, já que não há evidência alguma de que eles tenham sido cultivados. Os Bosquímanos são sobre a mais baixa raça de homens conhecida.

Mrs. Hatch - Mas onde quer que haja uma centelha de inteligência a manifestar-se sob a forma de razão e de capacidade de juízo, existe uma alma. Se o Bosquímano não tem essa razão e capacidade de juízo, ele não será um homem; ele não tem alma humana. Muitos dos animais manifestam a capacidade da humanidade até certo ponto, cada animal na sua própria esfera, mas nenhum deles tem as faculdades combinadas da razão e da capacidade de juízo.

Pergunta - Poderemos inferir que o talento espiritual na mais baixa ordem da raça humana, como a do Bosquímano, seja o mesmo que em outras raças?

Mrs. Hatch - Você pode inferir isso do que dizemos, que as essências que tornam o homem uma individualidade, uma alma - as essências que tornam o homem o filho do seu Pai - essas essências são semelhantes onde quer que vocês as encontrem. Seja no Hindu, no Hotentote ou no Bosquímano, na forma mais baixa de inteligência, se essa cornija do arco da razão se encontrar presente, você encontrará uma alma humana e uma alma imortal.

Mas, conforme expressamos a ideia de diferenças de formação e de desenvolvimento, é claro que o desdobramento da alma do Bosquímano requer um período de tempo mais prolongado, que se estenda porventura a diversas gerações. Mudanças significativas, agregados maiores e segregações de pensamento e sentimento, por assim dizer, manifestadas através do externo, são necessárias à assimilação das suas formas de existência àquelas das raças mais favoravelmente dispostas e desenvolvidas. Mas com a natureza das essências espirituais, isso não tem nada

que ver. O espírito sendo de Deus, deve ser perfeito.

Pergunta - Onde começa a alma, esse arco de coroação, na criação?

Mrs. Hatch - Ela começa com o homem. O "elo de ligação," como é referido pelos vossos cientistas, entre as criações animal e humana, ou entre a razão e o instinto, não definimos claramente, nem supomos que seja suscetível de definição. Mas afirmamos que, no Bosquímano, ou na ordem inferior da espécie humana, onde quer que exista, os fundamentos da identidade individual tornam-se perfeitos; que onde quer que vocês encontrem uma suscetibilidade de desdobramento, aí tem início a individualidade do espírito; e se não houver tal suscetibilidade no Bosquímano - se ele não for capaz de alcançar as formas superiores de inteligência - então não será imortal.

Pergunta - Dependerá o desenvolvimento da alma da instrução humana?

Mrs. Hatch - O desenvolvimento da alma, na sua essência interior e positiva, não depende da instrução humana; mas as circunstâncias da sua identidade na vida externa dependem, em grande medida, da instrução humana. Por exemplo, a menos que a alma perceba intuitivamente a sua essência e finalidades, não é suscetível de ser educada neles. A menos que haja uma fonte intuitiva de conhecimento, a instrução humana não poderá proporcioná-lo.

Se, através da educação, aqueles poderes superiores do espírito do Bosquímano não forem invocados, é evidente que eles não existirão; mas quando, por educação, eles são considerados, também é evidente que eles tinham existência na alma, e somente o cultivo externo fora requerido para os desenvolver. A educação externa é simplesmente uma manifestação externa das leis e princípios inerentes à alma, que é perfeita em si mesma, embora não desenvolvida, sendo um desdobramento ou coruscação (fulgor) da Deidade. Portanto, é que a intuição divina é a fonte primordial do conhecimento do homem, enquanto a educação externa é apenas um meio de a suscitar.

Pergunta - Então, o homem começa onde tem início o poder de desenvolvimento ou melhoria intelectual?

Mrs. Hatch -Sim. Por exemplo, podem cultivar um animal; podem ensinar muitas coisas que parecem inteligência. Ele irá manifestar um grau de inteligência, mas não apresentará fonte de pensamento. Ele não manifestará originalidade, exceto na sua esfera; ele não manifestará aspirações mais elevadas do que as pertencem aos seus instintos animais, à sua natureza animal. Mas quando um imortal é instruído, vocês verão originalidade, aspirações e anseios. A fonte fluirá. Abrem a passagem e o dilúvio irá irromper. Esse é o verdadeiro teste da alma e o único teste

que pudemos descobrir.

Pergunta - Será a existência da alma humana, conforme transparece no homem, o começo da sua existência, ou será que, enquanto entidade, ela existiu antes de surgir na forma humana?

Mrs. Hatch - Nós concebemos o seguinte: que a alma humana, enquanto elemento, deve ter existido durante toda a eternidade passada, dentro dos limites do Universo; que a alma individual, enquanto entidade, individualidade positiva, nunca existiu até que se manifestasse na forma humana. Essa manifestação torna-se no trampolim da consciência para a individualidade, para uma imortalidade consciente. A vossa alma era tão imortal antes de entrar na forma humana como foi depois desse evento; era tão perfeita na sua combinação; o seu destino achava-se inteiramente marcado, mas não para a consciência externa; vocês não possuíam aquela identidade que lhes assiste enquanto pessoa individual.

Por exemplo, o espírito não percebe o tempo nem o espaço, mas concebe princípios; consequentemente, o espírito, quando identificado na forma humana, mede, analisa, desdobra e percebe as coisas, de acordo com os poderes relativos que possui. Vê objetos externos na essência apenas. A alma não conhece nem tempo nem espaço, como tal, apenas relativamente. As ideias são trabalhadas conforme a alma se manifesta numa forma externa. Mas a alma nunca pode voltar atrás; nunca pode retornar à sua condição original. Não existe coisa alguma como retrocesso no Universo, o que poderá parecer-lhes retrocesso é apenas a reação da natureza, de acordo com as leis divinas. Se sua alma tivesse sido uma entidade antes da sua existência atual, essa entidade seria percebida por você. Em essência, o vosso espírito concebe uma existência anterior, por conceber a Deidade; por conceber uma concórdia e harmonia universal; por se elevar para a Luz de onde surgiu, mas não por conceber uma identidade prévia.

Pergunta - Que ideia, pois, deveríamos ter do estado da existência de um espírito antes de assumir a forma humana?

Mrs. Hatch - Você deveria ter a seguinte ideia: que as essências da formação da alma humana alguma vez existiram distintas e positivas, mas que o tempo para a ultimação e desdobramento não ocorreu até que a formação de uma vida humana tenha ocorrido na Terra; que todo pensamento consciente da alma está aqui a ser desenvolvido nas formas da Terra; que as essências do espírito são continuamente expandidas, assim como as essências e poderes do Universo externo; que não existiu uma significativa criação da humanidade no começo, mas a humanidade então permitiu prosseguir no seu próprio desenvolvimento, mas que a Fonte da Vida ainda está aberta e flui livremente; que a Deidade ainda está a criar a partir de si mesma almas que são parte do seu ser; e sendo criados, eles são lançadas ou

emitidas como são os sóis, os planetas e os sistemas, a partir de um sol central que uma vez criado, e desse modo lançado na existência, não podem e nunca mais voltarão de novo a Deus do mesmo modo que a estrela criada a partir da essência do sol voltar para esse sol de novo; mas deverão para sempre girar na órbita prescrita para eles, e à luz do grande centro do qual eles brotaram.

Pergunta - Será possível especificar o tempo que levou a criação ou formação das coisas?

Mrs. Hatch - É impossível formar uma ideia precisa do tempo. Vocês podem julgar um pouco com base nos ensinamentos da geologia, mas é muito indefinido. Vocês podem analisar e tirar conclusões relacionadas com princípios, mas não em relação a factos.

Pergunta - Que interpretação deverá ser atribuída à indicação de Moisés quanto ao tempo da origem da raça humana?

Mrs. Hatch - Devem interpretar não apenas seis mil anos, mas que mais de seiscentos milhões de anos decorreram desde a formação da Terra, e que esse registo é a mais alta inspiração de Moisés, ou daquele que o elaborou. Os seis dias da criação devem referir-se a longos períodos, eras ou épocas, e não devem ser levadas num sentido literal. A manhã e a noite significam o começo e o encerramento de um período, tal como vocês falam da manhã e da noite da vida, sem se referir ao nascer e pôr-do-sol.

Pergunta - Teremos liberdade para supor que a raça humana tenha brotado de um único par?

Mrs. Hatch - Vocês têm liberdade para supor o que quiserem; Não temos a liberdade de expressar qualquer decisão com respeito a factos positivos. Supomos que cada nação, cada país por todo o mundo, teve o seu Adão e Eva, e é nisso que as nações diferem em coisas externas e em combinações da alma, mas não na essência.

Pergunta - Então, em que, se transformará a teoria da queda do homem por intermédio de Adão?

Mrs. Hatch - Provavelmente, a participação do fruto da árvore do conhecimento e a consequente “queda, ” como vocês expressam, seja uma parte da experiência de todas as nações.

Pergunta - Será toda a humanidade condenada pela ofensa de um só?

Mrs. Hatch - Toda a humanidade é feita a partir das mesmas essências, e supõe-se que sigam as mesmas leis. Todas as nações terão, pois, tomado parte da árvore do conhecimento nas eras anteriores do seu desenvolvimento; e é razoável supor que as consequências fossem semelhantes, se não as mesmas; e que a "queda" resultaria do princípio do materialismo que brota do desejo de conhecimento. Mas, estrita e filosoficamente falando, não existiu coisa alguma em tempo algum como a queda do homem, pois aquilo que é verdadeiramente sábio e bom nunca pode tornar-se menos que isso. Poderão haver angulosidades ou digressões temporárias, que para a compreensão finita poderão parecer más, mas para o Infinito são apenas meios de se desenvolvimento de um bem maior.

Se o homem se tivesse contentado no seu estado primitivo, ou no Jardim do Éden, ele não poderia ter sido alvo de tentação; mas os seus anseios por uma condição mais elevada levaram-no a experimentos, e assim ele tomou parte da árvore do conhecimento, que não é a morte, mas vida. Vocês acham que o conhecimento prova ser fatal para a ignorância e, nesse sentido, os nossos primeiros pais podem ter morrido, mas não para o mérito moral e intelectual. Foi uma morte para uma condição inferior, mas um nascimento para uma superior; já que a criação da forma externa representa uma morte para o corpo, mas uma vida para o espírito.

Pergunta - Como é que toda nação que tenha alguma história tradicional, tem uma tradição do dilúvio, geralmente concordante com aquela relacionada no Antigo Testamento? Terá o dilúvio tido uma dimensão universal?

Mrs. Hatch - A ideia que temos é simplesmente a seguinte: De acordo com revelações científicas, seria impossível que toda a superfície da terra fosse coberta de água até a profundidade relacionada ao dilúvio. Isso deve referir-se a um princípio ou poder, como a queda do homem - um dilúvio que terá varrido com todos os princípios do mal, deixando apenas um princípio chamado "Noé. " Também pode referir-se ao povo de um país - a um dilúvio local. Estas são suposições nossas e baseamo-las em ambos os casos na lei da Natureza.

Nós não supomos que um Adão e uma Eva literais tenham permanecido num jardim literal chamado Éden, onde tenham sido tentados por uma serpente literal, ou demónio, a comer uma maçã literal. Supomos que a humanidade fosse simples e inocente no seu desenvolvimento; que eles adoravam a Deidade de acordo com essa inocência e simplicidade; e que, quando a "árvore do conhecimento, " ou o desejo que o homem tinha de conhecimento brotou dentro deles, eles comeram do fruto - eles buscaram o conhecimento.

Consequentemente, deve ter, pois, havido uma "queda" (ou mais propriamente uma reação, pois uma queda implica um retrocesso, o que é impossível) daquele estado de pureza mais elevado que então prevalecia, e daí um dilúvio de

materialismo que se terá varrido sobre eles. O dilúvio, ao acometê-los qual destruição por parte de elementos do mal, deve referir-se tanto a um princípio quanto a maçã e a queda do homem. As montanhas mais altas podem referir o orgulho e a ambição; os mais baixos vales a ignorância e a obscuridade mental; a ideia de Noé construir a arca, para a salvaguarda do princípio, para confiança dos homens, confiança, segurança, naqueles elementos primitivos da Verdade e da Sabedoria Divinas.

Afirma-se que as montanhas mais altas tenham sido cobertas. Se essas montanhas fossem tão altas quanto o são agora, seria impossível um dilúvio cobri-las. Talvez, como indicado pelos depósitos de conchas, toda a terra tenha sido em algum momento submersa; mas imaginamos que as montanhas tivessem sido levadas para debaixo de água, e não a água sobre elas. Terramotos e grandes convulsões da natureza podem tê-las erguido.

No desenvolvimento anterior da linguagem, foram usadas figuras em representação de ideias; mas o significado nem sempre foi positivamente expresso. Consequentemente, não se deve supor que as traduções dos antigos registos devam ter sido feitas literalmente, e que montanhas, rios, vales, árvores, maçãs e jardins do Éden devam ser tomadas como existências absolutas e locais específicos. É bastante razoável supor que essas coisas se refiram a princípios.

Pergunta - Então, que deveremos nós inferir da universalidade da tradição de um dilúvio?

Mrs. Hatch - A condição subdesenvolvida do homem era, então, semelhante em todo o mundo, como agora a civilização e inteligência do século XIX permeia todos os países. As mesmas ideias estão a surgir na Europa e na América, e estão a propagar-se às terras mais distantes. Isso prova que o desenvolvimento do pensamento, do sentimento, da revelação é em todos os lugares o mesmo. E se a divindade criou um princípio espiritual, que vocês podem denominar como o dilúvio, que arrastou os princípios do mal de todas as nações, não poderá o modo da representação desse princípio ter-se espalhado por todas as nações, ou surgido e sido adoptado em todas as nações, já que houve um Adão e Eva em toda a nação, e as revelações da ciência e da arte estão em harmonia em todos os países nos dias de hoje?

Pergunta - Que significado terá a “serpente” na história de Adão e Eva?

Mrs. Hatch - A serpente significa simplesmente a forma do tentador. A serpente sempre foi vista como astuta, insinuante, ardilosa, tentadora, já que encanta, tenta, fascina a ave; e é mesmo razoável supor que a figura tenha sido usada para expressar a ideia do tentador, ou daquilo que tenta toda a gente, e não mais Adão e

Eva do que todo homem e mulher da era atual. Pode representar aquilo que tenta e atrai o homem desde a infância até a velhice, e conduz ao desenvolvimento dos seus poderes. Cada um de vocês, na sua experiência, encontra um momento em que esse tentador se aproxima de vós; e vocês tomam parte, ou esforçam-se por partilhar do fruto da árvore do conhecimento, e nunca ficam satisfeitos. Sem esse tentador, onde estariam as revelações da arte e da ciência? Onde estariam as revelações divinas de Jesus de Nazaré, que vieram depois do dilúvio para purificar e iluminar as nações da Terra?

Pergunta - Levando em consideração os desenvolvimentos subsequentes que a humanidade sofreu, o progresso que conseguiu nas artes e nas ciências e em todo o conhecimento, não deveríamos interpretar o que é chamado de "queda" antes como uma elevação?

Mrs. Hatch - Certamente. Como reação do desenvolvimento primitivo, foi progresso. Tudo o que é oposto é chamado de queda, mas nos grandes princípios generalizados da Natureza constitui um desdobramento. Não existe queda ou retrocesso; pois, se existisse, então a Deidade não reinaria sozinha. Uma queda é apenas uma reação, conforme é visível em todas as criações externas.

Pergunta - Como deveremos interpretar os relatos do ressuscitar dos mortos no Novo Testamento, o de Lázaro, a da filha de Jairo, etc. ?

Mrs. Hatch - Lázaro, como Maria e Marta, era um amigo íntimo que estava associado a Jesus. Era muito natural que, quando Jesus se aproximasse do túmulo do seu amigo, ele exclamasse: “Lázaro está morto; ” mas os princípios da Natureza interdizem a ideia de que, depois que o espírito realmente se foi, a forma sem vida posse ser reanimada. A morte significa uma falta de ação e, se realmente existe morte, não poderá haver ressurreição; mas nos registos da ciência médica vocês encontram muitos exemplos bem autenticados do retiro do espírito das suas funções, de modo que há uma aparência de morte, que pode ser removida pela aplicação de meios médicos apropriados para restaurar a animação. O que é que se segue?

Que Jesus, no desenvolvimento da sua natureza, possuía esse poder sobre os elementos, que os médicos obtêm com a ajuda da ciência, e por meio da sua psicologia ou magnetismo, como é chamado nos dias atuais, que era o poder que detinha sobre a mente, trouxe de volta o espírito do seu amigo que se havia temporariamente retirado das suas funções em razão de uma desarmonia espiritual ou do que quiserem chamar-lhe. Dizem que o corpo se encontrava morto havia três dias; e é avançado na qualidade de opinião do escritor, ou melhor, daqueles que foram com Jesus à sepultura, que a decadência já havia começado a verificar-se, embora não se afirme positivamente que tal tenha sido o caso.

Ninguém está preparado para dizer que a vida não pode ser trazida de volta, onde o poder perfeito se apresente, exceto nos casos em que a decadência absoluta tenha ocorrido. Elias, na perfeição do seu desenvolvimento, pode ter tido os mesmos poderes, mas não no mesmo grau.

Assim, neste século, tem havido muitos exemplos de pessoas supostamente mortas, que foram ressuscitadas por esse mesmo poder, por esse mesmo desenvolvimento do poder da vontade em harmonia com a Natureza. No caso da filha de Jairo, o próprio Jesus disse que ela não estava morta, mas adormecida. Possuindo esse poder perfeito, ele percebeu imediatamente a condição da mulher.

Pergunta - Então esse poder é alcançável por todos os homens, embora em menor grau?

Mrs. Hatch - Na medida em que Jesus era o Filho de Deus, ele possuía todos os elementos da humanidade, conforme manifestado na forma externa; e como no desenvolvimento da sua forma natural, tudo estava em harmonia com a sua espiritual, ele era a maior e mais perfeita manifestação da humanidade divina que sempre existiu. Mas, na medida em que ele era o Filho do mesmo Deus, a humanidade na sua essência distinta e positiva, seja na forma de um homem do século dezanove ou de um das eras passadas, pode possuir os mesmos elementos de combinação externa, e pode manifestar nos seus desdobramentos e exercer o mesmo poder ou um poder semelhante.

Pergunta - Por que será a mediunidade, ou a interferência de um segundo indivíduo, atualmente necessária?

Mrs. Hatch - Isso é requisito, que o espiritual ou o divino deva achar-se em estreita relação com a Deidade, ou a fonte do espírito, como o físico em estreita relação com o mundo externo. Quantos de vocês se acham assim? Encerrados nas formas externas do materialismo, da desarmonia e da imperfeição, vocês não percebem a presença divina que é mostrada em toda a parte, e que, se vocês acreditassem e compreendessem, também possuiriam esses poderes que era suposto ser milagrosos.

Pergunta - Como é que nos é dito que, por altura da morte de Jesus, o poder tenha sido revelado de maneira mais milagrosa - que os mortos se tenham erguido das suas sepulturas e tenham andado pelas ruas de Jerusalém, onde terão sido vistos por homens vivos?

Mrs. Hatch - Supomos que isso possa referir-se àqueles a quem as pessoas acreditavam estarem mortos e que tenham visto depositadas no sepulcro. Eles não tinham ideia nenhuma do poder que um espírito possui de se manifestar; e quando

eles enterravam um amigo, lamentavam-no como perdido, e diziam: “O meu amigo está no túmulo. ”

Os espíritos dos mortos podem ter-se tornado visíveis, e eles disseram que aqueles que supostamente estariam mortos saíram das suas sepulturas, já que é uma expressão favorita dos espiritualistas, que os seus amigos que tinham partido "tinham vindo da sepultura" para conversar com eles; por outras palavras, que a individualidade particular surge e se manifesta.

Mas em resposta à pergunta que fez, dizemos que foi um exercício maior de um poder divino. Como Jesus era maior, assim, na iluminação da sua presença e na glória da sua imortalidade, todos os que se achavam no âmbito da sua influência perceberam essa essência divina, e habilitaram-se a penetrar o véu que os separava do outro mundo e a ver os seus amigos atarefados a aglomerar-se ao seu redor.

Pergunta - O que se entende por perfeição com respeito ao Cristo?

Mrs. Hatch - Usamos o termo no seguinte sentido: visto que em nenhuma manifestação ou desenvolvimento da sua vida ele foi submetido a qualquer das desarmonias, doenças, males ou pecados dos outros homens, nós chamámo-lo de perfeito; por no seu elemento divino ele ter sido perfeito, como o são todos os homens; e por, nas manifestações desse elemento divino, não ter existido imperfeição, até onde os homens, no lapso de mil e oitocentos anos, puderam descobrir. Portanto, ao falarmos dele em termos relativos, usamos a palavra “perfeição.” Não obstante, as diferentes formas de manifestação são meios diferentes de superar a perfeição; mas vocês denominam isso de progresso, mas é apenas uma mudança de forma.

Pergunta - O que se entenderá por pecado contra o Espírito Santo?

Mrs. Hatch - É dito: “Se pecares contra o Filho do homem, ser-te-á perdoado; mas se pecares contra o Espírito Santo, isso não te será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo vindouro.” Primeiro explicaremos o que se entende por perdão. Se você ferirem o vosso irmão ou o vosso amigo, ele poderá perdoá-los, e vocês não se devem contentar até que ele o tenha perdoado, e aliviado das consequências de lhes ter causado dano.

O Filho do homem é suposto referir Jesus. Vocês podem pecar contra ele, recusando-se porventura a crer nele, embora o vosso conhecimento, o vosso desenvolvimento os leve a crer que ele seja o Cristo. Isso pode ser perdoado. Mas o Espírito Santo é o Espírito Divino da inspiração que entra em toda a alma, que se manifesta em todo indivíduo. É a intuição que constitui a relação direta que temos com a Deidade, por meio da qual ela se desdobrou. O que se seguirá? Que se vocês pecarem contra o Espírito Santo, aquela inspiração que vem a vós enquanto

indivíduos, esse pecado não tem efeito sobre ninguém além de vós próprios; por isso, ninguém poderá perdoá-los e vocês deverão suportar as consequências do vosso pecado. Se vocês resistirem à inspiração da vossa própria luz e conhecimento, vocês deverão suportar as consequências, pois não pode ser perdoado, nem neste mundo nem no mundo vindouro. Se vocês se retardarem assim no vosso progresso, o efeito deverá permanecer para sempre.

Pergunta - Existirá algum processo particular, ou, poder-se-á alguma instrução ser dada sobre um curso a seguir, pela qual um homem possa habilitar-se a entrar em contacto com essências espirituais? Por outras palavras, como poderá alguém tornar-se médium?

Mrs. Hatch - Faremos o possível por explicar resumidamente a questão: após o que pediremos, em consequência da condição física em que se encontra, que a médium seja desculpada. Os espíritos, nas suas essências distintas, conforme os informamos, percebem, compreendem, não pelo tempo ou espaço externo, mas intuitivamente, os elementos da existência; e eles trabalham melhor, por intermédio dos meios da forma e identidade externas, no cérebro humano.

Provavelmente, cada um de vós, na vossa experiência, se tenha interessado tanto nas sua identidade externa que às vezes esqueça a essência espiritual interior, e imagine que o cérebro externo - o intelecto - seja o "vós", o "eu, " o "Eu, " e que tenha agido sobre vós e os tenha usado com base nesse princípio. Mas aqueles que são profundamente instruídos em ciência e que estão constantemente a estudar, não a mente externa, mas a imortal, têm uma conceção diferente da sua identidade.

O materialista prova que o espírito, no seu desenvolvimento, é um poder que governa a matéria, mas só a compreende nas suas manifestações externas. Assim, diferentes estudos e meios de educação produzem diferentes resultados nas mentes dos homens, e a maior parte da raça humana se torna tão exteriorizada que não sabe nada a não ser por provas externas positivas. Que é que se segue? Que o espírito do homem, exteriorizando-se assim, requer treino para produzir qualquer coisa interna. A mente manifestou-se apenas na direção da forma externa e, portanto, é necessária uma educação que permita que ela se manifeste internamente. Esta é a regra geral, que não pretendemos aplicar individualmente.

Vocês deviam esforçar-se por harmonizar toda faculdade, todo poder, toda função da alma, em proporção e relação exata uns com os outros; esforcem-se por torná-los todos perfeitos, até onde vocês conseguirem ver qualquer desenvolvimento e beleza. Se virem uma tendência em qualquer sentido prejudicial ao vosso bem-estar espiritual, então devem, enquanto homens razoáveis, retirar o vosso espírito disso e dirigi-lo para um outro canal. Enquanto homens de raciocínio, conscientes, devem perceber e apreciar os vossos próprios defeitos e deformações, e devem esforçar-se por os reparar. Se vocês tiverem uma tendência para a debilidade

física, esforçam-se por aferir isso por meio dos remédios adequados; portanto, se o vosso espírito se achar imperfeito, você devem direcionar as vossas faculdades superiores no sentido de removerem essa imperfeição. Façam isso e vocês descobrirão que, por meio do jejum e da oração nos tempos antigos, os videntes e profetas entravam no mundo espiritual; assim, jejuando e orando, vocês também podem se tornar videntes e profetas; vocês também se acharão espiritualizados como eles. Nenhum de vocês é excluído; todos vocês têm a capacidade na essência divina interior; e vocês podem desenvolvê-la, se quiserem, pela cultura e controlo apropriadas de vossas faculdades e poderes.

O MOVIMENTO ROTATIVO GERA GRAVIDADE (ATRAÇÃO)

Pergunta: Há algum tempo o Professor Pierce deu uma palestra perante o auditório do Instituto Lowell nesta cidade, sobre o arrefecimento da Terra e do sol. Foi um discurso que mais pareceu uma divagação sobre um tema importante, mas como aquele que interpela as hipóteses avançadas pelo professor apela agora aos cientistas da vida do espírito por informação.

Resposta: Como não somos responsáveis pelas opiniões do Prof. Pierce, e como o tema não nos foi apresentado à consideração, preferimos não responder neste círculo a uma questão que exigiria pelo menos todo um discurso, porquanto para adequadamente cobrirmos os diversos processos da formação e desintegração dos planetas requereria certamente mais tempo do que uma mera resposta a uma pergunta. Contudo, isso deve ser considerado verdadeiro - que todos os corpos planetários pertencentes ao sistema solar estejam gradualmente a passar da condição de vapor a uma inteira dureza ou cristalização; que esse processo de arrefecimento requer milhões de anos a realizar-se, tempo esse durante o qual os planetas desempenham as suas funções na forma de dar à luz a diversas formas de vida genérica.

Tendo-se expressado nas diversas formas de existência, a terra virá, sem dúvida, a deixar de existir enquanto planeta, e deverá passar a outras formas de vida genérica, porventura do caos original, ou gradual desintegração através do movimento. O próprio sol, com toda a probabilidade, experimentará um arrefecimento similar, e cessação final que emitirá luz, mas isso deverá suceder daqui a incontáveis milhões de anos, pelo que o processo é muito gradual.

GRAVIDADE

Pergunta: Newton, segundo é referido, referiu que a gravidade é a simples expressão da lei pela qual os planetas tendiam para o sol. Terá Newton tido razão quanto a isso?

Resposta: A gravidade é termo usado para significar a atração dos corpos em movimento para o centro, ou dos átomos uns para os outros. Á medida que os planetas rodopiam em torno do sol, o movimento concêntrico produz uma tendência para o sol. Qualquer que tenha sido o poder que os tiver expelido ou separado originalmente do sol, mantém-nos numa certa posição relativa com respeito ao sol. Um certo grau de movimento levará um objeto a gravitar para o centro desse movimento; daí que os planetas possuam duas leis da gravidade, um no sentido do centro ou eixo do planeta e a outro rumo ao centro do sistema solar, que é o sol.

A gravidade mais significativa é feito na direção do sol, mas a gravidade calculável exercida sobre a superfície da terra é exercida no sentido do centro da terra, conforme será evidenciado pelo facto daqueles objetos que se encontram à face da terra, embora se encontrem entre vós e o sol, ainda assim sofrem um efeito da gravidade no sentido do centro da terra, em vez de no sentido do sol. Não fora esse o caso, quando é noite do vosso lado, e dia do lado da China, tudo na China iria ao encontro do sol, e aterra em breve ficaria despovoada; mas, como tudo é atraído para o centro da gravidade ou movimento da terra, para o centro de gravidade da terra, a gravidade exercida pelo sol só mantém o planeta em posição, e confere vitalidade à substância da terra.

Pergunta: Como é que as operações da natureza sofreram mudança (a ser verdade o que a narrativa descreve) no acto de dominar os ventos, etc. , à ordem dada por Jesus?

Resposta: De que modo as operações da natureza sofrem uma mudança na superação da lei da gravidade, etc. , quando mesas e pianos são erguidos do chão e os médiuns pairam no ar? De que forma são suspensas as operações da natureza, quando as chamadas formas materializadas surgem e os corpos sólidos passam pelos corpos sólidos (paredes)?

A natureza não é tão facilmente interrompida ou perturbada: existe uma outra natureza, uma natureza superior, que interrompe, sempre que lhe apraz, as chamadas leis orgânicas habituais do universo, e sempre que for necessário a inteligência do universo, personificada nos seres espirituais, ou até na humanidade, é capaz de interromper o chamado curso da natureza.

Bem que podiam ao invés perguntar de que modo um homem poderá fazer com que um rio corra na direção oposta em que originalmente corre pela mera alteração da força específica da gravidade e deflexão do canal numa forma nova. Caminhos-de-ferro, instrumentos de telegrafia e toda a invenção do homem representam quer uma superação ou uma interrupção de alguma lei orgânica previamente ativa; porém, ao mostrar concordância com uma outra lei não descoberta previamente, não se verifica interrupção alguma mas uma superação.

Bom, existem leis no universo que podem imediatamente suspender a ação vital de qualquer pessoa aqui presente. Vós quase que podíeis consegui-lo com a vossa própria volição; fazem-no quando tomam uma porção de veneno; uma lei supera outra; a lei orgânica é tomada por parte da lei da desintegração, pelo que uma mente suficientemente forte é capaz de suspender qualquer uma das acções habituais das chamadas leis da natureza, sem interferir por forma nenhuma com o equilíbrio e a harmonia do universo, porque, se existe uma mente suficiente que consiga isso, também existe uma mente suficiente que não interrompa o equilíbrio do universo nessa atividade; essas proposições correm em paralelo. Vocês têm no vosso seio uma das manifestações do Espiritualismo de hoje que responde suficientemente à outra.

CONTROLO DOS ELEMENTOS

Pergunta: Poderá um espírito humano, no corpo ou fora dele, ter qualquer efeito na atmosfera em geral ou na condição do tempo?

Resposta: Qualquer espírito que possua conhecimento suficiente, quer se encontro no corpo ou fora dele, é capaz de controlar a atmosfera e as condições do tempo. A humanidade consegue gradualmente isso atualmente, não por ação da vontade de espíritos, mas pela alteração das condições materiais de vida. Sempre que se verificar fogo de canhão durante um bom bocado de tempo, seguro será que se seguirá uma tempestade; onde quer que haja maquinaria que provoque contínuas mudanças de correntes, ou fumo que suba à atmosfera das cidades fabris, a atmosfera será afetada. Uma grande humidade foi trazida às áreas da porção ocidental deste continente com a introdução de maquinaria e caminho-de-ferro e diversos outros processos de civilização, o que foi provocado pelo homem num agregado; a vontade do indivíduo, possuindo poder suficiente para mover um átomo, violentamente agitado, provocará um redemoinho.

PERCEÇÃO DOS ESPÍRITOS

Pergunta: Virá algum tempo, num futuro próximo, em que inteligências do espírito que certa vez tenham vivido no planeta, venham a materializar-se nos seus corpos individuais e a falar com as pessoas à plena luz do dia?

Resposta: Há duas respostas a dar a essa pergunta. Sem dúvida que chegará altura em que, não só as formas materializadas dos vossos amigos, mas de antigas presenças se tornarão visíveis entre vós com mais frequência do que atualmente; porém, a materialização não é a forma de expressão mais elevada da presença dos espíritos, embora seja porventura a mais importante no mundo de hoje, para aqueles que buscam obter provas materiais.

Mas virá tempo em que verão espíritos ancestrais e conversareis com eles cara a cara, quando eles serão capazes de se personificar no vosso meio, mas será mais

pela elevação da visão humana e o cultivo da visão espiritual no vosso meio do que pela descida de formas materializadas. É verdade que o progresso verá ambas as formas de expressão; que passará a haver uma maior facilidade de materialização é sem dúvida verdade; porém, quando o tempo chegar desses espíritos mais antigos de materializarem e de caminharem com os homens, como seres humanos, não mais terão necessidade de o fazer, já que vós sereis capazes de os ver através da visão espiritual.

PERIÉLIO DOS PLANETAS

Pergunta: Numa pergunta anterior feita com respeito ao periélio dos planetas, eu perguntei em que altura a maior perturbação ocorreria, e a resposta que recebi foi "Entre os dias de 1880 e 1885. " Não o poderá localizar com maior precisão, e não poderão as mentes científicas da vossa esfera predizer, a partir das leis naturais, o ano, e até mesmo o mês do ano, em que a sua posição causarão as perturbações mais significativas?

Resposta: Não há um ano ou meses particulares do ano para a realização disso, já que o periélio requer um certo número de anos para a consecução disso, embora uma porção dos planetas, dois deles, tenham passado o periélio. - A altura particular em que a agitação se fará sentir mais não é provável que seja um momento exato em que os planetas se encontrem no periélio, já que um certo tempo é requerido para a pulsação (não da luz, porque isso exigiria milhares de anos, mas da influência magnética) a alcançar a terra.

O momento exato será no ano de 1881, que foi predito como o fim do mundo, sendo um término cíclico, na decorrência da posição dos planetas ser tal que que virá a dar-se, nesse ano, uma maior perturbação electromagnética do que em qualquer outro período de tempo; mas, do ano 1881 até 1885 verificar-se-á, no que toca à observação humana, uma pressão igualmente considerável; os efeitos físicos em particular, contudo, serão espiritualmente visíveis em 1881. Não haverá um mês especial no ano, já que todo o ciclo do ano será igualmente afetado.

INTELIGÊNCIA & INDIVIDUALIDADE

Pergunta: Existirá consciência alguma que não seja individualizada?

Resposta: Não; já enfatizamos essa questão em respostas que demos anteriormente a diversas perguntas. Não pode existir inteligência no universo destituída de individualidade, já que a inteligência é uma expressão da individualidade. Bem que também poderiam perguntar se existirá fragrância sem a presença de uma flor, ou ação química sem a presença de átomos; se poderá haver algum resultado sem uma causa que o anteceda. A inteligência é resultado da

identidade, e é tão distintamente passível de ser detetada quanto a luz o é em relação à fonte dessa mesma luz. Como não pode existir luz sem uma causa adequada também não pode existir inteligência sem aquilo que produz a inteligência, designadamente, a individualidade.

BENEFÍCIO DA ORAÇÃO

Pergunta: Que benefício terá a oração oral na abertura das reuniões, ou em qualquer outra altura?

Resposta: Podemos indagar do inquiridor do benefício que o discurso oral terá, ou de tudo quanto exista. Os benefícios são diversos, de acordo com os estados dos indivíduos. O benefício particular da oração está no facto de desejarem orar; é uma oferta espontânea e expressão do espírito e é válida enquanto que tal, e produz a relação correta entre aquele que invoca e os poderes espirituais. Bem que poderão perguntar qual o benefício da respiração. Não conseguireis viver lá muito bem sem ela. Podereis perguntar qual o benefício que qualquer das expressões humanas.

Vós falais uns com os outros, por desse modo poderem transmitir o vosso pensamento, trocar ideias. A oração é válida enquanto agente intermediário entre a mente e o poder do espírito, entre o finito e o Infinito, entre as inteligências encarnadas e desencarnadas, por no ato da oração o pensamento geralmente adquirir uma maior clareza e uma maior fixação na mente. Muito poucas pessoas conseguem pensar com clareza sem uma forma qualquer de expressão. Mesmo quando pensam em silêncio dão por vós a pensar por palavras; por isso a oração constitui a afixação da individualidade, a assinatura ou o símbolo das aspirações da mente, e frequentemente convida outros a juntar-se na aspiração, que não possam por outra forma consegui-lo.

INTELIGÊNCIA & ADORAÇÃO

Pergunta: A prática da adoração não apresentará tendência para retardar o incremento da inteligência nas nações civilizadas?

Resposta: Se esta pergunta fosse inteiramente invertida seria melhor. O incremento da inteligência nas nações civilizadas não induzirá a mais elevada prática da veneração? A adoração constitui a forma mais elevada de inteligência. Toda a forma da vida humana possui a sua expressão, e a bitola ou calibre da inteligência de uma nação constitui o seu mais elevado padrão de adoração. Por adoração não nos referimos propriamente à forma, embora a própria forma não passar de uma expressão de um padrão conforme é crença frequente entre os Espiritualistas, de que os diversos exercícios religiosos por todo o mundo Cristão

tendem a degradar e a escravizar a mente. A oração exprime a matéria apropriadamente; se existir liberdade de adoração a mente será exaltada; mas é idêntica evidência significativa de idolatria não crer em adoração alguma quanto é a aceitação de toda a forma de adoração que não exprima espírito.

INTELIGÊNCIA E INDIVIDUALIDADE

Pergunta: Existirá inteligência individual alguma que não tenha vivido neste planeta?

Resposta: Pedis-nos que sejamos infinitos, eternos e tenhamos o dom da omnipresença. Não o sabemos. Existem inteligências que nunca habitaram este planeta; mas, na medida do que podemos apurar, não existem inteligências exceto as que tiverem vivido em algum planeta, em algum momento. O que existe na eternidade, no infinito, não podemos asseverar.

ESPÍRITOS GUARDIÃES E ANJOS DA GUARDA

Pergunta: Terão todas as pessoas um espírito guardião? E, a ser assim, será sempre o mesmo espírito? E poderemos conhecer com certeza quem esse espírito seja?

Resposta: Todas as pessoas possuem espíritos guardiães; todos têm anjos da guarda. O anjo da guarda nunca muda, mas está convosco desde o momento do nascimento, e antes, mesmo. O espírito guardião muda, de acordo com a condição em que se encontrarem e necessidade, e é designado ou eleito pelo vosso anjo da guarda. O espírito guardião de hoje poderá ser uma criança, um pai ou uma mãe, ou um da vossa casa; poderá ser um irmão, uma irmã, um amigo favorito.

Poderão ter mais do que um espírito guardião; pode não haver mais do que um anjo da guarda, e isso pode ser do vosso conhecimento, se possuírem o desenvolvimento da comunhão do espírito, ou se for prudente saberem quem seja. Nem sempre é sensato, já que os seres humanos associam demasiada importância aos nomes terrenos, e consideram que, se o seu espírito guardião comportar um nome exaltado, será objeto de um certo crédito ou louvor.

Podereis ter um espírito guardião que tenha tido uma vida muito baixa na terra, que seja capaz de os auxiliar mesmo assim. É por vezes designado de forma tão sábia que nem suspeitais; mas, se se tratar de membros do vosso lar, ou amigos chegados que tenham passado da vida terrena, há formas por que poderão chegar a conhecer-se, através da comunhão com a vossa própria intuição, ou por comunicação direta por meio de médiuns espirituais. Geralmente, os vossos pensamentos mostrarão uma maior simpatia com um que seja vosso espírito guardião. Se pensarem continuamente nele, se a vossa mente reverter para ele, podereis estar certos de que estará junto a vós, e de que os auxiliará. Poderá ser

uma criança adorável, poderá ser uma mãe ou um pai, um irmão ou irmã; em cada um dos casos darão por uma mudança de pensamentos mais na direção deles do que da de qualquer outro espírito; desse modo poderão chegar a saber que é vosso guardião.

FACULDADE DE PREDIÇÃO DOS ESPÍRITOS

Pergunta: Faça o favor de explicar o método através do qual os espíritos podem por vezes predizer eventos futuros, como a morte, e dar todos os detalhes dela com anos de antecipação.

Resposta. O autor da pergunta deseja que expliquemos como os espíritos podem por vezes predizer eventos futuros como a previsão de morte com anos de antecedência. Nós respondemos: Os acontecimentos não passam da externalização de factos já existentes. Momentos de nascimento e de morte são factos; as espiritualidades ou realidades já surgiram, e milhares de anos antes de virem à vida externa um espírito suficientemente sábio terá conhecimento disso; por isso, o vosso anjo da guarda conhece a vossa linha de vida.

Um espírito auxiliar poderá conhecer somente um acontecimento isolado que lhe seja permitido conhecer pelo anjo da guarda. Isso poderá ser uma previsão destinada a atrair a atenção. Muita vez um acontecimento é assim previsto e predito de modo a chamara a atenção de modo mais eficaz para esses métodos espirituais.

Suponham que têm um filho na escola preparatória, e confidenciam a um amigo: "No ano que vem faço intenção de mandar o meu filho para um colégio, " ou "No ano que vem pretendo enviar o meu filho à França ou à Inglaterra. " P rapaz não terá conhecimento disso, mas alguém que tenha dir-lhe-á: "Vejo-te numa cidade distante; vejo-te rodeado por majestosos edifícios; vejo-te a atravessar o oceano; irás para um país estrangeiro num ano destes. " Ele interrogar-se-á da razão desse indivíduo predizer tal coisa - mas o seu pai disse-lho.

Agora, os espíritos que têm a incumbência de lhes guiar a vida medem pela vossa linha de vida o passo seguinte exato que virá a acontecer-lhes e, se for suficientemente elevado, verá não só essa linha mas as linhas convergentes que a cruzam, como um homem no monte não só vê a estrada porque lá tenha chegado mas vê muitas outras estradas que a intersectam, que no vale não conseguia perceber. Por conseguinte, não passa de um novo desdobramento do que já se apresenta em existência, espiritualmente. A linha das causas é alinha das realidades; a linha dos efeitos é a linha das sombras.

IDENTIDADE ETERNA

Pergunta: Se todos tivemos uma identidade eterna, por que razão será necessário estarmos encerrados na carne para obtermos memória, ou uma consciência dessa identidade?

Resposta: Não dissemos que seja por isso que se encontram encerrados na carne. Tendo possuído uma identidade eterna o facto de se encontrarem encerados na carne constitui uma expressão disso, ou uma experiência disso; o facto de se encontrarem encerrados uma centena ou um milhar de vezes forma outras expressões. Vós precisais fazer algo e existir em qualquer parte, e no desdobrar ou expressão da vossa vida, parece ser ordem universal que se venham a encerrar na forma humana.

O astrónomo não pergunta por que será necessário que as estrelas se encontrem onde estão, porque tenham certas ordens de crescimento, mas esforça-se por investigar os factos com referência nisso. Não sabemos se será necessário saber porquê. Que vos encontrais aqui é evidente; que começais aqui e aqui terminareis é igualmente evidente. Agora, os começos, a sucessão e os términos são precisamente aquilo que são; eternos, caso o homem seja imortal. Se tiverem um fim aqui, o homem não será imortal. A mente humana, que se acha entre ambas já agarrou um lugar na imortalidade futura, por estar por vir. É tão necessário saber que vocês provêm de qualquer parte quanto que se dirigem para qualquer parte.

Isso é tudo quanto é necessário.

O facto da eternidade é evidente, na natural sequência da lógica. Porque aqui se encontram sem dúvida chegais a saber através das várias experiências por que passam, desde que o ser humano realiza e recebe na vida humana aquilo que claramente se estampa na mente a necessidade de existir em qualquer parte; E como isso se repete até que a vida humana encontre a sua plena expressão, assim lhes é necessário vir, a fim de servir assim como de receber; obter conhecimento assim como transmiti-lo. O viajante explora o Mar do Norte e o centro de África em busca de informação.

Os vossos espíritos, num outro estado poderão voluntariamente desejar essa experiência a fim de ver o que podíeis fazer na vida humana a fim de marcarem o caminho com a vossa individualidade, cada qual a considerar que ele ou ela podia conseguir mais do que outro. Depois desta vida terminar, não há nenhum de vós que não siga: "Ah, se eu tivesse uma oportunidade de novo! " Tentar de novo constitui um outro começo aqui nesta vida. Não tereis com frequência achado que as crianças sabem mais do que os pais, por terem tentado com maior frequência, e que compreendem melhor os objetivos da vida?

FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

Pergunta: De que forma se forma uma ideia na mente humana?

Resposta: Existem muitas mentes que não se acham repletas de ideias, mas a origem das ideias tem cabimento no espírito, mas não são formadas, mas expressadas. Nunca tivemos conhecimento de que uma ideia se formasse a menos que lá se encontrasse intrinsecamente; a menos que que a tivesse gerado por uma existência espontânea; nenhuma quantidade de exercício ou de processo formativo poderia alguma vez produzi-la.

A mente não passa da expressão do espírito, e é amplamente impressionada a partir de fora e de dentro até o pensamento, que partilha tanto da vida física quanto da espiritual, ser projetado. A real fonte das ideias, contudo, deve ter lugar dentro do espírito, e idênticas aos jatos de uma fonte, as ideias partilham da forma do cérebro por meio do qual correm, mas mesmo assim são ideias, puras e simples.

Uma fonte de água pode emanar em correntes ou jactos, em perfeito nevoeiro ou borrifos, de acordo com a fonte ou o formato da abertura por meio da qual é projectada; assim, as ideias adoptam inevitavelmente a forma da mente ou cérebro. A mente do homem não passa da expressão transitória da ideia, que muda com o estágio do crescimento que alcance, ao passo que o espírito, o princípio mais recôndito nunca muda, mas é, na realidade, tudo quanto há acerca das ideias.

PROGRESSÃO ANIMAL

Pergunta: Os animais progredirão no conhecimento na vida do espírito do mesmo modo que o género humano, o permanecerão sempre animais?

Resposta: Essa é uma pergunta muito singular na medida em que se existirem animais na vida do espírito, eles poderão progredir enquanto animais, porém, não como seres humanos. Não é necessário aferir a norma de todas as coisas no universo pela humanidade, embora pareça que seja a tendência de o fazer. De uma vez por todas, afirmamos que os animais não se tornam seres humanos, não obstante a similitude existente os últimos e os primeiros. A inteligência humana permanece sempre humana e a inteligência humana permanece para sempre animal, e é empregue na natureza enquanto tal. Serve o propósito que serva num planeta e noutro, de acordo com o estado de crescimento do planeta.

Agora, um cão poderá ser um cão avançado, e no entanto não ser humano; e pode ser um espírito canino muito avançado, e ainda assim não ser humano. A terra do espírito destinada ao reino animal é um estrato da atmosfera que só interpenetrado por certos indivíduos animais. Há quem se encontre com os sues cães em espírito, ou cavalos ou pássaros; isso deve-se ao facto de serem atraídos para eles. Eles não habitam necessariamente sempre esse reino, nem trarão sempre consigo esses tesouros.

O animal avança na vida do espírito de acordo com a condição em que se encontre; o ser humano avança de acordo com as condições humanas; eles não se misturam necessariamente exceto para uso, na terra. Tempo virá em que os cavalos não terão qualquer valor, devido a outros modos de locomoção. Tempo virá em que os

cães serão comparativamente inúteis, por a humanidade deixar de caçar. As depredações do ladrão da meia-noite ou assassino não mais evitadas pelo amistoso ladrar do cão. O homem apega-se àquilo que o protege ou depende dele; e parece ter atração por tudo quanto pareça constituir uma atração. Mas tempo virá em que a sua vida será separada do reino animal. Nos estados do espírito que se situam muito para além dessas atracções, ele não tem necessidade de associação com os animais; eles, contudo, possuem a sua própria vida espiritual, e isso funde- se de novo na forma, neste ou noutros planetas, segundo o reino animal, porém, não de acordo com o humano.

CONCEPÇÃO & REALIDADE

Pergunta: Será possível à mente humana conceber alguma coisa que não exista?

Resposta: Tanto quanto diga respeito ao facto, as concepções humanas podem transcender realidades; portanto, na medida do que diga respeito ao espírito, a concepção humana não consegue transcender ou igualar as realidades. Uma concepção constitui um parto a uma forma concebida, e a maior parte dos disparates possui uma criação dessas; a realidade acha-se na mente daquele que concebe, a existência acha-se no seu estado espiritual. É bastante possível conceber uma forma qualquer de competição ou de situação geral, circunstância, que não tenha uma existência externa fatual, mas não é possível conceber nada que não possa ter uma existência, que pode não ter uma existência, sob circunstâncias adequadas.

Sem dúvida que a mente humana é criativa assim como receptiva, e por conseguinte, sendo criativa, é capaz de sugerir muitas coisas que não existem no mundo visível, mas que existam obrigatoriamente no mundo invisível da mente que a crie. Pudessem vós ver as formações que circundam os indivíduos e descobririam as formas vivas e as realidades exatamente adaptadas às suas concepções.

Muita gente é acusada de exagero e de falsidade, que realmente crê naquilo que afirma. As suas mentes criam imagens e essas imagens tornam-se reais ante os seus próprios olhos; são uma realidade para elas; conforme o inebriado percebe uma serpente ao redor dos seus pés e a pessoa insana percebe o ar povoado de objetos que vós não descortinais, também a mente imaginativa realmente cria um mundo próprio. Para todos os efeitos espirituais, esses produtos da imaginação constituem realidades. Se for isso que o inquiridor quer dizer, nesse caso não será possível à mente humana conceber alguma coisa que não exista, por toda a conceção produzir a realidade.

PERCEÇÃO ESPIRITUAL DOS OBJETOS SÓLIDOS

Pergunta: Os espíritos verão objetos sólidos mais ou menos transparentes de acordo com o grau de desenvolvimento que tenham alcançado?

Resposta: Como não existem objetos sólidos, os espíritos veem-nos transparentes ou não de acordo com o degrau de densidade dos objetos. A visão humana é arranjada com respeito à referência das superfícies externas e raios de luz; porém, a ciência afirma que toda forma de vida supostamente sólida da matéria é na realidade porosa; que a pedra, a madeira e até mesmo o vidro, são distintamente porosos. O espírito vê a forma material ou objeto conforme ele é, e vê-o mais ou menos com visão terrena, de acordo com o facto de se encontrar próximo à terra, ou se afastar da terra ou avançar para uma condição espiritual. A mera matéria é vista com referência ao espírito, e parece tornar-se sólida na proporção à medida que as propriedades espirituais ligadas à matéria externa se torna mais e mais objetivas. Para o espírito avançado, as substâncias externas estão em relação com o espírito tal como a sombra está para com a realidade.

O SURGIMENTO DO HOMEM

Pergunta: Quão distante no passado será calculado pelas inteligências do espírito, que o primeiro homem tenha feito a sua aparição nesta terra, e em que condição?

Resposta: Já que acabamos de responder a uma pergunta relacionada com esta, dizendo que provavelmente não terá existido um primeiro homem, mas tipos iniciais de homens, pelo que vamos responder a isto. É calculado, com respeito à idade do planeta, que o primeiro aparecimento de humanos tenha sido por volta de há uma centena de milhões de anos. Que as formas da vida humana à face da terra tenham sido criadas é verdade, mas as primeiras expressões em quase todos os casos foi quer de gigantes ou de anões, ou das formas mais vis da vida humana apreciáveis.

Contudo, não quer necessariamente dizer que tais formas se assemelhassem ao que conheceis como os Bosquímanos, ou a qualquer forma de vida animal abaixo do homem, mas que cada forma de vida tenha sido humana - que tenha sido humana na sua fase inferior, é mais que provável; mas tal baixeza não inclui necessariamente nenhuma semelhança mais acentuada com o reino animal do que a que encontrais na humanidade hoje, mas apenas uma menor facilidade de expressão através das funções orgânicas e tecido cerebral da vida.

PODER DO ESPÍRITO & PRESTIDIGITAÇÃO

Pergunta: Os espíritos auxiliarão os magos das nações Orientais nas suas assombrosas performances? Os feitos alegados serão realmente realizados, conforme parecem sê-lo, ou será que a psicologia tem parte nisso?

Resposta: Em qualquer dos casos o poder psicológico é poder do espírito. Contudo, não há referência mais significativa a quaisquer factos no mundo do que certas ordens de manifestações no Oriente serem produzidas pelo poder oculto ou do espírito. Também há uma certa classe de manifestação, coo a do prestidigitador,

que são produzidas pela psicologia ou pela rapidez de movimentos. Vós não sois psicologizados na presença de um professor de magia no vosso próprio país; encontrais-vos simplesmente sob a ação de uma ilusão dos sentidos, que enganam os sentidos. Existem duas linhas distintas de profissão, ou manifestação, no Oriente; uma é a hábil manipulação em que os sentidos são iludidos, como são entre os prestidigitadores do vosso próprio país. Mas existe uma outra classe de manifestações que só pode ser produzida por forças ocultas ou espirituais. O asceta, o faquir, sujeitou-se durante anos ao preparo pela comunhão constante e intercurso com os poderes espirituais, e esses poderes espirituais, por obra dessa prontidão da habilidade que a prática do ascetismo severo gera, são ativados a fim de manifestar através do verdadeiro mago na vossa presença hoje.

Toda a manifestação que tenha a sua origem nas forças ocultas deriva diretamente do poder e da intervenção do espírito, ao passo que aquelas manifestações que sejam passíveis de ser ensinadas e que dependem principalmente do exercício da destreza e da ilusão dos sentidos, não depende nem do poder espiritual nem do poder psicológico mas somente, conforme foi dito anteriormente, da rapidez de movimentos e da destreza da manipulação.

Se algo ocorrer na vossa presença, com os olhos bem abertos, mais rápido no movimento do que a sexta parte do segundo, o vosso olho não o conseguirá discernir com facilidade. Em todas as questões de mera perícia, tais como as que são praticadas pelo adepto, dá-se simplesmente um enganar os sentidos; mas essa alta magia ou profundo poder que tem a sua origem em forças espirituais ou ocultas constitui um poder precisamente similar àquele da mediunidade que ocorre no vosso próprio país.

Banner 20, pág 69

THOMAS JEFFERSON
FALA SOBRE

A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA

Uma Palestra feita por Cora L. V. Hatch (Mais tarde
Richmond) (7 dias antes do seu 21º aniversário)

No salão de Dodworth, Nova Iorque, noite de Domingo, 14 de Abril de 1861, por altura da conflagração do conflito da secessão.

A voz do meu país chama e eu preciso obedecer; a voz da humanidade fala e não posso permanecer surdo os seus incómodos. O espírito de direito e a questão do governo humano sempre foram e são-no hoje o tema mais importante que pode ocupar a mente do estadista ou do orador filantropo; e hoje eu sou chamado a

testemunhar a ameaça de derrube daquilo que se supõe que seria o maior benefício jamais concedido a uma nação e à sua posteridade.

A questão que envolve não dizem tanto dizem respeito às formas de lei e funções do governo, como à sua aplicação às exigências do povo; e isso deveria atrair a atenção não apenas dos monárquicos e diplomatas, mas de todos os que prezam o bem-estar da humanidade no íntimo. Há um escasso século atrás, aqueles que venceram a batalha da liberdade supunham que uma providência propícia lhes lançava um sorriso ante os esforços que empreendiam por reparar os ferimentos reais ou pretensos dos seus compatriotas, e dar-lhes o privilégio, em função da sua inteligência e vigor, de controlar os seus próprios interesses políticos.

Separados por uma vasta extensão de água do governo matriz, e tendo os direitos pertencentes a esse governo sido pervertidos pela baixeza e traição de um monarca que não se importava com os interesses reais dos seus súbditos distantes, não era de modo algum antinatural que mentes acostumadas a pensar e a agir com base em tais tópicos por si mesmas, devessem desejar expulsar um sistema de má administração destrutivo da liberdade e felicidade das Colónias.

Liberdade, é verdade - mas uma liberdade que deve ligá-los de corpo e alma ao intercâmbio de favores e concessões mútuas, sem dar a nenhum governante o poder que os prive do seu direito; este foi o princípio vital subjacente à luta de 1776. É a mesma questão que agora apela à decisão do povo, e o mesmo instrumento em que as suas principais ideias foram proclamadas ao mundo, foi submetido à mais vil má interpretação por parte daqueles que procuram, neste momento, privar a pessoas dos seus direitos legítimos.

O direito do povo de jogar fora fidelidade ao governo foi declarado por todos os estadistas e historiadores condicionado às seguintes condições:

1 º --- Quando o dito governo se elevar tanto acima do povo a ponto de chegar a promulgar leis em que as pessoas não tenham qualquer voz.

2º --- Quando as leis elaboradas pela voz do povo sejam executadas no espírito de opressão e tirania.

3 º --- Quando o monarca se recusa a permitir que leis legitimamente elaboradas entrem em execução de todo.

Nestas circunstâncias, qualquer pessoa tem o direito de resistir à opressão; em primeiro lugar, pelo protesto e pelo recurso, e, se isso se revelar inútil, por oposição e revolução forçadas.

A teoria ou um governo monárquico estão baseados no direito legítimo dos reis à obediência dos seus súbditos; estão a acabar com a noção de direito divino nesta

época. Supunha-se que a segurança para o sucesso da nova nação fosse tripla, e englobasse:

1º --- A inteligência e a probidade dos cidadãos;

2º --- Um afastamento da sede de poder opressivo,

3ª --- A consolidação fundamental do sistema de governo que eles propuseram estabelecer.

Embora eu não negue que todo súbdito deva fidelidade ao governo que ainda o protege, quando esse governo toma a forma de tirania, ele pode ignorar completamente o seu poder; e essa, considero ter sido a posição destas colónias. Pensaram, quer em verdade ou não, que as pessoas poderiam entender melhor as suas próprias necessidades, do que um monarca distante e dissoluto (George III de Inglaterra), que não tinha conhecimento dos seus personagens, e nem qualquer interesse neles, exceto enquanto estavam ligados às suas valiosas fontes de receita.

Portanto, a guerra de 1776 foi baseada, primeiramente, na voz, nos interesses e na felicidade deste povo; segundo, nas verdades que supostamente deveriam estar por base do seu governo; e, em terceiro lugar, por base do sucesso que tal governo deve cumprir, se gerido com inteligência e probidade.

Pois a democracia que estava para ser aqui o poder dominante, não era aquele monstro incontrolável e caprichoso que, em outros países, tantas vezes quebrou o tecido justo da Liberdade, com as suas contendas egoístas, mas a voz de um povo moral, intelectual e espiritualmente elevado acima do alcance da ambição sem lei e do conflito anárquico; e assim, pois, acreditava-se, com confiança, que um governo assim fundado só poderia ter sucesso e florescer cada vez mais, conforme surgissem geração após geração, cada qual uma melhoria em relação à sua antecessora. Hoje, demonstram de longe o contrário; mas antes de passar para o presente estado de coisas, vamos mostrar o significado do instrumento que declara o propósito dos líderes e fundadores do vosso governo.

Embora apreciemos a honra que rodeia o nome de Washington*, o seu valor e integridade comprovados, não se deve supor que, como indivíduo, ele fosse de qualquer maneira o autor dos princípios sobre os quais esse governo se baseia. Pelo contrário, aqueles que se retiraram da reflexão pública foram talvez os verdadeiros autores e líderes que produziram e fabricaram os meios que ele empregou com tanto sucesso, e em lhe dirigir os movimentos rumo ao triunfo final.

Pessoalmente, tem-nos sido dito que tivemos muito a ver com o enquadramento da Declaração de Independência, mas esse não é o caso; por ter sido solicitado aos líderes do sentimento público que cada um enquadrasse e apresentasse ao

Congresso um documento que devesse transmitir as suas ideias sobre as causas e predicados da revolução presente; e a maioria escolheria entre esses o que expressasse mais claramente os votos dos representantes do povo; e foi dito que nós moldamos a maior parte do documento; mas tal não foi literalmente o caso; foram inúmeros os autores; e entre os mais proeminentes, de facto, o verdadeiro autor da Declaração de Independência, foi o autor dos "Os Direitos do Homem" e da "A Era da Razão, " mais do que quem, com a devida deferência pelos preconceitos religiosos, se deve dizer, que estadista e diplomata mais seguro nunca viveu.

Apesar de todas as denúncias preconceituosas, as obras que ele escreveu permanecem até hoje livres de controvérsia, e os princípios que ele incorporou nos "Direitos do Homem" encontram-se plasmados na sua Declaração de Independência. Todos os estadistas e diplomatas do seu país adoptaram desde então o seu método e estilo de conversação e correspondência, como mais apropriado a um povo democrático.

Não vamos falar sobre religião, mas propomo-nos a mostrar que a moralidade não é fanatismo; esta foi a concepção dos fundadores do vosso governo; esta é sua concepção atual. A moralidade tem crescido entre vós; o preconceito e a intolerância têm desaparecido da vista à medida que a educação e a inteligência avançaram. Democracia significa, num sentido distinto, a voz do povo; e enquanto os fanáticos supõem que os autores da Declaração pretendiam referir-se a uma certa classe, conhecida como escravos, eles estão muito errados. Foi em nome do povo livre das colónias, que na altura se achava submetido à tirania Britânica, que o documento foi composto, a fim de mostrar ao mundo cristão que sabíamos em que terreno estávamos. Prisioneiros e bens móveis, obviamente, não foram incluídos nessa Declaração.

A escravidão era então uma instituição Britânica, vinculada nas colónias, com a qual os fundadores da nossa liberdade desejavam não ter nada que ver, e que não era mencionada naquele manifesto de um povo livre e esclarecido; e é mais do que absurdo atribuir aos seus fundadores tal loucura. Enquanto os seus princípios são Católicos, eles são ao mesmo tempo conservadores; mas as suas expressões foram motivadas pelas necessidades do povo e pelos predicados do governo que desejavam fundar. A perversão do sentido desse documento só pode ser atribuída ao fanatismo, seja de um extremo ou do outro.

Há apenas uma maneira de garantir uma forma democrática de governo; (Eu não gosto da palavra Republicano, pois soa a fanatismo, e prefiro Democracia, por soar como as vozes misturadas da vasta massa de homens livres inteligentes) e essa é por reflexão a vontade do grande corpo que seleciona representantes.

Uma vez mais, muito se fala sobre a cláusula da Declaração que afirma que todos os homens nascem livres e iguais. Bem, agora, é claro, na interpretação literal dos termos, todos os homens não nascem iguais - ricos e pobres não são iguais; uma criança embalada no luxo não é como filha da pobreza, embora esta possa suplantar aquela em inteligência e valor.

Não há igualdade no valor dos indivíduos, quando comparados uns com os outros; mas em comparação com o governo sob o qual eles vivem, os direitos de um são tão importantes quanto os direitos de outro; por isso, se os direitos de qualquer um forem negligenciados, ele reivindicará a proteção do governo, e se o governo falhar, então, é claro, em consequência da sua igualdade, todos os homens nascem livres e iguais. Não queremos dizer que o escravo negro fosse igual ao homem branco, capaz de entender os princípios da liberdade; nem que o Índio selvagem, o Malaio ou o Hindu compreendam as nossas formas de governo, embora talvez sejam superiores à raça branca em alguns aspetos; mas que todos os homens, de acordo com a sua condição, sendo as outras coisas iguais, são livres politicamente; que o homem que labuta o solo, se honesto e justo, é igual a um rei nesse mesmo grau, e pode ser igual em intelecto, embora as suas habilidades não tenham o mesmo alcance.

Portanto, o jornaleiro e o homem que preenche o mais alto cargo no Estado são iguais, se ambos forem capazes de se governar a si próprios. Portanto, foi feita a afirmação de que todos os homens nascem livres e iguais. Uma vez mais, a interpolação, a representação falsa e as versões intolerantes do significado da Declaração basearam-se na cláusula que diz que todos os homens têm o "direito à vida, liberdade e à busca da felicidade. "

Inquestionavelmente, de acordo com todas as regras do governo, todo homem deve sua vida, liberdade e oportunidades de felicidade ao governo sob o qual tenha nascido; por conseguinte, o predicado da afirmação era que todo homem que se vincule a leis absurdas em que ele tenha tido voz no esboço, terá uma melhor segurança na vida, liberdade e felicidade, do que outro que é controlado por leis em que ele não tenha tido qualquer participação. Portanto, é admitido por todas as pessoas esclarecidas, que um homem não possa legitimamente privar-se da sua própria vida; portanto, a vida de um homem não é dele, literalmente falando, nem pode vender-se em absoluto ao cativeiro de outro homem, para que o contrato seja legal. A busca da felicidade é o que cada um está a unir-se como objeto e objetivo da vida; e a felicidade é conferida principalmente por fazer o bem aos outros; consequentemente, qualquer obtenção de felicidade através do puro egoísmo é verdadeiramente impossível.

Quando um homem pertence a um governo sob o qual ele é compelido a dedicar todos os seus pensamentos ao bem-estar dos outros, ele é mais feliz. É isso que significa a referida cláusula. Vocês compreendem que um homem que seja, livre, no

um sentido de ser incontido por qualquer obrigação moral, religiosa ou social, é, de facto, de todos os homens, o mais escravizado, por recear constantemente a morte e o desapontamento, e por ele não saber o que significa a sua liberdade. O homem numa comunidade bem governada, que tenha mais obrigações a cumprir, é o mais livre. Leis de nenhum tipo o prejudicam, pois ele está disposto a vincular-se a elas em prol dos benefícios que elas conferem à sociedade como um todo. Portanto, o termo Liberdade, conforme aplicado à vossa União, significa o pacto mútuo do seu povo, em prol da proteção mútua.

Eu sempre tive confiança na voz daquela quantidade de pessoas que conseguem tanto entender e controlar-se, quanto fazer leis e cumpri-las. Ainda tenho confiança nos corações e mentes de um povo que, por meio de longa experiência, exemplo e preceito, conheceu os benefícios decorrentes de tal estado de coisas; e sei que, hoje, não existe outra nação tão moral, virtuosa e inteligente quanto a dos Estados Unidos da América.

Eu por conseguinte, sei que a voz da maioria do vosso povo será a voz da mais alta moralidade e da melhor sabedoria do mundo; e que nenhum poder de opressão ou tirania poderá jamais arrancar os princípios gerados pela Constituição, ou os métodos de pensamento e sentimento aos quais vocês se acostumaram.

O conhecimento que vocês adquiriram não pode ser destruído, e está fora do alcance de qualquer classe de fanáticos destruir a força daquela integridade genuína que existe nesta nação.

Eu tenho a maior confiança nas pessoas. Eu sei que elas estão cheias de honra e integridade. Eu sei, também, que há homens corruptos, fanáticos e intolerantes entre eles; e mais em proporção do que em outros lugares, por causa da maior liberdade que têm de propagar as suas doutrinas. Mas sei que a grande voz deste povo é uma voz democrática; uma voz de unidade e harmonia, baseada em princípios inevitáveis que estão em operação há quase um século; e os seus resultados demonstram claramente que, por mais que certas secções, através da diversidade de interesses, possam ter superado os laços de união, ainda assim a própria nação é inabalável; e tudo o que tenho a lamentar é essa luta que nasce de contendas inflamadas e iradas, e que um instrumento destinado a responder a propósitos de uma harmonia duradoura devam ser pervertidos para fins de guerra.

Garanto-lhes que a Declaração não tem mais a ver com o estado atual das coisas do vosso país do que com a constituição da França ou da Itália. Ela brotou de uma diversidade de interesses sectoriais e monetários; e de tal fanatismo, de um lado, e tão profunda intolerância de outro, quase mergulhou a nação na ruína.

Com o tempo, esses grupos deverão quer exterminar uns aos outros ou despertar para a consciência dos seus erros, ao passo que o grande corpo da nação não será

prejudicado. Atrevemo-nos a afirmar que a Declaração de Independência sempre foi considerada como dizendo respeito exclusivamente àqueles que deviam ser governados pelos seus princípios; não a uma nação exterior, nem a um interesse distante qualquer; não tinha nada que ver com essa questão da escravidão, pois não fazia referência ao Africano, mais do que ao Indiano ou ao Malaio. Tem que ver apenas com as pessoas que deveriam ser controladas em consequência de terem a vitória do seu lado; com aquela classe de mentes iluminadas que formariam a fundação do governo; e hoje é o mesmo.

Se puderem beneficiar o Africano, ou qualquer outra raça estrangeira, é vosso dever fazê-lo; mas introduzir qualquer pessoa exterior no nosso meio e torná-lo um ponto de discórdia entre nós é inteiramente alheio à questão; e a consideração da escravidão deve ser excluída da vossa legislação. Nisto, deveria ser simplesmente reconhecido, como uma instituição enxertada no nosso sistema social pelo governo Britânico e por pessoas que agora procuram fugir da responsabilidade que têm no assunto, repudiando a sua própria descendência - a escravidão Americana.

Eu depositaria essa responsabilidade exatamente onde ela pertence, e não procuraria desfigurar o carácter dos vossos antepassados com uma mancha tão vil, quanto se torna implícito ao torná-la a aposta pela qual a segurança da nação está em perigo. Eu fico enrubescido ao reconhecer que haja pessoas no vosso país que têm tão pouca consideração pelo dever patriótico a ponto de introduzirem nos conselhos nacionais, uma questão tão fora e além dos limites, e até mesmo do reconhecimento legítimo. Enquanto possa existir como uma instituição à parte, não devia ser permitido que interferisse com a administração apropriada das leis; não deve ser transformada numa questão de discussão; a sua moralidade não deve ser pensada em conexão com o governo.

Deixem que os fanáticos e aqueles que não têm mais nada a fazer, se intrometam na questão. É uma instituição que finalmente se destruirá a si própria; ou, se isso não suceder, será uma instituição que não fará mal algum. Mas não permitam que a alta classe de políticos que preenche os vossos cargos de confiança interfira no assunto. Pode servir aos propósitos daqueles que nunca se ocuparam e nunca se ocuparão de qualquer cargo importante; que não fazem nada além de falar; para os filantropos e moralistas, que se fascinam com os peculiares "ismos, " e não seguem mais nada, até que se exaura; mas não servirá para quem sente que pertence, enquanto cidadão, estadista ou director executivo, a uma comunidade que é tão sincera e forçosamente conservadora quanto, em geral, esta é. Não é que as coisas não requeiram emenda, mas não devem ser alteradas pelo fanatismo, pelo egoísmo nem pela anarquia.

Que aqueles que falam tão alto em honra, justiça e liberdade se lembrem que esta nação deve o seu sucesso à integridade e ao conservadorismo do povo, e que, se

esses valores forem destruídos, a nação será destruída com eles, e a vida da árvore da liberdade se esvairá. O conservadorismo de um povo livre e esclarecido constitui sempre a sua mais vigorosa salvaguarda. Há sempre aqueles em número suficiente que visam descobrir novas verdades e explorar as regiões da filosofia transcendental; mas cabe ao governo discutir questões nacionais num espírito de conservadorismo, sobriedade e sabedoria, e nunca introduzir elementos que são calculados para estabelecer o selo da morte nas suas próprias fundações.

O senso comum prático é o único meio de sucesso para o povo Americano; e a voz e eleição da democracia constituem para sempre os princípios dos quais esta nação depende. Vocês nunca encontrarão segurança fora disso; e menos que isso não responderá ao propósito. A liberdade é demasiado rara; a justiça raramente também é encontrada; e a integridade, tão harmoniosamente desenvolvida, é demasiado querida para ser menosprezada; e os sentimentos acalentados acham-se firmemente fixados na rocha da justiça para serem abalados pela denúncia de um cristianismo simulado, ou pelos esforços de aqueles que procuram pelo fogo, espada e pelas vozes vociferantes precipitar o povo a um derramamento de sangue e rebelião. Portanto, possa Paz, Justiça e Integridade ser vossas; e nunca esqueçam aquele princípio sobre o qual se forma a integridade, a honra e o brilho da nação; a voz do povo, que é o meu povo; do país que é meu país e a minha casa.

Thomas Jefferson

Autor principal da Declaração de Independência e terceiro presidente dos Estados Unidos

Nascimento: 13 de Abril de 1743 NS, Condado de Albemarle, Virginia
Morte: 4 de Julho de 1826 em Monticello, na Virgínia.

Thomas Paine

Autor real da Declaração de Independência 1776

Nascimento: 29 de Janeiro Thetford Inglaterra 1737

Morte: 8 de Junho de 1809, 59 Grove Street em Greenwich Village, NYC, EUA

Comentário adicional:

THOMAS JEFFERSON foi o amigo mais próximo de THOMAS PAINE. Paine, enviado para a América da Inglaterra por Benjamin Franklin, tinha uma grande visão para a sociedade e era firmemente anti esclavagista, e também um dos primeiros a defender uma organização mundial de paz e segurança social para os pobres e idosos. Mas as visões radicais que tinha sobre religião destruir-lhe-iam o sucesso.

"Todas as instituições religiosas nacionais parecem-me nada mais do que invenções humanas, criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade, e para monopolizar o poder e o lucro. "

"O que aprendemos com essa coisa pretensa chamada religião? Nada que seja útil ao homem e tudo o que é desonroso para o seu Criador. "

Thomas Paine 1794 In: 'A Era da Razão. '

Na segunda parte de A Era da Razão, Paine escreve sobre a doença e a febre que o acometeram enquanto esteve na prisão:

"Fui acometido de uma febre que, no seu progresso, tinha todos os sintomas de se tornar mortal, de cujos efeitos não recuperei. Foi então que me lembrei com uma satisfação renovada e me congratulei a mim próprio com toda a sinceridade por ter escrito a primeira parte de 'A Era da Razão. '"

O conteúdo do trabalho pode ser brevemente resumido pela seguinte citação:
"As opiniões que eu avancei. .. são o efeito da convicção mais clara e há muito

estabelecida de que a Bíblia e o Testamento são imposições feitas ao mundo, que a

queda do homem, o relato de Jesus Cristo enquanto o Filho de Deus e da sua morte para apaziguar a ira de Deus e a salvação decorrente desse estranho meio são tudo uma fabulosa invenção, desonrosa para a sabedoria e o poder do Todo-Poderoso; que a única religião verdadeira assenta no Deísmo, pela qual eu na altura pretendia dizer, e quero agora dizer, a crença de um Deus, e uma imitação do seu carácter moral, ou a prática daquilo que é chamado de virtudes morais - e que era apenas nisso (no que diz respeito à religião), que eu depositava todas as minhas esperanças de felicidade no futuro. Assim o afirmo eu agora - e assim me ajude Deus. "

Com relação às suas perspectivas religiosas, em 'A Era da Razão' (iniciado na França em 1793), Paine afirmou:

"Eu não acredito no credo proferido pela igreja Judaica, pela igreja Romana, pela igreja Grega, pela igreja Turca, pela igreja Protestante, nem por qualquer igreja que eu conheça. A minha mente é a minha própria igreja.

Todas as instituições nacionais clericais, sejam elas judaicas, cristãs ou turcas, parecem-me nada mais que invenções humanas, criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade e monopolizar o poder e o lucro. "

Ele descreveu-se a si próprio como um "Deísta" e comentou:

Quão diferente é [o Cristianismo] para a profissão pura e simples do Deísmo! O verdadeiro Deísta tem apenas uma Deidade, e a sua religião consiste em

contemplar o poder, a sabedoria e a benignidade da Deidade nas suas obras, e em tentar imitá-la por todos os meios - moral, científico e mecânico.

Comentário do Tradutor:

Será curioso notar que a impressão que Jefferson tinha de Washington, foi ilustrada numa entrevista que Joshua Brookes lhe fez em Monticello, em Agosto de 1799, que as registou da seguinte maneira:

George Washington é um mestre duro, muito severo, um marido duro, um pai duro, um governador difícil. Desde a sua infância ele sempre regeu e governou severamente. Ele foi inicialmente educado no governo de escravos, e depois governou um exército e a seguir uma nação. Ele pensa bem em tudo, é despótico em todos os aspetos, desconfia de todos os homens, acha que todo homem é um patife e nada além de severidade se adequará. Ele não tem qualquer noção de deixar as pessoas entregues a si próprias para agir; ele acha que elas não conseguem pensar e que deviam obedecer apenas. Como morei perto dele e o via todos os dias, eu achava que sabia o que tinha em mente naquela época, mas depois eu descobri que tinha ideias de que eu nem suspeitava. Se ele tivesse morrido quando o Congresso se reuniu em Nova Iorque, ele teria sido o maior homem que já viveu, mas agora ele está a perder a reputação de dia para dia. Ele não é o homem que era, senão ele não se permitiria ser conduzido como é, ou dar a sua sanção às coisas que ele sanciona. Ele traz teólogos constantemente ao seu redor por achar certo manter as aparências, mas é um incrédulo.

As palavras de Jefferson oferecem um lembrete dramático de que até mesmo os fundadores não se encaravam olhos nos olhos, politicamente. Apesar de considerarem os partidos perigosos para a República (Washington descrevera-os como "banais" no seu discurso de despedida), em 1799 as diferenças políticas já haviam precipitado os Federalistas e Republicanos, os dois principais partidos da República Inicial.

A amargura que demonstrou para com o que ele percebeu como influência federalista sobre Washington é prontamente evidente. Independentemente disso, a atitude pouco carinhosa de Jefferson em relação a Washington, que morreu alguns meses depois dos comentários que fez a Brookes, não foi bem recebida por Martha. Ela descreveu a visita que Jefferson fez a Mount Vernon em 1801 como "a ocorrência mais penosa da sua vida, " fora a morte de George.

In: “New Iorque Historical Society”

O MEU LAR CELESTIAL

JAMES ABRAM GARFIELD

Um discurso que pretende ter sido proferido pelo falecido Presidente Garfield, através da mediunidade de Cora Richmond.

O Salão Fairbank esteve repleto na noite passada, por ter sido anunciado que James A. Garfield, o falecido Presidente, iria controlar o organismo da Srª Cora Richmond, a notável oradora de transe, nesta ocasião e discursar sobre o "Meu Lar Clestial. " Foi igualmente anunciado que o Sr. Lincoln estaria presente.

Após os serviços preliminares, a Srª Richmond alcançou o estado de transe. O espírito que se manifestou apresentou-se como Abraham Lincoln. Ele referiu-se ao discurso que tinha proferido duas semanas antes, sobre "O Pesar da Nação: Irá Ele Ser Alterado para Alegria? " e disse que enquanto tinha estado a proferi-lo, o espírito de Garfield estivera a seu lado, absorvido e interessado. Quando ele concluiu, o Sr. Garfield comentou que acreditava conseguir dominar o processo fisiológico que capacitava um espírito desincorporado a controlar um cérebro físico, e expressou um desejo sincero de o fazer.

Desde então eles visitaram a médium com frequência, o que por vezes se traduziu por uma indisposição para ela, por o controlo de um espírito que tenha passado do leito de sofrimento ser altamente prejudicial para o sujeito; mas eles acreditavam que os fins justificavam os meios, pelo que ele teve a satisfação de anunciar que o Sr. Garfield tinha não só dominado questão psicológica, mas que isso resultaria de forma nenhuma prejudicial para a médium assim que o esforço estivesse concluído. Com isso, ele viria a dar lugar ao seu amigo, o falecido Presidente Garfield. Uma mudança notável tomou conta da médium, e aquilo que foi dito foi tingido e efectivado por uma forte personalidade.

"Então, eu via por um vidro escuro. Agora, cara a cara. "
(Alusão ao trecho de Coríntios 13: 12)

"Esta transposição das palavras do Apóstolo soam ininterruptamente na minha ideia desde a mudança solene a que chamais morte, mas que eu agora aprendi a chamar nascimento. Aquilo que essa mudança implica, caros amigos, ninguém o pode asseverar por completo até que tenha dado esse solene salto; mas devo tentar, por as ideias estarem ardentes por uma expressão, e o espírito não consegue sossegado no seu lar celestial a menos que uma palavra seja transmitida à terra e àqueles que ficaram para trás.

"Ao despertar da vida mortal, descobri que após o choque inicial do ferimento físico não havia esperança de recuperação; que o tempo que foi gasto na tentativa de restaurar o corpo, pela assistência dos médicos, pela assistência de enfermeiros amáveis e o amável cuidado de amigos, assim como pelas orações da nação, era um preparo para o meu nascimento espiritual; que aí era conhecido que eu estava para

chegar, e que mesmo o meu próprio espírito, através de um tipo de consciência dupla, estava ciente disso. Debati-me para viver. Pensei que iria aguentar-me; mas nesses intervalos de sono e de um delírio parcial dos sentidos o meu espírito manteve conversa com seres espirituais que me rodeavam, e eles disseram-me que eu estava a chegar. Vou-lhes contar mais sobre essa consciência dupla um pouco mais à frente, por ser uma característica significativa da nossa admirável existência.

O período, conforme dizia, que foi gasto na tentativa de restaurar o corpo, foi para mim um período de traino espiritual e de preparo para o nascimento, e quando a hora da dissolução o meu espírito assim como os sentidos obscurecidos foram inundados pela plena consciência de que eu ia falecer, que a hora tinha chegado. Até essa altura eu tinha esperado ser capaz de recuperar e satisfazer os deveres para que fora indicado.

"Com enorme alegria, com humildade e gratidão eu venho agora para lhes dar conta do que me sucedeu desde então. Quando aquilo a que chamam morte chegou, pareci por um instante estar abarrotado num túnel estreito: em retrospeção, de trás, parecia sobrecarregar-me, enquanto diante de mim se encontrava o futuro, e só eu preenchia o túnel. Pensei que o passado e o futuro se devem encontrar, e devem passar um ao outro.

Viria eu a ser esmagado por eles? Não havia qualquer sensação, mas parecia um sublime consciência que eu estivesse para ser aniquilado entre essas duas forças que me pressionavam e se amontoavam sobre mim. Nunca o conseguirei descrever por palavras. Foi o supremo momento da existência; maior do que o nascimento, maior do que a morte, maior do que a realização da virilidade fora para a consciência.

Eu estava para ser esmagado, e conforme nos sentimos à beira do Niágara, que a nossa vida é destituída de valor em comparação com a sua vastidão, ou como alguns sentem diante da aproximação de um motor potente, que vão depositar as suas vidas na presença de tal poder, assim eu me senti quando do passado as lembranças trovejaram de uma existência carregada por vezes de imperfeições, mas de muita alegria, amontoou-se sobre mim, para ser recordado; e do futuro o poder, e a glória, e vastidão de uma luz de alvorada parecia irromper em mim.

"Muitas vezes recordo que durante a enfermidade que me acometeu, eu parecera erguer-me como alguém se eleva do fundo do oceano, e que vi a manhã a irromper à distância. Então, um cuidado carinhoso e terno do médico, uma oração por parte dos amigos, atrair-me-iam de volta, e eu submergia nas ondas da vida mortal.

Agora eu era impelido. O passado acorreu numa corrida poderosa e, pressionando-me em frente, eu fui forçado na direção do mundo dos espíritos, e aí fiquei, desconcertado é verdade, mas tão inteiramente consciente que teria chamado os meus criados habituais para verem a cena que tinha diante de mim. E chamei, só que eles não me ouviam. A morte não nos dividira mas eu realizara então que o tempo e a sensação sim, e que eles se encontravam no oceano enquanto eu me tinha alçado acima dele. Então esse passado de que falava veio amontoar-se sobre

mim, todas as cenas da minha infância, da minha juventude e maturidade, o amor, a esperança, a aspiração, a alegria, o rosto da minha mãe, a luz brilhante de todo semblante; tudo isso veio pôr-se diante de mim em retrospeto. Mas outros rostos vieram que não recordava - que eu nunca tinha visto na terra. Mas um rosto à boca do túnel de que eu parecia emergir resplandeceu benigno e terno, leal e carinhoso.

"Era o rosto de Abraham Lincoln. Não me podia enganar. Ali estava na plena luz da grandeza espiritual que não posso descrever, mas com todas as feições perfeitas, com todas as expressões naturais, apenas um brilho transparente que me levou a sentir com se eu estivesse na presença de um anjo, embora eu reconhecesse a expressão do meu amigo. De mãos estendidas, com ambos os braços estendidos, ele acolheu-me dizendo:

"Eu sabia que estava ed regresso; seja bem-vindo." E então o meu pai, cuja presença me fora negada na terra, veio cumprimentar-me. Eu não sei como foi que soube que era o meu pai, mas desde o instante em que vi o reu rosto benigno eu chamei-lhe pai, e chamou-me filho. Outras faces que me pareceram igualmente familiares, embora eu não tivesse qualquer conhecimento de onde ou quando eu as tinha visto, vieram acolher-me. Eu tratei-os de diversas maneiras, de irmão, amigo, parente, a quem nunca me conhecera na vida terrena, e no entanto eu conhecia.

"Mas deixem que lhes fale aqui justamente dessa consciência dupla a que me referi. Eu descobri que os tinha conhecido. Eu disse ao meu amigo e guia, o Sr. Lincoln: "Porque será que, nunca tendo visto ou recordado o meu pai, nunca tendo visto muitos destes amigos na vida terrena, eu sei quem eles são?" Ele disse, a sorrir: "Irá ser surpreendido com muitas das cenas que o irão saudar na vida do espírito. Nós levamos uma vida dupla na terra; uma é a vida exterior dos sentidos, a outra é a vida dos sonhos. Os nossos sonhos provam, afinal, ser a maior realidade, pois no sono, muitas vezes, quando não nos vemos perturbados pelos cuidados materiais, o espírito encontra e trava conversa com os amigos que partiram. Há de achar muitas cenas familiares, e há traçar muitas das ideias que teve no estado de vigília de volta à terra do espírito."

"Ah, quão estupendo aquilo não pareceu! Então pareceu que eu acabara de despertar de um sonho; que a minha vida terrena tinha sido um sono, e que eu me encontrava agora restaurada nos meus sentidos habituais, e no entanto eu podia lembrar-me da prolongada luta pela existência; como a nação pela sua voz unida me colocara na posição de ser seu servo; como eu aceitara esse elevado cargo com respeitosa humildade e gratidão, porém receio, não fora eu capaz de satisfazer a elevada responsabilidade, e como com um súbito mergulho esse cargo me foi arrebatado dos deveres da vida, e eu me vi prostrado, a lutar pela existência num mar de dor e incerteza. A voz da minha esposa, o carinho no auxílio dos meus subordinados, o ruído dos médicos que me consultavam, a incerteza, a dúvida, a alegria — tudo isso me veio de volta, e ainda assim não conseguia aliviar-me da

alegria da sensação de ter despertado de um sonho, e que, por mais agradável que fosse, aquilo para que despertara constituía a maior alegria.

"Hão de sentir-se surpreendidos com isto, mas eu não consigo explicar-lhes o quão incrivelmente grandioso parece nascer de novo; como sem dúvida no amor do Pai, e com a consciência de existir na vida espiritual um poder que eleva, com perfeita certeza de um futuro estado, eu ainda não tinha uma consciência adequada do que esse estado poderia querer significar ao despertar total do espírito. Não lhes consigo transmitir isso agora. Posso somente dizer-lhes que foi a manhã do meio-dia da existência, uma luz acrescentada a uma luz, uma alegria que desabrochou numa alegria total, um grupo de estrelas onde apenas tinha existido uma antes.

"Eu passei por entre outros amigos. Via cenas familiares ao meu redor por toda a parte, belas paisagens, pedaços de beleza feitos dos sonhos da minha infância, porções de terreno que eu tinha visto no começo da minha vida e desejara perpetuar mas não tivera mão de artista - tudo belas vistas que eu desejara preservar na minha juventude e virilidade, os afetos do meu coração, as esperanças, as ambições — as imperfeições também; e quanto mais eu avançava por esta bela terra, pois terra parecia ser, só que tão transparente quanto o arco-íris e tão clara quanto a atmosfera — quanto mais eu avançava mais eu parecia inadequado para me apropriar, para desfrutar; mais eu sentia a insignificância dos meus pensamentos, e ainda assim, como uma criança ansiosa, incapaz de compreender a vastidão que o rodeia, eu prossegui para as novas cenas, as novas vistas, as novas formas, e cada qual tinha o aspeto de alguma que eu tinha conhecido e amado, e alguém que eu amara e não conhecera, invisivelmente amara de forma impalpável. Os laços da mente e do espírito atraíram-mos à presença; e isso também me recebeu no reino.

"Quanto tempo durou eu não sei dizer, mas eu pareci passar ininterruptamente, encontrar-me com mentes que eu tinha conhecido na vida pública, muitos a quem a nação designara grandiosos e os mais elevados — mas de quem eu senti não conseguir aproximar-me — encontrar-me com eles todos em gentileza, e eles acolheram-me sem surpresa; Pareciam ter sabido da minha vinda; acolheram-me de bom grado, mas não havia exibição, nem ostentação, cerimónia alguma nem saudação formal; era o mesmo que se eu tivesse ido até à porta da minha mãe e visto o seu sorriso à luz do sol, à espera à tardinha de acolher o seu rapaz.

"Não houve diligência maior ou mais elevada do que isso — do que a de que me amavam e pareciam saber que eu estava a chegar, e cada qual teve uma palavra de amabilidade de acolhimento. Eu senti-me tanto à vontade, tão humilhado, tão contente, tão cheio de orgulho e alegria, que senti vontade de ir buscar os meus amados para ali.

“A seguir veio-me à memória o facto de me encontrar entre os mortos e deles se encontrarem entre os vivos. Que coisa será viver, se isso impede durante todo o período da vida de um homem aquilo que vi então? Que coisa será viver senão lutar durante quarenta ou cinquenta anos da idade adulta sem saber da existência de cenas dessas próximo e ao redor? Que coisa será viver, se, como uma cúpula descarada, enublada do lado da terra, impede a glória do estado espiritual? E ainda assim os meus queridos encontravam-se entre os vivos, e eu era suposto estar entre os mortos. Ouvi o som de sinos a tocar.

Chegou até mim como um ruído do fundo do mar, uma coisa opaca engolfada pelas ondas. Ouvi as ondas a espraiar-se na margem, as ondas da compaixão da nação. Não me refiro às palavras de elogio enunciadas nos altos lugares; essas são banais; dizem respeito à adulação natural que o homem tem pelo semelhante. Refiro as palavras e pensamentos de compaixão que vós estendeis àqueles que sofrem — a surgir sem parar cada vez mais próximo, como a aproximação de um grande mar solene, um mar de soluçar. Veio e envolveu-me a toda a volta; chegou e irrompeu em lágrimas sobre a minha cabeça; e pelo meio, ouvi muitos canhões, e então subitamente eu estava no meio do comboio funerário.

“Escutei os sons da música marcial. Não vi a multidão que se apinhava nas ruas; não vi o carro fúnebre; via somente as formas e escutei os soluços daqueles que me tinham amado. Podia vê-lo; não havia dissimulação. Somente aqueles que me tinham amado foram vistos e conhecidos nessa hora, não as massas que se mexiam de forma desleixada, muitos de quantos envergavam o pesar externo por dever, mas todos a dar-me mais do que na minha qualidade normal eu merecia, ainda assim sentia o palpitar daqueles que me tinham amado, e ouvia-os a derramar as suas lágrimas, e teria erguido a minha voz — ergui-a, mas ela não pode ser ouvida.

“Então, de novo disse a mim próprio e ao meu amigo, que não me abandonara: “Estarei no mundo dos vivos ou dos mortos? Porque não me escutam quando falo? Porque não respondem quando eu os consolo? Que será que nos divide?” E de nodo o semblante benigno brilhou qual anjo e disse: “É o tempo e a razão que os divide. O espírito vive, só que o corpo constitui o véu existente entre vós e eles — os seus corpos mortais.” Oh! Como eu tentara penetrar esse véu! Como eu tentara erguer a minha voz do que o som da música, mais alta do que a linguagem do trompete, mais alta do que todas as palavras que foram proferidas, por mais carinhosas, amáveis, compassivas; mas quem haveria de romper o silêncio e de lhes dizer que eu estava presente? Nem um só; e se o tivesse feito eu teria pensado que fosse um doido.

“Sem dúvida que estas palavras desta noite, por mais importantes que seja para o meu espírito ofegante enunciá-las, e esforçar-me por chegar àqueles a quem amo, e que se importam comigo, irão cair como os enunciados de um entusiasta, enquanto palavras ociosas de uma pompa vã e exibição continuarão em tom solene a ser dirigidas de uma forma brasonada à nação como verdades. Oh! Mas pode chegar a

hora — deve chegar — em que aquilo que conheço agora será revelado a todos, quando vós ireis ver e escutar como eu agora vejo e escuto, e quando com os vossos amigos que estão mortos bem junto a vós sem voz que lhes dirijam, nem pensamento que os receba, vocês recordarão aquilo que eu disse, e não os empurrarão para longe cheios de angústia, cheios de pesar ou lamento.

"O espírito da nação de que falo esta noite; sei que a sua forma será preservada. Sei que nenhuma mão se intrometerá entre vós e a sua lei, a sua harmonia, o desenvolvimento da sua justiça. Sei que a nação será preservada. Isso não é nada. É grandioso aos olhos do homem. Mas conhecer esta outra nação, maior e mais vasta; conhecer Washington, Adams, Jefferson, Lincoln, todo os que aqui se encontram; sentir o aperto da sua mão direita e a camaradagem dos seus corações e espíritos palpitantes; ser conduzido à presença e camaradagem das suas mentes e sentir-nos um verme — é isso que eu sinto.

Conseguirão vocês perceber, meus amigos, que não passa de um ligeiro pulsar único do coração, e o espírito é libertado nesta presença imortal? Conseguem perceber que todos os vossos amados se encontram onde eu me encontro e onde devo viver? E não devo viver nem devo conhecer esta vida que veio ao meu encontro a menos que consiga levá-los a ter conhecimento dela também — quero dizer, vós da terra de quem eu estou perto e para quem sou querido, quaisquer que possam ser os vossos nomes.

"A minha mãe, ah, a minha mãe! Tu que me assististe e guardaste durante os primeiros anos; tu que me sustentaste na mocidade; a conduzir-me e a orientar-me delicada, admirável, amavelmente; tu que preencheste o lugar de ambos os pais com um monte de preocupações da vida madura ao teu redor, que abençoaste os anos culminantes da maturidade dos teus filhos; tu que observaste aquele crescimento da maturidade estender-se ao que pensaste ser uma utilidade mais elevada, e te sentiste feliz com cada alegria e tiveste simpatia por toda a mágoa; tu que ainda recentemente gritaste por mim — mas eu estava presente, embora não soubesses disso — minha mãe, naquela hora de importância solene em que a voz da nação foi elevada e mantido em suspenso com enorme ovação, voltei-me para ti em busca de uma bênção, e dei-te o primeiro louvor; e agora elevado a um estado mais alto, coroado com uma masculinidade mais altiva, oh, mãe, não me receberás? Toco a tua testa e tu não sabes. Coloco o lírio do meu amor sobre o teu coração; não me sentes?

"Esposa minha, a quem eu ouvi a chorar à luz desse novo lar, silencioso, sem voz altiva, mas com o choro do espírito, que parecia dizer: "Estamos separados para sempre até que a morte me leve daqui": Oh, não sabes que estou contigo? Não passa um dia, não passa intervalo nenhum de horas em que eu não tenha estado perto. O meu lar tem lugar no lar da vida terrena. Acima dele deverá ser criado o meu templo espiritual; acima dele deverá pairar a atmosfera do meu lar celeste. Não sabes que eu estou aí?

“Filha minha, fala comigo! A luz dos teus olhos cheios de lágrimas, qual flor coberta de orvalho, brilha sobre o meu novo estado. O teu não é um espírito esmagado mas apenas curvado que tanto mais se erguerá com as lágrimas; mas não sintas que me afastei. Meus bravos filhos, a quem eu também quero amparar e fortalecer.

Perdoem-me se me refiro àqueles já conhecidos do meu coração, mas se não puder enunciar estas palavras o meu espírito estoura pelas costuras e volta à terra.

Amparado e fortalecido pelo meu amor, o meu lar celeste encontra-se em Mentor, onde os amados se encontram; mas estende-se tão alto quanto qualquer espírito que me conheça e me abençoe possa alcançar. Todo este cainho desde a simples habitação terrena até à vastidão do espírito que agora me acompanha e me cerca, se acha a exalação do ar do lar, a estender-se e a alargar, glorificado e embelezado.

“Ah, nação, despe o luto e orna as paredes com brilho de neve se quiseres dar conta do local onde me encontro, pois não estou entre os mortos! Não ficarei morto. A nação, se optar por isso, receberá novas da minha parte, mas aqueles que estão por perto e são queridos precisam escutar a minha voz, precisam compreender a minha presença, e em todos os momentos e forma em que puder pronunciar essa palavra, ou levá-la a ser sentida àqueles da minha casa, eu o farei.

“Pelo vosso amor e amabilidade, pela compaixão que eu sinto me trouxe até aqui — sem a qual estas débeis elocuções não poderiam ser dadas — eu devo agradecer com devoção. Quantidades do espírito permanecem por enunciar, milhares de ideias permanecem por pronunciar — recordações aglomeram-se e profecias que despertarão deveres mais elevados e realizações mais sublimes. Toda a simpatia e louvor, toda a voz de encorajamento que tiver sido dada, me amparará e elevará para mais alto empenho, embora saiba que não o mereço. Não me iludo nem por um instante.

A circunstância, o momento, a ocasião, a tendência da compaixão humana foi o que edificou esta ideia nos vossos corações. Mas disto estou eu certo: Não grande, não sábio, não o homem de estado, não dotado de nenhum dos grandes dons com que muitos gostariam de me cobrir, eu fui ainda o filho sincero de uma república sincera, um cidadão devoto de uma comunidade cujas leis louvei além de todo louvor, cuja prosperidade eu desejei logo atrás do seu desenvolvimento espiritual, e cuja compaixão e orações me ajudarão a suportar até que aprenda mais a fundo as lições deste elevado concelho, onde me sento a escutar como o mais humilde entre aqueles que são sábios, grandes e bons que têm o bem-estar da nação a seu cargo.

“Esses elogios e gestos de compaixão, a receção que fazem da minha presença aqui esta noite, os pensamentos que me seguirão apos esta elocução e a esperança que de algum modo estas palavras possam alcançar aqueles com quem eu vivi na terra — a quem eu também chegarei de uma forma estreita — isso aumentarão o brilho da glória do meu nascimento espiritual, e levar-me-á a um maior empenho no meu lar celeste.”

* * *

O discurso foi encerrado e o presidente fez alguns anúncios, quando a médium se ergueu de novo, e o que se segue foi dito:

"O meu amigo e conselheiro admoestou-me no sentido de enunciar mais uma palavra. A novidade deste método de comunicação pode ter tornado a minha elocução não tão consecutiva quanto é costume. Um outro pensamento vai para a nação, para a barra da justiça, ante cujo tribunal o pobre maníaco se vê agora intimado. * Lembrar-se-á a nação de summum jus, summa injuria, ** e esforçar-se-á na presença da justiça por não esquecer que a misericórdia é sua serva, o seu sustentáculo. Da minha parte, se as leis da nação declararem que ele deva vir para o mundo dos espíritos, eu que na terra tive o nome de James Abram Garfield, prometo-lhes que serei o primeiro a acolhê-lo no mundo do espírito.

*(NT: Refere-se, provavelmente a algum facto pontual que estivesse a decorrer. no âmbito da justiça)

**(NT: Excesso de direito, excesso de injustiça. Termo oriundo do Latim que indica que, da observância rigorosa da justiça e da lei pode advir injustiça)

JAMES GARFIELD

MAIS SOBRE O MEU LAR CELESTIAL

UM DISCURSO FEITO POR INTERMÉDIO DE CORA RICHMOND

Uma vasta audiência reuniu-se no Salão Fairbank na noite passada -- diz o Chicago "Times" de 31 de Outubro -- para escutar uma palestra proferida por Cora Richmond pretendendo ser controlada pelo falecido Presidente James A. Garfield, sob o tema

Dá lugar à verdade na Terra!

Tão formosa na forma e de rosto tão esplendoroso,
Que despertou para o nascimento celestial,

Só tu vês a sua perfeita graça.

Meus amigos. Uma vez mais surjo diante de vós com esta aparência; uma vez mais em resposta à vossa amável simpatia dirijo palavras que, senão válidas para vós, certamente o serão para o meu espírito. Imperfeita conforme deverá ser esta forma de expressão, difícil quanto é transmitir através de outro organismo e cérebro o pensamento do espírito, ainda assim, quando não se dispõe de nenhum outro canal de comunhão, e quando este, por amável convite da banda do espírito nos é estendido, eu certamente seria mais do que um espírito se recusasse a palavra que está ardente de expressão. Desde a última vez que eu a vós me dirigi aqui o meu espírito familiarizou-se mais com a sua nova forma de vida, acostumou-

se mais a esta forma de comunhão, por muitos médiuns terem recebido visitas da minha parte. Através de todas as médiuns possíveis tenho passado uma palavra de saudação ou expressão, para que mais me possa apossar do conhecimento necessário para falar aquilo que irei aprender no meu lar espiritual.

A primeira ideia que me acudiu após a morte foi como quando estamos ao entardecer sobre algum monte a contemplar a glória do céu do poente, as vistas de uma beleza dourada a abrir-se ante a nossa visão, grandes volutas de luz carmesim que só podíamos penetrar com a visão da Deidade - tudo trabalhado com grandeza diante de mim. O esplendor era tão grande, a vastidão tão profunda que inicialmente pareceu ofuscar o poder da mente e do pensamento; mas deu-se uma rápida reação, e então lá surgiu aquilo que corresponde ao desaparecimento da luz.

Com isso quero dizer que após o clarão da receção dos amigos, da consciência do ser, na posse de todas as faculdades da mente e do pensamento - após isso ter sido plenamente assegurado ao poder espiritual desperto, eu senti uma onda de retrospeção. Para alguém que tinha sentido isso na vida terrena não surge qualquer resposta de lisonja quando os anos da vida humana são gravados pelo monitor austero, a consciência.

E justamente aqui quero confessar de novo que durante esse período de exame de consciência me senti inundado do maior arrependimento por as oportunidades concedidas na vida terrena não terem sido aperfeiçoadas por mim numa busca do conhecimento espiritual. Não foi por falta de advertência, nem mensagens diretas e assistência; o poder de cura que eu mal compreendi foi-me dado para me reabilitar a saúde através de mãos gentis, e mais que uma mensagem do mundo dos espíritos, a predizer que a nomeação política que nunca me entrara na ideia podia ser realizada. Mais tarde vieram advertências e avisos, profecias do perigo para a vida humana na minha pessoa, de que me ri e pus de lado como sonhos ociosos do fanatismo.

Encontro-me agora aqui para confessar a esses amigos, alguns dos quais se acham aqui presentes, que se esforçaram por me esclarecer com respeito ao poder que os espíritos têm de comunicar com os mortais, que nessa hora de retrospeção eu senti profundamente a falta desse conhecimento, e que teria de bom grado dado mais pela posse do conhecimento que me teria concedido falar com o mundo dos espíritos quando na terra, do que todas as honras que vieram à minha existência terrena, coroadas como estavam com a maré cheia da simpatia da nação.

E assim falo respeitosamente e com toda a consideração por todos os sinais de simpatia e respeito que chegaram até mim na hora solene da vida e da morte. Agora, se tivesse esse conhecimento, o conhecimento que alguns dos meus companheiros tinham, eu daria todos os anos da vida política, todos os anos do treino para o sucesso nas realizações terrenas; por achar que a falta desse conhecimento constitui a fraqueza do espírito.

Se as minhas palavras servir para chegar nem que seja um só coração dos que aqui estão presentes, quer ele acredite na personalidade desta mensagem ou não, que por ora ele se lembre que os poderes do espírito são imorredouros; que eles apenas bastarão quando ele puser de lado a sua morada material, e embora o espírito seja construído das satisfações dos deveres, e apesar da sua resistência ser moldada na realização daquilo que de momento parece ser o mais sublime e melhor, não vos enganeis a vós próprios quanto ao que seja o melhor e o mais sublime.

Lembrem-se de que a parte espiritual do homem constitui a parte mais significativa; que a sua existência é eterna; que as suas manchas sentis ao entrar no estado espiritual, e que a sua resistência constitui o poder do mundo espiritual; e embora sentindo isso, considerando a fraqueza da natureza humana e a tendência para o erro, eu jamais prejudiquei arbitrariamente o próximo. Senti a falta desse conhecimento que poderia ter possuído, das oportunidades desprezadas, e da sobrevalorização daqueles deveres que afinal deviam ter sido melhor desempenhados, tivesse o espírito tido plena consciência da sua herança imortal.

Quando este resplendor do espírito voltou de novo - o resplendor de simpatia do mundo abaixo - então senti a vastidão do reino espiritual ao meu redor e acima de mim. Era noite, no que dizia respeito à terra. Aquilo que tinha sido glorioso e belo na vida terrena tinha sido esmaecido pela mudança da morte, somente a luz do amor restava, e ela ficou mais bela, e permaneceu como uma estrela no horizonte da existência mortal, existência que se desvanecia da minha visão espiritual.

Então surgiu as perfeitas profundezas da visão da noite. Não era mais escuro, mas esfera após esfera, e estrela e mundo e sistema de esplendor um atrás do outro; e em meio a isso despertou um anseio na minha mente, sentido muita vez quando na terra, dos fundadores da nação, da república, que, parecendo mais pequenos a cada instante em comparação com o reino mais vasto em que eu entrara, ainda tinham sido a esperança, a luz de orientação da ambição terrena e do amor, e eu firmemente acreditei (conforme agora creio) ser a esperança e luz de orientação das nações rumo à liberdade.

Fui conduzido ao conselho da nação, e aí se encontravam aqueles que tinham outrora governado com sabedoria ou de forma insensata de acordo com o conhecimento e condição em que tinham vivido. No seu meio encontravam-se três. Eles foram-me apontados por terem mais que ver com a formação daquela maravilhosa declaração que moldara o caminho para a libertação do nosso povo, para a fundação do governo dos nossos fundadores - o velho Adams, Thomas Jefferson; mas principalmente, e coroado com a maior luz e a irradiar um esplendor mais antigo eu via o rosto e a forma de Thomas Paine, que redigiu com tinta de fogo a maravilhosa declaração que firmava a liberdade do povo da terra, a herança da liberdade humana. E ao contemplar o seu semblante, a longa noite que o tinha separado do amor deste povo surgiu diante de mim, e eu disse:

“Quem afastará o obscurecimento do rosto desse espírito que, amando ao homem, amou a Deus? ”

Mas eu sei que esse obscurecimento está a ser afastado, e que as pessoas se recordarão em meio às suas liberdades o pensamento brilhante, o génio maravilhoso, o esplendor incomparável deste grande espírito. Eu não estava satisfeito com isso mas fui levado adiante. O meu guia, que eu mencionei previamente (Lincoln) ainda estava a meu lado; ele levou-me a concelho atrás de concelho daqueles eminentes da história, os estupendos génios da liberdade das eras passadas.

Através da França e da Inglaterra, erguiam-se diante de mim os conselheiros que tinham elaborado leis justas, os governantes que tinham sido amáveis e humanos, e aqueles na vida mais humilde que tinham servido a liberdade todos não reconhecidos: a Roma, onde agora o Império murcho se encontra meio sem folgo e a apalpar nas trevas; a Roma, onde só ultimamente a noite negra da igreja Romana reinava com ininterrupto poder e influência; a Roma, onde, de toda a terra, os sinais de despotismo eram notável e distintamente revelados, onde uma proibição ainda impera, a chocar como um pesadelo - o poder atual da igreja de Roma a estender a sua influência por todas as nações da cristandade - e foi-me dito por aqueles presentes no concelho que isso representaria o próximo grande perigo para a República.

Aquando na terra eu não pensara assim; nem sei disso agora; mas aqueles mais sábios que eu afirmaram que essa irá ser a luta - a liberdade religiosa ou a escravatura religiosa sob a proibição de um poder que clamará em seu auxílio toda a porção ignorada de todas as nações da Cristandade.

Eu só podia ver o que me era revelado, e revelo-o conforme mo foi revelado. Para além desse testemunho vi, além dos campos manchados de sangue do Cristianismo, para além dos terrores que tinham sido cravados na história de dois mil anos de guerra religiosa, para além das lutas da política dividia em secções, e as diferenças que tinham sido introduzidas nos governos locais; eu via a Roma antiga erguer-se diante da visão esplendorosa, e dela as almas patriotas que se extinguiram quando a grande nação Romana foi fundada - o império - aquilo que constituía a glória do mundo. E aqueles que eram enumerados entres esses salvadores não estavam os Césares, nem os governantes reais, mas aqueles que tinham proferido as palavras de verdade e de liberdade, e conceberam leis em câmaras secretas que deviam conceder a Roma o governo do mundo.

Vi a Grécia e os estadistas que lhe conferiram a mais alta iminência por entre as nações da terra - Sólon, Licurgo - grandiosas e importantes constelações de grandeza. Passei às velhas cidades do Egipto onde, erguendo-se diante de mim, como se reproduzidas no estado espiritual, se via as maravilhosas cidades que se tinham extinguido da face da terra; e aí no meio vi aquele de quem foram concebidas todas as liberdades que foram a herança das nações da terra desde então - uma grandeza, mais sublime, mais majestosa na forma do que qualquer que

a vossa visão possa retratar ou que o olho do homem possa contemplar - porém sem governar com base no direito do rei, nem do poder da herança individual, mas pelo esplendor da sua grandeza incomparável, cuja influência é sentida nas nações do mundo, mas que é desconhecido até de nome; um governante apontado pela prosperidade política das nações em cujo governo encerra sabedoria, justiça e amor; que me foi dito é o árbitro dos destinos da terra e que, com milhões de espíritos governa e determina os destinos das nações dos homens - estadistas que se erguem para prestar os seus serviços - e pelas cintilações da sua esfera inspira palavras de eloquência e de patriotismo da terra.

E à distância estendendo-se por longos corredores de luz, ou agrupados em constelações de beleza, via mentes poderosas, antigas no esplendor e no pensamento, com o porte majestático da juventude perene, a glória das suas próprias conquistas, cada um coroado com a excelência das suas próprias vidas. A distâncias indistintas vi contornos de outros reinos, e à distância uma luz mais brilhante que apontava para um esplendor mais antigo, cuja expressão, sequer, não podia vislumbrar, cujos agrupamentos se assemelhavam a grupos de estrelas desprovidas de forma, mas foi-me dito que também essas eram esferas de almas. E mesmo para além dessas via linhas ainda mais brilhantes, e expressões mais brilhantes, que me foi dito serem anjos que mantinham uma vigilância sobre toda a terra, e que sustentavam os modelos de toda a verdade que chegue ao homem.

Não conseguireis conceber o quão pequenos no meio dessas glórias os meus débeis pensamentos se tornaram? Não conseguireis conceber quão insignificante o átomo poderá sentir-se ao entender o universo ao redor? Sem essa compreensão e apenas com um débil vislumbre, quão diminuto pareceu o espírito que eu possuía? E ainda assim entre eles eu fui reconhecido, e sorrindo aquele que fora meu irmão e amigo pôs-se a meu lado ali, e disse que nos é dito que essa é a nossa herança se nós também cumprirmos, de acordo com a medida da nossa capacidade, os deveres de cada momento que passa.

É-me dito que todo segredo pode ser revelado; que a terra não contém tesouros lendários que a mente do homem não possa herdar pela comunhão com o mundo das almas; que quando as cidades forem exumadas as mentes do passado serão atraídas a vós; mesmo agora os antigos reis da Babilónia afluem ao local misterioso de onde os antigos registos dos seus feitos estão agora a ser revelados, e o mundo conhecerá mais por causa dessas escavações externas. É-me dito que não existe arte alguma subtil, nenhuma ciência profunda, nenhuma maravilha do antigo Egipto que não possa despontar na mente terrena por meio dessas mesmas comunhões. É-me dito que escolas para essas comunhões já se encontram estabelecidas, e que esses instrumentos - similares àquele que eu agora emprego para comunicar convosco - irão tornar-se disponíveis para a transmissão de todo o conhecimento que o homem buscou principalmente em escolas do saber humano.

Eu não acreditei nisso quando estive na forma humana; não conseguia perceber esses métodos nem digo agora que esse método deva suplantar o empenho normal e natural do intelecto humano - mas digo que é para coroar o empenho natural e normal com uma maior realização; que é para contribuir para o conhecimento que já possuís, o conhecimento do reino espiritual, e que onde o homem tateia às cegas atualmente na busca do conhecimento, vejo que virá a será determinado, por a visão do espírito, estendendo-se numa extensão mais ampla e limitada apenas pelo poder do conhecimento, deve ser mais capaz de dar ao pensamento humano aquilo por que a mente e a alma do homem almeja e anseia por conhecer.

Em relação a todo o conhecimento terreno há um limite; com toda a história há um tempo em que fazemos uma pausa, e onde o pensamento humano não consegue mais explorar; com a visão que o homem tem e os sentidos materiais e as invenções da ciência e as descobertas, ainda assim muito está em falta, e nós sentimo-nos para sempre limitados e diminuídos, enquanto nos sentidos materiais, com a natureza limitada daquilo por que lutamos por conhecer. O conhecimento é poder; só que não é o mero conhecimento do intelecto, ou da arte, ou da ciência.

Eu sei que o conhecimento é bondade, é verdade, é pureza, é amor, e começamos o nosso conhecimento espiritual com o alfabeto da bondade da criança. Se isto disser alguma coisa à vossa compreensão, porque não começar aqui? Mas a pronúncia da fala com a língua presa que virão do reino espiritual aos pensamentos que se forçarão diariamente na vossa consciência, àquilo que às pressas e numa confusão e tumulto da vida terrena parece não haver tempo para atender, a dar tempo, a dar atenção, a dar pensamento, mas sereis recompensados pelo conhecimento que eu designei.

Agora percebo quantas ideias e dons da mente humana são despertos e acelerados; como as inspirações nos surpreendem no caminho aqui como clarões de luz vindos do reino espiritual; como até nas trevas diárias e na perplexidade dos assuntos humanos a luz espiritual sonda o Nó Górdio de qualquer problema, e deixa a mente livre para o realizar; como a invenção é estimulada e incitada a partir do lado da vida que está mais próximo das origens das coisas, e como a ciência com as suas múltiplas descobertas é capaz de resolver apenas aquilo que a inspiração der.

Descubro agora que aquilo que se encontrava certamente cerrado à minha visão e compreensão externa - que a verdadeira inspiração não consiste em nenhuma palavra formal, nem credo, nem oração, mas na voz do espírito que ministra continuamente com base na mensagem que vem a todo o coração onde quer que essa mensagem for necessária, e na orientação que toda a vida possa sentir só fará por escutar as sugestões da intuição. A voz do espírito, é-me dito, é na terra chamada intuição. Os génios reconheceram essa voz, deram-lhe continuamente ouvidos, e pela entrada sempre aberta da inspiração colheram de fontes de conhecimento e fontes de riqueza, e deixaram o mundo encantado. Ah! se todos pudessem ser génios! Mas são todos; no embrião que se encontra inativo em todo

coração humano que um dia será despertado e tornado numa canção, no silêncio dorme em todo o espírito aquilo que um dia será despertado para o brilho e o poder. E assim há torpor em cada ideia esta noite, o triunfo imortal que não podeis senão sentir quando as trevas do tempo deslizarem e a luz imortal despertar inteira e seguramente.

Poderão perguntar-me: "Que é que faz? Que ocupação irá ter? Encontrar-se-á ocupado com assuntos como andava na terra? Que buscará o espírito? Haverá alguma coisa que possa ser designada prática?"

Mas nisso reside precisamente a dificuldade. Entre o estado natural e o espiritual dá-se uma mudança. Pode ser comparada à mudança química que se processa na flor quando ela é transformada da semente que dorme nas trevas numa bela rosa que felicita a luz. A qualidade, a essência encontra-se ali no germe, mas não há mais nenhuma comparação entre a rosa e o germe do que o átomo e a luz do sol, e no entanto, ambos são qualidades e expressões da mesma coisa.

O estado espiritual eu acho real. Acho-o incomparavelmente real; mais real do que a vida terrena; menos duvidosos na posse de poderes e de atributos. A sensação muita vez engana, as coisas materiais muita vez traem; a mudança e o tempo e os sentidos furtam-nos às certezas do espírito; mas eu descubro que o reino espiritual é real na medida em que nada no espírito alguma vez muda na forma de efémera, mas desdobra-se, e aquilo que o homem terreno é, enquanto germe, torna-se como que uma flor, uma árvore, uma estrela no reino espiritual. É por isso que, ao falar de buscas espirituais não percebereis porventura o que eu quero dizer; mas prestem atenção àquilo que digo e mais tarde o significado poderá despontar em vós, como despontou em mim na plena compreensão.

As buscas não podem ser materiais na vida espiritual. Quero dizer que não podemos alimentar, vestir, construir, sustentar com respeito à sensação material; mas na proporção em que não o conseguimos - por não o ser exigido - mais é requerido da nossa parte, por ser necessário. E por fazer mais quero dizer o facto de podermos exercitar as nossas faculdades, que a mente é mais solicitada. Pesa um maior tributo sobre as qualidades do espírito, e aquilo que temos dentro de nós deve servir como todas as nossas posses. Por isso somos compelidos a trabalhar continuamente por posses maiores. Não descobri qualquer herança à minha espera na vida do espírito para além daquilo que ganhei, e se me vi surpreendido e inundado de grata alegria por alguma posse inesperada, era-me dito que era meu pela justa herança da criação; por ter feito a obra ou vivido a ideia que me habilitara a possui-la.

Fraca como descobri a minha natureza em muitos aspetos, débeis como são algumas das minhas posses do reino espiritual, é uma apoio saber que nenhuma mudança nos pode tirar aquilo que que constitui uma posse do espírito, e as

amizades, os afetos, as boas obras, os pensamentos dirigidos à humanidade, o desejo de beneficiar o nosso género, e o cumprimento de todo dever conforme parece a cada hora tornam-se nas posses para sempre do espírito na vida espiritual. Esses são os meus tesouros, e construído com base nisso o labor da eternidade que se aproxima moldará o que virei a possuir no além.

Quanto às minhas buscas, tudo quanto melhor estiver qualificado para fazer eu deverei fazer. Se for falar durante uma hora daquilo que aprendi no domínio do espírito, e esforçar-me por influenciar os meus companheiros no desempenho dos seus deveres, ou mais profundo ainda, penetrar este véu externo da inércia que se encontra entre a mente do homem e o mundo do espírito, certo será que deverei tentar fazer isso, e deverei ser bem-sucedido na exata proporção da capacidade espiritual que acho que possuo; e à medida que o crescimento for acelerado pelo exercício dessas capacidades, também toda a faculdade sofrerá uma aceleração pela transmissão do conhecimento, ou da alegria, ou da simpatia, ou do afeto aos outros.

Há conhecimento que eu ambiciono. Buscá-lo-ei, porém, não de forma egoísta, mas descubro que aquilo que ganhamos pela busca egoísta perdemos ao entrarmos no mundo dos espíritos, onde o eu precisa ser esquecido na grandeza da vida que nos rodeia, e onde a assistência, ainda que na mais débil forma, constitui a força do espírito. Sem construirmos nem tecermos nem juntarmos tesouros, sem sondarmos à procura de minas ou à descoberta de riquezas materiais, descubro todo o instante ocupado, todo instante do tempo repleto, e a capacidade apenas a lutar por obter aquilo que é oferecido à compreensão do espírito.

Ah! acelerar esses poderes imortais, fortalecer esse espírito, ser capaz de conhecer tudo quanto se encontra ao alcance da alma verdadeiramente desperta - isso eu cobiço; e esta noite, se me acompanharem com os vossos pensamentos com me acompanhastes anteriormente com a vossa simpatia e afeto; se pegarem comigo nas mãos que são estendidas, aparentemente nas trevas; se perceberem comigo as glórias deste domínio e se esforçarem por triunfar comigo sobre as falhas da vida humana, também vós sereis recompensados por vislumbres desse estado celestial; e aqueles mundos e reinos que eu retratei, e aqueles esplendores que esbocei, e o Pensamento Antigo que reina supremo nos céus acima de vós, e afastam todos os limites estreitos e todas as fronteiras estreitas dos credos humanos, e revelam aquela glória da religião perfeita, aquela verdade do perfeito governo, a ideia da

alma imortal do homem, fortalecê-los-á no desempenho dos vossos deveres do dia-a-dia, e vós percebereis, como eu percebi, o caminho dourado, espiral, a estender-se sem fim, que conduz do mais baixo estado da terra ao mais elevado anjo nos céus remotos; e então não vos admirareis de eu por eu ansiar por rebentar a prisão do silêncio que tanta vez se interpõe entre o vosso mundo e aquele em que agora eu habito, e diga: “Almas imortais ainda a viver na terra, espíritos inextinguíveis ainda a habitar as amarras do barro, se quiserdes possuir aquilo que conta mais do

que ouro e joias, ou as coisas preciosas da terra, deem atenção à voz da alma, e deixem que aquilo que diz os conforte, as suas ideias os sustentem, as suas opiniões os carreguem até ao céu. A terra, estou certo, tornar-se-á então a morada de espíritos felizes, como estes misteriosos e ainda assim palpáveis reinos em que eu acabei de entrar e onde resido como um catraio, à espera que uma mão de apoio me conduza.

EPES SARGENT

O DIA A SEGUIR À MORTE

Um discurso proferido pelo espírito Epes Sargent, através da médium Cora Richmond, no Salão de Fairbanks de Chicago, na noite de Domingo 16 de Janeiro de 1880.

O discurso que irão escutar esta noite foi sugerido, por pensamento e linguagem, por alguém que ultimamente partiu da vida terrena, e que foi um tanto conhecido entre os Espiritualistas, e apesar de não ter sido subitamente, ainda recentemente tomou o seu lugar entre os seus amigos na existência espiritual. A dicção será a sua, mas a sua versão será do controlador habitual da médium que exprimirá os pensamentos e a linguagem do nosso amigo que partiu, que se encontra junto a ele.

Ah! que sonhos não podem eclodir no sono do pensamento! O morrer não encerra sofrimento; como uma corrente que se afasta; como a passagem do dia para o crepúsculo; como a chegada dos poentes do Outono; quando todo o céu ocidental é inundado pelo brilho da luz: no entanto constitui uma surpresa maravilhosa mesmo para alguém acostumado a pensar num estado futuro quando se encontrava na terra; para alguém cuja mente fora cuidadosamente treinada em todas as escolas do pensamento respeitantes à imortalidade; para alguém cuja religião e convicção intelectual articulava com absoluta certeza no estado espiritual. Ver-nos a pairar fora da solidez do Tempo no espaço imensurável da Eternidade é de tal modo uma experiência ímpar que apenas aqueles que passam pelo portal da morte o podem compreender.

A maior surpresa de todas está em nos sentirmos a deslizar para longe das coisas humanas sem qualquer angústia ou arrependimento, ou pesar, ou mágoa - sentir que a própria mágoa passou, e que uma pura e inefável aluvião vem ao nosso encontro. O desprender dos afetos humanos, do sofrimento que nos assalta o coração quando escutamos o soluçar dos entes queridos junto a nós e não podemos responder, é contrabalançado pelo entusiasmo que acompanha esse desprender dos laços mortais, e sentimo-nos satisfeitos com a morte mesmo enquanto se debruça sobre nós. Não podemos compreender isso a menos que se tenha passado para as alturas da montanha, e visto a glória do correr da manhã lá

longe sobre o mar, à medida que de repente o sol surge a tingir, em louvor do momento, as ondas de carmesim e dourado, para depois se erguer em todo o seu esplendor como se a noite nunca tivesse existido.

O realismo da vida ocupa-nos continuamente, e ansiamos por arrastar a parte mortal para o mundo imortal, tornar a casca em pinhões, a raiz e o germe na flor; esquecendo que para todo estágio há um preparo e um desenvolvimento, e uma ação como se desejássemos levar as roupas de bebé connosco e usá-las na maioridade. Agarramo-nos aos trapos do barro, agarramo-nos às amarras do tempo; os ancoradouros dos sentidos acometem-nos aqui e trazem-nos às voltas. Ah, que coisa sublime sentir-nos subitamente na plena maturidade! Essas barreiras quebradas, os laços dos sentidos dispersos; saber que nos encontramos vivos em cada centímetro do nosso ser; e sentir não só a consciência presente mas todas as consciências do passado, e devo dizer, de toda a consciência futura, a coroar-nos.

O maior assombro de todos é que tudo na vida material permanece o mesmo, só que transfigurado; que toda a sensação e consciência se tornam cada vez mais palpáveis, até que o próprio batimento cardíaco dos nossos amigos se torne audível à medida que o espírito passa. Como um instrumento tenso que reage a todo som, também a consciência daquele que parte, como vós dizeis, se acha cada vez mais hilariante, até que o próprio pensamento que pensamos se torna palpável para aquele que não está a morrer, mas para nascer.

Permanecemos na presença da morte; para nós é uma vaga que retrocede. No meu passado mortal eu encontrei-me aí muitas vezes, a observar com um espírito inquisitivo a vaga da vida a regredir e a passagem do estado mortal para o imortal; E antes que tivesse conhecimento do enorme esplendor da verdade espiritual eu observava com tristeza, com mágoa, com indefinível dúvida e horror, a coisa a que os homens chamam morte; mas na grane medida da maioridade tardia, e no pleno vigor e poder dos últimos dias da minha vida, tive conhecimento da existência espiritual, embora não pudesse conceber a que se assemelharia.

Se vós tiverdes inalado o perfume de uma flor, mas nunca tiverdes visto uma; se tiverdes lido pautas musicais mas nunca as tiverdes ouvidos expressadas; se tiverdes tido um sonho de encanto mas nunca o tiverdes visto corporificado ou representado; se tiverdes pensado em amor, mas nunca tiverdes amado, então podereis imaginar o que o estado imortal é, comparado com o mortal; desperto, vivo, ativo, em que a letargia enfadonha da dor e do sofrimento se afasta com que com um sopro, e a enorme força da vida ativa, com todo o seu vigor a surgir por cima; o inefável repouso a flutuar para uma infinidade de certeza, enquanto todas as coisas materiais, exceto o amor e a consciência, aparentemente evanescentes - essa foi a experiência. Eu podia sentir todos os pensamentos daqueles que se encontravam junto a mim; podia contemplar a mente e o coração espremido pela angústia corporal, mas felizmente para mim, pela libertação Eu conseguia ouvir os

meus amigos a pensar de longe: "É altura dele dever partir"; e quando as notícias se espalharam com velocidade eléctrica conseguia ouvi-los a dizer: "Mais um trabalhador que se foi, " embora tivesse noção de que milhares de milhas se interferissem entre eles e o local onde o meu corpo se encontrava. Podia ouvir os meus amigos a pensar por todo o mundo. Havia pulsares de coração silenciosos a responder à minha vida, e o inevitável questionar do que ele estará a fazer agora que deixaria de boca aberta aqueles que tiveram conhecimento ao longe que a forma mortal tinha deixado de respirar.

Ah, mas o despertar do espírito! Não posso dizer-lhes ao que se parece. Assemelha-se a uma sinfonia em comparação com uma só nota; assemelha-se a uma oratória comparada a uma simples melodia; a um poema de Dante, assemelha-se ao inefável Milton, à luz da coroação de Shakespeare que tudo permeia e tudo glorifica; ao próprio amor, que vence a noite do tempo, e a dor da morte. Eu próprio encontrava-me diante de mim; os meus pensamentos, toda a minha vida passada, eram personificados. Tudo quanto eu tinha feito ou pensado surgia diante de mim na forma, em beleza ou deformidade.

Os filhos dos párias da minha imaginação, supostamente conjurados a partir do cérebro repleto da vida mortal, encontravam-se diante de mim na realidade; personagens que eu tinha suposto puramente serem ideais e imaginários, esboçados com a caneta da fantasia e expedidos a fim de ilustrar um princípio mortal, surgiram diante de mim como realidades vivas, a dizer: "Eu fui aquele de quem escreveste; eu fui o espírito que inspirou este ou aquela ideia, " e toda imaginação sobrecarrega tornou-se personificada até que, à semelhança dos pequeninos vistos nas visões de fadas, todos esses ideais se realizaram, e eu ri com esses filhos da minha fantasia por os achar tão reais, e se encontrarem ao meu redor, a reivindicar-me como seu progenitor espiritual e a dizer que eram meus para sempre.

Conseguiriam crer nisto? Não é imaginação mas uma realidade, que aqueles para quem escrevemos e de quem os poetas compõem cânticos solenes - que as fadas que são retratadas em visões para as criancinhas lerem - se tornem realidades na vida do espírito, e que se revistam de substância espiritual e povoem todo o ar com imagens ricas e variadas. O próprio Amor, (o mais populoso das cidades povoadas dos céus) e divindades angélicas de incomparável esplendor, venham em largos montes ao nosso redor à medida que despertamos do sonho da vida. Amores narrados à muito tempo, e aparentemente meio soterrados sob as esperanças murchas da natureza humana, vieram e reclamaram de novo o reconhecimento.

A amizade, que no mercado apinhado e atarefado das coisas humanas tinha ficado quase esquecida, voltou a surgir como uma imagem viva e clamou pelo seu próprio retorno. Todo amor sobrevive, e como povoa o espaço que de outro modo pareceria infinito e vazio! Não consigo imaginar a morte que seria para alguém que nunca tivesse pensado uma verdade ou sonhado uma coisa nobre para a humanidade, ou amado alguém. É-me dito que há resíduos estéreis nas almas

humanas desprovidas de amor; é-me contado que existem desertos na vida do espírito desprovidos de flores e de rostos de crianças e de doces sorrisos, do reconhecimento grato da parte daqueles a quem tentamos socorrer e redimir na vida exterior; é-me contado isso, mas não consigo imaginar o que seja o espírito sem as cidades povoadas da imaginação; não consigo imaginar o que seria sem as imagens criadas pelo pensamento. As minhas, por mais rudes que fossem, e tão pouco belas quanto terão parecido à luz clara do espírito, esmaeceram um tanto pelas faltas e falhas e as falácias na minha natureza material pareceram-me muito mortas a mim.

Eu não passei pelo espaço para descobrir o meu novo mundo; não tive que ir a um planeta distante. O espaço veio a mim, e foi de imediato habitado. Vi todos os amigos da vida terrena como realmente os vira antes da passagem, só que com uma visão diferente. Vi-os ao longe, na linha da luz da memória. Vi-os de modo mais claro por lhes ver os espíritos; aquela amizade que eu tinha valorizado tão pouco, outra que eu tinha valorizado demasiado; esta mente que parecia uma luz brilhante e resplandecente através de lentes humanas, tornou-se porventura menos brilhante, enquanto outra que eu escassamente tinha reconhecido de repente se avultou diante de mim como um planeta abrasador e brilhante.

No espírito todas as coisas se tornam reais. Não mais nos encontramos mascaramos por desejos e impulsos egoístas; vemos as coisas sem o matiz do corpo externo. Até mesmo o cérebro material perde o poder que tem de nos iludir; não mais somos sofistas. Não há nada sobre o que o sofismo possa tecer a sua teia ou tecido de falsidades. Todas as coisas são esclarecidas. Somos espontâneos; crescemos até nos tornarmos aquilo que pensamos, e a nossa vida e luz são tornadas belas pela grandeza da imagem que tivermos construído para a humanidade. Numa fundação delgada e esbelta de bondade nós construímos o tecido incomparável da imortalidade e eliminamos todos os erros, de que instantaneamente nos tornamos mais cientes do que na vida material.

Não posso velar-lhes o facto de que deve ser para aquele que não tenha o menor conceito do estado imortal um desapontamento. A mente realista da terra achará que as cosias são tanto mais reais no estado espiritual que as suas sombras se desvanecerão, e aí sentir-se-á momentaneamente perdido. Eu senti-me grato por esse nascimento fora do materialismo que me trouxe a consciência da vida espiritual. Senti-me grato por aquele ligeiro toque da imaginação tecer ao redor das coisas humanas o esplendor de um grande pensamento para a humanidade.

Sei, agora, porque sinto uma esperança inefável em relação a toda a raça existente debaixo do sol, por todas as raças serem povoadas a partir dos céus. Sei agora por que tinha toda a esperança em relação à elevação de toda a criança da terra ao mais elevado esplendor. Sei agora por que a humanidade sempre me apelou com lábios mudos e saudade nos olhos para ser libertada e redimida da apatia da corrente subtil que as eras teceram ao seu redor - por a partir do firmamento

espiritual o anjo da vida ser dual, e o homem e a mulher serem moldados à imagem de Deus

Sei agora porque toda esperança secreta, quer velada na pele do Africano ou reduzida aos estreitos limites do costume Oriental, ou velada no Pele-Vermelha, me apelou como pertencente a algo além o que a matéria e o homem haviam concedido - por a vida espiritual que prediz tudo, cometer, sem palavras, os males das nações, para que elas possam um dia erguer-se na sua magnificência e ser corrigidas através do poder do espírito. Sei agora porque o mundo da política, das lutas de Mamon (NT: Cobiça personificada como divindade, ou dinheiro), de todas as coisas que o homem busca pelo ganho não representou sedução nenhuma a mim; não por eu ser mais sábio ou melhor, mas por eu ter sido escolhido para fazer alguma outra coisa, e essa outra coisa era ter esperança sempre, de forma inefável e sublime, que das trevas viesse a luz, e dos aparentes males e complexas ameaças à existência humana surgisse a humanidade abençoada do futuro.

Vindo ao meu encontro, o espaço parecia repleto de tudo quanto eu tinha esperado e profetizado, e na própria antecâmara em que eu entrara imediatamente após a morte, pude ver tanto da eternidade que seria de tirar o fôlego, como quase me tirou o fôlego do espírito. Não vi qualquer crepúsculo escuro ou obscurecido; não vi qualquer desvanecimento simples da existência, e inação; não houve qualquer incerteza; não houve qualquer perplexidade; nenhuma pausa, como se estivesse a dormir, no limiar desse estado imortal, enquanto mãos ternas preparavam, como por vezes elas fazem, o estado imortal.

De repente, e com total potência, eu ergui- me e tive consciência imediatamente de ser uma forma, um ser cuja intensidade me inundava e me excitava, até que eu parecesse uma parte de todo o universo ao redor; uma forma tão idêntica à forma que se encontrava a meus pés que fiquei assustado com a semelhança, exceto o facto de essa ser sombria e pálida, e abatida pela doença, pelo sofrimento e pelo trabalho, e a outra estar mais que coroada com o vigor da juventude e da masculinidade - tão semelhante a mim próprio que eu me senti contente por deixar de lado uma forma de tão angustiante que era ver a nossa própria semelhança tão de perto; mas como alguém que frequentemente se vira ao espelho e se interrogara de quem seria, assim contemplei eu a forma e considerei a realidade, e espantei-me por um instante qual iria sobreviver:

Mas como aquela já não passava de uma sombra, como parte nenhuma do eu individual permanecia; como não restava nem sequer um fôlego, nem o calor da animação nem cor; como realmente não passasse de uma sombra, senti-me contente quando foi levado para fora da vista humana, já que não podia mais zombar dos olhos dos amados; mas durante todo o tempo que ali permaneci com a grande ânsia do meu coração, com braços envolventes num abraço e amor que falava audivelmente ao ouvido espiritual, ainda assim não ouviram.

Dirigir-me sem parar aos amados sem ser escutado, seria insuportável. Pensar sem parar, em espírito, para aqueles que foram deixados para trás e não encontrar

qualquer resposta, deixar-me-ia louco. Não sei o que aqueles espíritos, cujos amigos os colocam nas tumbas ou os enviam para o céu e nunca mais permitem que eles lhes falem, fazem. Se eu fosse um espírito desses, eu haveria de lhes assombrar os recessos das suas almas dia e noite; haveria de berrar do silêncio do ar, e obriga-los a ouvir. Mas meus amigos não façam isso.

Eu já falei numa outra parte, já me denunciei, mas a minha palavra deve aqui ser recebida. Eu devo falar até que os olhos do espírito escutem; até que a compreensão desperta do cérebro humano chegue a saber a coisa incomensurável que a morte é; até que saibais que ela vos abraça e os abrange, se cinge a toda a vossa volta, os rodeia com os seus braços estimulantes - por justamente aquilo a que os homens chamam morte ser o que torna a vida suportável, e vos encher com as possibilidades do ser.

Mas, para aqueles que se encontravam mortos para a vida exterior, que existiam no ar acima de mim e na minha consciência, eu não tinha fantasias povoadas de cérebro, nenhuma ideia filosófica, nenhuma esperança de aspiração; mas para aqueles a quem chamais mortos, os vossos dias e noites seriam desprovidos de ambição; não teríeis qualquer ar mental a respirar; o estrato superior da existência seria cortado; a natureza que está além da perceção dos sentidos ficaria à míngua; vós sufocaríeis e passaríeis fome na cadeia, e a pequena e débil centelha de vida extinguir-se-ia, e deixariam os corpos absolvidos, encarquilhados, autómatos sem vida.

Mas fora por aquilo a que chamais morte, esse fôlego vital, essa ocasião viva do ser, esse poder protetor e de abrigo, essa harmonia e esplendor de todas as coisas, vós não estaríeis aqui esta noite; não haveria nada que aqui os trouxesse, os impulsos espirituais do universo seriam esquecidos; não haveria fonte alguma de inspiração, nenhum pensamento acerca da religião, nenhuma pedra de toque para a imortalidade. Os homens são acionados por seres espirituais como as harpas o são pelo vento. Eles escutam o som, mas não conhecem a origem; mas assim como o Pele-Vermelha volta o ouvido para os pinheiros, a escutar a música solene e a pensar que seja a voz do Infinito, ou daqueles que tiverem partido para os terrenos de caça distantes, também quando vós escutardes esta música solene no ar acima de vós admirar-vos-eis e interrogar-vos-eis do que seja, e voltareis às vossas tarefas diárias, esquecendo que sem ela (música) seríeis destituídos de vida, frios e imbecis.

Encontro-me aqui para dar testemunho da morte. Como certa vez deu testemunho da humanidade, tão fraca e debilmente conforme um ser humano possa, que tenha esperado o melhor e lutado sempre por encontrar a verdade, também agora com um vigor maior, e com isto não nascido não somente do pensamento mas do ser, estou aqui para dar testemunho da morte. É o esplendor vivo do universo. Sem ela não há flor da primavera, sem ela não há aquela rara transmutação das coisas que transformam a noite em dia, sem ela não há luta de átomo algum rumo a possibilidades divinas do ser; sem ela não há afastamento possível da maldição

implacável da natureza, que constitui uma forma endurecida, e uma melodia, e um espaço e um sentido maçante. Sem o fluxo e o refluxo das questões humanas solidificar-se-ia e cristalizaria, e o homem hoje estaria petrificado em meio a todo o seu pecado e crime, para sempre não passaria de uma zombaria solene no grandioso livro da eternidade.

Sem a morte jamais vos poderíeis libertar dos vossos erros; sem ela não poderíeis jamais tornar-vos humanidade divina. Sem ela o amor não teria expressão - não poderia haver bater de palmas de mãos imortais, nem tremeluzir do pensamento imortal ao longo dos corredores da existência. Sem ela toda a vida seria destituída de sentido, porquanto não existiria amor; vós seríeis emparedados em sepulcros; a vossa existência corporal não seria mais que uma perdição e uma zombaria. For ao alento do espírito afastado e não poderia haver tempo nem eternidade.

Em meio a este esplendor solene, em que toda a vida se atropela ao nosso redor, onde aquilo que é mais vulgar furta para as sombras e onde o resignado se esconderia da própria luz do poder insuperável do espírito - em meio a esse esplendor, onde toda a coisa boa sobrevive e onde toda a coisa vil perece pela sua própria inatividade e inação - onde gradualmente as sombras, as enfermidades do tempo e as deformações do sentido dão lugar às perfeições do espírito e da mente - em meio disso eu dou testemunho de que aquilo que bei a mim me veio através da Morte; encontro-me transfigurado; o ser que foi visto e conhecido na terra sou eu; mas eu sou mais do que isso, sou tudo quanto esperara ser; sou tudo quanto aspirara ser.

Fui imperfeito enquanto ser humano conforme geralmente os seres humanos o são em baixo - como eles por vezes o são, ao lutarem por mais elevadas possibilidades. Mas eu sou mais do que me atrevera a sonhar; sou melhor do que ousara esperar ser; sou o mais humilde no domínio do espírito, mas sou maior do que o que o maior aspira ser.

Mas assim sois vos, desvelados dos vossos elementos mortais, cuja pior faceta se revela a si própria na vida humana; também vós sereis transfigurados; não mais sereis os fracotes que pareceis, a humanidade não mais será aquilo que ao longo do tempo e do sofrimento e do sentido carrega a imagem ridícula do Divino, mas a humanidade tornar-se-á divina. Até mesmo o escravo - não me refiro àquele que usa as algemas na forma, mas até mesmo o escravo na alma - que chega subserviente ao mundo do espírito pela passagem da morte, até mesmo aquele que rasteja e gatinha cheios de terror para a tumba, é maior em espírito do que aquilo que parece, maior do que vós ousaríeis sonhar que pudesse ser.

Ah, que revelação que a morte é! Encontro-me aqui diante de vós, esta noite, não por vós, mas por perceber aquilo que é mais elevado e melhor em toda a alma, e por saber que todo pensamento, sentimento e aspiração em prol do bem possui o seu protótipo no esplendor na existência espiritual; e podia mostrar-lhes agora as vossas outras facetas, aquilo que se encontra na posse da vossa parte imortal, mais grandioso, mais divino, mais glorioso do que podeis sonhar. E o melhor disso está

em que a morte torna tudo isso possível ao conhecimento; por lhes legar a chave do templo da vossa própria vida - para que só existe uma outra maneira por que o podereis conhecer, e ainda assim vagamente: quer dizer, pela inspiração, ou seja, pela perceção espiritual. Foi-me negada a inspiração direta que muitos têm, fui obrigado em larga medida a dar testemunho de outros; porém, quando sei que há quem seja dotado de janelas que dão para o céu, e sei que não podem nem imaginar a glória que me pertence, eu pergunto-me, por vezes, que eles não rebentam com a barreira para se libertarem. Mas têm sobre si uma mão a refreá-los, e o constrangimento mais alto dessa sabedoria que impede o rebentar de todo laço até terem ganho a vossa liberdade.

Aquele que procura evitar uma dificuldade qualquer na vida apressando-se na direção do mundo do espírito, encontra a mesma barreira impenetrável diante dele, nomeadamente ele próprio; ele não pode escapar a ele próprio nem a qualquer fraqueza que tenha abrigado dentro de si, e deve agora enfrentá-la cara a cara; ela amontoa-se sobre ele; ele precisa superá-la no espírito por ter falhado na sua superação na vida terrena.

Ah, não pensem que a morte os levará a fugir às vossas responsabilidades. Ela traz-lhes a todos os vossos tesouros; cede-lhes todas as vossas posses; restaura-lhes todas as esperanças desvanecidas; devolve-lhes toda promessa abençoada e boa de vida, mas não os aliviará das vossas responsabilidades. Essas são vossas; vocês herdaram-nas; pertencem-lhes enquanto parte do plano Infinito, e mais cedo ou mais tarde, num ou noutro mundo, devereis enfrentá-las e vencê-las uma a uma.

Sublime é a morte! Belo é o caminho! Intenso como é o êxtase do espírito quando consciente do ser e da forma e da vida, não há nada que nos seduza ao descuido de qualquer dever, ou à negligência de qualquer propósito, por a vossa pobreza de espírito ser revelada pela morte, tal como são as vossas riquezas, e deveis suportar o teste que o Divino escrutínio traz.

Uma vez mais eu cerco-os com esta vida; uma vez mais estendo-lhes as mãos do meu espírito em saudação de todos quantos me conheceram; uma vez mais digo: Aquilo em que acreditei, eu conheço; aquilo de que eu dei testemunho é agora meu; aquilo de que eu dei prova através do intelecto e do cérebro humano, e por meio de tal poder como o que me foi dado, eu agora dou provas do poder abrangente e irresistível da existência espiritual.

Através de qualquer cérebro que eu melhor possa falar, por qualquer que seja a melhor forma por que me possa manifestar, eu virei e falarei àqueles na terra, àqueles a quem amei; não há necessidade de acrescentar voz; eu deve falar-lhes ao coração de qualquer modo; eles deverão escutar a minha voz de forma audível nas suas almas; deverão reservar-me um espaço nas suas vidas; eu devia gritar em voz alta e fazê-los ouvir nem que estivessem no meio dos trovões do Niágara.

Ao mundo deverá chegar uma voz; não uma mas muitas; não débil nem esvaída, como a de um homem a clamar no deserto, mas a voz de multidões, de milhões e milhões de almas a falar de forma audível pelo portal da vida e a dirigir-se aos corações da humanidade. Vós ouvi-las-eis; elas clamarão, pai; vocês ouvi-las-eis; elas clamarão, mãe, esposa, e filho, e vós fareis uma pausa na vossa carreira diária e interrogar-vos-eis qual voz se assemelha à de alguém há muito silenciado pela morte. Eu digo-lhes que se amontoarão sobre vós até lhes darem ouvidos.

Elas dirigir-se-lhes-ão até que vós deixeis de as afastar; elas olhá-los-ão nos olhos desde o mundo espiritual até que vejais que elas vivem, e as reconhecerdes; elas povoarão as vossas ruas; elas hão de retratar-se por toda a maneira possível; manifestar-se-ão por sinais e símbolos aos sentidos; elas hão de lutar com o vosso entendimento; torná-los-ão cientes das filosofias do ser; solucionar-lhes-ão os potentes mistérios que pusestes longe de vós e a que não dareis ouvidos; farão com que saibais que a vida, e não a morte, constitui o destino do homem, e que a coisa doce que nomeastes morte não mais é perniciosa, negra e terrível, mas a beleza de toda a existência, a coroação de todo o ser, a liberdade de toda a escravatura, o triunfo de toda a conquista, a passagem para além das muralhas das limitações humanas em que vós viveis, conducentes à cidade celestial e eterna onde todos são livres à luz da sua sabedoria e amor.

Ah, sons mudos e ainda assim audíveis! Ah, milhões de almas que vêm espalhar-se do espaço. Vós falais com um som mais potente do que o crescente do mar, mais vocal do que a voz do trovão do Niágara, mais potente do que os ventos que varrem miríades de florestas, mais divina do que as melodias apressadas dos muitos possantes mestres que sintonizam as suas harpas em sublimes oratórios da existência. A morte e a vida são uma, e essas vozes são as vozes dos vossos amados.

Eu fui conhecido na terra como Epes Sargent.

A LEI DA INVOCAÇÃO, OU ORAÇÃO (ATRAÇÃO)

Transmitido através da mediunidade da Sra. Susie Willis Fletcher.

O mundo em geral achará a asserção de que, qualquer coisa que seja desejada pela humanidade possa ser obtida por meio de uma persistente exigência mental da sua posse e mantendo-a constantemente em mente fixa e sem vacilar e sem indecisão, um absurdo.

Não importa o que a coisa desejada possa ser, roupas, dinheiro, casas, terras, coisas materiais ou espirituais, mantendo a mente fixa nesse reclamar delas atrai-as a vós e vós a elas.

Isso, em substância é a oração. Oração é desejo, ou invocar. O princípio envolvido em qualquer desses termos é o mesmo. Nesse princípio acha-se envolvido o facto de que o que quer que ser humano se fixe ele atrai a si, e fá-lo com muito pouco esforço externo.

Talvez perguntem: "Quererá dizer que pelo simples desejar ou exigir algum bem temporal eu o trarei ou atrairei a mim? " É isso precisamente que quero dizer.

Reparem que insistimos com a máxima força nas palavras que empregamos - "desejo persistente. " Não um desejo fixado neste objeto hoje e a tremeluzir nisso amanhã; não um desejo forte, esperançoso, entusiasta hoje, e desencorajamento, desânimo, destituído de esperança amanhã - mas o desejo, exigir, orar, que é sempre impelido pelo termo "dever, necessidade. "

Digam, "Eu preciso ter aquilo que defini como o meu desejo, e não aceitarei (mentalmente) nada que fique aquém, " e continuem a dizê-lo.

Antes de rejeitarem isto como uma impossibilidade, considerem por um instante a falta de determinação persistente, a fraqueza da vontade, a persistente mudança da vasta proporção da humanidade. Quantos não fixam as suas mentes num dado objetivo ou objeto durante uma semana de cada vez? Quantos não terão tal ideia ou exigência que se estenda além da próxima refeição? Quantas não serão as meras criaturas de circunstância ou condição que, seja na afluência seja na pobreza, simplesmente aceitam de boca aberta como pardais no ninho o que lhes é colocado no bico? Se trabalharem para viver, não permanecerá uma vasta proporção precisamente onde são largados, ou aceitam a primeira posição que encontram, sem nunca manterem num determinação infatigável por se melhorar, sem nunca manterem diante da sua visão interna as palavras: "Eu devo e vou conseguir, " fazer melhor que isto?

Porque "devo" e "farei" assim empregues não serão meras palavras, ou sons, mas pensamentos. E pensamentos são coisas, poderes, substâncias, e esses "preciso" e "farei" serem os maiores de tais poderes, e eficazes para cada um na proporção do seu poder de persistência e de determinação.

A vossa persistência, secreta exigência por pensamento molda o vosso acto externo. A vossa persistente determinação de fazer qualquer coisa específica apresentar-lhes-á continuamente à mente novos métodos de trabalho para esse fim, novos planos, novos meios de abordagem à coisa desejada. A vossa persistente determinação também se fortalece sempre a si própria, não obstante as vezes que falharem, independentemente das vezes em que tiverem sido mal sucedidos num passo qualquer, mantenham sempre na ideia a determinação fixada, e descobrireis, em pouco tempo, que os vossos poderes são revigorados e se aparentemente

tiverem caído de costas terá sido somente numa posição mais forte, que algo terá sido aprendido com a última derrota para impedir uma outra.

Se variarem e misturarem esse poder do pensamento do "devo" com períodos de "Não consigo, " "vou fracassar, " "de nada vale tentar, " "eu nasci para padecer de falta de sorte, " estareis a emitir um pensamento destrutivo; estareis por esse tanto a destruir a estrutura do pensamento que tinha começado a esboçar-lhes a coisa desejada.

Os pensamentos "eu não consigo, " "vou fracassar, " são justamente coisas e poderes tal como o "eu vou conseguir" e o "devo. " Também eles são exigências, desejos, orações.

Uma oração poderá ser ofertada inconscientemente em prol de um mal para a pessoa, assim como de um bem, ou suposto bem. A oração, o desejo, a exigência constituem a operação de uma grande lei ou força da Natureza, e essa força poderá ser usada com um mau resultado assim como com um resultado bom. Aplicar-se-á essa lei à obtenção de riquezas de forma desonesta, ou à usurpação injusta de poder? Poderá um homem orar pelo lugar de um tirano, e essa oração ajudá-lo-á nisso?

Assim asseveramos; as leis do universo não variam, mas a intenção por base do seu uso para o bem ou para o mal. Ao pegar o fogo a um edifício o incendiário usa inteligentemente o conhecimento que tem de uma certa lei a fim de produzir combustão, movido por um motivo diabólico. Uma criança poderá abrir um interruptor ferroviário e provocar uma catástrofe horrível a um comboio que se aproxime, contudo, no esforço mental e físico de abrir esse interruptor a criança opera ao abrigo da lei, usando-a para a gratificação da criança e em completa ignorância das temíveis consequências envolvidas. Muitas são as desgraças infligidas por crianças crescidas sobre os demais, feitas com base em similar ignorância.

O avaro inveterado nunca abandona da ideia o desejo de acúmulo. Ele não permite que tal desejo enfraqueça com nenhum sentimento de compaixão ou impulso de benevolência. Ele ora somente por dinheiro. Fosse tal exigência enfraquecida no espírito por meio de um impulso de benevolência, e seguir-se-ia logo algum acto externo que lhe soltaria o entesourado.

"Pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á, " disse o Cristo. A Teologia a esse dito dedicou e anexou uma utilização no âmbito dos estreitos limites em que se encontra. Nós asseveramos que tal utilização é de carácter geral; que pode ser aplicado, e com sucesso, a todo o querer (carência) humano, e que envolve em toda a operação a lei divina que emana do centro divino.

Mas pedir, invocar, desejar, orar com sabedoria, para que a coisa suscitada pelo "preciso e vou ter" não prove ser uma maldição em vez de uma bênção? Isso já uma coisa completamente diferente. Dezanove vigésimos da humanidade poderá precisar primeiro exigir sensatez, a fim de saber o que atrair a si pelo uso de um persistente poder da vontade. O processo de pedido atrairá qualidades da mente e de carácter assim como coisas materiais. Se se sentirem em falta em termos de coragem, confiança, paciência, ânimo, capacidade de decisão, capacidade de controlar o génio ou o apetite, também podereis atrair a vós uma dependência crescente dessas e de outras qualidades pela mesma lei de uma exigência persistente.

A sabedoria vê com clareza que a única riqueza verdadeira e o grandioso poder e a maior felicidade reside na posse de qualidades. Um milhão de dólares não conseguirá dar coragem a um covarde ou decisão a alguém que hesite, nem curar um temperamento precipitado. Um covarde ou uma pessoa que vacile, desprovida da riqueza que nunca ganhou e que lhe foi deixada por outros, cairá na mendicância e jamais voltará a levantar cabeça.

As qualidades constituem uma posse divina e imortal. Quanto mais ricamente guarnecidos forem nessas qualidades maior será o poder que terão sobre as coisas materiais. Está a chegar o tempo em que, por meio do conhecimento dessa lei, o controlo dos dinheiros deste mundo será tirado das mãos do avarento e do desonesto; quando as melhores pessoas tiverem, como justamente devido, as melhores coisas desta terra, não para desfrutar de modo egoísta mas como um meio essencial de contribuir para o gozo ou alegria dos outros.

"Buscai primeiro o Reino de Deus, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. " O Reino de Deus implica a edificação do reino implícito, interior, a posse de todas as qualidades desejáveis e do devido equilíbrio e ajustamento a essas qualidades.

Para tal carácter todas as coisas desejáveis e necessárias gravitarão tão natural e legitimamente quanto a agulha para o polo. Reclamem para vós próprios esse reino ele virá a vós.

INDIVIDUALIDADE, A SUBSTÂNCIA DA VIDA DO ESPÍRITO

Theodore Parker através de Cora Richmond, 15 de Dezembro de 1878

"Olhai, eu trago-lhes boas novas de grande alegria para todos! "

Meus amigos: Estive ausente do vosso convívio numa terra distante durante um período de vinte anos, durante os quais uma porção do silêncio se rompeu, e ainda assim não por completo - durante o período foram transmitidas e recebidas mensagens, mas mesmo assim fortes dúvidas prevaleceram na mente dos homens

quanto à autenticidade dessas mensagens. Mas se, carregado com as experiências desta nova vida, eu desejasse sinceramente aqui conseguir uma expressão (não como prova, mas para narrar a história que tenho a contar) considerásseis qualquer voz que eu possa obter para essa valiosa expressão - e qualquer mente que for feita instrumento na transmissão desse testemunho perante vós, vós acertadamente consideraríeis que eu me serviria dele.

Embora vigoroso crente no poder espiritual e um sincero advogado da natureza espiritual da alma do homem - aquilo que é conhecido como Espiritualismo Moderno não constituiu prova nenhuma para mim enquanto vivi na vida terrena; Mas foi tarefa incumbida na vida espiritual torná-lo assim não só para mim próprio, mas para os outros. O valor dessa evidência depende do grau de individualidade que acompanha a existência na vida espiritual.

Hoje, e durante os Domingos seguintes enquanto este instrumento estiver convosco, darei a minha voz e a minha experiência, na medida em que me for possível, a favor da natureza dessa individualidade que na minha ideia constitui a única imortalidade e realmente a única evidência da existência do homem para além da morte.

É referido por certa classe de mentes do presente século, que a inteligência é universal - tão geral quanto o ar, o sol da manhã, as nuvens, a neve. Porém, também isso é individual; o ar, reduzido aos seus elementos primitivos, é individual; a luz do sol é uma vibração individualizada sobre e dos átomos finais que constituem a luz, e o calor, e a atmosfera; e toda partícula de vida, aliada como certamente é às outras no grande todo, em si mesmo não deixa de ser uma individualidade.

A distinção existente entre personalidade e individualidade é enorme. Na vida terrena eu professei ter-me alçado (e espero que muitos de vós aqui presentes hoje se encontrem nessa circunstância) acima de muitas das limitações estreitas dos sentidos humanos. O corpo vê, ouve e sente à medida que experiência após experiência marca a sua continuidade na esteira da vida diária - porém uma liberdade maior é aquela do espírito interior cuja presença faz dessa forma efêmera um veículo da consecução de coisas duradouras. A natureza individual do homem é ampliada pelo grau em que essa natureza é tornada una com o espírito, e a intensidade dessa individualidade aumenta na proporção do pensamento que possui o homem.

Mas justo aqui posso fazer um comentário sobre as revelações que a vida espiritual me trouxera. Eu sou um indivíduo, os meus sentimentos individuais, amizades, laços de afeto não se encontram de forma nenhuma diminuídos pela minha passagem para outra esfera da atividade - tenho consciência do contacto com amigos individuais, e toda a assistência e desenvolvimento da minha natureza individual é total, e carrega o meu pensamento individual. Uma órbita para cada espírito, uma esfera para cada mente expressariam melhor aquilo que quero dizer:

mas sou principalmente individualizado pela natureza daquilo que reconheci nas minhas experiências terrenas. Aquilo que é valioso para mim dessa experiência encontra-se comigo - o que não é, é posto de lado, já que a separação da casca do miolo da amêndoa, ou a casca da semente. O grau de inteligência que descobri na minha vida espiritual desejo transmitir-lhes, para que possam compreender o que a Filosofia Espiritual do lado espiritual da existência me trouxe.

E embora nem assim me interesse pelo que diz respeito à vida dos meus amigos na existência mortal e espiritual da existência, prefiro mesmo assim o maior alcance, e no próprio local dedicado à memória do meu trabalho terreno, e designado por aquilo que foi o meu nome terreno - no mesmo local assombrado pelas doces memórias de há anos (não neste edifício, conforme poderão recordar, mas num outro desta cidade) voltar o meu pensamento das preocupações pessoais, e falar das lições que o desenvolvimento gradual e a consequente iluminação trazem à alma que reflete.

Para mim, a substância da vida do espírito - conforme baseada nas observações que tenho feito desde que aqui entrei - é a individualidade! Não conheço princípio geral nenhum de inteligência; não compreendo o que os materialistas referem com o termo Inteligência Geral. Conheço a lei, mas a lei acha-se sempre repleta e impregnada de inteligência; conheço a vida, mas a vida sempre obedece à lei, conheço universo da matéria, mas toda a rosa comporta no seu íntimo um princípio inteligente e um propósito cujo resultado é a perfeita floração, e o mesmo é verdadeiro com relação a toda a área do domínio material. Não sei de nenhuma reserva de inteligência: não conheço nenhuma qualidade de pensamento exceto aquela que se acha revestida de individualidade: é humana, é espírito, é angélica, ou é divina, de acordo com o grau de corporificação ou desenvolvimento.

A individualidade humana acha-se somente parcialmente desenvolvida. A estatura, a forma, a cor dos olhos, o cabelo, a compleição podem indicar a personalidade, e o desempenho do dever diário na vida comum pode, é verdade, ensombrar mais a individualidade que reside por baixo, mas ambas essas ordens de evidência são quando muito apenas débeis indícios da presença interior! Eu fui um indivíduo; os limites da minha individualidade foram delimitados pelo grau de esforço feito no sentido do alcance do fruto prático no estado mortal; e quando, por meio da minha mudança pelas esferas, novas possibilidades me demonstraram a sua existência, eu percebi numa certa medida a luz que tinha sido para mim até então desconhecida - embora brilhasse resplandecente sobre mim (ignorada) enquanto estive na terra - e eu fui conduzido por essa descoberta ao trabalho no meu lar espiritual pela plena apreciação da minha parte, e pela ampla difusão que tem por entre os filhos e filhas dos homens! O organismo, o temperamento e as características naturais herdadas por mim dos meus pais formaram uma porção desse todo terreno cujo objetivo era a corporificação do meu espírito; mas o próprio espírito que a vós se

manifestou, é o EU que agora fala - que ainda lhes pode falar numa linguagem mais clara.

Tive a impressão de que quando deixei a vida na terra não precisaria nem usaria nenhum outro cérebro ou mente; foi um género de egocentrismo, um receio de que a expressão possa ser dada a atributos que não me pertenceram; mas tudo isso se evaporou coma obtenção de um conhecimento mais elevado. Iluminado pelos seus raios eu agora procuro influenciar as mentes a que posso chegar em tal grau quanto sou capaz; só posso alcançar aquelas que se acham em simpatia comigo, pelo que não incorro no risco de ser mal interpretado; não temo ser deturpado; se alguma porção do meu pensamento lhes chega hoje eu sinto-me satisfeito. Os meus poderes individuais chegam-lhes por muitos canais; este (indicando a médium com um gesto) é apenas um

A concentração da mente individual nesta vida é exercida e sustentada em muitos sentidos diferentes, nós, que não nos encontramos menos sujeitos às leis da vida e da inteligência do que vós, não desejamos construir uma montanha com os nossos próprios interesses para que os nossos companheiros ver! Certos pensamentos atraem-nos, e nós assimilámo-los, por se acharem em conformidade com os nossos próprios. Vós desenvolveis-vos na terra forçando-vos ao conhecimento; mas o conhecimento chega-nos pelo próprio poder de atração. Aquilo por que mais lutei na terra por aprender desaprendi agora; aquilo que desejava mais na minha vida humana possuir, pus agora de lado por não passar de uma barreira à realização daquilo de que agora mais necessito. Hoje soluciono o segredo; hoje compreendo que a experiência individual é válida apenas como um elo na cadeia do crescimento.

Não somos mais, na vida do espírito, Brown, nem Smith, nem Jones, mas Brown e Smith e Jones são deixados de lado no exterior em prol de uma experiência mais completa da vida interior. Não me interpretem mal; a personalidade não é necessariamente imortal; é somente aquela porção dela que pertence ao espírito que se mantém para sempre; só o espírito é imortal, e o que quer que não pertença ao espírito não é imortal enquanto porção do espírito. Vós na terra julgais um homem pelos seus hábitos, pela sua destreza, pela sua inteligência, pela sua carreira, e pelos resultados alcançados por meio disso; mas nós vemos que essas não passam de expressões limitadas, evanescentes ou não, por serem o fruto de condições que rodeiam o homem na vida terrena, ou que pertencem ao espírito contínuo dentro dele.

Todas as coisas pertencentes à existência objetiva do homem mudam para a perceção do espírito. Quero dizer que os talentos dos sentidos físicos, as habitações que vós habitais, os modos do pensamento, todos os detalhes da existência diária na vida terrena que têm certas vias e bem conhecidos canais de

expressão, são possuídos por um aspeto diferente quando vistos do ponto de vista do espírito.

E aqui chego a algo que diz respeito do que todos desejais ser informados, a saber: Será a existência objetiva ou subjetiva na sua natureza? Eu respondo, é objetiva se considerarem do ponto de vista espiritual, e é subjetiva se a avaliarem pelo padrão do escolasticismo científico fundado tão só em bases materiais. A sua objetividade é, contudo, capaz de uma maior elasticidade e de um mais vasto desenvolvimento do que aquele conhecido à vida terrena: por exemplo, um homem no plano terreno que atinja uma certa norma de crescimento, constrói uma casa adequada aos seus gostos (de então) e desejos, mas dez anos depois ele poderá dizer: "Desejava que ela pudesse ser alterada de modo a adaptar-se à presente conceção que tenho. " Agora, se ele tiver estado na vida do espírito a casa podia ter sofrido uma mudança - de facto, muda constantemente, e mantém a harmonia com o desenvolvimento e as necessidades do espírito que dela faz uso.

Um homem obtém uma boa roupa para proteção do corpo físico, mas essas roupas não se prestam para o tempo quente e de inverno do mesmo jeito - ele precisa mudar a roupa de verão para suportar o inverno, quando a estação do frio e da neve recai sobre a terra. Mas, à medida que mudamos na vida do espírito, os nossos arredores mudam igualmente, só que não movidos por nenhuma causa externa, já que aquele que se acostumara na terra à posse de uma habitação exatamente adequada às suas necessidades espirituais, não encontrará qualquer mudança nessa habitação necessariamente ao chegar à vida do espírito; em função do que não sofrerá alteração alguma a menos que a experiência futura preste tal passo necessário. As mudanças nessa habitação encontrarão duplicados nas mudanças nas emanações que constituem as vestes do espírito na sua nova vida, mudanças que sucedam em harmonia com o curso do nosso desenvolvimento.

Muitos espíritos parecem não compreender como e por que razão as suas vestes mudam rapidamente e de forma tão completa, e desse modo experimentam uma sensação de inquietação; mas essa sensação, passado um tempo apaga-se, e tornamo-nos conscientes de que vivemos a partir de dentro, e não de fora, e de que o nosso verdadeiro reino da existência é aquele que se desdobra a partir do nosso interior. Eu vou ilustrar: Eu vivo numa esfera rodeado por alguns dos meus amigos, mas outros tenho também noutras áreas da vida do espírito.

Agora, se eu no meu pensamento desejar a presença de um amigo com tal intensidade que esse pensamento alcance a esfera dele, esse amigo encontrar-se-á de imediato diante de mim. Não é necessário qualquer enunciado vocal, o tom de voz, os modos de discurso, a linguagem peculiar, nem as variadas formas de comunhão inteligente que dizem respeito aos sentidos externos na vida do espírito, a menos que nos dirijamos àqueles que estão abaixo de nós, numa outra esfera separada. Isso são apenas partes de um grau mais vasto de informação que me chegou à consciência; porém, desejo que vós compreendais que, aquilo que lhes transmito é o produto da

minha própria experiência, quando muito iniciatória, e que deve ser considerado que fornece apenas uma ideia básica da vida espiritual, em vez de uma tentativa de fornecimento de detalhes completos.

Toda a proporção de matéria não passa de uma expressão proporcional do espírito; toda a forma de vida física é governada por aquilo a que vós chamais lei - e eu chamo inteligência. O espírito dirige-a e governa-a; existe uma potência na existência espiritual quando tomais consciência desse facto por meio da evidência prática e incontestável.

Eu vejo, por exemplo, da atual perspetiva que tenho na vida espiritual, que há pensamentos que alcançam a terra para a realização de determinados propósitos, mas cada um parece alterar-se na sua manifestação ao atingir a terra - ao ser influenciado pelas condições sob as quais encontra expressão entre os homens, que se deve em larga medida ao desenvolvimento da nação, das pessoas, ou da sociedade em que primeiro surja, e a aptidão proporcional que existe para a acolher. Os pensamentos dos trabalhadores da humanidade que ascenderam que do espírito se voltam para a terra, ao chegarem à terra são influenciados pelos ambientes por que precisam passar na apresentação do seu real recurso à compreensão da humanidade; contudo, no final atingirão o objetivo pretendido.

À medida que os ciclos do tempo e numerosas mudanças se fizeram necessárias ao desenvolvimento aos reinos animal e vegetal em determinados sentidos, e à produção de certos resultados por meio dos quais a beleza e a utilidade do presente foram alcançadas, também um impulso espiritual dirigido para a terra, conquanto aparentemente deflectido tenha sido no seu curso pelas mentes materiais terrenas, ou tenha ficado deficiente na sua expressão, no final desenvolverá o propósito com que terá sido enviado.

Vós sabeis, por exemplo, como durante longos anos lutamos, como fizeram outras almas sinceras, para afastar a nódoa da escravatura humana do registo desta nação; o impulso espiritual era de afastar a escravatura; o resultado - embora em desarmonia com muitos desejos no lado mortal - foi inconfundível. Reformistas pacifistas aguardaram gerações quase, e então a vitória veio, não conforme tinham antecipado, mas por entre o torvelinho da guerra! O atual impulso da liberdade não se destina à guerra, porém, se a liberdade descobrir que, no seu caminho o egoísmo humano e o amor pelo poder estão sempre a lutar por erguer impedimentos, então virá uma luta até que o obstáculo seja removido. A escuridão é o oposto da luz, e a luz brilhará até que as trevas sejam conquistadas.

Tempestades e agitação não são a única experiência da terra, mas naturalmente, quando a harmonia final dever ser alcançada, o que quer que se erguer entre os esforços evidenciados e essa derradeira harmonia que deve resultar deles, deverá desaparecer, ainda que o conflito elementar for o preço apagar O materialista tem a Natureza, o teólogo tem Deus a quem culpar por toda a adversidade enfrentada na vida humana, mas nenhum deles tem razão. O espírito reconhece-se a si através

de ciclos de matéria, e o que quer que chegue entre ele e o fim que tem em vista deverá ser conquistado. Se temporais e vendavais forem necessárias no plano atmosférico à realização bem-sucedida do impulso do Grande Princípio da Vida em todos, eles virão, e à medida que todos fizerem a parte que lhe cabe o mundo material desenvolver-se-á rumo a uma harmonia mais clara de propósito; as árvores ondulam os seus biliões de folhas ao longo da paisagem, flores desabrocham em meio a lixeiras áridas, e a vida animal de toda a classe de desenvolvimento colhe o benefício pretendido. Do mesmo modo os processos de desenvolvimento entre os homens são movidos por esses pensamentos finais que os alcançam oriundos do estado espiritual. Eu já vi muita gente lutar pela introdução de reforma entre a humanidade em geral - e com o tempo o trabalho que percebiam ser mais que essencial encontrava-se dentro, era mais individual do que coletivo.

Percebo que o trabalho do espírito é na sua individualidade, e que de mentes individuais na vida do espírito o pensamento alcança a terra, e que se move em frente até à sua representação objetiva na ação externa de acordo a força recetiva da hora. Eu olho através das lentes da história, para a psicometria, a clarividência e descubro agora o que meios invisíveis que trabalham em prol de fins definidos combinaram, através de incansável operação, para tornar a América livre, para dar à França para o campo de batalha para as nações da Europa, para instituir e manter em constante atividade (embora intermitente manifestação) o espírito de guerra no Leste; discirno desde a perspetiva espiritual a disputa existente entre a cruz e o crescente, e descubro a fonte espiritual de onde essa agitação emana. Se o sinal for ainda a guerra sobre a terra, será por o homem ainda se encontrar na condição de guerra.

Se um pensamento expressado desde o mundo do espírito alcançar a terra na forma de uma batalha, será apesar disso verdade que, se tivesse chegado o tempo da paz tal pensamento teria na sua expressão desabrochado em paz. A maneira do desabrochar e da fruição do pensamento a partir as esferas espirituais depende do grau ou ângulo em que e através do que as linhas da luz espiritual atingirem a terra, e da posição em que a humanidade estiver para a receber. Conforme previamente reparado, um certo período da história da terra apresenta um crescimento anormal da vida vegetal e animal - assim também um certo período do desenvolvimento espiritual produz certos antagonismos, e as nações repetem essas experiências até de cada vez em reduzida medida, a fim de mostrar o progresso final do mundo da mente.

Precisam estar cientes de que com as oportunidades, e esta ocupação, muita da vida na vida espiritual é devotada à observação ou supervisão daqueles assuntos que têm início no lado espiritual e assumem a sua ação no mundo material. Nós não iniciamos a nossa existência no corpo físico; o corpo físico não passa de um modo do espírito, e as derradeiras causas residem no reino da inteligência

espiritual, que tampouco é o reino da inteligência geral; as leis da natureza não chocam com a inteligência individual do espírito, e eu vejo os trabalhos da vida física, em certa medida, governados pelas operações da inteligência humana, como testemunhado, por exemplo, na prossecução das fábricas, ou na promoção de qualquer dos interesses de negócios do mundo material; eles são governados pela inteligência humana; ninguém fala de comércio enquanto princípio inteligente ou propósito por si próprio, mas enquanto um sistema de intercâmbio humano executado sob as provisões da individualidade inteligente daquelas nações e povos que descobriram as suas vantagens no passado, e que continuam a colhê-las no presente.

Nenhum fala da ciência adquirida como sendo parte da inteligência geral e exterior à experiência pessoal ou pesquisa; a ciência, conforme permitido pelos trabalhos da sua expressão, é o esforço da inteligência individual de penetrar ou sondar os propósitos da natureza, e quando eles são descobertos e tornados úteis, o produto ou resultado é denominado ciência. Assim a vida no indivíduo ou agregado é a experiência daquilo que existe no universo através do ser manifesto e gradualmente desenvolvido.

Sócrates, Platão, Confúcio falaram antes de mim. Eu enuncio esta verdade mas não passo de um instrumento, como todos os seres humanos são. Fui um instrumento na minha vida terrena e sou-o hoje! Todo homem fala não como um inventor do pensamento, mas por inspiração do espírito, onde os pensamentos residem, e é o porta-voz das palavras e ideias daqueles que não estão pessoalmente na vida humana. Isso não destrói a minha individualidade. Eu não me torno indivíduo pelo mero estreitamento da esfera da minha observação e recetividade; o simples raio de luz que vem até vós hoje conduzido pelo bom sol do momento não se tornaria mais brilhante pela filtração de um buraco de fechadura; vós que tendes tal ânsia de preservar a vossa 'individualidade, ' precisais recordar que o irrevogável não pode ser destruído, que seja qual for o valor da posse do espírito individual pela paga do preço da experiência é-lhe inerente para sempre.

Eu descobri que o movimento da humanidade e das nações é exercido inteiramente com e através da influência e operação dessa inteligência final individual. Descubro que a verdade apresenta em cada época as mesmas características, embora variadas, de acordo com as necessidades dos tempos - as mesmas expressões da inteligência e do intelecto do poder individual.

Como o Cristianismo não foi uma fábula, como Jesus de Nazaré foi uma expressão individual de uma certa forma de verdade, como o Remesses ou Moisés foram um poder divino (individualmente, e por meio da inspiração), também toda a expressão pessoal da inspiração no passado foi exercida através dos anjos e homens - anjos esses que diferiram ao máximo em poder em relação ao presente, e em face das sempre esclarecedoras condições mortais, verdades de que eles foram

os indicadores realçados. Ainda preciso ver no espírito ou o homem que tenha descoberto uma verdade que não possuísse qualquer acompanhamento individual. Acho que as teorias Platónicas e outras que tais existentes no mundo tiveram origem em Platão (ou nos seus autores acreditados) como o centro externo, oriundos de um indivíduo no mundo do espírito que constituía um centro espiritual.

Jamais descobri um feito bom ou mau que não possa ser seguida até uma individualidade qualquer. Nunca descobri ação alguma cuja origem não fosse dar a uma individualidade qualquer e, conquanto eu não seja crente em demónios das trevas retratados no passado como seres individuais, tenho uma fé plena de que as condições de vida que lhes são atribuídas pela mente que busca retratá-los à vista em cores enegrecidas, eram um reflexo de estados individuais conhecidos experimentalmente dos peregrinos humanos ao longo da estrada da vida.

Por isso acredito no Satã (em toda alma humana) mas não como um poder externo individualizado do mal; creio que se acha em vós e em todos os espíritos individuais em maior ou menor grau - dependendo da posição obtida na linha do desenvolvimento desde as baixas até às elevadas condições. Esses graus, e a atitude em que colocam os que os possuem, não destroem a responsabilidade daqueles que se encontram dentro dos seus limites, já que todos e cada um se acha comprometido, quer na terra quer na vida do espírito, com o melhor uso de todo poder e faculdade humana conhecida a ser possuída pelo indivíduo.

Eu descubro desde o plano em que agora me encontro que todas as expressões individualizadas na vida humana e na vida física têm uma equivalente na do espírito. Uma prova para mim de que o poder temporal do Papa está a diminuir é claramente discernível pela diminuição do poder espiritual claramente demonstrado na equivalente espiritual da igreja de hoje. Pelos mesmos meios eu percebo não mais sobre o Leste o poder conquistador de Maomé, por uma outra influência lhe ter ocupado o lugar - a velha fé está a cair e o seu equivalente espiritual reflete o facto à minha observação.

Eu consigo discernir o espírito agressivamente ativo desta que é a vossa nação - em geral tão propensa à escravatura e ao monopólio - pelo que através de todos os obstáculos o caminho em frente vai sendo tornado claro e simples. Difícil quanto possa ser cada passo, no caminho da civilização é necessário preparar condições para o advento mais harmonioso daquela civilização que está para vir a seguir.

Conforme as perturbações do ambiente, os resultados surpreendentes esgotados por esses enérgicos poderes e princípios que se encontram por baixo, são instrumentais na produção de efeitos derradeiros no sentido do bem geral, de modo que as forças espirituais de que vós sois os porta-vozes e instrumentos, através do esforço e do entusiasmo (assim como de um trabalho silencioso) a trabalhar nos propósitos do ser. Se o canal ficar chocado ou for imperfeito, a corrente e a expressão sê-lo-ão igualmente, e assim deverão permanecer até que as obstruções sejam removidas; se o instrumento não estiver em sintonia, não

poderemos com razão procurar a harmonia na sua expressão sons de confiança - e terão naturalmente tons de desarmonia, mas aquele que sintoniza o instrumento deve experimentá-lo e testá-lo, e ver se por fim não poderá por fim emitir cadências que cresçam em uníssono e melodia, que terá sido objeto na ação da construção desse instrumento.

Assim, hoje vós estais todos a ser experimentados e testados; é para ser conhecido onde vos posicionais justamente, a nível individual; o poder de um impulso do espírito que agora chega até vós é sentido em todas as diversas ocupações, os cuidados multiplicados da vida humana, e sois postos à prova todos os santos dias - postos à prova a ver se a civilização significa alguma coisa, se o Cristianismo terá encontrado em vós alguma expressão visível, se o fazer mal e as suas concomitantes (coexistentes, simultâneas) trevas cercam e condicionam o vosso espírito, seja por desejarem agarrar-vos um pouco mais à materialidade ou aspireis ao alcance de graus mais elevados!

Todas as coisas se combinam no sentido de profetizar grandes mudanças porvir para os habitantes do mundo material. Espiritualmente nós dizemos que as influências do mundo da alma está constantemente a fluir na direção do vosso, e o olho da ciência espiritual descobre as causas que operaram na produção o que está igualmente para surgir. Será o Cristo? A Sua influência tem estado a operar há dois mil anos, mas poucos e não muitos foram os convertidos e levados ao seu abraço; ainda assim ele leva a sua safra com ele e essa safra será sua quando a mudança ocorrer. Uma outra época, uma outra secção do tempo está para ser introduzida.

Hoje o espírito trabalha de uma forma palpável no vosso seio. Pensais numa civilização mais elevada que porventura sob as condições antigas ainda esteja para ser construída pelo homem; mas nós vemos a humanidade e os seus interesses a mover-se coletivamente nas suas características para o impulso de um potente Propósito Espiritual, rumo a novos canais, e reconhecemos que o que esta geração e a seguinte verão será referente aos muitos e não aos poucos.

O crescimento do homem prossegue nos planos físico e espiritual, mas em breve ele perceberá num grau mais vasto do que alguma vez antes que o desenvolvimento espiritual é o principal objetivo - que a sua expansão física não passa de um incidente concomitante no processo de nome próprio. No meu lado da existência foi-me permitido ver o poder dos anjos conforme demonstrado na história das dispensações do passado: como Osíris representou um sol que trouxe uma nova luz à humanidade, como Brahma representou o princípio divino nascido na terra junto com Vishnu e Shiva, e como levou o raio da luz imortal numa forma ainda mais clara à compreensão da mente Oriental, como Cristo corporificou o espírito da verdade ao caminhar entre os homens, Budas e Cristos e Salvadores esses que acudiram às nações no momento em que eram precisos.

Eu vi que as ondas da verdade espiritual sempre sempre acudiram ao mundo em resposta às necessidades espirituais da humanidade. Encontrei-me no espírito com Lutero, Melâncton, Wesley e outros, que enquanto na terra foram líderes do

pensamento reformador, e vi-os na diversidade de modos a rever os métodos e modos por meio dos quais os avatares espirituais, os Cristos visitaram a humanidade, e vi-os partir para novas áreas de trabalho com uma sensação de reverência e assombro pelo poder que continham no seu seio. Vi aqueles que foram presumíveis inventores e a origem do pensamento científico, assim como os supostos fundadores de denominações religiosas de que falamos, a aprender no espírito a lição que eu lhes proponho: que as vibrações que vêm hoje até vós na forma da chamada invenção maravilhosa foram conhecidas há milhares de anos na vida do espírito, e que estão justamente a atingir a terra! Vocês sabem quanto tempo a luz que vem de Neptuno leva a chegar, assim também na terra física leva tempo para que o mundo acolha as ideias espirituais.

Felizes são aqueles que, conscientes da sua identidade, ainda têm consciência da divina individualidade da inteligência. Eu afirmo que felizes são aqueles que, cientes dos seus próprios poderes e condições, também têm consciência de que uma glória esplendorosa incide sobre eles das alturas sobrenaturais - de que a vida externa e as suas experiências concomitantes só poderão ser uma janela quando muito, por meio da qual a luz do sol de um poder de iluminação espiritual será despejada na alma, de forma que, sucessivos amanhãs contribuam para o panorama que se abre, até que o poder desça nele, por meio do qual todos os laços materiais sejam cortados e o homem deva permanecer ereto, (. ..) os atributos do infinito e una as mãos com aqueles anjos cuja total expressão deverá ser a da sua Individualidade Divina.

ORAÇÃO

O mundo material zomba da ideia de obterem alguma coisa pela oração. Mas a intensidade do pensamento num dado sentido, se devidamente guiado, pode produzir quase qualquer coisa. E essa forma de aspiração mental, que pede em especial um certo favor, caso não transgrida as leis naturais, produzirá certamente esse favor, desde que o vosso espírito guardião (anjo da guarda) possa chegar até esse pensamento, desde que a intensidade do vosso pensamento seja suficiente para chegar até ele.

Foi publicado um desafio, respeitante ao mundo científico, por uma certa ala de um hospital ser sido votada ao tema da oração. Se nos deixarem e orarem e orarem à nossa maneira, isso decerto trará resultados favoráveis. Se a dita oração brotar do desejo sincero e representar a expressão de uma profusão de gente, em prol de um objetivo que não esteja a infringir nenhuma lei ou desejo da vontade divina, certamente que influenciará uma multiplicidade de espíritos, multiplicidade de espíritos essa que, ao agirem em conjunto, produzirá certamente o resultado desejado.

Mas tenham presente que a oração só pode atuar, não em resposta a um desafio da mente material mas em resposta a um desejo espontâneo e sincero que não ponha em questão a habilidade que a inteligência tem de responder. A presente condição da oração será posta em questão se disserem: "Ora bem, anjos, Deus, Espírito Divino, vejam se podem fazer isto." A própria condição de súplica mental e espiritual perde-se. Criem condições para que os dons espirituais sejam tão positivos tal como o cientista exige nas investigações que faz, e a resposta será igualmente precisa. Ele exige certos laboratórios, certos lugares escuros, certas forças, certos químicos; nós também exigimos certas condições; deem-nos essas condições se a resposta virá.

Pergunta: Teremos entendido bem, que queira dizer que toda a oração sincera produz, ou põe em operação, forças do mundo espiritual com a mesma certeza com que o fogo converte a água em vapor?

Resposta: Entenderam; toda a oração põe em operação forças no mundo espiritual, tal como o fogo torna a água vapor. A concentração de uma dúzia de mentes terá mais efeito, mais seguramente por uma dúzia de mentes atingir maior influência espiritual do que uma.

Pergunta: Disse que por veze a oração alcança o espírito guardião, se for dotada de suficiente intensidade; encontrar-se-ão os espíritos guardiães sempre presentes embora pro vezes distantes?

Resposta: Não dissemos que a oração alcance o espírito guardião, mas o espírito a quem o dirigem (pretendem), se tiverem um espírito pessoalmente na ideia, por haver um modo de o atingirem de maneira a influenciá-lo. Os espíritos guardiães acham-se presentes convosco a toda a hora; porém, há uma diferença entre presença espiritual e presença material. Uma mãe pode andar com o filho sempre na ideia enquanto trabalha, e estar ciente de que ele está a brincar, enquanto conscientemente se dedica a outras tarefas; assim, o espírito guardião está sempre ciente daquele que tem ao seu cuidado, e se houver perigo por perto, a simpatia que o moverá será tão grande que estará instantaneamente convosco.

A NECESSIDADE E A EFICÁCIA DA ORAÇÃO

Os espíritos-guias através de Cora Richmond, em Cleveland Hall, Londres, 25 de Janeiro de 1874

Para aqueles que estiverem familiarizados com a exaltação espiritual, com a meditação, ou com a comunhão com o Espírito da divindade, a aspiração da alma, e a elevação do pensamento, não há nada de novo que possa ser dito sobre o tema da oração. Porém, a tendência do pensamento moderno está voltada para a ciência exata, para a solução de todos os problemas do universo por meio das leis naturais; mas não há muitos meses atrás surgiu um desafio ligado a um erudito professor de ciências na Inglaterra, quando pediu que a eficácia da oração pudesse ser testada dedicando uma certa ala de um determinado hospital na Cidade, e aqueles que acreditassem na eficácia da oração devessem orar pelos pacientes particulares nessa ala, e ver se Deus lhes responderia à oração.

Surgiu um clamor de escárnio da parte do mundo da ciência, e naturalmente, um de horror da parte do mundo religioso. Porém, o facto de qualquer homem de ciência esquecer a tal ponto a sua missão e transcender a esfera da investigação científica a ponto de desafiar a Divindade numa resposta a um ponto insignificante da mente humana, demonstra o que por aí vai pelo mundo do século dezanove.

O facto de o materialismo reconhecer que não pode haver resposta alguma para a oração prova que há necessidade de uma forma qualquer de testemunho por meio do qual a natureza da comunhão espiritual com a Divindade possa ser compreendida. As oferendas abjetas das nações pagãs aos seus ídolos, os ritos sacrificiais e cerimónias que pertenceram aos povos antigos, as oferendas de seres humanos que ainda agora ocorrem entre os Brâmanes e os Hindus e muitas das nações pagãs e idólatras, não estão, na nossa opinião, ligadas ao espírito da oração, nem têm nada que ver com a forma de veneração expressada e compreendida na linguagem de Cristo.

Ou Deus comunga com a alma humana ou não comunga em absoluto. Ou ele responde aos pensamentos e aspirações, sentimento, desejos, e ânsias da humanidade, ou não. O Senhor do universo ou é cego, surdo, desumano, e destituído de inteligência, ou existe um poder, uma inteligência, uma alma e uma mente que podem responder ao pensamento humano.

Os materialistas afirmam que a oração não obtém qualquer resposta; que os grandes poderes do universo são governados por leis; que essas leis são inflexíveis, inexoráveis, ilimitadas, imutáveis; e que a humanidade não poderá nunca receber uma resposta a menos que peça algo que se ache em harmonia com as leis naturais, e imediatamente se ponha a trabalhar de acordo com isso para o alcançar.

Consequentemente, a oração por pão na oração ao Senhor é considerada supérflua; já que é alegado pelo pensamento moderno, e não com pouca razão, que, se um homem desejar ter pão deve semear para colher e reunir o grão, e o pão virá; e se desejar poder temporal ele precisará edificá-lo por meio da ambição - por meio de todo esforço da sua natureza material; se desejar obter sucesso no campo de batalha, ele deverá não só orar, mas ter do seu lado os mais vastos exércitos, as armas mais poderosas, a artilharia mais potente, e a melhor defesa com a qual consiga resistir ao inimigo; mas a oração não está de acordo com o espírito da ética militar. O comandante de exércitos que ora também fará tudo quanto tiver ao seu alcance para obter sucesso naquilo por que tiver orado.

Na nossa opinião esses extremos constituem um erro. Devíamos orar por coisas materiais por formas materiais. Deus dotou a humanidade de inteligência, de mãos e de pés, de cabeça para trabalhar, de uma terra repleta de abundância, e ele ora de acordo com as leis da Natureza - joga a semente na promessa de que o tempo, e as leis que Deus estabeleceu, traga a colheita. Mas o materialista também quererá que oremos por coisas espirituais da mesma forma.

O materialista aplica as leis espirituais aos métodos materiais; pelo que, se o homem precisar caminhar ou cavalgar se precisar deslocar-se de um lugar ao outro, e precisar trabalhar se quiser ter o pão de cada dia, e precisar conformar-se às leis da Natureza se quiser gozar de saúde e atividade, o materialista diz que

também devem orar com leis materiais para conseguirem fins espirituais, esquecendo que, na capacidade dupla e natureza dupla que o homem possui, pode ter requisitos para além daqueles do corpo; esquecendo que podem existir outras leis que transcendam aquelas da natureza física; que podem existir outros métodos que a ciência não tenha descoberto, por meio dos quais a natureza espiritual seja sustentada e alimentada.

Estamos bem cientes de determinadas leis da ciência, recentemente descobertas, que transgridem e que suplantam as leis previamente conhecidas; sabemos muito bem que todo o problema material da vida assenta numa constante e absoluta progressão de uma fase da descoberta para outra. O materialista esquece-se que a porção mais elevada da natureza do homem requer sustento espiritual, e esquece igualmente que, embora a Natureza seja ampla o suficiente e a ciência tenha chegado muito longe, poderão existir leis que a ciência não tenha ainda explorado, e Deus poderá ter métodos que o homem presentemente não compreenda.

O Professor Tyndall faria bem, antes de desafiar a Divindade com respeito às Suas leis e método de atender à oração, em se esforçar por se colocar numa condição em que apurasse aquilo que a oração é; porque, enquanto o homem de ciência tenha aderido estritamente às leis necessárias na investigação das coisas materiais, enquanto flete o joelho para a Natureza e pesquisa os seus mistérios para poder viver aqui, quando chega ao vestíbulo da alma imortal, e à grande estrutura desse tecido espiritual, para o qual a humanidade se volta e para o qual deve voltar em busca do seu sustento espiritual e desenvolvimento, letrados e sábios destituídos de reverência e respeito, destituídos até mesmo da mais comum integridade da sua ordem, destrói a estrutura da fé e da espiritualidade e diz: " Não há nada verdadeiro exceto a razão; só isso satisfará. "

Mas vejamos se, nestes métodos de comunhão espiritual não existirão leis efetivas, exteriores, que infrinjam e suplantem até certo ponto, as leis estritas do materialismo. Torna-se evidente, à mente que raciocina, que o corpo precisa ser nutrido e vestido e sustentado. É igualmente evidente que a mente precisa ser educada, trainada e disciplinada. Quantidade nenhuma de génio responderá a menos que também haja cultura, inspiração e orientação. A natureza espiritual do homem, a vasta alma livre que supervisiona, governa, orienta, dirige a material, regida por leis justamente tão perfeitas, e consequentemente justamente capazes de demonstração, em que não pode haver mais violação, não maior infração do que possa haver nas leis físicas.

A natureza da existência espiritual do homem, pois, é aquilo que o estudante deveria desejar descobrir, e o que homem nenhum alguma vez fará por meio de métodos físicos e materiais. Requererá o desenvolvimento de outras faculdades e poderes, de outras qualidades da mente, para a abrir e compreender de forma cabal. Vejam com quantos anos de estudo e de pesquisa o mundo da ciência esperou pelo aperfeiçoamento dos instrumentos do telescópio que auxiliariam a vista humana na penetração dos mistérios do sistema solar.

Quantas estrelas não foram acrescentadas ao firmamento com as maravilhosas descobertas da ciência! A vista do homem não era suficiente, e foi aumentada mil ou cem mil vezes. Não poderá ser verdade que a visão espiritual do homem também seja limitada e que ele requeira um cultivo nesse sentido, para poder

compreender as leis da visão espiritual? Não necessitará ele de um telescópio por meio do qual possa compreender um espectro mais amplo da visão espiritual, e compreender mais a sua própria natureza espiritual?

A ciência esforça-se, com razão e materialismo, por controlar aquilo que é do domínio da intuição e da espiritualidade; a ciência esforça-se por arrastar para baixo o espiritual para o nível dos sentidos físicos; e assim, se Deus e o espírito não aceitam o desafio de serem solvidos no seu cadinho, então Deus e o espírito não têm qualquer existência. Por a Divindade não Se permitir ser descoberta pela análise microscópica, nem permitir que a sua secreta essência da alma seja descoberta no experimentum crucis (experimento crucial da ciência), por a alma do homem ser composta por materiais mais refinados do que os que a ciência pode analisar, a ciência afirma que não existe a alma, e que Deus não existe; que o universo é vazio, e que os poderes do homem se endereçam para cima e para fora na direção do vazio.

Mas com isso se revolta a alma do homem. Toda a presença espiritual, toda a mente inteligente, sabe que existe algo na sua organização - espiritual ou não - que reivindica superioridade em relação a esses meros gostos materiais; que existem forças espirituais que pertencem ao espiritual que, muito embora a ciência não as descubra, proclamam a sua existência com potência e poder; que o próprio pensamento, nas suas múltiplas (miríades de) asas, desafia o tempo, o espaço e a ciência, e se estende até à vasta região da imaginação, da poesia e da fé; que a religião, com a sua testa alva e sempre viva voz, falou ao homem de todas as eras e por meio de múltiplas línguas, mesmo por meio dos lábios cujas palavras acabaram de ser lidas, com mais potência e de forma mais poderosa por causa do lapso do tempo.

Elas despertaram uma resposta em muitos corações; contudo vocês têm apenas uma consciência intuitiva delas em vós. A expressão externa foi dada e acabada há centenas de anos; mas essa expressão acha-se incorporada nas vossas próprias almas pela voz que se acha dentro de vós. É bem verdade, como o homem de ciência afirma, que se Deus atende à oração deve ser de acordo com a lei; mas ele precisa deter-se por aí. Não é de acordo com as leis materiais; e os métodos pelos quais a Divindade atende à oração só podem ser do conhecimento da Divindade, e daquelas almas que se encontram em comunhão com a Divindade.

Aqueles que não possuem alma alguma, ou que imaginam que não possuir nenhuma, não podem encontrar-se no âmbito da operação daquelas leis tal como o cego não consegue distinguir o sol. As leis por via das quais o espírito interage com o espírito só podem ser do conhecimento daqueles que mantêm uma tal interação; não daqueles que, espiritualmente cegos, tateiam e afirmam não existir qualquer luz espiritual.

Existem sem dúvida muitos métodos - sem dúvida meios incomensuráveis e canais - tão subtis, refinados e delicados, que não os conseguem medir pelo pensamento, por meio dos quais o Infinito realiza os seus ternos propósitos e tornam até mesmo o mais desprezível escravo e mais baixa mente da terra subserviente aos seus desígnios. Sem dúvida que os métodos através dos quais o Infinito resolve os problemas da humanidade pelas eras pode não ser conhecidos nem estar à altura da compreensão, mas toda mudança subtil de pensamento e destino que se

desvenda à vista do homem, constitui uma solução qualquer do problema divino que lhes é apresentado para que resolvam.

"A oração constitui o desejo sincero da alma." Ora bem, desejos há que não são da alma, mas esses não representam o motivo adequado da oração. Aqueles gostos materiais que não podem elevar nem alçar podem não ser motivo de oração - nada exceto aquilo que vem do âmbito da província dos requisitos espirituais; porque até mesmo o pão do dia-a-dia por que Jesus instruiu os seus seguidores a orar não deixa de ser uma forma de expressão, e poderá significar uma simpatia viva por aquilo que é necessário na vida e não o supérfluo; não apenas aquilo que fortalece simplesmente a ambição e a esperança externas, mas as leis pelas quais o espírito pode mais diretamente comungar com o Infinito precisam ser conhecidas e compreendidas por todo indivíduo.

Aquilo que os eleva para mais perto do mais elevado e do melhor é a vossa melhor oração; aquilo que os ergue, exalta e eleva constitui a vossa oferenda do espírito; aquilo que os liberta dos vossos sentidos, do vosso ponto fraco favorito e insensatez peculiares, aquilo que afasta do egoísmo e (daquilo que) torna o espírito inconsciente da própria da humilhação, isso é a melhor oração. Como haverá Deus de atender à oração quando a alma, emparedada e mergulhada nos sentidos exteriores, apenas flete o joelho e murmura uma palavra ou forma de oração sem o espírito? "Mas," dirá o materialista, "isso está tudo muito bem, porém, não satisfaz a objeção de que Deus não transcende nem pode transcender as leis naturais em função de quantidade nenhuma de orações."

Que coisa serão as leis naturais? Quem foi que colocou um limite nas divisões do infinito? Quem foi que apontou a qualquer mente finita os métodos por meio dos quais a Divindade pode operar? Não é por efeito de um medo abjeto e servil, ou simplesmente pelo facto de acreditarmos cegamente que a Divindade possa fazer qualquer coisa por assim estar escrito; mas é por o Infinito, livre da ansiedade para com a própria condição de infinito, dever ter métodos adaptados aos requisitos de toda natureza espiritual individual; é pelo facto de, se existir uma alma no ser humano e um espírito chamado divino e perfeito, dever haver algum método de comunhão entre ambas, e limitar as leis da divindade é atar o Infinito e afirmar o absurdo.

Cremos que tem sido posto à prova a fundo, e que as palavras diretas do texto que citamos dizem que uma mente não pode ser suficientemente potente, nem poderosa, nem concentrar-se, para pedir espiritualmente e receber, mas diz que, se dois de vós ou três em especial se reunirem, com o que mostra que deve existir requisito de uma condição. Que condição será essa? Que um desejo suficientemente intenso, um poder da vontade suficientemente potente, ou elevação do Espírito, uma investigação suficientemente grande e persistente, inevitavelmente provocará uma resposta; de modo que, se um de vós tiver uma vontade e um desejo forte de conhecimento espiritual, poderá ser que a força da vossa vontade prevaleça; pois o poder do Espírito reside na vontade - aquela força potente e subtil por meio da qual o tempo e o espaço são superados.

Poderá acontecer que pessoalmente não tenhais muito; outro que atue convosco formará um poder adicional, e três formarão um poder ainda maior, e se uma multidão estiver de acordo quanto a uma certa coisa, pensam que a vibração

mental não alcançará substância espiritual? E essas substâncias espirituais por sua vez alcançam outras, até por fim a própria alma do universo ser penetrada.

Aqueles sons que vibram na atmosfera externa propagam-se indefinidamente na proporção da força e intensidade que têm. Suponham que é acrescentada uma voz, e a seguir três ou quatro, e todas as vossas vozes se tornam tão potentes e subtis que chegam a alcançar milhas. Bem, a atmosfera espiritual acha-se sujeita às mesmas vibrações. Vocês pensam uma coisa, e seja ela boa ou má, na proporção da intensidade que obtiver vibrará nas ondas do pensamento até atingir o objeto para que o dirigem. Se o pensamento for fraco, a vossa vontade será fraca, e propagar-se-á debilmente pela atmosfera espiritual; mas se for decidido e célere e

encerrar amor interno ou ódio, e for dotado de uma perfeita fé fervorosa ou exatidão, alcançará cada vez mais longe até que as suas ondas abranjam muitas almas para além da vossa. É a isso que Cristo se refere quando deseja uma oração mais sincera; e se duas mentes sinceras estiverem de acordo quanto a qualquer objetivo de trabalho, menos passível se tornará de ser egoísta - e com maior probabilidade será uma que pode pertencer à região dos dons espirituais.

Quando oram sozinhos poderão achar-se limitados, poderão ver somente as vossas próprias pretensões e necessidades egoístas, poderão desejar algo que não vem no âmbito dos dons e poderes espirituais. Mas uma outra mente junta à vossa, ou três ou quatro, formarão uma atmosfera espiritual, e sobre essa atmosfera as ondas deverão vibrar até ao centro da própria alma.

Aqueles que mantêm interação com, ou acreditam na intercomunicação com os espíritos dos que partiram, e aqueles que por vezes têm consciência de que, num grau limitado esta ideia da oração é aplicável à presença dos espíritos dos seus amigos, se o ansiarem sinceramente, se seriamente desejarem a presença de um espírito amigo, frequentemente ocorre que esse anseio e esse desejo forme a própria atmosfera em que ele poderá abordá-los.

De forma que, pelo desejo e a aspiração a coisas espirituais entrareis em contacto com seres espirituais; mas poderá acontecer que até mesmo com a realização de uma oração especial Deus nomeie os vossos anjos da guarda - os espíritos que lhes assistem. Esses achando- se presentes andarão de um lado para o outro no caminho espiritual, mas a atmosfera espiritual terá aberto em si uma forma de responder a essa oração.

Tem muitas vezes sido perguntado que ocupação os espíritos podem ter. Se todos os desejos e orações dos mortais devessem ser literalmente atendidas, Deus poderia empregar toda a sua hoste celeste a dar resposta através dos espíritos auxiliares. Mas nem todo desejo pode ser atendido; nem todo o pensamento é preferido, nem todo desejo que têm na ideia é um desejo da alma: apenas os pensamentos espirituais, os desejos mais sinceros, podem formar a matéria da resposta à oração; e pelo que quer que for que isso seja produzido, seja por que métodos for que a Mente Divina opere, ela sempre os leva para mais perto da atmosfera espiritual de que falamos.

Foi por isso que Cristo disse que devem pedir para poder receber; devem bater antes que lhes seja aberto; precisam buscar antes de encontrarem; porque

buscando, a própria volição é acrescentada ao ímpeto espiritual por intermédio do que poderão receber a dádiva. Os dons acham-se ao vosso redor. O ar acha-se repleto de bênçãos, e o céu sem voz derrama aguaceiros de esperança. Deus acha-se gravado e expressa-Se em toda a forma de beleza que os rodeia. Contudo, quão cegos não estão para com esses dons e bênçãos a menos as peçam! Quão embotado não se mostra o sentido e quão imperfeita a visão na compreensão dos poderes e da bondade que Deus já concedeu. Se pedirem pela misericórdia de Deus, olhai, ela encontra-se à soleira da vossa porta! O vosso coração acha-se aberto para a receber; mas precisará aí ficar a aguardar se não procurarem. O cego vai até o campo e não vê as belezas da natureza nem o esplendor espalhado diante dele. Também aquele que não consegue contemplar a beleza da velha floresta, nem compreender as diversas formas da natureza que se destinam a aliar-se da verdade espiritual; não consegue encontrar essas bênçãos ocultas; por a alma ser o fonte daquilo que a alma eventualmente vier a receber, e impresso essa ideia em vós, não só com respeito ao vosso desejo e devoção mas à lei da vida espiritual por meio da qual poderão habilitar-se a influenciar e a interagir com os seres espirituais que imaginam acharem-se longe da vista e fora do alcance.

A ânsia sincera, o desejo, a veemência do espírito, compõe o poder potente pelo qual o espírito pode responder; e se alguma resposta à vossa oração ou mensageiro do amor divino surgir, certifiquem-se de ser um pensamento ou ideia inspiradora ou de exaltação que lhes possibilite até mesmo um vislumbre daquele reino espiritual que foi afastado da terra, ignorado por ela, e inteiramente negado pelo materialismo.

Pensem no reino de beleza, glória e deleite em que as vossas almas podem ser admitidas simplesmente pela oração no sentido da interpretação que demos. Considerem que todas os cenáculos da mente - a estrutura espiritual do templo da alma - em que só entrarão pelo desejo. Vós não podeis ser forçados a ascender.

Nenhum guia nem espírito os levará contra a vontade para a região da vida e da luz. Precisa ser o crescimento, a aspiração, o desejo, a ânsia, a alma - essas são as asas sobre as quais a alma se alça para o reino espiritual que se encontra por cima das vossas cabeças. Fora da vossa vista, na região que vocês não penetram muita vez, e onde poderão não entrar agora, encontra-se esse reino da imortalidade; tão perto de vós que o seu sopro lhes pode tocar a face e bufar-lhes ao sobrolho que vocês não têm consciência dele; tão perto que as palpitações do vosso coração não são tão evidentes e audíveis quanto a pulsação do espírito daqueles que buscam; tão perto que, se tivessem noção da sua Divina presença e magnífico esplendor, ele lhes haveria de iluminar o caminho escuro das vossas vidas, e tornaria o barro da terra agora escurecido resplandecente de belezas e esplendores divinos. E não só ocasionalmente nos vossos momentos de fé, de esperança e de oração - não só ocasionalmente - peçam no meio da vossa vida perfeita e divina; podem faze-lo sempre. A porta da oração acha-se sempre aberta. A cada instante das vossas vidas podem não só inalar a atmosfera material, mas a atmosfera espiritual que inspira e fortalece.

Quão cega é a ciência que tateia tresloucada em meio à própria bênção que se recusa a aceitar e depois diz com imperturbável indiferença: "Não existe vida, não existe espírito, nem imortalidade, nem alma, nem Deus! " Pensem no que poderia ser de vós se estas palavras fossem verdadeiras. Pensem no que as vossas

necessidades seriam se lhes ensinassem que são uma verdade; porque assim como

a mente pensa, assim também se tornará nisso. Se rezarem na direção da terra, assim também haverão de se arrastar pelas malhas da noção do tempo, e construir hoje aquilo que amanhã será arrastado - lançar sementes do que virá a ser colhido com base no acaso, e que produz espinhos e cardos em vez de fruto. Mas, se em lugar disso vocês orarem para o alto, através da entrada do templo espiritual, através das faculdades que possam ser alargadas e expandidas, por meio de pensamento, mente e alma, através da aspiração e da oração, através das coisas do espírito, através de uma perfeita elevação divina da alma, poderão ter a resposta à oração.

Contemplem as respostas aos vossos pedidos! As ânsias satisfeitas e as dúvidas afastadas; pois assim como cultivarem o pensamento, a ânsia, o desejo, também o seu poder aumentará. Com um raio adicionado à lamparina, uma maior quantidade de trevas são dispersadas; assim, uma luz acrescentada à vossa mente, e a seguir outra e mais outra, iluminá-la-á e por fim dispersará essas brumas da dúvida, do preconceito e do erro que há muito têm mantido a terra na escuridão. Quanta vez com aqueles que oram corretamente, cai a oração por terra, e sem vida e consideração fracassa por falta de vigor. Para aqueles que se esforçam há por vezes um tanto de dúvida e do desespero, por causa do entorno e do embotamento das coisas do tempo e da perceção.

Mas acreditem que há para toda a alma e todo o pensamento uma passagem aberta

- a porta da vida, o caminho que leva a este reino espiritual. Podem todos entrar e partilhar das suas verdades. As leis que governam o espírito, assim como as que controlam a matéria, e as leis pelas quais as vossas almas entram em comunhão umas com as outras, com os seres espirituais, com os anjos elevados, com a própria Divindade, são conhecidas e compreendidas por Deus. Para descobrirem essas leis, estudarem seriamente esses dons espirituais, cultivá-los com a oração, a mente, o coração e a alma, deveria ser o domínio das vossas ocupações religiosas. Porque se a alma não for dada à expressão e à cultura, a que poderá dar-se ela? Se a vida em vós e a luz da mente não forem para a expressão, a expansão, o deleite, a que mais poderá ser dada?

E a oração do tipo mais verdadeiro e mais elevado constitui essa via - esse agente por meio do qual poderão pelas qualidades da expressão encontrar a comunhão perfeita e absoluta com o divino. Quando receberem uma resposta perfeita e absoluta através do ministério dos anjos, por meio dos pensamentos sublimes que descem até vós através da escuridão das barreiras do tempo e da perceção, dos caminhos e passagens que levam a regiões mais resplandecentes, através da própria morte mesmo, que mantém a terra nos seus grilhões e a alma do homem na intimidação - pois até mesmo a morte é afastada por isso, e vocês entram na região da vida e da luz e da esperança e da alegria incomparável.

Mas não só num simples enunciado verbal. A oração é aquela condição em que a própria alma, decidida nas suas aspirações divinas, busca ansiosamente aquilo que

expressa em palavras. Palavras são atos. Vocês não deixam de entreter o vosso desejo, mas expressam-no uma e outra vez até que, pela própria seriedade e poder, ele se torna numa realidade viva. Mas as palavras não chegam. Precisa haver fervor e ardor; precisa haver esperança e aspiração; precisa haver, acima de tudo, um acúmulo de pureza, paciência e vontade de esperar; além disso precisa dar-se uma luta com o tempo e a perceção, uma superação de todo egoísmo e ambição mesquinha.

Porque entrando numa atmosfera dessas de pensamento elevado e grandioso, estarão a afastar de vós todas aquelas coisas indignas e profanas. Lutem por esses dons; peçam sempre; assegurem-se de que a resposta lhes chega. A alma humana jamais suscitou uma questão que na beneficência divina da Deidade não exista uma resposta. Pois quem quer que os tenha dotado com a ideia de formular uma indagação, também moldou nos espaços esféricos a estrela dourada da sua resposta. Quem quer que tenha dado uma esperança viva ao espírito humano, terá talhado uma resposta e uma realização.

Por conseguinte, no domínio da alma todas as ânsias serão atendidas. Toda a ideia e vontade de sondar os mistérios que se encontram para além da morte e da sepultura podem encontrar uma resposta. Ah, quantos corações frios e cansados e olhos ansiosos não oraram através da névoa turva das lágrimas da tristeza com o desejo de encontrar uma voz em resposta, um eco do mundo sem voz onde, dizemos nós, se encontram os amados! Mas a oração trará seguramente a sua resposta. Debatam-se, lutem, e por alguma forma, sagrada para os vossos corações e mais próxima das vossas vidas, virá uma resposta, tão suave e piedosa quanto a queda de um pombo, ou o doce orvalho do crepúsculo que desce e se espalha pela terra, ou quanto os sons harmoniosos despertados pelos ventos nas árvores da floresta. Assim será a resposta à vossa oração.

Mas vocês não podem, não dão ouvidos à voz da verdade, se não receberem nem vierem a receber o espírito; se, curvados pela ignorância e pelo medo e pelo materialismo continuarem a tatear às apalpadelas, então a voz do espírito, à semelhança do relâmpago e do trovão, ou das ondas do mar, irromperá por toda a parte, e eis que sentirão o seu sopro; pois não permanecerá silencioso por muito tempo. Esse espírito, essa voz há muito tem sido calada; mas nem sempre será assim. Tal como o rio da montanha quando entupido salta todas as barreiras e inunda os vales, assim também o homem, através do seu materialismo, provocará um dilúvio que varrerá com a virulência e a corrosão das eras.

Não se curvem em reverência ante os vossos ídolos; não se dobrem na servidão, no medo e no ódio, nem na corrupção; porquanto o espírito aguarda somente, a pedir numa voz branda e acentos de súplica para poder entrar. Mas se vocês não o receberem, então um clamor potente deverá erguer-se e varrer por todas as nações e todos os povos, e levá-los a conhecer a presença do espírito. É suave e amável, porém potente e poderoso; e tal como os céus se encontram acima da terra e ao seu redor, também o poder de Deus, e o reino do espírito abrange a vossa terra e os vossos

corações; também a voz, a voz minuciosa se acha no vosso meio hoje, fortalecida através do lapso de anos, mais paciente através do sofrimento do mundo, mas à espera. Se ouvirem e receberem a sua voz, e pedirem pela sua inspiração, eis que ela vo-lo dará; mas sempre que um ou dois de vós pedirem em nome da Verdade, isso ser-lhes-á dado.

O ESPÍRITO

Um Discurso Inspirado, proferido pela Sra. Cora LV Tappan no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de Domingo, 19 de Outubro de 1873.

Amigos, como tema desta noite vamos traçar-lhes algumas das letras do alfabeto espiritual, começando pela letra A. Certas mentes não familiarizadas com as verdades e fenómenos do Espiritualismo moderno têm a ideia equivocada de que afirma revelar qualquer princípio espiritual essencialmente novo. Não revela. O espírito que existe no universo, que preenche todo o espaço, que é o começo e o fim de todas as coisas, sempre manifestou a sua presença em várias formas aos sentidos do homem: por vezes através dos profetas criados especialmente como porta-vozes escolhidos da Mente Divina; outras vezes, por intermédio de videntes e de sábios, que, embora inconscientes da sua inspiração, ainda proferiam as palavras do Espírito infinito.

A lei primordial do ser é o espírito; o poder e a força primordiais do universo é o espírito: do contrário, não poderia existir vida. O materialista está acostumado a começar pela matéria e, debatendo-se ao longo das diversas fases da investigação científica, detém-se no próprio limiar da verdade espiritual, a dizer: "Não podemos entrar aqui; não nos é dado qualquer poder. " Nós, por outro lado, começamos pelo espírito.

Sem isso não existe qualquer alfabeto do espírito, nem linguagem da mente, nem comunhão da alma, e toda a história passada é uma ilusão - uma ignis fatuus. Não há existência na terra, a menos que comecemos com o espírito. Agora, esta lei do espírito, distinta do materialismo, é o objeto manifesto e expresso do Espiritualismo hoje. Não é uma nova teologia - algo distinto de qualquer das antigas teologias - mas a revivificação de uma antiga fé.

Todos os sistemas antigos apresentaram muita forma e muito pouco espírito; pois gradualmente, à medida que o poder e a riqueza aumentam, à medida que a civilização e a ciência do governo avançam, a religião ou as visões teológicas, assumem uma forma material, e o espírito torna-se menor que a letra do culto, a alma é enterrada sob a forma e a vitalidade esvai-se das antigas formas de veneração. Mas nos altares mais antigos de Deus, no início primitivo, no começo da história humana, esse alfabeto do espírito é manifesto. Deus, ou qualquer que possa ser o nome deste Espírito, fala a uma só voz; a Sua natureza é uma só; a Sua mente e propósito são um só; a grande Alma unitária do universo. Múltipla é a expressão da Sua vida, infinita na

diversidade de formas que, em última instância, O expressam, o Seu espírito é o elemento onipresente. O Espiritualismo não acrescentou nada a essa manifestação. Nem sequer chegou perto disso, por as manifestações espirituais de hoje nada representam de novo entre vós e a Mente Divina, mas simplesmente um interesse ampliado entre as almas incorporadas e as almas desencarnadas. Sabemos que a ideia está disseminada pelo mundo, e que um teólogo materialista Alemão e outros tentaram provar a inexistência da alma. Durante anos tem sido debatida a existência de um Deus.

Não é questão que o intelecto humano investigue, se Deus existe ou não. Não é questão que a mente humana possa ousar considerar. Se não houver por todo o universo uma revelação da Mente Divina tão palpável a ponto de levar os Materialistas e Intelectuais a sentir reverência diante da sua presença, não nos compete a nós discutirmos a questão com eles. Há uma revelação de Deus em todo espírito humano. Há uma voz íntima que lhe dá conhecimento dessa Suprema Existência; e se vocês não tiverem essa voz, e se vocês não tiverem consciência dessa Presença, nenhum poder do intelecto humano lhes poderá dá-la. Nenhum mero intelectualismo poderá estabelecê-la; não é para ser argumentado em termos de tese ou antítese.

É uma certeza positiva, ou não haverá nada na existência; e o próprio intelecto desfaz-se em pedaços. Este Espírito Divino, conforme dissemos, falou em todas as eras e não esperou que o século XIX apresentasse as suas manifestações, potência e poder. Deus fala em todas as eras a todas as nações da terra. Ele deu a cada idioma um profeta; e todas as nações tiveram o seu messias para estabelecer o elo de conexão entre a Mente Divina e a humanidade; e aqueles para quem o Cristianismo tem sido a religião revelada, aceitaram intelectualmente apenas e estabeleceram aquilo que os profetas mais antigos já haviam afirmado. O Espírito está na afirmação; exprime-se pela afirmação positiva, pela intuição e não pelo argumento.

Na sua expressão não apela de forma nenhuma ao intelecto, mas apenas ao espírito humano. Vocês não podem descobrir Deus por meio de nenhum experimento científico, por meio de nenhum instrumento astronómico, não o conseguem determinar por nenhuma fórmula matemática; não tem assento no âmbito da razão humana estabelecer a Sua existência; mas pela lei do espírito humano, pela sua intuição, pela sua própria existência, Deus está presente em todos os corações humanos e em todos os átomos da vida. A Sua lei criou-os. Mais vale que se esforcem por reverter a ordem da natureza e andar de cabeça para baixo; ou supor que a lei da gravitação possa ser invertida e ver todas as coisas a sair do centro comum em vez de irem na direção dele, do que tentar resolver essa questão intelectualmente.

A lei do espírito é suprema - estas posições não procedem do ponto de vista de nenhuma lógica. Eles não apresentam nenhuma razão à dedução lógica - não há sistema de raciocínio que o iguale. É um sistema de economia divina que se manifesta àqueles que são inspirados, que recebem a sanção de toda a raça humana, que tem sido proclamada pelos profetas, que todo coração e mente sente ser verdade quando lê as palavras da inspiração, ou quando se encontra sujeita à subtileza da presença de Deus. Manifesta-se à consciência individual. Nós não - quer se encontrem aqui materialistas, ateus ou intelectuais presentes, ou não - nós não procuraríamos estabelecer a existência desse sistema. Sem a Sua existência, não poderia haver qualquer ser, nem vida alguma.

Voltem os vossos pensamentos para dentro: afastem todo o intelectualismo, todo o raciocínio material e sofista, com que vocês estão acostumados a discutir todas as outras questões, e lembrem- se de que vocês são dotados da única perceção do espírito, através da qual vocês podem discernir não apenas o espírito de Deus, mas o espírito das almas individuais. Esse discernimento e a sua expressão eram conhecidos no tempo de Jesus como os "dons espirituais" e expressam-se por várias formas e fases.

Assim, entre os discípulos e seguidores de Jesus, e em todos as épocas anteriores, existiram dons espirituais, os dotados dos quais a Mente Divina visitava. Esses dons espirituais não ocorrem de acordo com qualquer sistema da ciência material. Eles pertencem à área da mente, ao domínio do espírito. Eles são o resultado da fé, da oração e do trabalho sério, e não do conhecimento exterior, superficial e externo.

Os eruditos não podem adquiri-los, nem podem eles ser ensinados nas escolas. Eles são aspetos do discernimento espiritual; e aqueles cujas mentes e espíritos são mais exaltados, possuem o máximo desses dons espirituais; enquanto aqueles que rastejam nos sentidos dependem de canais materiais e intelectuais para qualquer perceção, e não compreendem, exceto o reflexo obscuro que o mundo apresenta até mesmo dos assuntos mais externos.

Foi, por isso, determinado pelos Materialistas que o reino do espírito e o alfabeto dos anjos podem não ser conhecidos entre os mortais; que o mundo espiritual não tenha voz ou ouvido no vosso seio; e todas as teologias têm sido postas de lado por os materialistas dizerem que a teologia e a religião vêm da idade das trevas. "Hoje, " diz o materialista, "a ciência surgiu no mundo e nós provamos com toda a clareza que não pode existir nada que não venha da matéria. "

Esses mesmos indivíduos dizem: "Não olhem para o passado que está morto. " Nós, no entanto, dizemos, “O passado é a vossa mãe; enterrem a sua forma reverentemente, mas não esqueçam as suas virtudes; tudo quanto é grande e bom hoje foi dela. Toda a inspiração que pode ser enunciada para todas as eras tem foi proferida em eras passadas. Toda a grande verdade, toda a expressão elevada ou aspiração da alma humana, teve expressão alada e língua de fogo entre os antigos

profetas e videntes. Sim, enterrem a sua forma de maneira devota; mas lembrem-se de que o espírito vivo da verdade não se contenta com uma época e uma geração, mas permanece em todos as eras e fala a todas as gerações; que a língua das eras é sua - a língua de todas as nações e todos os idiomas. Vocês podem determinar a primeira letra do alfabeto espiritual, por a terem aprendido pela própria consciência que têm da existência da Mente Divina. Se vocês não tiverem essa consciência; se ela não surgir intuitivamente na vossa mente; se não houver nos vossos corações uma viva chama viva, mantida viva pela consciência da existência espiritual, da Mente Divina, então vocês carecerão da primeira letra do alfabeto espiritual.

Se o abordarem por qualquer dos canais externos dos sentido ou da investigação; se vocês chegarem ao conhecimento espiritual por qualquer dos meios externos, seja pela curiosidade, pelo desejo de satisfazer o intelecto meramente, ou pela natureza sensual, que precisa desse desejo, então você não terão dado o primeiro passo para aprender as letras do alfabeto espiritual. Não, só é ganho quando, com voz abafada e lábios reverentes, entramos na comunhão muito íntima com o Espírito.

Vocês precisam voltar os vossos pensamentos para dentro e se o espírito de Deus não lhes tocar o coração, se vocês não estiverem vivos com a consciência dessa presença viva, então vocês não poderão ir mais longe - vocês deverão aguardar. Pois embora vocês possam acreditar em milagres, aceitar a teologia, fletir o joelho diante de um santuário qualquer, professar externamente ser Espiritualistas, vocês têm, mesmo assim, que aprender a primeira letra do alfabeto espiritual.

Às vezes, a criança pequena no colo da sua mãe é mais sábia que o pai de cabelos grisalhos, pois aprendeu a primeira lição da vida com a Mente Divina. Às vezes, o materialista ou intelectual é surpreendido nas suas reflexões científicas pelas palavras de uma criança que professa conhecer a presença divina e conversa com os anjos. Ouçam essas vozes. Vocês estão acostumados a suprimi-las; e se a criança fizer uma pergunta sobre a Divindade, vocês dizem: "Espera, filho, tu não tens idade suficiente para o entender ainda. "

Idade suficiente! Como podem vocês julgar a idade do espírito que acabou de sair das mãos da Deidade? Idade suficiente! Não é o tempo que responde pela idade, mas a sabedoria; e a própria inteligência que induz a questão evidencia o próprio espírito da idade pelo conhecimento e sabedoria.

Se uma criança disser: "Ah, mãe, sonhei a noite passada com o meu anjinho irmão, e pensei que estávamos a brincar juntos num jardim cheio de flores lindas, " vocês dirão: "O teu irmão está morto; não podemos vê-lo; só quando Deus quiser que vamos para o céu lá o encontraremos. " Mas suponham que o espírito da criança

tenha realmente encontrado esse pequeno irmão-anjo em sonhos, quando os sentidos externos se encontravam encerrados durante o sono. Existirá alguma lei da Mente Divina que proíba os anjos da guarda? E não será uma das crenças mais antigas que todo ser mortal tem o seu anjo da guarda? Não reprimam esses sussurros do crescimento espiritual; não digam: "Meu filho, precisas ir à escola, " ou "Precisas consertar o teu vestido" nem lhes digam para ir fazer outra coisa tão logo os ouçam falar do que se encontra além do vosso conhecimento habitual. Nenhuma família fica sem essas visitas e, no entanto, elas são todas apagadas.

As sugestões intuitivas da vossa mente por muitos anos pode tê-los conduzido na direção do conhecimento espiritual: vocês têm visões, premonições, sonhos - as expressões do cultivo do alfabeto espiritual - mas ainda assim vocês não lhes prestam atenção. Vocês preferem estudar as formas externas do aprendizado que os homens criaram, enquanto aqui jaz o caminho real para aquele conhecimento de que eles se vêm privados.

Quantos daqueles que buscam fervorosamente, inclinados para a oração, estão conscientes de que, de alguma forma, o ar se torna mais leve e as formas dos anjos parecem pairar ao redor quando a mente se encontra num estado de espírito de oração e exaltação! Mas na hora silenciosa do devaneio e da meditação, quando vocês colocam o mundo longe de vós, vocês têm consciência desta presença Divina. Mas vocês não falam sobre isso: vocês saem entre os vossos semelhantes com uma máscara no rosto. Vocês não têm permissão para admitir qualquer conhecimento, exceto o que é dos sentidos. Vocês não têm permissão para dizer que sentem a presença do Divino e que os anjos estão junto de vós, por a disciplina das escolas ter chamado a isso imaginação e superstição.

Que coisa será a imaginação? O próprio arroubo do espírito. Sem isso, como tudo haveria de ficar aborrecido! A imaginação é as próprias asas sobre as quais a alma se eleva ao reino espiritual. Os poetas - aqueles que habitam as regiões arejadas da imaginação - têm permissão para falar de anjos da guarda. Isso, dizem vocês, é licença poética; mas se os mortais comuns abordassem a questão dos anjos da guarda, receberiam imediatamente por resposta: "Ah, isso é imaginação! Isso é tudo superstição e idolatria. " O ambiente que o poeta respira é o elemento nativo da mente humana. A atmosfera que os induz à vida espiritual é o ar sobre o qual a vossa alma subsiste.

Mais uma vez, esta letra inicial do alfabeto espiritual liga-os a todas as eras mais remotas. Condu-los de volta à evidência primordial de todas as religiões, e prova que essas religiões foram baseadas em fundamentos espirituais; que, de todas as formas de adoração, a inspiração original era a da Mente Divina; que ela falava a língua de todo país que o profeta ou vidente habite, e que a mesma lei primitiva, o mesmo espírito de luz, a mesma imagem divina residia em todos. A primeira letra do alfabeto também significa a vossa própria existência espiritual, distinta da vossa existência física; significa que aquela parte de vós que se encontra encerrada no

barro - que a forma que vocês veem, os sentidos de que vocês têm consciência - não é o espírito vivo; significa que o elemento do espírito é tão antigo quanto Deus, tão primordial quanto o seu ser e revestido pelo seu sopro.

Essas são todas as máscaras que vocês carregam, vestes, coberturas externas da alma, nas quais vocês encontram a vossa habitação por um tempo; mas a primeira letra do alfabeto, quando vier a ser conhecida, levá-los-á para cima e para diante na existência espiritual, muito além das mais ousadas imaginações de que são capazes. O que sabem vocês da vida de Deus? O que sabem vocês da vida infinita e imortal? O intelecto vacila; não há método pelo qual a ciência possa sondá-lo. É somente com o olho do espírito que vocês poderão discernir a vossa própria imortalidade.

O mundo espiritual ensina a imortalidade; mas isso não é de modo nenhum provado pelo que é chamado de manifestações espirituais modernas; isso só pode ser provado pela analogia. É verdade que o Espiritualismo prega a imortalidade, mas em relação à imortalidade é como com a consciência da Divindade; e se vocês não tiverem consciência da vossa imortalidade, nenhum espírito lhes poderá dar conta dela - nenhum Espiritualismo lha poderá revelar. É um erro supor que o Espiritualismo ensine que os homens vivam para sempre.
Só lhes prova que existem depois de terem deixado este corpo; mas, quanto à imortalidade, vocês precisam procurar provas dela na vossa própria consciência.

Todo espírito individual identificado diz a si próprio: "Eu tenho consciência, eu tenho vida, eu? Tenho alento; de onde vim? A que estarei eu ligado? " e então acode à mente intuitiva a consciência: “O meu espírito é tão antigo quanto a Divindade; não há limite para o futuro; a mente não pode perecer; o pensamento não pode extinguir-se; " e ao mesmo tempo a mais sábia e a melhor e a mais avançado de todas as mentes acredita intuitivamente na imortalidade Se não isso nunca poderia ser comprovada; se não houver nada em vós que responda a essa vida imortal, nada vo-la poderá transmitir. É algo coevo com Deus - a mente.

Mas o Espiritualismo leva-os um passo além do materialismo para outra e mais alta fase da vida, para a qual o espírito é transportado depois que deixa o corpo físico; e isso é o que o Espiritualismo faz: elimina o medo da morte, afasta o medo e o horror que diz respeito a essa mudança da vida. De facto, frequentemente prova a imortalidade por analogia; mas, conforme dissemos antes, a imortalidade não pode ser comprovada; não é assunto que o intelecto humano compreenda; só é conhecido na medida em que todas as coisas que estão relacionadas com o espírito são conhecidas - pela intuição. É o que os filósofos Alemães chamam conhecimento à priori; é inerente ao espírito humano. Aquilo que as escolas ensinam é o raciocínio à posteriori; mas a imortalidade não é provada assim.

As revelações espirituais de hoje, chamadas Espiritualismo Moderno, dizem-lhes que existe uma outra forma de vida além desta terra, na qual a existência dos

vossos amigos é continuada, e isso forma um trampolim para reforçar a vossa coragem, e faculta-lhes uma corroboração externa da imortalidade; a prova deve vir unicamente de dentro, pois como poderão vocês saber que eles não vivem por um tempo e depois se vão? É apenas começando pela fundação da verdade espiritual que vocês podem construir a vasta superestrutura da existência espiritual. Vocês precisam começar pela vida espiritual. Vocês precisam começar sem manifestação alguma, por mais convincentes que sejam para os sentidos; vocês não podem confiar nelas, mas apenas no verdadeiramente espiritual. Mas, vocês dizem que muitos materialistas tomaram consciência da vida espiritual através do Espiritualismo.

Eles já o conheciam antes, só que estavam tão imersos no materialismo que não o admitiriam; e quando o Espiritualismo veio com as suas manifestações ocultas, o orgulho do intelecto foi fraco para admitir que deveria haver algum poder onde havia tanta força; e assim o materialista admitiria que existe uma Divindade. Não acreditamos que exista uma mente no mundo que não esteja consciente na sua consciência mais profunda da existência da Mente Suprema e da sua própria imortalidade. Não acreditamos que exista qualquer intelecto, por maior que seja, que não seja em si mesmo subtil e instintivamente consciente do seu próprio destino imortal, da aliança que tem com a Divindade e do facto de que para o espírito não existe morte.

Assim, entre os humildes, entre aqueles que não são dotados de intelecto, nem dotados de cultura, vemos tais inspirações do espírito como as que transcendem os mais altos voos do gênio e as mais nobres evoluções da mente científica. Vejam as maravilhas que não foram conseguidas pelos dons do Espírito entre os humildes! Vejam como Jesus ensinou entre aqueles que não pertenciam às escolas, e como os dons daqueles que receberam os seus ensinamentos estiveram além de tudo o que havia sido adquirido por lições naturais ou materiais! Vejam como a história da Igreja está repleta de videntes e daqueles que falaram com muitas línguas, ou redigiram as páginas da história pelo derramamento das suas vidas, e pelo influxo do Espírito.

Esses mesmos dons andam por aí no mundo de hoje; não apenas entre as mentes científicas, não apenas por entre as igrejas credenciadas e exclusivas, não apenas nas terras onde as teologias estabelecidas tomam o lugar de todas as outras religiões, mas entre aqueles que não são dotados de intelecto, que não pertencem a nenhuma religião confessional, mas que buscam o Espírito e o dom vem a eles. Muitas vezes as igrejas foram dotadas desses dons e eles foram silenciados.
O Protestantismo era em si mesmo uma manifestação espiritual. Lutero teve a visita de anjos, e Calvino possuiu o dom da inspiração; mas esses dons perderam-se no dogmatismo exclusivo da teologia moderna. A Igreja Católica Romana foi mantida viva por muitos casos bem credenciados de dons espirituais. Há muitos

sacerdotes que são continuamente dotados do dom de curar e que o usam para a alívio do sofrimento. 'Imaginação,' dizem vocês. Não terá sido fé a mão do Mestre curar aqueles que estavam mais doentes? Se, por conseguinte, a fé e a imaginação são uma só, vamos implementá-la, uma vez que proporciona uma via para fazer o bem. Dá-nos a todos imaginação, para que nos possamos elevar da argila fria e árdua.

Os dons do Espírito são diversificados. Às vezes é profecia, às vezes o dom de falar em línguas, às vezes a interpretação de línguas, às vezes a cura, às vezes o discernimento de espíritos. Quão simples! E no entanto, esses dons podem ser possuídos por todos! Os poderes dos Guardiães aliam-se a vós e, assim, vocês recebem os materiais a usar.

"Possuirei eu o dom da profecia? " ouço alguém dizer. O dom da profecia é apenas a ação de escutar o Espírito que transcende o tempo. Pensem lá nisso; para a mente não existe espaço nem tempo. Vocês não estão limitados por estas quatro paredes, vocês podem percorrer mil milhas, assim como uma só; e se isso é verdade, vocês podem prever eventos futuros, assim como o barómetro prognostica as mudanças do tempo, assim como a ciência prediz a descoberta de um novo planeta ou o reaparecimento de cometas. O espírito é dotado de profecia, mas não vem da razão ou do sentido material; vocês não podem cultivá-lo. Vocês dizem: "As premonições são capricho de mulheres velhas e nós não temos conhecimento do futuro. "

Jamais houve época importante na vida humana, que não fosse pressagiada na atmosfera do espírito, tão certo quanto as nuvens pressagiam a tempestade. Assim, sempre que uma mudança está prestes a acontecer na vossa vida, há uma advertência adequada ao vosso espírito; e se vocês conhecerem a linguagem do Espírito, vocês "poderão interpretá-la. Por vezes, vem como um sentimento opressivo de medo: fiquem, pois, certos de que a desgraça está a chegar, e que o vosso anjo da guarda está a adverti-los. Às vezes vem em sonhos, mas qualquer que seja a forma por que venha, certifiquem-se de prestar atenção à advertência, pois todas essas premonições são admitidas e, se vocês não as tiverem, vocês ir-se-ão completamente abaixo quando o dia da aflição chegar. Constitui amável permissão do Céu o facto de, por mais que vocês se encerrem na forma externa, existir algo que capacita o espírito a dar-lhes força.

"Possuirão muitos o poder de cura no mundo? " eu ouço alguns perguntarem. Sim; muitos estudiosos da Materia Medica descobrem que o toque da mão ou o som da voz fazem muito mais por aliviar o paciente do que todas as panaceias que ele possa encontrar, e isso por serem dotados do dom da cura. Muitos médicos descobriram que se eles administrarem um remédio aos seus pacientes isso não lhes trará qualquer bem, mas se eles o tomarem isso os beneficiará. Muitas são igualmente as enfermeiras que descobrem que possuem esse dom de acalmar e

aliviar os sofrimentos dos aflitos, e que são assim capazes de fazer mais pelo paciente do que o médico. Então pode ser cultivado. Se vocês acharem que, colocando a mão na cabeça do vosso amigo vocês lhe acalmam a dor, ou que vocês podem colocar uma criança que está a queixar-se a dormir, tenham certeza que vocês têm poder de cura latente. Muitos possuem esse dom e exercitam-no durante toda a vida sem terem consciência disso.

É verdade que vocês não conseguem curar toda a gente; mas todo indivíduo possui esse poder de cura em algum grau, e ele pode ser cultivado tocando com a mão aqueles que sofrem. Pelo exercício, o poder de cura chegar-lhes-á aos dedos e, aos poucos, tomará o lugar das drogas venenosas. Milhares e milhares de casos bem comprovados provam que isso foi efetivado pela visita de anjos. O Mesmerismo revelou-o um tanto, mas ainda não totalmente; na verdade, é dado a conhecer pelo sentido espiritual; é o absoluto dom do Espírito.

Depois há o dom de línguas. Muitas pessoas falam em línguas que não conhecem; e a interpretação de línguas, muitos são capazes de interpretar idiomas desconhecidos. Mas o discernimento do Espírito é o dom mais sutil, dado que os capacita - não por qualquer palavra, nem por nenhuma expressão externa, nem mesmo pelas subtilezas do intelecto: são falaciosos e enganosos; mas pelo próprio poder de ler a alma, de medir a humanidade. Não há máscara que possa ser usada para encobrir a medida do Espírito; nenhuma falsidade que possa ser ocultada pior traz de palavras doces; nenhuma inveja rancorosa pode ser ocultada por um rosto sorridente, nem o mundanismo ser velado por representações externas de piedade: o Espírito unicamente é revelado ao Espírito.

Foi isso que fez Cristo, quando a mulher foi trazida àquele a quem o mundo condenou, digamos, quando ele olhava para aqueles que clamavam: "Que aquele de entre vós que estiver sem pecado atire a primeira pedra; " e ele inclinou-se e rabiscou qualquer coisa na areia. Foi registado - mas não pela atual religião aceite - que quando ele escreveu sobre a areia ele revelou a cada um daqueles que clamavam as suas fraquezas ocultas. E qual de entre todos os mortais do mundo seria capaz de ficar "diante do olho perspicaz do Mestre e a seguir atirar uma pedra ao seu irmão ou irmã caída? Se um fraco lhes trazido, e se algum de vocês que possa discernir o Espírito puder então ser censurado, então será mais forte do que aquele que foi enviado aos humildes.

"Mas o maior de todos os dons, " resultante da doutrina de Cristo, "é a caridade" (compaixão). Embora vocês falem em línguas, tenham o dom da profecia, sejam dotado de toda a eloquência e, embora tenham o dom da cura dos enfermos, se não tiverem caridade, o maior e mais nobre dos dons - aquele espírito de perdão, aquela benevolência, aquele poder carinhoso de elevar os menos afortunados que vós - então vocês serão desprovidos da mais alta revelação do espírito de todas as

eras. Querem falar com a língua dos anjos? Então tenham caridade. Querem ter o dom da profecia? Então saibam que toda a humanidade pode ser reunida nas pregas do conhecimento e da sabedoria. Vocês querem curar os doentes? Então vocês também devem ter o desejo de curar as enfermidades espirituais.

Vocês têm instituições para surdos e cegos; vocês têm toda sorte de hospitais, que dão testemunho da grande benevolência desta maravilhosa terra; mas onde estão os vossos asilos para os moralmente cegos, para aqueles que, por defeito físico ou ignorância dos pais, nascem no pecado? Terão vocês hospitais para esses - escolas, asilos, onde eles, com bondade paciente, possam ser ensinados a aspirar às alturas do amor espiritual?

Terão vocês criado meios - todos os tipos de instrumentos que ensinem os moralmente cegos - esplêndidas invenções pelas quais eles podem aprender a ler a palavra de Deus? Terão vocês hospitais e cirurgiões para os doentes mentais - para aqueles que não podem andar sozinhos, que precisam de uma muleta aqui e uma equipe acolá? Eles são lançados ao vosso mundo com todas essas enfermidades sobre eles! Eles procuram ajuda. Eles enchem as vossas masmorras e penitenciárias; eles inflacionam os grandes índices do crime na vossa terra. Onde estarão os asilos para esses?

Oh, que o discernimento do Espírito possa levá-los a ver os meios de trazer luz a essas crianças abatidas! Possa induzi-los a tentar falar com eles! Que eles que se encontram na prisão e no cemitério possam ser tratados não como criminosos, mas como pacientes, e moralmente curados das enfermidades de que padecem. Mostrem apenas esse dom do Espírito, e em toda a vossa terra Cristã vocês falar-lhes-ão e dirão: "Vós estais curados!" Se ocorrer uma batalha entre monarcas e milhares forem mortos, imediatamente os movimentos sanitários apelarão para os benevolentes de todas as terras, e enviarão reservas, e os enfermeiros apresentar-se-ão como voluntários, e os pobres feridos são restabelecidos, com membros mutilados e corpos moribundos. Mas no campo de batalha da vida, no conflito das eras entre o homem e o seu semelhante em sociedade, onde estão as enfermeiras, os hospitais, os depósitos sanitários, onde algum irmão ou irmã caída possa ser levado e cuidado?

Ah, vocês têm dinheiro para construir templos e hospitais; vocês dispõem de riqueza material com a qual vocês procuram, dotando as instituições, pavimentar o caminho para o céu: mas no céu não existe moeda corrente, exceto a bondade. Vocês não podem subornar os anjos com a vossa moeda corrente a menos que vocês entreguem o vosso coração a Jesus, vosso Mestre.

Não podem levar Deus a crer, com todos os vossos templos, que aceitam a primeira letra deste alfabeto a menos que o vosso coração também adira, até mesmo ao menor desses transgressores. Façam por isso. Se vocês conhecerem a voz do Espírito, toda a inveja, desprezo e malícia serão varridos dos vossos corações, e se

tornarão claros e brilhantes, para que os anjos possam vir sem recear. Façam por isso.

Se quiserem apelar aos vossos entes queridos nos seus lares angélicos, se vocês criarem um habitáculo para eles no vosso seio, então orem pelos caídos, por actos e palavras de afeto: assegurem-se de que o mais elevado arcanjo no céu tenha atividade mais sublime do que assistir a alguma alma desafortunada; assegurem-se de que os vossos entes queridos empreguem cada momento do seu tempo em assistência às necessidades dos menos afortunados;

Certifiquem-se de que, com todos as dádivas e graças com que Deus tem dotado a vossa terra, com todo seu florescimento e abundância, e fartura, que não possam entrar em comunhão com os superiores e elevados até que as portas do vosso espírito tenham sido abertas para que a caridade e a bondade entrem. Então poderão sentar-se em volta das lareiras e, reunir-se junto ao altar da família, com hinos de louvor e oração, pedir ao vosso filho ou filha angélica que venha e não tenha medo. Então poderão solicitar a presença da vossa mãe angélica e pedir orientações e conselhos para as vossas obras de amor.

Então poder pedir pelo dom da cura, para que vocês possam sair por aí a ministrar saúde ao corpo e à mente. Então poderão pedir profecia, pois então não ocorrerá o menor dano. Mas, seja qual for a forma por que o Espírito venha, onde quer que ele esteja, seja qual for a lição que possa ensinar, assegurem-se de que a primeira lição do alfabeto passa por examinar a alma individual. Voltem para dentro e depois, quando tiverem varrido e limpo e purificado o vestíbulo, vão e vejam se o altar foi deixado puro e sagrado para a visita de anjos.

Qualquer que seja a expressão exterior da verdade que vier, chegará a vós através do sentido espiritual, qualquer que seja a revelação que lhes possa ser dada pelos vossos amigos que partiram, tenham a certeza de que isso por si só não será suficiente. O espírito carinhoso, a oração sincera e o desejo de beneficiar os demais, são os dons do Espírito que são imortais e imperecíveis. Eles pavimentam o caminho para a vida imortal; eles formam as pérolas nas sobrancelhas dos anjos; essas são as harpas douradas com que eles tocam; esses são os lírios brancos que eles carregam nas mãos; são o hino vivo e perfeito do coro dos anjos no céu!

* * *

“Esta crença, isenta de padres, de credos, de igrejas, de qualquer ramo de culto estabelecido ou instrutores, que penetra silenciosamente em todos os caminhos da vida, e perfura toda a área da ciência, da literatura, da religião, está destinada a ser a religião do futuro.”

“A religião do Espiritualismo inclui tudo o que diz respeito à natureza espiritual do homem, aqui e na vida futura; inclui tudo o que pode promover o crescimento dessa natureza espiritual, aqui e na vida futura, e estabelece a fundação desse crescimento, não com base na crença externa, na especulação, no credo ou algo que o homem exterior possa fazer, mas sobre o crescimento do próprio espírito, com base na revindicação de que o espírito tem um lugar no universo infinito. Por mais pequeno que seja, diminuto na comparação com a Alma Infinita, um lugar no universo espiritual que toda alma deve reivindicar, e tendo um lugar, tem todos os direitos, todos os privilégios, todas as possibilidades de toda outra alma.

“Com uma base destas, a religião do Espiritualismo inclui todas as religiões, admite tudo, questiona tudo, e deixa tudo despojado da mera exterioridade, desnudando a alma do culto humano para a contemplação da alma do homem. Com uma interpretação destas, a religião do Espiritualismo torna-se o poder abrangente, controlador e absorvente da natureza espiritual que habita a alma do homem.”

Theodore Parker, falando sobre o Espiritualismo

O ESPÍRITO HUMANO INDIVIDUAL

Uma oração deita pela Sra. Cora LV Tappan, no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de domingo, 26 de outubro de 1873. O público deliberou que o tema deveria ser deixado ao critério dos espíritos controladores.

O Espírito Humano Individual: a segunda letra do alfabeto espiritual. No domingo passado nós apresentamos como tema a primeira letra do alfabeto espiritual, em que o Espírito Divino, a sua existência, o poder que tem sobre os mortais, e a relação do espírito humano com o divino, foram retratados. Essa foi a primeira letra do alfabeto. Esta noite chegamos à segunda letra, que é o espírito humano individual, encarnado e desencarnado, e a relação que o desencarnado tem com o espírito incorporado.

Conforme dissemos no passado domingo à noite, não existe qualquer prova intelectual da imortalidade. Não é uma questão do intelecto humano; é que não diz respeito à esfera da razão humana: não existe nenhuma das aplicações da mente que se entregue à especulação das questões externas que diga respeito ao reino do espírito - seja a mente encarnada ou incorporada. É única e exclusivamente uma questão de investigação espiritual.

Portanto, quando o ateu, o infiel e o materialista vierem e disserem: “Onde estão as provas da imortalidade?” Dizemos: “Não há provas para o intelecto; mas as provas para o espírito são abundantes e muitas. " Essa evidência está na consciência do próprio espírito humano: só isso satisfaz; só isso é prova - a aspiração absoluta, inegável, positiva e saudosa pela certeza da vida imortal. Não é nada que possa advir do conhecimento; mas algo que precisa ser inato. Não é nada que seja

resultado de trabalho, do trabalho ou da luta intelectual: é inato. Porque nós acreditamos que a verdadeira interpretação do relato bíblico da criação, de que Deus fez o homem à sua própria imagem, refere a parte espiritual do homem; que a imagem de Deus se encontra dentro do espírito humano; e é isso que lhe dá a imortalidade, e é isso que o liga à mente eterna.

Agora, conforme dissemos, a ciência espiritual revela não a imortalidade, mas uma forma contínua de existência para o espírito desencarnado. Quando a mente que se encontra agora encerrada no corpo físico deixa de habitar esse corpo, a ciência espiritual revela que ela passa para outro estado de existência compatível com o espírito, e que num estado tão avançado quanto aquele em que deixa a Terra - nem mais, nem menos; que não mergulha instantaneamente num abismo de trevas, pois nenhum espírito humano é inteiramente sombrio; nem é imediatamente transplantado para reinos de luz e conhecimento absolutos, pois nenhum espírito se encontra inteiramente livre da mácula terrena; que, como Jesus disse aos seus discípulos quando estava prestes a deixá-los: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu ter-lhes-ia dito: " mostrando que, na conceção que tinha do estado futuro, ele entendera prontamente que nem todos podiam ocupar a mesma posição e que as "muitas mansões" habitadas por aqueles que haviam entrado na vida espiritual se encontravam adaptadas à sua condição.

O Espiritualismo, como é denominado hoje, revelou à consciência exterior os métodos pelos quais a mente encarnada e desencarnada podem conversar em conjunto. O vosso espírito humano individual é uma substância primordial consciente, unitária e consciente. Não pode ser composto; se assim fosse, em algum momento seria dissolvido. Não pode ser composto de mente e matéria, pois, se assim fosse, haveria um termo assim que as suas partes componentes fossem dissolvidas, e então o espírito decompor-se-ia.

Não pode ser formado por nenhum processo mental nem resultar do desenvolvimento da organização; se assim fosse, quando o organismo perecesse, o espírito também pereceria. É em si mesmo um princípio primordial, absoluto que existe por si só, ou que existe com base na Mente Divina; consequentemente, imortal na sua substância e natureza, não possuindo nenhum dos atributos da matéria, nem estando relacionado com a matéria exceto pelo poder que tem de a governar e a controlar; daí que, quando a mente habita o corpo material empresta a esse corpo forma, contornos, cor, sensação - todos os atributos do ser; sem ela, vocês podem fazer um homem de bronze ou argila e chamar-lhe ser humano.

Chegou mesmo a ser ousado pelos cientistas cogitar que chegará um momento em que uma réplica exata do organismo humano poderá ser formada, e o sopro da vida artificialmente insuflado nele: tal criação, no entanto, não seria um ser humano. O espírito precisa preceder a forma, assim como o germe precede o trigo ou o fruto da época da colheita: se vocês não tiverem a semente para semear, o

germe para plantar, não poderão esperar consecução; assim, se não existisse um espírito a habitar cada um dos vossos corpos, vocês não conseguiriam entender uma palavra do que dizemos; o nosso enunciado cairia sobre pedra ou mármore, e na vossa mente não haveria qualquer resposta. Esse espírito é aquilo que confere inteligência às vossas mentes; é aquilo que faz com que o cérebro desempenhe as suas funções; e se vocês tirarem do cérebro humano - do organismo humano - essa centelha da vida divina, nada mais lhes restará além de músculos, ossos e tendões sem vida, que retornam à terra de onde vieram, e novamente se tornam partes componentes de outros organismos materiais. Porém o espírito - aquilo que reage ao nosso enunciado; aquilo que habita o corpo e o reveste com graça ou deformidade; aquilo que leva a que a mente seja adornada com inteligência ou ande às apalpadelas na ignorância - essa é a parte viva e imortal - a segunda letra do alfabeto espiritual.

Portanto, quando essa parte imortal deixa de habitar o corpo material, ele fica morto; então, deixa de pensar, respirar, agir, viver e amar, como acontece agora. E apesar de toda a revelação religiosa que nós dizemos revelar a vida imortal - apesar da ciência material - o mundo caiu na inércia e na infidelidade, na dúvida e no ceticismo, na questão singular da sua existência detetada para além do túmulo. Aqueles que veem com o olho da fé, e aguardam o alvorecer da ressurreição para encontrar os seus entes queridos, têm algo para atravessar o abismo da morte. Mas aqueles que não têm este consolo constituem a maioria, até mesmo nos países cristãos, por a maioria dos habitantes de qualquer nação não serem membros da igreja, não acreditarem nas revelações de qualquer Igreja, não se apegam a nenhum dos credos estabelecidos e acha-se à deriva sobre o grande mar da infidelidade.

Eles duvidam da existência de um estado futuro, e dizem, se lhes falarem sobre a questão: "Nós não nos incomodamos com essas coisas; deixamos que o outro mundo cuide de si próprio - já temos bem o que fazer neste. " A mais perniciosa das ideias religiosas modernas é aquela forma de religião que ignora a parte espiritual do homem - que ignora o desejo de inspiração e comunhão com seres espirituais, e que aconselha a humanidade a dedicar-se absoluta e exclusivamente àquilo que diz respeito ao seu bem-estar material, por ser a mais destituída de alma.

Deem-nos, em vez disso, a idolatria do brâmane, ofereçam-nos qualquer forma de adoração em vez da veneração intelectual e refinada daquele que clama hoje, que, afirmando ser liberal, tem lugar para tudo o mais na sua plataforma, exceto a espiritualidade do ser humano! Esses são denominados Radicais e Livres-Pensadores, mais as suas formas religião liberal do pensamento: eles, sem dúvida, têm o seu trabalho no mundo; mas enquanto estrangulam a natureza espiritual e produzem belos ensaios sobre a cultura intelectual do homem, o espírito permanece lívido e horrorizado, a pedir por qualquer sinal de vida que possa voltá-lo para o Ser Infinito.

Deem-nos em vez disso a idolatria cega do culto Católico, que acata as palavras do padre como infalíveis, que se curva ante um simples santuário sem sentido, e acredita em tudo, porque acreditando em tudo vocês estão certos de encontrar algo verdadeiro; em vez disso, deem-nos a adoração acorrentada que aceita cegamente somente com base na fé qualquer crença na origem divina da alma, de preferência a esse intelectualismo subtil que inverte o processo espiritual e torna o homem o agente consciente de si do materialismo neste mundo.

Tal é a tendência do pensamento moderno; daí que a maioria dos Cristãos liberais vagueie por um mar que beira a dúvida e a incerteza absolutas; mais do que isso, ouvimos dizer do púlpito que havia a "esperança da imortalidade do homem. " Ah, mas se existe a certeza perfeita! Mas sem essa certeza todas as formas de expressão entre a mente e a mente não passam de escárnio; vocês usam uma máscara uns para com os outros; vocês são meros autómatos ambulantes, dotados, é verdade, de inteligência, mas de uma inteligência que o primeiro sopro de ar pode dispersar; de modo que quando a morte chegar, vocês não terão nada que mostre por todo o vosso esplendor.

Este espírito, esta inteligência divina, esta faísca latente exige algo mais do que um excelente intelectualismo; exige uma vida real, viva; exige que entre o homem e o homem, aqui na terra, haja algo mais do que esse refinamento da cultura intelectual - que haja uma consciência do espírito, de modo que vocês não precisem enfrentar-se uns aos outros como estranhos e passar uns pelos outros de forma insensível, mas como irmãos, cada um detentor de uma centelha do Divino dentro nas vossas mentes.

Ralph Waldo Emerson disse certa vez num discurso que fez sobre a imortalidade, com respeito às massas, que seriam necessárias mil vidas para formar uma alma imortal. Quem lhe atribuiu o poder de decidir? A centelha imortal acha-se presente. Jesus escolheu dentre os humildes aqueles que viriam a ser os seus seguidores; e entre todos os habitantes da terra não há nenhum - nem mesmo o menor desses mais pequenos - que não pertença ao reino do Pai celestial. Não; o intelecto não torna a alma imortal; e quando os vossos amigos saírem do vosso lado, estejam certos que, por mais humildes que eles tenham sido na esfera da grandeza e da cultura intelectual, que o amor que os ligava a vós e a ideia que os tornou vossos, assim como a aspiração que os alça para cima - essa é a sua imortalidade, essa é a evidência da sua contínua existência.

O materialista diz: "Podemos passar muito bem sem os teus espíritos. Se eles existirem, bem, e daí? " Se vocês excluíssem a atmosfera do vosso aposento, se nenhum oxigénio fresco pudesse entrar, na realidade a sala ficaria cheia de gás carbónico, e em menos de cinco minutos os vossos corpos deixariam de respirar. Assim, se vocês excluírem a atmosfera espiritual da Terra e não admitirem qualquer comunhão, aspiração, oração, nem consciência do Divino, você tornam-se

espiritualmente mortos. Não, não fora pela própria presença e tutela daqueles que têm permissão para ser mensageiros de Deus para vós, a vossa existência espiritual pareceria toda obscura e vaporosa, e vocês não conseguiriam respirar na mente ou espírito; pois vocês dependem dessa atmosfera espiritual para a vossa vida mental, a vossa vida espiritual e as vossas aspirações constantes e diárias, assim como estão dependentes da atmosfera externa para a respiração física.

Duvide quem quiser; mas se vocês tiverem assistido toda a vossa vida ao curso da vossa mente individual, sabem que sem a força de sustentação - o poder consciente que vem do Divino e através dos mensageiros divinos até vós - vocês não poderiam viver; vocês afundariam imediatamente no lamaçal do desânimo; vocês sentiriam que não havia esperança, nem vida, nem imortalidade.

Agora, conforme dissemos, a ciência espiritual moderna revela o elo de ligação entre o espírito humano distinto que habita o corpo e os espíritos humanos distintos que passaram para o além. E nisso afirma ser uma ciência: nos métodos da comunhão, mas não no facto da comunhão. Ainda assim, os métodos de comunhão não são novos; é um erro supor que eles sejam inteira e absolutamente novos para a mente humana; pois vocês precisam saber que, em todas as eras, esses mensageiros ou habitantes do mundo espiritual têm transmitido mensagens de comunicação aos habitantes da Terra. Acha-se mais que uma vez revelado nas antigas escrituras que os anjos apareceram a transmitir mensagens.

Também é revelado no Novo Testamento com frequência; e quando Cristo esteve no monte da tentação, os anjos apareceram-lhe; da mesma forma quando João esteve na ilha de Patmos, e viu os espíritos que vieram a ele, ele teria caído a seus pés a adorá-los, mas eles disseram: "Vê que não o faças; por sermos vossos irmãos, os profetas"; e esses e outros exemplos levam todos os crentes na Bíblia Cristã a aceitar todas essas visitações antigas. "Mas, " dizem eles, "essas visitas já cessaram". Não é verdade; na Igreja Católica Romana, supõe-se que todo santo canonizado tenha sido instrumento na visita angélica; e é por isso que o poder da Igreja Católica não se desvaneceu. A Igreja Protestante também foi o meio de visita angélica: Calvino não hesitou em receber inspirações espirituais, e Lutero recebeu em privado visitas de anjos - alguns esplendorosos, e outros bem diferentes, em quem ele jogou o seu pote de tinta.

Ele supôs que fosse sua Majestade Satânica, mas poderia ter sido um ser humano coberto pela escuridão. Assim, ao longo da história da Igreja Protestante, existiram diversas denominações, ou ramificações da Igreja Protestante, que incorporaram nas suas crenças a tutela dos anjos; e muitos dos bons e velhos hinos afirmam absoluta e distintamente a crença na presença desses seres angélicos. É verdade que eles divergem quanto a esses seres, mas todos eles são espíritos ministradores. Agora o Espiritualismo entra em cena, não para o crente, mas para o incrédulo. Tão logo se admite haver uma vasta maioria de incrédulos na Cristandade que

questionam a existência da alma e duvidam da sua própria imortalidade, o Espiritualismo trouxe à sua consciência o facto de que as suas almas são imortais; que os espíritos que supunham estar mortos não estão mortos, mas vivos; que podem, sob certas circunstâncias, manter comunhão com eles; que esses amigos são seus guias assistentes e auxiliares, e que muitas vezes em horas de adversidade e perigo esses males são afastados pela intervenção de espíritos guardiões, e que sempre, se derem ouvidos à voz deles, os aconselharão e advertirão, embora não os obriguem.

Certifiquem-se de que os espíritos não reivindiquem infalibilidade; estejam certos de nenhum espírito individual possuir um conhecimento infinito. Não é dado ao mortal, tão logo ele retira as vestes da carne exterior, tornar-se ao mesmo tempo infinito no conhecimento. Certifiquem-se de que eles não reivindicam isso, mas apenas aquele grau adicional de conhecimento que lhes é dado por terem passado pelo que é chamado de morte; um maior alcance da visão, num âmbito mais nobre e elevado, maiores oportunidades, liberdade porventura da tentação - todas essas coisas que eles têm; mas nenhum espírito humano é instantaneamente transportado para o conhecimento absoluto, infinito e omnipotente. Quando vocês buscam, pois, a comunhão dos espíritos, tenham em mente não se privam daquela comunhão mais estreita e mais elevada com a Mente Divina.

Não tem nada a ver com isso; não suponham, pois, que o espírito guardião ou mensageiro angélico deva tomar o lugar da vossa própria consciência e razão individual. Antes pelo contrário, todo espírito sábio nega claramente o conhecimento absoluto, mas diz: "Gozamos apenas das oportunidades que nos são proporcionadas pela nossa visão limitada"; pois até mesmo na visão da vida espiritual a visão é limitada pelo conhecimento; e se eles não tiverem o conhecimento - se não lhes for dado - como eles podem ensiná-los com respeito àqueles assuntos misteriosos que se encontram tanto mais além?

A vossa mãe e o vosso pai, a quem vocês se acostumaram a ir em busca de conselho e orientação na terra, ainda têm permissão para estar por perto de vós - talvez sejam os vossos espíritos guardiães, embora nem sempre - ainda têm permissão para os visitar; e se vocês procurarem o seu conselho e orientação, eles darão um conselho e uma orientação como os pais fariam. Mas eles não são, evidentemente, infalíveis; o seu conselho é apenas o discernimento do espírito desencarnado, livre das amarras externas do tempo e dos sentidos e, em algum grau, iniciados nas maravilhosas regiões do espírito, da mente e do pensamento.

Embora o vosso filho tenha deixado o vosso lado, e vocês tenham depositado os seus restos na urna cuidadosamente guardada, estejam certos de que o mesmo amor que os uniu não era do corpo, mas do espírito, e que se vocês procurarem um meio de comunicação, uma presença doce e gentil responder-lhes-á, e essa presença dir-lhes-á muitas coisas que vocês não conheciam. Ainda assim, não pretendem saber tudo o que existe na região da grande vida futura; porque há

anjos e arcanjos, querubins e serafins - mais velhos do que tempo! - que lhes poderiam ensinar lições de infinita profundidade e sabedoria, mas vocês ainda não estão prontos para eles. O espírito individual e a capacidade que tem de conversar com os seus entes queridos constitui a segunda letra do alfabeto espiritual; mas quando vocês entram na sua investigação, abre de imediato um amplo e ilimitado campo de pensamento.

Vocês não podem encará-lo de ânimo-leve, não como passatempo do momento, nem simplesmente por curiosidade, a fim de agradar a um amigo; mas se, por uma convicção interior, vocês desejarem saber cada mais daquilo que diz respeito ao espírito, tenham certeza de que, ao fazê-lo, assumem um fardo que não podem carregar com leviandade, pois exigir a mais íntima investigação e pensamento da vossa parte, um escrutínio cuidadoso, uma oração e esforço constante por encontrar a verdade, uma vez que as dificuldades que afligem o discernimento do espírito são numerosas. Pois embora os espíritos tenham um organismo dotado de forma semelhante ao vosso, ele é formado por uma substância diferente, e não é tangível e material como o vosso, de modo que entre o espírito que comunga e a vossa própria mente deve haver alguma via, algum canal por que possa alcançar a vossa inteligência.

Quando os vossos amigos se encontram num outro continente, ou numa terra distante, você servem-se dos meios que lhe são dados para lhes remeter cartas e, em casos de emergência, adotam a ligeireza do vosso moço de recados e enviam uma mensagem num piscar de olhos através do telegrama. Agora, os médiuns espirituais são simplesmente os portadores de notícias para o mundo espiritual, mas por vezes as vossas cartas podem extraviar-se, e às vezes vocês são suscetíveis a ser enganados. Assim, uma vez mais, é muito provável que possam chegar mensagens enganosas, pois há espíritos que enviam falsas comunicações. Experimentem os espíritos, esse é o seu único caminho.

Testem-nos por todos os meios que encontrem, todas as faculdades do vosso intelecto; e se a mensagem apelar ao vosso coração e espírito, não sejam demasiado capciosos quanto às suas palavras; pois se Franklin desejar enviar uma mensagem à vossa terra, e ele se apossar de um meio adequado, não é provável que ele possa mudar a ortografia do médium apenas por causa das belles lettres dele - vocês não devem esperar isso. Se a mensagem lhes apelar à consciência, mas acima de tudo ao vosso espírito, certifiquem-se de que vem da fonte certa, mesmo que não venha na elegante quirografia do vosso falecido amigo, pois, lembrem-se, os instrumentos dos espíritos são muitas vezes iletrados, desconhecedores.

Você pode exclamar: Por que isso acontece? Por que não poderão eles escolher os seus médiuns da nossa Igreja ou de entre os nossos amigos? Foi dito antigamente que Cristo não pôde realizar muitos milagres entre o seu próprio povo por causa da sua incredulidade. Isso pode aplicar-se ao caso; por as instituições e as igrejas

estarem certamente fechadas contra a comunhão dos espíritos; de modo que os espíritos são compelidos a buscar as vias de comunicação que lhes estiverem abertas.

Muitas vezes eles são obrigados a ir a uma aldeia obscura, longe dos centros de civilização, a fim de encontrar um médium de comunicação. "Mas por que eles precisam de médiuns? " perguntam alguns; "Por que eles não vêm diretamente a nós? " Se vocês se situarem numa casa parada, fecharem todas as portas e janelas, as trancarem com cuidado, barrarem as persianas e, em seguida, perguntarem por que os vossos amigos não vêm vê-los, vocês ficarão surpreendidos se eles não vierem? Não deve reinar surpresa entre os povos da terra por eles não virem.

Ora bem, muitas pessoas fecharam as suas mentes - fecharam todas as vias possíveis; e às vezes também reina um pouco de dureza na organização (corpo) que não pode ser superada - não é uma questão de vontade e de volição, mas simplesmente de organização externa que vocês não podem governar e controlar. Agora os espíritos exigem alguma pessoa que seja negativa em relação eles, a fim de se adaptarem ao seu controlo. É o resultado do organismo e não pode ser cultivado nas escolas; precisa ser passível ao controlo espiritual; e quando o espírito deseja tornar a sua presença tangível - como, por exemplo, produzir sons físicos - o médium precisa ter uma certa organização que libere uma aura ou atmosfera suficientemente tangível para o espírito usar, e que não tem nada a ver com cultura, posição moral, visões religiosas ou qualquer outra coisa que não seja a organização física.

Agora, sempre que um espírito puder encontrar tal pessoa assim e estiver desejoso de se comunicar, ele o fará; e se vocês não gostarem do instrumento, isso não poderá ser evitado. Todas as pessoas, porém, possuem o dom da mediunidade. No caso de alguns, não passa de um conhecimento consciente indefinido da presença de espíritos; no de outros, é o dom de ver os espíritos; e muitas crianças declaram que veem espíritos, só que esse conhecimento e essa visão vêm gradualmente; a comunhão dá-lhes força. Ignorem a faculdade e nunca façam uso dela, e ela se sofrerá um amortecimento. É como colocar uma pessoa no escuro e depois esperar que os seus olhos sejam fortes. Se, na infância, uma criança for colocada num quarto escuro e nunca puder ver a luz do sol, a sua visão provavelmente tornar-se-á demasiado débil; mas se os seus olhos gradualmente se acostumarem à luz, isso resultará numa boa visão.

Portanto, se alguém apresentar visão espiritual na infância, e olhar para cima de uma forma maravilhosa, como as crianças às vezes fazem, certifiquem-se de não fechar a porta da vida e à exploração da ideia, mas de que encorajam a faculdade. Certifiquem-se, no entanto, de não conceder liberdade à imaginação da criança; mas questionem-na quanto ao que realmente vê, e em breve a visão espiritual revelará ao vosso olhar o guardião da criança e os seus amigos.

Algumas pessoas podem tornar-se potentes médiuns de escrita ou fala, mas esses dons não podem ser desenvolvidos a uma só vez. Uma pessoa acostumada a um emprego sedentário não pode, de imediato, pegar no martelo de um ferreiro negro e empunhá-lo com força: assim, aqueles de vós que não tiverem cultivado o seu dom espiritual não podem começar a usá-lo imediatamente; precisam fazê-lo gradualmente, pela cultura e encorajamento, salvo quando, em alguns casos excepcionais, as pessoas nascerem com organizações (organismos) peculiarmente adaptadas. Então, de facto, como no caso de muitos dos médiuns que têm entre vós, como no caso da médium que têm diante de vós, eles serão criados desde a infância sob o cuidado e orientação dos anjos da guarda para comunicar e proferir discursos da parte dos espíritos que partiram.

Mas podeis todos reunir-vos em torno dos vossos altares e serões, e cada qual na posse de algum dom poderá manter comunhão com aqueles que permanecerem invisíveis à vossa visão, mas presentes ao vosso espírito. Às vezes a vossa mão poderá ser levada a escrever; uma estranha frieza se apoderará disso. Deixem que aconteça; pode não compor palavras de uma só vez, mas aos poucos serão escritas palavras que não têm origem na vossa mente; então será estabelecida uma conversa inteligente, e vocês perceberão clara e distintamente a presença do espírito de comunhão.

Em muitos aspetos, os poderes do espírito são empregados para beneficiar a humanidade. Assim, na forma de curar os doentes; muitas pessoas sem nenhum conhecimento da Materia Medica, ou da ciência das escolas, são levadas a tratar as doenças da maneira mais hábil e bem-sucedida. Esses são denominados charlatões pelo praticante profissional; mas não nos esqueçamos que o charlatanismo não existe apenas fora dos limites da Matéria Médica, nem nos esqueçamos de que todo novo sistema foi denunciado pelo que o tiver precedido. A maneira de tornar a mediunidade de bom gosto é desenvolver alguma nova verdade. Atualmente é considerado como nada; mas se além do Espiritualismo vocês descobrissem uma nova verdade, então a mediunidade seria reconhecida como verdadeira.

Nos dias de mesmerismo, isso era explicado pelo magnetismo; e quando a clarividência surgiu, “Oh,” disse o mundo, “é sem dúvida nenhuma o mesmerismo. ” Assim, quando o Espiritualismo surgiu, as mesmas pessoas estavam preparadas para acreditar na clarividência e encontrar nela uma explicação do Espiritualismo. Façam surgir mais alguma coisa e o Espiritualismo irá explicar tudo. Agora, esses dons espirituais e essa comunhão entre o outro mundo e o vosso não são apenas transitórios. "Mas, " é frequentemente questionado, "suponham que seja verdade, que bem lhes trará? doe que qual benefício será para a humanidade? "Não é dado aos seres humanos determinar o bem que é o sol brilhar, existir o ar, ou porque todas as outras verdades palpáveis e ditas de existência independente existem no

mundo e parece-nos que a maneira justa de investigação científica é perguntar: Existe? Será um facto?

O bem que isso lhes fará depende inteiramente da maneira pela qual vocês o recebem. O sol brilha: se vocês não optarem por aproveitar a sua luz, o sol e o seu autor não serão responsáveis. Agora, existem milhões de seres humanos a quem o benefício da conversa com os espíritos seria uma bênção inestimável. Pode não contribuir para a mente popular, a mente científica; mas seria um conforto e uma bênção - uma fonte constante de prazer. Conhecemos muitos corações que caíram no desespero e mergulharam num estado de profunda melancolia, por causa da morte de amigos amados.

Ensina que não há morte, e se esse não for o maior benefício que poderia ser concedido à humanidade, gostaríamos que vocês apontassem um maior. Como o mundo existe hoje, existiu durante muitos milhares de anos: o único monstro gigantesco é a morte; a sepultura é o fim da expectativa terrena; espera que tudo desapareça e caia e vacile, e pereça no túmulo; o rei fica pálido, o pai de cabelo grisalho treme quando os seus pés se aproximam do túmulo.

O seu único ponto de alívio reside na fé e na inspiração; e mesmo isso, por vezes, não satisfaz, porque eles vacilam quando os pés se aproximam do estreito lar, e quando o ente querido é sepultado. Requer uma longa linha de fé para se estender àquele longínquo céu e àquele tempo distante em que o ser amado será restaurado. Mas se a ponte não for tão estreita - se o desfiladeiro a ser atravessado não for tão largo, se o abismo não for tão profundo e largo como foi apresentado, se a linha da vida não for rompida, mas continuada - isto será certamente a maior bênção. Não mais terror, não mais encolhimento, não mais palidez e tremores! A sepultura perde o seu poder; a morte é privada da sua picada pela própria evidência de que os que partiram se façam presentes justamente pela porta aberta, afastados apenas um passo, ou melhor, no vosso próprio seio de vocês mesmos, se ao menos quiserem ouvi-los e vê-los.

Não sabemos o que pensam aqueles que perguntam que bem o Espiritualismo fez ou pode fazer; mas sabemos que pavimentou o caminho para a presença de anjos em muitos lugares inesperados e em muitos momentos inesperados. Sabemos que o ministro do seu púlpito, mais frequentemente agora do que anteriormente, em resposta ao sopro que parece andar no ar, diz:

“O vosso amigo não está morto; ele só sumiu da vista, entrou numa outra sala, e mesmo agora pode ter permissão para ouvir a vossa conversa. " E isso não da parte de um defensor do Espiritualismo.

Ele está a entrar na vossa literatura e comanda tudo com o elemento da presença de anjos da guarda. Os vossos poetas descreveram as suas belezas; o vosso próprio Laureado (Tennyson) imaginou, no seu "In Memoriam, " a presença de anjos da guarda. Assim, nas diversas formas de literatura, emprestou um novo charme aos versos do poeta e à prosa do escritor inspirado. Ele percorreu os vários laboratórios do saber e desafiou o homem científico ante a sua experimenta crucis descobrir, se ele puder, o germe pelo qual outra força subtil que não a do espírito essas manifestações podem ser produzidas.

Não, fez mais que isso; reavivou e renovou no homem a fé na presença viva do Pai; a Divindade distante, fria não o satisfaria; mas quando o Seu amor é trazido cada vez mais perto da presença daqueles que comungam com os anjos, forma uma outra cadeia de luz dourada, ligando-o ao Infinito. É a bênção do Espiritualismo que ainda está na sua infância; É uma grande bênção, porque muitas das cruezas de suas formas de manifestação, muitas coisas que são proferidas pelos seus defensores professos, podem ser suavizadas e gastas com o tempo.

Toda nova verdade deve vir ao mundo como uma espada de dois gumes: deve cortar dos dois lados - no deserto da exploração, e na escuridão do preconceito. Deve ter ângulos pontiagudos e aguçados para que possa conquistar uma audiência. Mas quando ela toma o seu lugar no mundo, e é reconhecida como apropriada e respeitável, então esses ângulos se tornam arredondados e desgastados. É em todos os sentidos uma bênção existente à lareira. É verdade que muitas das teorias e muitas das filosofias avançadas estão totalmente em desacordo com as ensinadas no mundo e aceites pela maioria das pessoas religiosas e científicas; e é uma grande bênção para a iluminação moderna que não exista mais uma Inquisição - que não haja mais pessoas crucificadas pela opinião, exceto sobre o altar da opinião pública, embora esse meio de tortura seja às vezes mais difícil.

Ainda assim, não existe uma Inquisição literal; não há estaca alguma que aguarde alguém que ouse avançar uma nova verdade. Galileu na sua masmorra, Sócrates na sua cela, predisseram as verdades que o mundo agora defende. Assim, o homem ousado e corajoso que se atreve a explorar o reino da verdade espiritual e penetra além da sepultura e da morte, obtém destemidamente conselho dos espíritos de grandes e sábios e bons homens; ele pode não ser apedrejado e crucificado, mas ele é perseguido com os dardos e as flechas da inveja e da malignidade.

Graças, porém, à iluminação da presente geração, esses não podem ser mortos. Se, por conseguinte, uma mensagem gentil ou uma palavra amorosa lhes saudarem os ouvidos provenientes de alguma fonte desconhecida e alguma voz distante, não a ponham de lado por nunca a terem escutado antes; mas ouçam-na e vejam se não lhes traz uma mensagem de amor - uma voz do além daquela tumba que tem sido tão escura e fria e terrível para vós. E quando a corrente da vida individual estiver completa - quando é realmente estabelecido e entendido entre os mortais que não

há interrupção dessa cadeia, será tão comum para vocês manter comunhão com os amigos que partiram, como mandar uma carta ou mensagem a alguém ausente; ou melhor, será bastante comum você vê-los andar ao vosso lado, e vocês manterem uma conversa agradável com algum espírito guardião, mesmo no seio da humanidade.

Aparecerão rostos, formas caminharão ao vosso lado, uma nova atmosfera cercará a Terra e, como antigamente, os anjos ascenderão e descerão, e não haverá mais medo. Vocês não terão medo: os rostos não serão estranhos, mas familiares; as mãos serão mãos amorosas e as formas serão as que vocês amam.
Eles estarão junto aos vossos altares e lareiras, permanecerão nos vossos concelhos, ajudarão na grande obra de levar adiante os governos da terra para um tempo de paz.

Eles que são grandes e sensatos e bons encontram-se agora sentados nos concelhos do amor e vida imortal, muito acima da vossa visão, aproximar-se-ão então, e os vossos governantes serão guiados, os vossos estadistas inspirados, os vossos líderes instruídos, o povo voltado para os grandes propósitos do governo humano e da lei humana, sem a pavorosa arbitrariedade da espada. Todas as vozes dos anjos serão mais potentes do que a voz do favor; a justiça tomará o lugar do poder; e a lei da bondade e do amor, ensinada pela justiça, tornar-se-á finalmente a glória permanente e coroada da vossa terra!

AS FRATERNIDADES DAS ALMAS DESINCORPORADAS

Pelo espírito de William Ellery Channing, através da mediunidade de Cora Tappan

O tema que elegi para esta noite está relacionado com a Fraternidade de Espíritos Associados na Vida do Espírito.

O texto que lhes recomendaria é: “Um novo mandamento lhes dou, que se amem uns aos outros. ”

A perceção da existência espiritual é uma coisa; a existência da vida além da morte é outra completamente diferente. Há muitos indivíduos que existem após o falecimento do corpo; mas há muitíssimos que não percebem a existência espiritual, muito embora vivam para além da morte do corpo. Se eu for a Chicago com a ideia assente em obras de arte, visitarei aqueles locais onde haja obras de arte, e verei muito pouco do que o mundo superficial possa ter a oferecer-me; só perceberei aquelas coisas de que andar em busca, e não poderia, por mais que me esforçasse, dizer do que se passe, nem determinar por forma nenhuma o último escândalo da sociedade moderna.

Se um homem enternecido pela mera diversão visitar Florença ou Roma, dificilmente se sentirá interessado naqueles magníficos trabalhos de arte que forma a base de interesse do estudante e do intelectual, e provavelmente achará as cidades insípidas e embotadas, meramente por não

conseguir ver nada numa torre ou abóbada ou em certas paredes de imagens que se adeque aos seus avançados gostos.

Nós vemos com a nossa mente e a condição dos nossos espíritos; decerto não por forma nenhuma em nenhum sentido elevado com a nossa vista externa ou a perceção dos nossos corpos. E assim, o mundo espiritual, estando mais próximo de ser um mundo da condição do espírito, é inteiramente um mundo de perceção. A condição de todo espírito depende do grau dessa perceção. Sendo o ambiente circundante menos arbitrário do que aquele da substância material, a própria substância externa é suscetível a outras leis do que aquelas que governam a matéria na terra, verão que cada espírito descreve o mundo do espírito em que ele ou ela entra como estando precisamente de acordo com a mais elevada ideia que ele ou ela tenha do céu, ou antes, da perceção.

Eu tive certa vez ocasião de perguntar a um conterrâneo no Massachusetts qual a ideia que fazia do céu. Ele respondeu que tivera um sonho, certa vez - que tinha falecido e ido para o céu; e ao se abeirar de uma grande casa vermelha, que lhe pareceu representar a perfeição da arquitetura e do gosto, ele perguntou pelo dono. Tudo em relação à casa era espaçoso, e arranjado em estrito acordo com a mansão de um antigo fazendeiro.

Ele foi informado que o dono se encontrava nas terras. Viu amplos acres de cultivo e frutos a crescer em profusão, grão e todo o género de produtos no auge do crescimento. Logo viu um homem de grande estatura (que lhe poderia ter parecido um gigante não fora ele tão bem proporcionado) a vir na sua direção; a sensação que teve levou-o a interpretá-lo como sendo Deus, pelo que, em abjeto medo, curvou-se numa vénia diante desse homem de estatura gigante, sem lhe dar a conhecer a incumbência que poderia carregar, e despertou com plena consciência de ter visitado o céu e visto a Deus.

Vi outros homens de mais vasta cultura e ideias grandiosas que tinham a sua imagem do céu tão proveniente das suas mentes quanto esse homem. Quer se trate de um trono de alabastro ou de paredes de bronze e portões de pérola, ruas pavimentadas a ouro e leite e mel a escorrer, ou, de acordo com os Muçulmanos, um jardim do paraíso, onde a (...) ou a Húris (Virgem Prometida) exuberante que esbanje todo o tipo de agrados com o feliz e liberto Muçulmano não importa; o céu ideal será conforme a perceção espiritual de um indivíduo, e sem dúvida que ele entrará no estado para que melhor estiver qualificado.

Não obstante há um céu para os que têm predileção por cachorros; com toda a probabilidade ele entrará numa condição de existência espiritual em que a sua mente ainda esteja em simpatia com os encantos e atividades prévias. Porém, há um céu para o devoto mais elevado que consagra as suas imagens na forma externa e venera por ritos sacerdotais e ao redor de altares brasonados com emblemas de veneração externa.

O céu em que eu entrei foi o que esteve nos lábios mais recentemente enquanto ser humano, o amor pelo meu semelhante. Creio poder dizer que jamais tinha

acalentado - pelo menos não tenho recordação de acalentar sentimento algum de má vontade para com qualquer ser humano. Creio que o esforço que empreendi na vida, na medida do possível, foi por expressar essa boa vontade, e se alguma vez me indignei, foi pela falta de expressão de boa vontade entre os homens, e não para com os indivíduos que tenham fracassado nessa expressão. Se alguma vez clamei contra o erro, não contra o malfeitor; se alguma vez considerei os seres humanos dignos de castigo, foi somente o castigo brando daquele amor que ardia mais do que o fogo, e flagelava mais do que uma vergasta.

Na vida espiritual, pois, eu encontrava-me preparado para entrar na abóboda do amor. Não senti nunca o temor de Deus no meu espírito; não tinha qualquer ideia de ira, nem de castigo vingativo; não abrigava qualquer terror para além daquele das minhas próprias faltas. Estava bem ciente das imperfeições e faltas que tinha na minha natureza espiritual; que, rodeados de matéria e poeira, o espírito não tinha sido tão ativo quanto deveria ter estado, mas procurei manter vivo, na medida do possível, o espírito em vez da letra da Palavra de Deus. Esforcei-me, tanto quanto pude, por descobrir o que o espírito poderia ser, e em vez da forma externa da salvação, optei por receber o significado espiritual da missão de Cristo na terra, o amor que teve pelo homem em vez da ira de Deus; e eu acreditava que esse amor era equivalente à inspiração de todos os seres humanos.

Com um sentimento desses entrei eu na vida espiritual. Não estava à espera do céu do Cristão Ortodoxo; não esperava em absoluto um céu material. Estava bastante preparado para entrar num estado de existência inteiramente diferente do meu estado terreno, e esperava fazê-lo pela seguinte razão; por ter achado que o corpo terreno, o seu meio e as suas necessidades, por vezes eram um impedimento ao espírito; e conquanto bastante necessário ao uso terreno, eu tinha imaginado uma condição de vida onde o corpo pudesse ser dispensado, como qualquer estorvo inútil pode ser quando o ultrapassamos, e eu lembrava-me bem que nos meus últimos instantes tinha-me tornado consciente da elevação dos sentidos para além dos sentidos, do corpo estar a cair como cascas ou grilhões de um escravo, que uma cobertura externa estava a ser retirada o que admitia o meu espírito no seu elemento nativo; e não podia perceber mudança maior que poderia acometer um ser humano sob tais circunstâncias do que a libertação do próprio corpo.

O pássaro a rebentar a casca externa, e a alçar-se no ar; a borboleta a sair da crisálida, e a alimentar-se do orvalho em vez de rastejar pela poeira; a chama a aumentar na escuridão em que estivera aprisionada anos, dificilmente poderia ser mais súbita ou uma transformação maior do que aquela que vem ao espírito do homem que se liberta da poeira.

Não quero dizer que isso venha a todo espírito. Não digo que o sentimento de libertação seja tão súbito e tão consciente em todos os seres humanos, mas acredito - e nisto poderei porventura julgar um tanto daquilo que desejo mais do que realmente é o caso - acredito que todo ser humano sente em certa medida

liberto pela morte chamada morte. Creio que as piores condições, espiritualmente, são em certa medida beneficiadas por essa mudança. Acredito que a libertação d corpo externo, que constitui a cena da paixão e do sofrimento, é em algum sentido uma libertação para o espírito, seja qual for a condição em que esse espírito possa estar.

No meu próprio caso foi como eu o descrevi. Não é que eu tenha ficado particularmente encantado por me encontrar afastado da terra; descobri muitas coisas em que me empregar aqui. Senti ainda o enorme campo de vida social, religiosa e política a ser, conforme pensei, renovado. Descobri que o santuário real da existência pode permanecer na vida externa por algum tempo, e encontrar amplo trabalho para as mãos empreenderem; mas quando me foi mostrado que eu estava para ir, e quando vi que a minha carreira necessária era na direção da existência espiritual, eu saltei de bom grado para essa atmosfera como o pássaro enjaulado saltaria para a sua urze nativa; eu de igual grado entrei nessa condição como haveria de ter entrado em qualquer lugar de desfrute intelectual, social ou religioso a que há muito aspirara, mas nunca atingi enquanto na terra.

Entramos numa sala de estar na terra e damos por nós seja no nosso próprio ambiente, ou num elemento estranho; e se for um elemento estranho seremos obrigados e tentamos assimilá-lo, e encontrar alguém com quem possamos conversar em simpatia, ou pelo menos observar algo que interesse. Se nos virmos no nosso lar, podemos logo entrar no espírito de qualquer conversa, diversão ou recreação que esteja a decorrer.

(Os) estados externos são, conforme dizíamos, arbitrários; vemo-nos obrigamos a ajustar-nos a eles na terra; na vida do espírito levamos o nosso estado connosco. Entramos naquela companhia e camaradagem à qual melhor estamos ajustados. Os nossos pensamentos, ao entrarmos, são imediatamente conhecidos; somos reconhecidos, e reconhecemo-nos mutuamente sem a formalidade da apresentação externa, ou da inquirição social. Encontramo-nos verdadeiramente entre os que nos são afins, quer nos tenhamos conhecido sempre na terra ou não.

É uma bênção da existência espiritual o facto de ela remover os grilhões externos; a linhagem da família não é questionada. O registo espiritual só forma a linhagem a ser considerada. Não somos interrogados quanto às crenças individuais que temos sobre tópico nenhum, já que a própria vida é tomada como critério de crença e é suposto que veneremos os deuses que seguimos. Soube que na terra as coisas são diferentes. Vi homens a venerar no santuário de Mamão em todo ato externo, e ainda assim, que professavam adorar uma outra divindade. Tive conhecimento de que isso acontecia na vida humana que professava o Cristianismo, enquanto a praticava em larga escala a via Mosaica. Poderá ser que essas condições na terra sejam meras tentativas de crescimento; mas certamente não conseguem expressar

a profissão da vida, e torna muito da existência terrena uma máscara externa, na qual os homens se esforçam por parecer aquilo que não são.

Na vida espiritual essas máscaras são obrigatoriamente removidas; se tivermos sido salteadores da estrada, entraremos no céu deles; se tivermos feito parte de uma classe mais respeitante de ladrões - aqueles que na vida humana são considerados respeitáveis, devido a se encontrarem sob o disfarce da sociedade e da lei - entraremos na condição dos que nos são afins; se tivermos pertencido a uma classe de seres humanos que reverencie princípios, e no nosso jeito imperfeito nos esforçarmos por expressar esses princípios na vida externa, também seremos conhecidos e reconhecidos como somos; sem disfarces, dado que cada um conhece o nosso registo e tem consciência de não poder ser admitido a nenhuma outra companhia que aquela para que o nosso estado espiritual se ache ajustado.

Por conseguinte, eu não senti desconforto algum ao ser admitido entre os meus semelhantes e amigos que me rodeavam, entre as mentes que parecia simpatizar com as ideias que eu tinha tido como mais queridas na terra, e entre aqueles cujos pensamentos tinham de algum modo formado a base da minha vida externa e sonhos.

Achei os estados sociais inteiramente diferentes daqueles da terra. Com isto não refiro os estados sociais reais que procedem do afeto da mente e do coração, mas as leis que governam a sociedade eram desde o início diferentes. Nós começamos a partis da coberta externa na terra, e atacamos a sociedade como atacais uma rebarba; quer dizer, um exterior áspero precisa ser retirado à força. Em certos casos atacámo-la como um general faz a uma fortaleza, abordando-a por linhas travessas e por uma série de táticas, que o engenhoso empregará bem caso o compreenda; mas mesmo isso desencorajará de todo muito homem sincero de tentar entrar no forte. Começando pelo exterior dos seres humanos, na vida humana descobrimos obrigatoriamente aquilo que neles é pior; eles usam isso no exterior, quer pensem fazê-lo ou não, porque se for máscara que aparentemente seja boa, ainda precisamos sondar essa máscara antes de descobrirmos o indivíduo real.

Na existência espiritual começamos ao contrário. Descobrimos o coração e a mente primeiro, o que nos poupa muito equívoco. Somos um com o outro de imediato, ou estranhos. O acorde da simpatia é logo tinido, ou fica emudecido. Compreendemos existir um terreno comum entre nós, ou temos noção de não existir nada em termos de simpatia. Eu vi homens de idêntica inteligência e cultivo sentar-se na companhia de gente mundana, iluminada e inteligente, durante três ou quatro horas a conversar sem terem uma única ideia comum, e sem maior conhecimento uns dos outros do que no início.

Se, conforme Talleyrand disse, "as palavras são emitidas a título de disfarce dos pensamentos, " decerto muita da sociedade na vida terrena é dada como uma mortalha para a existência humana, e homens e mulheres são sepultados nas coisas a que em vão chamam prazer, e a vida social não passa de mera mascarada e que assumem um disfarce que desejam seja percebido pelos vizinhos como verdadeiro; cada um dos quais despreza o outro por o usar.

A ideia de sermos reconhecidos, a noção de sermos amados, e o facto de o espírito não poder estar enganado, com uma confiança permanente e esperança altiva, o encarecido sentimento e poder, levaram-me a ter consciência de ter sobrevivido à morte, de que me encontrava vivo, e trouxe-me a consciência daqueles amigos que me tinham precedido na existência espiritual.

Mas agora, deixem que aqui de passagem diga àqueles que seguem o Espiritualismo, que buscam a verdade oculta na Filosofia Espiritual: Não busqueis os vossos amigos apenas na sua aparência externa; não busquem pai, mãe e irmã conforme foram no seu estado terreno, mas busquem-nos apenas no amor que os liga a vós, pois todas as coisas menores que estas terão sido absorvidas pelo seu estado espiritual; e esforçando-se por vos juntardes a eles, não vos esforceis por os trazer à compreensão que vocês têm das coisas externas, mas em vez disso, por elevar a compreensão que vocês têm ao estado recém-descoberto em que se encontram.

Acharão isso muito mais conveniente; acharão isso muito mais útil; achá-lo-ão muito mais verídico no que diz respeito à vida espiritual. O parente que passa da vida terrena num estado débil de saúde, e com a forma perder forças, vigor e atividade, não virá ao vosso encontro, na vida espiritual, numa forma decrépita e com aparência fraca, mas como no auge da virilidade (masculinidade ou da feminilidade). Os parentes que para vós, mesmo na velhice, são a representação de tudo quanto é sagrado e querido, virão a vós em pleno vigor da meia-idade, e tão perfeitos na forma e características como se o dedo do tempo não os houvessem tocado.

Se suavizados no espírito e completos naquelas qualidades sociais que adornam a vida social aqui, eles virão a vós com todo o esplendor dessa vida social estampado no rosto e na forma, de modo que, pelo aspeto exterior de certeza não os reconhecereis, mas que pela perceção interna os sentireis como vossos. Isso sucede em determinado grau com todo o amigo que passa para a vida espiritual; as imperfeições externas, caso não passe de uma física, meramente, desaparecem com o corpo, e só permanecem as imperfeições espirituais, e isso, caso a sua natureza seja mais de aspiração do que de bajulação, em breve desgasta-se na nova atmosfera da vida espiritual.

Eu senti-me imediatamente impressionado com a consciência de me encontrar num mundo ou esfera desprovida da mera personalidade, ou do interesse próprio. Bem, aquilo que com isto quero dizer é que, devido às exigências externas do

corpo, vocês são inevitavelmente egoístas aqui, mesmo o mais altruísta dos homens. Consideram vossa a casa em que vivem; a propriedade que reúnem ao vosso redor é vossa; a posse de coisas individuais que digam respeito ao indivíduo, criam uma esfera de egoísmo, e a proteção dessa propriedade produz em toda a vida social um tipo de interesse próprio em que todo ser humano e toda família se escondem em certa medida da observação social e da relação com os seus semelhantes.

Bom, podem imaginar que ao entrarem numa vida em que não tenham habitações a prover que os abriguem dos elementos; onde as vossas vestes são de longe o trabalho de outras mãos que não aquelas que são empregues na labuta dia e noite para os vestir aqui; onde o vosso alimento consiste de longe noutras substâncias que não aquelas que precisam ser ganhas quer pelo trabalho manual ou pela especulação do cérebro, e onde, na realidade, o exterior é usurpado pela natureza interior - devem imaginar que deva existir um completa inversão dos métodos sociais; que qualquer individualidade que o ser humano possuir, ele não teme que lha seja furtada daquilo que ele realmente é.

Ao encerrarem as vossas portas à noite não receiam que o ladrão surja e os leve embora; não imaginam que individualmente ele gostasse de ter na sua posse tal embaraço; mas é algo de que se veem rodeados - os vossos artigos, bens imóveis, os vossos diamantes, a vossa prata, os vossos quadros - algo que lhes é alheio a vós próprios, que o ladrão não porventura com uma perceção clara da moralidade não reconhece como vosso, e crê ter o direito a isso tão facilmente consiga esquivar-se com ele. Mas na vida do espírito tudo quanto rodeia o espírito é tão parte de vós quanto o vosso corpo é aqui. Enquanto, pois, são afastados de toda a necessidade de proteção contra os assaltos e a pilhagem, ou a inovação que todo tipo, não existem consequentemente incentivos nenhuns para esse superficial e externo tipo de egoísmo que constitui a aparente necessidade da vida exterior.

Se vocês pudessem entrar na sociedade terrena em que as casas estivessem todas abertas, onde os catraios brincassem de um lado para o outro por entre as flores, onde tudo que é adorno e beleza fosse visível, e não oculto, onde todos os objetos que se encontra à vista fosse graça e formusura, onde saudações amáveis, troca de cumprimentos fraternais, uma pronta simpatia e rápida compreensão tivessem lugar em toda a mente e coração, onde todo homem que se cruzasse com o semelhante fosse um irmão, e todas as mulheres irmãs; onde todo e cada um conspirasse para fazer os outros felizes, onde, se uma fonte de conhecimento ou sabedoria ou alegria viesse a nós, ele não se contentaria senão em transmiti-lo a todos os demais, e onde, qual brisa constante que sopra no verão e enche o ar de aromas de flores, de onde sem saberem, a alegria permeia todo o ambiente, isso dar-lhes-ia uma ideia do estado social harmonioso das existências espirituais.

Cada família encontra-se, na verdade, isolada; existe, com efeito, uma individualidade, só que é de tal modo considerada sagrada e acautelada que nem

sequer é percebida. Ninguém pode invadir a individualidade do outro. De facto, o espírito constitui a sua própria proteção, e vós podeis estar tão isolados no meio de um milhão como se estivessem no alto de um monte ou fossem um eremita numa caverna. Se houver algo na vossa mente ou espírito que requeira solitude, não haverá nenhum espírito entre todos os vossos amigos que não fosse ou pudesse invadir essa solidão.

O santuário situa-se dentro da alma! Os arredores indicam que a solidão se encontra presente. Nenhuma mão ou voz invasora alguma vez se aproxima até que vós o desejeis. Mas onde nada há a esconder, onde a solitude se destina somente ao vosso próprio exame introspetivo e benefício próprio, onde a ideia dos demais é predominante na mente, e onde as ideias correm sem parar continuamente para o benefício do próprio género, pouco lugar deve restar para meditações misantrópicas, pouco ensejo de solidão, já que a oração nesse estágio da existência consiste em atividade, e o trabalho da mente para com os outros é visto como o principal instrumento da aspiração e da ascensão.

O eremita que ora com a alma, o recluso que procura a solitude, o misantropo que se separa dos semelhantes, é uma ilustração do género de egoísmo; mas aquele que só busca a solitude de modo a poder ganhar forças, aquele que deseja ficar a sós de modo a poder comungar com o mais elevado - aquele que procura somente beneficiar os demais com a sua comunhão e meditação, nem sequer acha necessário separar-se dos associados nem arredores espirituais.

Ao passo que, conforme digo, o charme da família ainda se acha preservado e o mais querido e mais próximo e mais querido ainda; enquanto a mãe cinge a filha, e o pai abraça o querido que vem a ele da vida terrena; enquanto o irmão e irmã, que se acham ligados no espírito assim como em laços de consanguinidade, são ainda irmão e irmã, não existe somente esta família, mas uma família mais ampla de todas as mentes e almas afins.

Vocês encontram-se em sociedade, ou no mundo do contacto com a matéria, ocasionalmente com os seres humanos, e dizem-lhes: “De certeza que já te conheci antes; pareces-me tão próxima quanto um amigo ou irmão.” A natureza do parentesco dos vossos espíritos flui em conjunto e vocês conhecem-se mutuamente sem a formalidade de uma longa ligação social. Deste modo se associam na vida espiritual - poetas, filósofos, amigos, artistas, aqueles que tiverem amado uma só verdade, ou tenham estado associados num mesmo esforço; aqueles que em diferentes partes do mundo tiverem sonhado os mesmos sonhos, e ansiado pelo mesmo futuro glorioso para a humanidade; esses são conduzidos a fraternidades e a corpos associativos. Elas parecem-se, num grau mais elevado, com algumas daquelas associações da Alemanha onde todo homem parece ter o interesse de todos os outros no coração, mais do que o seu próprio interesse egoísta. Eu vi associações dessas em faculdades.

Conheci tal relacionamento entre aqueles detentores de algum engenho ou arte, na terra. Tive conhecimento da sua existência até mesmo entre as ordens de sociedades secretas, só que o problema é que na terra é o interesse externo que as une, e não a circulação conjunta do espírito. É como a filiação da igreja, que muita vez adota a forma externa da fraternidade, mas dentro é composta por discórdia. E não conheço qualquer laço na igreja, na Maçonaria, nos Membros da Confraria Odd, em nenhuma ordem exterior criado pelo homem, que possa tomar o lugar desse reconhecimento espiritual sublime que determine a ordem do relacionamento espiritual, e determina o facto do parentesco espiritual pela proximidade da perceção espiritual e semelhança uns com os outros.

Tendo descoberto o meu céu; tendo determinado que é uma condição da mente mais do que um local; tendo percebido que eu podia criar o meu próprio ambiente, e que o meu espírito estava de facto recetivo apenas às leis do seu próprio crescimento, tendo tal adorno externo que só era necessário ao espírito, e não limitado por tempo nem espaço, e somente aquelas associações que eu podia levar comigo onde quer que eu desejasse ir - eu disse, "Anseio por saber mais sobre os mistérios deste estado espiritual, em que a fraternidade do homem é mais claramente reconhecida, e onde eu posso em certo grau ver o prenúncio do que espero possa chegar á terra. "

Observei um que na terra fora chamado sonhador; que enunciava ideias incendiárias para o seu tempo e era, e foi denunciado como infiel e ateísta por acreditar na fraternidade do homem, e em amar mais do que na má vontade de Deus e na condenação do semelhante. Refiro-me a Rousseau. Vi-o numa fraternidade de mentes associadas, rodeado por aqueles que tiveram quer ideias similares para a humanidade, ou, estimulados pelas suas palavras e trabalhos, o seguiram como seu ídolo e mestre. Ele pareceu-me uma labareda, tão inspirado quanto uma águia. Pareceu-me propenso a esvoaçar por regiões onde mais nenhum outro ser se atrevia a seguir, e ainda assim retornou de novo ao trabalho consciente da vida externa.

Ah, como o seu espírito reluziu! Como o ar ao seu redor parece bruxulear com luz transcendente! Como eu vi que ele foi esquivado, denegrido, ostracizado na terra! E vi nela um que adorava o seu género e detestava somente a tirania, somente aquelas instituições compostas de homens que servem as ambições de tiranos e reis apagando a vida humana e a liberdade humana. Ali estava ele, e pudessem vós ver as mentes que o rodeavam ali; pudessem vocês ter visto como de bom grado operaram de acordo com as suas direções; pudessem vocês ter visto isso como uma maquinaria, intrincada e complexa, contudo tudo quanto montado move o grande poder motor do mundo, e teriam visto que existe nessa esfera um estado social equivalente a mover todo o planeta dos homens, mais forte do que o mais forte dos exércitos da Europa unidos ou do mundo todo; mais forte do que a força física mais robusta de qualquer bateria dissimulada, ou mesmo invenção de tortura com que o homem tenha alguma vez sonhado - o poder

único de uma só mente ao redor da qual se centram outras mentes afins, com a intenção de derrubar na terra o poder físico e os erros sociais.

Não o descobri sozinho entre essas mentes grandiosas; encontrei aí muitos dos grandes ressuscitados - filantropos, poetas, aqueles que derramaram a sua luz sobre a terra; e ligados a eles, mesmo mais distanciados nos períodos clássicos do tempo, vislumbrei outras almas que o mundo adorou como grandiosas. Não preciso dizer que descobri que existiam expoentes ainda mais modernos do esforço associativo do homem sobre a terra que tentam imprimir na vida externa a aparência das fraternidades espirituais. Não preciso dizer que num dos mais recentes grupos encontrei Robert Owen, o filantropo Inglês, e aquele que, porventura mais do que qualquer outro homem deste período, implantou nas mentes dos trabalhadores Ingleses a necessidade de um esforço associativo.

Eu disse: "Em que consistirá o aparente fracasso do surgimento de corpos associativos de homens imbuídos de propósitos fraternais na terra? Lembro-me do rosto benigno e hesitante, como se sentisse desigual para responder, quando o Sr. Owen disse: "Sinto-me desarmado com respeito a uma explicação que não aquela com que esbarrei quando pela primeira vez tentei este experimento nomeu país nativo."

Ele disse: "Refiro-me ao egoísmo da humanidade. Sinto não saber que outra explicação possa apresentar que não a de que, assim que os assuntos externos do momento das atividades são consideradas, os seres humanos esquecem que são irmãos."

"Mas," disse eu, "seguramente que deve existir uma razão mais profunda do que essa, não?" E com isso surgiu da esfera em que Rousseau reside alguém que pareceu competente para responder à questão. Eu não o conhecia, mas alguém disse: "Este é Fourier, o socialista Francês, o líder de uma vasta classe que ao se esforçar ou lutar por conhecer aquilo que Platão alcançou no seu tempo, caiu na revolução de um período do pensamento que não estava maduro para o seu plano na terra."

Ele disse: "Ei sei da razão de ser disso. Deve-se a que somente o externo tenha sido buscado por meio de esforços associativos. O homem começa por um começo errado, ao tornar a educação, a propriedade, as coisas externas, a base do esforço associativo. A única fraternidade é aquela do parentesco espiritual. Que toda a classe de seres se associe pelo amor a uma ideia, que enquanto a ideia os unir eles permanecerão em harmonia. Vejam as ideias religiosas e as ordens do mundo: quando imbuídos delas, aqueles que se associam são harmoniosos. Somente quando os assuntos externos intervêm é que deixam de trabalhar em conjunto.

Tomem todos os esforços associativos baseados na religião, e pelo zelo e o fanatismo os homens farão mais do que fazem pelo seu género. Agora," disse ele,

“se pudermos ter uma religião que abranja a humanidade, e que pregue o valor da vida humana nas suas próprias fundações, disporemos de esforços associativos suficientes na terra. Nunca existiu uma religião exceto em casos individuais e isolados que foram suficientes para superar o amor pelo poder externo, quer se trate da realeza, do clericalismo ou da riqueza.

“Quando essa religião permear a humanidade; quando algum sentimento nobre com o da arte, poesia e música combinados tomar posse da alma; quando o próprio pensamento se centrar na humanidade enquanto o grande poder, e na fraternidade humana enquanto alma e coração da sua religião, disporemos de corpos associativos formados por homens na terra. Pressagiado por mentes dessas, tentado por muitas formas, experimentado com referência a planos sociais e a planos de religião, nenhum esforço empreendido por parte dos seres humanos por conquistar o egoísmo externo será um fracasso. Cada um considero um trampolim para a fraternidade superior que com certeza virá.”

Sociedades secretas, laços de irmandade que tenham qualquer relação, eu considero que são as profecias do tempo que chega. A única razão porque coloco objeções às sociedades secretas deve-se ao facto de não incluírem toda a gente, e se eu alguma vez tiver uma ordem, ou estabelecer uma, com certeza que farei com que inclua toda a família humana. Então poderá ser tão seleta quanto desejem. Mas decerto que, quem quer que afirme sobre qualquer base a fraternidade do homem, e faça dela a sua fundação, será para mim, e foi durante toda a minha vida, um indicador ou uma profecia para o futuro.

Na vida espiritual vocês irão entender bem que não existe rivalidade entre os artistas, nem ciúme entre os poetas, nem tampouco entre os filósofos; e quanto aos milionários a riqueza deles equivale a nada, por terem deixado isso para trás na terra. Consequentemente não existe nenhum dos estímulos para a emulação externa, e o egoísmo gradualmente acaba por ser deixado como se deixa uma veste gasta e sem uso de que nos envergonhamos.

Nas associações espirituais, além disso, há um estímulo constante para, quanto mais ativos formos para com os outros, mais próximo pareceremos estar daquele reino de felicidade que buscamos, cuja consequência é a de que em, breve aprendemos a esquecer se nos encontramos no céu ou não, se estamos em busca da nossa própria salvação ou não, pela consciência de nos esforçarmos todos os dias e a toda a hora por fazer algo pelo melhoramento da condição dos outros.

Os trabalhadores da Inglaterra, desta nação em certa medida, da França, da Alemanha, de toda a Europa, sentem a poderosa força daquele poder que está a correr oriundo da esfera desses chamados ‘comunistas’, e sentindo-o são inspirados por ele, e embora neles não caia qualquer culpa quanto a derramamento de sangue com foi visto em França, precisamos lembrar-nos que

tumulto e confusão seguem a tirania, e brotam dela, e não tanto da associação tal como as insurreições que irromperam entre os escravos não brotaram da liberdade. Precisamos ter presente que se houver violência ao iniciarem os esforços para a associação em prol da fraternidade, isso não será culpa do princípio, mas tão só do estado sombrio que o precede.

Eu percebi outros corpos associativos devotados a outros propósitos. Pareceu-me que arte era um, e que toda a esfera das mentes afins se encontrava unida em torno da grande alma que arquitetou a São Pedro (basílica), e que ele, tendo superado a ambição que tinha, os ciúmes pelos seus rivais, se sentara no meio com o seu triplo poder de génio, enquanto muitos mais com ele, entre os quais estava Rafael, da Vinci, e uma hoste de outros que pareciam mover-se em harmonia, e trabalhar por objetivos mais elevados — qual poderia ser a sua arte agora? Não será o poder papal para o qual uma outra abóboda terá que ser criada; nem igrejas para serem ornamentadas com Madonas, cada qual com a face de alguma mãe de Itália; nem bebés, Cristos na infância, para serem retratados em homenagem ao mundo e a admiração de todos os amantes da arte!

O que poderiam estará agora a pintar? Ao longo das paisagens do tempo, como se de um panorama se tratasse, contemplei o seu trabalho e vi como sobre mentes aparentadas tinham retratado a esperança quando o desespero apertava; a fé quando se tinham perdido nas trevas, o amor quando o ódio humano tinha os condenado ao desespero; e pude ver belas imagens, mais belas do que qualquer que adornasse as cenas clássicas da Roma ou Florença.

Ah, retractos de corações humanos que superaram a angústia que os assaltava, de almas humanas libertas da miséria do desespero e do despotismo do temor da morte — quadros como os que só Rafael podia pintar, cuja mente, intento assente sobre o amor de uma ser humano, esquecera que alguma vez tinha pintado um quadro que fosse digno da consideração do homem! Não terá ele pintado unicamente para os seus próprios olhos? Não se terá ele fletido o joelho somente para a criança? E não terá ele sido este amor inspirador que o alçou ao céu? Dante

— não terá cuidado do poema divino que escrevia, para que o tempo todo tenha sido o estudo de estudantes de estudantes e filósofos? Ou melhor, ele só se importou com essa imagem, elevada acima de todas as outras, consagrada no seu coração, ela que o conduziu em frente, o santo da sua veneração, o ídolo da sua vida — Beatrice! Mas essa veneração e amor tornou-o superior às demais almas que estão empobrecidas no amor aqui e que não têm imagem divina para que se virar.

Não foi a mãe de cristo quem ensinou todas as mães humanas a suportar a sua angústia em silêncio? Não foi Cristo, o irmão mais velho dos homens, quem legou à humanidade a imagem viva do sacrifício pessoal para que pudessem ser inspirados e sustentados em toda a dor?

Pintaremos unicamente quadros nas paredes? E construímos templos que se esboroam em poeira? Eu digo-lhes que vi um templo na esfera dos artistas que

tempo algum levará a esboroar-se, nem mão humana demolirá formado por vidas humanas, tão perfeitas e tão desenvolvidas que cada pilar se encontrava gravado com uma vida, e cada imagem era uma imagem de encanto. Vi aí mães consagradas, não imagens gravadas na pedra, nem imagens pintadas em telas para os homens adorarem, mas as imagens vivas das Madalenas alienadas das almas, erguidas do desespero e da desolação, a quem as torturas da vida tinham enganado, mas que aí foram libertadas.

Vi formas divinas e sagradas de arte e religião, mas não eram coisas desprovidas ed vida; eram seres vivos, pulsantes, que palpitavam com o sopro da vida, situadas na sua própria esfera, que desempenhavam aí o seu trabalho, cada qual uma porção do templo vivo que o grande Mestre Artista tinha moldado numa outra esfera que não a de Roma

Ah, pudessem vocês ter visto aquela abóboda! Pudessem vocês ter visto os quadros que adornavam os seus murais! Pudessem vocês ter visto a corrente de vida que corria de um lado para o outro, que não faz vibrar qualquer melodia exceto a do amor! Pudessem vocês ter escutado as músicas de vozes todas em consertado acordo que não emitiam som exceto aquele que insufla paz e harmonia!

Pudessem você saber que nenhum acorde da simpatia se perde! Que nem uma só nota do amor é inutilizada! Que nenhum laço se dissolve! Pudessem vocês ter visto as formas ressuscitadas e criadas que crescem em glória e beleza nesse clima distante e diriam que toda arte da terra afunda na insignificância, por existir a associação divina e a mão divina que as une a todas.

Não vou multiplicar. Essas são apenas esferas típicas de entre as milhares de outras que eu visitei, milhares onde o fio da vida humana não se perde, onde nenhuma esperança fenece, onde nenhum devaneio é esquecido, onde nenhuma aspiração sublime está condenada a desaparecer; todos se acham reunidos em elos dourados de cadeias de perfeito brilho nessas esferas de vida, e representam o possível do homem!

Trazer uma porção desse ambiente divino, elevá-los a esses cumes e à estrutura desses templos divinos imperecíveis, tornar as vossas vidas numa porção dessa existência espiritual que moldará para a humanidade na terra aquilo que as almas talharam na vida do espírito, é porção da minha missão entre vós.

Se, da esfera da fraternidade, que abraça milhares de corpos associativos, eu lhes tracei uma esperança reluzente, de modo a que o cativo na cela, o prisioneiro acorrentado, a alma envolta no medo da morte, ou aquele que palminha a terra vítima do desespero e envolto na melancolia, possa ser em alguma medida aliviado do seu fardo, então ficarei satisfeito.

Esta é aminha missão de amor, e enquanto me afasto repito o meu texto:

"Um novo mandamento lhes dou, que se amem uns aos outros. "

O CONTINENTE PERDIDO DA ATLÂNTIDA

Cora Richmond, 22 Outubro de 1882

O tema desta noite é: 'O Continente Perdido da Atlântida e os seus Habitantes.' A era pré-histórica da Terra foi não só tema de grande especulação mas de muito quanto faz parte da natureza da revelação efetiva, já que aquilo que é designado por época pré-histórica anterior ao período Adámico já fora pré-datado na história da China, nas revelações do Egipto e existirem provas geológicas de que o homem tenha habitado a terra muitos milhares de anos antes do período Bíblico, e continuarem a acumular-se provas de que essas habitações tenham tido lugar em porções da terra que são agora relativamente novas na história, e de que vós nada obtendes a partir da história clássica do mundo.

É positivamente certo que o Egipto pré-histórico tenha sido mais grandioso do que o Egipto da história. Continuam a acumular-se provas que mostram que a maior parte do antigo esplendor do Egipto deve ter antecedido de longe qualquer data que resulte até mesmo de qualquer leitura hieroglífica ou da exumação dos registos das pirâmides, tendo tomado as correntes mais antigas de vida das distantes fontes do Nilo. A corrente civilizacional deve ter vindo do fundo da África, onde as águas do Nilo inundavam a terra e a tornavam fértil, e a seguir espalhado por muitas ramificações pela Europa, ao longo da civilização Fenícia, até à Grécia e à Europa moderna.

Vocês traçam as linhas do conhecimento a partir da mitologia e da tradição em vez de uma história concreta. Mas daquelas nações esplêndidas que se localizaram na porção sul da América do Norte e na porção a norte da América do Sul, de entre todas as revelações que jazem ocultas nos misteriosos registos da América Central do que os geólogos virão a revelar na mais antiga estrutura do próprio continente da América, há muito pouco que seja conhecido.

E do velho continente perdido de que Platão deve certamente tido algum conhecimento que obteve na tradição ou história secreta, mantido por antigos sábios, (porquanto precisa ser lembrado que Platão, através do seu saber teve acesso aos segredos mais místicos e misteriosos do Oriente) não há absolutamente nada que seja conhecido que possa ser designado como autêntico. Contudo não há dúvida que essa tradição da Atlântida chegou através do Egipto, a partir do fundo da África.

Imaginem uma geografia da terra completamente diferente da configuração atual, três continentes principais em vez de dois, cuja porção de terra mais vasta se

situava a sul em vez de a norte, da linha equatorial, imaginem a porção sul da África mais vasta do que a porção norte da Ásia, fundida por ilhas a estender-se mais longe em direção ao Atlântico; imaginem em meio ao oceano Atlântico, a sua ponta a estender-se a norte ao longo da linha equatorial, a massa do continente posicionada mais a sul em direção ao círculo Antártico em vez de a norte para o círculo ártico, e terão o continente da Atlântida.

Depois, a porção ocidental da Europa (geologicamente nova) era desconhecida, e a porção ocidental da América achava-se ligada à costa ocidental do que é agora a Ásia. A Austrália estendia-se bastante para sul e formava um outro continente. Os três principais continentes, a massa deles, ocupava o espaço atualmente ocupado pelo Oceano Atlântico e a porção sul do Oceano Pacífico -- observem tudo isso mentalmente, conforme o descrevemos, e terão a antiga geografia.

Os Atlantes viviam no meio de um clima e ambiente favorável à mais elevada civilização; e tal como a América do Norte se estende para sul e toca os trópicos, também a Atlântida se estendia para norte para além dos trópicos, incluindo não só todo a zona sul temperada, mas a região que se estende ao longo da zona tropical, desse modo proporcionando as maiores variedades de clima, e situados com referência aos ventos e tempestades, de modo que raramente tempestades violentas atingiam as suas latitudes mais favorecidas. Esse continente era capaz de produzir a mais elevada forma de civilização. Em termos de uma medição real não resta dúvida de que tenha excedido de longe as dimensões da América do Norte, e talvez também a metade norte da América do Sul tenha representado toda a sua área terrestre.

Depois, precisam ter em mente que as porções norte da Ásia se encontravam unidas à parte oriental da América, o que compunham um outro continente a sul da porção mais ocidental, que tinha comunicação com a Atlântida por meio de diversas ilhas, por barco e navegação aérea, que virá, um dia, a ser restaurada.

Toda a ciência mecânica e arte conhecidas da civilização que compõem a história, ou que têm cabimento na extensão da vossa época histórica devem ter aí sido conhecidos, dado que vocês nunca atingiram o auge (e não atingirão, até que o atual ciclo da civilização esteja concluído, alcançado o ciclo) e ápice alcançado pelas nações históricas.

De acordo com a crença ou conhecimento que entretemos, existem ciclos de vinte e cinco mil anos, durante cujo período o fenómeno conhecido como precessão dos equinócios indica uma gradual mudança do eixo ou posição da terra, não somente com referência ao sol, mas com referência a todas as constelações, o que prova que o eixo da terra gradualmente se altera; que geograficamente, aquilo que é conhecido como Gronelândia atualmente, foi certa vez terra fértil. A tendência é do polo norte se arrastar para vós deste lado da terra, e do polo sul se arrastar para o lado contrário, mostrando que se verifica uma mudança gradual no eixo, no eixo polar da terra.

Já sucedeu uma altura em que, após uma mudança gradual de repente foi produzida a submersão de um continente cuja própria largura se situava, conforme dissemos, a sul da linha equatorial; além disso, libertando da obscuridade e das profundezas do oceano os continentes que são agora conhecidos como América do Norte, a porção norte e ocidental da Europa e partes da Ásia. Mostrando assim que aquele processo que decorre por um período de vinte e cinco mil anos, produz, durante um tempo, uma influência de contrabalanço. O acúmulo de gelo ao redor do polo norte no presente é indicação de que quando a mudança tiver de novo lugar, os continentes que se encontram agora submersos nos mares do sul a sul do círculo antártico se desprenderão, os oceanos tropicais do sul e todas as faixas a

sul da linha equatorial se desprenderão, até que os continentes uma vez submergidos tenham sido de novo descobertos, com a América do Norte, que certa vez submergiu e agora se acha restaurada na sua posição.

Ao mesmo tempo perturbações vulcânicas e agitações de ordem diversa, produzem a meio do oceano, na região semi-tropical, mudanças tais que levam os continentes a cindir-se, ou os leva a unir-se, do que resulta a união, como a anterior da porção ocidental da América com a porção mais oriental da Ásia. Falamos disto por coincidir com a conhecida teoria glaciar, de que porventura alguns de vocês estarão a par, e em que talvez muitos não acreditem, ou então em que a vasta massa dos habitantes da terra dificilmente pensa.

Mas para aqueles que habitam o continente a que nos referimos, cuja área excede de longe a da América do Norte, essa teoria foi bem conhecida como as teorias dos Egípcios respeitantes à astronomia, assim como à certeza da existência de um sol central ainda mais distante do que o luminar solar do vosso próprio sistema, assim como os vastos períodos dos ciclos astronómicos e os períodos menores a que nos referimos como de vinte e cinco mil anos; tudo isso era compreendido na civilização culminante da Atlântida.

As raças aí existentes variaram nos seus diferentes períodos civilizacionais, tal como as raças aborígenes que habitavam a América do Norte e do Sul e da porção nordeste da Ásia variam; mas podem identificar, por exemplo, linhas de semelhança entre os Índios da costa ocidental da América do Norte e da Ásia, em particular entre os Índios Navajo e certas porções dos Japoneses. Os Chineses são diferentes dos Japoneses; eles são destacados com um tipo mais elevado do que os Chineses, por a sua civilização no seu culminar ser mais recente.

Mas os Chineses descendem distintamente dos antigos remanescentes dos Egípcios, os quais em si mesmos eram contemporâneos das nações Atlantes. O tipo Egípcio distinto acha-se quase extinto, e com os transbordos decorrentes da Abissínia e de outras fontes próximas da África, e as várias invasões das tribos errantes, o tipo inicial no Egipto dificilmente se torna distinguível, no entanto apresenta uma certa linha de características como um nariz bastante esguio e aquilino, com ossos do rosto bem definidos e proeminentes, rostos compridos, faces estreitas, testa alta, cuja altura

indicava um grau de civilização ligado aos mais elevados tipos das raças Anglo-saxónicas dos dias atuais, não uma raça que coincidisse com as raças da África ou com as raças no Oriente que entraram em degeneração.

O tipo mais elevado da raça Egípcia possuía um temperamento nervoso e flexível. Isso seguido até à sua fonte deve ter tido a sua origem num clima que produzia não só um temperamento preguiçoso, nem mesmo um temperamento impetuoso, inflamável, mas um organismo altamente nervoso finamente composto, uma raça inteiramente diferente daquelas que vocês estão acostumados a ver como tipos da civilização Egípcia.

Imaginem a Terra nas suas formações geográficas conforme as retratamos. Agora ponderem no clima que combine essencialmente as melhores qualidades da Califórnia em toda a sua extensão de território; as melhores porções da França e da Itália bem como daquelas ilhas do mar, nas latitudes tropicais, como as Índias Ocidentais, onde, com um adequado engrandecimento de montanhas, uma altitude é alcançada que deveria ser considerada elevada; aqui estava um clima e temperatura adaptado a quase todas as variedades de raças.

A seguir imaginem um clima meridional temperado em que se ache patente não só a largura mais ampla deste continente, como também o maior número dos seus habitantes, e terão a condição do que a nação deva ter-se desenvolvido durante os últimos vinte e cinco mil anos, habitado e transmitido à posteridade as artes e invenções da civilização, manteve relações e povoou porções do Egipto e da África, e lhes deu os únicos elos através do Egipto e finalmente através da Grécia, com os quais vocês puderam traçar a sua existência e civilização; que, recuando ao Egipto, por fim teve um curso ascendente e na Grécia derramou tudo quanto podia ser derramado desse antigo esplendor, e que por fim reunindo-se nas nações do Norte da Ásia, da Europa Ocidental e da América Central, lhes trouxe não só o clímax da sua civilização, mas tão só até um quarto do caminho.

Retractamos-lhes agora os Atlantes no seu máximo tipo de civilização — que tomava de empréstimo das regiões do sul como vós tomais das do norte temperadas e semi-árticas uma compleição de uma transparência cristalina; tomando igualmente emprestado o mesmo clima, das altitudes elevadas das mesmas montanhas na porção norte extrema uma organização nervosa altamente tensa; imaginem um rosto claro, bastante mais escuro do que a do típico Anglo-Saxónico, com olhos proeminentes que variavam de um azul-escuro a um azul claro extremo, do cinzento a diversos tons de castanho (raramente escuros).

Imaginem uma forma cuja estatura se assemelhava àquelas a que estão acostumados a supor terem pertencido aos antigos Espartanos — cheios de um vigor atlético e força muscular e energia nervosa, e um intelecto não enfatuado pelo seu poder de destruir a forma física, mas que lhes conferia mais a graça da

atividade intelectual; a altura média indo de 1, 80 a 2 metros no caso dos homens

— as mulheres indo dos 1, 5 a 1, 6 metros de altura; alguma vez escassamente menos, mas todas bem formadas e dotadas de temperamentos preponderantemente nervosos e ainda assim não muito emotivos, todas dotadas de energia de carácter, belos filhos, civilização que no seu auge raramente conheceu qualquer doença; e terão os Atlantes típicos no seu mais elevado estado de perfeição.

Anterior a isso têm todos os tipos de vida, conforme têm nas vossas presentes porções habitáveis do globo, seguindo-as vocês têm a decadência desta raça, como vocês agora testemunham em certas porções do império Chinês; nas raças que se encontram em decadência na América Central e do Norte, no declínio das nações de mais recente surgimento, cuja existência foi separada, e forma as novas vagas da civilização que se estenderam pela terra.

Imaginem a fundação da aprendizagem de que o antigo Hermes e os Filhos da Manhã (supostos Anjos Caídos) retiraram as suas ilustrações típicas; imaginem uma raça de que os antigos Egípcios pareceram tomar emprestado o seu tipo mais elevado, os esplêndidos seres, divindades e deuses da antiguidade, que eram muitos dos Atlantes, como os actuais habitantes da terra de quem Osíris deve ter tomado o seu nome emprestado, e Ísis o seu esplendor velado — do qual Maia e Jove (o Júpiter mitológico) deve ter derivado, e Minerva, a deusa da sabedoria na Grécia.

A partir de quem os deuses e deusas do Olimpo devem ter tomado emprestado os seus termos e títulos, e as suas qualidades originais; de quem Platão, pela tradição atual, quer do espírito ou da terra, reuniu as maravilhas do seu poderoso cosmos; imaginem isso e terão a civilização de um continente que não só podia compreender o sentido das forças eléctricas e magnéticas que vós agora tão desajeitadamente compreendeis, mas também deter aquilo para que estais a avançar, a Luz Solar, as suas imagens apinhadas e esplendor solar, a mostrar que os filhos do sol nos seus dias iniciais na sua mais levada civilização devem ter tomado emprestado a sua adoração dos Atlantes, que adoravam o sol enquanto símbolo de luz, força, vida e poder mecânico.

Estendendo a sua civilização para oeste, para o continente da América, que se juntara ao da Ásia, formou uma base da qual a sua civilização se estendeu para leste, para a África, e que finalmente se fundiu no Egipto, cuja civilização quase circundou o globo. Seus são, pois, os exemplos que por fim vocês hão de seguir; sua é a língua que, descendo o Nilo através do Egipto na forma de hieróglifos para serem por fim interpretados, que foram dados a conhecer através dos esplendores de Mémnon, das maravilhas de Cadmo, pelos Gregos históricos ou Divindades, cujos nomes, passados de geração em geração, de século em século, de ciclo em ciclo, atingiram por fim o saber do século IXX da era Cristã.

Imaginem o Egipto antes da construção das pirâmides; anterior à cidade histórica do templo do Sol; anterior da adoração de Osíris e Isis ter sido tornada temporal, e

o Egipto cheio dos esplendores da manhã; seguindo a civilização até baixo ao longo das ramificações e fontes do Nilo, e a seguir para o exterior sobre as águas das misteriosas regiões da Atlântida — imaginem o Egipto a retirar a sua provisão de conhecimento dessa fonte antiga, a encher até ao topo as suas tesourarias da aprendizagem com os tesouros que então existiam, e a preparar-se para a catástrofe que por fim viria a privar a terra dos registos do esplendor dessa antiga raça.

Durante vinte e cinco mil anos os começos e fins da sua civilização e nos continentes contemporâneos mantiveram o ritmo desses que vocês agora estão a registar; durante vinte e cinco mil anos o surgimento e queda dessas poderosas nações mantiveram as pulsações do hemisfério sul vivas, como atualmente o hemisfério norte é mantido vivo pela civilização das nações das zonas temperadas nortenhas; durante vinte e cinco mil anos, reis, governantes, sacerdotes, potentados e os poderes que se erguem e caem de acordo com a paixão ou ambição humana, detiveram o seu lugar entre aqueles povos.

E durante uns oito mil anos completos desses vinte e cinco mil anos afigurou-se aí um culminar da civilização tal como aquele que virá à terra quando os povos que construíram as nações nas fronteiras que são definidas pelo círculo ártico a norte e pelos trópicos a sul — tiverem satisfeitos os seus presentes ideais; quando todos se tiverem fundido num círculo de nações, todas as nações da moderna Europa, todas as nações resgatáveis da Ásia e do Egipto; quando todas as tradições oriundas do passado tiverem sido restauradas, e o futuro tornado glorioso através de novas profecias e invenções; então será de esperar que esse círculo nortenho de nações venham a circundar o globo como uma esteira de luz; e vós traçareis através da profecia a expectativa aquela liberdade e graça, pureza e esperança grandiosa e o magnífico êxtase das nações dirá então respeito à terra.

O que essa esperança virá a ser na sua consecução para o presente ciclo do desenvolvimento do mundo, o qual, é claro, será um grau mais avançado do que aquele que os Atlantes possuíam, e que será ou virá a ser para o presente ciclo do desenvolvimento do mundo, será a Atlântida e o círculo das nações do hemisfério sul para o mundo desse período! E como, passo a passo vós marchais no progresso da história que descobris que as invenções que prezais, os tesouros que cobiçais, eram não só sonhados mas pertenceram à história do passado; quando descobrirem que devem ter existido aparelhos mecânicos mais potentes do que qualquer do que são conhecidos na terra atualmente, motores mais ligeiros do que algum dos que pertençam à civilização atual — quando compreenderem que devem existir segredos na química que ainda não conhecem, segredos na astronomia que se encontram além da vossa compreensão, e que aguardam o progresso das noções para realizar, então estimarão aquilo que os Atlantes conheceram, em correspondência com o seu ciclo de tempo na terra.

As pessoas no mais elevado estado da civilização lá eram governadas pelo que é conhecido por método parental — não nos referimos ao método patriarcal da

antiga Israel e das tribos errantes do Oriente, mas aquilo que impunha ao governo os deveres do pai de família; aquilo que considera todo habitante da nação um filho a ser protegido, os mais débeis a ser mais defendidos, os mais fortes a fazer o maior trabalho e a desempenhar o serviço mais ativo. Nos ciclos a que nos referimos quando a Atlântida tinha atingido a sua máxima grandeza, os seus cidadãos eram conservados, não como fazia a antiga Roma, que protegia os seus cidadãos por uma questão de orgulho e poder, nem o antigo Egipto enquanto material bélico a usar contra as nações da terra numa agressão; mas eles eram protegidos por uma questão de humanidade, de civilização que procurava inculcar os princípios da justiça, carinho e amabilidade entre todos os povos que tinha sob o seu controlo.

O sistema Atlante era aquilo em que homem e mulher partilhavam em igualdade de circunstâncias o governo da raça. Entre os Navajos da costa mais ocidental da América foi recentemente descoberto um povo civilizado e esclarecido que teciam as mantas mais seletas e participavam em atividades pacíficas e habitavam as montanhas da cadeia San Juan; um povo pastoral, cuja forma de governo vocês porventura sabereis ser o da eleição, e o cargo de chefe era nomeado não por parte de concelhos dos bravos e guerreiros da nação, mas pelas mulheres, e aquele que era eleito chefe da tribo era eleito em função do seu mérito e amabilidade — pois eles não eram um povo guerreiro.

Assim, no presente, metade de século foi feita uma descoberta pelo Governo dos Estados Unidos na violação e agressão que fez contra as tribos pacíficas da América do Norte. Nos tipos mais elevados da Atlântida, a nomeação dos chefes do povo era feita pelo povo, em função da gentileza e amabilidade que tivessem; os chefes do povo eram os homens e mulheres que melhor podiam satisfazer o cargo de pai de toda a nação, o cargo de um governo amável e proporcionasse um julgamento e decisão em todas as questões tendo o interesse e o bem-estar do povo; e esse, devemos referi-lo, era o padrão moral existente entre eles, essa interferência reduzida era conhecida, já que o povo que desejava uma forma de governo tão capaz raramente podia transgredir as leis, raramente podia entregar-se à guerra, e esse não foi um período bélico entre os Atlantes.

À semelhança de todas as raças ou sucessão de raças, houve um período do surgimento dessas nações; houve um período de crescimento, agressão e de guerra, e foi durante alguns desses períodos de agressão que os antigos Atlantes se familiarizaram com os continentes adjacentes; ao violarem as leis que num período anterior tinham sido preservadas como sagradas, eles infundiram na África e no Egipto e na América da antiguidade uma parte do seu espírito agressivo, porém durante os oito mil anos em que reinou a paz, em que todos os habitantes possuíam uma habitação apropriada e não existiam pobres, e as doenças eram raras, reinou muito pouca agressão ou crime.

Durante esse período de oito mil anos uma sucessão de medidas pacíficas foi adotada, como aquelas que são sugeridas agora para as nações que avançam para a civilização no mundo: designadamente, a arbitragem — a adjudicação de diferenças por conferências, e por fim tais julgamentos como os que são submetidos à voz de todo o povo, receberão a mais elevada sanção do que se confiada à voz dos poucos. Embora uns quantos possam representar o povo, ainda assim não se podem substituir ao povo inteiro, exceto o facto de dirigirem a aplicação da lei para as necessidades do povo; enquanto a influência moral das massas constitui a principal segurança num período de esclarecimento e cultura.

Somente as massas ignorantes não merecem confiança; somente nos períodos de violência da história humana que vastas quantidades não merecem confiança para legislar adequadamente; de modo que, conforme dissemos, no período médio da prosperidade e grandeza a Atlântida era governada por uma legislatura tão moderada como aquela que governa o agregado familiar mais benigno; uma legislação tão doce quanto aquela que governa as leis das sociedades religiosas entre aquelas regiões que são sagradas e vinculativas — tão sagradas quanto aquela que é inviolável na Livre Maçonaria; tão sagradas quanto a o princípio de governo do Anjo que um dia governará as nações da terra quando elas se alçarem da ambição política e do poder dos demagogos políticos para uma verdadeira consciência da humanidade o bem do género humano.

O idioma que alcançou a perfeição do som e a perfeição do simbolismo foi o idioma dos antigos Atlantes — que combinava as melhores partes do sistema fonético com as melhores partes dos hieróglifos dos antigos: uma língua cujos sinónimos vocais eram sinónimos de harmonia, cujos traços ou estilo e características eram sinónimos de ordem matemática e organização geométrica; uma língua tal como a que virá a ser escrita e pronunciada quando toda as raças do presente globo civilizado se tiverem combinado em prol de uma harmonia da expressão, em prol da sinfonia do som, da prontidão da transcrição.

Tal era a língua dos Atlantes. Ao longo do Egipto os grosseiros hieróglifos sugerem essa língua mais antiga de esplendor; ao longo de todas as raças Arianas (Indo-Europeias) encontramos um certo toque do antigo ritmo; ao passo que das inscrições das tumbas e arquivos da América Central encontramos uma sugestão similar de uma língua daquela nação perdida que se estendeu para leste e para oeste e se inscreveu nas nações que então existiam, à época menos prósperas do que a sua — que se renderam prontamente às mãos da civilização. Também a Atlântida ao se estender a leste e a oeste, expandiu a sua língua até agora ser delineada nos mais antigos registos de qualquer dos continentes: até o Ocidente e o Oriente produzirem por igual os tesouros que carregam um pouco da impressão e toque dessa mesma mão — toscamente transcrita, passada de uma forma grosseira, mas contendo ainda o seu toque de mestre da antiga língua Atlante.

Se os lábios, a língua e a expressão facial fossem todos considerados na pronúncia das palavras; se os sons contivessem harmonia vocal e não houvesse hesitação na fala (que resulta de sons difíceis); se o idioma fosse de tal modo constituído que fosse sinfónico com os pensamentos, vocês teriam uma ideia qualquer do som da harmonia completa que é representado pelo círculo, cujas linhas tracejadas são o arco do círculo. A língua sepultada nas pirâmides é como a antiga língua degenerada, e apenas pelas frases e palavras truncadas resultantes do moderno sistema de tradução lhes haveria de transmitir um capítulo da história humana.

Um dia, tomando de empréstimo a chave daquilo que foi revelado no Egipto e atravessando o Nilo até à sua fonte, atravessando a América Central e seguindo para sul vocês verão as linhas paralelas por que a antiga civilização se estendeu; circundando mais de metade do globo, descendo até vós em misteriosos fragmentos da Pérsia, da China e da antiga Índia através do Egipto, através das nações dissimuladas ao longo do Nilo, pela Grécia, pela Roma, pelas nações a sul ou Latinas da Europa do Oeste através dos aborígenes da América, através daqueles que tomaram de empréstimo a sua luz dos Astecas, dos Toltecas, dos Poncas, das nações ainda mais remotas além do avanço testemunhado mesmo agora, vós delineareis registos desses grandiosos monumentos do passado. E quando por fim no mesmo ápice da civilização, alcançarem quatro ou cinco ou seis mil anos, as presentes nações da terra terão alcançado o seu culminar, e os sonhos dos eruditos serão cumpridos, e a ciência terá alcançado o auge altivo que ela pode alcançar neste ciclo de vinte e cinco mil anos; quando tudo isso se realizar, vós estareis no vosso topo das alturas que tocará em linha paralela àquele da antiga Atlântida.

Debaixo dos céus curvos, a vibrar através dos céus arqueados a esgueirar-se da grande voz do Egipto sepultado, a balançar e a oscilar em naves aéreas pelo espaço que divide os vossos continentes, a vibrar através das estrelas em resposta à vossa, a voz dessas poderosas nações virá. Então, como agora, a curvar-se acima da vossa terra, até poderem ligar a sua história passada à vossa por cadeia dourada de reconhecimento e luz, eles esperarão e pairarão; esses poderosos povos, esses espíritos aperfeiçoados, aquelas almas que se não cansaram de observar o vosso nascimento, avanço, progresso e conquistas nas artes da civilização; eles aguardarão, a sorrir para a terra, ou para as nações da terra; tocarão a testa de algum governante tranquilo, sábio, benigno que, em nome do povo que se estenderá por toda a parte das nações da terra.

As maravilhas desse poderoso movimento da história estará ligado ao passado; os continentes engolidos que se encontram debaixo dos mares serão revelados à vossa visão por meio de uma investigação científica efetiva; surgirão métodos de descoberta que lhes são desconhecidos atualmente, por meio dos quais verão o fundo dos oceanos, e descobrirão os tesouros ocultos por baixo das mais distantes profundidades e montanhas; brilhará luz nos locais mais remotos; as minas ocultas da terra serão iluminadas com raios emprestados desse antigo esplendor.

Quando isso for plenamente restaurado e vós tiverdes dado mais um passo em frente, então reunirão essas poderosas hostes forças para um maior avanço, e passar para o planeta seguinte, e terão lições de começo da vida aí. Tais são os ciclos do tempo em comparação com os anos humanos e os dias humanos.

Esses vastos períodos da história humana são enrolados juntos como um pergaminho brilhante; e um dia a Atlântida apertará a mão com a Ásia, com a Europa, a América e a África e a Austrália, (que é um vagabundo errante de um daqueles continentes antigos) numa restauração palpável à luz da ciência, compreendendo onde estiveram, onde estão, quem foram os seus habitantes — transferindo na realidade aquilo que lhes retratamos ao olho da mente. À medida que a ciência segue lentamente na esteira dos seus profetas; à medida que a religião redime a terra gradualmente às alturas do seu Salvador — também, onde as nações tiverem estado individualmente, toda a terra das nações virão um dia a estar, e aquilo que a Atlântida outrora foi, todas as nações da terra ainda virão a ser; enquanto vós insistindo para a frente com pés velozes saudareis a chegada daquele ciclo que os irá ligar ao seu mais antigo esplendor.

O SIGNIFICADO DO ESPIRITUALISMO

24 Maio 1863

O mundo faz uso de termos, termos esses que não são mais compreendidos do que o termo "Divindade, " que é aplicado a toda a forma de deuses que os homens veneram. Esse é mais ou menos o caso do que sucede com o Espiritualismo O mundo fala de 'Espiritualismo' e o seu sentido pode ser essencialmente diferente do verdadeiro significado do termo como o ídolo do Hindu ou Ala dos Maometanos diferem do verdadeiro espírito divino do Infinito. O Espiritualismo — como deveria ser apropriadamente chamado* — é uma palavra ou um termo que pode ser explicado como querendo dizer a ciência de toda a vida, e no entanto não é assim entendido.

*NT: Talvez por mera questão de semântica.

É nosso propósito definir o que o Espiritualismo significa, e a seguir o que é definido como aquilo por que é entendido; por fim, definir o que na grande conceção dos termos da mente, será.

De acordo com a compreensão que temos, tudo quanto incorpore espírito, tudo quanto possua vida, tudo quanto seja dotado de inteligência, faz parte do Espiritualismo. Aquilo que é origem do espírito, chamado Deus, e aquilo que constitui o recetáculo do espírito, a forma humana, devem estar unidos por qualquer forma, laço esse em que deve haver um processo mútuo qualquer de compreensão Em tempos idos, isso foi chamado inspiração; posteriormente foi

conhecido sob diversas formas e explicações científicas e termos; porem, em todas as eras é substancialmente o mesmo.

À compreensão superficial, apresenta a mesma aparência que a eletricidade ao filósofo superficial. Nós ouvimos os homens falar da 'eletricidade. ' Ouvimos o termo usado para descrever o fenómeno singular que ocorre nos céus da terra. Os filósofos modernos chamam a tudo aquilo que não compreende 'eletricidade. ' De modo que as pessoas usam termos ambíguos em relação ao Espiritualismo, e tudo quanto seja alheio, que nessa medida é fanático, superficial, que paire à tona da sociedade, é chamado 'Espiritualismo'.

Existem mentes em todas as eras e sociedades que, como a escória que sobe de um lago estagnado, parecem transmitir sempre à atmosfera a exalação da sua impureza. Essas mentes parecem andar constantemente a pairar à superfície de todo ismo novo e popular que por acaso surja, e tais mentes, que se dividem em diversas classes, sempre formam o bicho-papão contra o qual a sociedade precisa forçosamente lutar. Depois há outras mentes que, à semelhança da das plantas nocivas ou ervas venenosas, ou serpentes, ou insetos, parecem especialmente criadas para absorver vapores venenosos, e emiti-los na sociedade. Tais mentes apegam-se a toda ideia que paire, a todo sonho sublime, e se possível, trazem-no para o mesmo nível da própria conceção que tem. Mas isso não é verdade em relação à sublime conceção do Espiritualismo. No seu devido significado implica simplesmente a ciência da vida e a ciência da mente — o poder da compreensão da relação existente entre o finito e o infinito.

Todos os estágios intermediários não passam de porções desse grande todo; todas as demais formas de compreensão situam-se fora disso, que representa um círculo a compreender o infinito, em que todos os demais poderes não passam de subdivisões. Conforme na matemática, as diversas subdivisões não passam de porções do todo, ou da unidade, que forma a solução dos problemas, também com respeito àquelas conceções do espírito que dizem respeito à mente infinita — elas não passam de variações ou subdivisões do grande todo geral. Mas existe algo que, em todas as eras e entre todos os povos, distinta da ciência, distinta do Materialismo e apartada dos governos humanos, forma a base do que eventualmente chamaremos 'Espiritualismo.' De momento presta-se ao propósito que temos de definir isso como teoria peculiar de uma certa classe de crentes modernos que acreditam compreender a sua fé, e que acreditam ter prova da verdade e fundação do seu predicado.

Há cerca de quinze ou dezasseis anos atrás, numa pequena vila do Estado de Nova Iorque, surgiram as primeiras manifestações modernas do chamado 'Espiritualismo' — que apareceram de uma forma humilde, e em que aqueles que pareceram produzir as manifestações eram pessoas simples e até mesmo novas na idade. Isso foi o começo do Espiritualismo moderno. Veio da forma de simples estalidos (pancadas), e as manifestações vieram a ser conhecidas como 'As Pancadas de Rochester.' A partir dessas pancadas, nesse condado e nesta terra,

dezasseis anos produziram provavelmente três ou quatro milhões de crentes. Essas pancadas, conforme inicialmente aparentemente misteriosas, foram posteriormente tidas como significando: "Nós não estamos mortos; somos os espíritos dos vossos amigos, e podemos estabelecer comunhão convosco," repercutiu a partir daquela pequena vila até à mais remota parte do mundo civilizado. Onde quer que tenha chegado, pareceu transmitir a mesma mensagem e ser interpretado da mesma maneira.

O seu significado simples é o de que, para além da sepultura, entre este vosso mundo mortal e o do espírito, existe um local ed existência, e que o vale da sombra da morte não é um longo caminho sombrio que conduza ao nada, mas um portal de luz que se abre para revelar o mundo imortal. O Espiritualismo avançou de forma ímpar na história de todas as outras crenças, possui mais advogados, mais devotos, porventura igual proporção de inteligências, no entanto foi porventura alvo de maior abuso, conforme iremos mostrar num instante.

O simples facto de que por meio dessas manifestações os crentes nesta doutrina aleguem ter descoberto aquilo que o mundo da religião fracassou em revelar por quase nove séculos, é em si mesmo suficiente para responder pela magnífica rapidez com que se disseminou; pois enquanto os homens sonharam com a imortalidade e todas as eras revelaram algo do foro da inspiração, não houve inspiração nem ciência que afastasse o terror da tumba, ou que afastasse as trevas da sepultura. Não houve voz que retornasse, ruído de saudação, desenvolvimento elevado nem sublime algum, o que demonstrou que a sepultura não é o fim do homem, e que, se um homem morre, ele voltará a viver.

O Espiritualismo, na sua aceção moderna, defende ser o seguinte: Incorpora não uma nova verdade, mas uma manifestação mais palpável do que é acreditado ser uma verdade antiga. Defende ser nada mais elevado do que a religião, nada mais sublime do que a ciência, mas a incorporação e a reconciliação de ambas. Não erige altares para os seus devotos; não apresenta aos seus exponentes quaisquer sacerdotes nem oráculos; não tem por sua mais sublime e elevada divindade forma alguma, contornos, ou ser, salvo a infindável Verdade. Defende ter desenvolvido um facto, que é o de que os seres humanos podem estabelecer diálogo com os amigos que partiram; que o túmulo não está repleto de terror, mas de luz; que existe um mundo imortal para o qual todos tendem — deveras um mundo em que todos os homens vivem — e que essa imortalidade não se acha afastada da terra, mas próxima aos caminhos do homem, a rodeá-los e presentes com eles todos os dias.

Esse tanto é o Espiritualismo na sua moderna aceitação; o seu Deus é a Verdade infinita; o seu templo é o universo todo — a Natureza; o seu santuário é a alma humana, com as aspirações que alberga, da imortalidade, o seu credo é simplesmente o conhecimento e a verdade, os seus sacerdotes são a sabedoria e a razão da mente humana; o seu oráculo e santuário estão onde quer que a

sabedoria e a verdade puderem encontrar-se. Não lega viver nesta era somente, mas ter vivido em todas as eras, e ter insuflado inspiração em todo trabalho nobre e santo, e em todos os génios. Crê-se ser tão velha quanto o tempo; ter tido a sua origem na humanidade, e dizer respeito ao homem. Parece incorporar toda a inspiração. Data das mais sublimes ideias dos tempos antigos, e parece manter comunhão até mesmo com o presente.

Responde por todas as formas de inspiração; resolve todos os milagres e não os apresenta como tais, mas simplesmente como naturais. Não crê em nada sobrenatural, por todas as manifestações estarem em conformidade com princípios diretos e positivos. Não reclama nada de sobre-humano, por fazer tudo a essa luz perfeita do conhecimento e da sabedoria que dizem respeito ao espírito humano, seja encarnado seja desencarnado. Não alega ter verdade mais elevada do que os outros credos, por a verdade ser sempre a mesma — jamais superior jamais inferior, mas sempre a mesma. Não crê ser superior, por ver em eras passadas as mesmas ideias que ele próprio revela.

O Espiritualismo, no seu sentido mais elevado, não significa teoria nenhuma, nem dogma, credo, fanatismo, imoralidade, qualquer depravação; significa simplesmente a comunhão de almas que passaram além da vida terrena daqueles que permanecem nos corpos mortais. Tudo quanto tenha combinado de modo a tornar este Livro perfeito e belo acha-se incorporado na teoria do Espiritualismo. Senão vejamos:

A religião é aquele elemento na mente humana que exige um objeto de veneração. O Espiritualismo é a demonstração de que esse objeto, em definitivo, é impossível. A religião é o desejo ou a ideia que a alma tem de um ser infinito. O Espiritualismo demonstra que o finito não pode jamais compreender o infinito, mas deve sempre aspirar a tal compreensão; jamais a alcançando, por a eternidade durar para sempre. A religião perdeu-se nas crenças O Espiritualismo defende que a religião se encontra na alma, e não fora dela. A religião aspira à imortalidade. Os credos da teologia derrubaram essa imortalidade, e instalaram em seu lugar um sepulcro, em que homens e mulheres devem caminhar para o túmulo, sem qualquer esperança de uma vida futura. A teologia apresentou ao espírito esfomeado meramente ossos e cascas, esquecendo a alma da vida.

Retirem à Bíblia a parte que fala do espírito da vida, a parte que incorpora a comunhão com os anjos, a parte que parece representar o mundo imortal e retirar-lhe-ão tudo quanto a torna bela e encantadora. Por outras palavras, retirem o Espiritualismo da Bíblia, e não terão qualquer religião. Retirem-no ao Cristianismo, e não disporão de qualquer Cristianismo. Retirem-no do Cristo, e não terão qualquer Salvador, por ter sido através do espírito de Deus e dos anjos que ele desempenhou o seu trabalho.

O Espiritualismo reivindica reconciliar a ciência com a religião. É aquilo que combina os dois unidos. Faz da religião a alma, da qual a ciência é a forma e

expressão Não existe nada de invulgar no Espiritualismo. Deus sempre opera através de leis naturais, e nunca, não obstante a aplicação humana, ou as orações humanas, constou que se tenha desviado da lei natural por capricho ou propósito de qualquer seita religiosa ou crente. Com efeito, embora os homens de todas as nações tenham criado diferentes deuses e os tenham venerado, jamais houve época em que alguma das leis do mundo se tenham alterado para se ajustarem ao propósito dos credos humanos. Antes pelo contrário, a lei da Natureza é sempre perfeita, e os efeitos sempre precedem as causas num curso regular, sem referência à conceção ou à loucura humana.

O Espiritualismo defende o seguinte: que entre o materialismo e a religião existe um fosso inultrapassável, mas que entre a religião e o materialismo não existe atualmente tal fosso, por ter coberto o abismo e revelado a pedra-angular no arco da criação. De que modo? Revelando que a vida, em todas suas áreas, é distintamente o resultado da causa. Não passa do efeito daquilo em que jaz a causa além da compreensão humana; é clara, plena e perfeita. O materialismo tem estado de tal modo separado da religião a ponto de ignorar Deus, ignorar a existência da mente, ignorar o espírito, e no entanto, jamais chegou a viver um só Ateu genuíno. Não fiquem tão admirados.

Homens sinceros alegaram sê-lo, mas jamais apuramos que essa alegação tenha sido plenamente realizada. Os homens de ciência defenderam não ter descoberto no mundo, ou no universo, prova nenhuma de uma mente divina; ainda assim, homens de ciência veneraram de forma involuntária no santuário de um ser Infinito, ou espírito, ou poder, e acreditado na sua existência. O Espiritualismo faz isto: revela ao materialista, que tem tateado o seu caminho durante anos entre uma multidão de factos e fantasias, que existe subjacente a todos estes factos uma evidência da mente; que essa evidência é visível na Natureza, e que, se a mente existe na Natureza, noutras áreas deve existir no homem; que, se a mente existe no homem, enquanto princípio separado e distinto, não pode fenecer, por a Natureza, nos seus princípios legítimos, não perecer.

Vimos o homem de cabelos grisalhos com as marcas dos anos gravadas na testa, e o cabelo esbranquiçado pelos muitos invernos, a tremer à beira da tumba — todas as suas esperanças desvanecidas — os seus filhos, esposa, amigos, removidos para aquele arroio de onde se diz que nenhum viajante pode regressar — que, com visão clara e inflexível, e firmeza na voz, disse: “Também eu devo cair, como a árvore cai, e não viverei mais” — vimo-lo perplexo do devaneio da vida material; e ao som de uma pequena pancada, ou de alguma voz de boas-vindas da parte de um ser invisível, que disse: “Pai! Eu não estou morto, mas vivo.” Vimos-lhe os olhos cobertos de lágrimas, a sua face descontraída, a testa tornar-se radiante ante tal ideia, e as suas mãos me posição de agradecimento por a imortalidade lhe ter sido revelada à visão.

Vimos o inflexível e distante Ateu a curvar-se sobre a forma da sua filha única — a sua esperança, o seu orgulho, a sua vida, o seu pensamento, o seu sentimento, os

seus afetos, com o seu intelecto em estado de rebento, tudo quanto era belo nela desbotado, e aí, envolta nas vestes brancas da tumba, foi preparada para a tumba; vimo-lo curvado sobre essa forma, e enquanto enunciava: “Está morta — isto é o fim da vida! ” na sua alma e no recôndito do seu coração, e separado da sua mente material, surgir uma pulsação de vida, e um sussurro ao seu ouvido: ”Isto não é a morte, mas vida; ” e o Ateu, sobre a forma gelada da sua filha, sonhar com a imortalidade, e erguer as mãos num gesto de oração. Vimos indivíduos que, quando fora de perigo, se mostravam frios, inamovíveis, desprovidos de toda reverência, nem sequer pelo Divino, e que, quando arremessados ao oceano, sem nada mais do que uma prancha frágil entre eles e a eternidade, voltarem os olhos em súplica para os Céus e dizer: “Deus, Pai, Espírito da Vida, salva-nos! ”

Dizemos não existirem Ateus, e isso não pode ser contestado com êxito, pois aquele que alegam argumentar com essa crença por meio do intelecto, contradizem-na nas suas almas e em cada pensamento que têm. Porém, o Espiritualismo defende

— e existem muitas provas vivas da verdade dessa alegação — ter revelado a muitos dos chamados materialistas a verdade da vida imortal; ter revelado a muitos céticos uma verdadeira inspiração; ter exemplificado àqueles que não acreditam num Deus, um verdadeiro espírito vivo, cujo nome se pode dizer seja Deus, mas cujo ser jamais poderemos compreender. Além está uma mãe que porventura tenha enterrado um filho adorado; ela dobrou-lhe as pequenas mãos para a tumba, estreitou-lhe pela última vez o seu beijo nos lábios e testa, e sentiu que a luz da sua vida tinha penetrado nas trevas; que para ela não havia mais conforto nem felicidade; por a sua filha ter desaparecido; e quando por fim foi ocultada dela na tumba, e foram lançadas flores sobre a recém-aberta sepultura, para escárnio do seu pesar, ela se voltou em desespero para a sua religião, e perguntou:

— “Que esperança existirá?” O homem de Deus dissera-lhe que possivelmente a sua filha deveria ser salva. Possivelmente! Pairava uma nuvem de dúvida tão premente no íntimo dessa mãe que lhe torna todo o íntimo repleto da mais intensa agonia. Possivelmente! Ah, se a dúvida pudesse ser afastada! Mas a mãe desvairada de dor, correu de um lado para o outro, em busca de ajuda, enquanto ao redor da Igreja, essa ‘possivelmente’ tem-lhe cercado os ouvidos.

— Ela desvia-se no silêncio da sua agonia, e clama a Deus por ajuda. Sobre ela e ao seu redor afiguram-se nuvens do mais profundo pesar; contudo, em meio a essas trevas ela pensa escutar uma voz, um prateado, uma voz melodiosa a cair qual chuva sobre o seu espírito exausto, sente braços ao redor do seu pescoço, mãos que lhe pressionam os globos oculares, e beijos que lhe cobrem o rosto, e a voz diz: “Mãe! Eu não estou morta, mas vivo.” O coração da mãe enche-se de alegria, e ela crê que a sua filha não se encontre sepultada na tumba.

E vimos aqueles cuja teologia, não religião, tornou estoico e frio aquele que pensara que além desta terra exista um Deus de ira que julgue entre os bons e os maus, entre os retos e os injustos, e condene alguns ao tormento eterno, enquanto outros são abençoados com constante alegria e felicidade, quando aptidão

nenhuma, nem demónio poderiam conceber onde a linha divisória possa situar-se

— em que, pelo menos, a maior porção da humanidade estava condenada ao tormento — vimos desses, em toda a agonia e angústia dessa crença a vacilar e a desfalecer na orla da imortalidade, e a perguntar: "Virei a ser salvo?"

Conquanto a maior proporção não pensou nem teve qualquer crença na imortalidade, vos vimo-los, sob o impulso de uma inspiração qualquer ou ideia oriundo do mundo dos anjos, de repente ganhar brilho na consciência de que o amor de Deus é infinito, e não finito, e que aqueles que passaram se encontravam mais ou menos felizes, e de acordo com as suas vidas terem sido boas e perfeitas, mas que desde o mais alto dos céus ao mais baixo dos infernos, não há intensidade tão negra que o amor de Deus nele não possa brilhar; e esses tornaram-se felizes por meio da crença no Espiritualismo.

O Espiritualismo defende remover o temor do túmulo, ao afastar o poder da morte. Vendo que a morte não passa do mensageiro da vida, que abre as portas da imortalidade e conduz a alma livre à terra do pensamento e da vida imortal, não é terror nenhum, mas simplesmente um anjo da vida. Aqueles que adotam o Espiritualismo acreditam não existir coisa alguma quanto perfeita felicidade ou completa infelicidade; que a morte não passa de um trampolim para uma outra condição avançada; que, à medida que a mente recebe conhecimento, também é feliz; que, se as pessoas fizerem o bem, também serão conscientemente felizes; mas que não existe punição nenhuma, enquanto tal, e nenhuma recompensa, enquanto tal, pelo bem ou pelo mal, além daquele castigo e recompensa que se encontre na alma humana.

Acredita que se o reino dos céus tem lugar dentro do espírito, também o reino do inferno e da infelicidade aí tem lugar, e que quando o inferno é afastado de dentro, o céu tem lugar; e que aí tem lugar todo o castigo e todo o julgamento do mundo imoral. Acreditam que o homem venha a sofrer pela sua ignorância e pelas suas más ações, mas venha a ser feliz se fizer o bem; que o maior e melhor pensamento deveria ser o de administrar a aplicar a felicidade aos outros, e que isso deveria ser feito não fazendo a nenhum homem ou mulher nenhum erro nem injustiça; que é correto fazer aquilo que torne os seres humanos felizes, e errado o que trate da sua infelicidade. Esse é o começo e o fim da religião e do Espiritualismo.

O Espiritualismo acredita igualmente, ou alega fazê-lo — e aqueles que acreditam nisso parecem compreender este sentido — que na eternidade não existe repouso. Por outras palavras, que a alma jamais dorme ou experimenta fadiga, mas prossegue ininterruptamente, através dos diversos avanços do espírito num interminável e terno progresso; que o espírito é a manifestação da alma, que é semelhante a Deus, e por isso mesmo perfeita, só que por vezes irradia de forma sombria através da forma que a encerra, e então parece ser má.

O Espiritualismo defende ter existido em todas as eras e ter inspirado todo trabalho da inspiração; parece ter existido com os profetas; foi revelado na lei de

Moisés; foi dado a Maomé; faz parte dos Índios e dos Chineses; diz respeito a todas as nações e eras. O pobre índio, que vê a Deus como o Grande Espírito, e sonha com os campos de caça do mundo imortal, que acredita no céu e na imortalidade e na sua vida espiritual; por o pobre índio escutar a voz do Grande Espírito, e pensa na alegre vida futura, e a sua religião ter lugar na vida e na Natureza.

Também aqueles que adoram ídolos por vezes tiveram uma inspiração, e os seus ídolos são a forma em que as suas ideias foram tidas em grande conta. O Cristianismo, no seu verdadeiro sentido é a vida dessa inspiração; o Cristianismo, no sentido da teologia, é o folhelho e a casca que são deixados para trás e em que o espírito por vezes se esqueceu de entrar.

O Cristianismo, na sua essência verdadeira e divina, significa comunhão com o espírito de deus, a visita de espíritos angélicos aos poderes que existem em todo ser humano; no seu sentido teológico, significa simplesmente a visita dos poderes divinos às igrejas; mas mesmo aí, quase desapareceu por completo, e parece nunca ter existido; mas para aqueles que compreendem e sustentam a fé Espiritualista, é geralmente conhecido que o Cristianismo e o Espiritualismo são o mesmo, e que diferem unicamente nas suas manifestações, conforme as nações e eras exigem que façam.

Também lhes parece que a inspiração, neste sentido, se estende a outras áreas; que a poesia e a arte em todas as suas formas, constituem os dons do espírito; que eles existem dentro, em virtude de alguma peculiaridade da organização ou circunstância, e são suscitados conforme a ocasião o requeira; que aquele que pinta um panorama com um toque que se assemelha à Natureza, é tão inspirado quanto aquele que escreveu a Revelação ou quanto Cristo, quanto esteve no Monte e pregou à humanidade as lições da compaixão e do amor; que aquele que esculpe no mármore frio uma forma que se parece consigo próprio, é tão inspirado pela Natureza quanto aquele que no Monte Sinai enunciou em tons de trovão a voz da verdade viva.

Eles creem que a inspiração se estenda em todas as direções; que todos os dons e todas as profecias e poderes, toda a poesia e toda a sabedoria e filosofia, não passe das diversas áreas dessa mesma inspiração; que a própria ciência é projetada em função da sua revelação. Nunca existiram invenções sem inspiração, embora os homens as tenham tornado estúpidas e banais pela aplicação que lhes dedicaram. Mas jamais existiu uma ideia nova na ciência que não tenha surgido à semelhança de um cometa, a irromper à vista humana, para então por fim revolver ao redor de uma órbita regular, adaptada às necessidades e propósitos humanos.

Os homens que concebem invenções não são aqueles que as adaptem a usos práticos, nem os que recebem os benefícios delas; eles parecem ser inspirados pela ideia, e deixar a outros moldá-la que satisfaça as necessidades e propósitos dos homens. Todos quantos têm sido Espiritualistas — quer dizer, aqueles que tiverem tido inspirações — foram no seu tempo e na sua era perseguidos, foram chamados fanáticos e impostores, por sempre existir um antagonismo entre a morte e a vida,

entre a forma que esfriou e o espírito que está mesmo a surgir. Não existe afinidade alguma entre a noite e a manhã; a noite desaparece, ou afasta-se, e a madrugada aproxima-se, e o sol, com o brilho total, ilumina a terra e os céus.

Assim, jamais existe afinidade, jamais harmonia, entre aquelas teorias teológicas, políticas ou científicas gastas, e aquelas que são novas e tão frescas quanto a inspiração. Precisa ser assim — não pode deixar de o ser, porquanto uma é a renovação da vida, a outra é o seu declínio e partida. Ambas são essenciais, só que com o tempo, uma deve dar lugar à outra.

O Espiritualismo alega incorporar em si tudo quanto a mente atingiu, ou pode alcançar nas suas manifestações. O Espiritualismo tem sido, porventura, muito diferente — de duas causas, uma das quais é a de que as aspirações humanas são sempre superiores às realizações humanas; a outra é a de que os seres humanos se acham divididos em duas classes distintas — aqueles que vivem no passado, cujas salvaguardas dependem da sociedade, organização e governo, e daqueles que vivem sem organização, sem sociedade e sem governo e que, à semelhança de diversas excrescências à superfície da terra parecem dar vida à harmonia geral da criação. Porém, essas exceções só provam a regra. Á semelhança de todas as novas teorias, e especialmente como aquelas teorias que contêm em si algo do bem e mais elevado bem.

O Espiritualismo foi pervertido aos mais baixos usos, por ter suceder ter lançado luz sobre essa classe de mentes que pairam, flutuam, que não têm religião, teoria, crença, política, moralidade, nem profissão em geral, mas que, com toda o tom novo da crença popular, parecem desejar cingir-se a ele, a fim de satisfazer os seus particulares propósitos e fins.

Os Espiritualistas não negam isso, e muitos deles estão bem cientes do facto; e muitos deles, porventura, têm orgulho nele, mas em todo o caso, o Espiritualismo sofreu mais com os seus amigos do que com os seus detratores; sofreu mais com aqueles que professam acreditar nele do que daqueles que amargamente se apõem a ele; sofreu mais com aqueles que envergam as suas vestes, sem o seu espírito, do que aqueles que manifestamente e realmente descreem dele — por ter havido quem tenha arrastado as vestes puras dos anjos para servir a Sua Majestade e os seus próprios propósitos — que terá levado o Espiritualismo a parecer tão baixo, porventura, quanto os seus desejos bajuladores e propensões incoerentes o podiam tornar.

De modo que assim, o Espiritualismo se tornou, na boca dos seus opositores, não a designação daquilo para aquilo que é elevado e sublime, mas um nome para todo o tipo de fanatismo, todo o tipo de absurdo, todo tipo de afeto, e, por fim, nome para coisa nenhuma. Precisamos, por ora, submeter-nos ao seguinte. Como é evidente. Não estamos surpreendidos com isso; e vós não deveríeis estar, por a causa ser amplamente evidente. Tem havido demasiado professar acreditar no Espiritualismo, sem saber o que signifique; tem havido demasiado apelo àquele Espiritualismo que não é mais como ele do que a noite é como o dia, ou do que é possível que dois contrários se assemelhem.

Tem-se dito demasiado “Eu sou Espiritualista, ” sem que se conheça ou suponha a sua definição ou sentido do termo; e aqueles que tenham tido qualquer teoria peculiar, qualquer passatempo ultramoderno, qualquer reforma social, moral ou religiosa a garantir (não em si, é claro, mas na sociedade em geral) chamou-lhe Espiritualismo.

Aqueles que tiverem qualquer passatempo favorito que desejem exibir ao mundo e carregá-lo em benefício da humanidade (conforme em termos filantrópicos afirmaram) chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que desejaram melhorar a condição de todos exceto deles próprios, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que desejaram exemplificar que a palavra em todas as suas áreas, moral, religiosa e social estava errada, e que eles, os indivíduos eram nomeados pelos elevados poderes angélicos para o corrigir, chamaram-lhe Espiritualismo.

Aqueles que veem ciscos nos olhos de toda a gente, mas nenhuma trave nos seus, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que viram discórdia em todos os lares que era preciso aplacar (mas de como a removeram estais todos bem cientes) chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que desejaram derrubar toda cidadela, todo santuário do amor e da devoção humana, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que espiaram os afazeres privados das pessoas e que arrastaram as suas imperfeições diante do público, chamaram-lhe Espiritualismo.

Aqueles que entraram para o Governo, e descobriram existir uma lei e um poder mais elevados por que as pessoas podem ser governadas, chamaram-lhe Espiritualismo. Porém, na verdade esses têm representado unicamente a escumalha flutuante à tona das grandes águas, que, quando despertarem por força dos ventos, poderão ser purificados no seu todo.

Não creiam que isso seja Espiritualismo que, na palavra, pensamento ou manifestação seja diferente dos pensamentos ou manifestações mais sublimes ou sagradas da mente. Não creiam em anjo ou homem, ser humano ou arcanjo que difunda ou leve a que se difunda uma ideia que não esteja de acordo com as ideias mais sublimes dos anjos. Não creiam que inspirador ou orador, instrutor ou médium, em nenhum espírito que diga “Faz isto!” que no vosso íntimo saibam ser errado, e que todo o mundo a quem tenha restado suficiente noção esteja igualmente errado. Não creiam no Espiritualismo que bata à porta de todas as casas e pede acesso por toda a forma, que se envolve nas vestes de um anjo de luz, que possa por sua vez destruir, pois chega como pestilência relampejante, e não tem por nome Espiritualismo mas Morte.

Não creiam naqueles que, em nome dos anjos, se atrevem a profanar os pensamentos holísticos da mente humana ou a profanar o santuário do lar, do amor ou do afeto; porque também esses fornecem e destroem as vestes que envergam. Não creiam naqueles que em nome dos altíssimos e sublimes espíritos pronunciam todos os homens vis, enquanto eles próprios seguem todos os caminhos exceto o da virtude. Não creiam no Espiritualismo que trata o Cristianismo como vil, por um ser a prova do outro. Se o Cristianismo fracassa, o Espiritualismo também cai; se o Espiritualismo fracassar, o Cristianismo terá a mesma morte. Todas as religiões são fundadas sobre o mesmo

predicado. O Espiritualismo é apenas uma outra prova, a qual, a ser verdade, trará a luz; se não for, liquidará todas as outras formas de adoração e toda a inspiração superior e sublime.

O seu nome tem sido pervertido e o seu poder não é conhecido; e o mundo poderá pensar, (e com justiça) que aqueles que acreditam no Espiritualismo não vivem à altura da luz que professam. Todos os homens são mais dados a pregar do que a praticar, por nenhum homem praticar em pleno aquilo que tenta inspirar os outros a praticar. A aspiração e a possibilidade da sua consecução, são coisas bem diferentes. Aqueles que acalentam os sonhos mais sublimes nem sempre os conseguem realizar na vida diária. Os homens são idênticos em toda a parte. Vocês podem exemplificar isso no dia-a-dia. O que quer que vierem a fazer, todos poderão, sob as mesmas circunstâncias, ser induzidos a fazer. Por isso, Cristãos e Espiritualistas não deviam ser os que lançam a primeira pedra.

Uma vez mais, o que quer que possa existir em relação com as incongruências que apresenta (e muitas são) que sejam revoltantes para todo conceito de correção, da moralidade e da santidade, existe, no verdadeiro Espiritualismo, nada exceto pureza e a própria vida. Tudo quanto é sagrado na alma humana é alimentado por isso. Toda a sede de imortalidade é saciada nas águas da vida que correm das inspirações. Tudo quanto é elevado nos sonhos do lar ou dos que lhes são queridos que tenham falecido, é mais do que realizado pelas mensagens de amor e de esperança e de imortalidade que procedem deles.

Por isso, embora homens vis e ignorantes, embora mentes pervertidas e que não possuem qualquer uso distinto nem adaptação à sociedade, parecem, nas suas diversas áreas, arrastá-lo para fins baixos, lembrem-se de que a verdade não poderá nunca ser prejudicada; que aquilo que é correto e justo e puro não poderá ser despedaçado; enquanto aquilo que é pecaminoso fenecerá por si só. O Espiritualismo é seguro, a religião é segura, por ser perfeita, e incapaz de ser ofendida, ou prejudicada ou deteriorada pelo toque humano.

Poderá parecer que o homem lhe desfigure a forma, mas não poderá prejudicar o espírito. Por isso, vivam na esperança e confiança da sua fundação e imortalidade. Transmite à alma um sentido de conforto e de paz. Prega a vida que há de vir e fala de todo o dever. Produz uma inspiração que é mais sublime do que o mais altivo dos cânticos que o homem possa entoar, e profere a sua voz de ação de graças em tons de harmonia que vibram a partir do mundo invisível.

O Espiritualismo é aquilo que eleva os homens, que purifica a alma, que os leva para perto do Deus único, que os leva a sentir que aqueles a quem amaram e perderam estão próximo a vós; que os vossos amigos não estão mortos, mas ao vosso redor, a guiar-lhes os passos, e a guiá-los, invisíveis, dos caminhos prejudiciais. Com certeza que nisso não há mal; porque, quem não se sentiria mais santo com a consciência de que os olhos de uma mãe se curvam sobre si, que ouve a sua voz nos ouvidos, que a sua presença, consciente ou inconscientemente,

consigo, a guiar-lhe cada passo? Não, não é o Espiritualismo mas a sua perversão, que torna os homens maus. Não é o Espiritualismo, mas os seus opositores que se apresentam ao mundo numa forma repulsiva. Não é o ministério dos anjos, mas a sua falta de ministério que provoca tal fanatismo, tanta impureza.

Cobicem os pensamentos mais elevados da inspiração angélica Creiam naquilo que é verídico e justo e puro, seja de onde for que venha; mas rejeitem aquilo, seja por que designação seja que surja, que na forma pareça possuir, ou moldar ou animar os elementos da discórdia e da corrupção. Os anjos procuram, com a sua ministração, tornar o mundo mais puro e melhor.

Quando eles fracassam nisso, a culpa não é deles, mas da forma em que os homens recebem e pervertem as suas verdades. Recebam, pois, o Espiritualismo conforme é e devia ser, à luz de uma nova visita, no espírito da religião e ciência, na aspiração da alma, e aprovam mais na consciência do certo e do errado, naquela razão que é dada a toda a alma, no poder do discernimento interno, em preferência a todo enunciado ou inspiração, por mais perfeitos que possam ser, que disputam a razão, e destronam o juízo humano. Isso não passa de um fogo-fátuo que conduz os homens à desolação e à ruína. Deixem que a mente esteja correta e o espírito será certamente perfeito.

O Espiritualismo, no seu sentido maior, é vida constante, perpetua, é o anjo da inspiração humana, o génio do progresso humano, a força motriz do avanço humano. Virou as engrenagens do governo e derrubou impérios; desenraizou a fundação de monarquias e estabeleceu a liberdade humana; entrou nas mentes dos governantes, e com um sopro só controlou o pensamento de uma nação. Insuflou a sua inspiração na rocha dura, e transformou-a com que na forma viva; abriu uma autoestrada para os minérios que a terra encerra, e eles por sua vez assumiram a forma da vida humana e da utilidade humana; pela sua subtil ação percorreu todas as vias da vida, entrou em todos os santuários e aí, com o seu hálito e poder destituído de voz destronou monarcas ruins, e estabeleceu a fundação da verdade.

Chega em silencia e não de forma rude, a todo espírito, e tem, pelo seu oráculo e sacerdote, a voz da alma viva que se encontra dentro do homem Busca, não uma língua sonora que leve a sua presença a ser conhecida, mas em silêncio, no lar, à lareira, no santuário, e no coração humano, insufla as lições do amor, e elas são recebidas de forma impercetível. Guia, guarda e protege a alma humana, qual halo de luz, impercetível, porém, palpável. Tem a radiação do sol do amor e da verdade, e carrega o nome da imortalidade; insufla na alma a canção alegre do regozijo, e os homens fortalecem-se à medida que vão marchando pela colina do tempo acima, com os pés a sangrar e as pernas fatigadas, por acreditarem que as margens da imortalidade lhes apresentam uma promessa gloriosa, e flores de fé e esperança espalhadas ao longo do seu caminho.

Tal é o Espiritualismo, na verdade, e tal parece ser. Aceitai aquilo que é real, e rejeitai o que é falso. Usai o vosso juízo — ele foi-lhes dado por Deus; a vossa razão

— é o único critério da alma humana; por fim, deixem que a inspiração da alma

seja perfeita e pura, e o Espiritualismo não mais será termo de zombaria mas significará aquilo que é — a ciência da vida.

PROF. AGASSIZ FALA SOBRE A EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO
PROF. AGASSIZ

Quando Prof. Agassiz falou através da médium, a favorita teoria da evolução estava a ser proposto pelo mundo científico. Um dos adeptos eruditos Ingleses desse tema tinha acabado de visitar as margens do Novo Mundo, e o clero Americano tremia diante da nova teoria, e de todos os púlpitos da terra, os discursos trovejaram num esforço por levar as descobertas da Ciência a conformar-se com as tradições da Bíblia Cristã, e para nosso espanto, o Professor fez a seguinte descrição bastante surpreendente da nossa origem.

Eu venho da minha casa na ilha ao chamado da ciência, na esperança de acrescentar algo à informação já obtida. Esta senhora, com os olhos vendados e hipnotizada, torna-se sensível às forças invisíveis, e nesta condição a sua alma é capaz de viajar através do espaço, e de tomar conhecimento dos factos estranhos não acreditados que estão a ter lugar fora deste plano terreno da existência.

Quando retomar o seu estado natural, o conhecimento assim obtido parecer-lhe-á vago e indistinto, mas mesmo enquanto se acha em transe torna-se-lhe difícil descrever perfeitamente aquilo que ela vê, ou repetir adequadamente o que é dito.

Este estado de coisas deve ser levado em conta pelo meu leitor no sentido de entender o assunto de que trato. Apenas recentemente a ciência conseguiu traçar um historial do vosso globo e dos seus habitantes; vocês percebem, pois, que, se é difícil obter conhecimento do mundo em que vivem, deve ser infinitamente mais difícil obter informações de uma região tão remota quanto o mundo que eu habito.

Os geólogos hão de dar-lhes conta de animais gigantescos que viveram na terra há séculos, e de leitos dos rios que secaram e silenciaram para sempre, por reunirem os poderosos fragmentos e ossos fossilizados da fauna de um período geológico há muito extinto, e articularem essas imensas carcaças, de modo que possam ser

expostas diante do espectador, formas estranhas, inconcebíveis, repulsivas e demoníacas ao olho não familiarizado com tais criações, que eram familiares o suficiente me relação aos seres contemporâneos à sua existência. Como no vosso mundo existiram seres que pareceriam criações grotescas e quase impossíveis aos olhos de hoje, assim em toda terra se deu uma série de evoluções similares antes de o homem tomar sua morada nela.

Sendo o homem a perfeição da forma animal (cuja origem é fonte de acesa investigação da parte de arqueólogos e geólogos), cujas faculdades mentais e morais o colocam muito acima dos animais inferiores, isso provoca uma ruptura na teoria do desenvolvimento que confunde a mais astuta mente da Nova Escola. As investigações que fiz desde que me tornei um habitante deste mundo superior convenceram-me de que o homem originalmente migrou para a Terra de um planeta superior. Do seu caráter migratório e da tendência de uma raça maior de se assimilar e confraternizar com uma menor, vocês já têm uma verdade que o corrobore na ascensão e queda das nações na terra e os resultados que as acompanham.

Num período remoto este globo foi cercado por uma atmosfera muito diferente da de hoje em dia, em que a atual raça de homens não poderia ter existido. Durante esse período ao qual aludo, a terra foi visitada por seres de um mundo espiritual, atraídos aqui por uma força de atração magnética, que era então um poderoso agente, de cuja força a ciência passa unicamente uma ideia débil ao estudante da Natureza. Influenciados por essa força e pelo espírito de aventura e pelo hábito migratório coexistente com a Natureza, essa colónia de espíritos visitou a vossa terra. Eram homens e mulheres de estrutura gigantesca, e eles estabeleceram-se numa porção de terra que foi submersa pelas convulsões subsequentes da natureza.

Os descendentes desses seres deterioraram-se no tamanho e tornaram-se mais materiais que os seus progenitores por um processo de aclimatação. Conforme afirmei, foi devido a uma condição peculiar da terra e da atmosfera, que esses seres espirituais foram capazes de assumir uma morada física sobre a terra. Para entenderem esta declaração de facto, o leitor deve ter em mente que aquilo que é chamado de espiritual e imaterial é meramente um atributo refinado da matéria.

Que a eletricidade, o magnetismo e a força Od são os componentes do espírito, e que na realidade são forças materiais refinadas, e que o espírito e a matéria são idênticos, ainda que diferindo como o calor difere do frio, e a luz difere da opacidade.

Esses seres, como os denomino, eram de diferentes graus de perfeição. Os mais desenvolvidos entre eles trouxeram um gosto pela música, escultura e pintura, e um amor pelas formas bonitas e graciosas, das quais os seus descendentes no antigo Egipto e na Grécia deixaram lembranças. Conforme eu disse, esses seres (que, na presente atmosfera, seriam invisíveis aos olhos de um mortal da terra), envergaram ao seu redor uma cobertura material, e como o homem agora substitui a cada sete anos a forma exterior, aprovisionando o seu lugar com um material novo, assim também eles juntaram a si próprios das formas corporais circunvizinhas elementos circunvizinhos que, todavia, no devido tempo eles

abandonaram. A existência da primeira raça de homens era de duração muito mais longa que a dos actuais habitantes da terra.

As formas físicas de cada geração subsequente, embora deterioradas, tornaram-se menos adaptadas às necessidades do espírito; e agora é apenas pela ajuda da ciência e pela constante aplicação de invenções às necessidades do corpo que, no dia-a-dia, o espírito do homem é capaz de preservar a sua existência dentro de seu atual frágil habitáculo.

É impossível voltar à origem da vida, por ser da eternidade; e com franqueza creio que não existiu qualquer começo. Eu sei que existem mundos mais numerosos do que as areias das praias, e uma eternidade não poderia enumerá-los. Esses mundos são povoados com seres dotados de poderes morais e espirituais. Eles possuem diversos graus de perícia e natural capacidade: alguns possuem uma perícia superior às dos habitantes da terra, e outros inferior. Esses seres vivem para sempre em diferentes graus de sublimação; e como a semente alada que é levada pelo ar leva a sua vida profícua a um solo distante, assim no mundo superior os habitantes espirituais são levados por meios magnéticos e forças eléctricas para pessoas de mundos distantes.

O cometa, aquele estranho visitante, carrega em sua brilhante carruagem voadora, espíritos na mesma missão pelo espaço. Entendo que o que agora parece obscuro para os cientistas será decifrado e esclarecido por futuras investigações na ciência do magnetismo e do espiritualismo. Do meu lar, aqui, acima das nuvens, nesta bela ilha onde procedo aos meus estudos, vejo com interesse as investigações de homens como Wallace, Tyndall, Crookes, Lubbock e o grande círculo de estudantes de Inglês e os seus irmãos na América e em outras partes do mundo.

Médium: Susan G. Horn

HORACE GREELEY

A ASSOCIAÇÃO GREELEY

Com o Sr. G. .. um cavalheiro que previamente se interessara pela causa do anti-esclavagismo e fora fervoroso defensor do comunismo, após ter apelado e apresentado a si mesmo como especialmente interessado em "Estranhas Visitas, " e satisfeito por encontrar informação da condição natural do Mundo Seguinte, a conversa voltou-se para Horace Greeley, o grande jornalista Americano e defensor da reforma agrária; e por o Sr. G que desejar saber que opinião o Sr. Greeley teria

do comunismo no mundo espiritual, a médium foi controlada, e o Sr. Greeley falou conforme se segue:

Era um dia frio, húmido e sombrio, e de tal modo que eu dei o meu último olhar ao meu corpo enquanto se encontrava rodeado de flores na Igreja Dr. Chapin. Olhei em volta para a multidão reunida nesse edifício e reconheci muitos velhos amigos - ou melhor, toquei neles e estendi-lhes a mão num último adeus! Eles não perceberam a minha presença; tinham os olhos fixados na forma inerte e sem vida; o corpo espiritual eles não conseguiam ver! Eu sabia que era invisível para eles, por eu não ter ignorado a filosofia espiritual; embora externamente eu a rejeitasse, mentalmente, aceitava-a como uma verdade.

Eu sentia-me contente por estar livre do corpo, pois durante aquela temível campanha presidencial eu tinha sido influenciado por muitas mentes em conflito, e fora forçado a subscrever políticas e acções às quais me opunha. Assediado e fatigado, desapontado com os meus prospectos e humilhado por amigos que me deveriam ter sustentado, ansiava por escapar da terra, tanto mais que não mais retinha a minha capacidade habitual de julgamento; como um leão com um pé numa rede, quanto mais eu me esforçava por me livrar, mais eu me sentia preso nas suas malhas. Olhei de volta para a multidão que se dispersava e percebi que estava livre. Não havia mais nada que me prendesse à terra e, acompanhado por alguns amigos, parti na minha primeira jornada para o Mundo dos Espíritos.

A atmosfera era pesada, e abrimos caminho através dela com dificuldade. Não fomos directo para cima, como eu tinha imaginado que devíamos fazer, mas tomamos a direção norte sobre a cidade, parando em Chappaqua* para satisfazer o meu desejo de dar um último olhar à minha forma antes de partir, e ver um pouco das minha melhorias. Lágrimas de emoção encheram-me os olhos quando caminhei ao redor da velha casa, vi o chão que eu tinha melhorado, cruzei a pequena ponte, e fui até ao meu outeiro favorito, com cabelos soltos no ar; então percebi que eu não poderia plantar de novo com a minha de forma física, e inventar e embelezar aquela velha fazenda. Margaret Fuller era um daqueles que me acompanhava; ela sempre gostara dos bosques e, ao descobrir que eu estava dominada pelos meus sentimentos, ela incentivou-me a prosseguir a minha jornada.

*O nome indígena da aldeia onde Greeley residira.

Foi com uma sensação de alívio que nos afastamos por um caminho de luz, embora, na verdade, fosse mais como um rio largo do que como um caminho. Um estrato fresco e balsâmico de ar, como o da nossa floresta no verão, permeava o caminho. Prosseguimos no nosso caminho com uma velocidade crescente, pelo, creio eu, pelo espaço de quinze ou vinte minutos, passando por aquilo que é conhecido como a região estelar, que os astrónomos nos dizem ser um vazio escuro e frio, e que, para as sensações mortais, deveria ser mais frio do que as regiões polares,

mas que eu achei favorecido com aquele ar suave como a primavera, causado pela corrente eléctrica, que, como a corrente do golfo, fluía diretamente por esta região.

Desde então, percorri esse espaço aberto em menos tempo, mas, nessa minha primeira viagem, acho que se terão passado uns quinze minutos antes que eu visse qualquer habitação ou vida, quando de repente eu pareci ver a Terra a estender-se abaixo de mim - montanhas, rios e folhagens distantes, como um balonista vê espalhada sob o olhar a face da natureza enquanto desce da sua viagem entre as nuvens. Velejamos durante um tempo considerável para um belo país - eu seguindo a orientação dos meus amigos, que se dirigiam para algum bairro familiar onde éramos esperados. Eu notei porções de terra incultas sobre as quais passamos, que apresentavam uma semelhança geral com a terra de que eu acabava de sair.

Logo começamos a descida para uma torre situada sobre uma colina que, ao chegar, descobri ser uma estrutura leve e bonita de um estilo composto de arquitectura. Ele situava-se sobre um extenso pedaço de terra que abraçava diversos acres, embelezadas por flores e arbustos ornamentais, como de facto, o que vocês chamariam na terra um hotel ou depósito. Pousamos numa das varandas, e entramos através de uma varanda para a parte interna do edifício.

Os pisos da antessala estavam cobertos por uma espécie de seda, bordada com belos desenhos que representavam boas-vindas e saudações de amigos. Dei especial atenção a essa cobertura ou carpete, pois para mim era feita de tecido novo. As paredes tinham espelhos pendurados, que muito se pareciam com aquelas que eu tinha visto na terra, e, ao me olhar a um, eu vi-me reflectido, com um aspeto cerca de trinta anos mais jovem, mas ainda natural a memória que tinha de mim próprio. Passamos adiante; uma porta que dava para um aposento contíguo foi aberta e fui imediatamente recebido por uma multidão de amigos, entre os quais estavam Henry Clay e Abraham Lincoln.

Uma multidão de homens de letras, que conheci na minha posição de jornalista durante os últimos vinte anos de minha vida, reuniu-se à minha volta: muitos que haviam desaparecido da terra nas memoráveis batalhas entre o Norte e o Sul.

Entre aqueles que eu pessoalmente conhecia, descobri o general Scott; também Richardson, cujo trágico destino se acha presente na memória de muitos.

É quase impossível descrever os sentimentos que me invadiram quando vi tantos rostos familiares que me tinham saído da mente, conforme me parecera, para sempre! E como foi que essa gente apareceu? você poderá perguntar. Será que eles realmente se pareciam com homens que você encontra todos os dias nas ruas ou na permuta? Eu não consegui detectar nenhuma diferença essencial, exceto que elas pareciam mais jovens e menos preocupados.

Depois conversar durante um bocado sobre a condição política dos Estados Unidos e da nomeação do general Grant, que descobri, todos apoiavam com toda a força:

"Bem, presidente Greeley, " disse o meu velho amigo Abraham Lincoln, de maneira jocosa; "como não pudemos fazê-lo presidente dos Estados Unidos, vamos fazer de si Presidente da nossa Sociedade Agrícola, e director de uma comunidade que estará mais em harmonia com os seus pontos de vista e desenvolvimento do que a ocupação da Casa Branca teria sido. "

Eles então propuseram levar-me a ver essa comunidade agrícola. Eu concordei com a proposta, e fomos para fora do prédio, descemos uma escadaria magnífica, construída numa variedade de pedra de cor de açafrão pálido. Ao comentar a beleza peculiar e polidez da pedra, um da companhia informou-me que era uma mera composição, e que os princípios da natureza eram tão bem compreendidos no mundo espiritual que quase qualquer pedra preciosa ou mármore poderia ser imitada pelos espíritos.

Em ambos os lados dos largos degraus, sobre pedestais enormes, encontrava-se um imenso globo, um encimado por um pássaro estilo Fénix, o outro por um navio artisticamente concebido - um a representar o mundo espiritual e o outro o mundo material. Uma longa avenida, proveniente dessa entrada, que se estendia até os portões, encontrava-se pavimentada através do centro com uma composição similar altamente polida com desenhos alegóricos incrustados, em tons de um violeta claro e rosa. Em ambos os lados desta avenida cresciam árvores de uma luz e folhagem de penas, cujos ramos arqueados se reuniam e formavam um belo pálio sobre o caminho.

A distâncias regulares por essa estrada larga tinham sido colocadas figuras erguidas sobre pedestais, a representar os animais nativos da América. Eu examinei tudo cuidadosamente. Em cada um dos lados do caminho, para além destas imagens esculpidas, viam-se leitos compostos por um curto tipo de relva arroxeada. Essas pastagens achavam-se adornadas por magníficas fontes. Um grupo de cisnes de mármore formava a base de um deles, e a água jorrava dos seus vários bicos; no centro, acima deles, erguia-se uma espécie de avestruz colossal, com a cabeça e o pescoço estendidos para o alto, a jorrar água em quantidades a uma imensa altura.

Um outro lema era composto de flores; lírios de lagoa colossais, com as folhas interligadas, a formar a base, uma variedade graciosa do jarro formava a coluna central, água que jorrava a partir do cálice elevado.

Eu fui muito desviado por essas fontes extraordinárias, e o fluxo constante de água ao mesmo tempo surpreendeu-me e encantou-me, por nunca ter pensado na probabilidade de ver a água num local espiritual.

Ao chegar aos portões encontramos uma carruagem bonita aberta à espera; estava forrada com um material branco cravo, com flores douradas gravadas. Essa carruagem era movida por um dispositivo mecânico que não descreverei agora, carregava-a uma força eléctrica pelo chão tão suavemente quanto um par de

cavalos. A estrada estava boa e o aspeto do país fresco, verde e agradável aos olhar. O sol espiritual brilhava intensamente, enquanto o termómetro marcava, quero dizer, cerca de vinte e seis a trinta e dois graus, com uma brisa de ar agradável a soprar sobre nós. O ar apresentava um aroma perfumado e refrescante, mais do que qualquer campo de feno recém-cortado que eu já houvesse cheirado na Terra.

Cerca de uma hora de viagem por essa estrada magnífica trouxe-nos ao nosso destino onde descemos; o nosso grupo consistia de Henry Clay, Daniel Webster, A. Lincoln e eu, cada um ardente amante da agricultura, e com agradáveis felicitações eles me apresentaram a minha fazenda.

Entramos por uma entrada aberta, e procedemos até uma casa. Eu mal podia acreditar no que os meus olhos me mostravam, que se parecia de novo com o meu antigo lugar em Chappaqua! O terreno era o mesmo; algumas dos melhoramentos que eu fizera surgiram diante de mim. "Como diabo sucede isto? " disse eu a Henry Clay. "Isto parece uma reprodução fiel de Chappaqua! "

"Parte disso é o trabalho dos seus amigos e parte do seu próprio esforço. Muitas vezes, quando você pensava estar na sua própria cama a sonhar com os melhoramentos que pretendia fazer na sua fazenda, você estava realmente a trabalhar aqui. Uma quantidade de anos antes de você deixar a Terra, você, sem dúvida, notou quão abstracto você se tornara; tornava-se a cada dia mais difícil despertá-lo do seu estado anterior de atividade. Bem, essa condição devia-se ao facto do seu espírito se encontrar aqui, ocupado a preparar uma casa antes da sua chegada. "

Isso pareceu-me uma afirmação notável. Aqui, ao que parece, qual sonâmbulo, tinha eu andado e trabalhado durante o meu sono! "Os outros fazem o mesmo? " perguntei.

"Com certeza que muitos fazem; mas se a humanidade ao menos tivesse consciência dessa habilidade, eles trabalhariam de maneira mais inteligente e produziriam melhores resultados. ”

“Durante anos a fio na Terra, ” disse Lincoln, "você defendeu a doutrina de que os jovens capazes e cheios de energia deveriam deixar as cidades sobrelotadas e 'ir para o Oeste' ("Vá para o oeste, jovem! "). Bem, aqueles entre os jovens que eram trabalhadores e digno, e que foram apartados da vida pelos acidentes da guerra e da doença, foram trazidos para esta associação em seu nome; nós denominámo-la A Radiante Associação Casa de Greeley. É um nome estranho, mas apropriado, já que cada hora aqui passada é feliz. Aqueles que preferem chamá-la pela sua designação mais poética chamam-lhe "Beulah. " E então ele foi ao redor do terreno a mostrar-mo.

Antes de eu entrar numa descrição detalhada do lugar, devo introduzir algo sobre o clima desta terra favorecida. O nosso clima é muito mais equivalente ao da Terra, devido a causas locais, revolução peculiar que fazemos em torno do nosso sol e às influências magnéticas e eléctricas que predominam. Alguns dos cereais criados na Terra não são cultivados aqui; outros desconhecidos de vós tomam o seu lugar.

Nós não temos a criação de animais de grande porte que nos fornaça alimento como vocês possuem.

A carne não é de todo usada no mundo espiritual enquanto artigo de dieta; nós vivemos de fruta, etc. O cenário natural aqui é tão semelhante ao da Terra, que se espera encontrar uma semelhança em todos os aspetos; mas existe uma diferença radical. Descobri que a associação compreendia cerca de dez mil acres de terra e contava com mais de cem residências: belos lugares rurais, cada parque ou terreno contendo uma fonte; um córrego largo que atravessa uma parte da propriedade e belas pontes que a atravessam a distâncias regulares.

O elemento de trabalho desta comunidade é composto em grande parte por rapazes que, neste agradável lar, seguem uma das mais nobres atividades em que o homem é capaz de se envolver. O sistema pelo qual esta gente é apresentada à comunidade e a uma determinada profissão, é o admirável que passo a descrever:

Um certo número de indivíduos é selecionados a partir da sociedade de tempos a tempos, e é-lhes atribuído o dever de visitar a Terra, e de estudar o carácter e a vida de qualquer das partes a quem eles possam ser atraídos, ou, de quem eles possam acidentalmente ouvir, com vista à sua elegibilidade como membros; e se, na opinião do bando, for considerado sábio atribuir um lugar futuro ao indivíduo na sociedade dos "lares felizes, " uma porção de terra será separado para ele ou ela, e uma habitação ou materiais para uma moradia apropriada é destinado a seu uso. No momento da sua partida da terra, eles serão atendidos e escoltados até às suas casas aqui, e ocupar-se-ão direta e ativamente. Eles sentem-se tão satisfeitos que não podem ser persuadidos a deixar a comunidade.

Quanto a mim, embora esteja aqui há pouco tempo, não gostaria de trocar de lugar com ninguém que conheça. Eu tenho tanto ocupação como lazer. Além do negócio de supervisionar esta sociedade, estou empenhado em editar um artigo espiritual, pois achava impossível renunciar aos meus velhos hábitos e ocupações; portanto, para satisfazer as demandas dos amigos, as necessidades da sociedade e as minhas próprias inclinações, assumi o cargo de redator do The Spiritual Tribune. Como você perceberá, eu aderi ao velho favorito nome. Ele é publicado na cidade de Spring-Garden, a cerca de dezasseis quilómetros da minha casa comunitária.

Não muito tempo antes de eu fixar aqui residência, duas amigas muito queridas minhas vieram residir neste local. São mulheres talentosas e sinceras, e bem conhecidas no mundo literário por seus poemas puros e doces. Quando foi entendido no mundo espiritual que elas estavam prestes a deixar a Terra, foi

construída uma residência bonita para elas, numa parte retirada destes terrenos, por amigos familiarizados com os seus gostos e necessidades.

Cada amigo e admirador contribuiu com algum presente útil e, assim, a pequena morada foi mobiliada. Foi formada uma biblioteca de escolha por muitos amigos que doaram livros. Uma senhora artista qualquer fez uma doação de belos pratos em espírito, mais elegantes do que a porcelana de Sevres, segundo me disseram, transparentes como uma teia de aranha, e decorados em encantadoras cores - cujo projecto foi todo manufacturado. As sacadas e os pórticos da residência foram adornados com plantas floridas e, quando tudo estava completo, amigos que haviam prestado assistência a essas irmãs, Alice e Phoebe Gary - trouxeram uma apenas da Terra para a sua linda casa. Por mais bela que fosse, para ela era desolada; ela ansiava pela sua irmã, sua amiga e companheira de tantos anos.

Ela não conseguia descansar satisfeita; era impossível desviar-lhe a ideia. O desejo que sentia era tão forte, a agonia da separação tão intensa, que foi sentida pela irmã solitária na sua habitação remoto lá longe na terra, pelo que ela teve uma queda e atrofiou, e em breve as duas, que haviam passado muitos anos juntos na vida, foram reunidas no mundo do espírito. Um dos meus maiores prazeres é visitar o seu bonito chalé e encontrar neles simpatia feminina e interesse em todos os projectos nobres e úteis. As suas aspirações poéticas inspiram-me felicidade.

Dou o exemplo delas como um exemplo de como aqueles que são dignos se encontram no mundo espiritual.

Eu gostaria de dizer umas palavras sobre o monumento bonito que os meus irmãos e colaboradores na arte da impressão me trouxeram à memória. Sinto-me sobrecarregado de emoção quando penso no tributo que pagaram àquele que desejara ser mais digno do seu nobre acto.

Eu assisti a apresentação em Greenwood. Não eu sozinho, mas na companhia de alguns milhares de espíritos. Eu fiquei acima da colina, a olhar para o mar - um espírito invisível - e escutei as palavras que saíram da boca do orador (Bayard Taylor). Tive a satisfação de recordar que o tinha ajudado no seu início de carreira. Espero que esse monumento possa inspirar aqueles que possam tomar o meu lugar na terra para ajudar aqueles que estão a lutar com a vida e as suas dificuldades.

Desejara que a cabeça de bronze pudesse falar aos jovens que povoam as vossas grandes cidades, e dizer-lhes para ir para voltarem às suas fazendas, às herdades dos seus pais, ou para atacarem, quais pioneiros ousados, o Faroeste, e lá, com as próprias mãos, construir casas para si e para as famílias. Se o vosso governo ajudasse os seus rapazes a abrirem caminho e a estabelecer-se no deserto e usassem o dinheiro que agora gastam na luta contra os Índios e outras causas pecaminosas, e o gastassem na força e no vigor do país, veriam que em pouco

tempo a América floresceria como um segundo Paraíso; e que a carência e o crime em breve diminuiriam na vossa terra justa.

Eu desejo que o que eu digo chegue a todos os cantos da nossa nação, e que aqueles que se desesperam em terra e são ateus, e que duvidam da existência de um estado futuro, venham a saber de mim que o mundo espiritual é um mundo de beleza e uso, e que todo o conhecimento que obtêm na Terra, ser-lhes-á mais do que rentável a seguir.

Entidade: Horace Greeley
Médium de transe: Susan G. Horn

A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE O ESPIRITUALISMO E A CIÊNCIA

Os sete discursos seguintes - o primeiro dos quais foi apresentado em westhourne hall, e os seis restantes em lawson's rooms, gower street - formam uma série inseparável sobre ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA, pelo que precisam ser estudados por
ORDEM CONSECUTIVA

Na noite de quinta-feira, 23 de outubro de 1873, em Westbourne Hall, Westbourne Grove, Londres, a Sra. Cora LV Tappan proferiu o primeiro de uma série de discursos explicativos sobre o elo de ligação que existe entre o Espiritualismo e a Ciência, para uma audiência muito seleta e compreensiva. Os trabalhos começaram às oito horas.

Ao apresentar o palestrante, o Sr. Slater, o presidente, disse que tinha surgido um desejo bastante generalizado da parte daqueles que haviam comparecido aos cultos efetuados nas noites de domingo pela Sra. Tappan, de que uma série de palestras fosse dada por aquela senhora durante um dia da semana à noite, subordinadas à questão que os convocara naquela noite. Ele sabia há muito tempo que havia muitas verdades relacionadas com o espiritualismo que a ciência não conseguira explicar; e tendo ele mesmo um conhecimento superficial das ciências da astronomia, da óptica, da pneumática, da hidrostática, da química, da acústica, da eletricidade, de magnetismo, etc. , ele descobriu, por experiência pessoal, que todas essas ciências falharam por qualquer lei reconhecida em explicar-lhe os fenómenos que ele tinha de vez em quando testemunhado. Ele achava que havia chegado a hora em que os cientistas não podiam mais ignorar esses factos, e competia-lhes, como pioneiros no mundo, avançar de machado de guerra em punho; se eles pudessem provar que existe qualquer outra lei além da do Espiritualismo que explique os chamados fenómenos espirituais, eles de facto confeririam um benefício à humanidade. Foi com essa visão — com o desejo de que

o Espiritualismo, com os seus factos e fenómenos, fosse cuidadosamente peneirado e explicado ao mundo como um todo - que o curso atual foi inaugurado.

Ao levantar-se, a Sra. Tappan foi recebida com entusiasmo marcante. Então, de acordo com seu costume habitual, ela prefaciou seu discurso com uma curta e impressionante oração ou invocação, da qual o que se segue é uma transcrição literal:

Ó tu Espírito infinito, cuja vida permeia o universo, em todos os momentos e em todas as ocasiões, seja qual for o tema de nossas meditações, aspiraremos a Ti! Tu és o espírito de toda a vida! Do teu ser emanam todos os mundos e todos os sistemas; De ti vem toda a lei e todo o conhecimento; e para Ti toda a natureza se volta como a fonte da existência. Nós Te louvamos pela vida que abunda em toda parte, por aquela beleza e harmonia que habitam em todo o universo. A matéria em si é apenas uma expressão do Teu ser; e qualquer conhecimento que possamos obter é obtido através daquela inteligência que deriva de Ti, Tu Fonte de toda inteligência! Ó Espírito divino, vamos acender a nossa tocha do conhecimento sobre o altar do teu ser! Vamos acender novamente as chamas da inspiração, para que possam iluminar-nos naqueles caminhos que estão além do alcance da razão e, por fim guiar-nos para os reinos onde o sol dourado da verdade ilumina a mente para sempre!

DISCURSO

Desde que o Barão von Reichenbach descobriu que existem mais elementos na matéria do que aqueles que apelam apenas aos sentidos - que todas as substâncias possuem uma aura invisível aos mortais comuns, mas discernível por aqueles que possuem o sentido espiritual, ou a perceção minuciosa - o mundo da ciência está desperta e viva para o facto de que existem certos princípios internos subjacentes a todas as ciências que nenhuma forma de investigação moderna pode alcançar.

Tem sido teoria favorita de muitas mentes avançadas, e é bem atual, que algum agente subtil une e liga todos os sistemas e ciências conhecidas; que existe uma filosofia em algum lugar no campo da investigação que explicaria muitas coisas que parecem incongruentes e insondáveis aos meros sentidos externos. Quando nos lembramos de quão extremamente moderna é toda a ciência, quando nos lembramos de que toda forma de investigação atual é quase nova, não é de surpreender que todo facto, por mais oculto que seja, exija uma consideração cuidadosa e minuciosa. Todos vocês recordarão que o atual sistema de astronomia não é o dos antigos, e que até Copérnico descobrir o maravilhoso princípio do sistema solar, e explicar os seus arranjos e revoluções com base em leis matemáticas conhecidas, reinava uma total ausência de um conhecimento

absoluto com respeito aos corpos celestes. Galileu morreu com perjúrio nos lábios — foi perseguido por se ter atrevido a declarar a descoberta da revolução da terra. E quando nos lembramos de que nenhuma ciência conquistou o seu lugar no mundo sem essa mesma perseguição, que toda mente avançada ou descobridor de uma nova verdade foi perseguida ou morto, cabe a todos sermos cuidadosos ao denunciarmos qualquer descoberta nova ou hesitar em receber a sua confirmação, por poder ter subjacente uma verdade que, por fim se prove a si própria à compreensão da humanidade.

Toda ciência foi certa vez uma teoria — especulação; todo sistema da ciência moderna existiu primeiro soba forma de especulações nas mentes daqueles que as descobriram. De início, vislumbrava-se uma possibilidade brilhante de que a ciência nascente pudesse ser verdadeira, ganhando confirmação com cada novo facto, até que finalmente, através de uma investigação constante por aqueles processos que apenas a intuição conhece, a mente tornou-se consciente das maravilhosas verdades que existem hoje na ciência moderna. É claro que a matemática é uma ciência antiga e bem estabelecida: podemos chamá-la de pedra fundamental para todas as ciências externas e, é claro, nenhum princípio novo pode ser revelado em termos matemáticos simples. A matemática só é valiosa enquanto expoente de outras ciências; e todas essas formas de ciência e a sua descoberta depende não da matemática, mas apenas a sua solução e representação para o mundo numa forma tangível. De facto, a ciência da astronomia está repleta de esplendor e beleza. Por cálculo directo, a certeza toma o lugar da especulação; e a matemática, com a sua varinha de poder dourado, abre a ampla área do céu para a mente exploradora do homem.

Na antiguidade isso não era assim. Então, a astrologia ocupava o lugar da astronomia, e a superstição tomava o lugar da ciência e do experimento absolutos. A geologia ainda é jovem na ciência moderna: foi apenas outro dia que ousou tomar o seu lugar enquanto sistema estabelecido, enquanto ainda recebe a proibição e a interdição de muitas mentes eclesiásticas. Mas, enquanto ciência, é inquestionavelmente comprovada; no entanto, quantos geólogos ainda não se encontram perdidos no terreno da especulação, e quão poucos cientistas concordam com os princípios gerais da ciência! Ainda se encontra na sua infância. A química, derivada dos antigos sistemas de alquimia, fez avanços gigantescos e aperfeiçoou-se de uma forma tangível; mas mesmo assim, ainda se encontra na infância da sua existência! Muitas daquelas forças que antes se supunha serem primordiais, descobriu-se serem compostas, e uma investigação paciente da natureza das coisas levar-nos-ão ao domínio de agentes ainda mais subtis.

Mas não é de nenhuma das ciências estabelecidas enquanto tal, nem de nenhum dos sistemas que vocês podem aprender nas escolas de ciência, que desejamos falar esta noite. É sobre o elo de ligação da cadeia subjacente das causas que todos

os homens de ciência procuraram, e a que não conseguiram chegar pela investigação externa. Acreditava Humboldt numa corrente que une toda a matéria num grande princípio cósmico; e várias mentes de vanguarda acreditaram fervorosa e plenamente numa força subtil subjacente que, unindo todas as formas de ciência, acabará por as reunir numa grande ciência única. Claro que essas mentes são raras; são o resultado de séculos de preparação no pensamento humano, e quando alguém desponta no mundo isso assemelha-se ao surgimento de um novo planeta na constelação da mente.

Mas essas verdades acham-se disseminadas - as verdades da ciência espiritual; e acredita-se firmemente, e é conhecido com confiança por parte daqueles que investigaram o assunto durante mais tempo e de mais perto, que aí reside o princípio subjacente a toda a ciência, o elo de ligação entre a mente e a matéria que a ciência não conseguiu descobrir. Acredita-se que a clarividência, o mesmerismo, a psicologia e várias outras abordagens a ela fossem apenas indicadores, os trampolins para esse solvente espiritual que finalmente abrirá as portas dos templos até então vedados à ciência moderna. Suponhamos, como afirma von Reichenbach, que toda substância esteja cercada por uma aura própria, não avaliável pelos sentidos - isto é, pelo sentido físico - e isso explicará a misteriosa lei da gravidade presente na atração de partículas de matéria umas para as outras; isso resolve a repulsa da química e coloca a mente em ação numa região desconhecida da investigação. E suponham, como a clarividência revelou, que toda alma humana individual, assim como todas as substâncias da natureza, estejam cercadas de uma aura semelhante - uma atmosfera como aquela que envolve os planetas - e isso explicará a atração e repulsa experimentadas pelos seres humanos, os seus gostos e aversões, as doenças de natureza contagiosa a que estão sujeitos, e as diversas forças que são antagónicas ao bem-estar humano. Sendo esse o caso, cabe a todos os investigadores da ciência sanitária descobrir se duas correntes magnéticas rivais não produzem doença. Sabemos que as cidades excessivamente povoadas não são propícias à saúde. Assim, o filantropo pode ser levado a ver a necessidade de beneficiar a humanidade afastando uns dos outros. O magnetismo provou a existência da mente independente da matéria. Eis, pois, um passo para além de qualquer paralelo nos anais da ciência; porquanto ciência nenhuma, no entanto, por mais que tenha admitido a existência da mente, jamais foi capaz de mostrar aos homens de compreensão do mundo científico que a mente é capaz de existir sem a forma orgânica da vida material. Esta é uma descoberta valiosa; o magnetizador que lança a sua vontade sobre o cérebro do sujeito produz a condição de transe, e o sujeito afasta-se da sua influência para o mundo mental independente, para descobrir novas ordens de existência e novas substâncias de que ele (o magnetizador) não tem conhecimento. Isso ficou provado muito antes de o Espiritualismo se tornar conhecido, e antes que a psicologia tivesse revelado o maravilhoso poder da ação da mente sobre a mente. Caso seja, pois, verdade, conforme declaramos, que essas descobertas foram feitas sob as circunstâncias

referidas, que é que excluirá a possibilidade de verdades maiores ainda serem conquistadas pelos mesmos meios no reino da descoberta científica e invenção? Porque, se a clarividência constituir uma verdade, o que não poderá ela fazer no caminho da descoberta de novas forças, e da investigação de temas que se encontram além do alcance do sentido material?

Nenhum telescópio foi feito para penetrar até aos objetos existentes na superfície da lua. Se houvesse um cuja lente vidro tivesse metro e meio de diâmetro, sem dúvida haveria de descobrir a maioria dos objetos existentes na lua; e se a lua fosse habitada, como os cientistas declaram que não é, ainda assim os seus métodos científicos não poderiam prosseguir. Os clarividentes afirmaram que a lua é habitada, não por uma ordem de seres, mas por seres em estado embrionário e transitório, que eventualmente se desenvolverão. Vocês não são capazes de determinar se os outros planetas são povoados; mas a psicometria e o espiritualismo afirmam que esses planetas são habitados; e os espíritos mais avançados dizem que eles são capazes de se comunicar com os seres de outros planetas; que os habitantes de alguns desses planetas estão muito adiantados em relação a vós com respeito à ciência e às verdades espirituais; que muitos vivem numa atmosfera que para vocês parece ser como o Paraíso, de tão transcendente que são na sua leveza e na perceção das belezas do espírito. De facto, para alguns desses habitantes vocês haveriam de parecer como seres de uma ordem inferior de criação e vida. Agora é possível que, em algum momento futuro, a astronomia, ou instrumentos astronómicos, possam descobrir que existem seres em alguns dos planetas; mas é certamente digno da vossa sincera consideração ter em mente que essas coisas foram preditas, de modo que, caso a ciência alguma vez fizesse tal anúncio, ela não leve a palma na mão e diga: “Fizemos esta descoberta primeiro. ” Andrew Jackson Davis, na sua "Revelações Divinas da Natureza", antecipou a descoberta dos oitavo e nono planetas muito antes dos astrónomos os detectarem nos céus, e muitos médiuns deram ideias específicas de substâncias desconhecidas antes.

Um químico hortícola, o Professor Mapes, perseguiu durante anos um sistema de investigação, sob a direção de espíritos, por meio da qual ele alcançou os resultados mais maravilhosos, e a fazenda que ele possuía em Nova Jérsia se tornou num excelente modelo. Mas não foi revelado pelo professor versado que ele recebia as suas ideias dos espíritos, porquanto isso ter-lhe-ia destruído a utilidade do trabalho; ainda assim ele nunca ocultou dos seus amigos o facto de ser um investigador dessas leis espirituais. Muitas das suas descobertas foram publicadas nos jornais científicos a época, mas a fonte de onde provinham era desconhecida.
Muitas das invenções, por meio das quais o labor foi elevado, resultaram da inspiração direta e vieram de médiuns, e ainda ninguém lhes creditou isso. O sistema de telegrafia conhecido como sistema de Hughes, no qual as letras são comunicadas por sons, e o receptor, ciente dos sons, as traduz por palavras, foi

uma invenção espiritual direta. Muitas das máquinas de costura, aqueles maravilhosos pequenos instrumentos que aliviaram o trabalho da pobre costureira, foram inspiração direta de influências espirituais. Aqueles espíritos que as revelaram ao mundo através de médiuns terrenas foram receptores de inteligência de seres superiores.

É verdade que esta ciência não responderá ao vosso mando, que não manifestará o seu poder em reposta à penúria e ao egoísmo que não satisfará vontades e desejos individuais, por exemplo, de como chegar a um determinado objetivo. É demasiado teimosa. Dará ao mundo uma ideia da maquinaria que eleve as massas trabalhadoras, mas não lhe revelará o caminho para conseguir diamantes e pedras preciosas. Se no mundo houvesse grande necessidade de diamantes, se eles contribuíssem para a felicidade das massas trabalhadoras, ou ajudassem a elevar o grande mundo da humanidade, sem dúvida existiriam no mundo espiritual mentes que lhes poderiam dizer como conseguir diamantes. Mas a quem beneficiariam tais descobertas? O ouro flui em grande parte para cofres individuais, e os diamantes são objeto de disputas e contendas. A verdade é mais valiosa que essas coisas; e o grande solvente da humanidade possui potência para elevar os homens, especialmente aqueles que desejam resolver esses problemas.

Vocês perguntam por que não é revelada alguma grande verdade que lance uma nova luz sobre essas questões. Não é hora de uma grande revelação que haveria de derrubar formas e métodos existentes. Além disso, é imperativo que a mente humana trabalhe duro, e quando, com luta e esforço, estiver quase a alcançar justamente a descoberta, essa é a hora em que o espírito guardião intervém e produz a certeza da investigação. Newton lutou durante anos a tentar encontrar a maravilhosa solução de por que as coisas eram atraídas para a superfície da Terra, em vez de se afastarem dela. Por fim, no exato momento em que ele parecia estar esgotado e tinha o cérebro exaurido pela investigação das maravilhas que ele não conseguia resolver, sobreveio a ideia dessa lei misteriosa a que deu o nome de gravidade, e que por um tempo, satisfez o mundo. Mas você acham que não há outras leis subjacentes a essa? O sistema que revelamos o superaria por completo.

Franklin, o grande electricista, quem primeiro trouxe a eletricidade ao alcance da experiência científica, foi responsável pela separação de partículas e átomos da matéria no universo pelo que ele chamou de película de resistência. Ah, eis uma história maravilhosa relacionada com essa especulação de Franklin; por esse filme de resistência poder ser a própria aura ou atmosfera que o clarividente descobriu a envolver os átomos. As substâncias mais diminutas - as partículas mais infinitesimais da matéria - são separados por pequenos espaços, de modo que realmente não chega a haver contacto entre os átomos da matéria; e se vocês pudessem ter um microscópio suficientemente poderoso para examinar essas partículas infinitesimais, todos eles pareceriam cortados, e cada um

independentemente do outro. Não há átomos na natureza que não se achem assim separados por espaços, e a atmosfera intermedia constitui aquele elemento por meio do qual mente e espírito podem produzir movimento e vida. A ciência jamais descobriu o que luz é, apesar da análise de espectro a ter decomposto e lhes ter mostrado os diferentes raios pelos quais é formada, juntamente com algumas das suas qualidades; e embora fotografia tenha lançado uma luz quanto aos usos do homem, ninguém nos disse ainda o que é a luz. Não, por mais variadas que sejam as teorias sobre esse assunto, não há nada que explique com clareza a natureza essencial da luz solar.

"Com uma incipiência como esta na ciência, será de maravilhar que a mente humana, capte qualquer coisa que prometa até mesmo um pouco de luz sobre as questões que se encontram agora na sombra? Será de estranhar que a mente humana nunca se satisfaça quando tais maravilhas são disseminadas ante o mundo e não encontre uma resposta? Fiquem certos de que em todas as questões que o intelecto é capaz de enquadrar, existe algures na natureza uma resposta satisfatória. Ela ainda não selou as reservas do seu conhecimento. Não há princípio misterioso que a alma humana não consiga entender. Entre Deus e vós as várias graduações da vida são marcadas, e onde a matéria deixa de existir e a mente começa, o espírito afirma o seu poder maravilhoso.

As leis da mente são tão tangíveis, e podem ser tão claramente compreendidas e demonstradas, como os problemas matemáticos de Euclides. A mente não encerra mistério. Apenas por a mente não ter sido considerada que é um mistério para vós. Vocês deixam-na como um reino que não pode ser explorado, e então vocês esperam transportados por algum processo divino para a região onde a mente habita, e ainda assim não optam por investigar que região possa ser essa, ou que mente habita dentro de vós.

A ciência espiritual afirma existir um elo de conexão qualquer entre a mente e a força nervosa que lhes ergue o braço e lhes move a estrutura. Agora, a força que lhe permite erguer o braço também permitirá que a mente desincorporada mova uma mesa ou qualquer outro objeto. Essa força oculta encontra-se encerrada na aura que envolve todas as coisas. É a força que opera entre Deus e o homem, entre a mente e a mente, e entre o homem e a mente desencarnada. É com base nesse elemento que os espíritos - assim chamados na ciência do Espiritualismo - dirige a sua influência quando desejarem controlar os médiuns. É sobre essa substância que eles agem quando desejam dar expressão à sua vontade por intermédio de corpos tangíveis. É com base nessa substância que eles agem quando se materializam — mostre-se na forma física. É nos mistérios dessa força que eles os iniciariam — aquela força que explica tantos fenómenos. É esse poder que lhe permitiria superar todas as forças e todas as leis — a lei da gravidade, se quisermos. O mesmo vidente nos Estados Unidos, Andrew Jackson Davis, disse, há

uns anos atrás, que viria um tempo em que os habitantes da Terra navegariam no ar em grandes naves, em vez de atravessarem os mares e terras como agora fazem; que essas naves aéreas são, de certo modo, antecipadas pelo vosso atual sistema de balões, mas que esse sistema terá que passar por uma maravilhosa série de transformações antes que se torne num meio regular de navegação.

É, no entanto, verdade que está a chegar um tempo em que a mente humana, educada pela investigação e pela pesquisa, os elevará acima da terra, e em que, em vez de rastejarem humildemente sobre ela, vocês virão a ser capazes de atravessar os céus, como agora atravessam a terra e o mar; e isso não parecerá mais maravilhoso, se ocorrer dentro de cinquenta ou cem anos, do que o que vosso sistema de navegação a vapor foi considerado há cinquenta anos atrás. Porquanto os vossos antepassados terão explorado a ideia de um motor a vapor e o Congresso Americano declarou impossível desse modo transportar pesos-pesados quando um comboio na realidade estava a acelerar ao longo das linhas do tempo, e a carregar milhares de toneladas.

O mundo científico deve estar preparado para toda e qualquer nova descoberta ou sistema de pensamento que possa levar ao derrame de uma nova luz sobre uma ciência antiga, ou transmita uma ciência completamente nova; porquanto certamente, na verdadeira mente científica, nenhuma via do conhecimento se encontra cerrada. É, de facto, orgulho da ciência estar sempre pronta para receber novas verdades - que nada de definitivo existe em ciência; e, no entanto, lamentamos dizer que os homens de ciência foram os primeiros a denunciar e os mais fanáticos na oposição que moveram ao Espiritualismo. Eles nada têm a ganhar ou perder com a descoberta de uma nova verdade; com a revelação de um novo engano. Se é verdade que milhões de mentes estão a trabalhar sob a ilusão do Espiritualismo, e de que não existe qualquer mundo espiritual, nem vida mental e nem fenómenos espirituais, por que razão os impulsos da filantropia ou da compaixão tão só levariam o mundo científico a descobrir em que assenta essa ilusão e a expô-la?

Há muitos anos, a Universidade de Harvard designou uma comissão para investigar os alegados factos do espiritualismo. Entre eles, encontravam-se diversos cientistas e professores. Competia-lhes esquadrinhar e descobrir se isso assentava numa ilusão, e publicar os resultados ao mundo na forma de um relatório. Mas o relatório nunca apareceu. O público esperou pacientemente ano após ano, perguntando frequentemente ao comité pelo resultado dos seus trabalhos; mas eles nunca foram dados como concluídos. O público esperou mais meia dúzia de anos. Entretanto, alguns dos professores morreram, e, manifestando-se a si próprios através de médiuns, disseram encontrar-se então prontos. Mas os seus assistentes não estavam; e o relatório nunca foi publicado. A minoria - aqueles que faleceram - chegaram a uma conclusão, mas a maioria viva

ainda está a investigar Harvard e ainda não está pronta. A vossa própria London Society Dialectical decidiu investigar o assunto, e apresentou o resultado das investigações que elaborou num relatório inteiramente digno da sociedade; de facto, ninguém que tivesse pretendido investigar o assunto fez muito pelo aspeto científico da questão desde o advento do Espiritualismo Moderno. No entanto, eles não devem ficar por aí; ainda resta todo um vasto campo de investigação por investigar; médiuns existem em abundância: instalações são proporcionadas em quase todas as cidades do vosso país; e a mente humana nunca se cansará de investigar um assunto que tem um peso tão importante sobre o homem. A título de remate, afirmaríamos simplesmente que este é um discurso preliminar, ou análise, sobre os princípios gerais da Ciência e a relevância que tem para o Espiritualismo.

* * *

De acordo com um desejo exposto pelo conferencista, vários cavalheiros colocaram questões, algumas das quais não sendo relevantes para o assunto em questão, não obtiveram resposta. Em resposta a uma pergunta com referência à passagem de corpos sólidos através de paredes, etc. , a Sra. Tappan, ou melhor, o seu controlador, disse que havia sido declarado no decurso da palestra anterior que não existe matéria que seja sólida, mas que, se um poder suficiente pudesse ser exercido, toda a substância do edifício em que se encontravam podia ser comprimido a um espaço não maior do que a ponta de um dedo. Onde quer que exista poder suficiente isso poderá ser conseguido. Os cristais são formados dessa maneira nas entranhas da terra por um processo conhecido pela Natureza. A mente possui esse poder uma vez desencarnada; e quando vocês estiverem familiarizados com essas forças ocultas da natureza, serão capazes de separar as partículas de modo a permitir que elas passem pelos interstícios que permeiam toda a matéria. Essa é a razão pela qual corpos aparentemente sólidos passam por outros corpos; e é por isso que, ao passar assim através de outras substâncias, um corpo não é danificado, desde que as partículas possam reunir-se novamente antes que a lei da atração tenha perdido totalmente o seu efeito. Se uma pessoa cortasse uma mão e de seguida unisse rapidamente as partes, o sangue continuaria a fluir pelos seus canais habituais; assim, se uma separação instantânea de partículas ocorresse, seguida pela reunião imediata, antes de qualquer atmosfera poder intervir, a atração pela qual elas se mantinham juntas não seria completamente interrompida, mas elas se uniriam novamente caso a força que as separara se retirasse. A remoção de um casaco, sem que passe pelos braços da maneira habitual, parece ser um milagre. Mas as roupas são feitas de fibras; e se elas puderem ser separadas e reunidas instantaneamente, será o mesmo que não tenha ocorrido qualquer separação. É efetuado pela rapidez do movimento - um poder que não foi obtido em forma nenhuma do conhecimento externo.

Se alguém pegasse num bastão aceso por uma extremidade e o passasse rapidamente ante a visão, pareceria formar um círculo de fogo, causado pela rapidez do movimento. É necessária a sexagésima parte de um segundo para que um objeto se imprima no campo de visão, e se ele passar em menos da sexagésima parte de segundo, o olho não o conseguirá ver. Qualquer coisa, pois, que ocorra mais rápido do que isso será invisível à visão; o olho testemunha o resultado, mas não tem consciência do processo. E é com base nessa rapidez de movimento que as manifestações físicas ocorrem.

Um outro cavalheiro queria saber como é que um átomo passa através de outro, ao perceber a existência de uma lei na natureza chamada impenetrabilidade. A resposta que recebeu foi que não tinha sido afirmado que o átomo atravessa o átomo; o que fora afirmado foi que não existem átomos unidos em substâncias com as quais estamos familiarizados, e que quando um indivíduo passa por outro isso representa simplesmente os átomos a ser separados, permitindo que outros átomos se cruzem, porém não passem através deles. As substâncias são todas são como uma esponja, através da qual a água passa, porém não através das suas partículas.

Em resposta à terceira pergunta, com respeito do referido poder espiritual ser uma emanação de Deus, do Espírito, da terceira pessoa da Trindade, o controlador disse que eles não sabiam; existem algumas coisas que até mesmo os espíritos não conhecem, e essa é uma delas. Certamente, eles acreditam que emana da Mente Divina: todos os espíritos derivam os seus poderes e as suas fontes de vida do seu espírito, qualquer que seja o instrumento. Só sabem que na vida espiritual esses poderes lhes são transmitidos a partir de esferas superiores, assim como eles no-los transmitem a nós, e que a origem é a Mente Infinita não têm a menor dúvida.

Em referência à quarta questão, relativa às funções do cérebro e à relação que têm com a mente, o controlador disse que a questão é vasta o suficiente para formar o tema de uma palestra inteira. O cérebro é o centro nervoso de todo o sistema, e toda aflição, todo prazer do corpo humano é comunicado ao cérebro através do sistema nervoso. Esse sistema é composto de fibras diminutas que comunicam com o cérebro por meio de vibrações rápidas, que produzem sensação. Sempre que uma certa parte do corpo é afectada, uma parte correspondente do cérebro responde imediatamente; e foi revelado por um sistema de tratamento eléctrico que, colocando um polo da bateria no cérebro, a parte enferma pode ser descoberta. O cérebro é simplesmente o instrumento da mente - o templo do espírito. A parte frontal do cérebro é a sede da inteligência, a parte superior do cérebro é a sede das faculdades religiosas, enquanto a ordem inferior das propensões tem assento ao redor e na coluna vertebral. Toda faculdade do cérebro constitui uma força independente, mas sem a influência revitalizante do espírito

não pode haver mente. O cérebro é o meio pelo qual o espírito é habilitado a comunicar-se com a matéria externa e a receber impressões externas.

Em resposta à quinta pergunta, sobre como a mente poderia agir sobre a mente a grandes distâncias, o palestrante disse que há uma força emana da mente que não pertence ao corpo externo, e onde quer que haja uma outra mente receptiva, ou, em simpatia com essa mente, (um sujeito) a primeira poderia influenciar a segunda, mesmo a distâncias das mais remotas. Estabelece-se uma cadeia de simpatia, em que uma mente age sobre a outra. Assim, um Mesmerista ou magnetizador pode encontrar-se num local e o sujeito noutro. Não existe espaço nem tempo para o espírito no sentido material: é infinito por natureza.

Em resposta a uma sexta pergunta, quanto à possibilidade de se descobrir um meio de fazer passar um corpo através de outro, foi dito que a questão se resolvia conseguindo uma separação e reunião rápida das partículas. Possivelmente, poderiam ser inventadas máquinas para efetuar essa operação, mas tudo dependeria da rapidez do seu movimento.

A sétima pergunta referiu-se à influência que os planetas exercem nos indivíduos e nas nações. O controlador disse: Sir Isaac Newton não fora o primeiro a acreditar que as planetas exerciam uma influência sobre os seres humanos e as nações; os antigos tinham tido um sistema regular de astronomia, pelo que não vemos qualquer razão para não acreditar em tal influência, uma vez que todo átomo exerce alguma influência sobre os outros átomos, e toda mente está relacionada a todas as demais. Uma vez que todo planeta está relacionado com todos os outros planetas que fazem parte do mesmo sistema; e desde que a luz e o calor - essas maravilhas da existência solar - vos são transmitidas a partir de imensas distâncias, deve existir, de acordo com as leis da existência do sistema solar, uma vibração correspondente nas nações da terra; e nós acreditamos que não apenas todas as nações, mas todos os indivíduos são mais ou menos afetados pelas influências planetárias.

Em resposta a um outro argumento, o conferencista disse que, com relação às Plêiades, é ensinado pela ciência espiritual que elas são a fonte da inspiração dos poetas e a morada das musas. Pode ser uma fantasia poética, mas pelo menos é uma fantasia doce. Perceber-se-ia que, quando Marte está em plena ascensão, sempre se verifica a maior onda de assaltos e de roubos e a maior quantidade de derramamento de sangue. De facto, os antigos denominaram os planetas de acordo com a influência que exerciam.

Em resposta à oitava pergunta, com referência à ligação existente entre o fenómeno da miragem e das imagens projectadas na atmosfera espiritual, foi respondido que, sem dúvida, o fenómeno conhecido como miragem é o resultado

de uma emanação artificial da Terra na forma de uma substância espiritual, através da qual os raios de luz são refractados. É verdade que a mesma força ou a mesma lei que produz a miragem se acha, sem dúvida, ligada ao poder manifestado na presença de médiuns para tornar as formas espirituais visíveis a olho nu.

No final das perguntas a serem respondidas, a sra. Tappan ofereceu uma breve bênção; quando o Sr. Luxmore se levantou e propôs um voto de agradecimento à conferencista. Ele disse que nunca tinha sido agraciado com a oportunidade de ouvir uma palestrante tão inspiradora falar tanto como a sra. Tappan. O seu discurso foi excelente - cheio de bom senso e de raciocínio lógico. O voto de agradecimento foi apoiado pelo Sr. Morse e reforçado pela aclamação; após o que os procedimentos da noite tiveram fim.

23 de Maio de 1875

CORA RICHMOND
EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS

Pelo espírito adin augustus ballou, afetuosamente dedicado a seu pai, mãe e aos amigos de hopedale.

Augustus Ballou, filho de Adin Ballu, um dos fundadores da comuna utópica de Hopedale, passara para o espírito a 8 de Fevereiro de 1852, aos dezoito anos, vitimado pela febre tifóide. Esse mesmo Augustus Ballou prometera falar nesta noite, na qualidade de controlador de Cora Richmond, a médium que lhe foi dado desenvolver e passar a controlar.

DISCURSO

Ouviram da boca do presidente da assembleia que foi minha boa fortuna nascer no milénio - quero dizer, na terra que representa o seu começo, conforme creio - o período indicado pelos profetas e videntes quando se deverá dar a passagem da velha para o começo da nova dispensação. É verdade que não começou de forma muito tranquila, mas o incidente da tribulação do seu começo faz parte da profecia do mesmo modo que a predição da glória que contamos venha a ser o seu final.

Porém, nenhum louvor me é devido individualmente por assim ter nascido nem aos meus pais coletivamente, por me terem trazido ao mundo nesse período particular, mas assim sucedeu.

Cedo na vida, devido à natureza peculiar da sociedade em que fui introduzido, toda a matéria de interesse para a Humanidade tornou-se igualmente matéria do meu próprio interesse, em reflexo, devo confessar, das raras qualidades do espírito do meu pai. Não é admirável que após este lapso de tempo eu devesse ter desejado

trazer de volta à terra os molhos reunidos e os resultados aprimorados dessa aprendizagem inicial, pelo que, com a vossa permissão lhes imploro que dediquem este discurso aos meus pais, de modo que possam chegar a saber que, muito embora eu tenha o meu lar num outro mundo e o meu porta-voz se encontre numa terra distante, não me esqueço dessas obrigações iniciais.

Explicarei resumidamente como cheguei a compreender a origem dos problemas sociais que ocuparam o interesse do meu pai. Recordarei à audiência que o presidente atribuiu o seu principal trabalho ao anti-esclavagismo. Posso declarar ter sido o principal e o mais insistente durante um período ativo por que o meu pai passou na vida, porém, o tema favorito e profundamente duradouro da existência do meu pai foi a libertação do espírito humano dos grilhões do preconceito, do fanatismo, e uma religião livre, esclarecida e prática, e isso de tal modo lhe impregnou a natureza que, não fora os deveres ativos e prementes de uma causa que envolvia toda a simpatia humana possível, e ele não o teria podido deixar nem por um instante.

Presumo que os problemas sociais amadurecem tal como os religiosos e os políticos, por ciclos, e que aquilo que legou um Fourier à França e um Robert Owen à Inglaterra mais os seus formidáveis esquemas de emancipação do género humano, legou um George Fox e o seu estímulo à Sociedade dos Amigos, e formou igualmente as linhas principais daquela história que legou ao espírito do meu pai a ideia da Associação do Socialismo Cristão, pelo que ele na companhia de muitos outros, desejou testemunhar sobre a terra a realização daquele sonho que combinaria a indústria efetiva e da cooperação com o avanço conveniente e moral social, e uma religião que não fosse composta de cerimónias e declarações solenes, que deveria ter implantação num vale remoto e isolado da América, e muitas das mentes que aí inculcaram essas doutrinas deveriam ser difundidas pelo mundo carregando ainda uma recordação dessas ideias e acalentasse a esperança de que nalgum futuro distante a Terra venha a ver a consecução desse sonho, prova que o meu pai foi um de entre uma série de profetas e que, se ele não viu o literal cumprimento do seu sonho, foi formidável acalentar um sonho desses; e que todo indivíduo que se encontre no auge do poder intelectual que consiga combinar o ardor de um Lutero com a filantropia de um Wiberforce, e grande parte da sua capacidade, decerto que não deixará de imprimir a sua marca sobre uma qualquer geração.

Sob tais circunstâncias foi a minha vida inicial consagrada, e tenho liberdade para confessar que essa vida inicial, embora breve, me amadureceu as faculdades do espírito em poucos anos, mais do que teria amadurecido acaso tivera eu vivido até ficar com o cabelo grisalho e alcançado a propriedade material que tantos cobiçam na terra. Devo igualmente confessar que todo o período da minha carreira terrena inicial esteve repleta da premonição da brevidade da sua duração, e que me senti compelido a tratar de conhecer tudo quanto podia.

O meu pai publicava um jornal intitulado "O Cristão Prático" que representava o expoente e o porta-voz das perspetivas particulares que defendia. Consigo recordar como, muito novo ainda, eu trepava à caixa dos modelos (tipografia) e aprendi a definir o cabeçalho, que era composto por uma longa linha, antes mesmo de ter aprendido o significado das palavras; mas dir-lhes-ei de que cabeçalho se tratava, para que, se acharem que a declaração de princípios enunciada pelo presidente foi Utópica, o que não pensarão do cabeçalho do jornal:

"A Verdade Absoluta, a Justiça Essencial, a Responsabilidade Individual, a Reforma Social, o Progresso Humano, a Perfeição Final." Tivesse o meu pai escrito diversos livros e não teria conseguido expressar melhor os sonhos e as ideias que tinha acerca da vida; mas não só ele acreditava em cada uma daquelas palavras do cabeçalho como tornou possível esperar que viesse a ser realizado na terra por via do próprio exemplo de conduta que deu, ao ilustrar por todos os meios ao seu alcance a realização prática de uma vida prática cristã.

Quando atingi os doze anos de idade ele amavelmente satisfez-me ao me permitir assumir a qualidade de editor, e eu mais os meus jovens companheiros, publicamos uma folha semanal do tamanho de papel de carta comum, em que depositávamos a visão que tínhamos dessas questões de importância primordial. Gradualmente e à medida que as minhas ideias iam amadurecendo, aprendi a fazer parte do jornal maior, e gradualmente, à medida que as minhas ideias se voltavam para o mundo dos espíritos, cheguei a apurar que aquelas mentes grandiosas daqueles que se encontravam nas esferas superiores auxiliavam e promoviam até mesmo aqueles a quem encarava com a maior veneração.

A qualidade predominante que distinguia essa ideia de reforma de todas as demais era a sua paz. Aqueles de vós que estiverem familiarizados com a questão do anti-esclavagismo, recordar-se-ão que existiam dois ramos, um dos quais era decididamente e sempre não-resistente, e que William Lloyd Garrison e o meu pai pertenceram de forma constante e assídua à causa.

O resultado disso foi o de que o meu pai nunca se ligou ao partido da guerra, acreditando que as medidas pacíficas acabariam por produzir a emancipação do escravo. Não era a vontade de Deus, mas era a forma que o meu pai achou melhor. Daí que, quando as querelas tiveram início, claro que a sua simpatia era favorável à emancipação, porém, ele jamais perdeu de vista os princípios da não-resistência, e a abstenção de fazer o mal, ainda que pudesse resultar no bem foi sempre o seu princípio absoluto porque regeu a sua vida. A guerra posterior e os seus resultados, eu testemunhei a partir do meu lar no espírito.

Cerca de dois anos antes de deixar a minha vida terrena, tomei consciência de que o meu pai se interessara pelo Espiritualismo Moderno, e que ele acreditava poder travar conversa com os espíritos desencarnados, e pude testemunhar manifestações disso na sua casa, manifestações essas que gradualmente me convenceram, encontrando-me eu então inteiramente absorvido nos meus estudos

e nos grandes problemas que me eram apresentados, e familiarizou-me mais com a ideia da existência espiritual e a presença espiritual, e posso dizer que antes de deixar a Terra, tenha estado preparado para ingressar no estágio da vida espiritual, reconhecendo-a como a continuidade da vida mortal, e reconhecendo que tudo quanto aprendera na terra seria válido na minha existência recém-descoberta

Tendo nascido no novo milénio, na terra, nasci na sua realização quando entrei no estado espiritual, e durante esse período de tempo, atualmente de vinte e três anos, eu achei que toda a realização possível dos sonhos terrenos dos meus pais e amigos não me poderiam ter possibilitado uma porção sequer da atual alegria e encanto que experimentei ao sentir que me encontrava livre da minha estrutura mortal, por me lembrar de forma distinta ter-me sentido amarrado no meu corpo, por não ser adequado às necessidades do espírito, e que desejara um maior poder e uma maior oportunidade de me desenvolver e de me expandir.

Ao entrar de imediato na vida espiritual, busquei a possibilidade de comunicar com o meu pai através das médiuns que nos habituáramos a empregar na família, mulheres jovens, que residiam na vila onde habitávamos. * Obtive sucesso em transmitir-lhe uma ideia mínima com respeito ao estado em que tinha ingressado, mas mal tinha passado da vida terrena quando o meu guia, que parecia ter controlado e vigiado a minha carreira terrena me dirigiu para uma cidade remota no Estado do Wisconsin, onde descobri a minha atual médium, catraia ainda, e disse-me:

"Agora, se desejares estabelecer comunicação com a Terra, e se concordares em aceitar o que te foi atribuído na nossa esfera de porta-voz da instrução de uma superior para o mundo material, terás o controlo dessa médium a teu cargo."

*Consultar as 'Comunicações de Adin Ballou a Seu Pai.'

Durante um ano, o guia que preside à esfera em que agora me encontro, prestou-me assistência no controlo do organismo da médium. Entretanto, a intervalos intercalados, estabeleci contacto com o meu pai por intermédio de outras fontes, mas à medida que a vida espiritual se desdobou ante mim constantemente, eu comuniquei-o tão prontamente quanto pude através do organismo dessa jovem.

Lembro-me perfeitamente bem - e sou capaz de vo-lo descrever de forma distinta - o processo por intermédio do qual entrei nesta comunicação com a médium terrena, e assumi controlo dos seus órgãos, e achei-a inicialmente imatura, mas fui sempre encorajado pela ideia de que, quando estivesse devidamente treinada e desenvolvida, teriam pelo menos a vantagem de ter sido treinada e desenvolvida por mim, e por conseguinte, enquanto instrumento não poderia haver melhor do que o próprio organismo terreno, e descobri que em muitos sentidos poderiam verificar-se melhoramentos, caso pudessem existir deficiências noutros.

Por isso, pelo processo que me foi indicado pelo meu guia, eu entrei no controlo. Garanto-lhes que não o fiz sem uma certa apreensão. A responsabilidade de assumir controlo de uma estrutura humana que se destine a ser habitada por outro espírito não era coisa de pouca monta (insignificante), e o espírito precisa ser muito ousado, ou muito sensato aquele que o faz de forma bem-sucedida, sem prejuízo nem sacrifício para o espírito que ocupa essa estrutura. Refiro isto a título de advertência àqueles que, em momentos de entusiasmo exprimem o desejo de se tornar médiuns.

Não sabem o que dizem, porquanto tornar-se médium implica sujeitar-se a todo o espírito passageiro, ou à vontade de todas as mentes que obtenham acesso por intermédio da simpatia, do impulso, do favor ou desejo para com o vosso, pelo que deveriam orar diariamente para não se tornarem médiuns; porém, se tornar-se médium significar ceder-vos a vós próprios a uma orientação conhecida e idónea de modo a que a vossa individualidade possa ser encorajada e desenvolvida, sem que nunca seja usurpada, então orem cautelosamente por melhores dons e deixem de lado tudo quanto possa revelar-se gratificante para a mera curiosidade pessoal ou o desejo de se tornar conhecido como médium.

Eu assumi esta responsabilidade com a maior das apreensões, desejando com o máximo ardor do meu espírito obter todo o conhecimento respeitante à vida espiritual, mas desejando igualmente num menor grau de ardor ter os meios de comunicar esse conhecimento aos mortais. Aprendi da parte do meu pai a grande bênção que é transmitir conhecimento, e pensei que possuir os segredos e as maravilhas do mundo do pós-morte e não ter com quem falar deles era com efeito equivalente a sentir-me amarrado e restringido; por isto, quando esta proposta me foi feita pelos meus guias fervorosamente, e fiz a solene promessa de que em todas as dificuldades e casos de emergência em que me visse incapaz de controlar diretamente e de forma sensata devesse ter assistência da parte daqueles que me haviam conduzido à terra, e ano após ano, ou, inicialmente, mês após mês se passou sem que eu conseguisse forçar o cérebro desta catraia até ao padrão acelerado do culminar do pensamento espiritual sem danificar os laços que uniam o espírito dela ao corpo, ou produzir danos irreparáveis na sua estrutura mental, nessa idade imatura.

Assim, vi-me obrigado a estimular, de forma tão cuidadosa quanto a mão hábil cuida da flor tenra, a passar-me para o cérebro dela e estimular faculdades tais quantas desejasse usar, mas sempre de uma forma precavida para não o estimular demasiado, e por uma série de sucessivas instruções que eu transmiti ao pai dela e ao círculo efeito dos amigos as primeiras experiências por que eu passara na vida espiritual, passando, passo a passo a informação que me chegava e transmitindo-a aos diferentes órgãos, de modo a, tanto quanto possível, conseguir desenvolver o cérebro por igual e em todos os sentidos.

Onde quer que descobríssemos que o cérebro estivesse a ser sobretaxado, ela era deixada por um período de três a seis meses sem qualquer controlo em absoluto, para que o organismo natural pudesse ganhar o seu vigor do costume requerido.

Assim, ano após ano, até ela atingir os dezasseis anos de idade, eu desenvolvi-a juntamente com outros espíritos com o expresso propósito de poder tornar-se a porta-voz de um círculo de guias em cuja província tinha penetrado, e de modo a ela poder tornar-se o instrumento por intermédio do qual eu pudesse transmitir estas elocuções aos mortais.

Desde essa altura, tendo o cérebro dela produzido o resultado do pensamento e completado a sua formação, fui então capaz, por mero exercício da volição, de comunicar um pensamento ao cérebro; e tal é a simpatia existente entre a minha mente e a dela, que nem distância nem circunstância alguma poderiam intervir caso eu pensasse diretamente e desejasse impressionar uma ideia na sua mente. É a simpatia que o mesmerista exerce no sujeito com as qualidades adicionais da consciência do poder.

Quando eu assumi controlo, até mesmo no começo, não foi como muitos poderão supor, uma ocupação real do organismo humano, pela exclusão do espírito dela, mas uma ação exercida sobre os órgãos que por meio das forças nervosas atuam sobre a volição através do cérebro, que eu gradualmente consegui um controlo superior sobre eles, através da fusão da identidade dela com a minha, ou permitindo-lhe uma consciência individual distinta na vida do espírito enquanto exercitava o cérebro e desse modo usava os órgãos do corpo.

Eu ajo sobre esses órgãos, não os habito. Insuflo-lhes o poder do meu espírito através da sua mente; não ocupo a sua estrutura. Possuo o requisito do controlo, porém, não estou amarrado ao sistema nervoso nem muscular. Tenho o mesmo controlo que o pianista ou organista podem ter sobre o instrumento cujo processo ele dirija, com conhecimento de cada puxador de tampão que produza a melodia exigida, ao dispor.

Na medida em que sou capaz de avaliar a mediunidade humana presente entre o nosso mundo e o vosso, jamais houve controlo mais perfeito do que aquele que individualmente exerço através desta médium. Descubro muitas coisas que não sou capaz de expressar, mas por vocês não estarem preparados para elas. Pude descobrir a fala, pude encontrar o poder requerido, mas não sou capaz de encontrar a compreensão até que a vida humana esteja num estágio de pensamento mais amadurecido.

Por isso digo, pois, que entrei no milénio, e que me foi permitido tornar-me num dos doze guias que dirigem esta médium, e durante os últimos vinte e dois anos em que a minha influência jamais se retirou exceto em intervalos destinados ao restauro do vigor da médium, não me ausentei do pensamento nela exceto quando estive a recolher conhecimento que pudesse transmitir através dela.

Durante os últimos quinze ou dezasseis anos foram proferidas mais de 3000 elocuções, duas mil das quais foram enunciados por mim, enquanto porta-voz do espírito em que me inseri; e nessas elocuções proferi, ou esforcei-me por lhes transmitir toda a filosofia da relação existente entre o vosso e o nosso mundo, tudo quanto diz respeito aos pontos de partida da existência do pós-vida e da

progressão que a alma obtém na sua recém-descoberta vida. Porém, dos estados sociais da existência espiritual e das esferas que habito em especial, e sobre as ocupações em que nos envolvemos em particular no nosso mundo, nunca, até ao presente, percebemos um estado suficientemente avançado de pensamento que nos permitisse comunica-lo ao mundo.

Com a vossa permissão, dispensarei todas aquelas experiências menos significativas que constituem a bem conhecida história de todo espírito que comunica as suas ideias aos mortais e expor-lhes-ei de imediato a nossa esfera de ocupação e emprego, e o que de útil descobrimos em relação à nossa vida para os mortais.

Tomo, pois, a liberdade de lhes dizer que habitamos uma porção do mundo espiritual que se acha ligada ao sistema solar, só que não diretamente ligada ao planeta que vocês habitam, salvo espiritualmente. Esta esfera é denominada esfera da Harmonia, e é presidida pelo anjo que leva aquele nome cuja dispensação, estou certo, virá a seguir-se na terra. O primeiro estágio na esfera que tenho a honra de lhes apresentar é denominada Fraternia, ou a cidade do esforço associativo ligado aos mortais e à existência espiritual.

Uma porção dessa esfera diz respeito àquela que é habitada pelo meu venerável amigo, o Dr. Rush, que relatou a experiência por que passou na área da cura. Uma porção é presidida por Wilberforce, de cuja obra filantrópica todos vocês estão a par; mas as restantes qualidades de Fraternia enquanto reino de existência espiritual está no facto de combinar as esferas associadas de todos os interessados, ou quantos têm estado interessados pelos grandes problemas sociais da humanidade. Mentes como as que se têm visto oprimidas pelas perspetivas parciais e terrenas fundem-se em associações espirituais com enormes esperanças e aspirações.

Os antigos Gregos, cujos esforços de associação eram unicamente dedicados à ambição desabrocham no nosso reino com esperanças mais sublimes, e fazem da humanidade, em vez da Grécia, o santuário dos seus esforços. Aqueles que olham com comiseração e quase com desespero as diversas condições da vida terrena, onde alguns são pisados e oprimidos enquanto outros são exaltados, observam neste reino a solução do problema - designadamente o idêntico reconhecimento de todo espírito humano individual - o reconhecimento da sua existência, do seu poder, dos seus direitos e capacidades, a combinação mútua daqueles que se acham em simpatia em prol de algum grande trabalho.

Descobrimos que, se uma mente é capaz de muito através do esforço individual, induzida ao bem, muitas mentes em simpatia com o mesmo tema conseguirão realizar mais, e o reino denominado Fraternia e aquela porção onde o esforço combinado num dado sentido qualquer é efetivado pelo cumprimento de qualquer objetivo quer na terra ou nas esferas contíguas ao nosso corpo; de modo que, se houver necessidade de inspiração ou resolução de algum problema de monta na terra, uma delegação deste reino seja enviada a inspirar alguma mente que, à semelhança de William Lloyd Garrison tenha constatado um equívoco e sinta o impulso de o corrigir na Terra.

Se algum problema associado ao trabalho precisar ser resolvido, uma delegação avança de Fraternia até ao espírito (mente) encarnado que melhor preparado estiver para receber essa impressão, e a proposta é apresentada ao mundo. Mas, por comparação os estados do nosso mundo e das esferas espirituais em que atuamos, a revolução ou reforma produzida é quase instantânea.

Na terra vemo-nos obrigados a esperar a ascensão e queda de reinos, a queda de dinastias, o derrube dos governos dominantes, antes que uma só ideia de reforma proposta possa ocorrer aos espíritos terrenos, não obstante, é de tal modo gradual e contínua a ação das nossas esferas que nós, como uma força contínua, deveremos inevitavelmente produzir o resultado mais cedo ou mais tarde, e a chama perpétua ou luz é passada desses corpos associativos* na direção de espíritos similares ou corpos existentes na terra, para se voltarem numa dada direção.

Daí que, quando a arte da imprensa foi descoberta por Lorentius Haarlem, ** diz-se que abriu uma tal via de comunicação desta esfera do esforço associado que enquanto antes pode ter havido apenas labaredas isoladas em determinadas porções da terra, passou posteriormente a existir uma efusão constante de esplendor que aos poucos foi sofrendo um incremento, à medida que o conhecimento humano se difundiu.

*NT: Almas grupo?

A mais perfeita realização do nosso ideal de vida associativa que existiu na terra diz respeito a época tão remota da história que dificilmente lhes chega ao conhecimento. Algumas das fraternidades Orientais então existentes, ou ordens associativas de fraternidade, que evitava o mundo, fizeram um enorme sacrifício pelo sublime propósito de beneficiar a humanidade. Mas essas fraternidades desapareceram com os corpos religiosos a que pertenciam e as fraternidades políticas de pouca dura proverbial

Temos agora que olhar para a grande renovação social que, entre a política e a religião consegue gradualmente trilhar caminho, e em tempo de paz os avanços e melhoramentos sociais reúnem o fruto do reino do espírito.

Tão sinceramente desejamos que as grandes massas da humanidade seja influenciada por esse espírito de fraternidade que delegações são enviadas dia e noite a pairar sobre cada local da assembleia humana, cada sítio da legislação e veneração humana, com a finalidade de que a grande carga do evangelho do século dezanove, quer no púlpito quer no salão legislativo, seja a fraternidade da raça humana. Tão decididos estamos que, aqueles que trabalham noite e dia por entre as esferas carregam nas suas asas do pensamento as armas da ciência, da arte, da invenção em prol da inspiração do labor humano, melhoramentos na condição do

pobre trabalhador, de todo problema com que agora se deparam que parece insolúvel.

Um homem de maior intuição ou mediunidade do que outro fará uma invenção que libertará o trabalhador dos laços do servilismo; ele morre e os filhos dos seus filhos antes que a sua invenção seja alvo sequer da consideração dos sábios concelhos da terra. Se houver uma descoberta que prometa ceder asas ao pensamento e render um milhar de braços onde agora há um apenas para mover e suportar as cargas do mundo, os sábios legisladores da terra em assembleia solene a declararão impraticável, e duas ou três gerações precisaram passar antes do tear e do motor a vapor e o mensageiro relâmpago devam fazer o seu trabalho de libertação da mente.

Entretanto há planetas e mundos que se encontram em estágios muito mais rápidos de desenvolvimento do que a terra, e enquanto vós vos arrastais lentamente em frente a tatear às cegas para resolver a questão, algum planeta mais preparado cobre com luz de relâmpago a ordem de algum novo impulso ou poder e as canelas voam e os teares tecem os seus finos tecidos e a luz do sol leva a que os motores girem e a grande maquinaria trabalhe a um só pensamento.

Enquanto vocês aguardam pelos enfadonhos métodos da matéria, e torturam a escória relutante para a realização das reles ambições, a coroação de reis e a construção de edifícios, os mundos que se encontram mais avançados movem-se com o mecanismo subtil do refinado pensamento, e tecem os tecidos do espírito em prol do esplendor daqueles raios que jamais vacilam ou desaparecem.

Se, no reino de Fraternia, desejarmos uma visão para o vosso mundo, de imediato algum inventor construirá uma lente que, colocada ante a visão espiritual, nos revela a condição dos mortais os nossos olhos. Se desejarmos um impulso qualquer do pensamento apropriado a um mundo num certo estado de avanço, haverá alguém pronto com a própria ideia requerida, e será só aguardar a aplicação para que produza o resultado desejado.

No nosso reino, pois, toda a sociedade de almas fraternais habitam na harmonia e na perfeição, todas desempenham a tarefa para que a sua experiência e conhecimento melhor as tiver preparado. Mecânica, arte, poesia, música, todas as formas do pensamento e expressão humana espiritualizado e sublimado encontram os seus corpos associados, e eles, visitando tais mundos ou esferas como aqueles com que têm contacto, servem-se dos métodos mais avançados de outros mundos, e estão preparados para inspirar a ideia na terra, assim que alguma mente estiver pronta a acolhê-la.

Existem agora adormecidas por falta de vontade da parte de empreender o seu desenvolvimento na terra nada menos de uma centena de impulsos no camp da arte, da mecânica, da vida social; e precisamos aguardar até que alguma mente isolada no sótão abandonado a sonhar o seu sonho, proporcione a oportunidade de nos apresentar a ideia, até que os poderes motores a eletricidade e a atmosfera suplantem todo o mecanismo inútil e poeirento do tempo atual, até que os impulsos adormecidos sejam dados às forças elétricas que possam ser criadas para mover o mecanismo

do mundo com o toque único da sua mente me vez do trabalho penoso da vida diária pelo pão de cada dia.

Alguns dos problemas são de tal modo iminentes e compelem-nos tanto que não posso evitar apresentar-lhos. Será recordado pelo meu amigo, o presidente da assembleia que um dos princípios ligados ao esforço associativo do meu pai passou por uma igual cooperação da mulher. Foi minha boa fortuna, com é a de muitos, ter uma mãe que em todas as qualidades da mente e do coração foi uma companheira apta do meu pai, qualidades essas que ele reconheceu no empenho associativo que fez em reconhecimento à mulher enquanto igual ao homem; mas, quando essa ideia se apossa por completo do espírito humano, o resultado será o restauro da metade dos poderes da terra que, por falta de uso, jazem adormecidos ou então que por falta de encorajamento, porventura, foram exercidos em sentidos ilegais ou inadequados.

No reino de Farternia as almas são consideradas com respeito aos seus dons e qualidades, e eu garanto-lhes que, se um a questão ou ideia lhes for apresentada à consideração, não será nem por um instante considerado de que metade da criação a questão possa ter emanado, nem é possível em momento algum formar um corpo associativo no reino de Farternia sem um número igual de ambas as porções da família humana; pelo que seja qual for o ramo da arte ou ciência, da aprendizagem ou investigação, que ocupe a atenção de uma, também ocupará a tenção da outra; e todo problema que seja adequado à resolução de uma também será adequada à consideração da outra.

No reino de Fraternia, e dos círculos avançados do espírito não existe para a proposição pura da mente qualquer distinção na emanação; elas (metades) pertencem e desempenham precisamente as mesmas qualidades no mundo dos espíritos; e no que diz respeito à vida espiritual, falamos de mentes compreensivas e de almas afins, e não de homens e mulheres.

Uma das grandes ideias, pois, que lhes desejo deixar marcada na mente esta noite, é a de que em todos os estágios de aperfeiçoamento na terra nenhuma questão pode ser considerada pelo homem somente, adaptada por ele ao uso humano, ou aplicada ao avanço humano; e justamente na proporção em que a mulher coopera e compreende todo problema da vida humana, assim também no mundo é uma metade melhorada, mais sensata, e maior, e em todas as proposições que se apresentem entre o nosso mundo e o vosso nós falamos à humanidade, e não ao homem, e em todas as ideias que nos unem ao vosso mundo, se um dom puder ser concedido ou cultivado, ou um poder redimido da escravidão do costume, utilizamos a mulher como nosso instrumento sempre que a oportunidade o permita.

Devido ao poder igual de ambos os ramos da mente humana, o reino de Farternia é consequentemente um reino de um desenvolvimento igual e perfeito em qualidades mentais; e só a força e o fervor espiritual que desse facto derivam redimem e rectificam muitas das faltas que existem na vida humana.

Vou-lhes pedir agora que copiem uma daquelas assembleias do reino de Fraternia onde o tema de consideração envolve a questão da sociedade humana, e é tal que pode envolver a vossa atenção por dias e horas seguidas, como designadamente, a elevação e libertação da raça dos impulsos inúteis dos usos da sociedade com o fim de tornar cada sala de estar, todo local de assembleia pública, e cada reunião dos seres humanos uma assembleia harmoniosa e fraternal destinada à discussão dos princípios e propostas da vida humana

Se vocês ajudarem a produzir um resultado desses perceberão que o tempo agora ocupado nas cerimónias inúteis da vida diária será suficiente para consagrar um pequeno milénio em cada habitação nesta e noutras terras; por a harmonia daqueles presentes, e o propósito dos reunidos, seja devido à elevação gradual da atmosfera do pensamento no mundo, à discussão dos problemas da arte, da ciência ou do governo que são conhecidos como úteis, ao desenvolvimento de cada proposta individual que possa dizer respeito à esfera de uma comunidade iluminada e coletiva.

Vós sois abençoados por viverem num período e unam época do mundo em que é possível fazer isso. Platão com todos os seus sonhos, Sócrates com a sua sabedoria, teriam considerado esta assembleia o Paraíso, se a uma audiência de homens e mulheres inteligentes eles tivessem podido, sem receio de derrubar a ordem existente das coisas, ter dado expressão livre e inteligente a cada ideia. Todo corpo de homens esclarecidos na terra pode tornar-se um encontro para uma delegação oriunda do reino dos espíritos a que me refiro, que acrescentarão o seu vigor ao vosso, elegendo cada instrumento conforme possam descobri-los entre vós a fim de lhes resolver muitos daqueles problemas que permanecem sem solução unicamente por não serem pensados.

A esfera seguinte (e esta deverá ser a única a que me referirei, embora não seja a última) é o reino habitado pelas almas que têm o objetivo do aperfeiçoamento do mundo a que chamarei esfera de Melodia, onde a feição característica da atmosfera e inteligência é a de um consenso ou acordo harmonioso, e onde a música do próprio pensamento é tão perfeita que receio que mesmo um pensamento desta assembleia, como aquele que por vezes lhes atormenta o espírito, haveria de produzir uma algaravia na atmosfera. Nenhum ser pode habitar essa morada cujo pensamento basicamente não seja correto, perfeito, em pleno acordo; e aqui chego à questão há muito discutida da possibilidade da perfeição derradeira.

Garanto-lhes que, como só existe uma Luz e um Princípio Final na natureza, e um princípio absoluto de Harmonia, também na Verdade não podem chegar a nenhum outro que não o pensamento absoluto original, se o buscarem no sentido correto.

A perfeição do pensamento humano não depende do escopo que apresente. Vocês podem chegar ao centro sem serem obrigados por possibilidade nenhuma a conhecer toda a circunferência da proposta, como o centro do sistema solar foi descoberto muito antes dos planetas exteriores existirem; e como o centro de um princípio espiritual pode ser descoberto muito antes da sua conferência final ser

conhecida. , pelo que é possível atingir o centro perfeito da Verdade; e todos quantos habitam esse reino de Melodia são perfeitos na qualidade do seu pensamento. Conhecem a verdade primordial de qualquer assunto de que tenham qualquer conhecimento, e o volume desse conhecimento poderá ser aumentado diariamente, porém a sua qualidade nunca.

Não existe diferença na qualidade da verdade ao longo do tempo e da eternidade. É tão possível chegar-lhe, testá-la, ver que é clara e pura e perfeita, quanto é determinar a qualidade de um diamante, ou a quantidade de vapor existente na atmosfera, por combinações químicas adequadas. É tão possível, pois, ao espírito humano ser perfeito na sua esfera particular ou estado terreno quanto o é no reino de Melodia. Seja o que for em que o pensamento humano se envolva, a questão primordial deveria ser, que a base seja correta e perfeita, que então a esfera poderá estender-se tanto quando desejarem.

Achamos os nossos estados de perfeição, pois, determinando o centro de cada proposição, mental, espiritual ou científica. Conhecemos a orientação exata de toda questão chegando ao seu centro, e podemos calcular com igual certeza a operação das forças morais e espirituais na mente humana por esse meio tal como o astrónomo ou o geómetra calculam a extensão de um círculo pelo conhecimento das suas leis da medição.

Estamos inteiramente na posse, pois, das leis que governam o princípio da harmonia, e esses princípios são tão solúveis no pensamento humano como são na música executada pelas mãos humanas, ou composta pela mente humana; pelo que é possível pensar e agir de forma melodiosa, proceder a toda a combinação de ideias, na mente ou na vida, tão harmoniosas quanto as esferas moventes; de modo que os pensamentos, em vez de se mostrarem erráticos e aguçados e embotados, e angulares e sinuosos, devam revelar-se círculos e ciclos de ondas evolutivas que vibram sobre outras ondas de pensamento, inundando a habitação da atmosfera da terra de luz e som harmoniosos.

Tal é o grau de possibilidade ligado aos mortais. Além disto não lhes posso revelar, exceto que no planeta Melodia não existe discórdia mas uma harmonia absoluta, onda atrás de onda ed luz branca pura e dourada que, misturada com cada matiz e cor, flui pelo ar e vibra na direção da terra, e essas são almas aladas cujas aspirações consistem em orações e cânticos, e cujas ideias se decidem na realização do mais elevado acordo, no amor do Infinito, e no amor pelos seus companheiros, respirando música para onde quer que se voltem, e libertando a alma das suas tristezas e sombras por meio do encanto real daquele acordo harmonioso que não deixa espaço à dissonância, à dúvida, nem à tristeza.

Para esta região os convido sempre que, livres dos cuidados ou da contenda, optarem por entrar; e comprometo-me aqui junto com os meus assistentes, e ao longo dos anos futuros em que estiver ligado à terra, a esforçar-me por produzir a

dispensação deste anjo da Harmonia, e a insuflar a atmosfera do reino de Melodia, que libertará e emancipará igualmente a terra das suas trevas.

**NT: Laurens Janszoon que foi cognominado Coster, ou 'sacristão' em Flamengo, que alegadamente foi inventor contemporâneo de Gutenberg em Haarlem, nos Países Baixos, embora alguns Holandeses contestem que tenha sido o primeiro.

COMUNICAÇÕES DE ADIN AUGUSTUS BALLOU A SEU PAI

Através da médium de escrita automática Elizabeth Alice Reed, de Hopedale

Do livro "Exposition of Views Involved in Spirit Manifestations, " da autoria do pai, Adin Ballou.

(14 de Fevereiro)

Tem fé em Deus. Ele fará com que as promessas do Seu Evangelho vos anime e ampare nesta hora de angústia. "Não se vos turbe vosso coração; credes em Deus, " crede igualmente que Ele é capaz de os salvar em todas as vossas dificuldades e aflições.

Tenha paciência; vocês hão de juntar-se todos a mim na devida altura que o Mestre estabelecer. A mãe em breve sentir-se-á melhor, creio bem. Como os anjos se rejubilam por eu estar com eles! Como você se vai alegrar - quando nos encontramos nesta esfera feliz.

Espero conseguir mover a mão da mãe em breve.
Tenha fé e paciência, mãe querida; Eu sempre estarei consigo para a consolar e abençoar. Mãe, é o Augustus quem está a escrever - não duvide.

(15 de Fevereiro)
Gostaria de dizer à mãe e a todos vocês, que quando eu passei do meu habitáculo de argila, não sofri, mas senti-me tão feliz que não consigo descrever. Você já leu o 'Moral da Morte' de Andrew Jackson Davis? Ele esteve muito próximo da verdade nessa parte do seu trabalho, segundo o que os espíritos (meus companheiros) me dizem. Não pense muito na minha doença final, foi o meu acesso à glória. Pense nesta linda terra, onde em breve todos estaremos reunidos. Você será elevado à mais pura comunhão com os espíritos perfeitos por meio daquilo que lhe parecerá um terrível golpe.
(16 de Fevereiro)

Eu gostaria de dar uma palavra à mãe. Ela deseja tornar-se médium de escrita automática. Ela virá a sê-lo, mas por ora ela encontra-se fraca e exausta, e não conseguiria suportar isso; pelo que não devo tentar influenciá-la nesse sentido. Mas ela é suscetível a impressões e não deve duvidar dessas impressões. Estou com ela, e farei por confortá-la; não se trata imaginação, em absoluto. Formamos ideias incorretas sobre os sentimentos que viremos a ter quando formos recebidos no mundo espiritual. Tudo bem; não poderíamos cumprir nossos deveres enquanto nos encontrássemos na Terra caso tivéssemos uma conceção perfeita do mundo eterno.

Eu quero que ele [pai] pregue com base em Coríntios 1: 10: 12. O povo de Hopedale está em condições de ser beneficiado com tal sermão se ele o pregar com base nesse texto, cujo conteúdo reza: [As palavras são - "Que aquele que pensa estar em pé (firme) trate de não cair; " que foram pregadas, conforme solicitado, no Sábado seguinte com bons resultados.]

Pergunta: Consegues ver os espíritos em outras esferas e a uma certa distância de ti?

Resposta: Eu vejo distintamente todos os espíritos que se encontrem perto de mim, como eu anteriormente via os meus amigos terrenos. Mas agora vejo os espíritos mais facilmente do que os mortais. Eu não posso ver através do espaço infinito, como certa vez supus que os espíritos pudessem.

Pergunta: Estiveste comigo para me imprimires fortemente a tua presença no Domingo passado, quando eu voltava da reunião?

Resposta: Estive.

Pergunta: Podes-me dizer onde eu me encontrava no instante em que eu estive mais sensível à tua presença?

Resposta: Perto de William, quando você vinha da escola. [Exatamente correto.]

Pergunta: Dizes que és um professor; podes-me explicar um pouco mais detalhadamente?

Resposta: Eu ensino os mais jovens do que eu. Muitas crianças habitam a quarta esfera, como todas as esferas acima dessa, e uma mais abaixo, a terceira; mas na primeira e na segunda há poucas crianças. Poucas se encontram tão por baixo espiritualmente a ponto de entrarem nesse estado. Temos uma maneira peculiar de obter conhecimento: o estudo é um prazer - um dos maiores que temos aqui,

onde tudo é prazer. O conhecimento das ciências é combinado com o conhecimento religioso.

As palavras são inadequadas para expressar a maneira que temos de obter informação: é delicioso. Nós estudamos para obter um conhecimento de tudo quanto os eruditos terrestres fazem, porém, não através de livros. Os pensamentos dos Professores são nossos, no momento em que lhes contemplamos a face, se eles optarem por isso. As ideias não são confusas; mas a vontade de aprender é coisa que precisamos ter ou a aprendizagem será impossível. Não lhe dei uma ideia muito clara disso; mas mais se há de seguir. [Interrompido pela companhia. Cartas de condolências recebidas pela sua irmã Abbie e lidas em pranto.] Minha chorosa Abbie, essas cartas evocam as lágrimas, embora possam trazer consolo.

Louvores tais como os que eu recebo são todos imerecidos. Eu era fraco e pecador da mesma forma que os outros como eu. Por tudo o que tive de bom eu sinto-me grato, por ter sido uma tal fonte de esperança e força para todos os queridos amigos que deixei - deixei, foi o que eu disse? Não, eu estou com todos vós. Você ainda o há de perceber ainda mais do que consegue agora. Mas Abbie, tu não podes adorar mais o facto de eu escrever do que eu. Tu ainda vais receber muito mais.
Certamente que haverão de ter comunicações de carácter inequívoco deste belo mundo, num curto espaço de tempo. A morte perderá o seu terror. Nós viremos a estar separados; mas eu desejo que sintas que estou tão mais feliz e que estou a exercer uma influência sobre ti mais poderosa para o bem do que a que eu exerci, ou alguma vez poderia ter exercido, tivesse eu permanecido na terra.

(19 de Fevereiro)

Pergunta: Parecer-te-á que te encontras a uma distância considerável da Terra? E que aspeto te apresentará ela?

Resposta: A uma boa distância; Nós vemos as terras todas, assim como a que você habita. Elas não se parecem com estrelas ou planetas. Elas são de fato mundos como o seu e nós vemo-los como tais.

Pergunta: Terão vocês algo análogo ao sono ou ao repouso no vosso estado?

Resposta: O nosso repouso está na mudança. A nossa comida é espiritual. Conhecimento é alimento. Espíritos mais esclarecidos poderão explicar mais do que agora sou capaz.

Pergunta: Já viste alguns espíritos que tenham sido verdadeiramente infelizes?

Resposta: Eu vi aqueles que não são tão felizes quanto eu, mas nenhum que possa ser chamado de infeliz. A consciência é um algoz temível, e mesmo depois de atingirem a quarta esfera, os espíritos não são sumamente felizes em todos os momentos.

Pergunta: Recordas de forma distinta o que te aconteceu enquanto na terra?

Resposta: Perfeitamente. Mas muitas coisas que então eram inexplicáveis e fonte de infelicidade para mim, enquanto estava na Terra, são inteiramente explicadas agora. Pensar do passado para mim é delicioso.

Pergunta: Com respeito à transição de um espírito de lugar para lugar, etc. , etc.

Resposta: Eu desloco-me, mas é à rapidez do pensamento. Eu não venho [necessariamente] a esta sala, mas encontro-me nela e preciso estar perto, de comunicar livremente. Se eu quiser estar aqui, estou aqui a qualquer instante; e se eu quiser regressar, eu regresso com igual rapidez. Durante a sessão da noite passada, voltei ao meu lar [do espírito] várias vezes.

Pergunta: Vocês têm habitações, etc. ?

Resposta: Estamos num espaço aberto; a nossa morada é a imensidão.

Pergunta: Quanto às aparências das coisas no mundo espiritual.

Resposta: Temos coisas análogas à natureza, mas não à arte.

Pergunta: Sobre as esferas e à qualificação dos espíritos para determinadas esferas.

Resposta: Ingressamos na sociedade dos espíritos puros quando acedemos a uma esfera superior, e é isso que queremos dizer com o termo. [As qualificações de um espírito para uma esfera particular] estão todas relacionadas com o carácter, moral e espiritual. Aqueles espíritos que habitam a segunda esfera, assim como a primeira, não têm nenhum desejo de se associar aos espíritos da sétima esfera, e, consequentemente, nunca ou muito raramente os vêm. Os espíritos da quarta esfera e das superiores, com efeito exercem uma influência sobre aqueles da primeira e da segunda; mas é de forma semelhante àquela em que nós vos influenciamos.

Pergunta: Podes descrever como és capaz de escrever através de uma médium, etc?

Resposta: Sinto-me como se entrasse nela por um tempo, ou como se o meu espírito entrasse nela. Livro-me da minha forma espiritual e tomo a dela. Mais que um espírito pode entrar na médium ao mesmo tempo. As médiuns entram em transe por ação de diversos espíritos que entram no corpo a uma só vez.

Pergunta: As médiuns podem evitar ter desmaios e transes?

Resposta: A vontade pode impedi-lo, a menos que a fraqueza seja causada por fazer sessões a mais.

Pergunta: Como podemos assegurar a comunicação de um espírito particular com quem desejemos conversar?

Resposta: Se tiverem a mente concentrada num espírito, e desejarem notícias da sua parte, ele ou ela geralmente estará presente. Não entram diversos espíritos, a menos que a médium fique muito tempo, ou o solicite, como as médiuns fazem quando entram em transe.

Pergunta: Podes-me descrever a aparência pessoal dos espíritos das esferas inferiores?

Resposta: Eles têm um aspeto muito menos bonito do que os espíritos da quarta esfera; e os espíritos crescer na beleza da aparência à medida que avançam para esferas superiores. Os da primeira parecem-se como os habitantes da terra - alguns deles não são tão belos quanto os habitantes da terra.

Pergunta: Vocês conseguem ler-nos o pensamento?

Resposta: Eu consigo ler-lhe os pensamentos com muita facilidade quando a Alice [a médium] está me sessão; e posso fazê-lo a qualquer instante com mais facilidade do que quando eu estava consigo em carne e osso.

Pergunta: Terão alguma coisa que corresponda à oração, aos cânticos e a outros exercícios devocionais?

Resposta: As nossas orações são contínuas. Os nossos louvores são contínuos. Como poderia ser de outra forma, onde tudo é alegria? Nós não oramos de maneira audível. Não há necessidade de pregar; a aparência é a de um sermão sem fim; todos são pregadores aqui. Mas alguns não conseguem impressionar as verdades como os outros. Nisto somos como os habitantes da terra.

Pergunta: Consegues passar por substâncias sólidas, etc. ?

Resposta: O meu espírito pode passar por qualquer substância, mas primeiro precisa despojar-se do corpo [ou forma] espiritual, Quando eu deixei o corpo vieram ao meu encontro espíritos da quarta, quinta e sexta esferas.

(20 de Fevereiro)

Deverei, em breve, ser capaz de dar o meu testemunho sem que ele se deforme pela condição da médium. Você saberá que o seu filho é realmente um espírito e que está frequentemente consigo - ou melhor, sempre que os seus pensamentos repousam em mim com profundo pesar. E durante as silenciosas vigílias da noite, quando mergulha no esquecimento, e nos sonhos você ainda me contemplará como eu fui na terra, ou como um espírito beatificado. A mãe pode ter-me visto e provavelmente viu-me mesmo, nos seus sonhos. Tenho-me esforçado para impressionar a minha imagem na sua mente, mas não estou certo se fui bem-

sucedido nisso.

[Em resposta a uma pergunta.] Eu possuo uma forma espiritual, que assumo ou rejeito quando a ocasião o exige. Eu tenho a minha forma ou corpo espiritual quando me comunico por inclinações de mesas ou batidas, mas para escrever o meu espírito deve entrar na médium [sem a sua forma], caso contrário sou incapaz de controlar-lhe a vontade ou os músculos. Você está ciente de que eu assumo a minha em qualquer altura. No momento em que deixo o corpo da Alice [a médium], eu assumo o meu. Se eu ficar perto de si noutras ocasiões, a minha forma espiritual está comigo. As portas não precisam ser abertas [para podermos entrar], porquanto não precisamos entrar na sala para movimentar a mesa, etc. É feito por meio de um forte esforço da vontade; que no momento não somos capazes de explicar por completo - em parte porque você não conseguiria compreender, e por você não estar em condição de o apurar.

[Resposta a questão a respeito do que constitui um médium.] Eu gostaria de poder explicar, mas sinto-me incapaz neste instante. Depende de condições peculiares do sistema físico; embora uma médium mental pura receba [de forma correspondente] comunicações de elevado cunho. Você está ciente de que algumas pessoas se tornaram médiuns, e de que continuaram a sê-lo, mas por pouco tempo, devido a alguma mudança que se verifique na sua saúde ou constituição.

Pergunta: Sobre como acontecer que as médiuns caiam em desmaios e outras irregularidades de carácter nervoso.

Resposta: Elas abusam ao praticarem de forma irregular, e em demasia; ao se exporem no meio das multidões - de céticos e daqueles que confiam implicitamente, todos juntos, o que forma tudo menos o círculo harmonioso que deve cercar uma médium. Elas são reduzidas ao estado de que você fala por efeito desses abusos e por própria oposição que lhes é movida. As médiuns devem estar calmas, passivas, numa atitude de oração, e de espectativa da verdade, não importa o quanto isso entre em conflito com as opiniões preconcebidas dos presentes. Ser-nos-ia quase impossível [a nós] escrever livremente com uma pessoa desprovida de consciência e de confiança religiosa, ou com alguém inteiramente desprovido dessas qualidades.

Pergunta: Correremos riscos da parte de espíritos malignos?

Resposta: Depende inteiramente de vós próprios. Com o profundo espírito religioso e de oração que você manifesta, não vejo perigo oriundo de maus espíritos. Espíritos da primeira, segunda e da terceira esferas são as únicas que chamamos de espíritos inferiores e não se sentem atraídas para aqueles que buscam de forma piedosa, sincera, e devota a comunhão com os espíritos elevados. Eles buscam a simpatia e vão onde a puderem encontrar.

[Resposta a pergunta:] Eu posso comunicar com aqueles nas esferas inferiores, e posso remetê-lo para aqueles acima. Agora posso visitar a quinta esfera, e faço-o com frequência. Depois de chegar ao mais alto grau da quarta ou de qualquer esfera, estamos autorizados a visitar a seguinte mais elevada. Isso é bom. Depois de a visitarmos desejamos habitar essa esfera; e a vontade de o fazer equivale a ir

até lá; ou pelo menos temos a certeza de que a habitamos por um período muito breve.

[Resposta a pergunta a respeito de instruções para os que desejem tornar-se médiuns.] As mesmas instruções para todos que desejam tornar-se médiuns. Sentem-se uma vez por dia, e fixem a vossa mente sobre o espírito com o qual vocês desejam comunicar. Coloquem a mão passivamente no vosso colo, e esperem calmamente até que sejam capazes de a mover. Onde houver um desejo sincero de comunicação espiritual todos os bons espíritos desejarão manifestar-se, e melhoram toda a oportunidade de o fazer.

(21 de Fevereiro)

[Pergunta sobre os erros que surgem nas comunicações, etc.]

Resposta: Devo atribuí-los à imperfeição e à falta de passividade da parte da médium. No princípio, vocês poderão, muitas vezes, obter comunicações contraditórias. Requer muita paciência aguardar que todas as fraquezas da mente e do corpo sejam corrigidas à maior parte das médiuns.

Pergunta: Quão perto precisarão vocês estar para comunicar?

Resposta: Nós precisamos encontrar-nos no raio de algumas dezenas de centímetros. Por vezes, entrar no aposento, mas não temos necessidade de o fazer. Não podemos comunicar-nos a milhas de distância; ou melhor, os espíritos da quarta esfera não podem. À medida que avançamos para esferas superiores, podemos comunicar de uma distância maior.

Pergunta: Se será correto aspirarmos a conversar com os espíritos, etc.

Resposta: É correto aspirar a conversar com os espíritos; mas pode não ter a possibilidade de manter uma conversa com os espíritos - contudo, não inteiramente devido à vossa condição espiritual. Isso pode garanti-lo, e ainda assim pode não ser a vontade do Infinito que assim seja. Os espíritos das esferas superiores, da sétima e da sexta, são denominados anjos. Todos são anjos na esfera celestial, a única grande Esfera acima de todas as outras.

(24 de Fevereiro)

Tenha esperança. Eu ainda tornarei a minha presença de tal modo uma realidade que você não poderá duvidar mais. Tem o seu pensamento de tal modo fixo em mim, que me sinto muito atraído a si - mais do que os espíritos geralmente em relação aos seus amigos terrenos. Quanto mais frequentemente você entrar em meditação sobre as coisas espirituais, mais fácil se tornará a mim manifestar-me a si. Não sentirá nesses momentos de meditação que estou consigo? Não consegue quase sentir a minha presença? É nesses momentos que estou perto de si e você é abençoado, como você não é noutras circunstâncias.

Pergunta: Sobre Adin e Pearley, dois irmãos que morreram jovens, muitos anos atrás.

Resposta: Eu vejo-os com frequência. Eles possuem diversas ocupações, como os outros espíritos, mas não estão confinados a coisa nenhuma. Geralmente eles estão comigo quando eu o visito. Eles estão aqui neste instante. [Pergunta sobre a sua aparência e aspeto pessoal.] Todos os espíritos possuem uma semelhança familiar, tanto quanto me tem sido dado constatar. Adin e Pearley são homens, tanto quanto se tivessem vivido na terra até que se tornaram tal.

(25 de Fevereiro)

Pergunta: Terás ouvido falar, ou sabes se iremos ter alguma manifestação notável, do mundo espiritual em breve?

Resposta: Eu ouvi dizer e sei que há razão para esperar manifestações grandiosas e surpreendentes da nossa parte dentro de dois ou três anos. Estas comunicações são apenas um começo do que vocês podem esperar.

Pergunta: Podes dar-nos alguma conceção distinta das cenas que tens ao teu redor e das sensações que tens?

Resposta: O que elas poderiam ser, senão alegres? Você não pode esperar que eu as descreva. Não me ocorreria nada de terreno com o que eu pudesse comparar as sensações que temos.

(5 de Março)

[No sábado, P. M. (no dia em que a sua doença fatal começou à noite), quando ele regressava ao seu local de embarque, de repente ele teve uma forte premonição, aparentemente como de um espírito que lhe falou nestes termos: "Tu vais ficar muito doente. " Ele mencionou isso à Sra. Washburn, sua anfitriã, duas vezes durante a primeira parte da noite; acrescentando que ele não se tinha sentido tão bem como naquela tarde havia algumas semanas. Referindo-se a essa premonição, ele agora, a 5 de Março, diz:]

Pearley [o seu irmão no Espírito] impressionou-me com o facto de eu vir a adoecer naquela tarde de sábado. Ele informou-me disso assim que aqui cheguei.
Quando exploro as glórias do Lar Espiritual e as comparo com as belezas menores da Terra que certa vez habitei, a minha alma vibra com uma alegria indescritível. Fico estupefacto consigo, por poder derramar uma lágrima por causa da minha mudança. E se para mim a transição é tão prazenteira, quando o meu caminho foi tão límpido e claro na terra, o que deverá ser para os filhos da aflição! Ah, a alegria que tenho testemunhado quando alguns, cujo caminho pela vida foi muito sombrio, contemplam por uma primeira vez as maravilhosas glórias do nosso mundo!
Precisamos prová-las, senti-las, para as entenderem.

Pergunta: Poderíamos ter feito alguma coisa eficaz para a tua recuperação? Muitas vezes refletimos sobre isso com tristeza e ansiedade.

Resposta: Não devem pensar nisso. Não é bom que o façam. Não poderiam ter feito nada que tivesse levado a recobrar a saúde: embora vocês me pudessem ter

aliviado um pouco se tivessem estado comigo mais cedo. Não gosto de recordar isso; precisam erguer os olhos. Não pensem no que sofri, enquanto tantos estão agora a sofrer, e eu estou tão feliz aqui. Pai, estou a avançar muito rápido. As glórias das esferas superiores desdobram-se-me diariamente, embora eu ainda permaneça na quarta.

(8 de Março)

Ideia abençoada! Toda a escuridão transformada em luz! Sinto-me arrebatado, e não consigo expressar a alegria que sinto. Eu vejo na minha mente inúmeras provações e pesares para os habitantes da Terra; mas além disso tudo há a perspetiva de um dia mais brilhante; onde, entre todas as bênçãos, a não menos importante será a comunhão com os espíritos da pureza e do bem. Alguns de vocês verão esse dia. Vocês perguntam como consigo prever isso? Eu sei como os habitantes de outras Terras progrediram e a ordem é a mesma em todos os casos. Será gradual, e alguns anos se passarão antes de uma grande mudança. Você já teve profecias a esse respeito; preste-lhes atenção. Pai, seja paciente, vigie e espere. Um outro século não poderá começar, antes que essa grande mudança seja realizada. Eu posso não contar-lhe mais. Digo uma vez mais, seja paciente, vigie e espere.

(Em diversas outras datas não referidas)

A senhorita Cornelia Strange, uma aluna da Classe de Admissão na Escola Normal Bridgewater - aula essa que esteve sob a instrução de Adin Augustus Ballou durante as oito semanas em que lecionou - adoeceu cerca de uma semana depois da sua morte, e faleceu passado uma semana. Ela deu a entender ter estado presente certo dia, e ter comunicado o seguinte: “Cornelia Strange encontra-se aqui e feliz por comunicar. O meu querido professor está comigo e com que alegria nos reunimos! Amigos fomos nós na terra, mas verdadeiros amigos no céu. Ah, amigos, como podem chorar quando estamos num ambiente tão feliz? Eu imploro-lhes que pensem no momento em que todos estaremos juntos e nos uniremos em hinos de louvor ao Soberano deste adorável Lar, a Terra do Espírito. Aleluia! Aleluia!”

Augustus dirigindo-se à sua irmã Abbie:

Não deves pensar em mim como eu deveria ter sido, ou como eu fui, mas como um espírito que paira perto de ti a acalmar-te e a abençoar-te. É verdade que eu deveria agora estar contigo no corpo, [era altura de férias] caso eu tivesse vivido; mas não será muito mais abençoado ter um companheiro e consolador em espírito do que um terreno? Não tens necessidade agora de pensar em mim como sujeito a tentações e provações, mas como alguém que, libertado delas, ainda pode estar contigo, ainda te pode animar com esperança e consolo, e, por fim acolher-te, quando a tua peregrinação chegar ao fim, nestas abençoadas mansões, onde o amor e a alegria abundam sempre. Não será egoísmo da tua parte, Abbie, pensar em desejar-me de volta à terra, quando tão plenamente percebes os sofrimentos a que escapei com o meu afastamento precoce dela? Espera ainda - confia no Redentor - e em todas as coisas que virás a ser capaz de dizer de todo coração: "Ele

faz todas as coisas bem. " Não penses mais naqueles que passaram para o Mundo Espiritual antes de ti, do que nos muitos queridos amigos que ficaram.

(23 de Março)

[Aos seus pais, etc. , logo após a reunião trimestral em Hopedale.] Não vê como todas as suas aflições funcionam para o bem? Não desanime; dias mais radiantes ainda hão de alvorecer sobre este mundo ignorante; dias mais radiantes sobre Hopedale. Decerto que já vê sinais disso, no fervoroso zelo daqueles que estão consigo e no profundo interesse de muitos de fora. A vossa reunião tem sido profundamente interessante para muitos, muitos mesmo, bons espíritos. Muitas vezes temos um desejo ardente, quando tais reuniões são realizadas, de nos manifestarmos de alguma maneira inconfundível; mas vocês ainda não estão preparados para isso.

Eu gostaria de lhe dizer primeiro que desde que escrevi da última vez [i.e., quase uma semana antes, conforme entendi] eu entrei na quinta esfera. Estou rodeado por muitos amigos seus e do povo de Hopedale.

[Em resposta às observações feitas pelo pai.] É verdade que este é um mundo radiante e feliz, mas posso deixá-lo com prazer para fazer qualquer coisa que o console. A terra que você habita não é toda escuridão e pesar - embora todos devam passar muitas aflições antes de entrarem num melhor. Poucas pessoas têm conceções tão exatas do Lar do Espírito quanto vocês, pai e mãe; mas também vós ficais muito aquém da realidade nas ideias que tendes.

Eu de bom grado faria muito mais do que atualmente faço para que seja capaz de perceber a minha presença frequente; mas precisa lembrar-se de me vejo obrigado a esperar tanto quanto você; o que não é muito agradável quando contemplamos todos os pecados e tolices dos habitantes terrenos, e sentimos que, se estivessem num estado adequado, individual e socialmente, poderíamos fazer muito para os proteger. Mas não está muito longe o tempo em que seremos capazes de o fazer. Quanta alegria, pois, para vós e para nós! Não pense que eu estou longe, quando você não recebe longas comunicações. Pense em vez disso no momento em que ver metade do que você agora vê, e acreditar que tenha vindo dos espíritos, lhes dará uma alegria indescritível. Não lhe dará agora muita felicidade saber estamos perto, e podemos em alguma medida dar a sentir a nossa presença muito embora você possa desejar algo de mais impressionante, de mais convincente para todos?

Deseja a associação com os espíritos puros? Torne-se puro e feliz por palavras e pensamentos. Escute os sussurros do Espirito Divino, e não deixe de dar atenção às suas advertências. A experiência ensinou-lhe que os momentos mais felizes são aqueles passados em comunhão com a Divindade. Por que então buscar a

felicidade por qualquer outra via? As preocupações do mundo agitado afadigam-lhe e confundem-lhe a mente e, de bom grado se volta para as alegrias supremas que encontra no esquecimento delas todas, em comunhão com o Infinito.

(1 de Abril)
Oh, minha querida mãe, você não imagina o quão feliz estou por cuidar de si e dos outros amigos terrenos. É uma das maiores alegrias que tenho.
Não é adequado que as glórias do Lar Espiritual lhe sejam todas reveladas agora. Você não está preparada para isso; tampouco cabe no nosso poder dar-lhe conta de muito mais do que damos. Quando formos inteiramente capazes de controlar médiuns, de modo que os seus pensamentos e os nossos não se confundam, teremos muito mais a dizer. Até agora não encontramos ninguém a quem pudéssemos controlar por completo. Que pensamento glorioso, que um dia todos nós venhamos a estar unidos neste Lar abençoado! Então, você será capaz de compreender tudo - entender perfeitamente porque eu lhe fui tirado. Já está a começar a entendê-lo. Tenham esperança, meus amigos, esperem sempre.

(4 de Abril)

Parece que todas as alegrias do meu Lar Espiritual se intensificaram pelo prazer de conversar com os meus amigos terrenos. Confie em Deus. Ele dirige todas as coisas, tanto no presente quanto no futuro. Os anjos observam o seu progresso e o progresso de todos com profundo interesse. Os portais do céu estão abertos de par em par, e os habitantes da terra entram constantemente nele. As alegrias, as glórias do nosso Lar surpreendem-nos e deixa-os extasiados; e à medida que olhavam arrebatados, eles são recebidos com cânticos seráficos nesta terra - que é verdadeiramente uma "terra de repouso, " só que de um repouso tão ativo, que, se vocês lhe conhecessem a extensão completa, talvez pensassem que deva ser cansativo.

Que ideia gloriosa! Você ainda há de conversar com espíritos - espíritos puros e aperfeiçoados; e as suas revelações hão de surpreender o mundo, ao mesmo tempo em que auxiliarão a grande obra da Reforma que agora parece mover-se tão devagar. Está a mover-se lenta mas seguramente, e pelo "Olho perspicaz da Fé" o puro e o bom já vislumbram o raiar de um novo dia. Eu falo-lhe muito sobre a reforma da Terra; mas é tão certo que ela virá, que desejo introduzir às vossas mentes uma parte da minha Fé e Esperança.

Estranho que você não se sinta tão cheio de esperança e de alegria quanto eu; e quando vejo pai e mãe tristes e desanimados, a lamentar a minha partida da Terra, mal posso suportar tê-los assim. Eu gostaria de vê-los a olhar para o futuro, e ver como eu, como todas essas coisas vão funcionar para o bem. Desafios e pesares

também vejo, mas além deles, o eterno reino da paz e da justiça. A sua recompensa virá pois, pai, assim como a recompensa de todas as almas verdadeiras, que estão e têm há tanto tempo estado a trabalhar para a redenção do mundo pelo peso do seu pecado. Não vou escrever mais esta manhã, mas despeço-me. Deixe-me apenas pedir-lhe uma vez mais que olhe com o olho da fé para o futuro, e que aguarde com paciência.

(23 de Abril)

Dai após dia passa, e os espíritos observam continuamente o progresso desta nova luz, uma luz que está a raiar em muitas almas que antes vagava no cepticismo, sem Deus ou um Salvador. Oh, que esta luz possa em breve surgir sobre as almas ignorantes de toda a humanidade! Então o grande dia do jubileu terá chegado e, com ele, as tristezas do passado serão eliminadas. As lágrimas do enlutado serão enxugadas e à partida de cada alma do mundo serão ouvidos cânticos de regozijo e hinos de louvor - louvor por um espírito nascer no mundo Eterno. Escutem ainda, meus amigos, as vozes que falam de paz e consolo às vossas naturezas interiores e, enquanto desfrutam do prazer da comunhão consciente com os espíritos, pensem naqueles que, na escuridão das suas almas, não conseguem sentir tal consciência.

Oh, arrebatamento divino! As glórias que desabrocham diariamente ante mim inundam-me toda a natureza da minha alma com um tal senso de perceção da bondade do Autor Infinito destas bênçãos, que eu de bom grado o impressionaria com alguma porção da alegria que sinto. Eu encaro, e todos os bons espíritos encaram com um prazer peculiar o grande trabalho da Reforma Social. Quando olhamos para o mundo que os rodeia e vemos como a vaidade, o narcisismo, a sensualidade e os vícios afins dos familiares inundam os corações da maior parte da humanidade, como o desejo de riqueza e o amor pelo poder levam o homem a oprimir e a escravizar o seu irmão, somos levados a regozijar-nos, e a voltar os olhos para este pequeno Vale, e com a visão da fé contemplar toda a terra sob tais princípios e aqueles ainda melhores, transformados no Éden que certa vez foi.

Você não pode perceber o amor que está sempre a fluir dos habitantes do Lar Celestial. Este amor e compaixão sem limites exercem uma influência que, embora pouco compreendida ou sentida, está a causar uma enorme quantidade de bem; está a deixar muitos corações, de outro modo desolados, cheios de alegria e paz; está a suavizar o leito da enfermidade e morte, e enquanto ele introduz o espírito que partiu na benevolência imorredoura, enuncia tais palavras de conforto e consolo ao enlutado, como nenhum coração terreno poderia ditar.

O culpado, também, que por vezes parece quase indigno de um pensamento, encontra-se sob a influência dos seus mensageiros. Com palavras de perdão e piedade, eles continuamente voltam os seus pensamentos para os seus dias de

inocência, ou em tons suaves falam do amor e dos sofrimentos do Salvador, e com paciência incansável, continuam a sua vigia - impedindo-o de actos mais vis ainda, mesmo quando não conseguem voltá-lo para os caminhos da virtude. Se os espíritos puros e santos podem assim falar à mais vil das criaturas de Deus, deverá o homem com a sua fragilidade e imperfeição desdenhar fazê-lo? Ah, quando será a religião de Cristo tão infundida no coração do homem, que ele siga o Seu exemplo de visitar os pobres, os ignorantes, os pecadores, e se esforce por confortar, educar e recuperar!

O que se segue é uma comunicação pretendendo vir do mesmo espírito. Ele foi recebido algumas semanas depois, através de Mary E. Bowers, outra médium de escrita automática, de Hopedale: - Quando é que este mundo se moverá, como o faz o mundo dos Espíritos? Quando será que os pensamentos dos homens se condensarão em ideias espirituais? Quando será que a luz de Deus cobrirá toda a face da terra? Quando, ah quando é que a Igreja de Deus despertará com um novo e santo zelo? Quando será que o grande centro do universo pulsará e baterá, como se algum poder poderoso tivesse despertado por dentro? Quando é que Deus se revelará de uma maneira inconfundível à humanidade débil, atormentada e pecadora? Quando será que os dogmas do sectarismo rebentarão e se dispersarão? Quando o prisioneiro for solto das suas correntes, e o ESCRAVO dos seus grilhões? Quando aquele princípio da paz semelhante a Deus, nascido de Deus, reinar triunfante?

Quando o dissimulador da religião tirar as suas vestes de sacerdote, e se puser de pé e desnudar o coração e com conhecimento dos seus feitos? E finalmente, quando será o mundo redimido? Quando os princípios forem de justiça e não de poder; então, e não antes, será o pecado um estranho, e aos corações dos homens desconhecido. Deus governa pelo amor; e quando chegar a hora de fazer o bom trabalho, então ele será realizado. Mas vocês precisam trabalhar e apressá-lo. Trabalhem não para ele, mas com ele. Sejam firmes em fazer bem. Deus fará com que prosperem, e os espíritos dos abençoados os ajudarão.

Adin Augustus Ballou

A ETERNA PROGRESSÃO DO ESPÍRITO HUMANO

Uma oração proferida sob a influência espiritual pela Sra. Cora LV Tappan, no Salão Royal Music, em Holborn, Londres, na noite de Domingo, 14 de dezembro de 1873.

DISCURSO

Antigamente, as várias religiões que eram pregadas no mundo tinham dois enunciados distintos. Um era tornar o estado futuro da existência do homem permanente, seja que fosse a condição de felicidade ou de infelicidade a que o espírito humano fosse conduzido após a morte. Grande parte da teologia desse tempo tornava essa condição eterna e permanente. É verdade que Swedenborg, que tem um grande número de seguidores e cuja visão penetrou nas moradas espirituais dos falecidos, afirma de forma distinta a progressão; mas ele também afirma, acreditamos nós, o retrocesso - uma progressão na felicidade e um retrocesso na infelicidade.

Os antigos não acreditavam que o espírito na sua forma atual existisse, mas que, por algum processo de metempsicose, o espírito fosse transportado para outra forma de vida e, assim, mantido num estado perpétuo de existência. Onde a imortalidade era pregada, acreditava-se que o espírito humano se tornaria como os deuses, e que quem quer que se tornasse imortal viria a possuir um poder quase infinito. Maomé pregou que a imortalidade só poderia ser atingida pelo espírito humano masculino; e que se a mulher quisesse ser imortal, ela deveria orar para se tornar, por altura da morte, como o seu mestre. Essa era, naturalmente, a ideia favorita do paraíso futuro, em que os abençoados e aqueles que possuíam a imortalidade deveriam encontrar prazeres perpétuos e um prolongamento dos encantos e delícias materiais e terrenas.

Mas a ideia predominante na cristandade, cremos nós, entre os teólogos, é que a de que o estado futuro seja quer de uma felicidade absoluta ou de uma angústia absoluta, ignorando o facto de que Jesus ensinou: "Na casa do meu Pai há muitas moradas; eu vou preparar um lugar para vós," dizendo aos seus discípulos - as muitas mansões significam os diferentes estados de existência. E muitas vezes nos têm perguntado sobre como explicamos a passagem das escrituras: "Como a árvore cair, assim deverá ficar," a haver progressão no mundo espiritual. Sabemos que a ciência prova que a árvore não permanece como ela cai. Átomo por átomo a árvore é transformada em solo, e cresce numa nova forma de existência, provando que, embora a árvore caia, os átomos dos quais ela é composta mudam a sua forma de existência e assumem uma nova roupagem.

Bom, o Espiritualismo revelou como facto absoluto a comunhão com os espíritos dos que partiram; e entre as várias palestras que aqui temos feito nas noites de Domingo, empenhamo-nos em retratar um pouco a sua condição no estado futuro, e dissemos-lhes que, ao se afastar da vida terrena o espírito também começa a sua existência futura; mas acreditamos que não tenha sido declarado nas noites de Domingo anteriores quais poderão ser as oportunidades futuras que possam ter de aperfeiçoamento, de avanço, de cultivo, progresso e de felicidade final. Nesta existência, todas as fontes de conhecimento são aprimoradas e o entendimento na filosofia espiritual é ampliado. Os homens mais grandiosos da terra sempre ficam aquém das suas mais elevadas realizações. Eles desejam algum prolongamento da

vida, que algum objetivo ou tema favorito possa ser perpetuamente ou finalmente estudado. Ninguém alcança o epítome da sua ambição. As melhores e mais elevadas mentes desejam algum estado sublime, algum meio de existência mais nobre, pelo qual possam cumprir o ideal das suas vidas. Com efeito, o mais devoto cristão fica aquém na ideia que tem com relação ao cristão ideal que ele acha que deveria tornar-se; e é uma ocorrência comum entre as várias seitas da cristandade as pessoas acreditarem que, se não fosse pela Divindade Misericordiosa, elas não poderiam escapar às torturas dos condenados, por se sentirem totalmente indignas.

O espiritualismo, no entanto, ao não considerar questões teológicas, mas factos; ao não lidar com questões que se referem apenas a suposições misteriosas, mas com estados absolutos da existência, deve apresentar uma decisão final em relação a tal questão. Sem dúvida, se os vossos amigos do espírito conversam convosco, são capazes de lhes dizer qual é a condição em que se encontram no estado futuro - e dizer-lhes de forma indiscutível se nesse estado eles podem avançar para níveis mais elevados de conhecimento e sabedoria; ou se eles estão perpetuamente condenados a permanecer numa condição, meramente a reviver de novo as cenas e o conhecimento por que eles passaram ou possuíram na terra.

É um facto singular que, com a mente humana e que com o espírito humano desencarnado, não possa haver descanso; queremos dizer, ficar parados. O descanso que o vosso corpo requer - o sono físico tão essencial ao reabastecimento dos vossos corpos externos - não se aplica, de facto, à mente. A mente e o espírito nunca estão em repouso; o descanso para a mente está meramente numa mudança da ocupação; e, indubitavelmente, quando os vossos corpos dormem, os vossos espíritos continuam a trabalhar nas subtis regiões do pensamento e da especulação. Às vezes o pensamento expande-se nos sonhos - às vezes na consciência de visões divinas que vocês não consegue recordar; mas muito disso é de certa forma um vislumbre do estado futuro da mente, quando desencarnados e livres da sujeição ao corpo físico.

Vocês precisam ter consciência de que a condição de à vontade diz unicamente respeito ao corpo material; que a mente em si mesma nunca é mais feliz do que quando se vê envolvida em alguma ocupação nova e enobrecedora; que toda via renovada de pensamento, todo grande problema, toda nova investigação, apresentam de imediato ao espírito algo que a arrebata e entretém. E esse deverá igualmente ser o caso quando livre de incapacidades físicas, o próprio espírito repousa apenas no trabalho, na ocupação, na labuta constante, e na busca e investigação do conhecimento espiritual.

Assim, se ao entrarem na existência espiritual vocês descobrirem estar paralisados e diminuídos, como inevitavelmente deverão; ter alguma parte da vossa mente imperfeita ou subdesenvolvida; carregar muitas deficiências que os tenham acometido externamente; se, de facto, vocês tiverem mergulhado, por força das

circunstâncias externas e ocorrências e pensamentos e ações na vossa vida terrena, numa condição comparativa sombria - não quer necessariamente dizer que vocês devam permanecer nela. Não há condição tão sombria que o poder e o amor de Deus e dos seus anjos não possa penetrar.

A existir lugares de eterna ignorância, não poderia existir a presença da Divindade em todo lugar. E a mente humana, finita nos seus fracassos, não pode, por forma nenhuma, falhar infinita e eternamente: daí que o apertado compasso da mente humana aqui na terra seja de imediato em certa medida ampliado; e a mudança chamada morte meramente liberta o espírito da sua prisão, apenas abre os portais para a vida mais esplendorosa, onde desfruta de um leque maior de visão, de melhores oportunidades de conhecimento, de incentivos mais elevados, de aspirações mais nobres, de desejos mais puros.

Mas isso não é alcançado imediatamente, nem num piscar de olhos; mas gradualmente, à medida que o espírito começa a sentir a sua deformidade; à medida que, ao entrar na existência espiritual, vocês tomarem consciência de que não construíram para a eternidade, mas apenas para o tempo, enquanto permaneciam na terra; quando vocês começam a perceber que o espírito se acha diminuído, carente da roupagem e das vestes do pensamento excelente e de elevado ímpeto; de facto, ao lhes acudir à mente, à vossa consciência, o facto das aspirações e ambições da existência terrena não terem sido de natureza tal que lhes desenvolvesse a alma, mas apenas alimentasse e mimasse os apetites do corpo.

Ao entrar na existência espiritual todo espírito sente que o seu trabalho só foi proporcionalmente alcançado; que apenas desenvolveu e desbrochou uma porção dos seus dons; que apenas melhorou um pequeno grau dos seus poderes. Então, se de facto não houvesse mais progresso; se as portas do conhecimento se fechassem ao espírito humano; se, com todas as suas aspirações e anseios por uma vida superior e uma sabedoria superior, nunca pudesse melhorar - o estado futuro seria, de facto, um tormento, e a maioria da família humana, ou melhor, toda a família humana, entraria num estado de comparativa infelicidade no outro mundo; porque, conforme dissemos, as mentes mais brilhantes, os maiores gênios, os filósofos mais subtis, e até os próprios inspirados, declararam que a vida terrena é inepta para o cumprimento das suas maiores aspirações.

Vocês sabem quantos impulsos bons vocês deixam por fazer e por realizar todos os dias. Vocês sabem quantas vias de conhecimento vocês gostaria de seguir; mas dizem: “Não tenho tempo; as exigências dos sentidos são muito grandes; eu tenho muito o que fazer - todo o meu tempo é empregado apenas em cuidados com o corpo externo. Eu gostava de estudar todas essas questões: gostava de descobrir as leis que regem os planetas, conhecer todos os elementos subtis da natureza,

estudar profundamente os problemas da história; gostaria de investigar as diversas operações da mente humana; gostaria de conhecer as causas de muitas coisas que vejo todos os dias; mas não tenho tempo."

Os germes de todo conhecimento acham-se plantados no espírito humano. Esse anseio é uma profecia do que vocês podem alcançar; a eternidade é o tempo que vocês têm para o atingir por graus, por estágios - ou melhor, por meio de muito trabalho. O trabalho do corpo pode cessar quando vocês deixam de lado as vossas formas materiais - a busca do ouro, a busca da fama material, a construção da habitação exterior, mas qualquer conhecimento que o espírito humano alcance deve ser por um esforço sério, e um esforço real, pela busca sincera do espírito. Não é um caminho fácil, não é um caminho de rosas em que vocês entram, simplesmente porque vocês deixam de lado o corpo externo. O monte da eternidade implica um caminho difícil. É melhor que assim seja, pois os homens cansam-se com a facilidade - ficam saciados com a indolência. Vocês depositam o maior valor àquilo por que a mente luta - aquilo que vocês procuram em meio a dificuldades, superando um após o outro os obstáculos que surgem no vosso caminho. Isso torna-se o glorioso tesouro e a deliciosa realização da mente humana.

O espírito desencarnado não é diferente da que se acha encarnada. Libertem-se dos grilhões dos sentidos e fechem os olhos aos vossos sentidos exteriores, e num momento vocês poderão enumerar uma dúzia de temas do conhecimento que gostariam de resolver; vocês podem referir-se a muitos temas e questões de meditação que, se pudessem dar-lhes seguimento, tornar-se-iam fonte de felicidade e deleite. Quantas questões e problemas da existência humana vocês não haveriam de resolver! Quanta filantropia e esquemas divinos da felicidade humana não conceberiam se libertos dos vossos próprios cuidados materiais!

Cada um de vós pensa que você poderia planear um governo, determinar as formas de uma nova sociedade, criar a expressão de uma religião superior, elevar os pobres e beneficiar a humanidade por diversas maneiras. Depois, há os temas sublimes do discurso moral, em que a mente não se vê perpetuamente impedida pelos cuidados externos. Tudo isso poderia ser buscado se vocês fossem livres, dirão vocês, das pesadas preocupações da vida material. A morte liberta-os. Sócrates a conversar com o seu guardião espiritual; Platão no seu bosque, a comungar com mentes desencarnadas; todos os grandes sábios do pensamento diligente acreditaram que a morte liberta o espírito para perseguir esses temas grandiosos.

Não de uma só vez; vocês não saem para o mundo espiritual com a força plena dessas grandes mentes. Quão poucos são os que até contemplam qual venha a ser a sua condição no outro mundo! Eles acreditam que, por algum processo subtil da

religião, eles serão entregues aos cuidados dos anjos, e que, sem qualquer ideia do seu próprio progresso ou aperfeiçoamento, por alguma lei ou operação misteriosa, eles deslizarão para um estado de felicidade; ou, se chegarem a parar para pensar, estremecem não vão eles ser levados para um lugar que não seja tão afortunado. Porém, há sempre uma pequena réstia de crença, uma certa esperança ideal, um certo desejo ávido que os leva a pensar que talvez possam ser salvos. Vocês desenvolvem o reino dos céus com medo e tremor.

Devem ter dentro de vós desejar a expressão e o cultivo dos poderes divinos que se encontram gravados no vosso ser. A morte não os liberta de imediato - não os transporta imediatamente para todo o conhecimento. Vocês precisam começar o que aqui negligenciaram - estudar o que vocês deixaram de cultivar na terra; e aqueles que passam do vosso meio constantemente, aqueles até mesmo que eram melhores, que estiveram envoltos em caridade, que foram treinados na benignidade, cujas vidas eram feitas de boas ações, esses, ao entrarem na existência espiritual, sentem o quão distanciados se encontram dos anjos; e veem-se com um pouco de comiseração, com consciência de que, com todo o esforço terreno que empreenderam, ainda não alcançaram aquele estado mais elevado. Vocês entram num estado de progressão, do mesmo quando deixam outro aqui. Vocês ingressam num plano de instrução, onde os instrutores, aqueles que se encontram avançados, aqueles que estão na vida espiritual há mais tempo, lhes transmitem o conhecimento que alcançaram.

Cada alma, é verdade, tem os seus assistentes, anjos da guarda, espíritos assistentes, que cuidam disso até mesmo na vida terrena. Ao entrarem na vida espiritual, vocês são imediatamente levados àquele grau de existência que melhor se adapta à vossa cultura, e gradualmente - mas nunca sem desejo ou vontade da vossa parte - vocês alcançam o conhecimento.

A existência espiritual não é um estado destinado a forçar o conhecimento. Vocês não podem receber sabedoria a menos que vocês a busquem. Vocês não podem provar o conhecimento a menos que o desejem. Vocês não podem ser transportados imediatamente para a sabedoria e bondade celeste, a menos que os vossos espíritos se esforcem por isso. Ou melhor; vocês precisam estar cientes das vossas deficiências e procurar sinceramente pelo conhecimento que pretendem possuir.

Não é, conforme afirmamos, um mar de rosas; não é um lugar onde vocês sejam imediatamente coroados com a glória prazenteira, e onde toda a vossa vida é uma calma suprema e perpétua. Vocês não seriam felizes se assim fosse. É somente quando se esforçam pelo conhecimento superior, quando transmitem algum conhecimento àqueles que estão abaixo de vós, que as vossas mentes estão realmente em repouso; e os diversos estágios da existência espiritual e os diversos métodos de obtenção de conhecimento formam a felicidade e o deleite das almas desencarnadas. Os vossos amigos - os entes queridos que sepultaram no descanso -

pensam vocês com carinho, com a esperança que a religião lhes deu, e a fé que a crença lhes deu, que eles estejam num lugar de descanso. Bom, para a mente o repouso significa um tipo muito diferente de coisa do repouso que o corpo requer. Se vocês quiserem dizer sono, indolência, inatividade, então eles não estão em repouso. Se vocês querem dizer atividade, aspiração, mudança de ocupação, busca de temas encantadores de conhecimento, então eles estão em repouso.

Mas vocês colocam-nos de tal modo à distância. Vocês pensa neles como estando a dormir ou num paraíso sem oportunidades de progresso ou de aperfeiçoamento; mas apenas de felicidade perene e perpétua. Ora bem, a alegria que resulta do que é bem feito, e a alegria que vem do esforço de cada dia por obterem um aspeto mais elevado de conhecimento, representa o próprio epítome de céu para o espírito humano; vocês devem pensar neles, não como estando a dormir, não como num estado de calma transcendental, onde, à semelhança do verão nos mares tropicais, a própria felicidade que encontrassem se tornaria opressiva, mas onde o pensamento, o sentimento, a aspiração e o esforço constantemente lhes elevam o espírito para lutas mais nobres e propósitos mais sublimes.

E quando eles chegam perto de vós, não é para passar uma hora na ociosidade, nem para os acalmar no sono sedutor de uma felicidade passageira, mas para sondar o vosso espírito, para sondar a vossa mente, para os prevenir de que o erro fatal da existência humana está naquele desejo por uma vida de ociosidade, os interrogar na vossa consciência mais recôndita se estão a tirar vantagem de todas as oportunidades de que desfrutam para obter conhecimento, para descobrir - com o olhar de afeto, e com tons de afeto, mas com aquela busca de uma maior voz perscrutadora - trazendo à tona as formas da vossa vida diária e ver que melhorem os dons que já lhes foram concedidos.

Não pode haver escrutínio mais rigoroso do que esta consciência de comunhão com amigos que partiram; por vocês sentirem imediatamente que, se a vossa mãe, os vossos amigos, a vossa querida família espiritual estão perto de vós, eles devem conhecer as deficiências das suas vidas; vocês sabem imediatamente que aqueles que estão em simpatia convosco em espírito devam ver que vocês falham nas vossas lutas pela compaixão, integridade e pureza. Envolve uma fé muito rigorosa que descobre os segredos e impulsos subtis da alma humana; e nenhum ser verdadeiramente egoísta deseja a comunhão com os amigos que partiram.

Isso interfere com os prazeres materiais; interfere com as atividades da vida quotidiana destinadas apenas ao auto-engrandecimento; interfere com aqueles sofismas subtis com os quais vocês pacificam a consciência e a levam a responder pela política humana e pela honestidade humana; interfere com as falsas palavras que ocultam o motivo oculto, a inveja e o ódio. Interfere com as ocupações que os homens denominam de honestas, por meio das quais vocês enganam a vossa consciência e subornam a vossa alma na aceitação da prática diária como bondade genuína. Mais, mais; ativa os recursos do pensamento que, de alguma forma, os

afasta do trabalho, da ocupação diária e do momento; e se vocês não puderem suportar esse despertar, se vocês não quiserem estimular os vossos pensamentos nessa direção, então vocês não devem buscar essa comunhão, embora ela venha.

Tal como o amor de uma mãe aqui procura na mente do filho o impulso oculto que se acha escondido por entre todos os demais; tal como o jovem não se arrisca muito à presença da mãe quando se tiver afastado dos ensinamentos dela: assim também vocês, que não querem nem podem ambicionar o exame necessário que essa comunhão traz, se retraem e têm receio. Não admira! Mas não tenham receio. Esse perscrutar sempre envolve amor; com a consciência das imperfeições dos vossos espíritos há sempre bondade e tolerância. Eles conhecem-lhes as fraquezas; eles também lhes conhecem as tentações.

E se o amor de uma mãe humana é capaz de seguir o filho por todos os caminhos do pecado, até mesmo à forca, com amor e afeição piedosa, a mãe-anjo não poderá igualmente perdoar, e através dos olhos da compaixão, contemplar apenas o espírito que se encontra enclausurado nas suas formas externas? Não tenham receio porque, com o sondar e o escrutínio e a consciência da imperfeição, vem também uma força subtil para a superar; e vocês ficam mais fortes com essa comunhão e esse conhecimento das vossas próprias almas. Ou seja; trazendo à luz do dia esses pensamentos subtis, tornando a vossa mente consciente deles, quanto mais cedo os corrigirem, mais rapidamente se verão despojado deles. É a enfermidade oculta que tira a vida; é o cancro ou verme secreto que rói o rebento tenro e a árvore florescente. Deixem que se torne conhecida, e haja remédio, bálsamo e cura para todo espírito.

Oh, se vocês pudessem fechar os olhos por um instante, e olhar para esta outra vida que complementa a vossa, essas hostes de seres vigilantes, esses rostos que pairam perto de vós, essas vozes que se encontram tão perto dos vossos corações, vocês informar-se-iam de que a existência espiritual é composta das massas de espíritos que se esforçam, lutam, anseiam e rezam, que saíram da vida terrena, rebentaram com os grilhões do sentido material, mas que ainda não alcançaram o conhecimento derradeiro, cada qual a lutar, cada qual a ajudar aqueles que se encontram abaixo. E o caminho mais seguro para o progresso espiritual na terra ou na vida espiritual está em se ajudarem uns aos outros.

Vocês descobri-lo-ão, se, torturados pela vossa própria infelicidade, se, acreditando ser o mais miserável dos mortais, vocês se voltarem para o pobre mendigo na rua, ou para o viajante mais infeliz do que vós. Como uma palavra de simpatia que lhe dirigem lhes traz bálsamo aos vossos próprios corações! E como vocês conseguem afastar-se dos vossos problemas pela ajuda que dão aos outros! O conhecimento é obtido assim.

Assim que vocês começarem a ensinar outras mentes, os vossos próprios poderes são estimulados; vocês sentem a necessidade de uma maior atividade, e não há escola melhor do que a do professor - não há melhor expediente de felicidade do que o de ajudar a felicidade dos outros. O mundo espiritual sabe disso, e eles vêm até vós nas asas do pensamento, carregadas de uma sabedoria recém-descoberta,

eles vêm a vós; eles espalham essas bênçãos no vosso caminho; eles iluminam-lhes a mente, eles estimulam-lhes o sentido; eles tornam-lhes os pensamentos mais ativos e mais fácil a obtenção de conhecimento.

Foi dito por alguns que se opõem a esta forma de comunhão: "Ah, o mundo espiritual haveria de nos furtar à nossa individualidade! Se formos meros porta-vozes de outros espíritos, como obteremos conhecimento?" Ah, mas isso não é verdade. Todo pensamento que é transmitido aos outros presenteia um pensamento em retorno; e se os espíritos contarem aquilo que tiverem aprendido, isso apenas lhes estimulará a mente e as faculdades para empreendimentos mais elevados e ocupações mais nobres. Na vida espiritual, os métodos de progresso são assim: bandos de anjos, espíritos avançados, mentes avançadas, aqueles que alcançaram conhecimento acerca de um assunto especial qualquer, são mestres e transmitem esse conhecimento a outros.

Os sábios e os bons da antiguidade estão reunidos em moradas celestes - em moradas dedicadas à busca do conhecimento. De modo Atraídos pelo semelhante, eles obtêm pensamentos elevados com respeito aos temas da sua meditação; e, lá como cá, em conselho solene e debate trocam pensamentos e pontos de vista e conhecimento. E depois ensinam. Mas haveriam de confundir muitas das congregações da vida espiritual com encantadoras moradas de seres humanos, por elas se assemelharem tanto aos vossos próprios locais de reunião. Aí, a sabedoria, o conhecimento e todos os pensamentos relacionados com o avanço do espírito vivo são ensinados por aqueles que têm conhecimento. Aqueles que participam, por sua vez tornam-se instrutores; e as vastas planícies do espaço estão povoadas com povos, professores, estudiosos em busca dos mais altos temas que podem ocupar a alma do homem.

Com isso vem, essencialmente, a felicidade. Como poderá ser que a mente uma vez assim plenamente dedicada, assim ocupada; não se sinta feliz? Não que esse seja um estado final; porque, com toda a obtenção de conhecimento, deve abrir-se, necessariamente, algum outro caminho de conhecimento; da mesma forma que quanto mais alto vocês chegarem na montanha, maior será o alcance da visão que se abre ante os vossos olhos.

Não existe fim na existência espiritual. Mas vocês podem contemplar aqueles vastos esquemas de progresso, aqueles vastos sistemas de aprendizado, onde nenhuma linguagem é usada, nenhuma voz audível, nenhuma expressão ou som, mas apenas o poder vivo do espírito - apenas a vontade, o pensamento, a ideia que se integra com outras mentes e, assim as estimula ao empreendimento e poder fervoroso. Grupos de espíritos em busca de um determinado tema da filosofia ou da vida moral, reúnem e comparam as suas diversas experiências e, imediatamente, os anjos superiores - aqueles mais avançados nessa questão especial - conversam com eles e inspecionam-lhes a mente; tal como vocês na

Terra, ao perseguirem qualquer tema de investigação, muitas vezes percebem um pensamento subtil ou uma ideia nova, simplesmente por andarem em busca desse assunto. Isso é inspiração; isso é uma lição da vida espiritual: inconscientemente vocês estão em comunhão com algum instrutor invisível, que lhes inspeciona no pensamento os resultados da experiência espiritual.

Os temas da consideração da existência espiritual não são tão amplamente diferentes dos vossos. Vocês sabem que todas as filosofias morais, todos os temas elevados da ética, toda a poesia, toda a ciência, toda a arte, nos seus princípios essenciais, dizem respeito à alma humana. Vocês sabem que Mozart nunca deu à luz músicas que o seu espírito entoava. Vocês sabem que os maiores esforços do gênio de Rafael não eram o ideal perfeito e completo do seu espírito. Vocês sabem que os inspirados, os profetas, os videntes falaram em línguas que ainda eram um pouco monótonas em comparação com a voz do espírito vivo que traziam dentro das suas almas. Que será a escrita da inspiração em comparação com a própria ideia que essa inspiração sustenta!

Que poderá ser a vossa linguagem em comparação com os vossos próprios sentimentos e desejos quando vocês falam de um tema sublime! Assim também na vida espiritual, onde não existe linguagem arbitrária - onde não há língua, mas simplesmente a voz do Espírito - quão transcendente não deve ser o senso de harmonia, quão perfeita não será a ideia de arte, quão divina não será a compreensão da religião, quão subtil a resolução dos problemas das ciências que não dependem das meras técnicas humanas e da observação dos sentidos! Oh, pudessem vocês entrar nesses laboratórios de ciência espiritual - pudessem vocês ver essas divinas sociedades de artistas celestes; pudessem vocês testemunhar essas elevadas companhias de filosofia e religião, nas quais sábios da antiguidade e todas as almas dotadas e privilegiadas se reúnem para acolher o conhecimento - vocês certamente sentir-se-iam estimulados a esforços mais elevados; vocês certamente se recordariam de que esses dons também se podem tornar vossos!

E depois, quando toda ocupação, quando todo propósito enobrecedor é igualmente acompanhado por um propósito maior e uma vida elevada e altruísta; quando aquela ideia e sentimento que pertence aos espíritos afins na terra é despertado na vida da alma, e as companhias da existência espiritual, compostas daqueles que lhes são próximos e queridos - dos objetos específicos da vossa atenção e consideração - vocês podem imaginar algum do prazer que acomete aqueles que, nos estados de comunhão divina, descobrem novas verdades a cada instante e dia, e que imaginam novas realizações para as suas mais elevadas aspirações.

Mas lembre-se que não se limita aos poucos pensamentos e aspirações que vocês têm aqui. Esses são apenas os começos. Os sonhos mais elevados da mente humana equivalem apenas às primeiras letras do alfabeto na vida espiritual. Aqueles temas sobre os quais os destinos da humanidade parecem estar suspensos - o sublime tema da liberdade, os objetivos subtis da ciência humana - empalidecem ao lado

dos objetivos mais elevados e enobrecedores da vida espiritual; que, de facto, se encontram além da vossa visão. Quando um propósito é alcançado, quando um conhecimento é completado, abrem-se de uma vez mil temas diferentes, cada qual transcendendo o que acaba de ser resolvido; quando um problema da mente humana tiver sido plenamente alcançado, então, a espalhar-se como os raios divisores do sol central, abre-se todo um vasto domínio de pensamento despovoado, onde o espírito nunca se cansa e a alma nunca é saciada.

É o vosso tema favorito a filantropia humana? Imediatamente ante a vossa visão vem a beneficência divina do amor de Deus, e vocês contemplam, não através do sentido estrito do cérebro humano, mas com a visão divina, como essa beneficência e amor divinos abrangem, cercam, visita todos, e como os caminhos que vocês acham tortuosos e estranhos conduzem todos às montanhas celestes do amor de Deus. Será a religião o vosso tema favorito? Diretamente dos estreitos limites do credo especial ou da fé particular, vocês são iniciados nos mistérios dessa religião divina por meio da qual o Espírito de Deus opera através de todas as línguas, de todas as nações, entre todos os povos; ou melhor, pela qual

Ele chega a mundos distantes povoados como o vosso, cada qual contendo almas a salvar, cada qual dotado de aspirações. E quando vocês consideram não apenas os milhões de almas que passaram da vida terrena, mas igualmente os milhões e milhões que passaram de outros planetas, quão vasta não deverá ser a extensão da visão, quão divino não será o funcionamento do sistema de pensamento, que é capaz de tornar todo o palpitar, até mesmo dos seres mais humildes, especialmente caro à Mente infinita!

Serão esses os temas das vossas aspirações? Então, que maravilha se, através das vistas da eternidade, se abrirem de par em par tema após tema do elevado pensamento, da aspiração divina, do trabalho glorioso, da conquista eterna! Não é o homem que deva aí conquistar a matéria e construir templos de ouro e prata, e os ídolos da veneração material. Não é que o herói mate milhões de seres humanos, e assim ganhe o que é chamado de fama terrena. As vis desculpas da ambição humana, as limitadas necessidades da vida humana, os objetos imponentes do vosso ser, empalidecem e desaparecem diante dos temas mais elevados da meditação espiritual e do avanço eterno.

Uma a uma, as vistas desse tópico divino se abrem ao vosso olhar; um a um os anfitriões que se acham organizados numa ordem gloriosa surgem diante da vossa visão; uma a uma, as ideias do progresso eterno são conquistadas, e novas ideias, novas elevações do conhecimento se lhes apresentam para vocês escalarem; uma a uma, as estrelas no espaço, os planetas nas suas órbitas e os sistemas e constelações passam além de vós; e vocês seguem em frente ao longo das eras da vida eterna, sem pausa, sem descanso, sem se cansarem, mas com novas companhias de conhecimento e sabedoria abrem caminho pelo espaço e visitam as moradas dos seres mais celestiais - anjos, arcanjos querubins, serafins! E eis que

eles surgem diante de vós com os seus poderes maravilhosos e o seu conhecimento ímpar! Entoam os cânticos da criação! Povoam o espaço com os seus pensamentos! Dão-lhes um vislumbre da vida que levam! E assim por diante vocês prosseguem, até mesmo com as incontáveis miríades de hostes, a marchar pela ladeira da eternidade acima, de mãos dadas, de corações unidos ainda pelo amor de Deus e pelo amor que têm uns pelos outros!

A NATUREZA E OCUPAÇÕES DA EXISTÊNCIA ESPIRITUAL

Uma alocução inspirada da autoria da Sra. Cora L. V. Tappan, no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de Domingo de 23 de Novembro de 1873.

DISCURSO

É claro que não será de presumir que, durante um período de vinte e cinco anos, as pessoas possam ter estado em comunicação com os habitantes do mundo espiritual sem ter feito perguntas e recebido respostas relativas ao modo de vida no futuro estado de existência; e quer isso concorde ou não com as noções preconcebidas sobre o assunto, não tem nada a ver com a natureza das revelações, porque, enquanto os antigos habitantes da terra acreditavam em certas coisas com respeito a terras que estavam além do alcance do seu conhecimento, quando os exploradores realmente visitavam essas terras e retornavam com factos sobre eles, então deixava de haver necessidade das especulações anteriores, e as noções que haviam sido entretidas não mais podiam prevalecer.

O mesmo sucede com os habitantes do mundo espiritual: você familiarizaram-se com a verdadeira natureza da sua existência, que difere daquilo que vocês anteriormente supunham.

Contudo, isso não pode afetar os factos do caso, já que um facto é mais valioso do que todas as teorias e especulações do mundo, e uma vez que os habitantes do outro mundo devem conhecer melhor do que qualquer imaginação humana especulativa a natureza da sua existência e morada. Portanto, a primeira pergunta que o investigador coloca ao espírito desencarnado é praticamente: "Você é feliz? " É claro que a soma total da vida humana se traduz por uma luta pela felicidade. Conhecimento e sabedoria, e as coisas que se adequam aos nossos destinos mais elevados, não são nada comparados com a felicidade; nós lutamos pela felicidade e muitas vezes afundamos numa busca cega da felicidade.

Os homens esforçam-se por ela como os cavaleiros da antiguidade. Eles estão preparados para encontrar a temível cabeça da Górgona - preparados para atravessar a própria fronteira do Hades, contanto que possam encontrar a felicidade; estão preparados para esmagar os elementos mais elevados de sua natureza - estão preparados para pisar a verdade e a bondade aos pés a fim de assegurar a felicidade. Assim, a questão humana colocada ao espírito

desencarnado é: "Você é feliz? " Para muitos desses espíritos, é a primeira vez que eles pensam nisso desde que desencarnaram; por a natureza da existência espiritual ser tal que não é uma questão absoluta, omnipotente e omnipresente, que tudo permeia, e está sempre presente à mente individual para que ela deva ser individualmente feliz.

O supremo egoísmo do homem animal individual está em que ele ou ela pode, por meio de algum ou outro processo, evitar qualquer infelicidade, e consequentemente o caminho mais curto para a felicidade é, conforme referido, uma questão de importação solene na terra. O espírito desencarnado, pois, ao responder à pergunta, mostra-se por vezes definitivo e outras vezes não; por a felicidade ser um termo relativo na existência espiritual.

Um estado de felicidade sumamente perfeito seria um estado beatífico tão absoluto, e transcenderia em muito a conceção que o homem tem, que é muito duvidoso se ele pudesse compreendê-lo, ou que algum espírito assim constituído pudesse dialogar com os mortais; porque o simples facto de conversar com os mortais militaria contra um estado supremo de felicidade; e se o espírito simpatizasse com o sofrimento terreno, como que movido pela lembrança de qualquer erro individual anterior o obrigasse a fazer, é claro que deveria conter um grau relativo de infelicidade.

Consequentemente, os espíritos algumas vezes respondem que "sim" e outras vezes que "não. " Às vezes eles classificam-no explicando a natureza da sua existência. Jesus descreveu a seus discípulos que existiam muitas mansões na casa do Pai; e isso é eminentemente verdadeiro, de acordo com as revelações que os espíritos fazem concernentes ao seu estado. Mas nem todos conseguem compreender isso. Por mais que os vossos amigos favoritos - por mais que a vossa mãe ou pai, na vossa opinião, mereçam uma condição absoluta de felicidade, vocês não podem ignorar o facto de que a felicidade na vida espiritual depende total e inteiramente da condição do espírito e que na proporção do conhecimento e da cultura do espírito, não conforme são medidos pelos padrões humanos de todo, mas conforme são medidos pela consciência espiritual, assim resulta a felicidade ou a infelicidade.

Mas raramente ocorre ao espírito em causa e ocupado questionar-se se é ou não feliz. A mente encontra-se tão ocupada, tão preocupada com as novas questões da existência que a pressionam, de tal modo absorvida tão completamente em dar à luz a partir da sua vida aquilo que ela recebe para questionar se é ou não feliz. Mas se a questão aflorar à consciência, podemos sempre responder com segurança, "Relativamente feliz, " porque quem quer cumpra o seu dever na vida espiritual de acordo com o melhor de que é capaz, desfruta de um estado de felicidade que raramente chega à parte dos mortais. E quem quer que na vida terrena tenha executado a tarefa que lhe é atribuída de acordo com o melhor da sua habilidade, é o mais feliz dos mortais.

Ora bem, a existência espiritual na sua natureza própria é o que vocês estão acostumados a denominar subjetiva. Todas as coisas objetivas da vida espiritual são mentais; todas as coisas objetivas da vossa vida são físicas e tangíveis: daí que as coisas que para vós são meramente subjetivas, da imaginação e dos sonhos, da especulação e da espiritualidade, no espírito são materiais; consequentemente todas as formas de pensamento que vocês estão acostumados a considerar como secundárias na existência espiritual são primárias.

Por exemplo, o vosso abrigo, a vestimenta dos vossos corpos e o alimento que vocês comem compõem a soma total das vossas principais atividades na vida. Vocês dedicam um dia dos sete da semana ao chamado culto, por vezes algumas horas dos outros dias a atividades intelectuais, e há uma vasta classe de pessoas que dedica muitas horas por dia a ela; mas a maior parte do vosso tempo é ocupada com a comida, a roupa e o abrigo do corpo físico.

Quando o corpo é deixado para trás, a ansiedade é então transferida para o espírito. Em que condições se encontrariam vocês hoje se não fossem obrigados a abrigar os vossos corpos, a vesti-los ou a alimentá-los? Um vasto número de pessoas seria deixado sem emprego - ficaria agitada e a tremer por se sentir fora do seu elemento real.

Quando essa necessidade é suspensa por um dia, vocês encontram pessoas pelos cantos das ruas sem nada que fazer, e na verdade infelizes por não terem nada o que fazer. Quando o espírito desincorpora, se não estiver acostumado ao esforço individual, mental e espiritual, fica mais ou menos nessa condição, até que possa acostumar-se à sua nova vida; e existem vastas miríades de espíritos a vibrar, ou melhor, a pairar perto da atmosfera terrestre, sem saber o que fazer, uma vez que não têm mais dinheiro a realizar, nem mais corpos a alimentar e a vestir.

Esta poderá parecer-lhes uma afirmação estranha, no entanto é verdadeira; e se vocês considerarem por um instante a qualidade e a natureza da mente nessa circunstância, que sai tão repentinamente da vida terrena, vocês deverão ver que deverá ser assim, que o espírito de momento não está preparado para absorver os fios da sua nova vida e tecer o padrão dessa existência recém-descoberta. Mas, assim forem como as suas exigências, assim também há sempre uma provisão de professores, instrutores e guias espirituais, que, tendo estado há muito na vida espiritual, assumem a responsabilidade, ou são designados para guiar essas almas recém-emancipadas pelos caminhos do conhecimento da espiritualidade.

Ainda assim leva-lhes algum tempo a progredir dessa maneira, e há espíritos para os quais durante longos períodos de tempo a nova existência não apresenta nada em termos de emprego ou de atividade. Estes mantêm as suas recordações terrenas, e os seus antigos hábitos, são assombrados pela lembrança de alguma ação anterior, e desejam ainda impressionar aqueles que ficaram para trás, e não conseguem afastar-se do ambiente da Terra. Mas há sempre um caminho provido,

caso o espírito individual deseje alçar-se. Quando essa vontade se encontra em falta, quando a vontade não está presente, então eles precisam esperar até que a hora chegue em que se faça presente.

Também lhes soa incompreensível a vós que eles não devam explicar-lhes de imediato e de uma só vez os vários problemas teológicos relacionados com a vida futura. “Já viu a Deus? E existe um inferno e um céu material? Viu aquele outro - o oposto da Divindade? E conhece a ocupação e a natureza dos anjos?” Todas essas questões vocês colocam com a máxima confiança de que elas sejam respondidas satisfatoriamente, esquecendo que vocês poderiam propor as mesmas questões a qualquer número de pessoas na terra e não obter nenhuma resposta satisfatória ou decisiva em absoluto.

O facto de as pessoas estarem mortas não as transforma em divindades, o facto de que elas terem sido jogadas fora das suas vestes externas não lhes dá de imediato todo o conhecimento: elas não se tornam de imediato possuidoras dos segredos da Mente Divina, não são imediatamente admitidas em todos os labirintos do templo do Infinito; não conhecem todos os cantos da terra espiritual, nem todos os factos da sua geografia. Eles não investigaram todos os mares e espaços, e não estão preparados para se pronunciarem quanto à personalidade de sua satânica Majestade. Isso soa tão surpreendente numa primeira instância quanto a outra proposição; "porque, " dizem vocês, "se eles estão mortos, então eles devem conhecer todas as coisas. " Mas eles não conhecem; e é facto que muitos ainda não descobriram que se encontram ‘mortos’.

Tão diferente é a vida na qual eles ingressaram de tudo que imaginaram, tão real é a terra espiritual, tão absoluto é o seu entorno, que de momento eles imaginam estar ainda a habitar a terra; e às vezes passam-se longas eras antes que eles despertem para a consciência de que não podem realmente agir e andar, viver e respirar (na terra) como os mortais fazem. Mas, conforme dissemos, o conhecimento teológico que têm não lhes vem imediatamente da transição; e aqueles que são suficientemente ativos em mente e possuem um pensamento penetrante entendem a natureza da mudança pela qual passaram, ainda se vêm restringidos no conhecimento da vida espiritual que têm, e precisam, por graus lentos - pela ascensão real do espírito e visitas às diferentes partes dos céus espirituais - compreender a natureza da sua existência.

Durante os últimos vinte e cinco anos, conforme dissemos, foi dada uma grande variedade de respostas a questões relativas à morte e ao estado futuro. Alguns espíritos dizem tratar-se de um mundo real, tangível e absoluto, tão material quanto o vosso, e que os corpos que eles habitam parecem igualmente tão materiais quanto os vossos. Alguns dizem-lhes existirem casas e oficinas, cavalos e cães, montanhas, rios, vales e toda uma variedade de paisagens. Outros, ao contrário, dizem que não se trata de um mundo material no sentido do vosso mundo, mas que a matéria de que o mundo espiritual é composto é mais refinada e

etérea; que é subjetivo e não objetivo; que o espírito tem tudo o que deseja, e forma a partir da atmosfera espiritual objetos e substâncias tais quantas requeira na sua nova existência; que vivem com base no pensamento - habitam uma atmosfera onde o pensamento é supremo. Que é verdade que não são montanhas e vales como vocês os consideram, mas que todas as coisas são bastante objetivas para com o funcionamento da mente individual. "Agora, " dirá o investigador, "como hei de decidir entre ambas essas duas proposições? " Ambas são verdade.

Supondo que algum habitante de outra estrela viesse à vossa terra, e pousasse nesta pequena ilha. Ele retornaria e descreveria a terra de acordo com o aspeto do vosso país, descreveria as vossas suas habitações, os vossos hábitos - tudo relacionado convosco. Um outro habitante da mesma estrela pousaria no oceano, e talvez testemunhasse um grande navio no mar, e iria contar aos habitantes do seu planeta que a terra estava inteiramente coberta de água, que os habitantes residiam em navios com velas brancas como asas, e que eles muitas vezes se perdiam e não se ouvira mais falar deles.

Outro aterraria na parte oriental do continente em meio às selvas e descreveria os habitantes da Terra como bosquímanos destituídos de inteligência, destituídos de consciência da imortalidade, e diria que rastejam ao redor de árvore em árvore como bestas ou macacos. Tudo isso estaria correto. O mundo espiritual é composto de toda a variedade concebível de existência, transcendendo em muito a vossa imaginação, uma vez que o espírito encontra a sua condição plena e absolutamente atendida.

Existe um estado e existe um lugar na terra espiritual, habitado por uma classe de seres, que parece tão real, tangível e tão material quanto os vossos; onde, ao entrar em contacto com a atmosfera da terra e as suas emanações, conforme vistas por Swedenborg - a sua terra das correspondências - eles com efeito têm representações de todas as formas e variedades de vida que existem entre vós. Depois, há outra classe ainda mais material de espíritos que vê as formas da vida terrena em certas formas de pensamento e ambiente.

Esses seres percorrem a terra, residem nas vossas habitações, visitam os seus companheiros e são quase tão materiais quanto vós, exceto quanto à incorporação efetiva da vitalidade; Para esses, é claro, o mundo espiritual é realmente a superfície da Terra. Eles a veem através de uma atmosfera meio opaca. Eles próprios não se encontram encarnados, mas encontram-se na condição de espíritos desencarnados, e ainda assim não conseguem ascender aos reinos mais elevados da morada espiritual.

Depois há um outro grau, onde a substância material é de tal modo refinada e tão subtil que vocês não conseguiriam vê-la com os olhos físicos, e ainda assim seria tangível para o espírito. Essa porção da terra espiritual é uma aura da atmosfera da Terra, e existe além do limite da influência da atmosfera da Terra. Esses espíritos habitam um reino que possui toda uma diversidade de cenários - montanhas, vales,

riachos e nascentes; todos os tipos de vegetação e de verduras são aí representadas - o protótipo das coisas da terra.

Para eles, esse é um estado satisfatório, por não se acharem muito distanciados da terra, nem tão perto dela quanto para se intrometerem e envergarem o traje dos espíritos mais materiais. Além destes ainda existem aqueles que habitam os espaços interestelares, onde os espíritos que progrediram e avançaram de todos os mundos se unem num estado puro de existência espiritual. No seu domínio não tem lugar nenhum pensamento concernente à materialidade. Eles habitam uma esfera da mente. Os seus corpos são o produto das suas mentes, e haveriam de lhes apresentar a aparência de chamas de luz branca sem tangibilidade, mas suficiente tangíveis para o propósito que têm.

A aura que os rodeia é a aura ou emanação do seu desenvolvimento espiritual; e a sua condição, no que diz respeito ao elemento material, é o de um princípio motor ou princípio em movimento, em vez da de um ser externo. Eles atuam sobre as mentes daqueles abaixo deles; investigam vastas matérias do conhecimento e transmitem-nas àqueles que são vossos espíritos guardiães, e por esse meio comunicam dos céus as verdades celestiais respeitantes aos seus habitantes. Agora, dois videntes ou médiuns sob o controle dessas duas ou três classes de espíritos transmitiriam evidentemente quadros inteiramente diferentes da existência espiritual, e ainda assim nenhum teria a intenção de falsificar, nem nenhum estaria incorreto.

As muitas moradas da Casa do Pai estão adaptadas aos vários graus de existência espiritual, assim como saem da vossa terra, e cada um de vocês tem uma morada preparada que levam convosco para o outro mundo, e recomeçam a vossa habitação naquela esfera ou condição correspondente ao desenvolvimento que tiverem alcançado. Esse desenvolvimento pode ou não corresponder ao vosso intelecto externo, mas deve sempre corresponder ao vosso crescimento e à vossa condição espiritual. Alguns são infantes no mundo espiritual. Outros são gigantes intelectuais. Esses gigantes e monstros intelectuais têm uma morada própria, só que é fria e gelada. As suas montanhas lembram-lhes os glaciares; os seus templos são frios como mármore; e quanto à vida e ao afeto e à cordialidade, eles não têm lugar lá. Eles existem em sofismas intelectuais.

Eles construíram um estado futuro cheio de esplendores intelectuais, e para esse reino transportaram a sua existência desprovida de Deus e de alma. E isso tem existência no reino imortal dos espíritos! Se conseguissem imaginar uma vasta planície diversificada, com belas paisagens e montanhas que se erguem até aos céus, tudo na cor do gelo cintilante; se pudessem imaginar colinas sobre as quais nenhuma folha de grama e nenhuma árvore parecem encontrar existência; monumentos esplêndidos, obeliscos e torres, tudo resplandecente como o templo do rei da geada por baixo do espírito vivo - vocês poderiam imaginar esta terra, fria, vazia e gelada; obteriam uma imagem do puro intelectualismo na vida espiritual. Para reinos como esse, vão os materialistas que não façam o menor conceito da de Divindade.

Para tal reino, são transportados aqueles que erguem tudo com base nos sofismas da razão. Para tal reino são transportados todos aqueles que encontram nas leis infinitésimo da natureza qualquer espírito divino e orientador. Eles constroem os finos tecidos do seu tecido intelectual e, no entanto, diante do olho do espírito, estão mortos e desprovidos de vida. Fundam gigantescos monumentos às suas realizações intelectuais, e sentam-se neles como estátuas, tão desprovidos de vida quanto o mármore. Sem quaisquer flores! Sem infância! E nenhum tipo de fontes de bondade se esvaem desse reino de intelectualismo reluzente; mas tão só sofismas ricamente tecidos de outras épocas, apenas as teorias subtis da sua vida. O seu único pensamento centra-se no eu frio!

Isso é intelectualismo. Mas o materialismo de um tipo mais grosseiro também tem a sua morada na vida espiritual. Aqueles que ergueram somente os seus corpos sensuais; aqueles que viveram para o prazer material; aqueles que fizeram do corpo o seu ídolo - e da carne o seu templo de adoração; aqueles que encorajaram e mimaram os apetites das suas naturezas físicas: esses encontram uma morada pronta para eles na vida espiritual - uma morada de obscuridade e escuridão, e em que formas sombrias que se aprecem com serpentes e escorpiões saem detrás da vegetação para os saudar - os produtos dos seus próprios gostos e apetites. Aqueles que possam ter entristecido o seu Deus encontram aí a representação nos enxames de seres deformados que os acolhem e saúdam.

Aqueles que fizeram da sensualidade o seu ídolo, encontram, a troçar e a vaiar, os produtos da sua própria fantasia. Assim, com os pensamentos da sua existência terrena, e vestidos com os restos dessa vida terrena, eles entram nessas moradas e permanecem nus e perplexos, e tremem continuamente sob a sua cobertura de trapos, por eles não terem qualquer raio de vida espiritual. Duvidam disso? Quantos, enclausurados na vida terrena não têm outro pensamento que não a gratificação física!

A cada hora do dia é dedicada ao festejo, ao beber e ser feliz, para que as horas possam prosseguir enquanto o vasto templo do intelecto e a cúpula superior do espírito são inteira e absolutamente negligenciados. Nas muitas mansões da casa do Pai habitam aqueles seres que saem da vida terrena nessa condição. Não estão perdidos, exceto enquanto se encontram nesse estado. Eles não estão inteira, absoluta e irrevogavelmente perdidos; mas enquanto a luz é obscurecida, enquanto os sentidos ainda os retêm, enquanto eles carregam os efeitos da sua existência terrena, enquanto permanecem e vagueiam pela morada física, assim entram na existência espiritual.

Oh, vocês haveriam de se afastar dessas buscas de mero prazer corporal se pudessem ver a massa de espíritos que sai do vosso meio mergulhada e saturada na intoxicação cega dos sentidos. Vocês falam do Hades, falam de antigos lugares de tormento eterno, falam dos fogos do inferno! Decerto que não existe mais fogo insaciável do que o das paixões humanas quando autorizadas e desenfreadas pelo pensamento espiritual! Decerto que não pode existir inferno pior na existência espiritual do que aquele que agora mesmo abra as

suas portas em todos os cantos ao aliciamento dos jovens. Decerto a serpente da intoxicação deve ter sido a verdadeira serpente do Jardim do Éden que tentou o primeiro Adão!

Pensem nisso! Cada gratidão desregrada é uma serpente. Toda a cedência ou entrega ao apetite constitui em si um escorpião. E essas coisas viscosas enrolam-se em torno dos vossos espíritos; e, desse modo, envoltos em desejos loucos, a alma apressa-se para a eternidade. E não fora os anjos da paz e do amor estarem sempre prontos; não fora que tenham tido alguma mãe, irmã, irmão, pai, amigo, para os ajudar; não fora a humanidade não ser inteira e absolutamente degradada, e uma imagem da condição espiritual desses seres terrestres subdesenvolvidos responderia à descrição do antigo Hades.

Mas depois esses seres estão a sair para a vida espiritual todos os dias; algumas, vítimas da degradação humana, outros da ruína da loucura humana; e os espíritos acima, nas regiões superiores, olham com olhos lacrimejantes e corações a sangrar quase em desespero aquelas moradas escuras e sombrias, para que algumas dos botões mais aprimorados da humanidade são transportadas por um tempo. Ah, numa era de esclarecimento e de razão, é uma triste narrativa a que é feita sobre a justiça humana, a religião humana e a sociedade humana, que essas coisas existem no vosso seio e não sejam travadas.

Das outras fases da vida espiritual - aquelas que são mais agradáveis, aquelas que, porventura satisfaçam mais os sentimentos individuais, e aquelas que satisfazem a vaidade humana - há o suficiente a dizer. O lado sombrio não é inteiramente escuro; o radiante é de longe a maior parte. Mas a verdade deve ser dita; e se vocês forem assombrados por espíritos malignos, se vierem até vós aquelas almas não desenvolvidas, vocês não devem culpar a parcimónia da Divindade, nem a lei que lhes permite retornar. Culpem aquele estado e condição humana que os criou, ou tornou possível às almas germinarem na terra e entrarem na vida espiritual em tal condição.

Toda forma de vida humana que vemos tem o seu protótipo. Os espíritos mais avançados são aqueles que não se renderam por completo à gratificação material, mas mesmo aqueles que assim se renderam após um tempo emergem daí. A maioria dos espíritos que passam da vida terrena não entra num estado terrível nem passam imediatamente para as esferas espirituais interestelares ou superiores; eles têm uma condição intermediária, ou lugar adaptado ao seu desenvolvimento, onde eles ainda podem avançar e progredir; onde eles ainda podem retornar e dar-lhes o resultado da sua vida espiritual. Essa é uma morada feliz - e não infeliz.

Não há sofrimento, exceto a lembrança da insensatez; e não há punição exceto a consciência da imperfeição do espírito. Isso é punição suficiente para todas as almas quando tomam consciência das suas próprias deformações. Por uma visão espiritual inversa vocês veem o vosso mal e são punido em conformidade com

essas pequenas ofensas da vida - ofensas que frequentemente achamos possuídas pela mais exaltada das naturezas. Às vezes, uma falha regressa à consciência do espírito com tudo o que ele sentiu antes de a executar, e ele revive-a com o seu arrependimento e consciência. Porquanto o bem não é o resultado da falta de conhecimento, mas sim o resultado do conhecimento alcançado através do sofrimento, e através do triunfo sobre os males que lhes assediam o caminho. Nenhuma falha nas vossas vidas quando medida pelo espírito de justiça, senão a que na vossa vida espiritual regressa a vós e à vossa própria consciência, é o vosso próprio castigo. Há um juiz para os vossos pensamentos. Há um espírito que vê e conhece e julga em conformidade.

Os espíritos desses estágios avançados dão-lhes exatamente o conhecimento que estiver em conformidade com as vossas investigações; por isso, se eles não puderem falar-lhes sobre o Altíssimo, ou se eles não puderem ter-se ajoelhado aos pés do Mestre, Jesus, a quem eles serviram na terra, lembrem-se, não é por esses seres não viverem, mas por a sua condição particular de vida espiritual não os elevou à comunhão suprema.

O Pai não se nega a nenhum espírito, mas está presente na proporção da consciência e da cultura espiritual que tiver. Mas desse local divino chamado céu, o espírito poderá dizer-lhes apenas pouco mais além do seu céu, do seu reino, da mansão que habita na casa do Pai. Os espíritos, como um corpo, não professam resolver as questões da discussão teológica; eles não professam conhecer os mistérios da Mente Divina, nem por que a humanidade foi criada; eles só lhes dizem que vivem numa outra vida, um pouco afastada desta, um pouco mais adiantada; que eles não possuem, pois, os seus corpos físicos, mas que possuem corpos de acordo com as condições espirituais em que se encontrarem; que eles se acham envoltos pela atmosfera que habitam; que suas vestes são criadas e desenvolvem-se do mesmo que as folhas da flor se desdobram de dentro para fora; que o traje do espírito corresponde em cor e feitio ao seu avanço.

Aqueles espíritos que se acham num estado mais baixo de progresso acham-se enclausurados em vestes cinza sombreadas; espíritos mais avançados fundem-se em tons mais claros; finalmente, vocês verão que os espíritos avançados sempre representam a cor azul, ou luz que corresponde à distância celestial; enquanto os espíritos celestes se vestem de um branco deslumbrante - a pura luz da sua alma desenvolvida. Isto, naturalmente, não é quimera nenhuma; não é especulação nenhuma; eles dão-lhes, de forma absoluta e inequívoca, conta das suas experiências.

Há abundância de ocupações. Pode parecer estranho à mente finita enclausurada nos cuidados materiais acreditar que os espíritos possam ter ocupação onde não há nem sondar nem cavar, nem construir nem derrubar, nem comer nem beber, nem tecer nem costurar. Longe da vista, vocês não pensam que a flor labuta; mas nas horas silenciosas da noite, e abaixo do solo, o pequeno germe que lá se

encontra acelera as suas pétalas para ir ao encontro dos raios de luz; então, quando o dia lhe lança os seus raios, vocês verão as folhas surgirem uma a uma e, por fim, a flor; e se apenas pudessem ver as minúsculas formas de intercâmbio que se processam ao nível da vida química e tecem essas redes de beleza maravilhosa, isso deixá-los-ia surpreendidos e admirados. Os pequenos teares prosseguem lentos, mas de forma palpável, e antes que vocês percebam, brota uma flor - um lírio ou uma rosa vermelha.

O espírito do homem - o germe existente na sua vida espiritual - não pode mergulhar no solo, nem cortar árvores da floresta, nem construir templos gigantescos, mas há sempre o suficiente para lhe ocupar a mente
- o trabalho de pesquisar os mistérios da vida espiritual, descobrir a espiritualidade dos germes da existência, compreender a natureza dos reinos que ela habita; e gradualmente esta vasta evolução da mente atrai para o espírito todos os elementos do mundo que habita, e desdobra-se a partir de dentro, pelo mecanismo silencioso desse tecelão invisível, as vestes do espírito.

Quanto à forma do espírito, vocês estão a tecer essas formas agora. Diz-se que a morte está sempre ocupada num quarto silencioso de todas as casas, a tecer o sudário com a sua ágil lançadeira; mas o Mestre da vida está sempre ocupado dentro do tear dos vossos próprios espíritos, a tecer a forma, o traje - e a dar-lhe matiz e cor - que os há de adornar quando vocês entrarem no mundo dos espíritos. Vocês vestem-se de fino esplendor; vocês guarnecem os vossos com vestes caras; o leste e o oeste são saqueados em prol dos tesouros eleitos do tear; nenhuma seda é demasiado fina, nenhuma caxemira demasiado cara, nenhum ouro é demasiado deslumbrante, nenhum diamante demasiado esplêndido para o vosso adorno.

Enquanto isso, o espírito tece as suas vestes. Se vocês privarem de alimento a alma com o engrandecimento do corpo, então vocês irão para o mundo dos espíritos sem esse belo traje; pois vocês tecerão quaisquer vestes que os vossos pensamentos determinarem. Assim, amanhã, quando se afastarem da vida terrena por meio da morte, vocês encontrarão na vossa habitação espiritual o que vocês tiverem criado para vós próprios.

Se tiverem tecido trajes de compaixão e amor, e atos de pensamento e inteligência, vocês os usarão nesse amanhã. Se tiverem tecido discórdia e ódio, eles os adornarão ou lhes apresentarão a sua deformidade na vida espiritual. Os espíritos estão sempre ativos; eles buscam novas ideias, ambicionam novas verdades, constroem novas habitações de existência espiritual, talhadas não para o tempo, mas para a eternidade; não templos de ouro, nem de bronze, nem mármore, nem pedra, mas templos de pensamento vivo, onde os seus espíritos possam encontrar uma morada gloriosa. Eles não são fundados na terra; os seus esplendores não são esculpidos no mármore; não possuem cúpulas deslumbrantes nem estrelas cintilantes de ouro; mas todos os atos nobres, ou pensamentos de amor, todas as grandes aspirações ajudam a construir essa existência, esse edifício. A vossa mãe terrena, o vosso filho espiritual, use as vestes que as suas almas

teceram. Mas vejamos. Vocês viram a mãe deitada no caixão e lembraram-se das suas preocupações, os seus bondosos atos de caridade, atos de amor e a sua terna vigilância, e souberam que os anjos da luz a aguardavam para a conduzir. Mas pudessem vocês ter seguido, e vocês teriam visto que, quando o espírito deixou a morada terrena, a alma envolta nesses atos carinhosos, leve e azul, semelhante ao violeta, e de aspeto igualmente claro e manso, como o modesto violeta na sua cor e habitat. O rosto, não mais sulcada com as rugas dos cuidados, nem empalidecido pela doença, mas transfigurado, a envergar uma expressão de pensamento, amor, conhecimento e luz juvenil - não o ar jovem da juventude, mas dotado de conhecimento, realização, experiência e poder, ainda com o mesmo zelo de guardião, ainda com a mesma cintilação luminosa no olho.

Oh, a forma de espírito é adorável quando a alma que a herda se envolveu na caridade e no amor! E o que dizer da criança? Como o botão da promessa, como a doce flor colhida cedo demais, transplantada no céu, eis que cai de cima como o botão do lírio branco - como o doce germe da rosa a desabrochar as suas pétalas ao vosso lado - sem muito da terra que lhe pese e rebaixe o espírito, sem muito dos seus crimes e pecados, nem ainda da sua mácula hereditária que a obscureça. Acreditamos que não existem crianças nas moradas sombrias, mas que "delas é o reino dos céus."

O que vocês não dariam para que aquela vida, amor e conhecimento que os tornasse como os melhores deles são? O que vocês não sacrificariam da realização material para obter o poder, a graça e a beleza desses seres celestiais? No entanto, esse poder, essa grassa, essa beleza, essa luz, devem ser alcançados pela cultura dos vossos espíritos, por uma busca do melhor, busca de conhecimento, por uma construção para a eternidade e não para o tempo; e aqueles que pensam que não há nada a fazer na vida espiritual deveriam ter em mente que não só os habitantes da terra se encontram a cargo dos espíritos, que se esforçam por transmitir o conhecimento que adquiriram na vida espiritual, mas que todos os mortais ou almas de menor grau de cultura que habitam as regiões sombrias ou moradas obscuras precisam ser instruídas e inspiradas, e aqueles espíritos aprisionados que partem com as suas almas agrilhoadas.

Vocês têm prisões na terra, mas as externas não são nem metade tristes quanto aquelas prisões que vocês podem nutrir no espírito. Façam por não haja prisões nas vossas almas, e que todo caminho de conhecimento e de luz e de vida se abram para acolher a visão celestial. Façam por que as vastas câmaras do pensamento não permaneçam frias e vazias. Façam por que os vossos espíritos não sejam eclipsados pela falta de bondade e amor enquanto vocês ampliam a vossa grandeza física.

Façam por que os vossos espíritos se desenvolvam da servidão dos sentidos externos. Dediquem o vosso tempo a alargar a luz aos lugares de desperdício e aos desertos estéreis - todos são recetivos à luz do espírito. Toda alma do outro mundo faz isso por vós. Todo espírito que lhes ministra diz: "Cultiva o espírito; deixa que a tua mente aspire a dons espirituais; pensa menos nas necessidades do

teu corpo; pensa menos na vida material. " O mundo é uma grande prisão, onde são encarcerados os filhos de Deus nos templos criados pelos adoradores da Mamona. Poucos são raios da luz divina que aí penetram; mas quando o fazem escuta-se a voz de quem clama no deserto, porque certamente é um deserto hoje. Vosso é o dom, vossa é a mão, vossa é a ideia, e vosso é o poder de erguer o véu das vossas próprias naturezas.

O que quer que de falsidade, o que quer seja que de inveja ou de malícia possa permanecer convosco, o que quer que seja do desejo humilhante por meras coisas terrenas, isso acorrentará e prenderá o espírito. Vocês não devem negligenciar o templo que lhes é dado a habitar; mas não façam dele vosso ídolo, vosso Deus; ao invés, façam dele a morada escolhida do espírito; embelezem-no, adornem-no com simplicidade e bondade, e deixem que a mente lance a sua luz na inteligência e compaixão. Os espíritos têm o suficiente para forçar e abrir todas essas portas da prisão - aquelas que se encontram no vosso seio, aquelas que têm assento nos vossos corações.

Eles vêm bater a uma porta e o medo os repudia; eles vêm bater a outra e o fanatismo enviam-nos de volta; eles vêm ao intelecto, e o materialismo ordena-lhes que desapareçam; mas quando eles batem nos afetos do coração, quando falam com um pensamento carinhoso, quando eles lhe dão uma voz gentil, vocês não podem mais resistir-lhes. Então, quando eles lhes falam à alma, quando os inspiram, elevam, fortalecem, encorajam; quando eles lhe falam de sua morada espiritual adornada com as belezas e graças da vida imortal, então, com certeza vocês não podem conter mais.

Não, há buscas que a mente empreende tão maravilhosas que vocês não poderiam compreendê-las, tão vastas que vocês não conseguiriam agora entendê-las: o conhecimento do espírito - o conhecimento das coisas passadas e futuras; investigações minuciosas sobre a natureza da alma ou a transmissão desse conhecimento a outros; e tudo o quanto interessa, enobrece e eleva a humanidade.

Desocupados! Ora, existem todos os órfãos que saem do vosso mundo, furtados aos cuidados do amor de mãe, da vida aqui e de todas as suas experiências - e esses botão tenros precisam ser criados na terra recém-descoberta; precisam florescer na terra do verão, da esperança e da luz. E há anjos guardiães carinhosos - as mães da vida celestial - que se encarregam desses pequenos desamparados da vida espiritual e da luta, para os instruí-las e educar. Imaginem as miríades que partem diariamente. Eles perguntam-nos que ocupações poderão os espíritos ter. O universo está cheio de pensamentos; o mundo inteiro está cheio de pensamentos; peçam, e a resposta surgirá.

Quando vocês se esforçam seriamente por saber, vocês podem medir a vasta glória de sua suprema beleza. Então podemos descrever-lhes as moradas daqueles que resistiram a todos os males terrenos, que conquistaram todo o sentido terreno; que vivem à luz dos seus pensamentos puros, fortalecidos, alegres e livres pelo conhecimento da vida imortal. Ah, o olho é ofuscado, a mente recusa-se a segui-lo e as ideias se afundam na insignificância diante do esplendor

dos espíritos glorificados que são revelados aos olhos da fé. Ah, existem aqueles anjos resplandecentes que conquistaram todo ódio e inveja, cuja vida é amor, cuja morada se acha carregada da luz dos seus espíritos carinhosos - a luz que lhes é dada da Mente central - em trajes resplandecentes, rostos brilhantes, iluminados por êxtase maravilhoso - esses insuflam pelo ar silencioso a voz de seu amor e inspiração. Olhai, a sua respiração pura encontra-se sobre vós! Olhai, os braços deles rodeiam-nos! Eles engrinaldam-nos com as suas flores da atenção carinhosa sobre vós, e o elevam-nos para cima e para a frente para as suas moradas serenas.

O SOCIALISMO IDEAL
DE QUE MODO SE COMPARA AO CRISTIANISMO
E AO ESPIRITUALISMO

PROFERIDO EM CHICAGO, DOMINGO, 25 DE MARÇO DE 1888 POR CORA RICHMOND
TEMA ESCOLHIDO PELO PÚBLICO
"E, SE ALGUÉM TE AMEAÇAR PROCESSAR À LUZ DA LEI, E TE TIRAR O CASACO, DÁ-LHE TAMBÉM A TUA CAPA. "
"E, SE ALGUÉM TE OBRIGAR A PERCORRER UMA MILHA, PERCORRE COM ELE DUAS. "
“DÁ A QUEM TE PEDE, E DAQUELE QUE TE PEDIR EMPRESTADO NÃO TE VOLTES. ” - Jesus

“ASSIM QUE OS HOMENS COMEÇAM A ESTABELECER LEIS, ELES MOSTRAM-SE INAPTOS PARA A
LIBERDADE. ” - Pitágoras

“EIS O QUE A FILOSOFIA ME ENSINOU: A TOMAR POR OPÇÃO O QUE OUTROS HOMENS FAZEM POR
RECEIO DA LEI. ” - Heródoto

Estes e inúmeros outros ditos dos maiores, mais sábios e melhores, desde o Messias até os filósofos mundanos, provam que aquilo que é religião - a mais elevada religião - para quem quer que nela acredite, representa, para outro, a mais elevada filosofia, e o estado ideal de todo o mundo. Entre o milênio típico do Cristão, o estado de perfeição do Budismo, e a mais alta realização e conquista dos sentidos do Orientalista, e a filosofia de Platão, ou os ensinamentos daquilo que é a mais alta conquista moral de hoje, existe não a menor diferença.

O idealismo de uma era, através de transformações subtis, torna-se parte da vida prática de outra era, e então há um ideal ainda maior; mas em nenhum lugar de qualquer época, sob qualquer lei ou forma de governo, o homem atingiu ainda o estado perfeito para o qual todos os mestres, filósofos, videntes, sábios e poetas se voltaram continuamente. As obras inspiradas de todas as eras indicam isso; a poesia e a arte de todas as eras revelam isso, e os sonhos dos maiores patriotas e

filósofos provam que em algum lugar na esfera dos pertences espirituais do homem está a posse do estado que ainda está para ser alcançado na terra.

Entre aquelas coisas que têm um nome, e ainda assim um nome vagamente compreendido, pensado em termos indefinidos, quase desprezado por um lado e adorado por outro, está o nome do Socialismo: não tendo na mente do público nenhum lugar definido, ele é de várias maneiras considerado como revolução e derramamento de sangue; ou alguma fantasia ou sonho da imaginação, que alguns fanáticos propuseram, mas que nunca poderá ser realizada.

Para falar em termos práticos, além de poéticos, o Socialismo Ideal é o Sermão da Montanha, tocado ao ritmo da vida cotidiana; em termos práticos, o Socialismo, no seu mais elevado sentido, consta da perfeição individual que vem da abnegação do eu, relacionada à perfeição e ao bem-estar de toda a humanidade.

O que sonhadores sonharam e profetas predisseram nunca foi e nunca será realizado sob nenhuma forma de governo arbitrário formado por homens. As formas da lei Levítica não produziam nada entre os filhos de Israel (ou entre os seguidores da igreja na Judeia) que fosse mais elevado do que o seu crescimento espiritual e desenvolvimento mental; com uma lei para cada dia da semana e para toda a ação realizada durante o dia, imposta com a autoridade da igreja, cuja violação estava sujeita a penas severas e árduos sacrifícios religiosos, ainda assim aqueles que viajaram no deserto ou entraram na posse da terra prometida não se elevaram acima do padrão ordinário do egoísmo humano, da aquisição humana e da injustiça humana.

Aquilo que é reivindicado como Socialismo no seu sentido mais elevado não tem que ver com o ato de pôr em prática um esquema impraticável pelo qual os imorais e irresponsáveis devam governar o mundo sem lei, mas tem que ver com a revogação da necessidade da lei colocando o governo humano na única posição adequada que pode ocupar e ser bem-sucedida, a saber, o bem-estar de todos nas mãos de todos, e a responsabilização do indivíduo pelos actos individuais que cometer. Por outras palavras, tem que ver com o predomínio do mais elevado padrão da humanidade ao invés do mais baixo.

A lei de Moisés foi estabelecida para o padrão mais baixo, a tendência natural era a de que todos os homens sob o governo da Judeia iam cair nesse nível. Para o ilustrarmos: se existir uma lei que proíba o assassinato, o roubo ou qualquer violação do bem-estar pessoal do homem, então o que quer que um homem puder fazer que constitua uma evasão à lei ele procurará fazê-lo. Se ele estiver acima da lei, claro que isso não o afetará; se ele estiver sujeito a ela isso encerrá-lo-á na sua esfera, não o elevará. O padrão da lei Cristã foi o que colocou o Sermão da Montanha além do Sinai; a Regra de Ouro acima dos Dez Mandamentos do

decálogo; por outras palavras, colocou o governo da sociedade sobre uma base moral e espiritual, em vez de temporal.

Enquanto Jesus cuidadosamente evitou fazer ou dizer o que quer que fosse que viesse a violar a lei vigente da terra, sob o governo de César, ainda assim voltou toda a tendência para a emancipação moral dos Judeus da escravidão da lei Hebraica, com respeito à natureza moral do homem; elevar o padrão da excelência humana pela responsabilidade humana, e não pela penalidade e pelo medo. A mesma coisa é percebida na afirmação de Heródoto, que dizia que a filosofia lhe ensinara a fazer, por opção, o que outros homens faziam por medo; o que era verdade no controlo da Judeia; em que os homens eram bons simplesmente por temerem a penalidade da lei; evitavam usar a violência contra as pessoas e bens uns dos outros simplesmente pelas consequências da uma penalidade a ela associadas.

Não seria considerado um insulto para esta audiência, ou para qualquer grande audiência ou assembleia de qualquer igreja Cristã, dizer que os homens buscavam em comum a prática da honestidade e da retidão, e se abstinham de violar os direitos e a vida dos outros por causa do medo da lei? No entanto, eles não gostariam de o ver submetido a um teste. Quantas vidas existem que consideram a santidade da vida humana, em função da vida humana e a dos direitos humanos em função dos direitos humanos? Não nos cabe a nós julgar, mas daria um relatório sombrio, na melhor das hipóteses, se isso fosse revelado.

O mundo tem, pois, sido governado não só por monarcas e governantes cuja autoridade era lei, mas por códigos, desde a lei Romana até ao código de Napoleão e até ao presente, presumivelmente, para proteção do homem contra o seu semelhante, e nos períodos do auge máximo da civilização que o mundo já conheceu; de modo que o padrão dos juízos e dos decretos humanos foi baseado, não no que era correto, mas no que era lícito. Caso a lei esteja sempre acertada e seja boa; mas, suponhamos que a lei esteja errada? Sabemos como os julgamentos humanos erram, e como jamais houve um legislador perfeito desde o tempo de Sólon e Licurgo até os dias atuais. Se a lei estiver errada e os homens só procurarem incentivar o próprio egoísmo e confundir a sua consciência pela adesão à lei em lugar do direito, o que acontecerá ao propósito moral, a intenção latente da humanidade, a exaltação que pertence à mais elevada conceção do dever do homem para com o próximo?

"O que era devido a um cidadão romano sujeito à lei de Roma era devido a todo o mundo. O selvagem que não tinha lei; tinha, entretanto, em certos casos, um código de ação mais elevado. O estrangeiro é um convidado seja no caso do árabe no deserto ou nas planícies da América, nenhuma violação pode acometer aquele que é um estranho, uma vez na tenda, ou *tepee* das tribos errantes que não conhecem as leis da civilização. Os instintos de hospitalidade que vêm ao homem por impulso natural e pela intuição são em países regidos pela lei frequentemente ignorados, e

o estranho em vez de ser um hóspede é geralmente visto com suspeição, qualquer viajante em qualquer terra Cristã achará difícil entrar num lar Cristão sem a suspeita de abrigar a intenção da pilhagem, do roubo, e do assassinato; serão esses o produto externo de uma civilização fundada na lei, e será a segurança do estrangeiro entre as tribos selvagens o resultado da ausência de lei?

Achamos que reine uma reverência equivocada na mente das pessoas quanto àquilo que é considerado lei sem referência ao que é justo e correto; por as leis fundadas na mais alta conceção do legislador podem ser mal aplicadas ou podem estar equivocadas na sua redação. Nada poderia ser mais nítido do que a Carta Magna da Inglaterra, mas ainda assim essa abertura de espírito foi substituída pelas leis deste país, nada poderia ser mais óbvio no escopo e intenção do que a Declaração de Independência e a Constituição do vosso próprio país; mas os fundadores vieram justamente da Europa monárquica, acabaram de escapar à escravidão da tirania de um monarca individual, e aqueles que elaboram as leis antiquadas não poderiam prever o crescimento gigantesco que este país sofreu.

A própria formulação das leis com base no padrão do velho país prova que, embora se tenha verificado um novo crescimento da liberdade, não havia nova forma de lei com que a liberdade pudesse ser incorporada, em benefício das gerações futuras. Daí que, neste país vocês se vejam governados por muitas leis: há a poder judicial, a legislatura e o governo executivo; existe o município, o estado e o governo nacional; existe lei para tudo. Isso faz do poder da elaboração de leis não apenas questão de enorme perplexidade, mas questão de imposição e de ridicularização, e finalmente um poder de fraqueza ao invés de força.

O Socialismo visa o cumprimento do dever mais elevado do homem para com o seu semelhante. Não pela força tal como é expresso na lei, mas por uma condição tão exaltada que torna a responsabilidade que o indivíduo tem para com o todo tão grande que é impossível o indivíduo suportá-la. Isso, porém, num sentido moral, é absolutamente possível. Quem já moveu a guerra contra uma nação absolutamente desarmada; e com que poder poderia uma nação da terra atacar essa querida república pequena que repousa no coração da Europa imperturbada por ser tão pequena?

Os quacres são um povo amante da paz e amante da justiça, e desde que eles suportaram as perseguições de um tirano na forma de um monarca, e que o resultado do fanatismo religioso, nunca ninguém pensou em mover a guerra contra eles. Há comunidades de pessoas em toda a extensão deste país que vivem sem um código de leis, que são pacíficas, que não praticam a violência umas contra as outras, que não roubam e em cujas comunidades nunca se pratica a violência; nenhum assassino visita as comunidades dos Shakers, dos Quacres, dos seguidores da Não Resistência que se mantêm à margem do poder legislativo da terra; a escravidão é, entre eles, desconhecida; eles não violam os direitos uns dos outros, e não há convite algum a que outros o façam. Por outras palavras, reina uma atmosfera moral em torno dessas comunidades pacíficas que não convida o crime.

Promovam uma lei contra o assassinato violento e a ciência social revelar-lhes-á que estão a convidar o assassinato.

O Socialismo que obteve maior expressão no século passado foi idealizado na forma de poesia e filosofia, não só nas escolas da Alemanha e da França, mas em toda a Europa; mas mais do que isso, vocês precisam lembrar-se que o Socialismo, em si mesmo, a designação, foi criado em meio à tempestade, teve a mão da monarquia nele e ao redor dele; ele foi retirado dos corações e mentes do povo por atos de injustiça e malvadez com que as pessoas foram espezinhadas. A Alemanha, sob o domínio de um chanceler de ferro, que usou um imperador para o aperfeiçoamento e perpetuação do seu poder, é o próprio santuário e altar do Socialismo iluminado. E por que não deveria ser? De um despotismo militar a um governo ideal da consciência humana e do respeito pelos direitos humanos traduz uma reação tal que inevitavelmente veio a suceder.

Que ninguém cometa o erro de supor que, devido a que por vezes haja quem queira defender a violência ou a defesa pela violência, esse seja o plano básico dos socialistas. Na Holanda, o Socialismo é o plano para um governo estadual, vinte e três dos membros recém-eleitos do parlamento na Holanda são socialistas. Que significará isso? Que assim que a vigilância for removida, que constitui o despotismo militar do império, surgirá o tipo de liberdade de que vocês desfrutam aqui, que constitui o sonho do Socialismo lá, mas que é a lei e governo que vocês aceitam. O Republicanismo é o Socialismo nos países monárquicos. Eles chamam a esses homens Republicanos Vermelhos que buscam o tipo de governo que vocês aqui têm.

Mas o Socialismo almeja algo maior ainda. Como o lar é o lugar da santidade em todos os países iluminados, como a sociedade mantém a voz e os seus editais prevalecem ainda mais do que a lei da legislatura ou do poder judiciário, também o tempo está a chegar em que o que é chamado de sociedade governará em vez da lei. Queremos com isto dizer: que se o sentimento moral da comunidade for contra o assassinato, o assassinato não poderá ocorrer; se não houver outro padrão além do da lei contra o assassinato, o assassinato ocorrerá.

Vamos ilustrar o que queremos dizer mesmo se corramos o risco de parecermos severos? Suponham que um assassinato tenha ocorrido na vossa cidade, em vez de permitirem pacificamente que a lei em que vocês têm fé sega o seu curso e encontre a sua vítima e a leve à justiça, quase toda a comunidade fica agitada, não apenas com indignação pelo assassinato, mas com desejo de vingança em relação ao assassino e, frequentemente, em vez de permitirem que os policias nomeados pela lei encontrem o assassino, e fazer com que seja preso, e o levem ao tribunal de justiça, toda a comunidade fica agitada por um sentimento assassino que às vezes é colocado em execução contra o suposto criminoso. Quem se tornará então o

violador da lei? Qual será o padrão da justiça humana quando toda a população se constitui em polícias, xerifes e detetives e procede não apenas ao julgamento, mas, na verdade, à denúncia do assassino e a fazer com que ele seja condenado? Não há possibilidade de imparcialidade em tais circunstâncias.

Por mais degradado que seja o homem, ele ainda deve gozar do benefício de um tribunal imparcial. Em países governados como este país, o erro é que as pessoas supõem que um código de leis, uma vez constituído e em vigor, sejam as leis certas para atender aos fins específicos que têm em vista; mas um pequeno estudo mostrará que se a base estiver errada, toda a superestrutura deverá estar igualmente errada; que uma nação não se eleva, mesmo na execução das suas leis, por melhores que sejam, acima da estatura média do crescimento mental e moral da nação, não importa quais forem as leis.

O Socialismo pretende não apenas cultivar o indivíduo, e fazer com que as convicções individuais, a consciência individual, a mente individual sejam adequadamente treinadas, mas que não existam barreiras entre os indivíduos como as que agora existe, e que nenhum homem possa (em consequência da lealdade que tiver pela lei) violar os outros membros da sociedade. Ao fazer disso uma proposta moral em vez de legal, toda a comunidade se torna proporcionalmente responsável; mas como não constitui uma proposição moral agora, mas apenas legal, que por sua vez se dissolve numa questão política, todo o governo passa a estar relacionado com a política e não com os resultados morais e sociais.

O Socialismo considera que as posses que são dadas a todos devem ser direito de todos, que cada homem deve ter de acordo com o seu merecimento, mérito e habilidades, que não deve haver favoritismo ou distinção, faz do governo social a lei da terra, torna a relação do homem com o seu semelhante suprema, em vez da relação que tem com as coisas.

A diferença entre as civilizações existentes e aquela que é contemplada pelo mais elevado Socialismo, é que as civilizações existentes se baseiam em grande parte nas relações que o homem tem com as coisas; com as posses que não têm uma relação inata ou integral consigo, em vez de se basearem nas relações do homem com o seu semelhante. A civilização ideal, o Socialismo Ideal, está em fazer com que a ação de todo homem se baseie na relação do homem com o seu semelhante.

Claro que, sendo a religião superior, constitui o poder governante; mas mesmo na forma da filosofia, entre os métodos intelectuais que são empregados por pessoas que não clamam quaisquer convicções religiosas, esse ainda é o padrão: por o governo mais elevado ser aquele que regula a relação que o homem tem com o seu semelhante e em que as coisas ajustam-se assim que as relações do homem com o

seu semelhante forem as corretas. Supondo, por exemplo, que a Regra de Ouro seja o padrão (que, é claro, é o padrão, sob outras formas e designações por todo o Mundo), não haveria necessidade de leis que afetassem a conduta dos homens em relação aos outros com respeito às posses; uma vez a Regra de Ouro estivesse em operação, quem poderia fazer mal ao seu semelhante? ! Se esse padrão for muito elevado, se ainda não tiver sido atingido por nenhum corpo numeroso de pessoas, ainda existem estágios aproximados a ele.

Por uma questão de política, sabe-se que aquilo que interessa ao bem-estar do todo interessa ao indivíduo; por uma questão de bem-estar o homem não se pode dar ao luxo de ser ladrão, por dar o exemplo de roubo a outros e estar tão sujeito a ser uma vítima quanto um operador bem-sucedido; por princípio, especulações que são comuns e completamente reconhecidas pela lei não podem representar os mais altos padrões numa civilização verdadeiramente ideal, porque qualquer coisa que um homem obtenha dos outros pela sua habilidade superior, falsidade ou subterfúgio vai, afinal, prejudicar a sua própria segurança enquanto membro da sociedade e a comunidade comum. Por outras palavras, não pode haver qualquer indução na mais elevada civilização de qualquer tipo de suborno, roubo ou subterfúgio intelectual para tomar posse dos ganhos de outro homem, por imediatamente estabelecer o exemplo para os outros fazerem o mesmo, e qualquer um que goze da mesma capacidade é capaz de o perseguir.

Platão disse que a diferença entre o pequeno ladrão e o grande não é uma diferença no desejo, mas na habilidade. Assim, o homem que rouba uma pequena quantia é preso e aquele que se apropria com sucesso de uma quantia muito grande é admirado e emulado pelo mundo: um fá-lo movido pela necessidade ou, talvez, pela falta de vontade de trabalhar, o outro fá-lo pelo estímulo do desejo de sucesso, pelos prémios que o mundo oferece por esse tipo de conquista, pela habilidade que constitui o género da especulação moderna; qual dos dois mais viola toda lei contra o roubo?

No estado mais elevado do Socialismo Ideal, o homem é um monstro que, e goza do poder de se aproveitar do seu semelhante, podia, por qualquer tipo de habilidade, obter posse dos resultados do trabalho de outrem. Um gigante como o da fábula que se divertia a comer garotinhos seria considerado um padrão de moralidade em comparação com esse gigante insatisfeito que, sob a civilização existente, é protegido pela lei.

Se o senso moral da comunidade fosse despertado para o verdadeiro espírito do roubo, um homem nunca poderia ser recebido numa comunidade Cristã que tivesse tido parte em qualquer transação comercial para tirar proveito de seu semelhante: mas enquanto for possível, desde que seja permissível, enquanto o governo se fundar nessa base, não pode haver um grito de protesto contra isso.

O mundo não deve apenas aprender a falácia dos métodos existentes: o que quer que surja na forma de monopólios monstruosos, poderes que, com estômagos gananciosos e de polvo, absorvem todas as receitas e indústrias da terra; talvez seja melhor que eles cresçam ao máximo, que a humanidade possa ver, como a um espelho, o monstro que o mundo pode produzir sob o nome de civilização, civilização Cristã.

Quando a ideia Socialista vier a ser melhor compreendida, ou até mesmo quando o nome da Anarquia não for um pesadelo, quando se sabe que o significado genérico do termo não é, conforme foi pervertido pelo vosso vocabulário, “ilegalidade, ” mas derivar de uma antiga palavra do norte que significa "sem governantes, " isto é, sem um rei ou outros métodos arbitrários de governo; por a mais alta lei ter lugar dentro do espírito humano; mas certamente ninguém pode negar isso, pois quando havia uma lei que favorecia a escravidão, quem foi senão um legislador Americano, um dos conselheiros da nação que se elevou à dignidade do momento e apontou a “lei superior” como evidência de direitos humanos.

Acima dos tribunais judiciais, a corte suprema da vossa terra, existem outras leis que prevalecem sobre a lei; na história de todas as nações, quando essa lei superior, gravada na consciência e convicção do indivíduo, declara que aquilo que está em desacordo com os direitos da humanidade não pode ser sancionado, embora constitua a lei. “Então,” vocês perguntam “na ausência de qualquer lei o que hão os homens de fazer? ” Como fazem agora. Se eles forem ruins, eles violam a lei; se eles forem parcialmente iníquos e não forem corajosos, eles evitam a lei; se forem bons a lei não os afeta, pelo que eles fariam exatamente o mesmo sem a lei. “Mas que padrão de governo deverão usar? Os homens apegam-se à autoridade, e a autoridade forma a base da civilização.” Nem por isso; a inteligência é a base da civilização - o mais elevado conhecimento do governo é o direito, a justiça, e aquilo que pode fazer com que todos os homens se empenhem em imitar o mais elevado e o melhor passa por os forçar a recorrer ao mais elevado padrão em vez do mais baixo.

Se alguém for confrontado com a sua honra, ele fará melhor do que quando é confrontado com a lei. O compromisso do maçom é mais vinculativo do que um tribunal de justiça: aquilo com que um homem se compromete, mesmo sendo um gatuno e um ladrão, é muitas vezes mais compulsivo do que todas as leis da terra. Ele é considerado um vadio errante que, para salvar o próprio pescoço ou a sua liberdade, que não vale um centavo, trai os seus companheiros criminosos. O delator está um grau abaixo do criminoso. Esse é já o sentimento moral da comunidade; o que acontecerá quando, com o duplo poder da consciência e do conhecimento as pessoas na sua mais alta e divina perceção, se alçarem ao pleno entendimento de que até mesmo os mais baixos elementos da sociedade, os

criminosos, os rejeitados e aqueles mais propensos a praticar o mal podem ser melhor tratados numa atmosfera de força social e moral do que pela mão do que é chamado de lei? Existe um certo tipo de mecanismo acerca da lei, que, sem considerar aqueles que administram a lei, pelos melhores motivos, ainda faz com que seja uma espécie de inquisição que por si só desperta os piores elementos da sociedade. Supondo que se deva saber que esse tipo de governo é abandonado, ou que devesse ser abandonado, e que se haveria de estabelecer a base da conduta de todo homem no padrão moral, e cada um se sentisse responsável perante o todo, isso gradualmente se tornaria a lei das comunidades, países e nações.

Não nos passa pela cabeça que qualquer sonhador socialista, por mais selvagem ou utópica que seja a ideia que tenha, suponha que possa ter lugar num dia ou numa hora. O que quer que alguém pense ser o mais elevado e o melhor, ele precisa defendê-lo, mesmo que a era em que ele vive não esteja amadurecida para isso; mas por tal agitação vocês nunca se encontrariam num país de relativa liberdade, mas para esse tipo de agitação não poderia ter existido uma base para a constituição que os vossos antepassados estabeleceram, mas para esse tipo de agitação não poderia haver esperança para o mundo, para além da cansativa rotina da legislação e do poder legislativo, que não se baseia no mais elevado e sagrado padrão de excelência moral.

Por fim, diz-se que uma escola de socialistas destrói a individualidade e que a outra edifica o indivíduo à custa do todo. O mais elevado Socialismo cultiva o indivíduo em toda a extensão do poder individual, mas não cultiva o individualismo: e por isso queremos dizer que ele não protege o indivíduo à custa do todo, mas faz do factor individual uma das partes na responsabilidade pelo todo. Assim como numa roda, cada raio deve ter a mesma força para tornar a roda útil e completa; não pode haver parcialidade na distribuição da força e do peso que será exercido sobre qualquer um desses factores.

Assim, na sociedade: a perfeição do indivíduo constitui a segurança do todo, mas isso não significa que o egoísmo individual, os propósitos individuais, os esquemas individuais, os desejos individuais ou os quereres individuais sejam levados adiante às custas de outro ou do todo. Como a luz do sol e os planetas nas suas esferas não seriam perfeitos se invadissem um ao outro, assim a luz na vida individual, sob o sistema que determinamos, ficaria, com toda a certeza, ao critério da humanidade que fosse para o interesse, o objetivo e o bem-estar do indivíduo que fosse tão brilhantes e esplendoroso quanto possível.

As maiores tiranias são aquelas que afogam o indivíduo, as monarquias engolem-no à custa do poder que governa; as igrejas, como a de Roma, tiram o máximo partido das faculdades individuais, de cada personalidade, para que possam ser absorvidos e perder-se de vista pelo poder controlador da igreja. Com o Socialismo não acontece isso: ele derrama no exterior a luz do indivíduo, da família, da sociedade, enfim o seu brilho preenche e envolve o todo, e aquilo que torna o

brilho particular em qualquer vida individual torna-o brilhante para o bem-estar da humanidade.

Tal como o génio pertence às eras não a nenhum país ou nação, como toda a humanidade cultua no santuário da bondade sem levar em consideração raça, cor ou era, também a humanidade amadurecida se volta para aquela era de ouro, aquele período de emancipação, aquela liberdade individual que não venha a significar licença, mas somente aquilo por que é digno ser-se livre.

Não há liberdade no pecado, na maldade, na tirania, no despotismo, no egoísmo que defrauda o próximo com todo tipo de desonestidade. A liberdade nasce dos céus, é a herança gloriosa do espírito iluminado. Ninguém que seja degradado ignorante ou oprimido pode possuí-la; embora agraciada mil vezes sobre aquele que é indigno, ele não poderia mantê-la nem por um dia. É uma joia de preço tão raro que só pode ser conquistada pela exaltação que vem da força individual. Uma liberdade dessas, só é consistente com que a maior civilização, que é chamada de Cristã; um ideal como esse constitui aquele estado ideal mais elevado com que Platão sonhou, ensinado pelos seus sucessores, levado por diante na sua filosofia, que brotou nos vários esquemas sociais por toda a Europa.

A Alemanha e a França anunciaram a luz dessa aurora, mas afogados em sangue, silenciados ao som dos gritos de guerra ou dos gemidos dos que se encolhem sob o chicote e o terror dos tiranos; a sua voz não pode ser ouvida; mas, há de erguer-se e ascender de novo e de novo, tal como se ergue mesmo aqui.

Além dos vossos dias de relativa liberdade, um dia melhor ainda está reservado para vós; além de sua luz comparativa, uma luz melhor está já a chegar; aquilo que os levará a saber que a atual liberdade, que responde pela justiça, é apenas a fraqueza de uma criança em comparação com aquela força gloriosa que vem da liberdade de consciência, liberdade de vontade, liberdade de uma vida iluminada. A liberdade de consciência deixa o coração aberto a Deus; a liberdade de vontade deixa o caminho aberto à ação justa e verdadeira; a liberdade de vida significa liberdade de todo apetite, paixão ou desejo degradante que deve prejudicar o tecido formoso que é a obra de Deus.

SOCIALISMO IDEAL
POEMA DE IMPROVISO

Assim como a manhã constitui uma promessa do dia,
Embora o dia ainda não se encontre aqui,
Também a vida ideal sempre
Revela o estado futuro com maior clareza,
E aponta para o zénite brilhante

Quando o homem atingir as maiores alturas.
A criança anuncia a promessa do homem;
E pela aspiração que cultiva volta-se
Para aquele tempo em que, no plano do céu,
Ele alcançará o estado pelo qual ele anseia:
Deverá produzir o estado perfeito da idade adulta
E ele será apontado entre os grandes.
Assim vocês anseiam por que vida perfeita
Revele o objetivo final do homem;
Aquilo que venha a causar pesar e contenda
Cesse e deva iluminar a alma perfeita:
Aquilo que, quando tudo incluído estiver
Tornará a humanidade uma só
E embora cada um seja diferente como uma estrela da outra.
E ninguém for como a luz do sol,
Ainda assim, todos preencham os seus lugares aqui
No ano completo e perfeito.
Esse é o ideal que governa o mundo;
O homem não é feito de mofo e poeira;
Ele não é simplesmente lançado à terra,
Mas todos os seus poderes são mantidos com confiança;
E à luz da vida ideal
Ele é ganho de todos os conflitos corrosivos.
Quando cada parte perfeita for
Então estará o círculo completo;
Então a humanidade perfeita
Verá todos os seus ideais satisfeitos,
Até que ante o trono da luz
Retorne o espírito do homem puro e alvo.
Sim, o ideal é o real;
Declaram tanto o poeta como o profeta
Que por último esta noite irreal
Deva afundar como o ar vazio;
E do tecido que o homem fez.
No eterno objetivo perfeito,
Os seus ideais devem ser vistos incrustados
No santuário e no reino da alma.

BÊNÇÃO

Que aquele estado perfeito que vem de dentro, aquela luz mais elevada que conhece o poder governante de Deus e da verdade, seja para sempre o vosso ideal. Amém.

OS SINAIS DOS TEMPOS
(MATERIALISMO)

No discurso proferido sob inspiração pela Sra. Cora L. V. Tappan, em Cleveland Hall, Londres, na noite de Domingo do 1º de Março de 1874.

"não conseguem discernir os sinais dos tempos? ”
Mateus 16: 3

Os Egípcios, hábeis nas leis que controlam os elementos materiais, estavam acostumados a colocar ao longo das margens do rio Nilo indicadores e sinais, por meio dos quais poderiam dizer, pela subida das águas, quando as águas iriam transbordar e inundar os campos para eles poderem recolher os seus tesouros, os grãos, e as suas famílias para lugares de segurança. O astrónomo, por certas leis conhecidas ligadas à sua ciência, é capaz de prever o surgimento e o regresso de cometas, os várias mudanças que devem ocorrer com respeito aos planetas, determinar com certeza os eclipses que deverão ocorrer, e quando se verificará algum trânsito dos diversos planetas ligados ao sistema solar. A matemática é de tal modo infalível que é quase uma questão de certeza determinar o que ocorrerá em qualquer sector da ciência que seja governada pelas suas leis.

Com referência apenas ao mundo moral e religioso, e àquela região desconhecida da verdade espiritual, o homem deve ser deixado entregue à escuridão e à ignorância; e aí reconstruir os seus pontos de vista unicamente com base no império da fé, ou descartar por completo toda e qualquer evidência de mudanças espirituais que possam estar a ocorrer no mundo de hoje.

Consequentemente, o estudante da ciência espiritual é obrigado a recorrer a outros meios, e a virar a maré da investigação para dentro, de modo a poder descobrir se possível os sinais que se apresentem que pressagiem mudanças no mundo espiritual do homem.

Normalmente, aquilo que foi denominado natureza religiosa do homem foi completamente sujeito a certas fórmulas e, enquanto todos os outros sectores da inteligência humana tem vindo gradualmente a passar por etapas de progressão.

A própria ciência tem sofrido avanços tão rápidos, e as leis que pertencem à natureza material do homem foram tão bem e com tal clareza definidas, que a maioria das mentes, concentradas no pensamento moderno, dirigem a sua investigação para a ciência material em vez da espiritual. Chegou a ser um facto que o grande mundo da agitação mental da atualidade, com tudo a augurar a mudança no desenvolvimento da mente do homem, chegou a relacionar-se em exclusivo com a natureza material do homem.

A ciência, orgulhosa de suas conquistas, e com razão, forte na instituição da lei e inatacável em seus princípios primordiais, arrogou, não obstante, a si própria mais direitos do que realmente possui, e alega não apenas ditar ao homem as propriedades e elementos que constituem o seu corpo físico, mas também barrar a porta à investigação daquilo que diz respeito à sua natureza imaterial.

Daí que hoje, se lançarmos o olhar pelo mundo, vemos que por entre as mentes mais importantes da Terra, o ímpeto principal do pensamento moderno, aquele que permeia a literatura e, de certa forma dissimulada inunda todas as classes das mentes intelectuais, é a ausência de qualquer fé ou crença no portento da verdade espiritual.

Enquanto todas as outras coisas sejam profetizadas com base numa base científica; enquanto outras coisas são notadas do ponto de vista da razão e filosofia rigorosas; enquanto todos as outras coisas sejam caracterizadas pela mudança, é proibido, nesta escola moderna, descobrir qualquer coisa, revelar qualquer coisa, apontar qualquer mudança, ou discernir quaisquer sinais no céu com respeito ao seu bem-estar espiritual.

O resultado foi que, na própria igreja o fogo lentamente invasivo do materialismo está gradual e silenciosamente a consumir, através de dissensões, discussões e divisão, a molécula da vida espiritual que certa vez lá existiu, ou que até agora a cercou e envolveu com a sua névoa de modo a levar a discussão teológica a responder em vez da força e fervor religioso. Ou melhor: os ousados e arrogantes pressupostos da ciência são de tal natureza que quase desafia uma resposta da parte daqueles que simplesmente dispõem das teorias da religião para lhe responder; mas o desafio é audazmente posta de lado por parte das fileiras materialistas em reforço da cidadela de força e poder espiritual, dizendo: "Se existir alguma natureza espiritual no homem, e se alguma coisa houver nas revelações do passado, mostrem-nos esse algo no presente e provem-no! "

Prova toma o lugar da fé, a razão toma o lugar da crença, e a mente, acostumada a alongar-se nas conclusões da matemática, não se vai render às formas subtis e invisíveis de raciocínio que pertencem à natureza espiritual; mas nós só precisamos olhar à volta do mundo para descobrirmos, em primeiro lugar, a Igreja dividida contra si mesma naquilo que constitui o elemento essencial da sua fé; em segundo lugar, para constatarmos Estado em guerra contra Estado naquilo que constitui os direitos da crença religiosa e o objetivo religioso das fações que se digladiam de construir um poder material; enquanto tudo o que de espiritual e inspirador a religião tem passar sob o olhar de escárnio do homem.

Ou encontramos a perspetiva de alguns que, permanecendo nas vestes sacerdotais, ainda tentam invocar a presença da bênção divina sobre os seus labores, enquanto lutam contra esta onda de materialismo por fora e por dentro. Por outro lado, como foi dito, uma forte onda de materialismo que persegue todos os departamentos da vida, que reivindica uma voz na base sólida dos factos

científicos, e pede que o homem possa ser o árbitro em todas as questões que digam respeito ao homem e à natura, ao homem e ao poder invisível que ainda não foi investigado.

Os sinais assim pressagiados são mais graves, por estarmos bem cientes de que, na história do passado, toda tentativa de progresso, toda tentativa de estabelecer um novo pensamento ou uma melhoria no bem-estar material do homem, infelizmente encontrou resistência da parte do próprio poder que reivindica supremacia sobre a natureza espiritual do homem; infelizmente, as verdades da ciência, comprovadas como tal pela sua existência e poder, não têm sido incentivados, pelo que o homem de ciência ousa dizer que a verdade que ele descobriu ter sido negado pela Igreja, pelo que ele por sua vez negará as verdades sobre as quais a Igreja se acha fundada.

A guerra entre esses dois elementos na sociedade humana torna-se, portanto, apenas uma questão de tempo, a menos que se seja acrescentada alguma nova força ao poder que se liga e se une ao destino espiritual do homem. Vocês não podem esperar que a Igreja, na sua qualidade exclusiva, responda a questões distintas sobre a ciência. Vocês não podem esperar que a Igreja, na sua atual forma de organização, defina em vão, ou em algum grau refute o que o materialismo afirmou. A não ser que a Igreja possua uma nova fé, um novo fervor, novas formas de inspiração e novas provas a oferecer, ela deverá sofrer neste conflito e, por fim, render-se.

A história das guerras religiosas do passado provou isso; a guerra do atual conflito da Igreja de Roma com o poder temporal do Império Alemão prova isso; a história das vossas próprias guerras religiosas prova isso; e o estado atual da ciência moderna prova isso de forma conclusiva. É dentro da Igreja, dentro do âmbito da lei eclesiástica, e dentro das fileiras das mentes iluminadas e cultas que os principais fundamentos do materialismo exercem a sua mais forte influência; enquanto aí também, conforme dissemos, essa falta de harmonia, as várias divisões aí existentes e a ausência de poder espiritual efetivo, dão aos inimigos da natureza espiritual do homem a força do poder exclusivo.

Mas tem havido quem, dentro e fora da Igreja, dentro e fora do âmbito da ciência material, evidentemente tenha alimentado a expectativa e esperado, quase contra a esperança, que uma nova forma de testemunho espiritual fosse dada ao mundo. Houve quem, dotados da visão da profecia, viram que deve chegar um momento em que este conflito entre Igreja e Estado, entre a religião e a materialidade, tome o lugar de todas as outras questões; e que então, a menos que se verifique um derramamento renovado do Espírito, a natureza material e a ciência material obteriam o mais forte poder sobre a Terra.

Com o olho da profecia, aqueles que tiveram essas visões espirituais continuaram a aguardar ansiosamente algumas mudanças com respeito a este período da história da Terra. Eles acreditam que seja algo que esteja relacionado com a sua fé estabelecida. Os Filhos de Israel, ao

perambularem pela terra, aguardaram confiantemente a vinda de um novo Cristo, que reunisse os seus povos dispersos e os governasse de uma forma régia; surgiram nos últimos tempos diversas denominações Cristãs cada qual prevendo um novo poder e visita do Espírito, umas de uma forma e outras de outra; e dessas seitas, vários filantropos e filósofos, transcendendo a ciência material, aguardaram ansiosamente com olhos saudosos dirigidos para o céu para determinar se talvez não poderá ter havido nesta época do mundo algum novo poder do Espírito que tenha visitado a Terra.

Em vão exigem os homens sinais! Em vão pedem os homens provas sobrenaturais! Em vão, buscam a vinda de um reino material ou poder estabelecido que revela que a sua religião especial seja verdadeira! Vocês não estão a olhar na direção certa! Aqueles que buscam não o fazem com o olho do Espírito; aqueles que questionam não questionam de maneira apropriada, pois os sinais já existem, e as provas e os poderes dessa visita já se encontram amplamente disseminados pela terra.

Alguns procuram sinais nas nuvens, anunciados ao som de trombetas e a vinda do reino temporal, cujo poder venha a restaurar o poder perdido. Alguns buscam a voz de um anjo e o som da trombeta que convocará os mortos e os vivos para o juízo. Alguns andam à procura de uma completa destruição pelo fogo, pela qual a terra seja consumida como numa fornalha, e onde os ímpios sejam queimados, e de que aqueles que sejam bons devam escapar. Mas embora vocês não saibam, o fogo já se acha disseminado pela terra, uma chama consume já a terra; o Espírito inquisitivo que inspeciona todos os corações está perto de vós; o céu está cheio de sinais; a terra está animada por vozes e o ar escurece com as mudanças que estão a ocorrer.

Se a Igreja temporal procura nesses signos a consolidação de seu poder, não a conseguirá. Se o pobre homem de Roma, cujos últimos finais se aproximam, procurar de novo a aquisição do seu poder temporal, não o conseguirá. Se o Imperador Alemão, para garante do seu poder material, procurar edificar o poder temporal da Igreja, não o conseguirá. Se alguma igreja da Cristandade buscar uma visita especial para que as suas doutrinas imediatas ou particulares possam ser aplicadas e sustentadas, descobrirá que isso não lhe advirá. Mas, antes pelo contrário, essa voz que se acha entre os homens está a desintegrar essas seitas e denominações.

É como aquela videira que desintegra e gradualmente destrói os enormes templos nas ilhas das "Índias Ocidentais, " abre caminho através do granito mais sólido e em silêncio fende as rochas em dois, até que o edifício desmorona. Aquele que espera que o poder do Espírito desça sobre uma nação, dinastia ou credo individual, ou classe individual, ver-se-á desapontado, ao perceber pelos sinais dos tempos em que estão a cair e a desmoronar em cinzas. A própria Roma, a mais antiga mãe da Igreja, desvia-se das garras daquele que busca

deter poder material. Mas eis que uma outra Roma se erguerá sobre as suas cinzas -- a Roma de um novo espírito e de uma fé acesa!

A Igreja que está espalhada pela vossa terra espera sustento da parte do Estado. Mas vejam quão rapidamente está a desaparecer; e, em seu lugar uma outra Igreja, que brota do Espírito e dotada de vida e fôlego, fervor e inspiração religiosa, lhe ocupará o lugar. A última batalha da Igreja material está próxima. Essa forma particular de veneração que busca erguer o externo, enquanto esquece o espírito interior -- essa forma que Jesus repreendeu quando denunciou os Fariseus e os Saduceus -- está agora a ser repreendida pelo mesmo Espírito que aparece sobre a Terra.

A ciência em si própria é uma das chamas que está fadada a consumir esse materialismo. Essa ciência tão orgulhosa das suas realizações e tão arrogante nas suas suposições, tomou o lugar da espada, e fendeu em dois a forte fundação da veneração material que usurpa o lugar do Espírito. A ciência, por seu turno, precisa ser purgada e purificada por uma chama ainda mais profunda, que lhe mostrará que, conquanto ela tenha revelado os atributos temporais do reino de Deus, ela esqueceu aquele reino maior e espiritual, pelo qual os caminhos e as obras de Deus se manifestam. Essa verdade espiritual, esse fogo espiritual, vem hoje de uma forma estranha.

Surge por formas diversificadas, por muitas vozes e com mil línguas. Vem com indicações e sinais que denotam a presença, não apenas de uma nova ciência, mas de um novo poder, força e fervor na religião; e aqueles que não enxergam esses sinais, ou são voluntariamente cegos ou não têm perceção da atmosfera espiritual. O astrónomo, o químico, o geólogo, o homem da história, se ele não notar o que se encontra no mundo -- se ele não vir os indicadores que se acham disseminados -- deverá então sujeitar-se à acusação de ser voluntariamente cego e desmotivado, por os sinais andarem a pairar pelo ar.

"De que forma? " perguntarão vocês. "Que forma adotarão esses sinais? Que sinais serão esses, para que possamos procurá-los e discernir-lhes o significado? " Respondemos: Estão na própria sublevação da Igreja e do Estado, nas próprias dissonâncias que distraem os homens, nos próprios conflitos que se travam entre os poderes materiais, no ato de subversão das dinastias e dos tronos materiais, no fervor com que a ciência prossegue os labores, como ela acredita, que derrubarão aquilo que o passado ergueu.

Porém, ela destrói de forma imprudente, dado que crê não vir a haver ressurreição; derruba de forma cega, por acreditar que a religião se acha rodeada de formas decadentes, e que não surgirá nenhum novo império espiritual; ela derruba, pensando que com a extinção da intolerância e da superstição a religião seja extinta, e que não venham a haver mais altares sagrados e santuários da fé espiritual. Tal não é o caso. A destruição que está a ocorrer pelo mundo por formas materiais denota o alicerçar do Espírito; o conflito entre os poderes materiais denota a presença do Espírito, uma alma maior, um poder subtil

e silencioso a abrir caminho por etapas infinitesimalmente pequenas, lentas mas potentes -- indica ao homem a presença de uma força espiritual até aqui desconhecida, mas que responde de imediato às demandas do materialismo e repreende a incredulidade dos que chamam a si próprios crentes.

Referimo-nos à descoberta da prova real, da evidência potente, aos testemunhos contínuos que estão a ser obtidos da existência da natureza espiritual do homem e dos espíritos dos homens que pairam próximo à Terra. A parte da Igreja que nega essas manifestações hoje é na realidade o anticristo desta era; enquanto aqueles sábios, dentro da Igreja, que veem estes sinais e admitem a sua presença, estão a realizar um ato de regeneração na Igreja que tomará o lugar de uma mera crença formal. Há uns poucos dentro do corpo eclesiástico que, moldando os seus pontos de vista na atmosfera do pensamento moderno, e percebendo a presença desse poder e fervor de comunhão espiritual, ousam proclamar a sua crença na presença e visita das almas desencarnadas.

Este facto não induziria tanto ao escárnio se não tivesse sido imprudente e firme e inabalavelmente negado durante o último quarto de século: este fato não apelaria tanto à denúncia se não fosse um dos fundamentos primordiais da própria Igreja, e não teria induzido tanta negação se, nos lugares dessas provas e dessa evidência, fosse meramente fundada na imaginação do pensamento. Mas, em vez disso, torna-se não apenas uma forma de aspiração e crença, mas uma certeza, na qual o devoto em espírito contempla anjos auxiliares divinos, e estabelece conversa com pessoas reais; por meio do que a mente mais material pode alcançar o convencimento, e aquele que se encontra na mais abjeta posição de escravo dos seus sentidos materiais pode ver todos os sentidos persuadidos.

A Igreja não tem argumento a dar contra a ciência, quando diz: "Demonstramos terra e ar; analisamos o átomo e plantamos os nossos telescópios contra a cúpula do céu, e não encontramos Espírito nem Deus. " Mas se a partir desse ar destituído de voz, e deste mesmo elemento que o homem da ciência afirma ter analisado, surge uma força positiva, uma presença tangível, uma voz real, uma aparição viva, o seu sábio é reduzido a nada, deve parar com o seu sofisma e é obrigado a calar-se.

Se, a acompanhar isso, também surgirem garantias de uma existência espiritual distinta, garantias de uma atmosfera de vida espiritual à volta de toda a terra que não é do conhecimento da ciência, nem é analisada pelos meios de que dispõe, mas palpável, real e capaz de demonstração, então o silêncio deve ocupar o lugar do ridículo, e o homem da ciência deve fazer uma pausa antes de pronunciar sentenças sobre aquele vasto reino espiritual do qual ele ainda não sabe nada.

A religião, por outro lado, devia manifestar-se e sustentar a visão, animar e elevar a voz corroborante dos seus ministérios. A teologia, porém, não faz isso, mas toma

por certo o próprio poder que detém, e de forma ignorante rejeita esse testemunho divino da presença espiritual e do ministério angélico.

A verdadeira religião de bom grado se vale de toda forma de testemunho; pois a mente humana, que carece dessa nova evidência, não possui aquilo que constitui a principal prova daquelas revelações passadas que tanto se fundiram no fanatismo e na superstição, enquanto os homens devotos hoje se levantam como mestres da humanidade, dotados de visão espiritual, e ousadamente declaram que há presenças na atmosfera, vozes que se evidenciam ao homem, sons, mensagens espirituais que surgem na atmosfera, que indicam um novo poder e fervor, e a elevação da fé espiritual do homem.

A essa nova manifestação, a essa presença -- seja qual for o nome que vocês possam chamar-lhe -- para esse influxo espiritual, enquanto ciência e enquanto testemunho espiritual, o estudante moderno deve voltar-se se quiser provar a existência espiritual; a isso precisa o materialista submeter-se se vocês quiserem que ele negue e abjure o seu materialismo; para isso, se deve encaminhar o descrente, se vocês lhe derem amplas provas da mente separada do corpo e da manifestação do Espírito.

Esse testemunho e essa ciência manifestam-se de muitas maneiras. A literatura do último quarto de século esteve imbuída do espírito subtil da presença de anjos da guarda: novelas e romances estiveram repletos da perceção desse novo elemento no mundo material, e os vossos heróis e heroínas são resgatados do perigo iminente pela presença de espíritos auxiliares. A própria arte na pintura tomou a forma de mensageiros invisíveis que pairam sobre aqueles que estão adormecidos ou em perigo; a mãe é retratada a sonhar com o anjo da morte a levar consigo o espírito do seu filho, enquanto ela dedica uma afeiçoada vigília ao corpo que já expirou. Os seres angélicos, silenciosos e potentes, são representados como pairando sobre as nações, brandindo com o poder das suas poderosas presenças influências que controlarão o destino desses povos. As dinastias são representadas como estar sob a mão de presenças espirituais quando usurpam o lugar da tirania e do erro.

Mais uma vez, altas e poderosas presenças são representadas com hostes invisíveis a guardar os sagrados santuários da liberdade e do progresso, enquanto o homem luta cegamente no seu caminho finito. Mas isso não é tudo: o lar em si é transformada no centro das visitas angélicas; em torno do seu altar e santuário os entes queridos se reúnem, para estabelecer conversa e comunhão com seres invisíveis. A distância entre o mundo do espírito e o mundo da matéria tem sido colmatada de maneiras novas e inabituais, e por muitos métodos e formas de diálogo. As vozes dos mortos não foram silenciadas, mas na verdade são eloquentes no vosso meio. A mãe que sonhou que o seu querido filho partiu, que o amplo espaço da sepultura a separa do seu muito amado, mantém agora diálogo por formas palpáveis de comunhão.

O patriarca de cabelos grisalhos, que espera o mensageiro final para o conduzir à entrada da vida eterna, é consolado pela consciência da presença daqueles que foram antes, e o caminho para a sepultura deixou de ser um caminho tempestuoso e ameaçador pelas mãos auxiliares de anjos invisíveis que lideram o caminho adiante. O mundo tem uma visita nova e inusitada. Aqueles que são velhos são dotados de visões e sons pouco usuais; os jovens falam com vozes incomuns de eloquência; catraios têm visões e moças predizem e profetizam. Por todos os lugares existem sinais e símbolos sagrados; porquanto os doentes são reabilitados, os cegos veem, e os surdos são levados a ouvir. Correm vozes que indicam uma atmosfera viva dotada de inteligência espiritual.

O que deverá ser isso? Que resultará disso? Alguém pode duvidar? A sepultura sem voz, o espaço vazio está a ser povoado e ocupado por almas vivas. Todo aquele espaço entre o materialista e o Deus invisível, em quem ele não acredita, está a ser preenchido de vida e inteligência -- vida ativa e agressiva, que não o levará à incerteza nem à inatividade até que ele veja com os olhos do seu espírito, e contemple essas presenças vivas. Aquele espaço que separa o crente do amado da sua alma, o Cristão do ídolo do seu lar, esse amplo espaço de morte é coberto pelo novo arco-íris da crença, e o vazio existente entre a casa e o lar celestial é preenchido pelas doces vozes dos espíritos que socorrem.

Sinais dos tempos! Olhem, impérios a desmoronar em torno de vós; dinastias a desaparecer diante da vossa vista; tiranias e escravos a dispersar-se; formas eclesiásticas a abdicar -- não são nada em comparação com o funcionamento silencioso desse poder subtil, que em cada lar e cada altar e santuário constrói no lugar da morte uma forma de vida -- em vez de materialismo, uma forma de excelência espiritual. Por eles, principalmente, o coração será primeiro feito espiritual, a mente deverá ser educada, a alma consciente dos seus próprios atributos, e a grandeza divina do espírito que vocês procuram em algum signo fantástico está no vosso próprio seio, e a luta está dentro dos vossos corações e não no mundo exterior. Nas nuvens surge Deus, no ar torna-se a Sua voz aparente, a terra os Seus pés pisam sempre, e os corações dos homens estão cheios da consciência desse feitiço vivo e potente.

O materialismo pode erguer os muris, a ciência pode criar as suas formas sem vida contra a própria cúpula do céu, e no lugar da alma viva do homem pode colocar um mero sonho de matéria, de conhecimento formal e científico. Mas esta voz irá descobrir isso; este espírito irá levá-lo às suas profundezas e derrubar toda forma que não seja dotada de alma, que não esteja aliada à Divindade, toda expressão que não reconhece o espírito, todo termo que não esteja prenhe de verdade. Recordem-se da festa de Belshazar; lembrem-se de que os vasos sagrados de Jeová tinham guardavam o vinho de um povo sem Deus; lembrem-se de que os templos foram

profanados, roubando-lhes implacavelmente esses vasos; e lembre-se, também, como chegou àqueles que se estavam a banquetear um aviso, significando que um novo templo deveria ser criado.

Esse novo templo de Jeová é o homem -- o seu corpo e espírito, os vasos, os pagãos ímpios que encerra são o materialismo, o fanatismo, a contenda e a disputa. Vós próprios sois os vasos de Jeová cheios do vinho desta contenda, desse materialismo. Este é o templo que precisa ser purgado e purificado, e o seu santuário e altar não mais alvo de profanação por parte presenças ímpias e injustas; este templo do homem, a estrutura do seu corpo físico, feito para adornar, embelezar e aperfeiçoar a alma em que o espírito derramou o novo vinho da verdade -- a verdade perfeita permanente, o fervor da alma, o fogo da excelência viva.

Seja como for o caminho que vocês o possam negar; por qualquer forma que o mundo possa zombar e desprezar; seja por que meio for que vocês possam procurar evitar os sinais dessa presença, eis que a escrita está na parede, as paredes cedem e desmoronam, as hostes do materialismo, do despotismo e fanatismo esvoaçam diante desta presença avançada, e "Mene tekel upharsin**" é escrito nos templos decadentes do materialismo e fanatismo.

*NT: As palavras que Belshazar vira gravadas numa visão, que foram interpretadas por Daniel, foram adicionadas ao sonho de um homem semelhante a José do Egito, o anúncio do contrário do que augurava; o fim, o erro e a divisão.
**NT: Mene, mene, tekel upharsin, passagem em aramaico que se supõe significar - Foste contado, pesado e achado em falta e dividido será o teu reino.

A NATUREZA DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO
OS DONS ESPIRITUAIS

TRANSMITIDO PELA MEDIUNIDADE
DA
SRA. CORA LV RICHMOND
1884

AO LEITOR

Os Quinze Discursos que compõem este trabalho foram transmitidos pela ordem aqui apresentada, em São Francisco, durante a primavera e o verão de 1883, e são publicados com o consentimento e aprovação dos seus autores.

Para aqueles que não estão familiarizados com o controlo espiritual, poderá ser de algum interesse saber que a Sra. Richmond em todas as suas palestras públicas se

encontra em transe ou num estado inconsciente, e o espírito influente usa a voz e controla todos os movimentos do corpo com facilidade e graça. Todo discurso é precedido por uma oração apropriada e, geralmente, no final, um controlador poeta compõe um poema de improviso sobre um assunto selecionado pelo público.

Estas páginas contêm um poder e um mérito intrínseco que constitui o seu próprio elogio, e que as suscita. O profundo interesse e atenção com que estes discursos foram recebidos pelo povo de São Francisco parecem-me ser uma indicação animadora dos sentimentos que serão despertados no público por todo o mundo, que também os ouvirá por meio da arte do fonógrafo e da imprensa.

Qualquer que seja o matiz ou o estado da sua mente, leitor atento e qualquer que seja o conhecimento que tenha e a interpretação que faça da vida humana, estou confiante de que encontrará aqui muita matéria a que o seu eu interior reagirá, muitas perguntas angustiantes respondidas, muito para alívio na grande hora da tristeza, muito para consolo e elevação do desencorajamento e severidade da peregrinação terrena, a suscitar a sublimidade da sua natureza e a confrontar a sua admiração, e muito para silencio do orgulho e dos pensamentos não caridosos; ao longo de todas essas páginas você não poderá deixar de notar uma grande e suplicante voz de carinho que o conduziria calma e inteligentemente, certamente para cima, para a consciência de uma vida espiritual duradoura e exaltada.

O repórter

VIDA ESPIRITUAL

O espiritualista eliminou literalmente o Reino do Céu - as suas paredes de latão, as suas ruas pavimentadas a ouro, os seus portões de pérola, o seu trono de alabastro - e declara ao teólogo que esses são termos simbólicos e não literais, e de modo nenhum expressam o reino espiritual. O Espiritualista eliminou o reino literal do fogo do inferno, com o seu lago de enxofre, o Geena literal, e substitui-o em vez disso por um estado ou condição da mente que ele declara ser o verdadeiro inferno. Se isso tiver sido realizado à luz da doutrina espiritual, não existirá ainda tanto perigo do Espiritualista se transviar para um céu literal ou um inferno literal quanto o teólogo, a quem ele criticou com a sua doutrina inicial? Se o reino do espírito for um reino de vida orgânica, então ele deverá estar sujeito ao calor e ao frio, à influência dos raios do sol, à lei da gravidade, e a tudo o que afeta as substâncias da Terra e dos planetas. Se for se achar situado, será mais material, se possível, do que o Reino dos Céus que o teólogo retratou.

Quando um homem se chega a vós numa condição desprezível de miséria, vocês não verão a miséria nas suas roupas, a menos que se trate da miséria da pobreza

que não pode permitir roupas melhores. Você nem sempre a vê retratada no seu semblante, mas quando lhe penetra no pensamento, quando ele se lhes confidencia ele diz: "Eu estou num inferno. " De que inferno se tratará? É um estado de infelicidade o qual, se ele amanhã entrasse na vida espiritual, provavelmente o acompanharia e constituiria o seu estado na existência espiritual.

Se um homem vem até vós cercado pelas más condições da vida terrena, com a simples subsistência na qual o corpo se pode alimentar dia a dia, e ainda assim ele lhes disser: " Eu sou perfeitamente feliz, eu estou num céu, " certamente não atribuirão isso ao seu ambiente físico, nem julgarão que faça parte da sua estrutura orgânica física. Se ele passar para a vida espiritual amanhã, ele levará esse céu com ele e constituirá o reino da vida em que ele aí viverá.

O espiritualista é propenso a apresentar o mundo espiritual de modo que pareça real à humanidade confundir a substância e a vida material, a vida orgânica e literal, com a realidade. De longe, a porção maior e a única parte da vossa vida real hoje, neste instante, não se traduz pelo ambiente, nem por esta assembleia, nem pela vossa roupa, nem pelos assentos que vocês ocupam, nem pelos corpos que são visíveis aos demais, mas pelo pensamento que se acha encerrado nos vossos corações e espíritos, que compõem o mundo ou a entidade que vocês habitam; e vocês contemplam estas cenas circunvizinhas, não apenas com referência à sua existência, mas com respeito à compreensão que têm delas.

O homem de visão estreita e ideias tacanhas, que a presenta défice de pensamento e cultura, e uma combinação de cor e tamanho, vê tudo por invertido por essa falta de compreensão; enquanto aquele que possui clareza de ideias vê o mundo da matéria com respeito à conceção que tem e não com respeito ao próprio mundo material.

A existência do homem sobre a terra é uma existência ideal; é o resultado do pensamento que o precede. O homem é mais do que um composto químico, que come, bebe, dorme e se reproduz, e que depois desaparece. Aquilo que constitui a humanidade sobre a terra é a amplo reino ideal que embeleza o que toca, molda a matéria por formas adaptadas ao seu ideal, treina os elementos que se acham em torno do homem, e os conduz à sujeição do seu pensamento e razão, criando assim um reino de existência sobrenatural ou real interior, em meio a este mundo material.

Foram feitos diversos discursos que ilustram o facto de a matéria não ser contínua na sua organização, e de que não pode se pode confiar nela pela aparência que apresenta aos sentidos; que tanto se pode tornar invisível como visível, sem a ação ou a ajuda da lei material, e de que se vocês fundamentarem a existência na esfera da vida material interior, a existência do homem deverá decrescer até à esfera estreita que é ocupada pelo átomo, em vez do reino infinito que é ocupado

pela alma. Não vejo razão alguma para que os Espiritualistas devam tornar os padrões da vida materiais. Não conheço razão nenhuma pela qual o Espiritualista deva limitar-se a esse culto da matéria que constitui expressão orgânica, em vez do reino do espírito que constitui a fonte da vida.

É bastante bom que o Materialista, que depreende que não exista um reino do espírito, se esforce por explicar todos os fenómenos da vida humana pelos padrões da chamada ciência material. Mas é certamente um trabalho de supererrogação (excesso) o Espiritualista que acredita num padrão espiritual de existência, que compreende que o espírito é a origem da vida, e que, a haver alguma existência além da vida material, deva saber que essa existência é superior à vida material e, por conseguinte, não depende dela - dizemos que é supérfluo ele tomar esses padrões de existência como materiais em vez de espirituais.

A grande premissa, pois, subjacente a tudo isto, assenta no seguinte: deverá algo ser material para ser real? E nós respondemos enfaticamente e em termos conclusivos e para sempre, não! A realidade não é a materialidade. A ser assim, não existiria nada real na vida; não haveria nada na aspiração; não haverá nada em parte nenhuma da vida humana nem da história. Se a matéria for a única realidade, então aquilo que não é pensamento, que não é criação, que não é lei, nem vida, nem inteligência, deverá ser a única coisa duradoura e real no universo. Para ser real, uma coisa deve estar relacionada e formar parte daquilo que é eterno. Para ser real, qualquer coisa tem que existir com referência à origem do ser. Para ser real, deve apresentar indestrutibilidade, e isso não se aplica a forma, combinação ou lei nenhuma da existência material.

A própria palavra "substância, " que se aplica àquilo de que a terra é feita, e que é um termo usado para expressar uma condição inferior, é aquilo que se encontra por baixo, aquilo que é menor do que aquilo que se encontra acima e além; para que algo seja real, não deve ser substância, mas deve ser o superior, a fonte, o superior, aquilo que está além, aquilo que está acima, aquilo que é mais íntimo na vida material.

Quando vocês se encontram, por conseguinte, na vida espiritual separados do corpo orgânico, vocês encontram-se no mesmo reino da realidade que vocês ocupam agora nos vossos pensamentos, sentimentos, afetos, aspirações, esperanças, profecias e tudo o que constitui o homem e a mulher real aqui abaixo. Quando vocês se encontram na vida espiritual separados do manto de barro que os circunda e que forma o instrumento imperfeito de uma expressão humana, os poderes do espírito são libertados para a expressão no seu reino natural. Tal como o pássaro é para o ar, como o peixe é para a água, assim abre o espírito caminho pelo reino do espírito.

Vocês não vão para a vida espiritual quando estão mortos; vocês não partem para nenhum domínio distante. A vossa vida espiritual torna-se então o centro da vossa

ação consciente, tal como a vida física é aparentemente o centro da vossa ação consciente aqui, e vocês afastam-se ou são afastados das limitações do tempo para a condição ilimitada de existência espiritual.

Isso terá precisamente ocorrido esta manhã; vocês apressaram-se na vossa consciência corporal para chegar aqui a tempo, mas uma vez aqui, ocuparam-se do pensamento relacionado com a palestra, e não têm consciência do lapso de tempo, por o pensamento não tomar conhecimento do tempo a menos que esteja associado aos sentidos e a alguma condição do vosso estado corporal. Agora, os vossos amigos do espírito - que se encontram tanto aqui quanto vocês - que não dependem do tempo e do sentido físico, mas apenas da condição espiritual de atração e adaptação, encontram aqui, porque serem atraídos aqui - não se encontram limitados pelos impedimentos físicos do corpo a fim de vir aqui, e não têm que experimentar a pressa e a fadiga, e toda a paciência que vocês expõem ao vir aqui corporalmente, porque, se o vosso desejo impregnasse o corpo tão completamente quanto o seu desejo governa o espírito, então vocês estariam aqui quando pensassem em estar aqui.

Alguém disse em resposta, ou numa tentativa de responder, à posição que adotamos sobre este assunto: "Sabemos que isto é uma flor, porém, não é um pensamento. "Perdão, a quem quer que tenha dito isso. Como poderia saber que é uma flor sem o pensamento?

Se você pensa e, portanto, sabe tratar-se de uma flor, você saberá que um pensamento deve ter estado na origem, mesmo que não tenha sido o seu pensamento. Por você não a ter criado, não há evidência de que o pensamento não tenha estado por trás da sua criação, pois que se supõe que ninguém, no universo da vida humana, possa ter sido a origem de todos os pensamentos no universo. Há aqui um relógio; se vocês entrarem nesta sala e não houver meios pelos quais possa dizer quem é o criador desse relógio, de certeza que vocês ainda saberão que ele foi feito por alguém e que alguém terá tido conhecimento do tempo; que ele terá adaptado a sua construção às leis e movimentos conhecidos da Terra sobre o seu eixo e ao redor do sol.

Ora bem, empregamos a mesma solução em relação à inteligência do universo que vocês empregam para expressar objetos materiais ao vosso redor. Ao desenterrarem uma cidade tão antiga, ninguém diz: "Isso foi o resultado da lei; ninguém jamais criou isto. " Dizem: "Eu vejo aqui evidências da vida humana, " e presume que os seres humanos tenham ocupado essa antiga cidade, e julga, pelas leis que regem a vida humana, pelo pensamento que se manifesta, a inteligência e propósito que aí se lhe apresente.

Na textura do universo existe geometria, forma, existe a lei da matemática, existe a lei da unidade, há tudo quanto indica inteligência; e embora ninguém jamais tenha visto o pensamento humano ou a inteligência Divina, sabemos que ele está

presente, e que o pensamento criou tudo no universo. Se não, plantem uma pedra e vejam se nascerá algum lírio. Nunca! Nem conseguireis vós, por qualquer processo, transformá-la num lírio, exceto pelo pensamento original ou germe que provoca o efeito, isto é, o lírio que vocês veem. Na vida espiritual vocês encontram-se um grau mais próximos do pensamento; vocês encontram-se um passo mais perto da origem das coisas.

Hoje na vida humana verifica-se uma invenção; talvez uma máquina elétrica, talvez um motor a vapor ou uma nova potência de motor. Se vocês estivessem na vida espiritual cem anos atrás, ou cinquenta, ou vinte e cinco anos atrás, essa ideia do motor a vapor seria mais uma realidade do que o é hoje sobre a terra, por se achar mais próximo da fonte da invenção.

Todos os segredos das forças mecânicas, tudo o que é menos que mente, é mais facilmente descoberto na vida do espírito, já que o homem não depende da experiência, dos sentidos físicos, mas da perceção destinada à descoberta dos princípios que regem o universo material. Vocês encontram-se, pois, posicionados na vida espiritual com referência a si próprios, em vez do mundo objetivo que os rodeia, e aquilo que vocês chamam de objetivo enquanto se encontram na vida terrena, torna-se lá subjetivo. É por isso que os espíritos conseguem superar a lei da gravidade. É por isso que eles conseguem mover as substâncias, aparentemente através das paredes materiais; o material da terra é, para eles, subjetivo.

Mas aquilo que não é suscetível, aquilo que não é superado, e aquilo que nunca pode ser conquistado, salvo pelos poderes espirituais adequados, são as façanhas e as imperfeições de cada ser humano. Esses são os obstáculos do crescimento espiritual, de modo que aquilo que lhe parece subjetivo aqui - o pensamento, a emoção, o ódio, o amor - torna-se objetivo na vida espiritual; e é por isso que dizemos que o homem em espírito se vê rodeado de si próprio e da sua própria criação. Parece bastante claro, e no entanto, os Espiritualistas precisam dos fragmentos da similaridade material para pensar que a vida espiritual é uma realidade. Parece suficientemente claro que vocês habitam o reino dos seus próprios afetos e atributos.

Mesmo aqui as casas em que vocês habitam, e as terras que vocês cobiçam, não fazem parte da sua existência real; e, quando removidos da condição orgânica que os liga à vida material, por que não entrar no reino que torna essa vida uma realidade, em vez de arrastar atrás de vós a aparência de vida? Aqui em baixo, um homem que viagem até aos trópicos não leva consigo as peles que ele leva quando viaja para o Polo Norte. Se o fizer, ele descobrirá que são um estorvo; e aquele que está viajando para os polos não leva consigo as roupas leves que usa nos trópicos.

Assim, já podem conceber uma existência em que nem o frio nem o calor prevaleça, em que não haja necessidade das vestes orgânico da terra. Por que não cercar-se daquilo que constitui a realidade da existência em que vocês entram?
Por que não considerar que a substância do pensamento é muito mais real na vida espiritual do que na forma material que vocês podem conceber, ainda que se tratasse do derradeiro átomo?

Há quem diga: " Não é existência espiritual, mas matéria refinada. "

Por que deverá ser matéria refinada, se lhes dissemos que o padrão da realidade na vida espiritual não é material, mas espiritual? E desde que, se fosse matéria refinada, não seria mais útil a vós do que a névoa que gradualmente se eleva em torno da montanha e desaparece qual vapor, e ao entrar num reino em que tudo é realidade, não formaria parte dessa existência. Então, por que deverão o espírito e a vida espiritual ser refinados?

Mas se há casas, paisagens, paisagens, imagens, estátuas e templos, eles não deverão ser materiais? Por que deveriam ser materiais, uma vez que seriam menos tangíveis ao espírito do que o pensamento de que eles realmente são compostos? Não conseguirão entender que, na relação que o espírito tem com a matéria, aquilo que e material é menos tangível ao espírito, na sua existência espiritual, do que o espírito é para em relação ao homem na sua existência material?

Se vocês tivessem tecidos materiais na vida espiritual, vocês não os perceberiam de maneira alguma. Por que levar o embaraço das vestes das condições materiais quando o espírito não pode usá-las? E se o pensamento lá estiver presente -- o que que constitui a única expressão na vida material, e que é tangível e real para o espírito -- de onde surgirá a necessidade do material cujas formas vocês consideram devem ser feitas?

Todo o erro está em que, quando os espíritos se relacionam com os mortais e os ensinam a respeito da sua condição, ser preciso usar ilustrações que se ajustem à vossa compreensão. Assim com usais os blocos sobre os quais as letras impressas são colocadas para construir palavras para a criança ler - de que esses blocos não fazem parte, e que ela não pode levar com ela para o livro impresso nem para os clássicos - assim também, na linguagem divina do espírito e nas conceções da existência espiritual, ainda precisam existir os blocos de madeira sobre os quais o alfabeto da vida material é impresso.

Que valor, para o homem de saber, sentado no seu escritório, terão os blocos sobre os quais a criança aprende a ler, por lhe apelar à mente literal? Assim, na vida espiritual, quando vocês deixam de depender dos sentidos físicos para definir as vossas normas, vocês conseguem entender que a realidade difere da materialidade,

tal como o pensamento, o sentimento, a aspiração e a afeição diferem da roupa que vocês envergam, que é destituída de sentidos e de vida. Nesse reino real do espírito, todos os estados e condições são representados como verdadeiros em relação a si próprios; a imagem exata representada da sua condição mental é encontrada nisso, já que o processo lento do tempo e da mudança material não são necessários à sua expressão.

Sabemos de um exemplo de um espírito que recentemente partiu, como vocês o designam, para a vida espiritual; isto é, que recentemente descartou as condições materiais e tomou consciência do estado espiritual, que foi assaltado por um sentimento de dúvida do espírito sobre se a mudança chamada morte realmente havia acontecido. Com esse sentimento de dúvida, toda a forma espiritual se viu impregnada de sombra e o espírito ficou surpreendido. Assim que a dúvida foi afastada pela perceção de que a mudança chamada morte realmente havia acontecido, e ele reconheceu os amigos espirituais ao redor, toda a sua forma espiritual que se tornou radiante e translúcida. Assim, todo pensamento é instantaneamente representado ou expresso na forma espiritual.

Quão diferente é isto do corpo material. É verdade que os vossos amigos queridos conseguem ler na vossa sua expressão cambiante que aqui adotam a tristeza ou a alegria que lhes enche o coração; e é verdade que longos anos de vício e de crime deixarão as suas marcas indeléveis na expressão humana. Mas não é menos verdade que os anos podem passar, e o rosto pode ser uma máscara por trás da qual o motivo sórdido e o pensamento egoísta se ocultem, e só lentamente façam uma incursão na forma física.

Porém, no espírito não é assim; os objetos que são o resultado do vosso estado envolvem-nos instantaneamente e formam a expressão das vossas ideias, e vocês são impregnados com a luz ou sombra que tiverem na vossa mente. Todo pensamento encontra instantaneamente expressão de tal forma ou de tal maneira que mais for necessária à tipificação da vossa condição e ao encontro daqueles a quem vocês desejam encontrar. Na vida do espírito, os pensamentos são simplesmente retratados ao vosso redor arredores na exata medida da perfeição ou imperfeição, e o reino que vocês habitam, pois, ainda deve ser qualificado como o reino das vossas próprias ideias.

Se vocês estiverem a pensar em qualquer amigo, ou desejarem ir ao encontro de algum amigo, esse pensamento tomará a forma que melhor se lhe adaptar para ir ao encontro dele. Se for uma língua que eles possam entender, tomará a forma de palavras. Se eles estiverem na vida terrena, a língua corresponderá às palavras que eles estão acostumados a ouvir. Se eles exigirem uma expressão simbólica, então o pensamento adotará a forma do símbolo que eles melhor entenderem. Como nos dias da antiguidade o símbolo da paz era representado por uma pomba, assim em todos os registos antigos vocês leem sobre o símbolo da pomba que foi vista a sair da Arca a voar, e o símbolo da pomba que desceu do céu, que é o símbolo da

expressão exata do que pode representar um pensamento espiritual ou angélico. Muitos clarividentes ou médiuns veem ao vosso redor símbolos que são transmitidos em resultado de mensagens espirituais; flores a envolvê-los, símbolos de pombas, ou de pássaros, ou de arco-íris, ou de estrelas, tudo quanto é a expressão do pensamento que que os vossos amigos espirituais desejam que chegue até vós.

Quando vocês falam de flores que são trazidas do mundo espiritual - ora, se o reino do pensamento é um jardim de flores, e a própria alma é a fonte dessa vida que é simbolizada pelas flores. Quando vocês falam de estrelas que são trazidas do Céu como uma expressão de brilho espiritual, todo espírito é uma estrela que brilha na escuridão do tempo, que os alcança pelo símbolo que melhor lhes expressará o pensamento e a condição da vida espiritual. E quando vocês ouvem falar de habitações e casas de campo acomodadas na floresta silenciosa, e de riachos que correm pelos vales, e de colinas cobertas de verdura, vocês não devem pensar que por isso elas sejam tão imóveis e imutáveis quanto as colinas que o homem tem escalado há eras aqui.

Mas são os pensamentos variáveis do espírito que lhes dá expressão; e aquele que 8for artista, retracta aos seus amigos o reino da sua existência em cenas de encanto e beleza transcendentes de que a terra não tem protótipo; vistas que se dissolvem, que revelam as aspirações em mudança constante da alma, e imagens que se desvanecem e se fundem na grande harmonia da existência - visão, som, sensação, tudo misturado na perceção divina da alma; e quando vocês nos dizem que isso não é uma realidade, eu vou até junto da alma do meu amigo que me fez essas representações, e digo: "Transforma de novo a imagem viva que eu vi; " e aí está a imagem diante de mim igualmente bonito, e igualmente sincero como sempre.

O motor a vapor, que uma colisão demolirá e que, em todas as suas partes, pode ser totalmente destruído, é muito diferente do motor na mente do inventor ou construtor que criou um sobre o qual modelam uma nova sombra material; e se vocês dependessem para todos os instrumentos da invenção humana dos modelos feitos de argila ou substância material, vocês não teriam qualquer ciência mecânica de um dia para o outro, pois o menor acidente material destruir-lhes-ia o modelo.

Mas a alma do inventor, felizmente, não pode ser destruída pela colisão nem pela decadência terrena; e no mundo dos espíritos, onde todo o seu génio encontra uma representação perfeita, os seus modelos são revelados com tal perfeição que o mecanismo entorpecido da terra pareceria apenas um carrinho de mão desajeitado comparado com a carruagem de fogo do sol.

Não falem de realidade quando vinte e cinco, cinquenta anos não bastaram para trazer à perfeita expressão na vida material a ideia do motor a vapor, que é perfeita no espírito. Não falem de padrões materiais, quando Edison e os seus

coadjutores estão a sondar - através dos sentidos, a possibilidade de dar expressão àquela luz perfeita da eletricidade que, há um século, resplandece no reino do espírito como uma chama transcendente. Não falem dos grandes poderes da mente humana imersos nos sentidos, quando mesmo agora no reino da invenção espiritual, um novo poder de motorização está a aguardar os vossos cérebros de retardatário - o grande motor do futuro, que deverá reduzir a zero a eletricidade e o vapor, e levá-los ao encontro cara a cara com o grande motora dos séculos - os raios do sol, que como o grande coração do infinito, pulsa através de todos os planetas e mundos, e os mantem nos seus lugares.

Mas o homem, por enquanto, não conseguiu captar a inspiração da sua luz. Terramotos, foram movidos por eles, planetas giraram nos seus lugares pela lei da luz e do calor solares; contudo, o homem diz que os sentidos exteriores são os padrões da vida, enquanto esse grande pulsar vivo bate há eras, e os espíritos estão à espera que nasça o homem, que possua inteligência suficiente para receber essa invenção.

Certamente vocês estão a aproximar-se mais da vida real, e na sucessão de discursos que se seguirão, vamos envidar esforços para lhes retratar aqueles estados e condições de vida do espírito que deverão cada vez mais expressar em pleno a realidade daquilo que não é material.

ESTADOS ESPIRITUAIS
QUE FAZEM FRONTEIRA COM O ESTADO MATERIAL

No nosso último discurso, tentamos mostrar que a realidade da existência espiritual não depende da sua materialidade e que a maior dimensão da vida não é, de longe, material, mas é real na sua espiritualidade divina.

Nesta ocasião faremos o possível por mostrar alguns daqueles estados que beiram a existência material, não porque sejam materiais, mas por causa das condições dos espíritos que supõem que a materialidade seja necessária à vida. É indubitavelmente verdade, contudo, que nenhum ser humano, por mais que se tenham degradado as suas condições na vida mortal, passa para a vida espiritual sem dar um passo à frente. Não queremos com isto dizer que deem um passo à frente daqueles que se encontram numa condição mais elevada, pura e espiritual, mas que individualmente, a mudança é um passo em frente, e eles são levados mais perto da origem de coisas, e a sua própria condição real quase se lhes revela.

É dito por muitos - e isso sem dúvida tem origem na velha ideia teológica - que a terra é assombrada por demónios em vez de anjos, e que o demónio do terror anda por aí para os iludir com a tentação. Também no Espiritualismo há um bicho-papão - os espíritos maus; e o discurso desta manhã abeirar-se-á daquelas condições que são chamadas de mal e dos seus protótipos na vida espiritual, e da influência ou

capacidade que tem de influenciar os mortais. Todos na vida humana ocupam uma posição que o seu desenvolvimento espiritual garantirá; queremos com isso dizer, espiritualmente. Cada um de vocês individualmente não é governado ou influenciado pelo vosso entorno, exceto na medida das vossas fraquezas (suscetibilidade). Essas fraquezas fazem com que vocês sejam sujeitos ao que é chamado tentações.

Agora, os espíritos da vida espiritual passam para lá com o seu desenvolvimento ou a sua ignorância espiritual, mas o facto de passarem para a vida espiritual não lhes confere maior poder, nem mais controlo sobre os outros; nem faz deles uma força positiva sobre a vida humana. Conforme lhes explicamos, que o espírito é uma realidade na vida espiritual, explicamos hoje que a força primordial e o elemento positivo da vida espiritual devem ser aqueles que são mais espirituais; como a Verdade, a Bondade, a Pureza, são as expressões mais elevadas da condição espiritual do homem, também deve existir mais poder na bondade, na verdade e na pureza no mundo onde esses elementos constituírem a força primordial e positiva.

Deixem que expliquemos: Não há vitalidade na atmosfera onde os raios do sol não conseguem penetrar; não há átomo, provavelmente, que componha todas as estruturas orgânicas da Terra que não tenha sido, em algum momento, vitalizado pelos raios do sol. E é por causa dessa grande potência motora do sistema solar que o vosso planeta está capacitado a desenvolver as suas estruturas orgânicas e a sua vitalidade. A vida, a vitalidade da existência espiritual reside na bondade; o negativo da luz no estado terrestre é a escuridão; o negativo da bondade no estado espiritual é o mal ou a ignorância.

Agora, como é absolutamente impossível que a sombra que se esconde no canto de lá saia e encha esta sala, mas é bem possível que a luz penetre a sombra e a dilua, também no poder do espírito o bem é a luz da existência seguinte, e somente aqueles que se encontram na escuridão da ignorância podem encontrar-se na terra das sombras; e como a sombra é negativa, e não positiva, não pode usurpar nem prejudicar a luz nem a bondade. Uma sombra acrescentada a outra sombra pode aumentar a escuridão, mas não pode haver poder que supere a luz; até mesmo o mais simples raio de luz que penetre a cela mais escura da masmorra, alcançará o canto mais remoto e acelerará o pequeno grão de semente. Vocês terão, porventura, muitas vezes visto uma raiz em algum canto remoto do porão implorar para crescer se houver um raio de luz que penetre a escuridão; mas a sombra não pode perfurar a luz.

"Espíritos malignos, " como você os chamam, são, pois, as sombras do outro mundo; eles não conseguem escurecer-lhes o sol; eles não podem invadir o vosso caminho; mas entrando em contacto com a sua luz, a vossa bondade pode iluminar-lhes as trevas; mas eles não podem ofuscar a vossa bondade com a sua escuridão.

A grande maldição primordial do homem é - primeiro: o medo da morte, a seguir, o medo do mal. O medo em si é um vício tão grande e uma sombra tão profunda quanto se pode possuir; por o medo lhes provar não apenas a dúvida quanto à vossa própria condição moral, mas a desconfiança no amor infinito e a probidade moral de Deus. Portanto, como "o amor perfeito expulsa todo o medo, " também a bondade perfeita deve expulsar todo o medo daquilo que pode vir da sombra do mal.

Mas como os estados humanos são perfeitos, e como nenhum deles é absolutamente bom, nenhum deles é totalmente maligno. Mas aquilo para que mais desejamos chamar a vossa atenção é - primeiro: que enquanto na vida humana o degradado e o ignorante, e o criminoso só se lhes revelam a vós, ou vocês só lhes percebem o lado sombrio, ainda assim nenhum desses, em quem não haja algum raio de luz do lado positivo da existência - do lado espiritual; e quando a morte vem libertá-los, ou quando a mudança chamada morte intercepta a sua existência humana, e eles são colocados face a face com a realidade da sua própria condição, eles não se veem, pois, cheios de poder, mas de fraqueza.

Já alguma vez viram um homem confrontado com o seu crime, a fugir à consciência da deteção com medo e a encolher-se? Já alguma vez viram em meio à verdade como a mentira se trai a si própria e se esforça por fugir da luz da pacífica embora ainda assim clara, da natureza vencedora da verdade? Tal é a condição da ignorância e do crime. Na vida espiritual, emparedado na própria condição, pode-se não ter consciência de que o nosso estado seja um estado de negação, devido a que, para o indivíduo a realidade do próprio estado se torne mais e mais evidente, e cada vez mais aterrador. Tais devem ter sido os estados de escuridão que Dante deve ter visto quando olhou para o purgatório; essa condição que se encontra no íntimo dos indivíduos em que eles carregam consigo a sua atmosfera de escuridão, e conscientes da sua própria condição, como poderiam eles ser poderoso para fazer mal aos outros?

Se vocês entrarem numa névoa ou neblina, com a intenção de conduzirem um navio até ao mar, vocês muito provavelmente serão vítimas da vossa própria intenção, especialmente se o navio tiver uma luz que esteja muito acima de vós, e não puder apenas ver o seu próprio curso, mas o vosso também.

O homem de más intenções é como um navio pirata ao invés de um navio mercante, e ao passar para a vida espiritual, ele carrega consigo as névoas e sombras do seu próprio estado, e haveria de atacar às cegas se atacasse com a intenção de ferir os outros.

É uma lei singular da existência espiritual que o centro de atração para toda a força espiritual esteja no indivíduo, e que, como o indivíduo é esperto, ou belo, ou bom, toda a força espiritual que se parecer com esse estado será atraída para o indivíduo. Se vocês emitirem orações, elas retornarão de volta como bênçãos; se vocês emitirem bons pensamentos, eles retornarão a vós e cercá-los-ão de belas imagens; e se vocês emitirem sombras, elas os envolverão nas sombras, por vocês se cercarem dos vossos próprios pensamentos e conceções. Se fosse possível esse espírito roubar, pensar em assassinato, vingança, ou qualquer condição que se assemelhe a esses estados, essa mesma lei de que falamos enviaria esse pensamento de volta a ele próprio, e redobraria as sombras ao redor dele, até que pelo peso esmagador da sua própria condição o espírito se esforçasse por o superar.

Outro pensamento que desejamos transmitir é que, por mais distinta que a vida individual possa parecer, e por mais real que seja, a condição pode depender do estado interior dele próprio. Os espíritos são todos governados por uma lei: como a natureza é governada pela luz, assim também o reino do espírito é governado pelo poder superior da bondade.

Embora a luz possa suscitar da poça lodosa da terra a vida correspondente a essa poça, ainda assim a vida não tem o poder de deixar a sua própria condição lodosa e de voar na direção da luz do sol; somente formas elevadas de seres que possuem asas conseguem voar em direção ao sol. E assim é com a luz do mundo espiritual; pode penetrar nas condições que ilustram a ignorância e as trevas, e até mesmo apressar-se para a existência, com o propósito de abandonar esse estado, todos esses atributos adormecidos. Mas eles não podem, tal como o girino na piscina lodosa, extinguir a luz do sol ou impedir que o seu brilho penetre na atmosfera. Aqueles que voam em direção ao sol, como a águia, têm grandes aspirações; ou como a borboleta, devem ser erguidos da condição do pó e ser capazes de se alimentar do orvalho das flores em vez do barro.

Portanto, mais uma vez diríamos, não permaneçam na morada do medo com respeito ao mal que pode visitá-los do outro mundo. Nenhum espírito jamais se aproxima de qualquer médium a fim de revelar a sua condição, que não faz se aproxime com permissão. Na verdade, ninguém, exceto aqueles que sirvam para ilustrar os vários elos e condições que lhes apontam para a vida espiritual; e quanto ao dano, cada indivíduo contém em si pensamentos e sentimentos muito mais prejudiciais do que o mundo espiritual combinado poderia jamais infligir-lhes, se desejasse fazer-lhes mal.

Os reinos de luz devem ser mais potentes do que os reinos das trevas, e ao longo das várias eras da existência espiritual esse poder positivo desce, e alcançam, mobilizam, governam e guiam, mesmo inconscientemente, aqueles que entraram

no reino da existência espiritual. Enquanto vós, aqui no estado mortal, parcialmente governados pelo espírito, em parte pela natureza sensual que os rodeia, têm pervertido a ordem positiva da existência, considerando que a matéria seja o centro de toda a força, e que tudo no universo deve curvar-se às suas leis.

Nós pensamos que, apesar dessa condição imperfeita, e não obstante vocês perverterem a ordem do universo, que a força espiritual positiva do universo não é apenas espírito, mas bondade; e que, se isso não fosse verdade, haveria harmonia sublime no sentido de propiciar as boas graças de sua Majestade Satânica, como a maioria dos orientais fazem, ou muitos inconscientemente, reservando-lhe um lugar maior nas suas vidas, nos seus pensamentos e devoções do que ao Amor e à Divindade acima e ao seu redor.

Portanto, não venerem com base no medo, essa imagem sombria dos espíritos malignos, mas recebam filosoficamente o que lhe dá uma explicação e uma pista de todos os estados espirituais; já que os espíritos desencarnados, qualquer que seja a ideia da condição em que se encontrem aqui, ainda têm a verdade dessa luz positiva.

Mas muitos dizem: "Tivemos conhecimento de espíritos que vieram e que praguejaram. "

Talvez vocês não pudessem reconhecê-los a menos que eles fizessem isso; pois aqueles que passaram da terra com um juramento na boca poderá não ser reconhecido se vier com orações e salmos. Talvez vocês tenham ouvido que o General Andrew Jackson dificilmente usava uma frase sem a ornamentar com uma praga e a um clérigo que lhe pediu explicações quanto a isso, ele explicou dizendo: "Meu querido senhor, aquele que ora sem querer dizer nada, e aquele que jura sem querer nada, encontram-se praticamente no mesmo nível. " Uma praga nem sempre é indicação de profanação, nem uma oração sinal necessário de santidade. Muitos espíritos abrilhantam a sua condição de vida terrena; como, por exemplo, um marinheiro, ou alguém acostumado a uma linguagem grosseira, reaparecendo dessa forma ou aspeto.

Mas vocês dizem: "Às vezes eles ameaçam. " A ameaça não é levada a cabo; é ilustrativo do estado pelo qual vocês podem reconhecer a condição espiritual em que se encontrava quando passou da Terra, mas nunca tivemos conhecimento de nenhuma ameaça ou de qualquer violência que tenha sido levada a efeito, nem de nenhum prejuízo que tenha sido causado a qualquer médium. Ou a qualquer indivíduo a ele ligado; e isso, considerando as diversas condições humanas que cercam o médium, é um facto notável.

Mas, dirão vocês de novo: “Mas muitas vezes os nossos círculos foram desconcertados, e foram escritas falsidades; a mesa deu-as por batidas. " Isso pode ser verdade, mas também é uma lei pela qual algumas condições na vida mortal podem afetar essas comunicações. Nem todos os participantes e médiuns são perfeitos, e mesmo que os espíritos lhes digam algo que não seja verdade, isso não significa necessariamente que eles pretendam dizer-lhes mentiras.

Vocês fazem uma pergunta a uma dúzia de indivíduos semelhantes àquela que as pessoas estão acostumadas a fazer aos espíritos (presumindo que todos os espíritos saibam tudo), e essas dúzias de pessoas responder-lhes-á de várias maneiras diferentes, e vocês não pensam necessariamente eles lhes tenham dito uma falsidade se eles estiverem equivocados.

Os espíritos estão limitados à própria inteligência que têm na resposta que dão às vossas perguntas. Se vocês forem até o vosso pai e disserem: "Pai, serei bem-sucedido neste negócio?" Ele dirá: "Bem, meu filho, eu não sei, mas eu penso isto e aquilo. " Ora, essa ideia pode não ser falsa, por ser a expressão da sua convicção, enquanto ele está sujeito ao engano. Vocês frequentemente conhecem pessoas na vossa vida quotidiana que lhes dirão positivamente que este ou aquele será o resultado do vosso empreendimento, tão positiva é a convicção que têm disso, mas que estão enganados.

Os espíritos são passíveis de se enganar, mas podem ser honestos nos erros que cometem. Mas não os qualifica para serem rotulados de falsários. Se espíritos acostumados a dizer inverdades passam para a vida espiritual e retornam de novo, provavelmente a mesma ideia ou a mesma condição será expressa com o propósito de os familiarizar para o facto de eles levarem a sua própria condição consigo. Mas tais espíritos não são passíveis de serem vossos guias, e só lhes é permitido que venham e ilustrem a condição em que eles próprios se encontram.

Talvez vocês também possam ser uma fonte de benefício para eles; pelo contacto que eles estabelecem com os estados terrestres que estão acima deles, espiritualmente, eles rompem a cadeia de escuridão e debatem-se rumo à luz. Não conhecemos um único Espiritualista que não tenha passado por essa experiência. Algum espírito desafortunado terá vindo até ele, e revelado, porventura, astúcia ou proferido palavrões, ou dado sinal de degradação de todo tipo, e finalmente agradecido ao Espiritualista por permitir que ele tivesse vido, uma vez que o ajudou.

Certamente não há nada a temer nisso, porquanto se vocês forem verdadeiros, nenhum falso do espírito poderá afetá-los; e se vocês forem suficientemente sábios para não se deixar guiar nos assuntos materiais por aqueles que se encontram nos estados espirituais que não são apontados como vossos guias, vocês evitarão muitas das dificuldades em que os Espiritualistas mergulham; pois que, assim que o conhecimento da vida espiritual chega de imediato ao homem, em

vez de o buscar para o desenvolvimento e benefício espiritual, a pergunta quase universal que é feita é: "Como podemos utilizar isso para enriquecermos? " e o resultado quase universal do fracasso em consegui-lo, prova o triunfo das condições espirituais sobre as mortais.

Pois se vocês pudessem invocar o espírito do mundo para fazer o vosso trabalho por vós, ou para os ajudar naqueles empreendimentos que bordam, pelo menos, o prejuízo dos vossos companheiros, a qualidade espiritual da vossa associação com o mundo espiritual seria tal que vocês não poderiam confiar naquilo que viesse a vós nessas circunstâncias. Busquem o conhecimento da parte espiritual, e a sabedoria e o amor virão a vós nessa proporção; mas busquem isso por formas materiais, e isso ainda deverá fazer fronteira com a terra das sombras, pois as transações comerciais da terra ainda não são feitas em estrita conformidade com a Regra de Ouro, e até que sejam, vocês não podem invocar a vossa mãe santificada para os ajudar a enganar os vossos vizinhos. (3)

Este é, pois, o reino que muitos temem e que ainda assim não tem potência alguma na vida espiritual; a sombra que tantos receiam, mas que é impotente, é apenas potente, agressiva e poderosa neste mundo; o medo, o pavor e a imoralidade que se escondem nas vossas próprias naturezas é tornado positivo pela relação que têm com a vida material, e aquilo que se encontra dentro de vós deve ser o vosso maior inimigo; não aquilo que se situa fora de vós. Para conquistarem este mal precisam conquistar o orgulho, o egoísmo e as tendências; e para superarem isso, é preciso que superem tudo quanto torna obscura a vida deles, dentro de vós próprios. Não há inimigo algum a enfrentar além dessa condição e, no reino do espírito há liberdade, amor e alegria para aqueles que venceram não apenas o estado do medo, mas também o estado do egoísmo.

Nós dissemos este tanto a respeito dos estados espirituais próximos à Terra, por percebemos a tendência para uma espécie de dogma que tende a impingir-se na natureza moral do homem. Não há positividade alguma nisso; na conquista do mal, o pensamento espiritual gira à volta da bondade de Deus e da pureza da alma do homem, e do poder da bondade. Sem isso vocês estão na perplexidade. Por isso, advertimo-los contra o estabelecimento de qualquer imagem de veneração ou de receio entre vós e a clara e pura luz de afeição das suas próprias almas.

Uma criança pequena que passou do vosso lar para o mundo dos espíritos possui uma maior potência de lhes influenciar as vidas do que todos os demónios que tenham passado da Terra. Um amigo, esposa, marido, irmã, mãe ou pai santificado, a quem os laços de afeição ainda os prendam pelo pensamento e sentimento, tem mais força e influência de um tipo positivo para governar as vossas vidas do que

todos os demónios do Hades; pois que pela lei do amor, o interesse positivo que sentem por vós supera as sombras e elas não podem entrar ou aproximar-se.

Assim como no meio da violência, tivemos conhecimento de uma criança que aplacou a tempestade da paixão humana, também em meio às vossas sombras, tristezas e preocupações terrenas, a presença dessas doces crianças confere um halo de luz ao vosso redor. Amar aqueles que são vossos guardiães, invocar aqueles que são vossos conselheiros e amigos na vida espiritual, é, no sentido finito aquilo que o infinito representa em relação ao universo inteiro -- uma luz, um brilho e um esplendor, manifesto de cantos e louvores imortais. Ninguém precisa ter medo de passar pelas trevas do mundo se estiver protegido com essas luzes de proteção; ninguém que confie nos poderes do alto precisa recear que eles os abandonem. Apenas aqueles que têm a confiança comprometida, apenas os medrosos, somente aqueles que estão nas sombras das trevas, é que o infortúnio alcança nesse sentido.

A alma íntegra confia em todo o Amor do Universo, e o afeto espiritual confia na afeição que se situa justamente além, ciente na sua luz, orientação, sabedoria e poder de que todas as necessidades espirituais serão assistidas e todos os corações inspirados. Mas para isso você pode muito bem voltar um ouvido atento ao clamor do teólogo, que diz: "Ora, existem milhões de espíritos malignos à solta sobre a humanidade, e a atrair os homens para baixo para a escuridão. " Peço desculpa, Sr. Teólogo; existem milhares de milhões de espíritos bons igualmente à solta, e o poder do bem, eu sei, é maior do que o poder do mal, e o homem pode confiar nele.

Aqui estais vós, todos reunidos nesta sala. Vocês não têm medo uns dos outros; a lei da humanidade e as comodidades da vida unem-nos numa única sociedade, sem o auxílio da mão forte da lei. Não fazem intenção de praticar a violência uns contra os outros. A vida média da vida humana é mais elevada do que o nível do crime e, assim, quando os espíritos entram na vida espiritual, a média situa-se muito acima do nível da sombra, em vez de abaixo, e portanto o poder do bem é infinitamente maior que o poder do mal; mesmo aqueles que passaram da vida terrena em condições más, têm estado gradualmente a melhorar, e gradualmente a aproximar-se mais da luz, enquanto que aqueles que passaram da vida na Terra em condições de bondade, terão agora certamente atingiu um estado que é quase santo no seu esplendor e brilho.

Assim, enquanto o bem é perene, os males estão a diminuir em todos os sítios, e a terra está gradualmente a ser elevada por aquela luz forte dos reinos do espírito que penetra a escuridão aqui, assim como a escuridão do outro mundo.

O estado individual é mais uma questão a ser considerada e a lastimar do que o poder agregado do mal; por o indivíduo criminoso, o indivíduo pecador, aqueles

indivíduos que estão na escuridão, e especialmente o indivíduo egoísta, resultarem em muita infelicidade. O Geena reside dentro, e como isso não pode ser corrigido imediatamente, por não ser poderoso, assim deve ter lugar dentro como um fogo que consome, uma chama insaciável, que não pode extinguir-se até que tenha queimado a escória do coração. Por esse estado ter tudo quanto merece compaixão, e a simpatia e piedade daqueles que superaram isso. Mas certamente vocês não podem recear - o pobre bêbado embriagado nas ruas, é tão potente para os prejudicar quanto um espírito intoxicado pelas más ações e egoísmo que tenha cometido na terra. Vocês tanto podem dar-lhes atenção como desprezá-los, mas não os temem.

O afeto Divino da vida espiritual e da existência angélica olha para a terra das sombras dos criminosos abjetos e do egoísmo abjeto da mesma maneira. O filantropo encara a vítima dos apetites terrenos com divina compaixão, ou como o Mestre encarava aqueles que foram condenados e censurados pelos homens - "Nem eu te condeno; vai, e não peques mais. " O que teria ele a temer da sua condição? Como poderiam os publicanos e os pecadores prejudicar Aquele que tinha uma mensagem de vida a dar, eles que se encontravam nas sombras da morte?

Assim, vós que tendes uma mensagem de vida, transmitam esta mensagem ao homem, à mulher, à criança ou ao espírito, mas não temais que a sua sombra venha e os engolfe; pois a voz que está dentro de vós e a verdade que vocês expressam, se for sincera, é tão potente e poderosa que não só pode conquistar a morte, mas engolir o Hades, o Geenna e todas as qualidades do poço do abismo, e brilhar sobre aqueles que estão emparedados nas sombras da sua própria criação, como a luz deixada entrar por uma mão carinhosa pode iluminar o calabouço e libertar o cativo.

O DOM DA CURA

DR. BENJAMIN BUSH

A NATUREZA DA CURA E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MEDICINA
O EFEITO CONTRAPRODUCENTE DE CENTRALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS
A RAZÃO DO DESCRÉDITO CRESCENTE EM RELAÇÃO À MEDICINA DO SERVIÇO DE SAÚDE

NT: Este trabalho pretende corroborar a visão de quantos se esforçam por demonstrar como a centralização das decisões em medicina se tornou num instrumento político às mãos de promotores que erigem um gigantesco movimento no conceito público ao asseverar às cegas aquilo que nem sequer passa pela pesquisa

científica mas diz mais respeito à pseudo ciência, aqui exposto pela boca de um veterano do século dezoito.

"A outro, pelo mesmo espírito, é dado o dom da cura. "
Coríntios 12: 9

Se o vosso presente orador -- aquele que controla esta manhã -- não é dotado do mesmo dom de eloquência de alguns que se dirigem a vós, vocês, pelo menos, dar-lhe-ão o crédito de um estudo sincero na área da cura; e o da experiência de mais de um século em ambos os mundos, algo de um conhecimento a respeito.

Inquestionavelmente, a ciência da Matéria Médica não conseguiu desenvolver-se na proporção do pensamento humano; pois que desde os dias de um Esculápio que sem dúvida as teorias da medicina mudaram lentamente, e passo a passo essas porções da ciência humana como as que têm sido incorporadas na medicina, têm surgido pela força, e não pelo esclarecimento das escolas de medicina.

Em terapia, constitui indubitavelmente uma melhoria; mas é mais o resultado do que surgiu, não nas escolas habituais da prática, mas por intermédio do que é denominado "charlatanismo" na antiga. O "charlatão" é, sem dúvida, o profeta no mundo da medicina. "Sem ele nunca haveria progresso; e ainda assim as escolas da prática habitual estão tão atrasadas em relação ao estado atual de cura no mundo, que mais de três quartos da humanidade desconfiam totalmente do praticante normal:

De uma adesão severa e estrita às regras mais ortodoxas da escola Alopática, ao dom da cura divina, foi, o vosso presente orador convertido. Aquando na Terra foi o mais rigoroso ritualismo em Matéria Medica; agora é o anúncio de que não há senão uma escola futura de cura; ou seja, a do espírito. A cura espiritual há de tomar o lugar de todo o resto. A natureza fornece uma panaceia para toda doença, na proporção em que os males da humanidade forem puramente físicos, remédios físicos; e na proporção em que forem espirituais, em vez de físicos, fornecerá remédios espirituais.

As escolas de prática, no entanto, diferem de forma tão essencial que não vale a pena discutir as suas proposições, exceto descobrir que, em não menos de um século, o que era mais venenoso transformou-se em cura; o que era injurioso tornou-se aceitável e o que era aceitável danoso. Ele que tenta regular o seu próprio organismo ou hábitos pelas escolas de medicina deviam ser obrigados a tomar um dia o que os médicos declararam ser venenosa, e num momento a rejeitá-lo por completo.

Com base numa longa experiência, descobri que a maioria dos males da vida humana, fisicamente, podem ser atribuída à condição mental ou espiritual do indivíduo. Talvez alguns de vocês possam ter ouvido falar da propagação da cólera na Filadélfia, há quase um século atrás, onde foi manifestamente descoberto pelo vosso locutor que as mentes das pessoas tinham mais que ver com a disseminação da epidemia do que com a contiguidade física dos germes do próprio distúrbio; que se removermos o receio da contaminação isolando, separando, restaurando a confiança ou afastando pessoas do contacto psicológico, essa doença pode ser estancada quase instantaneamente. Eu não tive conhecimento desse poder psicológico, como tal, por essa designação, mas descobri que o medo na mente do indivíduo tinha muito a ver com a adoção da doença.

A cólera é uma doença negativa; e, embora sem dúvida existam germes que são comunicados de um sistema a outro, ou pelos alimentos, ou pela atmosfera, a cólera não é uma doença contagiosa no sentido em que a varíola o é, e outras doenças que são comunicados por animálculos. Se os germes de cólera se encontrarem na água ou na comida, ou em algo que partilhem com outros, vocês sem dúvida absorverão esses germes, mas o contacto físico de uma pessoa com outra, independentemente do poder psicológica, não fará com que a doença seja comunicada; mas é verdade que se espalha mais rapidamente do que qualquer outra doença.

A cura bíblica que aqui citei como dizendo respeito a um dos dons espirituais, sempre se supôs como inteiramente separada da ciência da medicina; e assim é, já que a ciência se debate no escuro por causas que ela só pode descobrir sondando às cegas os efeitos no sistema humano. Agora estamos perfeitamente bem informados de que a mesma doença raramente produz os mesmos efeitos em duas pessoas distintas de temperamento diferente, e que doenças totalmente diferentes podem produzir sintomas semelhantes e, por conseguinte, que esses sintomas não são nem mesmo indícios das fontes de doença no homem.

Por outro lado, a cura espiritual ou psicológica chega à origem da dificuldade sem questionar os sintomas -- e encontra logo as causas, em vez dos efeitos da doença. A diferença entre a ciência da medicina e a perceção ou intuição de um verdadeiro curador, é a mesma diferença que existe entre o corpo e o espírito, ou entre um mero conhecimento técnico e aquela mesma alma ou essência do conhecimento no mundo.

Portanto, embora eu não possa desacreditar nenhum conhecimento anatómico ou fisiológico que leve a humanidade aos factos concernentes à sua estrutura física, eu ainda acredito que até que o departamento psicológico do homem se ache incluído na ciência da medicina, só se poderá verificar uma pequena cura geral bem-sucedida.

Não duvido que, se os médicos da Terra neste instante desaparecessem por completo, e a humanidade fosse deixada entregue às leis da natureza ou aos seus próprios dispositivos, em dez anos se verificaria uma menor quantidade de doença do que presentemente. Não duvido que os erros da medicina tenham muitas vezes causado mais doença do que a inexistência de remédios teria produzido; e digo-o não por uma questão de preconceito, mas de longo e cuidadoso estudo.

Os remédios que centenas têm pretendem sejam específicos só podem ser aplicados por alguém que tenha certos conhecimentos em relação a uma doença, e sobre a natureza ou temperamento daquele a quem o remédio deve ser aplicado. É loucura tratar uma criança como se você fosse um homem adulto, ou um temperamento muito delicado como tratariam um organismo feito de ferro e aço.

É loucura ter um regime que sujeite de uma só vez a mulher nervosa e o homem de forte compleição física à mesma ordem de tratamento; e somente o médico cuidadoso, que após anos de prática rejeite quase todos os seus remédios violentos, pode ser considerado um terapeuta consistente e cuidadoso. O jovem estudante, o recém-formado, está ansioso por aplicar toda a terapêutica e os princípios que encontra nos tratados sobre a Matéria Médica.

O que não sucede com o médico experiente; que ministra cuidadosamente uns quantos remédios, e acima de tudo, tem um cuidado atento e paternal com os seus pacientes. Aqueles que praticaram durante vinte, trinta ou quarenta anos carregam muito poucos remédios, e ministram menos ao sistema dos seus pacientes; enquanto lhes dedicam um aconselhamento cuidadoso, procurem a indisposição principal que possa ser a causa da doença, e dessa maneira provavelmente curam mais do que a medicina alguma vez sonhou.

Com base numa longa experiência, descobri que os remédios que eu próprio preparava e transmitia pessoalmente aos pacientes, invariavelmente produziam resultados benéficos, enquanto os remédios confiados a outros e transmitidos por terceiros frequentemente fracassavam. Isso levou à observação da influência psicológica da presença pessoal; e se o verdadeiro médico ou verdadeiro terapeuta, ocupar a posição que a sociedade lhe confia, deve ser igualmente um conselheiro, um consultor, um amigo. Não duvido que chegará o tempo em que o mestre espiritual também será o curador, uma vez que espírito e corpo não mais serão separados; e dado que na antiguidade, quando Cristo e os seus apóstolos realizavam os milagres de cura, conforme eram denominados, isso era o resultado do espírito e do corpo combinados na arte da cura.

Separada como a ciência da medicina se acha hoje em dia de tudo o que pertence à natureza espiritual do homem, e tão firmemente como as escolas de medicina se voltaram para o materialismo, que chocaria não apenas a natureza sensível, não apenas a religiosa, mas qualquer mente sincera e cuidadosa testemunhar o

ceticismo em que as diferentes escolas da Matéria Medica se baseiam, mais especialmente o departamento clínico e a ala de dissecação, e onde há um livre acesso ao corpo físico do homem. Que a ciência não consiga descobrir a fonte da mentalidade do homem quando o corpo se encontra morto, e não possa rastrear o espírito quando o espírito não se acha mais presente, é para eles o tipo de evidência deplorável (que tais mentes invariavelmente procuram) de que o homem não possui um espírito. Como se, quando o corpo não for mais necessário, o espírito permanecesse ao alcance da faca de dissecação ou da zombaria; como se o fracasso em descobrir aquilo que, como o incenso da flor, se evade para longe, já que a flor não se acha mais lá, provasse que o homem não possuísse qualquer espírito.

Se esse é o tipo de raciocínio, quão mal equipado está o graduado de tal escola para curar os corpos de homens e mulheres vivos. Não é o exterior que o Grande Terapeuta está a tentar atingir, que a ciência real da medicina deseja tocar, mas as nascentes da vida que têm as suas fontes secretas no reino do espírito. O nervo que revitaliza a mão pode ser paralisado pela tristeza, pela dúvida ou pelo medo, e nenhum remédio da Matéria Médica lhe poderá chegar.

Por isso cabe-lhes, caso considerem este discurso menos científico do que espiritual, lembrar-se de que o acesso que o orador tem às fontes espirituais do sofrimento é a causa da sua transformação da área mais exterior da ciência humana para o mais amplo e maior domínio da cura espiritual. Como o ar puro do céu, o brilho do sol e as águas da saúde contêm os elementos essenciais da vitalidade para a estrutura do homem; como a comida que ele partilha deve-lhe ser recomendada de acordo com a necessidade que tem de sustentar o corpo, assim também a menos que o corpo esteja na condição correta, facultada pela mente e pelo espírito para receber alimento, nenhum poder de cura ou de nutrição lhe poderá ser transmitido.

A título de ilustração, eu conheci uma pessoa que se encontrava num estado de profunda tristeza para não poder ingerir qualquer alimento, e se a comida fosse ingerida, não haveria assimilação dela por parte do sistema humano. Em tais circunstâncias, é inútil forçar o alimento num sistema que naturalmente o rejeita. A razão dessa falta de assimilação deve-se a que todas as forças do corpo, até mesmo os sucos gástricos, se transformem em mágoa pela presença do pesar, e vocês bem que podem percorrer os areais da costa marítima e tentar forçar a maré a recuar quando ela estiver alta, como forçam o sistema nessa maré baixa do pesar a receber alimento ou remédio; tampouco poderá qualquer estímulo aplicado ao corpo afetar a fonte da dificuldade.

O que deverá, pois, o médico fazer? Ministrar um opiáceo, um anestésico, um tônico? De maneira nenhuma; isso produz apenas uma maré baixa

correspondente; e o grande desenvolvimento das doenças nervosas no século XIX é devido a esse erro dos médicos de tentarem alcançar um resultado imediato, independentemente da eventual condição do paciente. Todos os efeitos dos estimulantes, seja nos brometos ou nos cloros ou em quaisquer outros compostos declarados como remédios inofensivos, devem ter apenas a intenção de um resultado superficial.

Agora, a verdadeira fonte de cura está em alcançar a mente do indivíduo; e eu afirmo que ninguém tem o direito de se autodenominar médico, a menos que seja capaz de fazer isso. Se ele puder conseguir descobrir encontrar a fonte do pesar, aplicar o bálsamo da cura ao espírito, o corpo responderá e clamará por comida, clamará por alimento e pedirá forças. Mas tentar forçar aquilo que o espírito não reivindica ou requer é simplesmente uma barreira, em vez de um agente estimulante e um agente de saúde.

Eu atribuo à atual escola de ciência médica o desenvolvimento do prazer que a recente geração demonstra pelos estimulantes, a reivindicação da necessidade de estimulantes, que é tão predominante no mundo.

Acuso todos os que administram anestésicos, (mesmo que são designados como inofensivos), exceto em casos extremos de operação cirúrgica, de adulterarem a maré de saúde e bem-estar humanos; e quanto mais um efeito corretivo imediato for reivindicado, mais eu os acuso de brincarem com o sistema humano. O cloral, todos os tipos de brometos e especialmente aquelas aplicações hipodérmicas maléficas da morfina são a ruína do atual sistema da Matéria Médica. Com práticas dessas, as mulheres são deixadas em estado nervoso e desamparado ou dependentes desses estimulantes "leves, " como são chamados.

Com práticas dessas, toda a família humana está sujeita a um sistema de tratamento à qual, se não se submeter, será levada de imediato aos tribunais de justiça, e se a consciência do indivíduo não permitir que esta escola de medicina lhes seja aplicada, são declarados fora-da-lei. O homem não tem o direito a morrer de acordo com os ditames da sua própria consciência. Mas as escolas de medicina e as leis de alguns dos Estados proíbem isso; ele deve morrer de acordo com as regras da Ordem dos Médicos. Eu afirmo que cada passo que foi dado fora do antigo regime da escola Alopática é um passo na redenção humana.

Afirmo que o sistema homeopático, que na aplicação que tem não é apenas menos rigoroso, mas mais fiel à natureza, é um passo na direção certa; que a hidropatia (NT: Tratamento da doença pela água) e as suas diversas aplicações, embora por vezes excessivamente heroicas e outras vezes muito severas, ainda é um passo também na direção certa. Afirmo que os métodos dietéticos adotados de modo variado, embora muitas vezes possam parecer frívolos em relação ao sistema humano, são menos perigosos do que a aplicação direta de venenos minerais; ou

melhor, são úteis. Eu afirmo ainda que quanto menos vocês tiverem de substâncias estranhas na forma de remédios ou alimentos introduzidos no sistema, exceto quando o sistema exigir esses alimentos, mais saudável e vitalizador vocês acharão o processo de cura da natureza.

Ar puro, água doce e uma resposta às demandas reais do paciente, por mais absurdo que possam parecer, são o único sistema correto de cura. Quero dizer com isso que, no antigo regime, a febre de um paciente seria reprimida por meio de medicamentos, geralmente venenos minerais como o mercúrio, e o sistema enfraquecido por catarses violentas e pela ausência real de ar fresco, água pura ou qualquer coisa que o paciente ansiasse. Por outras palavras, se estiverem com febre, precisarão ser punido com uma febre adicional, como alguns dos sistemas morais predominantes no mundo destinados ao tratamento de desordens morais. É claro que não penso, no sentido usual do termo, que fosse mais irracional enforcar um homem por contrair ter varíola do que por ser assassino; mas parece que tenhamos sido acostumados a supor que aquele que se encontra doente precise de cura, e o método usual de tratamento seja certamente um flagelo em vez de um processo de cura.

Eu afirmo que o verdadeiro médico observa o paciente, estuda os seus sintomas, e mesmo em casos de doenças causadas por malária e epidemia, ele não cede à pressão e ao clamor do alarme popular, nem se submete na sua própria consciência para acalmar os medos dos outros.

Todo indivíduo deve ser tratado de acordo com o seu temperamento peculiar; e acredito igualmente - e isso a resultante de um longo estudo na aplicação da arte da cura - que não há dificuldade em superar a disseminação de epidemias; e acho que a mais vasta proporção assente no contágio do medo - aquele terrível veneno mental que teologicamente esteve quase a encalhar o mundo, e que também encalhou os homens fisicamente. Através do medo da morte, os homens tornam-se covardes e, por medo da doença perdem o equilíbrio mental, e toda força do sistema se transforma num estado negativo.

A vontade calma e salutar, a mente que não teme e não se aflige com medo, é um requisito essencial para resistir às doenças. Quando se alegava, na antiguidade, que alguém entraria numa fornalha ardente e não seria consumido pela chama, era um exemplo da extrema aplicação da força espiritual sobre a física, mostrando o que a mente poderia realizar resistindo - à doença. E aquele que for um médico hábil e decidido na sua missão, raramente contrairá uma doença tóxica ou maligna; o contágio não poderá alcançá-lo; ele é destemido demais, forte demais na sua influência predominante e excessiva.

O mesmo elemento aplicado a vós eliminaria não apenas as doenças gerais, mas a malária efetiva e o contágio que paira pela atmosfera. Considero que a

disseminação de doenças, como a difteria e outras doenças reconhecidas como de natureza animálculo ou malárica, são muitas vezes o resultado do medo e de uma condição negativa no sistema individual que torna essa pessoa suscetível à doença; um poder simpático ou psicológico que atrairá aquilo que vocês temem.

Normalmente, se já tiverem percebido, numa grande fatalidade, uma pessoa geralmente morre daquela doença que ele mais teme. O inimigo está à espera dele; ele é o sujeito adequado. Se o medo tiver lugar na sua mente, ela poderá atacá-lo. Tal como um forte olhar magnético pode conquistar a besta enfurecida até que ela se deite aos seus pés, enquanto o medroso que foge será seguido pelo animal enfurecido, assim também a doença está à espreita daquele que a teme. Mas aquele que tem uma vontade forte e é destemido contra ela, não pode haver contágio para ele. Ele pode andar como alguém totalmente armado e empunhar armadura no meio da doença mais mortal se a mente e o corpo forem corretos.

Todo sistema humano tem um conjunto duplo de nervos, e não apenas os nervos, mas todos os átomos do corpo físico são polarizados com uma força positiva quer no sentido das doenças ou, se forem negativos, chamar-lhe-ei despolarizados. O sistema físico deve estar todo o tempo exatamente polarizado com relação às leis da saúde - à luz, à atmosfera, às forças magnéticas do sistema, e pronto para responder à advertência do momento à força de vontade do indivíduo.

Se os vossos pés se recusarem a andar, vocês sabem que há uma desordem nos nervos ou no sistema muscular; se a vossa mão se recusar a fazer o que lhe mandam, vocês pode ter a certeza de que ela está despolarizada em algum sentido; mas assim que a força de vontade assumir instantaneamente o seu domínio, ou as forças vitalizadoras forem postas nos seus devidos lugares, o corpo responde às suas funções naturais e obedece à vontade.

A fonte, pois, da cura - em última análise, estará na perceção do médico das fontes da doença. É por isso que os clarividentes têm sido tão bem sucedidos em chegar e examinar os casos que lhes surgiram. Eles penetram além da superfície e descobrem as causas reais do sofrimento humano. Mas frequentemente a aplicação do remédio é falha, devido a que, embora o clarividente possa perceber a doença corretamente, pode não haver poder correspondente de aplicação de medicamentos ou magnetismo; enquanto muitas pessoas que são curadoras muito talentosas podem não ter qualquer poder de clarividência, poder esse que está reservado ao espírito que os controla, e o médium ou curandeiro não estar ciente da natureza da doença que está a ser tratada.

Na esfera da vida espiritual à qual o vosso orador pertence - a esfera da cura - existe um poder e influência que é irradiada não apenas para os curandeiros individuais da Terra, mas para um grande número de pessoas. Sempre que um

espírito entra na vida espiritual cuja enfermidade física foi tal que a mente tenha sido continuamente oprimida por ela, ou para o referir mais corretamente, quando um espírito entra na vida espiritual cujo corpo foi vítima da sua desordem mental, esse espírito recebe na esfera da cura o primeiro passo para a recuperação, sendo libertado ou ver atenuada a ideia de possuir uma doença. Há aqueles que têm tendência para acalentarem as suas enfermidades se o resultado for penoso, compassivo, afável ou ternurento. Não me admiro, já que não há afeto suficiente no mundo a menos que seja confrontado pelo sofrimento.

Mas eu oro para que vocês apliquem o vosso afeto por formas que promovam a saúde. Não acalentem as vossas doenças, pois isso significa que se tornam um objeto central da comiseração e talvez da condenação dos outros. Deixem que os vossos males tomem a forma - não de sofrimento, nem de incapacidade física, nem de desordem mental - mas de afastamento de vós; e deixem que a vida, a saúde e a força sejam o vosso único desafio para a admiração e o amor dos vossos amigos. Não reivindiquem afeto por estarem fracos, mas procurem reivindicá-lo por serem fortes. Não o reivindiquem porque estarem aflitos, mas tentem reivindicá-lo por estarem felizes e alegres.

Mas quando a aflição os afetar; quando as doenças os afetarem; quando o sofrimento inevitavelmente lhes suceder, tentem superá-lo o retorno em vez de o encorajar; tentem afastá-lo e triunfar sobre ele, em vez de o acolherem com pena, e de se preocuparem com a dificuldade. Sei que isso soa duro e grave, mas não é tão duro quanto a faca do cirurgião, nem tão severo quanto os remédios que qualquer médico lhes aplicará se os consultarem.

Acreditem na palavra de bondade daquele que estuda todas as fraquezas humanas e com elas entra em simpatia; que entende que deve haver tristeza e sofrimento proporcionais à ignorância humana; e que por fim, com a experiência, aprenderemos e triunfaremos sobre a dor, e o maior terapeuta há de ser descoberto em vós próprios. Só lhes é concedida ajuda, quais crianças de fraldas, até aprenderem a andar sozinhos e terem permissão para procurar os outros em busca de alimento e vestuário até que vocês consigam sustentar-se.

Tempo virá em que à aproximação da mais ligeira desordem ou incapacidade física vocês convoquem o médico que têm de dentro de vós próprios - aquele poder da vontade salutar, forte, que deve conquistar e reparar o mal que têm dentro de vós e curar a doença.

Certifiquem-se de que vocês não sejam deixados sem ajuda; existem milhares de curandeiros por todo o mundo hoje em dia, e pudessem vocês ver o número daqueles que aquele que a vós se dirige neste momento do tempo está a influenciar, e a exercer controlo como o operador telegráfico faz com os múltiplos

fios ao mesmo tempo, vocês acreditariam no que eu lhes digo quando digo que o grande poder de cura do mundo dos espíritos está atualmente a ser derramado sobre a humanidade, não apenas para os curar das vossas enfermidades, mas também para curar a necessidade de enfermidade. E pudessem vocês tão só perceber os muitos mensageiros de asas esplendorosas, aqueles que pairam ao vosso redor e sobre vós, a assistir-lhes como fez a Banda de Cura dos Anjos de outrora através de Jesus e dos seus apóstolos - aquela saúde que ele transmitiu, aquela força vitalizadora que brotava do espírito, pois ele não era forte de músculos, mas apenas em espírito - vocês entenderiam que o poder de cura trazido ao mundo de hoje, se adequadamente correspondido da vossa parte, seria suficiente para sanar toda a enfermidade das nações. Mas, por não ser assim, precisamos esperar, trabalhar, ensinar e labutar com paciência.

Aproxima-se rapidamente o tempo em que, em vez do médico, você convocarão o esse agente de cura; depois disso, em vez do curador, você convocará o vosso próprio espírito guardião que, na quietude dos vossos aposentos, lhes fará saber com respeito à enfermidade e ao seu remédio, e vós próprios estareis à altura da vitória.

Mas quando alguém é fraco e precisa ser auxiliado, é da força mental e espiritual que vocês mais necessitam. Exorto-os a isso, porque, por experiência prática, vocês podem prontamente descobrir o quanto a mente tem a ver com a condição física; como vocês podem acalentar as vossas dores e cismar no vosso sofrimento até que eles sejam multiplicados. Eu tive conhecimento de famílias inteiras que foram eliminadas pelo que é denominado tuberculose, uma suposta doença hereditária, quando era perpetuada pelo forte poder mental que a mãe gerava sobre os filhos, e um após o outro caiam vítima da doença mente assim como da física. Eu conheci outros casos, em que alguns membros da família foram separados dos outros e separados da influência psicológica, em que a doença não surgiu, ou se isso sucedeu, foi prontamente conquistado pelo poder da força da vontade.

Não há doença, meus caros amigos, a que o corpo humano esteja sujeito, que não seja recetiva ao poder de cura do espírito. Não existe, em verdade, nenhuma operação cirúrgica que não tenha lugar no domínio do poder espiritual, seja para superar a necessidade dela, seja para realizar a operação. Mas quando uma nação reza pela restauração da vida de um presidente, e confia essa vida ao processo de sondagem de vários médicos cegos que não conhecem, numa área de alguns centímetros, a localização do projétil, não é provável que a oração venha a ser eficaz.

Se vocês rezarem pelo dom da cura, peçam que desça da fonte da cura; se vocês confiarem na ciência, terminem com as vossas orações, por ser naquele que corta e retalha que vocês confiam, não naquele que cura. Se vocês estiverem para receber

cura espiritual, quando os vossos filhos estiverem doente ou vós próprios, não corram para a primeira farmácia ou fármaco ou médico que encontrarem, mas confiem no poder em que vocês acreditam. Vocês não podem orar com o espírito e ao mesmo tempo violentar essa oração com o vosso corpo. Dois sistemas de prática diametralmente opostos um ao outro nunca podem curar o mundo.

Eu acuso os Espiritualistas de serem falsos para as suas profissões, quando, acreditando no dom da cura, eles permitem que o medo os influencie a correr para o médico mais próximo, enquanto têm o agente de cura à sua mão. Eu imputo-lhes o encorajamento das leis opressivas que estão agora em voga, mesmo no vosso próprio Estado, com referência ao tipo correto de cura, quando vocês contratam um médico em quem vocês não acreditam, meramente através da nefasta influência do medo. Curem-se desse medo, e terão a cura nas vossas próprias mãos; curem-se dessa dependência dos fanáticos, e encontrarão a cura mesmo ao vosso lado.

Em última análise não existe panaceia alguma nos medicamentos minerais para nenhuma das doenças orgânica do organismo humano. Todas as partículas de droga construída a partir dos minerais são venenosas para a estrutura humana. Vocês não comem barro; vocês não permitem que a sujeira da terra os nutra e dê vitalidade; não existe qualquer vitalidade orgânica em qualquer medicamento mineral. Os medicamentos vegetais podem ser usados pontualmente, mas mesmo esses são de tal natureza que devem ser aplicados sob a instrução cuidadosa e vigilante do curador espiritual.

Mas principalmente, apenas e, fundamentalmente, não há maior poder na cura do que aquele que se encontra na faixa humana; e a vontade humana que, quando benigna, empresta o seu poder de uma forma alegre e animada à ala de enfermagem, é o mais importante agente vivificante e gerador de saúde que a humanidade pode possuir. A mão que a mãe tem sobre o filho, a preocupação da esposa com o marido, a hábil enfermeira que por todo o mundo acompanha o melhor médico, é a certificação da verdade do que digo.

Enquanto os milagres efetuados em todas as épocas, e os dons de cura que surgiram até mesmo por meio do embotamento e da esterilidade da teologia, provam-lhes que a fonte de cura e força deve situar-se dentro, e que vocês precisam voltar-se para esse manancial onde residem todos os agentes de vida antes que o agente da cura possa vir a vós.

Ó, procurem a fonte cristalina! Libertem-se da servidão do medo, e a criança que têm em vós poderá afastar a dor torturante pelo toque terno da mão delicada. Muitas vezes tivemos nós conhecimento de casos em que a criança mais frágil foi instrumento da cura mais maravilhosa. Antes que esta médium atingisse os doze

anos de idade, ela foi escolhida entre outras da sua idade para curar os enfermos pela imposição das mãos. Nenhum conhecimento superficial da sua parte era necessário, nenhum treinamento externo. Mesmo operações cirúrgicas de tipos delicados podem ser preparadas com sucesso e realizadas por aqueles dotados do dom do espírito.

Encorajem esses dons; não os afastem das vossas portas pelos medos superficiais ou alguma adesão insignificante aos costumes. Que as escolas de medicina se vão com as antigas escolas de teologia que lhes fazem companhia. Que a vossa teologia, que engole no seu Geena as almas de criancinhas, se vá com o vosso sistema de medicina que também lhes destrói os corpos. Elas estão todas associadas à dispensação de Moisés; ditam: "Olho por olho e dente por dente. "

Mas o verdadeiro curador está junto de vós, anunciado nos alvores da manhã e, eventualmente, em toda as vossas vidas vocês aplicarão a cura do espírito.

"A MENTE HUMANA"

DISCURSO IMPROVISADO PELOS GUIAS DA SRA. CORA LV RICHMOND, ANTE A SOCIEDADE FILOSÓFICA DE CHICAGO, A 6 DE MARÇO DE 1886

Observações introdutórias da parte do ilustre Presidente, Sidney Thomas:

"Fui convocado para este momento, antes de apresentar a palestrante da noite, a fim de anunciar o tema. Estou certo de não o ter dado a conhecer a mais ninguém. Antes de mais, se eu me decidi quanto a um tema, certamente foi desde que cheguei aqui à sala esta noite. Esta Sociedade debateu durante o recente curso vários assuntos e agora que estamos prestes a ser abordados por um alegado espírito do outro mundo, ocorreu-me que seria sensato a Sociedade Filosófica pôr o distinto orador à prova no sentido de obter alguma informação sobre questões que não estão ao alcance dos mortais, porém, ao selecionar esta questão, vi imediatamente que seria muito fácil assegurar um tema que permitisse que o espírito paire nas suas asas diante de nós durante uns quarenta e cinco minutos de conferência sobre coisas de que não nada sabemos, e com respeito às quais dificilmente poderíamos dar tempo para discutir.

"O problema para mim foi selecionar uma questão que devesse situar-se tão longe nos domínios e práticas desta Sociedade que nos permitisse, de alguma maneira, julgar o que ouvimos e, por outro lado, selecionar um tema tão substancial e prático que o que puder ser dito nos possa ser de alguma utilidade, o que possa até mesmo levar-nos a avançar nesta questão. Agora, o assunto que estou prestes a anunciar, eu não o exponho numa ou duas palavras por querer limitar este

visitante a uma linha específica de pensamento, consequentemente, pensei que seria necessário ter um tema extenso que não apenas indique o assunto em geral, mas que abra toda uma linha de pensamento.

“Ora bem, neste inverno discutimos muitos assuntos. Por entre os assuntos que foram postos perante a Sociedade e com os quais se acha um tanto familiarizada estiveram o tema da mente ou espírito. A palestra de abertura foi subordinada às 'Faculdades do Pensamento.

“Lembrar-se-ão da palestra posterior do juiz Russell sobre a 'Individualidade’ e, em último lugar, todos vocês se lembrarão da palestra do Sr. Lancaster, tida na conta por muitos desta Sociedade como uma declaração tão completa da hipótese materialista quanto poderia ser feita. Agora, tendo discorrido sobre esse tema sob esses aspetos e a propósito com respeito a outras palestras, eu gostaria de pedir que o tema a ser debatido esta noite fosse sobre a Mente e a Alma ou Espírito. Supondo, talvez, que se considere que o homem não é uma unidade, mas uma dualidade, que ele não seja um mero ser material, mas que tenha uma entidade material e uma entidade Espiritual, o que quer que isso seja. Eu anotei a questão: 'A Mente Humana, a sua Origem, Natureza e Destino. '

“Só mais uma palavra. No debate desta questão, tentamos em várias ocasiões discutir a base material do pensamento; esforçamo-nos por obter alguma informação do campo da biologia, e ver se a mente terá tido origem no germe da vida, se teve origem no nascimento, ou se foi desenvolvida posteriormente pela experiência. A Mente Humana, a sua Origem, Natureza e Destino. Em que período terá tido início no tempo? Que lugar ocupará no espaço? Será uma substância ou uma força? Será uma causa ou um efeito? Qual será a sua forma, tamanho e substância específicas? Em que princípios, ou por que propriedades poderá ela resistir à destruição?

“Se este tema for satisfatório, será usado na palestra. A palestra limitar-se-á a quarenta e cinco minutos. Agora, todo esse assunto é inteiramente novo para mim. Não sei se os espíritos se são restringidos pelo tempo e pelo espaço ou não, mas os membros da Sociedade Filosófica são. A palestra não deverá ocupar mais do que quarenta e cinco minutos, para que haja tempo para discussão e o conferencista terá a oportunidade de dirigir aos críticos depois. ”

A Sra. Richmond levantou-se e, falando sob o controlo dos seus guias espirituais, disse:

“Sr. Presidente, é nosso costume usual abrir cada discurso com uma invocação. E se isso não violar as regras desta sociedade, nós gostaríamos de o fazer nesta ocasião. Todos os que se sentirem movidos são convidados a participar da invocação.

INVOCAÇÃO

“Deus infinito, fonte de toda a vida, de toda inteligência; Tu, guia e governante de toda coisa viva; Tu que movestes o mundo visível pela lei, e que governas o mundo invisível pela lei do perfeito conhecimento e amor, a Ti nos voltamos com ação de graças, e louvamos por toda bênção; por aquelas bênçãos, que para os Teus filhos na Terra são reveladas em resposta às suas necessidades humanas; por aquelas bênçãos da mente que são dadas pelas suas necessidades mentais, por aquelas aspirações mais profundas e divinas que emanam de dentro, ainda que palpáveis e sempre florescentes, que vêm em resposta às suas necessidades espirituais. Nós Te louvamos, pela abundância de todas as bênçãos, por aquela vida e luz que na forma humana se desenvolveu, e ainda se manifesta nas aspirações que são uma com Tua vida para sempre. Seja qual for o nome que o homem se Te dirija, por qualquer forma que a adoração do espírito possa ser conhecida, ainda os corações aspirantes de Teus filhos voltam-se para fora, para cima e para dentro, para Ti, louvando-Te eternamente, por toda a vida e luz. A Ti que és o guia dos anjos, dos espíritos auxiliares e dos homens, e que em todas as eras deste prova desse poder aos mortais, prestamos homenagem e louvores agora e para sempre.
Amém.

“Sr. Presidente, quererá, por obséquio, anunciar o tema para o discurso da noite? "
O presidente anuncia:

“A mente humana, a sua origem, natureza e destino; em que medida terá tido começo no tempo; Que lugar ocupa no espaço? Será uma força; será uma causa ou um efeito? Qual será a sua forma específica, tamanho e substancia? Com base em que princípio, ou por que propriedades poderá ela resistir à destruição? "

A Sra. Richmond, então, proferiu o seguinte discurso:

“Senhor Presidente e membros da Sociedade Filosófica: - O assunto anunciado pelo seu presidente é de âmbito tão vasto, tem uma natureza de tal amplo alcance e extensão que exigiria não só um conhecimento perfeito dos princípios que regem a questão a ser tratada, como também tempo suficiente para expressar esse conhecimento, que responderemos simplesmente que, se o tempo concedido não for suficiente para expressar os nossos pontos de vista sobre o tema anunciado, você poderá considerar a natureza do assunto e como ocupou a atenção das mentes mais profundas da Terra em todas as eras; mas mesmo que pudéssemos ser capazes de dar uma resposta perfeita à questão ou série de questões que o nosso presidente sugeriu, não estamos de modo algum certos de que os membros

da Sociedade Filosófica seriam capazes de a entender, porém tão resumida quanto possível, sob as circunstâncias, será a nossa resposta.

“Sabemos que darão a máxima atenção possível a essa resposta. O que se entende pela palavra mente é classificado nas observações do vosso presidente, ao incluir também espírito ou alma; supõe-se que a palavra mente se refira à inteligência humana e que cubra todo o terreno supostamente ocupado pelas palavras espírito e alma. Na nossa definição faremos com que as três palavras preencham a resposta a essas questões incorporadas no tema. Nós dividiremos o assunto a ser tratado em mente, espírito e alma e os trataremos como constituindo a inteligência humana na sua inteireza; fazendo isso, poderemos expressar melhor o que queremos dizer, e não temos dúvida de talvez os convencermos plenamente.

“No entanto, termos como 'filosofia mental, ' 'ciência mental' e outros termos análogos que expressem o conhecimento que a humanidade tem com respeito à mente, devem ser muito inadequados para expressar o que queremos dizer com as palavras adicionais ‘espírito’ e ‘alma’.

“Do ponto de vista espiritual nós consideramos a alma como a essência mais recôndita, a entidade absoluta, que supomos tenha uma existência e que temos tanto direito de supor que tenha uma existência quanto o materialista tem de presumir a átomo; nós presumimos que essa alma seja a entidade completa de toda a mente, e que essencialmente ela é não-criada e imaterial, e não tem existência no tempo e no espaço, nem está relacionada de maneira nenhuma, exceto ao agir sobre a matéria, com as leis que governam as coisas materiais. Presumimos que a alma, a entidade, a inteligência, seja eterna na sua natureza e, portanto, indestrutível.

“O Espírito, conforme o termo implica, nós supomos ser o sopro da alma na matéria, o insuflar dessa entidade imortal na vida da Terra, e poder-se-á dizer que o espírito seja o tema, ou intenção da vida da alma na sua expressão através das formas materiais. O espírito do homem é limitado, portanto, quanto à sua expressão; a alma não é limitada por essa expressão no tempo e no espaço. O espírito do homem é expresso na intenção e realização do ciclo completo da existência terrena.

“A alma não é expressa inteiramente nesse ciclo, mas apenas na eternidade. A mente é a inteligência ativa, expressa através do cérebro e da forma do homem, do espírito que anima a forma individual, dependendo das leis orgânicas para a sua expressão. A mente é mais limitada que o espírito, tal como o espírito é mais limitado que a alma. A mente é governada na sua expressão pela limitação do tempo e do espaço, do organismo material e de tudo o que diga respeito à estrutura humana. Não obstante, a existência da mente, o contato que tem com a

matéria e tudo o que ela reflete através da sensação, não podem ser suficientemente explicado pelo que chamamos de processo puramente material.

“O conhecimento a priori ao qual Kant se refere, o poder incorporado na mente de conhecer algo que não foi experimentado ou ensinado, que os sentidos não conseguem descobrir, que os processos materiais da vida não podem explicar ou desdobrar adequadamente, tudo isso prova que a mente é o resultado da dupla ação do espírito e da matéria, que enquanto a mente pode mudar de dia para dia no seu conhecimento e expressão, a qualidade que faz com que ela seja mente, ou consciência, o poder que ela transmite à razão, a aspiração, o poder que transmite à compreensão, como Kant o expressaria, é o que está além dos sentidos e no reino da alma. Em todo o domínio da metafísica Alemã, temos Kant, Hegel, Klopstock, Wiedel (?) e talvez uma porção de outros que atribuem qualidades à mente que pensamos pertencerem exclusivamente ao espírito, sendo a mente um espelho em que tanto os poderes materiais quanto espirituais são refletidos.

“Por um lado, a mente reflete o que os sentidos transmitem, mas se não houvesse algo transmitido de dentro à mente, capaz de receber esse reflexo, não poderia haver qualquer impressão feita além da mera vida física do homem. A própria existência desse algo é prova, na nossa opinião, que a fonte da mente está além dos sentidos e acima da matéria, e qualquer que seja o processo pelo qual chegamos a esta conclusão, o mundo inteiro da filosofia dá prova de que as funções materiais da vida não podem gerar coisa nenhuma além da sua fonte, por a natureza nunca edificar em todo o seu domínio, poderes que sejam desperdiçados, que ao aumentar os seus recursos não os destrua com o aumento. Portanto, se é verdade que a mente é o resultado da matéria, e que não possui a priori fontes de existência, ainda que a mente possa conceber a priori uma fonte da existência, se é verdade que o espírito é matéria, que toda a concepção humana de existência espiritual tem a sua base na matéria, então é evidente que, neste caso, a natureza não conserva os seus recursos, que ela constrói como estrutura para a qual não há fundamento, oferece uma capacidade humana para algo para a qual ela não tem resposta.

“Não nos vamos ficar por esta hipótese, mas declarar as nossas opiniões, depois do que, naturalmente, vocês têm liberdade de exercer o mesmo tipo de razão e julgamento sobre elas como vocês fazem em relação a outros tópicos; tendo em conta, no entanto, que, se existe um reino de espírito como nós supomos, se existir para além de espírito um reino da alma, como também supomos, esse reino deve exigir de vós o exercício das faculdades que lhe pertencem em função da expressão, e como é preciso um músico para que se entenda a música, um poeta para que se compreenda a poesia, também aquilo que diz respeito ao reino do espírito não pode ser medido pelos estreitos limites natural do tipo de pensamento que vocês empregam no reino da matéria.

“Vocês investigam a astronomia com as faculdades materiais de observação e a matemática; vocês investigam a química por um processo tal como a vossa experiência revela, mas a profecia, a inspiração, o reino do espírito, aquilo que pertence à alma vocês não pretendem investigar com as vossas faculdades espirituais, mas tentam ao mesmo tempo que se esforçam por analisá-las por processos materiais, refutar a sua existência apenas porque não são submissas às leis materiais habituais.

“A mente é a expressão mais externa da vida da alma (que é uma entidade eterna), tem início com o organismo físico, expressa-se tão logo haja um germe vital que constitui a vida física, é a primeira impressão feita pelo espírito sobre a matéria, para além das sensações orgânicas, e é, conforme foi dito antes, do espírito que vem antes da mente, já que o espírito é a inspiração da vida da alma eterna. A mente tem início assim que a experiência do espírito inicia a sua ação na vida material, e expressa tanto as impressões da matéria como do espírito, conforme foi dito anteriormente, sendo registrada no cérebro que é o aparelho mecânico destinado à expressão do poder mental.

“No entanto, os nervos, os centros de gânglios, os globos de cada veia, cada fibra do corpo material, as vibrações desse organismo subtil que não são conhecidos e definidos pela ciência, e tudo o que é conhecido como o mecanismo do corpo humano, contém expressão do espírito. A mente, no entanto, é regulada na sua expressão pelo que quer que suceda ser quer as tendências orgânicas, ou os processos espirituais que estão além delas. Esses dois, o espírito e as tendências orgânicas, misturando-se no organismo humano, constituem a base do que pode ser chamado mente.

“Tão logo, conforme foi referido antes, a sensação tem início, a mente tem início, já que a intenção do espírito começa a expressar-se de modo que a mente que anima o ser humano visível se expressa no mais pequeno dos bebés. Os atributos mais significativos, a tenacidade da vontade, da razão e de uma continuidade de propósito, começam assim que há vida consciente, e gradualmente se desdobram na expressão, à medida que a vida aumenta em poder físico.

“Esse processo mental, que vocês denominam razão, não é o único processo mental. Qualquer consciência que exista no organismo humano que reconheça a sua própria existência, seja qual for o poder que possa compreender, julgar, aspirar ou de alguma forma se expressar, isso é mente. E quando a mente se tiver estabelecido suficientemente no organismo humano ao longo dos anos de maturidade desse organismo, então, qualquer que seja o poder espiritual que constitua o ímpeto essencial a priori dessa vida começa a ser expresso, e todo o alcance da mente individual, limitada conforme foi dito antes por processos

orgânicos, pelo que vocês chamam acidentes do parto, pelas limitações dos sentidos, por certas tendências hereditárias, ainda deve expressar a intenção do espírito, mas se não expressar assim o intenção, se falhar em algum grau, ainda existe uma consciência a priori, que tem consciência de muita coisa que não foi expressa.

"Talvez não haja nenhum ser humano, possivelmente não se encontra nenhum diante do orador esta noite, que não esteja ciente de certos poderes, certas possibilidades latentes, certas aspirações que não são expressas por causa das limitações do organismo humano, mas se fossem o próprio organismo humano que desse origem a essas aspirações ou fosse, na verdade, a fonte da aspiração, então, conforme foi dito anteriormente, ele simplesmente provaria que a matéria é capaz nos seus esforços finais, o apogeu da criação, de não conservar todos os seus poderes deixando este vasto reino ao qual o homem aspira, e que na mente se reflete, sem fruição e propósito.

"Os poderes que têm relação com a mente individual podem ser classificados assim: A mente que tem consciência da sensação, a mente material; a mente que tem consciência do processo humano independente da sensação, da mente racional; e a mente que tem consciência das aspirações e poderes além do reino possível da sensação e da razão, ainda que confinada e limitada ao reino da sensação, a mente intuitiva. Na sua expressão, a mente é capaz, conforme citado a título de exemplo no poder da matemática, de conceber aquilo que não é possível demonstrar aos sentidos. É-lhes impossível a vós contar no tempo e no espaço o número de milhas ou as vibrações da luz, ou qualquer outra afirmação matemática gigante ligada à sua terra e aos planetas mais remotos do vosso sistema solar. Quem terá contado um bilhão, ou até um milhão, na verdade? E ainda assim, pelos princípios da matemática, por processos puramente mentais, vocês percebem esses vastos números, estabelecem-nos, e compreendem plenamente o seu significado. O mesmo se aplica aos princípios abstratos da filosofia.

"Não há conhecimento empírico que possa dar ao homem uma ideia qualquer das afirmações conhecidas como verdadeiras no campo da filosofia moral. Não há teste experimental absoluto que possa ser aplicado à existência da própria mente; e por mais subtil que seja a análise anatómica, ou química, do corpo humano, um instante após o falecimento desse corpo, não se encontrará vestígios desse poder subtil que constitui tudo o que havia do indivíduo; no entanto, quimicamente não se verifica aparentemente qualquer mudança, e nenhuma lei da anatomia ou fisiologia pode, pelo menos, explicar a diferença existente entre a forma do homem um momento antes e um momento após o falecimento do corpo. Num instante há mentalidade, há um espírito que age sobre as forças vitais, no instante seguinte há o que se chama morte; mas em termos químicos nesse instante e não há qualquer mudança. Contudo, aquela força que faz tudo quanto existe dotado de inteligência,

aquele poder que se expressou na mente do homem é, assim, removido à força; no entanto, esse mesmo processo não é capaz de ser descoberto, por se situar num reino em que a ciência não penetrou fisicamente.

“A origem desta vida, a fundação, a base de toda a existência humana, que está além da mera existência genérica, situa-se, pois, naquele domínio que, conforme dito anteriormente, denominamos o reino da alma, que é aliado da consciência Infinita ou o que um dos mais eminentes filósofos Alemães declarou Substância Infinita. Nós não aceitamos a palavra ‘substância’, por isso relacionar algo inferior, preferimos o termo ‘consciência’, ou ‘essência’, pois se relacionar com o ser primordial, qualquer que ele seja, quer esse ser primordial seja todo espírito, como Berkeley e aqueles da sua escola afirmam, ou vocês prefiram que seja chamada matéria, a expressão da vida indica que com respeito à mente e ao espírito humanos, aquilo que chamamos de poder, a vitalidade da mente, e que constitui a vida essencial do homem é a vontade, e essa vontade é a medida da perfeição humana. O que quer que seja involuntário no organismo humano não é, pois, mental (isto é, espiritual), a volição ou a vontade do homem é uma qualidade puramente mental (isto é, espiritual); é a ação do espírito sobre as funções vitais do corpo, produzindo tal energia e poder através da mente. Cada atributo é ali, por sua vez, expresso, o que o espírito desejar retratar.

“Nem todos os homens são iguais nas suas expressões terrenas; alguns nascem génios, alguns têm poderes da filosofia mental, e outros de ciência física; uns conseguem uma adaptação a uma forma de pensamento, e outros a outra, pelo que as mentes parecem ser desiguais. Afirmamos que as almas de todos os homens são iguais, que na essência original, ou "esse, " a vida de cada indivíduo é igualmente perfeita; afirmamos que o espírito expressa no organismo individual as limitações que o tempo e o espaço contêm, mas que a mente é ainda mais governada por essas limitações, que todas as desigualdades na vida humana não são resultantes de desigualdades da 'esse' fundamental mas desigualdade dos ambientes humanos; afirmamos que a mente tem a sua duração apenas pelo sofrimento do espírito, e de modo nenhum pela existência do corpo. Afirmam que a mente tem a sua duração a partir da alma e que por isso, a fonte da mente é indestrutível, não porque possa expressar-se sempre através do sentido, mas por a sua fonte ter lugar na única existência real e indestrutível.

“A mente não ocupa espaço ou tempo, e só existe em conexão com o tempo e o espaço como expressão do espírito; a sua fonte de existência é imaterial. A alma é a entidade imaterial e, por isso, não se encontra limitada ao tempo, nem ao espaço, nem a quaisquer condições da matéria. Se limitada ao tempo e à condição da matéria então a alma e seu espírito e expressão da mente, seria apenas matéria refinada, mas como a alma tem existência por si só, e como a sua existência tem lugar dentro do Infinito, de modo que aquilo que se relaciona com o tempo e o

espaço só pode afetar a mente naquela expressão do ser mental do homem que é a relação das coisas materiais, mas o que quer que o objeto que o ser mental registe ou exija espiritualmente, não pode ser governado pelo tempo nem pelo espaço.
As afeições, aspirações e pensamentos de moralidade, tudo que se relacione com princípios abstratos, toda ideia que não estiver repleta com respeito ao vosso organismo físico não pode, pois, ser governada pelo tempo e pelo espaço.

"Quando as vossas mentes lidam com o tempo e o espaço, com coisas ao invés de assuntos, com o organismo material ao invés de temas, então vocês adaptam os vossos métodos mentais ao tempo e espaço. É uma lei do espírito o facto de ele se adaptar às condições em que procura a expressão. Como o músico que, com o conhecimento que tem da música, não é limitado pela imperfeição do instrumento que toca, mas no som que ele expressa, ele ser muito limitado pela exactidão ou imperfeição do instrumento; se o instrumento estiver desafinado ele ainda não conseguirá a harmonia mesmo que ele seja um mestre em música, e se o instrumento estiver em sintonia ele ainda não conseguirá expressar toda a harmonia que tem na sua mente, pelo que o espírito, ao ase expressar por intermédio do organismo humano, pode ver-se limitada quanto às limitações desse organismo, no que diz respeito ao tempo e ao espaço; mas na área de que não é governada pela mente cognatos tempo e no espaço; mas na província que não é governada pelo tempo e pelo espaço, a mente não é restringida por eles.

"Os poderes do corpo são limitados, os poderes do espírito, porém, dizem respeito a outro e mais vasto domínio onde não há tempo nem espaço nem limites de um tipo material, e onde quaisquer limitações que possam existir, são limitações da expressão da natureza espiritual e não da natureza material.

"O mundo da sensação humana é influenciado pela mente; regista tudo o que a mente percebe, mas vocês precisam ter consciência de que as mesmas sensações são registadas de maneira diferente em diferentes mentes humanas e que vocês não ouvem a mesma coisa, nem vêm por igual, nem percebem da mesma forma, e que isso não pode dever-se tanto a diferenças dos vossos sentidos físicos mas às vossas percepções mentais, e que as vossas percepções mentais são governadas pela atividade do espírito que se achar presente, pelo seu estado de alerta, pelo poder que tem sobre o cérebro, e pela capacidade que tem de registar cuidadosamente o que é percebido. O artista cujas sensações são aceleradas pela excelente perceção da cor, de maneira nenhuma vê a paisagem como faz o homem que labuta que só mede o solo pelos pés, varetas e pelas medidas agrárias destinadas ao seu cultivo. 662

"Aquele que ouve música, se não tiver o ouvido em sintonia com a perceção mental, e a sua perceção mental não estiver em sintonia através do seu espírito

com a harmonia, de forma nenhuma perceberá a música como aquele cujas faculdades se acharem assim despertas, e o poder que lhes permite perceber. Isso pode não ser registado em nenhum local físico específico, como afirmam os frenologistas, mas pode ser a sintonia de todo o tecido do corpo humano com o espírito que simplesmente colocou o registo no cérebro para registar as harmonias do som. Todo objeto, pois, que os olhos vêem (ou que produz uma impressão, pela vibração da luz, sobre a retina do olho) nem todos percebem, vocês podem estar a olhar para alguma coisa e não a ver toda. Se a mente estiver alerta em todas as vias da sensação, vocês perceberão muitas coisas. A mente deve ser estimulada ainda mais, as percepções devem ser cada vez mais ampliadas antes que vocês sejam capazes de ver todas as coisas que se encontram ao vosso redor na vida material e ainda assim se acham ao alcance dos vossos sentidos.

"As vibrações da luz são limitadas por vós à vossa visão, as vibrações do som são limitadas por vós à perceção que têm delas, e no vasto reino da luz, no vasto domínio do som existem milhões de vibrações que vocês não percebem com os sentidos e que a mente é capaz de registar, e para além até mesmo da análise espectroscópica da luz, vocês podem facilmente perceber que existem milhares e milhares de vibrações que nenhuma faculdade humana foi capaz de captar. Tal é a natureza da mente que, sob a inspiração daquele conhecimento que vem de dentro, torna o mundo todo luminoso; tal é a natureza de mente que, se não for dotada daquele conhecimento que vem de dentro, todo o universo visível será opaco; tal é a natureza da mente que, se não for iluminada, não for inspirada por este conhecimento a priori, que alguns chamam aspiração e outros inspiração, não haveria qualquer consciência dos vários processos ou leis da vida que operam ao vosso redor; tal é a natureza da mente que, sob a inspiração desse mesmo poder que é o menos palpável para os vossos sentidos, que não tem centros visíveis de registo, que não podem ser ligados até os centros nervosos ou gânglios, que não podem por processo nenhum ser ligados a nenhum local físico, vocês ainda tem o mais alto conhecimento, a mais alta perceção da verdade, de tudo o que governa o mundo num sentido moral e tudo o que traz esperança à humanidade no sentido de progresso e aspiração.

"Diremos que o corpo é um instrumento mecânico cuidadosamente construído, através do qual o espírito do homem, por intenção divina, expressa na mente aquelas porções dessa existência divina que o organismo humano torna possíveis; diremos que a alma do homem é a essência imortal suprema, incriada, sem começo nem fim; tendo, portanto, em si mesma, a fonte de conhecimento, de que toda a inteligência a priori deve vir, e a que toda experiência deve pelo menos render tributo.

"Diremos que a mente humana, governada meramente por concepções físicas, se restringe às limitações do corpo, mas a mente humana sob o luminoso poder desta

vida Espiritual que não pode ser medida, que não pode ser limitada, não pode ser fixa no tempo e no espaço e outras limitações materiais deve, por fim, lidar com todos os problemas da existência material, revelando a verdadeira natureza do processo mental pelo qual essas questões são possíveis, e iluminando todo aquele reino que agora jaz obscurecido para a perceção humana, meramente por o homem insistir em estudar o reino espiritual com o microscópio de materialismo em vez do telescópio da perceção e da inspiração Espiritual. Quem quer que volte essa lente para a poeira encontrará a poeira refletida nela, mas quem quer que a volte para o céu verá as estrelas refletidas nela, e quem quer que estude as leis da mente na mera formação material, nunca passará além dessas formações materiais, mas quem quer que estude as leis da mente no reino ao qual elas pertencem encontrará uma resposta para cada pergunta, realização de toda esperança, análise de todo problema, e inspiração para toda necessidade da mente que assim aspira.

"Sr. Presidente, se não tivermos preenchido o tempo que nos foi atribuído nós achamos que declaramos os princípios gerais tão bem quanto seria possível a menos que tenhamos tempo para dedicar a vários discursos, ocupando-nos dos diferentes ramos do tempo, e se tivermos negligenciado algum ramo especial que a questão envolva, ficaremos encantados se nos trouxer isso à atenção. "

O presidente então disse o seguinte:

"Devo dizer à Sociedade que estou surpreendido. De facto, a palavra não é adequada para expressar o que sinto nesta hora. Ao lhes apresentar o orador esqueci de lhes dizer que, confirmado por evidências inquestionáveis, ela no Wisconsin, menina com a idade de onze anos foi tirada da escola distrital, e tornada numa oradora de transe, e desde então não adquiriu nenhum conhecimento escolar por não ter tido oportunidade de o fazer, mas adquiriu reputação internacional enquanto oradora de transe; agora ciente disso, não selecionei o assunto por ser difícil, não tinha vontade confundir o orador, eu pedia informação, embora eu me congratule com o assunto como sendo uma das questões mais difíceis que a mente humana já tentou investigar. Vocês são testemunha da maneira lógica e consecutiva com que o tema foi aberto, definido e concluído. Agora o tema está aberto a debate, e espero que o interesse desta reunião esteja agora a começar. Somos em grande parte representados por materialistas que fizeram deste assunto um estudo, e espero que ninguém fique para trás, em absoluto; não deixem que um único momento seja desperdiçado, e o conferencista então responderá. Se não puderem fazer um discurso, poderão fazer perguntas.

Juiz Booth: "Não estou bem certo de que compreendi a afirmação do orador, mas, se compreendi o facto, o homem é um ser de natureza tripla; primeiro, a alma

imaterial que existe por si só e é indestrutível, na base do que todas as almas são iguais. Em seguida o espírito que se acha encerrado em toda alma viva na matéria, cuja expressão desse espírito através das substâncias materiais e organismos materiais constitui a mente, sem o que, logicamente não existe mentalidade, por o espírito que opera na e através da matéria construir o seu próprio instrumento, o seu próprio organismo, por tudo o que é mental no ser humano serem as suas características e os seus poderes. A ser assim, surge aqui a questão, então quando se opera a separação da parte imaterial, quando a alma e o espírito se afastam do corpo, a mente deixa de existir?

"E que será a morte, quem é que morre? Será a mente apenas quem morre? Porque, se depender para a sua expressão de um organismo humano, se é o resultado dessa afluência da alma que chamamos de espírito que opera na e através da matéria, não será a morte que deve ser o resultado? E se tal for o resultado, se após a morte todas as entidades forem novamente reduzidas a uma condição de igualdade; por nesse ponto inicial da alma a entidade original aquilo que é indestrutível, todas as almas serem iguais, então quando a mente deixa de existir não serão as almas novamente iguais?

Se esse for o caso, importará muito, consequentemente, a expressão da alma, através desta afluência a que chamamos espírito, aqui no estado moral? Eu gostaria de fazer umas perguntas. Não tenho dúvidas de que as respostas seriam mais interessantes do que qualquer coisa que eu possa dizer por meio da crítica, seguindo a linha de raciocínio que foi sugerida à vossa mente. Uma pergunta particular que eu gostaria de fazer, e para qual eu ficaria muito satisfeito em receber uma resposta é, o que é a morte? De que forma considera o espírito desencarnado este grande acontecimento, o qual estamos acostumados a encarar com pavor e até mesmo com terror; que aspeto terá para o espírito desencarnado em retrospeto? Terá o espírito consciência imediatamente após a frieza envolver a forma em sofrimento, ou a consciência despertará lentamente como a de uma criança?

"Haverá um processo gradual de despertar por que o espírito passe após sofrer essa mudança, ou verificar-se-á na morte alguma mudança no espírito dessa afluência dessa entidade que chamamos de alma? E, uma vez mais, será o ser humano o único dotado de uma alma ou terão o que por vezes são chamados de animais inferiores também uma alma? De que eles possuem mente, não pode restar dúvida da parte de qualquer um que tenha tido conhecimento do facto, e se eles possuem mente, não será essa mente produzida da mesma maneira como qualquer outro órgão físico através do qual as diferentes fases de mente têm a sua expressão; não será isso construído da mesma maneira por essa afluência da entidade original, incriada, existente em si mesma, indestrutível e imaterial, da qual o conferencista fala como sendo a alma?

Sra. Cora L. V. Richmond: “Sr. Presidente, é nosso costume empregar o menor número possível de palavras na expressão das nossas ideias, pois elas darão testemunho a quem está acostumado a escutar-nos. O autor da pergunta evidentemente tem uma enorme confiança de que o espírito que a vós se dirige possui uma mente, ou não esperaria que tivéssemos em mente a sucessão de questões que ele fez que culminaram numa. Primeiro, precisamos corrigir a afirmação que fez. Nós não dissemos que o espírito forma o corpo em que a expressão mental há fazer-se, nós dissemos o espírito se expressa através do corpo, mas se for governada pelas limitações como as que as leis da organização material impõem, então, a expressão mental que se manifestar através desse corpo limitar-se-á a essas leis.

Acreditamos que testemunhará o facto que termos dito isso. Assim, o espírito ao não criar o corpo em todas as suas condições não pode, pois, regular plenamente a sua expressão, seja ela perfeita ou não. Depois o cavalheiro deseja saber, ou disse, que, se todas as almas são semelhantes, depois da dissolução chamada morte, se, por conseguinte, não existirá entre o espírito e o corpo alguma mente. Nós respondemos que as vossas mentes morrem diariamente, ou pelo menos esperamos que elas o façam.

Vocês mudam as suas mentes continuamente, e de maneira nenhuma entretêm hoje a mente que vocês tinham há dez ou vinte anos. A Sociedade Filosófica, embora não tenha a intenção de destruir a mente, está, não obstante, decidida a mudar continuamente a mente; é muito provável que muitos de vocês não tenham a mesma mente que tinham quando se tornaram membros deste corpo.

“Paulo disse: 'ele morria diariamente, ' o que, obviamente, não se referia meramente ao seu corpo, mas à sua mente e espírito, a condição de superação dos erros do passado. Agora, quando a dissolução chamada morte ocorre, o espírito preserva tudo o que é essencialmente do espírito no seu processo mental; mas vocês não precisam mais que a mente expresse a vossa vida Espiritual, conforme definimos a mente, tal como não precisam de um instrumento musical para redigir uma composição musical.

É claro que se estiverem a tocar para pessoas que não consigam ler a composição, vocês precisarão interpretá-la para elas. As vossas mentes são os intérpretes entre os vossos espíritos enquanto vocês ocupam formas materiais, e quando deixam de ser materiais e vivem no espírito vocês tornam-se mais do que um ser mental, são um espírito; é face a face, em vez de por intermédio do espelho escuro e variável da mentalidade do homem.

“A questão culminante foi, o que é a morte, que dissolução será essa que separa o espírito do corpo e, por cuja dissolução, todas as almas são novamente iguais, e que perspetiva terão os espíritos desencarnados da morte ao olhar para trás? Nós responderemos que a morte é a retirada voluntária ou involuntária do espírito do corpo. Se perguntarem como voluntariamente, nós apontaremos o suicídio, ou aqueles poucos casos de morte súbita, em que os médicos não são capazes de fazer

uma descrição plausível de quaisquer doenças que afetem o organismo, em que o espírito parte aparentemente em perfeita saúde e não retorna.

"O inquiridor esqueceu-se que o reino do espírito não estaria incluído no que definiríamos como sendo a existência além da morte, mas ele tem perfeita liberdade para fazer a pergunta se lhe for permitido. Nós responderemos, pois, que quando se verifica a dissolução entre o espírito e o corpo, o espírito não é destruído; isto é, o tema de cada vida individual que constitui o que chamamos de espírito dessa vida, como o tema de uma sonata ou o tema de um discurso, é levado adiante a um desabrochar, florescimento ou fruição no estado espiritual, para que você não se vejam de imediato no reino da alma, mas no reino do espírito, que é o estado daqueles que se afastaram da Terra, e esse estado Espiritual é composto de tudo quanto constitui a vossa expressão individual ou pessoal aqui.

Por mais longa ou curta que seja a duração desse estado Espiritual, só a alma é imortal. Mas o maior sempre inclui o menor, e a alma inclui este estado Espiritual após a morte em sua posse, de modo que o espírito desencarnado é a ampliação da vida experienciada ou expressada aqui; querendo dizer que, o que quer que seja valioso na vossa existência ou expressão terrena, o espírito retém esse valor no que é designado por reino espiritual.

O espírito que é expressado pela vossa vida humana visto desse estado, o espírito humano desencarnado, vê a morte, quando a morte é atingida, (aqui vocês precisam, é claro, aceitar o testemunho pessoal daquele que a vós se dirige, visto que não têm meios de o provar até que tenham morrido), como um homem encara a sua libertação da prisão. O processo da morte é pavoroso unicamente da perspetiva mortal, e no lado Espiritual é um despertar.

"Nem todos passam da mesma maneira pela mudança chamada morte, simplesmente por todos a abordarem de maneira diferente; um está preparado, outro não está, um tem medo, outro tem fé e esperança; uma é perverso, outro está cheio de bondade; cada um aproxima-se da morte à luz da própria consciência que tem. Quando a mudança chega, todos a encaram à luz das suas posses espirituais. Se essas posses, que são as qualidades de bondade e verdade e conhecimento, forem limitadas, o espírito considerará a morte como algo que o empobrecerá.

Se as posses Espirituais forem abundantes, como à luz da sabedoria e do amor, da verdade e das boas ações, os bens espirituais deverão ser avaliados, o espírito encarará a morte como a aquela mão que o liberta da prisão. Ambas estas afirmações podem ser consideradas. Mas todos os seres humanos têm alguma porção de cada experiência dessas ao passar da vida terrena; todos são limitados em certa medida, ao despertar para a consciência Espiritual, isto é, a consciência de que existe uma vida Espiritual além da morte, que mede a sua condição por meio desse monitor interno.

"Não dizemos que a pessoa perca a consciência mesmo durante o processo de morte, mas não se tem consciência do processo que decorre, apesar de estarmos

conscientes. Por exemplo, podemos passar pela mudança chamada morte e não a conhecer, a mente pode estar iluminada e todas as faculdades ainda estarem em existência ativa, mas tanto mais aceleradas que se pensará 'isto não pode ser a morte. ' A morte é o que desperta em vez daquilo que nos põe a dormir. O corpo mortal, é verdade, não apenas adormece, como entra em decadência, mas o próprio processo de decomposição mortal durante a mudança chamada morte é o processo de despertar na vida espiritual. Vocês estão a dormir, vocês estão comparativamente mortos, enquanto limitados ao corpo físico. Só os espíritos estão vivos.

O juiz Russell, um dos críticos regularmente nomeados, falou o seguinte: 667 "Sr. Presidente, Senhoras e Senhores: Confesso que nunca fui colocado em nenhuma posição em que me sentisse tão envergonhado como atualmente. Sinto-me perturbado por um conflito de emoções. Todos vocês, como eu, apreciaram as observações do palestrante esta noite. A fantasia para mim sempre foi agradável assim como os sonhos agradáveis. Sou acordado uma manhã entristecida por serem agradáveis, mas temos outra coisa a fazer que não satisfazer a nossa propensão para sonhar; precisamos consultar não só o que é agradável, e o que é aprazível, mas o que é real, seja agradável ou desagradável.

De facto, a humanidade, através da experiência por que passou durante toda a sua existência sobre a Terra, estabeleceu a opinião de que as próprias coisas por que se interessa, acima de tudo, aquela questão que, acima de todas as outras, eles precisam não cometer erros sobre as coisas que são reais. Agora eu li por altura da sua publicação, o livro da Sra. Elizabeth Stewart Phelps intitulado 'Beyond the Gates, ' eu examinei-o com intenso interesse, como um trabalho de ficção de enorme sucesso.

Assim, digo a respeito desta palestra sobre a Mente Humana, que enquanto ficção constitui um enorme sucesso. Mas na minha qualidade de um dos críticos para chamar suas mentes de volta, finalmente, que chamar a vossa atenção para a questão simples e direta quotidiana, será real? Agora, a humanidade tem hoje umas poucas coisas, alguns testes pelos quais pode determinar a diferença entre sonhos e realidades, e o primeiro grande e único princípio é este, avançar do conhecido até o desconhecido.

“O que se quer dizer quando dizemos 'explicar uma coisa, explicar melhor, ' queremos dizer simplesmente o seguinte, que aquilo que não compreendemos tão bem seja expresso nos termos daquelas coisas que entendemos melhor; o desconhecido deve ser expressado em termos familiares; o complexo, expressado nos termos daquelas coisas que são simplesmente elementares.

Agora, se bem entendi o que uma essência seja, se eu já senti uma essência, se eu já tiver sentido alguma coisa ou visto alguma coisa ou de qualquer forma experimentado qualquer símbolo que por qualquer meio de aplicação me possa ser explicado no seu motivo e aplicação no campo da ciência mental, então eu teria alguma vantagem por meio

da qual possa compreender e explicar o que foi aqui revelado. Mas de que me servirá, que me digam que a alma é uma essência? Bem que poderiam empregar um outro termo seguro em seu lugar, e usar um pouco do Latim ou do Grego, já que o termo essência não me transmite nenhum tipo de conceção à mente, acerca da mente humana, que eu entenda melhor do que entendo essência.

"Agora, pode ser, e evidentemente é a minha capacidade. Aqueles que adotam termos habituais conduziram à aprendizagem das coisas, e acredito que esse seja o melhor modo de proceder. Queremos que as proposições sejam suscetíveis à análise, queremos que as imagens representem coisas que sejam suscetíveis à análise, e geralmente analisamos essas proposições, até às suas últimas análises, então, se possível, para que possamos saber que são reais e elementares. Se uma coisa é expressa como um motor a vapor; que será um motor a vapor?

Um motor a vapor é uma coisa composta de ferro, e já sabemos o que o ferro é, e que tem rodas, nós sabemos o que rodas são, e é colocar juntos na forma como uma imagem que possamos ver, e então podemos fazer alguma coisa disso, podemos unir essas rodas e o ferro numa forma em que entendermos por que um motor é montado, e poderemos conceber as coisas a partir das palavras evidenciadas de forma visível. Mas, na minha ideia, o assunto que foi tratado esta noite está inteiramente além do poder da compreensão por alguma forma que seja."

Sr. Orchardson: "Eu ia fazer algumas observações à luz da investigação sobre se seria desejável, reter a nossa identidade para sempre. Pegue as primeiras cem pessoas que você conhece e todas elas são imperfeitas, nenhuma delas é física ou mentalmente perfeita, e marcar essas imperfeições nelas para sempre, na minha opinião, seria uma grande calamidade. Eu vi um homem a bater com o seu ingresso num restaurante no outro dia, um bilhete de assinatura, e perguntar se eles não acompanharem sempre as refeições com charutos, uma alma como a que certamente não vale a pena perpetuar.

Acho que seria uma terrível calamidade tomar a raça humana em sua condição de subdesenvolvida e fazer a sua identidade durar para sempre, porque ser através das suas peculiaridades mentais e físicas que a sua identidade é descoberta e eu preferia estar em conformidade com a lei da evolução, ou encontrar mortais com capacidades mentais e físicas muito melhores do que as que eu possuo. Prefiro perder a minha individualidade do que não ter faculdades mais passíveis de reconhecer e entender as minhas relações com o que me rodeia. A melhor maneira pela qual poderemos julgar se alguma qualquer coisa é uma descoberta verdadeira será se há alguma coisa que a ilustre.

Por exemplo, se uma gota de água que tenha resultado da evaporação cair novamente para ao solo, ela perderá a sua identidade por causa da evaporação, mas é justamente uma gota igualmente valiosa por conter tantas partículas quanto tinha antes da evaporação, mas quando sobe pela evaporação cada gota torna-se uma parte de uma miríade de outros gotas. Se a gota de água perde a sua identidade, por que essa lei não será válido em relação aos seres humanos? "

Sr. Lancaster: “O ser humano é um animal muito singular, descobri isso há muito tempo. Enquanto ele tem um corpo que só é capaz de estar em um lugar por vez, ele ainda habita dois mundos; um mundo existe independentemente do seu pensamento, ou dos seus sentimentos, ou das suas imaginações, ou das suas esperanças, ou dos seus medos; o outro mundo é o mundo da sua imaginação, das suas esperanças e dos seus medos, e não há um ser humano em dez que possa distinguir esses dois mundos uns dos outros.

Agora, quando um bárbaro coloca alguns paus e pedras sob a forma de ídolos e se ajoelha diante deles a implorar um poder que ele pensa que reside nele de afastar as forças destrutivas do universo que em todos os lugares o afetam, ele está a fazer precisamente o que esperamos que ele faça, ao dar inteligência às formas como ele presume que existiriam, como ele vê e pensa que sejam, é exatamente o que o bárbaro faria.

Por que, há muito tempo, nas áreas da China, esses seres humanos se juntaram, supondo que a terra fosse plana, e construíram uma grande torre que desse lugar plano até o céu onde Deus deveria encontrar-se. Contudo, se tivéssemos abordado essa gente que estava a construir esse templo e lhes fizéssemos ver que aquilo era tudo uma insensatez, eles não teria acreditado; mas se por qualquer meio que eles pudessem conceber esse universo como uma boa quantidade de nós concebermos, eles não precisariam de nenhum argumento, eles nunca teriam tentado construir aquela torre de Babel.

“Assim, isso ocorreu ao longo de toda a história passada da humanidade, ao longo de toda a hierarquia angélica, através de todas as formas de Cristianismo até a mais alta crença de Matthew Arnold, a mesma coisa percorre toda a história, e os homens, julgando o universo e as coisas que nele existem, do ponto de vista da sua imaginação, das suas esperanças e dos seus medos, e das emoções que têm aqui, isso representa uma coisa; julgar do ponto de vista científico e da evidência verificável, como as coisas realmente existem independente do homem aqui, é muito diferente.

Agora eu não cometeria a este palestrante a indignidade, nem cometerei a este público a indignidade, por um momento de inferir que esta questão tenha sido olhada de qualquer outro ponto de vista, ou que o método de lidar com essa questão aqui esta noite possa ser de qualquer outro ponto de vista do que não o ponto de vista da imaginação, das esperanças, dos medos e das emoções.

“Conforme a ideia que um homem tiver sobre uma coisa, não fará uma partícula de diferença se assim é, desde que ele pense que é. Porque, como o ser humano pensar, ele usa exatamente do mesmo curso de conversa, como se fosse absolutamente assim. Daí que muitas coisas neste mundo sejam como pensamos que são. E há homens no mundo, ou melhor há homens como James Watt, George Stevens, Huxley e Tyndall, e muitas mentes desse tipo que lidam com as coisas de uma maneira muito diferente. Mas o que ouvimos esta noite existe num reino

completamente diferente, de onde o método ou a maneira em que questões como do tipo que estão a ser discutidas podem ser aplicadas.

Eu devo dizer que a partir deste ponto de vista, do ponto de vista da imaginação, que esta foi uma excelente palestra. Eu ouvi Andrew Jackson Davis, há cerca de trinta anos atrás, e devo dizer que esta palestra é um avanço em relação a ela. Eu acho que tudo pertence a esse reino de pensamento que explodiu há trinta anos atrás. Eu não tenho a menor objeção a opor-lhe. Não tenho dúvida de que o mundo está cheio desse tipo de pensamento, que sempre foi assim e sempre assim será, pelo que, com base nessa posição, devo elogiar a palestra. "

Sr. Zimmerman: "A ideia que o orador nos transmitiu, é uma que é dominante na mente de todos. Ele não revelou nada de novo, mas limitou-se às velhas declarações reiteradas, repetidas vezes, em harmonia com os desejos da humanidade, não com a verdade ou com a ciência. Está a atender aos nossos desejos e não à causa da filosofia. A afirmação do que a questão envolve, que foi colocado pelo presidente, está tão errada, que me sinto na obrigação de dar a verdade sobre o assunto e de a criticar com alguma gravidade, que é que em todas as declarações que foram feitas não estão em harmonia com a ciência nem com o conhecimento dos dias atuais, estão em harmonia com o conhecimento que os homens tinham há trinta, cinquenta ou cem anos atrás. As histórias que somos chamados a provar ou a repudiar têm origem no sentimento e não na filosofia.

"Por exemplo, a declaração começa primeiro com o corpo, em segundo lugar com a declaração da existência da mente, de que brota o espírito, e do espírito brota a alma, do corpo material vem a mente imaterial, que é indestrutível, e só o corpo é destrutível. Como poderão duas coisas que não combinam produzir uma a outra? Como poderá um corpo material produzir algo imaterial? A ideia em si é errónea, assim como a teoria da imaterialidade ou materialidade da água e do calor. Há alguns anos atrás, o calor era considerado material, por provir de uma substância material, e a explicação disso era perfeitamente filosófica, e perfeitamente assertiva até que alguns cientistas se reuniram e chegaram ao ponto de finalmente derrubar essa teoria.

"Assim, dizem que a mente sobrevive enquanto o corpo não. Agora, o modo como a mente sobrevive é simplesmente este; uma pessoa tem uma ideia que comunica a outro através do corpo, escrevendo ou falando, ele faz uma impressão numa outra mente, um material põe outro um outro material em movimento até que essa impressão é estabelecida, e isso é tudo quanto pode haver com respeito a essa teoria. Como pode uma substância imaterial brotar de uma coisa material? É uma suposição que nunca foi provada, e eu mantenho que nunca poderá ser.

Juiz Waterman: "Eu não falarei esta noite, mas há muitos estranhos presentes e temo que eles vão embora pensando que os críticos sejam menos inteligentes do

que eu sei que são. O juiz Russell disse que não entendia a palavra essência e, no entanto, ouvi o juiz num discurso que ele estava a dirigir aos participantes dizendo que a essência das coisas era assim e assado; depois, de uma maneira muito instruída, ele falou sobre o espírito das leis, dizendo que a essência da questão é esta, pelo que eu gostaria que o Sr. Russell explicasse o significado da palavra essência. Temos o hábito de constantemente empregar palavras que, se nos solicitarem a sua definição, ser-nos-á absolutamente impossível fazê-lo, e, no entanto, todos compreendemos muito bem o que queremos dizer com essas coisas.

"Agora pode ser que o homem seja uma unidade, e talvez seja que a sua mente seja meramente alguma coisa que repercuta uma impressão feita sobre ela. Bem que se poderá compará-la a um tambor, bate-se num tambor, e ele devolve um som de acordo com a batida, e certos materialistas insistem substancialmente em que tudo o que existe da mente humana é simplesmente um organismo, que existe um cérebro em que são feitas certas sensações ou certas impressões, que levam a que ele recupere, e que isso é tudo o que há a dizer com respeito à consciência. Bem, se é assim, estamos reduzidos a essa posição, não sabemos absolutamente nada, não temos conhecimento nenhum sobre o que quer que seja.

Ou existe uma mente ou consciência que passa julgamento sobre a sensação que lhe acode, e determina o que seja verdadeiro com relação às coisas, ou não teremos qualquer conhecimento. Se as nossas mentes forem meramente como um tambor que responde à batida que lhe imprimimos, então não teremos nenhum discernimento, não sabemos se somos criaturas de duas ou quatro pernas, por o nosso juízo ser simplesmente o resultado de uma impressão que é feita pela batida que é impressa sobre este instrumento, que, a bem deste discurso, está localizado no cérebro. Agora todo homem reconhece que ao longo do seu tempo de vida, desde o berço até à sepultura, que possui uma consciência que é capaz de julgar os factos que lhe ocorrem e outras coisas. Não será assim quando duas possibilidades opostas lhe são apresentadas para determinar qual ele seguirá?

“Por mais que um homem seja levado por esta filosofia material subtil, ele sabem no seu íntimo que não é verdade. Não deixa de ser um tanto singular que os materialistas de hoje, os materialistas que ocupam a posição superior sobre a questão, se encontrem justamente onde os calvinistas que ocupam a posição superior da fé se situam. O calvinista é só fé; toda a sua fé é baseada na palavra de Deus, e a declaração que imprimem, que no princípio, Deus preordenou tudo, em consequência do que Ele deverá ter preordenado a felicidade ou a infelicidade, deve ter preordenado quem deveria crer nos Calvinistas tanto quanto em qualquer outra coisa, e também deve tê-lo ordenado a julgar se o Calvinismo será a verdadeira teologia. Os materialistas percorrem diretamente a mesma posição e dizem que a mente é um tambor ou um sino, que alguns sinos são feitos diferentes dos outros, de metais diferentes, mas que afinal é um sino, um sino que emite som numa nota baixa, alta, áspera ou branda de acordo com a pancada que lhe é

aplicada. Mas realmente não há julgamento que determine que tipo de som será, ou que tipo de golpe será. Agora, se as suas teorias são verdadeiras, vamos acabar com a Sociedade Filosófica para sempre, e não tentar emitir juízos e tirar conclusões do que quer que seja quando as nossas conclusões são determinadas por utensílios feitos de acordo com o materialismo, ou por alguma construção orgânica do nosso cérebro e as ondas que sucedem ter lugar nele. "

Sr. Rawson: "Posso perguntar o nome do espírito que se nos dirigiu? "

Sra. CLV Richmond: “Sr. Presidente, foi sugerido, creio bem, na parte de negócios desta reunião que vocês mude a constituição desta Sociedade, e nós podemos sugerir que, se fôssemos membros, mudem igualmente o seu nome. Respondemos ao crítico frequente que o primeiro apontou, em resposta às suas perguntas; o segundo crítico com o qual simpatizamos, foi muito tímido e padeceu de constrangimento e confiamos que isso explicará o que ele disse, já que na filosofia não há desculpa para isso. Vocês convocam Hércules e pedem-lhe que ele construa fortalezas para vós; você chamam Apollo e desejam que ele represente o Yankee Doodle (NT: Velha canção dos tempos da Guerra da Independência), e se ele não fizer isso, vocês não conseguirão entendê-lo; então, por que invocá-lo?

Se o tema está além do alcance e da compreensão da Sociedade Filosófica, por que propuseram o tema? Nós não o selecionamos, não definimos as palavras do tema sugerido, presumimos que o presidente da reunião estava suficientemente familiarizado com a natureza infantil dos requisitos da Sociedade para escolher um tema de acordo com a sua compreensão. Se o senhor quer alguma coisa mais tangível do que a palavra 'esse, ' descrita como essência, fará ele o favor de responder se alguma vez sentiu um átomo, se alguma vez terá visto um átomo, ou se o terá segurado na mão, ou analisado ou se sabe o que é? E se ele não o tiver feito, então quando o materialista lhe diz que tudo no universo é o resultado do átomo supremo, ou de um agregado de átomos, por que não diz ele: “Eu não os entendo? Essas são palavras tolas.”

“Um tema que ocupou a atenção de todas as mentes de todas as eras, certamente não está abaixo de vós, e pode estar acima de vós, e se estiver, então a vossa Sociedade deve empenhar-se em alcançar a sua altura. Se o tratamento do tema esteve além do vosso alcance, nós imploramos o vosso perdão. Pensávamos estar a usar palavras simples, a linguagem que empregamos foi tal que, como um cavalheiro disse, explodiu há trinta anos, pelo que deve ter cabimento na vossa memória infantil, pelo menos.

Usamos palavras para expressar as definições que nos pediram para fazer, e se não o tivermos feito à medida da vossa compreensão, lamentamos. Se a falha estiver na linguagem que empregamos, vocês têm o direito de a criticar. Mas o tema certamente é um que não apenas foi tratado pelo materialista, mas por filósofos como Kant e Hegel, por homens que combinam a

poesia com a filosofia como Klopstock, Wiedel, Jacobi, e por aquelas mentes que vocês estão acostumados a considerar autoridade em assuntos da mente.

“Nós acreditamos que nenhum dos cavalheiros a que se referiu um dos críticos alguma tratou de ciência mental, ou de quaisquer assuntos que o conhecimento tenha em vista, nesse sentido eles relegaram para aquele domínio que é chamado de 'desconhecido. ' Talvez esse domínio possa não ser desconhecido para todos. Um dos críticos deve ter escutado enquanto estava de cabeça para baixo por ele ter invertido exatamente o que dissemos.

Ele afirmou que dissemos que o corpo está primeiro, e a partir disso a mente evoluiu, da mente o espírito e do espírito a alma; não dissemos nada disso, dissemos que a alma é o 'esse' primordial ou entidade, que da alma o espírito emana, criando no contacto que tem com o corpo material aquilo que é chamado de mente, de modo que o cavalheiro criou espantalho, e a seguir começou a derrubá-lo.

“Quanto à afirmação de outro que os pontos de vista entretidos estavam em harmonia com alguma coisa que ele ouviu trinta anos atrás; sabemos que esta é uma era muito iluminada; sabemos que vocês fizeram grandes progressos em trinta anos, mas ainda estamos por saber que uma Sociedade Filosófica afirme ter transcendido Platão, ou, que outros, no campo da filosofia, no tratamento de questões que dizem respeito ao espírito do homem ou à natureza imortal, possa transcender os ensinamentos de Sócrates. Vocês podem remeter esses filósofos para a idade das trevas, nesta era da eletricidade e outros dispositivos mecânicos, mas se vocês o fizerem perderão tudo o que é realmente valioso na vida humana.

“Um dos críticos diz que ele poderia entender a afirmação de uma máquina a vapor, porém, nós duvidamos disso; a menos que ele pudesse construir uma máquina a vapor e conhecer a relação existente entre todas as suas partes, ele não poderia entendê-la. O primeiro engenho a vapor que já foi construído foi apresentado por cavalheiros que se consideravam tão sábios quanto os membros da Sociedade Filosófica, que afirmaram que ele não conseguiria mover-se; ainda assim conseguiu.

Se não estamos em erro todas as descobertas foram relegadas para o reino para que o nosso discurso foi expedido pela crítica, o reino da imaginação. Todos saúdam o reino da imaginação! Galileu, Herschel, Watt, eram 'sonhadores' até terem construído um exemplo dos seus sonhos (fortalezas que os trouxeram até a compreensão das pessoas). A verdade Espiritual esteve no mundo durante a infância da raça, e foi reconhecida apenas por génios, profetas e videntes, e se vocês representarem a masculinidade da raça, satisfaçam-na nesse nível.

“Um cavalheiro disse que isso é lindo, por se situar no domínio da ficção e, por conseguinte, como um sonho, ele não tem culpa a apontar-lhe. Então quererá ele dizer que todos os que na atualidade atestam terem testemunhado e recebido comunicações inteligentes do mundo espiritual estão a viver na imaginação, no

reino da ficção? Quererá ele dizer que o Prof. Wallace, um dos melhores naturalistas da Inglaterra, e o Prof. Crookes, que dedicou três anos do seu tempo à investigação da fenomenologia psíquica, o falecido Sr. Varley e o Prof. Zollner, e um sem número de cientistas vivos estão vivenciar uma imaginação? Quererá ele dizer que ele não reparou nas provas que existem no mundo há trinta anos? Mas que se tem contentado em escutar alguns discursos? Se ele tiver apenas dado ouvidos a teorias, ele poderá chamá-las de imaginação, mas a prova encontra-se aqui. Há milhões de pessoas no mundo que têm conhecimento de manifestações Espirituais e milhares de pessoas que conhecem a verdade daquele domínio que aqui foi abordado esta noite.

Se ele é tão desafortunado a ponto de não saber disso, então deverá corrigir a sua ignorância de imediato, estudar o assunto que outras pessoas estudaram, sem devotar um único momento à teoria intelectual ou à "imaginação" que ele tentou afirmar, mas anos, uma vida à verdade. Nós agradecemos ao último orador pelos comentários que fez, mas lamentamos que nos tenha tentado ajudar, porque, embora seja verdade que ele deveria dizer algo que colocasse a Sociedade Filosófica num patamar mais elevado, intelectualmente, ante os visitantes que aqui se encontram, pode parecer que ele se tenha esforçando por ajudar o orador. "

O Presidente: “Um membro da Sociedade queria saber se o espírito que se dirige a nós declarará o seu nome. Eu também perguntava se os espíritos têm algum meio de averiguar as ideias avançadas da atualidade? "

Sra. Cora L. V. Richmond: “Sr. Presidente, as respostas a perguntas semelhantes foram recebidas de forma tão errónea que o espírito sente enorme hesitação em responder. Em primeiro lugar, ele não tinha conhecimento pessoal da Sociedade Filosófica, nem de nenhum dos seus membros, pelo que não terão meio nenhum de conhecer a verdade, exceto a autoridade do orador. O nome conforme dado num discurso recente foi Adin Augustus Ballou, filho do Rev. Adin Ballou de Hopedale, Milford, Massachusetts, que está na vida espiritual há cerca de trinta e cinco anos, e que colheu a experiência que a sua inteligência individual permitiu que ele obtivesse.

”Durante esse tempo o espírito familiarizou-se com as ideias do presente. Visto que, por regra os mortais serem muito ignorantes, quanto ao que os espíritos fazem, essa ignorância não é recíproca. O mundo dos espíritos acha-se familiarizado com as ideias atuais dos homens, porque onde elas tiverem valor, muitas delas podem vir do mundo espiritual, e onde eles não são valiosas, as mazelas são facilmente detetadas, como uma mancha ao sol, tornam-se manifestas nas sombras das vossas vidas diárias.”

O TEMPLO DO SOL
A GÉNESE DOS SIGNOS ZODIACAIS E DAS RELIGIÕES

Cora L. V. Tappan, 1862

Estamos cientes de que, ao nos aventurarmos num tema deste género, e em particular num que até aqui nunca foi explorado, nos expomos à crítica, assim como àqueles que, embora não verdadeiros crentes, estão abertos à convicção, como àqueles que permanecem voluntariamente cegos para com a verdade. Mas as nossas ideias baseiam-se unicamente em factos procedentes da história autêntica; e, se não se mostrarem de acordo com as vossas próprias opiniões, deverão culpabilizar a história, e as imperfeições da humanidade, e não a nós.

De todas as ideias ligadas à criação, aquela é inquestionavelmente a maior e a mais elevada, que teve a sua origem nas conceções sublimes da mente humana; mas ao atravessarmos os campos da história antiga e revermos uma a uma, as graduais transições que a humanidade tem atravessado, ficamos surpreendidos por tanto da experiência do passado se ter perdido para o presente, e por, de uma geração para a outra, parecer prevalecer um total equívoco e uma negligência grosseira a este respeito.

Porém, agora, ao nos aventurarmos a passar o limiar do Grande Templo, pedimos-lhes a vossa inteira atenção, de modo a poderem acompanhar e compreender as explicações que lhes damos dos mistérios. Venham connosco, se fazem favor, através das águas do amplo Atlântico. Deixando a Europa civilizada para trás, cruzamos o Mediterrâneo e penetramos no reino da Ásia, com toda a sua grandeza mística e relíquias da glória passada, espalhada diante de nós.

A seguir, a África do Norte e Oriental, com a sua grandeza meia soterrada, surge-nos no horizonte e entramos naquela região que foi outrora sede de cidades povoadas, de um vasto império, da arte, da ciência e das letras. Aqui esteve situado o suposto centro do mundo. Nestes antigos templos fora reunido e consagrado tudo quanto a humanidade tinha então concebido da erudição e grandeza externas. Sobre estes santuários eram colocadas as oferendas mais elevadas e puras ao intelecto humano. Aí, em toda a sua grandeza soterrada, reside o mistério secreto de todas as eras.

É muita vez indagado onde terá tido origem a religião humana. Propomo-nos agora responder essa questão sinceramente, deixando ao vosso indulgente bom senso a mitigação e desculpa possíveis pelos erros grosseiros da raça. Fiquem certos de que os vão achar necessários.

Existiam dois santuários de idêntica antiguidade. Um no Oriente, entre o povo atualmente chamado Chinês, cujo império então se estendia por sobre toda a Ásia Oriental; o outro na Pérsia, que incluía a divisão ocidental do continente. Nessas regiões, a primeira das quais era geralmente conhecida como Índia, tiveram

origem todas as noções primitivas da religião, das artes e da ciência. A precisa localidade do nosso templo situa-se dentro dos limites do que era antigamente conhecido como reino da Selicia, que incluía a Palestina, e que se estendia tão longe quanto a moderna Tartária. Aí os deuses pela primeira vez fizeram a sua primeira impressão na fronte da humanidade, e a guiou para conquistas intelectuais, e aí teve origem a ideia sistemática da veneração. Aí iremos nós erigir o nosso templo, e consagrá-lo ao Deus visível da Criação, que parece governar no firmamento - o Sol.

A humanidade no seu estágio inicial, não entendia nada que não fosse comunicado pelos seus sentidos. Pelas leis da natureza e instinto de preservação da própria vida, viam-se obrigados a observar com a maior atenção o surgimento e os movimentos dos corpos celestes. Por isso, a ideia de culto não era inata ou primária no homem. Era um produto das suas necessidades, conforme vamos continuar a mostrar, fundada em exigências de cariz físico absolutas.

No seu simples estado selvagem, nada se fazia necessário porquanto os seres humanos preservavam provisões para os seus desejos materiais. Quando se tornaram mais sedentários e passaram a ter uma população mais centralizada, viram-se obrigados a observar e inventar os melhores meios de aproveitarem tais provisões. O primeiro e principal objeto da visão humana, que a surpreende com um esplendor absorvente e sublime, é o sol.

De manhã até à noite, ele parece infatigável no seu curso, o governante do universo material; tudo quanto os sentidos conseguem apreender parece ligado ao seu esplendor; tudo quanto é escuro e desolado está associado à sua ausência. As diversas mudanças do ano são governadas pela sua influência e aspeto. Não admira que homens sem cultura olhassem para o seu esplendor e saudassem nele o Deus da Criação! O culto do sol, em todas as suas funções, constitui a chave para todos os sistemas tecnológicos do mundo; e até ele podemos seguir todas as religiões agora existentes, com a sua multiplicidade de credos e de parafernália. Vejamos de que modo.

Aqui erigimos o Templo do Sol, construído na pedra mais refinada; todas as suas paredes tracejadas com diversos signos e símbolos, cujo significado deixa o intérprete moderno desconcertado na explicação; cabeças femininas em corpos de animais e muitas outras combinações grotescas; globos alados, crescentes, estrelas, aqui um cão, ali um íbis aparentemente misturado numa confusão sem sentido. A sua origem foi a seguinte: Os antigos, e especialmente os habitantes da Selicia, acreditavam que o sol era a fonte de todo o ser, o autor beneficente de todas as coisas boas; que em oposição e ele, existia um outro poder coevo da escuridão e do mal; que esses dois controlavam toda a criação. Na região agrícola, era necessário vigiar de perto os sinais celestes; e os primeiros astrólogos, ou astrónomos, eram aqueles que eram, por conseguinte, designadas especialmente para o estudo das estrelas.

Eles distinguiram e nomearam os doze signos do zodíaco, que até aos dias de hoje permanece como padrão me todo almanaque e constituem a base e todos os

cálculos astronómicos, à excepção do facto da orbe central ser agora o sol ao invés da terra. Os signos encerram o segredo por meio dos quais os antigos compreendiam a vinda e a volta das estações.

Assim, quando a estação primaveril se aproximava, o sol entrava numa certa constelação chamada carneiro, por nessa estação o animal em questão renovar a sua espécie. Mais tarde, quando as águas retrocediam, e o solo deserto ressequia, acorriam os touros selvagens ao rio para beber, do que derivou a designação de Touro dada ao signo dessa estação; e o mesmo sucedeu com todos os doze. Todos eles representam os diversos períodos do ano em que os antigos compreendiam que processos particulares de agricultura deviam ser observados.

Isso forma o segredo do seu culto. Supunham eles que o sol passava por todos esses signos, considerando evidentemente a terra como uma superfície plana. O mar Mediterrâneo, consideravam eles ser o fim do mundo, como a sua extremidade ocidental, e o Mar Oriental como sua fronteira contrária. Ensinavam que a Terra era ou um triângulo ou um quadrado perfeito. Os sete planetas correspondiam às sete esferas do céu, que rodavam ao redor da Terra.

Essas sete esferas encontramos nós simbolizadas nos sete candelabros de ouro do Novo Testamento. Esses sinais eram, pois, essencial e positivamente culturais na sua origem e cariz, e dependiam da quantidade de informação que os astrólogos conseguissem comunicar. O seu significado era perfeitamente compreendido pela geração em que tiveram origem. Assim, à aproximação da estação primaveril, dizia-se que o grande Dragão tinha partido para a região das trevas, e que o Touro tinha retomado o seu curso; e agora contemplem a Virgem, como a sua filha recém-nascida surge.

No decurso do tempo, os atributos e a influência atribuídos às constelações foram transferidos para os objetos terrenos, segundo o que passaram a ser designados. Assim, o boi do céu transformou-se no boi da terra, e gradualmente oferendas chegaram a ser feitas às próprias bestas, como representantes dos poderes celestes. Porém, quando esse culto se estabeleceu no Egipto, numa data muito anterior àquela a que o estabelecimento da nação é comummente atribuído, assumiu um novo formato. Supunha-se que durante a estação do Inverno o sol era obrigado a passar por um tipo de perseguição atribuído ao poder do mal, com o qual pensavam que o império universal era igualmente dividido.

Quando o luminar passava o equinócio do Inverno, emergia conquistador das regiões das trevas, e a terra era inundada de luz e alegria. Daí que os poderes opostos tenham sido igualmente idolatrados, num dos casos através do medo, tudo quanto simbolizava o reino do mal e a estação das tempestades e inundações, os peixes, as aves aquáticas, os monstros das profundezas, era adorado, de modo que as influências adversas pudessem ser propiciadas através dos seus representantes terrenos. Essa religião foi gradualmente introduzida no Egipto, depois de ter prevalecido na Ásia Oriental - porquanto o primeiro dever ter sido povoado muito antes do segundo, conforme é provado pelo facto do seu solo de aluvião era depositado de forma

muito lenta, por sucessivas inundações do Nilo, num período relativamente recente.

Voltando-nos agora para a religião do Oriente, ou Índia, vemos que aí o sol era suposto ser o principal Deus. Nos climas nortenhos o poder do mal, das trevas, e o Inverno, era suposto gozar de idêntica influência. O Mediterrâneo, mas regiões temperadas, era considerado a grande saída para a terra da a partir de então e doravante eterna entrada da futuridade. O príncipe do mal reinava onde as águas do vasto mar eram vertidas no grande abismo. Daí que, a cada Inverno os seus monstros surgissem e a terra fosse inundada, e a sua verdura destruída. Assim, o sol era consagrado a tudo quanto era bom, enquanto propiciavam as divindades malignas com oferendas e sacrifícios.

Essas observâncias supersticiosas provinham do facto dos primeiros astrólogos terem convertido o seu conhecimento em mistérios, e terem arrogado a si os poderes análogos aos da divindade. Mantinham as massas na ignorância dos princípios, e davam-lhes apenas expressões figuradas e símbolos. Desse modo adquiriam as pessoas a ideia do culto. O sol, era-lhes ensinado, era imputada toda a glória; a ele erigiam eles templos. Essas bestas, essas serpentes, diziam eles, são os inimigos - os poderes das tempestades e da obscuridade, que precisamos aplacar. Nisso teve origem as ovações e sacrifícios, as ovações à divindade do bem, o Sol - os sacrifícios aos deuses do Inverno e das Trevas.

Para poderem acomodar ideias de religião à compreensão sensual era necessário faze-las descer do Céu à Terra, pelo que os animais do Zodíaco chegaram a ser adorados; a simples ciência material que assistia às necessidades físicas dos pastores, foram transformadas nos mistérios do paganismo, e as imaginações dos astrólogos cobriram a terra com superstição. Daí que nos requisitos primitivos do povo - a observância que fazia dos fenómenos naturas para fins de proteção, ou de ganho, deram origem aos deuses do mal e das trevas; e assim também teve, a ideia da adoração, origem nas oferendas dos fiéis no santuário do Sol, que desde então tem sido compreendida num sentido incorpóreo.

O Egipto estava especialmente adaptado a essa forma particular de culto que tomou de empréstimo dos países por que foi povoado. Possuindo um clima de tal beleza rara, uma atmosfera de uma transparência tão rica e um solo de uma fertilidade sem par, porque não deveria o Egipto cultuar o Sol? Consequentemente, essa divindade foi representada sob a designação de Osíris, que dividia o império com a sua noive, Isis, ou a terra; daí que em toda a mitologia Egípcia Osíris fosse suposto ser o deus da criação e da luz, e a ele era dedicado tudo quanto fosse bom.

Isis era a deusa da produção, e era suposto que todas as coisas tivessem brotado do casamento dos dois. Que alegoria mais simples e clara! Quando lemos as passagens da mitologia do Oriente não precisamos ficar surpreendidos com as façanhas e transformações singulares aí registadas, se entendermos que Osíris é simplesmente o sol que passa pelos

diferentes signos em diferentes estações, e que, sob designações diversas, é representado por todas as demais divindades.

Os Persas, adoradores do fogo, os Japoneses e os Chineses, que agora adoram ídolos, inicialmente curvavam-se unicamente ao sol. A superstição brotou da ignorância, e promovida pelos astrólogos em função dos seus próprios proveitos. O Egipto, sede inicial da devoção regular, uma terra de luz, a especial favorita do Céu, recebeu da Fenícia muitas das ideias que ela tinha de culto, mas estava-lhe reservado a ele aperfeiçoar um sistema que resultasse no mais perfeito mistério, e a inteira eliminação da religião primitiva; o Egipto com efeito foi a fonte inicial de todas as formas de culto que a terra tinha conhecido.

Os sacerdotes ocultavam a origem de Osíris e de Isis, dotavam-nos de magníficos atributos, e apelavam ao povo para que os adorassem em todas as suas formas de pássaro e de besta. Tão completo era o véu do mistério que foi lançado sobre o assunto, que as pessoas foram levadas a crer que todos os movimentos eram diretamente controlados pelo poder divino, que a adoração era devida a cada ato. Cada departamento da vida foi consagrado quer a ovações alegres, ou a sacrifícios expiatórios. Uma forma completa de ritos e cerimónias era ordenada a cada estação do ano, e mesmo cada dia tinha a sua especial adoração.

Osíris foi identificado com o deus Sol dos Persas e dos Indianos. Doze outras divindades partilhavam com ele os céus, sob nomes que seria inútil repetir. Representavam os signos do zodíaco, e como tal figuravam o controlo que as constelações supostamente exerciam sobre essas estações. Esses eram divididos em poderes menores, cada um dos quais tinha uma função especial a desempenhar na terra. Os sacerdotes do Egipto ocultaram de forma astuta o verdadeiro significado do seu culto.

Em vez do sol, cultuavam Osíris; em vez da Terra, Ísis, metade mulher e metade besta; Osíris significava a luz do dia; Ísis, os funcionamentos mais misteriosos da natureza por baixo da superfície terrestre. Os Egípcios votavam cada dia, e quase cada hora, de algum rito ou cerimónia. O carneiro, na sua mitologia, representava a estação da primavera; o hipopótamo, o ódio, o rancor, a malícia.

Por fim verificamos as divindades do Egipto divididas em classes separadas, a saber,

Aquelas que representavam primeiro, o poder civil

Em segundo lugar o poder mundano, o domínio material
Em terceiro lugar a influência espiritual

A cada um desses era dedicada uma cidade. Menfis, a sede do governo civil, era a principal delas. Uma outra era a cidade de Ré, ou On (Heliópolis) que tinha o Templo do Sol. Todas elas eram cheias de símbolos do seu culto especial, e todas as

suas artes e ciências se centravam nelas. Para lá eram levados os seus tesouros mais preciosos, os troféus de todas as nações, e tudo era consagrado a Osíris, o deus da luz. Os Egípcios eram levados a crer que os poderes da luz e da escuridão juntos governavam o globo, tendo sido produzidos a partir de um ser primitivo, e sido sempre ciumentos e procurado derrubar o império um do outro.

Que estranho isso coincidir com o principal aspeto da fé Judaica! Deus é o princípio da luz e da beneficência; Satanás é o poder adversário das trevas e do mal, e os anjos, de cada um dos lados, podem ser considerados como as diversas deidades subordinadas dos Egípcios. Quão singular que com base em uns quantos fenómenos simples de carácter físico, se viesse a erigir tal vasta estrutura de superstição! Não pode ser diretamente provado pelos registos históricos, mas cremos que poderá ser claramente inferido do conhecimento que temos dos Egípcios, que quinze mil anos antes a data da criação, de Moisés, o Egipto era densamente habitado e tinha aperfeiçoado a sua ordem social. Mas antes que o Egipto entrasse em cena, a Índia tinha cultivado as ciências e em grande medida, tinha formado o seu sistema religioso.

Que isso é verdadeiro com respeito ao Egipto, é provado por leis astronómicas, aplicadas pelas representações zodiacais dos seus monumentos. Ao todo, sentimo-nos plenamente justificados ao supormos que as artes e ciências eram praticadas na Ásia milhares de anos antes que se tivesse acumulado um solo de aluvião suficiente no delta do Nilo de modo a tornar a terra própria para ser habitada por humanos. Que esse acúmulo constitui um processo natural, é demonstrado pelo facto dos restos das antigas cidades Egípcias serem agora encontrados longe das margens, que se sabe estiveram certa vez situadas na boca do Nilo, e possuíram ancoradouros espaçosos e excelentes.

Uma vez mais, a frequência das inundações, na parte inicial do Egipto, deve tê-lo deixado inabitável; a partir disto poderemos observar de passagem, derivou a ideia de um grande dilúvio. As pesquisas levadas a cabo pelos pesquisadores Europeus estabeleceram que os Japoneses e os Chineses, assim como os Brâmanes Hindus, cultuavam o que não passava de um simples emblema do sol. Até mesmo as tribos selvagens da África adoram o mesmo sob as formas de diversas bestas selvagens, sem saberem porquê. Isso será prontamente explicado quando compreendemos que todas essas nações obtiveram a ideia da mesma fonte. Mas para voltarmos.

Descobrimos no Egipto imensas pirâmides. Essas estruturas misteriosas formaram o tópico de infindáveis controvérsias por entre os eruditos, pelo que quase nos perdemos na enorme quantidade de conjeturas respeitantes a elas. Poderá ser dito, contudo, que ninguém até agora foi bem-sucedido na explicação do objetivo, data, ou modo como foram erigidas. Alguns supõem que tenham sido erigidas em honra de algum Deus, outros, que foram dedicadas aos monarcas que as construíram; outros ainda, supõem que sejam as tumbas desses príncipes, etc. A nossa opinião é a de que a sua forma derivou do triângulo, esse emblema primitivo e universal da Divindade que também representa, o Passado, o Presente e o Futuro,

e que foi incorporado no nome impronunciável do Jeová Hebraico. Acha-se por entre os símbolos da Maçonaria, junto com o Olho que tudo vê. Todos têm a sua origem na teologia Egípcia. Não nos compete revelar os segredos dessa antiga ordem, mas aqueles presentes que sejam iniciados concordarão quando afirmamos que o Olho outra coisa não é que o Sol; o triângulo, os três princípios da Natureza que também incluem os elementos de todos os cálculos geométricos e todas as deduções da matemática superior.

Achamos, pois, que todas as religiões antigas derivaram primeiro dos princípios da Natureza física e dos elementos da observação física. Fica por mostrar como eles foram transmitidos e preservados no existente sistema de culto. Conduzimo-los ao Templo do Sol, situado há muitos milhares de anos atrás no seio da maior civilização do mundo, nas margens do Nilo. Foi estimado por arquitetos e historiadores que a construção de uma das pirâmides deve ter exigido trinta mil anos de trabalho, por parte de três milhões de trabalhadores, pelo que não podiam ter sido projetadas como túmulos de uma única geração de reis. Porém, os Egípcios tinham uma enorme aversão a sujeitar os seus corpos ao processo ordinário da dissolução, pelo que praticaram o embalsamamento.

Os mortos eram transportados através do rio e enterrados nas areias do deserto, do que brotaram as ideias do cortejo fúnebre e do cruel barqueiro que transporta as almas para o território do desconhecido. Aqueles cujos amigos não podiam pagar o seu embalsamamento e passagem, eram jogados fora para ser devorados pelas feras selvagens, do que resultaram as ideias populares sobre os temas da salvação e condenação. Também se supunha que ao longo das águas escuras que formavam as fronteiras do mundo, se sentavam os juízes dos espíritos dos defuntos, que estabeleciam a felicidade ou infelicidade da sua futura existência; e aqui vemos o germe da doutrina do Juízo Final.

Bem, as pirâmides tiveram origem pavor da decadência e destruição do corpo, e foram concebidas para proteger as formas dos reis dos efeitos da grande catástrofe a que supostamente a terra estava destinada no final de um ciclo de anos. Nesses monumentos compactos foram depositados os registos dos tesouros mais preciosos da terra, que podiam servir para dar à geração que viria a reocupar a terra, após a pavorosa visita, certas evidências da grandeza que o Egipto tinha alcançado.

As pedras com que as pirâmides são construídas é suposto serem de enorme tamanho, e com efeito tal é aparentemente o caso, à primeira vista. Essas pedras, foi provado, foram trazidas rio abaixo das pedreiras em que foram extraídas, o que suscita a questão, como foi possível erguê-las a tais alturas? Duas são as teorias que foram avançadas sobre o assunto. Alguns atribuem o aparente tamanho das pedras ao cemento com que foram revestidas, por meio do qual as costuras ou linhas de junção se acham tão impregnáveis que, quando secaram e se consolidaram, assumiram a aparência de massas sólidas de enormes dimensões.

Esta é uma explicação plausível. Outros supõem que os antigos Egípcios não desconheciam qualquer das artes mecânicas, e que a hidráulica facilmente os habilitaria a elevar os blocos maiores à altura da pirâmide mais alta - o que estabelece que essa ciência dificilmente avançou um passo durante milhares de anos.

Também isso não parece improvável. Somos de opinião de que as pedras foram carregadas Nilo abaixo em blocos quadrados de vários tamanhos convenientes; que os interstícios foram preenchidos com pedaços triangulares menores; e que o todo foi unido por um tipo peculiar de cemento, cujo conhecimento da composição se perdeu, mas que é evidentemente aludido em diversas passagens do Antigo Testamento. A passagem de inconstáveis eras foi suficiente para endurecer tal cemento, e uni-lo com a pedra em massas gigantescas. É igualmente provável que o topo da pirâmide tenha sido construído primeiro, e as pedras menores gradualmente introduzidas por debaixo.

Chegamos agora às formas de culto existentes, que são:

1 - A religião Hindu, cujos principais deuses são designados Brama, Vishnu e Siva, e que predomina ao longo da Ásia Oriental.

2 - Islamismo, situado na Ásia Central, e na parte superior da África, e parte da Europa.

3 - Cristianismo, que se estende pela Europa Ocidental e pela América.

Para além desses credos principais, há na Europa os Judeus, e na Ásia os seguidores do Zoroastro, que voltam a ocupar quase as mesmas posições relativas; são à mesma considerados infiéis ou párias pelos partidários das religiões predominantes.

Por fim, temos diversas formas de culto pagão na Ásia Oriental e nas ilhas do mar. A fé Hindu ou Brâmane reconhecem três divindades principais, a saber, Brama, Criador, no Passado; Vishnu, o Preservador, no Presente; e Siva, o Destruidor, no Futuro. Mais uma vez aqui traçamos uma semelhança com o triângulo sagrado dos antigos Egípcios. Os livros sagrados dos Hindus eram três em número. Revelam todos os mistérios dessa religião e mostram claramente que, em comum com qualquer outro sistema mitológico da antiguidade, apenas reproduz em novas e complicadas formas as ideias simples primitivas que os Egípcios foram os primeiros a simbolizar no conflito entre os Deuses da Luz e os Deuses das Trevas, sob diversos nomes e metamorfoses, correspondente às divisões do calendário.

O mesmo poderá ser dito da religião Persa, conforme exposto no Zend-Avesta - uma religião que voltou mais perto do que a Egípcia, ao tipo de crença simples e espiritual. E agora chegamos ao Cristianismo. Isso foi tomado de empréstimo, primeiro, da parte de Moisés, que adaptou aos próprios propósitos aquilo que a Hebraica havia derivado da Egípcia durante o período do cativeiro. Os Judeus eram uma tribo de Sírios sob o regime de Hyksos, ou Reis Pastores, que invadiram e conquistaram o Baixo Egipto, e lhe deram uma sucessão de monarcas, até serem expulsos por um do Faraós, que retivera os Judeus em cativeiro. Durante algumas gerações, os últimos cresceram no culto dos seus mestres, e Moisés em especial,

diz-se que foi cuidadosamente treinado em todo o saber dos Egípcios.

Daí que ritos, cerimónias, ovações e sacrifícios dos Judeus, tenham sido meros actos de plágio que sofreram algumas interpolações provenientes dos Egípcios. A própria palavra Jeová não passa de uma expressão do triângulo sagrado dos últimos - Je, denota o Passado; Ho, o Presente, e Va, o Futuro; ou aquilo que cria, preserva e destrói. Assim, a crença original, simples como é, cobriu toda a terra em mistério e trevas. A serpente que tentou Eva outra não é senão a serpente do Zodíaco, a qual, quando o Sol entrava nele, era suposto destruir a Virgem, que é representada nos hieróglifos Egípcios como tendo uma criança nos braços e trazendo atrás de si o Deus da Luz.

Também retratam o fruto que supostamente a Virgem deu ao Sol, e assim o tentou para as regiões das trevas. Encontramos de novo a Virgem a surgir de novo quando a escuridão é dispersa; o que leva a Virgem a representar a regeneração, ou o ressurgimento do reino; e isso foi interpretado pelos Hebreus como denotando a vinda do rei atual que deveria restaurar a sua prosperidade

Chegamos agora ao último sistema, o de Maomé, que se difundiu com tal rapidez pelo fogo e pela espada que agora conta com mais seguidores do que qualquer dos outros. É uma combinação das religiões Persa e Judaica, que se pode traçar apenas indiretamente até às formas mais antigas. Reconhece Maomé como profeta principal, em vez de Jesus, e também inculca a unidade da Divindade, ao contrário da noção de uma Trindade, ou Triângulo Sagrado. Isso deve-se ao facto de Maomé ter tomado de empréstimo do culto do Sol dos Persas, em vez dos Egípcios. O Islamismo, conforme dissemos, deve principalmente a rapidez com que se propagou ao poder da espada, daí que o derramamento de sangue e a devastação tenha marcado o seu progresso por toda a parte. Lamentamos dizer que o Cristianismo fez pouco mais.

A Virgem que era para trazer o Salvador dos Judeus outra não é que a virgem celestial do calendário antigo dos Egípcios, que vinha inaugurar o Ano e representava a mãe da recentemente surgida Primavera. A uma mesma fonte podemos traçar a história do menino na manjedoura, e do seu pai José. A ideia de Cristo na sua missão foi tirada da mitologia Persa e Egípcia; e, embora estejamos prontos a admitir que alguém que tenha nascido de José e Maria, tenha crido ser divinamente dotado, ainda assim, o seu nome e carácter mítico foram tomadas de empréstimo do antigo culto do Sol. Tal posição é corroborada considerando os ritos e cerimónias da Igreja de Roma, cujo Pontífice Principal não revela o seu sentido oculto, embora nos conduzam de volta de imediato às mitologias da Grécia e de Roma, cujos diversos deuses não passam de Divindades do Egipto sob outras designações.

Os trabalhos de Hércules, por exemplo, denotam a passagem do Sol pelos signos do Zodíaco; assim, podemos traçar as mesmas ideias astronómicas através de todos os caracteres da mitologia Grega ou Romana, que desde então foram transformadas em santos e profetas cristãos. Além disso, vemos que a história e os ensinamentos de Jesus Cristo correspondem notavelmente àqueles de um certo profeta chamado Goda, que apareceu com um salvador no extremo oriente da Ásia, alguns dois mil anos antes da nossa era.

Diz-se que ele morreu por altura da mesma idade, após ter realizado curas miraculosos similares, e que foi transportado do mesmo modo para as regiões celestiais. Os Cristãos fariam bem em considerar tal paralelo. O Livro da Revelação, esse enigma e opróbrio dos teólogos e comentadores é uma mera repetição, dotada de uns ornamentos adicionais, das velhas fábulas alegóricas a que tanta vez nos referimos.

Mas regressemos uma vez mais ao Templo do Sol. Entrem nele e prestem as vossas devoções; porque, durante miríades de anos, sob diversas formas, a adoração do grande luminar foi passada à presente geração; ainda assim, hoje, não existe uma só nação em que a origem verdadeira e legítima da sua religião seja reconhecida nesses moldes. Ainda assim, todas as manhãs, a fonte de luz lança o seu resplandecente sorriso sobre a terra regozijada; todas as tardes ele afunda tudo quanto há de sumptuoso no seu humilde tabernáculo; no entanto, cada estação vem e volta, e trás o período das sementeiras e colheitas, das tempestades e da calmaria.

Toda a vida e movimento, todas as formas de beleza e de uso à superfície da terra, se devem à energia transmitida por essa misteriosa fonte. Todos os dias eleva uma nova criação; cada regresso da Primavera testemunha um mundo regenerado, no entanto o homem, cego pela superstição, recusa fazer a sua homenagem aos simples elementos - à alma da vida universal - e prefere ao invés, adorar o trabalho das suas próprias mãos, ou a criaturas da sua imaginação pervertida. Para sempre será o culto Maometano essencialmente idólatra, e o próprio Cristianismo recebeu uma vasta infusão do espírito do Paganismo.

Sem o Sol, não há luz nem beleza, nem inteligência, no entanto voltamos-lhe as costas e não lhe damos atenção, embora durante eras incontáveis ele foi alvo do culto de poderosas e sábias nações. Estranha paixão a que leva o homem a cansar-se a tatear através do espaço infinito para além dele, por aquilo que se acha nele e ao seu redor e a adorar uma abstração obscura, em vez do Poder cuja essência se move no seio da Criação visível.

Abandonem esses dogmas e símbolos Cristãos, relíquias estéreis e sem sentido de mitologias gastas; abandonem os sonhos da astrologia e as frias fórmulas de metafísicas e cultuem uma vez mais o elemento da vida abundante e impregnada. Essa moderna inteligência que se arroga tão orgulhosa superioridade e que ainda assim se contenta em usar as correntes de uma aquiescência escrava a credos que brotam da infância ignorante da humanidade, que tenha vergonha!

Nós não lhes pedimos que ponham de lado as vossas Bíblias, neguem os princípios da Verdade, ou prestem menos reverência à bondade, mas pedimos àqueles que são iluminados e sensatos que percebam esse grosseiro afeto, e que arranquem a capa em que há tanto tempo se têm envolto. Ora, se podemos ver a origem da forma encarecida dos vossos ritos de batismo e da consagração sacerdotal - a imposição das mãos - até à antiga adoração de Mitras, ou do Sol. Porém, nem o vosso tempo nem a paciência nos permitiria demorar-nos como deveríamos sobre estes e outros tópicos como este. Só podemos chamar a vossa atenção para as principais verdades que lhes apontamos; só lhes podemos apontar, à medida que passam pelo Templo do Sol, as inúmeras revelações que lampejam diante de vós, desde o topo até ao chão e ao longo de todos os seus sublimes corredores.

Entendam que foi erguido na mais remota antiguidade, e que as ideias a que inicialmente foi consagrado chegou até nós pela história e pela tradição. No entanto os sacerdotes e os seus joguetes dizem-lhes que há somente mil e oitocentos anos, a religião surgiu uma vez mais na pessoa do único Redentor!

Porém, hoje o esclarecimento e a verdade podem ser os vossos guias; a história desdobra as suas páginas, e a ciência está a revelar os registos da Criação. Os depósitos do conhecimento foram abertos, pelo que, se as pirâmides se fossem libertas dos tesouros que encerram do conhecimento Egípcio, se a grande biblioteca de Alexandria existisse atualmente, talvez de pouco valessem. Adorem o princípio da vida que é a fonte do vosso ser, e cuja coroação da perfeição está nos legados da humanidade; adorem o Salvador, seja sob que nome for, seja sob que céus ele tenha percorrido o seu curso terrestre, que lhes refinaram e exaltaram as concepções que têm de moral; adorem acima de tudo, essa última manifestação que, aos alçá-los acima das velhas ideias de morte e de castigo, lhes forneceram a evidência positiva da existência contínua e subjacente das energias da mente humana.

O TRIÂNGULO SAGRADO

Cora L. V. Tappan, 16 Março de 1862

Antes de entrarmos na discussão do tema desta noite, desejamos simplesmente observar que, infelizmente, devido à escassez do tempo que temos à nossa disposição, muitos dos nossos ouvintes, na noite de Sábado passado ficaram com a impressão errónea com respeito ao assunto e intenção do nosso discurso.

Recordar-lhes-emos que o nosso tema foi "O Templo do Sol" e tencionamos ilustrar a origem de todas as formas superficiais de culto e avidez com que os ignorantes e supersticiosos entenderam os resultados da ciência enquanto fundação dos seus credos e os erros que penetraram na religião em consequência. Não tínhamos a intenção de recomendar uma renovação de observâncias idólatras que há tanto desapareceram antes das evidências tangíveis da ciência positiva, mas expor os erros que, introduzidos em períodos iniciais, foram implantados em todos os

sistemas religiosos que desde então tem predominado. isso teve inteiramente origem no que era então conhecido como ciência material. Não é nossa intenção interferir com a veneração da elevada e santificada Divindade, mas romper com os seus falsos invólucros; virar os santuários profanos em que foram desperdiçadas tanto das felicidades e vidas humanas, e estabelecer em vez disso as verdadeiras bases da religião.

Esta noite o nosso tema é o mistério do Triângulo. O tratamento que lhe iremos dar pode ser esperado por alguns como puramente matemático, mas tal não é a nossa conceção. Enquanto o triângulo é do vosso conhecimento, em ciência, como a cifra principal de todos os cálculos matemáticos, chave em toda a mensuração, não é entendido a parte que representou nos grandes dramas das eras.

No formato anterior constitui p germe de todos os problemas geométricos. A ciência da trigonometria, em que é o principal elemento, constitui a base de toda medição exata; consequentemente, é classificado quase como tão grande, num ponto de vista científico, como mostraremos ser importante no sentido religioso. Se desejarem medir qualquer porção da superfície da terra, seja que formato ou dimensões tiver, precisará primeiro ser reduzida a um sistema de triângulos; se desejarem avaliar a superfície de uma esfera, isso também deverá ser subdividido em triângulos; se tiverem ocasião de medir uma figura oblonga, o triângulo é o único meio por que poderão efetuar o que almejam; se o objeto da vossa investigação for um quadrado, isso também precisará ser triangulado; e o mesmo sucede com qualquer figura irregular.

Aqueles que tenham a mais comum das experiências em matemática estão perfeitamente cientes disso; contudo não passa de uma figura imaginada consistindo de um ponto imaginário de que é traçada uma linha imaginária, que vai ao encontro de duas outras linhas, que convergem e divergem respetivamente; pelo que contém três pontos, cada um dos quais representa uma figura matemática, e três lados retos.

No Sábado passado declaramos que os antigos, no período inicial da ciência, tiveram que eleger líderes que devotassem toda a sua vida à sua busca, sendo as massas impedidas de todo avanço no conhecimento teológico. À medida que os seus estudos prosseguiam, e as suas realizações se ampliavam, esses mestres ocultaram o mais possível as suas descobertas, para se tornarem mais poderosos, e por fim, os antigos hierofantes monopolizaram todo o conhecimento, e tornaram os mistérios no que são agora os princípios comuns do conhecimento, acessíveis a todo catraio de escola.

Esses líderes cedo descobriram os princípios da ciência positiva, e ao estudarem os movimentos dos céus, perceberam que a única fundação verdadeira da mensuração, quer de distâncias ou de áreas, precisa assentar num sistema de triângulos. Foi somente após longos anos de labuta que este resultado foi alcançado. Inicialmente era fácil, imaginar uma linha reta traçada

entre dois pontos; porém, chegar à ideia que estamos a considerar, era necessário conceber duas linhas retas entre as quais era taçada uma terceira, constituindo desse modo o triângulo.

Isso era considerado o verdadeiro segredo do poder, e foi cuidadosamente ocultado da compreensão vulgar. Em todas as suas cerimónias, nem ao mundo teriam sido reveladas, e esse segredo era de tal modo sublime na consideração deles, que mesmo quando aplicados à construção das esferas celestes, a gente comum não tinha permissão para o compreender. Assim, descobrimos que o olho, que entre os Egípcios representava o Sol, eram igualmente, em consequência, o emblema da Divindade Suprema.

Todas as demais figuras da sua mitologia estava ligada a esse símbolo; porém, tão cuidadosamente foi o seu significado ocultado, que nenhum trabalhador profano tinha permissão para entrar nos subterrâneos secretos onde os seus ídolos eram fabricados. Assim teve igualmente origem muitos dos ritos dos Maçons; daí a primitiva e teórica base da noção de uma divindade tripartida da Trindade. Deus era uma figura mais matemática que corporificava os únicos meios que a mente humana conseguia conceber, explicando o paradoxo do três num só.

O triângulo (conforme o chamaremos por falta de uma designação melhor) não é um triângulo, a menos que possua três lados; é imperfeito, a menos que esses três lados se unam em três pontos; consequentemente, não tem nada que ver com nenhum dos lados, a menos que o outro lado exista, ou possa ser inferido. Assim explicamos a aparente impossibilidade de uma Trindade falando em termos matemáticos, ao demonstrarmos esta como a única figura que o contém.

Entre os antigos, conforme dissemos, ninguém salvo os iniciados tinham permissão para compreender o processo do cálculo, ou a construção ou uso dos instrumentos matemáticos. Daí que entre os Egípcios, por exemplo, as massas se vissem obrigadas a venerar às cegas segundo o que lhes ditavam os sacerdotes, os quais, começando por observar a mudança das estações, chegaram gradualmente a abstrair que todos os poderes brotam das pesquisas científicas, e no mesmo grau do mero significado físico do emblema usado, inferiram que pertenciam a algum domínio misterioso e sobrenatural.

Quando, pois, os líderes proclamavam uma figura como representativa de uma nova ideia científica, era instantaneamente erigida pela comunidade em geral num objeto de adoração. Temos todas as razões para acreditar que os germes de todas as ciências foram implantados no império da Índia da Ásia Oriental, e que foram transmitidas ao seu aperfeiçoamento no Egipto.

A configuração dos corpos celestes era representada por uma série de triângulos, os quais, estando além da compreensão de toda a veneração figurativa das gentes comuns, formavam o predicado de todo culto figurativo dos Indianos. Resumindo, todas as descobertas tendem distintamente a provar que a conceção inicial da

veneração de uma Divindade, na forma de uma Trindade, teve a sua origem na simples figura de um triângulo. Vejamos como.

O Deus Indiano é representado como incorporado em três princípios distintos, ou poderes; Brama, aquele que cria; Vishnu, aquele que preserva; Siva, aquele que destrói. Esses três formam os três lados do antigo triângulo Indiano. Esses deuses são mais conhecidos nos tempos modernos sob o misterioso nome de Aion, * o qual, uma vez mais, quando dividido em sílabas, nos dá os nomes que denotam respetivamente Brama, Vishnu e Siva.

Tão completamente foram ocultos estes mistérios que as gentes comuns se sentiram encantadas por se valer de qualquer forma de veneração; consequentemente, prestaram uma homenagem idólatra a animais que foram selecionados para os representar, e os líderes (eruditos inicialmente, não sacerdotes) envolveram os seus oráculos em trajes de uma tal obscuridade alegórica que com efeito cegaram as massas quanto ao verdadeiro segredo. Consequentemente, quando descobriam alguma coisa por via do triângulo, colocavam-no de imediato diante das pessoas como objeto de veneração. Os princípios matemáticos da esfera foram cuidadosamente ocultados do povo, e os seus instrumentos de cálculo foram habilmente escondidos nas cavernas em que conduziam as suas pesquisas.

O significado espiritual desse triângulo foi primeiro um linha reta, que era considerada como tendo tido a sua origem no Sol; esse era o principal objetivo da sua atenção. Essa linha reta estabelece um ângulo com a segunda linha, o que era chamado o produto, ou soma, da primeira linha, e depois essas duas linhas são unidas por uma terceira, que era chamada resultado sagrado. Essas ideias correspondiam respetivamente ao Sol, ou Deus, que cria; a lua, que era um objeto de especial veneração, por constituir o planeta negativo ou lunar, que preserva, ou é causa de permanecer parado, e a atmosfera da Terra, que contém à mesma os elementos da existência e da destruição.

Assim, temos Deus, o Sol, Deus a Lua, que representa a segunda, ou o que é conhecido como Cristo; Deus, a atmosfera, ou Espírito Santo. Isso prevalece muito para a conceção Índia da Trindade. Agora, perceberão, que embora os Indianos se tenham dividido em três diferentes seitas, cada uma das quais presta especial veneração a um dos três antes nomeados, descurando relativamente os outros, ainda assim todos reconhecem a mesma origem e fundação, mas não compreendem de todo o significado dos Deuses que veneram.

Os temas das nossas observações são, pois, principalmente o Deus dos Indianos, e o Deus dos Egípcios. No Egipto, encontramos essa fundação física, matemática da religião trazida de forma distinta à vista, por os Egípcios terem importado do Oriente a conceção primitiva de um Deus, ou base de veneração - o Sol, e implantaram sobre ele o seu simbolismo astronómico e geométrico, criando um sistema completo de sobrenaturalismo científico. Desse modo tornou-se numa

coisa natural que os três lados do triângulo devessem representar os atributos principais da Divindade, cujo nome Júpiter, expressava esses lados, quando dividido do seguinte modo: Jú-pi-ter; e fazia referência ao Sol, cuja circunferência, diâmetro, e órbita eles tinham medido por meio de um triângulo, desse modo divinizando o objeto que lhes tinha proporcionado tanta informação. Júpiter era, pois, o nome do Sol, e representava na Fenícia, e posteriormente no Egipto, todos os mistérios de Osíris e Ísis.

Por fim, seguindo-lhe o rasto ao longo de gerações sucessivas, encontrámo-lo introduzido no que é conhecido como a religião de Zoroastro, e na teologia de Moisés. Zoroastro adotou a ideia espiritual, que os Múgil Indianos cuidadosamente ocultaram, e implantou nela o princípio da devoção espiritual. O seu Zend-Avesta era a combinação num só sistema de todos os atributos da Divindade, de acordo com as diversas formas de culto religioso, que cresceram da ideia primitiva; e adaptou a totalidade das qualidades do seu povo, os seus hábitos, gostos, costumes e clima. Zoroastro promoveu e preservou a ideia espiritual no Oriente. Moisés, no Ocidente; porque, antes deles não tinha existido conceção nenhuma, exceto dos elementos físicos; e entre os sacerdotes, as propriedades matemáticas do triângulo.

Mas por fim lá surgiu o reino do Deus único. Moisés foi iniciado em todos os mistérios Egípcios e apossando-se dessa ideia e ao ver como concordava com a conceção da Divindade que era expressada no culto do Sol, a sua mente elevada de imediato a adotou, e ele disse: “Isso irá formar o predicado do meu Jeová! ”

Notem bem! O brâmane, ou Indiano diz: Brama é o passado, aquele que criou; Vishnu é o presente, aquele que preserva; Siva é o Futuro, aquele que destrói. Que coisa diz Moisés? Je é o passado, ho é o presente, e va o futuro. O mesmo triângulo que fora consagrado na Índia, e posteriormente consagrado na forma do Jeová Espiritual, cujo nome os Judeus até hoje preferem morrer a pronunciar; e porquê? Tal proibição tornou-se necessária, por os Egípcios, que foram iniciados nos mistérios da sua própria religião, haveriam de perceber pelo nome secreto do Deus Triúno, caso fosse pronunciado diante deles, e haveriam de informar os seguidores de Moisés que ele tinha introduzido no seu culto muitas das formas da idolatria Egípcia.

Os Rabis Judaicos dir-lhes-ão que o misterioso significado de Jeová se referre ao Deus triplo, que representava o triângulo sagrado dos antigos. É corretamente suposto que as pirâmides do Egipto tenham sido construídas em consequência das inundações do Nilo, que tornava a arquitetura vulgar passível de ser destruída. A sua forma peculiar deveu-se ao facto de todos os edifícios públicos dessa terra serem consagrados ao Deus tripartido - ao Três em Um - pelo que foi considerado essencial que ele devesse assemelhar-se ao tanto quanto possível triângulo. Todos os eruditos concordarão que o obelisco e as pirâmides eram dedicadas ao Sol, que

representava o Deus tripartido. Assim no Oriente o deus Mitras era venerado sob a figura de um cone, cuja secção vertical forma um triângulo. Assim, vemos de novo que traçamos a ideia básica desta religião a duas regiões distantes - a parte Oriental da Ásia e o Egipto.

Confúcio, que consta entre os mais antigos representantes da teologia Indiana, introduziu um culto transcendental que afastou a mente das conceções primitivas

- e a mesma observação se aplica a Zoroastro, entre os Persas. Até mesmo entre os Gregos e os Romanos, nos deparamos com muitas evidências da veneração do Deus tripartido. Nas doutrinas Judaicas, conforme pregadas por Moisés, vemos essa divindade triúna após ter sido separada da ciência material e ter gradualmente assumido uma forma espiritual. A forma material da conceção tomou o seu curso até à Grécia e Roma, e foi transmitida por eles até às presentes gerações, enquanto a noção abstrata conduzia à localidade da Divindade em alguma esfera distante, e assim Jeová, que inicialmente aparecera na forma do Sol, e depois como triângulo, é agora uma unidade invisível e intangível que habita o espaço infinito, embora esteja sempre acessível às súplicas dos seus filhos. Mas vejamos como esta última ideia chegou a prevalecer.

Os Egípcios representam a influência do Sol nas diferentes estações sob a forma das diversas divindades subordinadas, de modo que quase todos os dias têm o seu poder superintendente, que era venerado na forma de algum animal ou vegetal.

Esses poderes eram divididos em três classes: 1º - Aqueles que estavam ligados ao surgimento da vegetação na Primavera. 2º - Aqueles que guardavam o amadurecimento e preservação dos frutos da terra. 3º - Os agentes da destruição, quer pela ação da água ou do fogo, a que a terra estava condenada no final de um certo ciclo de anos.

Era do conhecimento geral que as inundações do Nilo se tinham tornado menos violentas do que das anteriores ocasiões, e dessa circunstância se inferia que o poder do Deus Sol predominava gradualmente sobre o de Tifão, ou a estação das chuvas, e quando obtivesse a ascendência final, o mundo seria destruído pelo fogo.

Avançamos agora para a análise do Deus Triúno - Pai, Filho e Espírito Santo - referido na Bíblia dos Judeus. Deus, o Pai, é o passado, o princípio da Vida, que criou todas as coisas, e que nós podemos representar somente como a base da pirâmide, ou a linha base do triângulo.

O Filho, que é igual e coevo com Deus, constitui o primeiro lado do triângulo; o Espírito Santo é aquela linha, seja real ou imaginária, que completa a figura que, quando as duas outras são determinadas, nos dá a distância na aferição geométrica ou astronómica, entre dois pontos. Este diagrama matemático ao ser espiritualizado por Moisés, chegou a significar Deus o Pai - o poder que cria; Deus o Filho - esse princípio incorporado, coevo com o anterior, contudo nascido dele, que existe como a família humana: Deus, o Espírito Santo - aquele produto dos outros dois, que é conhecido como o elemento

religioso, ou o sentimento de devoção. Daí o Salvador, o Filho de Deus, não era outro que a incorporação mística do segundo lado do triângulo. Essa ideia de um Deus triúno foi passada de Moisés até aos Cristãos, por quem foi venerada como a "Trindade Santa e Adorável. "

A religião de Maomé predomina sobre a Ásia, exceto na sua porção mais oriental. A ideia que eles têm de Deus é uma combinação das conceções Judaicas e Persas, e pelo poder da espada conseguiu erradicar a velha teologia, onde quer que prevalecesse. No entanto, nas suas vizinhanças não conseguiu por forma nenhuma diminuir o apego fanático que os Hindus tinham à sua mitologia primitiva. O Cristianismo, no que diz respeito à sua forma superficial e doutrinas externas, não passa, conforme vimos, do produto da mesma crença universal primitiva, representando do mesmo modo pelo Jeová dos Hebreus, o Júpiter dos Romanos, e o Osíris dos Egípcios.

Venham connosco a uma catedral Católica Romana qualquer e verão retratado em todo o lado o triângulo sagrado; mesmo nas igrejas Protestantes e Episcopais, o mesmo símbolo se torna evidente. No emblema Mação, o olho que tudo vê, ou seja, o Sol, é representado rodeado de raios e encerrado no triângulo, significando que não há meio de se medir a distância de que esses raios se estendem senão por essa figura.

O quadrado composto de dois triângulos, não passa de uma repetição do mesmo; todos os ritos e cerimónias dessa ordem secreta preservam o misterioso significado do culto dos antigos Egípcios. A cruz, que por todo o mundo Cristão é exibida em memória do Redentor crucificado, era originalmente um mero modo de representação dos quatro triângulos que os Egípcios adotaram enquanto sinal de uma das suas eras astronómicas mais importantes e que são combinadas no prisma.

O prisma foi introduzido no culto de Mitras - em que os próprios nomes e formas da devoção Cristã são tão intimamente repetidos que, se não soubéssemos do contrário, poderíamos supor que fosse uma mera cópia da última - e representasse uma das formas misteriosas assumidas pelo triângulo dos Egípcios, da parte de quem foi passado aos Judeus, e que sob o Império Romano se tornou, na forma da cruz, no emblema mais sagrado do Cristianismo.

O nome Cristo - Krishna - em si mesmo não passa de um dos lados do triângulo, e é repetido no Vishnu dos Indianos - o deus que preserva. O triângulo representava igualmente a vida, a verdade, a eternidade; vida, naquilo que existiu, e que cria; eternidade, aquilo que virá a existir, tempo infinito; verdade, o resultado dos outros dois. Esse Krishna, aquele que preserva a existência, conhecido posteriormente com o filho de Deus, era o Salvador prometido dos Judeus, que estava para vir como rei temporal e libertar da opressão estrangeira, e que que haveria de representar no mundo o verdadeiro princípio de toda a existência.

Todos os anjos e arcanjos, santos patronos e mártires da hierarquia celestial Romana não são outra coisa senão as constelações do antigo calendário Egípcio.

As próprias letras I. H. S. , apresentam-nos de novo a ideia triangular desse culto. O pai, Deus, outro não é senão o sol, a segunda pessoa da Trindade é a esfera lunar, o Espírito Santo é a atmosfera externa através da qual passam unicamente aqueles luminares que estão ligados ao nosso globo. Bem, toda a ideia figurativa representa um tanto a verdade.

O triângulo visível tornou-se num mero instrumento nos cálculos matemáticos; o triângulo espiritualizado permanece atualmente o objeto da veneração para milhões; e toda a vez que se ajoelham aos pés da cruz de Jesus de Nazaré não fazem senão venerar um prisma que representa o triângulo dos antigos Egípcios. Quando se curvam ante o Deus Triúno, com efeito ajoelham- se ante o Júpiter do Egipto, o Aion da Índia; e toda a vez que repetem o credo de Niceia, estão em verdade simplesmente a afirmar que o triângulo é a única figura matemática que explica o paradoxo do três em um, e do um em três.

Que é que se segue necessariamente? Que despir a religião de todas essas formas mitológicas - torná-la sagrada e pura - todos os homens precisam familiarizar-se com a sua real origem. Certamente não venerariam a Deus enquanto um ser tripartido, se soubessem que essa conceção d'Ele fora simplesmente inventada pelos sacerdotes, que primeiro visavam escravizar as multidões iletradas que os procuravam para orientação, por meio da superstição.

Não venerariam a cruz se descobrissem que fora um mero emblema do Sol, tal como eram aqueles enormes monumentos erigidos nas margens do Nilo, a fim de marcar o recuo das águas. Não ofereceriam as vossas preces ao Pai, Filho e Espírito Santo, se soubessem que essa diversidade de pessoas da divindade, e as suas funções tiveram origem nas idolatrias Indiana e Persa. Não se ajoelhariam ante o santuário que deve a sua edificação a deturpações e perversões de uma fé simples, e pelo que a fé se tornava tão obscura e extinta que devotos iludidos se vissem privados do objeto genuíno dos seus votos.

Se a origem de todos esses ritos e credos lhes fossem revelada, se lhes mostrassem que eram meras expressões de certos princípios e processos úteis e familiares matemáticos, e haveriam de ficar chocados ao ver nas crenças acalentadas de tantas eras o mero resultado do conhecimento superficial de um engano grosseiro e intencional.

Todas essas coisas, porém, representam um princípio. O triângulo encerra o segredo do poder da Divindade, porque, embora essa mente eterna seja representada por dez mil formas; embora os seus atributos nos sejam revelados em cada recanto desta criação visível, embora o sol e as estrelas possam propiamente ser tomadas por tipos e símbolos do Seu poder e da Sua beneficência, ainda assim, contemplai! O homem curva-se diante de ídolos obscenos, ou pedras sem inanimadas, e, nos países modernos, adoram um simples humano, como eles próprios. Mas esse espírito ou poder, que é Deus, representado pelo primeiro lado, ou base, do triângulo sagrado, esse princípio, que é a verdade, o Salvador ou aquele que preserva o mundo, representado pelo segundo lado; e a eternidade das

suas operações conjuntas representadas pelo terceiro lado - essas três expressões transmitem tudo quanto é conhecido ou alvo de crença em questões de Religião.

Consagrem, pois, o vosso culto, a um santuário qualquer afastado de meros cálculos matemáticos, sofismas metafísicos, e das sedutoras fantasias da mitologia. A veneração de Deus, o Criador, o elemento absoluto e essencial do ser, não necessita de nenhuma personificação em emblemas ou figuras, por o tempo e a forma não são predicados d'Ele - o espírito omnipresente e animador que existiu, existe e sempre existirá o Criador e o Sustentáculo do universo; o qual ao se refletir em todas as formas da natureza, e ao conferir beleza e força a toda a flor, e árvore, e animal; ao decorar os céus com miríades de mundos e ao encher tudo de movimento e de satisfação, é ainda assim invisível, a vida, a verdade, a eternidade do ser. Venerem essa Trindade, porquanto só ela é verdadeiramente santa. Não venerem aquilo que não passa do (...) da dissimulação de uma afirmação tão banal e habitual que qualquer catraio de escola o sabe rabiscar no quadro.

Não é demasiado tarde para despojarem a religião dessas formas afetadas, últimos restos da idolatria, cuja existência se deve à simples carência de inteligência. Deixem que o vosso culto seja representado por símbolo nenhum, salvo aqueles da vida; que não seja consagrado em templo nenhum salvo aquele que o próprio Deus tenha criado. Que não tenham santuário exceto dentro da alma; que não se expresse por credo nenhum, exceto aquele que vem escrito na face da Natureza e nos vossos corações, e deixem que o seu salvador seja unicamente a verdade. Escolhem se vão continuar no caminho da superstição traçado nas trevas de uma era iludida pelas varinhas mágicas de adivinhos Egípcios, ou se, na luz pura da inteligência Cristã rendem as vossas devoções ao espírito do Criador Universal, Preservador e Destruidor (conforme todos os termos da Natureza mostram) aquilo que foi, que é e que passa sempre será - Deus.

*NT: Aion constitui a pronúncia grega do termo "éon", que indica o tempo na sua acepção de potência vital (em contraposição a Qíron) e por isso é interpretado por Aristóteles como "desde sempre".

A PRESENTE CRISE

DUAS PALESTRAS PROFERIDAS PELOS FALECIDOS THEODORE PARKER E HENRY CLAY, NO SALÃO DE DODWORTH NA MANHÃ E NOITE DE DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 1860, AMBAS POR INTERMÉDIO DA MÉDIUM CORA L. V. TAPPAN

INTRODUÇÃO

Ao apresentar as palestras que se seguem ao público, o Editor não se sentiu mais motivado por uma ideia de ganho do que por um desejo sincero de fornecer evidência adicional do poder que os que partiram têm, de comungar com os filhos

da terra. Como estas páginas tratam da questão que hoje agita toda a nação, elas provavelmente obterão uma circulação mais generalizada do que qualquer produção que até aqui tenha estabelecido a reivindicação espiritual. Daí a explicação que se segue - que não foi planeada, e que seria considerada supérflua pelos milhares de mentes inteligentes que compareceram, encantadas, aos discursos desta médium altamente dotada. De um livro de Palestras transmitidas através da Sra. Hatch, e publicado há dois anos, citamos o seguinte relato resumido:

"A senhora Cora L. V. Hatch, que foi o meio de transmissão ao mundo dos pensamentos contidos neste volume, nasceu na cidade de Cuba, no condado de Allegany, Nova Iorque, no dia 21 de Abril de 1840. Assim, parte destes discursos foi apresentada antes que ela atingisse os dezassete anos de idade. As competências literárias dela foram as que ela foi capaz de conseguir num distrito rural do país antes de completar os dez anos, altura em que se tornou médium de transe. Até então ela não tivera qualquer conhecimento do intercurso espiritual. Um dia, de ardósia e lápis na mão, ela retirou-se a fim de compor algumas linhas para serem apresentadas na escola, e enquanto se encontrava sentada, perdeu a consciência de vigília, e ao despertar ela encontrou a sua lousa coberta de escrita. Crendo que alguém tinha tirado partido do que ela supôs ter sido um breve sono, ela levou a ardósia à mãe, que descobriu que continha um comunicado da parte da tia materna de Cora (que partira desta vida alguns quinze anos antes) com que se dirigia à Sra. Scott, mãe de Cora.

* * *

"Aos catorze anos de idade, ela tornou-se oradora pública, e até mesmo nesse período inicial da vida manifestou dotes de lógica e de elocução que prestigiariam mentes amadurecidas, e que, relativamente poucos chegam a alcançar. Casou-se em Agosto de 1856, e mudou-se para a cidade de Nova Iorque, após o que que ela tem falado três a quatro vezes por semana, principalmente em Nova Iorque, Boston e Baltimore. Foi levada a um contacto com as mentes mais poderosas desta nação, tanto em debates privados quanto públicos, mas acredito que ninguém jamais pretendeu ter tido êxito num debate com ela.

A variedade de assuntos tratados será evidência suficiente de que as suas inspirações não se confinam a nenhuma classe específica de ideias, mas que são tão universais quanto a natureza; e, como os seus discursos são totalmente improvisados, se ela não é inspirada, então deve ser considerada a pessoa mais notável e intelectualmente desenvolvida da época. "Em privado, ela é simples e infantil a um ponto notável; mas ao falar diante de uma plateia, os lances da eloquência que atinge revelam-se ousados, altivos, e sublimes, além de qualquer descrição. "

No final de uma palestra no Salão de Dodworth, na noite de Domingo, 9 de Dezembro de 1860, foi anunciado pela influência que controlava a Sra. Hatch, que no sábado seguinte a emocionante questão política que agora agita o país seria discutida pela manhã, por um lado, pelo falecido Theodore Parker, e em oposição, à noite, por um estadista falecido, cujo nome não foi apresentado, mas que posteriormente foi identificado como o falecido Exmo. Henry Clay. Estes discursos mostraram-se característica tanto nos modos como na substância, e teria sido difícil aos mais céticos que estivessem familiarizados com as partes mencionadas acima apontar qualquer diferença marcante na maneira e no comportamento desses homens distintos enquanto viveram, e na sua representação, através do organismo da médium.

* * *

Embora, de uma maneira geral, devêssemos inclinar-nos a ignorar os nomes como de muito pouca consequência, podem surgir casos em que, numa reunião pública, a identificação daqueles que tiverem alcançado proeminência perante o público na sua vida terrena, pode trazer enorme benefício. Este considero eu ser um desses casos. Será adequado observar com respeito a isto que a Sra. Hatch, se encontra inteiramente inconsciente enquanto fala, e que é frequentemente levada a dar voz a sentimentos e a proferir pareceres inteiramente em desacordo com os seus próprios. Com estas parcas observações recomendamos as páginas que se seguem à atenção do leitor, confiantes de que irão descobrir ampla compensação na sua leitura.

THEODORE PARKER

Foi-me solicitado enunciar que o objeto do presente discurso, e o daquele que se seguirá esta noite, tem dupla finalidade; primeiro, representar tão fielmente quanto possível, através de um mesmo organismo, duas identidades distintas de carácter completamente oposto; pelo que de forma distinta procuraremos identificar-nos, de modo que aqueles que nos tiverem conhecido possam porventura reconhecer-nos como presentes. Em segundo lugar, apresentar-lhes os lados distintos e contrários da questão que pende atualmente sobre o vosso governo nacional, e mostrar-lhes que, no mundo invisível temos maiores oportunidades de observação, de conhecer o futuro e de perceber o presente, maiores do que no mundo aparente; contudo ainda subsistem diferenças de opinião, talvez tão distintas e positivas quanto aquelas que nos caracterizaram quando estivemos convosco, e aquelas que agora dão nota às disputas políticas na vossa nação entre o certo e o errado, conforme o entendemos.

Proponho nesta ocasião não entrar no aspeto religioso da questão da escravatura em discussão, por não termos norma do que seja religioso ou não religioso, salvo aquilo que se acha incorporado na verdade. Consequentemente, não nos propomos apelar aos vossos preconceitos religiosos em nome de algum movimento ou de algum princípio ligado à escravatura Americana. Mas propomo-nos apelar-lhes à razão, ao vosso juízo, à vossa compaixão, à vossa humanidade; e se isso não for religião, onde está o altar consagrado ao culto? Não lhes pedimos que reconheçam a escravatura nem a aposição à escravatura, por ter sido revelado nesse livro, tão grandioso quanto o reverenciamos (a Bíblia), por mais que aprovemos muitas das suas doutrinas; contudo sabemos que Deus fala comummente às almas humanas mais através dos afetos humanos do que das leis escritas. A mente constitui uma revelação grandiosa e positiva; e a compaixão e a inteligência humanas constituem as evidências registadas do seu poder e grandeza. Apelaremos, por isso, à vossa humanidade; ao vosso grande sentido de justiça humana; à compreensão que têm do Infinito, e interrogá-los-emos do significado desta contenda que atualmente pende sobre vós.

A História tornou-lhes conhecidas, assim como a nós, as nações, que sob variadíssimas causas e políticas, e sob as mais diversas circunstâncias, chegaram a considerar a escravatura como coisa acertada; enquanto política de governo nacional, e estamos bem recordados de como, na história de cada nação onde a escravatura tenha existido, com o aumento da inteligência, com o irromper do que é chamado luz do Cristianismo e o amor Cristão, a escravatura foi-se gradualmente diluindo como a geada do inverno, que se derrete à luz do sol. Mas agora, quando nós, no século dezanove, olhamos por sobre todas as nações civilizadas e esclarecidas, e por sobre as nações pagãs e idólatras, verificamos que a escravatura não existe em parte nenhuma salvo como uma forma e consequência dos governos monárquicos; em parte nenhuma constitui política nacional, em parte nenhuma é reconhecida de outra forma que não como injúria; em parte nenhuma é defendida, para além de suportar tronos e reinados.

Olho para a Rússia; porém, no servilismo desse governo teocrático nem um décimo se vê da escravatura que existe num outro governo que eu conheço. Olho para a Áustria, e vejo em todo o seu orgulho e pompa real e todo o poder assumido, em tudo quanto diz respeito à força das armas, e administração da sua positiva e estrita tirania, nada senão a voluntária escravidão da mente, do pensamento e do sentimento ao que eles supõem ser o direito. Olho para a França e a Inglaterra, nações Cristãs, e não vejo aí qualquer escravatura. Olho para a Itália, essa nova estrela que está justamente a irromper do seio da terra, qual gema na noite, e não vejo nela nada exceto os botões a brotar da liberdade e do patriotismo; e deparo-me bem defronte do brilhante esplendor da luz do sol da liberdade, com as névoas das trevas, e a tirania da escravatura religiosa, rapidamente a desvanecer-se. Olho para a América do Sul e vejo nas suas repúblicas, que são mais recentes do que a

vossa própria república, e que receberam a sua sanção, que brotaram e foram promovidas, e em certa medida encorajadas por ela, e não vejo qualquer escravatura nelas enquanto política nacional. Olho para as ilhas mais remotas dos mares, e contemplo ignorância e servilismo, que resulta da ignorância, mas não vejo em parte alguma um ser humano a ser comprado ou vendido. Olho para os antigos Romanos e Gregos e vejo os seus troféus de guerra, os seus prisioneiros tornados cativos, a sua transação de escravos, não como peças da alma humana, mas como a sorte das nações capturadas.

Porém, volto-me para a América, a estrela da liberdade, a glória da manhã da terra, a beleza e o galardão do mundo, conforme foi chamada, e vejo, não monarquia, mas uma declarada liberdade. Não vejo rei algum num trono, governo monárquico algum, nenhum governo teocrático, nada salvo a liberdade - liberdade - liberdade estampada por toda a terra. Contudo, que é o que vejo mais? Junto com o nome da autonomia vejo a escravatura; a sujeição junto com a liberdade. Por debaixo da bandeira de listas e de estrelas, vejo as manchas escuras da tortura humana. Mais altos que os altos brados de vivas e dos aplausos do patriotismo nacional, ouço os clamores e queixumes dos milhões de oprimidos. Mas, mais do que tudo isso, e mais fundo ainda, mais terrível que tudo isso; vejo homens que professam patriotismo aprovar por acto e palavras, por religião e decretos, essa terrível escravidão sob o nome de liberdade.

Que significado terá, o facto de, volvidos tão só dois séculos desde a altura em que os pais fundadores aqui chegaram a estas costas solitárias e enegrecidas, ter sido testemunhada uma das maiores contendas pela liberdade humana e pela redenção dos escravos Africanos? Que sentido fará que, depois de todo o sangue derramado, depois das heroicas labutas e batalhas, depois das lutas que teriam angariado honra a qualquer nação ou reino no mundo, eles por fim tenham conquistado, e em 1776 proclamado a sua independência?

Nesse memorável e glorioso preâmbulo da Declaração que torna a vossa nação como ela é atualmente, livre de nome, porém infelizmente não na realidade; percebemos estar baseada nos estritos elementos da equidade humana, da justiça humana, e da igualdade humana. Todos os seres são criados livres e iguais. Todas as pessoas possuem por igual o direito à vida e à liberdade, e à busca da felicidade. Mais tarde, para fins de confederação e protecção mútua, os Estados Unidos da América, conforme são atualmente chamados (mas na altura colónias separadas da vossa nação) reuniram-se em convénio com o propósito de cementarem conjuntamente os laços que haviam sido formados em batalha, conjuntamente; e vemos que o primeiro princípio sobre o qual essa união foi estabelecida foi na liberdade humana individual. Sabemos que a Constituição dos Estados Unidos não passava da consequência natural da Declaração de Independência.

Quando os vossos fundadores declararam a sua independência da Grã-Bretanha, da opressão, da tirania, da crueldade e do egoísmo do poder então governante, o Cristianismo foi o seu predicado; foi fundado no direito, na justiça e na liberdade humanas. Sabemos que jamais houve pé que tenha pisado solo Americano que não reconhecesse esses princípios da liberdade humana, da busca da felicidade, da liberdade e da vida; mas primeiro da vida. A vida é aquilo que é concedido pelo seu autor, que nenhum ser humano pode tirar de forma impune, ou uma vez tenha tirado, poderá restaurar. É doloroso, terrível testemunhar uma nação a debater-se pela vida com outra nação; porém, conhecemos horrores mais terríveis do que a guerra, a morte, mais terríveis por ser uma morte mais viva do que aquela que sobrevém pela espada.
Honramos, adoramos, respeitamos, quase veneramos o homem que morre pela liberdade da sua nação. Mas que pensamos nós daquele que toma como posse sua uma vida que ele não criou, que não possui, que pertence a Deus, e que diz, "Este é meu, de corpo e alma; isto cabe-me a mim comprar e vender; quanto me dão por este corpo e por esta alma? " Que pensam vocês do homem que conduz a uma morte viva um ser humano, no solo de um território dedicado à liberdade?

Todos estamos familiarizados com a luta pela formação da Constituição Americana, e com as lutas que desde então se travaram no Congresso. Mas apontar-lhes-emos, por vida da ilustração da posição que assumimos, alguns desses incidentes, a fim de lhes mostrarmos a que justiça a escravatura está associada, e com que humanidade a escravatura é ainda mantida em existência, e com que liberdade e privilégio a América retém e aprova e encoraja a sua Constituição e declaração; e com que glória e orgulho esta nação e este pais livre mantém na sujeição filhos da criação de Deus.

Estamos plenamente cientes, não enquanto homens de Estado, mas enquanto cidadãos dos Estados Unidos, que quando esta confederação de Treze Estados foi pela primeira vez formada, que agora se estendeu imenso em número e se alargou amplamente em população territorial e poder, o tema da escravatura foi intencionalmente deixado inteiramente de fora da Constituição; e que o objetivo disso era o de impedir futuro tumulto e inquietação entre os diversos Estados da União. Mas também sabemos que houve uma obrigação tácita e discernimento da parte de não poucos, mas de todos os diversos Estados, ou representantes dos diversos Estados, de que a escravatura deveria ser abolida da União. Sabemos que o Norte requereu isso, e que o Sul consentiu nisso.

Foi-nos, desde então dito por políticos e por estadistas do Sul que o Sul não planeava cumprir com isso. Tanto maior a sua traição; tanto mais profundo o seu erro; entrar na União com a mancha da escravatura nos seus nomes e corações; começar pelo entendimento de que precisava ser abolida, e por fim afirmar que não planeava fazer tal coisa. Sabemos que a Constituição evitou devidamente essa

questão. Foi alvo de discussão nas diversas convenções, até mesmo após a constituição geral ser adoptada e aprovada pelo Congresso, e vários Estados enviarem a sua aprovação ou reprovação a sugerir emendas que favorecessem a continuidade e um maior alargamento da escravatura. Desde a altura em que a Constituição dos Estados Unidos foi formada e até ao presente ano de 1860, tem-se verificado uma contínua sucessão de lutas e de campanhas de guerra; muita vez por palavras, outras vezes por reveses. O tema da escravatura, sabemos bem, tem sido desde o princípio o germe de todo o mal que tem germinado na nação. E esse mal tem sido causado não pelo Norte, mas pelo Sul. Nós sabemos e mostrar-lhes-emos que não estiveram de acordo com as obrigações da Constituição, ou com os princípios em que a confederação tem a sua existência. E se eles se separarem da União, que individualmente esperamos venham a fazer, será por causa do erro e da justiça não poderem coexistir juntos; por o certo e o errado não poderem estabelecer qualquer compromisso de acordo; por entre a luz e as trevas não poder subsistir qualquer união; por, graças a Deus, o direito falar mais alto.

Sabemos que aqueles Estados da confederação em que a escravatura prevalece, pareciam então considerá-la precisamente como o Norte, por então existir em todos os Estados da União; mas a escravatura sofreu uma resistência com tal deplorável e sincera súplica, que o Norte por fim a aboliu, na inferência de que o Sul cumpriria com a sua parte do tratado e continuaria em harmonia com o Norte, na legislação no Congresso, até que a grande questão dos territórios fosse decidida. O Norte nada exigiu do Sul até então. O Norte disse: "Vamos aguardar até que lhes seja conveniente cumprir com a vossa parte do tratado. " Não era o tratado da Constituição dos Estados Unidos. Esse falava por si. Mas tratava-se do tratado de honra entre os diversos Estados da União qual o Estado que tinha deliberada e constantemente violado de uma forma bem-sucedida, desde essa altura até ao presente. Agora, em vez de treze Estados temos trinta e dois, e territórios que por sua vez virão a totalizar, talvez outros tantos. Mas ainda o clamor se faz soar por um maior alargamento da escravatura, e não pela sua abolição. O clamor ainda ressoa por, "Um maior espaço para as trevas; um maior espaço para a servidão e não "menos. " O clamor não é "Ensinem-nos a libertar os nossos escravos; " mas, "Digam-nos como estender a área da servidão. " O clamor não é feito com respeito a: "Consideramos a escravatura como um grande mal; encarámo-la como o maior mal que existe na nossa União, mas vamos aboli-la tão rapidamente quanto possível. "

A questão dos nossos fundadores aqueles cujos nomes reverenciamos e adoramos, como Washington e Jefferson, Hancock e Hamilton, não era a escravatura, mas a nossa nação; não tinha que ver com eles, mas com a nação, não era um Estado individual dos Estados Unidos, nem nenhuma instituição particular que, concebida como um mal menor do que a tirania e opressão dos reis coroados, que se supunha morreria por si só num solo livre; pois, quem alguma vez teve conhecimento de

que o bem tivesse alguma relação com o mal e encorajasse a parcimónia, ou prosperasse num terreno incompatível com a sua cultura? Alguma vez tiveram conhecimento de que uma planta tropical florescesse numa zona frígida, ou de que um icebergue se formasse e crescesse quase até se tornar num templo vivo por baixo do sol de uma zona tórrida? Nenhum. A escravatura era então, como é agora, uma questão política e não nacional. A escravatura era então, conforme é agora, uma questão da política de um Estado individual e não da política governamental nacional.

Porém, a escravatura não estava então, como está atualmente, entrelaçada com os próprios elementos constituintes do vosso governo nacional. A escravatura não era então, como é agora, uma hoste armada em marcha para devorar e desenraizar os próprios princípios da liberdade. A escravatura não era, como é agora, a cabeça da Górgona do mal contra a qual os patriotas e fundadores da vossa nação procuraram defendê-los. A escravatura não estava então, conforme está atualmente, dispersa pela mais bela porção do vosso território, nem se estendia tanto a Norte quanto a população e a religião do Norte o permitiram, e que se haveria de estender ainda mais não fora pela diligente e glorioso combate que foi travado para a evitar.

Recordamos com que relutância, com que grau de tristeza, mesmo o mais sincero dos defensores da escravatura em 1820 encarou o Acordo do Missouri; que batalha não foi então travada; a eloquência que os vossos estadistas não verteram então. Recordamos a consideração sincera pelo bem-estar da sua nação, com que intensidade de sentimento e sinceras orações, foi por fim admitido na União como um Estado escravo; só que com base na estrita condição de que a porção restante do território que o Missouri então reclamava, deveria pertencer aos Estados Unidos, e deveria ser livre da escravatura. Recordamos a ata que foi apresentada para prevenir uma maior vigência de escravatura no Missouri, ao providenciarem que após vinte e cinco anos a escravatura deveria ser abolida, e todo negro nascido nos Estados deveria, ao atingir os vinte e um anos de idade, ser livre. Isso foi conquistado pela política do Sul; mas por fim o grande golpe fatal da emancipação humana foi assinado e aprovado pelo Congresso. Individualmente, sempre o consideramos como a assinatura da abdicação da liberdade Americana; como a colocação da chancela da nação sobre a escravatura, enquanto um acto de opressão humana; mas individualmente, sempre oraremos para que esta nação não possa prosperar até que esses compromissos entre a verdade e o erro cessem, e a luta possa tornar-se uma luta aberta, ousada e livre; mas estamos certos de que o direito conquistará, seja a favor da escravatura ou da liberdade.

Quando, pelo tratado de 1802, firmado com a França, os Estados Unidos obtiveram a posse daqueles territórios que ela reclamava, e quando com a Espanha foi assinado o tratado que entregava aqueles territórios que naturalmente pertenciam

aos Estados Unidos, quando o Louisiana foi cedido a esta nação pela França, os tratados então firmados tinham muito pouca relevância para a instituição da escravatura, mas consideravam-na interessante somente para aqueles Estados particulares onde a escravatura existia. Consequentemente, esses tratados foram firmados a fim de proteger os então existentes Estados do Sul que detinham escravos, e que não se podiam livrar do que encaravam como uma maldição, mas os seus filhos agora encaram como uma bênção dos céus e uma permissão.

Terão, Washington, Jefferson, Clay, ou algum outro, salvo Calhoun, considerado a instituição da escravatura ou o direito dos Estados individuais de deter escravos uma instituição sagrada ou estritamente do Estado? Nunca. Eles consideravam-na como uma contingência do estabelecimento inicial de um novo país, um dos contingentes que a população dos Estados da Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia e Florida adquiriram ao afastarem as obstruções naturais que então existiam no cultivo do solo, o que, encarado como conveniência, era excelente. Porém, quando o Ohio, sob uma administração Sulista similar, se candidatou à União, e ao mesmo tempo, se candidatou a uma permissão para receber e preservar na sujeição, escravos por um período de dez anos, o Congresso dos Estados Unidos achou isso inconveniente, e repudiou a ata, e proibiu a extensão da escravatura nesse território; e desde esse dia até ao atual, o Ohio tem sido um Estado livre.

Ao Massachusetts tenho prazer de chamar minha terra natal; orgulho por mais do que uma razão, mas muito mais por ela se ter sido a primeira a libertar-se dos seus escravos, e por sempre ter dado os primeiros passos no sentido da aprovação da emancipação dos escravos; orgulho-me dela por ter sido a primeira a reconhecer no escravo negro o direito ao título de ser humano; sinto orgulho nela por ela ser representada em diversas sessões do Congresso por tantos arautos de emancipação; orgulho dela porque, por causa da escravatura, um dos seus filhos, mais nobre na nossa estima do que aqueles que lutam com espadas, foi abatido em meio à expressão dos seus sinceros sentimentos; orgulho nela por ela ter suportado, e sofrido, e triunfado sobre o mal que agora ameaça toda a vossa nação; orgulho nela por os seus Estados irmãos a consultarem e lhe seguirem o exemplo de proclamar o negro livre.

Estamos bem recordados do sentimento de indignação que varreu todo o Norte quando a ata do Escravo Fugitivo foi aprovada pela primeira vez; e da finalidade e intenções do Dr. Mason (NT: James Murray Mason) ao introduzir essa ata. Foi planeada como concebemos, como um insulto deliberado a todos os Estados do Norte. A Constituição dos Estados Unidos previa a contingência de pessoas que fugissem à servidão, e a contingência de ser devolvida de novo ao seu serviço e ao seu mestre. A palavra “escravo” ou “escravatura” não existe na Constituição Americana; por as mentes humanas, as mentes patriotas, as mente livres e

elevadas não estarem dispostas a deixar que numa página da história aparecesse um borrão, uma marca, uma cicatriz, conhecida como Escravatura na Constituição de um povo livre. Foi muito sensato, criterioso, perspicaz. Foram igualmente muito singulares as expressões que foram usadas para representar os escravos. O termo "pessoa" é sempre aplicado. A pessoa que escapar à servidão e fugir ao serviço do mestre deve ser devolvido pelos outros Estados da União. Porém, quando além disso a ata do Escravo Fugitivo foi introduzida, enquanto provisão proposta contra as contingências, recordo bem como não foi sem indignação, desdém, e um quase desprezo, que essa ata foi inicialmente acolhida.

Mas, o que foi encarado inicialmente com indignação foi por fim considerado por parte dos patriotas da transigência do Norte como tendo sido bem feito. O Sul exigiu essa protecção da sua propriedade e dos seus direitos, e obteve-a na Constituição. O Norte, por fim ficou mais disposto a conceder mais; desse modo foi que a ata do Escravo Fugitivo foi aprovada, que impedia que todo Estado na União de reconhecer os direitos que a Constituição lhe tinha outorgado, de elaborar leis e provisões contra o reconhecimento da escravatura conforme achasse conveniente; e agora, com o desenvolvimento da civilização e inteligência que raiara nas mentes das pessoas, oito dos Estados Unidos da América recusaram reconhecer a ata do Escravo Fugitivo. E nós congratulamo-nos com isso. Não é inconstitucional, por não ser a Constituição que se recusam a reconhecer, mas a ata do Escravo Fugitivo que fora passada pelo Congresso, não do Norte, mas do Sul; a ata do Escravo Fugitivo que tira o direito positivo individual aos Estados, e que reconhece em si o poder absoluto e a legitimidade da escravatura.

Ainda nos recordamos de como, em meio à contenda gerada do Kansas-Nebraska, que só Deus sabe como virá a terminar; mas por ora a questão é, não a escravatura nos territórios, mas a escravatura nos Estados; não é da nação mas dos indivíduos; não patriotismo, mas egoísmo. E damos graças aos céus por assim ser; porque se houver corrupção no íntimo de algo que seja apreciável e belo, preferiríamos que fosse manifestado do que ocultado; que fosse dado a conhecer antes que seja tarde, de modo a poder-se salvar a porção apreciável das trevas, da corrupção e da decadência.

Hoje há homens do Norte que são lobos em pele de ovelha, mas que não são tão maus quanto aqueles que se disfarçam sob o argumento do patriotismo e da política mesquinha; que se dissimulam por trás da Constituição e que visam interesses monetários; que se dissimulam por trás da Declaração da Independência e que visam a subida e a descida das acções e as isenções bancárias; homens do Norte que apelam ao acordo por amor à União, e que visam o compromisso por amor aos dólares; que apelam ao acordo por causa da religião, e que visam o acordo por uma questão de egoísmo; que apelam à transigência em função da grandeza e glória da nossa união, e da desgraça que se seguirá a uma

guerra civil, a guerra servil que deverá brotar dela, mas que visam o compromisso por terem medo, por secretamente defenderem a escravatura, que visam o compromisso por grande parte da nossa subsistência (mas nenhuma da nossa riqueza) provir do Sul, visam o compromisso por o preço das acções caírem, e os bancos irem à falência.

Porém esperamos, e oramos enquanto indivíduos, por que, em vez de estabelecerem um outro compromisso como aquele que fez do Missouri um Estado esclavagista, que em vez de lavrarem um outro acordo semelhante àquele que envergonhou a nação com a rejeição da Cláusula de Wilmot (NT: Wilmot Proviso), que em vez de chegarem a uma outra solução de acordo como aquela que testemunhamos na contenda de 1850, em vez de firmarem um compromisso desses que foi pretendido, sob a presente eleição e a presente luta política, podermos vê-los a todos de arma em punho, a marchar para a batalha, cada um de vós a dizer, O Direito triunfará, ou estamos preparados para morrer. Compromisso? Para quê? Ora, para a preservação da União. Que União? Onde está a União? O Norte e o Sul são inimigos tão implacáveis quanto qualquer nação que alguma vez tenha existido; são tão distintos e estão tão apartados quanto as nações podem estar. A Inglaterra, a Áustria, a Rússia, a França estão mais unidas do que eles. Aqueles que guerreiam, e que travam disputas pela posse de Estados em confusão na Itália; aqueles que com base nesse pomo da discórdia buscam ver quem consegue a réstia maior, estão mais unidos do que os Estados que coexistem com a escravatura e aqueles que não admitem escravos chamados Estados Unidos da América. A Inglaterra e a França, a Rússia e a França, a Áustria e a França, a Inglaterra e a Rússia, todos esses Estados se acham respectiva e individualmente mais unidos uns com os outros e com os Estados Unidos, do que os Estados Unidos da América com os seus próprios Estados.

Deveremos dizer acordo, que só quer dizer sufocar o vulcão um pouco mais antes que entre em erupção; dissimular o epicentro do terramoto um pouco mais, até que toda a nação seja levada a mergulhar na ruína? Deveremos dizer compromisso, que quer apenas dizer, deixar que a escravatura se alargue um pouco mais; deixar que se arraste que nem uma serpente ao longo desse grande Pai das Águas (NT: Rio Mississippi); deixar que estenda as suas margens e raízes até que se estabeleça no próprio território da liberdade; arranjar mais espaço para escravos, mais espaço para os quatro milhões de que já dispomos, e para aqueles que vamos querer importar daqui em diante; mais lugar ao tráfico do comércio escravo Africano, mais lugar a contendas e a choros e gemidos, mais lugar à degradação, à falta de iniciativa e de indústria, à supressão das artes mecânicas e à livre educação e à escola gratuita, mais lugar à prevenção do alargamento a todos estes Estados que se podem tornar valiosos, ao campo do Cristianismo, da educação, de tudo o que diz respeito a uma nação civilizada e esclarecida, mais lugar às trevas e à degradação? Vergonha! Vergonha! Vergonha!

O indivíduo que no Sul legitimamente herda escravos, que constituem o seu único suporte de vida, o seu único meio de sustentar a família, é em certa medida desculpável quando se volta para nós no Norte e nos pergunta: “Se eu nunca estiver mais disposto a libertar os meus escravos, e considerar a posse de escravos como um grande infortúnio, como hei de fazer? ” Não o censuramos por colocar tal questão Quando o homem no Sul, detentor do direito à posse de escravos, enquanto sua única herança, e que ele considera pertencer-lhe por justiça, formula tal questão, ainda que auxiliemos o ser humano capturado na sua liberdade até mesmo às custas da vida, se tivermos em jogo uma outra vida a perder, ainda diríamos que o homem tem razão. Porém, quando homens do Norte que não possuem escravos e que não herdam nada além da sua condição de homens e independência, e conseguem ganhar sozinhos o sustento, que dependem da sua indústria e economia e educação para obter riqueza, dizem, “Estabeleçamos uma solução de acordo com a escravatura; vamos admitir a escravatura; vamos alargar a escravatura”; para esses não há desculpa, nem punição severa demais.

Quando homens do Sul não debatem no Congresso como estadistas e patriotas e oradores, mas como amantes da paixão, e dizem, "Dêem-nos os nossos direitos ou deixaremos de fazer parte de vós, " e quando homens do Norte se unem nisso, isso significa não só, "Deixem a escravatura onde está, " mas quer dizer "Agora deixem a escravatura em paz; e aos poucos, esqueçam-na quando nos estendermos ao Kansas: e depois disso, esqueçam-na quando nos estendermos à Califórnia, pois, não obstante a Califórnia atualmente ser um Estado livre, isso será posto em questão; mas depois disso, esqueçam a questão quando a alargarmos a todo Estado e a toda posição que a possa tornar de algum modo rentável; deixem-nos em paz enquanto elegemos o Presidente e os Congressistas; e deixem-nos em paz quando por fim conquistarmos todos os vossos decretos do vosso Estado, e quando a ata do Fugitivo Escravo der lugar a outra, que nos permita ir à vontade para os Estados do Norte. "

E quando tiverem firmado acordo após acordo, quando todo o Norte for engolfado por um mar de escravos, dirão, "Deixem-nos em paz; seremos protegidos nos nossos direitos pela Constituição. " Esse é o significado do compromisso. Esse é o sentido do compromisso do Missouri. Esse foi o sentido da candidatura à admissão nos Estados Unidos do Missouri e do Ohio. Esse foi o sentido daquela traição - Ah céus, e que traição não foi, e que traidor! Arnold (NT: James R. Arnold?) foi considerado o maior traidor que a América alguma vez conheceu; porém, temos conhecimento de um que agora se senta nos bancos da Suprema Corte dos Estados Unidos, que na nossa opinião, é um traidor muito maior do que Arnold, tal como as trevas são mais negras do que a própria luz. Quando Jackson, por meio de malícia pessoal, desejou derrubar o Banco dos Estados Unidos, e quando o personagem que à época presidia à administração desejou não o fazer por ser inconstitucional,

Jackson, com o seu juramento favorito, resolveu que devia ser feito; e ele empregou esse Taney (NT: Ex-Secretário do Tesouro dos EU), que atualmente é juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, a fim de realizar esse acto de traição contra a União.

Nós sabemos que ele se presta a ser um traidor contra a humanidade. E foi ele quem, com essa decisão que propagou um arrepio de horror até ao íntimo de todo filantropo na União, decidiu que Dred Scott não era um ser humano. Que um traidor desses seja cumulado de vergonha! Ele não poderá morrer pela mão do homem; mas temos conhecimento de uma justiça retributiva que na sábia administração do poder que tem há de dispensar a traidores desses a justiça que merecem.

Ainda temos a sangrenta contenda do Kansas viva na memória; e mesmo agora essa guerra está a rugir numa outra forma. Nós sabemos, e conhecemos-lhe a causa. Diz-se que o Abolicionismo é a sua causa. Diz-se que o Abolicionismo é o elemento inflamatório que agitou e provocou essa guerra e o derramamento de sangue, a fome e a opressão. Mas, se não houvesse escravatura a abolir, o Abolicionismo não seria a causa. Enquanto existir escravatura, deixa-nos gratificados vê-lo como causa. Quando as pessoas lutam pela liberdade, prefiro vê-las a lutar do que a ceder a um compromisso que consente no erro. Quando enviamos armas e munições do nosso Estado natal, e quando vós enviais armas e munições daqui, consideramos esse gesto o rito religioso mais sagrado. E agora que a fome recai sobre eles, agora que o sofrimento se faz presente, respeitamos aqueles que enviam alimentos e roupas e, caso seja preciso, armas e munições, como se executassem um rito religioso. E consideramos os primeiros a enviar esses requisitos com os maiores Cristãos.

E agora, irá o Norte ou o Sul perecer? Deverá esta União, esta gloriosa nação, esta América livre, esta organização Cristã, por fim vacilar e cair em ruínas? Se um homem erguer um belo templo e o embelezar com a arquitectura mais deslumbrante, lhe acrescentar graça e simetria e perfeição em todos os aspetos, mas o edificar sobre fundações ruins - uma fundação que não seja firme, que a qualquer momento ruirá - por mais que possamos lamentar que tanta beleza deva perecer, cientes de que a fundação não é segura, prefeririam que a estrutura ruísse numa altura mais oportuna, quando todos o esperassem, do que alguma grande calamidade e perda de vidas ocorresse por ninguém estar preparado para isso. Preferível seria deixar que caísse por uma vez, ou que fosse derrubado, pedra a pedra, parafuso a parafuso até tudo estar preparado para o voltar a edificar em segurança, do que apoiá-lo aqui e apoiá-lo acolá, usar de uma transigência aqui e de outra transigência acolá, até que por fim motivado pelo próprio peso e falta de fundações, se abata, e as massas sejam esmagadas sob as suas ruínas.

Se, pois, a América for edificada com base na escravatura, quanto mais cedo deixar de ser uma União, melhor. Se a escravatura tiver a sua fundação na Constituição, quanto mais cedo a Constituição não for reconhecida, melhor. E nós não a vemos na Constituição. A ela consideramos nós sagrada. Considerámo-la como a concepção mais grandiosa e sublime da inteligência humana e da perfeição humana. Porém, se os homens a perverterem e subverterem, se for transformada na alavanca do poder do erro, se for transformada na mais forte das alavancas que venham a derrubar a União, nesse caso dizemos, que pereça antes que seja tarde demais.

Todas as repúblicas, sem excepção da Grécia e da Itália, caíram no maior dos infortúnios - a anarquia. Se a América optar por isso, poderá tornar-se, não numa anarquia, mas numa república; ou seja, aquela porção da América que é uma república. Se a América optar pela transigência ela poderá tornar-se no que todas as repúblicas se tornaram - numa anarquia. Não temos o costume de profetizar; mas, quando nos é dado ver a natural consequência de uma causa, devemos contar com a sua eclosão; e quando temos consciência de que causas produzem determinados efeitos, não somos cegos para reconhecer essa causa e esse efeito; e hoje não mascararemos, nem ocultaremos, nem taparemos dos olhos de todo o mundo esta mancha, este negrume, esta corrupção que existe na vossa república.

Mas diríamos, enquanto homens, enquanto patriotas, enquanto seres humanos que têm amor pela bondade e desprezo pelo erro, que têm carinho pela liberdade e que desprezam a tirania, que têm amor pela isenção e que desprezam a sujeição, deixem que a disputa entre a liberdade e a escravatura tenha lugar agora ou nunca. Não mais é uma questão de Estado nem de política nacional. Não é mais uma questão entre o Norte e o Sul que possa ser resolvida quando todas as outras tiverem sido descartadas. Não mais se trata de uma questão sujeita à admissão de outros Estados ou de outros territórios na nação, que possa ser adiada até que uma nova ata de impostos seja decidida, que possa ser retomada depois que as outras tiverem sido descartadas, debatida e acordada, e reforçada e suportada - mas é agora ou não, em absoluto; será compromisso se quiserem, mas se transigirem num acordo sereis destruídos.

Congratulamo-nos por o Vermont ter recusado e ter tido a iniciativa de recusar entrar em tal acordo. Congratulamo-nos pelo facto de outros Estados do Norte não serem retrógrados na expressão das suas opiniões; pelo facto dos homens não recearem aventurar-se a asseverar a verdade. Congratulamo-nos por a União não ser considerada uma União a menos que traduza uma unidade da alma pela liberdade, justiça e humanidade. Congratulamo-nos, pois, por esta nação, ante a crise atual, com todas as lutas que se deverão seguir, se encontrar à beira de tal estado de guerra; mas dessem ouvidos às nossas perspectivas, e fossem as nossas opiniões alvo do vosso anseio e reconhecidas como verdadeiras, e diríamos que,

quanto mais cedo o decidissem numa guerra, melhor, por existir maior crueldade naquelas palavras e actos que prolongam o sofrimento, e que prolongam a escravidão, e o seu reconhecimento nos Estados do Norte; há nisso um erro maior do que no dito: "Somos dois, vamos ver quem é o mais forte. " Esse é o modo por que as nações resolvem todas as suas dificuldades.

Desejaríamos em todas as batalhas que aqueles que criaram as guerras pudessem ter batalhas a travar; mas tal não é o caso; os reis geralmente não são os líderes dos seus exércitos; no geral eles não combatem cara a cara, mas levam as suas hostes de valentes a sangrar e sofrem pelo seu cativeiro individual. Desejaríamos que todas as disputas pudessem ser resolvidas de acordo com o código de honra da Carolina do Sul. Desejaríamos que pudesse ser tornado pessoal, e que aqueles do Norte e aqueles do Sul que nunca poderão nem nunca reconhecerão cada um dos outros como membros da mesma confederação, pudessem defrontar-se cara a cara e resolver as dificuldades que entre eles existisse. O inocente não teria que sofrer pelo culpado. Mas assim foi sempre, e porventura será sempre.

Mas agora, tudo quanto temos a dizer em conclusão é que, se a América não puder ser livre com base nestes princípios, não queremos a América em absoluto. Se não puder ser estabelecida como uma república com base nestes princípios, então bem que poderá não existir república em absoluto. E se na confederação tiver que ser promovido, e mantido, e reconhecido, esse veneno sobre o qual eventualmente crescerão e se espalharão os seus ramos, e contaminar a própria atmosfera da liberdade da América, então diremos que não a queremos de todo. Os países, nacionalidades, governos, não têm direito a existir, a menos que existam com base numa fundação positiva e compreensível. A política da Grã Bretanha é conhecida; as políticas da Áustria e da Rússia são conhecidas; a política da França é, ou virá a ser conhecida. A América não tem o direito de ocultar, sob a designação de autonomia ou a denominação de república, a anarquia, ou um despotismo que é pior do que a própria anarquia.

Podíamos dizer muito mais, porém, não dispomos de tempo, nem estamos dispostos a cobrar-lhes a paciência nesta ocasião; mas numa qualquer ocasião futura propomo-nos debater a origem e o surgimento e queda da escravatura nos diversos impérios do mundo, desde a existência do tempo até ao presente, e concluir com a origem da escravatura Americana, o seu progresso e duração provável. Hoje tivemos que lidar em exclusivo e de forma distinta com as presentes contingências que parecem rodear-lhes o governo da nação, e o certo e o errado conforme apresenta à nossa concepção. Se tivermos ferido a sensibilidade de alguém, não lhe pedimos perdão, por não ter sido intencional. Expressamos simplesmente a nossa opinião individual. Vós tendes direito à vossa. Se no enunciado da verdade tivermos ido além do prescrito pela justiça ou misericórdia humana, então diremos que a falta será atribuível ao nosso juízo, e não à nossa

intenção. Se nos tivermos aventurado a asseverar em demasia, simplesmente pedimos tempo e oportunidade de provar todas as asserções que fizemos.

E agora, em nome daquela autonomia e daquela liberdade, justiça e daquela divindade que significa toda a piedade, pedimos ao Pai e Espírito da Vida que esteja convosco onde quer que possam ir; e que possa a Liberdade, que significa com Deus, desfraldar o seu estandarte sobre os Estados e as Nações do mundo; e que possa esta República, certa vez jovem e bela, agora crescer e prosperar, mas cheia de algo de trevas e de algo de crime, reconhecer, na sua beleza e prosperidade, a liberdade como seu único guia; e estendendo a mão por sobre os mares e por sobre as nações do despotismo - até onde reis e governantes batalharam em vão - unir a sua mão e coração a essa jovem e nova República que está em crescimento, que pode possivelmente até mesmo vir a bater a própria América. Pai, Deus, abençoa os teus filhos, com a consciência da Tua bênção; ensina-os a fazer e a sentir o que é verdadeiro; ensina-os a ser destemidos e bravos; possam eles saber que é o maior, não aquele que sacrifica a maioria a si próprio, mas aquele que conquista a maior parte do seu egoísmo.
Ámen.

HENRY CLAY

Senhoras e senhores, é costume, em toda a controvérsia ou debate de natureza política, que tenha lugar sob a jurisdição ou administração especial, quer de comités que disponham de um Presidente, ou então das assembleias legislativas sob um Presidente, eleitas pela Casa que representa a nação. Neste caso, porém, é aconselhável que nos dirijamos a vós em relação a tópicos de natureza política, deixando que vocês sejam os Oradores, os Presidentes, os Representantes. É com a maior relutância que entro nesta controvérsia, nesta ocasião, e ainda assim é com um enorme prazer.
Vocês ouviram, nesta manhã, aqueles de vós que estiveram presentes, as perspectivas, e as doutrinas e a defesa dos princípios em que acredita e professa alguém cuja grande erudição e aprendizado não porei em questão, cuja sinceridade não professo pôr em dúvida, e cuja mente e pensamento devo admirar positivamente. Portanto, é com relutância que a ele me oponho. Mas é também com prazer que me atrevo, em primeiro lugar, a personificar o interesse que tenho e sempre tive por este grande país. É com prazer, em segundo lugar, que posso igualmente contribuir com algumas opiniões, representar, em certo sentido, o grande sentimento geral de patriotismo que sinto permear esta União, não obstante as disputas e contendas partidárias.

O vosso orador desta manhã defendeu esta questão como uma questão de certo e errado, de mal moral; ao alegar que a escravatura conforme ela existe atualmente,

e como pode ter existido nestes Estados Unidos, é um mal moral positivo e, consequentemente, não deveria ter sido permitido que existisse; ou, caso fosse permitido, deveria ter sido abolido o mais cedo possível. Poderíamos, com o mesmo grau de propriedade, dizer que jamais deveria existir escravatura no mundo; que nenhuma nação se deveria jamais ter mostrado superior a qualquer outra nação; que jamais deveria ter existido qualquer luta por supremacia; que nenhuma revolução deveria jamais ter sido travada; que as nações conquistadoras jamais deveriam ter reivindicado a sua superioridade. Poderíamos, com o mesmo grau de argumentação, dizer que jamais, desde que a história dos tempos teve início, deveria um governante supremo de uma nação afirmar o seu poder sobre os seus súbditos. Poderíamos, com o mesmo grau de propriedade, dizer que nenhuma administração legal, nenhuma execução de leis governamentais que tivesse a tendência de prejudicar em qualquer grau que fosse os direitos e privilégios de qualquer ser humano deveria ser levada a efeito. Podíamos dizer isso; mas de que serviria? O passado está repleto da história redigida e por redigir da opressão e derramamento de sangue.

Mas o meu ilustre amigo esquece, quando defende a causa do abolicionismo Americano, que está a defender uma causa diretamente oposta à política do governo nacional, da administração nacional e da Constituição nacional, que, na minha humilde opinião, têm a sua base nos mais altos e sagrados decretos do céu. Para mim não é uma questão do certo e do errado da escravatura em si. Para mim não é questão de saber se a escravatura é moral ou religiosamente justa ou errada. Isso, eu não professo decidir. Obviamente, cada indivíduo tem a sua própria opinião. Vocês têm a vossa; eu tenho a minha. O vosso orador desta manhã tem a dele. Muitas mentes sinceras e dedicadas acreditam como ele. Mas existem homens igualmente criteriosos, homens inteligentes, homens igualmente patrióticos, homens que amam a verdade, homens de amor cristão, que acreditam que o oposto é verdadeiro. Existem aqueles que acreditam que a escravatura é uma instituição justa, que creem que a herdaram por direito, que lhes pertence sob a lei desta gloriosa União, e da Constituição sobre a qual foi edificada. Há também aqueles que acreditam, religiosamente, que é certo, que tenha sido aprovada pela revelação sagrada e divina, que o Cristianismo nunca, nem por um momento repreendeu, ou procurou, por qualquer forma que fosse, interferir nela. Há quem acredite que constitua um direito por herança divina; portanto, em termos de sinceridade não ficam atrás.

A história deste país é bem conhecida. O nosso amigo apontou, precisamos dizer, com uma certa medida de parcialidade, e não uma certa medida de sentimento partidário, a ação das diversas sessões que o Congresso fez sobre esta matéria da escravatura. É preciso lembrar que, quando a Constituição dos Estados Unidos foi formada, a escravatura não era uma instituição do Sul, mas nacional; que não havia nenhum Estado na União ou fora da União, nenhum Estado que constituísse as

diversas colónias dos actuais Estados Unidos, que não a reconhecesse, e que até certo ponto não a justificasse, não estivesse de algum modo na posse de escravos. Precisam igualmente ter em mente que existem distinções geográficas entre as porções Norte e Sul dos Estados Unidos que tornam impossível a existência da escravatura numa, e praticamente impossível não existir nos Estados, na outra. Precisamos recordar que os Estados do Norte não estão adaptados, seja na agricultura ou no clima, a uma promoção bem-sucedida da escravatura; mas vocês também bem terão presente que o Sul não poderia então, nem pode agora, existir sem a escravatura.

Não nos cabe a nós decidir o que venha a acabar por vencer. Não nos cabe a nós decidir o que seja certo ou errado. Não nos cabe a nós dizer que os abolicionistas do Norte tenham razão, ou que os secessionistas do Sul tenham razão. Provavelmente ambos estão errados. Mas cabe-nos a nós perguntar, em vista do que está patente, senhoras e senhores, em vista do que já existe na União, em vista do que a linhagem hereditária envolve para aqueles que constituem a porção Sul desses Estados Unidos, e tendo em vista os diversos acordos governamentais e tratados que foram estabelecidos em referência a esta matéria, se não será melhor, antes de dar qualquer passo decisivo, antes de adoptar qualquer fundamento distinto e positivo no sentido da ruptura desta gloriosa edificação, desta corrente animada e cintilante que se formou na nossa gloriosa confederação, deter-nos e considerar: primeiro, que a perceção do homem e a perceção de Deus diferem amplamente nas concepções de certo e errado; e que, conquanto a escravatura em termos abstractos possa constituir um mal - ninguém pretende negá-lo - onde uma nação qualquer, uma política qualquer de governo, sempre que na vida pública ou doméstica nos confrontarmos com dois males, se não será preferível o menor dos dois.

Agora perguntámos-lhes, que foi que o Norte fez? O nosso amigo afirmou esta manhã o que não consideramos estar estritamente de acordo com os factos, ou o que não é defendido pela história, que o Sul sempre foi a causa de todos os problemas e contendas que existiram em relação à questão da escravatura, porque caso a escravatura não existisse não teria havido problema nenhum. O Sul não criou a escravatura. Antes da Constituição dos Estados Unidos ser formada, antes da Convenção de 1787, antes da Declaração de 1776, a escravatura existia em todas as colonias, no Norte assim como no Sul. A escravatura foi herdada, a escravatura foi promovida, a escravatura foi amparada tanto pelo Norte como pelo Sul. Os comerciantes do Norte, o comércio do Norte, floresceram com o tráfico de escravos. E aqueles que agora clamam em mais alta voz contra as instituições Sulistas e os homens do Sul que defendem essas instituições, são porventura aqueles mesmos cujos antepassados incentivaram e prestaram assistência à escravatura, e trouxeram para este país os escravos, ou os antepassados dos escravos, que agora existem no Sul. Os escravos encontravam-se aqui; o que

deveria ser feito com eles? Eles deveriam ser emancipados pelos modos e meios e do jeito que todo Estado julgasse apropriado adoptar, se consistente com a política interna de cada Estado distinto. Portanto, a Constituição dos Estados Unidos absteve-se de toda ação, tratado ou lei que pudesse, de alguma forma, interferir com os direitos de cada Estado, de manter ou abolir a escravatura.

O nosso amigo esta manhã afirmou para além disso que, em todos os passos dados no sentido de uma solução de acordo (meio termo), as dificuldades que surgiram entre o Sul e o Norte sobre a questão da escravatura tiveram origem no Sul, nas demandas que contrapôs, nas agressões, na perseverança com que propôs a promoção da causa da escravatura. Perguntamos-lhes, que foi que o Sul fez? Cada Estado individual e separado constituía em si uma confederação absoluta. Cada Estado individual e separado tem em si mesmo o poder de regular as suas próprias leis internas. Nenhum outro Estado, nenhuma outra combinação de Estados, nenhum poder do Congresso, nenhum poder de qualquer legislatura tem o direito de interferir nisso. Não importa se está certo ou errado, esse é o caso.

Para fins de ilustração; na cidade de Nova Iorque, a grande metrópole deste continente Ocidental, existem leis, supomos nós, hediondas para a moralidade humana, leis que pervertem as mais altas e sagradas sensibilidades de governo; leis que estão em discordância com a Constituição, leis que positivamente destituem por completo os princípios sobre os quais a vossa Constituição e país estão fundadas.

Existem leis que sustentam e legalizam a prostituição, leis que sustentam e legalizam o jogo, leis que sustentam e legalizam o roubo. O que haveriam o governo municipal e as autoridades de Nova Iorque dizer, se os cidadãos de Charleston, da Carolina do Sul, se lhes apresentassem e dissessem: "Isso não é ser cristão; isso está moralmente errado; portanto, instruiremos os cidadãos de Nova Iorque, a parte ignorante da vossa sociedade, aqueles que são subservientes às autoridades do Estado, aqueles que ocupam lugares no vosso governo, para se manifestarem contra isso. Vamos promover uma insurreição contra o poder e as autoridades do vosso Estado, e vocês não continuarão isso por mais tempo, por ser moralmente errado, por não ser correto aos olhos do céu. ” Não haveriam vocês, as autoridades do vosso Estado, cada um por si, não haveriam vocês de dizer, na vossa nação ou no vosso Estado, que isso não era da conta deles? Com certeza que sim.

Agora, esteja a escravatura certa ou errada, conquanto o Norte tenha o privilégio de admitir ou restringir a escravatura nos seus Estados, não tem o direito de interferir com ela onde já existe, e existia, quando a Constituição dos Estados Unidos foi formada. É tanto quanto isso.

O segundo aspeto é que, toda solução de compromisso que foi estabelecida tendeu a não cumprir o pacto firmado entre os Estados Unidos da União, que foi estabelecido na confederação da Constituição, mas a destruir e a aniquilar inteira e completamente tudo com que existia em concordância com um tratado implícito e tácito, que era suposto existir quando a Constituição foi formada. O que deveria, pois, ser feito com o incremento de escravos? O que deveria ser feito com aqueles que eram constantemente importados? O que deveria ser feito com aqueles que os comerciantes do Norte não conseguiam vender no Norte, ainda os transportavam para o Sul, para que cidadãos do Sul comprassem e suportassem, e lhes enviassem, em troca, os lucros do trabalho escravo? O que deverá ser feito com o aumento gradual e quase livre dessas pessoas que se encontravam nesses Estados?

O acordo do Missouri foi objeto de anseio e foi obtido, sinceramente defendido e apoiado, por aquele que agora se lhes dirige, com base na simples razão de que é melhor ter a escravatura prolongada do que deixar ir uma nação à ruína. Porque, se a escravatura está errada, e houver um Deus de justiça, ela deverá morrer por si só. Se não for moralmente errada, mas somente politicamente pouco oportuna, os indivíduos dos respectivos Estados têm o direito de decidir quanto a essa insensatez ou não. Portanto, a admissão de qualquer Estado na União, baseada no fundamento de que a escravatura não deve existir dentro dos seus limites, é inconstitucional, a menos que os habitantes desse Estado assim o decidam. Com relação ao alargamento da escravatura aos territórios, estão bem recordados do que foi ansiado e proporcionado e posteriormente revogado, mais ou menos na mesma época, com respeito ao alargamento da escravatura aos territórios a Oeste e Noroeste. Vocês recordam-se bem da luta que se seguiu, e do que essa luta não tem sido desde então, com respeito à mesma matéria.

Mas, com todo o respeito afirmamos que foi o Norte e não o Sul o agressor. Submetemo-lo o mais respeitosamente ao conhecimento que têm da história dos respectivos países e da posição que o Sul assumiu, ao conhecimento e consciência que vocês têm das vossas próprias leis governamentais e da vossa própria Constituição. Pois é preciso ter presente que o Sul possui uma consciência; o Sul possui uma religião; o Sul possui relações sociais e domésticas; o Sul possui as relações de marido e mulher, de pai e filho, de mãe e filha, de forma tão positiva e distinta quanto o Norte. O Norte tem as suas próprias instituições religiosas e educacionais, as suas próprias instituições de fabrico, as suas próprias artes, o seu próprio comércio, as suas próprias leis e administração interna, mas o Sul também. Essas eles sempre as tiveram e elas sempre deverão existir, enquanto a diferença de clima, a diferença de produtos, a diferença de sentimento, a diferença de temperatura, que agora existe entre a porção Norte e Sul destes Estados Unidos existirem.

Sempre foi uma questão discutível e provavelmente o será ainda, a menos que seja definitiva e decisivamente resolvida durante a presente luta, se a escravatura deve ou não estender-se aos territórios - se o Sul deve ou não ter direitos iguais nos territórios, que são igualmente deles, a par com o Norte. Não se trata de apurar se um Estado que adopte a escravatura deve ser admitido na União, ou não devam existir anti esclavagistas dentro desse Estado, Abolicionista nem Republicano nenhum a ser admitido; mas trata-se da questão de apurar se um Estado deve ser admitido e se o Norte e o Sul terão direitos iguais nele.

Afirmamo-lo, senhoras e senhores, em nome do Sul; não daquela porção extrema do sentimento do Sul que diz: "Dêem-nos aquilo que exigimos ou entraremos em guerra"; não daquele sentimento extremo do Norte que diz: "Abulam a escravatura de uma vez por todas ou não nos importaremos com o que vier a acontecer à Constituição ou à União. " Consideramos como a forma mais amena com que podemos expressar a nossa opinião sobre qualquer dessas duas categorias, que ambas são traiçoeiras para o país, que ambas são antipatrióticas, que ambas têm olhado mais ao que toca ao próprio interesse e aos interesses seccionais, do que ao bem-estar da União ou da nação.

Sempre foi e sempre é meu sincero desejo individual, perpetuar e fortalecer por todos os meios, consistentes com a própria consistência, esta gloriosa União e República. Não vejo nada na crise atual, nem nas lutas do passado, nem nas diversas opiniões contrárias que agora existem em diferentes Estados com referência a esta matéria, que impeça um arranjo cabal, desde que haja patriotas, estadistas e amantes da nação, suficientes para tanto.

Uma vez mais, o nosso erudito oponente nesta matéria achou apropriado denunciar "o acordo de 1850, como sendo a último passo na ratificação da escravatura, o último passo na renúncia da liberdade, a última chancela que a nação estabeleceu para impedir a emancipação dos escravos. Na minha humilde opinião foi o maior passo dado para a preservação do país, o maior passo dado para impedir a calamidade que agora parece estar a aproximar-se. Foi o maior passo para servir aos interesses da nação pela qual os nossos pais comuns, do Norte e do Sul, derramaram o seu sangue, lutaram e morreram, sobre o qual eles estabeleceram a gloriosa, a divina confederação, que agora existe no vosso País.

Situado, não no extremo Sul, nem nos Estados produtores de algodão, mas na fronteira dos Estados do Norte, gozando de todas a oportunidade de testemunhar trabalho escravo nos Estados produtores de algodão e no Estado nativo do orador, que era principalmente produtor do tabaco, e de testemunhar as lutas que decorrem no Norte, o avanço do trabalho livre e o progresso de instituições livres, o orador teve ampla oportunidade de julgar entre os dois. E devo dizer, com toda a deferência e respeito que tenho pelas opiniões que foi avançado por ocasião do

argumento desta manhã, que eu nunca vi, nem nunca acreditei, nem nunca por um só instante suspeitei, que a escravatura, enquanto instituição, conforme existe no Sul, fosse em qualquer forma contrária ao governo nacional, à Constituição nacional ou à Declaração de Independência, pela qual os nossos antepassados lutaram com tanto fervor.

Antes pelo contrário, parece estar-nos vinculada, porque, conforme vocês se lembrarão, nós próprios a herdamos da nossa mãe, Virgínia; pareceria que é uma herança que deveríamos aceitar, ou com que não teríamos nada que ver, em absoluto. Quando o Abolicionista nos diz que a escravatura deve ser abolida, que a escravatura não deve alargar-se, que o Sul não deve ter o direito de alargar a escravatura aos territórios, mas que deve descartar da melhor maneira possível, conforme o seu critério próprio, o excedente de escravos que possui, não sabemos o que isso significa. Ela propõe derrubar as instituições do Sul - tirar ao Sul os seus meios de subsistência e recursos comerciais, tirar tudo o que pertence à sua riqueza e posteridade, na forma da pessoa e propriedades desses escravos, e de o substituir - pelo quê?

Nenhum abolicionista consentirá, nem por um só instante, que a nação compre esses escravos; porque, dizem eles, se estiver errado, não consentiremos no mal pagando por ele. Se for correto, ou não for moralmente errado, dizem eles, o Sul deve desfazer-se dos escravos; mas não deve ser a nação a fazê-lo, por eles perceberem justamente que não é um assunto com o qual a nação tenha algo a ver. Mas onde irá a nação buscar os meios para pagar por esses escravos? Por que, se for a nação, tanto o Sul como o Norte deverão ser tributados; e de onde derivaria o dinheiro para pagar pelos escravos que ela própria possui?

Uma vez mais, os indivíduos no Sul que, percebendo porventura, com base nas suas próprias consciências, nas próprias opiniões religiosas que têm, ou em qualquer outro motivo que optarmos atribuir-lhes, que a escravatura estava errada, emanciparam os seus escravos. Mas há aqueles no Sul - e esses constituem as grandes massas da população - que não conhecem outros meios de rentabilidade. Existem Estados que subsistem disso, Estados que não têm outra fonte de renda, nenhuma outra provisão feita para a sua existência. E que responderíeis vocês, que sois mecânicos, que sois agricultores, que estais a seguir uma outra profissão qualquer no Norte, ao homem que viesse a vós e lhes dissesse: "Essa atividade em que está envolvido é moralmente errada; não consentiremos nela e desejamos que você a abandone. "

Vocês perguntarão: "Mas, que haverei eu de fazer? " "Ah, faça o que puder; mas precisa abandoná-la. Não lhe daremos nenhum emprego; nem o incentivaremos a conseguir emprego em parte nenhuma; não lhe estenderemos a prosperidade; faremos tudo que tivermos ao nosso alcance, nem que seja interferir legalmente, até mesmo através do Congresso ou da Administração, para destruir os interesses mecânicos do Norte. " Que haveriam

vocês de dizer? Que estava errado; que era uma agressão aos vossos direitos; que vocês tinham tanto direito de ir aonde quisessem na prossecução dos vossos negócios e interesses comerciais, quanto ele.

Claro que estaria errado. O que haveriam vocês de dizer, que têm famílias para sustentar, que têm esposas e filhas a crescer ao vosso redor, se lhes disséssemos que seriam privados da vossa legítima herança, por podermos acreditar que essa herança esteja errada? Ainda que a considerem sagrada e justamente vossa, como pertença vossa por herança legítima, você perguntariam: “Mas, e que havemos nós de fazer? Por que a substituirão vocês? O que receberemos em compensação por essa herança? " E nós respondemos: "Nada. " Onde estaria a justiça, a equidade, a liberdade em semelhante processo?

Uma vez mais, o nosso amigo parece não levar em consideração, quando encara este assunto, que os seres humanos têm todo o direito de buscar a vida, a liberdade; e felicidade, da forma que eles decidirem; e que os próprios escravos, que na sua própria condição individual, como geralmente não é do conhecimento geral, ou que se professa não ser do conhecimento dos abolicionistas do Norte, se encontravam num grau mais baixo de sujeição e escravidão do que se poderá conceber existir entre os mais bárbaros dos mestres tiranos que os abolicionistas imaginam existir no Sul; e que, portanto o escravo em si mesmo não é prejudicado; e que se, quando os esclavagistas do Norte, envolvidos no comércio de escravos Africanos, o tivessem considerado moralmente errado à época, e não o houvessem financiado, não o houvessem encorajado; se tivesse sido estrita e inteiramente uma instituição Sulista de importação do Sul, eles poderiam, após a adoção da Constituição, a ratificação da confederação, ter exigido a emancipação dos escravos e a interrupção do comércio de escravos.

Mas, o Norte apoiou a escravatura durante muitos anos depois da Constituição ter passado a existir; e até à atualidade, os homens mais conservadores, amantes da União e da paz no Norte ainda dizem: “Embora não tenhamos escravos e não desejemos escravos, não temos o direito de interferir com os vossos. ” Essa é, na nossa opinião, a única conceção justa que pode ser atribuída aos direitos constitucionais do Sul por parte de toda a mente sincera. Essa é, na nossa opinião, a única maneira pela qual a questão da escravatura pode ser resolvida e a União preservada da ruína que certamente se deverá acompanhar a dissolução.

Ficamos desolados ao ouvirmos o curso da argumentação do nosso amigo esta manhã, ao ouvi-lo dizer que, seja qual for o sacrifício, seja qual for o custo que possa ter para esta União, ele aprova as medidas mais árduas que o Norte está a adotar para impedir qualquer acordo. Mas congratulamo-nos por perceber, na conceção individual que fazemos, que tal proposição é revoltante, não apenas para o Sul, mas para todo patriota e todo amante da União no Norte. Não acreditamos que, se vós que vos encontrais aqui reunidos, ou que em todos os

vossos Estados do Norte estais reunidos esta noite a cultuar em nome do céu, afirmásseis as vossas opiniões verdadeiras, houvesse um em cem que dissesse, "Dissolva-se esta gloriosa confederação, aconteça o que acontecer. " Não; se eles se sentem tão convictos e fervorosos na crença de que a escravatura é errada, deverão estar dispostos a deixá-la com Aquele que sempre arranca o mal, onde quer que ele se faça presente. E se eles não estiverem a isso dispostos, isso mostra que é um sentimento partidário de secessão, e não um sentimento patriótico, que lhes incita o protesto. Congratulamo-nos ao acreditarmos que o nosso amigo foi sincero; mas lamentamos que o seu julgamento e consciência o conduzam nessa direção.

Uma vez mais, senhoras e senhores, todos vocês se lembrarão da sinceridade e com que ensejo pelo avanço da humanidade e pelo reconhecimento de todo governo humano baseado em princípios como o nosso, o orador advogou o reconhecimento dos Estados da América do Sul com respeito à sua formação em várias repúblicas, e busca de obtenção de apoio e favor do nosso próprio governo. Vocês recordar-se-ão bem da sinceridade e poder com os administradores do vosso Governo nacional, que perceberam que as repúblicas da América do Sul, Bolívia, Lima e tudo quanto agora incorpora aquela bela região, procuraram fazer reconhecer, ao insistir que era política deste Governo, em justiça para com a humanidade, em justiça pelo reconhecimento dos seus próprios princípios, ter em favorável consideração essas novas repúblicas.

Vocês também se recordarão do curso que o nosso governo seguiu com respeito à República do México; por quanto tempo e a sinceridade com que foi defendido que o nosso governo não seguia o rumo certo em relação àquele país, na medida em que não lhe reconhecia os direitos e privilégios enquanto governo aparte, república separada; e como por fim decidiu, embora nunca o tenha decidido de maneira tão completa e positiva quanto o atual orador desejaria, reconhecer plena e inteiramente esses princípios da humanidade onde quer que existam.

Vocês não podem, por conseguinte, duvidar do interesse que o orador tem na melhoria geral da condição de cada nação onde a tirania, a monarquia, ou opressão política, tenha existido. Vocês não podem igualmente duvidar das intenções que o orador mostra com respeito à condição de escravatura no vosso próprio país. Porque, que seja lembrado que, conquanto possamos considerar a escravatura Africana como um mal em abstrato, podemos, no entanto, considerá-la como uma injustiça maior e um mal maior a dissolver, ou a interferir por meio de controvérsias seccionais na União que quase há um século têm procurado estabelecer.

Não; dir-lhes-ia, Republicanos do Norte, que preservem a vossa União. Vocês não precisam ter escravos. Os vossos territórios não precisam ser povoados por escravos, por as linhas geográficas traçarem os limites da escravatura de forma mais marcada do que qualquer ação do Legislativo ou do Congresso. Vocês não precisam emigrar para países escravos. Vocês não precisam formar parte e porção

de confederações de escravos; mas preservem esta União, que se baseia na justiça, no republicanismo, nas mais elevadas formas de administração nacional que existem na terra. Não tentem estabelecer uma anarquia no vosso próprio país, pela justa proposição que o nosso amigo encorajou esta manhã.

Dizemos que, se houver dificuldades, procurem chegar a uma solução de compromisso - a um acordo. Onde dois, sejam indivíduos ou nações, existirem numa união, e tenham interesses mútuos, e onde a separação se revele destrutiva para ambas as partes, a maneira mais criteriosa passa por serem transigentes. Mas, apliquemo-lo à esfera pessoal. Suponhamos que surjam dificuldades entre homem e mulher, ou membros de uma mesma família, pai e filho ou parceiros em negócios, e essas dificuldades sejam de natureza que nem um nem o outro consigam reconhecer na parte contrária a existência do direito, ainda que ambos estejam bem conscientes de que, ao romperem a união, cortando os laços, cindirem a relação, isso venha a causar destruição tanto para si como para a sua posteridade; não haveriam de dizer,

"Vê se consegues adotar uma solução de compromisso? " Não dirão vocês aos parceiros de negócios, que se encontrarem em condições financeiras de dificuldade, que tenham passado disputa após disputa, e, no entanto, cujos interesses estejam tão intimamente mesclados que separar seria destruir para sempre a vida e a vitalidade e prosperidade financeira de ambos; não diriam: "É melhor chegar a um acordo! " Não diriam vocês a qualquer dos partidos que tenha sido o agressor, "Dá um passo atrás"? Não diriam a ambas as partes que estivessem erradas, "Reconhece o teu erro"? Nós pensamos que todo homem verdadeiro, todo amante sincero da justiça, ratificará o que acabamos de enunciar.

Pois que seja recordado que não é agora uma questão de simples certo ou errado, que não é com uma questão moral que a vossa nação está envolvida, que a moral e a religião são ressalva exclusiva na vossa Declaração de Independência, pelo que cada indivíduo pode conservar as suas próprias formas de religião, as suas próprias conceções de moralidade - desde que essa moralidade ou essa religião não interfiram com as grandes leis gerais da Constituição dos Estados Unidos. E cada Estado separado é especificamente instruído a não formar leis que interfiram com a Constituição; mas que em todos os outros aspetos cada uma é uma nação distinta e positiva.

Quando ouvimos o Norte clamar à viva voz: "Dissolvam a União, ou emancipem os vossos escravos, " e quando ouvimos os extremistas do Sul clamar: "Juntem-se e apoiem-nos nos nossos direitos, quanto ao alargamento da escravatura, e à preservação da nossa propriedade escrava, ou separar-nos-emos, " vemos, de uma lado e de outro, traidores da União e do patriotismo. A maior prova da razão, estará no seguimento daquele curso que estiver disposto a sacrificar-se pelo interesse do todo. Se algum Estado ou Estados forem egoístas o suficiente a ponto de dizer: "Dêem-nos tudo o que desejamos, ou dissolveremos esta União, " ou se

algum indivíduo ou indivíduos disserem: "Dêem-nos tudo o que pretendemos no nosso egoísmo ou fanatismo, ou dissolveremos a União, " diremos a ambas as partes, "Vocês não são patriotas; vocês são simples demagogos e só vos interessais por vós próprios; não sois advogados da Constituição, nem defensores da Declaração de Independência, defensores do governo de os Estados Unidos, defensores das instituições gloriosas que temos aqui estabelecidas; sois é traidores! "

Lamentamos igualmente, a outra forma que isto assumiu, que foi a de apelar aos sentimentos religiosos das pessoas que sempre procuraram vigorosamente evitar o envolvimento do Estado com a Igreja. Lamentamos que os abolicionistas tenham achado adequado apresentar esse elemento da religião. Sempre haveríamos de ver a religião nas assembleias estaduais e legislativas, ver um espírito Cristão conduzido a cada departamento da vida governamental. Porém, lamentamos profundamente ver as efusões políticas e as invetivas emanar dos púlpitos Cristãos e da boca dos ministros cristãos. Lamentamos muito ouvir isso no Sul ou no Norte, por isso demonstrar que ambos os lados estão errados.

Pois, embora a religião possa, com impunidade, ser levada a toda a parte, nem tudo não pode ser levado para o campo da religião. É política do vosso governo nacional, evitar estritamente a mistura de Igreja e Estado, e qualquer apelo ao fanatismo religioso ou a qualquer sentimento religioso, em áreas que digam estritamente respeito à ação governamental do vosso país, nós Lamentamos, conforme observei há pouco, testemunhar. Lamentamos, pois, para ver este exemplo de anelo apelar, ao invés, a sensibilidades religiosas que não estão fundadas em conceções estritas de justiça, em vez de apelarem ao discernimento implícito de um povo cujos direitos constitucionais são bem conhecidos.

Se temos uma Constituição, acatem-na. Se temos leis, cumpram-nas. Se temos a base de um governo, mantenham-se fiéis a ela. Se não tivermos nada disso, então estabeleçam uma. Se tivermos aquilo que procuramos, uma confederação gloriosa de estados livres, dividuais, e ainda assim limitados, se tivermos uma nação que esteja tão intimamente combinada que, separar uma porção destruiria por completo, ou obscureceria efetivamente os interesses e a beleza do outro, então dizemos, deixem-nos respeitar as leis em que essa união se baseia. Não encorajemos nada que, enquanto patriotas, enquanto amantes da liberdade e da justiça, de algum modo estrague ou anule a beleza sagrada desse santo edifício.

Por fim, mostra-se em conformidade com as conceções que temos da discrição e do patriotismo, da paz e da liberdade, que as pessoas destes Estados Unidos se unam agora, neste último esforço - porque irá ser o último, a menos que a necessidade e o poder da justiça sejam mais fortemente sentidos do que agora percebemos serem - por unir as suas forças, individual e coletivamente pela preservação da União. Que deixem que as questões de secessão, os interesses de

secessão, se decidam por si só; e que não permitam que nenhuma forma de interesse partidário ou interesse egoísta interfira com o patriotismo geral que precisa ser sentido. Ah, adoraríamos ver nos vossos salões legislativos, aqueles homens capazes de se sacrificar e si e aos interesses egoístas pelo bem da nação; aqueles que, em calmo debate e distinto confronto, na sua competência de estadistas e do direito político, discutissem esta questão; que se erguessem se não como representante de seções, como representantes da nação, e dissessem, "O que será melhor fazer? "

Gostaríamos muito de ouvir o povo do Norte dizer: "Tudo o que tivermos feito de errado, nos retiramos; vamos chegar a um acordo. " Adoraríamos ouvir as pessoas do Sul dizer: "Precipitamo-nos no julgamento que fizemos, vamos chegar a uma solução de compromisso. " Dizemos-lhes, a vós do Norte, Compromisso, por ser a única maneira de preservarem da vossa prosperidade e da vossa união. Quererão ver milhares dos vossos próprios cidadãos expulsos do emprego, e a morrer à fome no vosso seio?

Quererão vê-los a debater-se com a pobreza, a fome e o frio, por conta da contenda da secessão e das contendas partidárias? Vocês quererão testemunhar toda essa vasta nação a empunhar armas, em guerra, dividida em partidos e subdivisões, até que não haja duas iguais, até que cada seção se debata por si só, até que não mais seja uma união, mas uma combinação de anarquias existentes entre vós? Vocês gostariam de ver os vossos próprios amigos ao vosso redor, a morrer à fome por falta de emprego? Vocês gostariam de ver o Sul, com todas as reivindicações de simpatia e incentivo, da vossa parte precipitar-se à borda da ruína?

Mas, mais os irá afetar a vós, do Norte, que não são Estados que detenham posse de escravos, porque do Sul vocês esperam em grande medida o incentivo das vossas artes, das vossas fábricas, da vossa ciência. Deles, dependem vocês em grande parte, no incentivo das vossas invenções, das criações daquele gênio que existe entre vós enquanto prerrogativa própria. Então deverá tudo isso ser destruído e afundar no caos?

Deverá tudo isso desaparecer e deixar apenas fragmentos, desolados, desertos? Em nome de tudo quanto é bom e verdadeiro, respondemos: “Não.” Em nome desta União, que há tanto tempo existe orgulhosa e próspera, respondemos: “Não.” E a bem daqueles de vós que vos achais aqui presentes, e daqueles do Norte, que formam a grande maioria da vossa comunidade, nós escutamos a resposta de milhares de corações, “Não.”

E para bem do Sul, que se mostrou inicialmente precipitado e apaixonado, mas que nos momentos mais razoáveis e mais calmos se mostra ainda dócil e maleável, deles ouvimos a resposta, “Não.” Se o egoísmo do sentimento do partido, e a mão egoísta de demagogos políticos, não tocarem com os seus dedos vis nesta estrutura, ela ainda será preservada. Mas cuidado com eles! Pudéssemos nós dirigirmos a vós na Câmara dos Representantes, pudéssemos nós dirigir-nos a vós como uma nação, e dir-lhes-íamos a vós do Norte, "Cheguem a uma solução de

compromisso"; e a vós do Sul, "Cheguem a acordo"; há tudo a ser ganho com isso, e tudo a ser perdido pela via inversa.

Mas, uma vez mais e por fim, tudo o que constitui a beleza, poder e propósito da vossa nação, tudo quanto diz respeito às suas grandes instituições sociais e religiosas, tudo quanto diz respeito à sua prosperidade nas artes e nas ciências, e ao seu triunfo no comércio e fabrico, e tudo o que diz respeito a tudo quanto se acha intimamente ligado ao bem-estar individual dos seres humanos depende daqueles de vós que amam a paz e abominam a guerra. O derramamento de sangue é o último recurso em que não mais reina a paz. O derramamento de sangue é a última tentativa do desesperado, ou das nações que procuram resolver as suas dificuldades quando um acordo não mais se revela possível. A guerra e a força, pois, deveriam ser o último recurso desta nação na resolução das dificuldades das diversas seções da sua própria grande confederação.

E, por tudo isso, com todo o respeito e com toda a deferência que temos pelo orador que nos precedeu esta manhã, dizemos que em relação à escravatura, esteja ela correta ou errada, deixamos o seu julgamento final, a sua prosperidade ou obliteração, nas mãos d'Aquele que sabe melhor do que nós o que é certo e o que é errado. E no que diz respeito à administração política, ou à continuidade do Governo, dizemos que, enquanto patriotas, enquanto cidadãos e membros de diferentes Estados desta confederação, vocês devem preservar até o fim, não os vossos interesses de secessão e contendas de partido, não a conceção individual que têm do direito, mas a nação que foi fundada no direito. Preservem isso e fiquem certos de que a parte restante se há de ajustar. E agora nós os encomendamos a todos ao Deus da Justiça e da Liberdade. Eu fiz menção ao Estado em que nasci - o interesse que tenho tido pelas diversas disputas que têm surgido no vosso país, e por que vocês me poderão conhecer.

Comentário do tradutor:

Altamente controverso não deixa de ser este tema que se impôs à sociedade Americana no plano da perceção dos problemas que constituíram o maior desafio que assomou extremismos de parte a parte e que conduziu a um dos episódios mais dramáticos da história da sua nação, que na minha particular perspetiva, foi, porventura, uma mancha que não deixou de marcar a República, muito à semelhança da política que foi adotada contra os Indígenas em geral.

Clay foi um personagem que conquanto não tenha sido consistente durante toda a sua vida, como o acusavam os oponentes políticos da época (e provavelmente ainda hoje) consistência que segundo Emerson, quando é insensata, é a marca de homens de Estado tacanhos, ele foi uma grande alma, conforme aqui fica patente. Algo distinto do apaixonado e fogoso Parker, mas não menos acertado, por ter sido um brilhante orador Abolicionista, não obstante ter sido detentor de escravos até à sua morte (só passou alforria a alguns) foi o instigador da solução de Compromisso (pelo Estado do Missouri) na controversa questão da escravatura, e digo 'controversa' por estar longe de ser resolvida por uma mera demarcação mais ou menos conveniente no plano externo, social, da problemática, ou por um alinhamento idealista de massas, por dizer profundamente respeito à índole, ao íntimo de cada um, que precisa passar pelo cadinho do sofrimento para poder desenvolver uma perceção cabal, genuína, do sentido que envolve.

Por outro lado, não nos podemos opor às medidas incentivadas por Parker sem

atentarmos contra o que em nós, como a justiça de um Salomão, que na sua sabedoria ficou conhecido pela característica direta e pragmática de agir sem pré- conceito, apela à resposta desimpedida. Sabemos que a Bíblia não estabelece um código com respeito à questão, e que nos tempos bíblicos muitas eram as variantes que os escravos encarnavam, consoante as sociedades a que estivessem sujeitos, quer decorrente de terem sido tornados cativos ou não. Para um decréscimo da escravatura, por exemplo, no Imperio Romano concorreram movimentos como o do Estoicismo.

Chateaubriand afirmava que o Estoicismo contribuíra enormemente para a abolição da escravatura. Cícero, sabemo-los, defendeu uma só sociedade; Séneca, preceptor de Nero e mais tarde chefe do seu governo durante oito anos, defendeu o conceito de fraternidade humana de que todos fazemos parte; Marco Aurélio, defensor do reforço em vez da renovação das instituições, nada legislou no sentido de a mitigar. Cristo, nos evangelhos não a apoiou nem lhe apontou o dedo da acusação, mas sugeriu um princípio de conscientização por meio do preceito: "Quem quiser ser grande entre vós, faça-se seu servo."

Tudo isso indica que o Ecletismo em que assentavam todas as mais significativas correntes filosóficas e moralistas da altura, assentavam não numa orientação que aspirasse chegar às massas, mas ao íntimo das consciências, ao indivíduo. Ao contrário do Cristianismo enquanto religião de Estado formada posteriormente, que pretendia, como movimento de massas atingir a consciência das grandes massas, e a imposição dos conceitos progressistas e idealistas de igualdade e de fraternidade de todos os homens ter disseminado pelo Império determinou uma considerável mudança na consciência social que repercutiu no Direito Romano. Não que não tenham existido antes, no Estoicismo, só que agora veiculados pelo aparelho propagandístico do Estado - a religião.

Porém a escravatura era instituição que assentava muita vez em bases de diferenciação social passível de ser superada por uma integração pelo serviço e formação pessoal, (O caso de Epicteto é disso exemplo. E Onésimo, que diz ter servido a muitos mestres talentosos, entre eles Filémon, e que suplantaria muito bom cozinheiro, tal a destreza que obteve) e nem sempre era encarada de forma desprezível e indesejável, vil, mas em certos casos representava uma oportunidade de conseguir competências, algo superior às concepções actuais que temos de aviltamento da condição pessoal, mas indicava talvez a condição de quem vira a sua liberdade alienada e se encontrava sob a dependência de outrem. Em face das instituições muitas vezes inexistentes, podia mesmo ser vista como uma oportunidade de melhoria da vida.

De uma forma geral, porém, é condição que na esmagadora maioria dos casos, cremos tenha sido desumana, por envolver um aproveitamento insensato do semelhante, e que embora hoje extirpada no hemisfério ocidental, pode subsistir por variadíssimas formas a despeito da dissimulação empregue no sentido de dar a entender o contrário.

APÓS A MUDANÇA DESIGNADA 'MORTE'

OS DIVERSOS ESTADOS E OCUPAÇÕES NA VIDA DO ESPÍRITO

A VIDA DO ESPÍRITO ANALISADA DE UMA FORMA CABAL POR ALGUÉM QUE ENTENDE O SEU PRECISO STATUS
O PRÍNCIPE PODERÁ ESPIRITUALMENTE SER UM MENDIGO NA VIDA DO ESPÍRITO, ENQUANTO O QUE É ACOMETIDO PELA POBREZA É MUITA VEZ VISTO ESPIRITUALMENTE COMO UM PRÍNCIPE

OS ESTADOS OBJETIVO E SUBJECTIVO CUIDADOSAMENTE COMPARADOS

Um discurso proferido no teatro Hooley de Chicago, no Illinois, no Domingo, 5 de Maio de 1895, por alguém que conhece, através deste instrumento, a notável poetisa e oradora de inspiração, a senhorita Cora L. V. Richmond
"NA CASA DO MEU PAI HÁ MUITAS MANSÕES. SE ASSIM NÃO FOSSE, EU TER-LHES-IA DITO. EU VOU PREPARAR UM LUGAR PARA VÓS. "

Paulo disse:
"AGORA VEMOS ATRAVÉS DE UM VIDRO ESCURO - ENTÃO CARA A CARA. " BEM QUE PODERIA TER DITO ALMA NA ALMA.

Sem dúvida que a realidade da existência espiritual constituirá uma surpresa na sua experiência, até mesmo para aqueles que se consideram preparados na fé ou conhecimento do estado futuro de existência. Que o espírito não virá a ser aquilo que o homem é, pode ser evidenciado pelo facto do corpo humano perecer, e se constatar que nenhum corpo humano toma o seu lugar. O que quer que o corpo espiritual, forma ou estado sejam, os seus atributos e funções podem essencialmente diferir do organismo físico. Isso, todos admitirão.

Assim, seja qual for esse estado, pode muito bem achar-se adaptado às necessidades do espírito como o organismo físico às necessidades da vida terrena. Uma vez isso filosoficamente admitido, e tendo os seres humanos conhecimento, por intermédio dos seus amigos espirituais, da comprovação de uma existência para além da morte, de visões e de revelações respeitantes a anjos e espíritos auxiliares, e do que diversos escritores e videntes escreveram e afirmaram com respeito à outra vida, e da especial revelação nesta época do Espiritualismo moderno, da intercomunicação entre os dois mundos, seremos levados a pensar que possa restar uma ideia inteligente com respeito à vida para além da morte.

Bem que poderia existir se as pessoas se dispusessem a pôr de lado a sensação física e a substituíssem pela inteligência e o conhecimento mental e espiritual. Mas as pessoas não estão dispostas a isso. Estão dispostos a fazê-lo com respeito à ciência, uma vez que os postulados mentais sempre precisam ser substituídos pela sensação física. Elas fazem isso no domínio das matemáticas, dado que é completamente impossível ilustrar por figuras físicas ou coisas físicas aquilo que a matemática expõe por completo por números. Fazem isso até mesmo na química, uma vez que é possível tornar o invisível visível, e tornar o que é visível invisível. As pessoas contentam-se em saber que o oxigénio, o hidrogénio e o carbono existem na atmosfera na condição de invisibilidade, e no entanto formam o ar e a vitalidade que vocês respiram.

Estão mesmo dispostas a ir mais longe, e a apurar que as vibrações chamadas eletricidade podem ser levadas a evoluir e usadas, e sob certas condições e circunstâncias tornadas visíveis e por sua vez invisíveis; que todas as atividades e potências da vida se acham escondidas da vista desarmada, contudo não se satisfazem em supor que o reino do espírito seja um domínio separado e distinto, um domínio completamente diferente das múltiplas e variadíssimas manifestações da matéria na terra; que as realidades da "Bela Cidade, " o Reino dos Céus, não constituem uma realidade no sentido palpável; que as substâncias de se diz que a cidade sagrada seja composta não eram substâncias no sentido do ouro, das pedras preciosas nem do alabastro da terra; mas que essas pedras, ouro e alabastro eram símbolos de pensamentos puros, de aspirações fervorosas, e do que quer que no antigo simbolismo se revelasse suficiente para tornar o reino dos céus belo.

Não se satisfazem nem sequer com o facto de que as árvores, flores, montanhas e rios sejam corpos subjetivos em vez de objetivos, orgânicos. Preferem que comporte lei; não só lei, mas a atração da gravidade, corpos pesados, casas construídas por mãos humanas, logo, não eternas no céu. Muitos prefeririam ver uma reprodução exata da terra, de modo a rapiná-la ou a aperfeiçoá-la por ação da mão do homem. De algum modo todas as religiões cometem esse logro.

A interpretação física de uma ideia espiritual tem sido estandarte de religiões do passado. O paraíso do Maometano representa uma simples existência sensual alargada; mas mesmo na Índia o estado metafísico puro, que o erudito, o vidente ou o adepto é capaz de compreender é inteiramente perdido de vista entre daqueles Brâmanes que pensar tomar parte na luxúria sensual do reino de Brama. O Nirvana, que se encontra além dos sentidos, não tem cabimento na mente comum da Índia.

Preciso não será dizermos que a herança da terra, que os Hebreus, até bem recentemente, quase universalmente esperaram, foi a herança literal da Jerusalém literal, e a posse literal da terra. Outros, mais espirituais na interpretação que fazem, chegaram a pensar na Nova Jerusalém como irreal, ou num estado englobado no reino do espírito; porém, há heréticos na Igreja Hebraica assim como há Cristãos liberais na Igreja Cristã evangélica ortodoxa.

O Reino literal dos Céus, que os Cristãos esperaram vir a gozar, tem sido demasiado interpretado à maneira dos sentidos. Quando forçados, os nossos amigos evangélicos ortodoxos têm-se mostrado constrangidos em justificar que acreditam num céu literal, e num lago literal de fogo do inferno, como o Hades. Se muitos não aceitarem isso, não será considerado ortodoxo, evangélico, e se, conforme em revelações recentes, muitos nas fileiras do clérigo ortodoxo não aceitam a interpretação literal, isso ainda não é evangélico, e as igrejas estão continuamente à beira de condenar o clero por heresia por interpretarem as Escrituras consoante as próprias ideias, em vez das ideias dos fundadores e intérpretes da igreja.

Os Espiritualistas não estão isentos de crítica. Um pensará que a religião baseada no espírito, e que tenha as suas manifestações oriundas de fontes espirituais,

conhecerá a diferença entre a realidade e a matéria, entre aquilo que é real para o espírito, e aquilo que é material para os sentidos; mas a vasta proporção não, e considera que as realidades da vida espiritual serão tão materiais quanto as realidades ou materialidades da vida terrena.

É por causa disso que os espíritos encontram a dificuldade mais proeminente em comunicar a natureza, os estados e as ocupações dos espíritos. Não é por que os espíritos geralmente não saibam, mas por as pessoas geralmente não estarem preparadas para compreender; as mensagens precisam adaptar-se à compreensão das pessoas. Ao fazerem isso, ao construírem fortins para os filhos da terra, para os filhos dos sentidos, os espíritos são obrigados a empregar termos que sejam inteligíveis à vossa compreensão, porém, que está sujeito a ser interpretado de forma inteiramente errada.

Isso seria prevenido caso as pessoas se dispusessem a considerar a existência subjetiva como tão real quanto aquilo que é designado como objetivo. As formas genéricas de vida não são a totalidade das realidades de vida que existem. A vida humana deveria ser bastante limitada caso a se resumisse à simples sensação e nada mais; mas, para poder derivar as suas funções de algo que seja enérgico até mesmo a sensação precisa, no final das contas, resultar da inteligência.

O ser humano sensível, quer dizer, aquele que é capaz de registar as sensações de forma inteligente através do órgão ou faculdade do cérebro, um que possa, pelo processo da consciência cerebral registar o que os sentidos declaram, e a seguir definir uma ação inteligente com base naquilo que registou, sabe que vê, sabe que ouve, sabe que compreende e executa toda essa função num domínio que é puramente subjetivo. Conquanto as coisas que o homem vê, que são registadas pela retina do olho e a seguir por todas as faculdades dos sentidos, são objetivas, o seu registo é puramente subjetivo; a memória que tem delas é subjetiva, e tudo quanto constitui o seu valor e viabilidade é subjetivo.

Se, por conseguinte, não houvesse existência que não exigisse tal manifestação como o registo na retina do olho, uma existência que não exigisse tal manifestação enquanto vibração no tímpano, de facto uma existência que estivesse por detrás da região da sensação, apenas no domínio do pensamento, isso, mesmo assim, seria igualmente real, igualmente possível, igualmente potente. Os afetos do coração e da mente, as aspirações do espírito, tudo quanto conhecem da justiça, do amor, da verdade, do conhecimento e da sabedoria, tem lugar nesse domínio de que falo, e isso deve constituir a natureza da existência do espírito.

Seja qual for a manifestação na vida do Espírito que assuma uma semelhança com a forma, uma semelhança com a sensação, essa manifestação não será final, mas secundária. Não é causa da existência, nem realça a existência, mas resulta dela para fins da manifestação. Se, ao deslizarem para trás da mudança chamada morte vocês puderem afastar da vossa consciência, no momento, a necessidade de um objetivo, a necessidade de uma forma objetiva, e considerarem que a realidade da existência que buscam constitui a realidade do pensamento, do afeto, da aspiração, do sentimento; que a entidade de facto se acha toda no pensamento e individualidade do vosso amigo, estarão preparados para conhecer, assim que a mensagem chegar, a natureza da vida do Espírito.

Quando os espíritos dizem: “Nós temos uma existência justamente tão real quando a vossa” - como lhes é dito agora - não devem, por conseguinte, pensar que seja igualmente sensual, igualmente material; por a materialidade muita vez se achar muito afastada da realidade. Quando lhes falam da aparência dos vossos amigos - que para o espírito é justamente tão real, não devem consequentemente concluir que sejam necessariamente orgânicos e de género.

A realidade é o resultado daquilo que se manifesta como uma atualidade na consciência. Se a consciência for tal que não seja necessário que a manifestação seja objetiva mas antes o resultado de condições subjetivas, então aquilo que é subjetivo deve ser mais real, como o é na vida do Espírito. Se forem dominados, digamos, por uma ideia grandiosa, ou por um propósito, ou por uma paixão, ou pelo quer que seja que se aposse por completo da vossa mente até mesmo aqui, a existência objetiva em que agora se encontram situados pouca impressão provocará em vós. E no que diz respeito à aparência externa, vocês atravessam a vida de uma forma mecânica; são dominados pelo pensamento, pela aspiração, sensação ou propósito que têm dentro de vós; essa é a realidade, e essa haveria de ser a realidade sem a forma física.

Temo-nos frequentemente esforçado por explicar, mas tão fútil parece enquanto ainda se acham cercados pelo tempo e pela razão, que chegamos a considerar insensato esforçar-nos por explicar aquilo que os espíritos fazem, ou aquilo em que verdadeiramente se empregam, dado que a ocupação e os estados da existência espiritual parecem, de momento, achar-se tão afastados da consciência humana. Mas existem determinadas classes de mentes; académicas, esotéricas, estudantes, aquelas que investigaram o domínio da filosofia mental, que conseguem formar uma compreensão clara da posição que adotamos, e a razão por que o reino do espírito não é mais palpável à consciência humana.

As manifestações dos seres espirituais que, através dos objetos pretendem alcançar os sentidos do homem não são, evidentemente, manifestações que sejam habituais e vulgares, nem são manifestações que, sob certas condições do progresso humano, seriam desejáveis. O facto de essas manifestações acompanharem grandes efusões do espírito, e o facto de toda nova revelação do poder espiritual correspondente a uma dispensação de religião ser acompanhado por tais manifestações por forma nenhuma indica que esses fenómenos físicos alguma vez se venham a tornar habituais ou vulgares. Quer simplesmente dizer que, na atual condição da raça humana, quando as presenças objetivas e reais do que aquelas da mente e do espírito, essas manifestações se tornam necessárias para despertar o pensamento, para atrair a atenção, para mostrar que os espíritos possuem poder sobre a substância, muito embora organicamente não se ache ligado à substância;

Daí que as vibrações chamadas “pancadas” compostas por pequenos golpes secos, e todas as manifestações dos fenómenos “físicos, ” não passem de uma flexão que adotamos para com as condições humanas, e devam necessariamente deixar de ser satisfatórias assim que a consciência humana for capaz de abarcar uma ideia espiritual. De momento, contudo, os seres humanos acham-se predominantemente restringidos aos sentidos; por nem todos serem videntes e não conseguirem

perceber as presenças espirituais; por as perceções psíquicas da raça não se encontrarem plenamente desenvolvidas, isso apresenta razões suficientes para que manifestações dessas irrompam através das barreiras dos sentidos dos seres humanos nas condições do tempo e da razão. Mas quando as perceções da raça humana se acharem plenamente desenvoltas, quando a raça humana adotar no seu novo traje, as suas posses espirituais, e quando todos aqueles atributos que têm permanecido adormecidos por intermédio da ignorância, da falta de exercício e de reconhecimento através do medo e da troça e do desdém do materialismo, quando tudo isso for devidamente desperto e a raça entrar no seu novo legado, as manifestações físicas não mais se farão necessárias do que a velha mala-posta (diligência) fora de moda, agora que dispõem do vapor e da eletricidade.

O mundo está gradualmente a despertar nessa direção; em vez do mundo do espírito chegar mais perto do homem, a humanidade está a aproximar-se do reino do espírito; os espíritos não se encontram mais próximo aos seres humanos do que sempre estiveram. O reino do espírito que o poeta Grego Hesíodo descreveu acha- se a todo o vosso redor. “Milhões de seres espirituais percorrem a terra sem ser vistos, tanto quando vocês se encontram despertos como quando estão a dormir, ” é facto não menos verdadeiro atualmente do que era então, ou no tempo de Milton; porém, os pensamentos e perceções da raça humana estão a mudar; há mais gente dotada de perceções dessas. Mas quanto mais perceções interiores dessas forem despertas, menos necessário será aquilo a que chamam manifestações físicas. Haverá, por muitos séculos, quem venha a estar dependente do que é chamado manifestações ou “provas recebidas por via dos sentidos, ” como se a inteligência não tenha que decidir até mesmo após as provas se encontrarem aqui.

Nós temos-lhes repetidamente salientado que os meros factos da existência (os factos físicos) seriam destituídos de valor sem o reconhecimento por parte da inteligência; salientamos que quando esse reconhecimento com efeito tiver tido lugar os factos das manifestações físicas não mais serão necessários. Quando for notório que o estado do espírito se encontra no reino que se acha separado meramente dos sentidos, e que constitui uma existência em consciência; quando se tornar notório que os espíritos passam pela mudança chamada morte ao jogarem fora essas limitações (do tempo e da sensação), em vez de contribuírem para as suas limitações; que os limites dos sentidos são barreiras, no que diz respeito ao espírito, mas que são necessárias à expressão dos sentidos na forma humana; e quando por fim for entendido que a existência espiritual constitui o libertar do espírito das barreiras do tempo e da sensação, sem que privem o espírito do controlo possível das coisas no tempo e na sensação; então resultará uma perceção inteligente do que sucede quando o espírito lançar fora o corpo mortal, ou “se livrar deste tumulto de morte. ”

É claro que nem todos os espíritos despertam ao mesmo tempo com uma perceção espiritual idêntica ou uma glória espiritual equiparável, ou felicidade semelhante (ou falta dela); seja qual for a condição do individuo - desejamos que tenham isto presente e que o realcem - sejam quais forem as condições que o indivíduo vivencie no tempo e na sensação e no estado terreno, a condição desse indivíduo é melhorada ao jogar fora o organismo físico; por representar um alívio

assim. Enquanto a falta de desenvolvimento em termos de espírito constitui, evidentemente, ainda uma carência, não existe a dificuldade orgânica da tentação nos e através dos sentidos; conquanto possa não se verificar um despertar súbito para o conhecimento do que a conquista podia ter representado, ainda se verifica o pôr de lado daquilo que constituía a barreira física, e todo estado espiritual é melhor para o indivíduo do que o estado humano, embora os espíritos, evidentemente, não sejam todos iguais. Isso afasta as ideias que muitos poderão sustentar, de que a mudança chamada morte possa mudar-nos de imediato das sombras para a luz, e de que certos espíritos possam ser piores após essa mudança (da morte) do que tenham sido enquanto seres humanos.

Temos frequentemente dito que não pode haver descrição mais verdadeira do Hades do que as condições das cidades superpovoadas; do que os estados de trevas, degradação, vício e crime vistas nos lugares altos e nos baixos da Terra, alto e baixo que com frequência enquanto termos intransmissíveis nos termos da consciência humana. Não pode existir nada na existência espiritual que venha a expressar ou a manifestar cenas tão abomináveis quanto as que são vistas na terra, dado que não há o que dissimule nem mascare os sentidos. O ambiente da terra cria as condições que é necessário e que se espera que o espírito supere; não tendo superado tais condições, o espírito entre num estado - do quê? Não de crime ativo, pecado ou mal na vida do Espírito, mas de negação, a sombra da não conquista. Os espíritos estão muito menos ativos a induzir as pessoas a fazer o mal do que a tentar ultrapassar os resultados das próprias más ações e tendências que cometeram enquanto estiveram na vida terrena, por deles ser a impotência espiritual e a incapacidade que acompanha a expressão terrena do crime e do pecado.

As pessoas têm estranhas ideias com respeito a esta questão. Não haverá oportunidade melhor do que a presente para realçarmos esta verdade; que nenhum mal pode ser tornado num mal maior pela passagem para a vida do Espírito; que a condição é uma de aperfeiçoamento nesta medida: a de que aquilo que é um mal agressivo no estado humano se torna subjetivo (ou negativo) no estado do espírito, e não pode dominar, por não dispor de sentidos para a sua manipulação; daí que, aqueles espíritos não desenvolvidos, infelizes, até mesmo aqueles que tiverem cometido crimes na terra, se encontrem, não obstante, num estado de desamparo que constitui a consciência individual do Hades; dos fogos ardentes do remorso; do arrependimento; da falta de realização por boas ações enquanto na vida terrena; e se não acreditarem que isso seja tortura, pensem em vós numa ocasião qualquer em que tenham fracassado para com os vossos deveres, ou falhado na superação de um apetite, propensão, ou de uma paixão ou tendência; e então acrescentem a isso a consciência de um contínuo fracasso no domínio (da tentação ou obstáculos), ao longo de toda a vossa existência mortal, e da passagem para vida do Espírito sem terem conquistado a vitória. Conquanto

não se deparem com o dedo do escárnio de anjos a apontar para o espírito a dizer, "Tu sucumbiste," "Tu não és um verdadeiro espírito, " a voz interior da acusação, a consciência do desamparo, a sombra que impede a perceção do reino espiritual, deve, de facto, constituir um sofrimento.

A maior parte dos seres humanos possuem tanto uma porção dessa natureza como uma porção da natureza Divina. Se fossem dividir o bom do mau no homem, "as ovelhas das cabras," (de acordo com a frase dos evangelhos) todo ser humano seria cortado em dois; alguns podem ter uma maior proporção de luz, outros de sombra; mas a vida perfeita ainda precisa ser descoberta, a menos que contem com os Messias, que no sentido habitual não são humanos. Por isso, todos os seres humanos têm uma porção qualquer dessa mácula, dessa consciência. Não precisam de mais ninguém que lhes aponte as faltas e fracassos no reino do espírito, por o espírito se tornar de tal modo consciente de que as deficiências e falta de conquista do estado terreno constituem a fraqueza do espírito, que até mesmo algumas das mais brilhantes mentes e génios se encontram espiritualmente toldadas; não em termos do intelecto, conforme o intelecto terreno é aferido; não em termos da realização humana no domínio da matéria, mas nos termos da conquista do eu.

Aquele ou aquela que consegue a maior parte dessa vitória, que geralmente se encontram entre os mais baixos da terra, possuem, por conseguinte, uma maior liberdade, um maior conhecimento, maiores dotes espirituais. Os príncipes na terra são muita vez vistos como pobres no espírito; não por terem sido príncipes, mas por não terem conquistado a si próprios. Os pobres são muita vez vistos como príncipes espirituais; não por terem sido pobres na terra, mas devido a que, por trás dos farrapos, por trás dos golpes da fortuna se constatar muita vez uma natureza verdadeiramente altruísta.

Entre ambos esses extremos da condição humana, vê-se por todo o lado os estados humanos. O gigante intelectual que, apesar disso, não possui qualquer perceção espiritual, que não tem amor pelo próprio género, e que não tiver dado algo do seu intelecto em benefício dos demais, não se pode dizer que seja espiritualmente exaltado. A exaltação não é aferida, nem tampouco nos é permitido aferir as diversas condições de uma ou de outra. Ao deixar a forma terrena, o indivíduo tem perfeita noção das falhas que possui; não lhe é permitido julgar as imperfeições dos outros, e vê-se amplamente ocupado com a superação das da sua própria existência individual. Tampouco lhe é permitido dizer,

"Vê o auge que atingi. " Nós não nos colocamos em bicos de pés como os catraios, para mostrar o quanto progredimos; porém, tendo alcançado a condição espiritual, devemos esforçar-nos por tornar-nos conscientes da condição em que nos encontramos, intimamente.

Não podemos levar connosco para o estado espiritual as nossas diversas atividades ou ocupações egoístas da vida humana. Não necessitamos daquelas coisas que eram requisito enquanto nos encontrávamos nos sentidos. As habitações físicas, o vestuário físico, as formas físicas não são necessários; por isso

as ocupações e os estados precisam ser tais quanto digam respeito à existência humana.

O vasto sistema industrial terreno, com respeito ao qual tanta agitação de verifica atualmente, o vasto interesse pelo capital em relação ao qual se assiste a tanta discussão, não podem ser factores primordiais na vida do Espírito conforme são aqui, exceto na medida em que estão relacionados com o egoísmo humano; e sejam quais forem os ajustes que tais questões sofram com base no máximo benefício para o maior número, ou uma maior comunhão humana, será feito de acordo com as posses espirituais, por mais que possa ser criticado como otimista ou transcendental por aqueles que se consideram inteiramente versados em questões humanas.

Pode acontecer que os espíritos não estejam qualificados para julgar com respeito ao estado das finanças, no entanto os médiuns são muita vez procurados, e com frequência por parte de muitos que se recusam a aceitar ou a reconhecer que são Espiritualistas, com o único propósito de descobrirem um outro meio qualquer de ganho material; as oscilações do Câmbio; a subida e a descida das ações; qual o número da sorte ou favorável na grande lotaria da especulação humana; e isso é procurado por membros da igreja bastante sérios e devotos que estão proibidos de fazer qualquer prospeção no campo da magia negra ou das artes mágicas. Contudo, se os espíritos puderem ver - e sem dúvida os espíritos podem ter conhecimento - por, segundo antigas crónicas, haver uma certa categoria de pessoas que é atendida de acordo com o seu desatino. Talvez vocês saibam quem eles são. Nem sempre é com o propósito de responder ao tolo de acordo com a sua insensatez que tais respostas são dadas; é com um outro objetivo.

Se os espíritos conseguem ver e proceder a afirmações verídicas, como comummente o fazem nesse sentido, é por isso dirigir a mente que assim busca no sentido de outras questões, e dia chegar em que busque com outros propósitos. Por regra, aqueles que são agora Espiritualistas não buscaram os espíritos com tais fins, mas fizeram-no por desejarem a resposta à questão: “Se um homem morrer, voltará a viver de novo?” E descobrem que a questão é respondida pelo espírito do seguinte jeito: “Tudo quanto possui valor no homem não fenece, mas viverá.” Descobrem que a vida, a consciência, a inteligência, suporta e vai além daquilo que é chamado morte, sem que perca, mas ganhe nos seus dotes apenas por esse tanto de mudança; que o espírito se separa das muitas faculdades que constituíam algemas enquanto na forma; rejeita aquelas que são puramente terrenas e pertencem inteiramente aos sentidos; que a perceção espiritual ocupa o lugar da sensação humana; que o espírito é capaz de perceber mais do que todos os sentidos do homem juntos, a menos que esses sentidos estejam tão despertos e avivados por uma ação muito ativa, ou perceção desenvolvida. Por outras palavras, o estado do espírito é aquele estado que constitui o passo seguinte para a vida humana. Se não existisse um lugar ou estado na existência espiritual adaptado

a cada condição humana, que fracasso sublime não haveria de ser a vida, dado que as condições inexatas e desafortunadas seriam varridas da existência, e ninguém teria a certeza de que algum pudesse ser salvo.

De acordo com a consciência espiritual, de acordo com o conhecimento espiritual, esses estados são simplesmente uma continuidade da existência do ser humano sem a continuidade do entorno físico. A mente ou espírito que comunica sabe como irão ser as condições de um indivíduo pelo estado mental ou de espírito desse indivíduo.

Expomos de forma clara e rudimentar estas palavras por querermos que sejam entendidas por todos: Que cada um leva consigo o seu estado, mas não leva consigo o seu entorno físico. Se, porém, de acordo com a lei da existência subjetiva, o estado ou condição do espírito é tal que nenhum outro entorno exceto material, ou aquele que se assemelhe às condições terrenas, seja considerado vida, se o ser humano ao falecer conforme vocês dizem, tiver não só sido dominado mas inteiramente regido pela ideia de que não existe nenhum outro padrão exceto o dos sentidos, indiscutivelmente esse espírito no momento ver-se-á rodeado por aquilo que ele julga ser vida, e isso será o cumprimento do preceito: "Assim como o homem pensa, assim ele será justamente. "

Num certo sentido os nossos amigos da Ciência Cristã têm perfeita razão quando defendem: "Aquilo que um indivíduo pensa é uma realidade." É claro que é nesse sentido que, enquanto dominado pelo tempo e pela razão, se esse domínio for o único poder efetivo preponderante; caso o indivíduo esteja casado com o tempo e a razão e as condições terrenas; se, por outra coisa que não a imaginação, ou a poesia, ou a filosofia, ou a ciência, ele ou ela tiver sido levada a tomar consciência de que o reino da consciência não é o reino da sensação; se não tiver existido nada que lhe despertasse uma ideia qualquer exceto aquilo que for da terra, então o estado espiritual que se seguir imediatamente deve ser aquilo que se pareça com o estado terreno, para esse indivíduo; mas para todos os outros espíritos pode não surgir uma aparência dessas. Ao abordar a condição desse espírito, todos os outros espíritos dirão: "Ora, o pobre do homem está a debater-se com a própria carência que tem de compreensão espiritual!"

Vejam por exemplo, a título de esclarecimento, o máximo egoísmo humano possível. Não lhes pedimos que o situem fora de vós próprios, mas se conhecerem um estado que seja mais egoísta do que o vosso próprio; ou seja, um estado completamente desprovido de consideração pelos outros; que nunca sinta amor exceto da forma sumamente egoísta; que nunca pense em ninguém, exceto nos moldes em que o outro o possa servir a ele ou a ela (conforme for o caso); que acumula as suas posses terrenas com base no agregar para si próprio tudo quanto seja possível em termos de posses terrenas - nos estados do espírito não será coisa nenhuma - uma simples negação, com a consciência de que seja qual for a força que

tiver predominado que tenha culminado na vitória material na terra, será enfraquecido no espírito.

Não existe reviravolta súbita dos sentimentos; não se verifica iluminação nenhuma súbita da mente com a passagem do estado terreno para o estado do espírito; contudo, tivemos conhecimento de casos daqueles que obtiveram grande vitória em termos de egoísmo humano, em que se verificava inteligência e perceção suficiente ao entrarem no estado do espírito para saberem que o poder que representa a maior vitória em termos humanos é inteiramente desprovido de valor no espírito. Isso tem início no começo, como as pessoas fazem aqui. Elas desejam aprender com os mestres do espírito. Elas compreendem que não conhecem as condições e métodos iniciais da vida do espírito, e estão perfeitamente dispostas a aceitar o conhecimento que o primeiro ato de esquecimento de si constitui o primeiro passo para o desenvolvimento e a vitória espiritual.

Esse conhecimento, juntamente com grandes poderes e energia mental, em breve conduzirão o espírito avante. Mas onde reinar absoluta torpeza mental assim como do espírito, não será de admirar que alguns espíritos pareçam passar longos anos do tempo humano antes de despertarem para a consciência disto, da existência de um passo adicional de crescimento que precisa ser encetado antes de poder existir perceção espiritual.

Esses estados toldados da vida do Espírito são excecionais. Os estados da vitória individual são universais. O desejo de superar aquilo que não foi superado na vida terrena precisa ser universal. Como a média do ser humano não se encontra muito degradada, também os espíritos em média encontram alívio nos estados de espírito da condição de depressão da vida terrena, e a maioria dos espíritos contenta-se em se livrar disso. Para aquele que se vos dirige, foi como passar de uma masmorra para o ar livre, para a luz. Mas inicialmente nem os melhores conseguem perceber demasiada luz. Nenhum deslumbramento espiritual se afigura proveniente dos reinos superiores, mas a luz precisa vir de dentro; assim, até mesmo a luz precisa ser temperada para a condição do espírito. A luz vem, conforme precisa vir, de dentro.

Para aquele que se lhes dirige foi uma libertação de poderes (em vez do acorrentar desses poderes) como os que tinham estado porventura muito pouco ativos na vida humana. Verificou um maior alcance da visão; uma maior atividade de atributos e faculdades; uma noção de liberdade como a que um pássaro poderá sentir ao ser liberto do cativeiro aprisionante da gaiola. Não é possível apurar que alterações de inteligência se verificam entre o verme, a crisálida e a borboleta, mas o espírito do homem leva consigo juntamente com a alteração das condições algum conhecimento, e entre o verme da terra e a crisálida da mudança e as asas desenvoltas da imortalidade há júbilo consciente e adicional gozo, um poder e uma perceção maiores.

Aquilo que era vago e irreal na terra torna-se claro; questões que pareciam ser de difícil solução nos estados humanos são resolvidas de imediato para o espírito; tópicos que aqui são postos de lado como especulativos, transcendentais e vagos, adquirem na vida do Espírito a máxima importância. Em vez de questões que se prendem com o comércio internacional entre as nações, o estado do comércio, da condição da política entre governos, a questão predominante torna-se na intercomunhão dos espíritos; a relação das almas, os seus atributos e poderes conforme são relacionados uns com os outros.

Todo espírito que passa da vida terrena estaria preparado para comunicar caso os seres humanos estivessem preparados. Há muito poucos espíritos que estejam tão cegos pelo preconceito, tão agrilhoados pelas sombras materiais a ponto de não saberem que podem ver ou perceber mais do que podeis. Aquilo que para vós é cegueira, para eles é perceção. As barreiras situam-se todas do lado mortal, exceto aquelas que resultam da ignorância. Sois vós quem "vê através de um vidro escuro." É o estado humano que constitui o vidro escuro. O tempo, a razão e os entornos físicos constituem as barreiras. A remoção delas constitui a perceção da existência espiritual.

Aquilo que é mais surpreendente para a maioria dos espíritos é não precisarem ir a parte nenhuma para chegar ao mundo do Espírito; não são levados ao longo de milhas e milhas do espaço, sobre vales e lagos e montanhas sobre as asas de anjos, para encontrarem a terra do Espírito ou o Reino dos Céus; nem precisam passar por caminhos tortuosos, e descer, descer sem parar até darem com o Hades. Com a remoção do corpo físico que aparentemente, cobre o espírito com as amarras das fraldas dos sentidos, o espírito toma consciência de um domínio mais vasto; encontra aí os amigos que certa vez conheceu na terra; por outras palavras, a chegada e partida do reino do espírito, ou da "terra do Espírito," não passa de um sentido figurado de falar.

O "reino do Espírito," a "terra do Espírito," acha-se à vossa volta, acha-se dentro de vós, acima de vós, onde quer que tenham os vossos afetos. Quanta vez isto não foi dito, e ainda assim muita gente pensa precisar subir algum "escada" (progressão) etérea, alguma escadaria tal como no símbolo apresentado ao Jacob proverbial, para descobrir o reino do espírito. Ele encontra- se a todo o vosso redor exceto vós; impregna-lhes os espíritos mas não lhes domina os corpos; realiza o que pode ser realizado em benefício das condições humanas, actua sobre os vossos pensamentos, a vossa inteligência, os vossos afetos, onde for possível, fazê-lo por meio da atração; a aguardar até quando as barreiras do tempo e da sensação devam ser afastadas.

Vocês irão voltar-se para dentro em vez de para o exterior em busca da resposta à questão relativa à condição dos espíritos. Quando dizemos, voltar-se para dentro queremos dizer que não olharão com os vossos olhos humanos nem escutarão com os vossos ouvidos humanos, nem desejarão nem tocarão com os vossos sentidos humanos, de forma que isso os leve a ter consciência de que os espíritos se

encontram junto a vós. Naqueles momentos de comunhão em que vocês falam convosco próprios (e uma grande quantidade faz isso de forma audível) e revêm o trabalho do dia, há censura se o não tiverem feito bem, e louvor se tiverem. Mas o tempo todo em que falam convosco próprios travam uma discussão entre a razão e a intuição, entre a razão e o impulso, e o castigo que dispensam a vós próprios caso não tenham dado o melhor da vossa parte, metaforicamente, não dispensariam a mais ninguém.

Agora, esse domínio em que podem falar convosco próprios, nesse domínio em que o ego habita, naquele reino da consciência em que vocês resolvem os vossos problemas de filosofia; de matemática, naquele domínio mais elevado ainda da verdade, amor e sabedoria, através dos silenciosos aposentos do espírito, podem encontrar-se e travar conversa com os vossos amigos sem interrupção, nem nenhum outro dolo para além daquele que cometerem contra vós próprios. Podem encontrar-se aí, e se para os convencer de que não é imaginação, e de que não estão a enganar-se a si próprios, eles se mostrarem condescendentes e entrarem no domínio do tempo, espaço e substância para vir até vós, de um ponto de vista objetivo, será somente por uma questão dessas barreiras poderem ser removidas, e eles por vezes travarem conversa convosco alma-a-alma, em vez de o fazerem através de "um vidro escuro," por meio dos sentidos.

Não pensem com isto que estamos a subestimar os "sinais e símbolos," as manifestações que devem chegar até aos sentidos. Pelo contrário, em todo o reino do espírito, todos quantos travem conversa com os mortais hoje, pretendem derrubar essas barreiras superficiais de corpo e mente por manifestações tais que não possam ser negadas, por meio de provas que não possam ser ignoradas. Fisicamente, caso devam passar por isso, eles dar-lhes-ão prova dos seus poderes. Intelectualmente, caso a ciência deva dispor delas, eles dar-lhes-ão evidência dessas "forças psíquicas" ou ocultas, para que vocês, ao se convencerem no plano físico (não existe lei externa da natureza que possua inteligência sem a consciência dos vossos amigos), possam questionar e garantir uma audiência convosco nos cômodos interiores das vossas vidas, próximo ao seu próprio reino, onde nenhumas condições humanas perturbadoras têm lugar, e onde vocês venham a descobrir, quando tirarem o véu do ambiente externo, quando tirarem as barreiras do tempo e dos sentidos, que os vossos amados tinham estado a aguardá-los.

É ocupação deles fazer isso; é ocupação dos espíritos transmitir esse conhecimento; é ocupação deles aperfeiçoar-se no conhecimento, na sabedoria, no amor e na excelência, e revelar aqueles poderes que não tiverem sido suficientemente desenvolvidos aqui, de modo que nos estados de espírito obscuros, nas condições obscuras da vida terrena, esse conhecimento maior possa ser assumido.

Por não estarmos a fabricar relógios quando não existe tempo nenhum a seguir no nosso calendário; por não estarmos envolvidos no fiar e tecer quando as nossas vestes são feitas de uma substância tal como a do pensamento e da aspiração, por

não construirmos casas em que restrinjamos dez, vinte, uma centena de milhar ou de milhão de seres humanos quando a luz do sol e ao ar fresco estão no exterior; e por não construirmos palácios para nós próprios, enquanto o pobre se deve contentar com um casebre - as pessoas pensam que não haja ocupação na vida do Espírito. Mas se a construção de tais coisas tais como as que concorrem para a verdade, o levar em frente da mensagem que retira o medo primordial do mundo do homem; se debilita-lo, mostrando a luz que se acha dentro e acima dos aposentos escuros da dúvida e do materialismo; se lançar o projetor do espírito sobre as condições falsas, e o revelar do que é verdadeiro; se o fortalecer cada uma das decisões exaltadas, levar a conquista pelo espírito mais à frente, e declarar que isso constitui uma vitória maior do que todas as batalhas ganhas pelos exércitos; se isso, e enxugar a lágrima do enlutado com um conhecimento correto da vida do Espírito não constituir uma ocupação, então porque contratam os sacerdotes para lhes ensinar coisas espirituais? Porque serão milhares de vidas gastas numa diligência por descobrirem a real filosofia da existência? Porque será que a ciência se esforça agora a ponto de se pôr em bicos de pés a espreitar a área do reino oculto, psíquico, a menos que seja uma ocupação importante saber o que é o espírito, e as relações que tem com os outros espíritos no mundo?

A GRANDE PIRÂMIDE DO EGIPTO

um discurso proferido em fairbank hall, Chicago, illinois, por meio da mediunidade de transe de Cora Richmond

Os mais antigos esplendores da terra encontram-se a circundar o Oriente; e as nações primitivas, conforme são designadas, erguem-se neste dia distante cobertas de esplendor, povoadas por milhões de seres exaltadas em inteligência e poder, e confundem as civilizações dos dias presentes na abordagem de muitos das suas imponentes maravilhas. Os tempos pré-históricos não proporcionam indicador nenhum pelos quais o homem possa medir o poder dessas nações, exceto aqueles que se encontram encerrados na arquitetura de cada nação individual.
Só o Egipto sobreviveu entre os poderosos povos, àquele poder devastador do tempo, por só o Egipto aparentemente possuir monumentos imperecíveis. Outras nações - os Chineses - possuem escritos e tradições que parecem preceder o esplendor e a história do Egipto; outras nações passaram adiante através de vários registos, aparentemente incontestáveis, vastos poderes, linhagens de nações, reis e povos poderosos;

Mas só ao Egipto pertence um certo grau de grandeza que o torna, senão o primeiro, pelo menos o último na civilização da época primitiva da história humana. Com isso referimos a história que antecede os registos do tempo atual. Essa história era um livro selado, e ainda o é em grande parte atualmente, exceto o facto das maravilhas da história Egípcia poderem ser localizados por

entre o entablamento e a pedra, os monumentos, e o que se encontra preservado como sagrado: sem dúvida nos recessos mais recônditos da Pirâmide e na Esfinge. Dizemos a Pirâmide, porque em comparação com esta, as outras afundarem na insignificância; elas estão lá como as sombras dela, como montículos de terra a par com a montanha, como imitações. Talvez a precede-la, como precursores dela, mas certamente não ela própria. A magnífica pirâmide que forma o tema deste discurso desconcertou toda a exploração, toda interpretação possível, até à descoberta da pedra de Roseta, que, conforme estão cientes, continha escrita em três línguas, que associava os antigos hieróglifos da civilização Egípcia aos da Grega e aos das civilizações posteriores.

O resultado foi que agora esse registo foi tornado inteligível, e quando as explorações forem concluídas a história irá ser igualmente interpretada e concluída; mas por enquanto essas explorações acham-se incompletas. Muito de quanto é aferido como descoberta não passa de mera teoria. Conhecimento real sobre o tópico das pirâmides e da grande pirâmide, ainda deixa os estudantes modernos na dúvida quanto à absoluta certeza de quem foi o seu construtor, com que propósito foi construída e porquê, em vista do poder demolidor dos elementos naturais - tudo isso ficou mais por declarar do que o que parece ter sido declarado nas inscrições que se reportam a ela.

Mas sejam quais forem as teorias que obtenham crédito no mundo, duas parecem predominar: uma é a de que constitui um túmulo construído entre os anos 3700 e 3400 antes de Cristo; a de que foi construída por um poderoso rei Egípcio, Quéops, e que se destinava a um sepulcro ou monumento ao seu esplendor. A teoria favorita por entre os estudantes da ciência da arqueologia, deverá porventura permanecer aceite na mente da maioria das pessoas, a de que essas pirâmides constituíam sepulcros, túmulos de reis, e que nelas e ao seu redor, dentro delas serão sem dúvida encontradas as explicações do rei particular sob cujo reinado a pirâmide foi construída.

Até agora essa teoria foi a que mereceu maior crédito.
Há outras, porém, que consideram que poderão ter sido destinadas a depósitos para o grão em épocas de cheias; outras ainda, de que dentro dos monumentos duradouros outras menos duradouras devem ter sido demolidas ou cobertas pelas areias movediças em permanente flutuação, movimento, transmutação, mas quando tudo for desenterrado, será porventura descoberto que as pirâmides não foram nem construídas para servir de sepultura para reis, locais de armazenamento de cereais, nem para nenhum outro dos propósitos presentemente atribuídos a esses antigos construtores.

Conquanto os reis do Egipto fossem sem dúvida potentes, precisa ser levado em consideração que o Egipto, à luz da sua glória, foi a sede da aprendizagem, foi a sede da descoberta da inteligência, foi a fundadora da linguagem, das matemáticas, da ciência química, da ciência da astronomia, e que numa nação cercada por nações aparentemente bárbaras ou semibárbaras, necessitariam da maior das conservações.

Se os Egípcios por altura do auge do seu conhecimento e esplendor, quando a Cidade do Sol foi pavimentada a ouro, e de um milhar de torres, minaretes e cúpulas emanava o som de louvores e regozijo - se quando os seus reis não eram somente grandiosos na guerra, valentes na batalha, mas principalmente dotados de conhecimento - e eram tanto sacerdotes quanto reis - se a sua civilização significava alguma coisa em absoluto, significava aquilo que devia de algum modo preservar-se para gerações futuras em testemunho do imperecível. Livros não existia nenhum; papiros existiam, em cuja substância duradoura contudo perecível (efémera) se localizam muitos dos registos mais recentes da nação Egípcia.

O único monumento duradouro que poderia, que se poderia esperar com alguma certeza que sobrevivesse era um monumento de pedra, e construído de tal modo que desafiasse a intrusão dos dois únicos inimigos da preservação naquele clima, a luz do sol e a água - a água, o salvador; a luz do sol, o inimigo, salvo quando a água se achava presente para saciar o deus eternamente insaciável que andava pelos céus, que era o supremo governante e substância de toda a nação, e que só poderia ser desafiado pelo deus Nilo, cuja fonte, que alguns conheciam, cuja corrente era sagrada constantemente reabastecida por fontes desconhecidas, transbordante e trazia fartura, cheias que a três metros significava fome, a quatro significava um tolerante grau de conforto, e entre quatro e trinta e quatro e quatro e oitenta trazia alegria e regozijo e oferendas de todo o povo Egípcio - aquele maravilhoso rio que se deve deixar que conte a sua própria história mais tarde.

A forma piramidal foi a forma adotada pela arquitetura do Egipto. Uma das razões disso deve-se a seja a que melhor sobrevive às infiltrações da água. Outra razão é a de que o triângulo fora descoberto e se tornara a forma aceite de medição do círculo, conforme agora é - fora descoberto constituir a única maneira possível pela qual aquilo que era suposto ser infinito, o círculo de Deus, podia ser resolvido pela ciência do homem.

Dotado de três lados, simbolizava o nome sagrado da Divindade que nunca foi pronunciado salvo nos claustros mais recônditos dos templos Egípcios, e somente então enunciados pelos ungidos, que eram “filhos do sol”; por essa ser a conta de sacralidade em que Osíris era tido enquanto anjo do sol, que representava o Deus invisível, que o termo Jeová, tomou de empréstimo dos Egípcios por parte dos Hebreus, para quem simbolizava a sua Divindade, e que foi alvo de tal reverência que ninguém se atrevia a insinuar sequer o nome salvo aqueles que fossem consagrados como filhos do sol, ou filhos de Deus.

Assim, quando Moisés e o seu irmão Aarão, segundo a narrativa Hebraica, foi iniciado e instruído e educado nos mistérios do Egipto, foi proibido aos filhos de Israel repetir ainda que baixinho o nome de Deus. Porquê? Porque ao ouvirem esse nome falado longe, no estrangeiro, os Egípcios compreenderiam que o seu segredo tinha sido traído, que a reverência devida ao Altíssimo tinha saído dos hemiciclos da veneração religiosa e estava a ser divulgado entre o povo que era composto de escravos. E tal coisa não poderia ser tolerada.

Mas para além dessas pirâmides existiam sem dúvida templos de arte e de conhecimento (aprendizagem), tal que haveria de deixaria os estudantes modernos deslumbrados só de ver; instituições em que os jovens e as moças eram educados em todos os mistérios do conhecimento Egípcio, sacerdotes e sacerdotisas consagradas a Isis e a Osíris, todos a cumprir com os seus diversos deveres; exaltação das mulheres a ponto da educação e participação na legislação governamental e nos segredos e mistérios da ciência, subterrâneos e oráculos a promulgar o distinto conhecimento forjado por essa gente estupenda e, acima de tudo, segredos mais profundos que influenciavam três ciências - a astronomia, nesses dias estreitamente aliada da ciência astrológica, igualmente exaltada de um poder material a um espiritual; a química, que posteriormente degenerou na alquimia, mas que ainda era a maravilha do Oriente; e as matemáticas. Essas eram as três ciências tidas como sagradas, e eram as três ciências que eram tipificadas pela forma triangular da pirâmide.

Para comemorar tão fascinante descoberta como os poderes triplos da ciência, resolver aquilo que as nações Brâmanes tinham chamado o círculo do infinito, os Egípcios devotaram monumentos a tais propósitos, e, como os reis eram líderes e governantes nas ciências e nas artes, optaram igualmente por inscrever em muitos dos entablamentos de pedra as suas próprias conquistas e o que fora pensado deles pelo Mais Alto, ou o Divino, ou o próprio Sol, que era o símbolo da Divindade ou do grandioso. Todos os deuses e deusas Egípcias - por as suas divindades englobarem ambos os sexos - eram tão só símbolos do ser divino e mais potente que era representado pelo sol. O próprio sol era venerado por eles, não como sendo o próprio Deus, mas enquanto o símbolo ou representação de Deus.
Será, portanto, observado que a pirâmide maior constitui um símbolo, como nós consideramos, do aprendizado do Egipto; que contém na sua estrutura somente evidência de todo o conhecimento que eles possuíam assim como a história e a profecia da terra até ao presente.

A teoria do professor Smythe* é a de que ela corrobora exatamente as profecias encontradas no Velho e Novo Testamento a um ponto imensurável, e enquanto a sua mente possa estar um tanto deformada pela imensa educação teológica que possui, ao mesmo tempo, constitui a teoria mais provável entre todas as existentes no mundo. A verdadeira teoria, contudo, é a de que as pirâmides foram construídas como monumentos de aprendizagem; que cada uma delas simboliza um período qualquer de cultura intelectual ou de desenvolvimento espiritual, e que a pirâmide maior é, em si mesma, o culminar da época das pirâmides, o trabalho coroação da nação sempre votada a grandes obras, e típica de todo o conhecimento, de toda a ciência, de toda a religião que o Egipto encerrou e de que a história viria a gozar.

*(NT: Possivelmente tratar-se-á de William Smyth, ou então da Srª. Piazzi Smyth, Escocesa, que publicou uma obra sobre a Pirâmide, não estou certo)

Por uma observação cuidada das descobertas que já foram feitas serão capazes, quando outras descobertas e explorações tiverem sido alcançadas, de averiguar o quão correta esta hipótese estará. Os três lados da pirâmide simbolizam a forma tripla da ciência desse período, e o triângulo como a base da solução do círculo infinito. Todas as porções da estrutura da pirâmide simbolizam a condição interior e exterior do homem.

A construção da pirâmide foi assim:

Primeiro, é erigido um símbolo da pirâmide interior; então isso poderá ser a câmara para o que quer que seja que pretenderem preservar de mais sagrado. Sobre isso é construído gradualmente, camada sobre camada - ainda na forma piramidal - a pirâmide maior, até que atinja o tamanho requerido. Então, daquelas montanhas formidáveis que ficavam a milhas de distância pedras, que eram chamadas "a luz," foram trazidas. Essas exibiam enormes poderes de arte mecânica, tanto no local de onde foram trazidas, como na sua montagem na pirâmide, e formaram as bases exteriores e a porção mais extrema da estrutura, finamente polida, juntada em costuras dificilmente discerníveis, impermeáveis tanto ao sol quanto a quaisquer elementos destrutivos.

Essas pedras foram a glória máxima da arte monumental Egípcia. Hoje é desconhecido por que poder mecânico essas pedras podiam ser trazidas das pedreiras deles. Precisamos considerar que a descoberta do vapor enquanto força motriz é moderna, e que a utilização da eletricidade é invenção recente; assim, num país onde não há água, situado nos confins do deserto, que potência mecânica vocês concederão a esses antigos por outros sistemas senão uma secessão de alavancas ou rolos por meio dos quais essas pedras fossem trazidas da sua solidez das montanhas?

Mas, se pensarem que a ciência moderna atingiu um grau de perfeição mais elevado do que aquele que existia entre os Egípcios, porque métodos terão essas pedras sido encaixadas com tanta perfeição que as costuras dificilmente são percebidas, e que o invisível e sempre presente cimento que eles arranjaram, que forma uma porção da parede interna e mais recôndita, ainda por explorar? E por que processo terão essas pedras sido colocadas, ao permanecerem, conforme permanecem, o inexplorado e informal monumento de uma força mecânica mais potente que a força de qualquer poder mecânico, exceto aquele do vapor?

Se alguma vez os motores elétricos vierem a ser aperfeiçoados, e se vierem a ter motores atmosféricos, assim como luz; e se outras forças mais subtis vierem a coroar a civilização atual, podereis ser capazes de o resolver melhor do que agora - o maravilhoso poder e destreza dessa nação de construtores monumentais. Na câmara interna que ainda só parcialmente foi explorada, serão sem dúvida descobertas, por medições reais, todas as soluções da história da terra até ao presente.

Enquanto registo da ciência a pirâmide grande comporta um poder triplo; é a glória máxima de uma era que representou a ciência física na terra, e o que quer que possa ser dito do avanço do homem, nunca virá a existir um outro culminar como esse, dado que, misturadas com a ciência física virão a existir outras

interpretações quanto à vossa era que serão mais preciosas. É igualmente o culminar de um certo período astronómico, e conforme aqui é registado, apontava em frente para um outro período astronómico, o ano de 1881, que simbolizava metade do círculo inteiro atravessado pelo sistema solar na passagem que percorre em torno do sol distante. O que quer que esse meio círculo possa querer dizer, era algo que era compreendido por esses astrónomos.

A história da pirâmide está mais perto de ser resolvida do que alguma vez esteve. Poderia a abertura de uma câmara interna e a publicação de trabalhos sobre este tema e a agitação do pensamento por todo o mundo civilizado significar um precursor de uma união mais completa e distinta entre a civilização antiga enterrada nas trevas e a civilização dos tempos modernos?

Vós estais à beira de grandiosas descobertas. Com o tempo vocês virão a compreender que seres mais insignes do que os que foram enterrados, e mais poderosos do que as dinastias que foram citadas de diversos modos e registadas nas inscrições Egípcias, constituíram o registo da ciência a ser aí preservada, e chegarão a compreender que a essas câmaras secretas e recônditas os poucos que deviam ser iniciados nos grandes mistérios da ordem dos filhos de Deus eram conduzidos, que a exata medida a ser aí descoberta, que muitos supuseram dever ter aí servido de caixão ou de medida de trigo, era dedicado a um porção da cerimónia que servia para ilustrar a medida da vida; nesses cerimoniais eram iniciados apenas doze, e jamais um outro membro podia ser acrescentado exceto se um desses doze morresse. Assim, por todo o Egipto essa ordem foi secretamente preservada, e não podia haver outro monumento mais adequado para transmitir às gerações futuras o conhecimento encerrado por essa ordem do que os próprios monumentos, de que a pirâmide é o maior.

Sob o reinado da dinastia cujo nome a pirâmide carrega, viveu o maior dos tais doze desse período. Como um monumento erigido ao seu conhecimento, como registo e testemunho daquilo que ele trouxe ao mundo, em morais e inscrições, o valor da história proclamada, foi a pirâmide edificada. Se tantos milhares de trabalhadores foram empregues durante vinte anos a construir essa pirâmide, que importância terá isso tido em comparação com a perpetuação de segredos que só pela mão do tempo poderiam ser resolvidos, e que só agora estão a ser plenamente solucionados? E se vós não encontrais plasmado nessas misteriosas câmaras e nas medidas misteriosas que encerram a afirmação exata da história da terra desde o começo do conhecimento Egípcio até ao presente momento, uma descrição pormenorizada daquilo que virá a suceder na medida em que os símbolos o possam esclarecer, então como poderão vocês afirmar que estes enunciados sejam outra coisa que não as débeis expressões de um sonho?

Que assim o sejam, é coisa que terá tido lugar em muita mente, que, sem ser suficientemente científica ou destra nos prodígios do saber Egípcio não se atreve a proclamar as suas ideias ao mundo para não serem alvo do ridículo por parte dos savants (especialistas) eruditos que nada sabem do assunto. Porém, se limitarem o conhecimento do momento presente (verão que) ele está confinado à solução de certos hieróglifos ou inscrições que contêm interpretações em Grego respeitantes a isso e às medidas do poço (duto) e das câmaras internas da pirâmide maior. É claro que o exterior é sempre observável, porém o que se acha oculto são ainda

outras câmaras, e o que virá a ser revelado quando o mais íntimo dos seus segredos for desvendado, ninguém o sabe.

Primeiro, é um monumento ao Altíssimo Jeová; em segundo lugar, constitui um monumento erigido ao sol, a primeira elevação no universo que representa Deus; em terceiro lugar é um monumento erigido aos Filhos de Deus que, totalizando doze, vieram à terra a fim de descrever o conhecimento que foi colhido do reino celeste; em quarto lugar, é um tributo à ciência material revelada pela inspiração dos Filhos de Deus, os sacerdotes, os oráculos, os estudantes - sacerdotes que foram igualmente reis; quinto, tipifica e ilustra para todo o sempre a grandeza de uma nação que à luz da sua prosperidade e reinado grandioso da sua glória revela todas essas maravilhas à interpretação dos futuros Filhos de Deus.

Moisés foi senhor do conhecimento desses segredos - Jesus foi detentor do conhecimento dos mistérios dessa poderosa Ordem. Outros virão, dotados de grande saber que procurarão resolver os mistérios com base na mera ciência matemática externa; mas isso deverá passar e a real interpretação surgirá no pensamento de mentes que, como o professor Smythe, não se acham meramente limitadas à ciência terrena, mas que toma de certo modo de empréstimo da ciência dos céus na resolução dos grandiosos problemas da sabedoria humana.
Das areias do deserto os reis sepultados falarão; da grandiosa solidez dos seus monumentos de pedra as vozes dos oráculos enterrados falarão. Cidades desenterradas revelarão o seu antigo esplendor, mas esse monumento ao sobreviver a todos os demais registos revelará o esplendor dos esplendores.

A esses doze, que reverenciaram o Altíssimo Deus em silêncio, cujo sacerdócio foi uma voz da Divindade para o povo, e cujos enunciados constituíram a lei suprema da terra - ante esses se curvaram reis; da sua parte reis e princesas receberam o poder para reinar, e até que passasse na provação da mais poderosa inspeção da ciência, da arte, religião, nenhum governante poderia reinar sobre essa magnífica nação; e tal era o poder da religião que entrava em todos os atos da vida; cada ato constituía uma ação de culto assim como um dever.

E por isso uma nação assim dotada de tal multiplicidade de formas de veneração não podia permitir que os seus grandiosos segredos perecessem; mas guardado no seu volume de pedra, velado na pedra falante e enterrado em sepulcros que doravante virão a ser descobertos, permanecem os grandiosos segredos, potentes, todo-poderosos, convincentes - da existência de um Deus supremo, de que o governante da terra e dos céus era o mesmo que era venerado, o Deus desconhecido, e que ele legou ao homem o poder triplo de corpo, mente e alma, e de que esses três poderes em contacto com a vida mortal revelam aquilo que é delineado nessas esplêndidas inscrições.

Quando a vã bazófia de reis for preterida, quando os escritos dos seus gloriosos feitos de valor tiver sido plenamente solucionado, mais fundo ainda será descoberto o coração pulsante desse poderoso Deus através do retorno de Osíris ao homem, o mistério mais antigo que alguma vez foi ensinado pelo anjo mais antigo sob o reinado de um rei cuja dinastia quase se encontra sepultada no mistério - por ser calculado que tenha sido na quarta e quinta dinastias que isso foi construído, e isso estar envolto de mistério. Do reinado de um rei quase

sepultado no mistério que, conquanto aparentemente desprezado no seu próprio tempo, foi posteriormente louvado, chega esta grandiosa obra, erigida não para o corpo mas para a alma, não para o tempo mas para a eternidade, não meramente para a ciência e a arte humanas, mas para a grandeza daquele sublime templo simbolizado na grandiosa arquitetura da Maçonaria, típica do olho do Infinito que tudo vê, o único testemunho que poderão ter da antiga Ordem cuja presença na terra hoje não é conhecida, mas símbolos de cuja presença se acham preservados por todo o mundo civilizado e muitas nações do mundo bárbaro.

Vós hoje colmatais esse amplo abismo. O vasto mar da religião da Judeia que se situava entre vós e essa grandiosa nação foi varrido do mapa; a destruição da biblioteca de Alexandria impede-os de ter um conhecimento garantido do que era pregado num período tardio da civilização com respeito a esses esplendores - mas o tempo ainda há de desvendar esses segredos; a mão do homem será guiada para a abertura da casa do tesouro, e aí diante de vós em todo o esplendor desse majestoso monumento verão o símbolo primevo do poder espiritual do homem na terra e a profecia de toda a história humana até ao momento presente. Se vocês procederem ao registo destinado às futuras gerações terão que o fazer por uma forma qualquer imperecível, porque o Egipto não os levará mais adiante do que 1881.

Para além, disso a história do homem precisará ser redigida por outras mãos; precisará ser localizado noutros monumentos, o registo da terra, porquanto ela está a atingir o meio ciclo do seu desenvolvimento espiritual. O Egipto falou mas ele será emudecido; de agora em diante outras nações atravessarão os seus resíduos arenosos; doravante, ao longo das margens do Nilo surgirão outras civilizações; daqui em diante o poder solar que agora parece destruí-la irá ser a sua salvação, e os homens buscarão as suas costas e erguerão cidades de comércio e fabrico sob a influência de máquinas (movidas a energia) solar, mas ninguém irá ouvir da voz da pirâmide ou da esfinge o grande segredo de nenhuma outra era do que aquela que culminou nesse ano.

Poema de Improviso

Ah, queiras tu, poderoso monumento desvendar
Os tesouros sagrados do ser humano que te planificou
Desejoso de, por meio da pedra comunicar
O segredo do grandioso plano que Deus traçou.

Endeusado na tua alma alado
Por possantes laços de barro à terra atado
Ah, Pirâmide, tu desfraldas os trovantes
E possantes significados o quanto antes

Ergues-te silenciosa e só,
Tesouro do potente passado
E falas em tom incerto
Até que todas as tuas riquezas tenhas vazado

No cálice do momento presente
Pedras, monumentos, poder-se-ão desvanecer

E cair no mofo, mas marcarás para sempre
A distinção da sabedoria de Deus, e da verdade convencer.

O DILÚVIO

Dodsworth's Hall, Nova Iorque, Domingo, 30 de Março de 1862

O nosso tema, nesta ocasião, é o do Dilúvio, ou aquilo que é geralmente conhecido como a inundação do mundo. Mas primeiro, vamos precisar da vossa atenção, e em segundo lugar, do vosso silêncio, por a nossa médium não poder falar muito alto por se encontrar ligeiramente indisposta. Prometemos ser breves e, se a brevidade é a essência da sagacidade, pelo menos irão encontrar isso. O tema de que vamos falar é um que tem prendido a atenção de teólogos e académicos há séculos, e que, na era Cristã diz respeito aos factos estabelecidos da tradição Cristã.

É crença que tem prevalecido entre os Judeus, e que foi desse modo introduzida no Cristianismo, que segundo a descrição Mosaica da criação, que leva a que o mundo agora tenha pouco mais do que seis mil anos. Após ter criado o mundo, segundo o livro do Génesis, do Velho Testamento, Deus Pai ficou insatisfeito com a sua criação e, ao ter criado o homem imperfeito, este último, por causa dessa imperfeição, sofreu a queda e consequentemente, em resultado dessa ira e reprovação, Deus resolveu destruir a criatura que tinha criado quando pronunciara tudo como bom, com um dilúvio, salvando unicamente Noé e a sua família, que fora advertido e orientado no sentido de construir uma arca para a preservação de si próprio e da esposa, e daqueles criaturas vivas que deveriam formar o núcleo de um mundo novo.

Primeiro, esta narrativa da criação foi adotada pelos Judeus e outros religiosos como autêntica; em segundo lugar, o período em que o dilúvio supostamente ocorreu, foi cerca de mil e sessenta anos após a criação, altura em que os habitantes da terra se tinham tornado tão perversos e depravados que Deus resolveu destruir, não só a humanidade, mas todas as outras criaturas a que Ele tinha votado tanto interesse e atenção, e a bela superfície da terra, a que Ele tinha dedicado tanto tempo - tudo deveria ser sacrificado em consequência da natureza pecaminosa do homem.

Essa crença foi adotada na generalidade por a narrativa se encontrar no livro do Génesis, e conter uma descrição pormenorizada do que Noé fez na circunstância de emergência, e dos vários tipos de bestas e de pássaros que reuniu na arca. Uma vez isso concluído, caíram chuvas torrenciais e eles recolheram-se à arca, sem que a chuva parasse de cair por quarenta dias e noites consecutivos. Tudo isso é suposto ter ocorrido na Terra Santa, onde a raça humana inicialmente tivera tido a sua origem, e onde Noé supostamente veio a aterrar no monte Ararat, de onde veio a descer para repovoar a terra.

Tal, resumidamente, é a narrativa, a substância do que compõe o predicado do dilúvio. Os religiosos supõem que narre um facto literal e não uma contradição científica; que tenha sido facto literal a terra não ter mais do que seis mil anos; que o dilúvio tenha ocorrido, e que Deus tenha destruído todas as criaturas vivas.

Contudo, existem diversas evidências, que contradizem tais suposições.
Em primeiro lugar, é facto conhecido dos historiadores e homens de ciência que a terra é amplamente mais antiga do que seis mil anos, e que, caso tenha ocorrido algum dilúvio em absoluto, deverá ter sido quando a terra terá sido muito mais velha do que a alegada data da ocorrência deixa perceber. Os registos mostram igualmente que os Egípcios e os Persas podiam justamente reivindicar uma ancestralidade superior à de seis mil vezes seis mil anos.

Existem diversas evidências que suportam isso, entre as quais poderá ser mencionado ser suposto que, entre as nações e as tribos do Oriente, existe uma tradição que claramente documenta o facto de se ter dado um reconhecimento simultâneo, por volta do mesmo período de tempo, da inundação da terra, em que todos os tipos de criaturas vivas foram destruídos salvo aquelas prevenidas por Deus, a saber, Noé e a sua família, que foram mantidos na sua arca.

É igualmente defendido pelos geólogos por diversas evidências atualmente existentes que o mar inundara previamente a terra - por exemplo, os restos fossilizados de animais que são descobertos nas montanhas por entre as saliências e as rochas, fenómeno que nenhuma outra cheia senão uma inundação generalizada poderia ter produzido.

Há indícios que mostram que, aquilo que é atualmente terra seca estivera anteriormente submerso, e isso é levado na conta de evidência do dilúvio. Pensa-se que o período de tempo que supostamente é indicado pelas descobertas dos geólogos corresponda, em certa medida, à descrição do dilúvio, conforme narrado na Bíblia.

Hugh Miller, o geólogo Escocês, ao se esforçar por manter a harmonia das Sagradas Escrituras com as deduções da ciência que fez, perdeu o juízo, como muitos outros fizeram, e cometeu suicídio em toda a tentativa que empreendeu por fazer com que os dados se enquadrassem. Diversas foram as teorias que surgiram acerca do tema, enquanto os religiosos firmemente concordaram com a velha teoria; e enquanto, hoje, todo ministro Cristão e membro de congregação diz acreditar na sua verdade literal, existem ainda muitas teorias que se propõem explicar, modificar e afastar as aparentes contradições entre a ciência e a religião.

Entre tais teorias dos religiosos acha-se aquela que supõe que se tenha dado um dilúvio por volta da data atribuída por Moisés, e em consequência do facto de todos os registos se terem perdido, a precedente antiguidade da terra só podia ser obtida por dedução; e quando o dilúvio ocorreu, de acordo com as leis da Divindade, ou talvez resultantes da natureza pecaminosa do homem, os registos, e consequentemente a história de Moisés não passa de uma sinopse da memória de Noé; consequentemente, o dilúvio efetivamente ocorreu.

Agora a ciência, ao admitir em primeiro lugar que, conquanto um volume suficiente de chuva pudesse cair, prova que a atmosfera não podia conter essa quantidade de chuva, que haveria de fazer mais do que saturar a atmosfera da terra; porque quando a atmosfera se mostra carregada de uma certa quantidade de substância aquosa, invariavelmente ela derrama-a pela terra, segundo cuja lei, evidentemente não poderia ter chovido por quarenta dias e noites consecutivas já

que a atmosfera não poderia ter encerrado tanta humidade, pelo que a ideia de ter provocado o dilúvio, não é correta. Em razão disso dizem que a ideia do dilúvio é inteiramente produto da tradição. Em resultado dessa diversidade de teorias, o mundo científico aborreceu fábulas e falsidades destas e conclui, por conseguinte, não existir fundação para tal noção, e que não passa de pura invenção inteiramente resultante de tradições religiosas, que respondem por certas características da história dos Egípcios e dos Judeus.

O mundo científico trouxe à luz diversas teorias diferentes sobre o tema, uma das quais se tornou bastante popular recentemente, e que é conhecida como a teoria de Adhémar (Alphonse-Joseph Adhémar) - cujo fundamento é fatual, e cujas conclusões são entretecidas da maneira mais engenhosa e aplicadas da melhor maneira possível, ao extraordinário fenómeno em questão. Basta que lhes trace uns quantos aspetos essenciais.

É conhecido como facto astronómico, que a órbita da terra é elíptica; isto é, um círculo achatado, cujos polos, sempre na mesma direção, ocupam em diferentes estações, posições diferentes em relação ao sol, em consequência do que existem quatro momentos importantes na revolução da terra: os solstícios e os equinócios. Os equinócios são aqueles dois pontos em que as estações começam o seu curso anual, os solstícios são as duas estações assim iniciadas.

É sabido que, conquanto no decurso do ano nenhuma coordenação ou alteração positiva da órbita da terra possa ser percebida e estudada por uma prolongada observação e estudo foi descoberto que a órbita varia uns poucos de graus em diversos anos, e que essa variação provoca uma mudança, ou o que é conhecido entre os astrónomos como Precessão dos Equinócios, ou seja, o equinócio do outono é afastado, ou levado a uma maior ou menor distância do sol, de acordo com o que, os dois polos recebem mais ou menos raios de sol. É sabido que a noite e o dia da região polar têm uma duração de seis meses, o que corresponde ao nosso Inverno e Verão, variando uns quantos dias ou horas na proporção da variação da precessão dos equinócios; que a terra recebe maior calor e luz durante certos decurso das estações do que outros, e, seguindo estes indicadores, Adhémar concluiu que se gera um acúmulo de gelo durante, digamos, os dez mil e quinhentos anos da metade norte da precessão dos equinócios, o que provoca um acúmulo de gelo num dos dois polos, e que durante a metade seguinte, no outro, do que decorre que um recebe mais, e o outro menos.

Essa acumulação aumenta até que, por uma alteração na ordem dos equinócios, o polo oposto recebe o grau maior de calor, e o derretimento gradual do seu gelo gera toda a massa de água a ser precipitada sobre a terra seca. Em apoio dessa perspetiva, vários são os factos citados. Daí que o hemisfério Norte apresente a maior proporção de terra, e o Sul, de água; o oceano a Norte é, comparativamente, de extensão bastante limitada, o oceano a Sul é maior no volume, por em torno do polo norte só existirem setenta léguas de mar, enquanto do Sul, mais de duzentas. Tais factos, junto com a profundidade do oceano Antártico, em comparação com o do Norte, mostram um enorme acúmulo de água no hemisfério Sul. Isso resulta de uma cheia prévia no sentido do polo Norte para o polo Sul, e mostra que, com a ocorrência de uma mudança na outra metade da precessão dos equinócios, todas as águas congregadas agora no polo Sul se precipitarão de novo sobre o continente

Norte, pela lei do equilíbrio. A teoria é uma teoria interessante, para que muitos factos concorrem a apoiar, e, se não é provada, apresenta muitas fundações substanciadas sobre factos. Porém, em resposta, se não considerarmos os factores em que está baseada, existem muitos factos que a contradizem.

Em primeiro lugar, é sabido que as leis da criação requerem um equilíbrio suficiente entre o volume de água e a massa de terra, de modo a manter a posição que levará a que todas as partes do globo mantenham um grau de equilíbrio, a fim de que a sua órbita não seja alterada nem destruída. Uma vez mais, é sabido que nenhum dilúvio generalizado ou mudança no equilíbrio poderia ocorrer sem provocar uma perturbação, e consequentemente toda uma mudança completa na atração das diversas partes, e talvez o seu desmembramento.

É igualmente sabido que tal dilúvio não poderia ter ocorrido no tempo atribuído por Adhémar e a Bíblia, para ser seguido por uma outra catástrofe ao final de seis mil anos, por existirem evidências na região do Oriente de que tal dilúvio não ocorreu.

Essas regiões não foram alvo de submersão durante muitos milhares de anos, e existem registos de uma consecutiva linhagem de habitantes que prova que não ocorreu nenhuma inundação dessa magnitude na memória das suas tradições ou histórias sagradas; além disso, se um tal volume de água tivesse inundado a terra de modo tão completo, teria destruído todos os vestígios da presença humana, a ponto de não deixar restos como os que hoje existem nos grandes impérios, nos monumentos do Egipto, da China e da Índia, todos quantos retêm a sua arquitetura e muitos de quantos datam de anos anteriores ao suposto dilúvio; e, se tais volumes imensos de água tivessem sido transferidos de um polo para o outro, até mesmo as pirâmides teriam sido desmembradas e destruídas pela ação disso, e os monumentos menores completamente aniquilados, enquanto do império Chinês, que se orgulha de datar milhares de anos antes do suposto começo da terra, não restaria o menor vestígio.

Contudo, descrevemos-lhes isto a título de teoria.
Uma outra teoria respeitante ao dilúvio é a de que terá tido a sua origem entre os Egípcios, e as nações do Oriente, onde é sabido que as estações se acham divididas entre o seca e húmida; e no Egipto, as inundações do Nilo constituíam a estação do inverno, e o seu abaixamento a estação do verão. Agora alguns supõem que o dilúvio tenha tido fundamento na estação chuvosa da Síria e da Pérsia, e nas cheias do Nilo; certamente que é evidente, com respeito à história e à geografia, que este último deva, em épocas anteriores, ter sido muito mais violento do que é agora, porém, pode não ser sabido que as pirâmides não foram construídas com respeito a essas inundações, que provocavam a retirada dos habitantes e davam lugar a diversos inventos a fim de refrear a sua violência: e que as pirâmides podem ter sido construídas para suportar isso, até certo ponto, e formar locais de refúgio, e armazenamento de provisões tais, e objetos de valor, que não pudessem ser removidos de uma forma repentina.

O nível do Egipto mostra que aumentou em altura em consequência dos depósitos de sedimentos do Nilo, e que as cheias do presente não se comparam ao que certa vez se supõe que tenham sido, quando alagava a nação com violência e amplitude.

A ideia que temos está muito de acordo com esta perspetiva, mas como haverão vocês de explicar aquelas evidências de conchas e de peixes que surgem em terras áridas e montanhas, etc., seres conhecidos como habitantes das profundezas? Foi já proposta toda uma multiplicidade de explicações, entre as quais predominam aquelas que atribuem a sua situação a terramotos e convulsões similares. Por meio de convulsões dessas montanhas são elevadas do fundo do mar, que continuam a lançar fogo e fumo, ou que veem a formar a base de continentes.

Que mudanças ocorrem por toda a terra é do conhecimento de todos vós, e a história imediata regista pequenas mudanças. Deram-se, sem dúvida, enormes mudanças em eras passadas, porém, sempre em direta conformidade com o equilíbrio geral da superfície da terra, que não podia ser afetado por nenhuma catástrofe mais significativa como a do Dilúvio, sem que isso provocasse uma desorganização generalizada do todo, ou de parte dele - por todas as suas partes precisarem ser consistentes com o todo, e, se uma causa como aquela atribuída por Adhémar, fosse levada a executar a sua parte na alteração do centro de gravidade, a terra poderia ver-se sujeira à completa destruição. Mas tal não pode ser o caso e, embora a teoria possa ter uma boa base, é levada longe demais. Uma vez mais podemos referir alterações vulcânicas que engolfaram cidades e montanhas, enquanto outras surgiram para lhes ocupar o lugar.

Esses são factos consistentes que virão a explicar em larga medida os indícios das profundezas encontrados em muitas nações. A teoria do Dilúvio teve origem inquestionável no Egipto, em prova do que, diversos factos podem ser acrescentados. É sabido que as inundações do Nilo foram no passado muito violentas, e que, a fim de se proteger, os habitantes recorreram à construção das pirâmides, enquanto locais de refúgio contra as cheias. Além disso, poderá ser sabido que não há tradição de cheia, exceto entre aquelas nações que direta ou indiretamente tiveram relações com o Egipto, ou as nações circundantes; que a Síria e a Índia são conhecidas por positivamente terem tido uma relação dessas, e que cada uma dessas nações fez uso dessa tradição, de tal modo que responde pelo reforço da alegação de uma antiguidade superior, por terem constituído o primeiro núcleo da família humana. Assim, cada povo teve o seu Monte Ararat, e defendeu que Noé terá sido seu antepassado direto e positivo.

Na China, cuja religião se estende muito mais atrás no tempo do que a dos Egípcios, nenhuma referência é feita a qualquer dilúvio; não há nada que mostre que tal ideia alguma vez tenha sido entretida pelo povo. Por conseguinte, é evidente que, se o dilúvio alguma vez ocorreu em absoluto, deverá ter sido local. Deve ter sucedido, numa estação qualquer, uma cheia invulgar do Nilo que, junto com a queda de chuva torrencial que, com as inundações de primavera na Ásia, tudo concorreu para a formação da ideia do Dilúvio do Egipto; ideia essa que foi transmitida pelos Judeus à Terra Santa, e Noé foi defendido como progenitor direto da sua raça. Daí, claro está, que tenha sido adotada pelo Cristianismo a ponto de se tornar uma das relíquias sacras da Criação, e uma das manifestações do Poder Divino.

Existem outras teorias que concorrem de forma distinta para provar que, entre os Egípcios corria a ideia de um período astronómico de seis mil anos, constituído por dois intervalos entre as mudanças do curso dos equinócios da terra, após o qual o Sol conquistaria o poder do mal, ou do Dilúvio. Lembrar-se-ão de que, de acordo com o escritor do Génesis, foi prometido que após o dilúvio, a terra da vez seguinte não seria destruída pela água, mas pelo fogo.

A origem Egípcia dessa tradição é evidente; por ter predominado entre o povo a ideia de que, após o lapso de seis mil anos, o Sol haveria tido conquistado e deixado enxuto o seu oponente, o princípio do mal, ou das inundações, de modo que nenhuma recorrência de cheias fosse possível, e o poder da luz ou do fogo predominasse. Como isso estranhamente se compara com a ideia Cristã da destruição da terra pelo fogo, após seis mil anos, e quão estranho que isso corresponda com o próximo período de Adhémar da destruição pelo fogo, que nós esperamos que não venha a ocorrer!

Os instruídos entre os Egípcios compreendiam bem a aplicação desta fábula, mas Moisés acreditava que ela realmente se referia aos poderes do bem e do mal - origem da ideia Cristã do diabo deixado à solta - da luta entre o bem e o mal, e de que finalmente Deus conquistará e o mundo chegará ao fim. Tudo isso teve origem direta na fase equinocial e astronómica da ciência Egípcia, e quem sabe se as águas do Nilo um dia não poderão retroceder tanto em consequência dos seus próprios depósitos a ponto de tornar a sua corrente comparativamente reduzida, e assim a predição ser verdadeiramente cumprida, de que o Sol obtenha vitória?

Não tivessem, Adhémar e outros pesquisadores, aderido de maneira tão íntima a um período quase fabuloso, e não teríamos duvidado tanto da sua teoria; mas, conforme está, somos compelidos a vo-la apresentar. Já assinalamos o facto de que a ideia do dilúvio não vem registada na história profana. De Josefo, é verdade, se diz que fez referência a todos esses factos, conforme registado no livro de Moisés; porém, quando é sabido que toda a Bíblia vos foi transmitida por meio de vários concílios da Igreja, e que os escritos de Josefo foram pelo menos objeto de interpolação de modo que se ajustassem à religião Cristã, além de terem passado pelas mãos dos membros do Concílio de Nice, e se supõem que tenham sido arranjados de modo a corresponderem aos livros sagrados, eles deixam de parecer tão credíveis; e se Josefo repetiu a narrativa de Moisés, ele não passava de um Judeu instruído que, é claro, adotou aquilo em que os Judeus acreditavam.

Tradições mais antigas, mais difíceis de sofrer interpolação, não fizeram qualquer referência a uma inundação assim generalizada - referência é feita, sempre, às cheias do Nilo e, no sentido figurado, à influência da estação das chuvas, aos poderes do bem e do mal, etc.; por se supor que o Nilo tenha sido sede de um dos anjos das trevas, que mostrava ter especial rancor pelos Egípcios, e que anualmente lhes inundava as terras, obrigando-os a fugir. Quando tomamos em consideração este facto, assim como o de que a Biblioteca de Alexandria foi destruída, e com ela, quase todos os registos literários que tinham sido

transmitidos ao longo das eras passadas, e que a história profana difere, quer quanto à data do Dilúvio quer quanto ao facto de ter positivamente ocorrido, de modo tão materializado a ponto de não apresentar a menor evidência de que seja fiável - por as nações do Oriente terem existido precisamente como no presente, durante milhares de anos, exceto no que diz respeito a terem sido invadidas pela civilização moderna - por os Indianos e os Chineses alegarem uma maior antiguidade que os próprios Egípcios, muito pouca dúvida pode restar de que o Dilúvio não tenha passado de uma catástrofe local, e de que tenha tido toda a sua origem nas cheias do Nilo e do território circundante, e de que a partir disso foi traduzida pelos Judeus toda a história do Dilúvio; e, ao ser local, os Egípcios que se consideravam a única ou a principal nação civilizada da terra, foi, com base nisso, erigida uma enorme estrutura de superstição e a ideia das pessoas foi constantemente excitada pelo mistério e pela profecia.

Assim sendo, deixamos ao vosso discernimento adotar a teoria da Bíblia, a teoria dos céticos, de que não existiu Dilúvio nenhum, a teoria dos teólogos, de um dilúvio parcial decorrente de terramotos, etc. ; ou a teoria de Adhémar, que envolveu a inteira subversão das leis naturais, ou a teoria da origem Egípcia - a simples e verdadeira explicação, que considera a tradição como parte da única religião que o podia ter proclamado de forma bem-sucedida.

A própria cruz, o símbolo do Cristianismo, fora estabelecido anteriormente, como o índice, nas margens do rio Nilo, na aferição da subida e descida das marés; e existem muitos indicadores de que os vestígios da orgulhosa arquitetura do Egipto não passam de evidências do transbordo que obrigava os habitantes a recorrer a todas as medidas possíveis no sentido de evitar a devastação que provocava. Poder-se-á supor que, durante o período em que todas as cheias foram mais violentas do que atualmente, e na estação da primavera, quando a Lua, com o Sol, exerciam tamanha influência no influxo das águas, deve ter havido uma ocasião em que as marés, combinadas com a inundação do Nilo, terão produzido uma cheia mais generalizada do que tenha alguma vez ocorrido.

Tal é a nossa opinião pessoal. Certamente que, qualquer que seja a teoria que esteja acertada, a narrativa feita no Velho Testamento com respeito à criação da terra, não é correta; por ser sabido que a origem do globo data muitos milhares de anos antes, e, caso fosse ao contrário, nenhuma intervenção miraculosa poderia ter povoado aquelas partes da terra que eram desconhecidas antes da descoberta da América. Várias ciências indicam claramente que se acreditara na antiguidade que apenas uma porção limitada da terra compreendesse toda a terra existente. Em resumo, o conhecimento que temos não proporciona nenhum caso paralelo de uma catástrofe como a de um Dilúvio Universal, e a ideia é contrariada pelo aumento do conhecimento e o avanço da ciência positiva.

Os cavalheiros que estiveram presentes de todo exceto nas primeiras duas manifestações aqui mencionadas

Sr. Webster Glynce
Sr. George Hinde
Sr. Alfred Hind

Com calorosos cumprimentos,
A. C. Burns

REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX

um discurso feito através da mediunidade de cora l. v.
richmond, ante a Church of the Soul, Chicago,
Illinois proferido por altura do virar do século 20

As realizações do século XX formam o tema em torno do qual os nossos comentários se irão centrar esta manhã. "Se vierem a existir profecias, " diz-se, "elas fracassarão; " contudo, em última análise, todas as profecias se concretizam.

Realizações cíclicas são tão certos quanto a recorrência das estações, as revoluções dos planetas, as suas conjunções, e o reaparecimento dos cometas. Só é preciso que se tenha conhecimento das grandes forças espirituais do universo para se entender que a vida espiritual encerra todas essas profecias e o seu cumprimento. Um facto que vocês pensam dar-se na terra, realmente dá-se; portanto, só é preciso visão espiritual, penetração e a presciência para se entender que, aquilo está para sobrevir à Terra já existe em algum lugar.

O século XX tem, não só sido objeto de grandes esperanças, como é um século em torno do qual muitas profecias foram agrupadas; e realmente está para ser um século de grandes realizações. Essas profecias que surgiram à guisa de previsões científicas de várias coisas que deverão deixar o mundo em grande comoção; daquilo que há de substituir o ruidoso motor a vapor, e até o transporte de barco e os velozes aparelhos elétricos; essas, e muitas outras coisas, passarão, por seu turno, inteiramente de uso no mundo e serão substituídas por invenções ainda mais grandiosas.

De dia para dia vocês encontram indicações disso. É claro que não estará muito distante que a navegação pelo ar se torne numa possibilidade fixa na atmosfera terrestre. Já o seu sucesso é garantido como facto, só resta ser aproveitado como meio de transporte. Há muito maior probabilidade disso agora do que nos primeiros anos da ferrovia a vapor, e de se tornar no meio universal de transporte terrestre; ou de que a eletricidade, quando o telégrafo foi apresentado numa sala de uma pequena cidade do interior e foi realmente descoberto que uma pessoa podia telegrafar de uma extremidade à outra da sala, e isso viria a alcançar tais proporções que, em última análise, a Terra se tornaria pequena demais para atingir as suas máximas possibilidades.

Agora vocês estão à espera da telegrafia sem fios; mas isso é apenas o precursor daquela telegrafia adicional que unirá a terra a outros planetas. Já falamos disso.

Mas a eletricidade pode não ser o meio de comunicação, nem mesmo as "vibrações" elétricas. Existe um sistema de vibração mais subtil entre os mundos, e quando vocês o descobrirem e tirarem proveito dele, como tiram das vibrações de eletricidade na atmosfera da Terra, vocês terão descoberto os meios de se comunicar com outros planetas.

Além disso vocês têm conhecimento da comunicação com a mente dos outros; a telepatia não é mais matéria de dúvida, pelo que consequentemente se virá a estabelecer uma intercomunicação entre mentes de diferentes planetas, já que agora existe comunicação entre as mentes à face da terra.

A força motriz solar situa-se num futuro iminente e deverá substituir o vapor e a eletricidade também. Aqueles raios de luz que agora parecem ser desperdiçados, ou que são mantidos em solução em algum lugar, serão disponibilizados. A ciência foi longe o suficiente para provar o que John Ericsson sonhou há muitos anos: essa luz e calor solar serão conservados e usados no inverno, pelo que vocês terão luz solar e calor para as vossas habitações; e serão capazes de suavizar os raios do sol durante o verão, mantendo vastos reservatórios ou recipientes para armazenar o excesso de luz e calor das vossas ruas e habitações e, assim, criar uma temperatura adequada durante todo o ano. O calor solar será disponibilizado como a nova energia motriz. A luz elétrica, que vocês atualmente consideram tão resplandecente, será substituída por essa grande luz solar, que em muitos aspetos se assemelha às vibrações elétricas.

Tudo isso sucederá no início do século XX. À medida que a rapidez dos meios de transporte aumenta, a facilidade na comunicação com as nações aumentará, e esse será um dos meios para a eliminação da guerra. Pois, conforme muitas vezes dissemos, com as naves a lançar bombas sobre fortificações, haverá pouca possibilidade de resistir às invasões de um inimigo que se aproxima.

O intelecto humano está a usar toda a sua força e poder para concentrar e utilizar as substâncias destrutivas da natureza. Assim, virá a ser um facto que a guerra se tornará num experimento tão perigoso que as nações hesitarão em recorrer a ela. Isso, talvez mais do que qualquer sentimento de amor fraternal, impedirá as nações de fazer a guerra entre si. Então, naturalmente, seguir-se-ão os tribunais de arbitragem e os congressos internacionais de arbitragem e, finalmente, o mundo deixará de ver esses formidáveis preparativos para a guerra.

No sentido psíquico, no século passado, especialmente na segunda metade do século passado, ocorreram tais manifestações que induziram muita gente a acreditar que, externamente (no sentido fenoménico), vocês deverão ter maiores manifestações de poder psíquico do que no passado. Nós aventuramo-nos a discordar deles. Pensamos que o aumento do poder psíquico se verificará nos indivíduos; aquela perceção dos princípios psíquicos será para o desenvolvimento da raça. A raça vai entrar na herança daquelas forças espirituais

que lhe foram negadas através da superstição, por um lado, e do materialismo, por outro.

A religião material e a ciência material combinaram-se para privar a raça humana do legítimo exercício do poder espiritual. Onde são conhecidos, foram apropriados por aqueles que deveriam ser espiritualmente dotados enquanto mestres e guias espirituais, que foram inscritos sob alguma seita confessional. A religião fechou a porta às experiências espirituais individuais e tornou a raça dependente do ensino espiritual em formas externas e de treino teológico. Tudo isso foi interferido, e muito disso foi posto de lado nos últimos cinquenta anos com o advento do Espiritualismo moderno.

É claro que, tão logo as vidas humanas tomem consciência de que a religião é uma expressão espiritual e que cada um tem o direito de exercer qualquer um dos dons espirituais que existem no universo; tão logo as pessoas se conscientizem de que os profetas e videntes e aqueles dotados de dons espirituais foram seres humanos; que esses dons, de acordo com o desenvolvimento e as necessidades da raça humana se tornarão cada vez mais na posse da humanidade; que, por outras palavras, todo aquele domínio que tem sido obscurecido pela ignorância, superstição e fanatismo está a abrir-se como uma parte da posse legítima da raça humana; o crescimento psíquico do mundo será maravilhoso.

Em vez das crianças que são castigadas e tratadas pelos médicos por terem poderes psíquicos, serão encorajados e fortalecidos, e as pessoas vão gradualmente aprendendo que a posse dos dons psíquicos não denunciam uma fraqueza, mas uma força, e eles exigem apenas o reconhecimento e o envolvimento do sensitivo em condições tão cuidadosas quanto aquelas com que vocês envolvem o vosso cronômetro ou a vossa bússola de modo a levá-los a tomar consciência de que estão entre as melhores e mais raras posses da raça humana.

Finalmente, à medida que o mundo entrar numa nova era psíquica, essa era psíquica deverá culminar em grande parte no século XX. Queremos dizer que um número maior de pessoas à superfície da Terra chegará ao conhecimento das coisas espirituais e possuirá poder psíquico; compreenderá os temas psíquicos, virá a saber que eles são uma fonte legítima de investigação e que a mente humana pode abrir-se intuitivamente à receção de influências, impressões e ensinamentos daqueles que passaram da vida humana; que isso não mais será sacrílego, nem pecaminoso, nem proibido, mas será um dos grandes avanços no reconhecimento humano. Assim é até mesmo atualmente.

Vocês dificilmente poderão pegar numa revista, ou tão só num jornal diário, sem se depararem com um ou mais artigos que não os invadam ou efetivamente tratem desses assuntos. Todo esse reconhecimento aberto do reino espiritual, em vez de ser um obstáculo para a humanidade, é uma enorme ajuda, um pano de fundo luminoso para o esforço humano.

Edison e todo grande inventor admitem livremente que as invenções não emanam da sua própria mente; que ele está ciente de receber ajuda; que por trás dele há

alguém que lhe transmite as impressões; que essas impressões geralmente lhe chegam, seja por visões noturnas ou quando as obrigações ativas da vida diária são silenciados e postos de parte; que de forma inteiramente inesperada a questão com a qual ele está a debater-se lhe é imediatamente revelada à mente. Todo grande descobridor, como Herschell, na descoberta do planeta que outrora levou o seu nome, admite livremente que há alguns conhecimento a priori ou visão do reino invisível. Esse conhecimento é forçado sobre a consciência exterior.

Todo o assim chamado domínio da descoberta deve ter lugar no domínio daquilo que vocês inventam ou descobrem hoje em qualquer parte, é o conhecimento real - daqueles que estão mais alto e são mais elevados e mais sábios - uma realidade efetiva e prática. Qualquer que seja o planeta que se encontre além do vosso desenvolvimento, já deve estar operar aquelas forças e motores por que vocês estão a esforçar-se e, sem dúvida, visitantes desses mundos, seja dos reinos espirituais que os cercam, ou habitantes reais, acercam-se da terra e transmitem impressões dessas àqueles que estão preparados para as receber.

Vocês não podem limitar os poderes da mente, vocês não podem restringir a inteligência que venha a falar, mesmo através dos espaços. Tampouco podem os seres humanos, sem ajuda, reivindicar essas verdades do grande reservatório da invenção irracional. Jamais existiu um pensamento no universo que não fosse pensado por alguma inteligência. Nem existiu invenção alguma que não fosse percebida por uma inteligência qualquer. A fonte primária de toda invenção deve ser a Grande Inteligência Criativa; Tal como a inteligência é o único poder que consegue descobrir, a inteligência é o único poder que pode transmitir descobertas.

A máquina a vapor não andava de um lado para o outro pelo universo para que algum inventor a encontrasse. Foi o resultado desse grande motor do pensamento que é muito maior do que a força do vapor, em cuja presença, o vapor se torna apenas um brinquedo, uma mera bugiganga. Não há pensamentos grandiosos a flutuar para vocês os pensarem, mas o pensamento responde ao pensamento pela inteligência, pessoal e individual.

Aquelas almas que estão vivas e que estão carregadas de conhecimento não pensam o conhecimento que têm longe da terra e distribuem-no por parcelas. Tão pronto as vidas humanas estão preparadas, eles estão prontos a transmiti-lo. O professor não retém o conhecimento da criança pequena por causa de nenhum instinto egoísta ou de misericórdia de guardar o conhecimento para si próprio, mas de acordo com o crescimento e a capacidade que a criança evidenciar transmite a lição necessária. Assim, à medida que as vidas humanas se desenvolvem, essas lições estão à espera nas mentes e pensamentos das inteligências superiores, para que os seres humanos se apossem delas.

As chamadas forças da natureza, não se comunicam diretamente com a inteligência sem a intervenção de uma inteligência intermediária. Essas próprias

forças vocês pensam que não são inteligentes, mas por trás de cada esfera pulsante, por trás de cada manifestação da natureza, manifesta-se o grande poder da inteligência divina, e nele o homem deve encontrar a fonte secreta do seu conhecimento.

Espera-se que este século XX venha a erradicar a guerra; isso deve-se, em grande parte, a trazer o reino da paz; isso tem que ver a arbitragem internacional; isto é, com o testemunho do intercâmbio de mercadorias humanas sem cobiça comercial, sem o espírito de intercâmbio, elas não trarão o milénio; a fraternidade humana na terra há de atingir o seu cumprimento por uma melhor compreensão espiritual.

Ao se cristalizar em qualquer forma, numa dada teologia, a religião não foi capaz de conseguir isso de uma maneira geral, embora seja bastante certo que os primeiros discípulos viviam juntos numa espécie de fraternidade. É bem certo que os Quacres e os Shakers e muitos corpos religiosos isolados, a princípio, ilustraram esse espírito fraterno; mas geralmente às custas de alguma lei material ou de outro carácter. A forma usual tem-se traduzido por um ascetismo exacerbado, algo que não se baseia nas necessidades e exigências usuais da raça humana.

A vida monástica de muitas ordens religiosas; a reclusão dos adeptos no Oriente; a separação das suas variadíssimas ordens e fraternidades tornou possíveis essas vidas ascéticas e exaltadas, mas elas não espelham o progresso geral da raça. O Cristo que comeu e falou com publicanos e pecadores; o Cristo que visitou todas as classes de pessoas, desde o palácio até a cabana; o Cristo que foi ao encontro da humanidade onde quer que ela estivesse, esse é o Espírito daquela Verdade que há de alcançar e renovar o mundo.

É claro que precisa haver profetas e mestres, aqueles que apontam o caminho e afirmam a verdade, mas o crescimento deve suceder pela moldagem das vidas dos indivíduos que compõem as comunidades, as sociedades e as nações. Quando essas nações tiverem superado a guerra, deixará de haver guerra; quando elas superarem certos tipos de egoísmo na linha das negociações comerciais, não pode haver métodos como os que prevalecem atualmente. Esses métodos não devem ser censurados. As pessoas falam de certas condições da vida, como se os próprios métodos fossem responsáveis.

Os materialistas os e agnósticos culparam os credos por causa da ignorância da raça humana. Bem que vocês também poderão culpar a casca na qual a ave jovem está a ser incubada e dizer: "A ave poderia voar, não fora por causa da casca. " É claro que quando o pássaro estiver pronto para voar, a casca partir-se-á. Assim, nunca houve credo forte o suficiente que prendesse uma pessoa que o tivesse superado isso. Quando vocês vêm multidões a reunir-se na Igreja Romana e em outras igrejas, vocês podem estar certos de que é o local de incubação delas; vocês podem estar certos de que é apenas o lugar adaptado às suas necessidades.

Por todas as tentativas que pareçam aos de fora impedir as pessoas de pensar serem realmente o seu abrigo. É muito difícil as pessoas pensarem quando não são

capazes de pensar, por elas não saberem como fazê-lo. Os métodos da arte do pensar e crescer na direção do pensamento não são impedidos por credos, dogmas, nem celas de prisão. Talvez vocês não consigam escrever como Pascal fez se fossem metidos na prisão. Nem vocês conseguiriam sair da prisão como ele fez. As paredes da restrição não os impediriam de escrever, mas vocês não se alçaram a essas alturas, vocês não conquistaram esses caminhos do espírito.

Aqueles "Miltons emudecidos na glória" sobre os quais tanta vez lemos, aquelas "flores que nascem para florescer sem serem vistas e dissipar a sua doçura pelo ar do deserto, " têm lugar, em grande parte, na imaginação do poeta. Se houver um Milton, ainda que cego, ele terá visões do paraíso; e se houver flores elas florescerão, não para que os olhos vejam, mas porque florescer é a coisa mais encantadora e mais doce que elas podem fazer.

Toda essa conversa sobre o génio estar escondido em algum canto escuro da Terra é um erro. As rochas da Nova Inglaterra não poderiam conter o génio de Webster, não poderiam conter as canções de Longfellow, nem as regras e o severo ascetismo dos Quacres impedem que Whittier entoe as canções do povo. Em nenhum lugar da terra há uma caverna rochosa na montanha ou no vale que possa esconder a águia quando estiver pronta para voar. Assim, quando as pessoas estiverem prontas, esta grande herança será delas.

Há indicações atuais, de que a ciência está bem ciente, de que a Terra está a preparar-se para uma daquelas grandes mudanças cíclicas, às quais nos referimos. Vocês estão cientes da existência influências mútuas, não apenas resultantes da conjunção dos planetas e de outros grandes factos astronómicos, que os planetas exercem uns sobre os outros, mas da existência em astronomia da chamada "Precessão dos Equinócios. "

Vocês entendem que os polos da Terra estão gradualmente - gradualmente - muito gradualmente a mudar; que deve chegar um momento em que se verificará uma reação, e com essa mudança deve chegar o que é conhecido como um dos grandes períodos em que os continentes sofrerão destruição, em que toda a Terra sofrerá uma mudança geográfica, em que, porventura apenas os Noés, os precursores das futuras gerações, serão mantidos vivos. É claro que sempre deverá restar a semente da raça humana, e do reino animal, os germes das plantas, aquilo que trará os resultados futuros.

Se as pessoas não estivessem tão ansiosas por apontar falhas ao Antigo Testamento, em vez de encontrar o significado interno e esotérico, elas saberiam que o grande dilúvio de Noé é apenas uma das tradições ou registos de um certo período de tempo, de um ciclo em que ocorreu um dilúvio glaciário. Calculamos que o período de tempo que divide cada uma dessas grandes mudanças cíclicas seja de cerca de 25. 000 anos. Consideramos que o tempo desde o último dilúvio glacial está quase passado, mas provavelmente não atingirá o ponto de cataclismo no século XX.

Os precursores, no entanto, já aqui se encontram: Em certas linhas de profecia, no aparecimento de muitos fanáticos religiosos que vêm o "fim do mundo" a cada

instante e que tentam preparar-se para ele; e entre os cientistas, bem como entre aqueles que estudaram esses grandes ciclos e o seu significado espiritual; e afirmamos encontrar-se entre eles aqueles que anunciaram essa grande mudança cíclica.

Os precursores já aqui se encontram: na maior das agitações e variações atmosféricas; nos grandes tumultos de terra e mar; no efeito que têm sobre as vidas humanas, que se tornam causa de muitos erros a serem cometidos; mais acidentes em ferrovias, elétricos e acidentes nos oceanos, bem como grandes epidemias físicas e morais. Esses grandes crimes são precursores dessa mudança. Estes são dias de um culminar. Existem tantos génios no crime quanto no campo das invenções, e as pessoas também descobrem novas maneiras de torturar os seus criminosos; novas maneiras de neutralizar os criminosos em vez de os ensinar a agir melhor. A electrocução é uma dessas descobertas que permitem que as pessoas demonstrem (conforme supõem, no interesse da lei) o melhor método para se torturarem mutuamente, seja por causa da assim chamada (ou erroneamente chamada) 'justiça', seja por vingança, que encontra o culminar num período como este.

As vidas humanas também procurarão encontrar muitos paliativos para os erros existentes. Mas paliativo não é cura. Reformas sociais geralmente não passam de anestésicos morais. A ciência da Materia Medica descobriu muitos anestésicos e constitui a presente prática da Materia Medica suavizar ou neutralizar a dor com mais frequência do que curar as doenças. A cura dos pacientes é deixada para a Ciência Cristã, o curador Espiritual e Magnético, e esse tipo de gente. Os médicos são proficientes em cirurgia e anestesia, e isso significa que as causas de doenças humanas não foram removidas, mas que são usados paliativos.

É claro que a atenção pelas condições sanitárias das cidades sobrelotadas perfaz um excelente começo. É uma grande descoberta na direção certa quando homens e mulheres de eminência hoje andam em busca do conhecimento de como alojar o vosso povo, não os vossos pobres miseráveis, mas o vosso povo trabalhador, os vossos mecânicos, os vossos trabalhadores assalariados.

Para descobrirem em muitos casos na parte densamente povoada das vossas cidades a existência de mais de mil pessoas aglomeradas num bloco habitacional. Não onde os edifícios são os mais altos, mas onde eles estão tão cerrados que, na melhor das hipóteses, oferecem pequenas oportunidades de condições sanitárias. Estas casas são uma solução muito melhor do que aquelas descobertas pela ciência da medicina, daquelas que causaram a escarlatina e a febre tifoide em tais locais. A escarlatina e a febre tifoide são sons de alarme, que os alertam para a limpeza das ruas e limpeza dos lugares de imundície.

Propomo-nos tornar parte do nosso propósito ensinar acerca da necessidade de deixarem entrar a luz, a luz do dia, a luz solar, tanto material como espiritual, para limpar as "favelas" e "aterros, " na verdade em toda a cidade de Chicago, e limpá-los. Se isso puder ser feito será um século glorioso. Londres e Nova Iorque

resolveram parcialmente o problema. Fez parte do génio de Napoleão o grande fazer de Paris uma cidade bela. Ele fez isso à custa de todo o país, mas conseguiu. Se a nossa cidade pode ser bonita sem injustiça, procurem fazê-lo.

Dotada de facilidades adicionais de transporte, vocês haveriam de ficar surpreendidos se as cidades, no sentido em que agora existem, não existirem em nenhum outro século. As pessoas não irão ficar em cidades a menos que sejam obrigadas a fazê-lo, e ninguém será obrigado, por falta de condições de panoramas campestres, a disporem de ar fresco, casas de campo e residências, e não casas e apartamentos.

O que virá, pois, a existir? Será uma raça de pessoas a desenvolver-se em meio a belas cenas da natureza, à apreciação do céu azul, da abóbada estrelada, do nascer e do pôr-do-sol, de jardins floridos, de campos e prados. O país inteiro tem espaço para casas para todas as pessoas. Que lindo que seria. Assim, as cidades seriam ocupadas apenas por questões de interesse marítimo, ferroviários e de comércio, como centros de distribuição. E nós vemos que meios de transporte velozes e mudanças nos métodos da vida humana podem produzir isso.

É claro que as pessoas se reúnem em função das experiências que obtêm. É somente após a experiência que elas têm vontade de se isolar. O recluso do gosto refinado é o homem ou a mulher que conheceu o mundo e obteve requinte. Elas são ótimas lápides, essas cidades de hoje, por disseminarem o refugo de eras. As pessoas acorrem a juntar-se por acharem que estão solitárias, apenas para descobrir que não há solidão maior ou deserto mais estéril do que uma cidade apinhada. Mas as pessoas humanizam-se dessa maneira. Há poucos que conseguem sentir apreço pela grandeza solitária das Montanhas Rochosas ou dos Alpes. As vastas pradarias não apelam às pessoas até que elas tenham sido moídas no moinho da humanidade.

Consequentemente, o próximo objetivo será o de civilizarem as cidades, tornando-as locais de habitação toleráveis, ao invés de intoleráveis. Tornar possível que este agregado de seres humanos habitem juntos de uma maneira um pouco melhor. No entanto, essas pessoas que são aninhadas nesses apertos são

maravilhosamente amáveis umas com as outras. Vocês afastam da vossa residência porventura um homem, a quem eles alimentam. Há fraternidade e simpatia entre eles. Por vezes isso serve como uma ótima lição para vós. E, possivelmente, vocês verificarão, quando derem a vosso voto àquele que zelar por que haja melhores meios de abrigar essa gente, que eles não desejam simplesmente viver lá, mas por causa da esmagadora pobreza, e da monotonia da labuta diária não proporcionar nenhum lugar melhor para eles habitarem. Vocês têm uma renda limitada, vivem onde podem. Se a vossa renda fosse menor, vocês precisariam viver onde eles vivem. Agora o grande problema está em conseguirem a renda e a casa combinadas num local de conforto, ar fresco e sol.

Espiritualmente há muita luz que está a ser deixada penetrar na terra. As luzes de cima foram ligadas há mais de meio século; as trevas do Hades foram dispersas, as câmaras áridas do medo e os horríveis pensamentos a respeito da morte foram dispersados. No entanto, ainda há muito por fazer.

Os vossos cemitérios são locais de pestilência; as vossas cidades sobrelotadas crescem e incluem-nos. Quando as câmaras dos vossos espíritos estiverem abertas, vocês entenderão que os vossos amigos não se encontram mais no chão do que envoltos nas vestes que usaram quando estiveram na Terra, e vocês terão mudado todo o aspeto daquilo que se relaciona com os assim chamados, funerais.

O século 20 verificará, não só uma marcante mudança a esse respeito, mas vocês talvez venham a surpreender-se quando vocês virem não só flores apenas para os ricos, mas virão florações de esperança e alegria para todas as classes, com a transição do espírito do corpo, e que não haverá mais se verificará essa terrível forma de pesar e de luto.

A iluminação espiritual fez muito; a abertura das vias do pensamento entre os dois mundos conseguiu muito, mas cada vez mais será realizado pelo crescimento gradual das pessoas, longe das ideias da morte. A vida é contínua, mutável, mas eterna, e a transição dos seres humanos da terra para o estado futuro será considerada uma grande ocasião de regozijo. Tivemos o privilégio de oficiar, há poucos dias atrás, a transição de uma jovem da vida humana, enquanto ela entoava canções de louvor, e chamava os seus entes queridos ao redor dela, e lhes pediu para não a prantearem, e que ela ainda iria estar com eles. A visão dela foi aberta, ela viu aqueles que vieram ao seu encontro, e até o último instante esteve a falar animadamente para aqueles que se encontravam na vida humana.

Deve dar-se uma grande reforma na morte. Mais pessoas terão visões; mais pessoas chegarão a entender que é apenas mais um passo que se dá na vida; as sombras do luto crescerão cada vez menos e o manto escuro dará lugar ao regozijo. A abertura da visão para o mundo imortal daqueles que estão de passagem não é nova no mundo, mas será cada vez mais reconhecida. Esse passo seguinte não será receado antes de vir nem lamentado como uma aniquilação depois que vier. Essa será a iluminação que se espalhará pelo mundo de maneira quase impercetível, como se espalhou nos últimos cinquenta anos. O pendurar de flores nas portas, a cobertura do caixão e a sala com flores, contribuíram muito para expressar esse pensamento.

Mas realmente, caros amigos, a melhor coisa que vocês podem fazer pelas pessoas é dar algumas flores enquanto elas se encontram convosco, em vez de gastarem muito para se convencerem de que acreditam que a morte é linda. Deixem que as vossas vidas sejam adornadas com flores; deixem que as boas coisas que vocês dizem sobre elas sejam ditas enquanto se encontram aqui. Digam-lhes o quanto vocês as amam todos os dias, em vez de as manter bem longe até que as suas formas fiquem em silêncio; isso há de ajudá-las tanto quanto a vós. É muito melhor

fazer isso enquanto elas se encontram na vida humana do que quando a mudança chega. Porque então, não haverá falta de flores quando entrarem na vida espiritual. O espírito da vida é esse desabrochar.

Ah! São os túmulos e sepulturas que vocês encontram na vida quotidiana que os deixam tão cheios de tristeza quando os entes queridos partem. Mas eles não partem, eles não passam da vossa companhia, eles estão no vosso meio, e quaisquer flores com que vocês prendas as suas vidas, de esperança, amor e alegria, isso elas possuirão quando chegar o tempo da transição.

Sim, Satanás foi reformado na última metade de século. Agora, a inimiga dos velhos tempos do mundo, a morte precisa ser reformada, e a morte enquanto reformador tomará o lugar certo nos vossos pensamentos e nas vossas vidas.

As flores passam e murcham, os campos de milho despem-se e secam, vocês têm a colheita cuidadosamente armazenada nos celeiros, pelo menos os fazendeiros deveriam ter. Mas vocês não abrigam os vossos tesouros de amor, nem colhem os vossos frutos de bondade; de modo que, quando a mudança chega, vocês sentem a perda. Mas no grande armazém do espírito, naquilo que faz o fruto e o triunfo final da vida, vocês só põe de lado o talo, as folhas, a cobertura externa, as cascas, o grão é vosso.

Esta grande casa do tesouro do espírito encontra-se a toda a vossa volta, e envolve-os e cinge-os a toda a vossa volta com as suas presenças e poderes de serviço, e todos os grandes e sábios e verdadeiros que já passaram são ajudantes. Aqueles que não obtiveram a iluminação, que foram infelizes, que não conquistaram, estão nas suas próprias sombras. Mas [nos] grandes fardos do mundo vocês são continuamente ajudados e fortalecidos de modo a aguentarem.

O século 20 marca a Sentença de Morte no sentido teológico dos velhos tempos. Os adros das igrejas e tudo quanto lhes diz respeito darão lugar ao conhecimento do reino do espírito, da luz que reside além, da força, beleza e grandeza que têm lugar nele.

O século XX é o precursor do grande cataclismo, do Dilúvio Glacial, e todas as forças da mente e do espírito marcam a época mais rapidamente do que a matéria. Portanto, há apogeus ou clímaces internos que trarão o culminar por modos que instaurem a paz; auges no campo da religião que produzirão numa grande quantidade de lutas sectárias um novo esclarecimento da raça; culminâncias nas relações comerciais que produzirão um reajuste geral, já que as nações estarão tão cingidas ou sob a alçada de outras nações através do intercâmbio comercial.

Verificar-se-ão grandes mudanças na relação que existe entre capital e trabalho, já que agora ambos esses campos se acham divididos. Mas o homem representará mais do que o dólar e a humanidade representará mais do que o dinheiro. Está chegando a hora em que essas forças se verão aliadas pela necessidade, e a necessidade trará equalização e crescimento.

A fraternidade não pode ser compelida, mas a fraternidade gradualmente tomará o lugar da afiliação egoísta. Assim que as pessoas entenderem que cada um é incluso enquanto parte do todo. Vocês debatem-se com o mundo agora, o "eu" está contra todo o mundo. Foi uma grande proposta a que foi feita no âmbito da ciência quando se afirmou que o sol era o centro do sistema solar, em vez da Terra. Deixou a Terra por a ciência descobrir que era pequena demais para ser o centro de tanta magnificência. Quando o centro encontrou o seu próprio lugar, o universo pareceu ficar melhor ajustado. Agora, todas as mentes humanas supõem que o "eu" seja o centro do universo. Assim que isso sofrer uma mudança e o “eu” for relegado ao seu próprio lugar, enquanto parte do todo - e a alma preservar a sua identidade - o universo funcionará melhor convosco. Toda a família humana não estará contra vós, e vocês serão um com ela.

Existe toda uma vasta reciprocidade de almas, uma poderosa comunidade de inteligências eternas, da qual vocês, enquanto alma, são uma parte, não menor nem maior do que qualquer outra alma. Os vossos interesses não são mais importantes nem menos importantes que os dos outros. E vocês, enquanto uma entre esse imenso número de almas, movem-se em resposta à Lei Infinita. Nações, comunidades, interesses pessoais, todos são governados por esse grande propósito.

Quando vocês compreendem isso; quando vocês tomam conhecimento disso, toda essa rebelião, guerra, e luta contra o propósito Infinito e contra as experiências pessoais mesquinhas desaparecerão. Se vocês trilham o caminho dos espinhos, outros já trilharam e estão a trilhar. Se vocês têm uma tarefa difícil a realizar, outros possuem igualmente tarefas igualmente difíceis. Se vocês sofrem um grande pesar, outros também sofrem. Não há isolamento na tristeza nem na alegria. Um pulsar comum corre por todo o universo e pelas raças com o poderoso propósito da experiência humana.

Ao libertar muitas das coisas que foram acorrentadas no passado, esse século XX produzirá começos maiores do que vocês supõem; ensinará a toda a vida humana que ela não é melhor nem pior na grande economia das almas do que os demónios ou os arcanjos; cada um é apenas um estado de crescimento e expressão.

Quando James Phillip Bailey finalmente levou Lúcifer a ser restaurado como um anjo de luz, isso serviu como uma grande lição espiritual. Quando Sir Edwin Arnold faz da Madalena a principal expositora dos ensinamentos do Mestre, isso é uma grande lição espiritual. Em última análise ninguém é maior ou menor, essencialmente; e as várias condições da vida humana destinam-se a que vocês possam encontrar expressão em algum século como o século 20 e ver à quanto tempo vocês se têm movido com um poderoso propósito para esse evento, que em si não é maior do que milhares de eventos que o precederam, ou seguirão: que todos os períodos culminantes têm nações de pessoas como a vossa.

Em algum momento no Jardim da Terra, o imortal Lírio do Amor floresce; mas para esse lírio existem as trevas que lhe ocultam o germe, o irromper dos rebentos, a transmutação e a transfiguração no sentido do florescimento, e por fim a abertura das flores, o supremo evento na vida dos lírios. Contudo, para aqueles que contemplam campos de milhas e milhas de extensão esse lírio isolado pouco ou nada significará, no entanto é o evento dos eventos.

Algures por entre o Jardim da Vida o grande lírio imortal do Amor tem o seu esconderijo nas trevas, no meio de pedras, espinhos e sarças, possivelmente escondido, e ninguém suspeita que ali se encontre. Trava-se luta e crescimento; o talo rebenta e depois as folhas, e por fim, chega o momento supremo daquela vida, o lírio branco do Amor despertou, floresceu. No entanto, para aqueles que assistem a milhares e milhões de conclusões de almas, isso é apenas um evento vulgar e comum, mas é o momento supremo dessa vida; nem um só anjo se afastaria, nem um só olho se encheria de escárnio em toda a companhia celestial ao ver o florescimento do amor imortal em toda e qualquer vida humana.

Assim, queridos amigos, este século moldar-se-á em grandes realizações; mas existiram outras eras e será mais de igual importância. Mas como vocês estão no limiar agora a contemplar os poderosos mistérios do passado, lembrem-se que poderá ser que este imortal Lírio do Amor Fraterno floresça sobre a Terra, e a vida humana venha a revelá-lo nos jardins da terra, e que os anjos se venham a curvar e por fim a assistir.

UMA VISÃO DO FUTURO

POR UM PROFETA DA ANTIGUIDADE
CORA RICHMOND EM CHICAGO.
PROFERIDO NO DOMINGO, 22 DE JANEIRO DE 1888

“A terra é como uma selva ou um deserto, e ao percorrer o deserto ou a selva, o homem tem apenas uma esperança: um oásis no deserto ou uma fonte na selva. ” - Provérbio Árabe.

O mundo habitável está repleto de abundância e produz fruição para a indústria do homem; mas há enormes desperdícios, regiões polares congeladas, desertos inabitáveis, mares traiçoeiros em cuja travessia o homem corre grandes perigos para alcançar países distantes; ainda assim, como que contornando o seu poder, o homem cruzou-os com as asas rápidas do vapor, e deu a volta "ao redor da terra" prevista pelo poeta, realizou muitos sonhos que em séculos passados pareciam impossíveis. O que ele agora realiza com quase a rapidez do pensamento, em dias

anteriores exigia meses e mesmo anos; aquilo que hoje é a propriedade comum do mundo civilizado era, em períodos anteriores, somente propriedade de uma porção da humanidade e de uns quantos favorecidos. Mas com todo o progresso evidente, com o avanço das artes e aparelhos mecânicos, com as vantagens que um comércio perfeito parece trazer, ainda há muito em falta: desolação vinda da região norte, o grito dos que estão a perecer de frio e fome a ferir o ouvido e os corações humanos; os desperdícios do deserto não trazem nada à mão do homem, e por caminhos sem rasto o homem parece vagar em vão em busca da luz, força e beleza do seu ser.

Há profecias dentro da alma ainda por cumprir, há vislumbres de um paraíso terrestre ainda não realizado. Desse futuro, pelo poder da inspiração, profetas, videntes e poetas obtiveram muitas vezes vislumbres; todavia, não é dado a todos esperar, nem compreender essas conceções; contudo, para aqueles que têm pendor para um futuro desses e desejam entender o que a terra virá a produzir, enunciaremos profeticamente o futuro, conforme aparecerá nessa civilização superior que está a surgir, em relação à qual vocês agora se encontram tão só no raiar inicial da aurora, e do que esta é a débil expressão inicial.

Aquilo que vocês chamam de velocidade parecerá, nesses dias, o ritmo mais lento, pois a velocidade do vapor não só será substituída por motores elétricos e atmosféricos, como, mais veloz que a luz, que em si mesma é a mais veloz mensageira da vida e da morte, será o vosso motor no futuro.

Da atmosfera, quando a Terra tiver cedido os seus tesouros, e vocês quase os tiverem esgotado nas suas fontes, novas formas de poder motriz chegarão ao correio da mente, aquilo que nunca foi sonhado antes na Terra será revelado, por a terra estar continuamente a mudar, estar continuamente a criar coisas novas, que serão postas nas mãos do homem.

Onde vocês agora parecem andar ou correr, então voarão; pois o próprio ar é tão navegável quanto o oceano, tão passível de ser atravessado quanto a Terra, e descobrirão uma menor resistência ao maravilhoso motor do futuro pela navegação aérea do que por qualquer método com que o homem agora circunda o globo. O método embaraçoso do vapor, a perigosa locomotiva, o choque das ferrovias e o som de máquinas a vapor serão desconhecidos. Veloz, silencioso, protegido nas naves aéreas do futuro, o homem cercará o globo como que nas asas da luz sem nenhuma dessas lutas, sem nenhum daqueles choques que agora tornam hedionda até mesmo a perfeição dos vossos métodos. Isso virá a ocorrer.

A própria luz será o vosso portador de mensagens, pois, por sistemas de refração e de reflexão, a luz transmitirá mensagens às partes mais distantes da Terra; pela sua cintilação, a mensagem será dada a conhecer. A linguagem será simbolizada pela luz; um certo número de raios ou de cores formará vibrações de raios e cores

similares nos lados opostos da Terra. O homem transmitirá inteligência por vibrações atmosféricas ou por vibrações de luz. Vocês acham que a eletricidade é um portador maravilhoso de mensagens: e assim é. Desde que o Júpiter Olímpico governou os trovões e os relâmpagos, nada tem sido tão maravilhoso quanto o homem fazer dos raios de Júpiter um brinquedo; mas com toda a sua rapidez a eletricidade está destinada a mergulhar na insignificância ao lado do método mais rápido, da comunicação mais perfeita, que no futuro será formada por correntes de luz.

O sol, que é o grande motor natural do sistema solar, que pelas suas pulsações de luz impele mundos nas suas órbitas e os mantém presos pelo poder de atração, assola com eles espaços desconhecidos, formando as maravilhosas leis da geografia física do universo. O sol será a grande potência motriz de todas as formas de vida. Tal como o carvalho gigantesco é edificado na sua estrutura pela alquimia subtil da terra em resposta e conformidade com os raios do sol; tal como as delicadas pétalas da rosa e do lírio são formadas pelo poder edificante desses mesmos raios, tal como o homem deve andar ereto em resposta ao sol, assim também com as asas do pensamento, com o novo aparelho que ele descobrirá, com as invenções que têm lugar agora na vida espiritual e não na vida mortal, chegará o controlo de mensageiros alados velozes e de poderes motrizes da terra.

Não mais se verão terras áridas e desertos inabitados pelo homem, nem fortalezas montanhosas em que não existam objetos de verdura, mas todas essas coisas submeter-se-ão ao controlo da vontade do homem; tal como quando ele agora até certo ponto controla ou adapta os elementos, então, ele virá a produzir, não apenas por meio da energia elétrica, mas por vibrações solares, humidade onde tudo agora é estéril. Então, dos desertos brotarão belos jardins e o homem receberá a recompensa da sua indústria e labor.

Tampouco virão a existir regiões congelantes, nem tempestades desoladoras que varram cidades, vilas e aldeias, destruindo a fruição do trabalho do homem. Assim os homens se associarão com o propósito comum de beneficiar o todo, de modo que os seus campos sejam protegidos, e os ventos, não apenas desviados do seu curso, mas transformados em brisas amenas, e os agentes destrutivos se tornem agentes benéficos para a humanidade.

Como agora, muitas vezes o homem muda o curso dos rios, cria reservatórios artificiais para uso próprio e para uso dos demais, também no devido tempo, estas devastadoras correntes de ar serão empregues em benefício do homem, em vez de na sua destruição. As coisas que ele plantou, os campos que cultivou, as casas que construiu, os tesouros que reuniu, a que chama de lar, não estarão mais à mercê nem serão presa desses elementos.

Pretende-se, igualmente, que as montanhas sejam disponibilizadas; aquelas torres naturais que sobem até as nuvens, serão as bases de poderosas e maravilhosas

torres de comunicação; todos os elementos serão vigiados e mantidos sob o controlo do homem; enquanto agora as estações de serviço de receção situadas nos picos dos montes mais altos ficam por vezes à mercê dos elementos, então o homem irá controlar esses elementos. Em torno dos topos das montanhas haverá verdura de verão, florescerão rosas e todas as coisas adoráveis aos olhos, por a atmosfera estar sob o controlo do homem.

Nesse tempo, navios que agora parecem milagres de velocidade e que agora cruzam os vossos oceanos, parecerão tão lentos e desajeitados no seu curso, quanto as antigas barcas lhes parecem hoje; mais do que isso, pois as asas do pensamento que permitem que o homem se eleve no ar irão produzir o mesmo sobre as águas de modo que não haverá necessidade de navios na água. O ar em si mesmo sugere um movimento mais incomparável do que o voo do pássaro; quem não terá querido voar? Isso é uma aspiração; não no sentido em que o pássaro voa, mas no sentido de que o homem supera todos os obstáculos físicos, a transporá o ar com êxito, e a circunavegação aérea do globo será uma realização.

Toda a produção renderá ao homem o que ele pretende e espera; nenhum fruto será abortado, as flores não deixarão de produzir fruto, aquilo que é plantada agora é desperdiçado mesmo antes da fruição ser facultada ao homem; ele não precisará vigiar durante os longos e cansativos dias para ver a colheita fracassar pouco antes do tempo da colheita, tudo o que estiver em guerra com o homem, com a produção, com a indústria das suas mãos e o trabalho da sua mente será superado: ele irá apurar os métodos a adotar, os meios a conceber, a maneira de combater os elementos ao seu redor: por esses métodos superiores, ele conquistará onde agora ele se vê derrotado.

Quantas semanas cansativas o fazendeiro precisa esperar pela fruição de sua labuta, para no final encontrar apenas fome. Quantos anos ele não precisa esperar que a sua casa fique bonita e que o seu entorno se torne perfeito; para a seguir serem destruídos pela praga de uma estação, pela neve de um inverno, pela desolação do poder devastador do inseto que destrói o trabalho de uma vida. Isso não virá a ser assim nesses tempos que hão de vir.

Então, até as doenças que afetam a humanidade, que na infância do seu crescimento naturalmente surgem pela falta de conhecimento de que ele padece, terão sido superadas, ele não irá mais combater a doença da malária à sua própria porta; não haverá mais daquelas doenças transferidas de clima para clima nas asas da desolação; não mais da boca do Ganges os antigos horrores se espalharão pelo mundo; não mais das Índias desoladoras germinarão as doenças, implantado lá há centenas de anos atrás, nem serão transmitidos às civilizações da Terra. O poder de conquista da mente humana, o desenvolvimento do espírito humano tudo realizará.

A terra cede prontamente à mão e à mente do homem, mas essa mesma terra deverá encontrar no homem o seu mestre e não o seu escravo antes de ceder; aquele que é derrotado pelos sentidos, ou pelos elementos, torna-se escravo do pó, mas aquele que os conquista, não apenas os despreza como pela aprendizagem do seu perfeito uso se torna triunfante.

O antigo alquimista que se fechava na sua caverna e claustro durante anos a fim de descobrir as fontes secretas da vida, as fontes daquela existência imortal pelas quais ele poderia conquistar a morte; aqueles que através de muitas noites cansativas e o período de muitos dias inteiros procuraram, ano após ano, descobrir as maravilhas dos céus estrelados e as proporções geométricas da criação; aqueles que, nos mistérios mais profundos da ciência oculta, se esforçaram por descobrir aquilo que é aparentemente insondável; as fontes secretas da vida, a fonte de poder no espírito humano; tudo isso são, de certo modo, sugestões e profecias do que a terra virá a tornar-se.

A raça humana, que passou da debilidade e da deformidade a uma perfeição maior, será, comparada ao atual tipo de humanidade, que nem anjos em relação às coisas rastejantes da terra. Considerando que agora não há ninguém perfeito, ou poucos sejam os que consigam suportar o teste do escrutínio rígido, a raça avançará até tal perfeição que raramente se verá qualquer deformidade, dado que a deformidade terá rendido a sua lição no mundo e não mais será necessária.

As fontes espirituais dessas coisas poderão estar ocultas, as causas que nos permitem vê-las não se encontrar ao vosso alcance, no entanto são espirituais; a natureza espiritual do homem é a base daquilo que encontra no seu meio material. O que agora responde pela discórdia, pelo jargão, pela luta, e pela disputa de terra desvanecer-se-á sob a influência benigna do perfeito amor e da perfeita paz, que se espalhará pela atmosfera da Terra. Quando o homem descobrir qualquer coisa em benefício da humanidade, ele não a guardará, nem buscará possuí-la para exclusão de ninguém, mas a dedicará em benefício do todo. Não haverá monopólios de inspiração, intelecto nem riqueza.

Nu e estéril como é o deserto do Saara, não é tão desolado quanto o deserto de uma cidade apinhada desprovida de simpatia humana. Lúgubre como é o deserto para o viajante solitário, não é tão triste como essa mesma cidade à meia-noite para os pobres excluídos. Quando a civilização procura possuir os tesouros da terra, precisa estar fundada no mais alto padrão. É-nos dado ver aquele tempo futuro em que não será possível que pobre nenhum calcorreie as ruas de qualquer cidade da terra; é-nos dado ver um tempo futuro em que ninguém passará fome de pão enquanto outros gozam de abundância; é-nos dado ver aquele tempo futuro em que ninguém acumulará com a cobiça do ganho o trabalho das suas mãos e do seu

cérebro, mas espalhará, como o artista da história antiga, as suas obras de beleza até que o mundo todo se encha de amabilidade. Ou como Pan, o doce gaiteiro, que encantava todas as coisas viventes com as suas deformidades: os espíritos de meninos, meninas, homens, mulheres, rebanhos de cabras, animais, pássaros, todas as coisas escutavam os silvos do doce Pan. Portanto, a lição a aprender é que, quando se possuir o dom da música, da arte ou da poesia, ou puder tornar a terra bela, ou quando se puder encontrar ouro, ou o que o ouro vier a comprar, será para o homem.

Aos olhos dos anjos, o deserto das Planícies Ocidentais, o deserto do Saara não é um lugar tão desolado como o deserto do egoísmo humano, e se vocês não tiverem esses desertos áridos, se vocês não tiverem essas terras selvagens intransitáveis, se vocês não tiverem aquelas torrentes de montanha que varrem o trabalho dos anos, o egoísmo humano deverá gradualmente dar lugar às afabilidades da vida humana. É isso que queremos dizer, não simplesmente num grande sentido ideal, referimo-lo naquele sentido verdadeiramente ideal que deve estar incorporado na vida diária.

Aqui está uma secção do país, e a avareza daqueles que a possuem, ou melhor que tomaram posse dela pela violência aos antigos ocupantes e, portanto, a reivindicam, e que constroem um dique; um país, ou um governo, ou quaisquer outros poderes estabelecidos, aplicam uma parte da receita do país para construir o dique que protege certas indústrias, algodão e cana de açúcar, que passam a produzir. Os anos passam e, naturalmente, os detritos do leito do rio elevam o leito desse rio mais e mais alto até que o país em redor ficar muitos pés abaixo do dique, muitos metros abaixo do leito do rio, e os barcos passem como que pelo ar, embora não sejam naves aéreas.

Precisarão coletar impostos para manter essa barreira em ordem; esse interesse deve ser protegido às custas de todo o país. O que deverá um governo altruísta fazer? Se o conhecimento for suficiente, deixará o país que precise de uma barreira em paz. Por efeito de sucessivos depósitos naturais após muitos anos tornar-se-á arável, já que é tendência do rio fazer a sua própria cama e levar o país a alçar-se mais alto por esse depósito, após o que algumas gerações haverá solo suficiente.

Há espaço suficiente sem ele, mas não, cada pedaço de terra, cada acre de território, toda a riqueza do solo precisa ser drenada para a mão ávida e sofreguidão do homem. Mas as planícies estão ociosas enquanto essa grande fonte de receita continua a drenar o país. O mesmo vale para todos os interesses locais no mundo. Quem impõe ao homem a proteção de um interesse local escraviza a humanidade, hipoteca a herança das futuras gerações. A indústria que não é universal, que não é competitiva, que não está aberta ao mundo inteiro, não é uma indústria útil no final, embora no começo possa parecer sensata, e chega um

momento em que é fatal, quando o egoísmo humano se embrutece pelo seu próprio esforço e se dá um recuo disso.

Tudo o que é valioso ou benéfico que é armazenado no coração da terra é destinado ao uso do homem. Ai daquele homem ou combinação de homens que coloquem obstáculos desnecessários entre o tesouro que a natureza deu e a necessidade do homem. Chega um momento em que se segue a reação, e aquilo que supostamente era uma bênção se torna numa maldição. Pessoas a gelar de frio até a morte numa terra onde há abundância de combustível armazenada é uma monstruosidade que não deveria ocorrer num país esclarecido; pessoas a morrer de fome com armazéns cheios de grão é uma monstruosidade que só poderia ter lugar no Egipto sob o reinado obscuro de algum faraó: e quem sabe se o José não está de volta para soltar os armazéns do rei para o povo!

A visão do futuro é que não pode haver carência onde há abundância, e que aqueles tesouros do conhecimento e riqueza (ou os seus equivalentes) que são acumulados são simplesmente excrescências daquilo que é chamado incorretamente de civilização.

Nesse belo e justo tempo que traçamos, nenhum homem acumulará riqueza, pois será um poder desnecessário. Todos os que estão enfermos ou envelhecidos ou doentes, e as crianças terão quem lhes providencie; todas as pessoas adultas considerarão um privilégio trabalhar em função do pão de cada dia, em vez de o roubar aos semelhantes.

Nesse tempo vindouro não haverá pensamento de ociosidade, nenhum pensamento de excesso de desgaste, verão que os dias têm muito tempo para a labuta das mãos e o suficiente para toda a recreação e prazer; as noites não serão sobrecarregadas de cansaço; os homens não afundarão em sofás que não passem de colchões de palha, enquanto outros podem dormir em palácios de luxo.

Nesse tempo, essa ganância, esse amor pelo ganho e pelo ego será infâmia tal, deformidade tal que ao perpassarem as páginas da história daqueles que habitaram o vosso tempo e era, dir-se-á: “Que bárbaros eram aqueles Cristãos: eles abatiam-se uns aos outros pelo ouro, eles roubavam uns aos outros territórios e terras, e até mesmo em comunidades em tempo de paz eles mantinham as portas das casas trancadas, com receio dos ladrões! Tal será o assombro que, quando eles lerem o que estava traçado sobre os templos Cristãos, "Faz aos outros o que quiseres que eles te façam" e a seguir virem o que os homens fizeram, eles ainda se admirarão mais com a hipocrisia, a audácia, e blasfémia de uma raça que poderia não só ser Cristã e bárbara, mas assumir uma lei de orientação e praticar o exato oposto.

Nesse tempo, não haverá necessidade da Regra de Ouro inscrita nos templos, pois ela será inscrita em todo coração humano. Os catraios, em vez de serem ensinados a falsificar, quase desde o nascimento, entenderão a flor de ouro da verdade; assim, o fogo inocente da ausência de maldade não será posto na fogueira da falsidade e da vergonha; não haverá nada na sociedade humana que exija política, por que se deva disfarçar o interesse, os sentimentos ou os propósitos da pessoa: tão justos serão os propósitos dos seres humanos uns para com os outros que não haverá nada a esconder.

Enfermidades humanas, serão de natureza tão ligeira que o vizinho sentirá maior anseio por as cobrir com o véu da caridade do que escondê-las do próximo. Tão amáveis, gentis e agradáveis as pessoas serão então umas para com as outras, que não haverá acusação, repulsa, desprezo, escárnio nem fome; tão justas e honradas todas as vidas se tornarão, então, que não haverá necessidade de esconder o dia-a-dia, de esconder os passos quando alguém vacila, nem de encobrir com adulação ou covardia os feitos e pensamentos de um dia atarefado.

Então o ladrão não andará à espreita pela noite para tomar posse daquilo que outros ladrões tomaram à plena luz do dia. Então não haverá necessidade de parafusos, barras e fechaduras para impedir os homens de espoliarem as posses uns dos outros: todos os tesouros então existentes no solo serão propriedade de todos e se um homem quiser roubar outro, ele estará simplesmente a roubar a si próprio.

Então os templos serão lugares tais que, não só são sonhados na poesia idílica, mas conforme todos esperam um dia ver: sob os céus arqueados, pavilhões alvos e cúpulas amplas a abrir-se para o céu e os ares, onde suaves brisas a ventilar os rostos. Sob essas cúpulas de proteção, todo o mundo poderá vir e adorar com tal veneração como só poderá resultar da alegria da vida perfeita e de corações puros, anjos unidos em jubiloso refrão; flores que florescem em todas as mãos, nutridas por hábeis cuidados e que emprestam a sua oferenda de incenso aos céus.

Multidões a reunir-se; acordes de música tais como só os maiores mestres sonharam, mas nunca deram à terra por a terra não estar pronta; tal som de vozes humanas em tais ações de graças e cânticos de louvor que levarão os coros do céu a curvarem-se a escutar a música. Orações que serão uma oferenda natural e espontânea do espírito, seja pela palavra falada ou pelo que é melhor ainda, numa boa vida de louvor, uma constante e gratificante vida de oração.

Então as vozes que fluem do outro mundo: nesse tempo vindouro, os homens não se envergonharão por anjos e espíritos assistentes andarem a seu lado e lhes ministrarem todos os dias, quando agora se afastam da mensagem dos céus para que o seu poder de pesquisa não venha a descobrir uma sombra oculta.

Sim. Não só o homem se voltará para o céu, como então não haverá necessidade de se voltarem dele, por a voz de criança não será de reprovação, a mensagem da santa mãe não recordar ao coração humano cenas indignas; a esposa ou irmã poderão andar carinhosamente entre eles, por não haver nada a esconder. Nesses dias, os corações estarão abertos à comunhão com a vida espiritual, por não se encontrarem repletos de mundanidade nem desolados pela paixão e vergonha humanas.

Pensem num anjo no pandemônio do mercado comercial de uma cidade sobrelotada! No entanto, haverá horas em que os anjos até para aí se voltam: quando Mamão, com a sua ganância terrível se apega à vida humana, algum cérebro quase cambaleante poderá repudiar, mesmo nesse lugar de horror, um anjo e afastar gentilmente do perigo a mente que estava a vacilar: como os anjos se voltam para as celas de prisão, enquanto assistem ao lado do destino ardente do mártir: como visitam lugares de pobreza, carência e vergonha; enquanto tocam a Madalena na rua cujos lábios se tornam brancos com uma oração quase acabada; contudo eles inclinam-se sobre vós hoje.

Mas então os anjos virão e voltarão, a sua presença não mais será estranha: o homem não se assustará com o fantasma da sua própria infâmia a ponto de pensar que o fantasma de um homem morto possa assombrá-lo, mas sem medo, sem a presença de qualquer pecado, mensageiros angélicos serão bem-vindos em todos os lugares. A visão humana estará aberta, o outro mundo não será mais envolto em mistério, o estado que está próximo deste será percebido e conhecido; vocês terão consciência desses seres espirituais que tanto povoam os céus superiores, e eles serão uma porção da vossa companhia diária.

Nesses dias, nem sacerdotes nem reis designados governarão as nações; pois tão suprema será a lei do autocontrolo e do autogoverno que toda vida será o seu próprio rei ou rainha, cada um será o seu próprio governante: nenhuma natureza violenta de restrição, nenhum domínio do poder incrementado do homem será necessário para controlar a ação humana. A lei suprema será uma lei iluminada do céu traçada sobre a consciência humana, escrita em todo coração humano, e será traçada de tal maneira que todos possam lê-la e compreendê-la corretamente.

Então, através do espaço que os separa dos planetas irmãos, não mais existirão as distâncias e o silêncio que agora intervêm; mas entre vós e os orbes mais gloriosos, a mensagem de vida e luz será transmitida pelo ministério de anjos, e mesmo pelos poderes dos vossos próprios espíritos. Tão belo se tornará o espírito que, ao invés de o esconderem, ou o porem longe da vista como atualmente, pensando confessarem que alguém ter uma alma seja sinal de fraqueza, então será a força do mundo; e pobre realmente será aquela vida, ou homem, ou nação que não souber que Deus é Amor e que o homem é imortal.

AS EXPERIÊNCIA PORQUE O SR. WILLIAM THOMAS STEAD PASSOU ANTES E APÓS A MORTE

Após um breve hino, verificou-se uma mudança palpável no aspeto e modos da Sr. Richmond, a seguir ao que, falando sob o controlo do Sr. Stead, ela disse:

PREZADOS AMIGOS, eu fui-lhes devidamente apresentado, porém não sou herói nenhum. Toda a gente em certo sentido é naturalmente covarde; ou seja, receia alguma coisa. Eu não receava o 'outro mundo' e não foram muitas as coisas de que tive receio na vida humana; mas todos nós nos acanhamos daquela coisa intermédia chamada 'morte', do que nos poderá fazer, de como viremos a sentir-nos, de como viremos a ser capazes de a enfrentar; quando e como. Porém, não existe morte alguma. Mas só se poderá aferir isso pela experiência. A maioria das pessoas hesita, e teme a mudança. Para mim a vida foi uma mesma - na nossa terra e além dela.

Não creio que tenha tido qualquer 'premonição' antes de deixar a Inglaterra, nem tampouco a minha mão redigiu o que quer que fosse, nem ninguém me disse: "Não viajes naquele navio." Eu precisava ir para satisfazer um compromisso. Gostava do barco por ser o maior alguma vez construído, e porque não viajar nas coisas mais grandiosas, mesmo se nos vier a conduzir ao outro mundo? Naquela noite eu estava alerta quando o navio foi atingido.

Falamos disso entre nós, homens. Eu disse pensar poder resultar demasiada ansiedade e senti-me inclinado a ir para a minha cabine. Encontrei alguns que manifestavam receio; desci e descobri que havia outros que estavam com medo, e falei com eles, e ao falar com eles fui capaz de os confortar. Não creio que já tivesse consciência de estar a fazer algo de invulgar ou de incomum, por até essa altura não ter tido qualquer pensamento dominante de perigo. Isso foi pouco após a meia-noite. Eu estava preparado.

Muitos se apresentaram primeiro para me receber.

Mas, e aqueles que receavam morrer, que não tinham qualquer conhecimento da vida além, ou cuja fé os pudesse abandonar no momento de perigo? Eles precisam ser confortados, acalmados, auxiliados, na medida do possível, para permanecerem ainda um pouco nos seus corpos. E depois, ao prestarmos assistência às necessidades dos outros esquecemo-nos de nós próprios. Ainda assim, tivemos tão pouco tempo para nos prepararmos - tivemos um preparo tão reduzido naquele navio gigantesco para uma tal emergência.

Não reinava qualquer pensamento da presença de perigo iminente, e quando ele realmente se apresentou pelo estabelecimento do facto de que o comandante e os suboficiais tinham travado conhecimento, e pelo preparo feito para retirar mulheres e crianças, então eu disse a mim próprio: 'Preciso ocupar-me daquela

gente lá em baixo. Os de cima estão mais disciplinados; possuem mais conhecimento, têm controlo social; compreendem o que é esperado, mas aquela gente mais emotiva podem não ter conhecimento.' Até onde me é dado apurar, passei o meu tempo a conversar com eles, a tentar confortar aqueles junto de me podia fazer compreender. Não falava outra senão a língua Inglesa, pelo que não consegui falar com os estrangeiros, mas esforcei-me por os confortar; estabilizei-os e procurei levá-los a sentir não existir perigo real em relação à vida real. A seguir fui para a minha cabine, não para dormir, mas para aquela comunhão com o Infinito que sempre foi o meu refúgio, com os meus entes queridos invisíveis: então veio o primeiro aviso - por meio da escrita - de que o návia iria afundar, e eu estive lá quando se deu o grande clamor, quando soubemos e todos quantos não estivessem a dormir souberam que o návia iria ceder. Senti o tremor gigante e a invasão das águas, e sobreveio-me a ideia: 'Durará muito? Sucederá um período prolongado de tensão? ' Mão não houve.

Quando tudo feito quanto podia ser feito tivesse sido feito, tínhamos que partir. Os gritos de agonia eram terríveis. Morte! Mas após o rugido inicial - a invasão das águas - um enorme sensação repentina de sufoco - despertei como alguém desperta de um sonho horrível. O meu filho! O meu filho! Sim, o primeiro a vir ao meu encontro. Ele foi um dos salvadores do domínio onde os salva-vidas nunca se acham em falta. Eu estava vivo! Desperto! Consciente! Eles encontraram-me todos!

Deu-se o assalto avassalador das águas, aquele gorgolejar, o borbulhar, o rugido assustador, e eu fiquei alerta. Vi ainda pessoas a debater-se e pensei estar ainda a tentar socorre-las, mas a forma que se encontrava em meio a tudo aquilo era a do meu filho! Então soube que não estava de todo no corpo, mas tentava auxiliar todos aqueles espíritos que se debatiam por se juntar aos seus amigos que tinham partido nos seus pequenos botes - as suas esposas, irmãs, mães. O meu filho disse, "Vem." "Não, vejamos o que podemos fazer por estes."

E ficamos horas e horas sobre o local em que o navio afundou, a seguir os pequenos botes salva-vidas a procurar auxiliar os espíritos que se debatiam ainda por viver nos seus corpos - aqueles que não sabiam que se encontravam fora dos seus corpos. Percebi que a culpa não fora dos oficiais, percebi que a tripulação fizera o melhor que podia em tais circunstâncias; percebi que não existiam barcos salva-vidas suficientes, e percebi posteriormente que provavelmente essa fora a única falta, ou a falha principal.

Mas a grande luz desta manhã veio até mim, o amanhecer da outra vida; foi como despertar de um pesadelo para uma aurora de paz, ou de uma prisão para a liberdade. E eu fui bem recebido. Pareceu-me uma manhã de esplendor a seguir a uma noite terrena, quais asas comparadas ao tatear - como o desabrochar e a fruição que se seguem ao silêncio e à escuridão. Quem poderá adequadamente descrever o indescritível? Eu podia andar por ali. O meu filho foi comigo a toda a parte; os meus queridos amigos tentaram levar-me a afastar-me, mas eu disse:

“Não, façamos o que pudermos para ajudar esta gente,” e surgiram hordas de auxiliares, uma imensa frota de navios de luz oriunda do reino do invisível a auxiliar os espíritos que não sabiam que tinham sido libertos.

Mas e aqueles, aqueles que não tinham conhecimento? Aqueles que se agarravam aos seus corpos; que até mesmo em espírito seguiam os frágeis barcos pelo oceano que levava os seus entes queridos? Ai, o sofrimento de se terem que separar deles! Eles precisavam ser confortados, aqueles que tinham sido conduzidos à força em total despreparo e involuntariamente, para o reino dos espíritos. Precisamos ajudá-los. A enorme manifestação de clamor é sempre no sentido de ajudar os demais. Nenhuma vida é remetida para o outro mundo que não encontre alguém, ou mais que um, à mão para a poder acolher e receber. Muitos morrem desamparados e desolados na terra, mas nenhum entra no reino além indesejado.

Foi uma dor ver-se assim separado daqueles que tinham que ficar. E é uma grande dor quando na vida humana (apuram-no pela experiência, como eu o soube pela experiência) ver um amigo partir para a outra vida, muito embora saibamos que ele vai para a vida e não para a morte. É igualmente uma grande dor um espírito não preparado, sem o menor aviso exceto uns quantos instantes ou uma hora, quando muito, ver-se arrancado daqueles que ama na terra. Os espíritos não têm vontade de partir. Mas precisam.

O preparo depende inteiramente do grau de domínio de si e do equilíbrio de que se goze; por isso, é para o horror que se encaminham. Inicialmente não viram quem chegava. Os amigos espirituais que estavam à espera para os fortalecer. Eles voltam-se, sem vontade de deixar os objetos da sua devoção, e quando de forma afortunada, como foi o caso com mais do que podem imaginar, mulher e marido foram juntos, foi a maior alegria para eles saber que não tinham sido separados por tal choque. Quando são famílias inteiras que partem, é simplesmente maravilhosa a alegria que sentem por estar assim reunidos, e não separados.

Ser bem recebido e amado, pensar primeiro e o tempo todo naqueles que sentem a nossa falta ou lamentam a nossa perda, procurar alcança-los com a mensagem invisível, impalpável, do espírito, pensar e conhecer num instante a resposta para a questão de uma vida inteira -

Ainda não, ainda não. Se puder encontrar uma mão ou um cérebro que transmita o sentido e o alcance desta nova vida, poderei usá-la passado um tempo. Estou grato por esta oportunidade de pagar o meu tributo aos meus companheiros de viagem e aos comandantes do navio que afundou, e por poder dizer terem havido duas causas somente para o afundamento do navio, e a passagem de tantas vidas tão valentes: Excesso de confiança na resistência do navio, e um número insuficiente de botes salva-vidas - essas foram as causas. Quando a vida humana realmente é valorizada sempre haverá meios adequados de garantir a segurança.

Ai, os socorristas do reino do espírito! Eles foram os próprios mensageiros de Deus, a auxiliar - a salvar toda a gente.

Agora verificam-se emoções em conflito no sentido de alcançar aqueles na terra; a grande muralha da ignorância material, a grande barreira existente entre o reino interior e o mundo externo, a enorme ignorância desabrida; sim, a parede de ignorância é aquilo com que precisamos rivalizar na tentativa por alcançarmos os nossos amados. O meu próprio lar teve conhecimento, pelo menos teve conhecimento de que eu sabia. Nem todos estavam cientes ao ponto em que eu me encontrava, mas sentem-se felizes com aquilo que sabem; felizes nesta hora que não é inteiramente de trevas; contentes por o muro não se achar inteiramente cerrado.

Eu pensei haver trabalho adicional a fazer na terra. Pensei haver muito ainda por fazer. Este enorme movimento de paz que precisa ser alcançado pelo esclarecimento. Eu não era a favor de todas as ideias do Sr. Carnegie, do desarmamento, da paz a todo o custo, nem das ideias da 'paz a qualquer preço' de quem quer que fosse. Eu acredito na paz que brota da justiça, de modo que quando solicitei a todos os governantes e governos da terra cujos representantes tinham estado no último Congresso da Paz (onde encontrei o vosso pastor, onde tive o prazer de a conhecer) pedi-lhes que pusessem de lado as causas subjacentes à guerra. Não peço a esta nação, ou Grã-Bretanha, nem a nenhuma nação para se desarmar. Tornem o caminho para o desarmamento possível por meio de uma Corte Internacional de Arbitragem, que então não haverá necessidade de armamentos.

Mas não é por isso que me encontro aqui hoje. Haverão outras alturas e lugares para se falar sobre a paz; mas é sobre a luz, esta vida, esta maravilhosa e belíssima forma de consciência espiritual. Ausência de um corpo terreno para carregar connosco por todo o lado; ausência de limites dos olhos que não conseguem ver.

Ausência de limitação dos sentidos. Sei que neste espaço de tempo, que apuro pelo contacto que tenho convosco que perfaz duas semanas justamente esta noite, eu tive conhecimento de uma resposta a todas as questões que equacionei durante a minha vida do que me toda a vida anterior que vivi, por a resposta ser inerente ao estado, ser implícita à vida. Acha-se aqui (terra) limitada pelos sentidos. Nós apegamo-nos aos sentidos; compreendemos com os sentidos; medimos e aferimos as coisas pelos sentidos. Libertos dos sentidos, vemo-nos obrigados a dar atenção com a mente, a interpretar com o espírito. As nossas vozes não alcançam longe na vida humana; porém, os nossos pensamentos chegam a milhões de milhas. Eu podia pensar em vós em Chicago com tanta facilidade quanto podia pensar noutra residência de Londres, e no espírito posso-me ver lá tão prontamente quanto poderia entrar num outro aposento.

Espaço, tempo, todas essas restrições passam com o corpo. Deparar-nos-emos com demasiado 'espaço', a menos que estejamos preparados para isso. Uma pequena que foi levada a um piquenique começou a chorar. Nunca tinha estado fora de Londres e não conhecia outra coisa que não ruas com lama, e agora via gramados e flores, aves e árvores, e quando ela começou a chorar alguém perguntou. "Ora, que é que se passa? Não te estás a divertir? E ela disse: "Tenho medo; é um espaço muito grande." E assim, nós dispomos de muito espaço no mundo do espírito. Esse é o assombro da coisa, está repleto de espíritos, multidões de gente que não interfere na vida alheia, porém uma vastidão e tanto; o assombro que é saber coisas que não nos são ditas; o assombro que é não formular as nossas perguntas e vê-las respondidas num instante.

Pensem somente no número de vezes em que repetidamente não formulamos a pergunta "Onde se situará o outro mundo?' E cá está ele. Retirem o véu, a vossa máscara; retirem o armamento de carne, e aqui está ele. Podem ter conhecimento dele. Foi-lhes dito; todos os profetas, poetas, videntes, sábios e filósofos falaram-lhes disso, mas vocês não têm conhecimento disso. É esta vastidão que é medonha, mas dispomos da eternidade toda. Acostumamo-nos ao céu azul depois de o termos contemplado por um bocado, mas após termos estado estado fechados numa cela ou numa masmorra, parece imensamente vasto.

Os mineiros (prospetores de ouro) com quem eu por vezes costumava conversar, não sabiam que aspeto o céu apresentava, pelo que lhes parecia tão vasto e isolado (solitário). Mas não receiem sentir-se sós enquanto espírito. Não via um só daqueles pobres vagabundos, nem um só dos seres humanos que lutavam que não tivesse um espírito qualquer à sua espera, a vir ao seu encontro, instantaneamente, mesmo antes de deixarem o corpo. E eu vi multidões deles a procurar chegar até os seus amigos, a tentar auxiliá-los; e eles auxiliaram-nos, embora de modo invisível.

É a suprema lei do espírito que venham junto daquele que têm a intenção de alcançar. A 'telegrafia' do espírito não é retida pela capacidade irresponsável que impede que a mensagem chegue ao 'recetor' pretendido. A telefonia do espírito alcança o objeto pretendido. E assim, quando eu interrogava, quando estava consciente, desperto, eu sabia tudo, as respostas chegavam-me em bando quais bandos de pássaros, e acorriam a mim nas asas invisíveis do pensamento, provenientes de Júlia, e de todos os meus queridos amigos de casa. Ali estavam eles, à minha espera. Eu perguntei: "Vocês sabiam que eu estava de chegada?" E eles tinham conhecimento da pergunta antes de eu a formular, e diziam "Sabíamos." Então pensei. "Porque não me disseram?" Ao que me responderam: "Não adiantaria nada." "Porquê?" "Por o teu tempo ter chegado." "Querem dizer (e aqui entrava a velha mente inquiridora da dúvida, o velho intelecto) que toda a vida tem o seu tempo?" "Queremos." "E que aqueles que foram separados, esta esposa e este marido?" "É isso que queremos dizer. Admite um acidente," disse Júlia, "no plano universal, e o universo deixará de ser cosmos e passará a ser caos."

E assim, não é por acaso que fui aqui trazido, mas com uma grande intenção e propósito. Posso não ter amadurecido demais, plenamente desenvolvido; mas o tempo tinha chegado, e o que quer que tivesse sido feito na vida humana que tivesse ajudado por alguma forma a fortalecer, a inspirar, a esclarecer, sinto-me alegre por ter tido o privilégio de viver, e contente por ter gozado do privilégio de conhecer a humanidade no seu melhor, ainda que também a tenha conhecido no seu pior. O pior não é tão mau quanto as pessoas alegam, e o melhor não está livre do aperfeiçoamento.

Mas sucede que enquanto espíritos chegamos a conhecer o nosso real valor. Não levamos connosco nada de material exceto o nosso pensamento. Eu não tenho nem mesmo a minha caneta comigo. Posso encontrar uma mão, posso encontrar um outro cérebro. Talvez venha a usá-lo por vezes, mas quero que saibam que, embora o corpo se perca, o espírito permanece vivo e justamente tão alerta para com o que quer que os interesses da humanidade requeiram. E se o meu filho, que estava justo a começar a sua vida, e que eu pensava viria a tomar o meu trabalho a seu cargo, tivesse ficado - mas aqui ele interrompeu-me os pensamentos: -

"Ora," disse ele, "pai, se eu já vivi um milhar de vidas desde que aqui vim a este mundo. Já influenciei milhares de pessoas." O pensamento pode disseminar-se pelo mundo, e encontrar aquele a quem era dirigido e ao qual se ajusta. "E nós havemos de ter o nosso escritório deste lado," disse-me Júlia, "e veremos o que poderá ser feito para levar as pessoas a ter conhecimento da realidade da vida para além da mudança chamada morte."

E é este despertar nesta alegria, na alegria deste amanhecer, o esquecimento do modo por que sucedeu, e o conhecimento daquilo que é, que é a gloriosa aurora daquela possibilidade que aguarda toda vida humana, e eu despenderei todas as oportunidades que tiver num esforço por despertar as pessoas para ele.

Não falem de morte; não digam que as pessoas estão mortas; não se curvem no pesar, não cerrem as portas nem digam: "Ai, ele foi-se!" Costumava por vezes pensar, ao conversar com as pessoas, nesse tema de elas não quererem que os seus amigos continuassem vivos. Por vezes é inconveniente; se lhes tiverem feito algo de mal, ou se um homem quiser voltar a casar, ele não saberá exatamente o que fazer com respeito ao espírito da outra (companheira). Mas não se preocupem, no espírito não há ciúme; a maior oportunidade de utilidade é sempre reconhecida aqui, e a grande força da afeição espiritual está no facto de se ser altruísta.

E agora aprendamos a trabalhar juntos; deem as mãos; sejam amistosos connosco; não nos coloquem de lado; não nos chamem 'mortos'; não digam que fomos apartados da raça. Encontramo-nos justamente nela, e tudo quanto podemos fazer por ajudar, e não estorvar, por auxiliar, e não arruinar, por os levar a ter conhecimento de uma vida desperta, quer passem daqui rodeados dos vossos amigos e cercados de flores, ou no meio de uma tempestade (ou tempestades) ou

de uma cheia ou de um incêndio, não passa de um instante, e logo são libertados na glória de uma vida recém-descoberta.

Agradeço-lhes. Agradeço aos amigos espirituais que me ajudaram por intermédio do seu instrumento eleito a fazer passar estas linhas mal alinhavadas. Se me for possível um dia destes ainda por aqui hei de aparecer. Eu sou William T. Stead.

Aquilo que o meu nome vier a ser na terra celeste eu não sei, mas por tudo quanto a vida significou, eu não estou morto, mas vivo. "Nem o nascimento nem a morte podem mudar ou arruinar a alma no seu ministério das boas intenções."

ENTRE OS LÍRIOS

A SRª TAPPAN EM INGLATERRA

MATERIALIZAÇÃO DE LÍRIOS - "OUINA", A GUIA ÍNDIA DA SRª TAPPAN –

O AMBIENTE DO APOSENTO

Sr. Burns - Prezado senhor: - "Foi-me permitido por parte dos guias da Sr. ª Tappan preparar para publicação no seu jornal, uma narrativa da materialização de "Lírios Brancos" que eu próprio e diversos amigos meus testemunhamos através da mediunidade dessa mesma senhora. Estou em débito com a Sr. ª Richmond (Sogra da médium, à altura) pela gentileza demonstrada pelo relato particular da primeira ocasião dessa maravilhosa manifestação. Parece, pois, que no 1º de Fevereiro deste ano, a Sr. ª Richmond se retirou para os seus aposentos deixando a Sr. Tappan sozinha a ler na sala de estar.

Após um curto espaço de tempo ao erguer a cabeça da almofada, ela percebeu que a Sr. ª Tappan avançava da sala de estar adjacente e entrava no seu quarto, e a primeira ideia que lhe passou pela cabeça foi a de se levantar para a ajudar a despir-se; mas, ao perceber que a Sr. ª Tappan se encontrava em profundo estado de transe, ela fez uma pausa, e ao olhar mais de perto ela observou um grande lírio branco pousado sobre a cabeça da Sr. ª Tappan, e viu que a sua fisionomia tinha assumido uma expressão extremamente angélica, enquanto ao mesmo tempo ela repetia com um acento solene certas passagens das Escrituras do capítulo que lhe tinham captado a atenção.

Toda a atmosfera do quarto, à luz da lamparina parecia carregada de uma auréola espiritual tão perfeita que a Sr. ª Richmond foi capaz de perceber uma névoa de luz esbranquiçada que se parecia com um véu transparente em frente do rosto e ao redor da cabeça da Sr. ª Tappan.

Uma manifestação similar teve lugar a 8 de Fevereiro, e igualmente na presença somente da Sr. ª Richmond. No dia 12 e 14 do mesmo mês, e de novo a 7 e 28 de Março deu-se uma manifestação similar, e em cada uma dessas duas ocasiões, as flores foram testemunhadas pela Sr. ª Richmond, pelo Sr. Webster Glyner e pelo Sr.

Hinde, e no dia 14 pela Sr. ª Strawbride de novo, e em cada uma dessas ocasiões sucessivas as flores aumentaram em quantidade. O Sr. Glynes informou-me de que a 28 de Março ele viu distintamente três diferentes tipos de lírios, e assim descreveu a ocasião de tais manifestações:

"Ao regressarmos da palestra com a Sr. ª Tappan, e a Sr. ª Richmond, tínhamos cultivado o hábito de ficar juntos a conversar durante o resto da noite, altura em que Ouina, um dos guias da médium, geralmente assumia o controlo e se juntava às nossas discussões. Nas ocasiões especiais em que os lírios foram produzidos, "Ouina" foi sucedida por uma influência muito solene. A voz da médium assumiu um tom profundo e grave; uma atmosfera peculiar parecia circundar-nos, sentimo-nos reverentes e reinou uma imensa tranquilidade.

"A Sr. ª Tappan ergueu-se do assento e em passos lento e cadenciado entrou no seu quarto e fechou a porta. Após um intervalo de cerca de dez minutos, a porta abriu- se por completo par, e foi pedido que se baixasse a luz da lamparina, de modo que o aposento mergulhou na penumbra. Então, a médium entrou lentamente, pôs-se uns minutos à porta para mostrar os lírios que tinha na cabeça, e de seguida avançou para o seu lugar e proferiu a cada um de nós um discurso curto e solene, a seguir ao que regressou junto da porta e, após uma vez mais se nos apresentar ali imóvel, retirou-se para o interior. Volvidos cerca de dez minutos a Sr. ª Tappan costumava voltar de novo à sua condição normal, e expressar surpresa por ter dado por si sozinha sem luz.

"De cada vez dessas os lírios tornaram-se claramente distintos; eu conseguia distinguir as folhas e as pétalas. Foi-nos permitido acercar-nos à distância de cerca de um metro dela.

"Na primeira ocasião as flores pareceram simples lírios de água colocados sobre o cabelo, do lado esquerdo; da segunda vez as flores eram em maior quantidade e pareciam consistir num lírio Eucharist na frente e lírios de água por trás. Da terceira vez vimos, ao lado dos lírios, uma flor em formato de estrela de cinco pontas brilhante que brilhava como de tom prateado.

"Na quarta ocasião, as flores quase formavam uma guirlanda completa, que começava do lado esquerdo e lhe circundava a cabeça por detrás até ao lado direito. Não se via estrela nenhuma, mas eu observei um lírio grande da Páscoa do lado direito. "

19 de Abril de 1875
Webster Glynes

Na noite de Sábado, da quarta vez, eu fui um de entre um círculo de amigos que se posicionava imediatamente na frente da plataforma nos Cavendish Rooms. Pelo

facto da Sr. Tappan estar alguns minutos atrasada para subir à plataforma, e ciente do estado de fraqueza em que ela estivera durante algumas semanas anteriores, dominou-me uma sensação de ansiedade, por imaginar que a doença pudesse ser a causa do atraso, ansiedade essa que, todavia foi um tanto aliviada quando chegou ao cimo das escadas que dava para o quarto para que geralmente se retirava durante um curto período antes das palestras. A aparência que mostrou nesse instante, nunca, creio bem, será esquecida por algum daqueles que estiveram presentes.

"A bela expressão espiritual do seu semblante, a dignidade da sua pose, e o impressionante sentimento que, antes de proferir uma só palavra que fosse, parecia conceder graça a cada movimento e misturar-se com a peculiar atmosfera de que se achava rodeada; tudo isso mais a beleza incomparável dos lírios materializados que ostentava na cabeça, apresentava-nos um tal quadro e causou tal impressão na minha mente, que jamais poderá ser apagado, e me leva a pensar que deverá ter impressionado quase todos quantos a viram de forma similar.

"O número de lírios dessa ocasião, se não estou errado, foram três. Apresentavam-se completamente abertos, e faziam-se acompanhar por um que se mostrava quase fechado pela raiz. Dessa vez, porém, exibiam a peculiaridade dos estames e das anteras brancas, em vez daqueles em tom dourado que geralmente distinguiam o branco de jardim ou lírio Madonna. Embora impressionado com a peculiaridade que ela apresentava, não tomei consciência, senão até ser informado após a palestra pelo Sr. Hinde, que presidiu à ocasião, que eles se tinham materializado durante os poucos "minutos" em que ficamos à espera da palestra.

"O Sr. Hinde informou-me igualmente que, quando ele desceu as escadas a fim de conduzir a Sr. ª Tappan à plataforma, a atmosfera em que o quarto e toda a pessoa dela pareciam estar envoltos, produziram um tal efeito que ele quase desmaiou, e foi com dificuldade que a conduziu ao seu lugar. Embora não dotado de uma visão espiritual desenvolvida, pude perceber uma atmosfera transparente a rodear a Sr. ª Tappan a noite toda, e a determinado momento vi uma forma vaga de uma cabeça indistinta próximo ao ombro direito dela. Da parte da Sr. ª Strawbridge (a amiga em casa de quem a Sr. ª Tappan estava, de momento, hospedada) fiquei a saber que os lírios nessa ocasião peculiar se desmaterializaram gradualmente no caminho de regresso a casa no regresso da palestra, e que ela e a Sr. ª Richmond tinham sido as únicas pessoas que acompanharam a Sr. ª Tappan tanto aos Cavendish Rooms como de volta a casa.

"Mas, para mim a coisa mais magnífica de todas essas coisas maravilhosas, conforme estou certo de o ser para outros, está em que no estado de saúde de extraordinária fraqueza em que a Sr. ª Tappan se encontrava, ela ser capaz de proferir aqueles discursos e de incorporar, como eles incorporam, tais sentimentos exaltados, tal filosofia elevada, e mesmo tão nobres aspirações. Isso em si mesmo

constitui a maravilha das maravilhas e um belo sinal de triunfo da nossa bela filosofia. Porquanto ali constatávamos uma mulher de aparência fraca e frágil, ao subir à plataforma (ou, ser-me-á permitido dizer, ao seu trono de inspiração) como se um leve sopro de ar a soprasse de entre o nosso meio; onde, digo eu, a contemplávamos a derramar, como se da própria fonte dos céus, sentimentos e verdades que em pouco tempo abalarão as nossas igrejas até às próprias fundações e dispersarão os seus credos nocivos e erros aos quatro ventos.

"Mas, senhor, embora esteja ciente de estar a ocupar muito do seu tempo, tenho ainda uma outra belíssima manifestação de lírios e reportar, e como parecerá que cada uma das que referi é mais adorável do que a anterior, também de acordo com esta lei da harmonia agora atingimos a mais adorável de todas.

No caso da sexta-feira 16 juntei-me a um privilegiado círculo de amigos que se tinha reunido ao redor da Sr. ª Tappan em casa da Sr. ª Strawbridge, em Redcliff Gardens, West Prompton, onde nos foi permitido observar uma manifestação que ultrapassava em sublimidade espiritual tudo quanto tinha testemunhado e que, ao recordá-lo, me inunda de um indescritível sentimento de reverência. Tendo "Ouina, " uma das guias da Sr. ª Tappan, assumindo o controlo e conversado connosco na sua maneira doce habitual durante um bocado, por fim desejou que o aposento fosse escurecido, mas não mais do que era habitual nessa altura do ano, baixando as persianas nas janelas.

"Junto à sala de estar da Sr. ª Strawbridge, que se encontra separada por cortinas cor de carmesim, fica um pequeno quarto de música, de que apendo um diagrama. Esse pequeno quarto de música foi mergulhado um tanto mais na escuridão do que a sala de estar, e para ele, após colcoarmos cada um dos presentes em frente das cortinas, a Sr. ª Tappan se retirou. Antes de o fazer, porém, esvaziou os bolsos e insistiu (ainda sob controlo) que todos os artigos das vestes fossem pormenorizadamente examinado, até mesmo os "mocassins, " conforme "Ouina" chamava aos sapatos. A função de examinadora recaiu na pessoa da Sr. ª Tebb e da Sr. ª Dixon, e essas duas senhoras também procederam a uma completa vistoria do quarto e de tudo o que continha. A única porta de entrada de ambos os quartos encontrava-se fechada, e a Sr. ª Euphemia Dixon colocou a chave na bolsa dela.

Após tais preliminares satisfatoriamente cumpridas, o espírito controlador observou que tais precauções não se faziam necessárias no que dizia respeito àqueles que se achavam presentes, no entanto, como um relato dessa manifestação poderia ser publicado, seria melhor que se procedesse a tais verificações.

"Após a Sr. ª Tappan ter passado para o pequeno quarto adjacente, foram dadas ordens para entoarmos o cântico "De Mão Dada Com Os Anjos, " e creio que um outro pequeno hino no final do que, as cortinas se abriram lentamente, e através delas deveras a forma da Sr. ª Tappan se pôs diante de nós, conforme em verdade creio, só que, pelo vestido que ela envergava teríamos tido dificuldade em

reconhecê-la. Os seus traços fisionómicos tinham assumido aquele olhar de inspiração celeste que só se pode imaginar tendo presente o quadro da Beatrice de Dante, * e a semelhança foi total pela guirlanda com que a cabeça dela vinha adornada, exceto que no presente caso, a guirlanda era composta de lírios Madonna de um branco puro, em vez dos louros como no caso da Beatrice. No entanto essa guirlanda de lírios tinha-se materializado em cerca de, devo dizer, no espaço de três a cinco minutos. Vinha formado na floração mais alva dos lírios virgens, alguns completamente abertos, outros em parte, somente, e aqueles que se apresentavam mais distendidos encontravam-se por trás da cabeça, e iam diminuindo em tamanho ao se cruzarem num ponto um pouco acima da testa.

Creio que tenham sido doze no total.

*(NT: Dante & Beatrice, de Ary Scheffer, exposto no museu Getty de Los Angeles, Califórnia).

"Enquanto sob essa influência, a Sr. ª Tappan proferiu um dos poemas mais espirituais e belos que eu alguma vez escutei ou li; as palavras pareciam jorrar-lhe dos lábios que nem gotas de orvalho prateadas da mais pura fonte dos céus. O tono, modo e expressão que evidenciou, até mesmo a atitude que assumiu nessa ocasião, junto com a requintada beleza dos lírios, são coisas que jamais se apagarão da memória daqueles que tiveram o privilégio de o observar. Devo aqui igualmente observar que a cintilação transparente, o alvor cintilante das flores me impressionou de uma forma violenta; eles pareciam como se tivessem sido trazidos nesse instante de algum canteiro encantador, e todos sabemos que lírios brancos naturais não se obtêm a qualquer preço nessa estação do ano.

"Nessa ocasião as anteras exibiam o pólen dourado brilhante que caracteriza o lírio Madonna e que na realidade parecia mover-se ante os nossos olhos. Eu devia ter mencionado que, nessa ocasião, assim que a Sr. ª Tappan estava prestes a entrar no quartinho de música "Ouina" observou que íamos testemunhar algo que jamais viríamos a ter oportunidade de testemunhar de novo e na verdade, nunca mais o testemunharemos até que alcancemos aquela terra onde os lírios jamais murcham.

"Após o término do poema as cortinas foram de novo cerradas, e em menos de dois minutos (de facto poderei dizer, em menos de um minuto) e enquanto todos permanecíamos em solene e silenciosa reverência, como quem diz, subjugados pelo que tínhamos visto, "Ouina" - que tinha retomado de novo o controlo - disse num tom de voz baixo: "Agora podem-se chegar a ela, " a seguir ao que todos nos encaminhamos para o quarto de música, para darmos com a Sr. ª Tappan - na sua condição normal - muito surpreendida por se ver reclinada num sofá num quarto parcialmente escurecido, em vez da bem iluminada e acolhedora sala de estar, em que estivera sentada quando inicialmente passara para o estado de transe.

"Durante toda esta manifestação maravilhosa, a atmosfera do quarto (a despeito do amplo fogo) esteve tão fria que alguns dos presentes se viram obrigados a envergar os agasalhos, enquanto a toda a volta da pessoa da médium se via uma aparência enevoada que ocasionalmente se tornava visível, e não tenho dúvida de que, tivesse o quarto sido mais escurecido e ela ter-se-ia revelado numa névoa transparente e alva.

"Deve deduzir-se desta história dos lírios que é intenção dos guias da Sr. ª Tappan fazer uso dela para manifestações físicas, por estas últimas serem extremamente úteis e desempenharem uma grande parte no trabalho do Espiritualismo, embora no caso da Sr. ª Tappan fosse com efeito um passo na direção errada e um passo que os seus guias nunca pensariam em adoptar. Essa manifestação só foi dada como um poder complementar do trabalho espiritual que a Sr. ª Tappan é chamada a desempenhar.

A REPÚBLICA E OS PERIGOS QUE CORRE

REAIS E IMAGINÁRIOS

DISCURSO PROFERIDO POR CORA RICHMOND 12 JANEIRO DE 1862, AOS 22 ANOS DE IDADE

Nesta ocasião chamaremos a vossa atenção para o tema anunciado, dos perigos que rondam a República, imaginários e reais. Quais são eles? Antes de avançarmos diretamente para o nosso discurso porém, observemos, a título de introdução, que não é, nem nunca foi, nossa intenção restringir-nos exclusivamente às mudanças políticas das questões históricas tratadas; mas vamos divulgar as causas e influências mais profundas estabelecidas de certas coisas que parecem ter tido origem superficial, mas que na realidade possuem uma fonte mais distante. Desse modo será necessários estender-nos a uma consideração da fraqueza e da insensatez, assim como da pureza e integridade, desta República, porventura além do que será geralmente aceitável.

Mas vamos proferir a verdade, sempre, e, por mais intragável que possa ser para quantos preferem conformar-se com o erro, todavia uma vasta porção de uma audiência Americana não poderá deixar de a considerar com justiça; e podemos igualmente observar, que as críticas ou afeições diferem tanto da parte daqueles da inimizade, quando a gentil sonda do médico da adaga do assassino.

Quais serão, antes de mais, as principais fraquezas e perigos de todas as repúblicas? O termo República tem a sua origem no Latim - respublica - uma coisa pública, e aplica-se àquela forma de governo que parece tornar todas as coisas públicas ou então, tornar o bem do todo seu objeto, em vez do bem-estar de uns quantos, às custas do resto. Assim, foi aplicada aos sistemas iniciais de governo, fundada, conforme se supunha, nas mais altas conceções de justiça, e me prol do máximo bem da humanidade, tais como as Repúblicas da Grécia antiga e de Roma.

A história de qualquer dela oferece muitos aspetos de forte interesse moral; porém, como a nossa introdução lida em exclusivo com generalidades, não nos podemos prolongar acerca do passado. Basta que o problema mais difícil a ser resolvido na formação de um governo Republicano bem-sucedido, se centre em como evitar, por um lado, os perigos que surgem da existência de uma aristocracia endinheirada e, por outro, dos males e terrores de uma democracia ingovernável. Esses foram os dois rochedos em que as antigas Repúblicas se cindiram e é da nossa esfera de ação, nesta ocasião, considerar os perigos da República Americana, e têm sido, desde a altura da sua implantação.

Não nos é necessário voltar a contar a história da causa da Revolução das treze colónias, atualmente os Estados Unidos da América, ou considerar a justiça dessa prolongada luta; porém necessário é referirmos certas coisas relacionadas com o estabelecimento inicial do vosso governo, que foi omitido pela maior parte dos políticos e estadistas; designadamente o facto de a sua aprovação não foi por forma nenhuma unânime.

As pessoas das colónias não adotaram de jeito nenhum a Constituição com aquela anuência comum e harmonia que é suposta. Esse instrumento é popularmente considerado como a encarnação sagrada da vontade do povo - como a voz de toda a nação. É necessário superar esse equívoco, e mostrar que os vossos estadistas, por altura da Revolução, conquanto rivalizassem com um monarca arbitrário, não estavam de jeito nenhum a rivalizar contra a forma monárquica de governo, mas contra a opressão e tirania que resultaram do abuso dessa forma de governo.

Ao tempo da Declaração de Independência, e da consequente guerra, O povo Americano estava dividido em duas grandes classes: uma, os Puritanos da Nova Inglaterra, que tinham fugido do seu país em busca de liberdade de culto religioso; a outra, a classe dos Cavaleiros, originários dos reinos da França, Espanha, e Inglaterra, realistas e aristocratas em todas as suas ideias.

Esses uniram-se todos para derrubar a opressão de um monarca, mas não estavam de jeito nenhum unidos na sua subsequente adoção de uma forma de governo. Quando o próprio Washington foi pressionado por alguns dos seus oficiais a aceitar a coroa das treze colónias, a única resposta que deu, após ponderada consideração, foi perguntar que ato da sua vida os tinha induzido a supor que ele a desejaria ou viria a aceitar. Isso foi tudo.

Após as pessoas terem decidido uma forma de governo republicana a Constituição dos Estados Unidos foi formada de acordo, mas a dissensão e a discussão a respeito durou vários anos, e podemos acrescentar que dificuldades mais violentas do que alguma vez foram experimentadas brotaram da recusa de algumas colónias de o aceitar, que provocaram diversas retiradas e emendas, demasiadas para voltar a contar; até por fim, as mentes líderes de cada estado, considerando ser melhor reprimir a agitação do que permitir um rutura direta e positiva, aceitarem a Constituição, como, resumidamente, um compromisso. Por a ideia da soberania de estado existir então conforme existe agora; cada colónia desejava ser o estado principal na União, e com efeito alguns desejarem reservar todos os direitos para si próprios, e restringir a Constituição a uma meramente nominal, a ser violada a belo prazer.

Resultaram as mais violentas controvérsias e dificuldades em consequência do seu desejo de independência. Cada estada desejava ser a sede da Administração Pública. Cada Estado, considerando-se uma soberania separada, alegava o direito de assumir os títulos Federais, ou de se livrar deles à vontade. Nova Iorque, e até mesmo Nova Jérsia (agora popularmente descrita como quase fora da União) desejavam ser líderes, possuir o Capital, e até mesmo ditar termos aos demais Estados. Mas, por fim, uma Constituição que incorporava as regras pelas quais todos seriam governados, aceites, repetimos, como um compromisso.

Mas, dessa época podemos afirmar que entre os políticos de alguns dos estados, não houve nunca nem por um instante uma renúncia da ideia de soberania de estado; e o estabelecimento de uma república que haveria de abraçar treze poderes distintos, era questão tão difícil e delicada que exigiu todo o seu patriotismo, sentido de Estado e amor pela liberdade, para induzirem o povo de cada estado a aceitá-la, e a tornar-se súbditos de um governo superior ao seu. Isso foi feito e tornou-se lei nominal que cada estado seria subserviente à Constituição dos Estados Unidos.

Mas vocês compreendem que, com poderes separados tais, e diversidade de interesses, a República quase do seu começo carregou na sua estrutura as sementes da discórdia; e o próprio poder que era reservado a cada estado, na sua admissão, era aquele que desfecharia o golpe de morte à Administração Governamental. Todo estadista reconhecerá que esse deva ser o caso, especialmente em vista do vasto território que então existia, e desde que fora adquirido, na forma das terras públicas.

Tivessem as colónias estendido apenas uma quantas centenas de milhas e o caso teria sido amplamente diferente; porém, com a variedade do clima, produções e interesses, até mesmo então percetíveis, e não é surpreendente que desde o começo das suas obrigações constitucionais do Governo Federal, existissem elementos de contenda constantemente ativos, e cada estado, no seu patriotismo, procurava destruir a nação; porquanto, com o aumento da riqueza e prosperidade de qualquer estado individual, sempre se

verificava um decréscimo do poder relativo nos outros estados; e quando, no curso dessa competição seccional os interesses do Norte foram formados claramente contra aqueles do Sul, então os estados mais interessados iriam ficar divididos uns contra os outros.

A República, nesse tempo, comportava três milhões de pessoas, incluindo Puritanos a Norte, Cavaleiros ao Sul, moderados entre ambos, e eram cheios, como agora, de mais à mistura. Isso agora aumentou até um total de trinta e dois milhões, e albergam representantes de quase todas as nações - refugiados de quase todas as nações civilizadas da terra. A população dos Estados Unidos no presente constitui cerca de um sexto do total de habitantes civilizados existentes no globo.

Esse aumento na população e riqueza, e consequentemente no poder e recursos dos diversos estados soberanos virão a formar a base do argumento deste discurso.

Atualmente há vozes de todo o lado a pedir e a clamar: "Quais serão os perigos que agora ameaçam as instituições da América? " Escutamos, em resposta, existirem três grandes causas. Em primeiro lugar, a Escravatura Africana. Quer considerada do ponto de vista do Norte ou do Sul, isso parece ter sido o pesadelo com que, em especial os políticos procuraram deixar as pessoas assustadas. No Sul, por a instituição ser ameaçada no Norte; no Norte, por aí se proclamar à viva voz ser um mal. No Sul a insurreição é o grande perigo temido; no Norte, a imposição de limites ao alargamento da escravatura é erigido como um dever sagrado; e, por fim, o pesadelo cresceu até obter proporções tais, que chega a ser citado por gente inteligente como causa da rebelião Sulista.

Sim, há aqueles que se levantam e dizem que a existência da escravatura e as considerações que dela brotam, são suficientes para explicar os nossos problemas atuais. Eles são uma causa superficial, nós admitimos; porém, a verdadeira fonte jaz mais fundo. Um outro perigo que os políticos, e em especial as classes endinheiradas, consideram iminente, é o da guerra com a Grã-Bretanha. Fomos, certa vez, intimados, desde que adquirimos a independências, a uma disputa com esse poder. A questão abrandou; porém, desde as primeiras recordações que temos, o apelo foi feito de tempos a tempos de uma guerra com a Inglaterra!

Contudo, as apreensões então animadas carregavam a mesma relação com a realidade, a sua gravidade específica, que aquela da terra que trilhamos.

Estes são os pretensos perigos que ameaçam a República; e dizem-nos doutos e sensatos estadistas de ambos os lados que, se a escravatura nunca tivesse existido, ou nunca se tivesse mexido com ela, não haveria qualquer rebelião; e que se não fora isso não haveria qualquer embarque agora na Inglaterra de tropas destinadas ao Canadá, qualquer Expedição Tripla ao México (NT: ou Segunda Intervenção Militar da França no México, invasão que teve início em 1861 e que inicialmente fora apoiada pelas forças militares do Reino Unido e da Espanha). Todos os

perigos, seja externos seja domésticos, que agora ameaçam a nação, são assim atribuídos em exclusivo à questão da escravatura. Conquanto admitamos a plausibilidade desse argumento, como sua causa imediata, não permitimos de forma alguma que vá à raiz do problema. Esses perigos, que constantemente lhes são apresentados à imaginação, não são aqueles que mais devem recear; mas mesmo agora aqueles dos vossos conterrâneos que estão suficientemente familiarizados com os temas, negarão de imediato que exista qualquer perigo, com um sentido apropriado de estado e de patriotismo, quer em relação à presente rebelião, quer em relação aos poderes estrangeiros, que se compare com outras e mais importantes fontes de danos que residem na base da presente dificuldade.

As dificuldades reais com que a nação sempre teve que disputar são as seguintes: Conforme afirmamos, ao estabelecer a Constituição houve a ausência da conceção de que a Centralização era essencial a qualquer governo - que o poder da administração precisaria estar incorporado nalguma forma tangível. Mas disso a Constituição está desprovida. Ao povo, através do seu Congresso ambíguo, é permitido criar ou suspender leis de forma a fazer frente a todo ipo de emergência; porém, o Executivo está inteiramente impedido de exercer a autoridade. Esse defeito, é verdade, é inerente a uma forma de Governo Democrática, que, embora sublime e enobrecedora na sua conceção ideal, ainda detém em si as sementes da discórdia. Por causa disso caíram as repúblicas do mundo antigo.

Também chamamos a atenção para o facto que, o aumento populacional neste país deu origem a um dos principais perigos, não tanto devido aos números como ao carácter. Porquanto, conforme antes afirmamos, uma república tem uma só garantia da própria segurança, que é, a integridade, fidelidade, e elevada cultura moral do povo; não pode, da sua própria natureza, depender para a sua subsistência do exercício arbitrário da força. Precisa desenvolver um poder moral no seu povo, que torne cada cidadão um estadista patriota, dotado de inteligência e compreensão de que cada um dos seus atos públicos seja feito com vista no bem de toda a nação. Tal era a teoria da República Grega e a sua prática sucessiva até a corrupção se instalar.

O excesso de imigração para este país provou ser uma fonte prolífica de mal, por ter criado uma população flutuante, da qual cerca de um terço, por falta de um objetivo fixo, está preparada, a todo instante, para embarcar em qualquer novo empreendimento que tenha início, e embora possa ser levada a recordar, como compensação, da ampla difusão da educação, ainda assim precisa ser lembrada que o professor nem sempre esteve no exterior; que o vosso sistema livre de educação não surgiu da noite para o dia, e de que a inteligência universal apenas em período recente se tornou característica do vosso povo.

Qual será a classe do povo que imigra para este país? São, em grande parte, o campesinato da Grã-Bretanha e Alemanha, na verdade de toda a nação civilizada,

ignorante, escravizada pela opressão e embrutecida pelo prolongado cativeiro do trabalho físico. Essas multidões heterogéneas despejadas nas vossas margens fazem intenção de gozar da liberdade, sem possuir uma conceção esclarecida do que a liberdade seja. Nos primeiros tempos da República será recordado que tais imigrantes pobres eram absolutamente trazidos e vendidos por um termo de anos, a fim de custear as custas da sua passagem para cá, tal como se poderá ler na história da Pensilvânia, onde ocorreu mesmo sob os auspícios de William Pen.

Eles chegaram em condições tais de pobreza e de ignorância que desconheciam por completo o carácter da nação e das suas instituições. Com isso aumentamos a taxa populacional de três milhões para trinta e dois milhões, dos quais porventura dois terços, quando muito, estarão suficientemente esclarecidos para compreender em qualquer grau que seja os princípios em que o nosso governo foi fundado. Temos pois, aparte as dificuldades locais, uma massa de gente pronta para qualquer emergência - para qualquer aventura excitante, o que quer que seja por que possam esperar melhorar a sua condição. Para explicar este estado de coisas precisamos referir-nos a uns quantos factos, e pedir-lhes que nos acompanhem com toda a atenção.

Na história da agricultura, é amplamente sabido que o fazendeiro trabalho tarde e cedo de modo a levar a que ambos os contrastes do ano se compensem mutuamente, e talvez se deite num dia de chuva. Os filhos têm uma perspectiva idêntica diante deles, e a agricultura neste país não se elevou à posição que os seus méritos e importância exigem. O resultado é que o fazendeiro e os seus filhos estão prontos para embarcar em qualquer iniciativa, seja a guerra, a Califórnia ou os Picos de Pikes (NT: Escalada de inverno da cordilheira mais elevada da América do Norte, situada nas Montanhas Rochosas, atividade que já data de 1820) e parecem ter perdido por completo, caso alguma vez tenham tido, uma ideia correta e justa avaliação da sua ocupação legítima.

Na Nova Inglaterra, uma região puramente dedicada à fabricação, o habitante médio tem somente um propósito, uma expectativa em vista, caso ele entre na vida mecânica; pode permanecer na condição de trabalhador assalariado, ou pode alcançar uma profusão de deveres e ser encarregado do controlo dos outros; em qualquer dos casos, porém, ainda não passará de um mecânico, entendido como tal, sem meios de satisfazer os anseios da ambição que o seu limitado conhecimento da literatura nele despertam.

A classe comercial, em grande medida, vê-se impedida de toda participação nos maiores prazeres da vida, pelo facto de que aquele que não possui capital, não tem hipótese de sucesso, destituído como ele é, me todos os aspetos, pelos mais velhos e mais experientes. Assim, na Nova Inglaterra, um iniciante possui apenas dois cursos diante de si, a partir da rotina comum; a vida obscura de um agricultor no Oeste extremo, ou as hipóteses de fortuna, em terra ou no mar, se ele permanecer próximo de casa.

Nos Estados Centrais pode-se encontrar uma mistura de populações e interesses, de toda a classe e género - Puritanos e Cavaleiros, junto com toda a sorte de imigrantes; existe uma multiplicidade de profissões e de ocupações, não permanentes em si mesmas, e que não formam qualquer base substancial de prosperidade de uma nação. Dadas tais condições, que é que se segue? Essa população flutuante, professores, profissionais, estudantes e trabalhadores, de todo o tipo, constitui o elemento agitado da busca da fortuna nestes Estados Unidos.

Quando rebentou a nossa guerra com o México, e sessenta mil voluntários foram convocados, seiscentos e cinquenta mil recrutas ofereceram-se para se alistar; de forma que, em muitos casos, era absolutamente obrigatório lançar a sorte para decidirem quem seria aceite. Desde então, gerou-se o entusiasmo da Califórnia, que levou até ao Pacífico num tumulto literal de cem mil a duzentos mil aventureiros, todos quantos, salvo raras exceções, voltaram pior do que tinham partido.

Portanto, achamos que o atual estado político da nação não teve origem na questão da Escravatura, nem nas apreensões de uma guerra com a Inglaterra, nem tampouco nas dificuldades de repressão da Rebelião, mas na própria constituição da sociedade.

Quando a República se fundou, toda a extensão dos seus recursos agrícolas e comerciais era desconhecida e nem era sonhado. Muitos dos estados agora ricos e florescentes, eram então meros territórios distinguidos somente por linhas imaginárias de divisão, das regiões estrangeiras adjacentes. O estado de Nova Iorque agora gasta uma receita igual àquela de todas as treze colónias originais.

Qual consequências terá essa rápida expansão? Cada estado deseja que os seus interesses particulares venham a governar a ação do todo. Enviam os seus representantes ao Capitólio Nacional, não para promover uma guerra generalizada, mas a sua própria, e a sua conduta corresponde inteiramente a esse objetivo Com efeito as pessoas não escolheriam outro que não aquele que encareçam os seus interesses estaduais, e este, Sul assim como Norte, é o impulso secreto que impeliu cada eleição, desde que Washington tomou a administração.

Que poderemos esperar quando o patriotismo e o sentido de estado são necessariamente confinados a tais limites? A legislação foi conduzida com espírito tacanho; a animosidade cresceu entre os estados e as secções. No Norte, passaram leis por exigência do povo, completamente em desacordo com os interesses do Sul e, por fim, tornou-se absolutamente necessária uma divisão, não só na questão da Escravatura, como de todas as questões ligadas aos interesses agrícolas e comerciais.

Não é necessário referir as Atas do Congresso dos setenta anos anteriores, para provar que o curso que mantêm em relação aos interesses domésticos e estrangeiros produziu interferência de uma natureza pública impossível; mas esse

aumento de poder nos estados separados - esse crescimento da soberania do estado que foi plantado no seio da Revolução, amadureceu na rebelião; e, se não tivesse resultado nessa forma de mal, teria aperfeiçoou-se noutra.

Na Carolina do Sul, em especial a heresia da Secessão tem sido sempre alimentada por políticos hábeis; os estados irmãos, menos ousados nas suas expressões, aderiram à doutrina, e os vossos próprios estados tê-la-iam adotado, caso não tivessem pregado que fazer uso da agitação em torno da questão da escravatura como meio de exclusão da secção contrária do poder, um Norte unido apresentaria uma força controladora mais positiva, e pela sua superioridade no fabrico, receita, força comercial e marítima, deixar o Sul de fora de forma mais efetiva do que separando-se dele.

Nenhum estado do Norte é suficientemente independente para dar este último passo, e por isso nenhum estado achou vantajoso fazê-lo; por a legislação desta secção estar em conformidade com as perspetivas de todo o seu povo. Mas as perspetivas da parte da Nova Inglaterra e dos Estados do Meio não conseguiram de forma nenhuma colher uma resposta nos Estados a Oeste; daí que certamente viremos a ficar divididos em mais do que dois governos distintos caso a presente rebelião for bem-sucedida.

O que, por conseguinte, temos a recear é, incapacidade do Executivo manter a lei, e a falta de eficácia constitucional no poder que estabelece as leis, de afastar essa incapacidade. Por exemplo, desde o início da presente Rebelião, quando o presidente Buchanan foi chamado pelo Comandante-em-Chefe para, por meio de meios e da autoridade esmagar a conspiração, ele respondeu, com verdadeiro sentido de estado, senão com sentido de verdadeira justiça, não dispor do poder - que o exército à sua disposição consistia de uma milícia de três milhões originária do Maine até à Califórnia; que, sem a ajuda do Congresso, ele não poderia convocar um só voluntário que fosse - e que o poder naval da nação se achava disperso por toda a parte, pelo que se tornara completamente ineficaz.

O julgamento de estadista que fez estava correto contudo era terrível que o país devesse ser sacrificado a tais escrúpulos. Essa carência de capacidade Executiva da parte dos Estados Unidos causou, e causa ainda hoje, quase todos os vossos problemas.

Tivesse a nossa força militar sido suficiente para reprimir a Carolina do Sul no início, e o resto do Sul teria sido restringido de a seguir; porém, era incompatível com a Constituição apelar à milícia, e a nossa política impediu a manutenção de um exército suficientemente permanente.

Mas, que é que testemunhamos hoje? No espaço de menos que um ano, quase um milhão de voluntários, Norte e Sul, foi recrutada por três anos ou até ao fim da guerra, são organizados, exercitados, vestidos, alimentados e pagos, para a supressão de uma rebelião cujo fim é impreciso, conforme é reconhecido até mesmo pelos vossos mais sensatos patriotas. As despesas que têm alcançam um tal

nível que o vosso povo já sente. Mas, o que não foi reparado foi que, desses setecentos mil voluntários, cem mil, ou mais, são oficiais, que recebem de sessenta a quinhentos dólares por mês, de acordo com o posto, dos quais porventura nem um só, de posto nenhum, alguma vez ganharam, ou viram, tanto dinheiro na sua vida antes, fruto de uma ocupação qualquer honesta. São levados a envergar ótimos uniformes, são elevados a postos para os quais não têm qualificação, e pagos simplesmente para ficar a olhar e não fazer nada. Quanto aos soldados, haverá porventura uns cem mil que são tirados da população flutuante de que falamos e que estão prontos para a guerra em defesa quase de qualquer causa.

Que indivíduos desses constituam a massa de um exército é inevitável - e a sua educação e inteligência só contribui para o perigo da sua posição. Quando a guerra terminar, conforme terminar em breve deverá, de uma forma ou de outra, que haverá o governo de fazer com esses voluntários, com esses oficiais, tão bem pagos por lhes manter as posições se títulos, que os seus homens estarão prontos a seguir em qualquer expedição que lhes prometa glória?

Ora, até mesmo o nosso exército que debandou do México não ficou convencido, mas os seus membros trouxeram ao governo alguns problemas ao obstruírem expedições; e quem poderá dizer se esses seiscentos mil não poderão trazer mais? O recente desembarque em Vera Cruz aponta um problema qualquer ligado a este assunto, assim como o recente manifesto relativo ao fortalecimento das nossas fronteiras e à sugestão de diversos jornalistas acerca da anexação de Cuba.

Fiquem certos de que a nação tem mais a recear da debanda dos seus voluntários do que dos poderes estrangeiros, da interferência das leis internacionais ou até mesmo da Rebelião. Porque esses homens que puseram em risco "vidas e fortunas," e comprometeram a sua "honra sagrada," pela causa da nação, não se contentarão em pôr de lado os seus ótimos equipamentos, os seus empregos nominais e lucrativos, e retornar à lida mal paga do escritório de contabilidade ou oficina. Eles alistar-se-ão de novo, e seguirão os líderes favoritos para qualquer aventura que lhes traga uma perspetiva de proveito e renome.

A Americana é a mais militar de todas as nações, e a mais forçosamente impelida pelo amor da fama e do entusiasmo; mas, conquanto tenha contido toda organização marcial, todo garoto de escola entre vós terá ansiado pela glória no campo de batalha - terá aprendido que pode, por tal via, alcançar as honras de Governador, Membro do Congresso, ou mesmo Presidente. Ele está habituado a pensar que em caso de guerra com uma nação estrangeira, possa aspirar à posição de maior orgulho; e está pronto para desfazer em pedaços quaisquer laços para poder defender a nação e satisfazer a própria ambição.

Quando esta guerra terminar, seja porque fim for que venha a um termo, fiquem certos de que esse milhão de homens armados, do Norte e do Sul, exigirá algo do Governo sob a forma de compensação pelos sacrifícios que fizeram e pela negligência dos seus deveres e interesses, e terem deixado o lar. Os soldados do

Norte dirão que com toda a certeza os dezanove milhões que defenderam, não terão dificuldade em encontrar-lhes uma provisão suficiente para o resto das suas vidas. Isso cumprido, os pensionistas quererão algo para fazer, e caso nenhuma saída legítima for providenciada para as suas energias, eles haverão de a encontrar por si só, e o Governo ver-se-á rodeado de dificuldades com que agora nem sonha. Maiores divisões se darão e talvez venhamos a ser levados a contactar forças de nações com que nem estamos em relações de paz.

Foi observado, e com justiça, que uma milícia enfurecida, sem nada que fazer, e destituída de um poder arbitrário que a controle, é, entre todas as coisas, a maior a recear. Napoleão compreende isso; e enquanto a sua força militar é inigualável, ainda o seu supremo controlo depende dele, e à cabeça de um exército criado na base do recrutamento e dispensado a intervalos, ele detém as rédeas com punho de fero.

Em uma República não existe salvaguarda - de uma democracia não se pode esperar uma proteção dessas; e 600 000 voluntários podiam, num momento sem aviso apresentar um desafio para as vozes e votos da sua nação, caso goze de líderes hábeis e ambiciosos; e poderemos nós dizer que não há líderes desses, e que não existe um número suficiente de homens sem escrúpulos, que se alistaram pela glória, sem consideração pela União, e que se organizariam contra o Governo se por via disso atingirem os fins egoístas que almejam? Indicaremos o comando de São Jacinto a título de exemplo da ambição que tanta vez tem sido a perdição das nações mais civilizadas, e tanta vez tem assumido o nome de sacrifício próprio?

Existirá verdadeira devoção patriota no ato que de forma tão arbitrária e desatenta põem em perigo as relações amigáveis entre duas grandes nações? Além disso existirá um patriota entre vós, ou à cabeça dos vossos exércitos que, em circunstâncias similares não aprovasse e imitasse o seu exemplo? Esta é uma questão séria, e é com toda a sinceridade e fervor que vo-la colocamos.

Esta nação tem, pois, que recear duas coisas - a insuficiência da administração da falta de concentração nas forças de governo, e o Grande Exército da União, assim que tiver passado à disponibilidade. Ante estas todas as demais questões desaparecem. A escravatura, que, afinal, só afeta diretamente quatro milhões de negros, que não têm qualquer relação com a política, cai na insignificância em comparação com esses dois enormes perigos. Cabe a todo verdadeiro estadista, amantes da sua nação e cidadãos inteligentes, quer o seu poder individual seja limitado ou expressivo, considerar bem estas questões, e direta ou indiretamente contribuir para evitar esses dois grandes perigos ameaçadores, não vão eles não venham sobre vós com uma força esmagadora.

E de facto, uma já está bem perto de acontecer, enquanto a outra os encara de frente; a primeira, na forma da real desunião (quer estejam preparados para a aceitar ou não) a outra na forma de uma avalanche de forças militares que dentro de poucos meses recairá sobre vós. A União é destruída, para nunca mais ser restaurada na sua base anterior, mas por dois expedientes; um, a conquista militar;

o outro, uma revisão da Constituição e das leis, após essa conquista ter sido alcançada. Deixamos que vocês avaliem a probabilidade desse problema.

Percebem que esta nação está a repetir a história da antiga Roma - está a desempenhar uma vez mais, com as presentes condições e ambiente, o drama da sua ascensão e declínio.

Embora o que dissemos possa não ser aceitável, é, não obstante, verdade, e nenhum inimigo estrangeiro ou doméstico é tão formidável quanto esses perigos que indicamos. Se não se protegerem contra eles, a guerra com o estrangeiro resultará da nossa interferência com os aliados pacíficos. Atualmente, o Governo é forte, o povo permanece firme e em grande medida inteligente; e a vossa salvaguarda não está na Administração - não está na Constituição, conforme agora está - não na União, fragmentada e perdida - não está no exército; mas nas mentes e propósitos das pessoas que, pelos esforços mais prudentes que exercerem e mais fortes decisões deve procurar derrotar esses males.

Tragam a público os vossos estadistas mais argutos da vida privada -coloquem nos salões da legislação os vossos mais patriotas - tais como aqueles que, nos tempos Revolucionários, buscaram, pelo compromisso, estabelecer a nação contra os seus inimigos estrangeiros, em vez de cumprir com os deveres do partido. Mas, se não existirem mais desses entre vós; caso não hajam mentes nesta geração competentes para lidar com a questão do momento, então esta nação deverá partilhar o destino das predecessoras, e ou desmoronar na anarquia generalizada, ou ver-se dividida entre uma quantidade de estados rivais, e permanecer presa de uma guerra intestinal. Deus os livre de um destino desses; mas não conseguimos ver outro resultado das causas que estão ativamente em operação.

Contudo, deixámo-los nas mãos daquele Poder que, através dos males sem conta, guia as nações e os indivíduos, e os resgata da destruição certa. Não pode existir nenhum outro refúgio para esta nação senão esse Poder que, vendo o fim desde o começo, e agindo com justiça para com todos, poderá por acaso ainda salvá-la para propósitos maiores.

O PODER DA ORAÇÃO

Um discurso proferido por Cora Richmond

Conquanto dando a entender estar sob o controlo do espírito de George Whitefield, proferiu uma palestra subordinada ao tema “O Poder da Oração” e à razão porque Deus nem sempre atende à oração, na First Society of Spiritualists, na noite passada Ela disse o seguinte:

“A oração do justo serve de muito. ”

A oração constitui o desejo sincero do coração,
Não enunciado nem expresso;

O movimento do fogo oculto
Que tremula no coração. ”

Como a religião constitui a atmosfera existente entre Deus e o homem, cuja inspiração constitui a voz que Deus dirige ao homem, também a oração é a única voz que o homem dirige a Deus, a única expressão que o espírito tem para com o Infinito; e nos momentos em que não existe voz dentro da alma que clame pelo Infinito a Deus, nesses momentos a alma encontra-se numa condição de trevas espirituais.

Não quero dizer a forma de oração, por haver semelhança de discurso humano enunciado na forma de reza e de oração a Deus que não passa do som da voz humana que a enuncia; e por haver enunciados que não levam a designação de oração, e que brotam das profundezas do divino e que levam as harpas dos anjos a estremecer e as suas feições a resplandecer de luz.

Ah! O sentido dessas vozes da alma! Quem as não terá sentido quando, sem qualquer forma de credo humano, o espírito terá parecido inteiramente a sós com o infinito; quando, em cumes de montes ou vales verdejantes, as correntes da vida se voltaram complacentes para o espírito, e Deus terá assomado aí na presença de atmosfera de verão ou das neves Alpinas? Quem não o terá sentido ao contemplar o espaço imensurável acima, repleto de estrelas, salpicado de constelações, e tudo favorável à mesma força invisível embora palpável, que as mantém nas suas órbitas e faz delas as maravilhas dos céus?

Quem o não terá sentido quando, em algum devaneio ou voo da imaginação, as asas do espírito se terão emplumado além do pensamento e do cérebro externo até aos próprios confins da eternidade, e aí, fazendo uma pausa de um instante, se terá esperado até o fervor divino acender a chama, e o espírito ter sido liberto? Quem o não terá sentido na suprema hora do sofrimento, quando o grande mundo humano foi cerrado pelo véu, pelo veto do infortúnio humano; quando nenhum amigo provado ou verdadeiro companheiro ousou penetrar no abismo insuperável da dor; quando a morte terá aberto o abismo escancarado quer da aniquilação quer da vida eterna, e a alma se queda a observar os amados, e a interrogar-se para onde eles terão ido. E é tudo menos humano aquele que não tenha orado num momento desses: “Ah, Deus, onde está o meu amado?”

Quem não o terá sentido na hora de amor supremo e felicidade em que a eternidade pareceu abrir-se-lhe ante a visão, e todas as beatitudes acorreram em catadupa sobre a mente? Inspirado por aquela paixão da existência, o coração paga o seu tributo ao Infinito e, embora tenha sido sempre egoísta e o continue a ser

para sempre, na hora do perfeito amor produz-se a oração perfeita. Quem o não terá sentido na sua forma mais insignificante, no momento do supremo temor, quando o destino parece avolumar-se sobre o espírito e o grande golfo da morte ante a visão se afeiçoa terrível, e então no grito da agonia de terror, a alma se volta em meio à tristeza para o Ser Divino em busca de socorro e auxílio, receosa ante a morte, impotente para viver, e piedosamente a suplicar por uma ajuda?

Não há oração em meio ao temor. Constitui a paixão mais básica da mente humana, e aquele que nessa hora espera conseguir acesso ao divino terá fracassado na avaliação da estatura da profundidade da sua própria cegueira. O medo é servitude, e o homem não é um escravo na presença do amor infinito. É pai e filho, e somente o amor é mensageiro entre esses dois. Quem quer que governe esse filho na terra pelo terror não é pai, e o infinito não é tão tirano que o homem não se possa voltar para Ele do lado obscuro do seu ser, à espera que a voz do temor alcance o amor infinito.

A oração é a suprema paixão da veneração; é, ainda que na forma de gratidão, a oferenda espontânea da alma em bênçãos sem as quais o homem provaria não ser imortal nem espiritual. É a atitude do espírito em grato reconhecimento não exigido por Deus, mas recebido por ser dádiva; o incenso da flor, a voz da alma que, tal como o alento e a vida, a corrente do ser que flui para todo o sempre, não pode ser suprimida. Ainda que pela gratidão, recorda todas as bênçãos, tem consciência delas, e uma oração dessas é oração consciente.

Com isto não estou a querer dizer que a divindade o requeira tal como o sol não requer o incenso da flor; porém, ao longo das noites longas e tenebrosas da experiência humana e ao longo do sofrimento que aqui rodeia o coração humano, e da noite do erro intelectual, quão esplendorosa não é essa floração imortal que brota pela primeira vez no espírito através do grato incenso da fragrância, na imagem da consagração -- como numa criança que recebe todas as bênçãos dos pais, que lhas precisam dar continuamente quer a criança se sinta grata ou não, para mais tarde se voltar com olhos lacrimosos, sorridente, com o coração a latejar e um amor grato, e dizer: “Ah, meu pai, minha mãe! Eu amo-os e abençoo-os por essas bênçãos.” Por mais bela que seja essa oferenda, ela não se compara ao amor que inunda o coração quando se acha repleto de gratidão consciente a Deus tal como o parente terreno não se compara ao infinito. Ambos são abordados pelo amor; ambos estão relacionados com a sublime atmosfera do amor; contudo, um é infinito enquanto o outro não o é.

A oração de reconhecimento, pois, constitui uma voz contínua de louvor, entoada no espírito sem o acompanhamento (ou com acompanhamento) da palavra externa, mas que inunda a vida de tal modo que os seus movimentos alteram o intelecto, comovem a alma, inundam-na de êxtase, e levam as feições a resplandecer como as dos profetas inspirados da antiguidade, ou como as imagens

vistas nas visões de anjos e santos no paraíso. A oração que solicita bênçãos - e aqui o materialista, o trocista, mergulhados na dúvida, dirão conforme terão dito um milhar de vezes antes: "Porque orar ao Deus infinito, omnipotente e todo-poderoso que conhece toda a necessidade, e por aquilo que Ele já deve saber que requeremos?"

A oração é a voz do homem para com Deus, o reconhecimento da presença de Deus dentro do espírito; é ato consciente, voluntário e perfeito de comunhão do finito com o infinito - não necessário da parte deste último, requerido da parte do anterior. Barrem as vias à vida, para que o germe não brote em direção à luz, e embora o sol possa brilhar por dez mil anos, não existirá verdura à face da terra. A semente precisa rebentar, a flor precisa desabrochar, a árvore necessita fazer brotar as suas folhas, brotos e flores, para que a frutificação possa suceder. O homem precisa pedir bênçãos do espírito, ou não haverá desenvolvimento espiritual. É o brotar voluntário das gavinhas da vida. É a corrente da vida a correr para a fonte da vitalidade, e a pedir voluntariamente por forças adicionais.

Suprimam igualmente a fonte que busca a expressão, ou a vida que corre nas veias da árvore, como suprimem o pedido de bênçãos.

O desejo sincero da alma - realço o termo 'alma' para lhes provar que aqueles que melhor compreendem o significado da oração não oram com os seus corpos unicamente, nem tão só com os seus intelectos, mas oram com a alma, pelas suas bênçãos e requisitos. Assim pois, ao ser a voz da alma, a oração só pode emanar da alma; e aquilo que emana de toda e qualquer porção mais baixa da natureza humana não é oração. A paixão, o orgulho, o ódio, a vingança, o medo, isso não mais pode entrar na composição da oração tal como não se pode dizer que as trevas façam parte da luz, ou que a discórdia seja harmonia.

Quando se ora pelo triunfo sobre os inimigos; quando buscam a vingança; quando desejam bênçãos humanas ou externas; quando pedem aquilo que reforce o orgulho; quando se deseja envolver-se em adornos externos enquanto se busca oprimir os demais -- o rei que ora pelo seu reino; o guerreiro que ora pela vitória, o imperador que pede sucesso para o seu reino -- isso não pode encontrar resposta, dado que a oração não brota da alma, mas da mente externa, e se exibe no tecido das próprias falsidades que afundam em vez de elevarem, e, à semelhança daqueles densos vapores que por vez rodeiam a terra, obscurece a mente com as trevas da paixão humana e o desejo humano.

A cupidez da ignorância do género humano levaram-no a substituir o espírito da oração pelas oferendas vocais e pelos tributos externos, os ritos sacrificiais e as cerimónias externas; e tão materiais essas orações se tornam com frequência que não deixam de obscurecer a mente com as trevas que, qual eclipse, se interpõe entre vós e a luz suprema do Ser Infinito. Ai, mas a própria oração que percebe as exigências do espírito, ou, melhor ainda, que se volta para o céu e pede que Deus possa conceder a cada dia e hora aquilo de que a mente necessita - essa é a oração que trás a bênção.

Perguntam-nos se alguma lei do universo poderá ser alterada. Poderá algum propósito do infinito ser alterado com a oração? Não existe lei do universo material, respondo eu, que não se subordine ao universo espiritual; e a preencher os interstícios da ciência e da filosofia humana existe um mais profundo e complexo plano que a oração pode alcançar.

Sim, a oração pode alterar as chamadas leis da natureza ao conduzir à atividade os poderes do espírito, e, onde necessário, alterar sabiamente e com justiça a aparente tendência da matéria grosseira e a lei material a fim de ajudar o propósito do espírito, tal como as morosas veias humanas podem ser levadas a responder ao sopro vitalizante do amor, ou medo, ou ambição ou pensamento dentro do espírito do homem; tal como a conta pode levar a perder a cor e o terror súbito obnubilar a visão; ou, a forma humana se pode transfigurar no divino, iluminada pela luz do amor; tal como fora de nós próprios podemos ser carregados pela omnipotente paixão da ingratidão, e, decidida por um tema divino a natureza egoísta ser esquecida e o anjo em nós ganhar vida e despertar.

A oração pode pôr em exercício os poderes do domínio espiritual, e levar os anjos a cantar no vosso seio, enquanto os enfadonhos coros humanos permanecem silenciosos; podem levar as vozes a louvar onde maldições enchem as bocas dos homens e, onde a ciência humana fracassa, levar os laboratórios dos céus e operar as maravilhas da presença de Deus nelas. Duvidam disso? Nesse caso as crónicas do poderoso passado não passam de fábulas. Duvidam disso? Nesse caso a palavra inspirada do profeta, poeta e filósofo de nada valem. Duvidam?

Então o testemunho de milhares de testemunhas vivas na terra e de milhões no mundo da alma de nada valerão. Duvidam? Então os registos da oração que de vez em quando surgem furtivamente na letárgica corrente da vossa literatura diária e lhes abrilhantam a corrente materialista da causa e efeito com o brilho dos céus, deve ser uma falsidade, e o cérebro humano numa era realista deve ser apreciador do romance e do fascínio ao publicar mentiras; ou a humanidade, até mesmo nesta era, está a tornar-se mais sensata espiritualmente, e volta-se das cinzas e do pó e da esterilidade do materialismo e da sua cega lei da aniquilação, para o poder do espírito, dizendo que sem ele o mecanismo do universo de nada vale.

As respostas à oração são comuns, são generalizadas tal como a oração o é; mas o poder da oração só é testado na sua eficácia, não pela escassez e pobreza de respostas mas pela pobreza do louvor, ação de graças e petição humanas.

O elemento da fé, rebaixado pelos filósofos, declaradamente desprezado pela razão humana, e sujeito ao teste crucial da investigação humana, é, não obstante, não só a única atmosfera em que a oração pode prosperar e receber uma resposta adequada, como é a única atmosfera que a mente humana pode respirar. Sem fé uns nos outros vocês não poderiam estar aqui; todo homem seria uma ameaça e um salteador, e não existiria civilização.

Sem fé uns nos outros, as atividades mais ordinárias da vida deixariam de existir, a sociedade padeceria de falta de vitalidade, a família humana seria uma impossibilidade, as relações sociais seriam obliteradas e o homem seria pior do que o bruto que ele condena e despreza como detentor unicamente de instinto ou vida animal. A fé é a substância da confiança espiritual que o homem tem no seu semelhante, o único elemento com base no qual o tecido social é construído; é o reconhecimento mútuo das qualidades inatas da humanidade que leva a vida social, moral e espiritual a desenvolver-se no vosso seio na forma do que é conhecido como civilização humana.

Sem fé, irmão e irmã seriam inimigos mortais. Sem fé toda a relação humana seria impossível, e somente as necessidades da vida animal no homem seriam consideradas conforme são na criação bruta. A fé no homem, a despeito dos erros, da injustiça, dos enganos, e da falsidade do homem, é milagre de tal modo maravilhoso que, levados a confrontá-lo cara a cara, quem poderá recusar a fé no Bem Infinito que não é nem enganador nem ambicioso nem egoísta, nem vaidoso, nem se mostra repleto de paixão?

Eu digo que a fé no homem é aquele milagre da vida humana que é tal que possibilita todas as outras formas de fé. Como a fé não é nem cega nem surda, nem estúpida, mas é oral e dotada de todos os atributos da alma humana, também quanto mais fé a humanidade tem em si própria, maior será a exaltação, mais imponente será a civilização, e maior a cidadela do progresso humano. Como a fé é a voz e o hino da alma, entoada nos cantos da liberdade de todas as eras, tornada gloriosa na palavra inspirada de todo estadista e professor e esplendorosa nos fogos da profecia, também a fé no derradeiro e ilimitado bem é a única esperança do mundo.

Sem ela as asas do génio seriam como trevas; Érebo haveria de engolir o pensamento humano e a noite do terror haveria de prender a humanidade que, cega, surda e estúpida cairia na aniquilação sem consideração pelo progresso eterno do homem. Mas como a fé é o elemento natural da comunhão do homem com o seu semelhante, também consiste no único elemento da comunhão do homem com Deus, e nas suas asas, a todas as alturas possíveis da bênção pode o homem elevar-se. Fé no bem absoluto; fé na sabedoria divina; fé no perfeito reino espiritual da existência, é a única coisa que é necessária.

À medida que a ciência ergue as suas torres de fé sobre a magnificente estrutura do universo material, também sobre o tecido espiritual durante milhares de anos o espírito do homem ergue os seus postos de vigia da fé no espírito. E como eles brilham e resplandecem quando ele se detém em meio às atividades materiais para fixar as estrelas que se situam no firmamento dos céus espirituais, e também ele se torna, como elas, esplendoroso, radiante, transfigurado!

Fé! Não me venham falar de fé e de cegueira da mente e da alma. Ela é a única janela que dá para o céu onde a ave canora da oração pode avançar e receber a mensagem do divino; e conforme os raios do sol ao longo dos longos panoramas do passado, ao sondou as trevas da terra, e ateou cada átomo que encontrou com a

floração futura que há de adornar o lírio e a rosa; como os raios do sol dos mais antigos altares da criação sondaram as trevas do tempo, e iluminaram cada átomo da terra até que cada um a brilhar com algo da sua radiância, tenha ficado guardado em cavernas até que as suas joias sejam descobertas, também por entre a noite que cobre a terra, pela ignorância que cobre as perspetivas escuras do pensamento humano, a luz do infinito se alojou nas tesourarias do espírito, para surgir de novo assim que que o amor infinito vier a golpear o átomo que já tiver acendido com a sua luz e fé, e o levar a adornar a terra com a sua beleza.

Sim, "Pedi, e recebereis"; por não haver suficiente poder de receção até que peçam. Todas as bênçãos espirituais são bênçãos conscientes. Elas não vêm até vós como o sono ou o alimento, nem como as vestes acodem à criança. Elas não são bênçãos até que sejam percebidas por vós como tal. E para as perceberem precisam gerar atividade; precisam ir ao encontro delas, precisam cultivar-se, crescer no seu sentido, precisam emplumar as vossas asas para voarem pela camada de ar mais alta para as receberem; elas aguardam-nos; elas não precisam ser criadas; Deus não as restringe nem as retém; vocês não as poderão obter até que estejam recetivos à sua influência e presença, pelo que o pedir constitui o "sincero desejo da alma."

Mas porque é que, perguntarão vocês, as orações que tanta vez assumem a forma de bênçãos materiais, encontram uma resposta miraculosa? Para mostrar ao homem o poder que o espírito tem sobre a matéria; pois que se as orações forem somente atendidas ao espírito, então aqueles que ainda se encontram espiritualmente cegos

não terão alfabeto nenhum por meio do qual tracem o caminho que trilham às apalpadelas na página que ainda está por iluminar. Mas a oração e a sua resposta por alguma via material, à semelhança dos milagres, da cura dos doentes, ou à semelhança da alimentação daqueles que estão na pobreza e pedem pão - esse tipo de resposta leva os sentidos materiais do homem a sentir a sua presença, e serve para mostrar à mente aquilo que o espírito já percebe, e, para que não seja considerada regra que as bênçãos materiais sempre sejam legadas dessa forma, o próprio portal é barrado nisso para que, a menos que a alma se encontre na devida condição não pode haver uma resposta para a oração material em absoluto. Por isso, aqueles que oram, ou pensam que oram exclusivamente por bênçãos materiais, não encontram resposta às suas orações.

Recentemente, em meio a um grande sofrimento, quando o Presidente da vossa nação se encontrava às portas da morte, os Governadores dos Estados e líderes do povo designaram determinados dias a dedicar à oração pela recuperação do Presidente. Terão esses dias sido de oração? Terá reinado uma simpatia sincera pelo sofrimento do homem; terá reinado uma simpatia sincera pela família; a nação iria sentir a falta do seu líder executivo; porém a oração é acompanhada pela fé, e quem, em meio a esta nação, terá havido que tenha dito aos homens de ciência: "Vão-se! A matéria médica fez o melhor que podia - ou o pior. Deixem-no nas mãos de Deus. " Tivesse tal moção sido feita e toda a nação se teria erguido

contra a sua própria oração. Será essa a fé que move montanhas? Será essa a luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo? Quando pedem por coisas espirituais busquem-nas espiritualmente; e se Deus quiser recuperar para uma nação de descrentes um homem que não vale mais aos olhos do céu do que todos os demais, apenas por a nação optar por dizer que ora, então todas as vozes que se erguem pelas bênçãos materiais poderão ser levadas na conta de orações.

Não; vão para o vosso aposento, que é a câmara secreta da vossa alma, fechem a porta, o que significa barrem toda a consideração material e externa, e orem ao vosso Pai

QUE ESTÁ NO SECRETO. Se erigirem uma oração, haverá resposta à oração; sem querermos desacreditar a sinceridade daqueles que habitualmente pensam que oram, e sem de forma alguma depreciarmos a veneração que brota das bocas e do cérebro, em vez do coração, da multidão equivocada, eu dir-lhes-ia a todos: NÃO SE ILUDAM QUANTO À NATUREZA DA ORAÇÃO. LEMBREM-SE DE QUE, SE FOR BUSCADO COM

SINCERIDADE EM ESPÍRITO UM FAVOR ESPIRITUAL DEVE ENCONTRAR UMA RESPOSTA TÃO LEGÍTIMA COMO SE, LANÇANDO À TERRA A SEMENTE SOBRE A QUAL A CHUVA E O SOL VENHAM A CAIR, ISSO DEVA INEVITAVELMENTE SER SEGUIDO DE UMA COLHEITA.

Mas o homem espera semear materialmente e colher espiritualmente; espera semear joio e colher as rosas da vida imortal; pensa que os espinhos e as sarças no deserto da sua natureza material venham a formar a semente adequada para o jardim do reino de Deus. Ele está enganado. O pó pode orar ao pó, mas o espírito precisa orar a Deus; mas a natureza viva para a consciência desse Deus só orará por aquela vida e aquela libertação que na sabedoria do infinito forem mais sábias, e mais se adaptem às necessidades da humanidade.

AH! SAIBAM QUE NA HORA DA ORAÇÃO SÃO BAPTIZADOS NO ESPÍRITO, ENTRAM NOUTRA PORÇÃO DIFERENTE DO VOSSO SER; SÃO BANHADOS COM A INFLUÊNCIA DE UM ESTADO SUPERIOR. Os

anjos auxiliares são os instrumentos da resposta às vossas orações, e os espíritos guardiães apontados pelo poder do amor infinito velam por vós para receber as vossas súplicas. Quão carentes deverão as suas mãos estar de louvores; quão poucas deverão ser as petições da alma que se elevam diariamente, vocês poderão apurar quando eu lhes disser que já vi espíritos guardiães a velar dia e noite e muitas semanas à beira dos portais do coração do homem por um pensamento altruísta.

Quão poucas são as orações que alcançam os corredores e as alas do céu, embora entoados por múltiplas vozes, vocês poderão apurar quando eu disser que os anjos passam de um lado para o outro, sem levarem nada nas mãos com que contribuam para as belezas da vida imortal ou para o templo do espírito, salvo as lágrimas silenciosas que o amor altruísta pode verter e aquelas aspirações que despertam dos corações humanos que vós habitualmente desprezais.

Nos locais mais baixos e nas vielas escuras da terra, onde a luz material não entra, e nas celas e masmorras onde nenhuma petição alguma vez encontra voz ou resposta, aí, a alma desprovida de todo o socorro externo, encontra tempo para

orar. No meio da vossa alegria, quando reinam a alegria e a beleza por toda a parte, quando a prosperidade é eminente e a cheia abundante do poder do homem leva a terra a florir como um jardim sob a mão do homem que tudo cultiva, não se esqueçam de que no espírito poderão haver sarças e joio que só aguardam que a voz mais fervorosa da oração seja transformada em florações de vida perpétua.

Creio que me fiz entender. Não é a razão humana - embora não lhe negue a sua função - de que falo esta noite. A ORAÇÃO É TÃO INEFÁVEL E INDEFINÍVEL QUANTO O ODOR DE UMA FLOR, O INCENSO DAQUELE CORAÇÃO QUE ESTÁ REPLETO DA FRAGRÂNCIA DO AMOR. Mas

não confundam a vossa razão com o vosso espírito, nem confundam a voz do intelecto material, que só pode abrir caminho por via de julgamentos materiais, com aquela voz interior que afinal se apega a vós e brada em voz alta para sempre com a voz do espírito: "EU DOU-TE GRAÇAS, Ó MEU DEUS, POR TODAS AS BÊNÇÃOS E POR TODO OS DONS, MAS SOBRETUDO DOU-TE GRAÇAS PELO DOM DA ORAÇÃO. "

O TERRAMOTO DE JAVA* E OUTROS DESASTRES VISTOS DE UM PERSPECTIVA ESPIRITUAL

*Que possivelmente ocorreu a 10-06-1867

A Sr. ª Cora L. V. Richmond proferiu a sua segunda palestra na noite de Domingo, 23 de Setembro, em Denver, Colorado, ante uma audiência que lotou por completo a Academia de Música. De um relato publicado no Denver Republican ficamos a saber que em resposta à pergunta feita: "Pode descrever-nos de alguma forma a condição com que os espíritos se deparam imediatamente ao entrarem no mundo dos espíritos na decorrência de convulsões de águas tais como a que ocorreu recentemente em Java e nas ilhas adjacentes? Diga-nos, se puder, que provisão, se é que alguma é tomada, é deliberada no sentido de os receber," a senhora Richmond disse:

A entrada na vida espiritual de todos quantos se acham despreparados para partir precisa ser tratada com muita surpresa. Precisam recordar que, para compreenderem apropriadamente este tema precisam a prender a distinguir entre o universo material e o espiritual. Quando a morte é alcançada por causas naturais é chamada morte natural. Uma morte não natural é resultante de um acidente. O domínio da vida humana é deixado à beneficência d'Aquele que controla todos os destinos; mas temos uma propensão demasiado acentuada para julgar as coisas de uma perspetiva terrena.

A mudança provocada pela morte é encarada por muitos com temor, mas na realidade constitui o grande passo que se segue na vida. Certos espíritos estão preparados para o evento, outros não. Para aqueles que com efeito compreendem a vida espiritual as convulsões de um terramoto não causam maior terror do que

uma morte na paz do leito tranquilo. Na vida, tais eventos terríveis são chamados de desastres, porém, na terra dos espíritos são considerados uma bênção. Se os peregrinos que deixarem as suas terras nativas para ir para costas distantes para fugirem às leis rigorosas são acolhidos pelos amigos que partiram antes deles, com quanto mais prazer e alegria não serão os espíritos que foram subitamente lançados numa outra existência recebidos pelos amigos na terra do espírito? Na vida nada pode ser apagado. A substância não pode ser destruída.

Com a morte e a decadência é continuamente construída uma civilização superior. A revelação prega que para todo o desastre há uma solução moral no mundo do espírito. O homem não é encostado à parede sem um meio de escape. Tal como o nascimento de uma criança é proclamado com júbilo, também o nosso nascimento na vida do espírito. Os espíritos auxiliares apercebem-se das grandes dores da natureza e das suas grandes convulsões e, pairando sobre os cenários de morte e de destruição, acolhem os espíritos dos falecidos com tanta ternura quanto uma mãe acolhe o próprio filho ou filha. No céu não existem desastres. As causas de todos os acontecimentos são conhecidas. São por vezes conhecidas até nesta vida por via da intuição. Os espíritos que são repentinamente lançados para o outro mundo passam por uma variedade de experiências.

Permitam que o ilustre do seguinte modo: Suponham que alguém se pusesse aos gritos: “Fogo”; alguém da audiência haveria de se pôr aos berros enquanto outros de se lançar num tumulto e as vidas de muitos haveriam de ser pisadas pela turba em fuga. Em meio a todo esse tumulto e comoção alguns haveriam de se manter calmos; a sua condição não só seria a mais segura como eles haveriam de ser os menos alarmados se fossem chamados a experimentar as realidades do mundo do espírito. Aqueles que receiam a morte não estão preparados para uma entrada no mundo do espírito. Eles hão de ficar assombrados e aturdidos, tal como alguém que acorda de um sono.

No momento em que expiramos, a vida terrena que cada um de nós viveu passa-nos diante dos olhos. Essa é a experiência válida com respeito ao terramoto de Java. O mundo dos espíritos não dista mais de Java do que daqui. Antes desses indivíduos confrontarem a sua desgraça a terra dos espíritos foi preparada para os acolher. Os espíritos pairaram sobre eles que nem anjos da misericórdia, e quando os espíritos dos mortais aterrados são libertados dão por si na presença daqueles que os aguardam continuamente; aqueles que são empregues no serviço de sinalização do amor de Deus.

O indivíduo que se encontra preparado entra na vida do espírito com um choque, porém, o esmo não se pode dizer do que se sente aterrado. Há espíritos designados para observar os navios em meio às tempestades; outros são designados para velar pelas nações; outros ainda, para pairar sobre os cenários de desolação onde a doença e a pestilência se mostrarem mais intensas e onde milhares se vêm engolfados pelas convulsões da natureza; e

esses espíritos guardiães acolhem e cuidam de todos quantos nessas alturas, de cenários de conflito humano entram no mundo invisível.

O ESPIRITUALISMO FILOSOFADO

Os gabinetes do Sr. J. Way, na Nevada Ave., estiveram na noite de quinta-feira sobrelotados por aqueles que se reuniram para escutar a Sr. ª Cora Richmond. Preciso não será dizer que todos ficaram profundamente impressionados pelo intelecto que se impõe, aguda perspicácia e seleta dicção e a aparentemente ilimitada profusão de metáforas e de ilustrações que mostrou possuir essa notável mulher.

Para aqueles que têm a crença do Espiritualista essas eloquentes pesquisas (disquisições) chegam como uma revelação; para outros são não menos maravilhosas que o expoente da fenomenal capacidade intelectual e um poder ímpar de improviso.

Após a entrada da Sr. ª Richmond, que se sentou à sua mesa coberta das flores mais seletas, foi entoado um hino e, após uma invocação, foi anunciado que a médium tinha passado ao estado de transe por ação do espírito. Todos foram convidados a participar e a formular questões relativas à natureza e condição espiritual do homem neste mundo e no seguinte, questões essas que surgiram rapidamente e se revestiam de um carácter inquiridor. Duas horas foram gastas em perguntas e respostas - uma brilhante exibição de pirotecnia do pensamento que deixou a mente não acostumada a rivalizar com as glórias invisíveis deslumbrada com a intensidade.

A Sr. ª Richmond é uma Hipátia dos tempos modernos. Conforme a bela Grega desfiava diante da maravilhada Alexandria o brilhante esquema do Neoplatonismo, também a Sr. ª Richmond amplia uma bela teoria da vida progressiva e da nobre realização praticamente inviolada pela interrupção da morte. Ela aplica a esta filosofia uma eloquência que não vacila ante uma palavra ou um sorriso e abre todo um amplo horizonte ao pensamento especulativo. Tais diálogos constituem o desespero do repórter, ao passarem, como fazem, de um domínio do pensamento para outro sem o auxílio da estenografia só poder esperar reproduzir umas quantas ideias sugestivas desprovidas da eloquência que as animava.

Foi perguntado se uma criança que se encontre às portas da morte que seja levada para a ida espiritual terá a perder ou a ganhar com tal transição. Foi-lhe respondido que o Infinito ordenou que tal seleção seja feita com sensatez, e que aqueles que passaram para o plano espiritual além da morte sairiam beneficiados com isso. Se fosse perguntado àquele que está a morrer, sem dúvida que ele elegeria viver aqui para sempre, e se perguntassem aos amigos, cujo amor desvairado detêm parentes e filhos aqui e os impedem de ir para o invisível,

nenhum haveria de morrer. Foi parte do plano universal, ordenado por uma sabedoria que excede a nossa vista. Em resposta à continuidade do tema, ao interrogar acerca da esfera em que se entra, do mundo que há de vir, foi respondido que isso dependia inteiramente da condição da pessoa. Ela entra no mundo que se segue onde tiver ficado neste. Aquele que não tiver descoberto aqui, precisará aprender lá. Na justa proporção do desenvolvimento que tiver obtido aqui, também encontrará exaltação lá.

Se entrar na vida do espírito envolto num denso envoltório de ignorância ele ver-se-á impedido até que a débil vida dentro dele o levar a rompa e avance para novos planos. O progresso e desenvolvimento - essas são palavras-chave da vida no espírito.

"Existirá no mundo do espírito o laço familiar?"

"Sem dúvida. Neste mundo não serão todas as coisas organizadas me grupo - será provável que isso seja alterado lá? Porém, aqueles laços baseados unicamente no interesse próprio, aqueles que não estão ligados pela comunhão espiritual, serão lá dissolvidos; por outro lado, serão ainda mais unidos aqueles que tiverem afinidade espiritual, quando as barreiras terrestres da matéria e da imperfeição forem aniquiladas."

"Terá o Espiritualismo tido Cristo na conta de um Salvador?"

"Para todas as eras e climas foi enviado um Salvador; a revelação que fez da verdade e a valorização com que eles dela a acatam, representam a salvação. Aos Hindus foi enviado o Buda; aos Persas, Zoroastro; supõe-se que cinco desses Messias tenham aparecido e que antes que o tempo termine tenham surgido doze - os doze frutos da árvore da vida para a cura das nações. Cristo, como o último, constitui a mais elevada manifestação da salvação que o mundo pode ver. Os espíritos na prisão para os quais ele pregou eram os antigos mortos dos Judeus, do seu próprio povo, e não os mortos dos Persas nem dos Brâmanes. Cristo em lugar algum chama a si próprio mediador nem intercessor. Deus não carece de mediador - é pobre, fraco, insignificante aquele que o requer a seu lado."

"Que mandamento nos dirigirá o Espiritualismo?"

"Um novo mandamentos vos dou, que vos ameis uns aos outros."

"Nesse caso, o Espiritualismo constitui um Cristianismo esclarecido, não?"

"O Espiritualismo constitui um facto e não um credo Este facto de poderem estabelecer comunhão com os que partiram constitui uma grande esperança e conforto que está em harmonia com toda a teologia. Tem espaço para todos os

credos. Não se acha limitado por dogmas papais nem cânones da igreja A luz do sol é universal, embora cada um a encare pelo próprio buraco de fechadura."

"Deverá Maomé ser encarado como um dos Messias de que fala?"

"Não. Onde quer que a religião do Islão tenha penetrado foi para rebaixar os milhões dos seus adeptos, em vez de os elevar. Por isso, a julgar pelos seus resultados, Maomé não passa do profeta de um céu que o homem projeta a partir da parte mais grosseira da sua natureza; sensual, terrena.

"Com respeito à salvação final da humanidade foi dito que, como nenhuma estrela podia atingir a extinção, de facto nem um átomo da matéria deixa o seu espaço vazio sem causar uma perturbação de toda a economia do universo, também nenhuma alma pode ser aniquilada; e como a vida do espírito é progressão a vida da alma torna-se mais abençoada à medida que a alma se eleva à compreensão da verdade e da bondade, conhecimento esse de que eventualmente todas as almas desfrutarão."

Ao ser colocada a questão de saber se a valorização das coisas espirituais desgasta o corpo temporal de modo a que a visão espiritual se torne mais clara por meio da deterioração física, foi respondido que tal não era necessariamente o caso. Quando um homem que está a morrer se mostra queixoso e dominado pela dor as suas expressões e experiências não são lembradas; unicamente a alma corajosa que imprime a sua fé e coragem naqueles que a rodeiam; e com isso na lembrança, aperfeiçoados pelo sofrimento, somos naturalmente conduzidos a crer que as almas mais fortes se acham envoltas nos templos mais débeis. Mas a vida espiritual deveria essencialmente acelerar o corpo. A matéria é morte; o espírito é vida; sendo isso uma verdade, é mais forte o que tiver propensão para o espírito.

O homem, sob a influência de uma ideia absorvente, como o patriotismo e a piedade, possui energias sobre-humanas. É o espírito que tem tornado os mártires insensíveis às torturas e às chamas.

"Dê-nos a definição de responsabilidade pessoal."

"A responsabilidade pessoal, conforme a teologia a considera, não é reconhecida pelo credo Espiritualista. A cada dia o homem depara-se com o bem e o mal; a cada dia ele define a sua escolha. Nenhuma escolha dessas é derradeira. À medida que ele se desenvolve espiritualmente o poder de discriminação dele torna-se mais forte e eventualmente ele fará do bem sua escolha constante. As iluminações especiais, como aquelas da consciência poderão alcançar alguém que não seja perfeito nesses termos, pelo que ele faça uma escolha válida; mas ninguém está o tempo todo em bicos de pés; e geralmente a decisão é feita, certa ou errada, na proporção do avanço espiritual daquele que a estabelece."

"Qual será a vida dos espíritos no mundo que se segue?"

"Muito dela inicialmente é passada no ato de desaprender o que é aqui aprendido. A conceção terrena que o homem tem do céu é uma conceção egoísta. Ele faz-se bom por causa da esperança que tem em alcançá-lo; leva uma vida digna para poder alcançar um lugar elevado. Ele faz comércio em prol do seu céu, mas lá ele aprende que precisa ser bom me função da bondade, e verdadeiros em função da verdade. Os milionários espirituais são habitualmente os pobres deste mundo em coisas materiais."

Após entoar um cântico, a moça espiritual Ouina foi anunciada, e foram compostos versos com respeito a um número seleto da audiência, de um carácter que descrevia a sua natureza espiritual. Em conclusão, ao sugerirem o tema da "Dúvida" por alguém na audiência, foi composto um poema muito profundo e cheio de graça foi feito de improviso.

O FECHO DO PERIÉLIO DE 1883
QUE COISA PRESSAGIARÁ ELE?

UM DISCURSO PROFERIDO POR VIA DA MEDIUNIDADE DE TRANSE DA SR. ª CORA RICHMOND ANTE A FIRST SOCIETY OF SPIRITUALISTS DE CHICAGO, ILLINOIS, NA NOITE DE DOMINGO, 4 DE JANEIRO DE 1885

"Todo desastre impiedoso

É seguido logo e mais rapidamente. "
Edgar Alan Poe

Este par de versículos do poeta, por mais triste que pareça, assemelha-se ao refrão dos últimos seis anos, e aqueles que aqui estão a escutar a voz da oradora

recordar-se-ão bem de como no começo do que é conhecido como Periélio, aqueles desastres que incluem terramotos, tempestades, guerras, dificuldades entre os políticos, a morte de um Imperador, pelejas entre estadistas, e de facto a condição perturbadora relacionada com toda a fase da vida humana, foram preditos por nós através desta médium; e que nem uma porção dessa predição foi exagerada, ou sequer igualado na concretização conforme efetivamente veio a ocorrer na vida material.

Poderá ser recordado que os seis anos que acabaram justo de passar foram anos carregados de mais desastres ocorridos em terra e mar, de maiores e diferentes tipos de acidentes, de maiores enfermidades mortais que se manifestaram entre todas as gradações de pessoas e classes da sociedade que não eram propensas, ou não se sabia serem propensas ao crime, do que qualquer período similar da

história humana. Poderá ser recordado que o ano de 1881*, que constitui o clímax astronómico assim como um ano do Periélio, produziu combinações singulares de desastres em todas as partes do mundo; que 1883 produziu mais desastres nos mares do que alguma vez foi conhecido, de acordo com as estatísticas, em qualquer ano desde que a navegação teve início; e que o ano que passou não esteve livre de todos os tipos de acidentes, como vocês que fecharam o calendário do ano, agora no começo deste ano, podem bem atestar. Não só pareceu ser verdade que essas ocorrências começariam no período indicado, como um pouco antes dele.

*NT: Ano em que, em Abril, as águas do Mississípi galgaram as margens e provocaram cheias em diversos Estados, e as do Missouri em Yankton no Dacota do Sul.

Parecem dar-se vagas e o culminar de acidentes de todos os tipos. Foi então afirmado que nos tempos e locais mais inesperados incidentes e acidentes desses ocorreriam, aparentemente para não ser explicados por nenhumas leis humanas externas. Todos os apetrechos mecânicos e invenções destinados a impedi-lo, todo o engenho humano pareceram ter-se gasto, e ninguém poderia possivelmente prever por nenhum dos métodos e utensílios usuais da ciência nenhum desses singulares incidentes.

Também terão presente que, em especial no período de um ano acidentes de caminhos-de-ferro pareceram estar em ascendente, num outro ano no mar, num outro ainda, aquilo que acabou de suceder, fases singulares do crime humano, tragédias domésticas em famílias que antes eram pacíficas, entre as mulheres que geralmente tinham receio de todas as armas mortíferas, por efeito de monomanias (delírios) singulares e insanidade de vários tipos que produzem resultados dos mais terríveis.

Os vossos jornais têm andado tão cheios de relatos desses que os sensitivos deixaram de ler as notícias; muitas delas foram impedidas de chegar às redações noticiosas dos periódicos para que alguns desses relatos horrendos não fossem publicados.

Claro que existem as explicações do costume sobre eventos inerentes à vida humana, mas até mesmo hoje nos dirigiram a questão: “Como é que em meio à fartura e a uma ceifa abundante por todo o mundo, se verifica tal letargia e estagnação nos negócios?” A mamona foi pelo menos alcançada; o estrato mais baixo da existência humana foi comovido por esse poder penetrante e potente do Periélio. Vocês podem esperar que esteja no fim; que, quando a mamona é alcançada, isso indique os mais baixos índices das profundezas. Toda a condição, desde a mais elevada ao mais baixo ponto da existência humana tem que ser perturbado; o poder do ouro é o último a ceder a sua força desigual no mundo. O universo de sois e de estrelas pode ter sido quase apagado antes que esta expressão final do Periélio chamasse a atenção da mente humana.

Ao chamarmos a vossa atenção para desastres desses, não é nossa intenção levar a que temas tristes devam ser periódica e repetidamente trazidos à vossa mente, mas para lhes mostrar que em meio a todas as ocorrências habituais da existência humana, esta, assim como outras influências mais subtis, tem estado igualmente

em operação; por na vida humana existir um indicador de ciclos maiores do que a mera passagem dos dias, semanas, meses e anos sobre a terra; E como é sabido que esse Periélio tem sido o mais importante entre centenas de anos, também vem singularmente acompanhado do ano que em astrologia, em astronomia, na tradição Egípcia, com tudo quanto está relacionado com a história do passado, está ligado aos números cabalísticos e ao simbolismo do ano de 1881 que representou o culminar ou a pedra chave neste período ou ciclo do tempo.

É facto dos mais notáveis e singulares que durante todos estes anos do Periélio toda a paixão humana pareça ter sofrido uma intensificação, tudo quanto sucedeu tenha ocorrido da forma mais exagerada; não se tem verificado moderação alguma. Até mesmo nos casos em que geralmente parece haver maior tendência para o crime, a natureza criminosa foi intensificada, e noutros casos as partes foram tomadas por uma espécie de frenesi, ou agiram sob algum poder, não de qualquer laço de família nem hereditariedade mas por parecer unicamente que a vontade tenha tendência para a máxima expressão da violência. Consequentemente verificaram-se grandes agitações sociais, enormes perturbações nas vidas das pessoas, crimes mais significativos sobre o mar e sobre a terra.

Certamente que, quando se recordam do assassinato do Czar da Rússia e de como foi indicado (até mesmo predito) e se lembram de como o presente Czar não se pode afastar nem uma polegada do seu local de repouso, ou antes, não consegue descansar, não se pode sentar no trono sem a guarda de porventura milhares de homens; quando se lembram de não existir cabeça coroada em nenhum dos países da Europa onde o seu detentor não receie o assassinato antes do amanhecer, e de como não existe tranquilidade em parte nenhuma, nem mesmo nesta célebre ilha da liberdade e da paz que a vossa própria República, quando de facto nem sequer sabem o que pode acontecer amanhã que venha a espalhar tumulto e confusão pela vossa comunidade; não devido à tirania de reis nem à opressão intencional das pessoas mas por causa daquelas circunstâncias dos costumes comerciais opressivos que tomam as feições de uma crueldade implacável, que deixam milhares de homens sem emprego nas vossas cidades prósperas.

Quando se lembram disso, e que antes que o amanhã chegue podem acordar com o ruído da confusão, e de como esta ocasião delicada pode acender a tocha de amplos fogos incendiários, devem ter consciência de ter estado em operação algo de invulgar.

À medida que a chama trêmula final da lamparina se apaga; à medida que o último estrondo de trovão em meio à tempestade de verão por vezes se afeiçoa como o mais estrondoso; à medida que a força acumulativa de muitos acontecimentos pode tornar o evento de última hora o mais severo; como cada um de vós nas vossas próprias vidas deverá ter sentido que o golpe final é mais severo, que deixaram que os erros aumentassem e se acumulassem dia-a-dia, semana após semana, até por fim se expressassem por mote próprio numa batalha final e na subversão, também os efeitos do Periélio começaram aparentemente pelo aumento ligeiro de pequenas correntes da debilidade humana, os perigos da existência humana que já aqui se encontravam, e gradualmente se acumularam, acrescentando mais a cada ano até alcançarem o culminar, a sua expressão mais violenta neste que é o ano do fecho das influências do Periélio.

De acordo com as leis do reflexo planetário vocês haveriam de sentir mais essa influência por altura do fecho do Periélio do que em meio ao seu ponto mais alto no ano de 1881. De acordo com as influências da Astrologia vocês haveriam de sentir a influência planetária não na altura em que a vibração da luz os atinge, por isso dever levar muitos anos, mas perto do momento em que o Periélio de cada planeta ocorre; pelo que o natural acúmulo de influências, dotadas de vibrações adicionais, agora estarão no seu auge sobre a terra. Se, consoante foi dito antes, a tempestade pode estar no seu apogeu, e a sua fúria quase extinta, ainda assim os momentos finais são os mais temíveis. Assim este ano vai assomar carregado de enormes perigos e de adversidades de toda a ordem, em particular daquelas que afetam a vida humana, e de toda a diversidade de acontecimentos perniciosos, à semelhança dos anos anteriores do Periélio.

Não lhes dizemos isto para os alarmarmos; não lhes revelamos isto para lhes provocar nenhum entusiasmo fictício, mas como um facto, simplesmente. O ano em que estão a entrar dará isso com provado. Já estão a ser avisados da aproximação de um flagelo; a onda que está a varrer toda a Europa, em especial a França, a Itália e numa porção da Espanha, que provavelmente, de acordo com as leis naturais da expressão humana e da contiguidade humana, virá a atingir as vossas costas, mas de certeza as de Espanha, no ano que vem. Se essa doença, tão pavorosa e tão perigosa, principalmente na imaginação do homem, possui a mesma expressão nas vossas cidades que alcança naquelas cidades por onde se espalhou com tanta fúria, longe de onde parece ter tido a sua origem, certamente que tornará o fecho do ano do Periélio memorável na vossa história.

Não só é isto verdade, que estão a entrar no ano de 1885 sob a debilitante influência de todos os anos antecedentes de desastres, como vocês não sabem como nem onde ela venha a atingi-los; se virá a ser a boca a bocejar fogo do terramoto, ou se em terras distantes erupções vulcânicas virão a destruir cidades pacíficas; se inundações ou incêndios ou a revolução trarão o tumulto a lugares ermos, ninguém o pode prever na terra.

Contudo, tudo isso, e mais, com toda a probabilidade virá a ocorrer, dado que cada um desses elementos foi perturbado; dado que todas as forças reprimidas da natureza foram mobilizadas, e, quais bestas selvagens se soltam dos seus covis, cada qual a impelir a outra; também com os elementos parece dar-se uma luta final entre si, neste que é o ano do fecho, a ver qual sairá vitorioso, mas em que todos se destruirão mutuamente.

Nenhuma dessas coisas terá lugar ao mesmo tempo na terra; assim que uma ocorrer, poderão ter esquecido por momentos o que terá ocorrido recentemente; mas quando o ano chegar ao fim, e elas forem contabilizadas, verão não só que esses agentes entusiasmantes e peculiares se manifestaram mais, como perturbaram e afetaram o maior número durante este ano entre qualquer ou mesmo todos os seus predecessores.

Ainda assim, conforme foi referido anteriormente, não é necessariamente verdade que os planetas em si mesmos sejam a causa disso, ou que algum planeta particular seja pernicioso na influência que exerce sobre a terra; mas é por esses planetas na fase de Periélio extraírem da superfície do sol força magnética e poder elétrico em maiores proporções do que o habitual, pelo que os raios do sol que alcançam a

terra nesta altura em que o vosso planeta não se encontra no Periélio, não constam de uma energia e uma força plena e vitalizante quanto até aqui, em consequência do que o lado negativo da existência tem maior oportunidade de expressão. Que tais poderes existem na terra, e que precisam obter expressão, que o pensamento e o intelecto precisam corresponder na justa medida, sem o que a natureza espiritual do homem fica entorpecida e nas trevas, deve igualmente ser bem verdade, pois não existe nada no universo físico que não acompanhe, num sentido mais amplo, o ritmo da expressão espiritual no universo e no desenvolvimento aqui. A terra mantém o ritmo assim enquanto esses planetas têm vindo a receber luz e vida adicional do sol, e a dar expressão aos mais altos atributos e a um maior poder incandescente.

Aquilo que pare eles poderá representar o Período do milénio, para vós precisará obrigatoriamente representar o período das sombras e das trevas, de atravessar a tempestade, da falta de uma certa luz, da falta de orientação pela mesma confluência de radiância espiritual e material que esses outros planetas possuem. Conforme virão a perceber, deve corresponder ao tempo de inverno (para falar metaforicamente) na terra, enquanto faz tempo de verão naqueles planetas que se encontram no Periélio.

Vós encontrais-nos na onda descendente com respeito a este Periélio. Os planetas maiores encontram-se na ascendente. Eles conquistaram e triunfaram, atingiram um período qualquer de culminância de grandeza, de uma grandiosa e surpreendente arte, de expressão, de um desenvolvimento maior nas fases da sua própria vida planetária, que haveriam de deixar as vossas mentes estupefactas e maravilhadas. Tempo virá em que a terra partilhará dessa glória; em que o inverno da dúvida e incerteza, mudança e obscuridade, liberta dos elementos envolventes de natureza destrutiva que os rodeiam e toda a perturbação por mar e terra, pelo nivelamento de reinos, derrube de tronos, queda de impérios, o desenraizamento dos esclavagismos e egoísmos humanos, também virá até vós uma aurora de paz.

Mas como poderia o período do milénio ter lugar na terra? Como poderiam vocês receber dos raios de sol uma glória adicional sob a presente condição do desenvolvimento humano, antes da terra alcançar esse apogeu espiritual em larga medida, essa magnitude e esplendor, dado que agora por vezes a luz se afigura demasiado brilhante, por brilhar sobre uma humanidade que atualmente encena a tirania e atos egoístas de poder - uma vez que agora o sol se pode sentir quase envergonhado de brilhar sobre os pensamentos que os homens alimentam uns para com os outros, onde o orgulho, o egoísmo, a corrupção se mantêm a par e se amontoam na luz que tem sido e ainda é vossa naquele outro reino da alma?

A terra é o cronómetro do progresso da expressão das almas dos homens, a terra indica o vosso estado espiritual no desenvolvimento de toda a família humana.

Vocês podem acompanhar e conhecer o estado espiritual que aqui é expressado pelas mudanças práticas que se operam ao vosso redor, e se a vossa presença física pode alterar as condições deste aposento, também a vossa presença moral e espiritual podem alterar as condições uns dos outros, e essas podem vibrar na atmosfera ao redor até que a tempestade, terramoto e tornado sejam os resultados. Nem todos os desastres devem ser relegados aos planetas distantes somente, mas são o resultado direto das vossas paixões, os fogos reprimidos da inveja humana,

dos esforços e da guerra que emergem nos corações e nas vidas dos homens.

Nós não partilhamos da crença de que a natureza moral do homem seja moldada pelos elementos que o cercam, que vocês se tornam na atmosfera que respiram, porém, por outro lado, acreditamos que a atmosfera é feita dos pensamentos e estados espirituais; que o vosso ambiente terreno se torna mais claro à medida que vocês se tornam esclarecidos; independentemente do poder que tiver predominado, seja a luz do sol ou a matéria, é a cintilação da inteligência através

da matéria que torna possível ao homem respirar um ar puro e absorver a luz do sol conforme Deus a criou, e divertir-se na luz e na glória das estrelas que serpenteiam nos céus.

Se, conforme a ciência afirma, nem um só átomo pode ser apagado do universo que não seja instantaneamente dado como em falta e possibilite o caos; se, conforme a ciência declara, a longínqua lua pálida, que mais parece a visão de um planeta, tem tanta influência sobre a terra que as grandes marés se erguem às suas ordens, no seu fluxo e refluxo, por causa da sua cara pálida; se, como a ciência acrescenta, existe tal simpatia entre os mundos que a vossa terra não se pode desviar da sua órbita, por ação de cuja simpatia todo o planeta no sistema solar é mantido em cheque, essa luz, esse equilíbrio de atração, que leva cada planeta a aderir à sua própria posição e a respeitar os demais, enquanto se volta reverentemente para o sol; se é verdade, conforme afirma a ciência, que todo este sistema solar está vinculado por um pacto mútuo de silenciosa simpatia, cuja lei não está redigida, exceto nas forças ocultas da natureza, e que os mundos estejam atados por correntes superiores e não por laços que o homem consiga ver, mas que são mais firmes no aperto do que paredes adamantinas, e ainda assim no silêncio tão subtis que só a lei da matemática, somente a mente do homem pode descobrir a presença dessa força assombrosa - então não existe mundo ou sol no espaço que não influencie, de alguma maneira ou em alguma espantosa medida subtil, todos os átomos da vossa terra, cada porção da vossa atmosfera, cada pulsar de luz e vida que aqui existe; e o que quer que faça parte desses mundos, seja alegria ou pesar, seja luz ou trevas, tempestade ou calmaria, deverá em certa medida encontrar aqui eco.

E se, da grande enchente e vazante do espaço há leis tão imutáveis quanto a enchente e a vazante das águas do oceano, bem que podem ficar cientes de que ante a maré cheia da vida e da luz, exaltação e poder, prosperidade e excelência moral, magnitude divina e grandeza, em algum outro planeta, pode dar-se uma vazante aqui; e que podem encontrar-se no vale do desânimo, no pântano da ignorância e das trevas; que pouco a pouco, no grande reflexo dessas ondas recorrentes e ciclos, virão a recolher os ricos tesouros que estão reservados para todos os povos, raças, e reinos do homem.

Mas essas leis físicas, esses princípios subtis são admitidos e aceites unicamente em ciência; mas ela fica-se por aí. No que excede a vibração da luz, ou daquele algo desconhecido que mantém os planetas e os mundos nos seus lugares, a ciência não se aventura. Justo aqui a lei do espírito tem lugar, mais subtil do que as asas velozes da luz; mais poderosa do que a magia da eletricidade; mais solene do que o sistema da lei, esse domínio sem voz de muitas leis que mantém o universo em divino equilíbrio. A harmonia é a lei da mente, a lei da inteligência, a lei da alma; e

enquanto leva anos à luz a chegar até vós do planeta Úrano, esta alma de luz e vida pode chegar num instante. Por aqui e por ali ao longo das barreiras do espaço, em meio àqueles grandes e maravilhosos sistemas de mundos, os mensageiros da luz e das sombras, da alegria e do pesar, da verdade e do erro, carregam missões solenes e percorrem todo o espaço, levados nas asas das grandes emergências da vida.

Para lá do pálio da morte, no reino a que chamam reino das sombras, a luz da inteligência espiritual brilha e cintila; os sóis e mundos no espaço tornam-se como pequenos pontos de pó em comparação com alguns dos propósitos e intenções que por lá existem. É nesse domínio tão só que poderão encontrar o solvente de todo este aparente mistério, o maravilhoso centro de todas estas leis, o poder de focalização de todos estes destinos. É lá que o infinito, a enviar as suas mensagens nas asas da luz e da inteligência mantém todos os reinos da vida e da luz e matéria e destino à guarda divina; e é nesse reino que toda alma individual, toda a inteligência que aqui está a escutar esta noite partilha da responsabilidade que tem para com o Infinito.

Uma porção da força moral do universo acha-se à vossa guarda; uma porção de todos os desastres da vida repousa nas vossas mãos; por uma porção do destino divino final da terra caber a vós responder; uma porção da aurora do milénio que virá quando a vossa terra também estiver próxima ao sol da verdade, e nas suas asas de luz sentir o pulsar da Nova Aurora, uma porção desse destino e responsabilidade será vossa; e como cada um de vós está moral e espiritualmente relacionado com o semelhante, e tendo porventura uns para com os outros a relação de parentes, de que se aproximam ou afastam de acordo com o vosso estado, também não existe uma só alma no universo, nem uma só em toda a miríade de mundos povoados de almas, que também não esteja relacionada convosco; e se uma alma humana puder perecer, todas as demais poderão perecer; se um coração puder latejar de angústia em vão esta noite em meio à civilização Cristã, isso será suficiente para produzir um terramoto, a menos que todos partilhem um tanto do pesar.

Porque não? Se os fogos reprimidos na terra dão livre curso à sua fúria, que será que na terra Cristã, entre o povo Cristão, tornará possível que um homem padeça de fome enquanto outro se deleita no luxo, no orgulho e no prazer? Se causas físicas menores produzem resultados mais vastos, esta causa moral não poderá por si só manter a vossa terra na confusão? Vejam, por exemplo, o vosso próprio lar: Nunca ouviram falar que o chefe de família se tenha levantado pela manhã irritado, de mau humor, e a primeira coisa que ele ou ela fazem é uma asneira; e a partir daí se segue por todo o dia uma série de complicações que por fim afetam a disposição de toda a gente que esteja na casa? Nunca tiveram conhecimento de um série de desastres que resultassem do menor começo possível dentro de vós, um erro atrás de outro, até que o acidente, de possível quebra de louça ou de vidro, se estende a todos os apetrechos da casa e afeta marido, mulher e filhos, até as várias calamidades do dia terem transformado o dia num pequeno periélio no vosso próprio lar?

Quando acrescentam a isso os incontáveis começos em inúmeros lares de dias idênticos, e o estendem às sociedades, estados, nações e reis, será de admirar que hajam guerras? Quando a mais reduzida negligência da mais insignificante lei da

existência física ou moral pode ter produzido uma torpeza peculiar que nos leva a não atender ao corpo por a mente estar perturbada, não se poderá fazer seguir, e habitualmente faz-se, de uma doença que aparentemente nos delega ao vale da morte, doença essa que por fim se pode estender à cidade, aldeia ou comunidade em que se vive? Decerto que esses são pequenos começos; não imaginariam inicialmente que da violência de um só homem nações possam acorrer à guerra; que, de um só pensamento de ciúme um crime horrível qualquer possa suceder, da condição mórbida de um só membro do lar toda a felicidade da família possa ser posta em perigo durante dias e semanas, porventura por toda a vida. Num instante do tempo, uma mão erguida em fúria pode aniquilar uma vida humana que todos os anos de arrependimento não conseguem restaurar, e não há outra forma de descobrir essa vida exceto no fundo das profundezas do desespero, e nos píncaros do monte da transfiguração, por o arrependimento, espiritualmente, ser o único atributo unicamente no homem que pode restaurar aquilo que a ira lhe tiver tirado.

Quão débil parece a mão do homem, esmagada num ápice sob a roda de uma carroça, e que no entanto goza de maior poder do que um milhão de mundos, quando impelida pela vontade humana. Se essa vontade humana for em desafio ou provocação, seguir-se-ão o desastre e a morte externa; se essa vontade humana for de acordo, harmonia, os benefícios e louvores de milhares de corações agradecidos poderão erguer-se devido ao ato de uma só mão! Se tal sucede com as leis que os manipulam e governam aqui, lançadas em conjunto a partir da eternidade, para se amontoarem no tempo, o tempo deverá revelar aquilo de que são feitos. Depois de serem moídos nos moinhos dos deuses, que moem lenta mas inexoravelmente, desde a origem da escória e das águas turvas até ao ouro puro e às águas cristalinas, hão de sair triunfantes; hão de alçar-se a um dos ciclos recorrentes das leis físicas, hão de ascender do pó da aparente parede da circunstância que os cerca, hão de percorrer em triunfo na consciência desta natureza semelhante a Deus que se encontra dentro.

Há quem à face da terra não esteja em linha de ser afetado pelo Periélio; não se trata de mero destino nem fado, mas por estarem acima disso; assim como há quem aqui na sala esteja acima da tolice de se deixar afetar pelas circunstâncias, quem não se permitiria ficar deprimido com o tempo ou as leis materiais, quem não haveria de chorar como aqueles sem esperança em face da morte ou da adversidade, que viva numa atmosfera moral que seja inacessível à adversidade, assim também há quem viva à face da terra que esteja acima da sugestão do terror das guerras ou dos elementos de natureza destrutiva; quem conseguirá entrar impunemente em hospitais repletos de doenças infeciosas e contagiosas, por desconhecer o inimigo de longa data, o Medo, quem poderá defender-se do contágio pela força de uma vontade iluminada que esteja em harmonia com as forças espirituais do universo.

Há quem, sem dúvida, viva na terra como exemplos da vida humana; quem estenda o poder espiritual a todos os tipos de violência, de paixão, e que, representando a calmaria e a felicidade da existência, esteja mais próximo do esplendor espiritual do que em qualquer outro período desde que a terra começou; mas esses são poucos, as massas ainda se deixam dominar alternadamente por esperanças e receios, e ainda se permitem entrar em depressão à mais pequena trovoada que surge nos horizontes físico e moral, que se queixa do calor que faz, e a seguir do

frio, da chuva em demasia, ou da seca excessiva; a terra nunca parece contentá-los, nunca parece render a abundância e a alegria que cobiçam; com eles a colheita está sempre à beira da ruína; tudo está em pé de guerra por eles se encontrarem intimamente em guerra.

Esses são recetivos não só à influência funesta das posições planetárias, mas às pequenas manchas de poeira que se elevam da terra. Uma coisa muito menor do que um planeta perturbá-los-á. A mosca, a traça que paira à luz do sol, são suficientes para eclipsar os raios do sol àqueles que se encontram numa condição dessas. Para eles a colisão de mundos afeiçoa-se efetivamente apavorante, a poderosa guerra dos elementos, que põem à prova as madeiras rangentes da grande nau, a vossa terra. Não sabem se hão de aguentar a tempestade ou não. O astrónomo pode amedrontá-los a ponto de ficarem fora de si com o surgimento de um cometa, pela alusão à possibilidade de ele vir a colidir com o sol, sem terem ideia ou não se recordarem que o sol é muito maior do que qualquer dos cometas, e que milhares de cometas podem atingir o disco solar sem produzirem uma única vibração nos céus.

Decerto que a ignorância constitui o Periélio mais terrível que pode acometer o homem; aqueles que se encontram nas trevas e no desânimo bem que podem estar temerosos! Em mundos que se movem na sua tarefa designada, que cumprem com a sua função na terra e nos céus, para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir existe uma beleza sublime incomparável. Esses fracotes bem que podem sentir-se receosos se todo cão que ladra nas ruas, e incidentes insignificantes como os que referimos, apresentarem um poder que os deixe perturbados, quando são submetidos ao grande teste das almas.

Tempo virá em que, pelo crescimento da alma e o desenvolvimento gradual o homem acederá à luz do conhecimento superior, numa atmosfera calma e divina; em que nem guerra nem pestilência, nem fome nem desespero devido ao egoísmo do homem, nem agressividade de um para com o outro o deixará atemorizado; em que a luz do amor prevalecerá; em que voltarão os vossos corações uns para os outros com amabilidade em vez de inveja e luta; em que buscarão uns aos outros pelo melhor em vez do pior que os caracteriza; em que procurarão o sublime no homem conforme buscam o sol nos céus do meio-dia, que está sempre lá se se derem ao trabalho de olhar para ele.

Entretanto poderão imaginar a segurança inerente à boca escancarada do terramoto; a segurança ainda maior no vulcão que derrama o seu fogo e fumo; embora de um lado esteja o desastre, toda a terra é deixada em maior segurança. É bem certo que, se o condutor vir que todo o comboio está em perigo, por um homem se encontrar no seu caminho, antes de sacrificar uma centena de vidas essa deve ser sacrificada. É bem certo que em meio a este enorme conflito a existência física humana não é importante, mas as almas humanas são, mas mesmo que o alento da vida mortal lhes seja retirado pelos elementos que as cercam a alma é santificada, e mantida segura à guarda de Deus.

Os homens não clamam quando tiram a vida uns aos outros na batalha, não há lamentos que sejam alçados pelos dez mil homens mortos numa só batalha (salvo da parte das mães que choram em vão), mas se na guerra da natureza dez mil vidas se perderem, as pessoas exclamam: "Deus é injusto, impiedoso," quando só Ele detém a parte imortal à sua guarda. Nenhum rei pode dar contas a Deus pelas almas abatidas nos campos de batalha. Ocupem-se das contas que têm que prestar; Deus ocupar-se-á das suas. Preocupem-se com as vossas próprias vidas, o universo é seguro mantendo as leis do infinito, que em si mesmas são tão perfeitas e divinas quanto uma sinfonia cantada por um coro de anjos.

O poder do Amor Infinito está aqui e em toda a parte; vocês só estão em perigo em função das condições internas (subjetivas), que os tornam suscetíveis aos corretivos que a natureza exerce; só estão em perigo na medida em que se põem no caminho da luz da vossa própria natureza moral; só correm perigo na medida em que se esquecem, permanecem inconscientes, ignorantes, e não despertam para a altitude, grandeza e assombro das responsabilidades morais que estão próximas de vós. Podem condoer-se daqueles que são esmagados pela avalanche, mas não se apiedam daqueles que são esmagados pelo peso moral das vidas e enfermidades dos outros, que foram triturados pelo crime, pela ganância da humanidade, pela força destruidora que passa por cima das vidas humanas a despeito da inocência e da sua confiança?

Nas vossas próprias mãos Deus colocou uma pequena porção dessa questão Infinita. Ao longo de todos os ciclos das eras a luz da inspiração foi dada para os guiar no vosso próprio caminho. A luz é-lhes revelada; as maravilhas do universo físico que os rodeia. À vossa guarda, sagrada e divina, esta porção desse conhecimento é confiada, e o significado do ano que têm diante de vós não é o do evitar o perigo; não é o de correr a fugir das nuvens; não é o de saltarem para o bote salva-vidas a fim de se salvarem às custas do vosso vizinho, mas conhecê-lo e enfrentá-lo.

Se for doença, purifiquem-se e preparem-se; se for enfermidade, tornem as vossas mentes resistentes a ponto de a suportar; se for a adversidade, mantenham-se preparados para a enfrentar - ela não os poderá vencer. Se todo o mundo comercial for arruinado e a alma do homem for salva, esse será um preço baixo a pagar por tão grande vitória. Se, dos desastres que possivelmente vierem a ocorrer em todo o mundo mercantil puderem ressalvar a vossa honra, e declarar que não enganaram ninguém, sair-lhes-á muito barato. Deixem que todos os monopólios e instituições monetárias pereçam, para que as vidas humanas possam permanecer cara-a-cara umas com as outras e revelem a verdade.

Tomemos as lições das estrelas por aquilo que elas significam; elas significam que a natureza é mais verdadeira, mais perfeita e mais sábia do que possivelmente imaginam que seja; elas querem dizer a lição de que toda a enfermidade física se destina a deixar o homem mais forte para enfrentar essa enfermidade com paciência e força moral assim que suceder. A grande solução final para todas as

coisas é a morte. Se não recearem a morte só poderão morrer uma vez, se a recearem, morrerão todos os dias, e ainda levarão uma existência mortal mísera; se não recearem a morte não poderão morrer nem sequer uma vez, por a morte não exercer poder sobre aqueles que a não receiam. Por isso, estão a salvo, em terra ou no mar, no vosso lar ou no meio de uma tempestade. Existe apenas uma vida física que podem perder nesta parte mortal, nesta presente existência; essa vida física é suplementada por uma existência divina e superior que existe dentro de vós.

Há muitos que anuiriam de bom grado à morte para conhecerem os segredos da eternidade; há aqueles que haveriam de ficar a ver um terramoto pela majestade da coisa; há naturezas que seriam capazes de ficar junto à boca de um vulcão para poderem ver a formidável exibição da pirotecnia da terra; outros ainda não receiam o perigo físico que desse turbilhão de elementos físicos lhes forneça as verdadeiras soluções da vida, informando-os de que no tempo e na eternidade, no espaço e na imensidão, nem um átomo, nem uma haste de relva sequer, nem uma rosa em flor, nem o universo de estrelas deixam de provar o poder do amor infinito e absorvente, que tem à sua guarda cada tesouro da existência, e encerra cuidadosamente entre as palmas das suas mãos ternas toda a alma viva. Há quem esteja disposto a ver a destruição de planetas, ver sois a ser apagados e mundos fundidos no caos para apurar a verdade disso.

À beira de destinos potentes desses, cabe-lhes a vós interpretar corretamente esses "sinais dos tempos, " e escutar as vozes, não só das estrelas, mas daquelas outras estrelas da vida que se evaporaram da vossa existência física, que se encontram cada vez mais próximas da presença de Deus, por estarem cingidas mais perto dos vossos corações e vidas, e lhes dizerem que para lá de toda a tempestade e tumulto, além de toda a calamidade e desastre terreno, além da furiosa chama da guerra, além dos navios que se afundam nos mares, se eleva a grande voz da eternidade; para cada um amanhece a aurora da vida espiritual do enegrecido mar do tempo, belo, claro, perfeito e divino.

Assim o vosso mundo também se há de elevar após a mordaz e purificadora chama, depois que as águas tiverem varrido convosco, após todos os elementos destrutivos terem gasto a sua fúria, e a nova humanidade, purificada, corrigida, elevada, se elevar a essas alturas, a essa suprema grandeza, em que a terra será embelezada, as suas formas externas aperfeiçoadas, e a luz do Infinito inundar os corações e vidas de todos.

A alegre humanidade, alçada das prisões das trevas e da imperfeição, preenchera todo o espaço com maravilhoso regozijo, e cada átomo brilhará com a luz e fulgor do nome que é divino. À vossa guarda é confiada esta preciosa carga que, murmurando por entre todos os espaços iluminados por estrelas, os planetas distantes possam escutar as vossas almas em veneração, e almas afins nesses mundos distantes rejubilem por das recém-descobertas

esperanças e promessas vocês se terem alçado triunfantes sobre as trevas do espaço, tempo e condições terrenas.

O FUTURO MATERIAL E ESPIRITUAL DA TERRA

UM DISCURSO FEITO SOB TRANSE, NO ST. JAMES HALL, EM REGENT STREET, LONDRES, NA NOITE DE QUARTA-FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1880

(NT: Este texto apresenta cortes devido à ilegibilidade de trechos do original)
Não é preciso mais que um olhar a história humana para ilustrar os espantos que o progresso humano tem sofrido. A ciência, dotada de poderes incalculáveis, revela a incomparável profecia do futuro. Cinquenta anos e os utensílios mecânicos terrenos terão sofrido uma revolução. Um século e todos os métodos modernos de locomoção, de transmissão do pensamento, de transporte do comércio, da prossecução de toda a forma de intercâmbio terão sofrido um completo e absoluto começo.

Os vossos avós não sonharam o que hoje é uma realidade, e o anseio por uma verdade por descobrir - a perceção de princípios ainda desconhecidos, contudo desejados na mente humana - tornam a profecia desse conhecimento possível. Por isso, hoje a ciência afirma que enquanto a terra tenha requerido incontáveis milhares de anos, provavelmente milhões, a atingir o estágio atual de avanço, e enquanto é mais que provável que a humanidade tenha vindo a lutar à sua superfície por pelo menos um milhão de anos, séculos vindouros desdobrar-se-ão mais rapidamente, uma vez que todo crescimento, ao se aproximar do culminar, amadurece mais rapidamente do que no germinar, e enquanto o crescimento é lento o amadurecimento é segura e veloz.

Qual será, pois, o futuro provável da ciência da terra? É verdade que vocês não têm uma mecânica que explique de forma bem-sucedida as maravilhas que são as pirâmides Egípcias. É verdade que não dispõem de uma arte adequada que possa competir com as eras clássicas da Grécia ou de Roma. É verdade que em certos sentidos únicos os culminares dos antigos povos poderão ter sido maiores do que os que hoje vocês alcançam, mas eles foram aplicados em sentidos exclusivos - na procura de certas linhas do pensamento, em vez de descobertas no domínio da ciência universal. O Egipto representa o epítome do poder físico e da grandeza arquitetónica. A Grécia e Roma representaram o epítome das artes, da escultura, da diplomacia nos seus aspetos superiores, e a conquista do mundo material na era aprimorada e esclarecida das letras. O poder que existe no mundo no momento representa um outro culminar - o culminar da força intelectual - da descoberta generalizada - do aperfeiçoamento das ciências anteriormente começadas, e o

atingir de uma grandeza mental tão grande quanto a grandiosidade física dos dias passados.

No próximo ciclo de dez anos, a julgar pelos dez anos transatos, o homem de ciência poderá esperar ver aperfeiçoado os novos poderes motrizes da eletricidade, pode esperar ver descobertas as ferramentas ou utensílios por meio dos quais os motores calóricos se tornarão práticos de uma forma distinta, e também pode esperar descobrir um outro motor mais universal do que o todo, contudo, não inteiramente aplicado - referimo-nos à atmosfera. Nos próximos vinte ou vinte e cinco anos poderão esperar ver aperfeiçoados sistema de navegação aérea que virão a ultrapassar em muito qualquer coisa até aqui tentada que, sob a orientação da futura humanidade, rapidamente superarão os meros meios de trânsito terrestre.

Nos próximos trinta anos poderão esperar a solução de muitos problemas difíceis relacionados com a história política, por meio da qual os congressos internacionais, a abolição de vastos exércitos no ativo, o gradual declínio dos governos hereditários, o semear do poder do pensamento humano sobre o domínio individual e temporal, a humanidade gradualmente a alçar-se até ao pensamento e capacidade do governo próprio. Nos cinquenta anos seguintes poderão esperar que as barreiras que intervêm entre as nações mais remotas do globo civilizado e aquelas muralhas do orgulho, da ambição, e poder que agora separam as nações mais contíguas se terão desvanecido e que o mundo terá rapidamente avançado para a grande culminância que se há de seguir - uma confraternidade de nações.

Nos cinquenta anos seguintes, poderão esperar ver vislumbres vagos de uma ciência nova que ainda nem sequer sonham - forças subtis e ocultas exercidas por formas de que o homem ainda tem muito pouco conhecimento e relativamente ao qual pouco poder tem de procurar obter conhecimento - com o que nos referimos ao poder da mente humana sobre o espírito. A ação da mente sobre a mente na presença das vossas formas físicas constitui um facto reconhecido. A ação da mente sobre a mente à distância, caso um se encontre desincorporado, é igualmente reconhecido por uma vasta gama de seres humanos. Mas a lei subtil que liga a mente à mente a vastas distâncias e as capacita a travar conversa uma com a outra, embora possam estar distanciadas milhares de milhas - a lei da simpatia psicológica - será levada por diante a um tal grau que, em muitos casos, a eletricidade será dispensada enquanto mensageira, e o telegrama psicológico será uma das ocorrências da vida humana.

Também pode esperar ansiosamente no espaço de um século mudanças físicas tais à superfície da terra que gradualmente venham a superar as barreiras do progresso humano - ver as regiões selvagens redimidas e embelezadas quais jardins, e os desertos capazes de suportar verdura pela presença sempre crescente do poder do homem; a conquista desses obstáculos materiais que até aqui mantiveram vastos tratos do globo habitável desabitados; regiões remotas exploradas, entendidas, embelezadas.

A razão disso não se deverá simplesmente ao avanço material da terra. Por si só, ela tem muito pouca capacidade de avanço. Os átomos repetem a sua formação e transmitem-se por ciclos de desenvolvimento de corpos orgânicos, de acordo com uma lei, um impulso da inteligência que os leva à grande culminação. Com que finalidade? Para que a mente se expresse, por toda invenção, toda descoberta, toda nova forma de pensamento que se reveste de aparelhos mecânicos na terra se destinar tanto ao resgatar, como ao embelezamento e exaltação da terra.
O homem é o criador daquilo que tem ao seu redor. Ele move-o e muda-o tanto individualmente como em conjunto. O homem individualmente afeta a substância de toda a terra; e com isso vocês são conscientizados das inteligências superiores, da humanidade espiritual coletiva que também exerce a sua influência e projeta na vida exterior as vagas recebidas do avanço, invenção e progresso humano.

Nenhum pensamento surge no mundo material que não seja percebido primeiro no espiritual. Nenhuma invenção é descoberta pelo pensamento humano que não seja conhecida dos habitantes dos reinos espirituais; e essa cadeia sucessiva de transmissão de conhecimento por inspiração ou impressões constitui a vitalidade que vocês conferem à matéria, com a qual revestem as substâncias que os cercam. No espaço de um século, pois, o mundo será transformado numa proporção geométrica em relação ao século passado - queremos dizer com isso, como o século passado trouxe rapidamente as mudanças à Terra, também o meio século seguinte as trará, duas ou três vezes mais rápido. No primeiro quarto do século, a mudança será tão grande quanto no século anterior; e se esse poder for aumentado proporcionalmente, cem anos revelarão uma terra tão diferente daquela que vocês agora habitam, que dificilmente conseguirão traçar os marcos salvo pelo auxílio do poder espiritual ou psicométrico.

Esta não é uma afirmação extraordinária se vocês considerarem que a Londres de hoje dificilmente é discernível como a Londres de há cem anos atrás; se vocês considerarem que a Cristandade da atualidade, incluindo o vasto continente ocidental, não é a Cristandade de há um século atrás; e se vocês considerarem que mil anos produziram uma revolução jamais sonhada entre as nações da terra, e considerada impossível pelos povos antigos, o que não irão os próximos mil anos fazer por esta humanidade que até hoje por vezes arroga para si própria supremacia de conhecimento?

Mas se mil anos conseguem revelar não apenas a realização de muitos sonhos de profeta, sábio e vidente, (mas resolveram problemas que a mente do cientista nos seus sonhos mais loucos até aqui não ousara enfrentar, o que dirão vocês desses outros milhares? de anos que ainda estão por vir, quando pelo desenvolvimento lento e seguro - pelo avanço e recessão graduais das ondas da civilização, as nações da terra se multiplicarem e aumentarem, passarem novamente à existência

espiritual e de novo à terra até que os átomos se encontrem completamente e nitidamente vivificado pela posse humana? Quando a Terra for totalmente redimida para obedecer às ordens do homem, será quando todo átomo que constitua a formação da Terra terá sido humanizado - com isso quero dizer quando todo átomo for organizado, não uma vez, mas muitos vezes, na forma humana.

A posse de uma qualidade adicional a uma distintamente reconhecida, mesmo na química, em que uma determinada função deriva pela matéria das organizações, que o calcário no seu estado original difere do calcário nos ossos dos animais, principalmente por meio de uma função adicional das organizações; que os fosfatos pertencentes às organizações superiores possuem uma qualidade química desconhecida das formações inferiores, e que, à medida que os átomos são assim animados por processos orgânicos mais elevados, capazes de expressar um propósito ainda mais elevado nos processos orgânicos a seguir.

Isso explica a organização superior daquelas formas de vida animal cultivadas e cuidadosamente protegidas pelo homem; explica a deterioração gradual daquelas formas de vida que não se destinam ao uso direto do homem e da própria humanidade, apesar dos resmungos daqueles que estão sempre a voltar-se para trás para uma era iluminada, e em média têm uma forma melhor do que qualquer outro período precedente da história da terra.

Os Espartanos podem ter selecionado os seus guerreiros, e gigantes podem ter existido em épocas anteriores, e podem ter existido certas nações ou raças, se preferirem, que tenham expressado um maior poder físico ou beleza física pode ser bem verdade: mas é claramente demonstrado que em todas as nações civilizadas a média do tamanho humano está a aumentar, que a simetria e a perfeição da forma humana estão gradualmente a avançar, que conforme a inteligência anima as substâncias à vossa volta, é possível uma maior perfeição orgânica; e quando vocês levam em consideração a necessidade de maior aperfeiçoamento, é algo para a Terra esperar ansiosamente, que as próximas eras expressem essa perfeição mais elevada.

Embora as eras possam passar sem atingirem até o que aqui imaginamos, afinal, as eras expressam apenas um momento daqueles ciclos mais grandiosos que são dados a todo mundo no cumprimento do seu destino final. Se a Terra alcançou metade do período da sua existência final, e se a humanidade alcançou metade da perfeição sobre a Terra, vocês podem esperar desdobramentos incomensuravelmente maiores nas porções finais desse aperfeiçoamento; e os milhões de anos que se seguirão ilustrarão as maravilhas que foram retratadas na última quinta-feira à noite como pertencendo aos planetas a seguir a Terra em avanço. Por fim, pelas mudanças que traçamos, todo átomo será vivificado pela inteligência humana; toda luz e sombra ficará imbuída do poder sensível do pensamento humano; e a terra, em vez de ser sombria, cega, muda e fria, adotará a voz da interpretação do homem.

O que a ciência vagamente revelou nunca será totalmente esclarecido; o que a religião se esforçou por (...) que diz respeito ao domínio da vida futura virá a (...) terra. A Nova Jerusalém que foi procurada como o Céu na Terra será confirmado se vocês tiverem tão só paciência para esperar, ou a esperança e fé para fazerem a parte que lhes cabe na sua (…) Deixem que esta imagem - grande e maravilhosa quanto possa parecer, quando aumentada pela consciência espiritual de que o universo (...) poderes espirituais (...) as miríades de inteligências têm (...) esta escola primária da existência humana aqui, e que a Terra nos seus diversos estágios de esclarecimento é apenas a expressão do desdobramento interior das vossas almas, enquanto as inteligências cada vez mais (...) prognosticam mundos de maior possibilidade, de realizações mais nobres e mais elevadas que um dia (...) serão vossos; deixem que esta imagem se aloje nas vossas mentes e então vocês considerarão que todo esforço por aperfeiçoar a vida, mesmo nos estágios mais baixos, se tornarão sagrados e toda a pétala de flor, e toda forma diminuta de bebé nas ruas movimentadas se tornará uma imagem sagrada e (...) uma profecia de um futuro anjo; e a terra habitável em geral profanada por cenas de carnificina e derramamento de sangue humano; o clamor do homem contra o homem - a indignação perpetrada pelo bem da humanidade, o pensamento de um homem que se ergue em violência contra seu irmão, serão uma impossibilidade.

O egoísmo humano cederá gradualmente lugar ao pensamento do bem-estar humano, e toda vida será tão válida e todo pensamento tão sagrado quanto aquilo que residir dentro do próprio coração. As nações da terra não serão mais um agregado de pompa e poder humano, do direito dos fracos retido pela mão do poder, e exercido apenas pelo forte; somente a mente prevalecerá, e essa mente cultivada, exaltada, subjugada pela atualização do elemento da própria vida da alma. A nação cairá em poder material para dar origem a uma grandeza espiritual com que nem sonha.

As religiões - não estão mais envoltas nas vestes da morte - encherão a terra de brilho e flor. Onde agora existem vastas pilhas de pedras e ruínas em decomposição, a dar (…) o som da grandeza do passado e dos agentes decadentes, erguer-se-á (...) de esplendor, adornado com toda obra de arte humana (...) com toda imagem do pensamento humano, flores e florescências a desabrochando (...) se agruparão em torno das delicadas treliças e pilares e os olhos do céu brilharão através do teto abobadado transparente à luz do dia a admitir os alegres ares de verão que emprestarão a sua beleza e os seus odores estimulantes.

As crianças não serão mais sobrecarregadas pelo peso da ignorância, mas se expandirão com o conhecimento; o fardo dos antigos sistemas de educação que, agora, através da monotonia maçante da ciência das escolas e faculdades (...) da vida do coração e cérebro do jovem, fundir-se-á com os poderes crescentes da intuição humana.

Vocês terão tempo para crescer, e não para ficar enfezados - tempo para se expandir, para não ser enfiados em alguma rotina estreita da vida humana

chamado educação; haverá espaço para as estrelas do gênio brilharem, espaço para todo dote do intelecto humano, espaço para o espírito se expandir nos poderes imortais e para abrir caminho pela terra nas asas do pensamento. Toda criança será sagrada, toda vida será considerada querida; o espírito humano será então reconhecido como a fonte do ser e tudo o que pertence à sua expressão será valioso, e se tornará expressão no progresso consciente.

Não mais se verá o peso esmagador da pobreza, a terra renderá a seus tesouros por igual à indústria humana e ao pensamento humano, e pensamento e indústria andarão de mãos dadas como a religião e a ciência na era maravilhosa, e a vida do mundo não será mais coroada em casebres sombrias nem existirá no isolamento de palácios esplêndidos.

Cidades não existirão; são abominações, excrescências na superfície da terra, em que os homens serão atraídos pelos poderes coletivos e adesivos da ambição humana, do orgulho e da ganância, enquanto a pobreza é a penalidade que precisa ser paga; pois, não muito longe da ampla avenida dos palácios, certamente haverá uma álea de casas. A terra será então o local adequado da morada humana. Toda família terá um lar; haverá espaço para que todos os campos verdejantes não sejam negligenciados pela imundície das ruas coroadas, e os belos lares nos vales e os seus bosques emitirão o som da felicidade e da paz. A terra colocará a sua abundância às mãos do homem.

Ela responderá quando ele lhe tocar o coração; ela revelará a sua beleza e alimento a quem pedir. E nesses anos, nesses maravilhosos anos que virão, nos quais a terra terá (...) gemido e deixado de lado a sua queixa e angústia, então quando as nações tiverem subido à plena consciência da humanidade, ainda se verão realizações mais elevadas, ainda alturas mais elevadas a alcançar, glórias maiores ainda, até que todos os membros de todo poder da Terra estejam em sintonia com a perfeição como expressão da humanidade, e por as formas não mais serem conduzidas à miséria da organização genérica, mas eventualmente, nesses (...) ciclos do desenvolvimento da Terra, as formas responderão à volição, a vida genérica cessará, as estruturas orgânicas não serão mais construídas por processos lentos e engendradas pela dor; o pensamento (...), ele próprio, os átomos dos quais a forma deve ser feita, (...) responderá, belas atmosferas se apegarão ao espírito e delas fluirão as maravilhosas imagens que adornarão e embelezarão a terra.

Nenhuma imagem esculpida da Grécia antiga nem o sonho dos anjos e madonas de Rafael se comparam às formas que percorrerão a terra, organizadas, ainda que criadas pelo homem. As crianças nascerão com o fôlego do pensamento e não, como agora, pelo lento processo de anos de maturidade até atingirem a masculinidade e a feminilidade, mas à luz de um único pensamento o seu ser brotará, e a Terra testemunhará uma corrida de anjos em vez dos aleijados que agora a habitam. Isso será considerado um sonho, um sonho maravilhoso porventura, um belo sonho; mas não será mais um sonho do que a terra, que certa

vez foi negra e escura e fria e desprovida de vida. Não será mais um sonho do que as rochas adormecidas e cavernas por baixo dos vossos pés que certa vez não emitiram nenhum ruído de vida e não passavam de uma massa a fervilhar. Não é mais um sonho do que a própria terra que certa vez foi átomos destituídos de forma de vida globular, desconhecedora e desconhecida nas massas de nebulosas que se moviam pelo espaço. Não é mais um sonho do que vós próprios, enquanto formas individuais, que imergiram por meio do pensamento e a vida orgânica na vossa presente existência, e o facto de a terra ter testemunhado um milagre da vida a cada dia e a cada hora com a introdução da alma humana na existência orgânica. Não é mais um sonho do que a própria vida, com contínuos avanços cada vez maiores no sentido da perfeita fusão com o Supremo.

Mas, depois do Supremo, o que esperar? Quando a matéria tiver realizado o seu propósito; quando a terra tiver sido povoada ao máximo do seu esforço; quando todos os seus átomos tiverem cedido tudo quanto a sua vida pode dar para o avanço sustentável da mente; quando os ciclos completos das diversas dispensações tiverem sido moldados; quando os doze Messias tiverem conduzido a terra ao limite máximo do progresso e o homem não mais puder aprender uma lição que seja ligada à matéria - o que sucederá então?

O globo habitável retrocederá; todas as formas de vida existentes à sua superfície afundarão na existência inorgânica e, por meio de um lento processo de desmaterialização e desorganização a terra, deserta, por si só mover-se-á na sua órbita até que o seu pulsar se torne fraco e, qual navio abandonado em pleno mar, como uma carcaça ou um destroço, ou alguns desses estranhos fantasmas errantes que reluzem através da visão do marinheiro, ou como a lua empalidece, a terra voltará de novo ao caos primordial para ser uma vez mais reformada nalgum imenso ciclo de incomparável mudança para outro mundo e até mesmo uma raça mais poderosa de seres.

Mas, e o homem que utilizou a terra a seus pés e que dela fez sua habitação? A sua alma não mais submissa às formas materiais ou à organização externa terá passado para alguma região remota onde não existe nome para as substâncias, e onde os mundos que ele habitará serão formados de pensamento. Ele terá passado - e todos os grupos de seres que aqui se encontram hoje congregados, e tudo quanto reside no céu interestelar existente entre vós e o planeta mais próximo também terá passado, e a terra será esquecida. Ficará ela só, e por isso desertada pelos seus filhos qual mãe antiga? Sentirá a falta das formas e peugadas que a percorriam à superfície?

Vocês virão a esquecê-la inteiramente quando ela for cega e envelhecida e inútil? Ah, mas existe um outro destino! Ela não sentirá falta dos vossos passos; el anão tem consciência da vida exceto aquela que lhe transmitem, e o átomo cederá de bom grado à sua inércia nativa e ao velho clamor do repouso; e Caos e Nox (noite) passarão a ser o seu elemento nativo. Mas, Ah, as almas reanimadas! por os espíritos que aqui tiverem vivido -- aqueles que tiverem

passado em frente para os estágios superiores do avanço e desenvolvimento -- como haverão de arranjar maneira em meio aos novos ambientes do pensamento, qual pássaro saído do ninho para o ar, como a criança saída do berçário sufocante que sai para o ar livre, a juventude que se torna adulta, como o homem que da morte passa para a imortalidade!

E então voltar-se-ão para trás para esta terra apenas como uma porção, o mais pequeno fragmento de uma vida; apenas como um dos trampolins para aquela existência que é imortal e se acha repleta de eras eternas e ciclos da mudança; e para antigos anjos e arcanjos; e assim por diante ao longo de mundos e sistemas até que vós, também vos torneis Messias que venham a visitar algum planeta que se encontre mergulhado na ignorância com este, e contem a história de toda a esperança dessa tristeza humana com semblante e olhos que exponham ao planeta que vierem a visitar que vocês sabem aquilo que estão a afirmar; e então, tendo cumprido esta missão, passarão para aquela região onde apenas os nomes dos deuses bastarão, onde os mundos se tornam pontinhos de poeira, e sóis, com todo o seu fascínio e toda a sua luz, se desvanecerão na ignorância e nas trevas ante a região do Olho Celeste cujo nome não podemos proferir, mas cuja luz é eterna; e mesmo isso não passa do começo da eternidade, e mesmo isso não passa de um sopro nesse infinito pulsar.

O mundo que agora percorreis e todas as estrelas deste sistema terão caído no seu brilho material e declinado noutras mudanças e noutros mundos, para dar lugar a novos domínios e a novos reinos da matéria que devam ser governados por anjos e arcanjos. E esse destino, dotado do seu vasto poder de compreensão; e este quadro de infinitas possibilidades, os seus germes jazem ocultos em cada mente que aqui se encontra esta noite. Como na pequena gota de orvalho se encontra o espelho dos céus; como nos olhos da criança, a luz viva da hoste angélica; como no coração da mãe, o espelho do amor divino; como na própria humanidade, a maravilhosa imagem daquela vasta eternidade que jaz diante de vós, cujas mudanças perfazem os ciclos de milhões de anos, cujas vastas revoluções são maiores do que as revoluções de sóis nas suas órbitas ou sistemas solares nos seus lugares, e a grandeza e domínio e poder e majestade desta visão espelha-se na mente da criança.

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO ANTIGO SÍMBOLO DA CRUZ

Palestra proferida por Cora Richmond em 1876

Lá ao longe, no Egipto, ao longo do místico Nilo, era costume na antiguidade criar indícios que apontassem a subida da maré, pela qual os reis do Egipto pudessem contabilizar a provável colheita do ano seguinte. Como o rio sagrado supostamente continha os elementos da vida e da morte, e como as divindades eram propiciadas com relação à época da colheita, gradualmente esse símbolo chegou a ser reverenciado entre os Egípcios porque, na exata proporção da subida da maré também haveria de ser a fertilidade da ceifa. Esse indicador tinha a forma de uma

cruz, na qual era marcada, de um ano para o outro, a gradual subida ou o declínio das águas do rio.

Subsequentemente esse símbolo foi introduzido entre as tábuas sagradas e nos diversos locais de veneração; porém, não na forma da cruz Romana, mas da letra X, a qual por fim, também se descobriu ser símbolo do ângulo de incidência dos raios do sol, cujas pontas representavam duas pirâmides, uma invertida, e as diversas outras pontas os quatro cantos da terra.

Entre os antigos Brâmanes a exata cruz, igual nos seus diferentes ângulos, foi venerada como representando os quatro cantos da terra, ou as diversas direções de onde provinham as diferentes divindades que Brama enviava para governar as estações. O norte e o sul, o leste e o oeste, são pontos cardeais, e por conseguinte, quando descritos, representam a exata cruz retangular. Há, entre os Brâmanes, objetos de devoção não só em diversos pontos, mas nos diversos ângulos de coincidência, que representam as ciências no seu sentido subtil e oculto. Se vocês visitarem o extremo Oriente atualmente, porém, verão que esse antigo símbolo foi usurpado por outro, e que em diversas regiões da Índia o símbolo do Crescente se eleva acima não só da Cruz Brâmane, mas também da Cruz Egípcia e Romana.

O sinal do Crescente da religião de Maomé, a usurpar as religiões mais antigas do Oriente ergueu a cabeça e hoje indica o fogo e a chama com que o Profeta Maomé de Meca impôs a sua religião nas nações do Leste. Até mesmo na cidade sagrada de Jerusalém vocês verão símbolos das religiões Pagãs, e a veneração do Crescente é atualmente mais significativa do que a Cruz. Quer o Profeta que fugiu para Medina realmente representa uma religião ou não, certo é que os seus seguidores são inúmeros, que a influência da sua religião tem sido vasta, e que o fogo e a espada numa mão e o Corão na outra, todo o Oriente foi devastado pela pilhagem e pelo assassinato às mãos dos seus seguidores.

Quer vocês creiam que o antigo símbolo da Cruz tenha sido consagrado no Egipto ou não, vocês verão que os indicadores são que o deus Osíris, a sorrir para o deus-rio Nilo abaixo, representava o símbolo místico que foi descrito na Cruz, e que a forma velada de Ísis encerrava o secreto e subtil poder pelo qual os raios de luz excitavam a terra e a tornavam fértil. Quer acreditem que a caverna Mitraica e por entre o oráculo de Delfos e por outras partes existissem símbolos cabalísticos e singulares, que não só retratavam o ângulo do contacto do sol na superfície da terra mas igualmente os diferentes signos do zodíaco e o seu significado, é ainda verdade que nessas antigas tabletes se encontram os símbolos da ciência e muitos dos da religião atuais, e que a própria Cruz é tão velha quanto as linhas geométricas e diagramas na ciência da terra. Quer acreditem que os pontos cardiais da bússola eram indicados pelo símbolo sagrado que referimos ou não, certo é que em todo templo Brâmane se acha gravada a representação dos quatro

cantos da terra e as diversas influências que tem sobre a humanidade; e que os seguidores de Confúcio, ao passarem da antiga fé de Brama para a mais moderna, assim como os seguidores do Buda, retrataram esses diversos símbolos por linhas, paralelas e ângulos, entre os quais a Cruz é representada.

Mas foi deixado aos Romanos inventar a Cruz como forma particular de punição, já que entre os Judeus a crucificação não figurava entre as formas de castigo, mas diversas outras formas de tortura, como por exemplo a Gaena fora das portas da cidade de Jerusalém em que eram lançados os malfeitores, e os fogos que eram mantidos sempre acesos; como por exemplo, o desterro para o deserto distante, onde se supunha que os poderes da morte permaneciam. A crucificação foi introduzida como sistema de punição mais degradante por ser mais público, e a exposição dos malfeitores aos olhos da população, que, é claro, desejariam evitar e esquivar-se.

Na medida do que o estudante consegue determinar, a cruz Romana não tinha nenhum significado especial. Parece não ter havido qualquer intenção de um símbolo religioso de perseguição na adoção da Cruz como forma de punição, sob o domínio Romano em Jerusalém; nem parece ter existido em Roma, pelo menos até após a era Cristã, qualquer significado especial que tenha sido aplicado à Cruz; tampouco parece que nos primeiros dois ou três séculos da Era Cristã, a própria Cruz tenha sido transformada num símbolo especial do que Cristo representara, quer do Calvário, da sua doutrina, ou da especial missão que cumpriu no mundo. Contudo, chegou a tornar-se típico de toda a religião Cristã.

Chegou a expressar no grande mundo dos símbolos uma ideia absoluta; e quem quer que veja ou contemple a Cruz sobre o templo ou local de culto, ou como um ornamento num nicho ou na parede, entenderá que ela representa alguma ideia especial de que "Cristianismo" é o símbolo e designação sagrada. Onde quer que esta Cruz apareça, na basílica de São Pedro em Roma, nas paredes da donzela no seu claustro, nos recintos encantados da igreja Protestante em Inglaterra, ou sobre os templos da moderna veneração aqui, indica uma ideia; e essa ideia deve ser verdadeira ou falsa; deve ser ou emprestada da revelação absoluta pretendida, ou deve ter-se tornado o símbolo de uma idolatria.

Vocês chamam aos Maometanos Pagãos. Eles prestam culto no santuário de Maomé; o seu símbolo é o Crescente. Eles têm as suas ordens de devoção; eles curvam-se diante dos objetos sagrados para eles. Isso é Paganismo. No extremo Oriente, o culto Oriental representa o fogo de Zoroastro ou a sagrada imago de Brama, e os homens ajoelham-se diante das imagens esculpidas como objetos de devoção, e vocês dizem que eles são Pagãos. Nenhuma voz jamais lhes concedeu a interpretação ou o significado dos seus símbolos. Nunca ninguém lhes disse que o Boi Sagrado representava o princípio do poder criativo,

ou que Osíris foi retratado no sol como a imagem da divindade, ou que o Brâmane realmente não adora a imagem que designam como Brahma, Vishnu e Siva, mas apenas o pensamento que eles representam. No entanto, esses são adoradores Pagãos. Os seus símbolos não são sagrados, enquanto lá em Roma o símbolo da Cruz ergue-se acima da cúpula de São Pedro, e isso é chamado de religião. Dentro dessa cúpula, que a arte da mão que a talhou a tornou porventura perfeita como uma obra de arquitetura, estão os símbolos da Igreja Matriz da Cristandade. Neste e noutros templos sagrados estão refletidas as imagens que os Cristãos adoram hoje.

Mas os Protestantes declaram que a Igreja Romana agora é idólatra, e que os símbolos de santo e mártir e as imagens gloriosas da arte antiga são pagãs em comparação com a simplicidade e austeridade da fé Protestante. Em Londres, nas torres de São Paulo ergue-se acima da cidade, e envia o seu repicar de sinos aos ouvidos de todos os habitantes. O mesmo símbolo encontra-se lá, e lá dentro encontram-se quase os mesmos arranjos de culto, manto sacerdotal e santuário sacerdotal. No entanto, isto é Cristianismo e o outro é Idolatria. Os Ritualistas realizavam quase exatamente as mesmas cerimónias, com altar e santuário, templo e manto, que os devotos da Basílica de São Pedro em Roma. Uns são chamados de idólatras; os outros, a verdadeira igreja.

Alguns Quacres, ansiosos por escapar dos símbolos que pareciam não ter significado, arrancaram da Igreja Matriz de Roma e da Igreja Protestante, adotaram a austeridade dos agudos, ângulos e cores mais suaves, não quiseram símbolos nem sons, cruz sobre templo, ornamento de paredes nem de habitações, e, perseguidos e condenados ao ostracismo em casa, buscaram refúgio num novo mundo. Hoje eles consideram as igrejas Protestantes e Romanas idólatras, enquanto dentro das suas formas de silêncio e das suas paredes de devoção incolor eles esperam receber a bênção do verdadeiro Cristo que é representada no Espírito; cerram as janelas à luz do sol para que o espírito da verdade possa entrar, e banem as cores das flores para que a alma do céu possa descer sobre elas. Sem qualquer música, altar e santuário, mas uma cruz despida e parda erguida sobre o Calvário, num apelo piedoso ao céu, e o silêncio do coração partido que não pode nem mesmo louvar a Deus numa palavra e cântico.

Há alguns anos atrás, o Dr. Priestley e outros introduziram um sistema de veneração mais liberal, em que a Cruz podia representar uma forma mais branda de devoção do que a de Lutero e Calvino, e em que um pouco do amor de Deus podia brilhar através das feridas sangrentas e da forma crucificada do Salvador. Ele foi apedrejado na Inglaterra; ele foi insultado na América. Hoje, a igreja Unitária cria a sua forma lado a lado com as igrejas evangélicas da Cristandade, e tem sobre nas suas alturas o símbolo da Cruz. Que significa isso? Idolatria em Roma, e não na igreja Unitarista? Idolatria em São Paulo, e não no coração do Quacre que serve linhas e ângulos rígidos, e é livre até de um ramo

de louro? O que significa que um símbolo rebaixado por um seja exaltado pelo outro, e que a cruz venerada aqui neste solo seja mais ou menos um símbolo do Cristianismo do que possa ser em Roma ou em Londres? Entre os mosteiros havia um em que se afirmava que uma cruz brotara da parede coberta de musgo, moldando-se em linhas de beleza infinita por os monges costumarem orar, e que sobre essa cruz foram vistas gotas de orvalho que tipificavam o sangue de Cristo, e que delas saltaram as flores que eram as suas lágrimas que os padres estavam acostumados a venerar.

Os Rosas-cruzes consideravam que tinham descoberto o sentido mágico do orvalho sobre a cruz, através do qual eles podiam resolver todos os mistérios da vida e da morte. Seriam os seus genuínos e o os monges na cela idólatras? Seria deles a verdade por ter sido acoplada à ciência, enquanto no mosteiro deve ter sido considerada como superstição? Santa Catarina de Siena cruzou as montanhas no meio do inverno pata poder com as suas súplicas e orações trazer de volta o Papa ao seu povo. Terá isso sido idolatria, e uma covardia da parte dos Cristãos modernos, que não atravessam a rua num Domingo chuvoso, para ir prestar o seu culto? Será a religião que inspira os homens a atos de covardia, e será a idolatria que os leva a atos de bravura?

Será, pois, um verdadeiro culto o que permanece no meio de um século Cristão, a empunhar as armas da avareza e do orgulho e chama a isso religião; e não seria uma era de idolatria aquela em que os santos e mártires eram remetidos para o céu através das chamas e da tortura?

O que é que inspira as almas dos homens? O que é que os eleva da escuridão e da escória? O que é que mistura e funde as suas vidas com o sublime? Será o nome do símbolo que carregam, ou será aquilo que está traçada nos seus corações como o impulso de sacrifício pessoal, e quer seja sob o nome de Brahma, Osíris, Maomé, Zoroastro, Moisés ou Cristo, os unge como heróis, mártires, santos, por morrerem por aquilo em que acreditam ser verdadeiro - melhor ainda, por eles viverem para isso e empregarem as suas vidas em obras santas e símbolos sagrados de devoção? Basta! Basta! Sabemos o que foi feito sob o nome da Cruz. Nós seguimos as letras de fogo até mares de sangue, e sabemos que não há crime sob o sol nem terror que não tenha sido ratificado por esse símbolo.

Vocês sabem que a Inglaterra Protestante funcionou como uma ruína tão terrível quanto a Inglaterra Católica Romana. Vocês sabem que a França, foi palco de horrores alternados sob o símbolo que por diversas vezes representou quer uma influência quer outra. Vocês sabem que os Puritanos fugiram do símbolo da cruz para erguer as forcas na colina de Salem, onde poderiam enforcar bruxas que não acreditassem naquilo em que eles acreditavam. Vocês sabem que não se passaram duzentos anos desde que não era seguro com respeito à liberdade de expressão e de culto em que agora vocês se deleitam sequer pensar. Vocês sabem que não se passaram sequer cem anos desde que estas reuniões teriam sido

impossíveis, e sob o nome da cruz que vocês teriam sido perseguidos, senão com a morte de pelo menos com ostracismo social e pessoal.

Para os feitos sublimes que não foram todos registados na história, pelos quais algumas almas pálidas, macilentas, ou almas secretas e silenciosas abriram caminho por meio de provações de fogo para a conquista gloriosa de si próprios, nenhuma cruz flamejante está lá para lhes brasonar o triunfo; nenhum emblema se acha pendurado na parede da catedral nem antiga abadia - nenhuns mármores monumentais se ergue por si sós acima das suas sepulturas; mas indeléveis nas paredes os seus registos manchados de lágrimas da vida foram gravados, e deles é a coroa que o espírito mártir deve usar.

Interpretemos as coisas de acordo com o seu verdadeiro significado. Se temos um símbolo, que ele signifique alguma coisa; e se significar o Cristo morto do Calvário, vejamos que interpretação tem hoje. Significará o derramamento de sangue e a matança de vítimas inocentes? Significará que em nome do Príncipe da Paz países foram devastados e horrores perpetrados sobre mulheres e crianças? ignificará que sob o nome desse símbolo o homem deva empreender a guerra ao seu irmão em benefício da liberdade, do seu tesouro público? Quererá dizer que, por causa das diferenças de opinião deva haver carnificina e ruína, fogo e espada, e que todas as palavras ditas pelo Mestre seja esquecidas?

Cristo no Calvário significa o triunfo da alma sobre uma era brutal e egoísta; significa o espírito a conquistar a carne; significa o triunfo de Deus sobre s maquinações da vida abaixo. O carregar do fardo da Cruz é símbolo literal ou espiritual. Se for um símbolo literal, quem o seguirá? Andarão vocês pelas ruas a carregar fardos aos ombros? Não; vocês têm bestas de carga, motores a vapor, fios elétricos e dedos que morrem de fadiga para que levem os vossos fardos por vós. Será um símbolo literal? Quem se deixará conduzir a qualquer Calvário atualmente por uma verdade qualquer, ainda que seja a mais comum? Evasão e falsidade, brigas e contendas, e cedência à eterna pressão daquela política que restringe o mundo, são os métodos mais usuais.

Um símbolo literal? Mártires morreram pela questão da sua interpretação para pelas suas almas; mas não teriam sido mártires se tivessem ambicionado as chamas, a guilhotina ou a cruz apenas pelo bem do martírio. Aquele que aspira a ser mártir não deve simplesmente cortar a garganta, ou enforcar-se na árvore mais próxima, nem pendurar-se estendido numa cruz material. Se ele tiver alguma coisa por que morra o melhor será que viva. A alma compreende que o significado no Calvário é que, que quem quer que tome a sua cruz e siga o Mestre deve fazê-lo em espírito; que a cruz da vida a carregar não é necessariamente do sofrimento físico, nem da morte física nem do martírio, mas que é, se preciso for, aquilo que lançou John Brown no mundo das almas por causa do amor que teve pelos escravos, ou aquilo que deu à nação um presidente que foi martirizado.

Essas são as formas por que a Cruz é o símbolo do que o Mestre ensinou. Se ele morreu no Calvário meramente para que a própria Cruz pudesse salvar o mundo através do derramamento do seu sangue, então esqueceremos aquela mensagem sem paralelo do Sermão da Montanha que brotou dos seus ensinamentos, e só deveremos seguir essa imagem, a Cruz. Mas se essa foi tão só a gloriosa consumação de uma vida cujo propósito foi o de ensinar, inspirar e elevar, então o Irmão mais velho da humanidade que veio para representar a possibilidade do homem, então a Cruz significa a Regra de Ouro, o Sermão do Monte, os ensinamentos, as curas, as profecias e o magnífico amor que expulsou todo o medo e abençoou os pequeninos e a Madalena num só folgo.

Se a cruz significa alguma coisa, significa aquele tipo de vitória e conquista sobre as atividades egoístas e objetivos que levam a vida humana para mais perto do o padrão que ela tipifica. Se ela significa alguma coisa, significa a carga diária dos fardos que são necessárias e indispensáveis que sejam suportados, sem queixas e sem amargura, de bom grado e de boa vontade, por causa da finalidade da vida a ser atingida. Se significa alguma coisa, significa que a rotina diária da existência que pode tornar-se num encargo e num terror e na maior e mais árdua carga, será gradual e constantemente elevada pela presença penetrante daquela doçura da vida, daquela perfeição da existência, que fará com que cada fardo pareça leve e todas as preocupações afundem na insignificância.

A verdade é que não há cruz para a alma que tenha obtido a conquista sobre si própria. A própria vida não tem fardos; as preocupações caem por terra, e a morte torna-se na porta de entrada para uma vida incomparável. Qual terá sido a cruz para o Filho do Homem, cujo olho interior podia ver o Paraíso? O que terá sido a morte para o santo e mártir que acima das chamas e da pilha sacrificial podia ver anjos e ouvi-los cantar? Não, não! É uma cruz apenas o que o espírito sente é penoso de suportar, e que é intenção da economia divina que vocês devam vencer nesse mesmo sentimento.

Vão para o vosso trabalho a sentir que é um fardo terrível; vejam como ele se arrasta pesadamente sobre vós, como pesa nas vossas mãos e os leva a sentir-se impotentes. Vão com o impulso de um amor Divino e um desejo fervoroso de fazer o bem a algum semelhante, mãe, irmã, esposa ou amiga, e o trabalho passará a não ser nada, o trabalho torna-se doce, as mãos fortalecidas e os pés tornam-se leves. Ah, vencer os fardos da vida é a maior cruz de todas.

Se este símbolo significa alguma coisa para a vossa compreensão, significa que é aplicável à vossa vida diária, à vossa existência individual, e a própria coisa que é mais difícil de superarem, o que quer que possa ser -- o orgulho, o egoísmo, a vaidade, o apetite externo -- qualquer coisa que se interponha entre vós e a clareza de visão que o Mestre tinha, é a cruz que vocês têm que carregar e superar. A significar alguma coisa, significa o controlo supremo do egoísmo e da loucura no

mundo, por meio do qual o homem individual (pessoa) é obscurecido, e apenas o seu aspeto aparece na vida diária.

Nem todos podem ser heróis. Os martírios não estão à venda por um preço. Vocês não podem incorrer em nenhuma nova inquisição voluntariamente. Existem poucas oportunidades para um sacrifício pessoal heroico. Mas a vida diária e a vocação do momento, e as coisas que estão a todo o redor do caminho -- isso multiplica-se e torna-se a grande cruz e o fardo que vocês têm que carregar, e que, se a carregarem de modo triunfante, levará á própria coroa da conquista e vitória sobre vós próprios.

Para o verdadeiro Cristão, esse é o significado da cruz. Todos os outros significados são idólatras e Pagãos. Aquele que cultua nesse santuário ou diante do símbolo sem esse significado no seu coração é um idólatra. Aquele que se curva diante dele como tendo qualquer imagem velada da divindade, Deus ou homem, e não conhece a doce mensagem de que transmite ao mundo, é um idólatra. Aquele em São Pedro que, diante da Cruz faz o mesmo sinal sobre a sua pessoa, mas não sabe que isso significa sacrifício e conquista pessoal, é um idólatra. E aquele que amontoou credos tão grandes quanto o edifício em que presta o seu culto, e se curva diante artigos e ordenanças, esquecido da doce mensagem que torna a vida gloriosa, também é idólatra, quer venere na igreja Protestante, no santuário de São Pedro, ou na Índia Pagã.

Não determinamos esta questão por vós. Para nós, há apenas uma interpretação. Não devemos abrigar imagens que superem a ideia. Nós devemos ter há templos que sejam maiores do que as almas que os habitam. Não devemos ter nenhuma forma de culto que substitua o espírito de adoração. Não devemos ter nenhum Cristo que se situe demasiado longe para que a humanidade o siga. Devemos ter aquela divindade que entra no coração, molda a vida, se desdobra na compreensão, ergue o edifício da existência -- faz do glorioso homem ou mulher, tudo pela sua vitória e conquista.

A matéria é a cruz; a vida material é o fardo. Todas as tentações que se situam no seu caminho, as diversas dificuldades e obstáculos da existência, o espírito precisa enfrentar e triunfar. É gloriosa a vitória como aquela que enviou todo santo ou mártir para o céu; é igualmente triunfante quando alcançada. Traz a conquista; é a ressurreição; é a vida, a doçura subjacente e amor graduais e imortais perfeitos que conduzem o espírito humano por todos os caminhos de dificuldades até o triunfo da morte.

Tirar-lhes o fardo? Não, ainda que gozássemos desse poder neste instante. Diminuir as vossas tristezas? Não ainda que o nosso fosse um feitiço potente suficiente para os afastar. Um grande devoto homem disse: “Eu jamais tive um pesar a que pudesse furtar-me.” Doloroso de carregar? Nisso está a questão. Árduo e difícil de compreender? Esse é o caminho para a

compreensão. Não pensem que um Deus infinito de amor pudesse suscitar essas dificuldades.

A mãe carinhosa jamais poderia fazer com que a pedra furasse o pé do filho; mas ele nunca será um homem a menos que isso suceda. Não me venham falar do amor que fecha no armário a imagem para que nenhum sopro a atinja. Não me venham falar do afeto que protege a planta tenra até que ela definhe e morra. Não me venham falar daquele tipo de amor que não dá nada para fortalecer a árvore da floresta, mas que a deixa um rebento todos os seus dias. Vento e chuva fortalecem o carvalho, e até mesmo a violeta humildemente inclina a sua cabeça ante a tempestade que trás o ar frio ao olho da flor.

Lágrimas nos olhos fortalecem o coração, e a mão que traça a sua história sobre as paredes da vitória e da conquista é tornada gloriosa. Um mar de rosas é o lendário céu e paraíso Oriental. O Cristão aprendeu que o caminho da coragem e firmeza que leva ao alto da montanha é aquele onde a melhor vista pode ser obtida. O turista haveria de desprezar da amabilidade que o mantivesse sempre no vale por ele poder magoar os pés na subida até onde possa ver o nascer do sol sobre os Alpes.

Trepem, escalem, subam se quiserem ver o sol sobre as colinas eternas. Deixem que as pedras lhes perfurem os pés se quiserem saber o que é ter conquistado a vitória da vida. Não ponham de lado os espinhos se quiserem saber o que é tê-los vencido. Os marinheiros atravessam os mares; os filósofos sondam a terra e permanecem por toda a vida sobre um segredo para poderem descobrir o seu mistério. Cabelos ficam acinzentados, os rostos enrugados, as formas atingem a decrepitude por causa da verdade de que a alma anda em busca.

O ouro, que não durará um único dia quando vocês se estiverem mortos, toma-lhes o vosso tempo, a vossa atenção, as vossas vidas -- vocês arrastam-se exaustivamente a cada hora do dia e não consideram isso uma cruz. A verdade, porém, Deus deve-lhes revelar. Qualquer coisa que seja para benefício das vossas almas deve cair aos vossos pés para que vocês possam colhê-la. A inspiração e a profecia e todo o conhecimento espiritual deve vir sem que a peçam!

Continuem a cavar à procura de ouro. Continuem a arrastar-se pelo vosso caminho fatigante para erguer monumentos por que os filhos dos vossos filhos haverão de os desprezar; mas nunca mais digam que é uma cruz, quando mesmo diante de vós estão as verdades douradas e as palavras inspiradoras que vocês não estenderiam a vossa mão para agarrar, mas culpam a Deus por não lhas impor à vossa consciência.

Saibam que o esforço está nisso, o espírito está nisso, a luz está nisso. O caminho para ela é através de todas as tentações que vocês evitam, através da conquista de todo inimigo que vocês temem, da superação das próprias cadeias que escravizam

e da rutura dos próprios laços que os amarram. Saibam que a vitória está nisso, e não no evitar de toda a dificuldade; apenas na sua superação.

O menino no muro do castelo, o explorador no Mar do Norte, o Dr. Livingstone na África -- isso é o que os homens farão por uma ideia. A verdade que se encontra dentro da alma não valerá tanto? Dizemos que vocês nunca hão de ter um tesouro espiritual, uma verdade sublime, uma esperança divina, uma realização santa e consagrada da profecia, a menos que a conquistem ao longo do abismo que vocês procuram evitar. Dizemos que o espírito não pode triunfar sobre o barro; ele não pode vencer o seu destino, não pode obter a sua herança, não pode entender a si próprio, a menos que o glorioso reino do espírito seja forjado no vosso sacrifício e sofrimento.

Quem estimará a nobreza titular da Grã-Bretanha ou do Velho Mundo? Quem se preocupará com riqueza ou fama que seja transmitida de pai para filho? Richard Cobden, John Bright, todos os grandes espíritos que se destacam e pleiteiam a causa dos homens são aqueles que conquistaram a vitória da vida por si próprios.

Quem se importará com a fama escrita nas tábuas antigas de qualquer parede ancestral? Vocês não travaram essas batalhas. Vosso não é o crédito pelos feitos da ousadia deles. O que foi que vocês fizeram? O teste encontra-se aqui. A força está na vossa própria cidadela. Vocês ergueram o castelo em que habitam. O vosso espírito é nele um mandrião caquético, ou encontra-se vivo, alerta, ativo, e conquista todos os dias louros que reis e príncipes podem invejar. Não é necessário que o mundo os veja. A alma é o seu melhor e mais completo pacificador.

A alma consegue entender se vós que habitais o templo da vossa vida sois um ocupante digno. As vitórias que vocês conquistaram são identificadas lá e o vosso espírito compreende-as. Elas refulgem- lhes dos olhos e iluminam-lhes o rosto, e quando um homem se cruza convosco na rua, se vocês não se afastarem do seu olhar, mas o encararem com uma expressão de olhar clara e sincera, ele saberá que vocês venceram a tentação e não terão vergonha de encarar outra alma olhos nos olhos.

Voltem o vosso olhar para o lado, ou para baixo, e ele saberá que a vitória não está ganha, que o tentador ainda está presente, que a serpente ainda está no Jardim do Éden, e que o Cristo homem não lhes ensinou a lição, que Deus não veio habitar no vosso coração.

Ah, tomem a cruz da vida, carreguem-na com nobreza e bem, sem recuar, sem terror, sem medo. Nem os sinos da catedral de São Pedro em Roma, nem da Abadia de Westminster, nem da de São Paulo na Inglaterra, nem de todas as igrejas que se alinham nas ruas das vossas cidades apinhadas, podem emitir acordes de alegria e louvor tais como os que são difundidos do alto imponente do

santuário daquela alma em que a vitória tenha sido conquistada sobre o egoísmo e o orgulho e a preocupação, pelo verdadeiro significado da cruz.

ESPÍRITOS GUARDIÃES
E OS ANJOS DA GUARDA
A SUA IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO

Cora Richmond, 1897

"O antigo termo de que a palavra anjo derivou é muito subtil e faz referência a um mensageiro dos ciclos; a períodos recorrentes do tempo, e consequentemente foi interpretada com dificuldade por aqueles desconhecedores dos ciclos dos Magos. Literalmente, um anjo era um mensageiro do ciclo e os arcanjos eram os mensageiros dos ciclos messiânicos; consequentemente, um arcanjo raramente aparecia exceto para anunciar ou fechar um ciclo messiânico maior ou menor..."
"'Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre veem a face de meu Pai que está nos céus." (Mateus 18: 10)
'Anjos esses, que significam as suas próprias almas, a luz da alma, que jamais se acha separada do Infinito, ou do Pai, ou dos céus...'"

"É verdade que os espíritos guardiães poderão mudar, ou seja, um espírito guardião pode-se-lhes adaptar num período da vida e outro a outro..."
"Por vezes eles são do vosso próprio lar; naturalmente deveriam estar agregados por laços da consanguinidade ou profundo afeto que não decorre meramente da relação física..."

"Bom, pensem num amor paternal, que se assemelhe ao de irmão ou irmã, que além disso seja duradouro, que não seja infinito mas inclusivo; suponham que o anjo da guarda, alguém que os conhece de uma ponta à outra, que na hora do nascimento tenha tido conhecimento das precisas condições sob as quais vocês iriam entrar na vida humana; que compreendia o rumo da vida que vocês viriam necessariamente a seguir, por causa das condições da entrada na vida humana e das vossas condições particulares; um que conseguia prever tão bem, qual viria a ser o vosso destino terreno pelos ângulos da existência individual, pelas linhas interiores e exteriores, quanto um matemático, pelos ângulos e linhas de incidência e de coincidência, consegue predizer os resultados finais dos cálculos geométricos. Suponham que no período da vossa entrada na vida humana esse anjo que assumiu o comando, ciente de tudo, e foi designado para ficar junto a vós, decida quais venham a ser os vossos espíritos guardiães caso alguma decisão seja necessária, para que a lei da adaptação possa prevalecer; aí, as pessoas dirão, sempre ansiosas por saltar para uma conclusão, e por evitar o conhecimento e a sabedoria, "Porque é que não me poupam à infelicidade?" Por não ser da sua conta mantê-los livres da loucura. A loucura é resultado da falta de desenvolvimento..."

"Portanto, os espíritos guardiães, à semelhança dos pais da existência humana são indicados para liderar, para mostrar o caminho, para apontar a luz, para mostrar o significado da lição..."

"O mesmo sucede com as proposições e dificuldades que vocês defrontam

diariamente; nesta correria louca aos médiuns me busca da satisfação desta dificuldade ou de evitar aquele obstáculo, como contornar este pesar, e a resposta é tanta vez insatisfatória. Insatisfatória por o espírito do mundo não ter permissão para pensar por vós, para crescer em vosso lugar..."

"Muita gente espera do espírito do mundo não só a verdade absoluta, que não conseguiriam compreender, mas a verdade relativa, no entanto não levam tal proposição condicional consigo à médium..."

"Muitos Espiritualistas há que buscam saber como alcançar as maiores alturas no reino do espírito, como lhes haverá de ser atribuído o mais elevado lugar. Porém, não será melhor conhecer o que seja verdade, seguir as boas maneiras e orientação? Não compreenderão que não há recompensa de mérito no sentido da preferência externa? Esta competição que é a maior maldição da existência humana e a sua necessidade, este desejo do primeiro lugar da posição mais importante, em vez da excelência em função de si própria, tudo isso há de ser alterado pelos examinadores do íntimo, pelos anjos da guarda, que instruem os espíritos assistentes que são designados para fazer esse trabalho por diversas formas; para os submeterem à prova, ao teste, para os comandar, para os fortalecer sem os enfraquecer, para lhes dar a luz na medida em que se tratar de a dar. Ah, a bênção de saber que não estão sós; a bênção de saber que não são negligenciados, que o órfão e o pobre, negligenciado pelos seres humanos, ainda está tão perto do amor Infinito, e é objeto de tanto ternura e comiseração quanto qualquer um, e não é negligenciado."

"Ah, a tutela dos espíritos, o doce conforto na hora do sofrimento, a força dada na hora do mais profundo desespero! Já tiveram conhecimento de pessoas que passaram por condições de uma completa falta de um raio de luz, onde aparentemente todos os caminhos se achavam vedados, onde não pareciam encontrar forças no exterior, e subitamente foram atingidos por uma luz, transmitida por esse poder luminoso, por essa fora de dentro e de cima, por esse anjo da guarda, uma luz tal que os terá levado a exclamar: "Agora tenho esperança, nada na vida exterior me ocorreu que me reforçasse, mas eu sei que posso ir em frente. " Essa é a vitória real.

"Cabe-lhes ajudar-vos mutuamente a obtê-la; cabe-lhes assistir com as mãos onde quer que essa assistência for necessária, assistir com a voz onde quer que for necessária; cabe-lhes voltar-se para os vossos espíritos guardiães, não para dizer, a

exemplo do lado humano, “Que este cálice seja afastado de mim,” mas olhai! - “Eu venci o mundo!” - querendo com isso dizer, o sofrimento, a tentação, as fraquezas das condições humanas. Então por fim nesta vida os vossos espíritos guardiães, os vossos amigos assistentes, serão não só companheiros habituais, não só conselheiros, amigos e guias dedicados, mas iluminá-los-ão no vosso caminho, até que nalgum momento supremo, numa hora qualquer de transfiguração, o véu do espírito lhes seja removido, e vede! - o vosso anjo da guarda, que jamais os deixa ficar mal, se lhes revela no amor eterno que dura para sempre.”

A PALESTRA

“Não serão todos eles espíritos ministrantes?”
“Ele delegará aos Seus anjos o vosso comando.”

Nas mais de cinquenta vezes em que o termo anjo é empregue na Bíblia, e nas muitas vezes em que a palavra espírito é usada, há, evidentemente, uma certa distinção a ser feita.

A antiga palavra de que derivou o termo anjo é muito subtil e faz referência a um mensageiro, um mensageiro de ciclos; os recorrentes períodos de tempo, e consequentemente foi interpretada com dificuldade por parte daqueles desconhecedores dos ciclos dos Magos. Literalmente, um anjo era um mensageiro do ciclo e os arcanjos eram os mensageiros dos ciclos messiânicos.

Consequentemente, um arcanjo raramente aparece exceto para anunciar ou fechar um ciclo maior ou menor messiânico. Esse conhecimento resultou da computação dos Magos e daquelas ordens secretas em que a astrologia incluía tanto ciclos astronómicos como ciclos espirituais. Contudo, os anjos eram mensageiros dos ciclos das vidas individuais assim como das Messiânicas.

Quer o aceitem como tradição ou mito, toda a nação tem os seus anjos da guarda mitológicos assim como espíritos ministrantes. Os Devas do Oriente outra coisa não eram que ministrantes luminosos e sombrios, e os anjos das Escrituras derivaram dessas vidas de seres sobrenaturais que supostamente tinham a seu cargo os grandes acontecimentos terrenos, e as vidas dos indivíduos no seu mais elevado e sagrado estado.

No Oriente era ensinado que por altura do nascimento, um anjo de luz e um anjo das sombras pairava sobre toda a vida humana, um a incitar para o bem, o outro para o mal ou para as sombras. Isso derivou em parte da religião Persa e em parte da religião Hindu. Muitas outras pessoas acreditavam que um anjo de luz pairava perto de toda a vida humana. Mas esse anjo de luz não podia evitar as sombras nem evitar a experiência humana. Consequentemente, entre os Judeus a interpretação era proveniente tanto do Oriente como do Egipto. Quando dizemos

Oriental queremos dizer Budista ou Brâmane. O poder do anjo, porém, foi frequentemente mal-entendido e mal interpretado.

Há uma outra referência que as Escrituras fazem ao anjo com respeito às crianças: "Cuidem de não prejudicar nenhum destes pequeninos, por os seus anjos sempre contemplar a face do pai que reside nos céus." Nesse sentido, os "seus anjos" significariam as suas próprias almas, a luz da alma, que jamais se separa do Infinito, ou do Pai, ou dos Céus.

INSPIRAÇÕES FUNDAMENTAIS

Seja qual for a origem dessa ideia, ela é tão velha quanto a história humana, e deve ter tido a sua origem naquelas inspirações que são primordiais em toda a religião. A custódia dos anjos é aquilo em que os Cristãos, Judeus e Pagãos acreditam por igual. Mesmo em meio aos Índios da América do Norte chamavam "Manitous" menores aos espíritos dos Chefes que tinham partido, sábios ou antepassados, aos "auxiliares." O Manitou é a Divindade ou Grande Espírito; o Manitou menor é um espírito guardião ou anjo da guarda.

Digamos o seguinte: Muita gente acredita num estado futuro, mas acredita que não existe nada ordenado, que nada é organizado, que tudo é aleatório, como parece por vezes acontecer na vida humana. Bom, a florista está bastante disposta a acreditar que, por exemplo, a ordem do lírio possui naturalmente seis pétalas, e que a ordem da rosa no seu estado natural possui cinco pétalas; é claro que há exceções, mas a exceção claramente ilustra a regra geral. Agora, lá por a florista ou o botânico descobrir isso, ele não está obrigado a explicar a razão por que é assim; ele simplesmente diz-lhes que é assim, que é visto ocorrer na natureza.

O materialista não encontra culpa em tal explicação, por ser vista que assim é e o botânico o descobrir. É interessante localizar por todo o reino floral a planta ou flor particular que pertence a esse genus (ordem) ou espécie. Em todo o domínio da natureza constata-se uma certa ordem, uma certa harmonia, e o objetivo da ciência é o de descobrir essa ordem e, se possível, explicar a referência que faz às leis essenciais; mas certamente quando qualquer cientista descobre uma lei ou regra por que as coisas são governadas jamais é requerido que diga a razão por que é assim. É simplesmente assim.

Bom, no domínio da mente há determinadas leis e regras que os versados em lógica reconhecem, muito embora as compreendam de modo bastante imperfeito no entanto a ninguém é exigido que diga por que é assim. O mesmo sucede com os matemáticos; é simplesmente facto que certas proporções, certos números, certas regras e certas relações governam os átomos, os mundos e as manifestações da natureza. Também se constata ser proposição natural, que existe uma certa génese de vida, e que nas formas orgânicas, em especial nas formas animadas, o mais perto que chegam de formas antropológicas de vida mais a linhagem, em especial a ascendência, se torna especial, distinto e pessoal, e por fim na raça humana a ascendência particular é o objeto especial de consideração, e com muitos que

procuram descobrir somente por meios materiais as leis da hereditariedade, de linhagem de um ponto de vista físico é da maior importância. Raças de povos que se assemelham uns aos outros constata-se que dependem em larga medida da linhagem em termos das suas peculiaridades físicas. Isso é admitido, embora todo estudante da natureza humana se interesse por delinear, se possível, as proposições fundamentais ligadas a isso. No entanto, se alguém descobre uma certa linha de ascendência, uma certa linha de descendência para uma raça particular, a ninguém é requerido que explique porquê.

É uma questão insensata, e eis porquê. É como o garoto que não quer aprender o alfabeto. Quando o professor dizia. "Este é um A," ele dizia, "como é que sabe que é um A?" "Este é um B." "Porque é que é um B?" Isso é o limite do aprendizado. Assim que o "porquê" começa a interferir quando uma afirmação é feita em termos de carácter definitivo, esse é o fim da aprendizagem. * Precisam aceitar alguma coisa como garantido. A figura hipotética do matemático é aceite como garantida; e hipotética letra do alfabeto é aceite como dado adquirido; quando aprenderem a ler verão porquê.

*NT: Por acaso discordo desta afirmação, que poderia refutar categoricamente dizendo que o aprendizado precede a afirmação e a negação, se tal viesse ao caso; mas por aqui ser levantada com outra finalidade, admito-a justamente no contexto evocado, já que o contrário envolveria uma negação aberrante.

A LEI DA MENTE E DO ESPÍRITO

Essa lei é válida, embora não reconhecida, no domínio da mente, do espírito e da alma. Mas por as pessoas se terem acostumado a pensar que os pensamentos sejam acidentes, que o espírito seja um fantasma ou um sonho, que não existe lei ou regulamento respeitante ao espírito e à existência do espírito, recusam-se a considerar as proposições que se relacionam com o governo, ordem e harmonia da existência espiritual tanto aqui como na vida do espírito. Vós reconheceis a filiação natural da vida, por isso lhes ser forçado, embora haja milhares de seres humanos que jamais experimentaram nada da sua proteção no amor que é apropriadamente suposto dizer respeito à vida parental; há órfãos a chorar pelas ruas, crianças no meio da pobreza e da vergonha, e degradação, que, quase teriam passado melhor se não tivessem tido pais. No entanto, a grande lei da vida é reconhecida, e por entre aqueles que têm afeto e um desenvolvimento adequado, reconhecida com alegria, com gratidão, com o devido apreço.

É de admitir que o amor ideal da humanidade é o amor de pai ou mãe para com filho ou filha, e vice-versa, e das pessoas umas pelas outras que se acham verdadeira e harmoniosamente unidas. Agora, é facto que na comunhão entre os estados espirituais e no reconhecimento da natureza espiritual dos mortais, se constata a uma relação, uma lei da mente e do espírito, aquilo que leva a que os

pensamentos de dois indivíduos se pareçam um com o outro, porventura mais do que com os pensamentos de dois outros indivíduos.

Isso não lhes foi forçado, mas descobre-se que é verdade quer optem por o aceitar ou não. Podem negar a proposição relativa ao lírio, que isso não altera o facto; podem negar a lei relativa às pulsões de luz, mas isso não o altera; a vossa ignorância não altera os grandes princípios fundamentais do universo.

É um facto que por entre as pessoas não se verificou um reconhecimento de um futuro estado para o ser humano, mas houve um reconhecimento da lei da relação existente entre aqueles que se encontram na vida humana e aqueles que residem além da existência humana, no estado seguinte ou na existência anterior, a priori. Vejam, por exemplo, a lenda dos países do Norte. Friega é a deusa beneficente, a esposa do grande deus Odin, que habita no domínio das almas; ela tem a tutela das almas antes delas assumirem a forma humana. Então, quando assumem a vida humana sob a benéfica orientação e tutela de Friega, são-lhes designados anjos da guarda desde os salões da Valhalla, da morada dos abençoados para residirem próximo a eles numa ou noutra forma. Essa ideia impregna todas as religiões, todas as chamadas mitologias do mundo.

É crença do íntimo de toda a mãe terrena intuitiva, em especial quando o filho ou filha com a sua vida tenra e palpitante lhe é colocada nos braços, que um anjo deverá ter trazido essa criança dos jardins do paraíso, tão alegre é o palpitar do coração do amor de mãe, tão grato é o seu espírito por esse novo tesouro da vida que lhe é confiado à guarda. Quando olham nos olhos do bebé, que com lágrimas e espanto olha o mundo da vida humana, quase conseguem ver a luz daquele reino imortal de onde veio, e que o pensamento do bebé começa vagamente a ter noção da sombra do nascimento humano.

Ninguém poderá duvidar que a imagem ideal do anjo da guarda inclinado sobre o berço do bebé adormecido é verdadeiro, quer dizer, ninguém poderá duvidar disso na sua natureza ideal. Apenas a imbecilidade cega dos sentidos, somente a escravidão do pó leva as pessoas a nega-lo. Mas quando lhes chega ao conhecimento através da consciência externa dos espíritos assistentes, dos anjos da guarda que lhes foram revelados, lá volta então a realização do sonho ideal da vossa infância e da vossa mãe.

As classes de seres que guardam a vida humana bem que podem ser organizadas como a ordem das plantas, ou como as classes de seres que vocês encontram na vida humana são organizadas, só que vocês não sabem que a organização, ainda não desvendaram a combinação, não compreendem os diversos mistérios éticos e espirituais das relações da vida. Mas suponham que eram um anjo (é claro que de momento terão uma possibilidade muito diminuta, mas uma que vocês tenham a esperança de alcançar), o que parecerá duvidoso, misterioso, sem guia e desprotegido seria tudo solucionado.

É precisamente como muitíssimos problemas que um matemático proficiente consegue desenredar; ou muitas cores, aquele que é proficiente na cor pode perfeitamente desenredar na perfeição uma das outras; tudo o que existe na vida humana que parece tão estranho e desorganizado, tão disfuncional, numa confusão, quais "sinos desafinados, " precisa ser perfeitamente compreendido por parte daqueles que são sábios o suficiente para delinear as diferentes linhas da vida humana, e compreender que cada qual tem significado e sentido; que as relações da existência humana não são acidentais, mas são arranjadas a partir de dentro e de fora de acordo com as necessidades e condição de cada ser humano.

Por isso, deve existir no reino do espírito e na vida angélica quem se ache adaptado para os guiar e os guardar, provavelmente assistir-lhes melhor do que muitos com quem vocês são levados a entrar em contacto na vida humana, embora vocês sejam levado a contactar com eles com uma finalidade, que é a da disciplina; o propósito do espírito assistente ou guardião deve ser o da orientação e do fortalecimento.

O subtil significado da tentação de Fausto, que numa forma ou noutra é retratada entre toda a gente, está em que a vida humana seja tentada com o objetivo da vitória final. Até mesmo o próprio Satanás, conforme Bailey na sua versão do "Festus" diz, foi criado para ser salvo. Assim, todo ser humano deve, não só ter um anjo da guarda que desde a nascença possui todo o conhecimento do ser humano por intermédio das diversas transições, que não pode afastar nenhuma experiência humana, mas pode sempre conduzir para a luz, mas os não pode compelir a entrar na luz, mas anjos da guarda há que diversamente adaptados para sugerir, para ministrar, a incitar.

É verdade que os espíritos guardiães podem mudar, ou seja, um espírito guardião pode estar adaptado a vós num período da vida e outro noutro. É pai sensato, por exemplo, na ida humana, aquele que sabe os melhores professores que se adaptam aos filhos. Nos regimes da instrução pública vós tendes um género de polimento mecânico sobre as pessoas mental e intelectualmente, mas isso não é de supor que seja o verdadeiro ensino da vida; esse é o mero ensino da utilidade e do método.

Algum anjo da guarda de uma pessoa sensata deve ter sugerido o "infantário," a lei da adaptação das crianças por esse método. Sob uma condição dessas, ou ordem, tem lugar a nomeação dos espíritos guardiães.

Por vezes eles são do vosso próprio lar; naturalmente deveriam estar agregados por laços da consanguinidade ou profundo afeto que não decorre meramente da relação física. Tal como a mãe tem o cuidado e orientação dos filhos, o infante não está separado dela no estado terreno, e sabe se está aparentemente separado dela pela morte do corpo, por o tempo todo a criança ser atraída pelo seu amor e pelo amor que a criança tem por ela; depois a filha ou filho que passaram da vida terrena na juventude, para quem se voltam com uma saudade indizível, ou o pai ou mãe a quem buscam conselho e orientação, que tenha partido e os tenha deixado na vida humana; esses deverão estar entre os vossos espíritos guardiães; há muitos espíritos guardiães.

Agora, pensem num amor paternal, que se assemelhe ao de irmão ou irmã, que além disso seja duradouro, que não seja infinito mas inclusivo; suponham que o anjo da guarda, alguém que os conhece de uma ponta à outra, que na hora do nascimento tenha tido conhecimento das precisas condições sob as quais vocês iriam entrar na vida humana; que compreendia o rumo da vida que vocês viriam necessariamente a seguir, por causa das condições da entrada na vida humana e das vossas condições particulares; um que conseguia prever tão bem, qual viria a ser o vosso destino terreno pelos ângulos da existência individual, pelas linhas interiores e exteriores, quanto um matemático, pelos ângulos e linhas de incidência e de coincidência, consegue predizer os resultados finais dos cálculos geométricos.

Suponham que no período da vossa entrada na vida humana esse anjo que assumiu o comando, ciente de tudo, e foi designado para ficar junto a vós, decida quais venham a ser os vossos espíritos guardiães caso alguma decisão seja necessária, para que a lei da adaptação possa prevalecer; aí, as pessoas dirão, sempre ansiosas por saltar para uma conclusão, e por evitar o conhecimento e a sabedoria, "Porque é que não me poupam à infelicidade?" Por não ser da sua conta mantê-los livres da loucura. A loucura é resultado da falta de desenvolvimento.

Bem que também poderão dizer: "Porque é que a mãe impede que o filho cresça?" Por vezes fá-lo inadvertidamente, mas não faz intenção de o fazer. Se a criança vier a crescer, não só deverá ela caminhar como também deverá experimentar o conhecimento das suas fraquezas com quedas; é claro que a mãe levanta-a e cura as feridas, afaga-a por diversas formas para lhe dar forças. Uma criança nascida em boa família não permitirá que vós caminheis por ele e o espírito, por mais fraca, hesitante e ofuscada que esteja, não deve esperar que os espíritos guardiães ou o anjo da guarda lhe afaste as provações e tentações. Aquilo que devem pensar, o que irão pensar quando conhecerem a lei perfeita, é que os espíritos guardiães lhes ensinarão a enfrentar as provações, lhes assistirão na superação delas ao lhes dar um conhecimento adicional e uma força adicional.

Tivemos conhecimento de mães e de pais que tinham passado para a vida do espírito que transmitiram mensagens escritas em lousa ou disseram através da boca de uma médium: "Meu filho, não te posso impedir das experiências necessárias da vida; nem o faria se pudesse. Nós amamos-te, velamos por ti, guiamos-te, mas tu precisas aprender essas lições da vida." Assim, os espíritos guardiães, à semelhança dos pais na existência humana são como adequados para orientar, para mostrar o caminho, para apontar a luz, indicar o sentido da lição.

Será que o professor que for inteligente, por o aluno não conseguir compreender à primeira, dirá: "Deixa lá, eu vou resolver o problema por ti; vai lá brincar; eu faço o exercício no teu lugar que tu não precisas fazê-lo?" Não; o professor diz: "Esta é a regra, agora meu filho, vou-te dar um exemplo, e a seguir precisas resolver o problema por ti próprio." Até que o cérebro da criança esteja treinado para

conhecer o sentido da aplicação da regra, o professor não deve deixar de se esforçar por influenciar a criança a resolver o problema.

O mesmo sucede com as proposições e dificuldades diárias que vocês defrontam; nesta correria louca às médiuns em busca da satisfação desta dificuldade ou de evitar aquele obstáculo, de como contornar este sofrimento, em que a resposta é tanta vez insatisfatória. Insatisfatória por o espírito do mundo não ter permissão para pensar por vós, para crescer em vosso lugar.

Temos em mente um homem de considerável intelecto, que desdenharia da ajuda de qualquer ser humano na resolução de um problema de lógica ou matemática, mas que sai da companhia de uma médium aparentemente desgostoso ou indignado com o pai, mãe ou espírito guardião não lhe resolver uma questão moral por ele, que o remetem para os próprios recursos, ou, possivelmente, uma falsa solução seja sugerida para que ele possa descobrir a verdadeira. Tal como o professor humano faz.

Muita gente espera do espírito do mundo não só a verdade absoluta, que não conseguem compreender, mas a verdade relativa, no entanto não levam tal proposição condicional consigo à médium. Um Espiritualista que a vossa oradora conhece disse: "Muita vez os espíritos dão respostas falsas, no entanto a resposta falsa é a verdadeira." Quer dizer, se forem a elas em busca de orientação, se as procuram em função do fortalecimento e luz, não devem ir até elas como autoridade; se o fizerem de certeza que verão que esse não é o caminho da luz, que isso não é tutela nem proteção.

Os espíritos respondem a partir das próprias condições em que se encontram; por vezes na qualidade de espíritos guardiães, os mais elevados respondem de acordo com as vossas necessidades. E então, lá muito para a frente nos anos que se seguirem vocês olharão para a resposta que tiver sido dada, mas que não terão compreendido, e dirão: "Ah, agora entendo o sentido daquela mensagem que me pareceu tão obtuso. Entendo agora o apoio que me foi dado no momento em que precisei dele."

A LEI DO DESABROCHAR DA VIDA

É a lei do desabrochar da vida que todo espírito que seja levado a entrar em relação ou contacto convosco deva servir para orientação e sugestão somente. Se vocês buscarem a autoridade os espíritos dar-vo-la-ão de acordo com a melhor sabedoria e conhecimento que possuírem, mas a autoridade não deve ser absoluta, ou vocês ficam fracos que nem uma criança, e passarão a depender deles quando deviam erguer-se sozinhos, e recorrem às muletas quando devem manter-se nas pernas.

É essa propensão para a autoridade que constituiu o pauperismo (miséria) e o empobrecimento espiritual das eras. É o "Tu deves, disse o Senhor," em vez do: "Tu deverás crescer e deverás aprender." É claro que existe a verdade absoluta, existe o caminho absoluto da vida, existe a solução final das proposições morais do universo tal como existe na matemática, mas vocês precisam atingi-las, aprendê-las. Perguntar ao espírito do mundo: "Será correto que eu o faça?" é mostrar

fraqueza;

É claro que na infância da condição humana os guiam e conduzem em muitos aspetos; mas os anjos da guarda não conduzem nem guiam os mortais para a sua fraqueza; vocês precisam ter o poder de decidir, um limite nessa incapacidade de decidir por vós próprios. Assim, vêm ao vosso encontro por formas que desenvolvem e fortalecem, por formas indispensáveis, formas que os deixam desconcertados.

O homem de intelecto, o cientista, vai consultar o mundo do espírito sem considerar todo este domínio da ética e lei espiritual, e espera aplicar à mensagem do falecido espírito a regra da química, ou da geologia, ou astronomia, ou matemática, por ele ter estudado tudo isso; ou então espera aplicar a lei da mera lógica humana. Se ele tiver entrado no domínio da moral, se ele compreender as grandes proposições éticas da vida, se se tiver em certa medida tornado conhecedor delas associando-se àqueles que são chamados criminosos, àqueles que são chamados insanos, àqueles que tiverem algum traço distinto de falta de retidão que o mundo reconheça, então poderá ver que existe uma lei de adaptação.

Suponham que vocês se encarregam de um lunático; nesse encargo não empregarão as mesmas regras que aplicam às pessoas que se não supõe serem insanas. Há muitos casos em que contradizer um excêntrico equivale a produzir a maior forma possível de violência; a mente é incapaz de acolher aquilo que é facto real; vocês precisam, em certa medida, curvar-vos às excentricidades do lunático.

Alguma vez terão pensado que o espírito guardião faz isso nas mensagens que vocês recebem, e que por vezes o facto absoluto, ou a verdade absoluta, soa de tal modo estranha à vossa atual condição que, ou vocês não acreditam em absoluto nela ou se portam como malucos delirantes, inteiramente incapazes de a acolher? Vocês curvam-se amiúde às condições da infância; existem muitas proposições humanas que não podem ser ensinadas a uma criança. Algumas pessoas dizem não ser correto enganar as crianças. Aí, tudo o que têm que dizer é: "Espera, minha querida, até que cresças e aprendas mais, que então compreenderás." Alguma vez souberam de uma criança que se tenha contentado com uma resposta dessas?

Quando vocês enquanto crianças crescidas vão até o mundo do espírito em busca de mensagens, que porventura estejam além do presente conhecimento que têm, além da presente possibilidade de conhecerem e compreenderem, ou além daquilo que seja judicioso, sensato, para vós receber, alguma vez se sentirão satisfeitos quando recebem uma mensagem: "Agora não te posso dar uma resposta"? No entanto a infalível lei da tutela ou proteção é a adaptação, a consolidação, o salientar de lições da vida conforme elas lhes chegam diariamente.

Depois por vezes os guardiães veem e produzem no quadro da mente por frases incomparáveis um conselho tal como se fizer necessário; para o cético, o burlista,

alguém egoísta que busque uma resposta direta sobre as questões do foro humano: “Mas, isso são meras generalidades reluzentes,” dirá ele, embora o sofrimento particular sempre seja confortado, é-lhes sempre dito que vocês precisam responder à dificuldade particular da forma que seja melhor e mais sensata, e se por parte da vossa persistência uma resposta mais direta for dada, mesmo assim não os há de satisfazer.

Há quem só procure aconselhamento para descobrir minas de ouro, poços de petróleo ou alguma fonte de riqueza material. Quando a resposta não acaba por se tornar verdadeira, não será um choque para o seu ideal, natureza espiritual? Não! Mas se todo o mundo do espírito se tornasse caçadores de tesouros, de que serviria a tutela. Como iria o mundo sair beneficiado espiritualmente se, em vez da grade verdade primordial da tutela, o anjo devesse anunciar através da sua trompete, “Para o Klondike!” Vocês considerariam que fosse o conselho mais elevado? Ou que o principal conselho dado seja com relação aos conflitos diários das questões humanas que têm à vossa própria porta, a pedinchice mesquinha em que esperam levar vantagem sobre o vosso vizinho seja? Ou então, qual proeminente especulador em Chicago, vocês pensem ter um sindicato no mundo do espírito composto pelos Vanderbilt, os Gould, os Astor, que lhes digam como obter vantagem sobre o vizinho, ou o vosso irmão; considerariam isso como a tutela ou proteção mais elevada?

Ocorrerão erros forçosamente em tais conselhos, e será de acordo com o plano mais apropriado que devem ocorrer. Se tiverem que buscar aconselhamento nesse sentido, o desejo mais glorioso que o vosso anjo da guarda poderá oferecer-lhes será: “Ah, que o conselho esteja pejado de erros,” caso contrário o mundo irá todo enlouquecer na busca desses santuários, de tais conselhos por coisas materiais. Os oráculos foram afastados do homem por causa disso; os antigos santuários tinham que ter proteção por causa disso; e aqueles que buscavam os espíritos familiares (NT: Servos elementares associados à feitiçaria negra) tinham que ser condenados por só buscarem interesses terrenos.

Mas então alguém perguntará com base na grande plausibilidade humana:” Os nossos amigos do espírito não ase interessarão pelo nosso bem-estar material?” Com certeza que se interessam pelo vosso bem-estar; se eles ainda fossem humanos, considerariam porventura que, o vosso bem-estar material é importante e tentariam ajudá-los nesse sentido, e por vezes fazem-no em certa medida. Mas o anjo da guarda, que sabe que o vosso bem-estar não é o mais importante, que não é o objetivo e proposição da vida humana, e que aqueles que mais bem-sucedidos são em posses mundanas -- reparem na proposição -- aqueles que são bem-sucedidos nos assuntos mundanos, o fazem às custas dos tesouros moral e espiritual da vida.

Alguém veio a té nós e disse: “Porque não poderemos ter todo o dinheiro que queremos por uma boa causa?” Nós dissemos, “Ora! Invejas o dinheiro que o

mundano possui? Isso é tudo quanto ele tem, e equivale a um tesouro pobre e deficiente em que se apoiar. Deixa que o possua, uma vez que dele carece; mas tu, que possuis a verdade, tu que tens conhecimento do amor, podes permitir-te sacrificar coisas mais insignificantes, podes permitir-te ser paciente, forte em meio a toda essa fraqueza material."

Quando o Mamom se voltar para servir a verdade, tenham cuidado! Mas tempo virá em que todas as coisas necessárias acorrerão àqueles que precisam, por não existirem mais os dois altares da veneração humana, Deus e Mamom; só haverá Deus, que quererá dizer a humanidade. Toda a vida que compreende precisa ser paciente; todo coração que esperar ansiosamente por esse fim precisa ser paciente.

Entretanto os anjos da guarda, os espíritos e assistentes aguardam e vigiam, e estes por sua vez são protegidos e guiados por aqueles que têm acima. Muita vez quando os vossos amigos do espírito lhes dão uma resposta a alguma questão humana menos significativa, a resposta chega assim: "Não me é permitido dizer isso." É aí que o anjo da guarda se interpõe e lhe sela os lábios da boca que a haveria de falar ou da mão que haveria de a escrever. "Não á melhor informação a dar, nem o tipo de informação que se dê; não hoje, nem neste instante." Mas quem alguma vez ouviu falar dos limites daqueles que buscam o alimento espiritual e divino? Mas, quando buscam esse conhecimento, esse pão da vida, essa compreensão espiritual, mesmo aí ela chega-lhes de acordo com a necessidade que tiverem.

Quando Jesus disse: "Eu tenho muitas coisas a contar-lhes, mas não as conseguiriam entender agora," Ele queria dizer que tudo viria na grande e terrível aflição que se iria seguir, e ele queria dizer aquela luz clara e branca que se iria seguir, aquele amor absoluto, que os discípulos não conheciam. Pensem bem como, quando lhe perguntaram quem seria o maior, quando fossem para aquele reino dos céus, mostraram a fraqueza humana, o egoísmo humano, e o desejo de preferência. (NT: Mateus 18-19) Vocês sabem a resposta que ele deu. Não pode haver maior no reino da perfeição.

Muitos Espiritualistas há que buscam saber como alcançar as maiores alturas no reino do espírito, como lhes haverá de ser atribuído o mais elevado lugar. Porém, não será melhor conhecer o que seja verdade, seguir as boas maneiras e orientação? Não compreenderão que não há recompensa de mérito no sentido da preferência externa?

Esta competição que é a maior maldição da existência humana e a sua necessidade, este desejo do primeiro lugar da posição mais importante, em vez da excelência em função de si própria, tudo isso há de ser alterado pelos examinadores do íntimo, pelos anjos da guarda, que instruem os espíritos assistentes que são designados para fazer esse trabalho por diversas formas; para os submeterem à prova, ao teste, para os comandar, para os fortalecer sem os enfraquecer, para lhes dar a luz na medida em que se tratar de a dar. Ah, a bênção de saber que não estão sós; a bênção de saber que não são negligenciados, que o órfão e o pobre, negligenciado pelos seres humanos, ainda está tão perto do

amor Infinito, e é objeto de tanto ternura e comiseração quanto qualquer um, e não é negligenciado.

SE ELE FOSSE DEUS

O Sr. Ingersoll diz que se ele fosse Deus não teria infelicidade no mundo. Nesse caso, se ele fosse Deus, precisaria afastar todo o egoísmo primeiro. Só que o caminho passa pela própria conquista do eu, e alguns daqueles que padecem da fraqueza de não encarar o sofrimento por lhes provocar desconforto precisarão conquistar o seu egoísmo e prestar assistência ao sofrimento. Muita gente há que é generosa; mas isso não é nem caridade nem beneficência autêntica; são generosos meramente por não querer ver uma mulher a lamentar-se, um bebé a chorar.

Que foi que levou Florence Nightingale a seguir as pisadas do exército que se extinguia na retirada senão a palpitação da compaixão humana, forte na conquista da fraqueza que não suporta encarar o sofrimento? Sentirão compaixão autêntica aqueles que se sentam a lamentar impotentes aos pés da cama dos enfermos e do sofredor? Confortarão mais aqueles que dizem: “Ah, bom, não vejo como vais poder prosseguir; sinto muita pena de ti,” mas jamais sugerem um remédio?

O grande segredo do cirurgião reside na coragem que infunde; aquele que é verdadeiramente compassivo ministra transmitindo força num gesto de ajuda em meio às dores do sofrimento; o verdadeiro guarda dá força ensinado como superar o sofrimento, que não é nem condenação nem disparate condescender ao dó pela condição dele. Entre essas duas modalidades está o caminho dourado da assistência: “Sinto muito por ti na tua debilidade e invalidez; mostrar-te-ei uma forma mais excelente: Sê um homem, sê uma mulher, por não haver momento algum em que a esperança esteja completamente perdida, nem me que te não possa voltar, não suplicante para o medo nem para a ira de um Deus irado, mas para o grande Amor que é eterno, para a luz do guardião que jamais falha, para o facto de que toda a alma humana é tão válida quanto as demais aos olhos do amor Infinito.

Ah, a tutela dos espíritos, o doce conforto na hora do sofrimento, a força dada na hora do mais profundo desespero! Já tiveram conhecimento de pessoas que passaram por condições de uma completa falta de um raio de luz, onde aparentemente todos os caminhos se achavam vedados, onde não pareciam encontrar forças no exterior, e subitamente foram atingidos por uma luz, transmitida por esse poder luminoso, por essa fora de dentro e de cima, por esse anjo da guarda, uma luz tal que os terá levado a exclamar: “Agora tenho esperança, nada na vida exterior me ocorreu que me reforçasse, mas eu sei que posso ir em frente. ”

Essa é a vitória real. Cabe-lhes ajudar-vos mutuamente a obtê-la; cabe-lhes assistir com as mãos onde quer que essa assistência for necessária, assistir com a voz onde quer que for necessária; cabe-lhes voltar-se para os vossos espíritos guardiães, não

para dizer, a exemplo do lado humano, “Que este cálice seja afastado de mim,” mas olhai! - “Eu venci o mundo!” - querendo com isso dizer, o sofrimento, a tentação, as fraquezas das condições humanas. Então por fim nesta vida os vossos espíritos guardiães, os vossos amigos assistentes, serão não só companheiros habituais, não só conselheiros, amigos e guias dedicados, mas iluminá-los-ão no vosso caminho, até que nalgum momento supremo, numa hora qualquer de transfiguração, o véu do espírito lhes seja removido, e vede! - o vosso anjo da guarda, que jamais os deixa ficar mal, se lhes revela no amor eterno que dura para sempre.

A ORIGEM DO HOMEM

TÃO DISPUTADA PELA CIÊNCIA E PELA TEOLOGIA, QUE, ENQUANTO MERAS ABORDAGENS QUE SÃO, SÓ APRESENTAM MEIAS-VERDADES

Uma Oração inspirada, proferida pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Grand Concert Hall, de Brighton, no Domingo, 4 de Outubro de 1874. O tema foi escolhido pelo público.

Provavelmente no final irá dar no mesmo, uma vez que a origem e o destino do homem devem provir da mesma fonte. No entanto, se o público decidiu sobre “A Origem do Homem,” devemos recapitular o terreno que foi percorrido repetidamente por muitas centenas de mentes, sendo o assunto não apenas novo, mas um em que as diversas fases foram elaboradas com frequência e agora são discutidas continuamente.

Há duas opiniões distintas no mundo sobre a origem do homem. Uma é a opinião religiosa ou teológica que é apresentada na Cristandade a respeito da criação do homem, e é encontrada no livro de Génesis, no Antigo Testamento das vossas Escrituras. Mas, como a Cristandade não incorpora toda a família humana, e como aqueles que professam a crença no Cristianismo e no Antigo Testamento totalizam quase um quarto - talvez um quinto - de toda a população do globo, cabe-nos considerar bem antes de unirmos a nossa fé à ideia distinta da natureza teológica que refere.

Todos vocês estão familiarizados com o relato do livro de Gênesis e, todos sabem que isso forma a base da crença teológica e religiosa do mundo atual - do mundo Cristão. No entanto, vocês estão igualmente cientes de que, entre as nações do Oriente, e especialmente nas Índias, a antiguidade da sua religião situa o advento do homem na Terra muitos milhares, sim, muitas centenas de milhares de anos antes do começo da criação mencionada no livro de Génesis. Vocês estão ciente de que os Shastras dos Indianos e Hindus, o Zend-Avesta dos Medos e dos Persas, o Alcorão dos Maometanos, todos continham outros relatos distintos do modo da criação. Vocês têm consciência de que entre os Brâmanes existe uma crença na imensa antiguidade da raça humana, e que ela teve a sua origem no próprio

Brahma, que veio na forma e na personificação de homem, e que os Brâmanes reformados acreditam mesmo agora que Buda é o representante de Brahma na terra. Também têm noção de que o livro de Génesis, embora seja o relato autoritário dos Hebreus, e tenha sido adoptado pelos Cristãos como evidência da criação do homem, não é de forma alguma uma autoridade indiscutível. Ao fazer esta afirmação, não a fazemos sem cuidadosa consideração. Também têm consciência de que dentro da própria Igreja existem divergências de opinião sobre se esse relato deve ser considerado literal ou se deve ser tomado no sentido simbólico ou espiritual.

Têm consciência de que o Bispo Colenso considera que o próprio livro do Génesis é a compilação de dois autores diferentes e que o relato da criação não está completo, porque o livro do Gênesis não é de uma única autoridade. Também têm consciência de que, fora dos limites da Igreja, as fortes tendências científicas da época são e têm sido há meio século, contra o relato literal contido no Livro de Génesis sobre a origem do homem. E também têm consciência de que, há mais de dois séculos, esse relato distinto foi contestado e que, mesmo nas eras mais antigas da religião Cristã, foi sujeito ao mais rigoroso escrutínio.

O relato teológico faz do homem a última criação após um período de seis dias, faz da função distinta e específica do homem o "acto culminante da criação material, faz dele o resultado especial e distinto da mente da Deidade, faz de um homem e de uma mulher, os pais distintos de toda a família humana, e reduz a criação da terra, dos céus, de todas as estrelas, planetas e do sol, a esse período de seis dias e noites e, conforme vocês também sabem, a criação do homem (homo) e da mulher, o acto distinto, absoluto, legítimo e directo da própria Deidade.

Por outro lado, o mundo da ciência disputa a literalidade desse relato, faz com que a criação se estenda não apenas a seis dias e noites mas a eras, fazem com que períodos geológicos de porventura de um milhão de anos intervenham entre uma criação e outra, faz do homem a expressão e o epítome de uma sucessão de seres criados, cada um dos quais é um elo da grande cadeia da existência.

A ciência declara que os seres humanos devem ter existido numa era da terra que deve ter precedido o período Mosaico ou Adâmico; e, por fim, que o mundo da ciência e o mundo da teologia se distanciaram com referência a essa questão até que no pensamento moderno a narrativa literal da criação do homem e as revelações da ciência geológica tenham passado a ser consideradas coisas impossíveis de conciliar. Por essa controvérsia, não somos de forma alguma responsáveis; somos obrigados a declará-lo e a apresentá-lo da maneira mais justa, concisa e distinta possível. No mundo da ciência, existem duas formas distintas e separadas de pensamento sobre essa matéria; e sem a premissa de que o relato teológico possa ser considerado nesse sentido, declararemos quais são essas duas teorias científicas.

A mais recente expressão de pensamento sobre essa matéria é o que geralmente é conhecido como teoria Darwiniana, que atribui ao processo da criação, por meio da seleção natural, todas as formas de desenvolvimento como tendo tido origem na superfície da terra, o que torna o homem o resultado de uma longa série de desenvolvimentos e evoluções dos reinos inferiores, que levam a natureza a expressar, nos tipos mais elevados da sua existência, aquelas formas que ela deseja perpetuar, e que deixa todas as especialidades pertencentes a esses tipos ao que é conhecido na filosofia de Herbert Spencer como diferenciação, ou o desenvolvimento gradual de uma forma superior a partir de uma forma inferior de existência.

Por outras palavras, a teoria Darwiniana da criação torna o homem, não num acto especial e distinto da Divindade, mas no resultado de uma longa série de leis, de uma sucessão de desenvolvimentos no âmbito dessas leis, das quais o homem é a conclusão e a realização. Essa teoria, embora encerre em si muitas coisas que são distintamente plausíveis, e embora forneça ao mundo da ciência, talvez, aquele elo perdido na cadeia da existência, é falacioso em muitos aspetos e detalhes.

Mas antes de apontarmos essas falácias, devemos referir a outra opinião do mundo científico, que é no sentido de que, embora o relato contido no Livro de Génesis não seja literalmente verdadeiro, ele tenha alguma relação com a verdade, e que enquanto o homem representa o mais elevado desenvolvimento da natureza, é por um ato especial da mente Divina, através de impulsos criativos, que o homem existe; que ele não é como a teoria Darwiniana afirma, um tipo avançado do qual o bosquímano é o mais baixo, nem se tenha desenvolvido a partir do gorila, do macaco ou de ordens inferiores do ser, mas um resultado distinto da própria criação; e que esse resultado é tão natural e espontâneo, de acordo com as leis da natureza, quanto qualquer outra forma de existência na superfície da Terra.

Que conquanto o desenvolvimento avance dos graus mais baixos para os mais altos, esse partido afirma que nunca se verificou uma mistura dos tipos de existência, e que cada tipo distinto é um resultado distinto das leis da natureza; de modo que duas fases do pensamento científico apresentam duas opiniões opostas a respeito da criação do homem, ambas com, na nossa opinião, alguma falácia. De facto, os pontos fracos da teoria Darwiniana são facilmente descobertos pelo estudante de ciência ou filosofia natural.

Uma é que ele faz com que a doutrina da teoria da seleção e da evolução explique a existência de tipos distintos. Na nossa opinião, isso é inteiramente errado; não existe tal processo na natureza; nunca constou que existisse um processo na natureza como o único tipo de existência que se fundisse ou se tornasse noutro tipo. Não existe nenhuma mudança que decorra nas ordens inferiores que se diga que se assemelha ao homem, pela qual seja possível que eles se tornem homens

futuros. O gorila e o macaco, embora se assemelhem na aparência ao homem, não se assemelham a ele em nenhuma das qualidades distintas da inteligência expressa, e jamais se teve conhecimento na história do mundo de uma mudança específica do grau de existência mais baixo para o mais alto.

Além disso, aquilo que se diz ser propriedade orgânica e contínua da evolução não se aplica à mudança e transição de um tipo para outro da existência, mas à perfeição e desenvolvimento do tipo já formado; de modo que, se a natureza seleciona os seus tipos, não é e nunca foi demonstrado que ela os tenha alguma vez confundido, misturado ou de alguma forma os tenha perdido, mas persistente e religiosamente preservado os germes de todos os tipos específicos existentes até o momento presente.

A outra teoria, que é a nossa, e que talvez tenha sido entretida pela maioria das mentes instruídas e científicas da época, é mais correta, embora falha, talvez, na amplitude e compreensão da teoria Darwiniana. É que cada tipo especial é o resultado de um impulso especial do poder criativo na natureza e que, quando esses tipos cumprem o seu uso, dão lugar a outros tipos que, por sua vez, são o impulso desse poder criativo. Agora, lembrem-se de que ambos esses partidos se recusam a fornecer qualquer fonte a esse poder; ambos se contentam em declarar as leis da natureza sem afirmar a causa dessas leis; ambas as partes consideram que, num sentido científico, lhes cabe lidar com resultados, e não com causas, e, a esse respeito, sem dúvida, elas são bastante certas.

Não é da competência da ciência, dizem eles, lidar com o absoluto, o supremo, o infinito e o omnipotente; “mas com o que a ciência lida é o panorama da natureza espalhado diante da visão humana. E a ciência declara que o processo de criação não se prolongou por 6. 000, mas por 600. 000. 000. 000 de anos, e que esse processo de criação ocorreu em eras ou ciclos da existência geológica, cada ciclo dos quais representa uma expressão de avanço sobre o que o precedera.

Mas, como afirmamos, se quisermos delinear a origem do homem, devemos considerá-lo na sua natureza completa, e não meramente na sua natureza física. É bastante fácil -- um processo da maior facilidade -- rastrear, com os dados científicos existentes no mundo, os resultados da lei natural até o desenvolvimento do homem -- a mónada, ou partícula distinta que existe por si só; a díade, que significa duas mónadas reunidas, resulta num outro estágio, etc, etc.

Esses átomos, na sua natureza sêxtupla, me mudança e em desenvolvendo constante, são inteira e absolutamente capacitados pela lei da existência para desenvolver todas as fases da vida física que são conhecidas. Mas os átomos não são inteligentes; as mónadas, díades, as tríades, não são inteligentes; as moléculas não são inteligentes. Nenhum átomo ou estrutura atómica encerra em si aquilo que é a fonte final e a causa da organização; e quando o cientista físico declara ter descoberto o processo de criação, ele omite o único poder de criação que é capaz de resolver o mistério.

O mundo científico flutua em torno de um mar de factos, e é fácil traçar a semelhança entre o homem, o macaco e o gorila; mas quando vocês consideram os atributos mentais e aquilo que compõe o homem, a semelhança cessa. A vespa é mais inteligente que o gorila, e a abelha é mais inteligente que o bosquímano, e elas não possuem a forma de homem. Não existe forma de existência animal que tenha um governo tão parecido com o governo humano quanto um formigueiro, e, no entanto, esses insetos infinitesimais não têm nenhuma semelhança possível com a humanidade.

Aqueles que dizem que a estrutura orgânica e o processo de evolução compõem o poder criativo e a inteligência do homem fariam bem em considerar as outras ordens do ser que não possuem nervos humanos, gânglios, tecidos mentais ou cerebrais, que apresentam uma forma distinta manifesta, e específica de vontade; e se o homem fosse um tipo avançado de macaco ou gorila, e tudo isso fosse pretendido e expressasse as possibilidades do homem, por que será que esses tipos, que possuem faculdades muito mais próximas do aspeto da inteligência humana, também não se parecem muito com o homem?

A vespa não possui fontes secretas de inteligência, em depósitos como os conhecidos como aura dos nervos ou do cérebro. Toda fibra da sua existência é composta de substâncias pouco conhecidas na estrutura humana; todavia, elas têm ordem, forma, inteligência mental, constroem as suas habitações, produzidas em proporção geométrica direta e são gigantes do pensamento entre as formas de vida em que ele é verificado.

Referimo-nos, pois, à inteligência como constituindo a característica distinta e o tipo de existência humana. No entanto, precisamos lembrar-nos que o elefante possui sagacidade, que o cavalo possui uma boa sensibilidade e poder de penetração, que o cão possui fidelidade e confiança, que o gato possui fidelidade à mistura com a maior arte e astúcia, que a raposa é conhecida pela sua astúcia, que todos os tipos de vida animal possuem inteligência específica proporcional às suas necessidades.

No entanto, nenhum tipo se perde noutro tipo; e é tão cuidadosa e ciumenta é a natureza em preservar esses tipos, que ela torna impossível, apesar de viverem lado a lado, que eles jamais se cruzem ou fundam sem distinção.
O homem deve, por conseguinte, ser - e toda a estrutura da criação - um sistema gigantesco, o desenvolvimento do nada que nada que possa ser conhecido como acaso; ou então o grande segredo e fonte da criação do homem deve ter existência na mente que governa o universo no espírito que impregna cada átomo de vida, no poder que governa, dirige e guia os átomos.

Consideramos que a ciência declara uma meia-verdade, mas que essa meia-verdade é tão pervertida que quase equivale a uma falsidade; uma vez que a ciência faz do homem físico a causa assim como o efeito, em vez de tornar o homem espiritual primordial e a fonte do ser. Precisamos, consequentemente, referir, na nossa afirmação quanto à origem do homem, uma vez mais a teoria religiosa ou teológica. Acreditamos que nessa meia-verdade que a ciência declarou, ela esqueceu de afirmar que há outra meia-verdade sobre a qual nada sabe.

Acreditamos que Darwin, o Professor Huxley, o Dr. Tyndall e o Sr. Herbert Spencer, todos esqueceram, ao declarar as suas ideias distintas e especiais, que existe ou pode existir outra metade, metade essa que, enquanto a alma do corpo, eles estão tão ansiosos por apresentar na forma de ciência. Acreditamos que essa metade constitui a vitalidade da ciência e que a expressão de um sistema sem alma é como um sepulcro caiado ou como um corpo sem espírito -- sem valor.

A ciência faria bem em recordar que, se toda expressão e organização que ela descobriu são precisamente como ela afirma, ainda existe a outra porção vasta que não foi pensada nem considerada pela ciência. Não cabe à ciência dizer que tem lugar na região do incognoscível, que não é possível saber o que pertence ao espírito, que é impossível adivinhar qualquer coisa relativa à vida futura ou à alma do homem, exceto através do seu organismo e das funções externas do seu corpo. Mas a Academia Francesa declarou que, para se dar conta das diversas faculdades que a humanidade possui, se deve admitir um outro sentido, além dos cinco sentidos físicos, que controlam a humanidade, ou seja, o sentido da intuição.

Esse outro sentido significa a outra metade da existência do homem, significa aquela natureza espiritual que, agindo sobre os átomos e as moléculas, e outras formas diversificadas de existência entre o homem e o átomo, produz o resultado final da humanidade. Precisamos remeter à opinião teológica ou religiosa para ver que é praticamente impossível que na transmissão dessa ideia de eras remotas o germe e o significado espirituais se tenham perdido, por os teólogos conhecerem apenas a forma exterior da sua expressão, quando na realidade existia uma verdade distinta por trás.

Queremos dizer que, em vez da evolução da ciência, ou da seleção natural de Darwin, ou do desenvolvimento manifesto e gradual de uma teoria científica, é possível que cada um desses dias de criação possa significar as grandes eras geológicas do desenvolvimento da Terra, e que, na exata ordem em que são determinadas, corresponderiam aos desenvolvimentos e interpretações exatos da ciência; e que a humanidade, ou o homem Adão (homo), pode se referir, e sem dúvida se refere, não apenas ao homem individual e à mulher individual, mas a uma era em que se tornou possível, por um impulso do poder divino e criativo, ao homem existir na terra.

Vocês precisam lembrar-se de que a argila, da qual o corpo do homem foi composto, possui em si todos os átomos da vida possíveis; vocês precisam recordar que o sopro da vida insuflado pelo Infinito significa espírito, ou fogo, ou fervor, e que, onde quer que a argila e o espírito se encontrem, há vida, e onde eles se encontrarem no seu sentido mais alto e grandioso, existe o homem.

Precisam lembrar-se de que o Adão e a Eva do Paraíso se referiam de forma distinta à era na história da Terra, quando se tornou possível a existência de uma raça primitiva do homem, e que todas as eras distintas e todo tipo de existência separado que o mundo já conheceu são resultado do impulso distinto, do poder divino, consciente e criativo. A não ser assim, o mundo é um erro, a terra não passa de um acaso, a criação do homem de um acidente e todo o sistema filosófico de um sublime fracasso.

Deverá ser, se tal não for verdade, que a inteligência planeou, executou e desenvolveu em diversas e distintas eras do tempo, apenas a vida na Terra necessária de acordo com a era, e que cada período conhecido pela geologia - o Carbonífero, o arenito Superior e Inferior e o Silúrio - todos representam épocas distintas do poder criativo, em que o impulso da Mente Divina agindo através da matéria e sobre todos os átomos da Terra fez com que os tipos de existência fossem formados e que cada tipo tenha sido preservado de forma sagrada, distinta e absoluta para seu próprio uso e para a sua própria era, e que todas as eras subsequentes tenham tornado possível o surgimento de uma ordem superior de existência; e que essas ordens de existência, assim como a diversidade e a quantidade, são criações específicas, assim como os tipos existentes.

Para evitar essa dificuldade de nenhum tipo se ter fundido com outro, aqueles que adotam a teoria Darwiniana dizem: “Oh, será possível que na criação tenham sido criados alguns tipos distintos.” Mas acaso alguns, por que não muitos? Se meia dúzia, por que não um milhão? Uma vez que nenhum dessa meia dúzia jamais se transformou num milhão, e uma vez que cada milionésimo tipo é tão sagradamente preservado quanto qualquer outra meia dúzia.

Asseveramos, conforme afirmamos, que o corpo físico do homem foi uma criação direta - e por “direta” queremos dizer direta - foi a criação direta da Inteligência Divina a partir das leis que Ela criou, e que onde quer que a criação ocorra, não há apenas um propósito consciente, mas distinto da Mente Divina nessa criação, e que desde o início da fundação da Terra, desde o estado atómico em que o mundo foi encontrado inicialmente até o presente e do presente até o futuro, quando os seres humanos virão a ser cada vez mais perfeitos, existe um desígnio final e palpável que percorre todas as formas de vida criativa que produz as diversas linhas geométricas do diamante -- que compõem as propriedades do cristal -- que

modelou a folha de relva e as folhas da rosa -- o que torna possível que toda a diversidade da existência na natureza expresse a variedade e a unidade do pensamento na Mente Infinita; e que o homem físico não foi o acidente nem a evolução das ordens anteriores abaixo dele, mas um impulso direto e palpável da Mente Divina insuflado sobre a matéria na última era do desenvolvimento geológico; e que todo tipo de pássaro, peixe e animal existentes pertencentes às ordens de vida encontradas na Terra hoje são o resultado do mesmo impulso de poder criativo.

Asseveramos que anterior e essencial a eles, alma de toda a vida é o espírito; que nenhum átomo se combina com um átomo afim sem um impulso e poder espirituais; que nenhuma vida se desdobra, e nenhuma folha de grama é formada sem uma ideia distinto nessa formação; que o mundo que irá recebê-los amanhã de manhã, quando o sol irromper e raiar sobre vós, será uma criação nova tão fresca das mãos do Divino quanto "quando as estrelas da manhã cantaram pela primeira vez"; que Deus não só fez as leis, mas as mantém em movimento; realiza a grande obra com a sua presença omnipotente e poder de espírito; e que nenhuma partícula da matéria pode mudar de forma fundindo-se com outra nem alterar a conformação da sua existência sem um esforço mental específico nesse sentido; que o espírito do homem emana dessa Divindade e que, entrando em contacto com a matéria no exato momento em que a terra estava preparada, a alma humana se tornou uma forma viva.

Mas nos tipos de raças primordiais do homem, e sempre que a terra estivesse pronta, foi o Adão criado; de modo que toda a possibilidade de inserir essas pessoas em qualquer ordem distinta, intermediária ou inferior da existência é uma perversão do plano e economia divinos do universo, que insufla o espírito sobre todas as substâncias e faz da lei, da inteligência, da harmonia e da ordem, as causas primárias e motrizes por as raças primárias dos homens representarem as possibilidades da humanidade; tudo o que a humanidade hoje expressa achava-se encerrado nessas raças primitivas.

Nenhuma inteligência, arte, ciência, cultura, religião é encontrada hoje, cujos germes não se encontrassem no tipo original de humanidade; nenhuma função foi acrescentada, nem nenhum novo poder ou qualidade à alma humana, mas o tipo de humanidade é distinguível do facto da inteligência e da existência da sua alma. Do Infinito, a alma do homem, um glóbulo puro e distinto de vida, surgiu; firmou-se na substância material pelo processo direto da lei; e quando a terra, que foi preparada durante eras de desenvolvimento, estava pronta, o pó brotou ao encontro do espírito vivo, e os céus e a terra foram feitos um na humanidade.

Consideramos que este tipo de homem, a expressão da inteligência de Deus, o resultado perfeito e legítimo da alma, é, talvez, a forma daquela existência que se tornará cada vez mais aperfeiçoada até que todas as possibilidades do pensamento

humano sejam realizadas, mesmo na terra, até que este ser humano que agora sonha com perfeição, que agora retrata para si atributos que tem dentro de si, expresse através da forma externa todos esses atributos, e a matéria se torne plena e absolutamente subserviente ao espírito.

Vocês leram sobre a idade de ouro; vocês imaginam o jardim do Éden e o Adão e a Eva do Paraíso. São justamente o Adão e a Eva de todas as nações e de todos os lares. Cada raça tem o seu Adão e a sua Eva; toda a ordem primordial da humanidade tem o seu Adão e a sua Eva; toda a sociedade tem o seu Adão e Eva, na expressão das primeiras boas qualidades distintas de Deus no homem. Depois, aquilo a que os homens chamam de "queda do homem" desse estado primordial é apenas matéria a obter temporariamente a vitória sobre o espírito, com a qual o espírito luta continuamente e sobre a qual por fim obterá uma vitória completa.

Mas a criação do homem ainda não se encontra concluída; ainda está a acontecer, assim como a criação da própria terra. Tudo o que torna o homem mais perfeito e desenvolve na íntegra na forma externa aquilo que o espírito primordialmente expressa -- tudo o que permite à alma governar e controlar as substâncias materiais -- é um processo de criação.

Considerem, se fazem favor, as nações que vocês denominam de bárbaras e selvagens. Dizem que são os tipos mais baixos de existência. Tal não é o caso. Toda nação constitui um tipo distinto de humanidade; nenhuma é mais baixa e nenhuma é mais alta. Mas aqueles que estão em processo do mais elevado estágio de desenvolvimento e cultura representam de modo mais perfeito a intenção original da Divindade, e nós não olhamos para o passado mas para o futuro, para o cumprimento perfeito da lei do destino.

Dizem, ou é do conhecimento da ciência, que houve um tempo na superfície da Terra em que não só teria sido impossível a existência dos seres humanos, mas também em que os trilobitas (NT: Crustáceos fósseis) e todas as ordens inferiores de existência não podiam ver sequer a seis polegadas de distância da sua posição, e não poderiam, de maneira alguma, distinguir qualquer forma de vida ou de inteligência além dessas seis polegadas. A

gora, é praticamente impossível que, com respeito ao futuro Adão, os seres humanos de hoje se encontrem na posição espiritual e moral desses animais antigos. É quase impossível que, avaliando essa matéria da criação, os seres humanos sejam capazes de enxergar apenas seis polegadas para trás ou para frente seis polegadas, quando a grande perspetiva da criação e o seu panorama divino passam despercebidos.

À medida que a raça humana se desenvolver cada vez mais a partir de dentro, à medida que a natureza espiritual se afirmar cada vez mais, e o Adão externo se sujeitar ao espírito, eis que vocês perceberão, não só a Terra e as suas produções e

leis, mas o espírito e o pensamento que a criou -- o propósito divino, todas as possibilidades da alma se espraiem diante de vós. Aquilo que faz do homem o epítome da vida não é o seu corpo físico, mas a alma que se expressa através desse corpo. Ele não é tão veloz quanto o cervo, não é tão forte quanto o leão, não é tão sagaz quanto o elefante, não é tão poderoso quanto o cavalo, ele está despido e desprovido de instintos, conforme são chamados, mas o a alma que o torna supremo conquistou, pela força da mente e do espírito, os ventos e as ondas, a terra e o ar, fazendo dele o rei de todas as coisas que parecem ser seus pares. Será isso a organização? Será isso a função externa? Será isso a expressão apenas da força física? Então o homem deve ser um gigante e o elefante um anão; o homem deve fisicamente exceder em peso e medida todas as formas de vida que se situam abaixo dele. Mas esse não é o caso.

A alma apenas procura uma habitação. Todo-compreensão e todo-poderoso, o espírito do homem é um germe supremo, uma alma, e entra em contacto com a matéria, e produz o organismo que se chama homem e molda os destinos das nações e da própria terra ao ritmo do elevado propósito do espírito.

Aquela ciência, ou filosofia cósmica, que inclui a natureza espiritual do homem na sua natureza física, há de descobrir, se quisermos, os átomos da sua existência em todas as etapas da vida que a precederam, mas também há de descobrir o átomo da sua natureza espiritual, aquela fonte divina de onde somente o espírito pode emanar -- a Alma Eterna que preenche o universo, a alma suprema e absoluta; e esse Ser, indivisível, indestrutível, imutável na sua essência, pode mudar a forma da natureza no átomo da vida desse corpo.

Vocês não são a mesma pessoa que eram há sete anos atrás; nenhuma parte da vossa estrutura física é a mesma; não há nem um átomo ou partícula de nervo sequer, tecido ou fibra ou qualquer parte do vosso corpo que existia então; todavia, a vossa alma e mente ao permanecer e reter essas partículas juntas, agem como a força central e vocês mantêm a aparência do vosso ser anterior. Aquilo que virão a ser daqui a sete anos não será o mesmo corpo físico, se vocês se cingirem à vossa organização (corporal) e somente a ela; vocês esquecerão tudo -- vocês serão uma pessoa diferente; mas, à semelhança do rouxinol nas ilhas do sul, você precisarão aprender uma música nova a cada ano.

Mas a alma permanece enquanto o corpo muda. Vocês são recriados a cada sete anos; o vosso corpo morre, mas a alma vive e mantém juntas a estrutura vital e orgânica. Quando a morte sucede, vocês dizem que deixam de existir. É apenas o corpo externo que, desintegrado por não estar mais permanecer unido, retoma o seu lugar habitual; as partículas voltam à terra, enquanto a alma, vivendo naquela outra criação divina, retém o traje celestial do homem num estado mais glorioso e divino. Sim, o homem teve origem na terra; mas é o corpo que ele usa que é barro, enquanto a alma é de Deus, imperecível, transmitida por hostes de anjos,

querubins, serafins, arcanjos, até que por fim, imerso no barro humano, ele volta à alma divina e perfeita com as novas asas do pensamento. Esta é a perspetiva que temos da "origem do homem."

A ESFERA DAS ESFERAS ESPIRITUAIS

INTRODUÇÃO

[Antes do início do discurso (disse o controlador) temos uma declaração a fazer, que é a de que, a palestra desta noite será dividida por três inteligências distintas de três esferas separadas, ou estados da vida espiritual. Aqueles que tiverem estado presentes nas tardes de sábado lembrar-se-ão que o tema se tem prendido com as "Esferas Espirituais" - as três esferas: primeiro, "A Esfera do Egocentrismo"; segundo, "A Esfera da Beneficência"; terceiro, "as Esferas do Amor e da Sabedoria. " Esta noite vocês terão um discurso, em primeiro lugar, sobre a esfera do Eu. Não será sob controlo direto do espírito, mas vai ser um comunicado direto desse espírito a respeito da condição em que se encontra na vida espiritual. Confiamos em que o público tenha em mente esses factos enquanto ouve os três graus da vida espiritual descritos nesta noite.]

A PALESTRA
(Primeiro Estado)

Senhoras e Senhores - Solicito fazer uma declaração. Impelido certamente não pelo meu próprio desejo, mas por um mandato que não pareço capaz de desobedecer, faço eu essa declaração. É, para mim, inconcebível como poderá ser de algum valor para vós. Da minha parte, não deveria escolher dar-lhes a conhecer o que aqui vou dar a conhecer; mas como sou impelido, descrever-lhes-ei a condição em que me encontrei desde que me afastei da vida terrena. A minha partida foi muito recente e, embora pareça ser capaz de a descrever, não a consigo entender.
Do sucesso que tive na existência terrena, da realização do que mais desejei, do método dessa realização, talvez alguns de vocês tenham conhecimento. Mas certamente que se coadunava com os métodos convencionais da existência humana.

Descobri muito cedo na vida que, para se ter sucesso é preciso cuidar principalmente de si próprio. E eu certamente que fiz isso. Descobri que, para ser honrado e respeitado entre os meus semelhantes, precisava ter sucesso. E obtive sucesso. O grau de honra que recebi eu desconheço, mas sei que cheguei onde queria chegar. Os obstáculos para o sucesso passavam pela consideração pelos outros e pela falta de força de vontade. Com a consideração pelos outros logo deixei de me incomodar, pois achei que muito poucos tinham consideração por mim. E por outro lado, certamente que tinha uma quantidade suficiente de força de

vontade para me valer dos métodos de existência na vida comercial em que eu estava envolvido.

O fim e objetivo da existência humana foi alcançado. Não digo que nunca tenha tido nenhum remorso, nem pudor. Não digo que nunca tenha pensado que pudesse existir algo melhor. Não digo que não tenha tido momentos em que isso não tenha parecido satisfazer toda a minha existência. Não vi que se me apresentasse nada melhor; não vi nada que impusesse a consideração e o respeito dos meus semelhantes. Não vi outro caminho para chegar ao êxito. Tornei-me proeminente na região da minha esfera ativa de vida.

Não tenho consciência de alguma vez me ter esquecido voluntariamente dos meus próprios interesses; não sei que alguma vez que tenha dado a qualquer ser humano qualquer coisa que não pudesse poupar; não tenho ideia de alguma vez ter dado com o objetivo da caridade ou benevolência, mas tudo o que considerava me trazia um resultado. Não considerava bom investimento dar aquilo de que eu precisava - andar a desperdiçar compaixão e caridade pelos que não mereciam, provavelmente, ou pelo menos por aqueles que a esqueciam em muito pouco tempo. Eu posso ter dado a alguém que estivesse aflito ou com carência. Se o fiz, o provável é que não me preocupasse com eles.

Eu me declaro imparcialmente diante de vós. Eu não queria ser bom, queria cumprir o meu dever na medida em que me deixasse irrepreensível diante dos meus companheiros e obtivesse a medida de sucesso que almejava na vida. Eu sabia que a morte viria um dia qualquer; mas não sabia onde ela me levaria. Não conhecia nenhum outro mundo além do que eu habitava. Não conhecia outra maneira de habitar esse mundo a não ser conquistando as coisas nele; nunca me ocorreu que eu devesse ser conquistado, por não me ter criado; as faculdades da minha mente não eram da minha própria criação; os desejos da minha vida não eram da minha própria criação. Se eu pudesse proporcionar, que negócio seria esse?

Encontro-me agora morto; o mundo chama-me isso. Eu ganhei aquilo que um milhão de homens não conseguiu alcançar. Foram escritas e ditas muitas coisas sobre mim a elogiar o sucesso, mas em desprezo pelos meios de o obter. Aqueles que não o conseguem empregam os mesmos meios; fracassam por não ter capacidade. Poderá haver quem nunca empregue esses meios. Claro que sei tudo sobre filantropia; é claro que sei tudo sobre religião, mas não encontrei nesses dois elementos aquilo que o mundo mais valoriza, e não descobri, senão muitos séculos depois, que os filantropos são valorizados, ou aqueles que têm grande piedade estão entre os seus companheiros, são elogiados.

Agora estou morto e claro que conheço a condição na qual entrei; criei-a para mim próprio; eu não sei que me interesse de momento por lhe escapar. Por que deveria interessar-me? O mundo não me ofereceu nada; eu não esperava nada dele. Aquilo que ganhei foi arrancado com esforço e estou pronto para enfrentar o meu destino. De alguma forma eu me encontro, contudo, sem recursos. É facto singular que

notei desde o meu advento neste novo estado de existência que os métodos usuais pelos quais eu podia fazer valer a minha energia na Terra me deixam desapontado.

Eu me dei por mim aparentemente numa planície árida, a princípio sozinho; não me importei com isso, mas não encontrei nada de árvores, folhas, arbustos nem plantas, nem tampouco tinha ideia que alguma coisa crescesse no lugar para o qual eu viera. Na realidade eu vi armazéns; pensei que encontrasse emprego lá pelo menos - apropriado, possivelmente. Quando me aproximei, eles desapareceram.

Por fim quando me cheguei a um estava vazio. Desconcertado de novo vi alguns navios vindo sobre o mar, e pensei: "Aqui vem uma carga, pelo menos que possa assistir. " Os navios chegaram perto da costa mas parecia não ter vida a bordo que eu pudesse descobrir. Perplexo de novo. Eu vi habitações muito parecidas com as que eu construíra; havia rostos familiares por lá, mas quando me aproximei, eles desapareceram, e uma forma parecida com uma que morrera inesperadamente e sob circunstâncias peculiares, por causa do fracasso de um contracto, que não fora culpa minha, mas sua - o rosto dele deixou-me assombrado. Eu pus isso de lado. Vi algumas casas míseras; pensei que poderia renová-las. Ao me aproximar delas, encontrei-as habitados por gente que eu não havia beneficiado. Senti-me perplexo de novo.

Sou inteligente o suficiente para reconhecer a moral de tudo isso. Reconheço na fila vazia de armazéns o meu próprio poder terreno e pobreza espiritual. Reconheço nos navios que não trazem carga o facto de eu não ter investimento aqui provavelmente no sentido correto. Reconheço nas habitações que foram o meu orgulho, e nos rostos que os assombram, o meu próprio orgulho às custas de um outro ser. Reconheço nas filas de casas míseras que devo passar e repassar todos os dias as pessoas que supunham que eu as tinha prejudicado.

Não posso dizer se algum dia terei algum investimento neste mundo em que eu entrei. Não posso dizer se algum dia me virei a interessar pelos métodos da vida que me rodeia. Parece não haver nada real, nada de substancial, nada que renda. Não dou muita importância àquela abnegação de que tanto ouvi falar, uma vez que sei que tenho visto tanto orgulho e egoísmo a par dessa piedade como em qualquer outro lugar. Não sei nada sobre filantropia; eu sempre supus que fosse outro tipo de ambição. Muito provavelmente será.

Veio ao meu encontro um dia, desde que entrei nesta esfera, uma criança. Estou certo de ter ficado feliz por ver a criança; tinha um rosto agradável e trazia uma flor. Certamente que não cresceu em nenhuma região ao meu redor. Eu perguntei de onde veio. Ela disse que veio de onde eles amam crianças pequenas e onde as mães residem. Então pensei na minha mãe e nos meus filhos. Eu tinha-me justificado em relação a eles perante o mundo; não posso dizer que tenha agido justificadamente por eles no meu coração e vida, e interroguei-me se seria possível que todo o fundamento da minha existência tivesse sido um erro, e que eu

realmente não tivesse vivido, e não tivesse obtido sucesso, e estivesse realmente morto.

A tumba que me rodeia parece ser feita da minha própria vida; é vazia e desprovida de coisas úteis, mas ainda existe como as sombras das coisas em que empreguei o meu tempo na terra. Todas as cenas que posso testemunhar prestam testemunho da minha própria obra, mas não me trazem retorno; elas não rendem qualquer fruto; elas estão lá simplesmente para eu ver. Todas as formas de pensamento em que me envolvo parecem ser os ecos dos pensamentos que tive no meu estado terreno e planos para um sucesso e poder maior, e ouço os suspiros e gemidos de muitos aspirantes que se foram abaixo por eu querer ter êxito.
Este pode ser um estado que dure para sempre. Pode ser que seja interessante para vós, mas se eu tivesse sido deixada a escolha, eu certamente diria que não é do vosso interesse nem é da vossa conta.

A gentileza comum da existência terrena poder-me-á impedir de o dizer, exceto numa transação comercial; mas eu fui chamado aqui para fazer esta declaração. Estes são os meus sentimentos exatos. Este é o meu estado de espírito preciso. Eu cuidei dos meus interesses na terra; interessei-me pela minha família na medida da relação do interesse pelos laços que me ligavam a eles, quaisquer que tenham sido. Há outras coisas que me assombram, mas que não me darei ao trabalho de mencionar. Não sei se este estado irá durar para sempre, ou se com aquela presença de uma criança eu deva ser instruído como plantar alguma semente que venha a crescer, ou a enviar alguma carga que tenha peso, ou a encher os meus armazéns vazios com algo de valor nesta terra. Aparecem e desaparecem pessoas; amigos felicitaram-me, tenho certeza que não sei porquê! Só me ocorre um pensamento. Interrogo-me se será uma parte do meu novo negócio revelar-lhes isto, de modo que vocês possam ter uma carga melhor e armazéns mais repletos do que eu tenho? Eu vou; deixo minha declaração; não me importo com isso.

SEGUNDO ESTADO
(MUDANÇA DE CONTROLADOR)

Eu venho até vós, queridos amigos, após convocação dos guias que controlam esta médium, para fazer uma declaração um tanto relacionada com o estado em que me encontro há muitos anos desde a minha partida da vida terrena. Eu fui, até certo ponto, um conhecido entre os homens. Eu tinha interesse por assuntos de Estado. Amei o meu país principalmente por achar que mais valorizar a humanidade. Vi uma sombra sair da vossa presença que parece não ter lar na vida espiritual, cujos grandes poderes mentais foram pervertidos no único objetivo de engrandecimento individual. Vejo o brilho que brilha no seu caminho até mesmo agora.

Sem dúvida, será o começo de alguma carreira extraordinária na vida espiritual, já que quando se dá uma repercussão em grandes espíritos que foram muito pervertidos, a recuperação venha a ser igualmente grande na direção oposta.

A própria consciência de enfermidade, que tive quando entrei na existência espiritual, impediu-me de julgar adequadamente a condição em que entrara. Sentia-me indigno de qualquer propriedade elevada; senti individualmente as minhas próprias falhas. Sentia um pouco de orgulho e, juntamente com o amor que sentia pela humanidade, receio que sentisse um pouco de ambição. Esforcei-me, todavia, por me fazer amado, e ao fazer isso, sem dúvida, superei muito do meu orgulho individual.

Esforcei-me por acreditar que os meus objetivos eram para os outros. Como roguei por que o meu próprio país ajudasse a cauda da abolição da escravidão nas suas colónias, como lhe implorei por melhorar a condição dos seus criminosos, que lhes chega através das águas, mas a América seguiu na esteira da Inglaterra e a abolição da escravatura foi compradas com sangue humano. Mas as grandes nações da terra vão em direção à liberdade, e a mais elevada obra do homem torna-se a assistência dos seus semelhantes.

A minha existência na vida espiritual tem sido entre mentes afins que, como eu, procuraram na terra debilmente, e aqui com mais ou menos sucesso, melhorar a condição da humanidade e daqueles que estão abaixo de nós. Eu não digo que tenhamos feito isso de forma consistente. Não digo que nada de pessoal jamais tenha estado envolto nisso, mas o que digo é que, se no meu pensamento houve alguma consciência de exaltação ou de orgulho acima daqueles que estavam mais abaixo, sentia dentro de mim o flagelo de tal consciência tal como haveria de deflectir até mesmo as torturas de qualquer inquisição externa que infligissem. No estado espiritual no qual fui admitido e acolhido, receio com demasiada gentileza, fui apresentado como um dos cooperadores daquela esfera de conselho beneficente que busca a elevação das nações da terra pela modificação de todas as leis, de todos os códigos e de todos os costumes internacionais que arruínem a vida humana ou degradem a existência humana.

Acredito ter descoberto que a fonte da existência humana tem a sua origem num motivo maior e mais elevado do que o da busca individual da ambição individual ou do prazer pelo lucro ou engrandecimento que possa suceder a uma pessoa. Acredito que sei que quem se esquecer de si próprio na ajuda aos outros, aumenta a sua felicidade e a dele próprio. Talvez por vezes façamos isso para incremento de nossa própria felicidade, mas não poderemos fazê-lo com sucesso, se tal for o objetivo primordial.

Descubro, na esfera que resido, todas aquelas mentes que com sucesso, em tempos passados, apelaram aos legisladores e aos conselheiros das nações para a elevação de qualquer classe de pessoas do cativeiro. Reconheço aqui as almas soberanas que se esforçaram por libertar as nações do Oriente da servidão; aquelas que se esforçaram por libertar a Itália do duplo cativeiro da servidão e das artimanhas sacerdotais; aquelas que se esforçaram por libertar a Europa da escravidão das leis que infligem penas pesadas aos pobres, enquanto sustentam os ricos; daquelas que desejam que em toda parte que a vida humana seja considerada sagrada, e que

nenhum ser humano se arrogue a si mesmo o direito e privilégio de tirar aquilo que não pode conferir ao seu semelhante.

Acredito que o nosso propósito em relação a esse objetivo tenha produzido em grande parte os resultados que se seguiram na Terra. Espíritos representativos de todas as nações da terra, que cooperem juntas por uma existência espiritual e, em seguida, o imprimem de novo naqueles que andam pelos corredores legislativos da Terra, não podem deixar de produzir resultados.

Por isso, digo que quando a escravidão for abolida na Inglaterra e na América, quando a servidão desaparecer da Rússia, quando o campesinato da França subir a um estado mais elevado, quando a Itália tiver sido liberta de maneira mensurável, quando o Oriente está rapidamente a ser resgatado dos seus crimes e servidão, e quando a terra ocidental está a brilhar com uma promessa de civilização mais alta e liberdade para o homem, eu digo que há encorajamento para os espíritos na esfera de beneficência a que pertenço, no sentido de continuar os dos legisladores na terra que estiverem preparados.

O vosso próprio Charles Sumner (sem querer desvirtuar o seu objetivo de elevar o escravo) não poderia deixar de ser um porta-voz da esfera que a sua visão já tocara. Na Inglaterra, Cobden, e agora os Brights, Sir Robert Peel, que ascenderam à nossa posição, e levaram adiante as esmolas que foram parte da minha vida, não podiam deixar de alcançar a esfera que habito, mesmo nos seus lugares no Parlamento. Começamos com os espíritos terrenos, quando eles não têm consciência disso. Sentamo-nos juntos em solene conselho e esperamos pelo momento oportuno em que um sopro possa encorajar uma palavra que de outro modo não seria proferida.

Se a oportunidade se perdesse, se o coração vacilasse, se a mente hesitasse, poderíamos mobilizar um poder que desse maior coragem.
Abraham Lincoln, poderia não ter assinado a proclamação da emancipação, se não tivesse sido por uma voz vinda daquela esfera de almas ressurgidas que lhe deu a força que a legislação humana hesitou tanto tempo em propor. A mão que libertou os servos da Rússia podia não ter tido a ousadia, em face da Europa e das suas rivalidades, de se atrever a fazer isso, não fora pelo poder que o impeliu, e advertiu que não é seguro hesitar em fazer uma boa ação quando a hora é apropriada, por receio das consequências. A arbitragem de Genebra, que promete a paz às nações da terra onde a guerra foi o costume, pode ser considerada um precedente não seguro de se estabelecer diante das causas agitadas das lutas políticas na Europa e na América, mas quer seja seguro ou não, o precedente está criado, e tanto mais é considerado responsável aquele que violar um pacto que tiver sido possível de formar em face de grande irritação.

Nós conquistamos esses aspetos aos poucos. Os habitantes da terra estão acostumados a pensar por muitos métodos que desviam; por vezes de política e outras vezes de medo; mas uma vez proclamado na terra um bom ato ou uma boa lei, ela permanece aí para enfrentar os seus violadores, e mesmo que a nação

retroceda, a lei estará presente para encorajar as futuras gerações. O massacre de San Domingo foi considerado prova de que a escravidão não deveria ter sido abolida - uma insurreição de uma raça provocada por severas crueldades e agitação de longos anos; mas não terá antes sido um pronunciamento sobre a própria escravidão que poderia assim esmagar e ferir uma raça a ponto de a levar a tais atos?

Honra e louvor sejam dados a essa raça que, aparentemente mantida por alguma mão omnipotente, esperou a hora da sua libertação na sua própria terra. Honra e louvor seja dada àquela devoção que confiou no Deus da libertação em vez e na mão da violência para a libertação dos escravos, e que fez dos primeiros transgressores dos direitos humanos igualmente os primeiros transgressores contra o último e mais elevado dos direitos humanos, o da vida humana. Se os homens tiverem que fazer a guerra, a condição que semeia as sementes do conflito deverá ser colhida por aqueles que as semeiam e não por aqueles que não os semeiam. Se vocês tiverem semeado ao vento, será melhor colher no redemoinho do que arrastar outros para o tornado para recolher as vossas colheitas por vós.

A grande obra da emancipação e elevação humana não é meramente política; é reduzida aos limites não apenas do Estado e da Igreja, mas também das leis municipais e legislações locais que compõem em grande parte a felicidade e a prosperidade das comunidades. Mais do que isso, acho que se resumiu à pequena escala da vida humana individual, e que, para uma legislação apropriada, devemos ter legisladores capazes, devemos ter indivíduos adequados, e os indivíduos devem estar imbuídos da ideia correta, e devem não ser eleitos por estarem disponíveis ou por ser a melhor política.

A política de contemporização de muitas nações adiou o dia da batalha, mas culminou no dia do terremoto. A política de contemporização de muita gente faz com que a ferida seja curada sobre o que deveria ser sondado e curado, e traz destruição às nações e ao tecido social da vida. A base real, acho eu, deve assentar no indivíduo: na sensibilidade efetiva para com o criminoso e não o crime. Não precisamos ter compaixão pelas cadeias e penitenciárias; elas são feitas de madeira, pedra ou ferro; mas o homem que está lá é o objeto da nossa comissão - o crime que condenamos. Excluamos o crime, arrancando a causa dele. Nunca destruímos uma árvore cortando os galhos.

Encontremos e erradiquemos as influências subtis na vida humana que levam à miséria, à pobreza, à ignorância e ao crime. Divulguemos o conhecimento. Disseminemos informações morais úteis no exterior. Edifiquemos escolas que estabeleçam esta informação aos olhos do ser mais pobre e mais degradado. Tornemos as condições de crescimento moral possíveis no mundo. Espalhemos convites para o mais alto e mais sublime. Ai, esse é o segredo - a sensibilidade para com o indivíduo é esquecida com a condenação da ofensa. Esquecemos o amor enquanto nos lembramos da justiça. Esquecemos o ser humano enquanto nos lembramos do mal infligido a outros seres humanos.

O grande poder da beneficência é compassivo, assim como justo - cura a criança descuidada, ou desobediente, enquanto ao mesmo tempo condena o capricho, a loucura ou o crime. A lei não traçou linha nenhuma entre a ofensa e o ofensor. Na esfera que eu habito, a ofensa é uma condição moral e não a individualidade. O culpado passa para a sombra; a sombra pode permanecer para onde os outros passem, mas o culpado precisa ser resgatado dela. Aquele que toma parte no crime não pretende ficar lá para sempre; ele vai movido pela cegueira e pela paixão, ou é impulsionado pela ignorância e falta de poder moral. Não temos nada que dizer que, lá por ele está nela, façamos com que fique sempre. Lá por um homem escolhe afogar-se não temos o direito de deixar de lhe proporcionar meios de assistência; é nosso dever salvá-lo, se pudermos, e restaurar-lhe a sanidade moral, e ensinar-lhe que é mais corajoso viver do que morrer.

O que diria o mundo se um homem ou mulher infeliz à beira da destruição, guiado pela sua própria loucura, fosse deixado a afogar-se por ele próprio ter decidido dar esse passo? Suicídio foi transformado num crime; é claro que é uma loucura, mas, não será todo o crime uma Deveremos acrescentar o assassinato ao suicídio? Eu acho que não. Eu penso que nas eras mais esclarecidas a forca será coisa desconhecida. Eu acho que no período de tempo mais esclarecido, as penitenciárias em sua forma atual serão coisa desconhecida. Vocês têm asilos para inebriados, asilos para cegos, asilos para os surdos e mudos, e o mundo todo é um asilo em caso de guerra.

Não será a luta diária da vida igualmente penosa para a mente e o coração e o espírito como a única grande batalha que leva os heróis à vitória moral ou física, e os restringe quando eles se orgulham disso? Não lutará toda essa gente, a todo o vosso redor na existência quotidiana, com grande capacidade, com bravura e desejará superar, mas não consegue?

O conselho sanitário espalha-se quando soa o toque de alarme de Waterloo, ou da Crimeia, ou a guerra Americana; o conselho sanitário moral das nações não permanece alerta no campo de batalha diário da vida. Permitimos que os homens caiam pela indiferença, pela inércia, pelo cuidado de nós próprios, pelas diversas coisas que ocupam, quando uma palavra, uma sugestão, uma mão amiga haveria de fazer pender a balança.

Esse é o grande poder moral que existe no mundo - que vocês nunca esqueçam as responsabilidades que têm uns para com os outros; que vocês nunca esqueçam que estão no campo de batalha da vida, e que o sofrimento, o pecado e os diversos tipos de obliquidade moral no mundo precisam ser enfrentados e vencidos por vós. Há ajuda para conseguirem isso em todos os lugares, mãos de ajuda que se estendem dos céus, espíritos voluntários que descem; mas não podemos percorrer o caminho todo. Vocês não começam a construir um edifício a partir do topo - não podemos colocar a cúpula até que vocês tenham edificado as fundações e erguido as paredes.

A estrutura da vida moral e social da terra precisa ser iniciada aqui por vós. O que o mundo espiritual pode fazer é encorajar os trabalhadores, indicar o objetivo do edifício, mostrar as obrigações imortais que residem além, e esperar com a cúpula

estrelada da vida social e política perfeita que você finalmente detêm. Mas aqui na Terra, os vossos próprios atos, vidas e perceções, formados e motivados por nós, devem fixar a pedra angular. Vocês precisam erguer as paredes, e se elas não forem seguras e desmoronarem, vocês precisam erguê-las de novo, até que por fim, em bicos de pés, na medida do que conseguirem alcançar com cada objetivo grandioso e esforçar-se por criar o tecido social, estabelecem a vossa base na igualdade humana, na justiça humana, no amor humano; então as mãos dos espíritos empenhados na mesma obra descem das suas alturas e coroam o edifício com a cúpula que eles criaram.

Estamos a construir assim. É o nosso objetivo futuro, onde quer que haja sofrimento ou pecado, descobrir a causa e aplacá-la; e a grande cura moral do mundo terá lugar quando toda mente e coração sentirem a sua responsabilidade em apresentar este tecido para os anjos coroarem.

UMA VISÃO DA MORTE DE UM PONTO DE VISTA CIENTÍFICO

Por Dr. Jas. E. DeWolf, através dos lábios da Sra. Cora Richmond
Queridos amigos, muitos conhecidos na forma mortal e muitos desconhecidos quando aqui estava: O primeiro pensamento é de hesitação, que através dos lábios que estais habituados a observar e da voz que estais habituados a ouvir, eu vos devesse transmitir uma mensagem; não com a minha própria voz mas com uma que me é emprestada para a ocasião, através daqueles guias de quem mutuamente recebemos lições.

O primeiro pensamento após a mudança foi: "Então via por um vidro, em enigma, agora é face a face". Esta transposição do texto é permissível, confio, do ponto de vista presente. Mas o pensamento maior é:

"Quão maravilhosa é a Morte;
A Morte e o seu irmão Sono;
Um pálido como a formosa lua ali,
O outro radiante como a manhã
Quando, entronizada nas ondas,
Corasse o mundo de rubor."
"Quão maravilhosa é a Morte!
A despertadora da alma."

O despertar que chega a todos seguramente não pode ser incomum. Nem todo o bebé que chega a um lar é a coisa mais maravilhosa do mundo. Assim, cada experiência, acredito eu, da mudança chamada morte, o nascimento para a vida superior, é a experiência mais maravilhosa, porque acontece ao indivíduo, à pessoa.

Por muitos, muitos anos a morte deixou de ter para mim qualquer terror ou sombra. Aqueles que me conheceram na Terra darão testemunho disso. Não havia medo da morte nem relutância quando chegou o momento de passar por ela. Sempre foi um estudo interessante para mim, e muitas vezes, ao cuidar zelosamente daqueles que estavam a partir, e por vezes cuidando ainda mais

ternamente dos que ficavam, observava com o olhar de um estudante para ver se havia alguma indicação de que o espírito, ao passar por esta mudança, pudesse estar consciente das suas várias etapas, dos vários processos do que se chama morte.

Interessava-me isto do ponto de vista científico e, mais tarde, do ponto de vista psíquico. Parece-me que as vidas humanas são tão impotentes perante esta coisa chamada morte, parecem tão perdidas e à deriva quando ela chega. Muitas vezes ansiava por dar o meu próprio conhecimento às pessoas reunidas em torno do leito do moribundo, para que ao menos pudessem voltar os seus pensamentos para o estado espiritual para o qual o seu amigo estava a entrar.

Sabeis quão desesperador é quando as pessoas estão curvadas pela dor, quando sentem a sua perda pessoal; é tão difícil voltarem os seus pensamentos para algo que não podem ver. Há tanta resistência à maré no lado material da vida que as pessoas na Terra não veem aquilo que vem com a grande maré-cheia da vida espiritual. Por isso resolvi que, quando chegasse a minha hora de partir, eu, se possível, observaria e tomaria nota de cada passo dessa mudança.

Com o habitual egotismo e presunção de quem estudou anatomia e fisiologia e conhece bem o corpo, pensei que poderia relatar todas as fases da sua mudança observando o progresso da sua dissolução. Vigiei o meu próprio caso durante vários anos.

Não estava excessivamente ansioso; prezava muito o meu corpo, mas dizia de tempos a tempos que, quando chegasse a mudança final, estaria preparado. Preparado pelos Ensinamentos da Alma para não temer a morte. Parecia-me que esta seria a oportunidade de estudar a mudança do ponto de vista espiritual. Assim, pensei que saberia quando o espírito deixasse o corpo.

Assim, quando os dias, as semanas e os meses foram passando e vi o declínio do corpo físico, roguei para ser levado. Depois disse para mim: “Agora são estes os tempos, estes últimos dias e horas, nos quais posso retomar este tema de seguir os processos da Inteligência a separar-se do corpo”.

Claro que havia as coisas habituais; havia o laço terno que ainda se agarrava à forma corporal; havia os que ficavam na Terra. Mas nem isto me deteve, porque sabia que a mudança se aproximava. Quando enfim se tornou evidente que teria de deixar o meu corpo, pois eu tinha observado as pulsações, sabia quantas eram e quantas deviam ser, sabia quando a maré da vida estava a refluir. Sempre temi o efeito dos narcóticos, mas quando o médico assistente quis administrá-los, consenti, embora pensasse que interfeririam nas minhas observações da dissolução física.

Por fim, quando se julgou necessário, foi administrado; mas em vez de embotar as minhas observações, pareceu antes aguçar as perceções mentais, embora amortecesse a dor física e, consequentemente, o sofrimento. O principal que pareceu interferir mais com o meu estudo para o final foi a ansiedade dos amigos, que começavam a reunir-se em torno da cama. Enquanto eu estava absorvido nas mudanças que vinham sobre mim, queriam saber se eu os reconhecia; e

justamente quando estava em pensamento abstrato sobre algo intrigante a passar pela minha mente perguntavam de repente: “Sentes dor? Há algo de que precises? Há algo que possamos fazer por ti?”

Recomendaria a todos os que têm amigos a partir para não perguntarem: “Reconheces-me?” “Estás com dor?” “Sentes algo?” ou qualquer dessas questões triviais. Se soubessem a grande urgência daquilo que lhes está a acontecer, daquilo por que estão a passar, a grande urgência do que lhes está a despontar, não pensariam nessas coisas; não os fariam voltar atrás. Um sorriso é como palavras de carinho, um aperto de mão muitas vezes basta para saberdes que o ente querido está consciente, mas não pode ser interrompido. É como tentar impedir a maré que entra desejando que saia, ou fazê-la sair desejando que entre. Não tenteis interromper as marés da vida; não o podeis fazer nessa altura.

À medida que sentia o meu pulso gradualmente a diminuir, sentia também a minha consciência gradualmente a aumentar. Sabia mais do que nunca sobre as pessoas à minha volta; estava consciente dos seus pensamentos; desejava que não falassem, não queria ouvir. Estava lá, ou seja, podia ver bem. Mas de repente tomei consciência psíquica de perceber o que estavam a pensar.

Em vez de uma grande perda de consciência, mesmo sob o efeito do medicamento dado, continuava perfeitamente consciente através do organismo físico, mais consciente do que antes. Mas o que me intrigava era que, à medida que ficava mentalmente consciente dos seus pensamentos, parecia esquecer-me do corpo, e perguntava-me se me esqueceria de saber exatamente quando o corpo morria. Claro que, para toda a ciência humana, parecia-me que isso frustraria o meu propósito. Fui ficando cada vez mais consciente dos pensamentos predominantes dos meus amigos e daqueles que estavam mais próximos da minha cama, até ficar perfeitamente ciente do que pensavam.

Então algo mais urgente: tornei-me consciente de uma grande presença luminosa que ao princípio parecia uma atmosfera; ainda assim agarrava-me ao corpo e contava os batimentos do pulso da maré de vida em declínio. Eis que, por fim, uma grande explosão de luz veio sobre mim, e vi rostos familiares para mim, há muito falecidos, aqueles que conhecera aqui e aqueles que conhecia embora não os tivesse conhecido aqui, e esqueci-me por completo da parte essencial de observar o corpo.

Esqueci-me totalmente! Estava tão vivo, tão absorto a observar esses amigos à minha volta, que, até ser dito por alguém presente “Ele partiu”, não soube que eu tinha “partido”. Nada soube sobre o que a morte tinha sido para o corpo ou do que acontecera como meio pelo qual o deixei. Parecia-me crescer neste estado luminoso e superconsciente. Em vez de perder, parecia aumentar em rapidez de pensamento, em perceção. Mas a magia de tudo isto era que a respiração corporal se extinguiu sem eu o saber.

Não tive luta; não percebi que houvesse luta alguma. Houve simplesmente ampliação — se me é permitido usar este termo — ampliação do meu ser, o gradual desdobrar-se noutra atmosfera: Como se esta sala de repente se expandisse e se tornasse luminosa e muito povoada, e as pessoas aqui se

tornassem mais luminosas para o vosso entendimento. Foi assim que me pareceu. Não houve rutura, nem esforço mental ou espiritual. Não pareceu qualquer esforço. Só soube, quando disseram "Ele partiu", que podia olhar. Não creio que olhasse com os olhos físicos, mas olhei através da simpatia dos presentes. Vi o meu corpo ali; vi o que parecia ser eu, e não eu, deitado ali. Penso que não parecia estar vivo, mas eu, eu estava mais vivo do que alguma vez estive no corpo. O primeiro pensamento consciente, o primeiro estremecimento, foi o de Liberdade.

Tinha sido um cerco bastante longo com as minhas enfermidades físicas e o corpo começara a arrastar-se: eu tinha plena consciência, nos meses em que a doença se insinuava, e a libertação disso foi algo de incomparável. Embora toda a bondade, toda a simpatia me tenham sido dadas, embora tudo tivesse sido feito para suavizar a condição do corpo; se tivésseis sido atados e enfaixados em cada membro, algemados em cada movimento e depois libertos, poderíeis começar a compreender a consciência do espírito nesse momento de libertação. As asas dos pássaros deram a muitos o pensamento de liberdade.

"Sinto-me leve como o ar", dizeis frequentemente com referência à sensação de leveza que tendes na saúde perfeita. Mas estas são pequenas gotas comparadas àquela sensação de liberdade das limitações do corpo. O pensamento era mais claro e mais rápido. A perceção de tais coisas, que eu estava preparado para perceber, parecia instantânea; e o reconhecimento dos amigos não foi exatamente a coisa mais esmagadora que me aconteceu, era uma parte dessa mudança e dessa liberdade, e havia grande alegria em experimentá-la.

Mas a expressão mais perfeita é esse pensamento de Liberdade, e algo que não posso transmitir às vossas mentes por outra palavra senão Iluminação. A iluminação do espírito para perceber amigos, pessoas e coisas espirituais. Isto pareceu vir quase instantaneamente. Desde então tem vindo com maior poder. Mas o primeiro conhecimento disso foi Iluminação. Aquela que estivera ao meu lado durante todos estes anos de vida terrena no estado humano pareceu ser essa iluminação. Devo-lhe aqui dizer: percebi que a minha iluminação espiritual tinha sido em grande parte através dela quando estava na Terra. Através dela sem eu o saber. Julgava saber muito sobre coisas espirituais.

Mas conhecê-las com a mente e percebê-las com o espírito deve ser diferente; sei o que a mente falhou em captar, percebi-o no espírito, em grande parte através dela. E, se aceitardes isto e não o considerardes demasiado pessoal, direi que a minha iluminação nesse momento de entrada nesta consciência da vida espiritual foi através dela que permaneceu na Terra. Uma grande luz rodeava-a, como aquela que ilumina os santos nas pinturas, e que percebi vir de dentro e de cima, daqueles que nos ensinaram, guiaram e guardaram.

Nesta luz dupla, dos que me rodeavam na vida espiritual e da sua luz na Terra, percebi esta Grande Presença Luminosa. Agora deixai-me declarar: Iluminação não é uma visão do olho, é a perceção do espírito. Vem, claro, primariamente da alma, como todos vós entendeis que estais conscientes dos Ensinamentos da Alma, mas não é percebida até atingir o espírito e a mente. A consciência desta Liberdade e Iluminação era tal que, se houvesse uma grande voz, tão vasta como o mundo, eu gostaria de a ter gritado! Gritado! para vós, que sois meus amigos, para

muitos que foram meus amigos e para os que são estranhos.
Nunca recuperei do pensamento de fazer proselitismo. Aquela que era sempre luminosa, sempre ao meu lado, dizia: "Mas nem todos estão prontos para estas coisas; não deves falar disto a toda a gente." Mas eu pensava que, se não estivessem prontos, não seriam prejudicados por isso. Entre aqueles a quem falei estavam as poucas pessoas que se reuniam lá onde eu vivia. Estas também eram luminosas; entravam tarde no conhecimento desta passagem como se fosse parte daquilo para que tinham sido preparadas. Procuravam manifestar, mesmo através da sua simpatia, que este conhecimento não se perdera nelas.

Agora, o facto psíquico é: que ao entrar pela primeira vez na vida espiritual estamos menos em sintonia, muitas vezes, com os espíritos que passaram antes de nós e além de nós, do que com aqueles que nos amam e muito conviveram connosco na Terra. A minha simpatia psíquica voltou-se para os que ficaram na Terra. Como se sentiriam? O que pensariam? Vi que estavam maravilhosamente preparados para esta mudança, e para qualquer mudança que pudesse ocorrer nos seus lares. Perdendo a presença física, ainda assim compreendiam aquilo em que se tinha entrado.

Tão natural me pareceu este processo de morrer, como se lhe chama, o despertar, o nascer, que embora eu não conseguisse estudá-lo, embora o corpo fosse deixado como algo que era um acréscimo e eu me afastasse dele sem luta nem consciência disso — tão natural me pareceu — disse: "Se eu pudesse dizer a estes amigos e a outros amigos como isto me pareceu, não só não recearão a mudança quando ela lhes chegar, como não a recearão pelos seus amigos, e saberão que não há sofrimento na mudança.

Se lhes dissesse, no meu modo simples, que isto é libertação não só da dor mas das limitações do corpo; que se entra numa perceção maior, segundo o estado de cada um, do que se tinha no corpo. As coisas que as pessoas desejam pensar, desejam fazer, gostariam de estar conscientes delas, podem estar conscientes delas. Mas pensarão de outro modo quando a mudança lhes chegar."

De forma simples quero dizer-vos isto: quero fazê-lo, pois afinal, se não estais prontos para este pensamento, ele não vos alcançará, mas quero juntar a minha voz a este pensamento: que a morte é tão natural para aqueles que morrem como o nascer é para aqueles que nascem.

Não costumais ter pena do bebé que entra na vida terrena — embora muitas vezes pudésseis — alegrais-vos com a sua vinda, estais felizes, há uma grande luz na habitação frequentemente (por vezes há uma grande sombra onde há pobreza, carência e dor). Mas neste nascimento acrescido, neste nascimento espiritual, há uma grande luz. Sei que muitos nascem para a vida espiritual tendo sido ensombrados na vida terrena, mas não entram por isso em sombras mais profundas. Não há vida humana que, segundo o grau da sua existência humana, não seja mais livre ao dar este passo seguinte, chamado morte.

Depois, o que se é na vida espiritual depende, claro, do que se é aqui; nem mais nem menos sou eu agora no espírito do que era convosco. Aquilo que é essencialmente eu agora não é mais do que aquilo que me constituía então, que

talvez não vísseis sempre, que não se manifestava sempre através da forma; talvez o corpo estivesse demasiado ocupado, ou o cérebro demasiado atarefado para que se manifestasse sempre. Mas encontro muitas teorias que se dissiparam como o sopro daquele corpo.

Não sei para onde foram. Às vezes, quando morremos, dizem-me os que são mais sábios, morremos também para as nossas falsas noções, assim como para os nossos corpos, que as coisas que nos parecem tão reais, tão manifestas, tão palpáveis na vida humana não o são de todo. Eu estava bastante bem preparado para saber isto porque tinha sido ensinado, mas é bastante diferente percebê-lo. Mas uma coisa muito estranha é: não é difícil entender, talvez, que ficareis livres e sentireis liberdade quando separados do corpo, com as suas limitações, as suas dores, os seus sofrimentos, a sua incapacidade de ir longe ou ver longe ou andar longe — todas essas limitações de que ficareis felizes por vos libertardes — mas, queridos amigos, a parte mais maravilhosa é que grande parte do nosso pensamento é feito para os nossos corpos; grande parte do nosso trabalho é para os nossos corpos, e depois ter tudo isso cortado, ficar livre da ansiedade de pensar no que faremos pelo corpo, é a maior parte da liberdade. Ao princípio pode-se estar quase perdido; pode-se sentir como se estivesse no mar sem carta ou bússola.

Mas, digo-vos, se vos entregardes às vagas tendes mais probabilidade de avançar do que se tentardes resistir-lhes. Quando se descobre que não se tem corpo físico não há utilidade em pensar no que se fará para cuidar dele, para comer, beber, vestir ou estar bem ou quente, e claro, tendo pouco tempo para cuidar do próprio corpo quando se está com saúde e sendo oprimido pelo conhecimento de que se deve cuidar dele quando não se está bem, é um grande alívio pô-lo de lado com o seu trabalho de existência mortal, física, e ficar perfeitamente livre para pensar sobre temas e assuntos que não dizem respeito ao pão de cada dia.

Não que estejamos separados dos nossos semelhantes. Sinto mais simpatia pelos que precisam de pão diário na Terra, se possível, do que quando aqui estava; mais simpatia pelos que não sabem como obter o seu pão de cada dia; mais interesse em conceber meios e modos de os ajudar. Por aqueles que estão no corpo e estão o tempo todo sob a pressão e tensão de tentar manter-se, sinto maior simpatia. Mas ter o conhecimento de que não tenho de prover para o corpo, de que não tenho de o carregar comigo, de que os meus pensamentos são livres e sem grilhões, de que sou atraído para aqueles que são atraídos para mim, de que estes grandes assuntos, que para a mente humana são temas subjetivos, são a base e o propósito principais da vida, é algo que vale a pena considerar.

Os nossos amigos, os Cientistas Cristãos, têm tentado ensinar muitas pessoas a estar neste estado enquanto ainda no corpo. Mas descobrem que não podem ignorar o lado físico da existência. Pode-se ignorar muito do que deprime e obstrui o pensamento por causa do sofrimento, mas, claro, a habitação tem de ser cuidada, o instrumento tem de ser mantido em ordem, mantido afinado, muitas vezes por métodos físicos (admito livremente), muitas vezes por vias espirituais tem de ser mantido afinado.

Mas quando não se tem corpo, quando não se tem pensamento do domínio que

inclui cuidar do corpo — é um grande passo. Por isso não me surpreende descobrir que muitos espíritos que não têm pensamentos noutras coisas são obrigados a viver em tal simpatia psicológica com a existência terrena depois de morto o corpo, para manter a aparência de existência física e o semblante que a rodeia; pois ficariam perdidos sem isso.

Porque, quando considerais a vida humana média e as muitas horas que são dedicadas a cuidar do corpo, bem podeis perguntar o que fareis todos quando estiverdes mortos e sem corpos para pensar neles. Mas, através do Amor Celestial, a ordem divina das coisas é tal que, para cada nova condição, há nova adaptação, e cada um que morre ou passa por esta mudança é, por algum processo, adaptado à mudança, seja essa pessoa o que se chama elevada ou baixa, seja grande ou pequena a sua inteligência, há adaptação ao estado em que entra.

Agora, os temas chegam a alguém no estado espiritual tão prontamente como novas paisagens chegam a alguém quando viaja na Terra. Quando viajais não quereis levar a vossa própria geografia local convosco nem as vossas próprias habitações convosco, quereis estudar as novas paisagens em que entrais. Assim, neste novo estado de existência, a mente e o espírito adaptam-se prontamente a estas novas condições de saber as coisas sem perguntar sobre elas; de ter uma resposta às vossas perguntas antes de terdes tempo de pensar nelas; de estar num reino onde as pessoas sabem no que estais a pensar, onde a linguagem não é necessária para exprimir ou velar os vossos pensamentos.

Esta falta de capacidade para exprimir-se em linguagem humana torna-se menos dolorosa. Os espíritos, que pela lei da adaptação são os vossos professores, sabem no que estais a pensar. É um grande alívio não ter de fazer perguntas. Por vezes cometíamos erros ao fazer perguntas aos Guias aqui, ficando atrapalhados com as palavras. Agora, mesmo antes de o pensamento se formar, o simples desejo de saber traz a resposta. É o grande cumprimento da resposta à oração. Pois mesmo que não saibamos que estamos a orar, quando queremos saber algo, se a resposta vem, isso é resposta à oração.

Este grande conhecimento pela perceção, de saber as coisas sem as ver nem ouvir; sem ser cegado pela visão nem ensurdecido pela audição. Sabeis que muitas vezes as pessoas ouvem coisas que lhes dão uma ideia totalmente errada. Muitas vezes as pessoas dizem coisas que não transmitem a afirmação correta à mente. Agora, saber as coisas sem ver errado ou ouvir incorretamente é, para mim, algo maravilhoso. Saber o que os meus amigos estão a pensar; ter sido atraído por uns e outros desde esta libertação; ter estado tão próximo deles como à minha própria habitação humana é uma parte grande e surpreendente.

Alguém pensa em mim em Chicago; eu estou lá; alguém pensa em mim noutro lugar; eu estou com essa pessoa. Percebo-a, estou em sintonia com ela imediatamente. É por isso que os espíritos, não sendo limitados pelo tempo e pelo espaço, têm mais da sua presença possível do que quando estavam no estado humano; embora mesmo quando na Terra penseis latentemente neles e eles estarão psicologicamente presentes. Mas esta presença que nasce da grande atração da amizade, da capacidade das pessoas estarem com os seus amigos, é aquilo de que o espírito se torna consciente. Amigos terrenos não vistos há anos

são de imediato tornados palpáveis, o seu estado, as suas condições, o seu pesar, a sua dor, o seu desejo de saber de alguém. Tudo o que se relaciona com o indivíduo que passou torna-se mais simples e claro do que era antes. Por vezes, se os amigos não se compreendem mutuamente, há melhor compreensão.

Sabeis que a morte é um grande clarificador, coloca os vossos amigos que partiram sob uma nova luz quando ainda estais na Terra, pensais neles de forma diferente. É assim que deve ser, se pensais neles com o espírito em vez do sentido humano e do egoísmo humano. A morte é a grande reconciliadora; sentis-vos sempre reconciliados com as pessoas — quase sempre — quando estão mortas. Isso chega aos seus espíritos, o conhecimento dessa reconciliação entra no seu estado.

Aqueles próximos na amizade, aqueles que vos são próximos na Terra, a quem quereis ver mas não podeis por causa da distância corporal, são aqueles de que estais conscientes, aqueles que visitastes muitas vezes. Visitei aqueles que não via em vida humana há muitos anos. Pensei neles e instantaneamente tive conversa com eles. É como estar num telefone — ou é mais como telegrafia sem fios — leva-vos àquele em que estais a pensar, esse é o único que pode responder ao que estais a pensar.

Isto resolve a questão sobre "espíritos inescrupulosos" que se fazem passar pelos vossos amigos. Nesta telegrafia sem fios só aqueles podem comunicar que estão em sintonia em espírito. Eu sou o único que pode responder ao vosso pensamento sobre mim. Nenhum outro espírito está sintonizado com esse pensamento, nenhum outro espírito pode responder. Nenhum outro espírito o percebe. Por isso digo que muito deste pensamento acerca da personificação dos vossos amigos é um erro. É um erro terreno, tal como mensagens que se pervertem. Os erros são sombras do lado terreno.

Algo está errado com a máquina; algo está desajustado com as "vibrações", como lhes chamais. Esta resposta só pode vir daquele a quem o vosso pensamento é dirigido. Há menos erros no reino espiritual do que nos estados terrenos, porque os sentidos corporais não interferem. Não posso falar nem pensar em concordância com um espírito com quem não haja sintonia — seja por convivência, por busca de conhecimento ou por transmissão — é alguém próximo de mim; estou em sintonia com todos os que precisem de mim, isto é, se precisam de algo que eu possa dar, posso responder impessoalmente, mas não posso responder por aquilo que não posso dar, não posso responder pelo que não é destinado a chegar-me.

Por isso, muitos espíritos de diferentes estados passam e repassam sem se reconhecerem uns aos outros. Muitos podem estar, para usar uma expressão humana, nesta sala sem conhecerem de todo a presença uns dos outros. É por isso que um clarividente pode descrever um espírito e não saber de outro que é para alguém diferente; tudo é segundo a adaptação. É por isso que há tantos problemas difíceis no que se chama Espiritualismo comum.

Mas a resposta a todas estas perguntas vem mais tarde. Aquilo que me veio é esta grande Liberdade, esta grande Iluminação. Ela não recuou, porque a sua luz e a

sua fonte não cessam. Embora não haja conhecimento adequado para explicar totalmente o estado e as condições em que alguém entra, há ainda conhecimento adequado para explicar quais são os seus pensamentos vivos, a sua consciência viva, a sua perceção viva, e que é a realização mais plena talvez da existência individual ou pessoal corporal.

Não me estou agora a inquietar com outras proposições. Claro que a proposição teológica há muito deixou de me preocupar. A perceção da alma é tomada como o meio de resolver as diferentes questões e problemas a resolver. Mas aquilo que me interessa é que esta mudança, aquilo que lhe pertence, possa ser compreendido por todos.

Queridos amigos, para o pensamento do aspeto mecânico, dinâmico e fisiológico da morte, não há nada a temer. No aspeto maior que vós tendes, que conheceis a luz do Espiritualismo, que fostes levados à comunhão com os vossos amigos falecidos, que entendeis que eles existem; especialmente com a luz que tendes nos Ensinamentos da Alma compreendeis a Morte. Ela é a grande benesse da existência humana. Eu entrei nessa benesse com toda a humildade, com toda a apreciação das bênçãos que a vida terrena proporcionou, com todo o conhecimento do que foi o sentido dessa vida. Mas, pelo êxtase desse momento único de exaltação, quando consciente de estar libertado do corpo físico e ainda assim de estar mais próximo dos amados na Terra, eu teria passado anos de sofrimento e tortura física e não o teria considerado um sacrifício ou privação.

UM SUICÍDIO TÍPICO

Que não é infeliz; e outras condições na vida espiritual
Antes do discurso que apresenta a experiência daquele que vai revelar o seu estado espiritual, desejamos dizer algumas palavras: temos dado uma série de lições aos domingos à noite sobre as condições, na vida espiritual, de indivíduos — alguns dos quais partiram por seus próprios atos e outros no curso habitual da, assim chamada, natureza — mas estados em que os espíritos não estavam no que se chama perfeitamente felizes, ainda que, nalguns casos, os seus amigos pudessem supor que o estivessem, por não conhecerem as condições íntimas das suas mentes.

Foi dado o exemplo, no último domingo à noite, de um suicida que tirou a própria vida sob uma ideia errada e que, naturalmente, ao perceber o seu erro, estava infeliz porque cometera uma injustiça contra um ente querido na Terra. Igualmente teria estado infeliz se tivesse cometido tal injustiça em forma humana, mas então poderia ter havido melhor maneira de reparar a dificuldade. Não consideramos o suicídio um crime, embora o seja na lei inglesa.

Mas a razão disso é patente: sob o antigo sistema de pena capital, qualquer pessoa que cometesse suicídio estando sob acusação criminal, como se diz, iludiria a forca da sua vítima. Isto foi considerado uma terrível ofensa tanto pela Igreja como pelo Estado, visto que as execuções públicas eram outrora usuais e, claro, as pessoas ficavam então privadas de algumas das bárbaras exibições de feriado. Igreja e Estado combinaram-se para tornar o ato de tirar a própria vida, em tais

circunstâncias, um crime, e todo o suicídio foi considerado crime a seguir ao de matar outrem, por várias razões teológicas e de Estado.

São, porém, dias em que as pessoas são mais amplas e mais indulgentes no seu juízo, e, embora possa ser muito chocante ouvir agnósticos dizerem, como disse o Sr. Ingersoll, que uma pessoa tem perfeito direito de fazer o que quiser com a própria vida desde que não prejudique ninguém, não estamos preparados para subscrever o pensamento prevalecente quanto ao suicida, uma vez que há muito poucos que voluntariamente tiram a própria vida que não estejam sob alguma excitação mental ou doença física no momento e que, certamente, ao entrar na vida espiritual, não lamentem o seu ato por causar tanta dor aos seus amigos.

Mas não há nenhum canto especial no Hades onde os suicidas sejam lançados. Cada um retoma o fio da existência espiritual exatamente onde ele ou ela o deixa aqui. Conhecemos muita gente que morre "morte natural" que não estava feliz na vida espiritual; conhecemos muita gente que foi suicida, que era boa e verdadeira e que estava feliz na vida espiritual. O caso que vos será apresentado esta noite é um caso que desejamos recomendar à vossa consideração.
"Não julgueis, para que não sejais julgados."

Eu era um jovem quando ocorreu o ato de que desejo falar esta noite e que me tirou da existência terrena. Os meus pais eram remediados no Leste, mas, durante um dos períodos de excitação que atraíam pessoas para a Califórnia, os meus pais foram para lá esperando fazer fortuna. Nas condições habituais daquele Estado, não logrando êxito em nenhuma das operações que trariam tal resultado, fixaram-se em São Francisco, e aí começa o meu conhecimento.

Fui educado nas escolas públicas, formando-me na escola secundária superior. Desejei depois uma educação ainda mais liberal, mas, como não podia entrar na universidade por não ter meios, preparei-me para uma educação comercial: trabalhando nos períodos em que não havia aulas e aplicando todo o dinheiro que podia ganhar na minha educação, formei-me nesse colégio comercial e estava pronto para a minha carreira.

Os meus pais eram então muito pobres e esperavam de mim, muito naturalmente, ajuda no seu sustento. Entretanto, as suas convicções religiosas tinham-se tornado amplas e liberais. Não fui criado no rigor de nenhuma igreja teológica, ainda assim os meus pais ensinaram-me toda a reverência pelo Bem Infinito e especial reverência pelos meus semelhantes. Tinha as obrigações da vida por sagradas e acreditava que a minha própria felicidade na Terra e no futuro dependeria da minha conduta, da minha justa perceção das coisas.

Abominava a falsidade; fui ensinado a fazê-lo. Disseram-me que a veracidade, acima de tudo, era a principal coroa e honra na vida do homem. Fui instruído na justiça e na integridade, e disseram-me para ser honrado em todos os meus tratos com os meus semelhantes, quaisquer que fossem as consequências.

Eu tinha uma natureza muito sensível, e particularmente sensível a ambientes grosseiros, especialmente a qualquer coisa que fosse vulgar ou viciosa, embora creia que não sentia desdém por nenhum ser humano. Tive pena das condições em

que encontrei algumas pessoas, mas nunca as condenei. Tinha cerca de dezoito anos quando entrei no escritório de uma firma em São Francisco. Fui colocado nesse posto por influência de amigos de meu pai que o tinham conhecido quando estava em melhores circunstâncias financeiras.

Direi também que ambos os meus pais eram enfermos. A minha mãe era inválida havia anos, e a saúde do meu pai fraquejou após as suas muitas desventuras. Mas não se queixavam, mantinham a coragem e esperavam grandes resultados. A minha irmã passara para a vida espiritual, e a grande consolação no nosso lar era acreditarmos na sua presença ministrante.

Ao entrar nesse escritório, familiarizei-me por completo com o negócio através do razão e dos livros que me foram confiados para pôr em ordem, pois tinham sido deixados em estado muito confuso pelo contabilista anterior. Depois de ter endireitado os livros, para grande espanto meu, exigia-se que certo montante fosse lançado a crédito da firma. "Oh", disse eu ao meu empregador, "não existe tal montante, senhor." Ele disse: "Fará o que eu lhe digo, porque nos negócios temos de hipotecar alguma coisa, mesmo que não a possuamos."

"Mas", respondi, "não se trata do início do vosso negócio, e hipotecar isto agora seria — não gosto de usar um termo duro — mas daria uma impressão errada." Ele ficou muito irritado e disse que me empregara para fazer o seu serviço. "Mas, senhor", disse eu, "tenho de manter os vossos livros corretamente, se é que os mantenho de todo, e, com esse montante hipotecado quando sei que não está no negócio, essas contas ficariam incorretas." Ainda supunha que ele se enganara no termo e que poderia haver algo que eu tivesse omitido.

Assim, sem dizer mais nada, revi todas as contas novamente, com muito cuidado, para ver se havia algum ativo que me escapara; então disse: "Senhor, não encontro fundamento para lançar isso nos livros; deveis ter cometido um engano, ou tendes alguns ativos de que não me destes conhecimento." Ele disse: "Não lhe direi mais nada, lance o montante onde lhe disse." Respondi que não podia e, ali mesmo, apresentei a minha demissão.

Pensei que conseguiria outro lugar como contabilista, mas, senhoras e senhores, não consegui. O meu antigo patrão tinha grande influência na cidade. Fui de uma casa comercial a outra, e isso numa época em que o tipo de capacidade que eu possuía era bem pago, mas não consegui emprego semelhante.

Tentei então o magistério. Pensei: "Aqui, pelo menos, só terei de ensinar segundo os livros, e esses livros não exigem explicação ética; não há ética particular na tabuada nem na gramática, portanto estarei seguro." Prestei o exame exigido perante o conselho estadual, mas, quando se tratou de um conselho local, embora eu tivesse passado no exame, fui questionado sobre a igreja a que pertencia; qual era a minha religião. "Mas", disse eu, "senhores, desculpem-me, não me candidatei a uma escola dominical."

Apesar disso, perguntaram-me a minha religião; quando lhes disse as minhas opiniões liberais e que não pertencia a nenhuma denominação em especial, nada disseram, mas a maioria do conselho naquela comunidade era, ainda assim,

composta de membros rigorosos de igrejas ortodoxas, e descobri que as minhas opiniões liberais foram tidas contra mim quando se decidiu o professor, embora eu tivesse passado nos exames, pelo que soube, melhor do que qualquer outro candidato. Aqui estava a segunda lição.

Depois tentei um lugar de caixeiro numa das grandes casas de fazendas de São Francisco. Consegui-o prontamente. Então pensei que as coisas correriam às mil maravilhas; mas depressa verifiquei que se esperava que eu dissesse que artigos parcialmente de algodão eram de pura lã, e exigia-se que afirmasse que certo artigo tinha tal valor quando eu sabia que tinha menor valor. Procurei agradar aos fregueses dizendo: talvez isto lhe convenha, ou aquilo lhe convenha, sem descrever de todo os méritos dos artigos.

Mas isto não servia. Eu estava sob a vigilância dos chefes de departamento e dos outros empregados. Eu não dizia as mentiras estereotipadas que me pediam; não o faria, embora creia que teria sido um eficiente vendedor se me tivessem posto à prova ao meu modo. Ainda assim, por não me conformar com essas platitudes mentirosas usadas por todos os que procuram tais lugares, fui despedido. Depois a necessidade começou a pesar bastante à nossa porta. Os meus pais inválidos precisavam do que eu não podia obter para eles. Com uma irmã ainda viva, lá nos fomos arrastando. Tentei arranjar trabalho avulso, especialmente de contabilidade, mas não encontrei nada estável. Por fim, soube que havia grande quantidade de corte de madeira, ou abate de árvores, num certo condado do interior.

Pensei: "Ora, cortar lenha a tanto por dia não é desonra; certamente não fará mal ao meu corpo e a minha mente poderá estar livre, e não há nada envolvido nisto, pois cortarei a madeira direita e farei a medição corretamente. Ninguém perguntará pelas minhas convicções religiosas; não serei chamado a dizer que há mais lenha do que realmente há, porque será medida corretamente."

Fui para esse lugar. Embora o meu patrão me tivesse olhado com alguma surpresa, ainda assim fui admitido porque não havia excesso de trabalhadores. Fui naturalmente lançado entre os homens no seu trabalho. Chamaram-me janota e dândi, porque era limpo. Não era particularmente enfatuado no meu vestuário, mas era asseado. Não usava tabaco, não bebia, não praguejava; tudo isso, exceto o último, fui convidado a fazer. Notaram, claro, que eu não me entregava a nada disso, e por isso fui ridicularizado, chamaram-me infantil, todo o tipo de epíteto me foi lançado por aqueles com quem trabalhava.

Não me importei, porque tinha pena deles. Depois procurei envolvê-los em conversa, mas chamaram-lhe pregação e disseram que não queriam sermões; não queriam que viesse para junto deles alguém que se achasse melhor do que eles. Por fim, puseram-me as mãos em cima com violência e enviaram uma carta ao meu empregador dizendo que não queriam nenhum "pregador" nem nenhum "maricas" por perto, e que, se ele continuasse a empregar-me, fariam pior a ele e a mim. Eles eram muitos, eu era só um. Não pude ficar lá muito tempo.

Com o passar do tempo a minha saúde começou a fraquejar. Talvez as sementes da tuberculose estivessem na minha constituição, mas não eram visíveis ao princípio.

No fim, colapsei completamente em corpo, embora ainda animado, ainda esperando conseguir algo para fazer que fosse permanente. Nunca sonhei que não pudesse. Claro que a experiência que tivera era desanimadora, mas devia haver um lugar, uma ocupação, um negócio de algum tipo onde não fosse exigido que eu negasse as minhas convicções, onde as pessoas não questionassem a minha crença religiosa. Mas quando a minha saúde cedeu, fiquei convencido de que, por mais que procurasse, não encontraria nada a fazer e ao mesmo tempo permanecer fiel às minhas convicções.

Recordai: quando fui despedido daquele escritório de contabilidade, bati a todas as portas comerciais de São Francisco com as minhas credenciais, e quando fui despedido da loja de fazendas fui a todas as lojas da cidade, mas parecia estar condenado ao insucesso. Quando não consegui dar aulas numa escola candidatei-me a outras, com resultados semelhantes. Então, se não podia trabalhar com o homem que ganha o pão com as mãos, o que poderia eu fazer?

Como disse antes, adoeci. Tinha resolvido que não seria dependente dos meus pais, já idosos e incapazes de prover a si próprios, e não podia lançar outro peso sobre a minha irmã, que ganhava um pequeno sustento com que a família vivia. Assim, quando fui atingido por uma doença da qual sentia que nunca recuperaria, como disse, resolvi nunca ser um fardo para mim nem para os outros. Não tinha censura para os que não me podiam empregar; o meu espírito não se ajustava aos seus métodos, a minha vida não estava afinada pela mesma nota, não podia entrar nos seus modos, e parecia não haver lugar para mim.

Com plena consciência do que fazia — a doença não me enfraquecera a mente, nem, ainda, me deixara totalmente incapaz no corpo —, vi à minha frente longas semanas, possivelmente meses, ou anos, de impotência e de despesas necessárias sem qualquer meio no nosso lar de suportar mais um encargo. Via que a minha mãe e o meu pai teriam de fazer um esforço terrível só para me visitar. Além disso, sabia que a minha irmã não poderia, pois já estava sobrecarregada.

Amigos, com esse conhecimento, com essa consciência diante de mim, e sabendo demasiado bem que nada conseguiria com o meu estado de espírito, entrei deliberadamente no mundo espiritual. Fi-lo sem medo. Não contei aos meus pais nem à minha irmã, porque sabia que tentariam dissuadir-me. Ao mesmo tempo já o tinha insinuado. Dissera ao meu pai: “Se chegar o dia em que eu ache que serei um fardo para alguém, não permanecerei na vida terrena.” Assim, em parte, preparei-lhes o espírito.

Tirei a minha vida mortal, amigos. Nunca me arrependi. É verdade que os meus pais ficaram chocados; mas também é verdade que se lembraram do que eu dissera. Conheciam todas as lutas da minha vida. Primeiro, para arranjar trabalho; depois, para combater a doença, à qual por fim tive de sucumbir. Sabiam todas as circunstâncias, e não choraram como os que não têm consolo. No lado espiritual da vida a minha outra irmã esperava-me; lá estava. Disse: “Pobre irmão, lutaste enquanto pudeste.”

Os outros amigos que se reuniram à minha volta não pareciam julgar que eu tivesse feito algo moralmente errado. Pareciam compreender-me; pareciam saber

que eu tentara até ao limite, pareciam compreender as circunstâncias em que parti. Não sei como me teria sentido se tivesse vivido por mais tempo e a minha mãe e o meu pai se tivessem fatigado a cuidar de mim, e a minha irmã se tivesse consumido em vigílias noturnas; mas não poderia ter sido mais feliz do que fui ao ver-me livre das condições que tanto me cercavam e perseguiam.

É possível que outras vidas tenham enfrentado condições diferentes; é possível que outros jovens tenham encontrado trabalho e o tenham achado compatível com as suas convicções morais. Creio que sim, e que ainda acontece. Mas, ai!, vi muitos casos em que as convicções morais cederam; em que o jovem começara a vida, queridos amigos, com tão boas resoluções, tão elevadas e nobres aspirações como eu tivera, mas pouco a pouco cedia, via-o aproveitar-se de outrem, via-o lançar a crédito o que pertencia à conta do débito, via "hipotecarem-se" coisas que não existiam na realidade, via jovens entrar por tal vida; por fim eram tentados pela grande quantidade de dinheiro que viam e naturalmente tornavam-se fraudulentos. Acredito que começaram com tão bom e honesto propósito como eu.

Acredito que pretendiam ser justos para com o próximo. Mas, oh! esta grande tentação a pressioná-los; pouco a pouco aprenderam que os métodos dos negócios não são os métodos do coração; pouco a pouco aprenderam que os caminhos do mundo não são os caminhos das suas mais altas aspirações. Têm ideais; as suas vidas jovens estão tão cheias desses ideais elevados como a minha estava, mas têm de ceder ou passar fome; têm de ceder ou renunciar a qualquer emprego; têm de ceder ou ser ostracizados, muitas vezes na própria sociedade, na própria igreja.

Vejo pessoas que negam as suas convicções porque é política fazê-lo; vejo pessoas que pertencem às igrejas e não acreditam numa só palavra do ritual, nem numa só palavra do credo. Eu não o poderia ter feito. É possível que o meu caminho não fosse o melhor; mas vejo que eles não ficam mais felizes à medida que a vida avança, e vejo que a outra vida os encontra, de certo modo, desalentados, desencorajados ou endurecidos por essa sombra de sacrificar as suas melhores e mais altas convicções. Por isso tenho a consciência de estar contente por ter feito o que julgava certo.

Não trouxe sofrimento intencionalmente a nenhum ser humano: não trouxe a grande agonia aos meus pais de me verem sofrer, incapazes de me ajudar. Portanto, no estado espiritual, embora não tenha consciência de qualquer autoexaltação, sinto que é a minha missão — e tenho-a prosseguido constantemente durante os vinte anos que estou na vida espiritual — esta missão única: procurar fortalecer as convicções dos jovens, procurar ajudar jovens a serem fiéis aos seus mais altos ideais do que é justo, procurar torná-los justos uns para com os outros e para com os seus semelhantes.

Não vejo que o grande mundo comercial caminhe na minha direção, mas muitos indivíduos sim. Não vejo que o grande mundo da especulação e do comércio esteja mais próximo do meu padrão do que quando aqui estava; mas vejo que muitas vidas individuais lutam e se esforçam nessa direção. E vejo que este mundo da verdade espiritual revela de tal forma as pessoas às suas próprias consciências que as obriga a pensar como me obrigou a mim. Devem fazer autoexame. Indivíduos na vida terrena estão a caminhar na minha direção.

Oh! Posso ter pena do pobre homem que, com uma família a sustentar, com filhos pequenos a pedir pão, deve negar a própria consciência ou vê-los morrer de fome. É fácil para alguém passar fome sozinho, mas não é fácil ver a mulher e os filhos passarem fome. Posso compreender a posição do homem que deve ceder à tentação de agir mal nos negócios quando é pressionado nesse sentido. Como disse, vejo muitos jovens a começar a vida com todas essas convicções firmes na mente; depois a esposa e os filhos entram no pensamento: que farão? Como sofrerão?

Claro que há o viver acima dos próprios meios e outras causas que tentam as pessoas a agir mal. Mas sinto mais compaixão por aqueles que ou sacrificam as suas convicções ou veem perecer os seus entes queridos. Acredito que até, mesmo nesse caso, se fosse comigo, diria: "Não é longe até ao mundo espiritual, querida esposa, queridos filhos; vamos."

Claro que este não é o padrão humano: não vos peço que o aceiteis. Sei que há muita gente que diz que a doença aponta para certos métodos em que isso é necessário. Mas se temos um padrão de todo, se acreditamos no que é justo, se sabemos que devemos fazer aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito, penso que devemos fazê-lo. Não creio que as consequências sejam da nossa conta. Como disse antes, se não fosse por os meus pais me verem sofrer eu poderia ter morrido por doença ou por fome; mas não lhes imporia esses meses penosos. Do meu lar espiritual tenho podido melhor encorajar, fortalecer e ajudar a minha irmã, até que finalmente chegou auxílio à família através de alguém que lhe é ligado.

Saindo, pois, desse estado de vida para o estado espiritual, onde há muito que fazer, onde se podem seguir as próprias convicções e não ser questionado, onde a luz desta verdade mais e mais sobre mim insiste, saúdo-vos, queridos amigos. Muitos de vós, quase todos, sois mais velhos em anos do que eu era; muitos de vós sois mais velhos do que eu seria se tivesse permanecido na forma terrena. Não obstante, sob a influência daqueles sábios guias que falam por este médium, é-me permitido contar-vos esta história, dizer-vos, desde o meu lar espiritual: eu vos abençoo.

Não encontro razão para lamentar o caminho que segui. No entanto, se eu tivesse recuado perante o meu sofrimento, se tivesse fugido da minha desonra, se tivesse negligenciado o meu dever quando saí da vida terrena, sei que não teria sido tão feliz por isso. Mas, tendo partido em resposta às minhas mais altas convicções de amor e dever, encontro amplo espaço para o exercício da minha capacidade. Quantas vezes me debruço sobre jovens, à noite, que se quebram a cabeça sobre os seus livros de razão, que se esforçam por pôr as contas em ordem, e lhes imprimo a conta correta, imprimo-lhes até o voltar atrás e encontrar o erro. Quantas vezes lhes fortaleci as resoluções quando estavam prestes a ser tentados; quantas vezes pus a minha mão, espiritualmente, sobre o jovem que ia fazer algo para suprir despesas que, afinal, acabaria por ser descoberto e ele seria declarado faltoso, e o impedi, despertando estes impulsos internos e superiores da sua natureza.

Digo-vos isto, se sois jovens, para que vos agarreis à honra, à integridade, ao amor da verdade e àquilo que vos trará a mais alta felicidade no fim. Digo-vos, se estais na meia-idade, para que recapituleis as vossas próprias experiências e saibais que também tivestes estas aspirações. Digo-vos, a vós que vos tornastes veneráveis com os anos e tendes uma coroa de prata sobre a cabeça, para que compreendais que tudo o que é bom, puro e reto sobrevive convosco; que as sombras têm de ser vencidas algures e em algum momento. E digo-vo-lo porque, no meio de todas estas vidas, entre as vozes que se ouvem e que se esforçam por beneficiar e fortalecer a humanidade, a maior é a lição que o Espiritualismo traz: que não podeis elevar-vos pelos méritos de outrem; que não podeis entrar em nenhum reino do céu que não tenhais conquistado; que cada vida individual é responsável segundo o seu conhecimento.

Pode ser que haja aqueles que não tenham essas convicções; se assim for, então não erram mesmo que as violem, porque não sabem. Pode ser que haja aqueles que, sabendo, ainda assim não possam obedecer; que a fraqueza não é pecado, mas algo a vencer. É também para que vejais, no grande e mais vasto amor dos vossos amigos espirituais, que as vossas faltas e máculas não serão perpetuadas. Eles nunca vo-las trarão à mente, mas vós, vós mesmos, as trareis perante esse Tribunal do juízo individual da consciência; perante essa barra passará em revista a perceção despertada da vossa própria vida.

Diria ainda ao jovem: adere às tuas mais altas convicções; adere ao teu ideal; não deixes que qualquer homem de negócios te polua dizendo-te que negócios são uma coisa e consciência outra completamente diferente; não ouças espécie alguma de sermões que tenham um tipo de convicções para o domingo e umas inteiramente diferentes para os dias úteis; não dês ouvidos a ensinamentos de negócios que te instruam a seres honesto socialmente, razoavelmente honesto com os teus amigos, mas, em matéria de negócios, a fazer negócios "duros"; não te deixes convencer por nenhuma espécie de sofisma de que tirar vantagem de outrem é bom senso comercial. Não é.

O fundamento de todo o verdadeiro negócio deve ser a integridade; quando o for, então o mundo entrará nessa fraternidade e nessa partilha de dar e receber o que deve caber a cada trabalhador do mundo. A menos que eu possa dar um equivalente pelo que recebo nos negócios; a menos que eu dê dos meus dons e posses até ao montante do que recebo, tiro vantagem dos meus semelhantes; sou desonesto, chame-se-lhe o que se chamar.

É isto o que a ética do mundo espiritual requer: que todo o ser humano seja fiel às suas convicções. Se as convicções não são tão exaltadas como o Sermão da Montanha, ou como exigiam os antigos filósofos, então há de o mundo crescer até essa altura marcada, e crescerá, um dia. Sei que virá, porque esses sábios mestres, muito além de mim, viram, por sobre as trevas e sombras que envolvem a Terra, que essa claridade vem chegando. Sei que virá porque vejo, em muitas vidas humanas, a profecia da sua vinda. Vejo mais gente a responder a estas verdades elevadas; vejo mais gente a desprezar a falsidade e a fraca ficção da vida humana; vejo muita gente a viver acima destas condições que não é, talvez, sujeita às mesmas provas estritas e severas a que eu fui. Vejo, também, que é preciso muito mais ensino e crescimento.

Muita gente admira-se de que os seus amigos espirituais não possam ser mais manifestos para eles; de porque não podem, em todos os momentos, perceber a sua presença junto de si quando tanto o desejam. Meus amigos, se mantivésseis cada pensamento tão claro e puro que não vos envergonhásseis de que a vossa mãe-anjos o visse, nunca haveria momento em que ela não pudesse manifestar-vos a sua presença.

Se, quando estais ao balcão no vosso lugar de trabalho — ou sentados aí —, ao surgir uma proposta no espírito, vos dissésseis: "Como concilia isto com as minhas convicções, com o meu conhecimento espiritual? Eu quereria que a minha filha, na vida espiritual, soubesse que o pai cogita tirar vantagem daquele homem ali? " — então perguntareis porque é que os vossos amigos espirituais não se conseguem manifestar. Tornai a atmosfera suficientemente pura, livre, ampla, e eles poderão sempre entrar.

Todos os espíritos, claro, não estão livres de sombras, mas estão mais livres do que aqui, no estado terreno. Seja o que for que tenham ainda de enfrentar, há menos tentação, há menos desse amor sórdido do ganho. Aprecio Benjamin Franklin pelo seu grande saber científico, mas muitas vezes perguntei a mim mesmo se o "Pobre Richard" não tornou muita gente sórdida. Claro que havia a poupança, mas ganhar e poupar dinheiro leva ao sacrifício de outra coisa. E essa outra coisa é onde se perdem os ideais, perde-se mais tarde nos anos. Creio que há de chegar o tempo em que não haverá sacrifício do ideal do homem para ganhar o pão de cada dia. Creio que vem tempo em que os homens não terão de sacrificar a Regra de Ouro para haver amizade comercial entre as nações da Terra.

Creio que caminhos-de-ferro e vapores podem ser conduzidos, e todas as grandes empresas do mundo, sem espezinhar ninguém, sem tomar posse do que não é teu, sem "hipotecar" milhões de dólares e depois fazer o povo pagar por isso. Creio que há de vir o tempo em que os métodos de negócios não serão diferentes dos métodos da consciência, do impulso natural da criança para dizer a verdade. Creio que, se um homem tem um dólar em seu poder e jura que tem mais ou menos, ele nega as convicções da sua natureza e daí por diante degenera exteriormente.

Do meu lar espiritual venho com aqueles mestres que me permitiram dizer estas coisas porque são as minhas experiências; vieram a mim por meio daquela libertação de que vos falei. Agora regozijo-me por poder voltar e dizer-vo-las, embora me possam chamar muito visionário, embora se tivesse dito, na autópsia, que a minha mente fora transtornada pela doença — não o achei assim. Nunca me arrependi de obedecer às minhas convicções.

Agora, o meu pai e a minha mãe estão comigo no meu lar, restaurados por aquela mudança que lhes chegou com o curso dos anos, e rejubilamos como um só lar. A minha irmã é feliz no seu lar e família terrenos. A outra irmã está connosco aqui. Somos abençoados no nosso lar. Não tirei vantagem de ninguém na vida humana; passei para a minha herança, e essa é minha.
Agradeço-vos por escutardes a minha história.

COMUNICAÇÃO EXPLICATIVA DE ADIN AUGUSTUS BALLOU

COM RESPEITO AO QUE FOI DITO POR ELE, ATRAVÉS DA SRA. RICHMOND, AOS ESPIRITUALISTAS DE CHICAGO.

Carta do Exmº A. G. Carter a David C. Densmore, editor do semanário espiritualista Voice of Angels

Nova Iorque, 10 de agosto de 1878.

Caro Densmore — Temos uma médium notável que, ao que parece, foi desenvolvida para um elevado plano de mediunidade nos últimos anos pelos seus sábios Guias Espirituais, e que está destinada, sem dúvida, a ocupar um lugar importante na categoria do ensino espiritual no futuro. Por agora, nem ela nem os seus guias desejam que venha ao público; não desejam sequer que o seu nome seja ainda tornado público; embora prometam que tudo isto será feito em boa hora. Há alguns meses recebi dele um postal no qual dizia:

"Um tal A. A. Ballou tem aqui uma mensagem escrita para si. Que faço com ela?"

Para perceber o que queria dizer, fui a sua casa, e ela contou-me que, no domingo anterior à noite, pouco antes de se sentar com um círculo restrito, reunido para receber comunicações do seu Grupo Espiritual, certo Espírito interveio e escreveu — ou foi escrito por alguém do seu Grupo Espiritual, através da mão da médium — uma longa comunicação, à qual o Espírito apôs o seu nome. Leu-a ao Círculo, que ficou agradavelmente surpreendido e entretido; e, no seu espanto sobre qual seria o fim visado, o Espírito disse que era para o juiz Carter, que deveria ser entregue a ele, e que ele compreenderia tudo e lhe daria o uso apropriado, conforme os Espíritos desejavam.

Assim me chegou o postal à mão. Li o comunicado com grande interesse e compreendi de imediato o seu alcance e desígnio; pois não me era alheio o que vinha a acontecer em Chicago com os espiritualistas e os Espíritos, através da Sra. Richmond, e sabia que a comunicação tinha o propósito de ser explicativa e de dar a base na qual os Espíritos veem essas questões que, ao que parece, ultimamente vinham perturbando os membros da Primeira Sociedade de Espiritualistas em Chicago. Com o consentimento da médium, marquei uma sessão com ela para a terça-feira à noite. E nessa sessão o assunto foi explicado de uma forma sucinta por um comunicado adicional do Espírito A. A. Ballou; e, seguindo as sugestões desta última, envio-te ambas para publicação no *VOICE OF ANGELS*.

Os Espíritos também me disseram, depois de terem arrebatado a médium, que enviasse cópias do comunicado à Sra. Richmond, para seu benefício: e assim fiz. Junto as comunicações para benefício daqueles que as possam e queiram apreciar.

Teu amigo,
A. G. W. CARTER.

1. Declaramos a lei superior, desejando que percebam que o fim não está apenas em acreditar na comunhão dos Espíritos e na sua reaparição em formas materializadas; mas rogamos que não vos torneis inquisidores uns dos outros.

2. Durante trinta anos temos enviado Espíritos a vós, ensinando que o Espírito no homem é o verdadeiro homem, e que deve dominar sobre o homem material. Declaramos ainda que o Mundo Espiritual é o verdadeiro mundo, e que vós, na Terra, estais agora próximos do ciclo de tempo em que o Mundo Espiritual dominará o mundo material nos assuntos dos homens, e que só por isso poderá haver paz e boa vontade na Terra.

3. Julgai, pois, com que autoridade vós, sendo materiais, podeis governar os vossos irmãos. Pois se assim credes, então sois materialistas e não espiritualistas.

4. Alguns dizem: "Há certos pretensiosos entre nós que trazem descrédito à nossa causa diante do mundo; não deveremos estigmatizá-los?" Respondemos: Não, de modo algum; porque, fazendo isso, também vós vos tornaríeis transgressores diante da lei superior de Deus.

5. ELE autoriza tanto o falso como o verdadeiro (tal como aparecem aos mortais), como instrumentos nas suas mãos para a elevação dos seus filhos.

6. Não sois guardiões do vosso semelhante, nem fostes designados por Deus acima do vosso próximo para supervisionar os seus assuntos.

7. Somos enviados de volta à Terra, pelos que estão acima de nós, para a redenção do mundo da idolatria e da tirania dos mortais uns sobre os outros.

8. Tendes entre vós aqueles que adoram o menino Jesus e o Cristo, em vez de Deus; adoram-no por causa de certos milagres outrora realizados. Estamos aqui para conceder sinais e milagres, até mesmo a reaparição dos mortos em formas materializadas, tanto aos injustos quanto aos justos; pois por isso destruiremos a idolatria por Cristo, Jesus, Buda e todos os outros embaixadores enviados antes do nosso tempo, e restauraremos o mundo em um só Deus e na liberdade.

9. Como podeis compreender que uso fazemos do enganador e do pretensioso? Não deveremos nós próprios suscitar oposição e provocar agitação à nossa maneira?

10. Não têm os vossos vizinhos olhos e ouvidos, para que erguêsseis uma tabuleta a dizer: "Não vá por aqui, porque presumimos que é fraude"? Nenhum Espírito que vos tenhamos enviado jamais vos ensinou a fazer isso; mas fá-lo-eis pelo impulso dos vossos sentidos materiais apenas. E sobre tais impulsos todas as religiões assumiram autoridade, procurando apedrejar os que diferiam.

11. Suponde que este ou aquele homem seja um enganador. A responsabilidade é dele; pois pela sua conduta se torna acorrentado à Terra, depois da entrada na vida espiritual; e voluntariamente se torna nosso trabalhador diário nos assuntos dos mortais. E precisamos de muitos desses Espíritos.

12. Mas porque vos deixais enredar com enganadores, se sabeis que o são, quer ao denunciá-los quer ao protegê-los? Pois nisso estais a fazer aquilo que prolonga a vossa prisão à Terra, após o vosso nascimento espiritual.

13. Se as médiuns públicas não vos proporcionam prova dos seus poderes pretendidos, podeis manter-vos afastados. Mas isso não vos dá o direito de os acusar de fraude. É isso que deveis provar, antes de difamar.

14. E do mesmo modo avaliamos aqueles que procuram defesa em tribunais por delitos contra os nossos médiuns. Pois procurar alcançar fins pela lei inferior é renunciar à lei superior.

15. Quem, pois, desejar prosperar no trabalho espiritual deve cultivar a fé superior em Deus e nos seus Espíritos ministros, e pôr de lado toda a arrogância e ditadura sobre os assuntos do próximo.

16. Pois é melhor para todos os homens acreditar, ainda que enganados nove vezes em dez, do que permitir que a dúvida e a descrença dominem sobre a pequena centelha de fé que há neles. E por esta razão nenhum homem deve procurar semear a dúvida, derrubar o seu próximo na descrença. Pois quem isto fizer terá certamente de regressar, após o seu nascimento espiritual, e trabalhar para desfazer o que fez na forma mortal.

O que precede expressa plenamente aquilo que me faltou força para expressar através da Sra. Richmond. Em relação a essa médium, e ao seu grupo de Espíritos antigos, estou em dívida por esta oportunidade. Com cordiais saudações a todos, sou verdadeiramente vosso amigo,

A. A. BALLOU

P. S. — O comunicado que me foi redigido depois, na quinta-feira à noite, na sessão privada, foi a seguinte:

"Desejamos apenas ser esclarecidos perante as nossas comunidades. Ser acusado de possuir um mau Espírito é severo para uma médium; e podemos compreender bem quão severamente isso prova a Sra. Richmond. É justamente isso que causa tanto ressentimento entre os médiuns. No momento em que a confiança se perde, começam as provas contra Espíritos de baixo grau.

"Mas o que poderemos esperar de pessoas que não prestam atenção aos ensinamentos de tantos anos? A ideia de chamar uma médium e um Espírito a um contra-interrogatório, e exigir um pedido de desculpas! Isso, claro, afastaria o poder espiritual e deixaria a médium apenas na posse de algum Espírito magnetizador. E depois pensar que eu voltaria atrás em mim próprio! Acreditará alguém que saiba algo da comunhão espiritual que uma médium consciente possa

continuar sob o controlo de um Espírito depois de os ouvintes terem expressado tanto desagrado? Ora, não hesito em dizer que nesse contra-interrogatório eu estava presente, mas não pude manter o controlo contra a força do auditório; e a médium é que pediu desculpa, não eu.

"Acho que, em justiça para com a Sra. Richmond, este assunto deve ser tornado público; mas dificilmente podeis compreender quão limitado me sinto em arranjar modo de levar o povo entender o caso. No domingo passado, pedi aos guias que dessem a base filosófica sobre a qual encaramos estas questões. Tendes essa explicação e, se estiverdes dispostos, podeis usá-la. Tenho mais dificuldade em exprimir-me do que alguém na forma pode compreender."

A. A. BALLOU

GUERRA POR UMA IDEIA

Uma palestra de Cora L. V. Hatch, no Dodworth's Hall, Nova Iorque, Domingo à noite, 21 de Abril de 1861.
Reportada para o *Banner of Light*.

Ilustrámos, esta manhã, as diferentes causas que são reconhecidas entre as nações civilizadas para a guerra, e mostrámos que, desde tempos imemoriais, até recentemente, ela surgia do desejo do homem pelo derramamento de sangue e pelo amor da força bruta, tendo sido marcada por triunfos físicos e imposições. Nas épocas mais modernas da civilização e do Cristianismo há outras causas de guerra, de carácter moral e intelectual; e a estas podemos atribuir todas as revoluções modernas da Europa e, em especial, a Guerra da Independência Americana. Num governo como este, é quase impossível conceber que pudesse haver causas de guerra, para além daquelas que poderiam ser fornecidas pela ingerência de potentados europeus, quer estabelecendo protetorados no nosso continente, quer violando os direitos dos nossos cidadãos.

É bem sabido que os governos monárquicos assentam a sua autoridade, primeiro, na ideia do direito divino ou legítimo dos reis e, segundo, na força física dos exércitos permanentes. As três grandes influências conservadoras em tais governos são: os estadistas, que fazem as leis; os diplomatas, que as fazem e executam; e, por fim, o poder militar, que constitui o seu suporte físico.

Os governos europeus possuem uma organização distinta, que torna impossível o surgimento de guerras entre eles sem uma causa definida, ou que conflitos internos prevaleçam em extensão séria, a não ser sob a forma de uma revolução contra a opressão despótica. Nem mesmo a Itália tem sido a causa material de contenda entre as três grandes potências da Europa; mas, por um sentimento de rivalidade moral e intelectual, nenhuma delas quis que outra controlasse esse país e, desse modo, interferisse com a prosperidade do vizinho.

Na França, na Grã-Bretanha, na Rússia, nos Estados da Alemanha, em Itália, reconhecemos a possibilidade de qualquer tipo de revolução ou movimento insurreccional, sempre que o povo já não possa suportar a opressão dos seus governantes. Nestes países, os governos mantêm o seu poder quase à ponta da espada e, sem tal proteção, deixariam rapidamente de existir.

Ao contrário, as vitórias alcançadas pelo nosso próprio governo devem ser sempre do lado do sentimento moral e das convicções da grande massa dos seus cidadãos. Os Puritanos, que forneceram o verdadeiro tronco do cidadão americano, eram eles próprios aqueles que haviam escapado de uma opressão moral e religiosa; enquanto os antepassados de outras partes do povo desejavam escapar apenas da tirania material de um monarca mau e descuidado.

É verdade que o descuido dos interesses materiais das colónias pelo governo da metrópole foi, entre outras, uma das causas alegadas da vossa Revolução; mas, realizada essa Revolução, a nação disse enfaticamente: "Seremos uma nação pacífica; conquistámos o nosso opressor, e daqui em diante estaremos em paz com todo o mundo; não queremos exército permanente que nos permita manter a posição pelo terror; mas proclamaremos às nações esclarecidas da terra a plataforma do nosso governo na Declaração de Independência. Esta será a nossa espada moral, perante a qual nenhum inimigo poderá avançar para nos atacar."

E assim, por mais de meio século, a nação prosperou, ampliando os seus limites e aumentando a sua população; e, no entanto, durante todo esse tempo, nada tivemos que pudesse ser chamado de governo aos olhos de outras nações, mas apenas uma base moral e um princípio de autodomínio que, em si mesmo, constituiu a nacionalidade deste povo.

Para precaver dificuldades internas, não se considerou necessário um exército permanente sob controlo do governo, pois isso seria demasiado dispendioso; mas organizou-se uma força de voluntários, pronta a atuar em caso de emergência; e esta, na realidade, é o exército dos Estados Unidos. Nem sequer constitui uma parte do governo.

É um facto notável que, embora a vossa nação não tivesse exército regular, conteve, real e eficazmente, toda a Europa de tentar qualquer ingerência direta nos assuntos políticos deste continente; e até os Estados distantes da América do Sul foram protegidos pela influência moral dos seus princípios. Se a Espanha, por exemplo, tivesse tentado retomar o controlo do México, sabemos que nos teria fornecido uma causa de guerra — teria havido uma aproximação à tirania que não poderíamos ter tolerado.

Os Estados Unidos proclamaram o seu desejo e intenção de permanecer em paz com todas as nações europeias e de se abster de interferir com as suas formas de governo, se estas não tentassem contrariar as nossas máximas fundamentais de política; e esta atitude mútua foi preservada até que as nossas perturbações internas encorajaram os

monarcas a tentar o que há muito desejavam. E quais são as causas atuais de revolução entre o povo deste país?

A guerra civil, com todos os seus horrores, está iminente, e um abismo de sangue parece abrir-se sob os nossos pés — e porquê? Nenhum governante ou corpo governante entre nós deseja oprimir qualquer parte dos cidadãos. Não existem leis que, em si mesmas ou na sua aplicação prática, possam ser consideradas causa de hostilidades. A vossa Constituição foi voluntariamente adotada por todo o povo, e permanece inalterada agora que cresceis sob o seu escudo até um estado de prosperidade sem exemplo.

Parece impossível, em suma, que haja guerra entre vós, pois, em termos gerais, não pode haver guerra física sem causa física adequada. Tentemos, pois, apurar as razões. Um homem que luta pela sua pátria, pelo seu lar e pela sua liberdade é animado pelo zelo patriótico e por outros nobres impulsos que constituem a glória da batalha; mas existem princípios elevados de justiça que lhe são mais caros do que até essas bênçãos, ou do que qualquer outra coisa no mundo; e a liberdade dos Estados Unidos assenta nesses princípios, registados na consciência de cada homem livre; e vimos que é a força moral da grande massa do povo que constitui a força do nosso governo, e não quaisquer poderes físicos externos de que este esteja dotado.

Ora, há e tem havido uma causa de contenda entre nós. Lembrar-se-ão de que, quando a Constituição foi redigida, houve disputas sobre a questão da escravatura; que a dificuldade foi, na altura, resolvida por concessão e compromisso mútuos, a fim de que o governo pudesse entrar em funcionamento.

Naquele tempo, a maioria dos Estados era escravocrata, mas, gradualmente, por considerações de interesse material e de moralidade, a escravatura foi sendo expulsa dos Estados do Meio e confinada abaixo de determinada linha. Ora, embora pudesse haver a maior concórdia quanto aos princípios de governo, a existência de tal instituição numa parte do país e a sua proibição noutra era causa suficiente para o resultado que agora testemunhamos.

À medida que a escravatura desaparecia entre o povo do Norte, crescia um sentimento de desconfiança em relação aos que persistiam em acarinhá-la; enquanto os proprietários de escravos do Sul, que tinham apostado tudo na existência da escravatura como instituição civil, passaram, enfim, a considerar o seu direito ancestral, que estavam moral e religiosamente obrigados a sustentar e defender, como sendo, em si mesmo, uma bênção para todas as partes envolvidas. Consequentemente, interferir na escravatura, ou mesmo denunciá-la em abstrato, era ferir as sensibilidades mais delicadas da consciência do escravocrata.

Nenhum tal estado de coisas pode perdurar entre duas secções de um povo sem resultados desastrosos. Primeiro, os abolicionistas do Norte tentaram agir sobre o povo do Sul individualmente, por persuasão moral. Quando isso falhou, e quando o Sul exigiu que a sua influência política fosse mantida em igualdade com a do Norte, pela extensão do território escravo, o Norte tornou-se mais amargo e fixo na sua

oposição, para prejuízo do Sul, tanto nos seus interesses materiais como nos seus sentimentos.

O Norte, não contente com agir corretamente e dar bons conselhos aos outros, procurou, por legislação, compelir os seus irmãos do Sul ao caminho do dever. Muitos, no Sul, que não aprovavam a escravatura em si, foram levados a votar pela sua introdução em novos territórios, com base no princípio da igualdade dos Estados. O sentimento positivo do Norte é que a escravatura é totalmente errada e prejudicial, e que deve ser abolida por quaisquer meios; e que, se foi necessário reconhecê-la aquando da formação do governo, ela cresceu agora em mal de tal dimensão que nenhum povo livre e inteligente pode mais tolerar a sua existência; enquanto a convicção crescente no Sul é de que a servidão é a condição normal dos negros — mais ainda, que é sancionada pela religião, e benéfica e meritória em todos os seus efeitos.

Estes dois elementos cresceram até a um estado de amarga oposição, no qual o governo e a Constituição não tiveram parte em produzir. O Norte conseguiu confinar a escravatura dentro de certos limites; mas, quando novos territórios foram anexados, o Sul insistiu em ser deixado livre para expandir a sua forma peculiar de sociedade; e esta resolução trouxe a guerra.

Houve, primeiro, uma declaração condicional de hostilidades por parte dos defensores da escravatura, que disseram: "Se fizerdes isto ou aquilo, nós faremos o outro." E, por fim, declararam absolutamente guerra ao governo, mais ou menos assim: "Se não vos vencermos nas próximas eleições presidenciais, como antes, vingaremos retirando-nos da União. Não recebemos nenhum mal do vosso governo. Não interferistes nos nossos direitos; mas, se derrotardes o nosso candidato, então faremos guerra pela rebelião." Isto é muito semelhante a entrar num concurso e dizer: "Se eu ganhar, muito bem; mas se tu ganhares, não muito bem!" ou como jogar uma aposta com as estacas todas de um lado. Talvez, não fosse esta ameaça, o atual Chefe Magistrado não teria sido eleito, pois o Norte não se deixou intimidar, uniu forças e venceu o dia.

A eleição de um republicano, porém, não foi mais do que o pretexto para levar a cabo as ideias há muito meditadas pelos políticos do Sul, que pensavam que todo o povo do Norte considerava a escravatura como um mal moral a ser corrigido, senão por suave compulsão, então por severo castigo. O Norte assumiu a sua moralidade como o único padrão verdadeiro, enquanto o Sul afirmou o seu direito a possuir escravos e, consequentemente, a tal parte do território nacional que impedisse o Norte de ganhar ascendência sobre a instituição favorecida. Mas não houve verdadeira causa para a adoção da guerra.

A rebelião é puramente resultado de imaginações exaltadas, fixadas em agravos que não foram infligidos e em princípios que não são sustentados por uma grande maioria do povo do Norte. Entre um povo que está livre de qualquer outra causa de dissensão

interna, esta questão da escravatura revelou-se a maçã da discórdia — o espantalho que foi feito pretexto para destruir o melhor governo que alguma vez existiu.

Este facto não tem paralelo na história. Porque um povo livre e esclarecido não pode ser impedido de discutir um assunto particular, que aqueles que pensam de modo diferente se levantem em rebelião contra o governo comum, que nada tem a ver com a questão, é algo ainda mais do que ridículo; e, se fosse registado acerca de uma nação pagã há 6 000 anos, teríamos dito tratar-se de uma fabricação mítica; e as gerações futuras, quando chegarem a esta passagem da história americana, fecharão o livro com um sorriso de incredulidade. Não consigo pensar que sequer o grau moderado de inteligência que o Sul professa tenha sido exercido sobre este assunto. Eles são vítimas de uma epidemia moral de rápida propagação, que encheu a sua imaginação com os horrores de uma febre delirante. Em vez de se precipitarem para a rebelião, o Sul deveria ter apelado ao Governo para reprimir o abolicionismo no Norte.

O Governo e o Norte fazem causa comum no combate à escravatura, e o Sul tem, consequentemente, de batalhar não contra o abolicionismo, mas contra uma intolerância profunda e universal em relação à escravatura; em outras palavras, a verdadeira causa da Guerra é o princípio da Liberdade contra um alegado direito à escravatura. Não há agressões, não há perseguições, não há ultrajes tirânicos de que se possa queixar qualquer um dos lados, mas cada secção, tomando por base o princípio, a Justiça abstrata, diz: "temos razão, e faremos valer o nosso princípio para que seja reconhecido."

É uma Guerra por uma Ideia, e posso afirmar com segurança que, quer lhes sejam caras as associações que se agrupam em torno do emblema nacional, quer sejam sagrados todos os episódios palpitantes da Revolução e da fundação do nosso governo, quer estejam preocupados com os seus interesses domésticos e pecuniários, o povo do Norte cederia tudo, veria o governo varrido para o esquecimento e o emblema nacional reduzido em pedaços, antes que fosse profanado pelas mãos de traidores ou mantido à custa de princípios estimados.

Quando a Liberdade é pisada, quando o nome e a memória de Washington são tão esquecidos a ponto de o associar a vis preconceitos seccionais e de fazer com que a sua imagem seja profanada pela burla dos proprietários de escravos, dizemos que é tempo de serem esquecidos na União Americana; e, quanto a mim, quer tivesse poder, voz ou influência, preferiria ver a bandeira do meu país enterrada e reduzida a cinzas, e a figura da Liberdade pisada e reduzida ao pó mais fino, espalhado aos quatro ventos do céu; preferiria que todas as ações valorosas dos nossos antepassados fossem apagadas da página da história, a que esta União contivesse por mais tempo um único Estado que pudesse insultar o nome do seu herói maior ou profanar a sua bandeira com uma palavra de desrespeito.

E entre vós não existe senão uma opinião; todos os homens, do veterano vacilante ao jovem enérgico, estão prontos, não só a sacrificar os seus lares e as suas posses na vida, mas a nação — o próprio navio-Estado — antes que o vejam cair em poder de

traidores. Como uma guarnição que destrói a fortaleza que já não pode esperar defender contra um inimigo implacável, rasgareis o vosso Capitólio, varrereis com as vossas próprias mãos a beleza e a prosperidade de cada cidade do Norte, incendiareis e submergis esta bela terra num mar de carnificina e devastação, antes de cederdes um princípio divino, em obediência àqueles que, em nome de um novo império e de uma política remodelada, se esforçam por erguer o trono do Despotismo.

Pode haver entre vós os que choram por parentes e amigos que esta emergência lhes arrancou. A cidade está desolada sob a perda dos seus melhores e mais valentes; mas todas as lágrimas derramadas por esta causa brilharão certamente como joias naquela coroa de luz que será usada por quantos lutaram pela Liberdade.

Que o Deus das Batalhas esteja convosco e abençoe os que saem do vosso meio em defesa da justiça, com uma bênção imortal por alcançarem aquilo que nenhum poder de armas pode destruir nem arrancar-lhes.

QUE É QUE CONSTITUI UM FACTO ESPIRITUAL?

Um discurso proferido através do organismo da SRA. CORA L. V. RICHMOND, perante a *Spiritualatie Phenomean Society*, no Berkeley Hall, Boston, Mass., Domingo à tarde, 22 de Novembro de 1855.

SR. PRESIDENTE E AMIGOS:
O tema sobre o qual vos falamos esta tarde é "O que constitui um facto espiritual?" Alegramo-nos com o nome desta Sociedade, já que significa Sociedade da Evidência Espiritual. Consideramos a palavra *evidência* muito superior à palavra *facto*, assim como o espírito é superior à matéria, porque a palavra *facto* pertence totalmente ao domínio dos sentidos, enquanto a palavra *evidência* inclui todos os domínios de onde pode ser trazido testemunho.

O universo consiste em dois departamentos: o que é real e o que é aparente. Se o que é aparente fosse real, então não haveria esperança para a imortalidade do homem. Toda forma aparente desvanece, toda coisa aparente deixa de ser coisa, e tudo o que o homem pode analisar, ou de que pode tomar conhecimento com os seus sentidos, deve cessar, na medida em que os sentidos estão em causa, no momento em que se torne incapaz de os exercer. Mas, se os factos não são mais que uma ilustração da vida real, e se as manifestações da natureza e da existência são apenas manifestações de uma sublime realidade, então o valor dessas manifestações aumenta mil vezes.

Compreendei-nos, pois podemos ser mais analíticos e filosóficos do que desejareis seguir, mas desejamos muito que acompanheis o que dizemos. O que o visível ou tangível revela aos sentidos nada vale sem a Inteligência do homem. O veludo e o ferro pareceriam exatamente iguais se não tivésseis inteligência para testar a diferença entre ambos.

Nada há na gravidade específica que, por si, transmita coisa alguma, a não ser que haja Inteligência para perceber o que transmite. Quer manejeis uma pena ou uma pedra, a consciência disso não depende da pena ou da pedra, mas de vós que a manipulais. Medi-la-eis não pela capacidade física, mas pela mental. Estas podem parecer afirmações banais, mas, se tiverdes paciência, elas formam toda a base e o tecido do que pretendemos expor-vos nesta tarde.

Muito se tem dito no mundo, sobretudo entre espiritualistas, acerca de factos espirituais: agora gostaríamos de corrigir o que consideramos um equívoco. Os factos do universo são materiais; as verdades do universo são espirituais; e o que é espiritual deve sempre recorrer ao que é material, enquanto aqui estais, para se expressar — mas não confundais a expressão com a realidade. As vossas formas e semblantes que desvanecem e se enrugam dia após dia, os corpos que decaem, os sentidos que vos enganam e vos faltam, os olhos que se tornam cegos, os ouvidos que se tornam surdos — estes não são as realidades da vida humana. Por detrás dos olhos está o percebedor; por detrás dos ouvidos está o espírito ou a Inteligência que reconhece o som; e em todo o corpo que se enfraquece e fenece existem outros poderes, e não haveria perceção da vida senão pelo espírito que os impregna.

A mãe tem um filho que parte da sua presença ainda na juventude. Anos mais tarde, ela vai à porta; lá está alguém: um homem de face curtida pelo sol, barba crescida, cabelos abundantes, sinais de viagens e privações; essa aparência é um facto físico; mas ela não sabe que é o seu filho até que, olhando-lhe nos olhos, até que, encarando o rosto que o tempo disfarçou do seu reconhecimento, vê para além da fisionomia, nas profundezas da alma humana, e diz: "Meu filho! És tu." O "tu" não é o corpo, o "tu" é aquele outro ser, velado no corpo, que a mãe vê com os olhos do seu amor.

O facto físico sofreu uma mudança; o jovem imberbe tornou-se homem; o adolescente já não está ali; mas o filho está, e se o corpo fosse posto de lado, se não houvesse forma física, o filho estaria ainda na presença da mãe; ela é colocada em contacto pleno e absoluto com o filho. Supondes vós que alguma forma ou ausência de forma, alguma imagem externa ou falta dela, pudesse velar ao seu amor maternal aquele filho, a vida da sua vida, o coração do seu coração?

O espírito da verdade está no mundo; e é por isso que existe o facto do Espiritualismo Moderno. Se o espírito da verdade não estivesse aqui, nenhum facto teria valor. Compreendei-nos: pode dar-se um som, podeis ouvi-lo; se não transmite mensagem ou significado, não é senão um som e, ainda que o expliqueis, o som em si só alcança a parte mais exterior da vossa natureza; se não atrair a atenção da vossa mente, não tem valor. Como atrai a atenção da vossa mente?

Primeiro, atraindo os sentidos. Os sons das pancadas de Rochester (ou de Hydesville), se não tivessem ocorrido de modo sucessivo e inteligente, teriam rapidamente caído no esquecimento por não terem valor algum. Mas quando um som manifesta inteligência, quando, interrogado pelos presentes, responde às vossas questões, torna-se um facto importante, pois apela aos vossos sentidos. O valor das pancadas de

Rochester, enquanto facto físico, estava contido na evidência espiritual que trouxeram; essa evidência espiritual foi resultado da inteligência das mensagens transmitidas por esses sons.

Ninguém pode negar a proposição de que os sons, enquanto sons, nada transmitem, mas são meios de expressão daquilo que está velado aos sentidos. Assim, um poder que pudesse, sem os habituais recursos das leis físicas conhecidas, demonstrar a sua presença aos vossos sentidos, tornou-se de valor inestimável, de tal modo que todo o mundo se viu obrigado a escutar.

Ora, a evidência da verdade espiritual aí transmitida consistia, em primeiro lugar, no som que parecia não ter origem terrestre nem ligação com a lei natural; e que havia por detrás desse facto uma Inteligência que desejava comunicar algo; e que essa Inteligência se provava semelhante à dos seres humanos, de modo que, uma vez estabelecida a comunicação, demonstrava sem sombra de dúvida a sua individualidade como existência separada de qualquer substância orgânica terrestre; assim, a grande verdade espiritual da existência para além da morte foi demonstrada por este facto físico. Mas o facto, sozinho, nunca o teria demonstrado.

Três departamentos distintos da natureza humana foram convocados por esta manifestação — o sentido físico, que é o mais baixo; o reconhecimento mental, que descobriu a Inteligência; e, acima de tudo, o reconhecimento espiritual, que descobriu ser do mesmo género da inteligência que pertence ao homem. Todo o fulgurante pano de fundo do Espiritualismo, iluminando o céu como o esplendor do pôr do sol, como o radiante meio-dia, é esta maravilhosa luz da verdade espiritual. Infiltra-se por todas as vias do vosso ser; exprime-se através de todas as formas de expressão valiosas para o homem; e por detrás dela está o mais valioso de tudo: aquela Imortalidade que apenas é transmitida parcialmente.

Assim, a linguagem, em si mesma e sem associação com ideias, é coisa pesadíssima. Um dicionário lançado entre vós não teria valor particular hoje, não fosse a Inteligência que escolhe as palavras para transmitir uma ideia, e essa ideia é alimento para a mente, a voz de uma alma falando a outra. Figuras, como meros números, nada significam; mas, quando empregadas pela astronomia para medir distâncias entre planetas, para os dispor segundo as suas órbitas, tornam-se luminosas com as proposições de todo o universo criado.

A matemática é ciência puramente mental, e contudo, tão cuidadosa em descobrir para os sentidos que nunca engana nem ilude. É apenas pela matemática que conheceis algo sobre o sistema solar, pois os movimentos aparentes dos corpos celestes estão todos em desacordo com a realidade. O sol parece nascer a oriente e pôr-se a ocidente, mas a astronomia diz-vos que não é assim; que é a terra que se move, e não o sol. Quanto à vossa relação com ele, toda a estrutura aparente dos céus é mudada pelas revelações da matemática; o centro passa a ser o sol, e os planetas a mover-se em redor dele.

Assim acontece com o Espiritualismo: toda a estrutura da teologia e da ciência material é mudada pela presença do Espiritualismo no mundo; o centro já não é a teologia árida e estéril do credo, mas a luz da alma viva no universo; já não são os factos nus e áridos do materialismo, mas a luz viva da inteligência por detrás das formas e manifestações da natureza. Assim progride e cresce o mundo com esta presença e reconhecimento, de tal modo que todo o pensamento moderno está iluminado e impregnado por isto, apesar da existência do materialismo no mundo.

Diz-se que os factos do Espiritualismo Moderno são a única prova científica da imortalidade. Podemos contestar esta afirmação e dizer que eles constituem a única prova de Imortalidade que a mente científica é capaz de compreender e não é capaz de refutar, e, não sendo capaz de refutar, são, portanto, a única prova que essa mente pode receber? Se a mente científica pudesse facilmente compreender o facto, não seria prova; mas cada facto nas manifestações espirituais, tendo confundido o mundo científico na sua tentativa de explicar ou refutar, é prova de que esses factos pertencem a um domínio na sua origem que o mundo da ciência desconhece: pertencem a um domínio de manifestações que tem de existir como a única expressão material do poder do espírito e testemunho no meio de uma ciência que não as consegue compreender cientificamente.

Há muitos que dizem: "O Espiritualismo é uma ciência." Não é. É a expressão da verdade espiritual sob a forma de manifestações, com as quais nenhuma ciência é capaz de lidar; é uma prova que o mundo científico não tem análise, nem expressão, nem interpretação com que a formular, nenhum conhecimento ou lei em que fundamentar uma afirmação; e se o mundo científico pudesse compreendê-la e analisá-la, não seria prova da existência espiritual. O facto de não o poder fazer é a melhor prova do poder do espírito.

"Mas", diz o questionador, "não constitui qualquer facto que ocorra no âmbito dos sentidos um assunto legítimo para investigação científica?" Respondemos que não; se o facto apenas existir no domínio dos sentidos, isto é, nos fenómenos da natureza, então constitui um assunto legítimo para investigação científica; mas o facto que ocorre no domínio dos sentidos, e cuja causa está no domínio da mente, é outra coisa: pois a mente está sob o controlo de inteligências distintas.

A ciência lida com métodos que são compatíveis com aquilo a que se chama "lei". O Espiritualismo está sob o controlo da mente, isto é, anterior à lei, e até agora o mundo da ciência tem-se recusado a admitir o domínio da mente na sua esfera de investigação (a menos que excetuemos o departamento de psicologia recentemente introduzido na Associação Britânica de Ciência); o domínio particular da mente tem sido deixado ao teólogo ou aos indivíduos que o exploraram, apesar de ter sido terreno proibido tanto pela ciência como pela teologia.

Assim, uma manifestação espiritual que ocorra independentemente das chamadas leis da natureza, que intervém e põe de lado essas leis, aparentemente, por um tempo, que revela outra série de leis que atuam, aparentemente, de forma totalmente

independente das chamadas leis da natureza, e em que o poder controlador manifesta inteligência direta, demonstra que, a menos que o homem científico esteja disposto a pôr de lado os seus instrumentos usuais de investigação e investigar o Espiritualismo com base nos seus próprios fundamentos, não é um investigador adequado. O Espiritualismo apresenta-se ao mundo com base no seu próprio fundamento e hipótese.

Ninguém pensa em estudar astronomia com um microscópio nem em analisar a fibra minúscula de uma planta com um telescópio. Todos os cientistas colocam-se, tanto quanto possível, em unidade com as leis que regem o assunto que desejam investigar. É apenas no Espiritualismo que eles se recusam a conformar-se com as suas leis e desejam que ele se expresse não de acordo com as suas próprias leis de Inteligência, mas de acordo com os seus desejos.

Ora, o Espiritualismo surgiu não convocado, quase sem anúncio; revela-se de todas as formas possíveis para mostrar que há adaptação a cada necessidade humana. Em resposta ao clamor do materialista, apelou aos sentidos materiais do homem apenas para provar que os sentidos em si mesmos são a base mais falaciosa sobre a qual o homem pode reclamar imortalidade que alguma vez foi apresentada ao mundo; mas, se é absolutamente necessário tê-los, então as provas dos sentidos são-lhe oferecidas.

Quando estiver completamente perplexo quanto ao que constitui as provas dos sentidos, recorrerá então à mente; quando a mente estiver completamente confundida em todos os seus argumentos intelectuais e especiosos, recorrerá então ao espiritual; a verdade subjacente e fundamental é a verdade da Imortalidade.

No domínio da Inspiração ou no domínio da perceção espiritual há poucas querelas. Aqueles que não podem perceber nada não dizem nada sobre isso; aqueles que podem são muito claros e têm conhecimento do que percebem. No domínio da lógica há muita discussão por parte das mentes que se esforçam logicamente por provar o Espiritualismo. Estando a base correta, a lógica será correta na via da discussão; mas, se a base estiver errada, que pode a lógica fazer para a corrigir?

Os fenómenos do Espiritualismo apelam aos sentidos do homem, e aqueles que vivem hoje podem testemunhá-los, mas há uma investigação mais profunda entre outra classe de pessoas no mundo do que aquelas que baseiam inteiramente a sua compreensão do Espiritualismo apenas nos sentidos.

As pessoas estão quase em combate sobre este assunto; hoje há um conflito no mundo espiritualista acerca do que é "fiável" e do que é "não fiável"; conflito acerca de sessões espiritualistas, e acerca de manifestações de materialização e das expressões mais espirituais. Entre estes dois extremos, quase todos os Espiritualistas parecem dizer:

"Oh! os espíritos podem fazer isto, mas não podem fazer aquilo", limitando o poder pela sua capacidade de compreensão. Mas a razão disso é que os sentidos têm de ser satisfeitos todos os dias; não pode comer para amanhã, não pode alimentar-se do que

comeu no ano passado. Os sentidos têm de ser repetidamente convencidos, a menos que tenha agarrado a prova primordial da vida espiritual. O que é isso?

É o que quer que precise para o satisfazer individualmente da existência espiritual. Se é a mensagem do seu pai, da sua mãe, do seu filho, do seu irmão, do seu amigo – se uma vez teve comunicação inteligente com esse objeto do seu afeto, não importa de que maneira ela lhe foi fornecida, seja por pancadas, movimento de mesas, escrita, materialização ou comunicação em transe; se uma vez teve essa prova, nenhum poder humano lha pode tirar. Se não a teve, então não tem nenhuma prova que responda à sua necessidade, pois o mero testemunho dos sentidos, a menos que apele à sua consciência individual, ao seu estado individual de espírito, não o satisfará, nem se tem verificado suficiente que o seu vizinho ou amigo a possa possuir, pois não a podem ter por si.

O Espiritualismo é o único assunto no mundo sobre o qual nenhum homem está disposto a aceitar o testemunho mesmo dos amigos mais queridos. É o único assunto no mundo que ninguém aceita por mera credulidade. Não há Espiritualistas que não tenham lutado o seu caminho para dentro do Espiritualismo tentando refutá-lo; portanto, quando são chamados "crédulos", quando são chamados fracos de mente, por "aceitar tudo", respondemos que aquilo sobre o qual aceitaram a verdade do Espiritualismo foi uma prova tal para as suas mentes individuais que nenhum poder na Terra ou no Céu a pode derrubar.

É por isso que gostamos do nome desta Sociedade. Aquilo que é prova para uma mente não pode ser prova para outra; e, compreendendo esta grande diversidade de condições e estados humanos, o poder espiritual assume para si todo o leque de provas fenomenais e espirituais, e diz: este fenómeno para um, esta prova para outro, esta manifestação para um terceiro, e, se questionar todas estas provas, há outra.

No momento em que qualquer Espiritista ou qualquer pessoa de fora imagina que tem o poder de convencer o mundo inteiro, nesse momento é lançada dúvida sobre a sua forma particular de manifestação, para mostrar ao mundo que nenhuma fase de manifestação, nenhum médium, pode constituir o total do poder espiritual, e que para cada vida individual, para cada buscador individual, há entre o mundo dos espíritos e a sua necessidade uma linha de ocorrências que um dia atingirá e responderá às necessidades que existem aqui.

Muitos testemunham o que chamam um facto hoje e chamam falso amanhã, onde as manifestações que convencem os sentidos hoje têm de ser renovadas amanhã. Não há valor em provas assim. Quando testemunhar o que chama um facto, certifique-se de que o conhece: se não o conhece, mas pensa que o conhece, esteja certo e não o negue amanhã, quaisquer que sejam as aparências. Pois não pode haver conhecimento a menos que ele apele àquela parte e porção da sua natureza que é vital, que vê as suas relações com a verdade e que pode resistir até às aparentes provas da refutação do facto.

Os Espiritualistas, como corpo, não são apenas os mais críticos, não são apenas os mais cautelosos, não são apenas os últimos a acreditar apenas no testemunho, mas, em todas as linhas e departamentos do Espiritualismo, fazem o seu caminho com o máximo cuidado. Assim, o homem que acredita hoje nas pancadas não aceitará, talvez, amanhã, outra manifestação, embora esta não exija maior poder, mas simplesmente porque lhe é desconhecida.

Como gostaríamos de vos ensinar uma lição correspondente à que a astronomia ensina quando coloca o verdadeiro centro do universo no sol em vez de num planeta; é esta: a compreensão do homem sobre o que é possível não é indicação do limite do poder do espírito. Portanto, o verdadeiro investigador pode dizer: não testemunhei tal coisa; não tenho pessoalmente a prova, mas sei que, se é possível aos espíritos — espíritos desencarnados — controlarem um átomo de matéria ou uma porção de substância organizada, é-lhes possível fazer todas essas coisas, ou mais, pois não pode haver limite senão para as condições e a compreensão da vida mortal.

Quando, uma vez, o poder dos espíritos — não queremos dizer os vossos amigos falecidos, mas todos os espíritos desencarnados do universo — atua sobre a matéria; é insensato dizer que não podem fazer isto ou não podem fazer aquilo; só pode dizer: eu não o vi; não tenho a prova disso.

O poder da mente humana é quase ilimitado: que será então, quando, liberta dos entraves da forma física, estiver livre no meio das causas eternas em vez dos efeitos? O domínio do espírito (alma) é o domínio da causalidade. Vós, individualmente, como espíritos, sois criadores agora, e o homem põe de lado as leis comuns da natureza física todas as vezes que desvia cursos de rios e, com os poderes da Inteligência, transforma a mera matéria bruta em expressões de vida.

O artista, na tela, faz surgir imagens de beleza incomparável apenas com as tintas e pigmentos baços que utiliza; são os instrumentos da expressão das suas visões sublimes; e, no entanto, as visões maiores estão no interior. Se, em vez de tintas, pincel, pigmentos e tela, ele conhece a atmosfera e o que lhe pertence, então as imagens já não são quadros, mas expressões vivas no ar visível. Ele controla a vossa visão e pode elevar-vos ao domínio da existência espiritual. Então, como os profetas e videntes, estais de pé, com a visão espiritual desvelada, no meio das glórias incomparáveis do reino espiritual.

Nada é impossível; apenas o fraco, cujo espírito está prejudicado pelo egoísmo, pode alguma vez declarar impossível seja o que for no domínio onde matéria e inteligência se encontram, e em que as forças do universo são inteligência. Sob este domínio, todo o valor de cada manifestação do Espiritualismo consiste nisto: que o mundo espiritual é o domínio da realidade; que o homem espiritual é o homem verdadeiro, e que, ao alcançar a consciência exterior, aquilo que está dentro de vós emprega todas as vias possíveis para a sua expressão, e descobre, ou melhor, cria aquelas que a natureza material falhou em fornecer. Se a vossa audição é deficiente, inventais algo para dar

maior sensibilidade ao som; se a vossa visão é deficiente, chama-se a ciência da óptica em auxílio.

Quando a astronomia demonstrou matematicamente que certos planetas estavam nos seus lugares, não havia telescópios adequados para o provar a um mundo descrente; mas, quando o magnífico telescópio de Herschel foi colocado em posição, lá estavam os planetas, tal como a matemática havia mostrado. Quando, portanto, à visão de todas as eras, aos videntes, profetas e mestres espirituais, este domínio da realidade foi revelado, os sentidos cegos de um mundo cego recusaram-se a aceitá-lo até que o esplêndido telescópio do Espiritualismo foi apontado para esse domínio sublime.

Aí, tal como os profetas e videntes vos tinham dito, tal como aqueles que viram visões e possuíram dons espirituais tinham declarado, todo o domínio do mundo espiritual é encontrado como verdadeiro; e até a visão pigmeia do mais pequeno homem, o materialista, o descrente absoluto, quando voltada nessa direção pela evidência gigantesca dos fenómenos estupendos do Espiritualismo, é levada a conhecer a realidade espiritual subjacente a essa evidência, e que todo o domínio da verdade espiritual emprega fenómenos para a sua expressão. Mas há uma eternidade ainda inexpressa, que vos encontrará em cada etapa do vosso progresso e se revelará cada vez mais nos esplendores luminosos e incomparáveis do reino da alma.

O QUE É ORDENAÇÃO?

Um Discurso Proferido pelos Guias Espirituais de MRS. CORA L. V. RICHMOND,
Em São Francisco, Califórnia.

A 14 de Dezembro de 1884, em São Francisco, Califórnia, a Sra. Cora L. V. Richmond oficiou, sob os auspícios da "Primeira Associação de Espiritualistas e Médiuns", na ordenação de Mrs. Louisa M. Wheatley e Mrs. Mary B. Dow como ministras do Evangelho do Espiritualismo. A sala estava repleta, com uma audiência inteligente e interessada, que escutou atentamente a impressionante cerimónia. Com tamanha aceitação foi recebida que, imediatamente após o encerramento dos serviços, se organizaram diligências para enviar um relatório completo ao *Banner of Light* para publicação.

A reunião foi aberta com o cântico "Mais Perto de Ti, Meu Deus", seguido de uma oração e outro cântico, após o que os guias da Sra. Richmond falaram da seguinte forma:

O tema do nosso discurso desta tarde, preliminar ao serviço que se segue, será: "O que é Ordenação."

Quando o homem ou sociedades de homens puderem ordenar as aves a cantar, os lírios a florescer, os rios a correr, as estrelas a brilhar ou os mundos a mover-se, então estará no poder humano ordenar homens e mulheres a pregar o evangelho ou a exercer o dom espiritual — não antes disso.

Aquele a quem Deus cria ou dota de um dom, tem tanto direito de exercer esse dom como o sol tem de brilhar. Aquele a quem Deus imprime o selo do génio, esse génio é uma estrela acesa nos caminhos humanos para mostrar o destino do homem. E quem quer que seja dotado de um dom do espírito, seja o bebé no colo da mãe ou o ancião ou a mulher curvando-se sobre o leito da dor — aí está a ordenação divina que nenhuma mão humana pode retirar.

As leis da dádiva infinita são tão supremas na sua compreensão divina, que, ainda que mil vezes o homem dissesse: "Isto é um lírio e eu permito-lhe florescer", nenhuma graça seria acrescentada ao lírio nem maior brancura à sua flor. A condescendência, por parte do homem ou de sociedades humanas, em reconhecer a sua floração, é tudo o que existe da ordenação humana.

Nos tempos passados, quando os dons do espírito faziam com que homens fossem mortos, e quando, por opinião, alguém podia ser crucificado e sujeito ao destino do martírio, tornou-se necessário que sociedades sagradas e secretas fossem formadas para proteger aqueles que possuíam tais dons. Por fim, estas sociedades estenderam-se ao povo e passaram a constituir-se de príncipes e governantes.

No Egipto, os sacerdotes eram iniciados de início de acordo com os seus dons espirituais, e a ordem sacerdotal era para a proteção dos assim dotados. Aos doze anos eram escolhidos aqueles cujos dons já haviam sido reconhecidos, e eram mantidos sagrados de intrusões, nas "cidades dos mortos", onde as escolas não eram escolas de temor solene, mas onde todas as vozes eram oráculos, e de onde, não dos mortos, mas dos vivos além do véu, no reino de Osíris, na região do sol, vinha o som da inspiração.

Dos doze aos trinta anos, os iniciados na ordem sacerdotal eram sujeitos não só à disciplina que implica vencer todas as tentações físicas, mas também a receber provas acrescidas do poder do espírito que os habilitassem a tornar-se mestres e guias espirituais do povo. Mas era sobretudo para os proteger contra as curiosidades e invasões de quem pudesse procurar todo o tipo de informações que os iniciados eram mantidos afastados do mundo. Sob certas ordens, ninguém podia aproximar-se do sacerdote até à ordenação, quando se julgava que a idade do iniciado ordenado já o poderia proteger de quaisquer intromissões ou invasões, quer de príncipes, quer de camponeses, quer de mendigos, quer de ricos.

A Ordem da Ministração, portanto, era uma Ordem sagrada pelos seus dons espirituais, e não fundada especialmente em qualquer poder ou cargo externo concedido. A cerimónia externa era apenas o reconhecimento do dom no indivíduo.

Havia também sacerdotisas no Egipto antigo que ministravam nos templos de Ísis e que recebiam, dos sacerdotes e das ordens estabelecidas, o reconhecimento do seu ofício, servindo como servas na casa de Ísis, dando ao povo, a partir da sua posse do espírito, tanto poder de cura como de consolação.

Uma princesa, filha de Ramsés II, dotada de nascimento com esse dom do espírito, abandonou as cortes e todo o esplendor da morada de seu pai para ir entre os pobres, levando consigo os dons que os deuses lhe haviam dado, e proferindo tão belas palavras que os que a ouviam consideravam-na não apenas sacerdotisa de Ísis, registada nos templos, mas enviada do Céu.

Outras eram escolhidas entre jovens pobres, de vidas humildes, mas doces e puras como simples flores silvestres, e eram ordenadas no templo de Ísis para transmitir os doze dons do espírito do grande Ser Divino.

Podíamos enumerar, em diferentes épocas da história humana, momentos em que as mulheres partilharam com os homens as honras da ordenação. Passando pelo período hebraico e pela Idade Média — exceto na Grécia — parece ter havido pouco reconhecimento do dom do espírito entre as mulheres. O Maometismo eclipsou por completo a existência feminina. Sob o seu domínio, os que antes reconheciam as dádivas graciosas concedidas à mulher deixaram de o fazer. Só o homem é imortal, e a mulher apenas se torna imortal através do marido. E como o marido toma muitas esposas, supõe-se que seja um ato de benevolência da sua parte, já que assim lhes permite entrar no reino da vida imortal.

Tal é a natureza material da religião maometana que a sua desolação se espalhou por toda a Ásia, por todo o Oriente, tomando o lugar das religiões primitivas, nas quais Ísis com Osíris partilhava igualmente o poder e o domínio; nas quais Brama concedia tanto ao homem como à mulher os dons dos deuses; e nas quais Hermes, das antigas glórias do trono divino, também conferia à sua Esposa os elementos da terra, do ar e do céu como a sua porção do domínio divino. Temos também Júpiter e Maia que, em contraste com a Juno grega, partilhavam com ele os dons dos céus.

E esta dispensação coigual foi até partilhada no Paraíso, embora, de algum modo, a responsabilidade de todos os males da humanidade tenha sido lançada sobre a mulher em vez de sobre o homem. Mas como Cristo nasceu de mulher, assim, na nova dispensação, os males que a humanidade lhe atribuiu (e que, curiosamente, o homem parece inclinado a monopolizar) poderão ser redimidos quando, na restauração das religiões primordiais da Terra, também restaurarmos Ísis ao lado de Osíris, Maia ao lado de Júpiter, e Maria ao reino da verdadeira maternidade de Cristo, que significa o nascimento de tudo o que é belo e adorável na humanidade.

A ordenação, portanto, de sacerdote e sacerdotisa — de quem há de falar o evangelho ou curar os doentes — não pode nunca, em qualquer época, ser outra coisa senão o simples reconhecimento daquilo que Deus e a natureza previamente concederam. As escolas de teologia podem educar homens, mas nunca os poderão tornar ministros do Evangelho a menos que Deus já os tenha feito.

As escolas de medicina, desde Esculápio até hoje, podem instruir homens em anatomia, fisiologia e terapêutica, mas não os podem tornar curadores dos enfermos a menos que a mão divina da cura tenha sido posta nos seus corações e constituições. Milhares de homens saem todos os anos das instituições teológicas, e que fazem eles?

Tal como grãos de trigo passados pelo mesmo moinho, apenas repetem o que os outros disseram: e o fervor divino de pregar o Evangelho de Cristo desce sobre uma jovem humilde, ou sobre algum obscuro indivíduo que talvez nunca tenha visto o interior de uma faculdade, mas cujo dom do espírito é um dom inato de amor.

João Wesley, afastando-se da severa disciplina de seus pais para pregar o evangelho do espírito vivo; George Whitfield, comovendo multidões até ao íntimo com os avisos solenes da presença e proximidade de Cristo; João Murray, ousando proclamar o amor em vez do temor de Deus, aventurando-se além dos limites da teologia evangélica para ensinar que todas as almas são igualmente valiosas aos olhos de Deus, ousando dizer que não só os elementos da terra e do ar podiam ser analisados, mas que o Deus vivo, a quem os homens temiam, era um Deus de amor, e prezava igualmente cada alma — estes são, na história humana, os que, embora ordenados pelos homens, ultrapassaram a ordenação e permissão da lei, entrando no domínio da inspiração.

Quem ordenou os profetas, senão Deus? E, vindos dos templos hebreus, onde reinavam o pecado, a corrupção e a idolatria, advertiram os reis corruptos de Israel da queda das suas dinastias. David encantou Saul com o esplendor de um cântico inspirado. Estes são, em todas as eras, os que transgrediram os limites da lei e do julgamento humano, entrando no domínio da inspiração. Cristo, aos doze anos, discutiu com os doutores no templo, sem vestes de ordenação, apenas com a voz do espírito a dar-lhe expressão.

Cristo, aos trinta anos, foi perseguido por esses mesmos sacerdotes ordenados de Deus; perseguido por vales, desertos e pelo litoral, porque curava os enfermos, porque proclamava a verdade aos humildes, porque ensinava as palavras do amor de Deus sem permissão — fora dos templos de Jerusalém. Oh, não estaríamos longe da verdade se, neste dia de amor, beleza e brilho dourado, supuséssemos que, nem por um instante, qualquer palavra nossa, ou qualquer dom de qualquer homem, ou de qualquer legislatura ou instituição, pudesse conceder o dom da ordenação do espírito.

Vós, que estais presentes nesta sala, todos os que em qualquer lugar curam os enfermos, dão palavras de encorajamento aos desanimados, abrem os olhos dos cegos ou de outro modo assistem os que sofrem, sois ordenados por Deus para o fazer.

Onde, nos templos cristãos, entre aqueles que possuem trajes sacerdotais e diplomas de instituições teológicas, estão os que curam pela imposição de mãos, os que expulsam o mal por uma palavra de amor, os que profetizam ou têm o dom de línguas? E onde estão os que, sem pensar no que vão dizer, falam conforme o espírito lhes dá expressão? Ocasionalmente há um: o mundo inteiro denuncia-o primeiro, depois pára para escutar, e acaba por seguir, como rebanho atrás da voz do pastor.

O mundo é mais sábio, é melhor do que julga: e, em toda a Cristandade, onde quer que surja uma voz, vinda do púlpito ou de fora dele, para falar a palavra de Deus, o povo inclina-se para ouvir; sabe-o: há nela algo que compreende; é a voz do Mestre de novo regressada, é o espírito de Deus a falar ao seu povo, é fora do templo, não dentro das

paredes consagradas, nada tem que ver com vestes sacerdotais. Mas é a palavra de Deus sobre os montes; a voz que rompe pela nuvem tempestuosa e se revela na coluna de fogo e na coluna de nuvem, para vos iluminar no caminho através do deserto do tempo.

Não, vós, que sois Espiritualistas, que encontrastes altares e santuários fora dos templos dedicados de Deus, não podeis rejeitar o único templo de Deus que há no mundo, que é o registo inspirado da humanidade. Podeis rejeitar sacerdote, igreja, credo e catecismo, mas não podeis rejeitar a palavra viva de Deus traçada nas vidas de todos os profetas e oráculos do passado. Não podeis rejeitar o registo dessa inspiração que faz do passado o testemunho vivo da hora presente e enche o presente com a glória do sol de milhares de anos.

Estais a viver numa era de culminações. A ciência e a arte fizeram o máximo para lançar opróbrio e descrédito sobre a natureza religiosa do homem. O materialismo depreciou os dons do espírito e afirma que pertencem a uma era de superstição e dúvida. As grandes rodas da vida utilitária passam por cima de tudo quanto é belo, grandioso, sagrado e digno de culto na natureza humana.

Tem-se dito que, não fora a luz que o Espiritualismo traz, não haveria voz de testemunho vinda de além-túmulo. O Espiritualismo vem como um regato refrescante das montanhas; como uma vaga que, encapelando-se desde o longínquo oceano da Imortalidade, impele as águas tardias para as baías e enseadas da existência humana; a maré enchente que se repete em todas as idades, trazendo no seu prodigioso dorso a nova inspiração e o novo cântico da vida Imortal.

Porque a maré estava vazia, porque não havia canto nas baías, o mundo disse que não havia inspiração. Deus e os anjos sabiam melhor; e o mundo dos espíritos removeu a pedra deste sepulcro religioso das esperanças humanas, e o Cristo ressuscitado é o Cristo que testemunha, e o Cristo de todas as eras chama-os dos seus lugares há muito esquecidos, reacende os seus fogos em altares desertos e declara que o culto do Deus vivo é atestado na idade e hora presentes.

Está ordenado todo aquele que tem um dom do espírito: quem vos pode dar o testemunho de uma voz de além-túmulo; quem vos pode soprar uma mensagem de amor Imortal; quem pode suavizar a dor com a imposição de uma mão; ou quem, com visão divinamente dotada, pode trespassar o umbral da morte, ver a escada do céu e contemplar anjos a subir e descer. Esses dons do espírito, graciosamente trazidos hoje à consciência humana, em meio do materialismo, em meio da dúvida, da luta e do culto do mamom, vêm, não obstante, como uma bênção calma e bela, ou como um som inspirador que conduz à autossuperação; ou, sondando profundamente as feridas das idades passadas, abrem-nas com o bisturi da verdade para que sejam curadas pelo espírito ministrante da cura de Deus.

Não podeis dar-vos ao luxo de negar coisa alguma; não podeis dar-vos ao luxo de duvidar de coisa alguma; pois tão clara é a luz da verdade que aquilo que não é real, como os efémeros da luz da manhã, desvanece antes do meio-dia, e só o que traz o

botão, a flor, o fruto e o testemunho da vida eterna pode permanecer. Não deveis temer: não há ninguém postado à porta da vida imortal para fazer prestidigitação convosco. Os malabaristas estão à porta de Satanás, à porta da teologia, à porta das salas do materialismo. É aí que os sentidos do homem são enganados. Ninguém pratica malabarismo colocando-se voluntariamente no caminho do martírio. Nunca creiais que quem é dotado do dom do espírito tenciona oferecer-se como mártir a uma causa impopular e depois ludibriar as pessoas para o perseguirem.

Os malabaristas são os populares, os que exploram a credulidade humana pelo favor, os que louvam o mamom, os que crêem em todas as coisas terrenas, os que vos dizem que Cristo se enganou quando pregou o autossacrifício e a abnegação, os que louvam a bolsa, e que dizem: nesta era do mundo, a única coisa sensata é adquirir todos os bens que puderdes e deixar que os pobres cuidem de si. Os malabaristas são os que vos iludem fazendo-vos crer que os bens deste mundo durarão para sempre, e que, do esplendor estrelado dos séculos, Deus nunca permitiu que uma voz falasse aos homens; que "um mundo de cada vez" lhes basta, esquecendo aquele outro mundo sagrado encerrado na vossa natureza material como artérias e nervos nos tecidos.

Uma flor de cera serviria para "um mundo de cada vez", mas uma rosa veio de algum lugar e passa para algum lugar — um testemunho perpétuo, vivo, vital, Imortal do gracioso poder de Deus.

Sim, há malabaristas, adoradores do mamom, feiticeiros, os que exploram a credulidade humana, os que se erguem por detrás de balcões e púlpitos e livros de conhecimento e ciência e instituições e colégios eclesiásticos. E impingem ao mundo a prestidigitação da ciência material como se fora verdade, e dizem-vos que não há espírito no homem, porque o dissecaram até à última molécula do seu ser mortal. Muitas pessoas acreditam, mas a maioria dos seres humanos não.

E, apesar da trapalhona "habilidade", como lhe chamam, de médicos e fisiologistas, a fé do mundo mantém-se viva por aquilo que é invisível mas palpável, pelo que se manifesta em cada vida por alguma voz de uma criancinha que vos fala das trevas desconhecidas; por algum testemunho que vem de além-túmulo; por algum som ou visão inesperados que revelam todo este assombro que jaz para além do alcance dos sentidos. E quando o homem da ciência vos diz: "É impossível que uma substância material se mova sem uma causa material", e vos chega uma voz, uma presença, um som, uma mensagem daquele que amais, respondeis ao homem da ciência: "Não sabeis; estais a falar de um domínio com o qual não estais familiarizado."

Nesse domínio encontram-se todos os dons graciosos; nesse domínio estão os mistérios de toda a vida; tanto o mistério da rosa e do lírio como o do pensamento humano. Nenhum homem de ciência ousou jamais explicar-vos o único milagre do único dia de luz que agora contemplais, nem alguma ciência pretendeu entender de onde proveio ou para onde seguirá a mente do homem.

Hoje estamos no vosso meio para atestar a ordenação dos sacerdotes e sacerdotisas de Deus pela voz do espírito; para atestar que nunca foi proferida, em qualquer era,

palavra alguma que trouxesse ao mundo uma mensagem de verdade que não fosse inspirada; para atestar que nenhuma ciência alguma vez evoluiu, dos seus místicos e maravilhosos labirintos, uma verdade valiosa cujo primeiro aceitante não fosse perseguido, como os profetas o foram, apedrejados e, por vezes, mortos por dizerem a palavra de Deus revelada na vida material; estamos também aqui para atestar essas vozes vivas que estão no vosso meio todos os dias e horas (das quais a voz presente é apenas uma), e das quais cada voz, cada sinal, cada indício é de valor igual.

A mensagem que vos traz o conhecimento da imortalidade, quer seja dada por uma tábua de pedra, uma pancada numa mesa, a voz de uma criancinha, ou na forma de um anjo de luz que surge do ar — tudo quanto leve essa convicção ao coração e à vida do homem está, em si, ordenado por Deus. Tudo quanto possa romper este jugo do materialismo, esta nuvem de medo, este manto de trevas materiais que envolve o mundo, é ordenado por Deus.

Se olhardes para os olhos azuis e risonhos do vosso filho e neles houver algo que vos fale de imortalidade, isso é sermão e cântico. Se olhardes para a fronte da velhice e ela se inclinar reverente sobre vós, é o anúncio da presença de Deus e do dom da sua graça.

Há no mundo, neste momento, duas escolas do pensamento humano: uma é a que é estabelecida pelo homem; a outra é a que vem, não obstante o homem.

O governo que constitui a base de todas as vossas liberdades aqui não poderia ter tido a sua origem nas mãos de reis, de monarcas e de quem reivindica poder hereditário: não havia maneira alguma de uma República ser concedida ao mundo senão pela inspiração de Deus. Reis não a dariam; autoridades não a concederiam; nenhuma república-criança poderia jamais nascer do regaço da monarquia senão através da revolução. Não há quem confira aos inovadores as sagradas vestes do ofício; não há quem dê aos pioneiros de qualquer causa o reconhecimento da autoridade. Os anciãos grisalhos das escolas da filosofia humana, quer trajem formas físicas de juventude, quer de idade, nunca estão dispostos a dar reconhecimento ao novo filho da reforma. A inspiração de cada hora tem de ser perseguida, apedrejada, queimada e morta, seja qual for a forma de costume do tempo.

O Espiritualismo passou por esta prova; foi morto muitas vezes e em muitos lugares, mas, como a Fénix de outrora, sempre renasceu das cinzas. Tem decerto mais vidas do que o lendário gato: por cada médium exposto ou perseguido, nove novos aparecem com certeza.

Embora o Espiritualismo tenha sido não só explicado cientificamente, teologicamente, filosoficamente e de todas as maneiras possíveis, comove a mente e o coração da multidão mais do que poderia ter feito há trinta anos. Está no mundo com a sua própria luz, trazendo as suas próprias vestes, escolhendo os seus próprios instrumentos, abrindo o seu próprio caminho, pondo de lado o que é inútil, retendo o que é valioso, e seguindo adiante para provar para sempre a sua presença e lugar no mundo como o único nome que dá ao homem a mensagem da vida Imortal.

Nestas circunstâncias sois convocados nesta hora, não porque a vossa presença nem qualquer autoridade da lei do Estado possa ordenar que os candidatos deste dia façam seja o que for. Em obediência à lei do Estado, dá-se um reconhecimento dos poderes que só o espírito pode investir em qualquer mortal. A obediência e conformidade às leis do Estado não podem de modo algum prejudicar quem tem dons do espírito, a menos que a lei seja opressiva.

Mas protestamos para sempre — e pedimos que vós protesteis, vós que tendes voz e voto na feitura das leis da terra — contra qualquer escola de teologia que dite ao homem o caminho por onde deve trilhar para o céu; ou contra qualquer escola de matéria médica que dite ao homem por que via deve sair da vida mortal ou ser restaurado — pois os médicos estão tão frequentemente à cabeceira dos moribundos como à dos que são curados pelos seus remédios. Se houver leis moldadas de modo que só os que têm diplomas de alguma faculdade de medicina possam praticar medicina, então que haja também leis pelas quais todo o médico seja responsável por cada paciente que passe da vida mortal sob o seu tratamento. Assim se igualarão as vossas escolas de medicina ao que apregoam.

Mas, assim como não pode haver infalibilidade na matéria médica, não mais do que nas diferentes escolas de teologia, e sendo todo o conhecimento igualmente valioso para toda a humanidade, em nome do céu não deixeis que a vossa consciência seja estultificada à porta do vosso templo material da vida, mais do que o seja no tribunal da vossa consciência religiosa. Todo o homem tem o direito de ser curado, como tem o direito de ser pregado, segundo os ditames da sua própria consciência.

Todo o homem tem o direito de vestir roupas que lhe convenham, contanto que não ofenda nenhuma propriedade humana. E, sendo este um país onde se afirma que todos têm direitos iguais no exercício das suas convicções, se não podeis obter justiça pelas mãos da ciência, podeis obtê-la pelas mãos da religião: pois, até agora, no Espiritualismo não há uma ciência de cura: há um dom de cura, e o dom de cura é um dom espiritual, e todos o podem praticar sob o direito religioso da liberdade de consciência.

Nestas circunstâncias, a Sociedade aqui reunida, e que se encontra aqui todos os domingos à tarde como Sociedade, não só para a promoção dos dons espirituais mas para a proteção dos médiuns no exercício desses dons, é uma sociedade religiosa, uma sociedade em que o espírito é reconhecido como parte da vida diária do homem, e onde a ministração espiritual é parte do pão diário de muitos lares. E, como tal, é com o maior orgulho e alegria que aqui estamos nesta ocasião para dar a nossa voz de testemunho a estas dignas co-obreiros no campo do Espiritualismo. E

a todos os que aqui estão presentes e reconhecem em qualquer médium, ou em todos os médiuns, esses dons do espírito, dizemos: saudai cada dom como saudaríeis uma nova flor da primavera. Uma flor não faz a primavera, e um médium não faz o Espiritualismo, mas tantas flores quantas a primavera pode produzir — essas são a

prova de que a primavera chegou; tantos médiuns quantos a sabedoria do dom do espírito desce — isso faz o Espiritualismo que está no mundo.

Se todo médium fosse hoje perseguido, banido ou morto, em cinco ou dez anos haveria tantos mais, pois o sopro do espírito não escolhe por parcialidade individual, mas porque são necessários trabalhadores, porque esses dons são requeridos no mundo; porque por toda a parte e em todos os lares há alguma demanda por dons espirituais. E dificilmente haverá um lar em que algum membro ou algum amigo da família não tenha sido visitado pelo dom do espírito. Mais uma palavra: de clérigos ordenados e médicos com diplomas, ouvimos muito acerca dos "motivos mercenários" dos médiuns; ouvimo-lo há bem pouco tempo de um clérigo que tem recebido de cinco a quinze mil dólares por ano pelos seus serviços como ministro do evangelho. Este manso e humilde seguidor de Jesus crê nos dons espirituais, mas não crê em "médiuns mercenários".

Ora, se há algum médium em todo o mundo que alguma vez tenha recebido mais do que a pequena quantia que basta para o pão de cada dia, gostaríamos de o ver. Mas sabeis que o dom da mediunidade é impopular, ao passo que um pregador pode estar num púlpito popular recebendo dez, vinte, trinta mil dólares por ano como seguidor de Cristo, e nunca ser acusado de pregar o evangelho por "motivo mercenário".

Não sabemos se os médiuns podem viver do ar; pensamos que alguns são quase obrigados a isso, mas, se não podem, e dedicam todo o seu tempo àquilo que instrui, diverte, edifica e entretém o mundo, e dá conhecimento da Imortalidade, não vejo razão para que não comam, não vivam em casas e não vistam roupas como as outras pessoas.

Quanto aos seguidores de Esculápio, são proverbialmente altruístas; as suas casas são sempre as mais pobres — toda cidade apinhada o atesta — pois não estão as vossas avenidas cheias dos seus letreiros, e não conduzem os mais bem-sucedidos magníficas carruagens? Não recebem tributos de todas as classes de pessoas? Mas, em sua honra, diga-se: há verdadeiros médicos entre eles que curam os pobres sem cobrar. Mas mostrai-nos algum médium de cura que não faça isso mais frequentemente do que o contrário, pois são os pobres e os desprezados, e aqueles a quem os médicos já deram por mortos, que procuram os recantos impopulares dos médiuns para serem curados pelo espírito.

E, quando saem desses lugares curados pelo espírito, é o seguidor de Esculápio, aquele que tem o diploma, quem imediatamente põe em marcha a perseguição contra o médium que os curou. Referimo-nos a isto apenas porque na imprensa secular não se faz menção do Espiritualismo sem que, primeiro e por fim e sempre, se fale de médiuns mercenários. Dir-se-ia que eram uma súcia de milionários, que haviam amealhado os tesouros de Creso; mas, quando os vedes, quando conheceis as suas moradas e quando entendeis que eles, ou os seus maridos, ou os que deles dependem diariamente, têm necessidades, não podeis questionar os seus motivos.

Quando o fazem, é porque amam a causa em que se empenham. Dizemos que é tempo de cessar essa calúnia; e, se a existência desta Sociedade e de cinco ou seis outras nesta cidade não tender a dissipar essa ilusão, é porque, como Espiritualistas, não cumpris o vosso dever. Esperamos que, doravante, os que foram curados por qualquer dom do espírito tenham a coragem — e a hombridade e a dignidade feminina — de o dizer. Esperamos que os que andam nas trevas, e que agora negam, quando foram curados por um médium, que foram beneficiados, sejam compelidos a reconhecê-lo.

Esperamos que os que visitam médiuns e obtêm sabedoria que procuram pôr em prática dia após dia, deem o crédito a quem devido. Esperamos que os que procuram com quaisquer motivos indignos não façam recair sobre o médium as consequências dos seus próprios motivos. É para proteger e favorecer o reconhecimento desses dons no mundo que assim vos falamos. É para oferecer a nossa palavra de encorajamento a todo médium, pois não conhecemos um só em todo o mundo que não tenha trilhado um caminho espinhoso, que não tenha provado a amargura, a quem a perseguição não tenha vindo de algum modo, e muitas vezes dos mais caros e próximos — aqueles que deviam estar ao seu lado na hora do perigo.

Dizemos a todos — irmãs, irmãos, obreiros — saudamos os vossos dons! Se, percebendo esses dons, os puderdes deixar brilhar mais nas vossas vidas, fazei-o. Se, de entre as sombras que vos cercam e das perseguições que vos visitam diariamente, romper um acréscimo de fulgor sobre outros, deixai-o vir. Que nenhuma aspereza, nenhuma indelicadeza visite os vossos pensamentos. Lembrai-vos: "não sabem o que fazem" os que perseguem qualquer dom da luz divina que vos conduz, que até aqui iluminou o vosso caminho, que vos capacitou a vencer muitas coisas nas vossas próprias vidas e nas vidas de outros, e que sempre vos alumiará doravante. Quanto ao que possamos conceder, apenas damos o tributo e o testemunho àquilo que os anjos e Deus já vos deram.

[Ao Presidente:]

Quereis agora apresentar aqueles que hão de receber, segundo as leis do Estado, a ordenação? [As candidatas sobem ao estrado.] Mrs. Louisa M. Wheatley e Mrs. Mary B. Dow são as candidatas que hoje são reconhecidas, de acordo com as leis deste Estado e sob a Carta recebida pela Sociedade, como Ministras do Evangelho do Espiritualismo. [Às candidatas:] Amigas, irmãs, nada do que possamos dizer acrescentará ou tirará ao gracioso dom do espírito que Deus vos deu. No exercício dos vossos poderes como médiuns, ao dardes ao mundo os dons tal como vos são recebidos, cumprireis doravante, como até aqui, fielmente os vossos deveres. Deste como vos foi dado; expressastes o que por vós foi expresso.

A voz do espírito faz o seu próprio caminho nas vossas vidas; convoca-vos à sua doce obediência; guia-vos com a sua luz infalível. No cumprimento desses dons como médiuns, concedestes a outros corações e outras vidas a grande felicidade do conhecimento do mundo Imortal, do tributo que vem dos que passaram além, e de

dons de ministração e de cura. Há os que, invisíveis, já vos vestiram com as vestes da ordenação; há mãos invisíveis que já colocaram sobre as vossas frontes a coroa de flores como fruto dos vossos labores.

Há aqui presentes muitos que oferecem nos seus corações ações de graças por tais dons como receberam através da vossa mediunidade, como vozes e instrumentos do poder do espírito, que conhecem o seu valor. E os que, nas vossas vidas de todos os dias, os mais próximos e queridos, reconhecem esses dons, sorriem ao vosso redor; os vossos próprios filhos vos abençoam; os vossos próprios lares associam-se a esta bênção, e a voz desta assembleia atesta este louvor. Sr. Presidente, quereis agora, em nome desta Sociedade e de acordo com os estatutos deste Estado, colocar nas suas mãos aquilo que não é senão a sombra da ordenação que Deus já concedeu?

(A Sra. M. J. Hendee, Presidente, confere o Certificado do Estado.)

Reconhecemos nestas os instrumentos do poder do espírito, ministras do Evangelho do Espiritualismo para o mundo, em qualquer capacidade sobre a qual o dom do espírito desça. E este poder dá-lhes, segundo as leis do Estado, o direito legal de celebrar casamentos e desempenhar tais outros ofícios como são atribuídos a ministras regularmente ordenadas do evangelho. Às candidatas dizemos: Sob o testemunho do amor e da graça de Deus, seja todo dom e toda bênção do espírito coroado de êxito; e que vós, como dantes e assim no futuro, não recebais sombra alguma desta confirmação, mas que ela seja em forma de simpatia, de atestação e de luz acrescida. Após breve invocação, o serviço encerrou com uma bênção.

"O QUE É A VIDA E O QUE É A MORTE"

UMA CONFERÊNCIA REPLETA DE PENSAMENTOS EXCELENTES, ELEVADORES DA ALMA E BELÍSSIMOS, EM REFERÊNCIA AO NOVO NASCIMENTO, ERRADAMENTE CHAMADO "MORTE".

Um discurso memorial proferido perante a Congregação da Igreja da Alma, Chicago, 2 de Outubro de 1904.

Ao longo do ano, vários membros desta congregação foram promovidos pelo Grande Mestre de toda a vida ao grau mais elevado, ao passo seguinte da vida. Entre os que passaram adiante, lembrareis a Sra. Parker, de River Forest, que foi membro desta congregação durante muitos, muitos anos. Ela depôs a sua forma mortal no início do ano. Lembrareis um pouco mais tarde, no começo da primavera, a Sra. Catherine Davis, uma das mais antigas membros desta igreja, que faleceu em casa da filha, Mrs. Faulkner, em Jamestown, NY, onde residiu a maior parte do tempo nos últimos anos, mas cujo coração e espírito estavam sempre connosco. Há uma semana oficiámos nos serviços fúnebres da Sra. Marshall, uma das nossas mais antigas membros.

Durante a nossa ausência, no intervalo da interrupção estival das nossas reuniões, o nosso amigo e irmão, cuja memória celebramos hoje, passou à vida superior: o Sr. J. W. LeSieur. Ele também foi membro desta congregação por plenos vinte anos.

É pela ausência do pastor e porque a congregação só pôde ser convocada por notificação que este memorial se realiza. Não obstante, bem vos lembrais das palavras de conforto e beleza que foram proferidas por intermédio da nossa pastora-adjunta, Mrs. Ashton, nessa ocasião. Assim, este memorial não se deve a que não se tivessem prestado serviços, mas porque um serviço acrescido está sempre em ordem para vos lembrar que os mortos, assim chamados, estão vivos.

O nosso tema especial hoje é, pois: "O que é a Vida e o que é a Morte?"

No antigo livro de inspiração diz-se: "Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos."

Um poeta do Oriente disse: "Morrem os que entram na vida mortal; apenas vivem os que passam para além, o domínio de Ormuz."

Um escritor moderno disse:

" Isto não é Morte,

É o Despertador do sono,

O grande cumprimento para o qual o sopro mortal

Como sagrada herança é dado."

Que palavras de sentido tão oposto se tenham transposto; que as pessoas tenham passado a considerar a existência humana como "vida", e o grande nascimento imortal como "morte", deve-se à servidão a que a humanidade tem estado sujeita aos sentidos, à servidão da existência física, tomando a manifestação da vida pela vida em si. E este erro parece prosseguir, não obstante a natureza em redor vos revelar outra ordem de coisas; não obstante as religiões do mundo, de comum acordo, ensinarem uma existência futura e a imortalidade, por maiores que tenham sido as dificuldades colocadas por teólogos; por maiores que sejam as barreiras de credos e dogmas que pareçam intervir; a proposição geral de todas as religiões é uma vida futura para a alma.

Contudo, as pessoas habituaram-se a considerar o corpo como tudo o que há de vida, e esta breve luta mortal como padrão da vida. Consequentemente, o bebé no berço é saudado com regozijo, e o que, em anos maduros, passa adiante é chorado como partido, como morto. Na filosofia mais elevada, na religião mais sublime, não é assim.

Na filosofia mais elevada, a vida é contínua, é interminável, e as pessoas sabem que, quando o corpo fenece e falha, não é a partida do indivíduo, da alma; não é eclipse.

Duvidamos que exista no mundo um verdadeiro materialista. O chamado materialista simplesmente duvida de alguma ou de todas as formas de teologia. A menos que o materialista seja também um idiota — o que geralmente não é — tem de saber que as

mudanças que ocorrem na natureza não são morte, mas simplesmente mudança nas formas da vida. Quando o "Grande Agnóstico" se colocou junto ao caixão do irmão amado e disse: "Esperamos tornar a encontrar-nos", deu voz à esperança universal que é a profecia de toda a humanidade.

As sombras da teologia, o tênue fio da fé teológica, não o satisfizeram. Mas, sob a grande dúvida que eclipsara a sua mente acerca do outro mundo, ele ainda se prendeu a esta esperança imortal que brota da alma, que tem consciência da sua imortalidade. Foi por isso que disse "Esperamos tornar a encontrar-nos."

Cada um daqueles cujos nomes mencionámos, especialmente o nosso amado irmão, o Sr. LeSieur, não tinha apenas esperança, mas aquilo que transcende a esperança: conhecimento da continuidade da existência para além da mudança chamada morte. Não havia dúvida na mente, não era questão a debater. Era tão real como a luz do sol; tão real como as estrelas acima; tão real como os princípios da natureza que são imutáveis.

Quando as pessoas tomam esta existência humana por vida, estão a confundir o efeito com a causa; estão a confundir o que a alma faz com o que a alma é. Se um homem pinta um quadro, não apontais para o quadro dizendo que ali está o artista, a menos que tenha pintado um símile de si; então dizeis: esse é o retrato do artista. Se um homem planeia construir uma casa, não apontais para a casa dizendo: ali está o homem; dizeis: isso é o que o homem faz. Assim, o corpo é simplesmente o instrumento pelo qual a alma se manifesta.

A única coisa que pode passar pela mudança mal chamada morte é o corpo, porque é feito de compostos químicos, é resultado de organismo, tem começo e crescimento, e há de decair. Não obstante alguns cultos mais recentes que tentam ensinar que o corpo pode viver para sempre. Deus o evite! Porque então a Terra seria, de facto, uma prisão eterna, e todos os outros mundos e todo o outro conhecimento que buscais ficariam cortados das vossas vidas; vedados de modo efetivo pelo corpo mortal.

Só uma mente muito limitada ou muito tola pode contemplar a natureza em redor e a alma do homem e pensar por um instante que um único corpo físico no estado terreno satisfaria uma alma imortal. Portanto, por que vos contentar em pensar que o corpo é a vida?

Quando o bebé começa a manifestar inteligência, dizeis que o bebé sabe mais do que pode exprimir. Se não pensais assim, contai algum segredo, alguma coisa misteriosa na presença de uma criança de dois ou três anos e vede quão rapidamente ela compreenderá. A inteligência está apenas à espera de que o mecanismo se torne mais perfeito para encontrar expressão. Tal como esperais que a vossa casa fique pronta antes de a ocupar inteiramente, ou, em qualquer obra que vos interesse, até que esteja concluída. Esperais que as gavinhas e flores cresçam nos vossos jardins, como o lavrador tem de esperar que a seara cresça antes de colher a messe. Há tempo para o crescimento físico; tempo para a expansão das faculdades mentais; tempo para levar

avante a obra da vida humana. É isso que a alma faz aqui, com esta casa de barro, com este pedaço de mecanismo.

Este mecanismo corporal é perfeito tendo em conta do que é feito, e tendo em conta que, na expressão, no que toca à alma, o corpo só pode exprimir aproximadamente o que é a vida. Mas o que torna a vida mais suportável e, por fim, a exalta a divina profecia do que a vida será no estado espiritual é a exaltação do amor desinteressado, a exaltação do desejo desinteressado de ajudar os outros. As grandes benfeitorias da vida são a parte real da vida. E, quando pensais nisso, os laços do lar e dos amigos constituem as bases reais da vida humana. Depois, pelas maiores benfeitorias para a sociedade e para o mundo, pelo grande sacrifício de si pelos outros, o Cristo ideal é o amante ideal da humanidade, é Aquele que renuncia a si para que outros sejam salvos pela verdade.

A existência humana puramente física, ou a vida humana egoísta, raramente é chorada por alguém depois que partiu. Conhecemos um caso notável entre os que eram ricos nos bens do mundo — e isto às vezes ocorre com pessoas que não são ricas — em que a vida era de tal modo egoísta que nenhum coração humano se magoou quando o espírito partiu. Houve apenas um amor que sobreviveu a esse egoísmo: o amor materno no mundo além, para além do Amor Infinito. Na exata medida em que os seres humanos, na vida diária, são amados e amam, assim é sentida a falta das suas presenças pessoais.

Estes nossos amigos eram grandes amadores dos seus amigos, amadores dos que os rodeavam, da sua sociedade e congregação, e amadores da humanidade no sentido amplo e duradouro. É por isso que a sua presença, em sentido pessoal, faz tanta falta. Mas, no sentido mais amplo de saber que estão aqui, e de saber que os seus espíritos transcendem os seus corpos, e que os seus poderes do espírito são maiores quando afastados das fraquezas corporais e das enfermidades físicas, tudo isso é vida acrescida.

Ora, como o nosso irmão entrou numa vida mais perfeita, diríeis dele: Nasceu no condado de Chautauqua, Nova Iorque, há sessenta e quatro anos. Viveu alguns anos no Ohio, e muitos anos em Chicago. Teve esposa e filhos e filhos de filhos já crescidos. Deixou-vos a sua segunda esposa. Foi também obediente para com os pais. Foi um irmão amoroso. Foi um pai muito afetuoso, e um esposo devotado. Foi um amigo verdadeiro e leal. E então diríeis que morreu em julho passado. Será essa a medida da vida de um homem? Será essa a medida da alma imortal? De modo nenhum.

Lealdade, fidelidade, probidade, generosidade, bondade, esperança, não são atributos físicos; não são coisas que possam morrer como morrem as árvores, como morre a natureza inanimada. Aquilo que pode cantar louvor como cantastes hoje — e a sua voz poderia ter-se ouvido unindo-se ao cântico, se os vossos ouvidos estivessem afinados para a harmonia mais fina daquele que sabe que “as névoas se dissiparam” das sombras da vida humana; aquilo que sabe que esperança, promessa e cumprimento permanecem no domínio que é imortal e não pode morrer.

Para o grande outro domínio, tão visível como o ar que respirais — mais visível para os que têm a visão interior desperta, ou que não foi enevoada por falsas crenças, por sensações externas — para esse domínio interior entra e permanece esta realidade divina. É o retirar da casca, é pôr de lado a veste exterior demasiado grosseira para ser usada nesse outro domínio. É a entrada no passo seguinte da vida.

Aqui está o nosso amigo. Não deixou milhões para as pessoas disputarem; não deixou vastas propriedades para serem esmiuçadas por advogados de reclamantes, mas deixou a rara posse da memória nos corações e mentes de todos quantos o conheceram. E, no entanto, as pessoas não o conheciam muito bem, salvo os seus amigos pessoais. As pessoas não o compreendiam muito bem. Os amigos pessoais conheciam o coração generoso; quão bondoso, amoroso e atencioso era para com os outros; quão prestável era nos pequenos deveres do lar, nos afazeres quotidianos; quão laborioso era no esforço de trabalhar para poder ajudar outros.

Muitas pessoas têm objeções a um otimista. Mas quão mais afável é um otimista do que um pessimista. O homem que está sempre a prever desastres, sempre a falar de dias nublados, que está sempre a dizer que as coisas vão falhar, é um fracasso desde o início. Haverá algo mais bem-sucedido do que a esperança? Haverá algo mais belo na vida do que o homem que está sempre esperançoso — ou a mulher que diz: "Ainda que hoje falhe em qualquer coisa exterior, serei bem-sucedida amanhã." Isso desilude o especulador, poderá desiludir algum amigo em particular que tivesse edificado sobre esse suposto êxito. Mas, se o sucesso de cada dia é a quantidade de esperança e de luz que alguém consegue trazer à vida humana para esse dia e para essa hora, então o nosso irmão ergueu-se para o grande sol da sua própria criação no mundo imortal.

Ele nunca entrou num lugar sem trazer claridade. Nunca entrou num lugar sem ser jovial. Sempre que o víeis, ainda que houvesse lutas e provações pessoais, não vos sobrecarregava com o relato das suas misérias, dos seus fracassos, das suas desilusões. Via o amanhã como um dia de promessa mais luminosa. Dizemos-lhes: neste tipo de vida há mais riqueza do que na natureza engrenada daquele que só pensa em quanto há de ganhar de vós cada vez que vos encontra.

Preferiríamos a herança do otimista, que transborda de esperança — e o fracasso das coisas — aos dólares do pessimista e ao fracasso da vida.

Se medirdes a vida, a vida humana, pela bondade amorosa; se a medirdes pelo desejo de ajudar os outros, por um espírito generoso — ele partilharia o que tinha até à última parte com outrem — então podeis concluir que os tesouros em que o nosso amigo entrou são os de valor espiritual.

Ele conhece as suas próprias falhas; se não conhecesse, havia bastantes pessoas para lhas apontar. Só ao rico, ao milionário, é que as pessoas não encontram defeito. Mas as sombras das imperfeições de cada indivíduo são conhecidas por si mesmo e pelo Infinito. Conhecemos o brilho que era o dele; conhecemos a sua lealdade às convicções, mesmo quando contrariadas por amigos íntimos. Não era agressivo nas

suas crenças nem nas suas opiniões, mas entrou neste conhecimento espiritual com grande zelo e com aquela certeza que não falha.

Claro que desejava viver a vida que fosse melhor, levar por diante os propósitos acrescidos da vida, estar perto da família e dos amigos e da companheira que depois, no amor, trilhou a vida com ele. Chegou mesmo a esperar confundir os médicos (quem espera fazê-lo é de facto um otimista) — e conseguiu. Confundindo-os na grande e maravilhosa vida em que entrou, consciente e, por fim, disposto a dar esse próximo grande passo que convida alguém a entrar na sua posse de vida espiritual.

Naturalmente, os membros da família — os irmãos e irmãs que ficam, os de casa, os próprios filhos e os filhos dos filhos — sentirão a falta da presença, da influência benigna, da voz alegre, da atitude esperançosa. Talvez ele desejasse ter deixado aos filhos uma herança de valor material, algo que contasse em dólares e cêntimos. Mas, se tomarem as suas virtudes, se acolherem a sua jovialidade, o seu esquecimento de si, o seu espírito bondoso e a sua tolerância para com os outros, isso será uma herança maior do que se lhes tivesse deixado riquezas do mundo. Para os que ficam, os pequenos aprenderão que as posses da sua vida, guardadas na memória, são o tesouro que mantém vivos os altares da esperança, que acende uma fé melhor na humanidade.

Era um homem generoso que acreditava em tudo o que lhe diziam, e as pessoas muitas vezes diziam: "Talvez fosse muito mais bem-sucedido nos negócios se não acreditasse em toda a gente." Mas preferimos acreditar em toda a gente e não ter sucesso nos negócios, do que duvidar de toda a gente e ter tudo amarrado em ouro. Pensai só que terrível cativeiro é — esta suspeita; pensai que coisa temível é crer que a mão de todos está contra vós.

Ouvimos certa vez um juiz — invulgarmente luminoso para um juiz — que fora juiz durante muitos anos num dos tribunais do estado de Nova Iorque, dizer: "Prefiro, entre as duas coisas, acreditar em tudo a duvidar de tudo; porque o homem que acredita em tudo tem alguma coisa, mas o homem que duvida de tudo não tem nada. Portanto, é melhor acreditar nas pessoas do que duvidar delas." Se tiverdes algumas derrotas, não tereis a consciência corroída por terdes suspeitado que alguém procurava triunfar à vossa custa.

Este estado de confiança humana, este estado de fé humana será cada vez mais encorajado quando as pessoas viverem mais no espírito e menos no corpo; quando não edificardes com o corpo físico como se esperásseis que durasse para sempre; e quando o grande armazém do espírito estiver cheio de bondade amorosa, desta boa-vontade para com os outros, deste desejo de os ajudar. Isso será melhor.

Ele diz, na sua existência recém-descoberta, que sabe ter cometido muitos erros. Diz que sabe ter tido muitas falhas, "mas esforçar-me-ei por superá-las." Não há um só ser humano — a não ser o Cristo ou a vida humana aperfeiçoada — que entre no mundo do espírito sem defeitos e falências.

É coisa bela que o afeto que recordais, os amigos que recordais, as qualidades que vos tornam caros os amigos, sejam recolhidos por eles na nova existência. Isso atrai-os para vós, cria uma atmosfera espiritual melhor para que se aproximem, amplia a caridade e a beneficência.

O próximo grande passo no progresso humano é pensardes neles com bondade enquanto aqui estão; louvar os vossos amigos enquanto estão no vosso meio; pensar nas suas virtudes enquanto habitam convosco; espalhar flores pelos seus caminhos aqui; lembrar que a mãe idosa gostaria hoje de um ramo nas mãos mais do que quando o corpo é deposto e ela entra no meio das flores imortais da sua própria vida. É grandioso apreciar as pessoas enquanto estão no vosso meio; afastar-se das pequenas sombras e fraquezas, que muitas vezes são fruto do vosso próprio egoísmo. Olhai para elas, para os seus belos olhos e rostos amorosos, e sabei que o agora é a eternidade, que as grandes flores da vida eterna não brilharão mais belas do que brilham nesses olhos amorosos.

Tereis menos de que vos lamentar quando os seus corpos partirem. Porque, geralmente, lembrais-vos destas coisas e pensais nelas com amargura então, por saber que os seus caminhos não foram semeados todos os dias e horas com flores — embora julgásseis nunca lhes ter sido desamorosos ou ríspidos.

Este amigo nunca prejudicou outro de boa vontade. Pode tê-lo feito por ignorância, mas nunca o fez voluntária nem maliciosamente. Detém a calúnia aqui mesmo. Quando te entrar ao ouvido, não a deixes sair pela boca. Detém a palavra de crítica! Detém a palavra de calúnia! Detém tudo quanto virás a lamentar quando a voz humana emudeça e os olhos humanos não possam voltar a fitar os teus. Então, no dia em que entrarem nessa presença imortal, em que o grande pórtico da vida se abre para os receber, não ficarás ensombrado; as tuas lágrimas não serão amargas, mas haverá a tua altivez de esperança, na qual saberás que não podem ser separados de ti por causa do amor que lhes tinhas e que eles te tinham.

A prova do verdadeiro afeto não é o que as pessoas chamam "merecimento"; a prova do verdadeiro afeto é amar o teu amigo. Se fizeres disso um negócio e disseres: amo-te se me amares; deixar-te-ei tanto se fores tão bom, se tiveres tais e tais qualidades — isso é amor? Cessa a mãe de amar o filho porque o filho vagueia nas sombras? Não! Não é verdade que, na noite, a luz é posta na janela para o filho transviado — e às vezes para a filha? Pensamos, e sustentamos, que é um grande padrão de esperança o que de pouco surgiu no mundo: que pais humanos publiquem nos jornais diários que a luz ficará acesa na janela para a filha que partiu — não sabem para onde.

Pelo tempo adiante, ao acolherdes o amor de Deus, como o cristão acolhe o amor de Cristo, assim este grande amor humano se estenderá a todo o mundo, e sentireis a bondade amorosa e a simpatia, o grande afeto e a admirável benfeitoria desse amor que não mede o que faz nem o que dá pelos padrões humanos de merecimento.

Agora, ele sentia-se assim. É um estranho comentário à "caridade cristã" ouvir-se muitas vezes: "este é um lugar onde os pobres merecedores podem ser acolhidos." Em

nome do amor de Deus! a quem pertencem então os pobres não merecedores? Podemos compreender muito bem o que o teólogo fará com eles. Sabemos o que Cristo faria.

Sabemos o que o cristão deveria fazer. Sabemos que, na nossa religião, todas as almas são filhas de Deus, e sabemos que o nosso irmão não questionava quando um homem ou uma mulher lhe vinham pedir ajuda. Se tivesse um fártico, um penny ou um dólar, se precisassem, dava-lho. Dizem-nos que isto é uma ideia falsa, que "encoraja o pauperismo", que não se deve dar nada enquanto se deve um dólar a alguém. Esta é uma boa maneira de pagar algumas dívidas; pois algo é devido aos que estão em necessidade, uma vez que é resultado de alguma condição humana termos este tipo de mundo em que há pessoas a quem chamais não merecedoras.

Alguma vez dissecastes a vossa própria vida para ver quanta parte menos digna havia em vós comparada com a outra parte? Mas tendes de viver convosco todos os dias.

À luz do grande Amor Infinito e destas companhias do nascimento superior surge a solução de todas estas dificuldades misteriosas. A luz dos "Ensinamentos da Alma", que ele facilmente encontrou e compreendeu, ilustra a sua vida. Aceitou as provações e lutas, entrou nelas e entrou na sua solução.

Hoje, querido amigo, aproximam-se de ti os que te amam. Não apenas aqueles que mencionámos, mas mais de duas dezenas dos que pertenciam a esta Congregação há um quarto de século, que, um a um, passaram para fora da vista mortal às grandes e imortais revelações, e, como partes dessa congregação mais vasta, se inclinam sobre vós nesta hora. O véu que divide, a névoa que vos separa, desanuviou-se dos seus olhos.

Assim, enquanto as lágrimas da natureza devem correr, e as lágrimas de simpatia pela dor humana exterior também, a alegria da felicidade deles não será toldada por qualquer pesar.

Amigos da congregação, o nosso amigo e irmão enviar-vos-ia saudações. Cantaria convosco, como estáveis habituados a ouvir a sua doce voz durante muitos anos; seria um convosco nas deliberações, um convosco nas esperanças e nas profecias para a grande obra que tendes a fazer.

Aos membros da família, do seu lar, ele deseja poder alcançar a todos — as irmãs e o irmão; deseja poder alcançar todos os filhos, e os pequeninos — deseja que possam compreender a grande luz branca em que entrou; que esses filhos dos filhos saibam que, quando alguém parte, há apenas a sombra dos sentidos terrenos no eclipse.

Amigo amado, foste filho dedicado,
Teu terno cuidado deixou-nos legado.
Fizeste do pai e da mãe alegria,
Ajudando-os sempre, sem que o sabiam no dia.

Irmão, teu carinho sincero e fiel
Dá a cada um lugar doce no céu.
Que provem teus gestos de amor sem medida,
E guardem contigo parcela da vida.

Filhos, conheceis o amor paternal,
Sabíeis de tudo o que vos quis dar.
E lá do alto, em presença bendita,
Seu zelo vos chega, bondoso e sem fita.

E filhos dos filhos, o avô voltará,
Da nova existência canções cantará.
Mais belas que as vozes do lar terreno,
E flores mais puras vos trará sereno.

Esposa, não chores, não vais só no chão,
Te envolve do amor a eterna canção.
Em nova harmonia, perfeita e mais alta,
Soa a bênção celeste que nunca se falta.

Amigos, não vedes que neste momento
Nasce um estado divino e sedento?
É força de amor sem mágoa nem guerra,
Só bênçãos e graças cobrindo a terra.

REMINISCÊNCIAS DE SALTBURN NA COMPANHIA DA SRA. TAPPAN.

POR O SR. E A SRA. G. R. HIN

O ano mais marcante das nossas vidas acaba de se encerrar no recatado e belo lugar de veraneio, Saltburn-by-the-Sea. No domingo à noite, 19 de julho de 1874, encontrávamo-nos ali com a nossa muito querida amiga e irmã, a Sra. Cora L. V. Tappan. Este facto quase nos trouxe a uma comunhão diária com os ilustres anfitriões de seres espirituais que a ungiram para ser a sua porta-voz, discursando a mais doce melodia ao mundo dos mortais.

Eles velaram por ela, guiando os seus poderes desde a mais tenra infância para uma obra especial e particular. Possui um organismo singularmente adaptado a exprimir (tanto em condições normais como anormais) os atributos elevados da alma que foi provada pelo fogo da aflição e deixada sem uma mancha de escória terrena a macular a sua beleza e pureza inatas. Assim, tornou-se no veículo adequado para a transmissão do mais elevado pensamento e da mais divina revelação ao mundo; e somos, em toda a verdade e justiça, impelidos a dar o nosso humilde, e talvez débil, testemunho ao mundo das mentes espirituais acerca das qualidades que reconhecemos no curto espaço de um ano de íntima comunhão familiar com essa doce e exaltada mente.

Plenamente conscientes da insuficiência da linguagem para exprimir o valor intrínseco de uma única qualidade da alma humana, mal será necessário dizer que um laço tão próximo como o de irmão e irmã, mantido plenamente por doze longos meses, pode ser considerado suficiente para revelar a cada membro de uma família os defeitos particulares de cada um do grupo. Se queres conhecer verdadeiramente uma pessoa, vive na mesma casa com ela e não permanecerás muito tempo em suspenso.

Não pretendemos adular a nossa irmã, a Sra. Tappan, pois isso retiraria da sua beleza de caráter e seria tão odioso para ela quanto o é para nós; o que queremos é simplesmente dar a conhecer as qualidades de mente e espírito que as nossas frágeis forças reconheceram encarnadas na sua personalidade. Conceberias alguém dotado de tamanha generosidade que partilharia o seu último xelim, ou o equivalente, com os que a rodeiam, ainda que ela própria dele necessitasse mais do que eles? Tal é a influência da sua benevolência.

Se, por vezes, acha absolutamente necessário assumir uma dignidade aparente de caráter, é apenas para manter afastada certa classe de mortais que, tal como o nosso pequeno grupo de crianças, estão sempre de boca aberta, prontos a consumir cada átomo de vitalidade que o progenitor possa dar, sem qualquer retorno adequado – levando até a exclamar:

"Ireis matá-la com tanta bondade; deixai-a repousar um pouco para recuperar forças antes de novamente apresentardes as vossas exigências." Muitas vezes a vimos sofrer tormentos não expressos antes do que permitir que uma nuvem toldasse os rostos de visitantes ou amigos presentes cuja capacidade de receber era maior do que a dela para dar. É esta a causa que exige imperativamente para ela muito retiro na vida privada, retiro esse que nunca deve ser invadido, salvo quando se sabe ser do seu agrado ou em resposta a um convite seu.

Isto é exigido pela importância da obra pública que lhe foi confiada e à qual tudo subordina. De facto, uma obediência mais amorosa e perfeita ao querer e vontade dos seus ilustres guias espirituais dificilmente terá sido alcançada por qualquer outro médium mortal, pois a relação que mantém é, aparentemente (e creio que na realidade), semelhante, ainda que em sentido mais elevado, à da criança plenamente convencida da sabedoria e bondade dos pais para a guiar infalivelmente para aquilo que é melhor e mais conducente ao seu bem-estar presente e futuro. E isto brota de uma perceção intuitiva do estado mais completo e perfeito e da sabedoria possuída por aqueles que guiam o seu destino.

Tão perto ela se aproxima da nossa conceção do que a mulher perfeita deve ser, que parece não restar nada mais a desejar do que o que já possui. Em tudo é eminentemente espiritual, vivendo, como necessariamente tem de ser, em condição tão próxima do mundo dos anjos, que os seus fulgurantes habitantes podem usar a sua estrutura corporal e mental como se fosse, no momento, a sua própria.

E ela está sempre disposta a que assim seja, quando tal é desejo deles. A pureza de pensamento e de ação está estampada em cada expressão da sua vida diária; tão

profundamente estamos penetrados disto, que, de todos os mortais sobre a terra, ela ocupa o lugar mais elevado no mais íntimo santuário dos nossos corações – um santuário onde pensamos que só os dignos podem encontrar lugar permanente.

O precioso elo dourado que sempre nos une a ela, sendo totalmente espiritual, excede em força qualquer outro que possa existir; e há muitos outros elos dourados forjados pelo espírito do amor, unindo a nossa querida irmã a muitos outros, que ficarão tão felizes em ler estas humildes confidências como nós em redigi-las. Entre eles estão os que, passo a passo, com o olhar dos seus espíritos, seguiram a carreira maravilhosa – diríamos prodigiosa – desta médium de disposição tão doce e ricamente dotada, enquanto trabalhava incessantemente entre os espiritualistas e outros deste país.

Nós, que temos acompanhado o curso dos acontecimentos no reino da mente e do espírito, estamos bem cientes de que com o advento desta ilustre médium entre nós surgiu uma grande onda espiritual que não podia deixar de afetar palpavelmente todas as mentes mais ou menos afinadas com as harmonias da vida espiritual.

Poderes e influências opositores houve (e necessariamente teria de haver) para ilustrar a força da intolerância, da inveja e da multidão de outras fases da escuridão espiritual; mas tal foi a grandeza da luz que surgiu e das revelações que foram feitas, que todos recuaram, contentes, por assim dizer, em esconder as suas diminuídas cabeças e retirar-se para a obscuridade nativa, enquanto a luz continua a brilhar – uma luz que será farol para muitas almas, dado que ocupa posição eminente e servirá aí ao propósito para que brilha.

Aqueles cujas almas estão próximas da maturidade não deixarão de a reconhecer e de contemplar a sua imensa importância; e, quanto aos demais, os séculos vindouros trarão consigo a capacidade de reconhecimento, que, quando chegar, será a expressão do amadurecimento dos seus poderes espirituais na terra ou na vida do espírito.

As expressões mais elevadas da verdade nada podem importar a mentes incapazes de as perceber; por isso, o argumento nada aproveita para convencer uma mente de que tal ou tal é verdadeiro. Que todas as mentes tenham livre curso para exprimir a verdade tal como lhes surge, e que não sejam feridas deliberadamente por o fazerem, só porque difere da conceção de outros quanto ao que seja a verdade. Observámos uma linha de conduta muito louvável na atuação do nosso irmão Burns, evidente para todos, ao, mesmo negando sem hesitação qualquer adesão à doutrina da reencarnação, ter, no cumprimento da sua imparcial posição como editor de um jornal espiritualista público, dado ao mundo um ciclo de conferências que claramente a expõem e ensinam.

Por isso terá sempre os nossos melhores agradecimentos, e os de todos os que, por intuição, conseguem perceber nessa verdade a chave para desvendar os muitos mistérios da existência mortal, inexplicáveis por qualquer outra filosofia. Muito há ainda a iluminar sobre o tema, mas a sua verdade central não pode atingir a alma pelos métodos da razão, do argumento ou da demonstração científica, pois estes são apenas expressões externas de algo interior.

A verdade tem de chegar primeiro ao mais íntimo e então exprimir-se exteriormente; e, quando o puder fazer, graças à remoção de todos os obstáculos externos, falará sem incerteza, embora nem todos compreendam o seu significado. Creio, contudo, que a livre expressão de opinião deve ser convidada e acolhida quando está em causa uma verdade importante, embora nada se ganhe com a contenda entre partes em debate. Deve ser desencorajada a contenda, mas não a livre expressão.

Mas afastei-me do meu assunto. Na noite de 19 de julho de 1874, um grupo agradável de cerca de trinta pessoas, a sugestão de "Quins" (um dos guias da Sra. Tappan), reuniu-se num recanto escondido entre a densa folhagem dos bosques de Saltburn, tão selvagens que poderiam ser chamados floresta. Esse lugar foi alcançado por veredas sinuosas através do matagal e tinha sido cuidadosamente escolhido pelos amigos residentes nas proximidades, bem familiarizados com o local. Era uma tarde belíssima, e um recanto delicioso, situado bem acima de um desfiladeiro profundo que se abria para o interior a partir da costa. De ambos os lados desse desfiladeiro erguiam-se encostas íngremes e elevadas, salpicadas pelas árvores gigantes dessa floresta bravia.

Por um trilho íngreme e serpenteante entrámos numa clareira natural coberta de relva e silvados. A natureza em redor estava silenciosa, salvo o chilreio de uma ave ou a música suave do regato próximo, dançando no seu leito até ao mar. O sol poente descia a ocidente, os topos das árvores ainda tingidos pelos seus raios dourados; à sombra por baixo (onde nos encontrávamos sentados em círculo) estava fresco e reconfortante. Um silêncio solene e imponente reinava em volta, a nossa querida médium ocupando um lugar aos pés de um carvalho majestoso; assim estávamos sentados, aguardando o reacender do antigo fogo do espírito, que nunca deixou de arder desde que o mundo começou.

Em melodia contida cantámos "Mão na mão com os anjos" e, ao morrerem as últimas notas, o espírito de inspiração desceu sobre a nossa irmã, a Sra. Tappan, que se levantou e proferiu uma prece arrebatadora, após a qual falou do seguinte modo: – Há um mundo de espírito em todo o vosso redor que responde às vibrações das vossas melodias de canto e de pensamento.

Há um mundo de espírito em vosso redor cujos belos processos estão ocultos à vossa visão embotada. Se pudésseis ver com o olho do espírito, contemplaríeis na estrutura íntima do tronco, ramos e folhas destas árvores em redor os canais e tubos vivos através dos quais os minúsculos glóbulos de vida, multicolores e luminosos, correm apressados para alcançar os lugares que lhes estão destinados, formando correntes de vitalidade para sustentar e edificar toda a estrutura de cada árvore da floresta.

Perceberíeis este processo a decorrer nas lâminas de relva sob os vossos pés e nos pequenos arbustos em volta. Vivendo, movendo-se, dançando em variadas cores e matizes, estão as partículas do espírito em todas as formas e estruturas que a natureza erigiu em nosso redor. Podeis contemplar de relance a veste externa e perecível da natureza, mas justamente essa parte que vos está oculta, e toda a parte

que não podeis contemplar, é o mundo do espírito, aberto e revelado ao olhar admirado daqueles que depuseram a veste da mortalidade. Deverei eu dizer-vos como este mundo do espírito, impalpável aos vossos sentidos, é edificado e de que é composto?

No decurso de todos os processos e mudanças coalescentes que as formas e substâncias materiais sofrem, há partículas lançadas fora demasiado refinadas para serem de novo captadas e utilizadas por qualquer novo crescimento ou forma da natureza. Essas partículas, erguendo-se no ar, formam uma atmosfera impalpável por cima e em redor de vós e são, pelas leis do espírito, sujeitas e obedientes ao potente poder da vontade; e quando a vontade é guiada e dirigida pelo conhecimento pode construir, a partir dessa substância, formas de beleza e grandiosidade para vós inconcebíveis.

Assim se erguem os magníficos templos e deslumbrantes cenários do mundo espiritual, sustentados pelos seus povos avançados; daí percebereis que a morada de cada espírito deve necessariamente refletir as imperfeições do seu construtor, pois todos devem contribuir para edificar os seus próprios arredores. Se o pensamento do indivíduo é puro e belo, também o serão os seus arredores, dado que a substância do mundo espiritual em qualquer local assume a conformação e aparência dos pensamentos dos seus habitantes; o inverso também é verdadeiro.

Há, todavia, uma tendência, que é universal em toda a natureza, de lançar fora tudo o que é imperfeito, retendo apenas o perfeito; por conseguinte, em obediência a esta lei, as imperfeições de todos os espíritos contraídas na vida terrena são eventualmente eliminadas ou superadas, assim como as estruturas da natureza material se moldam segundo a sua posição, sendo influenciadas pela direção dos raios solares que sobre elas incidem.

Esses raios, no entanto, não afetam de modo semelhante as estruturas do mundo espiritual, visto que as suas substâncias são demasiado refinadas e, por conseguinte, de certo modo impenetráveis aos seus feixes cortantes – sim, até mesmo impenetráveis à ação da espada faiscante, do clarão do relâmpago, ou das subtis partículas de luz que, nos processos fotográficos, registam a forma delicada do espírito materializado, e, na verdade, não são afetadas por nenhuma força material conhecida por nós. Sois todos crianças a adorar, cada um à sua maneira, no templo do vosso Pai, Deus.

Esforçai-vos por tornar perfeita essa adoração. Como a mãe que afastaria o filho da influência adversa e do meio envolvente da cidade apinhada, assim procuram os anjos indicar-vos a influência do número em culto, pois onde quer que haja multidões de adoradores, aí se encontram o orgulho, a pompa e o fausto terrenos. Quereis adorar o Grande Espírito em verdade? Então o lugar mais propício encontrar-se-á no retiro do bosque, no cimo da montanha, ou no lar isolado, na hora tranquila do crepúsculo, onde pensamento responde a pensamento, amor a amor, e vida a vida.

Após este discurso, surgiu "Ouina", a mais adorável de todos os espíritos que conhecemos, e que tem dois lados no seu caráter: o de donzela indígena, que sustenta plenamente, e alternadamente o de poetisa dotada de pensamento e propósito elevados. Agora surgiu sob a primeira forma e disse que acabava de chegar na sua canoa branca de pérola, guarnecida de murta e puxada por cisnes alvíssimos. Nessa canoa trouxera consigo várias crianças ("papooses"), algumas das quais pertenciam a amigos presentes.

Nesta altura, vários colocaram-lhe perguntas e mantiveram-na em conversa durante algum tempo, aparentemente com imensa satisfação e prazer. Depois disse que iria começar a distribuir a cada um presente uma flor, pedra preciosa ou outra dádiva que, no seu cesto espiritual, trouxera para esse fim; então foi assumindo gradualmente a sua aparência e caráter elevados e, avançando graciosamente para cada um, estendia o braço até que as pontas dos delicados dedos repousassem suavemente sobre cada cabeça; depois proferia para cada um um poema distinto, cuja linguagem expressa era típica da qualidade espiritual da pessoa a quem se dirigia.

De cerca de vinte e cinco poemas, enviamos três para ilustração, aqueles que nos foram dirigidos a nós próprios e ao nosso filho mais velho, então com cerca de oito anos de idade, e juntá-los-emos ao fim desta carta. Esta descrição retrata apenas tenuemente o que ocorreu; foi bom estar ali. Ardentes, intensas e perfeitas foram as expressões da nossa amada médium, tais como raramente, se alguma vez, experimentámos em público com ela, por mais sublimes que lá as tenhamos ouvido. Um pesar persiste: o de não termos feito jus à ocasião. Foi como entrar no vestíbulo do céu e deixa uma impressão que o tempo nunca poderá apagar.

Relatámos-vos as nossas primeiras experiências em Saltburn, com a Sra. Tappan; na próxima semana daremos um breve relato da cena final, interessante, que teve lugar ali na reunião de despedida e apresentação em honra da sua partida do seio das suas gentes e dos seus retiros rurais e costeiros.

Saltemos agora o espaço intermédio desde que visitámos Saltburn há já um ano inteiro e conduzamos a mente do leitor aos tempos da visita de despedida, que acaba de se concluir. A 11 de agosto de 1875 encontrávamo-nos todos novamente confortavelmente sentados no que nos agradava chamar o grupo familiar completo (pois sem a Cora não conseguimos conceber qualquer coisa semelhante à satisfação), na agradável sala de entrada da casa do Sr. Batomers, que pertence ao género bondoso e antiquado das mães inglesas, em cujos olhos amorosos "Ouina" sempre podia arrancar uma lágrima, pois ela, o seu amável marido e a sua feliz família estavam abençoados com plena consciência das sagradas verdades da comunhão espiritual, facto este que em muito acrescentou ao conforto e prazer que experimentámos ao tomar quartos na sua acolhedora morada.

Verificou-se que os amigos com quem nos tínhamos encontrado no ano anterior, e a quem o evangelho de boas-novas fora pregado pelos guias da Sra. Tappan, estavam famintos e pedindo pão, e como poderia "Ouina" dar-lhes uma pedra? Ela desejou que

houvesse uma reunião na primeira quinta-feira à noite, para a qual os mais necessitados seriam convidados. A querida Sra. Tappan, em conjunto com a Sra. Hinde, concordou em fazer a sua parte, a primeira fornecendo o espiritual, enquanto a segunda cuidava das necessidades materiais.

Assim, os amigos reuniram-se, perante os quais se dispôs primeiro uma boa mesa de alimento material e depois pão espiritual, cuja distribuição "Ouina" (precedida por um discurso do Sr. Ballou) aproveitou para oferecer presentes do seu cesto espiritual, pedras preciosas e flores com nomes espiritualmente significativos da qualidade de cada indivíduo. Curiosamente, todos os que haviam estado presentes em reunião semelhante no ano anterior, nos bosques, foram prontamente reconhecidos e os seus nomes espirituais chamados por "Ouina". Lá estavam Woodbine, e Balsam, e Eagle-plume, e Star, e muitos outros; no total, mais de vinte responderam aos seus nomes, sendo feitas por "Ouina" alusões intensamente espirituosas a cada um. A noite passou rapidamente, deixando a médium bastante exausta, ainda que se esforçasse por não o deixar ver, mas nós, que melhor a conhecíamos, não podíamos enganar-nos.

Muitos dias decorreram agradavelmente, ocupados em passeios pelos bosques e pelos belos e vastos jardins de recreio, onde uma excelente banda militar fazia vibrar de tempos a tempos o ar com sons de harmonia. Para variar, fazíamos um passeio pela praia prateada e, sentados nas areias mornas, ouvíamos a melodia cadenciada das ondas bravias que, ora brincando, vinham saltar para junto de nós, ora se desfaziam com fúria na costa, abrangendo todo o leque da música natural – música que parecia ter um encanto especial para a Cora.

O último domingo (o terceiro) da nossa estadia em Saltburn chegou por fim; nessa tarde, conforme combinado, consumou-se a reunião no recanto escondido. Esse lugar, durante o longo intervalo decorrido, tornara-se sagrado nas nossas memórias pelas suas associações abençoadas, pois, sem dúvida, muitos de nós não tinham até então ouvido a música cativante dos anjos nem contemplado a altitude sublime dos seus pensamentos. Mas parecia já não ser exatamente o precioso lugar que guardávamos na memória.

Um pouco da sua rusticidade natural fora invadida e havia sinais aqui e ali da mão implacável do saqueador. Faltava o sossego em redor; ouviam-se, de quando em quando, gritos de ruidosa alegria; e, após algum tempo de reunião, o nosso pequeno grupo foi invadido por intrusos, alguns mortais irrefletidos (na infância da existência terrena), que acharam divertido aproximar-se e entoar um coro de sons discordantes, sem dúvida julgando que seria o acompanhamento adequado para a nossa harmonia. Pobres alminhas!

Os anjos cobriram-nos com o manto da caridade e retiraram-se em silêncio. Mantivemo-nos calados durante algum tempo, até que o elemento perturbador se afastou, e, depois de cantarmos "Mais perto de ti, meu Deus", regressámos a casa, amparando a nossa frágil médium e oferecendo-lhe um cacho de uvas que fora cuidadosamente preparado (pois mal tinha comido nesse dia), a fim de lhe reanimar

as forças, pois é evidente para todos que a provação das conferências do último inverno a deixou muito mais próxima do mundo espiritual do que estava um ano antes, e quase incapaz de fazer aquilo que antes lhe era fácil.

Estas experiências, que englobam os serviços livremente oferecidos aos amigos em Saltburn, como seria de supor, muito estreitaram os laços da Sra. Tappan com o povo de lá, que não podia conceber deixá-la partir sem lhe oferecer algum símbolo exterior como expressão do afeto que lhe tinham. Assim, na última noite da sua estadia, a 28 de agosto, todos os que puderam comparecer reuniram-se em casa da Sra. Summers para comemorar condignamente a ocasião, oferecendo expressões da bênção duradoura que tinham recebido através dos serviços benéficos da Sra. Tappan e dos seus guias, e fazendo-lhe a oferta de um belo medalhão, fabricado expressamente para esse fim. Era feito do melhor azeviche de Whitby (extraído daquela região) e elegantemente montado em ouro. Na face estavam gravadas as letras "C. L. V. T. – Uma oferta dos seus amigos de Saltburn."

Estava previsto inserir no medalhão dois grupos de amigos em fotografia, mas o tempo era demasiado curto antes da partida. Contudo, tencionavam colocá-los no espaço de uma semana. Todos estando confortavelmente sentados na sala acolhedora, o Sr. Horne levantou-se e exprimiu em termos apropriados, e com emoção contida, o prazer que sentia, em comum com todos os que uniram corações e bolsas para erguer este condigno memorial das bênçãos e privilégios desfrutados ao usufruírem tão livremente dos serviços voluntários da Sra. Tappan e das bênçãos e doces conversas das almas mais aperfeiçoadas, cujas inspirações musicais eram sempre bem-vindas aos seus ouvidos.

Os pensamentos responsivos de cada presente, sem dúvida, estendiam-se ao vasto domínio do espírito, pois era indubitavelmente o momento da expressão de grande poder espiritual. Quem poderá questionar que são estas as reuniões que os anjos amam adornar com a sua presença? A atmosfera de amor, tão congenial à sua vida, já estava preparada para eles, e os nossos pensamentos tinham sido os mensageiros de asas brancas a levar, longe e largo, os nossos convites para a sua presença no nosso seio.

A Sra. Tappan, em poucas frases entrecortadas (recebendo o dom de amor das mãos do Sr. Horne, em nome de todos), tentou em vão responder, quando foi salva do embaraço por alguém que iniciou (e todos se juntaram) o canto "Mão na mão com os anjos, caminhemos sempre." No fim, foi proferido um discurso adequado, que descreveu o que seria a expressão do pedaço de azeviche, se tivesse língua e voz para relatar a história da sua vida, começando no tempo em que primeiro foi nutrido no tronco gigantesco do pinheiro colonial, muito longe no passado remoto, quando o crescimento denso e rápido da vegetação denotava o grande calor do período da Terra que a ciência designa "carbonífero."

Expelida dessas árvores imensas (iguais às quais, no seu tamanho e crescimento, mal se encontram hoje em qualquer parte da Terra), a seiva primordial escorrera,

enquanto crescimento após crescimento o cobria e comprimira até ao solo, e sob a forma de azeviche vinha agora a ser extraído pela atividade incansável do homem para contar a sua história do passado distante. No futuro, porém, esta peça de azeviche serviria para transmitir outra e muito mais importante mensagem, porque era do espírito; impregnada, como fora, do pensamento daqueles que a ofereceram, lembraria sempre um acontecimento consagrado ao ofício do amor, cuja influência era sempre fortalecedora e elevadora, conduzindo cada destinatário suavemente para as harmonias do futuro.

Após o encerramento deste discurso, foi dado por "Ouina" o poema "Palavras de Despedida", e depois seguiu-se uma breve conversa, dispersando-se o grupo, todos aparentemente muito satisfeitos com a mais agradável das noites passadas.

G. R. Hinde.
Hannah Hinde

CRISTIANISMO NA AMÉRICA

UMA CONFERÊNCIA PROFERIDA POR OORA L. V. HATCH,

no Dodworth's Hall, Nova Iorque.

Teremos o prazer, nesta ocasião, de vos dizer algo sobre vós próprios; e, se formos severos, perdoai-nos. É com bondade que o fazemos. Já vos conduzimos, tanto quanto possível em discursos anteriores, através dos vários departamentos da religião no passado, e comparámo-los com o presente na sua aplicação, até ao período da Igreja Romana e a sua atual condição. Não pretendemos hoje dar-vos uma história da religião protestante nos seus departamentos eclesiásticos ou políticos.

Esses são familiares a qualquer leitor de história moderna e mesmo a qualquer mente no vosso próprio país. As grandes estrelas do passado que brilham na galáxia da reforma são-vos conhecidas como palavras do quotidiano. Calvino e Lutero, os grandes instituidores das formas atuais da religião protestante, são-vos tão familiares como os vossos próprios nomes, e ocupam lugar elevado na grande constelação de estrelas religiosas. O que temos de tratar é da religião cristã em si, tal como aplicada e ensinada na fé protestante — não de qualquer forma particular de credo ou seita, mas dos seus méritos absolutos e intrínsecos.

Já vos falámos da origem da Bíblia cristã, especialmente do Novo Testamento; das várias aplicações, interpolações e interpretações através das quais passou até atingir a sua presente condição. Ainda vos temos de dizer que, nas formas da religião protestante, é suscetível de quase qualquer interpretação; e que o padrão do cristianismo atual não é a Bíblia, mas a humanidade; que a Bíblia era exatamente o que é agora nos dias da Igreja Romana, no auge da sua prosperidade; que o Novo Testamento era exatamente o que é agora quando o Papa reinava sobre toda a

cristandade, e os trovões do Vaticano faziam ouvir as suas vozes, e os terrores da Inquisição imperavam.

O que, então, constitui a mudança? Revolução política? Dir-se-á que de modo algum; pois, ainda que as revoluções políticas tenham dado origem à condição presente de republicanismo e liberdade que gozais, a religião da vossa nação é absolutamente o produto da humanidade, e cada um dos seus departamentos distintivos é o desdobramento de uma qualidade distinta da mente. O seu atual elevado padrão de administração, a sua adaptação presente às necessidades e exigências sociais, a sua subserviência atual aos altos fins do governo nacional, tudo se encontra ajustado à continuidade e compreensão da própria mente.

É, estritamente, uma aplicação intelectual; é, estritamente, algo que implanta a religião com a administração, sem a tornar tirânica. É algo que faz da alma uma realidade da vida quotidiana; da religião, algo a usar como um vestuário de todos os dias; da Bíblia, um manual de vida, pelo qual cada homem deve controlar e guiar os seus apetites. Este é o padrão do vosso atual governo nacional e religião.

O padrão do vosso governo é reconhecidamente republicano. A sua alta conceção é justiça e liberdade para todos. Os elementos fundamentais da sua constituição são a equidade universal e a liberdade. A sua religião é a liberdade no culto. Não apenas adorar pela religião cristã, mas adorar segundo os ditames da própria consciência, é um dos princípios fundamentais da vossa constituição. O que se segue? Que cada homem, esteja ou não acostumado ao controlo despótico, escolhe para a sua religião o mais elevado padrão que a sua mente pode conceber.

A religião predominante na América é a religião cristã protestante. Porquê? Porque dá a cada homem não só o controlo dos seus pensamentos e sentimentos, mas também da sua pessoa, das formas do culto pessoal. Ele pode pensar a sua religião, ou falar a sua religião, ou não a sua religião, e pode arranjar alguém que a pense por ele, a profira por ele ou a pratique por ele. Ele tem liberdade ilimitada quanto aos seus pensamentos religiosos.

Pode aplicá-los à sua vida, e pode torná-los subservientes aos mais rigorosos requisitos da religião conservadora; ou pode adaptá-los aos fins mais baixos da vida. Em outras palavras, a condição da nacionalidade é tal, quanto à aplicação religiosa, que cada homem e cada mulher pode ter uma religião, uma igreja, um santuário, um sacerdote, um altar, um templo, na sua própria alma. E isto é justo. Diremos porquê.

Enquanto ninguém interferir, na religião, com os estritos requisitos da justiça governamental, enquanto a religião de ninguém interferir com as necessidades absolutas da organização social, enquanto nenhuma exigência religiosa usurpar os direitos das exigências religiosas de outrem — os homens são livres e têm a liberdade de adorar. Quando assim não é, deixa de ser justo — deixa de ser religião.

Quais são os princípios fundamentais da religião protestante tal como aplicada praticamente à vida? Com isto não queremos dizer os dogmas da fé protestante, não

queremos dizer se Deus é uno ou trino, não queremos dizer se existe um fogo eterno de perdição em que os homens hão de ser queimados, não queremos dizer se há um céu literal ou um inferno literal; mas: como afeta a forma atual da religião o departamento prático da vida? Diremos.

Primeiro, a parte conservadora dos protestantes acredita na salvação e imortalidade por meio de Jesus Cristo, o Redentor; expiação vicária pelos pecados de Adão e Eva, e consequentemente pelos pecados de toda a família humana através da crucifixão; e no cumprimento dos deveres religiosos em conformidade com estes princípios fundamentais aplicados à vida quotidiana.

Perguntemos, por um momento, de que modo afeta isto a aplicação moral da religião que tem como princípio fundamental, primeiro, o amor de um Pai infinito, sapientíssimo, omnipresente; segundo, o pecado como consequência da queda ou da violação de Adão e Eva; e, terceiro, o Filho unigénito do Pai, enviado por este à humanidade para a salvar dos seus pecados por meio da entrega na cruz? Mas a expiação vicária — que retira ao homem a responsabilidade dos seus próprios atos e a coloca sobre os ombros de uma pessoa inocente — não importa o que um homem faça, tenha feito ou venha a ser, se no fim reconhecer ou professar acreditar na expiação vicária como perfeição de Jesus de Nazaré, na sua divindade e no seu poder para salvar — isso fá-lo-á herdeiro da vida imortal.

Esta é a teologia da religião cristã atual. Vejamos se a aplicação, moralmente, está de acordo com ela. Primeiro, todos os homens, apesar das suas profissões ou crenças, pensam que Deus, seja quem e o que for, qualquer que seja a sua forma, onde quer que habite, é infinito, sapientíssimo, omnipresente, cheio de amor; segundo, que se Adão e Eva de facto caíram, e se o pecado entrou no mundo em consequência disso, Deus Pai nunca exigiria vingar a sua própria ira por meio de um sacrifício que só poderia ser feito a si mesmo; terceiro, que mesmo que toda a virtude exista na expiação vicária que a nossa teologia lhe atribui, cada homem continua responsável pelos seus próprios atos, e cada homem deve ainda trabalhar pela sua própria salvação.

Embora possa pertencer à igreja, embora possa ser membro em pleno gozo de direitos, embora possa ser um cidadão respeitável, um bom membro da sociedade, não é cristão a menos que aplique à vida quotidiana os elementos fundamentais da religião cristã, e a menos que procure, através de arrependimento absoluto — e reforma — salvar-se das consequências dos seus atos anteriores.

Apesar de todas as profissões de fé na expiação vicária, apesar do grande poder que lhe é atribuído, apesar de ser um dos ofícios divinos na grande economia da salvação, cada homem, ao aplicar a religião cristã a si mesmo, faz dela não uma expiação de Cristo, não o sofrimento de Cristo pelo homem, não o sangue de Cristo derramado na cruz, mas sim o *eu* a seguir o exemplo de Jesus. Não existe tal coisa como conceber a salvação através de outro.

Não existe tal coisa como conceber a imortalidade através de outro. Não existe tal coisa como um homem sofrer pelo pecado cometido por outro, apagando assim esse pecado. Não existe tal coisa. Todos vós o sabeis; e o vosso governo está fundado sobre esse princípio, e a justiça da sua fundação provará que estamos corretos. Portanto, o princípio prático do cristianismo é este: cada homem deve trabalhar pela sua própria salvação — não como os egípcios fizeram, ajoelhando-se perante madeira e pedra, fazendo ídolos de coisas rastejantes; não como os medos e persas; não como a Igreja Romana; mas como a Igreja Cristã, em que cada homem é responsável perante Deus e a sua própria consciência por tudo o que faz.

Pois, se acreditásseis na expiação vicária, como professais acreditar, não haveria necessidade de procurar tornar-se melhor; não haveria necessidade de se unir à igreja; não haveria necessidade de conformar-se com todos os requisitos da vida social e civil. Tudo resultaria na sua própria salvação. Mas cada homem sente a necessidade não só de procurar tornar-se melhor para si, mas também de praticar um ato bondoso para o maior número de pessoas que possa.

Não pretendemos com isto adulação individual. Limitamo-nos a falar do resultado necessário das condições que vos rodeiam. A isto existem muitas exceções, e essas exceções parecem por vezes formar a regra, sobretudo nos assuntos sociais do vosso próprio país. Mas, à parte disso, quando comparamos o resultado geral da vossa religião, que não é fixa nem positiva, que não tem como padrão uma lei governamental, que não é imposta, mas que resulta positivamente da conceção pessoal do que é certo, então vemos quão vastamente superior é o padrão moral da vossa nação ao de qualquer outra.

Tem sido costume, e nós próprios não estivemos isentos desse erro, quando procurámos ilustrar ou tornar mais claros para vós os defeitos sob os quais trabalhais — tem sido costume os americanos denunciarem o seu próprio país, o seu próprio povo, a sua própria sociedade. Qualquer orador que deseje causar sensação junto das massas denuncia a corrupção desta ou daquela instituição social, desta ou daquela instituição política, desta ou daquela administração, desta ou daquela igreja, ministro, governante ou sociedade.

Isso está errado. O vosso governo é o melhor governo do mundo; a vossa administração a melhor administração; o vosso padrão social o melhor padrão; o vosso padrão moral o mais elevado; e os vossos defeitos sociais os mais poucos, e as vossas virtudes as maiores virtudes. Isto é verdade.

Se pensardes nisso imparcialmente, sem julgar a nação por uns poucos homens que, por desejo de engrandecimento, procuram cargos e depois prostituem as coisas mais altas para os fins mais baixos — se excetuardes esses poucos, que são excrescências na bela superfície do vosso governo nacional, verificareis que tendes o mais elevado, o mais verdadeiro e o mais perfeito padrão em cada departamento da vida que o mundo jamais conheceu, e haveis, necessariamente, de ver, pelo progresso governamental e político, ver, pelo desenvolvimento absoluto das condições morais

que vos rodeiam, que não só usufruístes dos benefícios de uma educação e experiência passadas, mas concentrastes na vossa nação todas as virtudes de todas as outras. Pois, quando um povo se cansa do seu próprio governo, quando um homem abandona o seu próprio país e vem para o vosso em busca de proteção, podeis estar certos de que, salvo se for um criminoso fugido à justiça, ele concebe o vosso padrão nacional como mais elevado.

Ele traz consigo, não a tirania de que escapou, mas uma conceção mais elevada da liberdade do que alguma vez existiu lá. Ele traz, não os defeitos da sua administração nacional, mas todas as suas virtudes; não os erros da sua, mas uma alta conceção da vossa. Ele traz, em outras palavras, para o vosso país, uma gema adicional de luz para coroar a fronte da Liberdade.

É costume que as velhas nações monárquicas falem e olhem para a América como estando ainda na sua infância. É verdade, está. E, no entanto, o seu governo é o mais perfeito; nem a Inglaterra, com todo o seu orgulho de aristocracia, renome e justiça; nem a França, com toda a sua ambição e fama proclamadas; nem a Itália, com todas as suas revoluções e experiências republicanas; nem qualquer país monárquico da Europa, pode vangloriar-se de um padrão tão perfeito. Qual tem sido a história das Repúblicas do passado, especialmente das que estiveram sob administração cristã? Um fracasso. O vosso próprio país, até agora, é o único bem-sucedido. O que virá a ser, cabe ao futuro revelar e ao olhar da profecia determinar.

Já lançámos um breve olhar sobre a administração política ou o efeito moral do Cristianismo sobre o governo político. Aplicá-lo-emos agora à vossa vida social. Raramente passa um dia em que a vossa imprensa laica, os vossos telégrafos e as vossas várias formas de comunicação de notícias não transmitam a este grande centro de todo o crime e de toda a virtude na história um horrível quadro de criminalidade. Raramente passa um dia em que os vossos jornais não estejam repletos de longos catálogos de violações das vossas leis sociais, morais e políticas.

Raramente passa um dia em que não seja descoberto algum defraudador, algum traidor à pátria ou ao seu cargo, algum traidor ao seu lar ou à sua família, algum traidor a si próprio — não seja registado na história do crime. E não apenas um, mas dezenas, centenas e milhares, anualmente. As vossas penitenciárias estão quase cheias de criminosos, as vossas cadeias sobrelotadas; a forca é frequentemente chamada a intervir para executar a lei da justiça sobre aqueles que violaram as suas exigências.

E, contudo, com todo este quadro sombrio, que mancha a vossa perfeição social e o êxito da vossa administração, o vosso continua a ser o maior país. Existe a maior virtude pública e privada. É um grande elogio a outras nações dizê-lo, mas, ainda assim, é verdade. Há mais homens e mulheres bons, mais pessoas com uma elevada conceção do que é bondade e virtude, e mais que as praticam, do que em qualquer outra nação, mesmo em proporção ao número de habitantes. E, no entanto, dizeis que toda a vossa cidade está repleta de crime e poluição. Todos os dias surgem revelações

chocantes de degradação, de homicídio, de toda a espécie de crimes; revelações chocantes de todas as partes, de assassínios e de todas as demais violações da lei social e política.

E, ainda assim, a vossa administração é justa. Antigamente cometiam-se crimes e eram declarados sagrados, e cometiam-se assassínios em massa na Igreja e no Estado, e eram declarados justos. Reis e monarcas podiam matar em privado milhares dos seus súbditos, e isso seria sancionado pela Igreja. Reinavam os terrores da Inquisição e, com o seu poder secreto, podiam assassinar impunemente todos os que não se conformassem com a sua justiça real ou imaginária.

Mas agora um crime não pode ocorrer, um homem não pode violar a mais pequena condição da lei social, moral ou política, sem que venha à luz; é anunciado ao mundo, julgado pelo povo e o culpado condenado. Estais mais familiarizados com o crime do que outrora. Sabeis e compreendeis mais. Quando existe, não há Inquisição secreta, não há trono no topo da vossa nação onde os assassínios se pratiquem em massa. Não há guerra, nem peste, nem fome. Os defeitos da natureza humana precisam de ter uma forma de se manifestar. Por isso os percebeis mais. Mas, moralmente, como dissemos antes, não existe povo sobre a face da terra onde haja um padrão tão elevado de excelência, onde cada homem, no grande tecido social, sinta que ajuda a compor o todo; onde todos sejam reis entre reis, e cada homem seja igual ao seu irmão; onde o mais baixo possa tornar-se o mais alto, e o mais alto, por sua vez, possa tornar-se o mais baixo; onde cada departamento da vida esteja tão interligado que não haja distinção entre eles, nem aristocracia, nem classes inferiores, mas todos sejam igualmente livres e iguais.

Todos são homens e mulheres, todos têm um fim ou objetivo a realizar, todos podem sentar-se à cabeça da vossa administração governamental, e aqueles cuja ambição é maior podem estar abaixo dos mais baixos. É por isso que percebeis mais os efeitos do crime; é por isso que cada pequeno crime, ou o que se entende como violação da moralidade na instrução da vossa religião cristã atual, é considerado hediondo no extremo.

Coisas que os vossos antepassados teriam chamado justas, ou considerado virtuosas, e sobre as quais teriam sorrido, hoje são escarnecidas e condenadas. Não o dizemos para vos tornar egotistas, nem para adular ou lisonjear a vossa sensibilidade. Limitamo-nos a afirmá-lo por ser verdade, e por justiça para convosco e para a conceção em que sois habitualmente tidos. Tudo isto é resultado, como já dissemos, de uma conceção verdadeira e aplicação dos princípios morais incorporados no Cristianismo. Pois, apesar das contendas que existem acerca da religião — apesar da variedade de seitas, credos e administrações existentes — todos são unânimes nos grandes princípios gerais da religião cristã, todos são unânimes em denunciar os crimes nas suas várias formas, e em proclamar a todos herdeiros da salvação, desde que sigam a regra direta do padrão cristão.

E até os mais conservadores e ortodoxos são unânimes em dizer que, se um homem viver uma vida boa, verdadeira e íntegra, ainda que reconhecidamente incrédulo, é melhor do que um falso cristão rastejante, hipócrita. Toda a gente o vê. Portanto, o padrão de moralidade não está apenas dentro, mas também fora do chamado círculo da igreja. O espírito cristão está infundido não só entre os que pertencem, mas também entre os que não pertencem à igreja.

O mais alto padrão de obrigação cristã encontra-se naquela classe de crentes que fazem do Cristianismo um assunto quotidiano, algo a ser lido, pensado e falado no altar da família, nos negócios, no escritório, na casa de café. Onde quer que estejam, o verdadeiro padrão de Cristianismo tem de estar lá, ou não são membros da sociedade, ou verdadeiros cristãos, ou não sentem que têm verdadeira posição na civilização cristã.

A civilização, ou esclarecimento, trouxe consigo, entre outras coisas, muitos vícios do passado — virtudes num estado ampliado e iluminado, e o vício em condição diluída. E, ainda assim, apesar disso, a superfície do vosso governo social ou da vossa condição social parece viscosa e sombria. Parece haver nela alguma substância escura flutuante, que lhe dá o aspeto de que todo o vasto corpo está contaminado. Mas toda essa superfície e toda essa viscosidade não procedem de baixo, mas de fora. Retirai-a, afastai-a, e por meio de uma corrente verdadeira de pensamento e sentimento profundos deixai correr o caudal saudável da vida ativa — deixai que toda a nação se excite em torno de um tema, e todo o sentimento nacional será o mesmo.

Nunca surgiu uma questão sobre a qual toda a nação tenha sido chamada a pronunciar juízo sem que não houvesse uma voz unânime; nunca houve uma questão política que envolvesse algum bem moral ou social elevado para a nação sem que toda a nação fosse unânime; nunca houve um crime sobre o qual toda a nação tenha sido chamada a pronunciar sentença sem que um só sentimento tenha sido expresso; e, assim como uma maré que varre todas as excrescências flutuantes, todas as pestilências morais que parecem subir à superfície como representantes da condição nacional, a saúde moral e social são afastadas, lavadas, reduzidas a insignificância; e a grande maré do sentimento moral percorre o vosso país, espalhando em toda a parte o seu brilho, a sua beleza e a sua influência saudável.

Como as águas do Nilo, que, quando a cheia não vem e a chuva não as aumenta, parecem inúteis e todo o país fica desolado e faminto; mas quando, enfim, sobe, quando a chuva desce e as águas se espalham pela superfície, enriquecendo o solo e depositando nele as propriedades vitais que contêm, então a verdura brota, as folhas crescem e as flores desabrocham. Assim é com a vossa maré nacional. É um rio profundo, que flui silenciosamente pelo vosso país, e a superfície é deixada entregue a si própria, e as margens vizinhas deixadas a si mesmas; mas, quando chegam as cheias, quando descem as chuvas da primavera, quando o solo precisa de ser enriquecido, quando é necessário um novo ímpeto para a administração social ou nacional, então a corrente cresce, o rio profundo torna-se mais largo e ainda mais profundo, e as suas águas cobrem toda a superfície do país.

Lembrai-vos de que o vosso povo nem sempre está ativo nas suas sensibilidades sociais e morais. A rotina comum da vida diária — negócios, ganhar dinheiro e gastá-lo — absorve-lhes a mente. O comércio é a grande roda do mecanismo da vossa condição social; mas quando as forças morais são chamadas à atividade, quando se exige um grande movimento social, quando se exige uma conceção elevada do que são a bondade e a virtude, esse sentimento da nação desperta, e é muito mais perfeito e uma maré moral mais profunda do que a de todas as outras nações juntas.

Há mais poder no espírito da moralidade americana, e mais coragem moral no vosso governo nacional quando este é chamado a intervir numa questão de valor moral, do que em qualquer outro país do mundo. Toda a moralidade das outras nações está representada por um homem, ou por um corpo de homens; mas aqui cada homem é governante, cada homem representa o padrão moral do povo, e cada homem é chamado a julgar o que é certo e o que é errado. Cada homem deve pronunciar-se sobre as faltas do seu próximo, cada homem é atingido pela prática de qualquer crime. Cada homem — não só aquele que sofre uma perda pelo roubo, mas toda a sociedade é roubada quando a propriedade de alguém é violada e os furtos cometidos. Se um homem é assassinado, é amigo de todos. Se um lar é violado, é o lar de todos.

Assim apresentámos a condição moral e social da vossa administração. Falaremos agora exclusivamente da religião individual. O exterior do quadro não é tão luminoso como o que vos apresentámos. Falámos do sentimento nacional em geral, e da grande maré das virtudes morais e sociais, e do verdadeiro alto padrão do vosso governo, e da aplicação pública dos princípios morais. Vamos agora à vida privada e falamos convosco, a cada um de vós. A condição da vossa vida social e pública é tal que cada homem deve ser hipócrita até certo ponto. Mostraremos como. Ele deve ser respeitável para ser considerado respeitável; deve pertencer à Igreja Cristã — a Igreja Episcopal Protestante é considerada a mais respeitável pela aristocracia do vosso país republicano.

Portanto, todo aquele que quer ser tido entre a aristocracia deve pertencer à Igreja Episcopal, deve incorporar todas as suas formas e cerimónias — o que é muito fácil de fazer, pois não exige princípio ativo de verdade e moralidade, mas simplesmente conformar-se com todas as cerimónias da igreja — o que é uma pequena melhoria em relação à Igreja Católica Romana. Deve professar acreditar em tais e tais doutrinas, quer as compreenda quer não. Deve pagar ao ministro para pensar por ele. Então está tudo bem. Pode enganar e mentir, se o fizer de modo distinto e respeitável. Pode ser corretor ou comerciante, pode ocupar qualquer posição na vida pública que queira — traidor, velhaco, vilão — se o for de modo distinto, isso é tudo o que se requer.

Não queremos dizer que todos sejam assim, que isto represente a grande massa do povo, mas queremos dizer que, do grande número que pertence a essa igreja, e da grande massa de respeitabilidade que ela representa, talvez exista uma grande dose de corrupção; e queremos dizer que vós, e vós, e qualquer um que pertença a essa

igreja e professe ser cristão, sentis a liberdade, em todos os dias exceto ao domingo, de cometer toda a espécie de degradações, desde que não sejais apanhados.

E também queremos dizer que, para além da grande integridade moral que é característica da vossa nação em indivíduos privados e em membros de igreja, que representam e incorporam os grandes princípios da religião cristã, à parte desses, os membros de igreja, ao domingo, envergam os seus melhores trajes e a sua face dominical, e tomam esta Bíblia nas mãos, e o livro de orações, e vão à igreja e sentam-se no banco, e escutam o ministro enquanto este fala e lê os ensinamentos inspirados e a vida de Jesus, a sua condenação do crime, o seu desprezo pelos que pecam voluntariamente; e, na segunda-feira, enganam os vizinhos, roubam a viúva e o órfão; cometem crimes onde quer que possam, sem serem detetados pelo governo.

Queremos dizer que, mesmo enquanto o ministro ora por eles, e bendiz a Deus por prosperar a nossa igreja, e lhe pede especialmente que abençoe o nosso povo e a nossa congregação, os seus pensamentos não estão com Jesus de Nazaré, o manso e humilde; não estão com a caridade que Paulo defende, não estão com a denúncia do crime e da maldade que Cristo ensinou; mas sim em como consumar um bom negócio no dia seguinte.

Que resulta, então? Que todos os dias esses acontecimentos de crime, publicados e anunciados de uma ponta à outra do país, se repetem; que todos os dias se descobre algum homem que não é aquilo que professa ser; que todos os dias alguns hipócritas são desmascarados — que, ainda que fossem hipócritas antes, apenas agora foram expostos; que, ainda que antes já tivessem cometido violações das leis sociais e políticas, apenas agora deram um passo de mais, e o seu verdadeiro caráter se tornou conhecido.

Tudo isto existe entre vós, e essas classes de homens vivem no presente, constituindo uma característica da vossa condição social e moral — não a maioria, não as massas do público pensante e atuante, mas algo que, como uma pestilência, paira sobre a vossa integridade moral e arrasta toda a nação para baixo. Demagogos políticos, traidores no comércio, monopolizadores das ações públicas — são estes os homens de que falamos — corretores, especuladores. São estes que estão a corroer as entranhas da vossa administração americana, são estes que causam as grandes crises comerciais que ocorrem; são estes que promovem reavivamentos cristãos para levar os homens a rezar pelas coisas que deles roubaram; são estes que entram para a igreja e procuram atrair aplausos e atenção com religião e reavivamentos religiosos, para poderem roubar ainda mais a prosperidade e a riqueza de outros.

Nunca conhecestes uma grande crise comercial que não fosse imediatamente seguida de um reavivamento religioso, em que todos esses ladrões respeitáveis que pertencem à igreja logo se põem a trabalhar para impressionar na mente do povo a necessidade de invocar Deus pelas coisas que perderam. Apropriam-se, por meio de especulação, de todos os meios e ações disponíveis do país, e depois toda a gente fracassa.

A fonte seguinte de consolação é a religião; e dizem que Deus enviou isto para chamar a atenção deles para a religião, enquanto os especuladores, mercadores de ações e corretores exultam com o triunfo que alcançaram. É costume os homens cristãos entrarem nos negócios com grande crédito e muito pouco dinheiro, e, quando reuniram em confiança todos os meios que podem comodamente reunir, sem serem apanhados, falem. Qualquer um que tenha sido vítima das suas especulações deve sofrer.

Banqueiros que retiram da viúva as suas pequenas economias, e do órfão o seu óbolo, tudo o que possui, e do pobre o suor e o fruto do seu trabalho de mãos e mente, e do honesto comerciante com meios o resultado do seu esforço mental árduo; esses banqueiros falem, e nas suas casas luxuosas, e no seu esplêndido aparato, e no seu aspeto respeitável, e nos seus bancos acolchoados, e nos seus salões acarpetados, representam o cristianismo do vosso país. Queremos dizer o cristianismo respeitável; queremos dizer esse cristianismo que pertence à superfície da sociedade, que constrói edifícios caros com dedos apontando, em mofa silenciosa, para o céu, que paga altos salários, que circula em esplêndidas carruagens, que habita palácios erguidos sobre o sangue do coração, as lágrimas e os sofrimentos das grandes massas do mundo. Esta não é a condição da vossa administração.

Não é parte do vosso governo, não é parte dos grandes padrões morais do vosso país, não é parte da virtude nacional; mas é parte dessa natureza humana que pertence, em maior ou menor grau, a cada homem, que foi transmitida desde as idades sombrias, que faz com que um homem triunfe com a queda de outro, que constrói a prosperidade de um sobre a ruína de outro, que fez com que uma nação sempre prosperasse quando outra declinava, um monarca subisse ao trono quando outro morria, um palácio e uma coroa e um trono existissem enquanto outro se desmoronava.

Essa paixão pela tirania, ou usurpação de poder para si mesmo, existe nas mentes individuais. É o erro individual, a maldade individual, a falta de moralidade individual, que compõe esta grande condição da sociedade. Não é uma necessidade do vosso governo, não é um padrão da vossa moralidade, não é sequer uma necessidade da religião eclesiástica existente; mas pertence estritamente e inteiramente ao domínio da especulação individual, do ganhar dinheiro, do engrandecimento pessoal.

Se sois um homem honesto, esperamos ver-vos assim; se sois um homem verdadeiro para convosco, para com as vossas profissões, para com o vosso padrão, se sois tão perfeito quanto a vossa condição e as vossas profissões permitem, percebeis a verdade do que dizemos. Se sois um hipócrita, direis que não é verdade. Se sois um corretor, direis que é severo. Se sois um demagogo político, direis que é falso. Se sois um velhaco rasteiro e cobarde, que obtém riqueza do sofrimento, do labor e do trabalho dos pobres, direis então que não é cristão.

Se sois um respeitável membro de igreja, e sois reconhecido como tal, mas em segredo incorporais todos os vícios de que os maus homens são capazes, então

denunciareis isto e direis que não é respeitável. Mas se sois um homem honesto, honesto tanto no vício como na virtude, honesto tanto na degradação como na bondade, direis que é verdade. Se um homem é velhaco, se as condições da sua vida o levaram ao desespero, se é ladrão ou assassino ou salteador, e o faz abertamente, respeitamo-lo mais do que ao homem que, professando ser bom, mata, gota a gota, dia após dia, os corações, as vidas e as ambições daqueles que estão no seu poder. Respeitamos mais o salteador de estrada que vive de roubo e pilhagem do que o corretor ou comerciante respeitável que rouba à sociedade tudo quanto pode.

Respeitamos mais o assassino que, em conflito ou paixão, ou mesmo por amor ao assassínio, explode os miolos de um homem por um insulto leve ou imaginário, do que ao homem que, dia após dia, suga o sangue do coração da pobre viúva e do órfão, e envia aqueles que estão na miséria para as suas infelizes sepulturas. Respeitamos mais o homem que é honestamente incrédulo, incrédulo para com toda a hipocrisia e todas as fórmulas e todo o pecado das igrejas respeitáveis e da sociedade respeitável, do que aquele que afirma seguir as pegadas de Jesus e é ainda assim um velhaco declarado; que, afirmando esperar pela imortalidade, tem dentro de si a morte e a escuridão; que, reclamando a Estrela de Belém como guia e luz controladora, ainda assim caminha rapidamente para baixo. Em outras palavras, respeitamos mais a integridade, não importa em que direção, do que a hipocrisia. Respeitamos mais a honestidade de propósito, a honestidade para consigo e para com as suas pretensões, ainda que assuma o mais baixo termo, do que a hipocrisia ou aquilo que professa ser bom e não é bom, que afirma ser elevado e é ainda baixo, que tem como padrão professado os mais altos princípios de justiça e como prática a personificação da tirania.

Aplicamos estas observações às mentes individuais, não às instituições; as instituições não fazem os homens, os homens é que fazem as instituições. Se houver instituições no vosso país que sejam erradas, mudai-as. Se forem corretas, vivei de acordo com elas, protegei-as, dai-lhes a vossa sanção, a vossa mais plena influência moral. Se o vosso governo é verdadeiro, aprovai-o, sustentai-o. Se é falso, morrerá por si mesmo. Se as vossas religiões são verdadeiras, se a sua influência social é correta, então a sociedade deve protegê-las.

Se são falsas, prová-lo-ão pelo seu declínio. Assim é com a vida de um homem: não há necessidade de proclamar que os homens são bons, virtuosos ou justos; não há necessidade de proclamar dos telhados que tal homem é muito religioso, muito bom, muito piedoso. Basta o caminho silencioso da sua vida, a esteira de luz que deixa atrás de si, para o dizer. O homem bom é sempre piedoso, sempre justo, sempre honrado, em qualquer posição de vida em que viva. O homem mau está sempre a apregoar religião, sempre a reclamar bondade, sempre a pregar Cristianismo, mas raramente o pratica.

PODE UMA ALMA MORRER? QUAL É O SIGNIFICADO DA "SEGUNDA MORTE"?

O SIGNIFICADO DA IMORTALIDADE DA ALMA NÃO É UMA CONQUISTA
O SIGNIFICADO DA MORTE
O PROPÓSITO ÚLTIMO
AS ESSÊNCIAS PRIMORDIAIS SÃO INDESTRUTÍVEIS
LEIS INCONGRUENTES FEITAS PELO HOMEM
INSPIRAÇÃO
SIGNIFICADO DA SALVAÇÃO

Há muitíssima incompreensão no mundo porque as pessoas não interpretam corretamente o significado das palavras que usam.

Usamos a palavra Alma para exprimir a Entidade Imortal, o Ego absoluto. Usamos a palavra Espírito para significar aquilo que se exprime na vida humana; por outras palavras, o sopro da alma sobre essa vida particular. Usamos a palavra Mente para exprimir a Inteligência que se manifesta nessa vida humana particular; por outras palavras, a Mente é a expressão temporária da Alma através da vivificação do organismo humano; sendo o espírito a expressão vivificante.

Portanto, à luz destas definições, trataremos deste assunto.

No registo bíblico do Antigo Testamento, a palavra Alma é frequentemente usada como sinónima de Espírito, como aquilo em que o homem se torna quando se manifesta através do corpo físico. Por exemplo, ao falar-se da perda de um navio: "Todas as almas a bordo perecem." Se as almas a bordo perecem em naufrágios, essa não é a nossa definição de almas. Frequentemente, no Novo Testamento, em relatos de desastres em terra bem como a bordo de navios, usa-se a expressão: "todas as almas pereceram." Se este é o significado aceite de alma, não é esse o nosso significado. As almas não podem perecer, nem em naufrágios nem em terra; nem no tempo nem na eternidade.

Usamos a palavra Alma para significar o Ego que é imortal. Não pensamos que a imortalidade possa ter um começo nem um fim. Qualquer coisa que seja imortal, pela própria natureza da palavra, terá sempre existido e, evidentemente, sempre existirá.

A alma é semelhante a Deus. Não há semelhança com Deus no corpo. O corpo perece; o corpo tem limitações sucessivas; a mente tem limitações sucessivas. O espírito, tal como se manifesta no corpo, é limitado. Portanto, estas coisas não podem ser semelhantes a Deus. A Alma, no seu próprio estado, é perfeita, não é criada, portanto é eterna, semelhante a Deus.

Com esta definição, é claro, as almas não podem morrer. Se as almas são criadas, se algures ao longo da linha da evolução passada, ou da criação passada, as almas foram chamadas à existência, de acordo com toda a lei da lógica, de acordo com toda a lei da ciência material conhecida, e de acordo com todas as proposições intelectuais, deverá haver algum momento na linha da expressão em que as almas deixarão de existir.

A IMORTALIDADE NÃO É UMA CONQUISTA

Que a Imortalidade seja uma "conquista" é impensável, exceto na medida em que, dentro de cada vida humana, existe não só a possibilidade mas a certeza desse resultado. Não há, em parte alguma, qualquer garantia em coisa alguma do que todas as religiões trouxeram à Terra—seja nos Vedas, no Bramanismo, no Budismo, ou em qualquer outra religião—de que alguém venha a existir para sempre através de "conquista". Qualquer "conquista" que seja alcançada tem de ser sempre encontrada onde quer que a alma encontre expressão, não no seu estado absoluto.

Denominamos o estado de ser, ou estado absoluto, o estado de não-expressão. O estado de atividade ou expressão é o estado de existência. Assim, interpretamos que, quando "Deus soprou no homem o fôlego da vida e ele se tornou uma alma vivente", isso não significa que a alma tenha sido chamada a ser pela primeira vez, mas que a alma entrou naquilo a que se chama vida, significando expressão.

Na nossa perspetiva, a história ou estória, tal como relatada no primeiro livro da Bíblia, o livro do Génesis, é a declaração da entrada da alma no estado de expressão, que é relativo, portanto, que começa nas condições da vida humana.

O SIGNIFICADO DA MORTE

A experiência da morte não é da alma em si, mas da sua expressão. A matéria não só pode ser reunida, como pode ser desintegrada, e tem de o ser nos processos genéricos, quer criada, quer através das leis que são inerentes à matéria. Mas seja o que for esse "reunido", não só pode, como acabará por ser resolvido no seu elemento ou elementos originais.

Seja o que for a "vida cósmica", seja qual for o átomo último—que a ciência nunca mostrou individualmente—ou qual seja o princípio primordial da matéria, sabemos que geração e decadência, nascimento e morte são inerentes à expressão material. Quando a alma se encontra em contacto com a matéria, consideramos que a alma apercebe-se daquilo a que se chama morte.

Sem dúvida, a passagem do estado que é absoluto para o estado de expressão, que é relativo, foi considerada nas religiões bramânicas e mais antigas, bem como nas Escrituras Mosaicas, como o primeiro passo descendente, a "queda", porque o recuo do estado de não-expressão para o estado de expressão é entrar em contacto com elementos que podem morrer, é colocar a alma em contacto com a proposição da morte, porque o nascimento implica a morte. É, por algum tempo e para todos os fins da expressão humana, uma partida do absoluto para o relativo; portanto, isso é morte.

Sem dúvida, se compreendêssemos corretamente a alegoria de "Adão" e "Eva" (que têm os seus sinónimos em todas as línguas, entre todos os povos), compreenderíamos plenamente a partida desse estado primordial para o estado da consciência humana, que é morte fisicamente, e o significado do "pecado", que é espiritual e moral. Consideramos a primeira morte a consciência do nascimento físico, e as suas dores e penas, e a morte física.

A segunda morte é a consciência da luta moral. Por exemplo, o primeiro Adão e Eva não conheciam, estando num estado de inocência ou ignorância, o primeiro conhecimento do pecado ou a consciência dele. No momento em que o ser humano entra nessa consciência, entra na luta moral para a superar. Isso consideramos a segunda morte.

Suponhamos uma criança que possa fazer cem coisas inocentemente, sem conhecer o erro, e que vós não considerais erradas à luz da proposição moral. Dizeis à criança que um ato é errado, e a criança entende-vos. Então, é nesse momento que a criança tem uma perceção do que se entende por segunda morte. A violação daquilo que alguém sabe ser uma violação da proposição que se sabe ser correta—isso, concluímos, é a proposição chamada "pecado". Por quaisquer meios que isto seja introduzido no mundo, é geral, é universal. Seja de que modo tenha sido trazido como proposição, é algo inerente à vida humana.

A primeira morte, que é a consciência de estar em contacto com a substância em vez da essência primordial da vida, é a primeira limitação. A segunda morte é a segunda limitação. Mas nenhuma delas afeta a alma. A alma, primariamente, está aqui para a vitória; a alma está aqui para a expressão. A alma sabe que, em última análise, vencerá tanto a primeira como a segunda morte.

Seja o que for que exista na teologia (a origem das proposições primordiais das religiões perdeu-se no mundo), é composto em larga medida de sentimento humano, e do medo humano, que é uma das bases da "segunda morte". Assim como o medo é a mais baixa das paixões humanas, é também a base sobre a qual assenta a ideia da perda da alma; e a tentativa de aplicar à parte imortal do homem aquilo que só pode afetar o homem em contacto com a vida humana é, evidentemente, uma das deficiências da teologia, não o fundamento da verdadeira religião.

O PROPÓSITO ÚLTIMO

Sabemos que a alma não seria posta em contacto com a expressão humana não fosse por um propósito último. Sabemos que, na medida em que a alma está relacionada com o Infinito (como o finito com o Infinito), a alma mede não só a imortalidade, mas a responsabilidade, e que a alma sabe, quando assim em contacto com a vida humana, que tanto a primeira como a segunda mortes têm de ser experienciadas para serem vencidas.

As pessoas opõem-se a que todo o estado e condição na vida humana sejam parte da experiência necessária. As pessoas opõem-se—às quais oferecemos a solução das diferentes condições na vida humana e a aparente parcialidade—opõem-se à ideia de sucessivas vidas ou expressões humanas, porque as vidas humanas são tão cheias de tristeza, experiência e dificuldades; e, no entanto, não conseguis que essas pessoas abdiquem das suas vidas humanas, a menos que sejam obrigadas a isso. Suicídios conscientes não são muito frequentes.

Logo, não é da vida humana que as pessoas se opõem; opõem-se a perder o seu pequeno fragmento de vida humana a que chamam personalidade. A individualidade da alma não se pode perder; a personalidade pode perder-se. Vós não sois o mesmo que éreis quando bebé—esperamos que não sejais. As mudanças que ocorrem até numa única vida humana fazem alguém sentir-se como uma pessoa diferente. Assim, sois uma personalidade diferente da que éreis há anos. Hoje não vos lembrais da vossa meninice, mas o ego não se perdeu.

Chegou o dia, na história do mundo, em que as interpolações da teologia estão a dar lugar à interpretação da verdadeira religião. Chegou o dia em que as pessoas não aceitarão como infalível a interpretação humana de um livro que passou por muitas traduções humanas e esteve sujeito a muitas alterações humanas; que, na sua conceção primordial, foi em grande parte verbal ou oral. As pessoas não estão obrigadas a aceitar o pensamento de que as almas são "criadas" e de que as almas podem perecer, exceto se forem salvas por permissão ou pela aceitação de uma forma teológica de credo. Nem as pessoas estão obrigadas a aceitar proposições teológicas. Aquilo que é imortal nunca pode ser destruído.

Aqueles que acreditavam que a alma fora criada e que a alma morreria, excetuando as que fossem salvas pela observância das proposições físicas e morais da lei judaica, nisso eram consistentes. Os cristãos acreditam que a alma provém de Deus, que a alma perecerá no que diz respeito à felicidade, mas é imortal tanto na felicidade como na miséria, e que o que as pessoas fazem ou acreditam no estado humano, numa vida, é o que determinará se serão eternamente felizes ou miseráveis.

Chegou o tempo, na história do mundo, em que as pessoas não são obrigadas a aceitar esta proposição; quando o pensamento que se relaciona com a imortalidade deve ser testado pelos mesmos princípios da intuição e da lógica como qualquer outra verdade. Assim como a matemática é a única ciência infalível, assim a lógica de Deus e da imortalidade da alma é a única base da religião; a relação do homem com Deus e com o homem constitui a observância religiosa; o que decorre da sua cadeia lógica é: se a alma é imortal tem de ser indestrutível. Se todas as almas não são imortais, não há prova de que alguma alma existirá para sempre, ainda que se demonstre uma existência contínua após a mudança chamada morte, a imortalidade não pode ser demonstrada se as almas começam na Terra.

AS ESSÊNCIAS PRIMORDIAIS INDESTRUTÍVEIS

O que desejamos chamar à vossa atenção é que os mistérios da proposição teológica foram edificados sobre a ideia de que, em qualquer vida humana ou em qualquer número de vidas humanas, as pessoas podem fazer algo que destrua aquilo que é inerentemente eterno ou imortal.

As essências primordiais, sejam elas quais forem, têm de ser indestrutíveis, como Deus. Contudo, a proposição da indestrutibilidade deve ser, naturalmente, aquilo que não pode mudar em meio a todas as mudanças do universo da substância. Se a essência da vida humana é a alma imortal, a essência da consciência humana, a

essência da inteligência humana em especial, ela não é introduzida (isto é, criada) ao longo de qualquer linha de evolução.

É uma proposição, pura e simples, no domínio das almas. Se tal não fosse o caso, então, ao longo dessa mesma linha de retrocesso, que atinge todos os corpos organizados, a alma poderia perder-se, e teria de se perder; se tivesse sido introduzida em algum ponto ao longo da possível evolução, desde a mais baixa expressão da substância até ao macaco antropomórfico e além disso até ao estado presente de expressão humana, ou se tivesse havido uma combinação de organismos nos quais o espírito tivesse sido evoluído que antes não existia, ou em que a alma tivesse sido introduzida sem ter uma existência a priori como ego, então chegaria o tempo, na grande expressão da natureza, em que, ao regressar a Terra ao pó cósmico (como sucederá depois de cumprir o seu ciclo de elementos cósmicos), a alma seria novamente absorvida pelo éter cósmico de onde veio.

Mas, se no desdobramento da matéria houve um tempo em que a alma pôde aproveitar-se das condições da Terra para o seu corpo de expressão, por mais simples que esse corpo fosse no primeiro caso, então, seja o que for que tenha alcançado depois disso no aperfeiçoamento da raça humana, é devido à presença da alma e distingue este Ego ou consciência da inteligência do reino animal, e das manifestações da lei na natureza. Este Ego, que sabe que sabe, que sabe que se reveste de espírito e de existência física — este é o ego, e sustentamos que este ego é indestrutível.

Há muitos seres humanos, ainda hoje na Terra, que não têm qualquer pensamento de Imortalidade. Há muitos que têm um pensamento de imortalidade mas não têm perceção adequada da alma; isto prova que a Morte está aqui na Terra. Que não só a primeira morte — que é a consciência do nascimento físico, da dor física e da morte física — está aqui, mas também este obscurecimento e eclipse da natureza espiritual, do conhecimento do Ego, da vida da alma (inerente à expressão humana) até à sua vitória final.

LEIS INCONGRUENTES FEITAS PELO HOMEM

Nas leis feitas pelo homem, é crime um homem matar outro, destruir a vida física que não pode restaurar; mas não é crime, segundo a civilização atual, muitos homens matarem muitos homens. A guerra é justificável porque é morticínio em massa; mas o assassínio individual é crime. Supondes que há alguma diferença no pensamento absoluto? Se é errado matar de todo, haverá diferença em matar aos milhares em vez de às unidades? Se há diferença é por causa do "motivo". Um homem mata outro por dinheiro; as nações matam-se umas às outras por terra ou poder. Qual é a diferença?

Se um homem mata outro por vingança ou em retaliação por um agravo imaginado, é crime. Se uma nação entra em guerra por algum agravo imaginado, é patriotismo. Por outras palavras, a lei moral, tal como proclamada pelo homem, vai-se desdobrando gradualmente a partir de dentro, e chega a ser o direito das pessoas a viver; o direito das pessoas a exprimir o seu desejo de felicidade e a persegui-la, desde que não

invadam os direitos de outros; o direito das nações a existir, se o quiserem, desde que não invadam outras nações — o que fazem sempre.

Noutras palavras, sempre que as vidas humanas atingiram a mais alta consciência deste Ego separado, desta natureza moral, deste princípio que vem de dentro e de cima, surgiu a ideia de respeito pelos outros; respeito pela sua busca de felicidade; respeito por todos os seus direitos físicos, mentais e espirituais. Mas tal não existe em grau considerável entre nenhum povo que se possa considerar, e uma nação assim ainda não foi expressa neste planeta. Indivíduos expressaram esse estado; mártires exprimiram-no; sábios, profetas, videntes e Messias ensinaram-no. Mas estas vidas ilustram as possibilidades da raça humana, a vitória final sobre a "segunda morte" e o estabelecimento da natureza moral.

Ora, a natureza moral não é algo de que Deus precise; é o ser humano que a precisa — necessidade criada pelas condições humanas para o propósito de alcançar o conhecimento que está dentro da alma. Quando vedes pouco tendes uma ideia da ótica; quando vedes mais tendes outras ideias; finalmente, quando descobris todo o domínio da ótica como um ajustamento às condições humanas, entendeis que o sol não precisa dos vossos olhos, mas vós precisais de estar ajustados à luz do sol para ver. A lei moral é o ajustamento das vidas humanas às grandes proposições primordiais da alma e de Deus. Todo o ajustamento, naturalmente, com a matéria está na Alma; essa matéria tem de ser penetrada por essa luz e ajustada por ela. Quando as pessoas estão no estado de não estarem ajustadas, confundem o corpo com o espírito, a transitoriedade da obliquidade humana com a parte imortal; confundem os problemas difíceis de hoje com proposições eternas.

Naturalmente, não há proposições morais eternas. Queremos dizer com isto que, embora todos os que entram no estado de vida humana tenham de enfrentar temporariamente estas condições aqui, não há nada em Deus, nada na alma que possa obscurecer a luz da alma. Assim como a matéria serve para obscurecer o infinito se procurais encontrar Deus na matéria. Assim, a vida física, e até a vida intelectual do homem, obscurece a alma se procurais encontrar a alma no corpo ou no intelecto; mas através do corpo e através do intelecto a alma impõe-se ao reconhecimento, e esse reconhecimento é o valor de toda a busca.

INSPIRAÇÃO

A inspiração é aquilo que vem à vida humana das almas que alcançaram a vitória e que dão encorajamento para a vitória que há de ser obtida por aqueles que ainda estão na sombra. Este conhecimento é transmitido de alma para alma, de modo que, estando aqui no estado humano, podeis saber que as sombras podem ser vencidas. Isto, naturalmente, por vezes apenas toca o intelecto, então os homens fazem credos e dogmas e limitam a imortalidade a poucos; tentam cercar o reino dos céus de dificuldades especiais e fazer um plano limitado de salvação. Toda a limitação deste género é uma limitação humana.

Eternidade significa que cada alma terá o que pertence a cada alma na eternidade. O tempo, como manifestação em contacto com coisas, com a vida física, com a existência humana, é apenas uma porção da expressão em ligação com o pó.

A alma procura expressão na vida humana porque é uma entidade finita, assim como Deus procura expressão no universo. A alma, não sendo infinita, não determina todas as coisas, mas, sendo finita, aceita as condições que aqui lhe são dadas, mas determina, no que toca às suas próprias relações, o seu caminho de conquista e, em última análise, percebe a vitória.

Ora, quando as pessoas vos exortam a evitar a morte física tomando o elixir da vida, substituindo uma espécie de substância física por outra para ser colocada no organismo humano, afirmando que uma certa linha de vida assegurará a imortalidade física, trata-se de um apelo à consciência humana na sua expressão mais baixa. Não há nenhum de vós que, em primeiro lugar, aceitasse tal coisa, porque a geração é continuação. A morte é tão natural como o nascimento; e se haveis de ter colheita no próximo ano estas folhas têm de cair com a morte do caule; o restolho tem de ser queimado no campo da ceifa; a palha em que o trigo e a aveia foram produzidos tem de ser separada do grão. A colheita deste ano não pode continuar no campo se a do próximo ano houver de vir. As vidas humanas têm de ser removidas da Terra com a mesma necessidade se novas gerações houver de vir.

Quando as vidas humanas forem tão perfeitas que já não haja necessidade de outras gerações, haverá vidas acrescentadas, não só em mundos, mas em estados intermédios muito mais atraentes do que a própria Terra quando estiver plena de sabedoria.

Se esta "morte" última, da qual a teologia vos deve salvar, é algo que podeis fazer a vós próprios, se é algo que pode ser induzido nos vossos seres (que são imortais), que podeis decidir matar essa imortalidade, que é vossa, que é inerente, então será o primeiro caso em todo o universo visível em que assim é, em que Deus e a natureza anulam a lei eterna. Será a única coisa que não dá fruto segundo a sua espécie.

SIGNIFICADO DA SALVAÇÃO

Quando os teólogos entram na obra de salvar almas de uma "morte eterna", em vez de as salvar e ajudar a superar a morte em que a vida humana aqui se encontra, transcendem o domínio para o qual alguma vez foi dada instrução. Jesus disse: "Eu venho salvar-vos dos vossos pecados." Não disse nada sobre salvar almas, mas sim dos vossos pecados, para que vós supereis essas condições de tempo e de sentido em que a expressão da alma está encerrada. A proposição mais simples encontra-se nos ensinamentos de Cristo, de Jesus, de Buda: é a aplicação, aqui e agora, deste grande princípio do amor, desta vitória sobre o ódio. Naturalmente, isto não é nem pode ser uma aplicação superficial; é uma lei de crescimento a partir da alma, que impregna a matéria, que é insensível; que impregna o intelecto, que é mecânico, com esta luz da alma.

O homem mata para se alimentar. O homem sob a sujeição do egoísmo, que é imoral, mata para obter poder. O Cristo não salva a humanidade da morte física, mas vem salvar a humanidade do seu pecado, que é o resultado dessa falta de conhecimento, falta de realização do poder espiritual. Todo este ensinamento e este medo que fazem o homem recear o que virá depois da morte física constituem o grande pano de fundo teológico, como o de João Calvino, ou como o que até clérigos eruditos da atualidade ainda ensinam.Este terror que se abate sobre aquilo que virá após a morte física: tal é a soma total da teologia humana. Fazer o bem nos bairros pobres, sem esse terror sobreposto, é quase proibido pela igreja. Assim como as sociedades organizadas e as organizações religiosas não permitem que um homem ajude os pobres à sua maneira, porque isso "encoraja o pauperismo", também não se pode curar moral e intelectualmente porque é "encorajar o pecado", "encorajar o socialismo".

A grande base fundamental do Exército de Salvação (Deus os abençoe), que desce até aos bairros pobres, tira as pessoas da lama e põe-nas a cantar em vez de praguejar, é, no entanto, esta grande sombra das asas que pretendem salvar as suas almas da perdição após a morte. O seu trabalho tem sido grande em tirar pessoas da miséria aqui, ajudando-as a adquirir o conhecimento de ajudarem uns aos outros, que é a graça redentora de tudo isto. Mas o facto de este movimento fazer parte da grande e sombria proposição de que cada salvacionista é creditado com tantas almas salvas dos fogos eternos do inferno é o grande pano de fundo sombrio de tudo isto. Gostamos do trabalho do Exército de Salvação; gostamos do entusiasmo e da dedicação; gostamos do que fazem. Mas não gostamos dessas asas sombrias de um inferno imortal e eterno, de um fogo do qual dizem estar a resgatar essas almas.

Portanto, fazer este bem com esse propósito não é fazê-lo pelo bem em si mesmo. Fazer o bem pelo bem, porque as pessoas precisam de ser mostradas os passos que ainda não deram — isso parece-nos ser a soma total da vida humana. Mas se algumas pessoas fazem o bem por outras razões que não o medo do inferno, são condenadas e criticadas. A teologia quer controlar todas as caridades do mundo e quer tornar a filantropia subserviente a este propósito de salvar almas do inferno.

Aqui mesmo, nas imediações deste lugar, está o "Inferno" de Dante; ali em Londres está o "hades" e o fogo infernal de "Milton". Em toda a parte do mundo onde a sombra espreita, onde a natureza moral não venceu ou não resolveu os problemas, aí está o inferno.

A passagem para um estado futuro de expressão espiritual em todas as condições da vida humana é a proposição inevitável. O estado seguinte é parte da expressão humana. Se o espírito não estiver obscurecido na vida mortal não estará obscurecido ali; vós sois parte da vida espiritual já agora. Deixar o corpo não vos torna menos ou mais "partidos". Isso faz parte da expressão humana. Mas esse passo seguinte não é um estado eterno. As pessoas passam desse estado para outras expressões da vida humana, para conquistar a vitória que ainda não foi alcançada, para realizar triunfos

ainda não conseguidos. É no estado em que a tentação existe que a vitória deve ser conquistada.

Jesus não recomendou às pessoas que se separassem do mundo; não recomendou a vida conventual ou monástica para alcançar a superação; mas é no mundo que a tentação deve ser vencida; é em contacto com o tempo e o espaço que a vitória e o triunfo devem ser encontrados.

Nenhuma alma está pronta para deixar definitivamente a Terra ou para se separar das expressões humanas, por mais que haja, até que todas as vitórias tenham sido conquistadas aqui. As pessoas dizem: "Ah, eu gostaria de proteger o meu filho de toda a tentação, de todas as condições da luta humana." Protegei-o como puderdes, guardai-o como quiserdes, fazei leis pré-natais e pós-natais tão perfeitas quanto puderdes, a criança viverá na vida aquilo para que veio. Não desvalorizamos a influência pré-natal, não desvalorizamos os arredores, não desvalorizamos aquilo que constitui o ambiente da raça humana. Mas sabeis que, por mais cuidadosamente guardado, por mais vigiado, por mais educado, o filho por vezes é um caixa fraudulento, ou cai nas trevas do alcoólico, ou a filha vagueia pelas ruas. Estas são condições que têm de ser superadas a partir de dentro.

Nenhum ferrolho ou grade, nenhuma barreira externa os melhorará; as leis não são adequadas. Nunca nenhum ser humano foi forçado pela lei a ser temperante, ou moral, ou justo. O homem existia antes da lei. A consciência da justiça existe antes de a justiça poder ser demonstrada. A temperança é o equilíbrio da vida humana a partir de dentro. Quando esta vitória completa for aprendida, haverá triunfo sobre a "segunda morte".

MESMERISMO, CLARIVIDÊNCIA, PSICOLOGIA E OUTRAS CIÊNCIAS OCULTAS

Uma conferência da Sra. Cora L. V. Richmond, controlada pelo ESPÍRITO FÉNIX, proferida na Grow's Opera Hall, Chicago, relatada expressamente para o *Religio-Philosophical Journal*

O tema para consideração nesta manhã está relacionado com o espiritualismo, na medida em que qualquer ciência que sirva de degrau para outra ciência da mesma natureza torna-se, assim, relacionada com esta. O mesmerismo, o magnetismo, a clarividência, a biologia, a psicologia — todos pertencem a estes diferentes graus e formam, sem outras hipóteses, a via legítima de aproximação àquilo que culmina na filosofia espiritual. E se nenhuma filosofia espiritual tivesse existido, ou se nenhum ramo do Espiritualismo moderno tivesse sido descoberto, a própria ciência sugeri-lo-ia, pois fornecem o elo de ligação para algo, e esse algo culminaria, e seria naturalmente, a filosofia espiritual revelada nas manifestações do Espiritualismo.

Muito antes das manifestações em Hydesville, N.Y., certos clarividentes, tanto na Europa como na América, chamaram a atenção para o elo de ligação entre a matéria e o espírito; isto é, quando em estado mesmérico, descreviam amigos falecidos, dando respostas a perguntas relativas a esses amigos. E enquanto o mundo da ciência olhava com desdém, e enquanto o mesmerizador não os compreendia, o clarividente ou sujeito mesmérico declarava que estas eram visões de outra vida.

Eu próprio recordo-me de me ter sido fortemente sugerido, enquanto investigava as manifestações do mesmerismo, que se houvesse alguma verdade nisso, deveria conduzir a uma filosofia que, em última análise, viria a minar o Materialismo e a destruir inteiramente o alicerce das filosofias então existentes, e por essa razão observei com maior curiosidade; tendo prestado atenção, teria de aderir a estas ciências subtis ou negá-las, e, podendo testemunhar, uma após outra, as faculdades do mesmerismo e da psicologia, e depois testemunhar as manifestações chamadas espirituais, fui levado a concluir que eram todas partes de um mesmo sistema de filosofia, prova final, de facto, de forças não tangíveis aos sentidos — essas forças negadas pela ciência. Até que ponto essa teoria foi provada, podeis vós perceber, quando, por uma sucessão de experiências científicas, tais investigações trouxeram estas forças ocultas para uso.

FORÇAS OCULTAS E ANÁLISE QUÍMICA

A clarividência, o mesmerismo e a psicologia são reconhecidos como partes das forças ocultas do mundo e, quando não só em Berlim, mas também em França, na Alemanha, em Inglaterra, os mais eminentes homens, filósofos e lógicos, fizeram deste assunto objeto de especial inquérito e deram ao mundo relatos publicados das suas experiências — ninguém pode dar-se ao luxo de negar factos em ciência oculta tão bem atestados como aqueles trazidos a lume por tais mentes como Gregory, Dr. Ashburner, Barão von Reichenbach, e dezenas de outros, cujas experiências são bem conhecidas; nem se pode, só porque tais investigações conduziram numa direção não anteriormente reconhecida pela ciência, negá-las, mesmo perante a própria investigação científica. Está bem estabelecido que certos objetos na natureza, e, de facto, todos os objetos, são rodeados e penetrados por uma aura impercetível — impercetível aos sentidos!

Eu próprio analisei o ar atmosférico com o propósito de descobrir quimicamente a presença do grão de almíscar, claramente percecionado pelo olfato, mas que não podia ser detetado pela análise química. Eu próprio fiz experiências para descobrir a diferença entre certos tipos de fosfatos que tinham uma ação química distinta, mas não consegui encontrar qualquer diferença química. Concluí, portanto, que devia existir uma diferença não passível de análise química, ou que essa diferença devia estar mais próxima das forças ocultas do que eu podia

descobrir.

Sempre que a ciência admite a natureza inapreciável do átomo, admite que todo o fundamento da ciência é impercetível, isto é, o átomo último é impercetível. Nunca o encontrámos; não conhecemos a sua natureza; a sua constituição é um mistério. Apenas uma combinação de átomos é discernível ou pode ser descoberta pela investigação científica. Tudo o que se situa entre a combinação de átomos e o átomo último transcende o que sabemos, e é aí que está a origem da filosofia oculta, pois encontra-se escondida; é misteriosa: todo o domínio espiritual poderia situar-se entre ambos, no que respeita ao que a ciência conhece.

FORÇA ATUANDO SOBRE A MATÉRIA

Temos, então, outro fundamento. Qualquer força que atue sobre a matéria é sempre impercetível, e toda a lei essencial da vida física não é invisível, mas a sua ação é desconhecida. Não temos meios eficazes de alcançar o meio circulatório da vida; e, por mais conhecimento que obtenhamos através da análise das mesmas combinações químicas na sua forma e disposição, não existe ainda qualquer substituto artificial. O que quer que constitua a ação pela qual as forças subtis se distribuem na planta, na árvore e no reino animal; o que quer que cause o nascimento espontâneo, ou desperte o germe que tem vida, é um mistério; e então a célula primordial permanece um segredo profundo, como se a célula não tivesse sido descoberta, e quando tal veio à luz, foi rejeitada pelo mundo científico como desnecessária para a vida.

Isto significa que tudo o que se encontra para além do alcance e apreensão da observação científica é a verdadeira vida, e que aquilo que é visível é apenas uma parte do facto a partir do qual a ciência espera, um dia, traçar a criação criando a causa. Se surge um poder que revela mais proximamente essa causa, sem o processo lento da ciência, se vem do reino ainda não descoberto uma solução destes mistérios, supostos insolúveis, não estará a ciência obrigada a saudar este novo mensageiro como parte dessa vida que ainda não é encontrada, e que, portanto, se encontra no interior, e pela qual se encontra em busca? Mas se não for obrigada a recebê-lo, certamente não tem o direito de o negar.

Eu pensava que pelo estudo das ciências psicológicas o mundo científico olharia de modo mais benigno para este assunto; mas verifico que a descoberta da ciência psicológica, em certo sentido, talvez tenha retardado o crescimento da filosofia espiritual. Mentes estreitas recorrem a expedientes estreitos e procuram evitar a maior dificuldade recorrendo à menor; se a ciência oculta não está de acordo com a investigação materialista rigorosa, dizem, é melhor desconsiderar a ciência oculta; e, quando tivermos de a aceitar, fá-lo-emos como solução de algo mais difícil; por conseguinte, é mais fácil admitir a ação de uma mente sobre outra, por alguma força subtil comunicada à organização física de cada um, do que admitir a

existência de um poder exterior; daí o mesmerismo tornar-se o método conveniente para resolver os mistérios da clarividência. Enquanto os mistérios do mesmerismo eram, no início do seu século, rejeitados, logo que a clarividência afirmou a sua independência do poder mesmérico, foi esta recebida de bom grado para explicar os dons espirituais.

O mesmerismo, tal como definido pelo autor, é um poder positivo exercido por uma mente sobre outra, através da agência daquilo que tem sido denominado magnetismo animal, que é a aura subtil que envolve a forma humana, a qual, quando em contacto ou proximidade, uma com a outra, forma a bateria silenciosa para comunicar este poder de vontade; então a vontade predominante forma a influência de controlo.

O MESMERIZADOR E O SUJEITO

O magnetizador ou mesmerizador é alguém de vontade mais positiva do que o sujeito; e outrora os mesmeristas empregavam a sua ciência em conexão com outro ramo da antropologia igualmente escarnecido: a frenologia. O que Gall e Spurzheim fizeram pela conformação externa do cérebro, Mesmer fez pelas faculdades e pelo poder de distribuição da mente. Mesmo a filosofia positiva de Auguste Comte foi inadequada para minar os distintos degraus que estes filósofos da mente estabeleceram na direção da resolução dos mistérios da conformação do cérebro e da influência do pensamento sobre certas conformações, da influência de uma mente sobre outra. A ciência psicológica deu grandes passos no último meio século e tornou-se, em si mesma, uma parte do pensamento e da investigação humanos.

Para além disto, poder-se-ia reivindicar a descoberta de novos princípios nunca sonhados pelos discípulos originais; melhoraram-se os métodos imediatos de pensamento e levou-se a investigação a um grau muito mais extenso, mostrando que, sob o poder mesmérico, certos órgãos do cérebro, quando estimulados, manifestam um certo entusiasmo não percetível no estado normal, nem no mesmerista; e embora geralmente (não especificamente) correta na ciência da frenologia, esta prova uma ordem geral de gestão relativa ao sistema nervoso e à mente, mostrando que a ação da mente depende do tamanho do cérebro, da qualidade da célula e do tecido, do sistema nervoso, da ação ou relação entre os nervos e o próprio cérebro, enquanto as leis musculares, arteriais e outras leis anatómicas e fisiológicas provam que o poder cerebral deve ter maior efeito; ainda assim a frenologia não resolve, em grande medida, os problemas da vida mental e moral.

O mesmerismo afirma atuar sobre a mente através destes diferentes órgãos, sob estímulos distintos da aura nervosa do mesmerista, atuando sobre o sujeito, e conduz a mente por processos lentos mas absolutos ao domínio da ciência invisível e impercetível, que pode inclinar a mente humana para a dor ou a alegria, provocar lágrimas de angústia, sofrimento ou prazer, e, no entanto, não é em grau algum rastreável a qualquer causa física na organização do sujeito.

Durante muito tempo, a velha escola de filósofos, e também os de hoje, negaram a existência do poder mesmérico; mas, se assim o fazem agora, negam perante o testemunho de investigadores qualificados; perante os factos revelados por uma escola de filósofos tão competente como qualquer outra de qualquer época ou classe; e perante a experiência humana diária; esta, afinal, constitui a base primordial de toda a ciência, embora possa não dar nome, nem habilitar alguém a brilhar em fórmulas científicas.

SUJEITOS SENSÍVEIS

Vi sujeitos sensíveis, sob a influência do estado mesmérico, realizar feitos de força muscular que lhes seria impossível realizar de outra forma. Vi sujeitos beberem água e declararem-na vinho, comerem papel e declararem-no pão; sofrerem em determinadas direções aquilo que o mesmerizador desejaria ou determinaria. Vi um, numa praça pública, desviar-se e vir ao encontro de onde o mesmerizador e eu estávamos, tendo-me este declarado um momento antes: "Aí está o meu sujeito mesmérico. Vou fazê-lo vir até mim" — e ele veio. Tenho conhecimento de ilustrações tão marcantes do poder da mente sobre a mente que anulam completamente todo o poder de negação e substituem inteiramente qualquer possível linha de coincidência.

Vi sujeitos mesméricos, em estado de coma, romperem de repente com o controlo mental do mesmerizador e, ao discursarem sobre temas, descreverem cenas, pessoas e rostos desconhecidos do mesmerizador, e revelarem-se na presença de espíritos desencarnados. Se reconhecemos qualquer vontade individual no controlo do sujeito mesmérico, de quem deve então ser reconhecida a vontade quando esse sujeito está para além do seu controlo, ainda que num estado igualmente inconsciente? Se eu discerni a lei da mente que governa o sujeito até certo ponto, que lei devo discernir quando essa mente — deixando de ser negativa — se torna um instrumento positivo de controlo, anuncia ser outro poder e outra individualidade, e molda um discurso em conformidade, devolve respostas a perguntas, analisa temas desconhecidos de todos, permanecendo ainda assim em estado inconsciente?

Se um é a lei da mente sobre a mente, o que será o outro? Se um é a influência de um ser humano incorporado, agindo com determinado poder consciente de

vontade sobre o sujeito, o outro anuncia-se como uma personalidade inteligente, responde a perguntas de modo a desconcertar o questionador e, talvez, interrompe a investigação com informações voluntárias. O que é isso? Existirá, no Universo, uma forma de inteligência individual separada da inteligência humana individual, alguma influência que responda ao mesmo propósito, a não ser que seja inteligência humana desencarnada?

Haverá na atmosfera forças da natureza, alguma lei que governe o universo, algum atributo que fale de modo pensativo sem pensamento, que ofereça lógica sem investigação nem sequência; que declare factos, verdades e incidentes sem individualidade? Haverá inteligência na Terra ou no ar que entre no cérebro do homem, seja qual for o seu propósito, discorra eloquentemente, ofereça filosofia e factos desconhecidos da mente até então, e desconhecidos de qualquer ser humano presente; que se assemelhe a seres humanos ao ponto de exprimir opinião individual, dar nomes individuais, manifestar identidade individual e, ainda assim, ser uma mera força oculta?

FACTOS REVELADOS

Os filósofos fariam bem em investigar estas coisas. Responde-se: "Oh, não são dados factos senão aqueles que são conhecidos algures". Mas, se eram conhecidos na Terra, poderia o sujeito iluminado saber então que eram factos?

Se, algures em França ou em Inglaterra, não há ninguém que conheça o seu trisavô, e você não tem conhecimento dele, nem da sua vida, nem do local exato onde ele deixou o testamento, e clarividentes lhe dizem o nome desse avô e as circunstâncias do seu falecimento, e onde depositou o testamento, e você vai à antiga casa e procura no mesmo lugar e encontra os papéis desaparecidos, a informação é transmitida audivelmente pelo espírito da velha casa ou pelo manuscrito, ou por outros elementos circundantes que atravessaram toda essa distância e vieram ao seu encontro na forma do seu avô, para lhe dizer onde está o testamento desaparecido?

Ou será aquilo que afirma ser: a presença desse espírito humano inteligente, ativo, consciente, do seu trisavô, que ainda tem humanidade suficiente para desejar que o seu legado terrestre não seja esquecido?

SUJEITOS RETIRADOS AO MESMERIZADOR

Não há coincidência nem influência que se molde de forma tão tangível como esta. Estive sentado em círculos onde o sujeito era primeiro mesmerizado e, quando certas experiências habituais eram tentadas pelo mesmerizador, de repente o modo mudava, o aspeto tornava-se mais severo e estranho, e o mesmerista passava a ser, por sua vez, o mesmerizado! Quem o mesmerizou?

Sob outro poder de vontade; sob força maior do que a sua própria, ele fez com que a vontade mais forte cedesse. Haverá alguma coisa, alguma ciência oculta conhecida na Terra que possa demonstrar que alguém já mesmerizado pode, pelo seu próprio poder, tornar-se positivo? Haverá algo que mostre, nas leis da ciência terrestre, que o sujeito mesmérico pode, sem qualquer renúncia de controlo por parte do mesmerizador, tornar-se agressivo e, por sua vez, tornar-se o mesmerizador? Poderia eu ter visto isto e ainda assim duvidado de um controlo exterior?

PSICOLOGIA* – MAIS SUTIL DO QUE O MESMERISMO

**(Influência mental ou sugestão)*

A psicologia é aquele ramo da ciência mesmérica que reconhece a influência da mente sobre a mente, sendo ainda mais subtil do que o mesmerismo, pois, embora também seja a influência da mente sobre a mente, expressa-se por certas condições do organismo físico, aparentemente muitas vezes percetíveis — a influência psicológica é ainda mais subtil e não se manifesta pelos sentidos físicos: controla sem recurso ao poder mesmérico ou magnético; o seu pensamento é influenciado sob o seu efeito; você torna-se seu sujeito sem ter consciência disso; professores eminentes, autores, atores controlam-no sem você se aperceber; está continuamente sob a influência do pensamento dos amigos mais próximos; homens de grande poder — o sábio, o político ou o cientista — governam-no; volta-se para um autor favorito, e as suas recordações dele influenciam metade das suas palavras. Todo o mundo da humanidade é movido, influenciado, para a paz ou para a guerra, para a ignorância ou para o conhecimento, para o amor ou para o ódio, pela influência de outras mentes.

A psicologia, portanto, tem sido o grande argumento para explicar as manifestações espirituais. "Há um pensamento no mundo", dizem: "alguém é sensível a ele, ele espalha-se pela atmosfera, o pensamento com asas, e ele recebe-o". Os grandes homens são psicólogos (carismáticos); os pensadores são proverbialmente incluídos nesta categoria — dados a ela, e influenciam o mundo, e são influenciados, por sua vez, pelo entusiasmo que incendeiam; mas o conhecimento do psicólogo deve relacionar-se não só com o assunto conhecido, mas deve sentir certos tipos de pensamento e sequências que correspondam à fonte.

SUJEITOS PSICOLÓGICOS

O sujeito psicológico pode existir como génio, como escritor, como político, como artista, como filósofo; têm certa aparência e intenção, e sentem certas linhas onde o poder é humano. Não existe psicologia de um só, ou de indivíduos, que possa

fazer seres humanos, independentemente da sua vontade, ou da vibração de qualquer outra mente humana incorporada, levantar-se e falar pensamentos antes desconhecidos, e dar um discurso durante horas, sem qualquer aparente fadiga ou vontade de qualquer pessoa presente.

O entusiasmo do poeta é aceso desta forma. O artista, sem premeditação, desperta com pensamentos voltados para a inspiração; mas este poder Espiritual chega às bocas das crianças; bebés falam para além dos seus anos; rapazes e raparigas, numa obscura zona rural, são tomados por ele; exprime-se com unanimidade, com espontaneidade que não nasce do sonho; independentemente de instruções, surge nas horas de recreio, ou nas horas de estudo; vem independente de qualquer linha de pensamento que as pessoas sigam; independente da vida que os rodeia, ou da opinião do mundo.

Nunca houve uma palavra que viesse quando menos se esperava, ou com o menor respeito pelo conhecimento do mundo; com a menor premeditação; com o menor indício de uma aproximação tangível a ela, apenas esta palavra — Espiritualismo! No meio da ciência, que desvia o pensamento dele; no meio de ocupações, todas tendentes ao homem, psicologicamente, na direção oposta; no meio de escolas, universidades e academias que ensinam as filosofias-padrão da escola realista, e gradualmente, por uma escala deslizante, trazem os homens da teologia dos Puritanos ao materialismo de Huxley, Tyndall e Carpenter — e estas formam a revelação e a arte da atualidade.

Despojai a psicologia do materialismo que assola as escolas e as mentes — poder suficiente para exercer influência psicológica sobre as massas — e até os poetas sonharão os seus sonhos transcendentais ao longe e, ainda assim, negarão a sequência do poder espiritual; certamente as tendências psicológicas da época seguem em direção oposta.

Não diremos que não houve religiosos a procurar esta influência; nem teólogos em busca de alguma ideia semelhante, mas tudo permanece tão mudado, tão distante, que teve muito pouca influência sobre as massas; e, em vez de os teólogos saírem das universidades plenamente formados com um poder espiritual recém-nascido, saem com ordens de ministério numa mão e doutrinas estranhas e conflituosas nas suas mentes; contudo, com estas influências psicológicas, e a própria igreja disposta contra elas, nasceu então o nome, a filosofia e o facto da comunhão espiritual, sem antecedentes que pudessem ligá-la ou relacioná-la adequadamente ao homem, à parte daquilo que reclama como sua origem; psicologia, mesmerismo, clarividência, cada uma levando ao seu apoio como filhos aos pais; cada uma reconhecendo-a como mão a si mesma e fonte da sua existência; cada uma reivindicando-lhe lealdade — não porque a precederam no mundo, mas porque ela as explicou; cada uma necessitando de alguma assistência desta mesma palavra para se fazer entender, e todas reconciliáveis ao entendimento humano

devido à interpretação que lhes chega nesta palavra — Espiritualismo.

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Perguntam-me se a psicologia e o mesmerismo são bons para praticar no desenvolvimento da mediunidade espiritual. Perguntam-me se é aconselhável tornar-se sujeito mesmérico ou psicológico para preparar o caminho para o controlo espiritual.

Ao buscador médio da mediunidade responderei: o mundo dos Espíritos prefere mesmerizar ou psicologizar o seu próprio sujeito; a intervenção humana pode, por vezes, ajudar, mas mais frequentemente perturba o controlo espiritual. Se desejais ser um médium, submetei-vos ao controlo espiritual — não a um controlo espiritual específico; buscai (de facto, orai) essa presença, e encontrareis comunhão com o espírito que desejais. Os sujeitos mesméricos são, frequentemente, bons médiuns; não porque sejam sujeitos mesméricos, mas porque esse foi o degrau que introduziu o poder espiritual no mundo. Não é seguro nem possível que o maior poder no mundo se submeta ao menor. No entanto, é um facto que um homem pode ser um bom mesmerizador e não ser pessoa adequada para vos governar. Uma pessoa pode ter bons poderes psicológicos e, ainda assim, não ser segura para interferir com o organismo sensível ou manipular o cérebro com o grau de sabedoria requerido. O controlo espiritual é também suscetível de intervir, o que não é desejável quando se procura a agência humana deste modo.

SOLVENTES ESPIRITUAIS*

**(Espíritos ou influências espirituais que dissolvem resistências internas, "forças libertadoras da alma.")*

Espíritos de ordem inferior são, por vezes, invocados ou convidados ao sentar-se em círculos não desenvolvidos. Que as aproximações, quaisquer que sejam, em direção à mediunidade, sejam feitas com o devido respeito pela ciência, pelo conhecimento humano, pelo Espiritualismo — e não pela curiosidade com que buscais investigações. Não poderia justificar nenhum ser humano a esforçar-se por controlar outro psicologicamente ou mesmericamente por mero experimento; não poderia justificar nenhum ser humano a procurar ser médium por mera curiosidade.

Vejo algo por detrás da ciência demasiado sagrado para ser manipulado. Suspeito que um ignorante num laboratório com um conjunto de produtos químicos explosivos, com os seus erros, faria alguém pensar que a ciência da química não é assim tão fascinante. Quem manipula solventes espirituais encontrará, em certas condições do cérebro humano, algo mais subtil e perigoso do que experiências em

química; materiais mais inflamáveis no cérebro, que podem ser incendiados por quem não esteja habituado ao controlo nesta influência delicada.

Tende cuidado ao invocar mediunidade; ao invocar o controlo espiritual; ao buscá-lo e ao vos aproximardes do santuário interior do espírito humano e do santuário do espírito desencarnado. As leis relativas ao controlo espiritual podem ser, como outras, passíveis de investigação científica; mas falai com qualquer homem de ciência que mereça esse nome e não encontrareis um que não se aproxime reverentemente, e com todo o devido respeito, do altar da substância material, e todos os descobridores, professores, exploradores e a maioria dos escritores acalentam, cada qual segundo a sua capacidade, um sentimento sagrado pela sua ciência e pela lei universal e ordem perfeita.

CONSELHOS PRÁTICOS

O astrónomo curva-se perante o altar da sabedoria infinita que molda o universo, e reverentemente aponta o seu instrumento na direção do desconhecido, procurando, com toda a reverência pela sua ciência, o objeto da sua busca, e tereis vós, portanto, menos reverência pelos assuntos espirituais? Ireis quebrar e estilhaçar o instrumento, procurando verdades por vias proibidas, e lutar até que, por fim, a dissensão destrua as condições absolutas necessárias? Um ligeiro risco numa das lentes do telescópio transforma a visão do céu num borrão desagradável. Que pensais então da aproximação à ciência espiritual borrada, obscurecida por contenda, suspeição, luta, perseguição e escárnio?

Se num experimento elétrico, tão delicadamente manipulado que o mais leve peso do ar perturba o instrumento e o afasta do ponto requerido, que pensais vós dessa mente ou poder cerebral que é influenciado por um pensamento e na presença do qual, se entrais com ira, dúvida ou qualquer paixão, causareis uma vibração, turvação e perturbareis toda a atmosfera da comunhão espiritual?
Conheci médiuns, sensíveis (como o meu amigo Sargent lhe chamaria), que foram lançados em convulsões pela entrada de uma pessoa na sala com ira; talvez, se estudardes mais atentamente as leis desta ciência, possais explicar algumas doenças, convulsões, espasmos ou contrações nervosas de crianças; ou, se tiverdes um sujeito sensível e vos sentardes na presença de uma família não muito harmoniosa, esse sujeito poderá tornar-se vítima da "dança de São Vito".

Já pensastes que o bebé ao seio da mãe pode ser lançado em convulsões ou espasmos pela ira da sua mente? Já sonhastes que a atmosfera com que entrais numa sala a invade como uma aura, iluminando-a ou escurecendo-a por completo? Os que são sensíveis serão afetados por ela, enquanto outros não a perceberão.

Conhecendo todas estas leis, admirar-vos-íeis de que seja tão difícil para o mundo dos Espíritos aproximar-se de vós com algo semelhante a confiança, ou derramar no cérebro humano os seus pensamentos, sem ser detido por algum sonho da vida humana que flui entre ambos?

ESTUDAI ESTAS CIÊNCIAS COM CUIDADO

Conjuro-vos, não façais experiência apressada nestas ciências ocultas; estudai-as cuidadosamente, reverentemente — psicologia, mesmerismo, clarividência; fazei-o com toda a devida reverência e pensamento do investigador dedicado. Mais adiante tereis a essência espiritual, a sua natureza e controlo; a natureza da humanidade e do mundo espiritual. A inteligência exterior à humanidade molda o seu curso e não deseja intervenção humana, salvo a título de auxílio. Ser passível de controlo espiritual, ser um médium para a expressão espiritual, não é apenas um dos dons mais sagrados, mas também um dos mais perigosos. As leis que afetam o equilíbrio mental, o poder que governa a aura nervosa e a força de vontade do sistema e do cérebro são empregues pelo mundo espiritual para demonstrar uma grande verdade a cada um, que subjaz, pesa e explica a antropologia.

Não é para eles uma experiência de mero passatempo. A busca reverente da verdade suplanta o experimentador na vida terrena. Nunca procurei um médium para mero propósito de experiência ou teste; tudo o que foi dado veio espontaneamente. Posso dizer que não procurei para que o meu desejo não influenciasse o resultado. De facto, isso atestou-se ao meu conhecimento, veio sem a minha vontade, sem o meu desejo, sem eu o procurar, de tal modo que até toda a aparência psicológica desapareceu, já que não podia explicar tudo o que tinha, sendo o que recebi muito mais do que aquilo que eu buscava.

Se seguirdes esta linha de investigação, em vez de experimentação, descobrireis que a natureza e a substância que controlam a influência da mente sobre a mente se tornam cada vez mais subtis à medida que penetrais cada vez mais no domínio espiritual; mas a ciência não poderá colocar um selo mais definitivo de morte sobre o materialismo do que admitir o primeiro passo na investigação psicológica.

FILOSOFIA MENTAL

No Dodworth's Hall, Nova Iorque, domingo à noite, 5 de junho de 1859.
[O quarto de uma série de dez discursos da Sra. Hatch sobre AS CIÊNCIAS E A SUA FILOSOFIA. Relatado para o Banner of Light por E. F. Underhill e A. Bowman.]

No domingo passado dirigimo-nos a vós sobre o tema geral das ciências e da sua filosofia, o qual dissemos ser um discurso introdutório a vários outros que haveriam de ser proferidos. Anunciámos como tema, nesta ocasião, a Filosofia

Mental e a sua Relação com as Ciências, apresentando a filosofia mental como algo tão positivo e palpável como qualquer das ciências materiais que se provam por experiência absoluta. Portanto, o nosso tema é Filosofia Mental.

Para refrescar a memória, referiremos brevemente algumas ideias que avançámos no nosso último discurso sobre este assunto. Recordar-vos-eis de que dissemos que a matemática era a ciência de todas as ciências, e concluímos igualmente dizendo que a filosofia mental era a filosofia de todas as filosofias. Assim como a matemática é a pedra angular no arco da ciência, assim a mente é a pedra angular no arco da filosofia; e, ainda mais além, a filosofia mental é a pedra angular de tudo; pois sem ela não haveria matemática, nem geologia, nem química, nem geometria, nem astronomia, nem nenhuma das subdivisões da ciência que têm fundamento na matemática, mas que recuam ainda mais e pertencem à esfera da mente.

Trataremos da mente diretamente como algo material, não como coisa visionária, criada fora da forma humana e pertencente ao mundo da religião, mas estritamente como algo material. Os filósofos mentais dividem as fontes do conhecimento em dois departamentos. Um é aquele que a mente recebe pela experiência absoluta, através dos cinco sentidos: ver, sentir, cheirar, saborear e ouvir. O outro é aquele que a mente recebe pela razão ou indução, do efeito para a causa, ou da causa para o efeito. Estes dois são os únicos métodos palpáveis pelos quais a mente recebe qualquer informação, qualquer inteligência, qualquer poder ou pensamento; pelo menos, os únicos que a filosofia material demonstrará.

Portanto, tudo quanto sabemos da mente, enquanto materialistas, pertence às circunstâncias do corpo físico. Tudo o que sabeis do pensamento, segundo esta base, é aquilo que vistes, ou ouvistes, ou sentistes, ou provastes, ou cheirastes, ou deduzistes. Do que nunca ouvistes falar, não podeis pensar. Do que nunca vistes – exceto se ouvistes falar e se vos foi descrito minuciosamente – terá de intervir outra inteligência, ou não o podeis compreender. Do que nunca sentistes, não podeis saber que existe, exceto por testemunho humano. Do que nunca vistes, ouvistes ou sentistes, não podeis saber que existe, senão por um processo de indução mental, inferindo de algo que vistes, ouvistes ou sentistes, que outra coisa, que não vistes, nem ouvistes, nem sentistes, existe.

Muito se fala de intuição ou inspiração; mas estas pertencem exclusivamente a um departamento que não abordaremos – e, no entanto, desafiamos qualquer pessoa, mental, moral ou teologicamente, a trazer um único exemplo de inspiração sobre um assunto em que a pessoa não tivesse antes ouvido, visto ou sentido algo na mesma direção. É necessário seguir este ponto de muito perto, porque o mundo da mente é muito especulativo e muito metafísico, e exige não só que raciocinemos do efeito para a causa, mas que nos esforcemos por tornar a causa palpável e material.

Afirmamos que a mente é isso mesmo; que o pensamento, antes de se conhecer a sua causa ou origem, é tão palpável e material como o perfume da flor, que não podeis ver, mas que sabeis existir. A mente é para o sentimento o que o perfume é para a flor. Sem o homem não poderia haver pensamento; sem a constituição e organização humanas não poderia haver mente; e com absolutamente tal constituição física como cada um de vós possui, não poderíeis pensar como pensais, a vossa mente não poderia ser como é, nem poderíeis ser controlados como sois.

E o facto de todos os homens não serem iguais, e de não haver dois que pensem e ajam de modo idêntico, prova que os pensamentos dependem da construção física, e que a mente em si não pode pensar independentemente daquela parte do organismo humano conhecida como cérebro; e, segundo a sua formação e as circunstâncias da sua educação, assim serão os vossos pensamentos.

Ainda que acrediteis na existência da alma separada do corpo, e no espírito com a sua construção e organização distintivas, sustentamos ainda assim que a mente, enquanto possuir a forma humana, não pode agir independentemente dela. Não podeis pensar senão como o vosso cérebro vos permitir; tal como não podeis mover-vos senão como os vossos pensamentos vos ditarem; e os vossos pensamentos e movimentos são o resultado de uma construção positiva, causada pela experiência, educação, nascimento e circunstâncias.

Assim quanto à natureza da mente. Mas a mente, ou inteligência, não na construção, nem na forma, nem no modo de desenvolvimento, mas na existência absoluta, deve preceder a matéria, porque a matéria nada é, como coisa, sem a mente. Não há pensamento na matéria. Simples substâncias materiais, desprovidas de inteligência, ou vida, ou mente, ou pensamento, não podem viver.

E sustentamos que é a mesma qualidade de inteligência que possui a flor, e a faz crescer e florescer e derramar o seu perfume no ar, que possui a forma humana; mas há diferença na quantidade. Na forma humana há o desenvolvimento mais pleno e simétrico, a maior quantidade de inteligência. Na flor, há apenas certo grau de inteligência adaptado à sua forma e propósito particulares, e essa é toda a inteligência manifestada.

A diferença entre o homem e a criação bruta é simplesmente esta: não que a qualidade da mente difira, mas que diferem a quantidade e a construção. Foi dito que há uma diferença distintiva entre a inteligência do homem e a inteligência da criação bruta. Se reunirdes todas as qualidades que pertencem a todos os animais do reino material e as combinardes num só homem, tereis um homem mais perfeito do que algum vez vistes. Nenhum homem as possui em grau perfeito, mas todos as possuem em certo grau.

Ora, como dissemos antes, a única diferença entre o homem e a criação bruta é que, na criação animal, cada classe ou espécie distinta de animais possui qualidades adaptadas à sua própria construção particular, e apenas as que são essenciais à sua vida e preservação; por isso a sua inteligência é chamada instinto. O homem nada tem para viver senão o seu engenho. Não tem defesa, nem proteção contra os elementos, contra feras, contra qualquer tipo de invasão, exceto a sua inteligência. Esta deve ser cultivada, ou não poderá viver. Deve pensar, ou não poderá existir. A necessidade da mente no homem é o que a torna superior ao reino animal.

O leão apenas pensa em comer e dormir, consciente da sua própria força superior, sabendo a sua defesa contra todos os intrusos, conhecendo o terror que há na sua voz, compreendendo instintivamente que apenas tem de se defender de qualquer ataque que surja. Assim é com todas as classes de animais. Mas com o homem não há nada disso. As suas mãos não são suficientemente fortes para lutar contra os elementos. Não se pode defender desarmado contra feras. Não tem vestuário natural; tem de o inventar. Não pode comer de tudo – deve procurar o que é mais adaptado ao seu gosto. Deve absolutamente pensar.

A forma como a inteligência na mente humana planeia e desenvolve o eu prova esta base: que a mente do homem cresceu por necessidade, e que, para viver de todo, os homens têm de pensar, e que nunca foi organizado qualquer poder de raciocínio senão para servir o propósito de tornar os homens mais felizes, mais confortáveis, enquanto vivem.

Compreendemos, portanto, que a mente, embora pense, não pode criar; pode sim adaptar, às exigências do homem, cada elemento que existe. A ignorância dos antigos, antes de conhecerem as artes e as ciências, ou de saberem controlar os elementos, prova claramente que a mente, no seu cultivo e no seu poder, deve adaptar-se às condições em que os homens vivem. As diferentes classes de seres que existem na Terra, as diferentes nações com todos os seus hábitos, costumes e inclinações, provam claramente que cada nação tem as suas próprias características de mente, e que estas se originam da necessidade do seu meio.

Os habitantes de um clima tropical são inativos, indolentes – possuindo muito pouca inteligência ou génio inventivo. Ali, onde o clima é mais salubre – a terra produz tudo o que o seu gosto pode desejar – precisam de muito pouca proteção contra a inclemência do tempo; por isso cabanas ou tendas rudimentares servem tão bem como casas. Não precisam trabalhar para subsistência; e, sendo o clima quente, requerem muito pouco vestuário.

Nas regiões temperadas e setentrionais, onde ocorrem mudanças súbitas de clima, a mente deve ser mais ativa. Deve haver aí mais inteligência; deve haver mais

poder, ou os homens morreriam de fome ou pereceriam. A necessidade de inteligência nasce daí. Vede a América do Norte, especialmente os Estados Unidos. Vede que poder e vigor de pensamento são necessários realmente para permitir que os homens subsistam. A inteligência, em todas as suas várias formas, em combinação com todos os seus vários poderes e qualidades de génio e de construtividade, requer, por sua vez, os esforços da mente.

É necessário construir casas para vos protegerdes contra a inclemência do tempo. É necessário ter instituições comerciais, a fim de, pelo comércio e troca, vos enriquecerdes e vos prepararde contra a adversidade ou a fome; é necessário ter grandes armazéns, muitos comerciantes e muitos navios, para que possais vestir-vos a vós e às vossas famílias. Tudo isto é essencial. Realizar isto com a maior facilidade e com o menor dispêndio de trabalho físico e mental é a finalidade de toda invenção. A mecânica, em todas as suas várias formas aplicadas à vida humana, existe apenas para simplificar o trabalho.

Para aperfeiçoar a mecânica, é absolutamente essencial o conhecimento da matemática. O que é a matemática? É simplesmente um princípio da mente, que infere de uma e duas causas que um terceiro deve ser o resultado. Isto é um esforço da mente. Não saberíeis, ao ver duas velas em dois lugares, que eram duas, se a vossa mente não vo-lo dissesse. Os vossos olhos poderiam indicar que as distinguis, mas sem inteligência não as poderíeis conhecer. Agora, essas duas somadas fazem quatro; assim, um e um fazendo dois, dois e dois fazendo quatro, é absolutamente a propriedade essencial de toda a matemática; portanto, de toda a ciência mental; de toda a mecânica; de todas as artes comerciais; de toda a sociedade. É necessário um grande esforço da mente para compreender como, por um cálculo mental absoluto, os homens podem entender que um e um fazem dois.

Exige um esforço muito grande; e vós, que estais tão familiarizados com a matemática, cuja vida inteira é passada em cálculo matemático, que desde a infância sois instruídos para a compreender, não podeis entender por que razão o pobre índio inculto tem de ter ao seu lado um número de paus, ou os dedos, ou qualquer objeto material para representar o número de coisas que deseja exprimir. Ele não pode ver como dois e dois fazem quatro; mas pode dizer: “um, dois, três, quatro”; e precisa de algo que represente esse quatro. Se está a contar dinheiro, precisa de aquele número de paus.

O número de dólares, o número de cêntimos que deseja representar, deve tê-lo em algum objeto material. Isso demonstra de modo conclusivo que toda a civilização, e todo o progresso da arte, e a prosperidade comercial dependem da ciência da matemática. Os índios, mesmo com cultivo, não podem absolutamente compreender a ciência da matemática em perfeição. E o índio natural, como se evidencia pelo seu modo de vida, não sabe distinguir um de dois. Quão estritamente, então, é a matemática uma ciência da mente. Pois ainda que

milhares e milhões de coisas possam existir no universo que desejeis compreender e abarcar, e que levariam mais do que uma vida inteira a contar uma a uma, devem ser multiplicadas e remultiplicadas até que, por conceção absoluta do pensamento, compreendais, ainda que não possais exprimir, tudo quanto desejais dizer.

Isto é matemática. Sigamos então as diferentes ciências e vejamos quão prontamente e inteiramente podemos rastreá-las até ao elenco mental. Primeiro, à parte do desenvolvimento absoluto da matéria, que pertence estritamente à natureza e tem a sua origem nas leis naturais, o homem não pode adaptar nenhuma delas aos seus próprios fins úteis sem primeiro pensar. Se há de ter roupas, tem de pensar de que, e como, e de que maneira hão de ser feitas. Primeiro, o material deve ser encontrado; onde deve ser encontrado? Nas costas dos animais, nos bosques selvagens, em qualquer parte. Depois deve ser trabalhado; como pode ser trabalhado? A invenção põe-se logo a operar; uma máquina deve ser construída para auxiliar as mãos a formar o tecido de que é composto o material. Assim, passo a passo, pouco a pouco, a matemática auxilia todas as outras qualidades da mente até que a ciência se desenvolva. Ora, isto é filosofia mental.

De novo: se um edifício há de ser construído, o arquiteto não manda os pedreiros trazerem a pedra e a argamassa e pô-los logo a trabalhar no local onde o edifício há de ser erguido, sem qualquer pensamento prévio. Os pedreiros não construirão uma casa a não ser que esta esteja previamente formada na mente. Primeiro, o construtor pensa em todos os planos de casas que alguma vez viu; e, antes de as casas serem conhecidas, provavelmente o arquiteto antigo inspirava-se na natureza, ou aproximava-se dela o mais possível. Mas falaremos simplesmente do arquiteto moderno.

Primeiro, ele concebe todos os planos que já viu e conheceu. Depois deve considerar a sua adequação ao fim que se requer; depois deve desenhar na mente, ou sobre o papel, o plano da casa que deseja construir. Então a matemática deve intervir para desenvolver as diferentes proporções. Depois deve compreender a quantidade de trabalho, a quantidade de pedra, a quantidade de madeira, a quantidade de vidro que serão necessárias para construir o edifício. É absolutamente um trabalho mental; pois, antes de uma pedra ser lançada nos alicerces do edifício, para que este seja perfeito, o arquiteto deve ter o plano inteiramente na mente, e o edifício deve existir aí, mais realmente do que depois de estar construído.

Isto prova que o pensamento é o verdadeiro mundo, afinal, e que a mente origina e a matéria exemplifica – que a mente é a alma e a matéria a forma – e que nenhum edifício pode ser representado que não seja absolutamente o resultado de algum pensamento ou inspiração na mente de alguém.

De novo: nunca houve uma invenção que fosse causada exclusivamente por coisas materiais. Tem sido argumentado – e nós próprios avançámos o mesmo argumento esta noite, mas noutro contexto – que a mente não pode conceber nada que não tenha visto na sua forma material. Isto é verdade. Mas a mente pode conceber uma adaptação que vá além daquilo que viu ou ouviu, e que ultrapassará e embelezará todo o resto. Assim, Fulton, se nunca tivesse visto vapor ou água a ferver, não poderia ter concebido a máquina a vapor. Mas, se não houvesse algo mais na sua mente do que nas mentes de outros homens, ou se não tivesse havido algum outro poder superior, alguma conceção, algum pensamento, que exigisse uma demonstração absoluta através da sua mente, nunca poderia ter concebido a ideia de fazer uma máquina a vapor, ou de propulsionar barcos sobre a água pela ação do vapor.

O vapor não originou esse pensamento; os barcos não originaram esse pensamento, pois os barcos tiveram a sua origem na mente de outrem; mas foi o poder matemático absoluto do seu próprio pensamento, que vinha trabalhando e trabalhando, constantemente a planear sobre essa coisa, e que estava preparado para esse alcance mais profundo da ideia. Anos de esforço e trabalho, e pensamento mental intenso, trouxeram-no finalmente à luz. Isto é criação da mente.

De novo: Galileu, outrora desprezado, agora divinizado no mundo científico, nunca poderia ter sabido, por alguém lho ter dito, ou por ter visto ou ouvido ou sentido, que a Terra era redonda e girava sobre um eixo, girando em torno do Sol, o qual era o centro do sistema solar. Pelo processo absoluto de raciocínio, de indução mental da causa para o efeito, ou do efeito para a causa, chegou à conclusão inevitável de que o mundo tinha de ser redondo, ou não poderia existir; e, embora fosse aprisionado, e embora fosse obrigado a reconhecer que era falso, exclamou ainda assim: "O mundo move-se!" A sua mente não pôde ser convencida, embora a ciência, a filosofia, a religião, e todas as conceções mentais daquela época se opusessem à sua conceção; a sua mente não pôde ser convencida, porque lhe tinha sido demonstrado positivamente, ao seu entendimento absoluto, que o mundo realmente se movia.

Mais: o relâmpago e o trovão, e todas as forças das invenções mecânicas, sempre existiram. O vapor, o fogo, a água, o ferro, os metais de todos os tipos, sempre existiram; mas foi necessário o pensamento para os extrair das rochas, compreender onde existem, transformá-los em todas as vastas máquinas que existem agora, moldá-los para os fins do comércio e da civilização, trazê-los das entranhas da Terra e fazê-los conformar-se às condições da vida; para tirar o minério do seu leito na Terra e transformá-lo em todas as belas formas de construção que vedes à vossa volta todos os dias.

O ferro, que outrora era conhecido apenas como um metal inútil, mal descoberto, é agora o grande braço do comércio. Ferro! Ora, quase tudo é feito de ferro – até os corações de alguns homens. Nesta era, viveis em casas de ferro, tendes utensílios de ferro, carruagens de ferro, estradas de ferro, máquinas de ferro, navios de ferro, ferro em tudo. É a grande agência, o grande poder, a grande forma material do comércio mental e moderno.

O pensamento fez tudo isso por vós. O ferro sempre existiu – pelo menos desde que a Terra existe – e, exceto pela mente e pelo avanço absoluto do pensamento sobre a matéria, nada poderia ter sido construído a partir do metal bruto e grosseiro que existia sob a superfície da Terra.

Vimos, ou algures descobrimos, uma ilustração usada por um dos vossos renomados oradores em defesa do ferro, representando-o como o osso e o nervo da sociedade – como as classes pobres e trabalhadoras, que escavam e escavam para sempre, e que são, afinal, o grande motor da sociedade. A ilustração era um relógio: embora o estojo exterior possa ser de ouro, e embora o estojo seguinte possa ser de latão, a construção interior, ainda que adornada de diamantes, não é senão ferro; o ferro desempenha o seu trabalho; só ele o faz.

O latão pode ajudar a embelezar; o ouro pode polir o estojo; os diamantes podem ser cravados por fora para acrescentar brilho e beleza à forma; mas o ferro tem de fazer o trabalho. Mais uma vez: todo o desenvolvimento do pensamento, e toda a ilustração da mente, antes de poder ser chamada ciência, deve ser absolutamente demonstrada. Eis por que motivo nunca poderá ser organizado nenhum sistema de filosofia mental, porque a mente não se subordina a leis arbitrárias. A mente não será controlada pela ciência, controlará a ciência; e a mente partirá em busca de novas descobertas, mesmo quando as antigas estão quase provadas como verdadeiras.

Eis por que os factos da astronomia nunca podem ser permanentes; eis por que a geologia nunca pode ser fixa. Eis por que nenhum sistema de ciência material absoluta pode ser positivo, porque o mundo da mente deve agir primeiro, deve compreender primeiro, deve demonstrar primeiro, deve ilustrar primeiro o que vê, antes que uma ciência possa ser instituída. A filosofia, portanto, deve preceder a ciência; e, como todas as filosofias se originam na mente, e como toda a mente é o labor do pensamento absoluto, toda a ciência, toda a realização da ciência, deve pertencer à esfera e ao mundo do pensamento.

O que é a religião? Não é ciência, mas simplesmente filosofia. O que é a arte? Não é nada que possais provar. Podeis ver um quadro, podeis sentir a tela; não há vida ali – não há sopro ali. Não se move nem fala. Não o podeis tocar, e, ainda assim, transmite pensamento à vossa mente. Porquê? Simplesmente porque algum outro pensamento concebeu um quadro como quadro, não como mente, e o representou

sobre a tela. Não é o quadro, não é a imagem que vedes ali, mas é simplesmente a representação de uma imagem que realmente e unicamente existiu na mente do artista, e que nunca poderá ser compreendida como o artista a compreendeu, nem ele jamais a poderia pintar como a concebeu.

Que é essa estátua de mármore que vedes e tanto admirais? Ora, não é senão pedra, e a pedra é inerte, e não pode falar, nem mover-se, nem pensar, nem respirar. Mas o pensamento tem ali estado a trabalhar. A mente, com a sua majestade e poder, representou algo que criou dentro de si. Aquilo não é o ideal. Aquilo não é a forma. Aquilo não é a conceção do artista. Aquilo não é o que ele tencionou fazer, mas o que teve de fazer para representar o seu ideal. Não vedes ali uma estátua — é apenas uma pedra. A estátua estava na mente do artista, e precisais pensar como ele pensou, e sentir como ele sentiu, e ser vós mesmos artistas, antes de poderdes compreender a beleza e simetria dessa estrutura.

Podeis ler poesia e pensar que a entendeis. Só o poeta que escreveu o que ledes entende o sentido do que escreveu. Podeis entender o que julgais que ele quis dizer; podeis conceber pensamentos ainda mais elevados do que ele pretendeu transmitir, mas é a vossa própria mente que os origina, e buscais expressão no que o poeta escreveu. Isso é simplesmente a forma de uma ideia que cresceu e ardeu na sua mente, e foi atiçada até tornar-se chama viva, e fala numa página fria e inerte, e transmite o pensamento e a mente do poeta.

Não é a alma — não é o pensamento em si. É apenas a representação do pensamento; e, se não pudésseis, por processo de raciocínio e de pensar — pelo que se chama Imaginação, que não é senão outro nome para raciocínio — se não pudésseis conceber, por raciocínio absoluto, o que esse poeta quis dizer, compreendendo as leis arbitrárias da linguagem, sendo capazes de seguir as palavras que ele ali escreveu e compreender o seu significado distintivo na maneira como foram encadeadas, não poderíeis compreender o que o poeta quis dizer. E mesmo assim não plenamente, porque essa página é fria e inerte, porque a linguagem é, em si, arbitrária, porque é simplesmente um método de exprimir, muito debilmente, alguns dos pensamentos que a mente concebe; mas a alma viva e palpitante nunca pode ser entendida ou trocada através da linguagem.

A linguagem é uma ciência, e o pensamento é uma filosofia. A poesia é uma ciência, mas a mente de um poeta é uma filosofia. Talhar estátuas é uma ciência, mas originá-las é uma filosofia. Pintar um quadro é uma ciência, mas concebê-lo é uma filosofia, e pertence ao mundo da mente. Construir uma máquina a vapor, e entender como a controlar e usar, é uma das ciências. Originar uma máquina a vapor requer filosofia. A música é uma ciência, uma ciência arbitrária, absoluta, positiva, matemática. Só por números pode a música ser entendida — por construção matemática absoluta, só por leis arbitrárias podem ser formados os instrumentos musicais. Apenas por uma combinação de princípios matemáticos

podem ser moldados.

Mas a música é a própria alma da vida, e o pensamento vive na alma, buscando expressão sob uma forma ou outra. O processo mecânico de cantar é muito simples e muito absurdo, mas o resultado, a origem, a conceção, é bela. A ciência de cantar é simplesmente a contração da glote e da epiglote na garganta. Mas a ideia de cantar é tudo quanto a alma pode conceber como sendo divino. A filosofia é tudo quanto a mente pode entender do céu.

Construir um instrumento musical, como o órgão de tom grave ou o violino de voz alegre, tem na sua composição elementos muito rudes — madeira e arames, ferro e cordas; mas o executante não pensa na madeira, nem nas cordas, nem no latão, nem na tecla: pensa na música. Isso é um pensamento distinto e positivo, e pertence ao mundo da mente, e não pode ser expresso: tem de ser absolutamente originado. Nunca vistes um músico estritamente mecânico que fosse músico de todo. É aquele cuja alma está cheia de música, que origina música, que entende música — não a partir do instrumento, mas que faz o instrumento dizê-la a partir da sua alma — esse é o músico. Vedes a diferença entre ciência e filosofia, entre ciência e mente, entre aquelas coisas que são arbitrárias, mecânicas, superficiais, materiais, e aquelas que são mentais, positivas, autoexistentes e verdadeiras.

Além disso, na matéria, embora os filósofos materialistas por vezes pretendam dizer que as leis da natureza são imutáveis e inalteráveis, temos de discordar deles, porque toda a conceção possível de mudança que possa ocorrer, ocorre na matéria, não na mente. A mente é sempre verdadeira e sempre firme, raciocina sempre a partir dos mesmos fundamentos, possui sempre o mesmo poder de argumentação, compreende sempre pelas mesmas regras quais hão de ser as inferências naturais. A mente é autoconfiante, é positiva, é criadora. A matéria é dependente, mutável, decadente. A mente é absoluta, imperecível, perfeita.

A mente vive sempre, conquista sempre, supera sempre a matéria — controla nações, reinos e coroas, e homens, e tronos, e impérios. A matéria cai, decai, é calcada aos pés, esquecida. A mente dita, guia, realiza. A matéria é ditada, guiada e dirigida, e tem de ser objeto de ação. Mas a mente constrói, inventa, origina, aperfeiçoa. A matéria é máquina que pode ser usada na construção, na invenção, ou para exemplificar aquilo que a mente idealizou e aperfeiçoou. Outra coisa: a mente prova ser superior à matéria pelo facto de que nenhum esforço da mente para demonstrar o seu pensamento através da substância material resulta em inteira satisfação.

Se a matéria controlasse a mente, nunca haveria progresso na arte, na ciência ou em nenhuma das mecânicas, porque, à primeira demonstração ou ilustração de qualquer ciência, a mente ficaria satisfeita e ali estacaria. Mas não é isso que sucede. Se uma máquina é construída, logo se concebe um aperfeiçoamento, e um

aperfeiçoamento sobre outro aperfeiçoamento, até que, por fim, se constrói uma máquina nova. O inventor, ou outra mente, concebe outro melhoramento sobre esse, até que, melhoria após melhoria, a mente continua a não satisfazer a sua própria conceção de perfeição. Não é a mente superior à matéria?

Não origina a filosofia mental todas as outras filosofias? E existiria alguma ciência se essa filosofia não a precedesse? E existiria alguma outra filosofia se a mente nada tivesse que ver com a ciência, ou com a matéria, ou com a vida? Não; filósofos mentais e filósofos materialistas, e quaisquer espécies de lógicos, podem raciocinar como quiserem sobre a relação da mente com a matéria, ou sobre a relação da mente com a ciência, com as ciências absolutas, positivas e abstratas.

Mas não há ciência se não há pensamento; não há vida se não há mente; não há matemática se não há razão no cérebro humano; e não há nada em tudo o que sabeis, ou sentis, ou pensais, ou ouvis, exceto que a mente é absoluta, suprema, divina e perfeita. Quem é Deus? É mente. Quem é o governador do universo? A mente. O que constrói sóis e sistemas e universos? A inteligência. O que faz os planetas orbes girarem nas suas esferas? A mente. O que faz a folhinha tenra crescer e a florzinha desabrochar, extraindo dos raios do sol matizes adaptados ao seu próprio crescimento e fins individuais? A mente. Porquê? Se concebêssemos um universo ao acaso, ou um mundo material sem uma inteligência que o guiasse, isso representaria tão claramente o nosso ideal de discórdia, de caos, que a conceção se perderia no esforço de conceber.

E, se pudéssemos entender que havia um Deus cuja mente não fosse absoluta, omnipresente, ubíqua, em todo o lado, a nossa confiança na estrutura material do universo muito cedo desapareceria, e amanhã poderíeis esperar não ver sol, nem terra, nada, e nós próprios no olvido. Portanto, como dissemos antes, o mundo da mente tem de originar, construir e exemplificar toda a ciência. E a filosofia mental, antes que a ciência possa ser claramente entendida, deve ser colocada à frente no catálogo de todas as ciências.

E quando o homem puder entender cabalmente as leis que regem o sol e a lua, terá a chave para abrir os mistérios de todo o universo — nem a geologia, nem a astronomia, nem a química, nem a geometria, nem sequer a matemática na sua forma material arbitrária, lhe poderão dar qualquer informação que não seja relativa, nem lhe poderão mostrar qualquer descoberta que não seja falível, até que ele compreenda a ciência da mente; pois dela, e só dela, depende a grande estrutura de toda a ciência; e a ela, e só a ela, pode ser traçada a prosperidade presente das nações e dos mundos, comercialmente, religiosamente e politicamente.

ALGUNS ERROS SOBRE A MEDIUNIDADE CORRIGIDOS

Escrito para The Progressive Thinker, pelos Guias de MRS. CORA L. V. RICHMOND

Os médiuns não devem ser designados como tais por quaisquer características físicas ou mentais, nem diferem no mais pequeno grau do ser humano médio. Pessoas, jovens e idosas, em todos os estratos e condições da vida, cercadas de pobreza e de riqueza, por vezes eminentes e frequentemente humildes, possuindo toda a variedade de temperamentos, disposições e inteligências — são escolhidas como médiuns para transmitir ao mundo o reflexo de uma vida futura.

As condições do estado particular que pode ser chamado mediunidade são totalmente desconhecidas dos mortais e de muitos espíritos, nem qualquer pessoa, sem a perceção espiritual, pode dizer se um indivíduo é ou poderá tornar-se médium. Todas as pessoas com algum grau de perceção ou desenvolvimento espiritual são auxiliadas, impressionadas e guiadas em certa medida por guardiães espirituais sob a orientação de Guias Angélicos; mas a mediunidade é uma expressão distinta do poder espiritual na presença ou através do organismo de uma pessoa; essa expressão pode ou não ser com o consentimento do médium, mas é absolutamente independente de qualquer vontade da parte daquele cuja presença ou organismo é assim utilizado.

Muitas pessoas supõem que há uma diferença temperamental e constitucional entre pessoas mediúnicas e outras; tal não é o caso. A aura psíquica que rodeia todos os seres humanos e as condições psíquicas do organismo individual podem ser influenciadas por inteligências espirituais, produzindo o estado de mediunidade. Muitos são mediúnicos por um tempo, manifestando uma fase bastante distinta de controlo espiritual ou de fenómenos, e o poder pode ser retirado, ou pode mudar de fase. A presença ou retirada do poder mediúnico não se deve a qualquer alteração orgânica no indivíduo, mas sim à retirada da ação particular do poder espiritual que produz o estado mediúnico; em outras palavras, a mediunidade é em todos os casos o resultado da ação direta das inteligências espirituais sobre a natureza psíquica do médium.

A qualidade das manifestações através de pessoas em estado de mediunidade, e por vezes os modos particulares de expressão, podem variar conforme a condição e a formação educacional do médium, a menos que o poder espiritual escolha exercer um controlo absoluto até aos menores detalhes. Normalmente, os fenómenos físicos são dados com o propósito de surpreender os investigadores ou as pessoas que os testemunham, levando-as a um inquérito mais aprofundado. As manifestações, nestes casos, sendo ajustadas aos sentidos, não têm geralmente da parte dos espíritos manifestantes a intenção de alcançar o intelecto, exceto pela fase física da manifestação, deixando às mentes dos presentes a tarefa de tirar as suas próprias conclusões.

Frequentemente, quando mensagens são soletradas pelos “toques” (os assistentes

repetindo o alfabeto e os toques indicando a letra até a mensagem ficar completa), observa-se que o estilo de soletração é correto ou não, conforme o nível de instrução do médium; e ainda assim, na presença do mesmo médium, se o espírito manifestante desejar dar uma expressão intelectual, cada palavra é soletrada corretamente e a construção gramatical das frases é perfeita, enquanto os pensamentos exprimem uma profundidade muito além das capacidades do médium. A dedução a tirar destas observações é: sempre que seja importante, os espíritos podem e efetivamente põem de parte as características pessoais ou conhecimentos do médium, cujas limitações, físicas, mentais ou espirituais, apenas modificam as manifestações ou expressões quando os espíritos controladores não consideram desejável ou necessário pô-las de lado.

Em todas as fases mentais, quer da mensagem escrita ou falada, quer por controlo automático, inspiração ou transe, o espírito controlador pode ou não alterar a linguagem habitual do médium; mas em todos os casos em que o objetivo é dar uma expressão mental fenomenal, a linguagem e as ideias transcendem de tal forma as possibilidades normais do médium, que a atenção é imediatamente atraída nesse sentido. Línguas estrangeiras desconhecidas do médium, ensaios ou discursos científicos cujo conteúdo está absolutamente para além do conhecimento do médium, história e pormenores informativos — tudo isto pode ser e é fornecido pelo espírito controlador através de um médium totalmente alheio ao conhecimento transmitido.

De facto, tal como nas mensagens pessoais, o médium é (e deve ser, para que a prova tenha qualquer valor para o consulente) totalmente alheio a nomes, história pessoal e pormenores de qualquer espécie relacionados com o consulente e com o espírito ou espíritos de quem a mensagem é transmitida. Assim, nas fases mentais (sendo iguais todas as outras condições), é melhor que as influências controladoras forneçam todos os pormenores de linguagem, construção gramatical, factos, ilustrações e ideias, mas isto, como todas as outras fases, deve ser deixado à sabedoria do controlo.

Em muitos casos de inspiração apenas as ideias são transmitidas e os oradores ou escritores são deixados a expressá-las na sua linguagem individual; em alguns casos as ideias não são dadas, mas sim as palavras, uma de cada vez, inseridas na consciência do médium, e o fim da frase é desconhecido até ser proferido.

Dante afirmou que não só os pensamentos e experiências, mas também parte da linguagem do seu poema Divino, foram ditados pela celestial Beatriz. Embora seja presumível que apenas as ideias recebidas por Sócrates lhe tenham sido comunicadas pelo seu "Demónio" ou espírito guardião, ainda assim o estilo conversacional dos seus ensinamentos transmitia a ideia de que a própria linguagem lhe era sugerida pelo guia.

Os espiritualistas, em geral, alimentam opiniões mais erradas acerca da mediunidade do que aqueles totalmente ignorantes do assunto, e estas observações dirigem-se sobretudo a espiritualistas. Algum grau de conhecimento é necessário mesmo para formar uma opinião errada, e aqueles fora das fileiras do Espiritualismo e que são totalmente ignorantes raramente têm opiniões, apenas uma vaga ideia de que todos os "espiritualistas" são "médiuns" e de que todos os médiuns são "levantadores de mesas" ou "bate-toques". Primariamente, a mediunidade existe com o propósito de demonstrar um estado futuro e a presença de espíritos àqueles que dela necessitam:

Através de fenómenos físicos não governados pela vontade do médium nem dos assistentes e absolutamente inexplicáveis por qualquer ação da chamada "lei natural".

Através de fenómenos mentais que atestam a ação da inteligência individual de seres humanos desencarnados, independentemente da vontade ou inteligência ativa do médium.

O ensino de verdades básicas e primordiais relativas aos estados espirituais além da Terra e ao desenvolvimento espiritual enquanto aqui se está. De facto, tudo o que diz respeito ao possível conhecimento do Mundo Espiritual pela ação direta de espíritos libertos da forma mortal.

É claro que as perceções espirituais e o crescimento de cada espírito individual em qualquer mundo pertencem a um domínio não incluído no que pode ser tecnicamente chamado mediunidade. Os fenómenos físicos do Espiritualismo podem ocorrer na presença de um médium sem que haja qualquer alegação de que a vida individual ou a natureza espiritual do médium estejam controladas por poder espiritual. Mensagens de amigos pessoais e fenómenos mentais podem ser dados e, ainda assim, o médium não deve ser culpado nem elogiado pelo que é transmitido; por exemplo, um marinheiro pode praguejar e um pastor rezar para efeitos de identificação pessoal, sem manchar ou alterar a condição normal do médium. Tais manifestações nem sequer indicam o estado do espírito que as transmite; apenas constituem prova de identidade pessoal.

Os espiritualistas, naturalmente, são atraídos e tornam-se apreciadores do médium ou dos médiuns através de quem os seus amigos pessoais transmitem mensagens, sobretudo do médium através de quem lhes chegou a primeira notícia desta comunhão; muitas vezes isto desenvolve-se num partidarismo tão repreensível quanto injusto, pois leva à desvalorização de outros médiuns igualmente bons e fiáveis, através de quem outras pessoas receberam o seu primeiro conhecimento da comunhão espiritual. É quase lamentável ouvir espiritualistas, que deviam manifestar maior inteligência, dizer:
"O meu médium é o melhor; tudo o que vem através do meu médium é perfeito."

A palavra meu só é usada porque esse médium em particular foi o que transmitiu mensagens de caráter pessoal ao que o diz. Embora a apreciação e a simpatia estejam entre os elementos essenciais que rodeiam um médium (e, na verdade, qualquer ser humano), a desvalorização dos outros não faz parte de uma verdadeira apreciação. Muitas vezes os médiuns foram acusados da sua aparente crítica e inveja uns dos outros, mas os amigos partidários são frequentemente em grande parte responsáveis por isso. Espiritualistas e médiuns devem todos lembrar que a verdadeira apreciação de um médium é a apreciação de todos; e a verdadeira defesa de um é a defesa de todos.

Não pode haver pior atitude do que a que se encontra por vezes nas mentes de alguns professos espiritualistas: questionar a genuinidade de uma manifestação dada através de um médium porque se trata de uma fase desconhecida; ou, pior ainda, porque a mesma fase foi testemunhada através de um médium favorito, e o espiritualista partidário sente ciúmes de que outro apresente a mesma classe de manifestação. Se há prova numa manifestação, não haverá prova acrescida em cada manifestação adicional de semelhante natureza?

Um espiritualista no Oriente, algo proeminente e notável numa certa direção, escreveu, em ligação com um relato publicado de manifestações por ele testemunhadas, que podia garantir a genuinidade das manifestações e mensagens porque dadas através do seu próprio mediunismo, estando o médium durante esse período de tempo (acreditamos que vários meses) quase exclusivamente na presença daquele que narrava os factos. Para nós isso não constituiria prova particular alguma. Se vinte ou cem outras pessoas tivessem estado presentes e testemunhado as manifestações e ouvido as mensagens, ou se, separadamente, tivessem recebido mensagens e manifestações, não seria isso testemunho acrescido?

É preciso ter grande confiança na superioridade de uma pessoa para supor que a sua mera presença pessoal asseguraria, por si só, a genuinidade das manifestações. A verdade é que todas as manifestações, de qualquer género, são adaptações às necessidades (nem sempre aos desejos) dos que as recebem. Para a mente do espiritualista médio, é genuína a manifestação que apela ao seu estado mental particular. No mesmo círculo, e testemunhando as mesmas manifestações, encontram-se frequentemente tantas variedades de opinião quanto indivíduos presentes.

Supor que uma manifestação é "genuína" apenas porque alguém está pessoalmente satisfeito, e não genuína porque não o está, é tomar o julgamento individual (muitas vezes baseado em preconceito ou partidarismo) como padrão para o mundo. As sessões mais "satisfatórias" são frequentemente aquelas em que não ocorrem manifestações, ou em que estas são tão interrompidas que deixam

amplo espaço para dúvida. As dúvidas são os pontos ou pivôs onde se suspende a cadeia da prova. Não é culpa do médium se, por vezes, o espírito manifestante deixa uma lacuna nas manifestações de uma noite. Um ilusionista nunca falha; mas a genuinidade das manifestações através de um médium é muitas vezes atestada pelo falhanço ou incompletude da manifestação.

As condições são frequentemente invocadas e insistidas como explicação para o grau de perfeição ou imperfeição de uma manifestação, e os espíritos necessariamente adiantaram esta palavra, como explicando não só a base primordial da fase fenomenal do Espiritualismo, mas também porque "condições desfavoráveis" e "condições favoráveis" se tornaram as explicações universais para o que é considerado manifestações perfeitas ou imperfeitas.

O facto é que algumas das provas mais convincentes (isto é, demonstrações perfeitas) do poder espiritual foram dadas sob as condições mais "desarmoniosas", e alguns dos piores fracassos aparentes tiveram lugar quando o círculo ou companhia estava mais harmonioso. Assim como o estado de mediunidade não pode ser rastreado a uma base uniformemente distinta, também as circunstâncias sob as quais manifestações podem ou não ter lugar não podem ser fixadas. A palavra "condições" é uma adaptação às necessidades da mente humana, que frequentemente precisa de saber "como?" e "porquê?" antes de conhecer os factos em que o "como" e o "porquê" se supõem assentar.

Pensa-se muitas vezes que a presença de um cético ou descrente com mente muito positiva retardará ou impedirá as manifestações da presença e poder espirituais, e contudo o autor conheceu manifestações das mais positivas e maravilhosas a ocorrerem na presença de uma sala cheia de escarnecedores. Os espíritos certamente podem, se assim o desejarem, manifestar-se na presença daquele que está determinado a não acreditar, tão prontamente como na presença do que é indiferente ou predisposto à crença; mas por que haveriam de o fazer? Se há outras pessoas presentes a alcançar, prontas para a prova, ou se algum dos descrentes está disposto a aceitar a prova quando lhe for oferecida, as manifestações podem ocorrer.

Se, contudo, os espíritos percebem que a atitude do descrente é meramente de desafio, e que a atitude dos espiritualistas presentes é semelhante à dos que fazem grandes apostas no sucesso de um cavalo favorito nas corridas — um desejo de que "os espíritos mostrem apenas àquele homem o que podem fazer" — então não parece haver razão espiritual ou lógica para que a manifestação ocorra. Nas manifestações espirituais, os maiores resultados são os procurados, e a sessão não é feita como palco para "mostrar o que os espíritos podem fazer", mas sim para dar demonstrações adaptadas às necessidades dos que as recebem.

Para os indivíduos que formam ou compõem um círculo, um estado de

recetividade (não necessariamente de crença), um certo grau de harmonia entre os membros e um tom geral de serenidade devem constituir as melhores "condições", sendo estas também as mais agradáveis e saudáveis para o médium; mas as manifestações podem ocorrer em meio aos trovões e relâmpagos do Sinai ou à confusão de Babel, quando há uma necessidade espiritual.

É melhor que os espiritualistas abandonem todas as especulações, teorias, preconceitos e durezas acerca da mediunidade e em relação aos médiuns, e se dediquem, tanto quanto possível, a receber no espírito adequado as manifestações dadas e as lições transmitidas.

Alguém pode estar em estado de mediunidade durante uma hora, um dia, um ano ou uma vida inteira. Durante esse tempo, a pessoa assim influenciada pelo poder espiritual pode tornar-se muito sensível às influências circundantes. Noutra altura, a mesma pessoa pode tornar-se totalmente imune a quaisquer circunstâncias ou estados de espírito dos presentes. Por vezes a ação mediúnica é inteiramente na direção da grande sensibilidade; outras vezes exerce-se na direção da maior coragem e heroísmo. As pessoas culpam muitas vezes os médiuns por falhas de omissão ou de comissão, dizendo: "Tendo tanto auxílio do mundo espiritual, deviam fazer isto ou aquilo"; e outras vezes desculpam os médiuns dizendo: "Ah, eles são muito sensíveis e suscetíveis às influências circundantes, por serem mediúnicos."

Ambas as proposições podem ser verdadeiras: uma pessoa, devido à atividade mediúnica, pode ser muito forte num momento, e, por razão semelhante, muito sensível noutro; mas tais indicações, como resultado de um estado mediúnico, são sobrepostas, são para um propósito especial e não se destinam a substituir a condição normal do médium.

Todo o médium, sendo um espírito humano individual, deve ter a sua vida ou experiência própria, e a mediunidade nunca é permitida alterar ou de qualquer forma modificar essa experiência individual, exceto no grau necessário para tornar a experiência ou lições de vida plenas e completas. Mesmo que o exercício do dom da mediunidade se torne a obra inteira da vida do médium, não é uma "frustração ou subversão" da individualidade ou experiência, mas sim um cumprimento. Uma grande causa, ainda que inspirada e guiada por outras mentes, pode dominar qualquer vida e, em vez de retirar, acrescentará sempre à individualidade.

Muitas pessoas dizem: "Ah, eu não seria médium por nada deste mundo, especialmente médium inconsciente ou em transe; isso tira-nos a individualidade." Será? Então, todas as pessoas do mundo que não são médiuns estão perfeitamente livres e não influenciadas por outras mentes? O operário não trabalha, em muitos casos, para o seu patrão, sob circunstâncias de servidão? Não

se sente muitas vezes obrigado a trabalhar, votar e até rezar conforme o patrão dita? Quando um artista copia dos "Antigos Mestres", não é isso mais servil do que ser influenciado pelos seus espíritos para produzir novas criações?

Se as pessoas intelectuais do mundo são tão cuidadosas em preservar a sua individualidade, por que razão Tyndall e Spencer pensam por elas? E depois de se revoltarem contra o uso de padres para rezarem por elas, porque não têm medo, os que procuram mistérios ocultos, de seguir tão servilmente os seus líderes que lhes roubam a individualidade, na aniquilação que resulta do karma negativo acumulado, ou no Nirvana que nunca têm certeza de alcançar, mas que, se o atingirem, implica ausência total de individualidade? Uma ação inteligente sobre a própria vida, com um propósito específico — o de demonstrar e ensinar a natureza da existência espiritual; uma ação que inclui o desabrochar de todas as qualidades do indivíduo, por mentes designadas para um certo trabalho e sob orientação superior — não pode retirar um só átomo à vida individual.

Os médiuns, embora muitas vezes imperfeitos, não o são mais do que outros seres humanos; e se as pessoas exigem indivíduos perfeitos como médiuns, que os encontrem para nós.

Os médiuns, embora sofrendo frequentemente a agonia dos mártires, por vezes mais devido a amigos tolos e vacilantes do que a inimigos declarados, recebem uma rara compensação e, em muitos casos, uma rica herança de bênçãos espirituais de que estão plenamente conscientes.

Os médiuns, embora chamados a fazer o que o mundo designa como muitos sacrifícios, não são obrigados a maiores sacrifícios do que qualquer ser humano que siga qualquer vocação, e muitas vezes nem tão grandes. A mediunidade, embora sujeitando alguém à crítica, censura e por vezes perseguição de amigos traiçoeiros e de inimigos declarados, ainda assim traz a grata homenagem de corações amorosos cujas mágoas foram aliviadas, cuja dor pela morte dos entes queridos foi transformada em alegria, e que não trocariam estes dons preciosos e o bem possível ao mundo por tudo o que a terra oferece em riqueza, louvor ou poder.

A mediunidade não só ajuda todas as vidas às quais são dadas mensagens e ministrações, a superar falhas e deficiências pessoais, mas também auxilia o próprio médium de formas semelhantes, além de ensinar a mais ampla caridade e o mais elevado padrão de vida como único objetivo da existência.

Espiritualistas, depois de toda a luz recebida, das mensagens de entes queridos transmitidas, da aniquilação da morte, do conhecimento supremo que chegou ao mundo através da mediunidade — não será tempo de se conceder uma visão mais elevada e ampla, uma apreciação mais correta e menos egoísta, uma caridade mais

abrangente e um amor mais inclusivo para com todos os médiuns? Não será tempo de pôr de lado desejos egoístas, partidarismos estreitos e críticas técnicas, em prol de uma perfeição ampla e esclarecida dos princípios envolvidos na mediunidade? E sobretudo, exigindo tanto do mundo espiritual, através daqueles que são o meio de transmitir-vos mensagens, não será o mínimo que podeis fazer aproximar-vos desses médiuns livres de suspeita e com tanto do espírito do Espiritualismo quanto possais trazer?

Médiuns, saudamo-los a todos com amor. Com os dons preciosos que são vossos, o privilégio bendito de trazer as mensagens de amor do alto, lembrai-vos de que cada médium deve ao outro reconhecimento, encorajamento, simpatia. Em meio à perseguição, não tenhais medo; cercados de inimigos, não vos deixeis desencorajar. O amor envolvente do Pai Celestial e os vossos próprios controlos espirituais e guias angélicos vos rodearão, fortalecerão e sustentarão. Sede fiéis até à morte e Eu (a Verdade) vos darei a Coroa da Vida.

PREVISÃO ESPIRITUAL PARA 1895

Chicago, Domingo de manhã, 6 de Janeiro de 1895

"Os céus proclamam a glória do Senhor."
"Poderás tu atar as doces influências das Plêiades ou soltar o cinto de Órion?"
"Não há nada de novo debaixo do sol."
"Eis que faço novas todas as coisas."

Estas, e talvez mais uma vintena de outras passagens de registos cabalísticos e sagrados, mostram a diferença entre as interpretações materiais e espirituais. Dar-vos-emos a perspetiva do ano no plano material, a qual é suficientemente desanimadora, a não ser que sejais muito otimistas; mas a perspetiva espiritual é sempre animadora. Não podeis estar mais longe do objetivo por qualquer sombra que possa intervir, mesmo que essa sombra seja aquela em que deveis entrar para apressar a viagem ou para dar o próximo passo no progresso da humanidade.

CIÊNCIA E PROFECIA

É muito interessante ver como a ciência acompanha a profecia espiritual e o desdobrar do espírito; como, gradualmente, as coisas que foram escarnecidas, que declaráramos anos atrás, durante o periélio e noutras ocasiões, se estão a tornar teorias aceites pelos seguidores da ciência. A posição do planeta Marte em relação à Terra, nos últimos meses, proporcionou maiores oportunidades de observação telescópica, que mostram indícios daquilo que também já havíamos declarado: que existe toda a probabilidade de Marte ser habitado; até a ciência admitirá isto, não obstante a suposta condição rarefeita da sua atmosfera.

Ainda assim, quando se pode ver a retração gradual das neves em torno do polo de Marte mais próximo da Terra, o próximo passo será, sem dúvida, trazer à visão as cidades e templos construídos pelos habitantes de Marte, e, através de vibrações de luz e de aparelhos ainda desconhecidos, sem dúvida aprendereis, com o tempo, que os habitantes de Marte têm tentado sinalizar para os povos da Terra através dos cinturões que os separam e que, quando os vossos processos científicos estiverem suficientemente desenvolvidos, e a mente humana igualmente avançada, podereis estabelecer telegrafia solar, elétrica, magnética ou de outro tipo vibratório com os vossos vizinhos planetários mais próximos. Um século, provavelmente, não decorrerá — talvez nem cinquenta anos — e, como estes são dias de rápidas culminações, possivelmente não mais de vinte e cinco, antes de isto ser aproximadamente verdade.

COMUNHÃO COM OUTROS MUNDOS

Quando isto for alcançado, então tudo parecerá possível. Pois além e além existem outros mundos e outros sistemas com os quais, através de subtis processos de luz ou de processos mais finos de forças ocultas, podereis manter comunicação.
A ciência, no entanto, não pode assumir que sabe alguma coisa; cabe ao domínio da inspiração predizer e à ciência verificar e cumprir. Não estais justificados, como cientistas, em aceitar algo para além das demonstrações efetivas da ciência; estais, porém, perfeitamente justificados, como crentes na inspiração, em aceitar aquilo que apela à vossa natureza espiritual: talvez seja por isso que a astrologia está a ganhar tanta força nas mentes de muitas pessoas hoje — não tanto porque estejam mais interessadas na ciência, pois a astronomia é uma ciência exata, mas por causa da subtil lei que parece ligar as pessoas a outros planetas e aos habitantes de outros mundos. Por detrás desta vaga astrológica encontra-se aquilo que agora se espalha pela Terra: existe um poder espiritual que impele as pessoas a procurar aquilo que é, na realidade, fruto da inspiração.

ASTROLOGIA E ASTRONOMIA

Embora seja verdade que os planetas se afetam mutuamente em certo grau, as influências espirituais sobre a vida humana devem emanar dos habitantes desses planetas. Se o pensamento é governado pelo pensamento, e o espírito pelo espírito, então os anjos do planeta Marte, sendo mais poderosos do que os espíritos pertencentes à Terra, podem tocar as mentes terrenas com este vago alfabeto da perceção, preparatório da linguagem mais ampla do desdobrar espiritual e do conhecimento. Assim, com a astrologia de um lado e a astronomia do outro, podeis vir a saber muito acerca da influência dos planetas uns sobre os outros e sobre vós; e com o Espiritualismo para interpretar o todo, estareis propensos a conhecer o significado espiritual de todas estas revelações. Não deveis, contudo, interpretar demasiado literalmente as mensagens que vêm de

fontes espirituais sobre este tema: são muitas vezes meramente sugestivas e destinadas a orientar as vossas mentes no sentido de alargar o vosso pensamento e estender o vosso campo de visão, mental e espiritualmente.

É verdade que o mundo científico, no seu conjunto, está agora mais preparado para admitir a possibilidade de outros planetas serem habitados; e que a inteligência é um fator no grande campo da investigação científica. Não está, contudo, distante o tempo em que, suplementando ou talvez mesmo precedendo as experiências da análise espectroscópica ou da observação telescópica, o cientista recorrerá à clarividência ou à ministração de seres espirituais.

SOMBRAS NO MUNDO EXTERIOR

E assim estes pensamentos chocam entre si, de modo que o futuro do mundo exterior parece suficientemente sombrio, suficientemente triste: não há qualquer evidência especial de melhoria das condições da maioria da humanidade. As dificuldades que vos cercam de várias formas não estão resolvidas, e as nações da Terra continuam a perspetivar guerras e lutas, controvérsias e diplomacia política, pela supremacia e pelo poder. Os reis agarram-se aos seus tronos, embora sejam posses muito incertas e precárias; cetros e coroas não são pertenças muito confortáveis; ainda assim, devem ser mantidos. O czar não se senta no trono do império com a mesma paz de espírito que teria não fosse o conhecimento da Sibéria, da inquietação que o niilismo produziu e do perigo pessoal que rodeia o imperador.

Sempre assim será, onde um indivíduo detém nas suas mãos os pensamentos e as vidas de um grande número de pessoas, impedindo-as de acompanhar o progresso da época. Qual será o surto particular, como o niilismo levará o império a florescer numa república, como os elementos conflitantes se moldarão para o ajustamento final da humanidade na Rússia, talvez não possa hoje ser dito por falta de tempo; mas já prevíramos que a Rússia se tornará uma república, talvez antes da Grã-Bretanha, pois esta já está tão próxima de o ser que muitos dizem não haver necessidade de maior liberdade. Com a abolição das leis de primogenitura e de vínculo, e da igreja de Estado, tendes essencialmente uma república na Grã-Bretanha. Todas estas coisas podem acontecer num meio século, se não antes.

INQUIETAÇÃO NO ORIENTE

Por todo o Oriente há uma inquietação nascida do acréscimo de conhecimento. As conquistas da civilização abriram os olhos dos inteligentes e perspicazes orientais. Não é improvável que seja dado um passo, não por ingratidão pelo que a Inglaterra realizou, mas devido à restauração ou ressurreição de antigas ideias, que durante algum tempo haviam sido soterradas. Quem conhece a história do governo britânico na Índia está perfeitamente ciente de que, por detrás do

aparente progresso da civilização, por detrás do estabelecimento de escolas e da adoção de costumes europeus, existiu uma profunda corrente de erros, de roubo e de opressão: estes trazem, inevitavelmente, a sua colheita. Enquanto a Inglaterra pode ser chamada a resolver algumas dessas complicadas questões orientais na Birmânia, no Afeganistão e na Índia, em casa o grande problema não foi resolvido. Quer o sr. Gladstone viva para ver outra campanha, quer a própria rainha seja em breve chamada a juntar-se aos reis e rainhas que, como todas as outras pessoas, habitam o reino dos espíritos — ainda é verdade que uma mudança se aproxima da Grã-Bretanha, com novos pensamentos e ideias repletas de todo o avanço da época; que as escolas de pensamento antigo e as linhas de aristocracia antiga estão a derreter rapidamente perante a marcha incessante da civilização contemporânea.

Nada, talvez, indique isto mais do que o avanço espiritual do povo; com uma igreja de Estado, a Inglaterra é, acima de todas as nações, a mais liberal em conceder formas de culto a todos; com a herança e tradições aparentes de leis baseadas nos trinta e nove artigos, ainda assim o budismo, o bramanismo ou qualquer tipo de religião pode ali encontrar expressão. Não há queixas, e há menos ostracismo social do que aqui por causa de opiniões espirituais. O esclarecimento resultante da Igreja Broad, e das escolas de John Stuart Mill e John Bentham politicamente, culminou naquilo que consideramos o triunfo do pensamento liberal, a aceitação da opinião individual e o reconhecimento do direito de todas as pessoas às suas próprias opiniões.

O PROBLEMA DO DINHEIRO

Neste país, o grande problema a resolver é o dinheiro. Não há aqui rei ou rainha; não há czar a depor; não existe nada senão o espírito de Mamom a enfrentar; esse espírito, sob várias formas, conseguiu até agora apoderar-se da lei. A legislação do país está inteiramente sob o seu domínio; é o único poder efetivo nesta terra hoje. O comércio, dizem, é o agente civilizador do mundo, mas Mamom é o deus do terror; aquele que prende à sua carroça de Juggernaut a vítima que desejaria segui-lo, que desejaria adorá-lo, e colocar tudo sob as suas rodas triunfantes.

RENOVAÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO

Estes problemas ainda não estão resolvidos. Não importa quantas pessoas possam ser enforcadas por serem acusadas de anarquismo, quantas possam ser aprisionadas, porque a tendência para a agitação laboral deve e continuará. As pessoas que agora se afastam em condenação, daqui a um ou dois anos estarão a voltar-se para este tema. Basta notar o progresso da opinião pública e as discussões sobre este assunto, nos púlpitos e na imprensa, para perceber que esta agitação continuará: que, quando houver uma renovação do pensamento humano, a edificação de uma nova ordem, alguém surgirá para a declarar. Então, embora

muitos possam ser afastados ou aprisionados, ou muitos possam ser mortos, a verdade que ele proclama — que o homem que trabalha tem direito, antes de tudo, aos resultados do seu labor — é uma verdade suprema na economia política. Qualquer que seja a teoria daqueles que consideram as finanças um departamento separado, não há riqueza separada da inteligência e do trabalho humano. Quando isto passar a permear os pensamentos e mentes do povo, a mudança que previmos avançará: não virá num dia, não virá num ano, nem talvez em meio século; mas já podeis começar a ouvir os ecos dessa profecia que declara que virá em breve. Que a humanidade caminha para uma perceção mais ampla das relações humanas, e que o tempo chegará em que as coisas materiais não terão supremacia sobre as vidas e a felicidade dos seres humanos.

Isto já soou, por vezes, como anarquia: hoje soa como algo muito radical; dentro de dois ou três anos chamá-lo-eis progresso; dentro de mais alguns anos chamar-lhe-eis o ultra conservadorismo da sociedade. Assim avança a humanidade para aceitar os pensamentos que estão à frente, e que são inevitáveis.

DESÂNIMO

Não vemos, espiritualmente, nos sinais dos tempos, desânimo. Vemos sim, exteriormente, maiores provações e lutas para vós. O pequeno alívio das preocupações de problemas comerciais que vos veio temporariamente não é permanente. As grandes proposições subjacentes do comércio estão hoje mortas, mortas por causa da sua estultificação. Embora os indivíduos que detêm o maior poder no mundo financeiro possam mudar temporariamente esta condição para sua conveniência ou propósito, é contudo, verdade que, por todo o país, não há negócio senão o fictício; a base está morta. O suposto galvanizar da vida na antiga forma falhará; durante algum tempo, é verdade, haverá uma reação contra a atual inatividade. Numa coisa que está tão morta quanto possível, se houver alguma mudança, ela terá algum sinal de vida.

Politicamente e financeiramente, estais nessa condição; portanto, o próximo passo terá de ser um sinal de vida. Além disso, embora possa haver uma reação, até mesmo para as antigas linhas, instalar-se-á uma repulsa pública. A tendência constante da opinião pública é em direção a novas linhas, a um novo propósito, fruto das exigências da hora e das necessidades do dia.

Falamos disto, não porque não o tenhamos dito antes, mas para o enfatizar, para vos mostrar que, embora possa parecer haver uma ressuscitação transitória nas linhas habituais de negócio controladas pelos grandes magnatas financeiros do mundo, ainda assim esse próprio controlo contém em si os elementos de destruição, de autodestruição, como a serpente que finalmente se pica até à morte. Este deve ser o fim do atual sistema financeiro.

TEMPOS DIFÍCEIS

Não vos pedimos que acrediteis nisto. Não vos pedimos sequer que penseis nisso depois de deixardes esta sala. Mas pensareis, nas semanas, nos meses, nos anos que hão de vir, quando os grandes e agonizantes estertores deste gigante vos atingirem a todos dentro do seu poder imponente. Longe, no Noroeste, lá nas planícies, o que os elementos não destruíram, os estragos deste monstro destruíram, e sentida a reação, "tempos difíceis" tem sido o clamor universal. "Tempos difíceis" significa que a quinta está hipotecada e os juros não pagos; que o povo trabalha e nada obtém da produção; isto, com todos os resultados que se seguem, por causa da opressão que sobre eles recai, traz uma agonia da qual, talvez, já escuteis os ecos. É singular que, em tempos difíceis, as pessoas que têm muito dinheiro economizem, porque aquelas que têm pouco precisam de gastar tudo o que têm para viver, e isso por si só contrai a área dos negócios e torna a dificuldade dupla para os que têm pouco.

Não nos demoraremos nesta proposição financeira. A natureza é sempre generosa; a colheita que se semeia costuma ser colhida, apesar das geadas e de outras forças destrutivas. Considerando o todo, a terra produz o suficiente para todos os que vivem à sua superfície. Quando houver uma forma de o produtor obter o resultado do seu produto, uma forma de aqueles que trabalham terem acesso à abundância da terra, então, sem dúvida, o milénio terá chegado.

A NÉMESIS

Predisséramos a Némesis que vagueia sobre a terra, pois o planeta Marte ainda não cumpriu toda a sua missão. Não o dizemos astrologicamente, mas espiritualmente; já que a Némesis da Terra é o próximo planeta em avanço. Encontrar-se-ão entre aqueles em altas posições, entre os que possuem grandes riquezas, talvez, maiores dificuldades do que entre os que têm menos posses materiais. Assim é que, quando a Némesis iniciar a sua atuação, os resultados acabarão por atingir aqueles que, consciente ou inconscientemente, são causa de opressão. Napoleão, com desmedida ambição, conquistando a Europa, ilustrou aquilo que traz a certa Némesis de reação no final da sua vida. Não há dúvida de que aqueles que, por necessidade ou escolha, são feitos instrumentos de tais visitações sobre reis, potentados e poderes, devem ilustrar a reação, mostrando que a Némesis a ninguém poupa.

Júpiter, o planeta benigno em algumas vidas, dá indicação de poder individual em vias espirituais. O triunfo da verdade espiritual nunca esteve tão iminente como agora. Referimo-nos ao estudo daquilo que se chama o oculto, e das chamadas ciências que tocam no espiritual. Quaisquer que sejam os métodos pelos quais um homem chegue ao templo da alma, quando lá chega ele sabe. Pode ir por meios diferentes através dos tortuosos caminhos do misticismo do Oriente, através da

religião oriental remendada, da Teosofia, através dos ensinamentos revividos dos ocultistas unindo estas duas; através da Ciência Cristã, que prepara o caminho para a perceção espiritual, ou por quaisquer outros meios, o Espiritualismo espera por vós. Está aqui para responder à questão sobre a vida imortal e a natureza da alma. Vem em resposta às necessidades humanas. Clérigos começam a sentir a sua necessidade, para enfrentar os avanços da ciência material. Homens de ciência começam a sentir a necessidade do conhecimento espiritual para responder às questões que estão para além do campo das investigações científicas.

SINAIS DOS TEMPOS

Por todo o mundo este grande desassossego, este poderoso encontro e mistura de diferentes religiões, esta aceitação do facto de que o pagão pode ter alma e existir na vida futura, especialmente aqueles pagãos gentis que vieram aqui ensinar aos cristãos a aplicação prática da regra de ouro, todas estas coisas indicam os sinais dos tempos.

Do ponto de vista espiritual vemos tudo quanto é animador. Vemos vidas a voltarem-se para esta luz, saídas das sombras da sua depressão e perdas materiais. Pois quando as coisas externas falham, as pessoas tornam-se então conscientes de que não são supremas, e é o espírito que lhes deve trazer conforto. Foi dito da religião que as pessoas em sofrimento aprenderam a rezar. Isto é muito natural, pois é necessária muita devoção e perceção espiritual para dar graças em meio a alegria e abundância materiais; mas quando a dor chega e lança o véu da ciência entre vós e os vossos entes queridos, ou quando complicações exteriores vos cercam, o que mais pode trazer consolo senão o conhecimento daquilo que é infalível: que embora a morte possa mudar o corpo, o espírito é imutável; embora o destino possa separar, as almas estão ligadas pelos laços inevitáveis e inalteráveis; embora circunstâncias adversas possam cercar e as coisas externas perecer ou desvanecer-se do vosso alcance, o imperecível, aquilo que está na alma, aquilo que faz com que os filósofos, em meio à tempestade e à dor exterior, permaneçam firmes; é isso que inspira os mártires a erguerem-se triunfantes das piras fúnebres, rumo aos domínios do espírito.

O PODER DO ESPÍRITO

Amigos, o poder do espírito está a mover-se sobre o mundo; não está distante; não está longe; olhais firmemente em direção a um novo dia. Como às vezes acontece, antes do esplendor do sol nascente, nevoeiros e brumas podem erguer-se e levar-vos a questionar como será o dia, mas não haveria nevoeiros, nem brumas, se não fosse pelos raios do sol, com a sua dádiva de maravilhosa luz que se aproxima, quando a sombra é mais profunda, quando os caminhos são mais escuros, quando as linhas parecem mais severamente marcadas. Se sois prósperos, ou o fostes, as vossas linhas serão severas, pois este ano traz disciplina a muitos; aos prósperos,

aos grandes, àqueles que o mundo considera como líderes da família humana, não na filosofia, no saber, ou em vias espirituais; mas àqueles dotados de filosofia: ao patriota que serve a sua pátria e a serve livremente; àqueles que, olhando para além do exterior, percebem a luz da verdade e estão dispostos a suportar a sombra por algum tempo, há maior promessa do que nunca. Nem serão grandes os seus sofrimentos, já que olham para a humanidade e fazem tudo o que podem para mitigar os sofrimentos dos que os rodeiam.

Se sentirdes que não é ao vosso esforço individual que está confiada a solução do grande problema do universo — apenas de acordo com a vossa capacidade individual — mas, fazendo o melhor e seguindo em frente na luz que tendes, este ano que vem trará uma maior colheita espiritual, mais manifestações de poder espiritual do que qualquer ano anterior, apesar da tendência para perseguir aqueles que são instrumentos deste poder. De tempos a tempos há uma epidemia do que se chama "exposição" nas fileiras do Espiritualismo. Muitos que desejam brilhar proeminentemente na estima do mundo colocam-se contra a "fraude". Embora existam os que não servem a verdade — usam meios fictícios e falsidades, não há perigo de passarem por dons espirituais genuínos; um espiritualista inteligente não é mais suscetível de ser enganado por tais imitações do que um perito bancário por moeda falsa, mas, como o bancário, recusa aceitá-la.

Ainda que muitos olhem para as exibições de Hermann e digam que não poderiam ser realizadas sem o auxílio do poder espiritual, deixai que Hermann se submeta às condições de prova de um médium de escrita em ardósia. Ele confessa que o seu espetáculo é todo truque — sem aparelhos mecânicos, sem acessórios de palco as manifestações ocorrem. Esta investigação, sem dúvida, prosseguirá, e as manifestações que antes previramos ocorrerão, em lugares invulgares, entre cenas invulgares, com circunstâncias que excluem a possibilidade daquilo que supondes ser engano.

O hipnotismo está a vir largamente para a frente. Logo (que singular cambalhota nestes dias de iluminação) haverá pessoas presas e encarceradas por o praticarem. Quem sabe se não retornareis a cenas semelhantes às testemunhadas nos dias da bruxaria de Salem? Claro que se supõe ser esta uma época mais esclarecida, mas o medo científico é tão degradante quanto o medo teológico. A ciência é tão egoísta que espera monopolizar tudo o que haja de hipnotismo. Os que têm boa memória — e muitos há nesta sala — lembrar-se-ão de ter assistido a exibições de mesmerismo há cinquenta ou sessenta anos em palcos públicos. Muitos foram levados, nos primeiros dias, a investigar o Espiritualismo através das manifestações do mesmerismo. Embora muitos tenham sido aliviados da dor e do sofrimento através deste poder, entre os suficientemente científicos para o praticarem não houve, em sessenta anos, meia dúzia condenados por qualquer delito contra a humanidade.

As pessoas que não são morais não se interessam por assuntos deste género; os que pretendem prejudicar o próximo ou o amigo, apesar do terror das convicções teológicas e do "mau-olhado", não o podem fazer; recai sobre eles próprios. Não há "magia negra" mais negra do que a que se apodera dos chamados homens de ciência para perseguirem até à extinção a investigação sincera e honesta.

Temos agora de percorrer rapidamente o território governado pelos pensamentos que são mais proeminentes no mundo. Dizemos-vos, individualmente, que a influência dominante das vossas vidas dependerá de serem elas espirituais ou materiais. Se materiais, ai de vós; se espirituais, então a luz desse espírito transcendente vos envolverá com a sua força, vos levará adiante sobre as dificuldades e vos trará, em triunfo, ao conhecimento de que o novo ano, o grande novo ano que se aproxima rapidamente, em breve despontará sobre a Terra e os homens não aprenderão mais a guerra nem o egoísmo.

VISLUMBRES PROFÉTICOS PARA O ANO NOVO

Domingo, 7 de janeiro de 1906

Abdul Ramanatha contemplou o nascimento da estrela que anunciava a aurora do Ano Novo e disse: "Segundo os Rishis, se leio bem os planetas, há muito a oriente a sombra da guerra, e sobre todas as nações da Terra a nuvem de guerra ergue-se." Durante a noite mais longa do ano, nos recônditos mais afastados das montanhas, os Magos aguardavam a chegada do dia e, enquanto vigiavam, consultavam também as estrelas e viram, sobre o horizonte do extremo Norte, as três estrelas da constelação da Ursa Maior, chamadas "Tridente de Neptuno"; para sul viram o fulgor maravilhoso de Sírio, a Estrela do Cão; e, quanto aos sinais do que o ano faria nascer, assinalaram o dia e as mudanças das estações para o próximo grande ciclo de tempo.

Entre os antigos e entre alguns povos orientais o Ano Novo começava depois da noite mais longa do ano. No vosso calendário isso seria a 22 de dezembro, o que, nesta latitude, iniciaria o Ano Novo, o primeiro crescimento percetível rumo à nova luz. No extremo Sul, Sírio determinava o dia mais longo, e homens e mulheres ficavam nas margens lançando às águas as grandes oferendas da árvore Betil e de outras árvores e flores sagradas para o deus que traz a frutificação. Nas Terras do Norte, o dia mais longo é venerado por conceder ao grande silêncio do Norte o esplendor maior que mostra o caminho traçado para esta pequena Terra.

Hoje há mentes vivas e alerta, talvez não nas torres de vigia da antiga astrologia, possivelmente não nos observatórios da astronomia da Cristandade, pois a astronomia espiritual e a material separaram-se algures, e os astrónomos agora consultam as estrelas com o olho da matemática, deixando fechado o olho do

espírito. Não assim os Magos. Com matemática exata, como se vê nas suas tábuas astronómicas (pois nos antigos "astrónomos" do Egito e da Babilónia havia perfeito conhecimento dos planetas), os Magos mantinham também a luz do espírito e, portanto, eram capazes de perceber tanto os sinais e emblemas espirituais como os materiais ao observarem o sistema planetário.

Há muitos anos vos dissemos que estais na depressão entre duas grandes alturas messiânicas; que a Terra é como uma pessoa que viaja entre duas cadeias de montanhas, tendo passado um cume e estando agora no vale antes da ascensão — talvez justamente no início da ascensão — para outro cume. No meio das tempestades, terramotos, ciclones, erupções vulcânicas, guerras e contendas de toda a espécie; mas também, sobre as montanhas para as quais a Terra e os seus habitantes viajam, está a mensagem de Paz, de Esperança, de Amor.

Não precisamos de recordar as nossas habituais predições anuais feitas em anos passados. A Rússia está no meio do seu cumprimento; outras nações avançaram para o cumprimento, e o grande ciclo de inquietação, de provação, de guerra, de tempestade não passou. Dissemos-vos em anos passados que seria pior do que os anos que os precederam. Dizemo-lo hoje. Não é porque o causemos, ou porque o possamos mudar com uma palavra ou alento que possamos proferir. Não obstante, é verdade. As nações da Terra experimentarão maior inquietação.

A Rússia avançará, a maré da revolução parecendo flutuar, mas a República nascerá. O Oriente não terminou todas as suas lutas. Da Índia, da China, lideradas pelo Japão, erguer-se-á uma nova voz. Nuvens de guerra ameaçam a Europa; a Europa será perturbada. Não fossem os laços de consanguinidade, já teria sido precipitada antes disto uma guerra entre a Inglaterra e a Alemanha. Há grande tensão sobre todas as nações da Terra no presente.

Esta guerra que recentemente terminou entre o Japão e a Rússia mudou todo o aspeto do Oriente. Com as mudanças na Rússia haverá mudança em todas as condições da Europa. Os Estados Unidos estão numa posição de determinar, em grande medida, quais serão os resultados. Tendo sido o instrumento, em certo grau, do que ocorreu no encerramento da guerra entre o Japão e a Rússia, o que inaugurou um passo que o mundo faria bem em emular. Quando o vencedor está consciente da vitória e os termos da paz não assentam no dinheiro, torna-se digno de nota, visto que Mamom costuma triunfar nesta era. Mas a proposta monetária foi rejeitada, e o Japão tomou a dianteira. Pois é sem dúvida verdade que não só haveria maior derramamento de sangue, como na Rússia o espírito da revolução já estava vivo.

Quaisquer que sejam as falhas de realização por falta de unidade e de treino, nenhuma revolução retrocede; por conseguinte, esta avançará. Sem dúvida há mais de uma cabeça coroada cujos dias estão contados, tanto por "causas naturais"

como por violência, e este ano pode testemunhar o assassinato de duas ou três. As vidas dos membros das famílias reais não estão seguras, especialmente entre aqueles povos onde a opressão deu lugar à revolução.

O grande "Perigo Amarelo", previsto por políticos por causa da atitude oriental perante o Japão, assume apenas um aspeto temível. A China será contida pelo Japão. A Turquia é agora o poder ameaçador. Deveis lembrar-vos de que há mais milhões de maometanos duas ou três vezes mais do que todos os cristãos da Terra. Não é provável que as outras nações orientais se juntem aos maometanos, mas é perfeitamente certo que a Europa cristã e, em especial, os cristãos que habitam países fronteiros a territórios maometanos, estão em perigo iminente. Se o grito for lançado, ou se a ordem for promulgada para o assassinato de cristãos, será maior do que qualquer assassinato de judeus; maior do que qualquer da história.

Por vezes pensamos que estes são tempos retributivos. Os cristãos não foram lentos a abater pagãos. Levámos guerras ao Oriente; a Inglaterra à África, onde, na realidade, houve mortandade de cristãos, e à Índia. O que a Rússia fez, ou tentou fazer, ao abrir caminho para o comércio do Oriente, a Inglaterra fez; e os Estados Unidos não tardam em seguir. Aceitastes a posição de "potência mundial" do ponto de vista mundano e, portanto, haveis de assumir o resultado.

Os Estados Unidos só serão impedidos de se envolver na guerra do Oriente e da Europa por uma sabedoria que raramente se entroniza na Casa Branca.
Em casa tendes outras nuvens. Não vos iludais dizendo que já passaram. O novo ano está a testemunhar o espetáculo que nunca antes se verificou neste país — os enriquecidos ilicitamente, que roubaram os pobres pelo poder de Mamom, estão alguns deles nos tribunais, sob a alçada da justiça. Mas não vos enganeis, ainda não é chegada a hora em que Mamom é vencido; os grandes abalos da luta europeia hão de servir para desviar a atenção e hão de também criar oportunidade para o capital.

Não pensamos que estejais prontos, nem para a cooperação, nem para a propriedade municipal, nem para qualquer desses temas que parecem prometer aos cidadãos desta república. A ideia do ganho privado, da propriedade individual e do aumento de poder pela cristalização da riqueza está ainda demasiado presente nas mentes do povo. O milionário não é apenas um produto isolado, nem o multimilionário; é o produto da vossa mais elevada conceção de civilização. Agora tendes de tirar disso as consequências; pois aquilo que ele é, o cidadão americano médio seria hoje, se pudesse. Como lidareis com o homem que é o produto da vossa própria sementeira?

Uma república que tem por fundamentos os direitos de cada indivíduo e que zela para que esses direitos não sejam violados tem de proteger esse indivíduo contra

a agressão; não só fisicamente, não apenas o seu corpo, mas também financeiramente e mentalmente. Não podeis soltar um gigante de luta física sem que a luta seja engendrada. Se semeardes nas escolas e faculdades para a força física, havê-la-eis. A equipa de futebol americano é o resultado, contra o qual algumas das melhores mentes do país se viram obrigadas a protestar. Não contra a vigorosa cultura física, mas contra a brutalidade que é gerada. O ringue de pugilismo de outrora nunca chegava a tanto, e, contudo, os combates do ringue são travados por lei. Regulais estas coisas ao cabo de algum tempo. Mas ainda tendes de regular os gigantes que foram soltos sob o falso nome de "competição"; nunca foram contidos, e o resultado é que o gigante que é fruto da competição destruiu a competição, tornou a competição impossível. A sua competição é presumivelmente regulada por lei, mas ainda não alcançastes o método de a travar antes de se tornar opressão.

Começais a perceber que todas as crianças não são iguais, que a mesma rotina e as mesmas experiências na educação não servem para todos, por isso disponibilizais cursos especiais e oportunidades especiais para alguns. O mundo começa a entender que as pessoas são indivíduos e têm de crescer. Na grande luta pela existência humana, igualdade de oportunidades para todos significa igualdade de oportunidade com consideração e provisão para as fragilidades de alguns. Não colocais todos os homens no ringue de pugilismo; não colocais todos os homens na equipa de futebol ou na equipa de basebol; há certa uniformidade de porte e alguns requisitos físicos, caso contrário torna-se homicídio. Quando dizeis homens e mulheres — não diremos mulheres, pois não tiveram igualdade de oportunidade — quando dizeis que todos os homens têm igualdade de oportunidade, não considerastes que nem todos são igualmente fortes, que nem todos são iguais em capacidade financeira.

Não se abreviam os direitos do homem que é um génio das finanças em favor do homem que não é um génio nessa direção. Fá-lo-eis antes de a vossa civilização ser perfeita. Se um homem deseja juntar-se ao poder protetor do corpo de bombeiros, pode usar a sua força física excedente porque é para ajudar os outros; mas não o pode fazer atropelando-os logo à partida — a menos que seja polícia. Assim, se alguém entra no grande concurso do que se chama competição para ganhar o pão de cada dia, e ele é um gigante, ao entrar nisso com as mãos ou com o cérebro o Estado deve vigiá-lo; a sociedade deve regular a sua posição. Mas, dizeis vós, "não poderá um homem atingir a posição mais elevada de que é capaz?" Sim. Sempre, desde que, na letra e no espírito mais elevados da lei, não interfira com outrem. É precisamente aí que tendes falhado.

Não criámos estas condições por falar delas. Vós senti-las a cada passo que dais. Se estais do lado vencedor, alegrais-vos; se pertenceis à grande maioria que está do outro lado, não vos alegrais; não sabeis o que fazer, não conseguis ver claramente a proposição. Aquilo que vos é apresentado como alternativa está na política.

Satisfaz-vos? O economista social estuda este assunto de forma demasiado abstrata. Sois confrontados com crises financeiras na criação das quais não tendes parte e em cuja solução nunca tomais parte. Dizem-vos que isto é inevitável, resultado dos negócios, o que não é. Não haveis de resolver estes problemas até que, pela experiência, as nuvens se juntem e se dissipem, e as nuvens hão de juntar-se e dissipar-se. "Greves" e "lock-outs" ocorrem repetidamente, e os grandes motores e rodas da indústria param, e dizem-vos que há "excesso de produção", que é o resultado da "lei da oferta e da procura". Contudo, tudo isto é manipulado por gigantes das finanças que vos têm na palma da mão.

Este é precisamente o tempo do mundo, e especialmente neste país, em que estas coisas devem ser esperadas. O facto de serem tão tensas indica que estais perto de as superar, tal como a crise numa doença anuncia a sua próxima conclusão; mas a crise é aquilo a que o médico presta particular atenção. A crise particular nos vossos assuntos pessoais é quando a alma ultrapassou todas as condições terrenas. Sabemos que as nações vivem enquanto merecem. Se não conseguem moldar leis fundadas na justiça e levá-las avante, não durarão tanto como os "mil anos" do Império Romano; não viverão tanto quanto as leis dadas pelos grandes Licurgo e Sólon da Grécia.

Ireis repetir essas páginas da história, em que, após o conhecimento, aparentemente fruto de esforços mais altos e nobres, a força física tomou o lugar do direito, a força e a usurpação tomaram o lugar de todo o crescimento pessoal, e grandes avanços intelectuais foram engolidos pelo amor do império. Ah, que honra era ser "cidadão romano!" Mas quando as nações aprendem a amar mais a guerra do que a paz, a conquista física mais do que o crescimento intelectual e espiritual, estas coisas acontecerão.

Certas vidas, que são a colheita de grandes períodos de crescimento, hão de brilhar cada vez mais intensamente para ilustrar o que os homens podem tornar-se e hão de alcançar um dia.

Estardes no meio de uma dessas grandes lutas e ciclos é um aspeto extremamente interessante. Poderíeis observá-lo como alguém interessado observaria um ciclone, um terramoto ou um grande cataclismo cuja grandeza vos toca (nós certamente observamo-lo), mas estais no seu meio e fazeis parte dele, e sois pessoalmente afetados por ele; os vossos entes queridos, dia após dia e ano após ano, estão neste grande turbilhão. Não sabeis como escapar. A terra que cultivaríeis já está no domínio desses gigantes; o alimento que venderíeis para suprir as vossas necessidades e as dos outros está também na sua guarda.

Ainda assim, apesar de todos os obstáculos, se as pessoas o soubessem, há subsistência melhor e mais certa se simplesmente se voltarem para a Mãe Natureza, pois poderíeis viver do que pudésseis produzir numa quinta se a grande

crise chegasse. Talvez a única maneira de fazer as pessoas regressarem à natureza seja precisamente aquilo que fazem nas transações da vida nas cidades, a vida metropolitana.

Madame de Staël disse que preferia viver num quarto numa água-furtada na cidade, onde pudesse ver pessoas, a viver na melhor propriedade do campo. Gostais de estar perto uns dos outros. É um dos meios de vos polirdes mutuamente, de limardes as arestas vivas pelo contacto próximo. É isso que torna a vida metropolitana tão aceitável e desejável, que as pessoas acorrem às cidades vindas do campo; esse tipo de vida rural em que pensais vezes sem conta tudo o que sabeis, e nada mais aprendeis, e anseais por vias mais amplas de observação e expressão, e muitas vezes pior.

Só o recluso foge para as montanhas; só o mundano cansado se apressa para a vida de acampamento e a aprecia. Assim, desta grande luta; desta luta que é iminente, que na verdade já está aqui; desta grande luta financeira que será maior durante o ano que se segue do que em muitos anos anteriores, surgirá uma parcela dos novos começos. O ano de 1893 foi um período marcante; mas este ano é um ano cíclico em termos financeiros. Haverá luta iminente entre as forças em conflito. As pessoas chamam louco a Lawson*; o mundo inteiro do comércio é louco, fanático contra lunático.

**(Thomas William Lawson, 1857–1925)*

Assim, prevemos para este ano, sem estarmos de modo algum em comunhão com, ou na confiança de, qualquer financista ou qualquer grupo de financistas, que os gigantes das finanças guerrearão entre si mais do que em qualquer ano anterior. É quando os Titãs batalham entre si que os deuses pequenos podem dar-se ao luxo de ficar quietos e observar. O problema, quando estes grandes esquemas financeiros são encostados à parede, é que estes bebés, estas mulheres, estas mães, estes operários, estes pequenos comerciantes são os que sofrem. Falar em devolver a estas gentes humildes os seus pequenos ganhos; os gigantes nunca o fazem.

Esses bancos que falem, essas companhias de seguros que falem, todos esses que vos sangram dia após dia para prosperarem, não vos podem devolver essas horas de trabalho; não vos podem devolver essas energias desperdiçadas. A única coisa que podeis fazer é aprender a grande lição e seguir em frente.

Às vezes, quando um homem se aproxima da bancarrota, tenta o máximo para se sustentar; mas quando chega o fim sente-se melhor, mas eis que toda a sua preocupação desaparece. Quando a grande crise chegar a nação sentir-se-á melhor; qualquer que seja a ruína financeira — anotai-o — a nação sentir-se-á melhor.

É agora a batalha dos gigantes, e a guerra será travada. Se tendes uma pequena indústria, ou uma quinta, ou uma casa no campo, ou um pequeno recanto ou canto, MANTENDE-VOS APARTE DE TODA A ESPÉCIE DE ESPECULAÇÃO! MANTENDE-VOS AFASTADOS DELA! Claro que não o sabeis, mas é jogo. Claro que não sabeis que eles jogam com "dados viciados" e vós não. E eis tudo o que vos aconselho: se podeis ganhar o vosso pão de cada dia, contentai-vos; se podeis viver na vossa pequena casa, contentai-vos; se há um pedaço do território de Deus que é vosso, contentai-vos. Acima de tudo, não seja vossa a louca ambição de procurar algo mais do que o que é o resultado do vosso labor quotidiano.

Sabemos quais são os atrativos, sabemos o que fazem as combinações, e sabemos que, em noventa e nove casos em cem, é o amor pela vossa família, pelo vosso povo e amigos que vos impele a fazê-lo. Mas deixai isso; sede fiéis à hora presente, e a natureza cederá os seus tesouros a todo o legítimo possuidor. A riqueza da Terra, sendo cunhada em somas fabulosas por aqueles que dela não necessitam, acabará por seguir para o povo. Aquilo que a natureza forneceu em tal abundância acabará por dar aos filhos da Terra os resultados legítimos do seu labor diário. Não será este ano nem o próximo. Mas antes de muitos anos haverá um intervalo, pois esta grande luta de Mamom resultará então numa ligeira reação a vosso favor. Finalmente — ainda não, nem dentro da vossa vida, pois isso virá em grandes guerras do Oriente e do Ocidente, e no grande cataclismo físico, de que estas grandes perturbações que ireis testemunhar não são senão prenúncios — virá o milénio.

Para as montanhas de segurança, meus amigos! Para as gloriosas alturas da verdade espiritual! Para aquelas alturas onde os profetas se mantêm e onde está a "Arca de Salvação"; que não é uma coisa literal, material, mas uma altura de verdade espiritual de que essa antiga arca era símbolo. Quando chegou a última grande época glacial, no abrigo do arco do círculo medido pelo ciclo, esse pacto veio.

É agora outro ciclo, e a arca de salvação está a ser construída nos vossos corações e vidas; está a ser construída na vossa inteligência; está a ser construída na estrutura da vossa habitação espiritual. Não vos intimideis; não vos deixeis arrastar passivamente para esta dificuldade. Lembrai-vos de que o espírito é mais forte do que o pó; de que o corpo, embora revestido pelo espírito por um tempo, passará em breve, e de que o grande triunfo da alma está no reconhecimento de que nada pode destruir o espírito.

Acendei agora as vossas fogueiras de vigia mais além, como faziam os Rishis que guardavam nas torres do tempo, neste longo período de noite terrena, para dar a conhecer aos filhos da Terra que, para além das guerras, há um lugar de segurança. Acendei as vossas fogueiras de vigia do amor dos espíritos e anjos

ministrantes que estão sobre a Terra neste momento; pois os filhos da Terra precisarão de vós:

Não vos entristeçais se os filhos prediletos partirem do lar nesta altura, porque estão num reino onde não pode haver tal conflito. Não vos entristeçais pelo ente querido de quem tivestes tão grande cuidado, que escapou à vossa proteção mortal; há anjos ministrantes para os guiar, e eles não estão na luta nem no aperto da fome terrena ou da adoração terrena de Mamom. Descei aos bairros de miséria e visitai-os com o Exército de Salvação, e ajudai Jane Addams* a fazer aquilo que é espiritualmente necessário.

O grande mundo de Mamom incitará os gigantes a destruírem-se mutuamente. O Dragão do Egoísmo, que nasce da cobiça acumulada da nação, desaparecerá nas cavernas sombrias da aniquilação de onde veio.

Saudamo-vos! Enviamos-vos saudações do além e apontamos-vos as estrelas dominantes nos céus. Pedimos-vos que adoreis todas as noites no altar desses esplêndidos astros, cujo menor habitante é maior do que um arcanjo. Pedimos-vos também, no início deste novo ano, que coloqueis garantias mais firmes e mais sublimes de fé nestas esperanças e profecias de paz humana, e que volteis os vossos rostos para essa luz que, ainda que parcialmente obscurecida, é, todavia, a grande Luz Nascente do Amor e da Fraternidade, e da Paz nascida da Justiça.

** (Jane Addams, 1860–1935, reformadora social norte-americana, fundadora do Hull House em Chicago, defensora da paz e pioneira no trabalho social com imigrantes e classes desfavorecidas, recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1931.)*

DA TERRA AO CÉU, E DO CÉU À TERRA; UMA EXPERIÊNCIA DE UM ESPÍRITO

Um Discurso proferido através do Organismo da SRA. CORA L. V. RICHMOND, em Chicago, Ill., Domingo, 11 de Setembro de 1892.

Viajar sozinho para as sombras, sair da luz do dia e da luz dos olhos amorosos, da consciência de todos os sons doces e de todo o belo silêncio da natureza; sentir que se deve passar, sozinho, para a aniquilação ou para o que está para além da morte; saber que os apertos de mão cessarão; saber que as formas inclinadas sobre o leito já não serão vistas; e que, seja o que for que exista para além, terá de ser enfrentado sozinho: tal é o primeiro pensamento quando a consciência da mudança chamada morte invade e atravessa a mente, e tal o sentimento que tudo permeia, que nessa escuridão, nessa mudança incerta de que nada sabemos, alguém deve passar absolutamente sem piloto nesse mar em que o espírito tem de navegar para alcançar o porto longínquo — que não há ninguém para guiar através deste estreito curso: é preciso atravessar o silêncio profundo para

alcançar a margem distante, sem que ninguém estenda uma mão amiga e, se for o esquecimento, descer a esse silêncio absolutamente sozinho.

Tais eram os pensamentos, tais as emoções, quando a grande maré da morte se fez sentir. Gradualmente, o conhecimento da formação religiosa, o ensino da infância e da maturidade tornaram-se cada vez mais distintos e, murmurando o nome de Nosso Senhor Jesus, pareceram erguer-se, primeiro, montanhas distintas, cobertas de luz solar; depois, os contornos de uma cidade longínqua, com grandes agulhas de luz que perfuravam as profundezas do azul, cintilando como um sol deslumbrante cuja fonte era invisível, radiante, divina e perfeita; havia cúpulas de esplendor que pareciam orbes arredondados de chama prateada e vastas e inumeráveis mansões, primeiro esboçadas de forma indistinta, mas cada vez mais nítidas até que, por fim, apareceu à visão uma bela cidade, muros altos e resplandecentes com luz brilhante, cúpulas de templos e agulhas trespassando o céu; e ouviram-se sons maravilhosos, como coros distantes de música ou águas murmurantes, ou como os ventos altos entre os pinheiros, que soavam como vozes de anjos.

Então contemplei uma forma de luz seguida de outra e outra, cada uma revestida de brancura imaculada, com asas amplas de poder e força admiráveis, portando harpas de ouro, sobre as quais dedos invisíveis tocavam música doce. Um a um vinham através das suaves profundezas do espaço maravilhoso, e as multidões que estavam além pareciam apenas esperar a ordem para também descer.

Tão longe quanto o olhar do espírito podia alcançar, havia formas sem número, cada uma trajando vestes de luz, asas de esplendor e portando harpas de ouro; e ali, num espaço transcendente que era todo brilho, percebia-se a presença glorificada do Filho do Homem; em majestade de beleza, em esplendor solene e terrível, revestido de uma claridade que parecia infinita, com um poder, sabedoria e grandeza impossíveis de contemplar; em completo, absoluto desespero, o espírito de quem vos fala tentou em vão captar a cena maravilhosa; grandes palpitações de júbilo, deleite e felicidade indizíveis varreram cada fibra do ser e, quando as mãos se estenderam em súplica e reverência, o espírito aguardou para receber a coroa de luz. Inefável e divino momento! Pois todas as visões e sons eram uma confirmação dessa religião que fora a esperança e confiança da vida terrena e, quando estas formas se aproximaram, a exultação e a elevação foram completas.

Inclinando-se para receber a coroa, o espírito despertou de súbito para o conhecimento do que estava a acontecer na Terra. Bem junto do corpo, do qual evidentemente o espírito estava separado, os amigos inclinavam-se e choravam; o homem de Deus discursava sobre as belezas da santidade e a certeza do céu dos bem-aventurados; e não havia dúvidas quanto ao destino daquele cujo corpo repousava ali; o homem de Deus, incumbido de ministrar aos que sofrem, selou o

ofício e o serviço sagrados com a oração e o sacramento da confiança e fé perfeitas. Estar ali, no meio dessas cerimónias, consciente dos pensamentos dos que ali se inclinavam, perceber que as suas lágrimas eram de uma dor tal que apenas esperanças de um encontro futuro para lá dos céus as mitigavam, compreender que, para sempre, no que à vida humana dizia respeito, não havia toque possível, nem qualquer método de os alcançar, era a coisa mais terrível.

Primeiro, tentar recordar a visão; mas não havia senão espaço vazio; depois, procurar reentrar no corpo — esperança vã; seria tão impossível como ser absorvido numa pedra ou num carvalho sólido; depois, tentar tocar os amigos em luto e fazê-los compreender a presença; mas as suas mentes eram tão impenetráveis ao toque como o corpo morto à reanimação do espírito; depois, chamar com toda a força da voz e encontrar apenas ar vazio — nenhum som, nenhuma vibração. Então pensar: "Isto é a morte, e eu não estou no Céu!"

Onde estavam os anjos, onde a visão da cidadela gloriosa de luz ao longe — o lugar maravilhoso de brilho? onde os anjos que desciam para encontrar o espírito, e onde a Vida Divina que brilhava no meio desse esplendor supremo? Ter-me-ia sido dado um engano? Seria a mão sedutora e obra de Satanás que, por esta visão maravilhosa, me atraíra a um cântico de alegria apenas para deixar a alma desolada? O selo do Hades não parecia ter entrado ali; seria então esse o destino pelos pecados de omissão e comissão?

Tudo foi recordado então, permanecendo junto do invólucro mortal onde a vida mortal habitara — cada acto e palavra era sentido; sim! cada pensamento tornava-se tão palpável como um ser vivo, e erguia-se acusador ou benigno. Tudo se tornava tão claro como se os pensamentos tivessem sido traçados em letras vivas ou gravados em pedra imperecível.

Seria isto a morte e toda a vida futura; ou estaria eu, como o fantasma em Hamlet, condenado por um tempo a caminhar sobre a Terra para expiar pecados cometidos no corpo? Estaria eu então preso à Terra? Seria esse o meu destino? Andaria eu pelos lugares onde estivera e assustaria crianças pequenas, faria os velhos sentirem que demónios de trevas rondavam, suspiraria como ventos por salas desertas? Seria eu um terror assombrador para aqueles com quem vivera, e que não tinham lugar para mim na sua consciência, embora o afeto ainda permanecesse, e que não me ouviriam se eu gritasse alto? Ou, se eu gemesse, seria como o vento entoando sons solenes que fariam as crianças estremecer e as mulheres erguerem-se com um grito súbito? Oh! O que era eu? Estando morto, estaria vivo? Ou o que poderia eu ser neste estado?

Então, com grande urgência, como a que se apodera de um homem em perigo, não tanto por si como para resolver o grande problema dessa urgência, impeli o espaço a responder.

E então, tão súbita quanto o desaparecimento da primeira visão, surgiu uma nova visão. Todos os amigos que haviam desaparecido pela morte estavam ali, sorridentes e conscientes e maravilhosamente amorosos, como se nem tempo nem espaço nos tivessem separado. “Onde estavas?” perguntei à minha mãe, quando clamei e não te vi. “Eu estava aqui.” “E onde estavas?” disse aos amigos que tão de repente me apareceram. “Nós estávamos aqui.” “Então porque não vos vi?” “Porque não tinhas pensamento para nos ver.

A tua imagem do Céu era a imagem da tua imaginação, o sonho da tua teologia; a visão da infância tornada maturidade era tal que tinha de encontrar expressão primeiro.” “Então não há Céu?” “Não assim”, responderam, e com tamanha segurança nos rostos calmos e tal felicidade de expressão que eu soube que não podíamos estar no Hades. “Então como é?” disse eu; “sois vós os anjos que vi a vir buscar-me, ou estou eu aqui apenas por algum tempo, talvez para ministrar àqueles que ficaram?” “Mas eles não te ouvirão.” “Não, não te ouvirão se gritares; mas o pensamento de ministério é o que os impelirá a ouvir. Tu estavas a clamar por ti próprio, e isso não os alcançou. Pensas neles agora, e eis! isso chega até eles.”

Nesse momento, aquela que me era mais próxima e querida ergueu os olhos do seu soluço e dor de coração, e perguntou a alguém próximo: “Achais que será alguma vez permitido que os amados que partiram possam estar perto?” E a amiga respondeu: “Não duvido disso.” O primeiro lampejo de simpatia inteligente, o primeiro conhecimento de que o pensamento é palpável e pode alcançar outro sem voz, a primeira lição no poder do espírito foi minha.

Então disse eu: “Se não viestes para me levar ao Céu, não será aquela bela visão que vi verdadeira?” “Ai!” disse minha mãe, “seria uma coisa muito infeliz se fosse verdadeira, e a tua visão do Céu, se se realizasse, seria mais fatal à tua felicidade do que o medo do Hades.” “Explica,” clamei eu; “não compreendo. O Céu não poderia ser um lugar de miséria.” “Sim, tal Céu, fechado por muros, salvo por aquilo que outro conquistou, aceitando a bem-aventurança eterna de um paraíso que não ganhaste, procurando ser abençoado enquanto outros estão em sofrimento, entoando música que não conforta nenhum coração cansado, cantando hinos de louvor que não trazem alegria a vidas desoladas, afastado de todo o conhecimento daqueles que amas, gozando egoisticamente um reino dos Céus que não alcançaste por mérito próprio, aceitando este dom ao custo terrível de outro — serias feliz, meu filho?” “Então o que devo fazer? Serei eu lançado no Hades por não saber isto?” “Não, serás como és. Contempla o reino que formaste.”

E de repente, à medida que todas estas visões vinham, outro véu foi removido. Vi-me numa atmosfera crepuscular, não escura e não muito brilhante: nem incerta à visão, mas difusa, e pervadida por uma luz suave. Vi formas ou imagens que, por

fim, reconheci como as conjurações da minha própria vida — uma repetição exacta dos desejos, esperanças, aspirações e resoluções inacabadas, esboços vagos de propósitos não cumpridos, sugestões vagas de coisas não realizadas.

Eu estivera uma vez no estúdio de um artista onde havia muitos esboços e fragmentos de quadros inacabados, pedaços de escultura que precisavam de algo para serem concluídos. "Isto parece esse estúdio," disse eu. "É a tua vida," respondeu o meu suave mentor, "aceitando a lição dos fragmentos e esboços de quadros inacabados, eles são as coisas que pretendeste fazer mas não realizaste. Fazer e aspirar são coisas diferentes, e todas essas expressões fragmentárias são apenas porções dessas aspirações incompletas."

E então vi que o crepúsculo era o meu próprio estado; que esses contornos de coisas eram aquilo que eu prometera, esperara, desejara ou resolvera fazer e falhara. Aqui e ali havia um ou dois pontos luminosos, que indicavam mais completude, e um ponto de luz acima dos demais, algo que brilhava claro e belo; mas o que me enchia de humilhação era o conhecimento de que havia muitos mais ainda em sombra profunda; que não só havia contornos vagos, mas alguns caóticos por falta de propósito, apresentando mais sombra do que até o cumprimento imperfeito de um propósito; e que a indefinição e obscuridade de muitos mais estados eram refletidas tão palpavelmente como se cada pensamento, cada esforço e sentimento tivesse sido revelado; mas cintilando acima de todos estavam alguns pontos de esperança e amor, certas aspirações, emoções e sentimentos definidos que tinham sido verdadeiros e que tinham guiado e ajudado por todo o caminho terreno; e ali, em contorno difuso, velado, por ser tão incerto, estava a visão da religião que eu sustentara na Terra; mas tão difusa, não como a visão que eu tivera primeiro.

Então percebi, surgindo da sombra, muitos dos esforços e impulsos firmes que tinham sido um propósito distinto e orientador, embora não o propósito dominante da minha vida. O meu suave monitor e guia explicou-me estas estranhas visões da minha própria criação e disse: "Agora, como te parece?" E respondi: "Parece tão real como a vida — tão familiar; se pudesse vivê-la de novo, cada propósito seria tão distinto e bem delineado que nada haveria de indefinido, não haveria trabalho insatisfatório ou inacabado." "Meu filho, o teu arrependimento é inútil.

O que ficou por cumprir tens a eternidade para cumprir, e aquilo que foi feito e é indigno tens a eternidade para apagar." "Mas isso não se agarrará a mim para sempre?" perguntei. "Não, apenas enquanto as imperfeições puderem agarrar-se, pois diante da Grande Perfeição do Universo, a imperfeição só pode durar até ser superada." "Como crescerei então? Nesta minha existência difusa, parece não haver senão o que é sem rumo e sem propósito; nenhum propósito plenamente formado, nem desejos nem realizações, e tudo parece como ar vazio." Então a voz,

tal como aquela que falava na infância e encorajava a tarefa que não fora bem feita, ou pelo menos não perfeita, disse: “Mas podes tentar de novo, e sempre tentar até que o cumprimento seja alcançado.” “E posso fazê-lo aqui?” “Sim, podes fazê-lo aqui e agora, por enquanto; noutro lugar e noutra altura o teu trabalho futuro ser-te-á dado a conhecer.”

Assim, começando ali, junto das formas dos entes amados, o lugar vago preenchido mas não reconhecido, o pensamento amoroso a estender-se para sempre, mas apenas por vezes alcançando a consciência dos amados, o grande esforço de lhes fazer bem, que nem sempre era coroado de sucesso, ali mesmo começar o trabalho para esse reino dos céus que, na vaidade tola do egotismo terreno e da mente mimada e falsamente educada, eu esperara ou ousara sonhar que seria alcançado de um só salto.

Ah! quão triste para os espíritos se esse reino tivesse de ser conquistado assim: quão terrível a prisão de um estado eterno de felicidade que não conhece a consciência de o ter alcançado; quão infinitamente preferíveis os pequenos começos de fazer pelos outros, quão maravilhosamente se ilumina o caminho e a atmosfera quando iluminados por um pensamento altruísta.

Com tal humildade, e tal ensino e orientação, encontrei-me então pronto para avançar um pouco. Mas aqui ocorreu a mais surpreendente complicação: pensei em muitos dos amigos na Terra a quem poderia beneficiar, e a quem poderia aproximar-me em pensamento, mesmo que não soubessem que eu estava ali. Isto fez-me passar de um lado para o outro; pois mal entrava uma pessoa no meu pensamento e me impregnava a consciência, e eu me aproximava dela, surgia outra na minha mente. Quando me aproximava dessa, pensava noutra.

Então vi que a minha mãe sorria, assim como o meu monitor e mestre, que disse: “Tens de aprender a conservar os teus esforços, a concentrar os teus fins e propósitos. Os espíritos são impelidos pela vontade. O desejo é lei, e esse desejo forçar-te-á a ir a todos e a cada um daqueles em espírito de quem pensas. Faz aquilo que desejas fazer de cada vez, e termina-o.”

Se de repente algum assunto inacabado deixado na Terra me vinha ao pensamento, encontrava-me no meu escritório; depois, algum assunto trivial surgia-me no pensamento, e eu descobria-me totalmente incapaz de mover ou controlar sequer a menor parcela desses assuntos; e gradualmente, por estas pequenas lições, aprendi o poder maravilhoso do espírito: que o espírito é potente, que é uma vida, e que, se eu pensava intensamente, não estava apenas a exprimir o pensamento, mas a mover-me em conformidade com ele.

Não havia peso de forma para carregar, nem envolvente volumosa a acompanhar-me, mas aquilo que eu sentia e via, naquele momento eu era, e estava com aquele

em quem pensava.

Então aprendi a tornar-me mais cuidadoso; esses estados mutáveis, e os seus resultados, tornaram os meus esforços mais concentrados e levaram-me a dirigir-me para aquele a quem eu queria servir num momento particular; a não permitir que esses pensamentos, emoções e propósitos errantes tomassem posse sem rumo da minha mente e espírito. Assim, começando pelos mais pequenos começos, opereis uma mudança no lar, penetrando cada dor, sofrimento e arrependimento, e na dúvida dessa esperança longínqua de imortalidade.

Observei com alegria o pensamento a crescer: cada vez mais claro de que a presença dos que partiram podia estar próxima; que talvez eu estivesse na sala; que possivelmente poderia cuidar e ajudar a fortalecer os entes amados; que as crianças queridas poderiam ser assistidas nas suas ocupações; que aqueles a quem eu não conseguira cumprir o meu propósito bondoso em vida terrena, como tencionara, poderiam ainda ser ajudados; que as suas mentes poderiam ser fortalecidas, os seus propósitos guiados e até os seus pensamentos orientados em canais adequados.

Oh! como eu trabalhava com isto, para vós impalpável mas para mim palpável: os meus pensamentos a governar, a minha vontade a dirigir, a apontar os meus propósitos para a direção que eu desejava, e assim fortalecer o hábito de pensar clara e corretamente. Então compreendi porque todas as visões da minha vida, o crepúsculo e as sombras esboçadas, se tinham apresentado a mim. Supondo que os pensamentos das vossas vidas fossem assim representados em formas palpáveis diante de vós, quantos objetivos e propósitos reais e claramente definidos seriam revelados?

A engrenagem do trabalho não entra na vida espiritual; aquilo que fazeis dia após dia, ir para o escritório ou trabalhar a uma hora certa, executar o vosso trabalho mecanicamente e voltar para casa de novo. Mas os fins da vida, quão indefinidos e inacabados são! Se fossem esculpidos em pedra quão grosseiros seriam; se fossem apresentados numa imagem, quão desprovidos de contorno; o caos pareceria ordenado em comparação. As vagas nebulosas que vedes no céu pareceriam perfeitas em forma comparadas com isto.

Quão maravilhoso é que a vida humana média seja tão desprovida de propósito! Grandes mentes têm um objetivo, grandes reformadores têm um propósito, génios perseveram no cumprimento de um objetivo, e por vezes o talento reveste-se de firmeza e fixidez de propósito, e leva alguém a fazer resolutamente uma certa coisa; mas a maioria das pessoas flutua sem rumo. As circunstâncias apenas decidem o que farão e serão. Os seus lugares e posições na vida não são conquistados; não começam com qualquer objetivo, e não atingem qualquer meta.

Oh! para este conhecimento de tornar distintos os pensamentos, mesmo que se esteja numa direção errada, pois um erro distinto é muito melhor do que a vagueza; que aquilo que se forma na mente seja distinto e palpável, mesmo que na forma de um erro ou engano. É tão mau e falho fazer uma coisa incorreta e fazê-la mal como é grande falta fazer uma coisa boa e fazê-la imperfeitamente. Aquilo de que as pessoas precisam é de correção. Mas oh, se eu apenas tivesse pensado nisto na Terra; se o tivesse sabido; se tivesse tido um único propósito claro, delineado distintamente; se tivesse feito algo de definido! Parecia que toda a minha vida, com poucas exceções de emoções e aspirações guardadas nas câmaras elevadas da alma, era vazia, todo o resto parecia-o.

Mas começando, como disse antes, com aqueles que me eram mais próximos e queridos, linhas distintas de luz, vida e propósito vieram até mim. Não podia transcender, em estados espirituais, nenhuma daquelas altitudes mais elevadas da minha expressão terrena, não parecia nascer nenhum desejo novo que estivesse para além dos meus objetivos mais altos na Terra; nenhuma aspiração para além das minhas mais altas aspirações aqui.

Disse ao meu suave guia: "Quando será possível que eu tenha vistas mais grandiosas e amplas, maior alcance? Não verei e sentirei mais?" "Não, o que tem de ser feito agora é o cumprimento do que ficou inacabado, tornar distinto o que era difuso, preencher os contornos dessas formas que estavam apenas esboçadas, ganhar o conhecimento de que tinhas apenas o fantasma ou sombra; e se houver outras alturas para ti, virão depois. Mas não pode haver novas alturas até que cada passo seja dado que conduza à altura delineada na tua vida."

Oh! então soube o significado de toda a negligência e descuido de pensamento; soube o significado de falhar em fazer o melhor em cada ponto dado da vida: soube o significado de não manter um propósito com uma vontade definida e distinta; soube o significado de toda aquela inquietação vaga e descontentamento que se abate sobre as vidas humanas e as faz ansiar por algo indefinido; soube que passo a passo, tão cuidadosamente como cada pétala da flor é formada, com tão grande e distinto propósito como a asa da borboleta é pintada, deve ser desdobrado cada objetivo distinto na vida humana.

A Natureza e a Divindade que a planeou não perdem estas coisas mínimas no conjunto: não há imperfeição na asa do inseto que não possais ver com o olho natural. Por mais pequeno que seja o objeto, por mais infinitesimal, é ainda perfeito, e no pensamento humano, uma aspiração, um propósito, um desejo vago e geral pelo bem não é suficiente. Cada passo deve ser dado, cada propósito separado deve ser claro e distinto, cada dever insignificante bem desempenhado; não podeis passar por cima do que parece ser o menor e sem importância para alcançar e agarrar a altura maior. Passo a passo o viajante atinge o cume da montanha, e passo a passo o espírito alcança o objetivo final. A negligência de hoje

não trará a vitória de amanhã; o dever não cumprido de hoje não trará o triunfo no ano seguinte. Gradualmente as grandes coisas hão de seguir-se; o fazer hoje as pequenas coisas das Escrituras foi-me tornado claro. Não me fora confiado muito, porque as poucas coisas não tinham sido cumpridas tão bem quanto deveriam.

Vi o significado do "talento" que devia ter sido cultivado, o único talento para que outros pudessem seguir. Pude ver quão maravilhoso e intrincado é este desígnio divino que torna a alma consciente da sua própria posse testando cada capacidade individual e tentando e medindo cada pensamento individual aqui. Nenhum salto súbito para a galáxia de estrelas, nenhuma viagem gloriosa através dos céus até que o conhecimento da Terra esteja concluído.

Pensei, quando descobri finalmente com alívio que não iria estar num céu fixo, com muros limitados, com qualquer barreira entre mim e o espaço: então posso voar através do espaço, posso visitar os outros planetas, posso, pelo menos, investigar esses orbes flamejantes pelos quais tive grande aspiração. Tive grande aspiração de fazer grandes coisas; mas a Terra que habitei nada sabia daquilo que eu deveria ter sabido e poderia ter sabido, as cenas com que me deparava dia após dia pelas avenidas dos sentidos. Mas os olhos não viam, os ouvidos não ouviam, não havia perceção de todas essas maravilhas da vida que estavam à minha volta. Como poderia visitar as estrelas? Não tinha pensamentos sobre os quais voar, não conseguia formar um propósito distinto para ir; parecia haver o embaraço do meu desejo. Não podia ir nas asas da imaginação, e as aspirações não estavam delineadas suficientemente para que eu subisse as encostas do espaço. Tenho de construir o meu caminho para as outras estrelas pelo conhecimento desta.

Quem pensa deixar este mundo e entrar noutro, tendo apenas respirado aqui uma débil existência humana, descobrirá que enquanto houver um pensamento inacabado, um dever não cumprido, uma aspiração não preenchida ou uma vida que possa ser beneficiada aqui, não haverá caminho para as estrelas, e as linhas gloriosas do espaço não serão percorridas.

O viajante que visita uma terra distante envergonha-se de admitir que não viu todo o seu próprio país. O americano fica mortificado por não ter visto o Niágara, o vasto Mississippi e as planícies do Oeste, a formosa terra em flor da vertente do poente. Assim se sente alguém quando apruma as asas para o Paraíso e espera ser recebido na convivência dos anjos. Quão débeis são as pretensões, quão estreitos e limitados os poderes de quem espera entrar no reino dos céus e aí permanecer.

Ai! voltar e percorrer de novo o caminho terreno com esse conhecimento! fazer as coisas que ficaram por fazer, porque um alvo definido era desconhecido! cumprir as possibilidades que poderiam ter sido cumpridas na terra, se apenas estivéssemos despertos, vivos e conscientes!

Sonhar sonhos para o bem-estar humano enquanto a humanidade passa fome do pão da vida; aspirar a grandes e maravilhosas verdades enquanto a Regra de Ouro jaz negligenciada à porta; tomar os brilhantes bagatelas de vidro enquanto o diamante no seu invólucro exterior é ignorado — tal é a experiência humana, tal a vida humana média; e a minha não foi exceção.

Mas a minha vida era minha; e agora cada porção do reino dos céus que alcanço, encontro-a em algum coração humano; na simpatia por alguma vida humana; em fazer por algum ser humano; em procurar beneficiar alguma existência aqui — material e espiritualmente: em fortalecer as mãos que labutam; em auxiliar a mente que se esforça; em dar definição a propósitos indefinidos; em servir os amados; e em servir os desconhecidos, e elevar, se for encontrado, o mais humilde filho da terra; mas quem pode ser mais humilde, ai!, quem pode sentir uma humildade mais absoluta do que aquele que tem consciência de que, por ignorância, deixou escorregar por entre os dedos todos os tesouros da vida enquanto agarrava a única ficção da sua própria importância na imortalidade?

Sim, isso sucede à pessoa naquele estado singular e maravilhoso que se segue ao desligamento do corpo mortal; sucede quando alguém é chamado a enfrentar aquilo que se supõe ser a herança eterna. Como me alegrei por não poder ir a qualquer céu com a minha vida que parecia tão pequena, nem levar as parcas posses da terra e oferecê-las como as que haviam de durar para sempre! Como me alegrei por não estar encerrado naquela cidade refulgente, entre aquelas ofuscantes torres de luz, com o meu punhado de possessões espirituais insignificantes!

Como me alegrei por ter sido apenas uma visão que primeiro me seduzira, quando vim a saber qual teria sido o meu estado se tivesse sido admitido à convivência dos anjos, vestido com uma veste mesquinha, com uma vida terrena apenas desarticulada, fragmentária e incumprida.

Oh! é uma bênção ter outra oportunidade: é uma bênção poder realizar o que não foi feito; e que todos os ontens de que alguém se lamentou não são lançados em conta contra si no reino da vida eterna; e que, no estado que se segue à existência humana, e naquele que virá depois, há tempo, há ampla oportunidade para trabalhar cada propósito não cumprido; para fazer direta e distintamente aquilo que se desejou fazer e que se desejaria ter feito; para aperfeiçoar os caminhos imperfeitos; para tornar a passagem ao estado mais elevado condizente com as resoluções daquilo que cada um individualmente conquistou e cresceu; enfim, descobrir que o fazer é tão aceitável, tão desejável, que já não se chora por aquele reino dos céus que fora esperado, mas seria inútil se alcançado; que se é mais bem-aventurado em fazer o mais pequeno ato.

O serviço que o amor pessoal pode prestar é bom, mas o grande serviço que pode

ser prestado pelo amor maior — esse é divino e perfeito.

A vida que me coube guardar é assombrosa. Estar com os que habitam perto da terra, não preso à terra, mas libertado pelo Anjo da Vida para permanecer na convivência dos amados, não por mim, mas por eles; ministrar às crianças da terra, não porque haja egoísmo e reconhecimento disso, mas porque as beneficia e ajuda a afastar perigos aqui e a levar a um propósito definido ali; não porque seja para as beneficiar materialmente, mas para as ajudar a erguer as esperanças e aspirações da humanidade a forma tão definida que venham a cumprir-se; não porque nessa humanidade se inclua a mera felicidade humana, mas porque isso é o mais alto e o melhor. Em outras palavras, fazer, e fazê-lo sem reconhecimento, aquilo que todas as pessoas fazem para obter reconhecimento.

É uma grande prova ser colocado face a face com o conhecimento de que quase todas as ações consideradas boas na vida humana são feitas para obter louvor. As pessoas frequentemente jactam-se de ser bondosas para com aqueles que supõem ingratos, como se a recompensa da gratidão devesse ser exigida por um ato amável. A prova suprema e final é ser colocado face a face com aquele fatal autoelogio que alguém se dá por fazer um bom ato que não é proclamado a todo o mundo; prova final saber que isso também é uma sombra, quando um ato é realizado apenas para que alguém possa enamorar-se de si mesmo por o ter feito.

É na luz escrutinadora do espírito que se encontra o estado em que devemos habitar; temos de habitar, ocupar, alimentar-nos e viver nesse estado em que não há ninguém que possamos enganar. Quando a forma é posta de lado, tudo o que era ilusório, tudo o que era confusão passa, deixando-nos face a face connosco próprios.

Quanto tendes que gostaríeis de levar para a companhia dos anjos e reclamar com eles a herança imortal? Oh! é uma bênção saber que, antes de alguém habitar com os anjos, tem de estar preparado: ter a certeza de que não será lançado nessa presença glorificada sem estar plenamente preparado; sentir a consciência desta humildade que o envolve e, contudo, que não há tempo a perder, que a medida plena de tudo o que é necessário será alcançada. Não apressar-se para atingir a meta, mas antes fazer as coisas dia após dia, e saber que a meta será inevitável.

É um tal alívio, tal felicidade saber que tudo o que é necessário pode ser feito; que todas as linhas da vida podem ser retomadas, entretecidas, interligadas e plenamente concluídas. Tanto tempo quanto a Natureza leva para elaborar cada folha e cada pétala da flor; tanto tempo quanto a Natureza leva para toda essa precisão e exatidão: e, no entanto, tal é a urgência geral que por vezes faz alguém pensar que a ceifa tem de ser amanhã, e ainda assim há tempo para a realização do todo.

Quão maravilhoso é o estado que traz o espírito para junto de vós e torna completa a consciência de ambos os mundos, e vos permite ter vislumbres e tomar consciência de que o poder impulsionador e auxiliador está em redor e acima, e se esforça por ajudar, fortalecer e guiar: fazer tudo aquilo que não foi cumprido no corpo.

Oh! valorizai as oportunidades; valorizai as horas e os dias e as semanas e os meses e os anos da existência humana! Valorizai as faculdades que vos são dadas: olhos para ver, ouvidos para ouvir, sentidos para despertar, mente para compreender e perceção para perceber! Fazei com que os olhos vejam, fazei com que os ouvidos ouçam e os sentidos percebam; fazei com que a mente compreenda; que cada avenida seja permeada e ocupada, cheia de intento e de propósito; que nenhum olhar vagueie, mas se fixe; que nenhuma faculdade jaz desatenta e adormecida, mas todas ativas e em uníssono.

Que isto seja uma lição de alguém que, na plena experiência da vida humana, da existência humana média, não foi pior nem melhor do que a maioria dos seres humanos; que seja uma lição para vós, pois as vossas vidas são exatamente as mesmas. Que esta grande carência, esta grande e permanente fome que o espírito sente de fazer tudo bem, e constantemente, seja o grande empenho dos vossos espíritos.

Procurai antes fazer isto do que esforçar-vos por aquele reino dos céus que, se possuído, seria sem valor; que, se pudesse ser alcançado, seria uma prisão em que a vida individual seria mendicante.

Agora há tesouros do espírito que ultrapassam o entendimento; agora chegaram experiências gloriosas e glorificadas que não poderiam ser nomeadas na linguagem da terra; mas nasceram destes passos, do resultado destes pequenos e distintos propósitos; nascem do íntimo da alma; através do vasto treino que a experiência traz à vista, revelam-se as possessões que estão dentro.

Em algum tempo longínquo — não peço saber quando —, em algum lugar — não peço saber onde —, a visão da cidade sagrada [o mundo celestial] será mais do que realizada; pois o reino dos céus terá chegado ao coração individual, e a gloriosa cidadela e as torres desse lar celestial, nascidas de dentro; enquanto o Filho do Homem, em todo o esplendor e luz da Beneficência Divina, sob a forma que mais for necessária, se acercará cada vez mais, permanecendo na presença do espírito que está plena e absolutamente liberto.

Assim é que, sobre a terra, há de vir o Reino dos Céus [Felicidade], e assim o que vai da Terra ao Céu vai-se perdendo, a menos que seja o reino que foi conquistado do Céu para a Terra que vai sendo encontrado, pois é a vitória que o indivíduo alcançou.

CRESCIMENTO ESPIRITUAL DE QUARENTA ANOS

Pelos guias da Sra. Cora Richmond

Nunca, na história dos movimentos religiosos ou de outras reformas com que a civilização presente está familiarizada, houve colheita tão frutuosa da sementeira como a testemunhada no Movimento Espiritual dos últimos quarenta e nove anos, durante quarenta dos quais o BANNER OF LIGHT foi um dos principais fatores desse movimento. Todas as semanas desfraldou os seus alvos panejamentos levando a única mensagem de todos os tempos que responde à pergunta sempre recorrente: "Se um homem morrer, viverá de novo?" — sendo a resposta, com jubiloso brado: "Não há Morte."

O crescimento continua ainda e tem de continuar enquanto houver necessidade de desdobramento espiritual na raça humana; e é muito interessante seguir o progresso desse avanço nas últimas quatro décadas e, pelo estado presente, julgar o que poderá ser razoavelmente esperado para o futuro.

Devemos, contudo, apresentar como primeiro pressuposto que esse crescimento não é mais ativo quando mais se manifesta, e que os períodos em que parece haver menos crescimento aparente não estão, por isso, desprovidos de desdobramento. A Natureza ilustra-o nos seus longos intervalos de preparação e nos seus, por vezes, muito breves períodos de crescimento efetivo. O Movimento Espiritual já fora lançado e estava no meio dos seus primeiros efeitos na mente pública quando o THE BANNER entrou para a lista de periódicos dedicados à sua defesa. Quase contemporâneos dele foram o New England Spiritualist, o Spiritual Telegraph, o Age of Progress, o The Christian Spiritualist e meia dúzia de jornais mais pequenos. O Shekinah, e um ou dois outros mensais, foram também então chamados à existência.

Foi de imediato convocado para as fileiras dos defensores do Espiritualismo alguns dos espíritos mais brilhantes desse período, em todos os departamentos do pensamento e da experiência humanos. O juiz Edmonds, o Prof. Hare, o Prof. Mapes, Joel Tiffany, o Prof. S. B. Brittan, A. E. Newton, o Dr. Gray, o Sr. Fishbough, o Dr. Hallock — de facto, poder-se-ia prosseguir quase por um dia a enumerar os nomes dos que estiveram entre os primeiros a reconhecer a verdade desta grande mensagem vinda do reino para além da mudança chamada morte.

A oposição já iniciara a sua guerra multiforme; Igreja, ciência e Estado combinando-se numa aliança ímpia para esmagar a nova revelação do mundo invisível. Houve clérigos como o Dr. Brittan e Joel Tiffany, que viram na sua presença a única esperança do mundo quanto à vida futura; houve cientistas,

como os acima mencionados, que viram nas suas manifestações a única resposta ao materialismo crescente do dia; e houve estadistas, como N. P. Tallmadge, e juristas como o juiz Edmonds, que compreenderam que, na apresentação de factos e filosofia, esta nova luz era o único meio eficaz de unir a existência espiritual à mundana numa tese verdadeira e racional de imortalidade.

A característica distintiva da mediunidade desse tempo foi que os médiuns finalmente escolhidos para a apresentação de qualquer fase particular de fenómenos ou manifestações eram singularmente perfeitos na apresentação da(s) fase(s) que constituíam os seus dotes especiais.

Tomemos as Irmãs Fox, por exemplo; as "batidas" ouvidas na sua presença eram de tal natureza distinta que os mais céticos não podiam negar a sua ocorrência, embora pudessem divergir quanto à sua origem: assim continuou a ser com elas até ao fim. O mesmo se pode dizer de curadores como o Dr. J. R. Newton e outros, que operaram o que em tempos antigos seriam chamados "milagres", e cujos poderes permaneceram indiminutos até ao fim da sua existência terrena. Podemos também mencionar os médiuns de escrita e de transe, os oradores e médiuns de prova, que pareciam ter sido cada um desenvolvido ou escolhido para a apresentação de uma das muitas fases da mediunidade.

Com isto não pretendemos depreciar os médiuns nem as manifestações de hoje, mas ilustrar as várias mudanças, como se verá um pouco mais adiante neste artigo. Provavelmente nunca houve uma fase mais distinta de mediunidade, nem uma ilustração mais perfeita dessa fase, do que a possuída pela falecida Sra. Fannie Conant, cujas mensagens inspiraram o Departamento de Mensagens e a Sala do Círculo do THE BANNER durante tantos anos. As mensagens traziam o cunho distinto da personalidade daqueles de quem diziam provir, e essa personalidade era tornada mais palpável na Sala do Círculo, onde as mensagens eram dadas e registadas para publicação. Nenhuma atriz, mesmo com meses de preparação, poderia ter apresentado a personalidade de qualquer um destes espíritos comunicantes como cada um era apresentado através da Sra. Conant.

A razão é evidente: os factos estavam então sob desafio. As doutrinas e os ensinamentos seriam considerados depois; mas cada manifestação, física ou mental, era apresentada como se aquela fase particular fosse a única fase, e aquela manifestação particular, a única em todo o mundo. Isto foi necessário para estabelecer o facto da comunhão dos espíritos. Quando se estabeleceu uma base de apoiantes para o movimento, o ensino e a filosofia puderam prosseguir. Na verdade, é justo dizer que os fenómenos e a filosofia têm mantido o mesmo passo com quase infalível exatidão, e que nem um nem outro foi permitido suplantar ou excluir o outro.

As hostilidades para com o movimento, ou para com aquilo que ele apresenta, têm

mudado de forma constante; enquanto o materialista crónico, como o falecido Horace Seaver, pôde continuamente clamar por "provas" do seu reduto de investigação descrente, e, enquanto um clérigo ocasional recomeçava o velho clamor de "origem satânica" para deleite dos seus ouvintes, que escutavam com profunda e descrente atenção ao que pudesse dizer, e em segredo visitavam médiuns e faziam círculos nos seus próprios lares, e enquanto um eventual cientista autoproclamado fazia ressurgir a velha troça e a velha explicação — "força od", "força odílica", "teoria do cérebro posterior", "cerebração inconsciente", "subconsciência", etc., etc. — houve um avanço constante e perceptível.

Há hoje quatro atitudes do clero perante o Espiritualismo: a atitude dos que lhe são violentamente opostos em nome — sejamos caridosos o suficiente para pensar que o conhecem apenas de nome — e que aproveitam todas as oportunidades para vilipendiar o tema e os seus defensores; a dos que lhe são opostos apenas de nome e aproveitam todas as oportunidades para lhe tomar de empréstimo algo; a dos que não são contrários nem de nome nem de facto, mas julgam ser do seu interesse parecer que o são, e que percolam os seus sermões com tanto do ensinamento do Espiritualismo quanto podem sem serem chamados à responsabilidade; e uma classe mais pequena, mas mais corajosa e distinta, como J. Minot Savage, W. H. Thomas, Heber Newton, Rev. Mr. Haweis (de Londres), e umas dezenas de outros, que atribuem ao Espiritualismo o nome e o crédito pela mensagem que trouxe ao mundo.

A atitude dos cientistas também mudou, do escárnio, por um lado, à investigação destemida, por outro, esta última sempre seguida pela declaração aberta das suas conclusões. Os investigadores científicos das duas últimas décadas (com algumas exceções notáveis) entraram por meio de um subterfúgio — nem sempre reconhecido como tal. A Society for Psychical Research e outras sociedades semelhantes foram formadas para a investigação de factos em todos os pormenores afins aos dos fenómenos espirituais modernos; mas estes eruditos sábios escolheram reclamar este campo de pesquisa como estando inteiramente fora do âmbito do que é conhecido como Espiritualismo. Bem diferente foi a atitude da British Society for Psychical Research; mas esta não era composta por aqueles que, em sentido técnico, se reclamavam cientistas.

Embora se possa dizer que os fenómenos físicos e psíquicos do Espiritualismo não têm reconhecimento distinto no mundo científico — como possivelmente nunca poderão ter, por estarem associados e por trazerem a mensagem do mais vasto domínio da filosofia e da religião —, ainda assim operou-se mudança tão decidida pela própria presença dos fenómenos do Espiritualismo, que a ciência vai elaborando novos métodos e termos, novos campos de indagação e descoberta que tangem tão de perto o reino do espírito que, um dia, ficarão surpreendidos quando a porta adicional do "éter" ou da "vibração" se lhes abrir do lado espiritual da existência, e eles também ficarem face a face com os seus amados.

A literatura e a arte não precisámos de conquistar. Estavam à espera que o invisível se tornasse visível, que o ideal se tornasse real. Poemas de reconhecimento jorraram das penas inspiradas de Shelley e Wordsworth, como se para prenunciar, com doce canto, aquilo que é hoje o tema de muitos poemas não escritos em milhares de vidas; enquanto Tennyson, Longfellow e todo o grupo dos nossos poetas de meados de século cantaram o tema que estava no ar, sem saberem, possivelmente, porquê ou como o cantavam.

Também a mediunidade mudou. Mais difusas são as dádivas, mais diversificados os fenómenos, para responder à necessidade alterada do investigador e do crente. Certos fenómenos são para o crente — o seu "pão de cada dia", se podemos usar o termo — e não devem ser testemunhados sem preparação pelo cético muito descrente. Outros fenómenos, não tão impressionantes, são melhor adaptados ao inquiridor; a escrita em ardósia, por exemplo, não é tão esmagadora nas suas exigências sobre o intelecto ou a crença como a materialização; contudo, não há fase mais convincente, especialmente se a mensagem for direta e a sua origem inquestionável. Será preciso uma mente treinada — e muito ampla, também, num cético — para testemunhar, com a menor hipótese de aceitação, a manifestação de forma materializada; e acolheremos com alegria o tempo em que esta e fenómenos semelhantes sejam introduzidos com o cuidado que deve acompanhar tudo quanto é tão maravilhoso.

Nem deve o Espiritualista esquecer que o mundo tem crescido fora do movimento, ou fora do que é especialmente assim designado, e que o Espiritualismo tornou possíveis as muitas formas de pensamento que tangem o seu domínio: Christian Science, Mind Cure, Faith Cure e os muitos nomes que são sinónimos de cura espiritual; teosofia e tudo quanto inclui o interesse pelos estudos ocultos — a busca, por caminhos e meios remotos, da única verdade que está às suas portas, se ao menos soubessem. Tudo isto há que ter presente.

O BANNER OF LIGHT viu muitos cogumelos e parasitas surgirem e desaparecerem; testemunhou as contradições e vanglórias dos que procuraram reduzir a nada esta vaga de fenómenos e verdade espiritual vindos dos reinos do espírito; viu o Espiritualismo acorrentado pelas muitas limitações daqueles que foram os seus defensores, e viu-o erguer-se na sua maravilhosa beleza de nome e significado, de espírito e manifestação, para levar avante a mensagem divina ao mundo.

Aqueles nomes venerados e honrados — William White e Luther Colby, e os dedicados e eficientes L. B. Wilson e C. C. Dudley, a maravilhosa médium Fanny Conant, e outros trabalhadores na redação do THE BANNER, juntamente com aquele grande e constantemente crescente número de veteranos da Causa que ascenderam — testemunham, desde o estado espiritual, o progresso que se tem

operado no mundo nos últimos quarenta anos, e atestam a verdade do que agora inscrevemos, e recomendam aos que hão de levar por diante esta obra a outra frutificação mais alta (por que não mais alta?). Mantende o passo com a verdade; não fiqueis atrás dos seus defensores mais avançados; reconhecei-os quando e onde quer que apareçam — quer dentro, quer fora das fileiras dos Espiritualistas — reconhecei a verdade onde quer que ela apareça. O pensamento mais elevado é o melhor; o padrão mais alto é o único.

Embora o conhecimento da verdade espiritual do além, da intercomunicação entre os dois estados de existência e de tudo quanto estes pensamentos implicam, tenha de ser o fator mais potente na libertação do mundo, há todo o reino dos assuntos humanos, de problemas iminentes e prementes, que não devem ser passados em claro nem tratados com olhar superficial.

Simpatia com a humanidade em todas as necessidades e aspirações da hora; simpatia com todo o esforço honesto para resolver os problemas da vida e ajudar a raça humana; simpatia com vidas que estão na dor, na ignorância, na degradação, e o acolhimento de todo o esforço para as elevar e libertar.

Quarenta anos significam a plena maturidade da vida: significam que a maior parte de um século está ainda pela frente; significam que todas as atividades estão prontas para cumprir o seu trabalho.

Reverência pela obra passada e pelos obreiros que ascenderam.

Ave ao novo trabalho! Deus acelere os novos obreiros!

Rogers Park, Chicago, 11 de abril de 1897.

EPIFANIA
AS MUITAS FAÇÕES QUE POSSUÍRAM OS DONS ESPIRITUAIS

Domingo, 15 de fevereiro de 1874

Robert Dale Owen, no seu “Debatable Land”, declarou que o nome apropriado para aqueles que defendem o Espiritualismo Moderno deveria ser Epifanistas. É um facto singular que a derivação da palavra Epifania é tal que a Igreja a confunde como significando uma aparição especial do Salvador, em vez de uma manifestação geral de inspiração em todos os tempos e entre todos os povos. Mas a Igreja absorveu muitos nomes, chamando-os exclusivamente seus, que na realidade pertencem à humanidade.

E propomos esta noite, com um olhar pela história — excluindo a chamada sagrada (incluindo-a, se quiserdes) — mostrar que muitas, na verdade, das

manifestações atribuídas a, e conhecidas por existir em ligação com, o Espiritualismo moderno tiveram os seus correspondentes em todas as eras e nações do mundo; e que a filosofia espiritual explica muitas coisas até aqui desconhecidas, unindo o presente ao passado e apontando o sistema e a filosofia gerais pelos quais aquilo que dantes se considerava misterioso, sobrenatural e inescrutável pode ser resolvido num sistema natural de ética.

Sabe-se que entre as nações mais antigas — mesmo as que não são consideradas pertencentes à categoria das nações civilizadas, embora as suas civilizações tenham atingido o mais alto ponto de cultura e os seus povos estivessem dotados de todos os dons e graças da civilização moderna —, essas nações, no seu primeiro impulso e no primeiro fundamento da sua religião, possuíam poderes semelhantes aos conhecidos no Cristianismo como dons espirituais, e aqueles denominados pelos Espiritualistas como manifestações do mundo dos espíritos.

Entre os antigos Egípcios havia adivinhos — discípulos da arte da adivinhação — que, por vários modos e métodos, conhecidos e cultivados entre eles, através da inspiração, descobriam o que se supunha serem os segredos da natureza e os poderes da Mente Divina. Os adivinhos eram de duas classes: os que possuíam o dom natural da adivinhação e os que cultivavam esse dom por meio de vários sortilégios, ervas, encantamentos, e que mais tarde ficaram conhecidos como feiticeiros. Mas os que possuíam o dom natural eram denominados oráculos, e sem dúvida os antigos líderes do povo e os magos assim vieram a ter o seu saber e informação superiores.

Os registos mais antigos referem-se decerto aos brâmanes da Índia, onde, sob o princípio da religião, e entre os adoradores do fogo do Oriente, esses singulares sortilégios eram operados.

Acreditava-se que os poderes da terra e do ar eram dois: Arimã, o poder das trevas e do mal; e Ormuz, o poder da luz e do bem. Estes dois tinham domínio coevo no céu e na terra. Tinham às suas ordens hostes de anjos de luz e de trevas, e através deles o mago obtinha o poder, quer do bem quer do mal, para operar os feitiços do espírito. Os vários deuses que eram governados por estes dois princípios originais e primordiais supunha-se habitarem as várias formas de matéria na terra, no ar e no mar.

O principal, o deus da luz, morava no sol, e o seu poder principal manifestava-se no fogo (daí os parses, ou adoradores do fogo), que consumiria todas as coisas, revelaria todas as coisas, desmascararia todas as coisas; e tornou-se o elemento do antigo culto persa nas suas várias formas. Havia diversas seitas ou denominações, cada uma dotada de dons de feitiçaria, todas invocando espíritos para revelarem as maravilhas e os mistérios dos desígnios de Deus na criação; muitos possuíam o poder de se tornarem invisíveis e de se tornarem visíveis noutros tempos e

lugares que não aqueles onde os seus corpos moravam; e também símbolos sacratíssimos, agora perpetuados sob o nome de Maçonaria, foram descobertos, pertencendo à primeira Ciência da vida, por esses mesmos magos.

É facto singular, também, que entre os Persas havia uma secção isolada e reclusa de monges que levavam vidas solitárias e puras, negando-se a si mesmos todos os luxos físicos e habitando em cavernas — os dervixes, uma ordem de eremitas; e que esses eremitas eram conhecidos por possuírem os singulares dons do espírito, de línguas (falar em várias línguas), e, através dos seus encantamentos e sistemas de sortilégios, podiam evocar os espíritos dos mortos, que se sabia habitarem a terra invisíveis aos homens.

Estes professam ter perpetuado os seus dons em silêncio, e todavia eram conhecidos por estarem ligados às mais palpáveis revelações do mundo dos espíritos. A tal ponto isto foi levado que ficaram conhecidos entre as nações principalmente proficientes nas artes da feitiçaria e da magia. Sem dúvida os Egípcios tomaram de empréstimo muitas das suas ideias originais a essas nações do Oriente. Mas entre os Egípcios isso tornou-se uma forma de culto natural. A Osíris era dada a principal adoração como fonte da luz, do dia, do poder do universo; Ísis sendo a mãe da terra, ou a deusa velada da procriação e da vida. Os Egípcios, ao contrário dos Persas, não seguiram nem praticaram as artes de encantamento. Prosseguiram a investigação das artes e da Ciência da natureza em muitas cavernas secretas, e, corporizados em muitos símbolos, perpetuaram-se essas várias formas de inspiração.

No Egito os próprios sacrifícios, o próprio deus da vida, tornaram-se por fim fonte de inspiração e poder. Mas os Egípcios tornaram-se também materialistas; com a sua riqueza, esplendor e luxo, desapareceu toda a parcela da sua fé primordial; os seus oráculos tornaram-se pretensores; os seus escritores inspirados tornaram-se materialistas e, encerrados em formas e cerimónias, recebiam as determinações do Altíssimo; os seus deuses tornaram-se depravados, e por fim construíram templos não só à velada e pura Ísis, não só ao invisível Osíris, mas também a outros deuses e divindades, e finalmente o seu poder desmoronou. Os Gregos e Romanos, porém, não deixaram de aproveitar esses símbolos tradicionais e, no mais elevado estado de cultura, no adiantamento extremo da arte e da ciência, até no fundamento do seu governo, mantiveram a inspiração distinta dos deuses.

As cavernas místicas em que os videntes, eruditos e sacerdotes costumavam encerrar-se, e consultar os oráculos acerca das leis da natureza, das mudanças das estações, da influência dos planetas sobre o homem — essas cavernas possuíam em si um poder assombroso, e eram os antros e moradas das supostas divindades e deuses que falavam aos sábios e entendidos. Eram na realidade os reservatórios secretos dos seus instrumentos matemáticos, das suas tábuas astronómicas, dos seus vários sinais e símbolos que não podiam ser submetidos às massas por medo

de destruição, e que não podiam ser recebidos sem serem ajudados por poderes poéticos e inspiracionais.

Mas lembrar-vos-eis de que o espartano Licurgo, ao estabelecer o governo maravilhoso de Esparta, que havia de durar cem anos, não deixou de consultar o oráculo délfico antes de expatriar-se, perguntando a esse oráculo se as leis que fizera para aquele povo lhes eram adaptadas e seriam as mais úteis de todas as que se poderiam elaborar. Tendo recebido resposta satisfatória, partiu e nunca mais voltou à sua terra natal, reinando o poder do oráculo supremo mesmo entre os sábios, os bons e os letrados daquele tempo.

Sabemos também que os Hebreus, como nação de origem distinta, e decerto possuindo no seu culto original muito mais do verdadeiro espírito de inspiração, mantinham comunhão com o único Deus, Jeová, pelos poderes do qual foram feitos os céus e a terra, e que representava o passado, o presente e o futuro da eternidade. Contudo, havia entre os Hebreus aqueles que eram chamados a Cabala, uma ordem secreta, de onde deriva a palavra "cabal". Estes perpetuaram um sistema de escritos sagrados que afirmavam ser ditados pela própria Mente Divina.

Eram eruditos e sábios, e descobriram muitos dos princípios elementares e melhoramentos da língua hebraica; também muitos princípios matemáticos; mas, sobretudo, fizeram críticas autorizadas às Escrituras hebraicas (veja-se o Zohar, etc.), e essas críticas foram de tal natureza que levaram a que essa Cabala fosse ignorada pela maioria dos judeus. Todavia, não obstante, possuíam poderes indubitáveis de inspiração secreta; e a eles foi dado o privilégio de manter conversa e comunhão com inteligências invisíveis. Os Hebreus reconheciam este princípio, mas conheciam também o princípio da feitiçaria, que concebiam como comunhão com inteligências ilícitas, em contradição com o poder natural da inspiração.

Os judeus consideravam a feitiçaria como resultante de poderes mais fracos e artificiais de inspiração, que não julgavam autênticos ao ponto de exigirem a sua crença; daí ser a feitiçaria condenada, enquanto a inspiração era seguida; não se acreditava na bruxaria, enquanto a comunhão espiritual era praticada e cultivada entre eles, entre a sua confraria secreta, nas ordens do seu sacerdócio. Esses dons dividiam-se, como entre os Persas, em inspiração natural e dons do espírito, e em feitiçaria, ou poderes que supunham estar ligados a influências demoníacas e malignas. Daí, na lei judaica, a feitiçaria ser condenada. O nome do seu deus não era permitido ser proferido publicamente, e todavia sabe-se que o próprio Moisés revelou o segredo, e que a palavra pronunciada Jeová, não permitida de ser dita pelos antigos sacerdotes, foi afinal dada a conhecer aos povos do mundo.

Chegamos em seguida ao período da civilização mais moderna — a civilizada, ou

chamada era cristã, distinta da gentílica ou pagã. Contudo, interpenetram-se de tal modo e pertencem uma à outra que é quase impossível separá-las. Tomando a simples perspetiva secular de Cristo, constatamos que havia entre Persas, Gregos e Romanos, principalmente entre as nações do Oriente, uma expetativa de que viria ao mundo alguma nova revelação. Os Hebreus a tinham prometido. Fora prenunciada pelos seus profetas e videntes, e em todas as suas várias formas de revelação — nos mensageiros que lhes apareciam e nos espíritos que vinham sob a forma de homens; os seus profetas predisseram a vinda da nova revelação. Os magos eram ainda famosos em inspiração. Bastar-vos-á referir à história que relata o seu aparecimento em Belém, à sua visão da estrela, para perceberdes que possuíam os dons do espírito que lhes permitiram descobri-la.

Não eram judeus, mas gentios; e, se não tivessem o dom da inspiração, como saberiam que a estrela surgira, e que valor teriam os seus presentes, para serem ofertados a essa criança, a menos que o dom do espírito houvesse sido possuído por nações gentias? O seu poder de adivinhação mostrara-lhes a estrela. Eram letrados e destros nas artes da natureza, e sabiam por que sinais deviam reconhecer esse poder; e, quando Herodes, o rei, se mostrou ciumento do seu poder, e lhes pediu que regressassem, quando tivessem encontrado a criança, para lhe darem notícia do seu paradeiro, foram avisados a não o fazer, mas a seguir em paz para a sua terra, mostrando que um anjo ou espírito de Deus lhes falara pela sua inspiração, tanto quanto aos que eram os descendentes diretos e legítimos dos Profetas hebreus. E, enquanto todas as outras nações estavam preparadas para receber esse novo advento, a característica mais estranha de todas é que os judeus o rejeitaram; que, salvo os poucos que o seguiram em todas as suas andanças, a maioria dos eruditos e devotos hebreus não aceitou Cristo, mostrando que a sua inspiração se perdera, e que a sua Igreja era menos divina do que mesmo aquelas nações gentias que muitos cristãos rejeitam como não tendo inspiração.